...gio Lusitano

Arrabida Tom 1.º pag. 17

~~Tomo 2.º~~

Convento de S. Domingo. 187

Tomo 3.º

- - - - -

Tomo 4.º

Arrabida 329

S. Domingos 604 e 608

AGIOLOGIO LUSITANO,

DOS

SANTOS, E VAROẼS

ILLUSTRES EM VIRTUDE

Do Reyno de Portugal, e ſuas Conquiſtas.

AGIOLOGIO LUSITANO, DOS SANTOS, E VARÕES ILLUSTRES EM VIRTUDE

Do Reino de Portugal, e ſuas Conquiſtas;

CONSAGRADO

Á IMMACULADA CONCEIÇAÕ DA VIRGEM MARIA SENHORA NOSSA, PADROEIRA DO REINO,

COMPOSTO

POR D. ANTONIO CAETANO DE SOUSA,

C. R. Deputado da Junta da Bulla da Cruzada.

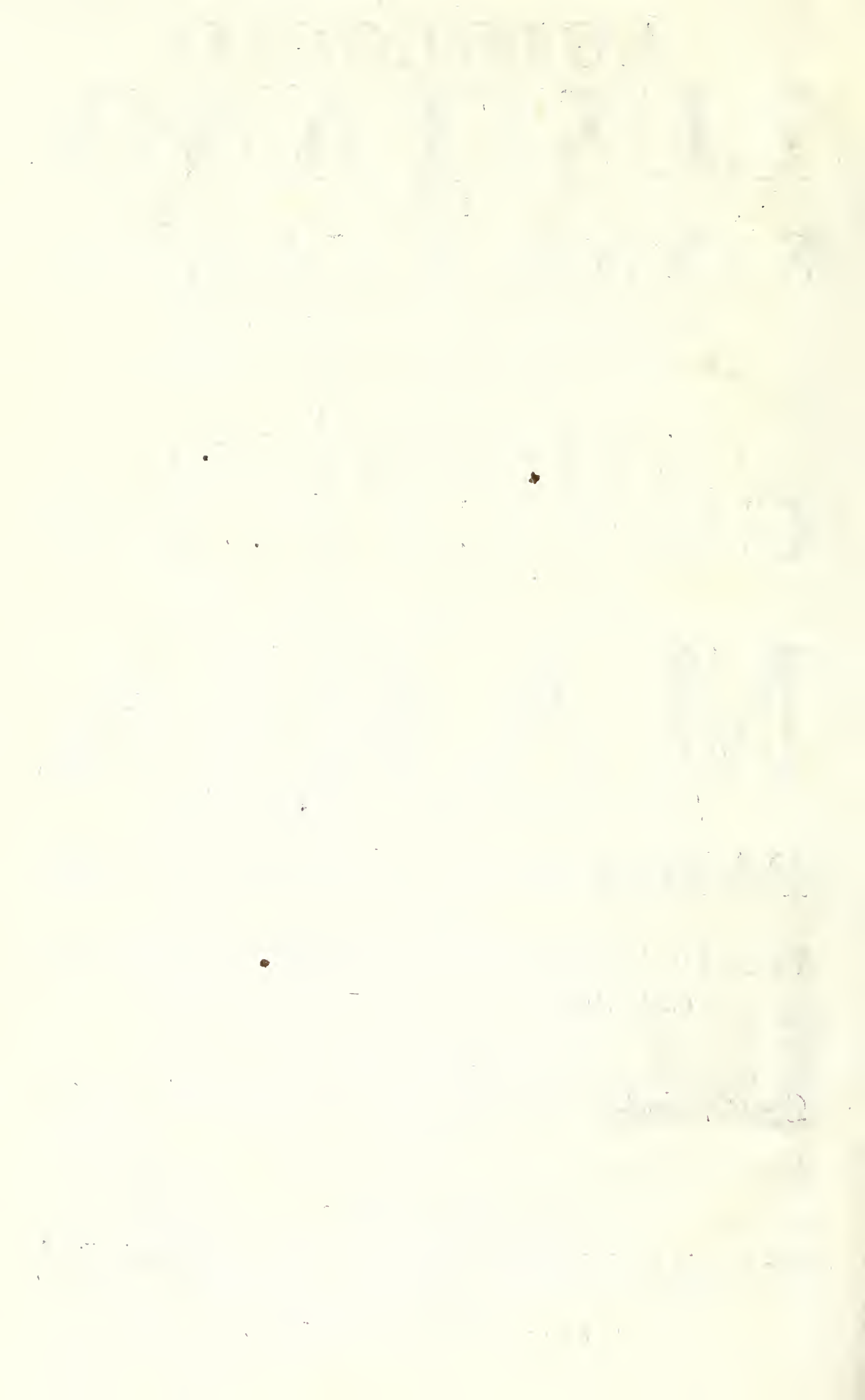
TOMO IV.

Que comprehende os dous mezes de Julho, e Agoſto, e com ſeus Commentarios.

LISBOA,

Na Regia Officina SYLVIANA, e da Academia Real.

M. DCC. XLIV.

Com todas as licenças neceſſarias.

À VIRGEM
MARIA
SENHORA NOSSA,
NA SUA PURISSIMA
CONCEIÇAÕ.

DESDE o berço vos reconhece Immaculada, Puriſſima Virgem, a Naçaõ Luſitana; pois (ſe devemos dar cre-

credito ao que publica a tradiçaõ) naquelle feliz tempo, em que déſtes luz ao Mundo com o voſſo ſagrado Naſcimento, declarou em Lisboa a innocencia de huma menina de tres mezes, a original pureza da voſſa Conceiçaõ admiravel. Foy a innocencia de Domilia, venturoſa filha deſta inſigne Cidade, a que nella apregoou milagroſamente os Privilegios da voſſa innocencia, para que ſe viſſe, que já deſde entaõ deſtinava o Ceo eſte ditoſo Emporio da Europa para theatro das voſſas glorias, pois deſde aquelle tempo ſe ouviaõ nella os prodigioſos elogios da voſſa graça. Eſtas vozes ſe introduziraõ taõ altamente nos coraçoẽs dos Portuguezes, que a piedade ſoberana de ſeus Principes, em religioſa ſatisfaçaõ do ſeu amor, ſugeitou à Pureza da voſſa Conceiçaõ os dilatados Dominios de ſeu Sceptro, fazendo-vos Protectora, e Padroeira de todos os ſeus Reynos. Eſte obſequio univerſal ſegue tambem a minha rendida

de-

devoçaõ, consagrando o Quarto Tomô do Agiologio Lusitano ao Mysterio da vossa Purissima Conceiçaõ. Nem devia de buscar esta Obra outro patrocinio; pois além de vós serdes a Rainha de todos os Bemaventurados, que vivem na Gloria, era razaõ, que as Vidas daquelles, que foraõ vassallos deste vosso Reyno, como fundado por vosso Filho, alcançassem o vosso amparo, e a vossa protecçaõ: e já que elles mereceraõ na Celeste Jerusalem taõ alto premio das suas virtudes, lembrayvos, Senhora, de quem (prostrado na vossa presença com o devido acatamento) vos offerece, com hum coraçaõ devotamente obsequioso, o trabalho desta Obra, esperando alcançar pela qualidade da offerta, o que naõ merece pela indignidade da pessoa.

Nas Vidas de tantos Santos, e Varões insignes em Santidade, como saõ as que comprehende este Volume, venera o Mundo a sagrada sombra do vosso patrocinio. E que assim como as virtudes

se

ſe praticaraõ heroicamente com taõ ſoberano favor; tambem eſta voſſa Monarchia conſegue o premio da voſſa piedade, na glorioſa Peſſoa de ſeu Piiſſimo Monarca, que com publicas, e generoſas demonſtrações venera o dia da Immaculada Pureza da voſſa Conceiçaõ. Sejaõ tantas as ſuas felicidades, que pareça o unico depoſito do voſſo amor; pois naõ póde correſponder com menos grandeza a voſſa gratidaõ à ſua Real, e piiſſima generoſidade. Para que a voſſa gloria foſſe mais dignamente louvada, e engrandecida, fez publica em todo o Reyno a ſua devoçaõ com Cartas firmadas da ſua Real maõ, a 12 de Novembro do anno 1717, eſcritas a todos os Prelados, em que lhes encommenda ſeja celebrada nas ſuas Dioceſis a Feſta da Conceiçaõ com toda a ſolemnidade, que manda a Igreja. Do culto eſpecial com que vos venera eſte Reyno, diremos no dia 8 de Dezembro.

Seja

Seja pois (Purissima Senhora) tanto zelo acredor da vossa Protecçaõ, para que cada dia sejaõ as grandezas da vossa graça mais gloriosamente exaltadas; e amim me amparay no trabalho immenso desta Obra, para que recebendo do vosso patrocinio forças para continuar, possa dar a conhecer ao Mundo, para gloria de vosso Filho Santissimo, vossa, e deste vosso Reyno de Portugal, as virtudes dos Santos, e Varões justos, que nelle floreceraõ.

D. Antonio Caetano de Sousa, C. R.

A QUEM LER.

NO anno de 1666, ſe imprimio o terceiro Tomo do Agiologio Luſitano (oito annos antes, que viſſemos a luz do dia,) e deſde entaõ eſtá ſuſpenſa a continuaçaõ deſta grande Obra. Naõ baſtaõ muitas vezes eſtudos grandes para ſe dar ultimo complemento ao que ſe tem delineado; porque paſſados os annos da idade robuſta, entra a velhice acompanhada ordinariamente de achaques, e faz ſuſpender a mais bem determinada idéa, e o mais glorioſo trabalho. Aſſim ſuccedeo ao Licenciado Jorge Cardoſo, que tendo dado feliz principio a eſta Obra, naõ pode vencer com os ſeus largos eſtudos, e vaſta liçaõ, que teve da Hiſtoria Eccleſiaſtica, e Secular, e ainda das profanas, como ſe vê dos ſeus eruditos Commentarios, o dar fim ao que tinha promettido, fazendo ponto nos primeiros ſeis mezes; porque falto de ſaude naõ podia adiantar a Obra, ainda que neſte tempo lhe fez a grandeza delRey D. Affonſo VI. merce de huma tença de cem mil reis, para ter hum Amanuenſe (ſem o que he impoſſivel eſcrever Obras dilatadas) como conſta do Alvará deſta merce, que vimos na Torre do Tombo, no liv. 27. fol. 452, da ſua Chancellaria.

He a Obra do Agiologio Luſitano univerſalmente deſejada, naõ ſó dos devotos, mas ainda dos doutos, e de todos os amantes da Patria, que ſabem, que a Naçaõ Portugueza naõ he menos fecunda de Virtudes, do que de Letras, e Armas; porque em todos os ſeculos produzio Varões inſignes, e Heroes de Santidade, dignos de eterna memoria, como publica (em diverſos Idiomas) de muitos a fama; mas a pouca curioſidade dos noſſos meſmos naturaes, mais dados a obrar, do que a eſcrever, (por naõ dizermos outra couſa) de tudo ſe tem deſcuidado em todo o tempo; porque naõ ſaõ taõ dados como as outras Nações a fazer valer as ſuas memorias, publicando-as, antes que o tempo as ſepulte, queixa taõ irremediavel, que ſempre entre nós ſerá ſentida; porque ainda do noſſo meſmo tempo, tal vez ſe queixáraõ os vindouros, por naõ acharem eſcritas muitas acções, que os noſſos obraraõ, dignas de enveja: e poderá ſer, que outros o façaõ com differente noticia, ou para melhor dizer, affeiçaõ, do que ellas mereciaõ.

Eſte deſejo de ver completo o circulo do anno do Agio-

* ii logio

logio Luſitano, nos levou inconſideradamente a proſeguir os ultimos ſeis mezes, que faltavaõ deſta Obra, negandonos tal vez a outros eſtudos, ſenaõ mais uteis ao publico, ao menos de mais genio noſſo. Arduo empenho foy eſte para as noſſas forças; porque além de ſer largo o eſtudo, e naõ baſtar para o vencer a liçaõ da Hiſtoria Eccleſiaſtica, e Secular, naõ ſó do noſſo Reyno, mas dos eſtranhos, nos era preciſo indagar noticias, vendo por muitas vezes os Archivos Reaes, e outros particulares das Religioens, e procurar muita gente de genio aveço, e pouco favorecedora da curioſidade; e por eſta cauſa nos ſerá preciſo dizer, naõ ſem magoa, que ſaõ muito poucas as peſſoas, que com noticias nos ajudaraõ para eſta Obra. A alguns Biſpos eſcrevemos; huns ſe eſcuſaraõ com palavras geraes, e outros ſe naõ dignaraõ de nos reſponder, como ſe os importunaſſemos com a petiçaõ de eſmolas, de que o noſſo Inſtituto nos eximio. Em alguns Prelados das Religioens experimentámos pontual cuidado, e em outros nenhum; porque deſta variedade de genios ſe compoem o Mundo.

Diſſemos, que inconſideradamente entrámos na continuaçaõ deſta Obra, porque ao principio naõ foy mais, que curioſidade, ſem reparar no trabalho, que requeria Obra taõ dilatada, pelo que em ſi comprehende, e com pouca tençaõ de lhe darmos fim. Neſta fórma principiámos a ajuntar materiais para a ſua compoſiçaõ. Creſcia com o eſtudo o deſejo de encher todos os dias de peſſoas dignas do Agiologio, com tal exacçaõ, que naõ era da noſſa eleiçaõ darlhe os dias, ſenaõ os que lhe apontavaõ os Authores. Iſto ſobre grande trabalho nos conſumio muito tempo, e deſta ſorte inſenſivelmente quando menos o imaginámos, nos achámos empenhados a haver de proſeguilla, ſem reparar, que o debil do noſſo eſtudo naõ tinha hombros para taõ grande machina. Neſta taõ juſta deſconfiança, nos deu grande animo o ſaber, que era a ſua continuaçaõ do agrado delRey Noſſo Senhor, que Deos guarde, de cujas incomparaveis virtudes, naõ he a menor a applicaçaõ, que tem a todo o genero de eſtudos, pelo verdadeiro conhecimento, que tem alcançado da univerſal Filologia, e por eſta cauſa acha certo amparo todo o curioſo na ſua Real benignidade. A' ſua grandeza deveo a noſſa inſufficiencia entaõ a merce de huma larga penſaõ annual, e na verdade confeſſamos, que a naõ ſer a ſua Real piedade, nos ſeria impoſſivel adiantarmonos; e aſſim ingenuamente confeſſamos, que havendo

vendo alguns annos, que tinhamos dado principio à continuaçaõ desta Obra, podemos com verdade affirmar, naõ passarem de tres os em que formámos este Tomo.

Quando nos vimos favorecidos com esta merce, nos pareceo, que só com o trabalho podiamos vencer a Obra, pois tinhamos com que supprir as inevitaveis despezas, que saõ precizas, que ainda que naõ saõ grandes, saõ mayores, do que a pobreza do Instituto, que professamos; mas em breve conhecémos, que nos enganavamos, por naõ ser possivel alcançar às nossas mãos o peculio, que em trinta annos de estudo ajuntou o Licenciado Jorge Cardoso, ficando no seu poder muitos papeis originaes, que allega, e nós depois buscámos nos Archivos donde eraõ; e os naõ achámos, e temos por sem duvida, que estaõ incorporados nos livros das memorias, que juntou para o Agiologio, e conforme o Catalogo que vimos, fazem hum grande corpo de Volumes, entre livros de folha, de quarto, e de oitavo, que com diversos titulos teve em seu poder, a saber: *Lusitaniæ Sanctorum Codices*; *Antiquitas Lusitaniæ*; *Varias noticias de Fundações*; *Varias noticias de Santos Portuguezes*; *Varias de Antiguidades*; *Chronicon Rerum Bracharensium*; *Historia Ecclesiastica de Evora*; *Theatro das Igrejas de Portugal*; e muitos papeis, que debaixo de outros titulos ajuntou. Todos estes livros de memorias ficaraõ na livraria, que deixou por sua morte ao Eminentissimo Cardeal de Sousa, entaõ Arcebispo de Lisboa, que nós naõ tivemos a fortuna de alcançar, depois que emprendemos a continuaçaõ do Agiologio, que como favorecedor dos estudiosos, e Prelado pio, podemos crer da liberalidade do seu animo, fiaria de nós todos estes papeis, que ficaraõ na sua numerosa livraria, que com magoa vimos despedaçar, e passar a diversos dominios, o que com tanto trabalho, e cuidado, se ajuntou. Na parte, que se conserva na Casa de Arronches, ficaraõ os manuscritos, e entre elles os de cuja falta nos lamentamos, por naõ podermos achar caminho de os haver às nossas mãos, nem ainda por emprestimo, sendo estes papeis por direito nossos, por huma doaçaõ publica de seu dono, que naõ póde padecer duvida; pois o Licenciado Jorge Cardoso a fez no Prologo do terceiro Tomo, que estampou em sua vida, onde diz as palavras seguintes:

E por quanto a Obra he dilatada, e requere muito ocio, e saude robusta, de que nos vemos faltos, e os typos, e prelos

los domesticos nenhum gosto daõ aos A.A. antes os dissabo reaõ, e mortificaõ de tal modo, que a muitos lhes he mais facil compor, que estampar, com tudo já passaramos por isto, se houvera neste Reyno premios para elles, como ha nos outros, que os Portuguezes saõ laboriosos, de grande engenho, e habilidade, cujos escritos saõ mais eruditos, e fundamentaes, que muitos dos nossos visinhos. Pelo que offerecemos gratuitamente aos zelosos da Patria, que desejaõ promover suas glorias o peculio, que para os seis mezes que faltaõ, temos acquirido em trinta annos com tanto desvelo, indefeso estudo, e consideravel dispendio, sem alguma espectativa, ou emolumento temporal, succedendonos o mesmo, que ao Poeta Ovidio nos seus Fastos.

Desta publica escritura, que outra cousa se póde dizer, senaõ, que he nosso todo o peculio do Licenciado Jorge Cardoso, e que o deixou depositado na livraria do Eminentissimo Cardeal de Sousa, para no lo entregar, e que está em restituiçaõ quem os retém em seu poder, naõ só a nós, mas a toda a Naçaõ Portugueza em geral, por fazer perecer sepultadas no esquecimento aquellas acções, que foraõ gloriosas diante de Deos, e seriaõ de grande utilidade à veneraçaõ dos devotos.

Parece, que segundo o estylo dos Prologos, deviamos conciliar os animos dos Leitores, cousa bem escusada; porque se naõ costumaõ deixar de censurar os erros com pedir perdaõ delles. Quem achar que emmendar, nos fará hum grande favor em no lo communicar, para que nos seguintes Tomos o possamos satisfazer; porque inda, que o compor para imprimir, he como quem se confessa para morrer (dizia hum homem erudito) nós como naõ acabamos neste livro a Obra, sempre nos fica lugar para nos reconciliarmos nos que se seguem. Nesta conformidade acho por tempo perdido toda a desculpa, principalmente quando nós naõ pertendemos servir à vaidade, em querer ostentar noticias, nem menos elegancia de estylo; porque proseguimos esta Obra, sómente com o desejo de que aproveite a liçaõ della aos bem inclinados, e devotos dos Santos, e Varões insignes em virtude nossos Portuguezes, por cuja gloria escrevemos; e assim nos satisfazemos, que elles aceitem o sincéro do nosso coraçaõ, sem que nos cause dissabor, que se tenha o estylo por pouco polido, ou menos enfeitado; porque nós só pertendemos fallar a nossa lingua sem affectaçaõ, e sem adorno, para que a todos seja

per-

perceptivel, accommodandonos com alguns termos proprios do estylo de Martyrologio, de que nos foy preciso usar, ainda que poucas vezes, como *Obito*, *dormir em o Senhor*, e outros por livrar da repetiçaõ, que em casos taõ semelhantes he inevitavel, como já observou o Licenciado Jorge Cardoso. Assim nos persuadimos, que naõ parecerá bem a todos o nosso estylo, mas tambem que haverá alguns, que o approvem, e com o agrado destes nos satisfazemos. Da variedade de opiniões, que temos observado sobre varios Authores, que merecem a publica veneraçaõ, ainda fazemos menos caso do que diraõ; porque do estylo de Tito Livio ouvimos dizer, que era acunhado; e passando aos nossos naturaes, que o de Fr. Luiz de Sousa naõ era texto na lingua; que o de Jacinto Freire se podia sofrer por Panegyrico; que Joaõ de Barros já era antigo para se seguir; e finalmente, ha homens, que o seu estudo he dizer mal, e applicar a sua liçaõ para critica, fundada na consonancia, que lhe fazem as palavras, que dizem, quando a si mesmos se escutaõ, e nesta costumada conversaçaõ passaõ o tempo, sem que dos seus estudos visse o publico utilidade alguma, nem darem aos curiosos, que lhes emmendem nos partos dos seus entendimentos; porque estes nunca sahiraõ a luz, nem chegaraõ a ser gerados, por serem infecundos. E se daquelles Mestres de estylo vejo mal contentes, que posso eu esperar dos meus escritos? Tal he a variedade dos genios, como a dos gostos. Huns me diziaõ, que fossem as Vidas de que trato muy succintas, e os Commentarios largos, e outros pelo contrario; nisto buscámos hum meyo, naõ sey se com felicidade, mas certamente com trabalho. A alguns lhes parecia, que naõ tivesse Commentarios, e que incorporasse no Texto, o que elles contém, allegando às margens os Authores, como se quando nos sugeitámos a esta continuaçaõ, naõ fossemos obrigados a observar o methodo, com que seu primeiro Author lhe deu principio.

No que toca a algumas opiniões, ou sejaõ de pontos de Historia, ou de Geografia, sobre a arrumaçaõ de algumas terras, que nos Commentarios tratámos, como allegamos Authores, que achamos serem mais exactos, nos naõ fica escrupulo, ainda que em outros se ache o contrario. Finalmente, quem tiver a charidade de nos querer emmendar os nossos erros, lhe tornamos a dizer, que o estimaremos; porque com toda a docilidade receberemos as advertencias, como quem

reco-

reconhece a critica prudente por materia muy proveitosa em todo o genero de estudos, e se emmendarem com ella os defeitos, e se conseguir com as observações dos doutos, chegarem as Obras à sua ultima perfeiçaõ, o que de outra sorte rara vez se alcança.

Vale.

LICEN-

LICENÇAS.

Da Religiaõ.

NOs hic ſubſcripti, juſſu Reverendiſſimi P. D. Caietani de Alexandris Congregationis noſtræ Præpoſiti Generalis, perlegimus librum, qui inſcribitur: *Agiologio Luſitano*, Luſitanice ſcriptum à R. P. D. Antonio Caietano de Souſa hujus Domus Præpoſito, & nihil in eo reperimus, vel fidei, vel morum probitati diſſonum, ideoque luce dignum cenſemus. Ulyſſippone in noſtris Ædibus Sanctæ MARIÆ de Divina Providentia, die vigeſima Octobris 1721.

D. Caietanus Barboſa, C. R.

D. Emmanuel Caietanus de Souſa, C. R.

D. Caietanus de Alexandris, Congregationis Clericorum Regularium Præpoſitus Generalis.

HOc Opus inſcriptum: *Agiologio Luſitano*, compoſitum à Patre Præpoſito D. Antonio Caietano de Souſa, Qualificatore Sancti Officii Ulyſſipponis, & noſtræ Congregationis Theologo, & juxta aſſertionem Patrum, quibus id commiſſimus approbatum, ut Typis mandetur, quoad nos ſpectat, facultatem concedimus, in quorum fidem præſentes literas manu propia ſubſcripſimus, & ſolito noſtro ſigillo firmavimus. Romæ die 13 Decembris 1721.

D. Caietanus de Alexandris,
Præpoſitus Generalis, C. R.

D. Joannes Petrus Bergantini,
C. R. Secretarius.

Do Santo Officio.

Censura do P. M. Joaõ Col, Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, e Academico do Numero da Academia Real da Historia.

EMINENTISSIMO SENHOR.

NEste Tomo, que Vossa Eminencia me mandou rever, continûa o erudito P. D. Antonio Caetano de Sousa, Clerigo Regular da Divina Providencia o *Agiologio Lusitano*, de que foy primeiro Author o Licenciado Jorge Cardoso, a quem podemos applicar o que de si dizia o Santo Job: *Ego habui menses vacuos, & noctes laboriosas enumeravi mihi*; porque sendo a sua Obra de grande trabalho, e de muitas noites, e vigilias, ainda deixou nella seis mezes vazios; e estes saõ os que agora vay enchendo de Santos, e Varões insignes em virtude o P. D. Antonio Caetano de Sousa, com o mesmo zelo com que Adon procurou tambem supprir os dias que faltavaõ no Martyrologio de Beda.

No discurso deste Agiologio reconhecerá o Leitor tiradas dos Annaes Antigos, e notadas pelos seus dias as acções sagradas. Nelle achará as Festas proprias do nosso Reyno, que deve reputar por domesticas; e algumas vezes poderá lêr com especial gosto as virtudes de seus mesmos progenitores. De sorte, que em recommendaçaõ desta Obra poderá dizer o Author com tanta propriedade como verdade, o que Ovidio em louvor dos seus Fastos diria com razaõ, se elles por serem Gentilicos, naõ foraõ dignos de desprezo:

Sacra recognosces Annalibus eruta priscis,
Et quo sit merito quæque notata dies.
Invenies illic & festa domestica vobis:
Sæpe tibi pater est, sæpe legendus avus.

Finalmente, esta Obra he hum Santuario da Lusitania, em que tudo o que se expoem, he naõ só veneravel, mas utilissimo, para conservar a pureza da Fé, para conciliar a devoçaõ, e reformar os costumes; porque os exemplos, e virtudes dos Santos, tambem tem virtude para fazer Santos. Este he o meu parecer. Lisboa Occidental, e Congregaçaõ do Oratorio em 27 de Agost ode 1736.

Joaõ Col.

Cen-

Censura do P. M. Fr. Henrique de Santo Antonio, Qualificador do Santo Officio, e Examinador das Tres Ordens Militares.

EMINENTISSIMO SENHOR.

ESte Volume, que Vossa Eminencia me manda rever, integra o quarto Tomo do *Agiologio Lusitano*, e comprehende as maravilhosas Vidas dos Santos, e Varões illustres, que nos mezes de Julho, e Agosto derão à Bemaventurança esta nossa felicissima Monarchia, e as suas gloriosas Conquistas, em que o valor, e a virtude sempre contenderão: esta sobre a multidão das palmas, e coroas, que produzio no Ceo; aquella sobre o cumulo dos triunfos, e victorias, que alcançou na terra. He seu Author o P. D. Antonio Caetano de Sousa, esplendor, e ornamento da Sagrada Familia Theatina da Divina Providencia, Qualificador do Santo Officio, e digníssimo Academico do Numero da Academia Real. Gostosa foy para mim a obediencia da sua lição; mas escrupulosa parecerá a da minha censura, pondo-lhe suspeições quem conhecer a intima amisade, que professo com o Author, e a estimavel honra do parentesco, que delle recebo; senão advertir, que as suas Obras tem já no trato do Mundo conseguido huma tão geral, e merecida approvação, que à sua vista mais se julgará ser a minha desnecessaria, do que suspeitosa; como já de outra, não sey se com menos razão, disse Cassiodoro: *Frustra ad censuram proponitur, qui tantis titulis approbatus est.* (Cassiodor. Enod. lib. 7. ep. 19.)

A Obra do nosso Agiologio he tão grande como todo o Mundo; porque a todo encherão, e illustrarão as immensas luzes da santidade Portugueza; e por isso o pezo desta machina necessitava de dous Athlantes, por quem igualmente se repartisse, visto ser ainda mayor, do que os robustos hombros de hum só. O primeiro teve a felicidade na primazia de a intentar toda, e no acerto de escrever só metade della, que apenas coube nos seus muitos estudos, e annos: este segundo tem a gloria de pôr fim aos ardentes desejos, que a todo o Portugal, e seus Dominios martyrizão ha setenta annos, suspirando sempre nelles a continuação, e conclusão dos seguintes seis mezes, cujos dias, sendo atégora hum successivo, e excessivo tormento para a sua esperança, agora he cada hum o seu mayor gosto, pela posse de tantos annos, e tão puros espelhos

 da

da virtude, que o Author propoem na agradavel liçaõ dos ſeus Santos: *Delectabar per ſingulos dies*: he cada hum o ſeu mayor goſto pela ſeparaçaõ, e diſtincçaõ, que nelle ſe vê dos ſeus doutiſſimos Commentarios: *Delectabar per ſingulas operis diſtinctiones*: he cada hum o ſeu mayor goſto, por ver nelle felizmente continuado eſte ſeu Agiologio, no qual nada ha imperfeito; porque nenhuma noticia ſe póde deſejar nelle por diminuiçaõ, nem arguir por ſuperfluidade: *Delectabar per ſingulos dies, quia nihil imperfectum, nihil mutilum, nihil imminutum; nihil denique, in cujus natura aliquid requiri poſſet, aut ad cujus uſum quidquam minimé neceſſarium redundaret.*

Prov. 8. v. 30.

Hug. Card. hic.

Hyer. Oſſor. hic.

Trinta annos gaſtou o memoravel Jorge Cardoſo neſte taõ louvavel exercicio; e naõ me conſta, que divertiſſe nelles o ſeu grande eſtudo para outros diverſos: porém o ſeu reſpeitavel ſucceſſor applicado, e empenhado ſempre em acreditar a noſſa Naçaõ, e enriquecer as livrarias, e Academias, com os precioſos theſouros de varias Obras ſuas, principalmente com a da Hiſtoria Genealogica da Caſa Real Portugueza, para cujo grande edificio baſtando elle ſó, ſeriaõ poucos muitos homens adornados de todo o genero de erudiçaõ, e verſados nas Hiſtorias do Mundo; ainda aſſim confeſſa (o que excede a esféra da admiraçaõ) naõ ſerem paſſados mais de tres annos, em que proſegue o trabalho deſte Agiologio, faltando-lhe para elle, o que ainda he mais, aquelle copioſiſſimo apparato de noticias, de memorias, de documentos authenticos, e ſobre tudo aquelle taõ avultado corpo de volumes pertencentes a eſte aſſumpto, que como precioſiſſimo legado lhe deixou o ſeu anteceſſor, tendo-ſelhe atégora, ou por malicia, ou por enveja, injuſtamente roubado: ſe acaſo naõ he por induſtria diabolica, para deſta ſorte ſe impoſſibilitar a penna na eſcritura de huma Hiſtoria taõ glorioſa para Deos ſempre admiravel nos ſeus Santos, taõ dignas acções prodigioſas deſtes, e taõ proveitoſa para imitaçaõ, e refórma das conſciencias: mas toda eſta ſenſivel falta, além da que experimentou na meſma attençaõ dos mais dos Prelados deſte Reyno, como no ſeu Prologo ateſta o Author, venceo a ſua comprehenſaõ a ſua continua liçaõ, e infatigavel deligencia; para moſtrar aſſim a Providencia Divina, que para eſte ſeu filho deſempenhar com mayor perfeiçaõ o ſeu apoſtolico Inſtituto, naõ lhe era neceſſario herdar memorias, nem pedir noticias; porque a meſma Providencia, que como Meſtra enſinou aos Sagrados Apoſtolos o que deviaõ fallar,

lar: *Dabitur enim vobis in illa hora, quid loquamini*, subministraria como Mãy a este imitador dos mesmos Apostolos, tudo o que havia escrever.

Matth. 10. v. 19.

Assim creyo eu julgará piamente, quem com madura reflexaõ, e mais alta consideraçaõ, do que a minha, ponderar o referido, e vir brevemente concluida esta suspirada Obra, que agora se continûa só com o succinto estudo de tres annos, e sem o subsidio das noticias, e memorias, que no dilatado espaço de trinta ajuntou quem lhe deu principio: e tambem agora verá nella desempenhados todos os preceitos da Historia, e sobre todos o mais difficil, que he o da verdade, com que o Author falla, e da rara pureza de estylo, com que escreve sempre grave, natural, erudito, e summamente claro. A' vista do que bem póde com o Doutor Maximo dizer a todos: *Ne à me quæras pueriles declamationes, sententiarum flosculos, verborum lenocinia ... & quæ plausus, & clamores excitent audientium.* Por cuja causa deve a nossa Monarchia toda, dar immortaes graças ao Author, por lhe dar taõ gostosa liçaõ no seu Agiologio, e nelle hum Santuario, para a sua veneraçaõ, e imitaçaõ; e estas mesmas, e ainda mayores gratificações receberá em copiosos beneficios de todos aquelles Santos, e Varões de assignalada virtude, cujas Vidas escreve, que estando já eternisados no livro da vida, torna neste seu livro á eternisallos na vida da memoria, sendo este o mais condigno premio do seu trabalho, todo ordenado à mayor exaltaçaõ da nossa santa Fé, e à pureza dos bons costumes; e por isso o julgo digno naõ menos da estimaçaõ do Mundo, que da licença de Vossa Eminencia, para se mandar ao Prelo. Lisboa Occidental, Convento do Santissimo Sacramento da Ordem de S. Paulo I. Eremita, 16 de Novembro de 1736.

D. Hyer. ep. ad Nepot.

Fr. Henrique de Santo Antonio.

VIstas as informações, póde-se imprimir o IV. Tomo do *Agiologio Lusitano*, que comprehende os mezes de Julho, e Agosto, e de que he Author o Padre D. Antonio Caetano de Sousa; e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental, 20 de Novembro de 1736.

Fr. R. Alancastre. Teixeira. Sylva. Soares. Abreu.

Do

Do Ordinario.

PÓde-ſe imprimir o Livro de que ſe trata; e depois de impreſſo tornará, para ſe conferir, e dar licença, para que corra: ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental, 21 de Novembro de 1736.

Gouvea.

Do Deſembargo do Paço.

Cenſura de D. Franciſco de Almeida, Deputado do Santo Officio, Arcediago de S. Pedro de Franca no Biſpado de Vizeu, e Academico do Numero da Academia Real da Hiſtoria.

SENHOR.

MUitos annos ha, que em Portugal, e fóra delle ſe deſeja a continuaçaõ do *Agiologio Luſitano*, que o Licenciado Jorge Cardoſo eſcreveo até o fim do mez de Junho. A difficuldade da empreza foy cauſa de que atégora naõ houveſſe quem ſe atreveſſe a continuar huma Obra de tanto credito, e de tanto luſtre, para o Reyno de Portugal, e ſeus Dominios. O Licenciado Jorge Cardoſo, em varios lugares dos ſeus tres Tomos, affirma, que tinha ajuntado os materiaes para os ſeis mezes ultimos; e no Prologo do Tomo III. faz expreſſa doaçaõ do peculio, que tinha para eſta Obra, a quem quizeſſe continualla, o que elle já naõ podia fazer por falta de ſaude: mas atégora naõ appareceraõ eſtes papeis, nem ſe ſabe quem ſeja obrigado a cumprir aquella diſpoſiçaõ, e a dar conta do tal peculio. Por eſta razaõ naõ faltou já quem diſſeſſe, que Jorge Cardoſo naõ deixara couſa alguma, nem fazia tençaõ de continuar a Obra, e por iſſo nos mezes de Mayo, e Junho, em alguns dias referira as Vidas de varios Servos de Deos, que morreraõ nos dias dos mezes ſeguintes. Naõ creyo, que Jorge Cardoſo fallaſſe taõ expreſſamente, ſe lhe faltaſſem as memorias para os ultimos ſeis mezes, e tenho por indubitavel, que elle tinha o que lhe era neceſſario para elles; nem era poſſivel que no eſpaço de trinta annos, que trabalhou neſta materia ſem ſe applicar a outras, ajuntaſſe ſómente o preciſo para os primeiros

ſeis

ſeis mezes. He certo porém, que por naõ apparecerem as ditas memorias, hiaõ os eruditos, os curioſos, e os devotos, perdendo as eſperanças de verem a continuaçaõ de huma Obra, que a todos edifica, inſtrue, e enſina; porque para poder continualla ſe fazia preciſo principiar como de novo, e ajuntar com grande trabalho os materiaes para ella.

Naõ atemoriſaraõ, com tudo, eſtas difficuldades ao Padre D. Antonio Caetano de Souſa, Clerigo Regular da Divina Providencia, e metendo as mãos à Obra ſem outro ſoccorro mais que a Divina Providencia, a ſua laborioſa, e incanſavel deligencia, e fadiga, ſoube vencer innumeraveis obſtaculos. E depois de ver, e examinar, o que ſe acha nos livros impreſſos, e manuſcritos, e nas memorias reconditas dos Conventos, e Moſteiros do Reyno, e Conquiſtas, entrou a diſpor a Obra, ſeguindo o meſmo methodo de Jorge Cardoſo, e neſte Tomo, que appreſenta, continùa o dito Agiologio Luſitano, nos mezes de Julho, e Agoſto, e promette concluîr de todo eſta grande Obra.

A grande exacçaõ com que eſte doutiſſimo Padre tem eſcrito a Hiſtoria Genealogica da Caſa Real Portugueza, na qual ſe obſerva hum profundo conhecimento da Hiſtoria de Portugal, e de todos os Principes da Europa, huma critica judicioſa, e huma verdade inalteravel, podiaõ ſervir a eſta Obra da melhor cenſura.

Mas ſe com aquella grande Obra ſoube merecer o applauſo univerſal, naõ ſerá menor a gloria, que lhe reſulte deſta nada menos eſtimada compoſiçaõ. E naõ cauſará pequeno eſpanto ver, que hum homem ſó ao meſmo tempo, que eſtava occupado na melhor Hiſtoria Secular, eſcreva com tanta felicidade a parte mais dilatada da Hiſtoria Eccleſiaſtica, na qual propoem os melhores exemplares da virtude para a ſua imitaçaõ: examina com o criſol da mais judicioſa critica, a verdadeira exiſtencia, ou o que ſe deve ter por certo daquelles Santos, que canonizou a indiſcreta piedade de alguns Eſcritores; e apura a verdade, ou falſidade das tradiçōes de muitas Igrejas, ſem que o preoccupaſſe o amor, e affecto à ſua Patria, defeito em que cahiraõ muitos, e graves Authores. E aſſim meſmo declara nos ſeus doutos Commentarios a verdadeira ſituaçaõ de muitas terras, das quaes apenas ſabiamos o nome, e a Provincia onde exiſtiaõ; a entrada de varias Religiōes neſte Reyno, ſem as fabulas que coſtumaõ tirarlhe o credito; e a mais certa fundaçaõ de grande parte dos ſeus Conventos.

Final-

Finalmente, Senhor, a melhor censura, que póde ter esta Obra, he ella mesma, pela sua materia, e pelo seu Author. Pelo seu Author, por ser assaz conhecida a sua exacçaõ, verdade, e erudiçaõ. E pela sua materia; porque sendo estimada a Obra de Jorge Cardoso, e desejada a sua continuaçaõ; sendo esta a mais apurada, e sem aquelles defeitos, de que he arguîda a Obra de Jorge Cardoso, necessariamente ha de ser estimada, e applaudida, e de grande gloria para Portugal.

Por todas estas razoens, e porque esta Obra em nada offende as Leys de Vossa Magestade, me parece naõ só que Vossa Magestade lhe dé licença para se imprimir, senaõ tambem, que conceda ao Author a sua Real protecçaõ, para que com este nobre estimulo conclua com a possivel brevidade huma Obra, em que igualmente se interessaõ os curiosos, os eruditos, e os devotos. Vossa Magestade mandará o que for servido. Lisboa Oriental, 28 de Fevereiro de 1737.

D. Francisco de Almeida.

QUe se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario; e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taxar, e sem isso naõ correrá. Lisboa Occidental, 9 de Março de 1737.

Pereira. *Teixeira.*

VIsto estar conforme com o Original, póde correr. Lisboa, 18 de Setembro de 1744.

Fr. R. Lancastre. Sylva. Soares. Abreu. Amaral.

PÒde correr. Lisboa, 19 de Setembro de 1744.

D. J. A. de Lacedemonia.

TAxaõ este livro em mil e oito centos reis. Lisboa, 24 de Setembro de 1744.

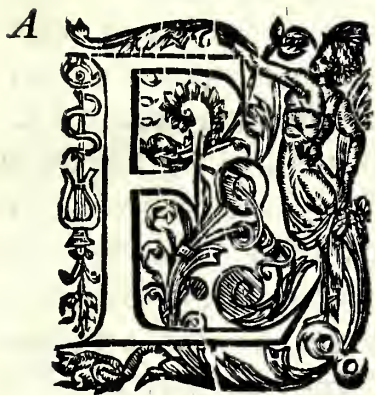
Vaz de Carvalho. Costa.

AGIO-

AGIOLOGIO LUSITANO

DOS SANTOS, E VAROENS Illuſtres em virtudes do Reyno de Portugal, e ſuas Conquiſtas.

JULHO I.

A Trasladaçaõ de Saõ Gil da Ordem dos Prégadores.

A
M Santarem, no Convento dos Religioſos Prégadores, a Trasladaçaõ de Saõ Frey Gil, Luminoſo Aſtro da Familia Dominicana, o qual por eſpaço de ſeis annos eſteve ſepultado no eſquecimento em commum cemiterio, até que apparecendo a Frey Joaõ de Santarem, lhe diſſe, em como era vontade Divina, que ſeu corpo ſe collocaſſe em ſitio mais decente; mas naõ foy baſtante eſta revelaçaõ a vencer as difficuldades, que ſe opunhaõ, naõ com duvida à verdade do referido, por ſer o Author acreditado, mas com embaraços, que o impediaõ; porém como o Santo queria ſer obedecido, fez ſegundo aviſo, e foy ao Prior, que naõ ſe attrevendo a dilatar mais a obra, deſtinou o dia: acodio gente ſem numero, deu principio à Miſſa com grande ſolemnidade, e entoando o Hymno: *Te Deum Laudamus*, ſe abrio a cova, e tirado hum caixaõ pregado, em que eſtava o ſanto depoſito, e aberto na preſença de todos, foy viſto o Sagrado Corpo inteiro, lançando de ſi hum delicioſo cheiro, que accreſcentou a devoçaõ do povo, o qual entre piedoſas lagrimas, e reverentes acclamações engrandeciaõ, e louvavaõ a Deos em ſeu Santo; e querendo o Senhor, para mayor gloria ſua, que por interceſſaõ de ſeu Servo alcançaſe viſ-

ta , diante de todo aquelle grande concurso, huma mulher cega; e perfeita saude hum aleijado, exprimentando milagrosos beneficios outros enfermos. Entre estes prodigios foy collocado em huma Capella, que sua prima Dona Joanna Dias, Senhora de Attouguia, lhe tinha mandado lavrar no arco do cruzeiro, aonde experimentaõ os seus devotos grandes maravilhas em todas as suas afflições; porque he universal remedio em todas as adversidades, como publicaõ os miraculosos effeitos do seu Patrocinio; já convertendo em generoso vinho, ao que a corrupçaõ tinha destruido, só para remediar a vexaçaõ, de quem com viva Fé, colhendo da sua sepultura algum pô, o lançou no viciado licor; já remediando a urgente necessidade de agua, que exprimentavaõ as Religiosas de Cister no Convento de Cellas, por se lhe haver secado hum poço, cuja falta era irremediavel; e assim obrigadas da devoçaõ recorreraõ ao Santo, implorando a vozes o seu auxilio; quando de improviso, aos olhos de todas, se encheo o poço de agua, com a circunstancia de nunca mais experimentar secca. A hum pobre tolhido, que havia doze dias estava no alpendre do seu Convento, persuadiraõ alguns Religiosos, movidos da piedade, a que fosse ao Altar do Santo, e se encommendasse de todo coraçaõ a elle: principiou-se a arrastar com assaz trabalho; seguiraõ-no os Religiosos com huma Antifona, e Oraçaõ. Caso maravilhoso! Principia a gritar o homem, que lhe accodissem, porque se abrazava em huma viva chama, e logo os que eraõ tolhidos membros, incapazes de operações, tomando vigor, ficaraõ livres, e desembaraçados, como senaõ tiveraõ padecido a minima lesaõ; e finalmente com innumeraveis prodigios está Deos acreditando a intercessaõ deste Santo, recorrendo os Fieis ao seu Patrocinio, como a prompto remedio para todos os trabalhos; pois aos enfermos dá saude, aos necessitados acode, e nos partos dá bom successo, como experimentaraõ as Sereníssimas Senhoras a Rainha Dona Leonor, e a Princeza Dona Joanna; esta no nascimento da saudosa, e sempre lamentavel magoa de Portugal, o suspirado Rey Dom Sebastiaõ; e aquella no da Infanta Dona Maria; e assim, commulado de tanta gloria, he venerado neste lugar, naõ só dos naturaes, mas dos estrangeiros, que o acclamaõ, portentosa maravilha do Altissimo.

Na

BEm a inclita Lisboa, será saudoso sempre este dia, em que se repete a memoria da preciosa morte de seu Illustrissimo Prelado em sangue, e em virtude Dom Miguel de Castro, taõ venerado de todos, que conserva na tradiçaõ das gentes o glorioso nome do *Arcebispo Santo*, a que desde os tenros annos se começou a encaminhar, dando claros indicios da pureza do seu animo; porque livre dos cuidados pueris, e revestido de huma natural modestia, repugnava aos entertenimentos daquella idade, sendo todo o seu cuidado o empregarse com diligencia no serviço de Deos; e razaõ era que hum homem, que a Divina Providencia tinha decretado para exemplar dos Prelados, e clara luz da Lusitana Igreja, naõ tivesse tempo, em que naõ resplandecesse. Entrando na idade competente foy instruido nos primeiros rudimentos, de que, como disposiçoens, necessita o conhecimento das sciencias. Acabado o curso dos seus estudos na Universidade, foy o seu primeiro emprego o de Prior da Igreja de Saõ Christovaõ de Lisboa, começando por huma Freguezia, aquelle que era já digno de reger huma Diocesi, fez o officio de Parocho com a perfeiçaõ, que elle desejava naquelles, que com o tempo veyo a prover. Depois, seguindo o serviço do Santo Officio, foy Inquisidor em Lisboa, lugar que conservou com gravidade, e amor do proximo. Nestes empregos vivia applicado Dom Miguel, quando foy nomeado Bispo de Vizeu; entaõ como quem entendia, de quanto pezo fosse a nova Dignidade, assim lhe applicou as forças do seu grande talento. Depois de Sagrado, entrou naquella Cidade a 15 de Setembro de 1579. Logo começaraõ as suas ovelhas a exprimentar na brandura do animo do Pastor a agradavel conduçaõ; porque amava ao rebanho de sorte, que em utilidade sua dispendia tudo quanto possuía; naõ sendo mais, que fiel depositario do thezouro dos pobres. Foraõ muitas as esmollas sem exceiçaõ de pessoa; porque nunca olhou mais, que para a necessidade. Aqui lhe succedeo com hum Escudeiro pobre da Cidade huma acçaõ digna por certo de animo taõ grande, e pio, como o seu. Foy o caso, que mandando dar vinte mil reis a este Escudeiro, elle com jactanciosa vaidade rejeitou a esmolla do Bispo: conhecia o Prelado a sua pobreza, e como virtuoso naõ fez caso do des-

D. Miguel de Castro Arcebispo de Lisboa.

vario, e segunda vez lha mandou, accrescentando, que era restituiçaõ; entaõ a aceitou, deixando ao Prelado dobrados merecimentos em huma só acçaõ. A sua charidade exprimentavaõ em secretas esmollas os Cidadãos, e Fidalgos honrados da Cidade, amor, que sempre lhes conservou; porque ainda depois de assistir em Lisboa, por muitas vezes mandou a Vizeu grossas quantias de dinheiro, para se dispenderem em esmolas, sendo estas expressoens claro testemunho da grandeza do seu animo, e do amor, que teve à sua primeira Esposa, quando já desobrigado della a estimava tanto. No anno de 1585, foy promovido à Archiepiscopal Dignidade da Metropoli de Lisboa; theatro donde se viraõ exercitadas por huma só pessoa todo o genero de virtudes; porque os pobres eraõ soccorridos, os afflictos tinhaõ consolaçaõ, os perseguidos asylo. Era Pastor para conduzir as suas amadas ovelhas, e era Pay, que amparava a todos, sem que houvesse nem donzella, nem viuva, que se considerasse desamparada; porque com liberal maõ previnia os soccorros. A sua porta era franca aos miseraveis, sem que houvesse nunca naquella generosa piedade diminuiçaõ, e só lhe era penoso naõ ter com que os remediar. Em hum dia, parece, que naõ tendo que dar, lançou pela janella a sua cama a hum pobre. Quem sendo Principe da Igreja dá a cama, he certo, que naõ tem alfayas preciosas de que se valha, se he, que o mendigo lhe naõ pedio cama para algum doente, e a sua fervorosa charidade naõ quiz, que se dilatasse na compra o remedio da afflicta necessidade, de quem enfermo naõ tinha, em que descançar. Em outra occasiaõ se chegou a elle hum Fidalgo, e lhe representou a penuria em que se achava, (que se naõ offende a nobreza dos progenitores em manifestar aos Prelados, obrigados a dar esmola, e a que a distribuaõ com aquelles, que naõ tem meyos de conservar o decoro das suas casas.) Respondeo o Arcebispo com animo agradavel, que logo mandaria a sua casa o Esmoler; a este o encarregou sem dillaçaõ. Passaraõ-se quinze dias, e obrigado do que padecia, tornou o Fidalgo a lembrar a sua pobreza, ao que o Arcebispo voltou, que já a sua casa mandara o seu Esmoler, e o Fidalgo, que naõ apparecera nella tal homem; e despedindo-se descontente, chamou o Prelado o Esmoler, e justamente sentido, lhe

per-

perguntou, como tinha faltado em levar duzentos cruzados, que lhe ordenara, à caſa daquelle Fidalgo? Senhor, aſſim he, que me mandaſtes; mas eu fuy a ſua caſa, e entrando, vi a Senhora della rodeada de Ayas, ſervida de criados, e corrido me retirey ſem dar a eſmola, por me parecer impropria naquelle fauſto; a que o Arcebiſpo reſpondeo: Sem demora lhe levay quinhentos cruzados, e pela ſua cathegoria lhe deputou ordinaria na ſua folha; deixando neſte areſto hum irrefragavel argumento, em que ſe deve medir a eſmola pela peſſoa, e que a naõ deſmerece pelos gaſtos licitos, quem na qualidade os califica. Sendo taõ liberal para os pobres, que nunca negou couſa alguma, que ſe lhe pediſſe pelo amor de Deos, foy com a ſua peſſoa muy parco: della cuidava muy pouco, ou nada; porque todo o ſeu diſvelo era remediar ao proximo. Era de animo taõ ſincero, que nunca cuidou mal de ninguem; taõ candido, que ſempre as ſuas obras foraõ demoſtradoras da pureza da ſua alma. Unio a muito amor de Deos, e do proximo, hum natural deſprezo da ſua peſſoa: de ſorte ſe abatia, que ſendo pelo naſcimento Illuſtre, elle ſe tinha, naõ ſó por humilde, mas por vil; e por mais que o ſeu cuidado pertendia encobrir as ſuas virtudes, ellas meſmas ſe manifeſtavaõ com confuzaõ da ſua humildade. Sendo já velho ſe macerava com jejuns, ſem que os annos o eximiſſem das abſtinencias; tanto pode o coſtume, e a virtude, que dá forças à meſma debilidade da natureza. Era taõ parco no comer, que parecia continuada abſtinencia o ſeu ſuſtento. Açoutava-ſe com tanta crueldade, que rompida com os golpes a carne em feridas corria o ſangue, a querer manifeſtar a ſua tyrannia, a que com advertencia acodia, prevenindo-ſe com hum avental de eſtopa, para que tomando nelle o ſangue, ficaſſe occulto no ſegredo eſte rigoroſo ſacrificio. Depois de açoutado, veſtia hum cilicio inteiro, e com eſta aſpera camiza conſolava as abertas feridas, com que tinha caſtigado o ſeu caſto corpo. Na oraçaõ perſeverava por muito tempo, tratando de continuo com Deos, tendo o ſeu fervoroſo eſpirito as conſolações, que merecem os fieis Servos de Deos. Só aqui tinha a ſua alma jubilos; porque tudo o que naõ era interior trato com Deos, lhe era violento. Finalmente elle tinha diſpoſto a ſua vida como hum dos mais obſervantes Religioſos,

ligiosos, sem mais desejos, que o bem das suas ovelhas, e o augmento do seu espirito. Livre de ambiçaõ estava o bom Prelado, quando de repente se vio metido no governo politico do mesmo Reyno, de que era natural, sendo hum dos Governadores, que ElRey Filippe nomeou no anno de 1594 a este Reyno, quando o Cardeal Archiduque Alberto, largando a purpura, passou a dar a maõ de esposo à Infanta Dona Isabel Clara Eugenia, Condessa de Flandes. Foraõ nomeados o Arcebispo Dom Miguel, os Condes de Portalegre Dom Joaõ da Sylva, o de Santa Cruz Dom Francisco Mascarenhas, o de Sabugal Dom Duarte de Castellobranco, e Miguel de Moura Escrivaõ da Puridade. Naõ era este o genio do Arcebispo, por naõ embaraçar com cuidados terrenos as celestes contemplações. Vio-se livre do governo, respirou o espirito, naõ era o trabalho, o que lhe cansava o animo, era entender com materia fóra do seu estado: logo começaraõ a correr as dependencias da Mitra à sua satisfaçaõ, tratando sómente do governo das suas ovelhas, que apascentadas do seu exemplo, e da sua doutrina, logravaõ de huma suave conservaçaõ: tudo era paz, e concordia. Os Regulares achavaõ estimaçaõ, e honra no Prelado, que distinguia os merecimentos, e as virtudes; sendo mayor o aggrado para aquelles, que seguiaõ o desprezo do Mundo na observancia da Regra, que professavaõ. Nesta boa direcçaõ vivia o bom Prelado contente, e satisfeito, entre os pobres da sua Diocesi, sem que do Mundo quizesse, nem esperasse outra cousa. Quando no anno de 1615, se lhe encomendou o governo do Reyno, foy grande a repugnancia, com que acceitou o posto de Vice-Rey, e o que podera ser fortuna, em outrem, elle chorava por infelicidade. Via-se despojado do socego, perturbada a direcçaõ da sua vida, e obrigado a largar o recolhimento do seu espirito, por attender às confuzas vozes de hum Reyno, em que o largo despacho lhe havia de consumir o tempo. Desta sorte constrangido, se encarregou deste lugar, fazendo sacrificio da sua grande repugnancia; porque em todo o caminho sabem os Servos de Deos buscar meyos de o agradar. Com a obrigaçaõ do cargo deu-se a conhecer melhor: no exercicio delle luzio: naõ se augmentou; porque como havia nascido para todos os empregos grande, com todos se

ajun-

ajuſtava de ſorte, que ſó ſe igualava a ſi meſmo. Para fazer publica a diſplicencia, que tinha do lugar, e o quanto ſatisfeito eſtava na ſua caſa, naõ quiz largar eſta pela habitaçaõ do Real Palacio; e aſſim com animo ſanto deſprezou as grandes prerogativas do poſto, naõ admittio guardas à ſua peſſoa; nem quiz mais acompanhamento do que o dos pobres, que o cercavaõ, quando entrava, e ſahia de caſa. Pela manhãa hia ao Paço, e ſe recolhia à noite a ſua caſa: como naõ cuidava na ſua peſſoa, ſenaõ na utilidade dos pretendentes, fugia de todas as occaſioens magnificas, que inventou a vaidade por decoro dos lugares. Nos dias Santos feſtivos, e publicos de Tribuna, naõ apparecia na Real Capella; como quem queria as devoções por ſatisfaçaõ do eſpirito, e naõ por mageſtoſo apparato da ſoberania. Frequentava as Audiencias, em que era util à ſua peſſoa, ouvindo com paciencia a todos os pretendentes: deſpachava com juſtiça: naõ havia queixoſos; porque a todos era notorio a inteireza do Vice-Rey: ficavaõ contentes os deferidos: os mais naõ ſe queixavaõ; porque em ſeu tempo naõ foraõ os benemeritos preteridos. Feliz governo em que ſó a juſtiça foy arbitra dos merecimentos! Mas naõ he muito, que as ſuas acções foſſem acclamadas com voz commua por acertadas, ſe eraõ de hum homem deſpido dos affectos humanos, cujo trato era continuo com Deos, a quem ſó deſejava agradar; e porque eſtas eraõ as maximas da ſua politica, por iſſo ſe calificavaõ nos olhos do Mundo as ſuas acções. Aos que reconhecia pobres, e benemeritos dava dinheiro, com que podeſſem ir a requerer à Corte. Procurou com muita vigilancia, que a ſua familia viveſſe de ſorte, que naõ mereceſſe nota indigna de criados de Prelado, e com o ſeu exemplo conſtrangia a ſerem graves, honeſtos, e comedidos; e a eſtes ordenou naõ aceitaſſem petições de pretendentes, para que os papeis ſeguiſſem a repartiçaõ dos Miniſtros, a quem tocavaõ, por evitar confuſoens, que de ordinario ſaõ no deſpacho univerſal grande embaraço, tirando com eſte methodo as dilações, e as queixas. Havia hum Decreto para naõ conſultar commendas; conheceo o quam pernicioſa era eſta reſoluçaõ, por ſer encontrada aos merecimentos daquelles, que aſſinaladamente ſe tinhaõ diſtinguido no ſerviço da Patria; e aſſim conſultou a huns, e deſpachou a outros. Taõ grande

era

era a fua authoridade, e tanto póde a refoluçaõ no Miniftro, onde fó o norte he a juftiça, e o amor dos povos. Em poucos dias fez cento e vinte confultas, de que fó defpachou treze a Corte de Madrid; porque com grande ciume deftribuia as merces. Em tudo o noffo Vice-Rey obrou de forte, que o feu governo conhecidamente fe aventajou ao dos feus antecelfores, fendo huma perfeita idéa para aquelles, que chegaõ a lugares taõ grandes, e confufaõ de outros, que naõ tem mais que nomes de Governadores, fendo fómente tyrannos dos póvos, e huns aflojadores do Patrimonio Real. Defta forte manejou os negocios politicos com tanta inteireza, que deixou aos vindouros, fobre folida virtude, honrada memoria. Naõ houve em feu tempo obra virtuofa, em que naõ quizeffe ter parte. Quando o virtuofo Varaõ Luiz Alvarez de Andrade, de quem fe faz honorifica mençaõ a 3 de Abril, inftituio publica na Cidade a devoçaõ dos Santos Paffos, naõ fó lhe deu licença, mas com elle andou correndo as ruas, e demarcando os lugares mais decentes, em que fe collocaffem as fagradas Imagens do noffo Redemptor. Ardeo em grande zelo do culto Divino; e affim com liberal maõ deu groffas efmolas para o ornato dos Altares, naõ fe contentando a fua generofa piedade com o preciofo, fenaõ, que foffem fervidos com grandeza. Finalmente cheyo de annos, e merecimentos, recebeo com alegre femblante a nova da fua morte, pela qual entrou em a Bemaventurança a lograr o premio da fua virtuofa vida.

Fr. Chriftovaõ Rangel Dom.

C Em Goa, Corte do Eftado da India Oriental, no Convento de Saõ Domingos, acabou em o Senhor o Padre Frey Chriftovaõ Rangel, Miffionario da dilatada Ilha de Timor, que o Ceo lhe tinha diftinado para theatro das trabalhofas fadigas do Evangelho. Embarcou-fe em demanda defta Ilha, para ver fe naquella gentilidade achava caminho de introduzir a prégaçaõ de Jesu Chrifto: aportou com profpera viagem no Reyno de Silabaõ, onde foy copiofo o fruto do Senhor, que colheo naquellas incultas terras. Perfuadio a verdade a ElRey, e abraçou a Ley do Evangelho, com toda a fua cafa, e no Reyno deu liberdade de conciencia. Era grande o contentamento do Servo de Deos de ver abertas publicamente as portas para o Evangelho, e affim de confentimento do Rey voltou a Larantuca, donde viera, para trazer os ornamentos ne-

ceffarios

cessarios para o culto Divino da nova Igreja, que fabricava; começando esta obra pela elevaçaõ da Sagrada Cruz, que fez lavrar do precioso páo de sandalo. Determinou-se dia para esta ceremonia, que foy hum Domingo: pegou Frey Christovaõ em hum braço da Sacrosanta Cruz, e ElRey de outro, assistido da sua Corte, e de hum grande numero de povo; e desta maneira foy levada ao lugar determinado, e se alvorou com grande festa; seguindo-se a esta acçaõ de piedade, dar o Rey, em demonstraçaõ do seu gosto, hum banquete geral. Frey Christovaõ, que naõ perdia tempo, valendo-se da occasiaõ, explicou ao Rey, e mais Neophitos, os principaes Mysterios da nossa Santa Fé, em que brevemente os instruio, e os poz capazes de receberem o Sagrado Bautismo. Acabada a obra da Igreja, e ornada com policia, ainda que com pobreza, disse nella a primeira Missa aos Christãos da sua companhia, ficando aquella Cidade purificada com a real assistencia de Christo, e aprazou o dia, em que havia de regenerar no Baptismo novos filhos à Igreja Catholica. Bautizou a ElRey, pondo-lhe por nome Dom Christovaõ. Seguio a Corte o seu exemplo, e grande numero de povo, que o zeloso Missionario tinha já instruido nos principaes Artigos da Santa Fé, e com naõ pequeno trabalho, para arrancar daquella Gentilidade os barbaros costumes, com que se tinhaõ criado na devassidaõ das torpezas, na continuaçaõ das superstições, em que a sua idolatria os havia submergido. Era grande o amor, que Frey Christovaõ tinha àquellas novas plantas do Christianismo: crescia a olhos vistos a Seara do Senhor; o que vendo o inimigo commum, o naõ pode sofrer, sem que lhe lançasse a zizania, tomando por instrumento huns Mouros, que residiaõ na Ilha; e assim procurou de tirar a vida ao Servo de Deos, para que faltando-lhe a doutrina, perecesse todo o fruto do seu trabalho; para o que lhe deraõ peçonha em hum caldo, e apenas o poz à boca, quando começou a sentir em agonias os funestos effeitos, que lhe promettia a actividade daquelle veneno. Porém como a terra produz ao mesmo tempo maravilhosos contravenenos, os tomou logo, para o que contribuio a sua robusta natureza, resistindo à morte; mas ficou taõ cortado, e destituido de forças, que rendido da fraqueza, naõ podia seguir os effeitos da

ſua vontade, para continuar com o trabalho da prégaçaõ, que com tanta gloria de Deos tinha principiado; e aſſim foy levado para Larantuca, onde, ainda que melhorou, já mais pode reſtituirſe às antigas forças. Pelo que obrigado por ſeus ſuperiores, foy levado a Goa, com o Padre Frey Gaſpar de Santa Maria, tambem impoſſibilitado por doente; e recebidos os Sacramentos com muita devoçaõ, deu glorioſo fim à ſua vida.

D No Moſteiro da Madre de Deos de Monchique, Comarca do Porto, a ditoſa morte da Madre Sor Iſabel dos Reys, Religioſa taõ obſervante, que em huma ſumma pobreza, amor do proximo, zelo da ſua Religiaõ, e rara humildade, fez os fundamentos da obſervancia Religioſa, com tal perfeiçaõ, que mereceo ter da boca de Chriſto Crucificado novos dictames para a prefeiçaõ do ſeu eſpirito.

Sor Iſabel dos Reys Franciſcana.

E No meſmo dia, em Saõ Roque, Caſa Profeſſa da Companhia de Jesu, o Padre Diogo Alvarez, Religioſo de elevada contemplaçaõ, em que era continuo, merecendo por ella alcançar do Altiſſimo, por eſpecial favor, ſaude a hum mancebo da primeira nobreza, ſem mais remedio, que recitarlhe o Evangelho de Saõ Joaõ. O meſmo effeito exprimentou outro, que padecendo na garganta o tyranno mal de hum carbunculo, já deſconfiado dos Medicos, ſem eſperança nos remedios humanos, com o ſinal da noſſa Redempçaõ, foy reſtituido por interceſſaõ do Servo de Deos a inteira ſaude.

O Padre Diogo Alvarez da Companhia.

F Em o Moſteiro da Roſa de Lisboa, a Madre Sor Branca, ſua ſegunda Prioreſſa, a quem o Senhor chamou ao eſtado de Religioſa, com circunſtancias dignas de admiraçaõ; pois recolhendo-a ſeus pays neſte Moſteiro, para lograr da devota educaçaõ de ſua tia Dona Joanna de Ataide, que era Fundadora, em quanto lhe naõ davaõ digno eſpoſo à ſua qualidade, e com eſta criaçaõ inclinaſſe a vontade da tia, que era rica, a que de ſeus bens fizeſſe mayor o dote. Recolheu-ſe Dona Branca aos Clauſtros do Moſteiro, ſem penſamentos de que foſſem ſua habitaçaõ; antes com firmes eſperanças de lograr o Mundo, ſem as prizões dos votos. Aſſim procurava ter eſtado mais deſembaraçado, ſuppoſto que decente. Naõ faltava quem com inclinaçaõ, e igual naſcimento a pretendia para eſpoſa, e neſta conformidade ſeguia a pretençaõ, fazendo da aſſiſtencia merecimento. Chegou hum dia à roda do

A Madre Branca Dominica.

Mosteiro, quando nella achou hum frade grave no aspecto, severo no modo, que lhe perguntou, que buscava naquella casa? e dizendo-lhe, que a Dona Branca, de quem era parente, nem ella vos póde fallar, nem vós lhe sois nada. Esta reposta seca, e cheya de valor, abateo de sorte os pensamentos do amante mancebo, que corrido, e confuso perdeo com este successo, naõ só a inclinaçaõ, mas até a memoria daquelle lugar. Mas Dona Branca, ignorante daquelle mysterioso encontro, presistia nos seus pensamentos, calificando a sua resoluçaõ, com o exemplo de tantas Santas, como venera a Igreja Catholica, que do thalamo foraõ conduzidas ao Ceo; e assim com devoções, implorava de Deos o caminho desta pretençaõ, quando no ardor destas devotas supplicas, lhe appareceo o Redemptor do Mundo, coroado de espinhos, com a Cruz às costas, e lhe disse: que se naõ cançase, que nenhum outro Esposo teria, senaõ a elle. Estas singulares palavras lhe mudaraõ os pensamentos do Mundo, e a fizeraõ abraçar a Religiaõ, com tal gosto, que mostrou na sua vida estava vigilante esperando pelo Esposo; e assim acabou, deixando entre as Religiosas opiniaõ de Santa.

A Madre Sor Francisca da Sylva Dominica.

G Item no mesmo Mosteiro, se conserva com veneraçaõ, a memoria da Madre Sor Francisca da Sylva, de tanta piedade, e observancia, que foy duas vezes Prioressa, sendo tal a doçura, e suavidade do seu animo, que aquellas primitivas Religiosas a desejaraõ perpetua no lugar, se o naõ encontraraõ as Leys da Ordem, que soube observar com pontualidade. Foy taõ charitativa com os pobres, que mereceo pela sua compaixaõ gloriosas recompensas da Divina Providencia. Hum dia, em que a necessidade do Mosteiro era extrema, chegando afflicta à roda a mandar pedir algum dinheiro emprestado, lhe pedio hum pobre esmola: compadecida da necessidade lhe deu tres moedas de cobre, que com sigo trazia, com pezar de naõ ser mais aventajada, por ser aquelle todo o dinheiro da Communidade. Esta boa vontade lhe retribuio logo o Senhor liberalmente; porque apenas se tinha despedido o pobre, quando hum homem desconhecido, chamando a Prelada à roda, lhe deu vinte mil reis em moedas de ouro; e querendo ella aggradecerlhe com alguns doces, como costumaõ as freiras, o recusou elle, dizendo, que onde se padecia ne-

ceſſidade naõ tinha lugar a recompenſa. Era iſto em tempo, que a Cidade de Lisboa padeceo huma terrivel peſte, que inda hoje com horror ſe nomea grande: determinaraõ as Religioſas naõ deſamparar o ſeu Moſteiro, e aſſim padeceraõ muito; porque a Cidade ſe deſpovoara dos que tinhaõ que dar, e aſſim qualquer eſmola parecia ſoccorro do Ceo; pois o meſmo homem, paſſado tempo, voltou com igual quantia, que mandou entregar à Prelada, naõ duvidando as Religioſas que era virtude da Prioreſſa aquella eſmola, fazendo mais irrefragavel eſta opiniaõ, quando vendo-ſe ſem dinheiro pedia em outra neceſſidade ao Capellaõ, lhe procuraſe algum, para remediar a Communidade. Eſtando neſta pratica, chegou a Madre, a cujo cargo eſtava o governo da Caſa, requerendo dinheiro para compra daquelle dia; voltou a Prioreſſa para o Capellaõ, para que eſcutaſſe o que lhe diziaõ; porque ella naõ tinha de ſeu mais que hum toſtaõ; e porque requeria brevidade a Madre, confiada na Providencia, ſe foy ao lugar em que tinha o toſtaõ, e achou nove mil reis em ouro; e dando conta ao Capellaõ, ſe puzeraõ de joelhos a agradecer ao Senhor as miſericordias, que com ella obrava, em ſatisfaçaõ das Divinas promeſſas, as quaes depois foy receber na companhia dos Santos.

Sebaſtiaõ Gomes M.

H Em Arzilla, Cidade de Africa, o glorioſo Certame de Sebaſtiaõ Gomes, o qual ſervindo de Soldado na Praça de Tanger, foy cativo pelos Mouros; e ſendo-lhe perguntado, aſſim que o tomaraõ, ſe era bom ſer Mouro? Como eſtava entre elles, diſſe, que ſim; e pondo-lhe hum barrete vermelho na cabeça, o levaraõ a Arzilla; e fazendo-lhe perguntas, ſe era Mouro, reſpondeo conſtantemente, que naõ; porque era Chriſtaõ: e ſendo levado à preſença de Mahamet Bembucar, lhe perguntou ſe era Mouro, a que reſpondeo o que tinha paſſado, e que nunca quizera ſer Mouro, nem fizera as acções, e ceremonias dos Mouros, que coſtumaõ fazer os apoſtatas da Fé de Jesu Chriſto, a qual elle profeſſava, e por cuja confiſſaõ eſtava prompto para dar a vida entre os mais aſperos tormentos, como quem abominava a falſa ley de Mafamede. Indignado o Mouro, o mandou atar a hum páo, e acanavear pelos rapazes, com canas agudas, eſtando neſte martyrio conſtante, invocando o altiſſimo Nome de Jesus, e Maria, com

grande

grande valor, e Christandade, acabou a vida neste dilatado martyrio: depois foy o seu corpo queimado, e as cinzas lançadas no mar; porém a sua alma, coroada com a laureola dos Martyres, sobio a receber o premio eterno.

Commentario ao I. de Julho.

A OY tanta a erudiçaõ, com que o Licenciado Jorge Cardoso, deixou tratado os dias 14 de Mayo, e 25 de Junho, este da conversaõ, e aquelle do transito de Saõ Frey Gil, que apenas nos ficou que dizer no texto da sua trasladaçaõ, a qual pomos neste dia, mais por nos conformarmos com a authoridade de taõ erudito Escritor, que a promette no Commentario do dia do Santo, para este, do que por documento que no lo persuada; pois das *Chronicas de Saõ Domingos*, se collige o contrario, dizendo, que em o primeiro de Julho do anno de 1271, appareceo a Frey Joaõ de Santarem, Porteiro do Convento, para que o manifestasse ao Prior; e dilatando-se este na execuçaõ do aviso, diz assim. Passaraõ dias, fez o Santo segunda lembrança, e que prégou o Prior no Domingo seguinte ao povo, e que nelle aprazou o dia em que se havia de executar a revelaçaõ, com que claramente se vê, que o dia primeiro de Julho, foy o da appariçaõ ao Porteiro; porém a trasladaçaõ se seguio depois de passados dias; e como naõ podesse alcançar qual fosse, por essa causa tomou o primeiro de Julho, aquelle em que o Santo determinou a sua trasladaçaõ, o que nós seguimos, por nos conformarmos com a authoridade do referido Author. Foy solemnizado o sobredito acto, com grande alegria dos Religiosos, e concurso do povo; e levado o Santo Corpo por quatro Religiosos graves, ao lugar, em que se celebrou a Missa, para a qual se compuzeraõ as seguintes Orações, naõ pomos a primeira, por já andar no Commentario do dia da sua festa.

SECRETA.

B*Eati Ægidii, quæsumus Domine intercedentibus meritis gloriosis munera hæc placatus accipias, & grata tribue offerre dona, quibus tribuisti, & offerre officia. Per Dominum, &c.*

POST COMMUNIONEM.

O*Blato, Domine, salutis nostræ exordio ejus concede nos adjuvari suffragiis de cujus confisi meritis, hæc tibi sacramenta voce libamus, & mente. Per Dominum, &c.*

Depois de metido no sepulchro, que se lhe tinha lavrado com mais veneraçaõ, que grandeza, pois a naõ permettia, nem a estreiteza do lugar, nem a moderaçaõ dos tempos antigos. He grande a face de fóra, lavrada de humas folhagens, e por inscripçaõ huma Imagem do Santo, entalhada de relevo na pedra, que o cobre. Trata deste Santo, além dos que já traz appontado o terceiro tomo do *Agiologio*, a fol. 252, o Padre Fr. Luiz de Sousa, de cujos admiraveis escritos (nunca assaz louvados) tiramos o referido, se bem com confusaõ da nossa insufficiencia, por vermos reduzido ao desalinhado desta relaçaõ, o que com tanta elegancia de estylo, e pureza da nossa lingua escreveo, para eterno padraõ da sua memoria, na I. Parte da *Historia de Saõ Domingos*, liv. 2. cap. 24. fol. 119, e os Doutissimos Padres Daniel Papebrochio, Godefredo Henschenio, Conrado Janningno, da Companhia de Jesu, na sua grande Obra: *Acta Sanctorum*, que em dilatados volumes, corre com universal applauso dos eruditos, no dia 14 de Mayo, no Tomo III. daquelle mez.

B Da preclara familia de Castro, nasceo Dom Diogo de Castro, chamado o Magro, Capitaõ de Evora, que foy Alcaide mór de Alegrete, Mordomo mór da Princeza Dona Joanna, mulher do Principe Dom Joaõ, filho de ElRey Dom Joaõ III. de cujo Conselho tambem foy. Casou com Dona Leonor de Ataide,

de, e deste matrimonio nasceo filho quinto Dom Miguel de Castro, irmaõ de Dom Fernando de Castro, I. Conde de Basto, que foy o Senhor da Casa, e seguindo a vida Ecclesiastica, veyo a ser Arcebispo de Lisboa, e hum dos mayores Prelados, que occuparaõ a Cadeira desta Igreja. Morreo no anno de 1625, em este dia, havendo quarenta annos, que em outro semilhante tinha tomado posse. Instituío na Sé seis Capellas no anno de 1601, cujos suffragios vio logrados por vinte e quatro annos. Tem estes Capellaens, com obrigaçaõ de residir no Coro. Deste virtuosissimo Arcebispo, achamos muy curtas memorias (queixa que sem remedio havemos repetir muitas vezes no discurso desta Obra, pela pouca curiosidade, que tiveraõ os antigos, e seguem tambem os modernos) todas se reduzem a que era tido por Santo, que a tradiçaõ nos confirmou sempre, sem que se individuassem as suas virtuosas acções, que foraõ muitas em a sua dilatada vida. Foy a sua morte geralmente sentida, naõ só porque a morte dos Justos a todos causa enveja, mas porque na sua charidade perderaõ os pobres o prompto remedió das suas necessidades. As Religioens desta Cidade, foraõ por oito dias, cantarlhe particular Officio à Sé; naõ sabemos, que com outro algum Prelado fizessem as Religioens outra taõ expressiva demonstraçaõ, justo reconhecimento do que os Regulares lhe deveraõ, e muito bom fora que em todo o tempo experimentassem o mesmo; o que sem duvida será se os Prelados das Igrejas Lusitanas, tomarem por exemplar a vida deste Santo Arcebispo, e de outros muitos, que no largo discurso desta Obra lhes havemos de propôr, em os quaes o zelo das suas Igrejas, era igual à virtude que exercitavaõ, sem que se esquecessem das isenções alheas, por diantarem a sua jurisdiçaõ; pois conservando no seu foro o que a Santa Sé Apostolica tinha approvado, viviaõ sem perturbaçaõ, estimando aquelles, que tanto os servem, ou seja no Pulpito, ou no Confessionario, ou com o conselho. He certo, que as Religioens saõ huns coadjutores, que os Prelados tem para o bom expediente das afflições espirituaes das suas ovelhas, sem que dellas lhe tirem mais, que alguma espontanea esmola. Foy o Arcebispo Dom Miguel, LI. na ordem dos Prelados, que governaraõ esta Igreja, VII. Vice-Rey de Portugal. Era de animo generoso, com grande amor à Patria: em seu obsequio deu dous mil cruzados, para ajuda do soccorro, que se mandou à Bahia, quando a invadiraõ os Olandezes. O seu Retrato se conserva na casa do Cabido desta Sé, e foy o primeiro Arcebispo, que o Cabido com veneraçaõ mandou retratar. Depois o fez tambem ao Illustrissimo, e virtuoso Prelado Dom Rodrigo da Cunha, e em nossos tempos ao Eminentissimo Cardeal de Sousa, a cuja generosidade se reconhecia o Cabido summamente obrigado; de sorte, que lhe concedeo faculdade, para abrir de sua casa, para a Igreja da Sé huma Tribuna, o que nunca quiz consentir a outros Prelados (tanto póde o acolhimento dos Principes, que faz amor ao subditos) e estes saõ os unicos tres Retratos, que o Cabido tem na sua casa Capitular, como Estatuas, que levantou o seu agradecimento à memoria destes Arcebispos. No do Arcebispo Dom Miguel, tem hum letreiro, com que o dá a conhecer; nelle se diz, que morreo a 30 de Junho, que devia ser erro do Pintor; mas nelle cahiraõ alguns curiosos, como vimos em suas memorias. Consta, que faleceo no dia, em que fazemos delle memoria, às duas horas da tarde, em huma terça feira, do assento que o Cabido fez, quando convocou a Sé Vacante, o qual he escrito por Joanne Mendes de Tavora, Conego Magistral, e depois Bispo de Portalegre, e Coimbra, e se guarda em hum livro, no Archivo do Cabido, que nos mostrou o Cartorario Francisco Barreiros de Carvalho, Conego desta Sé, e depois Prior môr da Ordem de Santiago; como tambem o Martyrologio, que se lê no Coro, onde neste dia tem à margem a memoria seguinte. *Hac die obiit Michael de Castro, hujus Ecclesiæ Archiepiscopus anno M.DCXXV. ejus Choro Præsbiteros sex nutu capituli amobiles, & pro ejusdem animæ æternum sacrificaturos addixit, quorum annonæ, piisque aliis operibus annum sexcenties, & quinquagies mille Regalium censum statuit. Eandem Ecclesiam Pontificali ornamento tredecim mille aureis æstimato; ex auro à tela trilicis texturæ phrigionis opera laborato, omni ex parte absoluto donavit. Capitulum verò solemne IX. lectionum anniver-*

niversarium VI. Idus Januarii celebrandum in tanti muneris gratiam rependit. Està enterrado em sepultura raza à entrada da porta, com este breve Epitafio.

Dom Miguel de Castro, Arcebispo, que foy de Lisboa, se mandou enterrar neste lugar: pede lhe lancem agua benta, e lhe rezem hum Pater noster, e huma Ave Maria, faleceo ao 1 de Julho de 1625.

Delle fazem succinta lembrança Fr. Fernando da Soledade, na *Historia Serafica*, part. 4. liv. 4. num. 766; Frey Simaõ da Luz, Dominico, no *Sermaõ das suas Exequias*, impresso no anno 1626, em Lisboa; Argaiz, na *Soledade Laureada*, tom. 4. fol. 64, e erradamente poem a sua morte no anno 1623; Faria, na *Europa Port.* tom. 3. part. 1. cap. 1. n. 34. O Padre Francisco da Cruz, nas memorias, que tinha junto para a *Bibliotheca Lusitana*, e se conservaõ na livraria de Dom Francisco Xavier de Menezes, Conde da Ericeira; Frey Pantaliaõ de Aveiro, na *Dedicatoria do seu Itinerario*, impresso no anno 1596; Affonso de Torres, no seu *Nobiliario m. s.* com mais larga memoria.

C A Ilha de Timor, situada no Occeano Oriental, ao Meyo Dia das Malucas, e a mais apartada daquellas, que ficaõ ao Oriente da grande Java, tem sessenta leguas de comprimento, e quinze na sua mayor largura: he celebre pela producçaõ do páo sandalo branco, que cría em grande abundancia, estimado pela suavidade do cheiro, e serventia medicinal, a que daõ infinitos usos todas as Provincias do Oriente: he hum genero de arvores de ramos dilatados, que se criaõ nos montes daquella Ilha, em lugares altos, asperos, e secos, em naõ menos abundancia, que o mato ordinario das nossas terras; mas com tal prestimo, que a madeira, e rama he singularmente estimada, sem que necessite de beneficio mais, que o da natureza, para se servirem delle; e assim naõ lhe custa mais que cortalo para o vender. Chamaõ-lhe os naturaes *chandava*, e os Persas, e Arabes com corrupçaõ *sandal*, e as mais Nasções *sandalo*: produz huma baga como de loureiro, mas quadrada, a qual comem as Aves, nascendo, do que digerem, novas arvores, como acontece ao cravo de Maluco. Os naturaes saõ muy barbaros, e pouco polidos; o seu comer de ordinario he carne de bufaro, e cabra, com sangue, e pelle, apenas quente ao fogo; uso que para elles foy novo, de sorte, que passáraõ sem elle muitos seculos: saõ taõ simples, que imaginaõ, que os que morrem vaõ viver à Malaca; e assim os que vaõ desta Cidade, lhe tem feito algumas peças graciosas, porque elles em vendo algum assimilhado ao morto lhe entregaõ os bens, que tinha deixado, e alguns os receberaõ com desembaraço. Pedro Teixeira, nas suas *Relações* fol. 111, conta destes Gentios muitas cousas, e que nesta Ilha tambem ha canella. Entre elles naõ ha moeda alguma, e assim daõ o sandalo, a troco de outros generos, ainda que vís, de que necessitaõ para o uso quotidiano. He abundante de cera, e mel: os nossos mercadores de Malaca, vaõ buscar o sandalo, e aberto o comercio com a gente desta Ilha, entraraõ os operarios do Evangelho, da Religiaõ de Saõ Domingos; sendo o primeiro Frey Antonio Taveira, no anno 1556, a quem a *Historia de Saõ Domingos*, de Sousa, part. 3. liv. 4. cap. 19. fol. 375, chama o primeiro Apostolo della. Depois no anno de 1587, passou à dita Ilha Frey Melchior da Luz, de quem faz mençaõ Cardoso, no *Agiologio Lusitano*, no dia 6. de Junho. Porém passados depois muitos annos, movido do zelo da conversaõ das almas, entrou nesta Ilha Frey Christovaõ Rangel, sendo como primeiro Missionario; pois o tempo tornou aquelles Gentios, aos seus barbaros costumes, que com grande trabalho lhes arrancou do coraçaõ, até que em obsequio da Fé, lhe deraõ peçonha, que foy a causa da sua morte, no anno de 1662, sendo hum dos mais esclarecidos Religiosos, que teve a familia de Saõ Domingos no Oriente: merecendo pelos seus trabalhos, e zelo da Fé gloriosos elogios. Succedeu-lhe nesta Missaõ Frey Bento Serraõ, delle faz memoria neste dia Soveges, no *Anno Dominicano*. Lima, no *Agiologio Dominico*, e huma Relacaõ, que se imprimio de ordem de Frey Antonio da Encarnaçaõ, no anno de 1665.

He

D He o Mosteiro de Monchique, hum dos amenos jardins da Observancia de Saõ Francisco, pela grande perfeiçaõ das suas habitadoras, em que naõ tem menor lugar a Madre Sor Isabel dos Reys, cuja memoria he muy venerada das suas Religiosas, pela tradicaõ de que lhe fallou o Santo Christo da Portaria, Imagem devotissima, e milagrosa, a que aquella Communidade tem huma especial devoçaõ. Foy sua morte no anno de 1643, de que faz mençaõ o Padre Frey Fernando da Soledade, na IV. Parte da *Historia Serafica*, liv. 3. cap. 28. n. 616, a cujo estudo, e incansavel trabalho deve a Provincia de Portugal lograr em pouco tempo a perfeiçaõ de suas Chronicas, escritas com elegancia, e erudiçaõ, e todos os amantes da curiosidade achar nelle hum archivo de todas as noticias da sua Provincia, devendo nós em gratificaçaõ da boa amisade que lhe devemos, em nos dar de boa vontade todas as memorias, em que o occupamos da sua Provincia, esta breve lembrança, que poderá ser tenhamos encontrado com poucos sogeitos nas Religioens, que o queiraõ fazer, o que com magoa nossa repetimos, como se fora possivel sernos presente, o que passou dentro nos seus Claustros, e naõ fora gloria sua o serem as suas acções publicas à veneraçaõ do Mundo.

E Naõ temos deste Servo de Deos mais noticias, que as que deixamos escritas no texto, o qual morreo no anno de 1596, e tiramos do Padre Joaõ de Nadasi, no seu livro intitulado: *Annus Dierum memorabilium Societatis Jesu*, na II. Parte, em este dia.

F Naõ apontaõ as Chronicas da Ordem de Saõ Domingos, o anno em que faleceo Dona Branca, nem de nenhuma sorte póde ser o que lhe dá o Author do *Agiologio Dominico*, de 1500; porque a fabrica deste Mosteiro se principiou, em o anno de 1519; e esta Serva de Deos, foy a segunda Prioressa que elle teve, depois de occupar largos annos este lugar, a primeira Prioressa Sor Francisca de Saõ Jeronymo. Tambem lhe naõ damos appellido, ainda que o referido Author, lhe dé o de Ataide; porque o Padre Frey Luiz de Sousa confessa ignorarlhe assim o do seculo, como o da Religiaõ, e só a dá a conhecer, por sobrinha da Fundadora Dona Joanna de Ataide, filha de D. Joaõ de Sousa, Capitaõ dos Ginetes do Infante Dom Fernando, pay de ElRey Dom Manoel, Commendador das Commendas de Ferreira, e da Repreza, e de Alvalade na Ordem de Santiago, Fidalgo de conhecida estirpe, e esforçados feitos, como se vê do seu Epitafio, que tem na Capella môr de Ferreira, foy casado com Dona Branca de Ataide, filha de Joaõ de Ataide, Senhor de Penacova; e supposto buscamos com curiosidade os livros de Familias, a cujo estudo nos leva facilmente o genio, naõ podemos saber de quem fora filha Dona Branca, descuido em que sem reparo tem cahido os nossos Genealogicos, esquecendo-se de ordinario dos que professaraõ na Religiaõ, como senaõ produzissem para o Ceo frutos, que merecessem a memoria de seus Illustres avós; e como Dona Joanna de Ataide, teve por irmaõ Manoel de Sousa, que foy Senhor da Casa, e Commendas de seu pay, de quem nasceraõ muitos filhos, como de sua irmãa a Condessa Dona Maria de Ataide, mulher de Dom Joaõ de Vasconcellos, Conde de Penella, poderá ser que de algum destes irmãos fosse filha Dona Branca, ao que nos ajuda a conjectura de se chamar Branca, como sua avó, e ser conhecida por sobrinha da Fundadora; e por se recolher no Mosteiro da Rosa, será a razaõ, porque falta nos Nobiliarios o seu nome. A Fundaçaõ deste Mosteiro, escreve o Licenciado Jorge Cardoso, no *Commentario* do dia 13 de Janeiro, letra F, nelle dá a conhecer Luiz de Brito, e Dona Joanna de Ataide, por pessoas nobres, sendo que eraõ Fidalgos de esclarecido nascimento; porque Luiz de Brito, era XI. neto por varonia de Dom Pedro de Brito, que se achou na tomada de Lisboa, e tinha vindo na Armada, em companhia de seus irmãos Martinho, e Valtero, e seu tio Dom Lignel, Flamengos; e ElRey Dom Affonso Henriques, o casou com Dona Olaya Mendes, filha de Martim Soares, Senhor da terra de Val Longo, e Dona Joanna de Ataide, era V. neta por seu pay, de ElRey Dom Affonso III. de Portugal, por seu filho illigitimo Martim Affonso Chichorro, casar com Dona Ignez Lourença de Sousa, herdeira de Dom Lourenço Soares de Valadares, e de Dona Maria Mendes de Sousa, da Illustrissima familia dos Sousas, de que se conserva clara descendencia.

cendencia. Tambem naõ podemos deixar de eſtranhar o dizer no meſmo lugar Cardoſo, que naõ conſta, de que Convento foſſem as Fundadoras deſte Moſteiro, ſendo que allega a III. Parte da *Chronica de Saõ Domingos*, do Padre Frey Luiz de Souſa, que inda naõ eſtava impreſſa, e a vio m. ſ. Della conſta ſerem Sor Franciſca de Caſtro, que no Convento ſe chamou de Saõ Jeronymo, Sor Brites dos Reys, e Sor Antonia das Chagas, do Moſteiro de Jeſus de Aveiro, e Sor Antonia do Eſpirito Santo de Santarem, donde por conjectura quer, que ſejaõ as Fundadoras deſta Caſa, e com hum argumento negativo refuta a Frey Luiz de Souſa, de naõ ler em Frey Nicolao Dias, na *Vida da Princeza Santa*; e Lopes, na III. Parte, onde trazem eſtes Authores as Religioſas, que ſahiraõ de Aveiro a Fundar, naõ traga o Moſteiro da Roſa; ao que accreſcenta, que naõ póde ſer veroſimel; porque impetrou a Prioreſſa de Aveiro Dona Maria de Ataide hum Breve do Papa Leaõ X. para ſe naõ poderem tirar Religioſas daquelle Moſteiro, ſem conſentimento da Prioreſſa, e mayor parte da Communidade; ao que facilmente ſe reſponde, que, ou foy antes do Breve, ou depois com eſta formalidade, e que a authoridade de Frey Luiz de Souſa, e Frey Luiz de Cacegas, que vio os Cartorios da Provincia, com aſſaz cuidado peſa mais, do que as dos Authores, que os naõ viraõ; pois da *Hiſtoria de Saõ Domingos* ſe vê; que tudo he provado com eſcrituras; e que o que toca ao Moſteiro da Roſa, ha de ſer tirado dos documentos, que vio daquella Caſa. Fazem mençaõ deſta Serva de Deos a III. Parte da *Chronica de Saõ Domingos*, liv. 2. cap. 3; e Frey Thomás Soveges, no grande *Anno Dominicano*, e huma Recopilaçaõ deſta Obra, por hum Terceiro Dominico, ambos na lingua Franceza, e Frey Manoel de Lima, no *Agiologio Dominico*, todos neſte dia.

G Pelos annos de 1590, foy receber os merecimentos das ſuas virtuoſas obras a Madre Sor Franciſca da Sylva, como diz o *Agiologio Dominico* neſte dia, e de quem faz tambem mençaõ Souſa, na III. Parte da *Hiſtoria de Saõ Domingos*, liv. 2. cap. 3.

H Em o anno de 1646, ſendo Governador, e Capitaõ General da Cidade de Tanger Dom Gaſtaõ Coutinho, depois de ter governado as Armas na Provincia do Minho, onde dos Caſtelhanos, e Galegos, conſeguio repetidas vitorias. Neſta Praça ſervia Sebaſtiaõ Gomes, natural de Alenquer, o qual ſendo cativo, como temos dito, conſeguio pela confiſſaõ da Fé a palma do Martyrio, merecendo deſta ſorte, ſer aliſtado ao immenſo eſquadraõ dos Martyres. Deſte ſucceſſo faz mençaõ o Conde da Ericeira Dom Fernando de Menezes, na *Hiſtoria de Tanger*, liv. 3.

JULHO II.

A A Feſta da Viſitaçaõ da Virgem Santiſſima Senhora Noſſa, celebre em Portugal, alcançou o feliciſſimo Rey Dom Manoel, por eſpecial Breve da Sé Apoſtolica, para ſe feſtejar, como particular do Reyno, e a eſte Myſterio dedicou a Santa Caſa da Miſericordia de Lisboa; e eſte titulo tem todas as Igrejas das Irmandades das Miſericordias do Reyno, cujo devoto Inſtituto ſe acha em todas as Cidades, e Villas principaes delle; e para que foſſe perpetua, e ſolemnemente feſtejada, mandou nas Ordenaçoes do Reyno, que com Prociſſaõ neſte dia celebraſſem os

A Viſitaçaõ de Noſſa Senhora.

Senados das Cameras das Cidades, e das Villas, que com os Cabidos das Sés cumprem todos esta Ley, para testemunho perpetuo da devoçaõ, e piedade daquelle grande Monarca.

B Em a Villa de Almeirim, antiga Corte dos nossos Reys, no Convento de Nossa Senhora da Serra, da esclarecida familia Dominica, está muy viva a memoria do Religioso Padre Frey Thomás da Costa, insigne em Letras, e Pulpito, de que só se servia para proveito das almas, sem que o movesse a continuar este exercicio o universal applauso de ser acclamado pelo mayor Orador, naõ sómente pelo povo, mas pela Magestade de ElRey Dom Joaõ o III. que o fez seu Prégador, sendo-lhe taõ agradavel à sua pessoa, como aos Infantes seus irmãos. Affirma-se deste Padre, que era taõ recolhido, que naõ entrava no Paço a outro effeito mais, que o da Prégaçaõ. Foy taõ humilde, que recusou o gráo de Mestre da Ordem, que por suas letras, e trabalho tinha bem merecido; taõ pobre, que naõ havia na sua cella mais alfayas, do que as que podia ter o mais pobre Frade, sendo que pelas estimações da Corte podera adquirir muito, se a sua cobiça se dirigisse mais, que ao proveito do proximo; e como desinteressado reprehendia com Apostolico zelo os vicios, sem exceiçaõ de pessoa; imprimia de tal sorte a doutrina, que prégava nos corações dos ouvintes, que ao mais obstinado coraçaõ deixava convencido; persuadia com tal elegancia, que de hum unico acto produzia encontrados effeitos. Finalmente cheyo de merecimentos, deu fim ao glorioso curso da sua vida neste dia.

Frey Thomás da Costa Dom.

C Em o Convento de Santo Eloy, da Congregaçaõ dos Conegos de Saõ Joaõ Evangelista, a felice memoria do Padre Jacobo de Santa Maria, que soube acreditar o raro exemplo, com que buscou a Religiaõ, sacrificando a vida em utilidade dos proximos, offerecendo-se espontaneamente com grande animo a servir os feridos do mal da peste, que em aquella occasiaõ padecia a Cidade de Lisboa, até que sendo accometido do mesmo mal, com grande pena da sua charidade, rendeo no mayor fervor do espirito a vida, em obsequio de seu Creador, de cuja vista he de crer está gozando.

O Padre Jacobo de Santa Maria da Congreg. do Evangelist.

D Em Meliapor, na India Oriental, o felice Transito de Frey Antonio Petronio, da Serafica Familia, que pela saude das almas passou a taõ remotos climas, só pela Prégaçaõ do Evan-

Frey Antonio Petronio Francisc.

Evangelho, de que em pouco tempo tirou copioso fruto, dando o Sagrado Bautismo a mais de mil e trezentos Gentios, que com a sua doutrina, se reduziraõ à Fé de Christo, crescendo cada dia o numero dos convertidos, e mais a piedade nos Fieis, de quem tirou piedosas esmolas, com que erigio huma Igreja com o titulo de Saõ Thomé, aonde fazendo muitos serviços a Deos, depois com jejuns, e outras abstinencias, e santas orações, se foy a lograr do premio merecido na eterna Bemaventurança, como testemunha o acharem-no de joelhos morto, orando diante de hum Crucifixo, aos noventa annos de sua idade.

E Neste dia no Mosteiro de JESUS de Vianna, na Provincia Transtagana, fechou com preciosa morte o curso de huma innocente vida a Madre Maria dos Anjos, de taõ louvaveis costumes, e de taõ grande observancia, e Religiaõ, que sendo muy moça, foy eleita Prioressa, officio, que recusava a sua humildade, e facilitou a obediencia, sacrificando a sua vontade ao preceito do Prelado. Seguio sempre huma vida penitente, e mortificada; depois que entrou na Religiaõ naõ comeo carne; frequentou a oraçaõ, em que permanecia largo tempo de joelhos, naõ faltando a nada do que a Regra lhe mandava. Estas virtudes acrisolou na paciencia, com que sofreo largos annos huma hydropesia, que se lhe aggravou de sorte, que feito o corpo em chagas se corrompia, gerando da putrefacçaõ bichos; e podendo o horror do mal causarlhe desplicencia, era tal a sua conformidade, que já mais se lhe conheceo diminuiçaõ; porque resignada na vontade de Deos, nem do que padecia a ouviaõ queixar; e assim constante no que padecia, como quem era fortalecida com a Divina Graça, deixando huma santa enveja nas suas companheiras, acabou em paz.

Sor Maria dos Anjos Jeronyma.

F Item no Convento de Nossa Senhora da Graça, da Erimitica Familia de Santo Agostinho, da Cidade de Lisboa, dormio em o Senhor Frey Manoel de Coina, Religioso de grande observancia, e de muita contemplaçaõ, em que se empregava todo o tempo, que lhe restava das obrigações de Porteiro, em que a obediencia o pozera, para luzir a sua charidade: impossibilitavaõ-lhe as fadigas do officio o buscar a quietaçaõ do espirito; porque a alma suspirava, assim as horas do

Fr. Manoel de Coina Eremita.

ſilencio, e da noite, que he o tempo, que à vida Religioſa ſe deſtina o deſcanſo; entaõ ſe punha Frey Manoel a meditar, e enlevado nas Celeſtes delicias, que o Senhor communica, aos que perſeveraõ neſte ſanto exercicio da Oraçaõ, o acharaõ muitas vezes arrebatado em extaſi, gozando deſte ſuave ſono em que a alma vigiando alcançava ſoberanas intelligencias. Naõ podia deixar de ſer humilde de coraçaõ, quem tanto converſava com Deos; e aſſim ſe exercitou neſta virtude com eſpanto, e edificaçaõ de todos, os que o conheciaõ; ſendo taõ notoria a ſua charidade com os pobres, que quando lhe faltavá com que os ſoccorrer, com lagrimas explicava o ſeu ſentimento, naõ deixando a nenhum deſcontente; porque, ou lhes dava eſmola, ou os edificava com a pena, que tinha, de naõ ter que lhes dar: neſta vida perſeverou, até que foy receber a retribuiçaõ devida na eternidade da Gloria.

Sor Catharina da Encarnaçaõ Dom.

G Em o obſervante Moſteiro do Sacramento, da Cidade de Lisboa, da Dominicana Familia, ſe conſervará ſempre ſaudoſa memoria da Madre Sor Catharina da Encarnaçaõ, de taõ innocentes coſtumes, que ſoube deſde os primeiros annos da ſua florida idade, entre a grandeza do trato da caſa de ſeus pays os Condes de Baſto, conſervar firme o eſpirito da Religiaõ. Tinhaõ eſtes deſtinado a Dona Catharina, para com novas alianças conſervar em glorioſa poſteridade o Illuſtre ſangue dos Caſtros; mas attalhou o ſeu eſpirito eſta prudente politica, fazendo voto de Caſtidade, aos deſaſeis annos da ſua idade, que chegou a cumprir, ſem que por ella paſſaſſem os coſtumados entretenimentos, de que ſe coſtumaõ ornar os tenros annos; porque já nelles foy dotada de hum entendimento prudente, e devoto; e aſſim logo começou a ſe empregar em Celeſtes commercios com o Divino amor. Era de hum eſpirito vivo, a que a curioſidade inclinou à liçaõ da Hiſtoria, de que deu taõ boa conta, que ſoltava todo o ponto, que na ſua preſença ſe duvidava; mas arrependida deſta vaidoſa liçaõ, ſe empregou com todo o cuidado à dos livros eſpirituaes, chorando toda a ſua vida aquelle tempo, que perdera; tendo por inutil todo o que naõ empregou em Celeſte contemplaçaõ. Ainda naõ podia ſocegar no modo de vida, que obſervava; porque lhe faltava o rigor das penitencias, que veyo a conſeguir por meyo do ſeu Confeſſor, recebendo alguns cilicios, e

outros

outros inſtrumentos, com que affligia o delicado corpo, que debilitava com jejuns, e outras mortificações, com que ſuavizava o aborrecimento das galas, que a grandeza da caſa, e eſtado de ſeus pays faziaõ indeſpenſaveis. A eſtes virtuoſos exercicios ajuntava huma ardente compaixaõ do proximo, com quem diſpendia com generoſa charidade, ſentindo naõ poder em ſeu beneficio empregar as opulentas rendas de ſeus pays. Purificou Deos eſta pura alma com doenças taõ repetidas até os vinte quatro annos, que era a ſua vida huma continuada mortificaçaõ, em que acriſolou a paciencia; mas nem por iſſo deixava com viva ancia de deſejar o eſtado de Religioſa, a que ſempre teve eſpecial inclinaçaõ. Creſciaõ as queixas, e quando com penoſos accidentes pareciaõ mais intoleraveis para o eſtado, que pretendia, eraõ eſtas meſmas deſpertadoras da vida, que deſejava. Aſſim reſoluta ſe determinou a fallar a ſeus pays, declarando-lhes, que em voto de Caſtidade tinha conſagrado a Deos a ſua vida, e que com eſta certeza ſe diſperſuadiſſem a lhe dar no Mundo outro eſtado, de que o de Freira Capucha, em cuja pretençaõ a achariaõ firme, até acabar a vida. Eſta pratica ouviraõ os Condes com deſagrado; mas inda aſſim pretenderaõ com razoens convencer a filha, moſtrando-lhe no debil, e delicado da ſua natureza, huma clara prova contra o eſtado, que intentava; pois opprimida dos achaques, que a poſſuíaõ, ſe havia de ver obrigada de eſcrupulo de conſciencia a largar a Religiaõ; pois ſe entre o cuidado, e regalos da ſua caſa naõ podia a ſua natureza vencer os achaques, como ſeria poſſivel ſoportallos entre a auſteridade de huma vida rigoroſa, e penitente? Mas firme Dona Catharina na reſoluçaõ, recorreo a Deos, pedindo-lhe, que com Divina Luz inſpiraſſe em ſeus pays, admittiſſem os ſeus rogos; e em quanto naõ alcançava de Deos feliz deſpacho a eſta ſupplica, aſſentou comſigo viver entre a grandeza de ſeus pays com o humilde traje de Capucha; para o que de repente appareceo veſtida de pano negro, e groſſeiro, com toalha taõ compoſta, que ſe lhe naõ via cabello algum; e com eſte traje começou huma mortificada, e auſtéra vida, gaſtada toda em penitencias, contemplaçaõ, e outros ſantos exercicios. Nove annos tinha empregado D. Catharina, em huma vida taõ perfeita, que podia ſer idéa da mais obſervante Religioſa, ſem que

deſiſtiſſe

desistisse de que Deos coincidiria com os seus rogos, dandolhe sepulchro dentro dos Claustros de huma Religiaõ reformada; e para facilitar do Senhor esta graça, tomou por medianeira à Virgem MARIA, a quem ternamente amava; e em obsequio do Rosario fez voto, de que se chegasse a ser Religiosa Capucha, a serviria quinze annos, em louvor dos quinze Mysterios, sendo bem admirada a execuçaõ deste obsequio, e foy, jejuar todos os dias dos quinze annos (excepto os Domingos) e nas vesperas da Senhora a paõ, e agua, sendo cada Mysterio o exercicio da virtude daquelle anno, obrigando deste modo a Deos a satisfazer ao seu desejo. Este voto repetio toda a vida; e assim jejuou quasi todo o tempo, que viveo. A sua constancia mereceo alcançar de seus pays a desejada licença de ser Religiosa. Escolheo o Mosteiro do Sacramento, onde ajuntando à observancia da Casa, asperas penitencias, trocou os cilicios por cadeas de ferro: sobre o peito, e costas trazia huma Cruz de penetrantes pontas; e este rigor suavisava com oito horas de oraçaõ mental: era muy breve o tempo que dormia, sendo sempre vestida. Na observancia da Religiaõ foy taõ pontual, que nos ultimos dias da sua vida declarou ao Prelado, que com advertencia nunca quebrara as leys da observancia; taõ humilde, que os exercicios mais vís da Communidade eraõ a sua mayor satisfaçaõ; de sorte que nem o lugar, e occupações de Prelada a livraraõ de servir a todas, empregando-se com mayor cuidado com as enfermas. Todas as suas acções eraõ hum continuo despertador da Eternidade, e por isso tinha a pobre cellinha ornada com sentenças, e avisos a este sentido, para que desta sorte se naõ apartasse nunca da presença de Deos. Finalmente, com trinta e dous annos de santos exercicios, prevendo o dia da morte, depois de recebidos os Sacramentos com devotas jaculatorias, tendo edificado a Communidade com novas mostras de humildade, cerrou com morte preciosa o glorioso curso de huma innocente vida.

Fr. Innocencio do Espirito Santo Bened.

H No sumptuoso Mosteiro de Saõ Bento de Lisboa, dormio felicemente em o Senhor, Frey Innocencio do Espirito Santo, o qual tomando o habito da Monacal Familia Benedictina no Mosteiro de Tibaens, se portou com tanto exemplo, e refórma da vida, que era idéa de hum perfeito Religioso. Nos actos da Communidade para a observancia da

Reli-

Religiaõ era dos primeiros; no Coro tocava Orgaõ; todo o tempo, que lhe reſtava das obrigações do eſtado, que profeſſava, gaſtava utilmente, fogindo à ocioſidade, como recommenda o glorioſo Patriarca Saõ Bento; e aſſim o empregava, trabalhando em fazer Imagens de Santos de vulto, com que ornava os Altares dos Moſteiros da ſua Ordem. Neſte modo de vida perſeverou, até que a obediencia o mandou para Sachriſtaõ do Moſteiro de Lisboa, em que viveo alguns annos, conſervando ſempre a celebre opiniaõ, que ſe tinha da ſua virtude, e exercitando eſta ocupaçaõ com louvor, aſſim na Ordem, como na Cidade; porque nelle luzia a compoſtura, e devoçaõ com humildade Religioſa. Teve taõ grande devoçaõ à Virgem Santiſſima, que ſe affirma, que eſta lhe fallara: era tal o cordeal affecto com que a venerava, que eſtando ſem falla por hum accidente de paralyſia, todas as vezes que lhe perguntavaõ, ſe queria recitar o Officio da Senhora, reſpondia, que ſim; e principiando a Ave Maria, moſtrava animarſe para rezar as Horas: repetiraõ os accidentes; porém como verdadeiro ſervo andava preparado para dar conta a ſeu Senhor, ainda que lhe tiraraõ a falla, ſe lhe reſtituhio para louvar a Deos, antes da ſua morte; porque aos golpes, que dava o ſino, fazendo ſinal de ſe levantar a Hoſtia na Miſſa, ſe lhe ouviaõ eſtas palavras: *Louvado ſeja o Santiſſimo Sacramento;* e com tranquilla morte foy receber o premio de ſuas preclaras acções no Reyno, que naõ tem fim.

Commentario ao II. de Julho.

A DEpois que o Archanjo S. Miguel, annunciou à Virgem Santiſſima, que de ſuas puriſſimas entranhas naſceria o Verbo, como refere Saõ Lucas no cap. 1. num. 30, e a Senhora com verdadeira humildade acceitou eſta ſolemne embaixada, foy às montanhas de Judéa, e entrando em caſa de Zacharias, ſaudando a Santa Iſabel, o Percurſor de Chriſto dentro no ventre de ſua Mãy, antecipado da luz da razaõ, adorou ao Meſſias promettido; o que conhecendo Santa Iſabel, já cheya do Eſpirito Santo, exclamou dizendo: *Bemdita tu entre as mulheres, e Bemdito o Fruto do teu ventre.* Depois deſtas ſaudações, proferio a Senhora aquelle celebre Cantico, que todos os dias recita a Igreja às Veſperas: *Magnificat anima mea Dominum.* Era diſtante de Nazareth a Cidade, em que vivia Zacharias; e ſendo o caminho de mais de quarenta milhas, como diz Santo Iſidoro lib. de *Vita Sancti Joſeph.* Salmeron, liv. 3. trat. 10, diz, que foy revelado, que ſendo a jornada de ſeis dias, a Virgem Maria, de innumeraveis Anjos, que viſivelmente lhe aſſiſtiaõ, a vencera em hum dia; e por iſſo o Texto diz: *Cum feſtinatione.* A Madre Sor Maria de Jeſu, na *Myſtica Ciudad de Dios* tom. 2. liv. 3. cap. 16, diz, que a jornada lhe durara quatro dias; mas piamente nos accomodamos com o que refere Salmeron.

Que

Que Cidade fosse a em que vivia Zacharias, achamos grande variedade nos Padres Expositores; Euthimio diz se chamava Montana; Beda, o Beato Alberto Magno, Saõ Boaventura, Hugo, e outros, dizem ser esta Cidade Jerusalem; o Cardeal Tolledo, in Evangel. cap. 1. annot. 116, diz, que alguns imaginaraõ ser Belem, o que naõ póde ser como advertio este Author; porque assim nos exemplares Gregos, como Latinos, nomeaõ a Cidade de Juda, que em nenhum dos Doutores antigos se interpetra Belem. De mais, que se deve reparar no que se lê no cap. 21. de Josué, em que se asinaraõ quarenta e oito Cidades, com os suburbios para os Levitas, que naõ tinhaõ parte certa, e determinada, senaõ eraõ divididos por todos, para servirem nos seus ministerios a todos. Os que eraõ Sacerdotes de Aron, em tres Tribus, que confinavaõ com elle, lhe eraõ asinados treze Lugares em os Tribus de Judá, Simeon, e Benjamin, para que ficassem os Sacerdotes visinhos de Jerusalem. Entre as Cidades do Tribu de Judá, e Simeon, he numerada pela primeira Cariatharbe, ou Hebron, ou Chebron, da qual diz Christovaõ Cellario, na Geografia antiga: *Vetustis nomen erat Kirath Arba olim, Hebronem nuncupatam Kirath Arba fuisse traditur, quod nomen per novam Hebron fuit abolitum*, a qual era situada no Monte, e a principal para os Sacerdotes; e por isso o Evangelista Saõ Lucas diz: *In Montana in Civitatem Judá*, indicando ser Hebron, que era sita nas Montanhas, huma das asinadas no Tribu de Judá para os Sacerdotes, como era Zacharias; o que affirmaõ os Cardeaes, Toledo, *ubi supra*, Baronio, *in Apparatu ad Annal Eccles.* tom. 1. n. 78; Tirino, e Barradas, tom. 1. liv. 1. quest. 9; Beaulam Cartagena, que allega Sylveira, *in Evangel.* tom. 1. liv. 1. cap. 6. de *Visitat.* Martin del Rio, Florida Marianna, *in Paneg.* 7; Nicephoro, na *Hist. Eccles.* 1. cap. 8; Breid. no 1. cap. de Saõ Lucas; Broc. que allega, e segue Alapide, *in Evang.* no 1. cap. de Saõ Lucas: dizem que a casa de Zacharias, ficava junto a Emaús, e naõ differem nisto da nossa opiniaõ; porque conforme Christiano Adricomio, no *Theatro da Terra Santa*, na Tab. do Tribu de Judá, se vê a Casa de Zacharias, naõ longe de Emaús, e Cariatharbe. O Eruditissimo nas linguas Hebraica, e Grega, Monsieur Simon, em o *Diccionario da Biblia*, na lingua Franceza, diz, que a casa de Zacharias, em que fora a visitaçaõ da Senhora a Santa Isabel, era em Hebron. O mesmo segue Lenain de Tillemon, na sua *Historia Ecclesiastica*, tom. 1, quando trata da Santa Virgem, art. 3. fol. 106, da impressaõ de Bruxellas; e o Padre Calmet, na sua admiravel Obra do *Dictionario Historico, Critico, Chronologico, Geografico, e Literal da Biblia, in verbo Hebron.* A Madre Sor Maria de Jesu, no lugar citado n. 208, diz, que lhe foy revellado, que a Cidade se chamava *Judá*, que se arruinou depois alguns annos do Nascimento de Christo; e porque os Expositores a naõ acharaõ, entenderaõ, que Saõ Lucas pelo nome de Judá havia dito a Provincia. Naõ duvidamos da virtude desta Serva do Senhor, nem menos que Deos lhe revelou muitas cousas; porém como estas saõ pela mayor parte mysterios, que tem diversas intelligencias, e communicados com luz intelectual, que na explicaçaõ naõ póde ser igual; naõ podemos apartarnos de seguirmos a tantos homens doutos na lingua Grega, que lendo no original a Saõ Lucas, naõ percebessem, se dizia na Cidade de Judá, se na Provincia; porque a collocaçaõ das palavras saõ differentes do que na lingua Latina. Ainda hoje existe este lugar da casa de Zacharias, em que nasceo o Bautista, e foy circuncidado, e escondido em huma cova, para escapar da perseguiçaõ, que Herodes fez aos innocentes. Neste lugar foy edificada huma Igreja, que hoje naõ existe, e foy fundada no mesmo lugar, em que Zacharias, cheyo do Espirito Santo, profeticamente disse o Cantico: *Benedictus Dominus Deus Israel.*

Esta sacratissima Festa da Visitaçaõ foy instituida na Igreja pelo Papa Urbano VI. sexto Idus Aprilis do anno de 1389, ultimo do seu Pontificado, e passado o Decreto já nos ultimos dias da sua vida; e assim foy promulgado, e confirmado pelo Papa Bonifacio IX. como refere Frey Natal Alexandre, na *Historia Ecclesiastica*, no seculo XIII. e XIV. no tom. 7. cap. 2. art. 8. fol. 63. da impressaõ de Pariz de 1689. O Cardeal Baronio, no Commento ao Martyrologio Romano neste dia, conta, que esta Festa foy instituida pela urgente necessidade, que a Igreja

a Igreja padeceo com os ſciſmas; para o que, implorando o ſoccorro da Virgem Santiſſima, ſe alcançou o favor de Deos, manifeſtando com milagres, e revelações, que approvava eſta ſolemnidade. Conſta o Decreto deſta Feſta, do Concilio Baſilienſe ſeſſ. 43, anno de 1441, como refere Azor. part. 2. liv. 2. cap. 23. queſt. 2. Nos Annaes da Ordem de Saõ Franciſco, ſe mandou celebrar eſta Feſta no duodecimo Capitulo geral, no anno de 1263, ſendo Geral Saõ Boaventura, *Chron. Ordin. Minor.* fol. 27, do que ſe eſqueceo Artur, no *Martyrologio Franciſcano*; pois naõ lhe dá na ſua Ordem mais antiguidade, que depois de ſer eſtabelecida pela Igreja, e que a authoridade do Capitulo geral, a mandou celebrar com Oitava, como a Natividade, e depois com Officio particular. No Concilio Baſilienſe, como fica dito, ſe manda celebrar eſta Feſta, que a Igreja celebrou com Officio proprio, que mudou o Papa Pio V. excepto a Homilia, ſegundo as regras do Breviario Romano, ſem Vigilia. O Papa Clemente VIII. o poz na fórma, que hoje ſe reza, principalmente as Antiphonas, e o declarou Duplex maius anno 1550, como diz Gavanto, e o Padre Dom Caetano Maria Merati, *Theſaurus Sacrorum Rituum*, tom. 3. pag. 521, impreſſo em Roma, no anno de 1738. Os Authores: *Acta Sanctorum*, *tom.* 1. *Julii pag.* 295.

Na Igreja de Rens ſe celebra eſta Feſta a 8 de Julho, como diz Carlos Goyeto, *Ortologia*, *ſive de Feſtis propriis locorum*, & *Eccleſiarum*, liv. 2. c. 4; nas Cathedraes de Çamora, e Aſturias; e na Ordem dos Carmelitas ſe reza o Officio antigo. Tamayo, no *Martyrolog. Hiſpan.* neſte dia; do qual ſe achaõ nos Padres diverſas Homilias, e memorias, além dos que já allegamos. S. Joaõ Chryſoſtomo, *Homil.* 49. Origenes, na *Homil.* 8. Santo Ambroſio, liv. 2. *Comment. in Luc.* Hieroſolymita *ex Cat.* Em Card. Maz. *apud* Combefis *in Feſto Viſitationis tom.* 7. *Bibliotheca Patrum.* Neſte dia ſe deſcobrio a Ilha da Madeira, ſendo o feliz principio das Conquiſtas deſte Reyno, e poderá ſer, que foſſe eſſa a cauſa, de ſer taõ venerado da Piedade de ElRey Dom Manoel, que mandou foſſe celebrado com Prociſſaõ ſolemne, em todas as Cidades, e Villas do Reyno, e por Ley o traz a Ord. no liv. 1. tit. 66. 48, e por Alvará ſeu paſſado no anno de 1516, que ſe guarda no Cartorio da Camera de Lisboa; manda ao Senado, que vá em Prociſſaõ neſte dia à Santa Caſa da Miſericordia, o que ſe cumpre, ſahindo da Sé, acompanhada do Cabido; e por Alvará de ElRey Dom Joaõ o V. que Deos nos guarde, ſe mandou ao Senado de Lisboa Occidental, antes de ſe unir, ſe fizeſſe a meſma Prociſſaõ, que ſahe da Patriarcal, com o Cabido daquella Santa Igreja, e ſe recolhe na dita Santa Igreja Patriarcal; para que em todas as partes ſe guardaſſe eſta piedoſa Ley, de que faz mençaõ. Peg. *ad Ord.* tom. 5. tit. 66. num. 48. Goes, na *Chron. de ElRey Dom Manoel*, part. 4. cap. 86. Maris, *Dial.* 4. cap. 19. Faria, *Europ. Portug.* tom. 2. part. 4. cap. 1 fol. 552. Parece, que ſomos obrigados a dar alguma noticia da Inſtituiçaõ da Santa Irmandade da Miſericordia, quando tratamos do Orago da ſua Caſa, o que ſerá muy brevemente, por haver deſta materia já hum livro, que compoz Frey Bernardo da Madre de Deos, da Ordem da Santiſſima Trindade, aonde trata da Inſtituiçaõ deſta taõ louvavel Irmandade, ordenada por aquella ſingular piedade da Sereniſſima Rainha Dona Leonor, e por Frey Miguel de Contreras, da meſma Ordem, de quem faz mençaõ o *Agiologio*, no dia 29 de Janeiro, letra D, aonde traz o primeiro aſſento, que teve eſta Illuſtre Irmandade, no Clauſtro da Sé de Lisboa, no anno de 1498; e depois edificandolhe ElRey Dom Manoel a Igreja, que hoje tem, obra digna do ſeu Real animo, a encheo de Privilegios, e izenções; e a piedade dos Catholicos, enriqueceo com grandes legados, que paſſa a renda do dinheiro, que tem, de 120U. cruzados cada anno, como ſe vê das folhas, que todos os annos imprime, das eſmolas applicadas pelos bemfeitores, para dotes de Orfãas, recolhimentos para Donzellas, e reſgate de Cativos, e outras deſpezas, com que ſe acode aos pobres deſamparados, prezos, e juſtiçados; fazendo-ſe viſitas particulares de ordinarias de todos os mezes, e geraes de todos os annos, e outras obras de inſigne charidade, em que ſe exercita a primeira nobreza do Reyno, ſervindo com grande zelo neſta Santa Irmandade: ſuſtenta das portas a dentro huma Enfermaria para entrevados, com a Invocaçaõ

de Santa Anna, com Cura, que lhes administra os Sacramentos. Tem mais hum decente Recolhimento, com 58 lugares para Orfãas, 40 de hum insigne bemfeitor, chamado Manoel Rodrigues da Costa, que fez celebre o seu nome, pela piedade, com que empregou os seus cabedaes; as desoito Orfãas saõ da Casa, a quem se dá dotes de duzentos mil reis; e às outras de cem. Naõ pode passar de quatro annos a sua assistencia no Recolhimento, excepto as que entraõ da idade de nove annos, e podem estar até os 18. Tem este Recolhimento huma Regente, Porteira, Mestra para ensinar as Recolhidas, seis serventes, hum Porteiro da parte de fóra; e verdadeiramente se vive neste Recolhimento, como em huma das Clausuras mais reformadas, conservando-se o decóro da Casa, e da Instituiçaõ, para que nelle fossem bem criadas em vida, e costumes. Esta Igreja logra suas izenções, por modo de Capella Real; e como tal he servida de Capellaens, e moços da Capella. No anno de 1594, a 19 de Mayo, dia da Ascençaõ se fez huma solemne festa a despeza de Dom Luiz de Lencastre, Commendador môr de Aviz, para se collocar o Santissimo Sacramento, o que fez o Deaõ da Capella Real Lopo Soares de Albergaria, acompanhado dos Capellaens della, e com a assistencia de Miguel de Moura, hum dos Governadores do Reyno, precedendo licença do Arcebispo de Lisboa Dom Miguel de Castro; e depois de acabada a Missa, e a Hora com grande solemnidade, foy levado o Santissimo em Procissaõ pelo Deaõ à Capella do Espirito Santo. Advirta-se, que o Deaõ fez esta Ceremonia; porque assistia hum dos Governadores do Reyno; porque a Capella Real naõ concorre sem as Magestades, isto antes de ser erigida à eminencia, em que hoje a vemos como Patriarcal. He esta Irmandade governada por hum Compromisso, feito com grande cuidado, e zelo; e parece que illustrado pela charidade daquelle primeiro Instituidor o Veneravel Frey Miguel de Contreras, o qual juraõ guardar todos os Irmãos; e as materias duvidosas, que occorrem, naõ podem ser decididas senaõ pelos Reys, que sempre saõ Protectores, e Irmãos desta Santa Casa; e como taes podem dispensar, se lhes parecer, em algumas cousas, que a Mesa lhe propoem. Compoem-se a Mesa de hum Provedor, e Escrivaõ, Recebedor das esmolas, dous Mordomos dos prezos, hum Nobre, outro Official, seis Visitadores, de que tres saõ Officiaes, e hum Irmaõ da Capella, que he para distribuir as Missas; e se faz todos os mezes; e outros mais para o governo, os quaes se podem ver no Compromisso. O Hospital Real se governa por hum Thesoureiro, e Escrivaõ, cuja Instituiçaõ deixamos para o dia primeiro de Novembro de todos os Santos, que he o Orago daquella Igreja.

Depois, que esta Santa Irmandade teve a Igreja, passou da Sé a 25 de Março, do anno de 1534, para o lugar aonde hoje a vemos, era Provedor já do anno antecedente o devoto Dom Pedro de Moura, que assim o achamos nos livros dos assentos; e como naõ havia ainda Compromisso, costumavaõ ser reeleitos, o qual naõ se fez senaõ no anno de 1541, sendo Provedor Dom Duarte da Costa; e nelle se determinou, que sem serem passados tres annos, naõ podesse ser eleito o mesmo Provedor. Os que o foraõ desde o anno de 1533, até o presente saõ os seguintes.

1 Dom Pedro de Moura, do Conselho de ElRey.
2 O mesmo Dom Pedro de Moura.
3 Ruy Figueira.
4 O mesmo Ruy Figueira.
5 O mesmo Ruy Figueira.
6 Ruy de Sousa.
7 Dom Alvaro da Costa.
8 O mesmo Dom Alvaro da Costa.
9 Dom Duarte da Costa.
10 Affonso de Albuquerque.
11 Fernaõ da Sylveira.
12 Bernardim de Tavora.
13 Affonso de Albuquerque.
14 Ruy de Sousa.
15 Dom Garcia de Sá.
16 Dom Francisco de Noronha, Conde de Linhares.
17 Manoel de Albuquerque.
18 Fernaõ da Sylveira.
19 Christovaõ de Britto.
20 Affonso de Albuquerque.
21 Dom Francisco de Noronha.
22 Dom Luiz de Lencastre.
23 Dom Affonso de Lencastre.
24 Dom Affonso de Noronha.
25 Affonso de Albuquerque.
26 Dom Alvaro de Mello.
27 Dom Duarte da Costa.

28 Mar-

28 Martim Affonſo de Souſa, e foy o primeiro enfermeiro môr do Hoſpital.
29 Dom Affonſo de Noronha.
30 Dom Sancho de Faro, Conde de Odemira.
31 Affonſo de Albuquerque.
32 Ruy Lourenço de Tavora.
33 Dom Alvaro de Mello.
34 Dom Luiz de Ataide; foy neſte anno para a India por Vice-Rey.
35 Dom Luiz Fernandes de Vaſconcellos.
36 Joaõ Nunes da Cunha, que por ſe auſentar, foy eleito para o meſmo anno, que era o de 1569.
37 Luiz de Brito.
38 Lourenço de Souſa.
39 Affonſo de Albuquerque.
40 Dom Pedro Diniz.
41 Dom Alvaro de Mello.
42 Dom Diniz de Lancaſtre, Commendador môr.
43 Ruy Lourenço de Tavora; foy neſte anno para a India por Vice-Rey, que era o de 1575.
E foy eleito, para acabar o tempo ſeu irmaõ.
44 Bernardím de Tavora.
45 Affonſo de Albuquerque.
46 Dom Alvaro de Mello.
47 Bernardim de Tavora.
48 Dom Diniz de Lancaſtre, Commendador môr.
49 Dom Thomás de Noronha.
50 Franciſco de Sá, Conde de Matoſinhos.
51 Pedro de Alcaçova Carneiro, do Conſelho de Eſtado, Védor da fazenda.
52 Manoel de Mello, Monteiro môr.
53 Diogo de Souſa.
54 Dom Diniz de Lancaſtre, Commendador môr.
55 Dom Joaõ da Coſta.
56 Manoel de Mello, Monteiro môr.
57 Dom Luiz de Lancaſtre.
58 O Commendador môr.
59 Dom Franciſco Maſcarenhas, Conde de Villa Dorta.
60 Fernaõ Telles de Menezes.
61 Manoel de Mello, Monteiro môr.
62 Dom Luiz de Lancaſtre.
63 Franciſco Barreto de Lima Pereira.
64 Fernaõ Telles de Menezes.
65 Manoel de Mello, Monteiro môr.
66 Dom Luiz de Lancaſtre, Commendador môr: morreo ſendo Provedor, e tornou a ſucсederlhe o meſmo acima; e por eſte morrer, o outro.
67 Franciſco Barreto de Lima: morreo ſendo Provedor, e acabou o ſeu tempo Fernaõ Telles de Menezes, que era o immediato, por ſerem mortos os mais.
68 Dom Manoel de Caſtel-branco, Conde de Villa nova.
69 Dom Joaõ da Coſta.
70 Dom Franciſco Manoel, Conde de Atalaya.
71 Matthias de Albuquerque.
72 Dom Gil Annes da Coſta.
73 Ruy Lourenço de Tavora.
74 Dom Jeronymo Coutinho.
75 Dom Chriſtovaõ de Moura, Marquez de Caſtello Rodrigo.
76 O Conde de Villa-nova; e por ſe auſentar, e os dous antecedentes, era imediato Ruy Lourenço de Tavora.
77 O Conde de Redondo Dom Joaõ Coutinho.
78 O Conde de Villa-Franca.
79 Dom Henrique de Portugal.
80 O Conde de Atalaya.
81 O Conde de Portalegre, Mordomo môr.
82 Luiz da Sylva.
83 O Conde de Santa Cruz.
84 Ruy Lourenço de Tavora, faleceo ſendo Provedor.
85 O Conde Almirante.
86 Dom Henrique de Portugal.
87 O Conde de Villa-nova Dom Manoel de Caſtel-branco.
88 O Conde Dom Diogo da Sylva.
89 Dom Franciſco de Caſtel-branco, Conde de Sabugal: neſte anno que foy de 1620, ſe fez a Caſa do Deſpacho, que hoje vemos.
90 Simaõ Gonçalves da Camera, Conde Capitaõ.
91 Dom Affonſo de Lancaſtre, Commendador môr.
92 Dom Affonſo de Noronha, do Conſelho de Eſtado.
93 Dom Franciſco de Caſtel-branco, Conde de Sabugal.
94 Dom Manoel de Caſtel-branco, Conde de Villa-nova, morreo ſendo Provedor.
95 Dom Manoel Alvarez da Cunha.
96 Gonçalo Pires Carvalho.

97 Dom Martinho Mascarenhas, Conde de Santa Cruz.
98 Dom Miguel de Almeida.
99 Dom Gonçalo Coutinho.
100 Dom Martinho Mascarenhas, Conde de Santa Cruz.
101 Pedro da Sylva.
102 Gonçalo Pires Carvalho.
103 Dom João da Sylva, Capellaõ mór, morreo sendo Provedor.
104 Dom Jorge Mascarenhas, Conde de Castel-novo.
105 Luiz da Sylva.
106 O Marquez de Gouvea.
107 Luiz da Cunha.
108 Dom Rodrigo da Cunha, Arcebispo de Lisboa.
109 O Conde de Figueiró.
110 O Marquez de Villa Real.
111 O Conde de Saõ Lourenço Pedro da Sylva.
112 O Conde de Villa-Franca Dom Rodrigo da Camera.
113 Dom Antaõ de Almada.
114 Dom Thomás de Noronha.
115 O Marquez de Gouvea.
116 Dom Jorge Mascarenhas, Conde de Castel-novo, Marquez de Montalvaõ.
117 O Conde de Villa-nova.
118 O Conde de Sarzedas Dom Rodrigo da Sylveira.
119 Dom Miguel de Almeida, Conde de Abrantes.
120 Dom Antonio Luiz de Menezes, Conde de Cantanhede.
121 Dom Alvaro de Abranches.
122 Jorge de Mello, General das Galés.
123 O Conde de Odemira Dom Francisco de Faro.
124 Fernaõ Telles de Menezes, Conde de Villar-mayor.
125 Dom Vasco da Gama, Marquez de Niza, e Almirante.
126 Dom Antonio de Alcaçova Carneiro, morreo sendo Provedor.
127 Dom Antonio Luiz de Menezes, Marquez de Marialva.
128 Rúy de Moura Telles.
129 O Conde de Odemira D. Francisco de Faro, faleceo sendo Provedor.
130 Dom Vasco da Gama, Marquez Almirante.
131 Dom Joaõ da Sylva, Marquez Mordomo môr.
132 O Conde de Val de Reys Nuno de Mendoça.
133 Dom Rodrigo de Menezes.
134 O Conde de Atouguia Dom Jeronymo de Ataide, morreo sendo Provedor.
135 O Conde de Castel-melhor Luiz de Sousa de Vasconcellos.
136 Dom Joaõ da Sylva, Marquez Mordomo môr.
137 Dom Vasco da Gama, Marquez Almirante.
138 Dom Diogo de Lima, Visconde de Villa nova de Cerveira.
139 Dom Antonio Luiz de Menezes, Marquez de Marialva.
140 Dom Joaõ Mascarenhas, Marquez de Fronteira.
141 Dom Vasco da Gama, Marquez Almirante.
142 Luiz de Sousa, Bispo Capellaõ môr.
143 O Marquez de Arronches Henrique de Sousa Tavares da Sylva.
144 O Conde de Val de Reys Nuno de Mendoça.
145 Garcia de Mello, Monteiro môr.
146 Dom Diogo de Lima, Visconde de Villa nova de Cerveira.
147 Dom Joaõ Mascarenhas, Marquez de Fronteira.
148 O Marquez Mordomo môr Dom Joaõ da Sylva.
149 Manoel Telles da Sylva, Conde de Villar-mayor.
150 Dom Luiz de Menezes, Conde da Ericeira.
151 Luiz de Sousa, Arcebispo de Lisboa, Capellaõ môr.
152 Miguel Carlos de Tavora, Conde de Saõ Vicente.
153 Dom Luiz da Sylveira, Conde de Sarzedas.
154 O Conde de Val de Reys Nuno de Mendoça.
155 Dom Miguel da Sylveira.
156 Manoel da Cunha.
157 Manoel Telles da Sylva, Marquez de Alegrete.
158 Dom Luiz de Menezes, Conde da Ericeira, faleceo sendo Provedor.
159 O Conde Meirinho môr.
160 Dom Miguel da Sylveira.
161 Fernaõ de Sousa Castel-branco Coutinho e Menezes.
162 Francisco de Tavora, Conde de Alvor.
163 Miguel Carlos de Tavora, Conde de Saõ Vicente.
164 Dom Luiz de Lencastre, Conde de Villa

Villa-nova, Commendador mòr.
165 Dom Francisco de Sousa, Capitaõ da Guarda de Sua Mageſtade.
166 Diogo de Mendoça Furtado, e Albuquerque, faleceo ſendo Provedor.
167 O Conde de Atalaya.
168 O Marquez das Minas.
169 O Conde Baraõ.
170 O Conde de Saõ Vicente Miguel Carlos.
171 O Conde de Alvor Franciſco de Tavora.
172 O Conde de Aveiras Joaõ da Sylva Tello.
173 O Conde dos Arcos Dom Marcos de Noronha.
174 O Conde de Val de Reys Nuno de Mendoça.
175 O Conde de Vianna Dom Joſeph de Menezes.
176 O Conde de Sarzedas Dom Rodrigo da Sylveira.
177 O Conde de Villa-verde Dom Pedro Antonio de Noronha.
178 O Biſpo Capellaõ mòr, Inquiſidor Geral Nuno da Cunha de Ataide.
179 O Marquez de Fronteira Dom Fernando Maſcarenhas.
180 O Conde da Ribeira Grande.
181 O Marquez de Alegrete Fernaõ Telles da Sylva.
182 Dom Filippe de Souſa, morreo ſendo Provedor.
183 O Conde de Aſſumar Dom Joaõ de Almeida.
184 O Marquez de Fronteira Dom Fernando Maſcarenhas.
185 O Conde de Coculim Dom Filippe Maſcarenhas.
186 O Cardeal Nuno da Cunha de Ataide.
187 O Conde de Valadares Dom Carlos de Noronha.
188 O Marquez das Minas Dom Joaõ de Souſa.
189 O Marquez de Abrantes Rodrigo Eannes de Sá.
190 O Marquez de Gouvea Dom Martinho Maſcarenhas.
191 O Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva.
192 O Cardeal da Cunha.
193 Dom Lourenço de Almada.
194 O Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva.
195 O Marquez de Valença Dom Franciſco de Portugal.
196 O Conde de Coculim Dom Filippe Maſcarenhas.
197 O Conde de Aſſumar Dom Joaõ de Almeida.
198 O Conde da Ericeira Dom Franciſco Xavier de Menezes.
199 Nuno da Sylva Telles.
200 O Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva.
201 O Conde de Coculim Dom Filippe Maſcarenhas.
202 O Conde de Valladares Dom Miguel Luiz de Menezes.
203 O Conde de Aſſumar Dom Pedro de Almeida.
204 Dom Affonſo de Noronha.
205 O Conde de Villa-nova Dom Pedro de Lencaſtre.
206 Thomás da Sylva, Viſconde de Villa-nova de Cerveira.
207 Nuno da Sylva Telles.
208 O Conde de Tarouca Dom Eſtevaõ de Menezes.
209 Luiz Ceſar de Menezes.
210 O Conde de Villa nova Dom Pedro de Lencaſtre.
211 O Conde de Aſſumar Dom Pedro de Almeida.

B O Convento de Noſſa Senhora da Serra de Almeirim, foy Fundaçaõ de El-Rey Dom Joaõ o III. ſendo Principe; neſte Convento houve em tempos antigos Noviços, e entre elles foy o Padre Frey Thomás da Coſta, taõ conſumado em Letras, e Virtudes, como temos viſto; ſendo taõ verſado nas Eſcrituras, que aquelle grande Letrado Frey Luiz de Sottomayor, o chegou a venerar como Oraculo, dizendo em a explicaçaõ de hum Texto difficultoſo da Eſcritura, na Univerſidade de Coimbra, em preſença daquelle grande concurſo: *Eſte he o verdadeiro ſentido; porque o meſmo lhe ouvi dar ao grande Padre Frey Thomás da Coſta.* Compoz hum Tratado, que naõ ſahio a luz, cujo titulo era: *Tropi Inſignes veteris, ac novi Teſtamenti ejuſdemque phraſes*, que por deſcuido dos ſeus ſe perdeo. Já diſſemos, que teve tal efficacia na Oratoria, que tudo o que intentava, perſuadia. Quando morreo ElRey Dom Joaõ o III. a primeira vez que ſubio ao Pulpito, concorreo toda a Cidade a ouvillo, e medindo o auditorio, que era ſempre o meſmo, que o ſeguia, vendo, que faltava o mayor ouvinte, levantou

tou a voz, e disse: *Onde está ElRey Dom Joaõ.* Tal foy o modo de dizer, e taõ grande a compunçaõ nos ouvintes, que em hum geral pranto, naõ permittio ao Prégador poder continuar com o Sermaõ. Escreve a sua Vida Frey Luiz de Sousa, na II. Parte da *Historia de Saõ Domingos*, liv. 6. cap. 18. fol. 261, e o *Agiologio Dominico*, de Lima, Tomo III. neste dia. *Claustro Dom.* liv. 3. pag. 314.

C O Padre Jacobo de Santa Maria, natural da Cidade de Lisboa, de nobre geraçaõ, gastou os primeiros annos servindo na India, na guerra contra os inimigos do Estado; pelo que alcançou postos honrados, e voltando ao Reyno sem querer mais despachos, que do Rey do Ceo; e assim entrou na Religiaõ dos Conegos de Saõ Joaõ Evangelista, aonde permaneceo com grande observancia, e humildade, até que na peste veyo a lograr o ser Martyr da Charidade. Trata do Padre Jacobo, a *Chronica da sua Religiaõ*, escrita pelo Padre Mestre Francisco de Santa Maria, liv. 4. fol. 964.

D Artur, no *Martyrologio Franciscano*, neste dia faz mençaõ de Frey Antonio Petronio, ou do Padraõ, que de huma, e outra sorte o achamos nomeado, por estas palavras: *Malipurgi in India Orientali Beati Antonii Petronii Confessoris.* Era este Santo Religioso da Observancia de Saõ Francisco, e em o anno de 1503, foy nomeado Prelado da Provincia de Saõ Thomé; e no anno de 1539, foy segunda vez Custodio, e Commissario Geral, que durou seis annos; faleceo no anno de 1545, como diz Frey Amaro de Santo Antonio, no *Vergel de Plantas*, fol. 22. Soledade, na *Historia Serafica*, part. 3. liv. 5. cap. 7. §. 885. e cap. 14. §. 939. Maffeo, *Historiarum Indicarum*, liv. 11. fol. 206. Daça, liv. 1. cap. 50. Rapineo, *in Hist. Orig.* Recolect. Decad. 5. part. 1. §. 6. Gonzaga, na *Provincia de Saõ Thomè*, Part. IV. Barezo, part. 4. liv. 3. cap. 17. Os Authores: *Acta Sanctorum*, neste dia, *in prætermissibus.*

E O Mosteiro de Religiosas de Saõ Jeronymo, unico deste Reyno, de que faremos mençaõ no dia 28 deste mez, em que faleceo a Madre Brites da Columna, sua Fundadora, será repetidas vezes nomeado no discurso desta Obra, por nelle florecerem muitas Religiosas, dignas de que se conserve na memoria das gentes as suas virtudes: entre ellas foy a Madre Maria dos Anjos, que com ditosa morte acabou neste dia, no anno de 1590. Neste Mosteiro teve mais duas irmãas de igual virtude, que foraõ Sor Luiza da Assumpçaõ, de quem faz mençaõ o *Agiologio*, Tom. III. no dia 29 de Mayo, e Sor Maria da Nascença, de quem a faremos a 17 de Novembro. Foraõ todas filhas de Thomé Bayaõ, e de Grimaneza Duarte, pessoas principaes, e nobres da Villa de Beringel, e de vida, e costumes muy Catholicos, o que bem parece na boa educaçaõ de taes filhas. O referido tiramos do livro da Fundaçaõ deste Mosteiro, que tivemos em nosso poder.

F A *Chronica dos Eremitas de Santo Agostinho*, de Frey Antonio da Purificaçaõ, na 2. part. fol. 212, faz mençaõ pelos annos de 1280, de Frey Manoel de Coina, appellido que devia de usar, por ser natural desta terra, por naõ acharmos nas familias semelhante, o que devia de tomar por humildade, por constar ser nobre.

G Dom Diogo de Castro, Conde de Basto, do Conselho de Estado de Filippe II. e III. Regedor das Justiças, Presidente do Paço, Governador, e depois Vice-Rey de Portugal, da esclarecida familia de Castro; casou com Dona Maria de Tavora, filha de Lourenço Pires de Tavora, Senhor do Morgado de Caparica, e de Dona Catharina de Tavora, da antiga familia dos Tavoras. Deste matrimonio nasceraõ, entre outros filhos, quatro filhas, chamadas Dona Catharina, Dona Marianna, Dona Filippa, e Dona Francisca, que todas juntas tomaraõ o Habito no Mosteiro do Sacramento, seguindo a sua irmãa Sor Catharina da Encarnaçaõ, que com generosa resoluçaõ desprezou as dilicias do Mundo, e as esperanças, que lhe promettia o seu Illustre nascimento, e a grandeza em que se achava a Casa de seu pay, com o Governo do Reyno, em que nascera. Como Sor Catharina desprezou tudo, e os trabalhos, que lhe custou, vimos largamente no texto, sendo a sua constancia, perfeita idéa para se naõ desanimarem as que desejaõ seguir o caminho da Religiaõ; pois naõ ha obstaculo, que naõ vença o amor Divino, para mayor gloria da sua Providencia. Naõ ha muitos dias, que vimos neste mesmo anno de 1717, em que escrevemos,

crevemos, com geral edificaçaõ desta Corte, huma Dama do Paço, a quem seus pays tinhaõ contratado para casar, com admiravel resoluçaõ interpor a authoridade da Rainha Nossa Senhora, para alcançar licença de seus pays, para ser Religiosa no reformadissimo Mosteiro da Madre de Deos de Lisboa, onde com effeito se recolheo. Morreo Sor Catharina, no anno de 1648. Soveges, no *Anno Dominico*, a poem no primeiro deste mez. O *Agiologio Dominico*, a quem seguimos, por sabermos, que seu Author ajuntou as memorias dos Mosteiros da sua Ordem com cuidado, a poem neste dia; devendo-se este trabalho ao Padre Mestre Frey Manoel Guilherme, bem conhecido, ajudado do Padre Frey Manoel de Lima, a quem com generosidade cedeu a gloria, sendo o mais do trabalho seu; o que nos consta, porque vimos os ultimos seis mezes, por ordem do Conselho Geral, de que poucos cadernos havia, que naõ fossem da letra do Padre Mestre Frey Manoel Guilherme, de quem em gratificaçaõ da boa vontade, com que nos communica os papeis, que tocaõ à sua Provincia, fazemos esta curta memoria.

H Frey Innocencio do Espirito Santo, foy natural de Santa Cruz de Bayaõ, junto a Amarante, na Provincia do Minho, jaz sepultado no commum cemiterio entre seus irmãos. Faleceo no anno de 1636, segundo o *Livro dos Obitos, do Mosteiro de São Bento de Lisboa*, que tivemos em nosso poder.

JULHO III.

A EM Caparra, Cidade Episcopal da antiga Lusitania, o glorioso Martyrio dos Santos Marcos, Muciano, e Paulo, e hum Menino de pouca idade, cujo nome está escrito no livro da vida, pela singular constancia, com que animou aos Santos Martyres Marcos, e Muciano, os quaes foraõ prezos em hum escuro, e immundo carcere, por algum tempo, até que apresentados ao Juiz, prezas as mãos com cadeas, começaraõ a ratificar a gloriosa Fé, que professavaõ; pelo que foraõ postos no equuleo, e estendidos os corpos, lhe attaraõ os braços às costas, e nos pés lhe suspenderaõ por cordas humas maquinas, que lhe faziaõ insoportaveis dores, com que afflictos desmaiaraõ os corpos, vacilaraõ os animos, e estiveraõ dubios na primeira resoluçaõ; o que vendo hum Menino Christaõ, gritou em intelligivel voz, persuadindo-os à constancia da Fé de Jesu Christo, e ao desprezo dos Idolos. Enfurecido o Juiz, de ver perdida por hum Menino, a gloria, que naquelle dia podiaõ conseguir os seu falsos Deoses, o mandou acerbissimamente açoutar; e entre as dores do martyrio, que elle desprezava, confessava em altas vozes, ser só Christo Deos verdadeiro; o que admirando Paulo, que entre a multidaõ dos Gentios estava vendo os Martyres; movi-

Os Santos Marcos, Muciano, e Paulo MM.

movido de superior Luz, confessou ser Christaõ; em cujo obsequio offerecendo a vida, lhe foy cortada a cabeça, com os mais companheiros, e suas almas voaraõ ditosas, a receber a immarcecivel Coroa da Gloria.

S. Tolobeu Arcebispo de Braga.

B Na Augusta Braga, Primacial das Hespanhas, a memoria de Saõ Tolobeu, seu Prelado, que depois de se exercitar em louvaveis obras na sua Igreja, com grande sentimento das suas ovelhas, a renunciou, recolhendo-se a hum deserto, para mais livremente se poder empregar todo, na contemplaçaõ das cousas do Ceo. Eraõ neste tempo muy celebres as virtudes de Saõ Toribio Monge, que nas montanhas de Santilhana, em Asturias, estava fundando hum Convento: neste tomou o Santo Arcebispo o Habito do Patriarca Saõ Bento; e com o seu exemplo, seguiraõ taõ heroica resoluçaõ outros muitos Varoens Apostolicos. Aqui se occupou em admiraveis obras, em que se via a efficacia do poder do Altissimo; e depois de gastar o tempo com Deos, exercitava a sua humildade com os seus companheiros, trazendo aos seus hombros os materiaes para a fabrica do edificio, que fundavaõ.

O P. Belchior de Figueiredo da Companhia.

C Em a Famosa Cidade de Goa, Metropoli do Oriente, a preciosa morte do Padre Belchior de Figueiredo, da Companhia de Jesu; o qual depois de exercitar com louvor a occupaçaõ de Mestre de Noviços, em Goa sua Patria, foy destinado para Missionario do largo Reyno do Japaõ, em que se empregou por espaço de vinte e tres annos, com taõ admiravel aproveitamento das almas, como testemunhaõ as suas virtuosas acçoes. A Cidade de Omura foy o primeiro emprego do seu ardente zelo; e passando a Bungo, em menos de dous mezes, converteo à Fé de Jesu Christo, mais de duzentas almas; como se fora exhalaçaõ corria todas as Cidades, Villas, e Lugares circumvisinhos, com grande gloria da Religiaõ Catholica. Em Facata, junto de Funay, foy Deos servido livrar por sua intercessaõ huma mulher, filha de hum Fidalgo daquella Cidade, que havia muitos annos estava endemoninhada: como eraõ estupendos os prodigios, naõ podiaõ deixar de naõ ser obrados à força de constancia; porque os Bonzos, malditos Ministros da Idolatria, o perseguiaõ, naõ só com injurias, mas com testemunhos, chegando a sua insolencia a accometerem armados a sua pobre casa, a que se oppoz

a pie-

a piedade de alguns Neofitos, para que naõ perigaſſe aquella vida, de que tanto neceſſitavaõ aquellas tenras plantas da Chriſtandade. No Eſtado de Omura viſitou em hum anno ſete Provincias; em huma converteo o Governador, e em outras toda a gente, que as habitava, em poucos mezes, ſem mais companheiro, que o Padre Gaſpar Coelho; bautizou trinta e cinco mil peſſoas, e ſeſſenta Moſteiros de Bonzos, e algumas peſſoas do ſangue Real; entre ellas a filha primogenita de ElRey de Omura. Em a Ilha de Goto bautizou trezentos Gentios; e alentando com a ſua preſença toda aquella Chriſtandade, os confortou na Fé. Voltando a Facata, converteo familias inteiras, e quatro Bonzos, pertinazes inimigos do Nome de JESU Chriſto, por quem padeceo injurias, e opprobrios daquelles povos indomitos. Foraõ grandes os trabalhos, a que o expoz a ſua charidade, e ſupportou com invicta paciencia: deſtes ſe lhe originou huma grave, e dilatada enfermidade, de que conſultando os Medicos, e naõ achando nelles ſaude aos ſeus males, a deu eſpiritual ao Medico, convertendo-o à verdadeira Fé. Creſciaõ os achaques, que inhabilitavaõ o ſeu fervoroſo eſpirito a ſervir ao proximo, mas ſatisfazendo à obediencia dos ſeus ſuperiores, ſe foy para Goa, a ver ſe nos ares patrios alcançava remedio; porém como o corpo eſtava gaſto dos trabalhos, naõ pode convalecer. Foy a enfermidade taõ larga, e penoſa, que lhe durou dez annos, e a ſua conformidade, e tolerancia, hum exemplar admiravel da paciencia Catholica; e aſſim cerrou a clauſula de huma vida innocente, com morte precioſa.

D No Collegio da Companhia, da Cidade de Evora, faleceo cheyo de Santas Obras o Padre Gaſpar Moreira, Varaõ, em quem ſe vio obſervada a obediencia ſem repugnancia; taõ cuidadoſo da ſalvaçaõ das almas, que todo o ſeu emprego era o amor do proximo; taõ zeloſo da Regular Obſervancia, como admiraraõ os ſeus ſubditos, nos lugares de Miniſtro, e Reitor, que occupou nos Collegios de Portalegre, Evora, e Coimbra; mas com tal manſidaõ de animo, que obrigava ſem queixa, e perſuadia mais com o exemplo, do que com as palavras; naõ ſe deſcuidando do temporal officio, como bom Prelado, adiantando, quanto coube no ſeu cuidado, as fazendas, como teſtemunha o Collegio de Portalegre.

O P. Gaſpar Moreira da Companhia.

Na Ilha da Madeira assistio quatorze annos, com taõ grande opiniaõ, que era respeitado como homem Santo, havendo quem affirmasse delle, o vira levantado do chaõ, ao mesmo tempo, que elevava a Sagrada Hostia no Sacrificio da Missa. Era naquella Ilha o asylo dos afflictos, e o pay de todos; porque com as suas candidas palavras accomodava os descontentes, ajustando as materias mais arduas, e as consciencias mais embaraçadas. Todo o tempo, que podia empregar em missoens, o fazia com grande consolaçaõ dos Fieis: a estes desejava servir, até em Argel; porque foraõ grandes os desejos, que teve de ser cativo, só para ter occasiões de exercitar a paciencia. Nas missoens lhe succederaõ casos maravilhosos, já livrando a huma mulher desesperada, a outra de hum espirito maligno, sobre que Deos lhe deu grande poder, como se vio em diversas occasiões da sua vida. Era de huma compleiçaõ debil, gastada do excesso dos estudos nos seus principios, e depois das fadigas das missoens, pelo que padecia muitos achaques. Foy muy dado à Oraçaõ, em que gastava a mayor parte da noite, sendo a conta que havia de dar a Deos, a sua ordinaria meditaçaõ. De cuidado taõ continuo, bem se deixa ver, qual seria o fruto. No Confessionario encaminhou muitas almas, de sorte, que era já conhecido com o renome de Santo; e assim recorriaõ a elle como prompto remedio, succedendo-lhe casos espantosos, como o de hum homem, a quem o demonio em figura humana impedio muitos annos, que se naõ confessasse; mas de medo do Padre se retirou, deixando-o livre para se confessar, e taõ instruido, e reformado, que o demonio se naõ atreveo mais a perseguillo. Teve sempre grande commiseraçaõ da pobreza; e assim sendo Reytor de Coimbra, foy grande a esterilidade do anno, e universal a necessidade nos miseraveis; pelo que ordenou ao Porteiro, que nenhum pobre sahisse desconsolado sem esmola. Esta charidade lhe retribuio Deos, multiplicando-lhe o dinheiro; o que lhe succedeo varias vezes com admiraçaõ dos Religiosos, aos quaes persuadia sempre, que fossem liberaes com os pobres, para que com esta piedosa usura alcançassem do Ceo copiosos beneficios. Só para si queria a pobreza, contentando-se com os pedaços de paõ, que sobejavaõ aos companheiros: os vestidos interiores, sobre vís, eraõ

taõ

taõ rotos, que desta sorte mostrava o amor da santa pobreza; naõ podia acabar comsigo vestir cousa nova, dizendo, que elle naõ era de prestimo à Religiaõ, e assim lhe naõ merecia dispendios. O coraçaõ trazia taõ penetrado do amor de Deos, que em todas as suas praticas repetia: *Seja Deos Bemdito, e Louvado.* Nenhum successo, ou prospero, ou adverso, o apartou da Divina vontade: desta sorte sofreo os penosos trabalhos das doenças, acrisolando com as dores a sua paciencia, sem que as molestias lhe embaraçassem a cingirse muitas vezes com huma cadea de ferro, em que o debil corpo sentia mais penoso o tormento, naõ se queixando nunca; porque a sua boca foy sómente para louvores de Deos. Dous mezes lhe durou a ultima enfermidade, em que já naõ consentia praticas em materias terrenas; todo o tempo gastava nas memorias do Ceo, exercitando-se em actos de piedade Christãa, com jaculatorias a Christo crucificado, e à Virgem Santissima, naõ sem indicios de que lhe fora revelada a hora da morte. Depois de ter recebido os Sacramentos com grande ternura, e igual edificaçaõ, e com saudade de seus amados Religiosos, entregou a sua alma, entre os Nomes dulcissimos de Jesus, e Maria.

E Em a Villa de Santarem, no Mosteiro das Donas da Ordem Dominica, Sor Leonor do Rosario encheo em poucos annos com preciosas obras o glorioso curso da sua innocente vida; naõ teve instante na vida, que naõ empregasse com Deos. Sendo menina, a achavaõ as companheiras, a quem acasualidade acordava no mayor silencio da noite, posta de joelhos diante de huma Imagem de Nossa Senhora. Assistia com tal devoçaõ no Coro, que edificava a toda a Communidade. Assim que fez Profissaõ, se desappropriou de todas aquellas alfayas, que a Religiaõ, e o sexo permitte, com tal generosidade, que ainda as precisas entregou a sua irmãa, de quem a necessidade alguma vez a fez valer, como esmola, ou emprestimo. Teve huma profunda humildade, que ornou de rigorosas penitencias, assim de jejuns, como de desciplinas, com que castigava o delicado corpo, que rendido ao pezo do trabalho em natureza debil, enfermou gravemente de huma tysica, doença, que tinha pedido a Deos, logo que professou, que fosse a vida curta, e a doença dilatada. Assim o conseguio com saudade das Religiosas, que entenderaõ lhe fora

Sor Leonor do Rosario Dom.

revelado o dia da morte, e que lhe assistiria a Senhora do Rosario, em cuja sagrada presença acabou a vida, para a ter eterna na Gloria.

Sor Maria Magdalena Agost. Descalça.

F No Mosteiro de Santo Agostinho de Descalças, extra muros da Cidade de Lisboa, a Madre Sor Maria Magdalena, Agostinha Descalça, em quem resplandecerão os primores da Graça, com as primeiras luzes da razaõ, começando a maltratar a sua innocencia com anticipadas asperezas: ainda a culpa naõ era conhecida, senaõ nos ouvidos, quando já com penitencias lhe prevenia remedio. Naõ contava mais que nove annos de idade, quando com heroica resoluçaõ desprezava tudo o que era do Mundo, sem que o tenro da idade, nem o delicado do sexo tivesse horror ao rigor das disciplinas, e cilicios, com que se atromentava, sabia já o seu capricho inventar mortificações, assim como outras, vaidades; a sua cama se compunha de huns feixes de vides; e parecendo-lhe que ainda que rustica, acommodada ao descanço, fazia, que este lhe fosse penoso, deitando-se com a cabeça pendurada, para que naõ houvesse tempo, em que o seu corpo naõ sentisse os effeitos da crueldade, com que o queria mortificado. Já desta idade se abstinha de comer carne, naõ lhe faltando para a perfeiçaõ da vida Religiosa, que desejava, senaõ viver em Clausura. Aos desanove annos entrou na Religiaõ, e começou logo a dilatarse o espirito na Gloria do Esposo, querendo pelos excessos merecer a correspondencia. Dobrou logo com o estado as mortificações: eraõ os cilicios taõ crueis, que rompendo a carne, corria o sangue em fio pelos braços: as disciplinas taõ asperas, que competiaõ a todo o rigor da impiedade: a sua cama humas taboas nuas: o seu comer sobre pouco, insipido; porque todo temperava com agua fria, para perder o sazonado, e o gosto, como quem só o achava na mortificaçaõ, que augmentava com diversos artificios, trazendo continuamente na boca humas pastilhas fabricadas de fel, e farinha; e com este regalo, se naõ lisonjeava ao gosto, satisfazia ao abrazado do seu coraçaõ, que ardia em padecer pelo seu Creador. Nas mais virtudes era igual a toda a perfeiçaõ: todo o seu alivio achava na Oraçaõ Mental: aqui satisfeito o espirito, recebia de Deos singulares favores, com que a consolava, merecendo chegar ao gráo de Oraçaõ passiva, em

que

que a alma goza do ſummo bem, ſem as imperfeições da natureza. Os exercicios da Communidade ſatisfazia de ſorte, que naõ ſó edificava, mas deixava exemplo às companheiras, para ſe animarem à perfeiçaõ; a eſtes unia extraordinarios correndo de joelhos as Eſtações, opprimindo de grandes pezos os delicados hombros, proſtrando-ſe por terra com tal violencia, que parecia ſe queria viva unir com a terra. Continuamente trazia na memoria a Paixaõ de Chriſto; e com eſta doloroſa lembrança ſe affligia de ſorte, que nem no tempo das doenças fazia com o penſamento tregoas o ſeu laſtimado cuidado. A Sacroſanta Cruz amava tanto, que a ella ſe dirigiaõ todos os ſeus rendidos obſequios, como principal inſtrumento da noſſa Redempçaõ. O dia tinha repartido por horas para as ſuas devoções, ſendo cada huma deſpertadora da perfeiçaõ Religioſa. Nunca ſe eximio dos officios, em que a poz a obediencia, em que a ſua humildade fez patente o profundo da ſua virtude, e ſem que faltaſſe às ſuas occupações naõ lhe faltava tempo para tratar com Deos, de cuja beatifica viſaõ piamente cremos eſtá gozando.

G Item no Real Convento de Thomar ſe conſerva viva a admiravel charidade do Padre Frey Manoel da Aſſumpçaõ, que ſendo eleito em Dom Prior Geral da inſigne Ordem Militar de Chriſto, em hum anno taõ eſteril de frutos, que era univerſal a falta em todos; e porque a pobreza coſtuma ſentir mais eſtes effeitos, com virtuoſa piedade, compadecido dos pobres, mandou dobrar as eſmolas, ſendo muitas as ordinarias, e extraordinarias, que todos os dias reparte piedoſamente eſte grande Convento, eſta ſingular compaixaõ do proximo, lhe foy retribuida como premio da ſua fé, vendo-ſe multiplicado no celleiro o paõ, como obſervou com admiraçaõ a peſſoa que o deſtribuia. Neſte tempo foy chamado do Eterno remunerador, acabando eſta vida mortal.

Fr. Manoel da Aſſumpçaõ da Ordem Militar de Chriſto.

Commentario ao III. de Julho.

A A Cidade de Caparra, na antiga Luſitania, da qual faz mençaõ Cellario, no livro intitulado: *Notitia Orbis antiqui*, liv. 2. cap. 1. fol. 48, fica no Biſpado de Placencia, entre eſta Cidade, e a de Merida, debaxo de 14 gráos de longitud, e 40 de latitud. Della ſe lembraõ os antigos, e modernos Geografos, e o Licenciado Jorge Cardoſo, no *Commentario* do dia 28 de Abril, letra A. Neſta Cidade padeceraõ Martyrio os Santos Martyres

tyres Marcos, Muciano, e Paulo, pelos annos de 308. Delles se lembraõ os *Martyrologios* do Padre Alvaro Lobo, e do Padre Vasques o m. s. do Padre Higuera, o Italiano do Padre Constantino Felix, Dom Joaõ Tamayo, Salazar no *Martyrologio Hispano*, o *Romano* commentado do Cardeal Baronio, se bem ignora a parte aonde padeceraõ; e nelle allega o *Monologio dos Gregos*. Porém nós seguindo as Historias de Hespanha, authorisadas com os annos, e com tantas pessoas doutas, que a seguiraõ, entendemos padecerem em Caparra; principalmente quando naõ temos em contrario fundamento, que nos faça mudar de opiniaõ, em que nos confirma hum antigo m. s. que refere Tamayo com o seguinte

EPIGRAMMA

CAparra Marcus adest Martyr, necnon Mutianus
Una cum Paulo, Parvulus, & socius.
Illos in Cœlum perdulcia pondera mitis
Martyrii, quando Thura Diisque litas.
Illos de Cœlo post tempora multa reducis
Catholica ad proprios, te venerante, lares.
Ergo tui mores, tua semper nomina Divi
Servarunt sæclis, quod sua corde gerat.
Grates redde tuis memorabilis inclyta sanctis
Urbs, quos sedulitas restituitque tibi.

Dom Diogo de Arce e Reynoso, Inquisidor Geral de Hespanha, sendo Bispo da Igreja de Placencia, mandou festejar os Santos Martyres como seus naturaes, por toda a sua Diocesi, com Officio duples, por hum Edicto, que a 12 de Julho do anno de 1651, mandou publicar, no qual diz, que consultados Varoens doutos, assim Seculares, como Regulares, que discutiraõ a materia, vistas as Historias Ecclesiasticas, assim antigas, como modernas, e os antigos Archivos, assentaraõ, que eraõ seus naturaes; e que em virtude do poder ordinario, e Privilegios concedidos pelos Papas Pio V. e Gregorio XIII. às Igrejas de Hespanha, para poderem nellas festejar os seus naturaes, declarava a Festa dos Santos Martyres, como tambem outros. Dom Nicolao Antonio, na *Censura de Historias Fabulosas*, Obra Posthuma, que deu a luz o Erudito Dom Gregorio Mayans y Siscar, lib. 6. cap. 3. §. 50, nega, que estes Santos sejaõ de Caparra.

B O Mosteiro de Saõ Martinho de Lievana está fundado nas montanhas de Santilhana em Asturias, que pela aspereza do sitio, foy sagrado deposito de Santas Reliquias, que nelle se depositaraõ, quando os Mouros senhoreavaõ Hespanha, e com sacrilegos desacatos profanavaõ as Sagradas Reliquias, como se póde ver em Sandoval, no *Mosteiro de Saõ Turibio*, §. 7. fol. 4, e Yepes, *Cent.* 1. à n. 537. Nelle parece que Saõ Tolobeu teve grande parte na obra material desta Casa, e naõ menos na espiritual com o seu exemplo. O Arcebispo Dom Rodrigo da Cunha, na I. Parte da *Historia de Braga*, cap. 80. fol. 343, debaixo das authoridades de Marco Maximo, e Juliano, tem por certo, que foy Arcebispo de Braga Saõ Tolobeu; porém naõ póde saber em que tempo viveo, e ao menos diz se satisfizera, se alcançara, a quem este Prelado succedeo naquella Igreja, para desta sorte ajustar o tempo em que a governou. Argaiz, na *Soledade Laureada Theatr. de la Igl. de Braga*, liv. 3. cap. 55. fol. 71, collige de Juliano ser pelos annos de 598, o que assenta como indubitavel; porque em materia de crença de Historia, era facillissimo: mas nós, que naõ vimos tanto como este Author, e duvidamos muito do que elle escreveo, temos para nós, que Saõ Tolobeu, naõ foy Arcebispo de Braga; e nasce esta duvida em affirmar o Illustrissimo Cunha, que esta noticia a deve aos Chronicoens, de Marco Maximo, e Juliano, que na nossa opiniaõ, e os mais semelhantes a estes naõ tem credito algum, como tem mostrado abundante-

dantemente eruditissimos Authores, e saõ criticados, e tidos por apocrifos pelos Estrangeiros, e nesta conformidade, naõ podemos crer, que este Prelado governasse a Igreja Bracharense, por naõ acharmos tradiçaõ, que nolo affirme, que he huma parte da Historia, quando faltaõ documentos, com que provar a legalidade: e naõ tem o Leitor, que nos arguir, perguntando-nos a causa, para que delle fizemos mençaõ neste dia, a que respondemos, que nos pareceo preciso satisfazer à objecçaõ, que tal vez nos poria, quando lendo no Illustrissimo Cunha, a Vida deste Santo, e visse, que faltava no Agiologio, entenderia foy descuido, o naõ fazer delle memoria. Fr. Antonio da Purificaçaõ, debaixo da mesma authoridade, segue o mesmo na I. Parte das *Chronicas dos Eremitas*, liv. 3. tit. 3. §. 2, fazendo-o de mais Religioso Eremita; porque dá à sua Ordem este Mosteiro; no que tambem naõ podemos convir, por ser contra toda a Historia nossa, e de Castella, onde se lê o contrario: e como esta materia naõ he do nosso Assumpto, basta o referido.

C Em o *Commentario* do dia 30 de Abril, faz mençaõ o Licenciado Jorge Cardoso, da Cidade de Vomura, ou Omura; e conforme a ordem, que seguimos do Agiologio, a naõ devemos repetir. Foy esta Cidade singular Theatro, em que representaraõ tantas vezes os Religiosos da Companhia gloriosas tragedias, em que coroaraõ de triunfos a nossa sagrada Fé. Do Padre Belchior de Figueiredo nos temos alargado no texto; e conforme o estylo, que professamos, nos naõ fica lugar de nos podermos dilatar. Trataõ deste Virtuoso Padre, o Padre Joaõ Eusebio de Nieremberg. no IV. Tom. das *Vidas exemplares dos Varoens Claros da Companhia*, fol. 687. O Padre Bernardino Ginnaro, em a II. Parte do *Xavier Oriental*, cap. 39; Aleganibe, *Historia Societatis*, part. 1. liv 8. num. 195. *Oriente Conquistado*, part. 2. fol. 583. O Padre Luiz de Gusmaõ, em o II. Tomo.

D Nasceo na Cidade de Lagos, no Reyno do Algarve, o Padre Gaspar Moreira; foraõ seus pays Vicente Moreira, e Cicilia Rodrigues: entrou na Companhia no anno de 1614; e desde os primeiros passos, que deu na Religiaõ, mostrou os grandes progressos, que nella havia fazer: estudou letras humanas com felicidade, e depois a teve em seus discipulos, que sendo doze, eraõ taõ consumados, que se escusaraõ tres Mestres de Latim, de lhe presidirem nas disputas, dizendo, que naõ tinhaõ, que fazer em occupaçaõ, em que só haviaõ de luzir os defendentes; e mandou o Superior, que o fizesse o Padre Gaspar Moreira, e o fizeraõ com grande applauso. Esta gloria literaria, diz o Padre Antonio Franco, que naõ tem segundo exemplo na Provincia. Foy nomeado para ir para a Ilha da Madeira, ao mesmo tempo, que estava proposto para ler Phylosophia em Evora, que sem repugnancia aceitou; porque era tal a sua humildade, que fugia da estimaçaõ, que as Cadeiras lhe poderiaõ dar, dizendo, que se contentava com ler casos; porque desta liçaõ se seguiria mais utilidade ao proximo, em beneficio do qual se desejava todo empregar. Morreo no anno de 1669, como refere Franco, na *Imagem da Virtude em o Noviciado de Evora*, liv. 3. cap. 48, e no *Anno Santo da Companhia*, a 3 de Julho.

E Da India Oriental veyo Sor Leonor, com outra irmãa de tenra idade, a tomar o Habito de Saõ Domingos na Villa de Santarem, donde seu pay era natural, e de nobre gente, supposto lhe ignoramos o nome, como tambem a Patria de Sor Leonor, que naõ viveo mais, que desoito annos, e no de 1592, acabou a vida, de que faz mençaõ Sousa, na I. Parte da *Chronica de Saõ Domingos* fol. 300; o *Agiol. Dom.* neste dia; o *Dietario Virginal*, a 17 de Dezembro; o Bispo de Monopoli, nas *Chronicas da Ordem*, liv. 2. cap. 35; e Lopes.

F A Serenissima Rainha Dona Luiza, em quem o exercicio da virtude, era o esmalte, que resplandecia entre as politicas, e o elevado do seu entendimento. Depois da morte do gloriosissimo Monarca o Senhor Rey D. Joaõ o IV. ficou governando este Reyno, na menoridade do victorioso Rey Dom Affonso VI. seu filho, em que experimentou Portugal felicidades, e acertos nascidos da vigilancia com que se empregava na administraçaõ da justiça, e no culto da Religiaõ Catholica. Via a seu filho crescido na idade, e já com annos de poder sustentar a Coroa, assentou comsigo de lhe largar o Governo, e entrou em pensamentos de se recolher em hum dos Mosteiros reformados

mados da Cidade de Lisboa, aonde ſem a obrigaçaõ do eſtado Religioſo viveſſe em ſerviço de Deos. A eſte fim tinha deſtinado o Moſteiro do Sacramento das Religioſas Dominicas reformadas, em que com vigilancia ſe obſerva a Regra do Patriarca Saõ Domingos. Defronte deſte Moſteiro, tinha já a Rainha deliberado comprar huma quinta, para com hum paſſadiço ſe communicar com as Religioſas, ſervindo-lhe de Real Tribuna o Coro para as ſuas devoções. Neſta reſoluçaõ eſtava a Rainha, quando a Divina Providencia determinou o contrario. E foy o caſo, que communicando com o ſeu Confeſſor eſta materia (era elle o Padre Frey Manoel da Conceiçaõ, Religioſo grave da familia dos Eremitas de Santo Agoſtinho) lhe diſſe: Como Senhora, ſendo Voſſa Mageſtade taõ devota de Santo Agoſtinho, a quem nomea pelo Santo do ſeu coraçaõ, naõ funda hum Moſteiro da ſua Ordem, para viver? A que a Rainha reſpondeo: que como o deſejava reformado, e daquella Ordem o naõ havia no Reyno, donde podeſſe mandar vir Religioſas para o fundar em Lisboa. Venceo o Confeſſor eſta difficuldade, dizendo: que em o Moſteiro de Santa Monica havia Religioſas de virtude, e com eſpirito de refórma, e delle podiaõ ſair cinco, para ſe deſcalçarem, com que ſe déſſe principio ao Moſteiro; e elle acharia no Convento da Graça quatro Religioſos com reſoluçaõ de ſeguirem a vida mais auſtéra, que com elle ſe deſcalçaſſem; e que formaria dous Conventos, hum de Deſcalços, e outro de Deſcalças, em que Sua Mageſtade ſe recolheſſe, e tiveſſe logo Religioſos, para aſſiſtirem às Freiras. Agradou-ſe a Rainha do arbitrio; e logo mandou eſcrever a Roma ao Geral da Ordem, recommendando eſte negocio ao Cardeal Paleoto; e em breve tempo alcançou permiſſaõ para nova refórma; porque a vontade dos Soberanos ſempre ſe executa; porque na preſiſtencia tem certo o vencer as difficuldades.

Tratou a Rainha de eſcolher ſitio accomodado ao ſeu intento para as Fundações; e achando-o com as circunſtancias ao ſeu deſejo em o Valle de Xabregas, comprou huma quinta com grande caſa, bom jardim, com duas fontes, e eſpaçoſa cerca. Aqui ſe accomodou a Rainha, que como naõ buſcava Palacio para a Mageſtade, ſenaõ lugar para ſervir a Deos, facilmente ſe agradou daquella habitaçaõ. Em huma parte da quinta ſe edificou o Moſteiro das Religioſas, e depois da ſua morte ſe alargaraõ, para o que hoje exiſte, feito à Real deſpeza, e he hum lindo Moſteiro, tanto pela fabrica, como pelo ſitio; porque nos ſeus muros eſtaõ todos os dias quebrando-ſe as criſtalinas agoas do venerado Tejo. Da outra parte da terra, ſe levantou em curta diſtancia o Convento dos Religioſos. Poſta a obra em termos de ſer habitada, ſahio a Rainha do Paço no dia 17 de Março de 1663, acompanhada de toda a Corte, em Veſpera de Ramos, para na ſua nova Capella aſſiſtir aos Officios da Semana Santa. Era aſſiſtida dos Religioſos, ainda naõ deſcalços, em quanto naõ chegava o dia determinado, para ſe principiar a Clauſura. Quando a 8 de Abril do meſmo anno, no dia, que celebrava a Igreja a feſta dos Gozos, e Prazeres da Virgem Santiſſima, ſahiraõ do Moſteiro de Santa Monica, cinco Religioſas, acompanhadas de outras tantas Senhoras da primeira esféra da nobreza do Reyno; e em hum luzido acompanhamento, ſe vieraõ apear à Ermida de Dom Gaſtaõ Coutinho. Della ſairaõ a pé acompanhadas da Communidade do Convento de Noſſa Senhora da Graça, e de ſeus Prelados mayores, Frey Joſeph de Soutomayor, Commiſſario Geral, e Frey Rodrigo de Magalhães, e em Prociſſaõ foraõ à Capella da Rainha; e na ſua preſença veſtiraõ, aſſim os Religioſos, como as Religioſas, o Habito da Refórma.

Eſtava manifeſto o Santiſſimo Sacramento, e Prégou o novo Prelado dos Deſcalços, e Deſcalças o Padre Frey Manoel da Conceiçaõ, Confeſſor da Rainha, e Author deſta refórma, Religioſo de eſpirito, e talento. Poz-ſe a Caſa capaz de receber mais gente, e ſe começou a povoar de Noviças em vida da Rainha. Chamou o Senhor a eſta, para lhe dar o premio das ſuas virtuoſas obras, em hum Sabbado 27 de Fevereiro de 1666, tendo de idade 53, quatro mezes, e quinze dias. Mandou, que ſe acabaſſe o Convento, e que ſeu corpo foſſe enterrado na Igreja delle; e porque eſta naõ eſtava ainda perfeita, ſe depoſitou na dos Religioſos Carmelitas Deſcalços de Corpus Chriſti, até que no anno de 1717, a 17 de Junho, ſe trasladou para eſta Igreja,

como

como dissemos no livro VII. da *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, pag. 260 do Tomo VII. e jaz detraz do Altar môr, sem Epitafio, merecendo pelo Augusto Solio, que occupou, pelas virtudes, com que resplandeceo esta soberana Heroina, repetidos Elogios, que declarassem o lugar, em que está, e as felicidades, que deveraõ os seus vassallos à sua heroica resoluçaõ, e acertos do seu governo, que fará sempre saudosa a sua memoria.

Este Mosteiro he sem duvida hum dos de mayor observancia, e rigor de vida, dos que se conhecem na Europa; porque nelle se sepultaõ em vida todas as que nelle professaõ, por acabarem para o trato, e communicaçaõ das gentes; pois nem fallaõ, nem vem pessoa alguma de hum, e outro sexo, e sómente para assistencia do culto Divino, sabem, que ha Religiosos da mesma Refórma, que lhes administraõ os Sacramentos; sendo tal o seu desapego, que naõ só se apartaõ dos pays, e das mãys, mas desde o dia, que pizaraõ a Clausura, naõ tiveraõ mais noticia, nem das felicidades, ou infelicidades, que padeceraõ, nem ainda o tempo que viveraõ, pois nem a sua morte lhes partecipa a Prelada; porque costuma dizer, que se encommende a Deos o pay, ou a mãy de huma Religiosa, que faleceo, e cada huma o faz entendendo poder ser o seu. Neste amenissimo Jardim de Virgens consagradas ao culto do Omnipotente Deos, viveo quarenta e hum annos, gastados em Religiosa observancia a Madre Sor Maria Magdalena, até que neste dia, no anno de 1714 faleceo. Era natural do Lugar de Bucellas: seus pays se chamaraõ Manoel da Costa, e Maria Fernandes. Na Religiaõ occupou os primeiros lugares. Foy de tanta observancia, e Oraçaõ, como temos visto, e de taõ elevado amor de Deos, que lhe ouviraõ em huma occasiaõ, que entre ella, e Deos, naõ queria mediasse nada, nem ainda hum Serafim. Na manga trazia hum papel escrito com estas palavras: *Na vista recolhida, no ouvir mortificada, nas palavras mansa, e acautelada.* Desta prevençaõ foraõ filhas as suas ditosas obras; e ainda que naõ foy das primeiras fundadoras deste Mosteiro, segundo o estilo desta obra, por ser a primeira vez, que nelle fallamos, demos noticia da sua Fundaçaõ; o que observou muitas vezes Cardoso. O que referimos, nos consta de varios documentos, que nos fez merce communicar o Reverendissimo Padre Frey Agostinho de Santa Maria, Vigario Geral da dita Ordem, sem cuja authoridade seria impossivel poder alcançar noticia alguma destas Religiosas, que parece só querem, que Deos seja sabedor das suas virtudes.

G Neste dia faleceo o Padre Frey Manoel da Assumpçaõ, Dom Prior da Ordem de Christo, no anno de 1651, como consta das Memorias m. s. que temos do Real Convento de Thomar.

JULHO IV.

A EM a Cidade de Coimbra, famosa Athenas da Lusitana Monarchia, no Mosteiro de Santa Clara da Observante Familia, a Festa da esclarecida Santa Isabel, Augusta Rainha de Portugal. Na Cidade de Çaragoça vio a primeira luz, sendo o seu nascimento milagroso Iris, que serenou as discordias entre os Reys de Aragaõ. Naõ teve este portentoso prodigio da graça tempo, que naõ exercitasse em virtude; porque antecipando-se os desejos aos annos, castigava seu corpo, como senaõ fora innocente; e assim

Santa Isabel Rainha de Portugal Terceira de S. Francisco.

ſim gaſtou os tenros annos em occupações ſantas, ſem que o delicado do ſexo, nem a memoria de Princeza, ſerviſſem de embaraço aos ſeus ſantos exercicios. Era diſcreta ſobre fermoſa; as galas uſava por penſaõ da Mageſtade, e naõ por ornato de vaidade. Já deſde entaõ todo o ſeu cuidado era ſoccorrer os pobres, deſejando poſſuir os theſouros da Coroa de ſeus pays, para remediar os neceſſitados. Creſcia igualmente na idade, que na graça; e aſſim eſpalhada pela Europa a fama das ſuas virtudes, naõ havia Coroa, que a naõ pertendeſſe ſubir ao Throno da Mageſtade. Foraõ as inſtancias de muitos Principes repetidas; porém como o Ceo tinha deſtinado à Monarchia Portugueza, para theatro das ſuas virtudes, ſe effeituaraõ as vodas com ElRey Dom Diniz, unico do nome, Principe de excelſo animo, e de naõ igual fortuna, na gloria de tal eſpoſa. Naõ era o eſtado da inclinaçaõ da Santa, porque deſejava ſer Religioſa; porém fez ſacrificio da obediencia aos pays, acceitando finalmente a Coroa Portugueza, em que a ſua ſingular virtude ſoube deſcobrir tantos incognitos caminhos de humilde, para a fazer mais precioſa diante da Divina Mageſtade. Era admiraçaõ ver huma Rainha na primavera dos annos, toda entregue a aſperas mortificações, trazendo rigoroſos cilicios debaixo das Reaes veſtiduras. Naõ ſó ſe mortificava, abſtendo-ſe dos regalos, mas ainda dos alimentos, que podera admittir ſem dilicia. Jejuava tres dias na ſemana, nas ſeſtas feiras, e Sabbados, Vigilias das Feſtas do Senhor, e de ſua Mãy Santiſſima, dos Sagrados Apoſtolos, dos Santos Anjos, e de outros particulares advogados, a paõ, e agua. Jejuava todo o Advento, e Quareſma, ajuntando a eſta a da Senhora, que principia dia de S. Joaõ, e acaba dia da glorioſa Aſſumpçaõ; a dos Anjos, que começa no meſmo dia, e acaba a trinta de Setembro. Todo o anno ſeria hum continuado jejum, ſe a obediencia aos Directores eſpirituaes lho naõ impedira. O exercicio da humildade, que podia parecer mais difficultoſo à ſoberania do Sceptro, exercitava heroicamente, mandando vir em ſegredo ao Paço treze pobres dos mais miſeraveis, e poſta de joelhos lhes lavava os pés, e depois os ſervia à meſa; e dando a cada hum ſua eſmola, e veſtido, os deſpedia remediados. Succedeo-lhe em ſemelhante exercicio repugnar huma mulher, ou por reſpeito da Mageſtade, ou por

pejo

pejo, meter na bacia hum pé, em que tinha hum cancro (laſtimoſo eſcandalo à viſta, e olfato) e obrigando-a a Santa Rainha a que conſentiſſe, deſcobrindo o pé, ſervio de horroroſa viſta aos aſſiſtentes, que voltando o roſto, chegaraõ a largar a occupaçaõ, fugindo do cancro, como de mal contagioſo; porém a Santa Rainha com fervoroſa charidade, lavou o pé, e depois de o limpar muy brandamente bejou a chaga, e recebeo a mulher (caſo maravilhoſo!) no contacto ſaude perfeita. O ſeu Paço era o aſylo dos pobres; nelle recolhia alguns filhos de ſeus vaſſallos, que naõ tinhaõ com que ſuſtentar o trato da nobreza. Todos os annos dotava muitas orfãas, ſendo ſempre as mais deſamparadas as preferidas. Viſitava naõ ſó nos Hoſpitaes publicos aos enfermos pobres, mas nas ſuas proprias caſas os buſcava; aqui os ſervia, e conſolava, e a muitos dava ſaude. Era já notoria pelo Mundo a fama da ſua charidade; e aſſim concorriaõ, naõ ſó dos proprios, mas dos eſtranhos Reynos, innumeraveis pobres; de modo, que lhe cercavaõ o Paço, ſeguiaõ-na na rua, ſendo eſta a ſua mais luzida comitiva, eſtimando mais o ſequito dos miſeraveis mendigos, do que o obſequio, que a Corte lhe fazia. Sendo ſempre ardente a ſua charidade para com os proximos, excedeo em occaſiaõ, em que ſe achava, naõ ſó o Reyno de Portugal, mas o de Caſtella, em huma rigoroſa eſterilidade; porque naõ ſó os pobres, mas ainda os ricos eraõ neceſſitados, de tal ſorte, que cahiaõ os homens mortos de fome, chegando a andar pelos campos, como ſe foraõ brutos, buſcando com que manter a vida. De taõ extrema neceſſidade compadecida a Santa Rainha, mandou abrir os Reaes celleiros, e com generoſa providencia mandou procurar trigo de partes muy remotas, pro preços taõ ſubidos, que gaſtou conſideraveis ſommas de dinheiro, para o que chegou a desfazer huma boa parte das ſuas joyas. Vendo os Miniſtros, e Officiaes da ſua Caſa, que dava tudo, lho quizeraõ impedir, repreſentando-lhe o aperto, em que ſe podia ver a ſua propria familia, por ſe naõ fazer alguma reſerva; porém mais perſuadida da laſtima, do que da cautela dos Miniſtros, continuaraõ as eſmolas, como quem tinha na ſua fé os inextinguiveis theſouros da Divina Providencia.

Naõ havia dia, em que naõ moſtraſſe a Santa Rainha,

 que

que ardia no amor de Deos. Houve neſte tempo grandes diſſenções, entre ElRey Dom Diniz, e o Principe Dom Affonſo ſeu filho: era eſte, ſobre valente, e esforçado, orgulhoſo; e aſſim com eſcandaloſa guerra, intentou fazerſe Senhor do Reyno: e ajuntando algumas tropas, poz hum exercito em campanha, com que rendeo algumas Cidades. Sentio o pay a deſobediencia do filho, e determinou caſtigalla com ſeveridade. Cauſava à Santa Rainha grande horror a deſatençaõ do Principe, porque fazia mais juſtificada a reſoluçaõ delRey; e aſſim vendo-ſe entre prendas, que o amor, e natureza, fizeraõ taõ eſtreitas, deſejava achar caminho feliz de compoſiçaõ; e armada de ſuperior impulſo, livrou o Principe do imminente perigo, a que eſtava expoſto. Creſciaõ as diſcordias, ſem que ſe attalhaſſem os meyos: chorava a Santa Rainha rios de lagrimas, entendendo ſer caſtigo das ſuas culpas, o que o Reyno padecia: buſcou ElRey, e alcançou perdaõ para o Principe, ſendo o aſtro benigno, que influía a tranquila paz, tantas vezes conſeguida pela ſua virtude. Com eſte beneplacito partio ſem demora à Villa de Pombal, aonde eſtava o Principe acampado, e com amor de mãy, e Mageſtade de Rainha, lhe eſtranhou com heroico animo os indignos penſamentos, com que ſe tinha deixado vencer, pertendendo com eſcandalo do Mundo, e horror da natureza, arrebatar com violencia a Coroa de ſeu pay, quando o Ceo ſem oppoſiçaõ lha tinha deſtinado para ſeu tempo. Depois de convencido, o perſuadio, a que proſtrado com humilde rendimento aos Reaes pés de ſeu pay, lhe pediſſe com publica obediencia o reſtituiſſe à ſua graça. A todos os Reos daquella meſma culpa, prometteo, em nome de ElRey, perdaõ geral, e que ſem mais memoria, ſeriaõ ſepultados naquelle campo os paſſados aggravos. Finalmente, reduzidos a huma amigavel concordia, ficaraõ reconciliados na graça delRey o Principe, e os ſeus parciaes; porém como naõ havia de ſer ditoſo o fim das ſedições civis, quando apparecia o animado Iris da Igreja, que com o brando orvalho das ſuas innocentes lagrimas ſerenava todo o Reyno com benignas influencias?

Já livre das paſſadas afflições reſpirava o ſeu eſpirito em obſequioſos cultos do ſeu Deos, quando por Divina revelaçaõ, edificou hum Templo em honra do Eſpirito Santo na Villa

Villa de Alem-quer; para que o Ceo lhe deu o risco, achando já na terra abertos os alicesses, que testemunhavaõ o milagre, e os merecimentos da Santa Rainha. Assistia com incrivel devoçaõ a esta fabrica; e como era do agrado de Deos, pertendia levalla à ultima perfeiçaõ. Assistia à fabrica, para que com os seus olhos luzisse a obra. Em hum dia já no fim da tarde, passou huma moça com hum ramilhete de rosas: offereceo-o à Santa Rainha, e tomando-lhas, quando quiz voltar para o Paço, deu a cada hum dos Officiaes huma rosa, dizendo-lhes: que com ella lhes pagava o dia, e que sendo a paga ventajosa o devia merecer o trabalho. Aceitou cada hum, como graça, a rosa, guardando-a em lugar destinado. Deu fim o dia, e com elle o trabalho, e buscando cada hum a sua flor, achou huma dobra de ouro. Suspensos, e incredulos, naõ sabia a admiraçaõ formar discursos, como quem ignorava, que a virtude só tinha o segredo da alchimia, taõ curiosamente buscada da ambiçaõ. Quiz a Santa Rainha encobrir o milagre, mas naõ foy possivel; porque foy o caso publico, e se divulgou logo por toda a parte, naõ servindo de admiraçaõ aos seus vassallos a virtude da Santa Rainha, por já terem applaudido milagrosas transformações naquelle mesmo lugar, como se vio, quando para preciso remedio, mudou a sua virtude a substancia da agua em generoso vinho. A taõ publicas maravilhas eraõ repetidas as acclamações da Santidade da Rainha, sendo toda a sua vida hum continuado milagre, com que a Omnipotencia manifestava os seus merecimentos. Costumava na mesma Villa de Alem-quer orar nas margens do rio; e para que se exercitasse na humildade, lavava os panos immundos dos Hospitaes, recebendo as aguas, e os panos pelo contacto das suas mãos, virtude occulta, com que saravaõ aos enfermos de doenças já tidas por incuraveis: a coxos deraõ saude, a cegos vista, sendo aquellas aguas o remedio universal dos afflictos. Nestes humildes exercicios occupava a soberania da Magestade, rendendo com humilde coraçaõ diante do conspecto Divino, tudo quanto fora servido concederlhe a liberal maõ do Altissimo. Tudo quanto obrava, eraõ sempre claros prodigios, com que o Ceo testemunhava as suas virtudes. Fundou o Mosteiro de Santa Clara de Coimbra, cuja primeira pedra lhe lançou a sua religiosa piedade, acompanhada

da de muita nobreza, com aquellas ceremonias, que a Igreja determinou em ſemelhantes actos. Era eſta obra toda da ſua devoçaõ, e por iſſo lhe levava todo o cuidado. Quando tratava deſta fabrica lhe ſuccedeo aquelle ſempre memoravel caſo de levar no regaço o dinheiro, para pagar aos Officiaes por ſua propria maõ; quando encontrando ElRey, lhe perguntou o que levava? A Santa naõ por encobrir o diſpendio, mas o merecimento de humilhar a Mageſtade, diſſe: que levava roſas; e querendo ElRey velas, por ſer fóra da Eſtaçaõ, vio transformadas em flores, o que eraõ moedas, pagando deſta ſorte o ouro em fragancias, o luzimento, que em outra occaſiaõ dera as roſas.

No tempo em que lograva o Reyno huma feliz tranquilidade, eſquecidas as paſſadas diſcordias, morreo ElRey Dom Diniz com grande ſentimento da Rainha; porque amava ternamente a ſeu eſpoſo. Porém como a Santa ſogeitava a propria vontade à diſpoſiçaõ Divina, e com heroica reſoluçaõ deſpio os Reaes adornos, e ſe veſtio do pobre ſayal do Seraſim humano Saõ Franciſco, cingio-ſe com huma aſpera corda, e poz na cabeça hum véo branco: e empregada toda em louvaveis obras, offerecia a Deos repetidos ſacrificios pela alma delRey; por cuja interceſſaõ fez huma romaria a Galiza, a viſitar o corpo do Apoſtolo Santiago, acompanhada ſómente de algumas peſſoas, que eſcolheo, e fóra de fauſtos, e grandezas, para que naõ foſſe conhecida; mas as eſmolas, que fazia, a davaõ a conhecer. Eraõ notorias em todo o Reyno as prodigioſas obras da Santa Rainha: aſſim a veyo eſperar ao caminho huma mulher com huma filha, que lhe havia naſcido cega, e com rogos, e importunações de afflicta, pedia à Santa Rainha lhe pozeſſe as mãos nos olhos: recuſava a Santa; mas as inſtancias foraõ taes, que a obrigaraõ a lhe pôr as mãos nos olhos, e recebeo com o contacto a luz do dia. A mayor parte do caminho foy a pé, exercitando-ſe para quando havia de repetir a meſma devoçaõ, a qual fez, feita peregrina a pé, pedindo eſmola. Foy eſta huma das mais heroicas acções da Santa Rainha, e a mayor, que ſe póde contar de huma Peſſoa Real, o verſe pobre, e neceſſitada voluntariamente aquella meſma, em cujo coraçaõ tinhaõ aſylo os neceſſitados. Viſitado o Santo Apoſtolo com ſingulares jubilos da ſua abraza-

da

da devoçaõ, lhe offereceo generosos votos a sua piedade. Recolhida ao Reyno, com nova admiraçaõ das gentes, se desfez de toda a real pompa, mandando, que todos os ornatos da sua pessoa, e casa, assim de ouro, como de prata, se convertessem em adornos para o culto Divino, em que ardia aquelle generoso espirito, desejando pelo seu amor obrar excessos. Junto ao seu Mosteiro de Santa Clara edificou hum Paço para viver, mas com tal cuidado, que tinha porta para o Mosteiro, e para o Hospital; e porque o seu emprego era servir aos doentes, e no Mosteiro orar, era quasi inutil o Paço, no qual naõ estava sem Religiosas, ou enfermos; e assim naõ tinha tempo ocioso, porque todo empregava em obras dignas do agrado de Deos. Desejou muito a Santa Rainha largar este Real titulo, Professando na Clausura a Regra de Santa Clara; e consultando os Varoens mais doutos, que teve aquella idade, resolveraõ, que naõ convinha: e feito sacrificio desta vontade, professou a Terceira Regra de Saõ Francisco, a qual observou com tal vigilancia, que foy a idéa da perfeiçaõ religiosa. Aquelle animo, em que tinha o seu centro a piedade, e amor do proximo, se sacrificou pela utilidade publica a sahir de Coimbra para Estremoz, aonde estava ElRey seu filho, declarando guerra a Castella; e querendo Deos darlhe glorioso premio, foy acomettida de huma enfermidade. Nella a visitou a Rainha dos Anjos, e confortada com esta santissima visita, conservou as dilicias do espirito por algumas horas, em claros resplandores no seu rosto; e crescendo a enfermidade, naõ se esquecia de conferir os meyos da paz; e conhecendo, que morria, rezou em intellegivel voz o Credo, e feita a protestaçaõ da Fé, fixos os olhos em huma Imagem da Rainha da Gloria, repetindo o verso: *Maria Mater gratiæ*, e abraçando-se com hum Crucifixo, entregou nos seus braços aquelle felicissimo espirito, para reynar eternamente na gloria, no anno de 1336.

B No mesmo dia em Marrocos, Cidade de Africa, o insigne Martyrio de sete resolutos Mancebos, criados em casa do Xarife Moley Maluco, com os falsos documentos da barbara ley de Mafamede, os quaes souberaõ com heroica resoluçaõ trocar as vans, e enganosas esperanças, que o Rey daquella terra lhe promettia, pelas infaliveis, que o Rey da Gloria pro-

Francisco da Esperança com seis companheiros MM.

prometteo aos que o seguissem. Chamavaõ-se estes valerosos soldados de Christo Francisco da Esperança, Simaõ de Freitas, Antonio da Sylva, Joaõ, Domingos de Gouvea, Amaro Gonçalves, e Fernaõ Gines, o qual entre todos os seus companheiros gozou applausos, e estimações do Xarife. Naõ chegava a contar nenhum destes mancebos vinte annos de idade, quando com o seu sangue testemunharaõ a Ley de Jesu Christo, que tinhaõ no coraçaõ. Foraõ com infeliz fortuna levados a Marrocos por diversas casualidades, e mandados pelo Rey entregar a dous Eunuchos, para os persuadirem, e instruirem em a falsa ley de Mafoma, de que chegaraõ a receber o turbante, mais constrangidos do temor, e persuadidos dos affagos, e promessas, do que resoluta vontade; pelo que sempre conservaraõ no coraçaõ as verdades do Evangelho, em cuja observancia desejavaõ morrer; e assim com obras de Christãos desmentiaõ as apparencias do traje, de que usavaõ. Faziaõ oraçaõ a Deos, tomavaõ disciplinas, observavaõ os jejuns da Igreja, davaõ esmolas, do que podiaõ reservar das suas moradias, com que se accodia aos miseraveis cativos doentes. Com estes, e outros actos de piedade internos se exercitavaõ, sendo cada hum director do outro, para se adiantarem na perseverança da verdadeira Fé, que por temor escondiaõ no coraçaõ. Nestes louvaveis exercicios se occupavaõ todo o tempo, que lhes era possivel. Tinhaõ por especial Protectora a Virgem Senhora Nossa, e do seu Santissimo Rosario, se fizeraõ Confrades; he certo, que de taõ singular Protecçaõ, se lhes haviaõ seguir gloriosos fins. A esta virtuosa companhia se aggregou hum rapaz Elche de doze annos, rogando que o admittissem; porque queria abraçar a Ley de Jesu Christo, em que pedia o instruissem. Tomou Simaõ de Freitas à sua conta ensinarlhe a Doutrina Christãa. Nesta santa conformidade viviaõ todos, quando o poder do Altissimo quiz mostrar os escondidos segredos da sua Providencia, tomando por instrumento a desconfiança, que teve hum Elche com Simaõ de Freitas, a quem ameaçou, que havia de descobrir, que elle, e toda a sua companhia, eraõ Christãos. Conheceo Simaõ de Freitas o perigo, em que todos estavaõ; deu parte aos fieis companheiros, e com ardentes razões os persuadio à constancia, e firmeza na Fé; concluindo, que aquelle, que se atre-

atreveſſe a confirmar em publico a verdade, que tinha no coraçaõ, dando pela ſua confiſſaõ a vida, ſe pozeſſe da ſua parte, e o ſeguiſſe. Foy o primeiro Ale, e logo com toda a preſſa os demais camaradas. Chega a noticia a ElRey deſte caſo, e embravecido de colera, os mandou logo vir à ſua preſença de dous, em dous, e com palavras deſabridas lhes diſſe: como ingratos, e deſconhecidos tendes largado a ley do Profeta? Como deſmentis nas obras o traje de que vos honrou? Como naõ temeis a ſua indignaçaõ? Sem duvida perdeſtes o juizo; porque como loucos naõ reparais no perigo, que eſtá imminente ſobre as voſſas vidas, que póde ſuſpender a minha maõ, ſe com nova conſtancia deteſtares a Ley dos Chriſtãos. A que reſponderaõ todos com magnanimidade Catholica, que aquelles turbantes foraõ recebidos preoccupados do horror dos tormentos, ſem que de coraçaõ ſe diminuiſſe a Fé de Jesu Chriſto, que ſempre profeſſaraõ, em cujo obſequio eſtavaõ promptos para ſacrificar as vidas, emmendando com a conſtancia a puſilanimidade paſſada. Indignado ElRey com a liberdade, e firmeza dos mancebos, e admirado de ver reſoluçaõ tamanha em annos taõ florentes, que podendo amar a vida, a deſprezavaõ com generoſa conſtancia; e que ſendo ſeus eſcravos, contradiziaõ a ſua vontade, cheyo de nova furia, voltou para Ale, dizendo: como tu, naſcendo Mouro, e criado na doutrina do Alcoraõ deſprezas a ley, que te deu o ſer, e em que teus mayores viveraõ honrados? A que reſpondeo o valeroſo ſoldado de Chriſto: Porque reconheci com a luz da Graça, a torpeza deſſe teu adorado Alcoraõ, por iſſo arrependido, buſco de todo o coraçaõ a Jesu Chriſto, em quem creyo, em cuja Fé ſó ſe póde conſeguir a Gloria. E ſendo repreguntados pelo meſmo Rey os demais companheiros, ratificaraõ a ſua perſeverança na Fé; pelo que foraõ mandados logo todos degolar ſecretamente, ficando publicos Martyres de Chriſto.

C Item na meſma Cidade de Marrocos, o glorioſo certame de Antonio Mendes Diacono, Director daquelles ſete mancebos, de que acima fizemos mençaõ, os quaes corroborava nos Myſterios da noſſa Santa Fé; para o que lhes dava livros eſpirituaes, Cruzes, e Imagens Santas, para os adiantar na perſeverança; e a eſtes perſuadia, e aconſelhava, naõ ſó com as palavras, mas com o exemplo, à conſtancia, e fir-

Antonio Mendes Diacono M.

meza da Fé, para que naõ perdessem com o habito, o que tinhaõ no coraçaõ, do que inteirado ElRey, mandou, que fosse o seu corpo despedaçado aos golpes dos alfanjes Agarenos; o que se executou à vista de todos, na praça do seu Palacio, até que despedaçado das feridas, entregou a alma ao seu Creador: seu corpo principiaraõ a queimar os barbaros rapazes, o que de todo conseguiriaõ, se a cautela de alguns Catholicos lho naõ impedira.

Agostinho, e Aleixo MM.

D Na Cidade de Dinhtram, no Reyno da Cochinchina, alcançaraõ gloriosas palmas de Martyrio Agostinho, e Aleixo, na cruel persecuçaõ, que contra aquelles povos recem-nascidos à Fé de JESU Christo, levantou a diabolica astucia do inimigo commum do genero humano. Foy accusado Agostinho de ser Christaõ, pelo que o prenderaõ; o que sabendo Aleixo, sahio de sua casa, e publicamente confessou ser Christaõ, sem que ninguem lho perguntasse; e querendo o Juiz desta execuçaõ (a que elles chamaõ Mandarins) persuadir a Aleixo, que retratasse a confissaõ, que tinha feito, elle lhe respondeo, que ainda que lhe custara mil vidas, naõ deixaria de publicar, que de todo o coraçaõ cria na Fé de hum só Deos verdadeiro, Creador de todas as cousas, a quem elle devia mayor obediencia, do que a todos os Reys da terra. Enfurecido o Juiz com esta reposta, o mandou prezo meter no carcere, aonde já estava Agostinho, e Simeaõ, e outros companheiros, Ignacio, Paulo, e Joaõ, dos quaes só Agostinho, e Simeaõ estavaõ com o afrontoso castigo, a que chamaõ canga, por ser posto no pescoço, do qual se naõ podia usar sem Real Decreto; o que vendo Aleixo, rogou ao Juiz o fizesse participante daquella afrontosa molestia, que padeciaõ seus companheiros; e foraõ taes as instancias, que o Juiz corrido da sua constancia, avisou ao Governador da Provincia, lhe desse faculdade, para pôr em Aleixo aquella divisa de infamia, a qual recebeo com fervoroso espirito, de ser ultrajado por JESU Christo. Foraõ levados os prezos à presença delRey, e juntamente as Sagradas Imagens, e os livros espirituaes, que se acharaõ em casa de alguns Christãos. Vendo o Rey tres prezos com cangas, naõ sendo a ordem mais, que para dous, perguntou a causa, e informado do valeroso soldado de Christo, Aleixo, o pertendeo convencer com palavras, dizendo-

lhe:

lhe: como atrevido aprendeſtes a Ley dos Portuguezes, que eu tenho prohibido, ſendo contra os meus Reaes Edictos? Como te atreveſtes a faltar à minha vontade? A que Aleixo reſpondeo ſem temor: A Ley, que eu profeſſo, naõ he dos Portuguezes, mas de Deos, que he o Senhor de todos os Senhores, e Rey de todos os Reys, Creador dos Ceos, e da terra; ſe por ſeu amor me deres a morte, lhe darey infinitas graças; ſe me deixares com vida, farey o meſmo, por ſer aſſim ſua Divina vontade. De taõ reſoluta repoſta ficou ElRey corrido; e voltando-ſe para Agoſtinho, com ſemelhantes perguntas, encontrou com iguaes repoſtas: e vendo a firmeza das confiſſoens os condemnou à morte, e as Sagradas Imagens, e livros, a ſerem queimadas; e porque ſe naõ animaſſem os mais Chriſtãos da conſtancia dos Martyres, ordenou, que foſſe a execuçaõ fóra da Corte: pelo que foraõ levados a Dinhtram, cabeça da Provincia, para que o Governador mandaſſe fazer a execuçaõ determinada. Partiraõ para eſta Cidade alegres, e contentes, pondo em mayor confuſaõ aquelles barbaros povos, quando os viaõ padecer injurioſas afrontas dos ſoldados, que os eſcoltavaõ, que elles com animo pacifico recebiaõ como favores do Ceo. Finalmente chegando à Cidade, deſtinada para o Triunfo da Fé, os mandou o Governador meter no carcere, por ſerem dias, que elle obſervava de feſta; mas eſta demora foy alto myſterio da Providencia Divina; porque acodiraõ innumeraveis Chriſtãos, que ſe confortaraõ na Fé, com a viſta dos Martyres. A mulher de Aleixo o foy ver, levando conſigo hum filhinho de ſete annos, o que reparando hum ſoldado, lhe diſſe: Como naõ tendes amor a voſſa mulher, e filho? A que Aleixo reſpondeo: Pois naõ ſe alegra o filho com ver o pay lograr a dignidade de Mandarim? Pois a muito mayor occupaçaõ me eleva a catana, e quanto mais padecer por Chriſto, mayores ſeraõ as honras, que recebe-rey de premios, que duraõ por toda a eternidade; e voltando-ſe para a mulher, lhe diſſe, que naõ uſaſſe das demonſtrações de ſentimento, que pelas faltas dos maridos ſe coſtumavaõ; porque naõ merecia compaixaõ, ſe naõ inveja, a morte, que era precioſa diante do Senhor. Chegado o dia, em que ſe havia de executar o Martyrio, foraõ todos os companheiros ao lugar do ſupplicio, no qual depois de cortarem os cabellos

 a Igna-

a Ignacio, Paulo, e Joaõ, os açoutaraõ cruelmente, e naõ lhe tiraraõ as vidas os impios miniſtros, por naõ excederem o Decreto do ſeu Rey. Agoſtinho, que era catequiſta, animava aos companheiros com a infalivel eſperança da Gloria, e exhortando à obſervancia da Ley de Deos, ſe voltou para Aleixo, dizendo: Meu irmaõ mayor, naõ entre em nôs medo, que acobarde, mas a eſperança de que logo hiremos gozar, para ſempre das delicias do Noſſo Creador: e repetindo ambos com grande devoçaõ os Nomes de JESUS, e de MARIA, offereceraõ as cabeças às barbaras catanas, ajuntando-ſe ao innumeravel numero dos Martyres. As ſuas cabeças foraõ poſtas por injuria encima de dous páos, que ſerviaõ de Altares, em que a veneraçaõ dos Catholicos os eſtimava como Santos. Acabada a execuçaõ, chegaraõ alguns Chriſtãos a recolher com piedoſa devoçaõ as veneraveis reliquias dos Martyres, que eſtimavaõ mais, que todos os theſouros precioſos do Oriente.

O P. Diogo de Mattos da Companhia.

E Em a Cidade de Goa, no Collegio de Saõ Paulo, deu fim a huma vida chea de trabalhos, mas glorioſa para a Companhia de JESU, o Padre Diogo de Mattos, que ſendo Miniſtro do meſmo Collegio, foy mandado a inſtancias dos ſeus rogos, para a Miſſaõ da Ethiopia, aonde com incançavel zelo moſtrou o fervor de ſeu eſpirito. Era de animo taõ candido, e de condiçaõ taõ agradavel, que atrahia a ſi os affectos das gentes. O Emperador de Ethiopia Soltam Seghed o eſtimou com eſpecialidade, trazendo-o comſigo, aſſim na Corte, como na Campanha; e como verdadeiro Operario do Evangelho, naõ perdia tempo, prégando em toda a parte, refutando publicamente os erros Alexandrinos, que innumeraveis almas abjuraraõ, ſeguindo pela ſua inſtrucçaõ a verdade, que enſina a Igreja Romana. Naõ ſe conſeguem felices fins, ſenaõ por meyo de graviſſimos trabalhos; padeceo fomes, e frios, que a conſtancia do ſeu animo ſofria, com roſto alegre, ſem que as muitas adverſidades diminuiſſem a ſua paciencia. Foraõ grandes as occaſiões de ſofrimento neſta Miſſaõ; porque mudado o governo com novo Emperador, ſe tornaraõ aos erros do Abuna, que he o ſeu Biſpo, e com caviloſas maquinas expulſaraõ ao Patriarca, e mais Miſſionarios da Companhia, que o ſeguiraõ, ſendo primeiro prezo o

Padre

Padre Diogo de Mattos em Suaqhem, aonde esteve com o Patriarca Affonso Mendes, hum anno, em taõ apertado carcere, que com o excessivo calor mudou toda a pelle, ficando em huma chaga viva: os pés lhe meteraõ em hum cepo, e ao pescoço lhe lançaraõ huma cadea de ferro muy grossa, pezada, e comprida, que se fechava com mais prezos. Nesta cruel prizaõ lhe seguravaõ esperasse a morte, e nella acabariaõ, se alguns Bani-anes amigos da Naçaõ Portugueza, vendo, que partia huma Náo para Dio, e que perdida aquella occasiaõ, se naõ poderia conseguir outra, foraõ compadecidos ao Patriarca, offerecendo-lhe algum dinheiro, com que se podesse satisfazer a cobiça do Turco, a cujo cargo estava a custodia. Fe-lo assim o Patriarca, para ver se com a liberdade podia alcançar algum meyo, com que podesse livremente assistir ao seu afflicto rebanho. Deraõ à véla, e chegaraõ a Goa, foy nomeado em Reytor do Collegio o Padre Diogo de Mattos; cargo, que exercitou com satisfaçaõ dos subditos. Neste tempo acomettido de huma febre maligna, deu fim à sua vida, com grandes saudades de seus amados companheiros, a quem sempre com o exemplo edificou; porque na Oraçaõ era pontualissimo, tendo-a pela manhãa no Coro de joelhos. A pobreza observava como virtude santa, sendo o seu vestido, e calçado sempre o mais vil, e usado. O corpo castigava com rigorosas disciplinas, sem que houvesse dia privilegiado para as mortificações. Era taõ sofrido, que as injurias naõ alteravaõ a sua paciencia; porque immovel às semrazoens, naõ parecia composto de natureza humana, senaõ Angelica. De taõ preciosas obras, he de crer, está gozando o digno premio, que Christo prometteo, aos que o seguissem neste Mundo.

F No Real Convento de Santa Cruz, da Cidade de Coimbra, da Canonica Familia Agostiniana, deu fim à sua Religiosa vida Dom Athanasio, Sacerdote de taõ bons costumes, que o seu mayor emprego era contemplar, e meditar na Eternidade: foy dotado de boas partes, desejando empregallas todas em obsequio de Deos; e assim cantava no Coro todas as vozes, e seguindo com perfeiçaõ a vida Regular, mereceo pela sua observancia a Gloria, que piamente cremos está gozando.

D. Athanasio C. Reg.

G Item no Mosteiro de Saõ Bento de Evora, a memoria

Sor Maria Bautista Cister.

ria da prudente Virgem Sor Maria Bautista, Religiosa de véo branco, a que no Mosteiro chamaõ Conversas, mulher de muita oraçaõ, da qual tirava soberanos regalos, com que o Senhor a favorecia muitas vezes no dia. Entrou no Claustro deste Mosteiro, para criada de huma Religiosa grave, e o seu procedimento, e virtude, a habilitaraõ para o estado de Freira; ainda antes de sua ama lhe passar pela imaginaçaõ solicitarlhe lugar, já no Mosteiro a acclamavaõ Religiosa, correndo huma voz, que havia de ser Conversa. Fallaraõ algumas Religiosas a seu favor a ama, que se inclinou à supplica, e tratou de lhe procurar dote, o qual em menos de dous annos o teve junto, naõ tendo grande tença; porque Deos concorria para este beneficio. Tomou o habito; e sendo costume naquella ceremonia, fazer sinaes, como pelos mortos, naõ lembrou a ninguem, e na profissaõ succedeo o mesmo; mostrando o Senhor nesta, ao parecer casualidade, que desde que entrara naquella Casa, em que sete annos esteve servindo, já desde entaõ se sepultara para o Mundo. Desde moça foy bem inclinada, e com as obrigações do estado subio ao auge da perfeiçaõ Religiosa, sendo pontualissima nas leys da Religiaõ; naõ trazia camisa senaõ de estamenha; dormia sobre huma cortiça breve somno, e se affligia com extraordinarias mortificações, e penitencias. A sua consciencia era hum puro cristal; pois no discurso da sua vida, nunca se manchou com culpa mortal; o que lhe nasceo de ser muy dada à Oraçaõ mental, em que conseguio chegar ao gráo da uniaõ, em que a alma goza das dilicias do summo bem, quanto sofre a grossaria da mortal vida. Taõ unida andava com o Divino Esposo, por meyo da contemplaçaõ, que o mesmo era porse a orar, que privarse do uso dos sentidos, e arrebatarse toda, em a sua incomprehensivel fermosura, o que chegava algumas vezes a durar dias. Passado hum anno de professa, entrou no desejo de ter oraçaõ: nasceo-lhe da liçaõ espiritual, que ouvira; porque naõ sabia ler: e fazendo reflexaõ nas palavras, de que até os Pastorinhos rudes, que guardavaõ gado, podiaõ exercitarse na oraçaõ, dizia comsigo abrazada no Divino Amor: Eu tambem posso fazer oraçaõ, ainda que seja taõ rude como os Pastorinhos, pois he materia de tanta importancia, para conseguir o Ceo. Entrou a destribuir os dias

da

da ſemana, ſeguindo a meditaçaõ com grande trabalho; porque o penſamento pouco acoſtumado, cuſtava a recolher; mas naõ tardou muito em o Senhor lhe communicar lagrimas, e gozos, de que a alma começou a goſtar taes ſuavidades, de que depois ſe naõ podia apartar. Acabando hum dia de orar antes de Matinas, ficou taõ rendida, e cançada das muitas lagrimas, que eſvaida a cabeça, ſe encoſtou a deſcançar: ao meſmo tempo percebeo o ouvido humas palavras ſeveras, e de efficaz reprehençaõ: levantando-ſe, e ſe poz de joelhos, e chorando dizia: Senhor, que me ordenais que faça? E intelectualmente lhe foy communicado, que rezaſſe as Matinas, e ſe naõ deſcuidaſſe daquelle exercicio, que lhe era agradavel. Em outra occaſiaõ, no dia que tinha acabado de commungar, depois de jantar, ſe recoſtou hum pouco a deſcançar, e pegando no ſomno, deſpertou eſtremecendo ao ſuſto de huma pancada: deſte ſucceſſo ſe ſeguio, naõ repouſar mais em dia que commungava, paſſando o dia em Celeſte contemplaçaõ. Eſtas diſſimuladas finezas do ſeu Eſpoſo foraõ cauſa de ſe abrazar tanto no ſeu amor, que mereceo receber em diverſos effeitos a Divina graça. Meditava hum dia com taõ vehemente ſentimento na Paixaõ de Chriſto, que ſe ſentio penetrada com huma ſetta de fogo, que a enriqueceo ainda mais de amor, ficando como fóra de ſi. Eſte admiravel ſocego, em que vivia, pertendeo o demonio perturbar com huma tentaçaõ ſenſual, a que reſiſtio com tal deſprezo do inimigo, que perſeverou na Oraçaõ por tres dias continuados, ſem comer, nem dormir nas noites, taõ elevada na miſericordia de Deos, que confundio ao meſmo inimigo. Em dia da Epifania do Senhor, cuidando na madrugada no que havia de meditar, ſe elevou tanto no caminho, que os Santos Reys fizeraõ, em taõ breve tempo, que arrebatado o eſpirito, foy como levado a diverſos campos, e terras, que naõ conheceo, e tornando a ſi ficou taõ quebrantada de forças, que por muitos dias ſe naõ pode mover. Em outra occaſiaõ abſorta dos ſentidos corporaes, os quaes tinha ſem uſo, porque naõ via, nem ouvia, foy recreada com a viſaõ da Santiſſima Trindade, e lhe foraõ communicados os Myſterios da Encarnaçaõ, e do Santiſſimo Sacramento, e outros muitos favores do Altiſſimo, com que a ſua alma ſobio aos gráos da perfeiçaõ, que neſte Mundo conſeguem

ſeguem os Santos. Eſta querida Eſpoſa ſe vio com tantas enchentes da graça, communicadas em Celeſtes viſoens, que como a Eſpoſa dos Cantares ſe via desfalecida, ao meſmo tempo, que era taõ recreada; e aſſim querendo pôr pauza a tantas dilicias, ſe occupava nos ſerviços vís da Communidade, e ſe ſuſpenderaõ os gozos: mas tornando à Oraçaõ, começou a reconhecer os maravilhoſos effeitos da miſericordia de Deos, a quem deu palavra de naõ reſiſtir mais à ſua Divina vontade, ainda que lhe cuſtaſſe a vida. Entre amoroſos colloquios da Eſpoſa Santa, eſtava taõ abſorta na Serafica contemplaçaõ, que repetia com Saõ Paulo: *Já eu naõ vivo, mas vive em mim Chriſto.* Finalmente chea de immenſos favores, conſeguidos com o amargo das tribulações, pagou o infalivel tributo à morte, para gozar em eterna ſuavidade das dilicias do Cordeiro immaculado, que tem preparado às prudentes Virgens, que pelo ſeu amor ſe deſvelaraõ.

Sor Margarida Annes Dom.

H No meſmo dia, no Moſteiro do Salvador da Cidade de Lisboa, a Madre Margarida Annes, de vida, e coſtumes taõ auſtéra, que foy eſcolhida para primeira Prelada daquelle Moſteiro; lugar, que tinha occupado, quando antes de Religioſa vivia com outras Beatas recolhidas em taõ ſantos exercicios, que mereceraõ a attençaõ da Corte, e do Arcebiſpo de Lisboa Dom Joaõ Eſteves, que fundou para ellas o Moſteiro do Salvador, aonde tomando o Habito do glorioſo Patriarca S. Domingos, profeſſaraõ no dia de Natal do anno de 1393, e pouco depois fizeraõ eleiçaõ de Prioreſſa, e foy eleita a Madre Margarida Annes, que no anno do Noviciado preſidio às Noviças: grandes deviaõ ſer os merecimentos deſta Religioſa, que entre tantas de vida taõ perfeita, ſempre mereceo o primeiro lugar.

Commentario ao IV. de Julho.

A NAõ ſofre a brevidade do eſtylo, que ſeguimos, dilatarnos mais nas prodigioſas virtudes da Santa Rainha Dona Iſabel, cuja vida tem eſcrito taõ doutas, e diſcretas pennas, como venera a fama. Era filha de Dom Pedro III. Rey de Aragaõ, e XX. daquella Coroa, e da Rainha Conſtança, filha de Manfredo Rey de Napoles, e Sicilia, e da Rainha Dona Beatriz de Saboya, filho de Fredirico Rey de Napoles, e Sicilia, e depois Emperador dos Romanos a quem pelas ſuas eſcandaloſas acções, o Papa Innocencio IV. tirou o Reyno, e o Imperio; e acabando com adverſa fortuna deixou manchada a ſua memoria, e a gloria do ſeu Imperio, e o teve em

Branca

Branca Lança, Senhora de nobilissima geraçaõ, como dizem as Historias daquelle Reyno. Era ElRey Dom Pedro filho de Dom Jayme Rey de Aragaõ, chamado o Conquistador, e da Rainha Dona Violante de Ungria, meya Irmãa de Santa Isabel Rainha de Ungria. Nasceo a Santa Rainha no anno de 1271 na Cidade de Çaragoça Metropoli do Reyno de Aragaõ, no qual se conserva a tradiçaõ, que o Palacio, em que nasceo, chamado Aljuferia, foy fabrica dos Arabes, e nelle se mostra ainda hoje hum apposento, a que chamaõ o toucador da Rainha, aonde se diz vio a primeira luz do dia. Naõ eraõ os pensamentos da Santa, desejar outro esposo, que naõ fosse o Rey do Ceo, mas este mesmo a tinha destinado para gloria de Portugal, e exemplar das suas Rainhas; e assim no anno de 1282 em 24 de Junho, se celebraraõ as vodas com ElRey Dom Diniz, unico do nome, com quem viveo casada quarenta e tres annos. Deste matrimonio foraõ filhos ElRey Dom Affonso IV. cognominado o Bravo, que he a Varonia dos nossos Reys, sendo a Santa Rainha duodecima Avó delRey Dom Joaõ o V. que Deos guarde, e de Dona Constança, que foy mulher delRey Dom Fernando o IV. de Castella, que foraõ pays delRey Dom Affonso XI. e por estes dous filhos se transfundio o sangue da Santa Rainha a todas as Coroas da Europa, e tambem por alianças participaõ as mais das Casas Illustres de Portugal, e Castella. Nesta Santa Heroina resplandeceraõ as mais heroicas virtudes, que vemos espalhadas por muitos Santos; à sua devoçaõ deve Portugal o estabelecerse a Festa da Immaculada Conceiçaõ da Virgem Senhora Nossa. Achava-se em Coimbra a Santa Rainha, com grande desconsolaçaõ, pela civil guerra, que seu filho metera no Reyno; e tomando por Protectora a Maria Santissima, lhe desejava augmentar o culto, com Festa à sua Purissima Conceiçaõ, para que todos se empregassem na devoçaõ deste Mysterio. Consultou o Bispo da Cidade, que era Dom Raimundo, Varaõ de grandes letras, e insignes virtudes; pediolhe tempo, para conferir com homens doutos a devota, e pia proposta; e depois de a haver bem considerado, promulgou huma Constituiçaõ, em que mandava celebrar naquella Dioceſi a 8 de Dezembro a Immaculada Conceiçaõ. Desta Cathedral se derivou a todo o Reyno, como veremos a 8 de Dezembro, se a mesma Senhora, com cujo titulo a temos por especial Protectora, nos der forças, para que adiantemos esta Obra. Quando se promulgou o Decreto, se achava a Santa Rainha em Lisboa, e fabricando-se naquelle tempo a Igreja da Santissima Trindade, para que concorreo com larguissimas esmolas, e por merce sua se erigio, nella mandou edificar huma Capella da Invocaçaõ da Senhora da Conceiçaõ, que com o tempo passou a diversos dominios. Qual fosse o zelo do bem publico do Reyno, se vio em diversas occasioens; solicitando a paz; e porque a este fim chegou às nossas mãos huma Carta da Santa Rainha, para ElRey, em tempo que estavaõ os exercitos à vista, a trasladarey aqui, como tambem a reposta delRey, no mesmo estylo antigo em que as vi nos originaes, com os signetes das Reaes Armas, para satisfaçaõ da curiosidade, e da devoçaõ. Nas memorias do Padre Francisco da Cruz, para a *Bibliotheca Lusitana*, que se conservaõ na livraria do Eruditissimo Conde da Ericeira Dom Francisco Xavier de Menezes, diz escrevera duas Cartas a seu irmaõ D. Jayme, que se imprimiraõ em Çaragoça, com notas do Doutor Diogo Joseph Domer, e com este exemplo, parece, damos satisfaçaõ a alguem, que o tivesse por escusado; diz a Carta.

Muy Amado e prezado Rey, e Senhor de muy graoõ balor e oõ a Reyna volvo com mas afaoõ pesquizar a que no permitades ber bertida a bista bosa aquella sangue de vossa gerasoõ que sj jouve nas minhas entranhas, fagede a que sosego hajam as bosas armas o beredes mui azinho o mei finado, porque sam serta que a nõ fagesdelo pello mei pè boi jazer ante bos e o Infante, como a loba no parimento se se lhe acerca al aos Resen caxoros nados ante mei corpo ande dar os besteiros case toque na cota bosa ó del porque se nu' dedo a bedes maleza havedes magoado o vraso todo, pidobolo pela bendita Santa Maria, e pelo bento Santo Dinis taõ boso bem fagedor a que quedo em rogo que me responsades meigo asim ajades do Santo Deos bom guiamento a vosos mestres e groria no santo Ceo. Dante em Odibellas en sete de Augusto a hora de prima. Da bosa Amadeira.

ILISABET.

Esta Carta nos está dando a reconhecer, a grande virtude da Santa Rainha, e ainda que o estylo he taõ antigo, como se vê, nelle mostra discriçaõ no affecto, com que amava a seu marido, e pensamento elevado nas frazes de que usa, e das comparações de que se vale., mostrando-se fina com seu esposo, e reverente com o seu Rey, e o amor, que tinha ao Infante seu filho, e a virtude, e humildade nas mais expressoens; a que ElRey respondeo com a Carta seguinte.

Muy amada e pressada Senhora a que maes, que a todalas femeas muito presso, muy graoõ nojo he havido con teer sabudo la bosa tenson de forsa: Manda Deos aos fijos, que catem aos Padres reberencia e sujesoõ, com amorio carta que o Infante noõ cumpre a ley de Deos asá soõ de fijo con sujesoõ e amorio debido, e mal pagado a seu Padre i noõ ha sizo taõ matreiro qu con el acave a que volva a enmendar o acaesido, muitos saõ os Padres que por quitarem os castigos aos fijos jazem nos infernos con ellos y bem sabedes bos Senhora o desenboltorio, ovedeser nosso primeiro Padre a molher deo logo a perdisoõ do mundo, nõ fago eoo delho ermandade por tal guiza: donde quedoo esta ao pasavante quesdo ja cavalgãdo pera o passo porque saibades que os bossos rogares pera mim soõ mandamentos de graoõ forsusoõ pidibos que sejades Senhora que sejades hoje comigo com graoõ presteza ca me congoja mui bosa manzilha a bendita Santa Maria, e noso Patroõ Saoõ Diniz sejee ante nos. Dante em Campo graoõ a sete andados de Agosto a hora de Vespora. Muy presada e amada Senhora muy boso acareador.

DINIZ REY.

Esta Carta he hum irrefragavel testemunho do respeito, e amor, com que El-Rey Dom Diniz estimava a Santa Rainha, e das expressoens, se reconhece a discriçaõ, de que foy dotado; porém como naõ havia de ser o respeito grande, se ajuntava ao amor a veneraçaõ de Santa! Estando hum dia em sua companhia, e em presença de grande parte da Corte, andando nas margens do celebrado Tejo, defronte de Santarem, aonde a tradiçaõ conserva ainda hoje marcado com veneraçaõ o sepulchro da Inclita Virgem, e Martyr Santa Irene, se poz a Santa Rainha de joelhos, quando de repente, (caso maravilhoso!) dividindo o Rio as crystalinas aguas, fez franca a passagem, descobrindo em as suas preciosas areas huma larga rua, por onde a Santa Rainha pode passar a venerar o sepulchro, que os Anjos fabricaraõ à Santa Virgem, como diremos em o seu dia 20 de Outubro. Depois deste prodigioso caso, como o Ceo acreditava a virtude da Santa Rainha, permittio, que naquelle mesmo lugar restituisse a vida a hum menino, que inadvertidamente se tinha precipitado no Rio. Muitos outros foraõ os milagres, que obrou, e que a brevidade nos faz ommittir; mas referiremos sómente o que succedeo com o Papa Urbano VIII. Tinhaõ-se mandado os processos authenticados, de que constavaõ os muitos prodigios, com que Deos tinha acreditado a virtude da Santa Rainha; e que aberto o seu sepulchro, se achara inteiro, e incorrupto o seu corpo, e lançando hum suavissimo cheiro, como veremos a 29 de Outubro, na sua Trasladaçaõ. Porém o Papa estava determinado a naõ celebrar Canonisaçaõ alguma, e com esta resoluçaõ, desenganou ao Cardeal Farnesio, e ao Doutor Miguel Soares Pereira, Agente dos negocios de Portugal na Curia, dizendo-lhes: Que se naõ cançassem, porque naõ veriaõ a Rainha Canonisada. Ainda que desanimados lhe supplicaraõ, que mandasse Sua Santidade ver o processo, e que fosse servido aceitar hum retrato da Rainha. Admittio a supplica, e o retrato, e nelle o mais efficaz agente da causa, pois com incensiveis vozes lhe inspirou o coraçaõ, e com milagres o obrigou, livrando-o de huma perigosa enfermidade. E como estes prodigios eraõ os memoriaes mais efficazes, e delles fizesse reflexaõ o Pontifice, tendo à vista sempre o retrato, como agradecido, confessava dever à sua intercessaõ singulares favores; e assim elle mesmo veyo a ser o Agente para a expediçaõ da causa, a qual finda aprasou o dia 25 de Mayo de 1626, em que celebrou a Canonisaçaõ com Real apparato. Naõ se tinha visto em Roma taõ magnifico luzimento; e porque naõ pareçamos encarecidos com as nossas cousas, diremos o que escreveraõ alguns Estrangeiros. O meu Padre Dom Joseph Silos, natural da Cidade de Bitonto no Reyno de Napoles, na *Historia dos Clerigos Regulares* part. 3. liv. 1. fol. 2, cujas palavras trasladaremos, por naõ offender a elegancia, erudi-

erudiçaõ, e pureza do seu incomparavel estylo, com a rudeza do nosso; pois he sem duvida a sua Historia, huma das mais bem escritas, que correm na lingua Latina; e fallando da Canonisaçaõ da Santa Rainha, diz o seguinte: *Adornatus de more huic triumpho splendor, ac pompa fuit, non modo quæ Sanctos solenni apotheosi initiandos, sed quæ Reginam etiam deceret. Visa profecto eo ambitiosius Sanctissimæ Heroinæ honoribus deservisse magnificentia, quo ipsa regias olim infulas, amplissimos aulæ cultus sceptri beatitatem, amoresque, ac studia populorum religiosius contempserat. Ita verò in excitanda superbissima Theatri mole Lusitanæ opes desudarunt, ut inter conspicua omnigenæ artis ornamenta nihil splendidius fuerit, quam ipsum Elisabethæ nomen, ac sanctimonia, quæ tum in omnium ore, atque admiratione erat.* Quando chega a este ponto na sua Vida, que escreveo na IV. Parte das *Chronicas geraes da Ordem de Saõ Francisco*, o Illustrissimo Dom Frey Damiaõ Cornejo, Bispo de Orense, com aquella discriçaõ, que admiramos em todas as suas Obras, diz as palavras seguintes: *Porque la Nacion Portugueza soltò los diges de su devocion, y honradissima vanidad, porque la sabe tener bien, quando la tiene, y una vanidad bien tenida es ayroso dezempeño de la obligacion, y digna de alabança.* A magestosa pompa daquelle dia, póde vêr o curioso na sua Vida, escrita na nossa lingua, em elevado estylo pelo Illustrissimo D. Fernando Correa de Lacerda, Bispo do Porto. Os ornamentos sagrados, que serviraõ nesta grande solemnidade, deu o Papa à Casa de Santo Andrè de la Valle em Roma, aonde ainda hoje se conserva esta magnifica, e preciosa dadiva, com as Armas Reaes de Portugal. Parece foy generosa gratificaçaõ da Santa Rainha, para com a nossa Familia Theatina, inspirando em o Papa esta liberalidade, já que do Papa Paulo IV. hum dos Fundadores della, tinha recebido o ser venerada no Altar, com culto universal, em todo o Reyno de Portugal, de que passou hum Breve, à instancia delRey Dom Joaõ o III. Com muitos milagres confirmou a Santa Rainha, a fé dos circunstantes neste solemne dia, sendo o mais memoravel o de restituir hum baldado a inteira saude. A noticia da Canonisaçaõ da Santa Rainha, recebeo ElRey Dom Filippe IV. com grande contentamento, escrevendo huma Carta a Portugal, ordena, que se festeje com as mayores demonstraçoens de alegria, que poderem ser, e que se consultasse nos Tribunaes do Reyno, se era conveniente, tomarse a Santa Rainha por Padroeira do Reyno, o que com effeito consultaraõ os Tribunaes, e que pedisse ao Papa, fizesse a sua festa dia Santo de guarda. Foy feita a Carta, a 24 de Junho de 1626, está no livro da Secretaria do Padroado, e Capella Real, que se intitula: *Livro de Capitulos de Cartas de Sua Magestade*, ordenado pelo Capellaõ môr Dom Joaõ da Sylva, a pag. 672. Em Coimbra aonde está o seu corpo, se festeja este dia com grande solemninade. No anno de 1716, a 10 de Julho, sendo Reytor da Universidade Nuno da Sylva Telles, o II. do nome, e appellido, fez hum Claustro pleno, em que se resolveo houvesse prestito na vespora, e dia da Santa Rainha, com propinas dobradas.

A Vida desta Santa Rainha, escreveraõ graves Authores, que já temos allegado acima. Os Martyrologios *Romano*; o *Franciscano*; o *Lusitano*; e o *Hispano de Tamayo*, neste dia; dos Breviarios, o *Romano*, e *Franciscano*, e larga, e diffusamente com a sua costumada erudiçaõ os Authores: *Acta Sanctorum*, *Tom. II. Julii*, *pag.* 169; as *Chronicas do nosso Reyno*; Brandaõ na *Monarchia Lusitana*, Parte V. Faria na II. Parte da *Europa*; Vasconcellos *Anacephalæoses*, fol. 91; Duarte Nunes de Leaõ, na *Descripçaõ de Portugal*, cap. 78. fol. 116; Frey Luiz dos Anjos, no *Jardim de Portugal*, fol. 231; Manoel de Sousa Moreira, no *Theatro Genealogico da Casa de Sousa*, fol. 267; Monsieur Lequien de Neufville, na *Historia Geral de Portugal*, em Francez, tom. 1. fol. 192; *Corograf. Port.* 2. part. fol. 24; o Illustrissimo Cunha, *Historia Ecclesiastica de Lisboa*, tom. 1. cap. 27. fol. 121; Escobar, na *Fenix de Portugal*, *Vida da Santa Rainha*; Braz de Pina Freire, *Vida da Santa Rainha*, volume em Latim: estes livros foraõ feitos por seu irmaõ o Padre Francisco Freire da Companhia, que compoz hum Officio da Rainha Santa; Joaõ de Albuquerque, *Somnia Divina, & Humana V. de Santa Isabel*; Vasco Mosinho de Castel-branco, *Vida, e Morte de Santa Isabel*, e varias rimas; Barbuda, nas *Emprezas Militares*; Brito, *Elogios*

dos Reys de Portugal; Albergaria, *Triunfo da Nobreza Lusitana* m. s. conservasse na livraria da Congregação do Oratorio; *Mariana Historia Geral de Hespanha*; Cramuel, *Philippus Prudens*, fol. 41; São Balesdens, em as *Vidas das Illustrissimas Matronas da Igreja*, em Francez; Morery no *Grão Dictionario Historico*, em Francez, letra E; Esperança na *Historia Serafica da Provincia de Portugal*, part. 2. fol. 272; Soledade, na IV. Parte da mesma Historia, num. 254; o *Agiologio*, no dia 26 de Mayo da sua invenção; Dom João Antonio de Vera e Zuniga, na Vida que traduzio de Toscano em Hespanhol; Fr. Natal Alexandre, na *Historia Ecclesiastica*, tom. 7. seculo 13. fol. 310. art. 2; Frey João de Torres, *Vida, e Milagres da Santa Rainha*, de quem diz o Padre Cruz, nas memorias para a *Bibliotheca Lusitana*, que seu Author foy Dom Affonso, Secretario do Infante Cardeal; Frey Leaõ de Santo Thomás, na *Bened. Lusit.* tom. 1. fol. 481; Baillet, nas *Vidas dos Santos*, em Francez, a 8 de Julho; João Peres Maya, *Varia Historia de Santas Illustres*, fol. 122; Frey Luiz de São Francisco, na *Origem da Ordem Terceira*; Abarca, *Annaes de Aragaõ*, 1. part. fol. 322; Tulligati, *Vida de Santa Isabel*; Jacob Guilherme Imhof. *Stemma Regium Lusitanicum*, fol. 8; Bosch. no *Triunfo dos Santos*; *Chronologia Monastica*; *Diatario Virginal*, todos tres neste dia; Nicolao Caufino, da Companhia, *Corte Divina*, *Ephemer Hist. Julho*; o Doutor Ranucio Pico, *la Principeza Santa*, overo *la Vita de Santa Elisabetta Regina di Portugallo*, impresso em Veneza 1627, e ultimamente a *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, liv. 2. pag. 211. do tom. 1.

B Marrocos, Cidade principal do Reyno, a que dá o nome, teve antigamente Cadeira Episcopal, depois occupada pelo Agareno poder, teve soberbissimo Palacio, e grande opulencia, que diminuio o tempo, pelas grandes guerras, que sofreo. Nesta Cidade padeceraõ Martyrio os nossos inclitos Martyres, os quaes ainda que ao principio exteriormente negaraõ a Fé, depois valerosamente se lavaraõ desta macula com o sangue do Martyrio, a que se offereceraõ voluntariamente. Foraõ elles o primeiro Francisco da Esperança, de idade de doze annos, filho de pay Elche Castelhano, natural de Malega, e de mãy Moura, e nascido em Marrocos; o segundo Simaõ de Freitas, natural de Setubal, filho de Luiz de Freitas, Barbeiro do Duque de Aveiro, e de Joanna Cayada, que acompanhando a seu pay na batalha de Alcacere, foy cativo por hum Alcaide de Tetuaõ, sendo de doze annos; o terceiro Antonio da Sylva, tambem da mesma Villa, era filho de Antonio Esteves, e de Maria Cardosa; seguia a vida do mar, aonde foy cativo de idade de treze annos, e dado de presente a ElRey o mandou entregar ao Alcaide Mamude, que governava hum Semminario daquelles, que haviaõ de abraçar a ley de Mafoma, e dizendo-lhe, que havia de ser Mouro; com valor, naõ esperado dos seus annos, lhe disse: Que era Christaõ, o que confessaria até dar a vida, em obsequio de Jesu Christo; pelo que foy açoutado, e padeceo crueis martyrios, como foraõ canas tostadas metidas pelas unhas, e outros diversos generos de tormentos, com que naõ venceraõ a sua constancia, até que por industria, e violencia foy vestido nos trajes de Mouro, de que elle protestava naõ querer usar; porque assim no coraçaõ, como na boca era Christaõ; até que na occasiaõ referida se declarou companheiro de Simaõ de Freitas; o quarto era Joaõ, natural de Pariz, criado em Lisboa, que sendo de idade de doze annos, foy cativo na Batalha de Alcacere, aonde o levou seu pay; quinto Domingos de Gouvea, natural da Villa de seu appellido, foy de treze annos cativo na mesma occasiaõ; sexto Amaro Gonçalves, natural da Villa de Collares, e filho de Sylvestre Gonçalves, e Francisca Jorge, padeceo martyrio, sendo de idade de desasete annos, e foy tambem cativo em Alcacere, e na sua Patria se conserva memoria dos seus primeiros annos; porque era muy curioso de ler vidas de Santos, principalmente Martyres, e por natureza bem inclinado; o setimo Fernaõ Gines, natural de Monçaõ, conforme o Arcebispo Dom Rodrigo da Cunha, que o affirma pelas particulares informações que alcançou, sem embargo de alguem o fazer natural de Bayona, e tambem foy cativo na infelice Batalha de Alcacere, e dos escolhidos pelo Xarife, e seu mimoso, o que lhe naõ servio de embaraço, para que naõ

naõ fosse fiel immitador de seus virtuosos companheiros, que no anno de 1585 foraõ coroados de Martyrio, no tempo em que residia por Embaixador a Muley Maluco Rey de Marrocos, Dom Francisco da Costa, Commendador de Saõ Vicente da Beira, Governador, e Capitaõ General do Reyno do Algarve, onde ElRey Dom Henrique o chamou, para o mandar a Africa a tratar o resgate dos Fidalgos, que foraõ cativos naquella sempre chorada Batalha; e sabendo este pio Fidalgo, que foraõ lançados os veneraveis corpos em hum poço, os fez tirar, e os recolheo em sua casa, com veneraçaõ, e decencia, esperando occasiaõ de os poder enviar para Portugal, o que naõ teve effeito em sua vida; e morrendo o Embaixador Dom Francisco (depois de assistir dez annos naquella Cidade em refens, por se naõ acabar de satisfazer a quantia de quatro centos mil cruzados, em que se contrataraõ pelo resgate dos oitenta Fidalgos, de que levando quasi trezentos, ficou a sua pessoa em penhor do resto, o que nasceo de haver alguns taõ esquecidos de si, depois de resgatados, que vendo-se em sua casa, se naõ lembraraõ de desempenhar a pessoa de Dom Francisco) e havendo de trazerse o seu corpo ao Reyno, por ordem de Filippe II. se trouxeraõ em seu lugar os dos Martyres, e chegando a Lisboa, foraõ levados a casa de Dona Joanna Henriques, viuva do Embaixador Dom Francisco da Costa, que os recebeo com grande piedade, e devoçaõ. Daqui foraõ levados por ordem delRey ao Convento de Saõ Francisco da Cidade, aonde estiveraõ na Sachristia muitos annos, até que se trasladaraõ para o lugar, em que hoje se vem, como diremos a 21 deste mez. ElRey Filippe mandou pelo Doutor Lourenço Mouraõ, seu Dezembargador do Paço, tirar hum instrumento authentico, que se ajuntou ao que o Embaxador Dom Francisco da Costa, e Frey Antonio da Conceiçaõ, tinhaõ mandado ao Cardeal Alberto, e se mandaraõ a Roma, em ordem à sua Canonisaçaõ. Fazem mençaõ destes Martyres Leaõ, na *Descr. de Port.* cap. 62; Esperança, *Chronica de Saõ Francisco*, part. 1. fol. 202; o Illustrissimo Cunha, *Historia de Braga*, part. 2. cap. 91. fol. 399; Vasconcellos, *Anacephalæoses*, *na Descrip. de Port.* num. 8. fol. 559; Albergaria, m. s. fol. 71; Mendoça, na *Jornada de Africa*; Faria, *Europa Port.* part. 3. cap. 21. fol. 181; huma Relaçaõ, que fez o Padre Frey Antonio da Conceiçaõ, companheiro de Frey Jeronymo de Jesu, da Ordem da Santissima Trindade, que os tinha doutrinado: anda na III. Parte da *Chronica da Ordem* m. s. fol. 81, que se conserva no seu Convento de Lisboa, e nos mandou o Padre Frey Simaõ de Brito, Chronista da mesma Ordem, a quem devemos as noticias da sua Provincia.

C A Cidade de Tavira, no Reyno do Algarve, foy Patria do ditoso Antonio Mendes Diacono, de costumes louvaveis, e applicado a santos exercicios, em que virtuosamente se occupava, sendo Mestre de todos aquelles Santos Mancebos, e foy coroado de Martyrio primeiro, que elles, para que até na morte os persuadisse com o exemplo. Com esta morte se aplacou a raivosa furia daquelle barbaro Rey, quando neste dia intentou acabar com os Christãos, que havia naquella Cidade, e sem duvida se executara se Abraham Suffiane, Mouro de grande authoridade, por estudos, lugares, e privança, lhe naõ persuadira, que bastava fosse castigado o mais culpado; e porque Antonio Mendes, era conhecido por mestre de todos, por isso o fizeraõ reo de taõ venturosa morte, delle faz mençaõ Duarte Nunes, *Descripçaõ de Portugal*, cap 62. fol. 101.

D Os Religiosos Padres da Companhia de Jesu, incansaveis na Prégaçaõ do Evangelho, entraraõ no Reyno da Cochinchina no anno de 1615, e foraõ os primeiros operarios desta gloriosa Missaõ os Padres Francisco Buzoni Italiano, e Diogo de Carvalho nosso Portuguez, como diremos no Supplemento aos primeiros Tomos desta Obra, a 2 de Fevereiro. He o Reyno de Cochinchina dilatado em dominios, fertil de frutos, abundante de gados; nelle se fabricaõ sedas em taõ grande numero, que vestem dellas os homens do campo; o que faz mais celebre a este Reyno, saõ as altissimas serras, e montes povoados de bosques, e arvoredos, em que se produz o páo de Aguila, e o de Calambá, ou Calambuco: este precioso páo se acha sómente nas terras da Cochinchina, e se colhe com grande trabalho, e ninguem se animara a elle, senaõ obrigado

do

do poder do seu Rey, que faz a despeza deste trabalho, de que o lucro he sómente seu; na Cochinchina se vende por quarenta, até cincoenta patacas o arratel, e já no Japam dobra o valor, mas se deste páo se colhe pedaço capaz de huma almofadinha, he o preço a ambiçaõ de quem o vende, por naõ haver valor, que exceda a estimaçaõ. Usaõ delles para perfumes os Japoens, com bem ridiculas ceremonias com os seus hospedes. Na Europa tem muita estimaçaõ, e valor. O curioso, que quizer ler os costumes, e governo deste Reyno, veja o livro intitulado: *Noticias Summarias da Missaõ da Cochinchina*, que se imprimio em Lisboa, anno 1700, e o Padre Alexandre de Rodes, Francez Jesuita. Dividese este Reyno em seis Provincias, em que huma he a de Quanhinh, de que he a principal Cidade Dintraham, onde entregaraõ as vidas em obsequio da Fé Agostinho, e Aleixo, neste dia, no anno de 1646, de que faz mençaõ o livro allegado da *Missaõ da Cochinchina*, cap. 9. fol. 103.

E A Missaõ da Ethiopia, em que tanto tem trabalhado os Religiosos da Companhia, como diremos no dia 29 de Junho, no Supplemento desta Obra, quando fizermos mençaõ do Virtuoso Patriarca Affonso Mendes, companheiro dos trabalhos do Padre Diogo de Mattos, o qual nasceo nas visinhanças da Cidade de Coimbra, em huma quinta chamada Saõ Joaõ da Ribeira, Freguesia de Barcouço, Religioso de taõ grande espirito, como vimos no Texto, e de tanta opiniaõ para com a Companhia, que nas vias, que se abriraõ immediatas à sua morte, no anno de 1642, era nomeado em Provincial da Provincia de Goa, e da má vontade com que acceitava os governos, diz o Padre Telles, se póde crer piamente, que a sua humildade atalhou aquella honra; *Ethiopia Alta*, fol. 681; Franco, *Imagem da Virtude no Noviciado de Lisboa*, liv. 3. cap. 11. fol. 469.

F Era D. Athanasio de Naçaõ Castelhano, e Professo no Convento de Santa Cruz: naõ achamos de que Cidade daquelle Reyno fosse natural, por serem muy succintas as noticias, que alcançamos; morreo no anno de 1585, como refere Dom Marcos da Cruz, no livro dos *Priores móres de Saõ Vicente*, fol. 276. m. s. e se guarda no Cartorio deste Real Mosteiro, aonde o vimos.

G Pouco distante da Cidade de Evora, fica o Mosteiro de Saõ Bento da Ordem de Cister, no qual Professou Sor Maria Bautista: naõ sabemos donde fosse natural, e sómente que era de geraçaõ limpa, e seus pays naõ ricos, mas com o que bastava, para passarem honradamente. Teve cinco irmãos, e tres irmãas, de que ella foy a mais velha, e assim ajudava a sua mãy na criaçaõ dos irmãos; governava a casa, em que lhe naõ faltavaõ exercicios de paciencia; de sorte, que diz ella em huma Relaçaõ sua, que fez por preceito do seu Confessor, que temos em nosso poder, que naõ tinhaõ lugar os vicios. Foy bem parecida, e gavada de fermosa, com o cabello louro, e bom, e nunca deu lugar a que o vissem, trazendo-o cuberto com a toalha, naõ deixavaõ estas partes de lhe causar alguma vaidade, mas com tal modestia, que a naõ dava a entender. Naõ faltaraõ pertendentes, que a desejaraõ para mulher, a que seu pay a persuadia, e ella recuzou sempre o estado de casada; porque confessava nunca lhe tivera inclinaçaõ, achando na mãy favor, para a ajudar a vencer as instancias com que a contrastavaõ. Sempre foy bem inclinada, e desde os primeiros annos teve aborrecimento ao peccado, naõ entrando nunca no seu peito, nem odio, nem amor desordenado. Havia em sua casa hum parente Clerigo, que a estimava; de alguns affectos entendeo ser desordenado o amor que lhe mostrava, mas fazendo-se desentendida, era tal a sua modestia, que cobrando-lhe respeito, naõ se atreveo a declararse, e ella trocando em oraçaõ aquelle cuidado, naõ cessava de render a Deos as graças a sua Serva. Teve hum tio na Religiaõ de Saõ Bernardo, que assistia no Mosteiro de Saõ Bento de Evora, e passando à sua terra lhe encommendou huma Religiosa de qualidade huma criada; teve Maria Bautista noticia da commissaõ do tio, e entrou na pertençaõ, que a accommodasse naquelle Mosteiro, já que naõ podia conseguir ser Freira: a este fim com valias, e rogos supplicava a seus pays a licença, que elles difficultavaõ, naõ só pela conveniencia, que tinhaõ no serviço da casa, mas tambem com receyos de que naõ perseverasse; ao que ella com admiravel

resoluçaõ

resoluçaõ, lhe affirmou, que ainda que lhe fosse muy mal, naõ sahiria da Casa de Deos. Finalmente depois de grandes contrariedades o conseguio, com tanta felicidade, que mereceo receber singulares merces de Deos, que parece lhe quiz conceder todos aquelles favores, e mimos, que concedeo aos seus mais escolhidos, como se vê da Relaçaõ, escrita por mandado do seu Confessor: nella se admira o profundo da Mystica, recebida por intelectual communicaçaõ do Altissimo, como luz superior, dada sómente às almas puras, e Santas, pela qual ella mereceo ser tida no Mundo, pela observancia da Religiaõ, e penitencias, que unidas à muita contemplaçaõ, a subiraõ ao eminente lugar, que temos dito. Faleceo neste dia, do anno de 1674, como consta do assento daquelle Mosteiro; e o referido tiramos da Relaçaõ, que escreveo por ordem do seu Confessor: e he bem para admirar, que naõ sabendo ler, nem escrever, o espirito, e devoçaõ lhe agenciaraõ estas partes.

H A fundaçaõ do Mosteiro do Salvador fica escrita na I. Parte do *Agiologio Lusitano*, na Vida do Cardeal Dom Joaõ Esteves, onde no Commentario do dia 23 de Janeiro se faz mençaõ da Madre Margarida Annes; Sousa, *Historia de Saõ Domingos*, part. 2. cap. 13. fol. 26; o *Anno Dominicano*, em Francez abreviado, neste dia.

JULHO V.

A EM a Provincia de Tras os Montes, no Lugar de Lamas de Orelhaõ, Santa Comba aquella castissima Donzella, que estando em hum campo com seu irmaõ, foy pertendida deshonestamente por hum Rey Mouro; e vendo que com rogos, e brandas palavras, naõ podia vencer a constancia honesta da fermosa Donzella, intentou por violencia reduzir aquelle forte peito, abrazado no amor Divino, que sem duvida poderia perigar, a naõ ser soccorrida por virtude Divina, ficando invisivel diante dos olhos do namorado Rey, que cego da torpe lascivia, em que estava abrazado, corrido, e raivoso, executou a sua vingança em seu irmaõ Saõ Leonardo, e depois na Santa Virgem, que por conservaçaõ da castidade, lhe foy cortada a cabeça, apagando com o seu innocente sangue as impuras chammas do barbaro Tyranno.

Santa Comba V. M. e S. Leonardo M.

B Na Inclita Cidade de Lisboa, no Real Convento de Saõ Francisco, espera a Resurreiçaõ universal Manoel de Magalhães, aquelle virtuoso Advogado, que podendo em taõ nobre occupaçaõ conseguir com applauso das gentes as riquezas appetecidas do Mundo, largou o exercicio das letras, para em ocio santo vagar a Deos, e reformando o espirito, com desprezo da vaidade, vestio o Habito de Terceiro de Saõ Francisco,

Manoel de Magalhães Terceiro de Saõ Francisco.

cisco, com tanta satisfaçaõ, que mereceo pela sua humildade chegar ao auge da perfeiçaõ, em que cada dia se adiantava pelo rigor das penitencias, com que de continuo se affligia; e assim soube alcançar gloriosas victorias do universal inimigo do genero humano, que com horrendas figuras o pertendia intimidar, para que afrouxasse de taõ santos exercicios; mas premanecendo com admiravel constancia nos santos exercicios, era taõ vehemente o desejo de ver a Deos, que sem horror da morte, suspirava por esta hora a todos medonha: verdade he, que o criado, que traz limpo o livro do seu cargo, pouco recea de ser chamado a contas; e vendo que era chegada a morte, a saudou com palavras alegres, dando-lhe as boas vindas, como porta, por onde havia de entrar a lograr da Eternidade.

Fr. Francisco de Thomar Capucho da Piedade.

C Em o Convento da Cidade de Lagos, da Provincia da Piedade, acabou em o Senhor Frey Francisco de Thomar, Leigo de profissaõ; mas Religioso de tal observancia, e contemplaçaõ, que a sua admiravel virtude causou huma grande enveja ao demonio, que publica, e declaradamente o perseguia; e naõ podendo vencer nada com as fantasias da idéa, passou a ser elle o que visivelmente lhe apparecesse, fingindo maquinas, e ciladas, com que podesse triunfar do Servo de Deos, que constante, humilde, e com coraçaõ sincéro, soube vencello repetidas vezes. Ainda era Noviço, quando huma noite, depois de ter despertado a Matinas, baixou à Igreja a buscar luz; ouvio bater na porta taõ rijamente, que à repetiçaõ dos golpes se vio precisado a saber o que queriaõ, quando ouvio huma voz, que lhe perguntava, se accaso era elle o Noviço de Thomar, que havia pouco tempo recebera o Habito? E como lhe dissesse, que sim, continuou com a arenga seguinte: *Sabe pois, que eu sou hum homem da tua terra, que compadecido de tua mãy, me puz a caminho, para te dizer da sua parte, que lhe valhas no desamparo, em que se vê; porque morreo teu pay, e com a sua falta se vê em huma miseravel pobreza, sem meyos humanos, de que se possa soccorrer. Tambem morreo tua tia Fulana, com quem a fortuna repartio dos seus bens, e esta fazenda ta deixou, senaõ permanecesses na Religiaõ; agora na tua maõ tens a felicidade de tua mãy, para a poderes remediar, ao que naõ deves faltar por obrigaçaõ da natureza,*

tureza, ſe porventura queres no Mundo ſer numerado com o nome de bom filho, pois de charidade deves acodir ao ſeu deſamparo, ſacrificando o proprio ſocego pela utilidade de obra taõ pia, conſidera no que deves fazer; lembrate de quem te deu o ſer, e naõ ſejas taõ ingrato, que te naõ compadeças da extrema neceſſidade de tua propria mãy, e a deixes perecer nas mãos da miſeria, de que ſe poderá ſeguir hum exemplar caſtigo, que ſirva de horror àquelles, que ſe eſquecem dos beneficios, que receberaõ na criaçaõ de ſeus pays. Eſtas, e outras razoens, repetidas com laſtima, e piedade, poderaõ fazer grande abalo em animo, que naõ eſtiveſſe taõ reſignado na vontade de Deos, como o de Frey Franciſco, que inſpirado ſuperiormente por aquelle Senhor, que ſempre ſoccorre com os ſeus auxilios nas mayores adverſidades, conheceo ſer o demonio; e cheyo de Fé, diſſe: *Da parte do Omnipotente Deos, a quem todo o viſivel, e inviſivel obedece, te mando, vil, e traidor inimigo, que te naõ movas deſſe lugar, e nelle prezo eſpera, até que o Padre Guardiaõ deſte Convento determine o contrario*, e voltou para o Coro; e logo aquelle meſmo, que com voz humana tinha ſido piedoſo menſageiro, ſe tornou em irracional, e em fórma de hum caõ rafeiro, prezo com cadeas as arrojava com eſtrondo, e com latidos, e huyvos fazia temer a toda a Caſa. Cauſava o ruido perturbaçaõ aos Padres, que eſtavaõ rezando Matinas: chama o Guardiaõ a Frey Franciſco, e lhe diz: Irmaõ, hide lançar fóra da porta da Igreja aquelle rafeiro, que nos cauſa embaraço com a ſua impertinente continuaçaõ; a que o Servo de Deos, com ſanta ſimplicidade reſpondeo: Naõ he, Irmaõ, o que grita, rafeiro, ſenaõ o demonio, que pertendeo enganarme; mas agora em caſtigo ſeu eſtá alli prezo, e obediente ao voſſo preceito. Naõ percebeo o Guardiaõ, o que dizia o bom Noviço, e aſſim lhe tornou a dizer: Seja o que for naõ eſteja naquelle lugar, ponde-o fóra delle. Obedeceo Fr. Franciſco, e chegando à porta, da parte de dentro diſſe: Vaite muito embora infame, enganador, que o Padre Guardiaõ te dá licença, e incontinente obedeceo, apartando-ſe como caõ raivoſo, que ſe vê perſeguido, e faz huma grande bulha. Em outra occaſiaõ, que ſervia na coſinha, acabadas Matinas, ſe foy para a ſua officina, a preparar o que havia de dar a comer aos Religioſos, eis que, ſem ſaber como, vio diante de

ſi huma mulher moça, que fingia ter entrado alli eſcondidamente, e ainda que parecia ſe recatava, chegou para o Servo de Deos, e com palavras brandas, e meigas, o provocava a actos torpes, e laſcivos. Conheceo ſer o demonio, e o tratou com o deſprezo, e aborrecimento, que merecia taõ vil companhia, de que ſe vio taõ corrido o tentador, que de raiva lhe lançou os braços para o lançar no fogo. Durou a luta algum tempo, até que faltando as forças, mas naõ o eſpirito a Frey Franciſco, o arrojou na terra junto ao fogo, e aqui eſteve até que pela manhãa foy achado pelo Porteiro, que chamando os Frades, o viraõ todos, como morto, privado dos ſentidos; e tomando-o nos braços o levaraõ à ſua cella, e depois de tornar em ſi, foy obrigado pela obediencia a manifeſtar o que lhe havia ſuccedido. Com outros muitos caſos provou Deos a ſua conſtancia, e confirmou a ſua virtude, de que foy a receber o premio merecido de taõ glorioſos certames na Eterna Bemaventurança.

Sor Catharina de Souſa Dominica.

D Na Villa de Aveiro, no Moſteiro de JESUS, da Familia Dominicana, a Invençaõ do corpo da Madre Sor Catharina de Souſa, de quem ſó havia confuza memoria na tradiçaõ da ſua exemplar Vida; quando depois de paſſados muitos annos, quiz o Ceo declararlhe nova veneraçaõ nas companheiras, com o ſucceſſo ſeguinte. Mandou-ſe abrir huma cova, junto da em que jazia Sor Catharina: deraõ os officiaes com hum caixaõ inteiro, e ainda ſaõ; delle, ſem ſer aberto, ſahia agradavel cheiro de roſas, e violas, taõ activo, que dava a entender nelle naõ haver outra couſa. Mandou-ſe abrir, e foy achado o ſeu corpo inteiro, com os Habitos, e toucados ſem leſaõ, ſem que o tempo nelles fizeſſe mudança; acreditando Deos com eſte prodigio a gloria de que gozava eſta ſua Serva.

Fr. Jacome da Aſcenſaõ Ciſter.

E No Moſteiro de Saõ Joaõ de Tarouca, da Ciſtercienſe Familia, o deſcanço eterno de Frey Jacome da Aſcenſaõ, o qual veyo buſcar o porto ſeguro da Religiaõ, no ultimo quartel da vida, depois de ter ſeguido com varia fortuna o Mundo: foy cativo de Mouros em Berberia, onde padeceo grandes trabalhos; e aſſim julgava por ſuaves todos os da Religiaõ. Era homem bem inclinado, e dado à contemplaçaõ, na qual gaſtava no dia muitas horas, tomando aſperas diſciplinas, e dormindo veſtido. Depois de deſpertar os Religioſos a Matinas,

tinas, visitava os enfermos, que servio sempre com grande charidade. Ornado de preciosas obras, partio para a Eternidade, deixando na Ordem constante fama de Virtuoso.

F Em o Mosteiro da Conceiçaõ, da Cidade de Lagos, foy a Deos muy aceita, e agradavel a vida, e morte de Sor Isabel de Santa Theresa, em cuja purissima alma depositou Deos hum thesouro de virtudes, que alcançou na Oraçaõ mental, em que perseverava muito tempo, recreando-a o Senhor com particulares merces, de que se seguiaõ extraordinarios effeitos, percebendose-lhe huns gemidos interiores, que davaõ hum manifesto conhecimento do que dentro nella passava; o que recatava com todo o cuidado, pois sempre o teve, de que naõ fosse publica a sua virtude. Tanto que professou, seguio a Regra de Santa Theresa, observando em todo o rigor os Estatutos das Descalças. De esmolas, que adquirio edificou huma Ermida, que dedicou a Santa Maria Magdalena Penitente: nella com licença das Preladas vivia, e assistia de noite, e todo o tempo, que lhe ficava livre das obrigações da observancia do Mosteiro. Tomou por exemplar a Santa Penitente: assim affligia o seu corpo com taes excessos, que a naõ ser assistida superiormente, parecia imposivel resistir à crueldade das invenções, com que se martyrisava, mortificando-se em tudo, a saber: O somno pouco, e sem cama; porque de ordinario era assentada, ou encostada no Altar, passando as mais das noites em continuas vigias. Os cilicios eraõ continuos, trazendo doze repartidos por todo o corpo, naõ ficando a cabeça, e os pés sem que participassem da mortificaçaõ, com que se maltratava. Açoutava-se duas vezes no dia com varas de marmeleiro, em que gastava os sete Psalmos Penitenciaes, cantados com mais fervor do espirito, do que harmonia. Outras vezes eraõ as disciplinas ortigas, e dellas usava, passando-as pelo corpo, e cara, como quem fazia fomentaçaõ, ou remedio muy suave. Antes de entrar na oraçaõ se preparava com huma extraordinaria penitencia, (e poucas vezes ouvida dos mais mortificados) Tomava duas mechas de enxofre, que ardiaõ sobre a carne, até que o fogo consumia a materia. Em huma occasiaõ pedindo licença ao Confessor, para o uso desta rigorosa penitencia, percebeo com equivocaçaõ o que lhe dizia, entendendo, que lhe mandara

Sor Isabel de Santa Theresa Carm.

fossem duas duzias: cega à obediencia, naõ reparou no damno, e se começou a queimar taõ cruelmente, que deixou no corpo chagas taõ profundas, que a impossibilitaraõ a poder andar: foy preciso chamar o Cirurgiaõ para a curar, a tempo que já era entrada corrupçaõ, e sarou milagrosamente. Foraõ as suas penitencias com tal excesso, que naõ era possivel, que hum corpo humano delicado sofresse tanto rigor, e tanta abstinencia, senaõ fora auxiliada da Divina Graça. Corria a Via Sacra com tanta devoçaõ, que tomava huma disciplina, em que gastava largo tempo, com alguns Psalmos em cada huma das Estações. Na semana tinha certos dias determinados, em que atando-se a huma arvore junto da sua Ermida, deixava os braços livres, para se valer da sua crueldade; porque inimiga do seu corpo, alli o martyrisava com diversos instrumentos, que em golpes lhe abriaõ repetidas feridas no corpo, taõ penetrantes, que naõ dava passo, que naõ deixasse regado o pavimento de sangue. Sentia a sua humildade, que se percebessem os effeitos da tyrannia, com que tratava o seu corpo, assim o occultava o mais que lhe era possivel; e quando a industria naõ conseguia o segredo, porque as bocas das feridas o estragavaõ, recorria à Imagem do Menino Jesus, com quem era fama fallava, pedindo-lhe devota, e amante, que naõ fosse publico, o que pelo seu amor obrava; e sem outro beneficio, cerravaõ milagrosamente as chagas. Aos seus rogos obrou o Senhor muitas maravilhas em algumas Religiosas, que acreditaraõ a solida virtude de sua Serva. Os excessos do seu inflammado espirito, lhe foraõ debelitando, e enfraquecendo as forças, de que se seguiraõ naõ menores effeitos nos achaques, que nas penitencias, das quaes nunca afrouxou para vencer valerosamente as batarias do infernal inimigo, que com todo o genero de tentações a combateo: porém guiada mais da Divina Graça, do que dos Directores Espirituaes, de que teve grande falta, venceo com a sua constancia, à força de penitencias, toda a diabolica astucia, pois naõ cessaraõ os combates, senaõ tres dias antes da sua morte; porque entaõ gozando de huma suavissima tranquilidade, e confortada com os Sacramentos, foy receber digna recompensa de seu Divino Esposo.

G Em Saõ Bento de Lisboa, deixou da sua vida saudo-

sa

ſa memoria o Irmaõ Fr. Pedro de Figueiredo, de taõ admiravel charidade, que póde ſervir para exemplo dos que pertendem ſeguir o caminho da perfeiçaõ. Era em ſecular taõ bem inclinado, que os Religioſos daquella Caſa, agradados delle, lhe concederaõ hum modo de Habito, que daõ aos Donatos, que naõ fazem profiſſaõ; porém elle procedeo de ſorte, que os Religioſos intercederaõ com o ſeu Geral, para que o admitiſſe à Religiaõ, que lho concedeo, e lhe foy lançado o Habito de Irmaõ Leigo. Neſte eſtado deu evidentes moſtras da ſua ardente charidade, que edificava geralmente a toda a Communidade. Foy occupado na Portaria do carro, onde naõ chegou pobre, que ſahiſſe deſconſolado, ſuccedendo-lhe muitas vezes privarſe do quotidiano ſuſtento, para ter com que remediar a neceſſidade dos pobres, de quem tanto ſe compadecia, que em muitas occaſioens ſuccedeo darlhe ſeus propios veſtidos para os cobrir; e quando naõ tinha com que os remediar, mendigava elle pelos Religioſos algumas couſas do ſeu uſo, para acodir aos pobres. Com os enfermos foy admiravel a ſua compaixaõ, deſvellando-ſe pelos ſervir com tal cuidado, e amor, que já mais receou o perigo de ſe lhe communicar a doença: de huma contagioſa, a que aſſiſtio, cahio enfermo, de que faleceo com grande ſentimento dos Religioſos.

O Irmaõ Fr. Pedro de Figueiredo Bened.

Commentario ao V. de Julho.

A O Padre Antonio de Vaſconcellos, na *Deſcripçaõ de Portugal*, fol. 451, fazendo mençaõ deſta Santa, a confunde com Santa Comba de Coimbra, de que fazemos mençaõ a 20 de Julho, como já advertio o Padre Frey Luiz dos Anjos, no *Jardim de Port.* fol. 131, moſtrando ſer diverſa com a authoridade de Gaſpar Alvares de Louzada, Eſcrivaõ da Torre do Tombo, e hum dos mayores antiquarios, que teve eſte Reyno, que diz, que Lamas de Orelhaõ, he em Tras os Montes, Comarca Eccleſiaſtica de Villa-Real, no Arcebiſpado de Braga, ao pé da Serra de Orelhaõ, onde elle ainda vio huma Ermida dentro das muralhas, e ruinas da Cidade de Romanos, que alli houve. Deſta Santa eſcreveo Antonio Ferreira, hum Poema, que anda nas ſuas Obras; e bem ſe vê a diferença da outra Santa deſte nome, que morreo crucificada, martyrio, que uſaraõ os Gentios, e naõ os Mouros, como veremos no ſeu dia; della faz tambem mençaõ Dom Thomás Tamayo, nas notas ao *Martyrologio Hiſpano*, a 20 de Julho, fol. 883.

B A Cidade de Lisboa foy Patria de Manoel de Magalhães, que faleceo no anno de 1622. Seis annos depois de ſepultado, abrindo-ſe a cova, foy achado o ſeu corpo inteiro, e incorrupto, manifeſtando Deos por eſta ſorte a ſua admiravel vida. Frey Manoel da Eſperança, *Hiſtoria Serafica*, part. 1. liv. 2. cap. 27. *Origem da Ordem Terceira* de Frey Luiz de Saõ Franciſco, fol. 432.

C No anno de 1564, tendo quatorze de Religiaõ, acabou Frey Antonio de Thomar, a quem a Villa deſte nome deu o appellido, por ſer patria ſua; coſtume obſer-

obſervado da Provincia da Piedade, de quem faz mençaõ Fr. Manoel de Monforte, na *Chronica da Piedade*, liv. 3. cap. 48. fol. 444.

D Naõ temos mais noticias de Sor Catharina, das que temos referido, e morrer pelos annos de 1500, conforme diz Lima, no *Agiolog. Domin.* neſte dia, della ſe lembra Souſa, na II. Parte da *Hiſtoria de Saõ Domingos*, liv. 5. cap. 21, e Soveges, no *Anno Domin.* neſte dia.

E Corria o anno de 1122, em que Albucazan Rey de Badajoz, entrou pelas terras da Beira, com taõ poderoſo exercito, que aſſolou as povoações dos Chriſtãos, ſendo todos os que lhes reſiſtiaõ victimas dos ſeus alfanjes; e já toda a Provincia tinha por infalivel gemer debaixo da dominaçaõ dos Barbaros. Porém deſta conſternaçaõ a livrou a valeroſa conducta do magnanimo Dom Affonſo Henriques, a tempo que ainda naõ tinha empunhado o Sceptro da Monarchia Portugueza. Mandou marchar a ſua gente, que tinha no Minho, determinando abater o orgulho dos Mouros. Paſſava por Lamego, e como Principe pio, recorreo às orações de Deos. Diſtavaõ duas legoas daquella Cidade os Religioſos de Saõ Bernardo, occupados entaõ no edificio material do ſeu Moſteiro: determinou vellos, como quem a Deos ſe queria fazer lembrado pelas ſuas oraçoens. Achou os Religioſos em taõ extrema pobreza, que ſummamente ſe edificou do ſeu modo de vida: pertendeo levar em ſua companhia o Abbade; mas eſte lhe nomeou a Fr. Aldeberto, Prior do Convento, homem de virtude, e de grande valia para Deos; e ſeguindo com elle o que tinhã determinado, derrotou o exercito dos Mouros; e em premio de victoria, edificou no meſmo anno o Convento de Saõ Joaõ de Tarouca, em que por ſuas propias mãos lançou a primeira pedra, e lhe fez outras merces em huma honrada Doaçaõ, em que cumprio com a ſua piedade. Eſte foy o illuſtre principio deſte Religioſiſſimo Convento, que mais largamente refere Brito, na *Chronica de Ciſter*, liv. 2. cap. 4. fol. 63; na fachada da Igreja ſe poz em huma pedra eſta curta lembrança.

Fundata Fuit iſta Eera M.C.LXII.KA.IVlli.

Neſte Convento, faleceo no anno de 1645 Frey Jacome da Aſcenſaõ, natural de Eſpozende, Villa na Comarca de Barcellos, hum quarto de legua da Foz do Rio Cavado, ſegundo a *Corografia Portugueza*, fol. 304. part. 1, emendando o *Agiologio Luſitano*, no Commentario do dia 1. de Fevereiro, letra H, que affirma diſtar tres leguas de Barcellos. O Padre Lima, na ſua *Geografia Hiſt.* tom. 2. de Port. pag. 28, diz, que diſtará da Foz do Rio ſeis centos paſſos. Deſte Servo de Deos faz mençaõ o livro dos *Obitos* de Alcobaça, num. 238.

F Na Provincia da Beira, diſta cinco leguas da Cidade de Vizeu, a Villa de Oliveira do Conde, a quem ElRey D. Diniz deu foral, e no anno de 1517, reformou ElRey Dom Manoel, de que he Donatario Dom Pedro de Lencaſtre, V. Conde de Villa-nova, como Senhor da Caſa de Sortelha. Neſta Villa naſceo Sor Iſabel de Santa Thereſa, que deixando a caſa de ſeus pays, por lhe quererem dar eſpoſo na terra, cuidando ſó ella no do Ceo, movida do que ouvira a huns Miſſionarios, tratou com elles a tiraſſem da caſa de ſeus pays, para donde pudeſſe livremente ſervir a Deos, e caminhando ao Reyno do Algarve, entrou no Moſteiro das Carmelitas de Lagos, por Religioſa Converſa, e profeſſando a Regra das Deſcalças, paſſou em penitente, e auſtéra vida. Em os ſeus principios foy a ſua cama hum enxergaõ, com huma manta: depois nem eſte deſcanço deu ao ſeu corpo, que maltratou com a crueldade, que temos referido: aſſim conſumida das penitencias abreviou a vida, naõ chegando aos quarenta annos, e faleceo no de 1678, deixando de ſuas virtudes ſanta memoria. O referido tiramos de humas memorias, que deſte Moſteiro nos mandou o Padre Preſentado Frey Filippe de Leaõ, no tempo que foy Confeſſor deſta Caſa.

G Naõ tinha ainda acabado o anno do Noviciado, quando o Senhor chamou ao Irmaõ Frey Pedro de Figueiredo no anno de 1641, para lhe dar o premio da ſua charidade. Era natural de hum pequeno Lugar junto à Cidade de Vizeu: delle tivemos noticia no livro dos *Obitos* do Moſteiro de Saõ Bento de Lisboa, fol. 33. verſ.

JULHO VI.

A O Mosteiro da Madre de Deos da Cidade de Lisboa, está muy viva a memoria de Sor Violante de Jesus, a qual desde o seu nascimento, deu evidentes sinaes das prodigiosas virtudes, que depois nella se admiraraõ. Nascendo ao Mundo, sem que sua mãy sentisse as molestias precursoras do parto, foy taõ suave a sua criaçaõ, que naõ se conheceraõ nella as pensoens commuas daquella idade; pois se anticipou de tal modo o uso da razaõ, que muito tempo antes foy conhecido. Teve para com os pobres taõ cordeal affecto, que nunca vio pedir algum esmola, que lhe naõ largasse com alegre rosto, o que tinha nas mãos. Quando os naõ podia remediar, hia com brevidade solicitarlhes a esmola. Os annos lhe deraõ a conhecer o inestimavel preço desta virtude, para que nella se exercitasse a sua piedade; pois nunca da sua presença se apartou desconsolado o pobre. Era tanto do seu gosto esta virtude, que com as suas proprias mãos, naõ só lhes cortava os vestidos, mas lhos fazia, para os cobrir. Em todas as mais acções mostrava claramente, que só o trato com o Ceo lhe agradava, largando muitas vezes os exercicios puerís, convenientes à sua idade, por se empregar em devoções com mais fervor, e piedade, do que se podia esperar dos seus poucos annos. Adiantaraõ-se estes, e com elles a discriçaõ; e considerando, que ainda nos decentes divertimentos de moça, em que gastava algum tempo, lendo livros profanos, em que se exercitava o engenho, padeceria a sua consciencia grande embaraço, os trocou por livros espirituaes, em que tinha a certeza do aproveitamento, e o premio do sacrificio do seu gosto, em que mortificava a propria vontade: abstendo-se daquella liçaõ, succedeo-lhe o mesmo, que à grande Mestra de Espirito Santa Theresa. E lendo depois nas Obras da Santa Madre, que fora sua companheira naquelles descuidos, teve disso huma gostosa consolaçaõ, servindo-se da doutrina desta Santa, para Directora dos seus acertos. Vivia neste tempo fóra da Corte; e conhecendo no rustico trato dos lavradores, e das suas familias, a ignorancia da Doutrina Christãa,

Sor Violante de Jesus Capucha.

tãa, empregava muitas horas do dia em instruir aquelles ignorantes nos principaes Mysterios da nossa Santa Fé. Abrazada em hum santo zelo continuava esta occupaçaõ, chamando todos os dias, naõ só as pessoas de casa, mas as do campo, para que no seu Oratorio rezassem o terço do Rosario, sendo ella a Mestra de taõ louvaveis exercicios. Voltou para a Corte: continuou os mesmos actos de devoçaõ, sendo taõ mortificada, que sem ter idade jejuava os dias da obrigaçaõ da Igreja, a que ajuntava outros muitos a sua devoçaõ. Já o seu fervoroso espirito naõ cabia em taõ pequena esféra; e assim aspirava a mayor perfeiçaõ, desejando verse recolhida em algum Mosteiro, para seguir a vida Monastica. Confuso o pensamento na eleiçaõ, lhe representou Deos o Mosteiro da Madre de Deos. Difficultava este desejo o ser seu irmaõ herdeiro unico da casa de seus pays; porém determinada na empreza, se animou a vencer as difficuldades, que se lhe haviaõ de oppôr; e negociando secretamente com a Madre Abbadessa daquelle Mosteiro, e vencidas as opposições, que se offereciaõ aos seus virtuosos propositos, assentou comsigo entrar na Religiao. Naõ podia dar conta a sua mãy, do que determinava; porque se frustrariaõ irremediavelmente os seus intentos, valeo-se da oportuna occasiaõ, que o Ceo lhe offereceo em a Profissaõ, que naquelle Mosteiro se havia de fazer dia de Santa Anna, de huma Religiosa, de quem era parenta, e muito amiga, que era a Madre Sor Maria Antonia do Sacramento, filha dos Condes de Villar-mayor; e como a Rainha havia de assistir a este acto, ficava franca a entrada do Mosteiro às Senhoras. Neste dia, acompanhada de sua mãy, e avó, foy para aquelle Mosteiro, de que sua mãy receosa de a ver conversar com algumas Religiosas, temendo a persuadissem a ser Freira, a naõ quiz apartar de si; e já entre desconfiança, e affliçaõ a resguardava de todas as mais. Acabado este acto, pedio licença a sua mãy, para ver com algumas parentas o Mosteiro, mas naõ lha concedeo, senaõ em sua companhia, e frustrado desta sorte o designio, que era occultarse em alguma parte do Convento, para depois dar conta a sua mãy, se determinou a dar conta da resoluçaõ, que tinha tomado de ficar naquella Clausura. Oppoz-se o carinho da mãy a vencer por violencia aquelle coraçaõ resoluto, e pegando-lhe por hum braço a poz

fóra

fóra do Coro, para assim a pôr na rua. Vendo a devota Esposa do Senhor arruinados os seus pensamentos, e que lhe impediaõ o sacrificio, que de si determinava naquelle dia fazer a Deos; como este nunca falta, ajudou a Dona Violante a resistir ao impeto das caricias, com que o maternal amor a pertendia vencer; e cada vez mais constante o seu coraçaõ, desenganava a sua mãy, convencendo-a com efficazes razoens. Soou por toda a Casa a resoluçaõ de Dona Violante; e chegando àquelle lugar o Bispo Capellaõ môr, informado do que passara, quiz examinar o espirito de Dona Violante, e conhecendo o valor santo, com que a madureza do seu juizo sabia vencer tantos combates, entendeo ser a vocaçaõ de Deos, e assim o persuadio a sua mãy, que admittia mal a efficacia das persuações; o que vendo D. Violante, fez voto a Deos de naõ sahir daquella Casa, se as Religiosas a naõ lançassem fóra, de que tomou por testemunha ao Bispo Capellaõ môr. Chegou a noticia deste successo à Rainha, a quem a Abbadessa pedio licença, para lhe lançar o Habito, o que sua mãy encontrava, pedindo-lhe com ancia, que a mandasse sahir fóra do Mosteiro. A Rainha respondeo: que em consciencia naõ podia obrar resoluçaõ taõ violenta, e que quando sua filha a Infante Dona Catharina tivesse espirito de viver em Clausura, ella lho naõ impediria; e a Dona Violante louvou a sua constancia, quando lhe foy beijar a maõ. Ficou finalmente no Convento, donde passando dous dias, se lhe lançou o Habito. Vendo-se aquelle espirito de todo sacrificado a Deos, e já livre dos embaraços do Mundo, e naõ tendo mais, que offerecer em sacrificio a seu Esposo, lho fez das lagrimas, e sentimentos, que ultimamente ouvira a sua mãy. De tal sorte se accommodou com a austeridade daquella religiosa vida, que naõ lhe custou vencer a natureza com a humildade. Em huma occasiaõ domou as repugnancias do delicado da natureza com a mortificaçaõ mais rigorosa. Estava lavando huma pouca de roupa bem suja, e asquerosa; perturbouse-lhe notavelmente o estomago; e por naõ parecer fraqueza do espirito, o que era debilidade da natureza, com hum fervoroso sentimento tomou huma pouca da agua, em que lavava, e a bebeo, fazendo por este modo mayor a mortificaçaõ. No Coro era muy assistente, naõ lhe sendo necessario despertalla, pa-

ra ir às Matinas, de que nascia mortificarem-na algumas vezes as Mestras, privando-a de assistir nelle mais tempo. A poucos dias de Noviça começou a sentir faltas de saude, sobrevindo-lhe febre, e dores de corpo, tendo mayor tormento nestas molestias, por serem causa de moderar o fervor, com que acodia ao Serviço da Communidade. Era tal o excesso da sua mortificaçaõ, que muitas cousas do Mosteiro naõ chegou a ver; porque só eraõ os seus cuidados a presença de Deos, que lhe refreava todo o appetite. Na oraçaõ foy taõ continua, que neste gostoso exercicio gastava o mais tempo, que podia. Estando hum dia no Coro em oraçaõ, e vendo a Mestra, que havia já muitas horas, que alli estava, a mandou levantar, para lhe dar algum alivio, como cuidou, levando-a a huma Ermida de Saõ Francisco; mas Sor Violante, que fóra da oraçaõ naõ tinha alivio rompeo em lagrimas, e se absteve da recreaçaõ, tendo-se por taõ pouco mortificada, que se alegrava com divertimentos. Na obediencia floreceo em gráo heroico de tal sorte, que sendo o seu gosto obedecer, venceo o seu genio, escrevendo por obediencia os favores, que recebia de Deos; sendo finalmente em Sor Violante as virtudes taõ iguaes, que se naõ podia distinguir, em qual se aventajava mais. Estando já nos ultimos dias da sua vida, naõ lhe deixava a doença, e o fastio comer cousa alguma; mas mandando-lhe a obediencia, abaixava a cabeça, e comia, forçando a natureza, por naõ faltar ao preceito. Padeceo huma larga enfermidade: nunca se lhe ouvio queixa, ou palavra menos sofrida; antes com huma natural estimaçaõ da sua Cruz, se entregava na vontade de Deos, julgando por castigo das suas culpas, tudo o que padecia; avaliando por misericordia de Deos naõ padecer mais, e por muy pouco tudo o que a martyrisava. A paciencia a golpes das mortificaçöes, lhe lavrou a coroa, que está gozando na Eternidade.

O P. Manoel da Consolaçaõ da Cõgregaçaõ de S. Joaõ Evangelista

B Em o Convento de Santo Eloy da Cidade de Lisboa, o glorioso transito do Servo de Deos o Padre Manoel da Consolaçaõ, Religioso de grande observancia, e de continua oraçaõ, e meditaçaõ, taõ frequentador do Coro, que ainda opprimido de crueis achaques, naõ faltava nelle. Era muito humilde, e de condiçaõ taõ branda, que nunca as palavras, nem acçöes, deraõ occasiaõ à mais leve queixa. Era taõ recolhido,

lhido, que rara vez ſahia do Convento, empregando-ſe ſempre, ou em proveito do proximo no Confeſſionario, ou em profunda meditaçaõ na cella, ou em ſervir aos doentes. Na penitencia foy taõ auſtéro, que trouxe perpetuo cilicio, com que o acharaõ cingido depois de morto; as diſciplinas, com que ſe caſtigava, eraõ rigoroſas, e continuas; a cama, em que dormia, humas taboas nuas. A ſua abſtinencia ſe convertia no proveito dos pobres, com quem repartia a reçaõ da Communidade, ao que juntava a ſua diligencia tudo o que podia. Aſſim ſoccorria aos pobres, igualmente aos enfermos, e ſe alguma vez ſe unia pobreza à enfermidade, ſentia o deſamparo, e ſe empenhava mais no remedio. Foraõ muitos os filhos, e filhas eſpirituaes, que com a ſua direcçaõ acertaraõ o perfeito caminho do Ceo, ſervindo neſte Mundo de exemplariſſima edificaçaõ aos circunſtantes, que os viaõ elevados em profundos raptos. Succedeo, que vendo hum Coriſta a alguns neſta amoroſa ſuſpenſaõ, lhe pareceo, que dormiaõ, e aſſim o diſſe ao virtuoſo Padre, ao que lhe reſpondeo com ſanta alegria, e innocentes lagrimas: *Ah filho, ſe o Senhor fora ſervido de nos participar a todos a ſuavidade daquelle ſomno!* Foy Meſtre dos Noviços, os quaes criava com o exemplo de taõ ſingulares virtudes. Depois de purificada por alguns annos a ſua paciencia com penoſiſſimos achaques, entregou o eſpirito nas mãos de ſeu Creador, em cuja companhia he de crer eſtá gozando o premio da ſua virtuoſa vida.

C No Moſteiro da Villa da Caſtanheira, da Serafica Familia, cerrou neſte dia com louvavel morte as clauſulas de huma innocente vida a Madre Sor Magdalena da Reſurreiçaõ, que deſde a idade de tres annos foy recolhida aos Clauſtros deſte Convento, aonde pelo largo eſpaço de oitenta e cinco annos cumprio com perfeiçaõ todas as obrigaçóes da vida Monaſtica, ſem que lhe ſerviſſem de embaraço, nem as fadigas de Prelada, que exercitou por quatro triennios com univerſal applauſo, e goſto das ſuas ſubditas, que outras tantas vezes a intentaraõ eleger, nem os dilatados achaques, que padeceo, nem outras mortificaçóes muy ſenſivas poderaõ nunca entibiar o elevado do ſeu eſpirito. Foy grande obſervadora do ſilencio, e aſſim era conhecida pelo nome da Senhora muda. Nunca uſou de camiza de linho, mais que de huma groſſeira tunica ſobre hum

A Madre Magdalena da Reſurreiçaõ Franciſc.

meyo corpo de cilicio, a que ajuntava outros extraordinarios, com que repetia os tormentos por diversas partes do corpo, naõ faltando nunca a castigallo com rigorosas disciplinas, e grandes abstinencias, com que acabava de debilitar o delicado da natureza. Naõ recebia sustento, em que pudesse achar gosto; porque nas Quaresmas naõ comia peixe. Em as quartas, sestas feiras, e Sabbados de todo o anno, eraõ os jejuns de paõ, e agua; observava o Advento da primeira regra. Todos os dias do anno corria os Passos da Paixaõ, e na Quaresma com os pés descalços. Nos principios da sua vocaçaõ, quando dava algum repouso ao corpo, era por breve tempo, vestida sobre a cama; depois sobindo de mortificaçaõ, naõ tinha cama, senaõ sentada no chaõ dormia hum breve espaço; e neste regido modo perseverou até o fim da vida: e de ordinario, parecendo-lhe ainda grande o regalo, se levantava, e velava toda a noite no Coro, empregada em Divinas contemplações. A Paixaõ de Christo venerou muy ternamente, tendo esta meditaçaõ por largo tempo com os braços abertos, causando-lhe aquella sacrosanta memoria huma grande afflicaõ. Na manhãa da Resurreiçaõ imitava a Magdalena com copiosas lagrimas, quando no Sepulchro naõ achou o Redemptor do Mundo. Todas as sestas feiras, em veneraçaõ da Cruz, rezava prostrada por terra muitos Psalmos. Ao Santissimo Sacramento da Eucharistia, tinha tal respeito, que naõ se atrevia a recebello; porém com o tempo foy o mesmo Senhor servido, que em os ultimos annos da sua vida frequentasse aquella sagrada Mesa, em que recebeo especiaes favores; de sorte, que chegaraõ a ser taes as affluencias da graça, que o Divino amor lhe communicou, que chegou a dizer a huma Religiosa, que naõ havia nella lugar, que naõ estivesse cheyo daquelle Celestial amor; do qual mereceo Celestiaes visoens, ainda que à custa de muitas lagrimas, vendo a inhumana crueldade, com que o Redemptor foy tyrannisado da barbaridade Judaica. No mesmo acto lhe revelou o Senhor huma grande tribulaçaõ, que havia de padecer, que aceitou com gosto pelo seu amor. Na occasiaõ, que em Africa foy vencido o exercito Portuguez, com ElRey Dom Sebastiaõ, soube logo da sua derrota, cujas circunstacias referio a algumas Religiosas; como tambem a morte de seus sobrinhos, que acabaraõ naquella infelice perda de

Por-

Portugal. Outras muitas cousas lhe revelou Deos, que ella com profunda humildade encobria; mas naõ o pode fazer, quando repentinamente melhorou de huma total surdez, que a desconsolava muito, por naõ ouvir no Coro os louvores Divinos, o que mereceo alcançar por intercessaõ de Saõ Benedicto. Entre tantas virtudes, resplandeceo nella a da paciencia com taõ singulares demonstrações, que foy huma perfeita idéa desta virtude. Nos trabalhos pareceo insensivel: nunca se lhe ouvio palavra, nem ainda na occasiaõ da morte de seus irmãos. Na ultima doença, que lhe durou dous annos, foy hum exemplar da conformidade: mortificada das dores dissimulava as queixas, andando de pé, por naõ dar a entender o que padecia, até que obrigada da obediencia se sogeitou ao parecer dos Medicos. Aggravaraõse-lhe os achaques de naõ usar de roupa de linho, nem de nunca se despir, de que exasperado o figado com o calor da lãa, lhe abrazou todo o corpo, abrindo-o em numerosas chagas, de que padecia grandes dores, mas com tal resignaçaõ, que nunca se lhe ouvio palavra, que significasse queixa. Toda a sua ancia era de que chegasse a ditosa hora de ir gozar de Deos; e assim com dissimulaçaõ encobria a dor da sua saudade. Recebido o Santissimo Viatico, e a Santa Unçaõ, com tantas demonstrações de gosto, como quem já via chegado o principio da sua felicidade, e repetindo os Psalmos de David, e abraçando as suas amadas Religiosas, as exortou à perfeiçaõ da vida, e entre as armonias Angelicas, que foraõ ouvidas de todas as Religiosas, subio a merecer o premio das suas virtudes, que o Ceo acreditou com resplandecentes luzes sobre o Mosteiro, na mesma hora em que espirou, para que todos louvassem ao Senhor nesta sua fiel Serva.

Commentario ao VI. de Julho.

A FOy Sor Violante de Jesus Maria, filha de Henrique Henriques de Miranda, filho mais velho de Luiz de Miranda Henriques Pinto, Senhor dos Concelhos de Ferreiros, e Tendaes, Fidalgo de conhecida nobreza, e de sua mulher Dona Violante Henriques, filha de Dom Francisco da Costa. Foy sua mãy Dona Maria de Espinosa e Montecer, filha de Dom Gaspar Montecer, e de Dona Anna de Tapia e Vargas, Fidalgos Castelhanos da Provincia de Andaluzia. Nasceo Dona Violante Henriques (que este era o seu nome antes de entrar na Religiaõ) na Villa de Almada, aos 19 de Dezembro de 1636, em huma sesta feira. Neste dia deu principio à vida natural, e tambem à de Religiosa, tomando o Habito de Saõ Francisco, em outro tal dia. Em outra sesta feira deu fim à vida mortal, em que foy lograr da Eterna,

no

no anno de 1657, contando de idade vinte annos, seis mezes, e desanove dias. Sobre a antiguidade da Villa de Almada, achamos alguma variedade, pois alguns lhe daõ principio no anno de 1174, em huns Cavalleiros Inglezes, que ajudaraõ a ElRey Dom Affonso Henriques na Conquista de Lisboa, o que segue Rodrigo Mendes Sylva, na *Poblacion de Hespanha*, cap. 27. fol. 160. vers. dizendo se chamava Vimadel, que quer dizer povoaçaõ de muitos, e depois tomara o nome de Almada. O Author da *Corografia Portugueza*, o Padre Antonio Carvalho da Costa, que escreveo sem averiguaçaõ alguma; porque era de muy facil persuaçaõ, como se vê da sua Obra, que encheo de Genealogias, em que naõ merece nenhum credito, por naõ ter noticia deste estudo, e só escreveo o que lhe ditaraõ, e algumas vezes os mesmos interessados, que quereriaõ fazer publica a sua vaidade naquella Obra, a que se corria como a tenda, levando-lhe os seus papeis, de que pagavaõ o traslado com pouca despeza; porque tambem naõ era difficultoso de accommodar, porque de tudo se contentava; o que com magoa referimos, por haver de servir para os tempos futuros de huma grande confusaõ nesta materia aquella Obra: quando falla de Almada Tom. 3. trat. 7. cap. 4. fol. 309, segue a referida opiniaõ, a que accrescenta, que depois se chamara esta *Villa de Almada*, por ser conquistada por hum Cavalleiro do appellido de Almada. Naõ sey donde achou esta noticia; nem os deste appellido necessitaõ, para se illustrarem, desta Conquista, por ser a sua Familia costumada a produzir Varões dignos de eterna fama, como se lé nas nossas Historias, que naõ appontamos por naõ ser do nosso assumpto esta materia. E tornando à antiguidade da Villa de Almada, entendemos ser Conquista delRey Dom Affonso I. com a authoridade do Doutor Fr. Antonio Brandaõ, na III. Parte da *Monarchia Lusitana*, liv. 10. cap. 18. fol. 179, que tambem seguio Manoel de Faria e Sousa, no II. Tomo da *Europa Portugueza*, part. 1. cap. 4. fol. 52, o que se prova claramente da *Historia dos Godos*, que pela sua antiguidade merece todo o credito, e lho tem dado a approvaçaõ dos nossos mayores Historiadores; saõ as suas palavras as seguintes: *Era M.C.LXXXV. capitur Santarem VIII. idus Maii, eodem anno capitur Ulyssipo Octobri mense feria sexta meridiano tempore, post quinque menses obsidionis per idem tempus, Cepit Sintra, Almada, e Palmela.* Quer dizer: *que na Era de 1185, se tomou Santarem aos 8 de Mayo, e que no mesmo anno se ganhou Lisboa no mez de Outubro, em sesta feira ao meyo dia, depois de cinco mezes de cerco, e neste tempo se Conquistou Sintra, Almada, e Palmela*; com que bem se deixa ver, que naõ foy fundada neste tempo a Villa de Almada; porque já com este nome foy conquistada, e sómente seria povoada, e se nos ajudarmos de conjecturas, o nome nos persuade a que he fundaçaõ dos Arabes; porque as palavras, que temos na nossa lingua, que começaõ por *al*, assim como Almoxarife, Alcantara, Alicerce, e outras muitas, saõ Arabigas. Fica situada esta Villa em huma fermosa eminencia, que desce por huma alta rocha ao mar, sobre a qual tem o seu antigo Castello, de donde se dilata a vista a hum bem largo, e admiravel Orizonte, vendo-se o grande, e singular Porto da Cidade de Lisboa, que lhe fica ao Norte, em distancia de huma legua, que he a largura do Tejo, nesta parte misturado já com as aguas do mar Occeano. Logra de voto em Cortes. He a sua Igreja Matriz de Santiago da Ordem Militar deste Santo: nella foy bautisada D. Violante, que he o assumpto de que tratamos. E porque segundo o nosso estyllo nos he perciso omittir muita cousa, nos naõ alargamos mais nas virtudes de Sor Violante, e só tocaremos algumas cousas tocantes à sua discriçaõ. Teve por Mestra à Madre Sor Maria Magdalena de Jesus, filha de D. Henrique de Menezes, Senhor do Louriçal, pessoa de vida taõ santa, como diremos no Supplemento aos primeiros seis mezes do *Agiologio*, no dia 18 de Março; e como esta Serva de Deos foy de taõ abalisada virtude, exercitou o espirito de Sor Violante nas occasioens mais proprias, já na humildade, já na resignaçaõ, e subindo de ponto, mandou Sor Violante escrevesse as jaculatorias, e actos de amor, que o espirito lhe ditasse para ver onde chegava o seu pensamento. Difficultoso, e arduo empenho foy este para a humildade de Sor Violante, mas rendeo a vontade a obediencia. Bem sey, que agora quizera ver o

Lei-

Leitor os papeis, que esta Serva de Deos escreveo, mas por largos os naõ lançamos aqui, e satisfaremos à curiosidade com o discreto destas oitavas, em que se vê o abrazado do espirito, e o elevado do seu engenho.

OITAVAS.

Que tyrania es esta, Esposo amado,
Que despues, que me vistes ya rendida,
Y el pecho de tus llamas abrazado,
Y en tu favor, mi bien, desvanecida,
Te auzentaste Señor, y me has dexado
Triste, llorosa, amante, y afligida?
Como podrè vivir de aquesta suerte,
Si tardare el alivio de la muerte?

EN quanto con excesso nò sentiere,
En quanto amargamente nò llorare,
En quanto el coraçon nò se partiere,
Y el alma en mil suspiros se anegare:
Engañaráse mucho quien creyere,
Que si sentirse aquesto me faltare,
Que si lo que perdi considerara
Ya la vida, ó el juizo me faltara.

Em huma occasiaõ, rendida do mal, ficou na cama, e a poucos dias de doente commungou a Communidade, e como a naõ podesse acompanhar saudosa, e desconsolada, e abrazado aquelle amante espirito, rompeo em lagrimas, e suspiros; e em quanto a Mestra, e Enfermeira assistiraõ no Coro, escreveo ella o seguinte

SONETO.

AGraviada mi Dios, y afligida,
A vós mismo, de vós vengo a quexarme,
Que mi amor ha podido sujetarme
A que pida el remedio al homicida.

Vós lo fuistes, Señor, quando una herida
De mi pecho fiastes, por dexarme
A vuestro amor sujeta, que en amarme
Cuidadoso os mostrastes, y yo rendida;

Y despues, que como empeñada en mil desvelos
Me vistes, me negais vuestro favor,
Correspondiendo con desden, y zelos.

Mas ay de my! si es justo este rigor
No lo quiero pensar; valedme Cielos!
Que con razon me acaba este dolor.

Este

Este Soneto manifesta o grande engenho de Sor Violante, pois reduzio aos preceitos da arte o inflamado do seu espirito. Outros muitos Versos seus chegaraõ a nossas mãos, que naõ lançamos aqui, por nos termos já alargado muito; e concluimos com dizer, que todas as alfayas desta Serva de Deos, se repartiaõ como reliquias pelas pessoas de mayor caracter da nossa Corte, e algumas sabemos se conservaõ com veneraçaõ. A sua Vida escreveo seu tio Francisco de Miranda Henriques, Deputado do Santo Officio, e Desembargador do Paço, pessoa douta, e exemplar, que rejeitou o Bispado de Miranda, a qual temos m.s.

B A Villa da Ponte da Barca, na Provincia do Minho, foy Patria do Padre Manoel da Consolaçaõ, supposto nos conste, que era de nobre geraçaõ, ignoramos quem fossem seus pays; descuido, que de Ordinario lamentamos em os nossos Portuguezes pelo pouco, que estimaõ as suas cousas. Foy muy grande o concurso aos Officios, que a sua Religiaõ lhe fez de sepultura, pela grande opiniaõ, que tinha; e assim o veneraraõ como a Santo, cortando-lhe o Habito para reliquias, e tocando contas, e outros procurando as pobres alfayas do seu uso, para as estimarem como reliquias. O Padre Mestre Francisco de Santa Maria, Geral dignissimo da sua Congregaçaõ, de que tinha sido Chronista, na Historia que intitulou: o *Ceo aberto na Terra*, fol. 1041, faz delle mençaõ, allegando ao Padre Jorge de Saõ Paulo.

C Com grandes finaes de predestinaçaõ morreo Sor Magdalena da Resurreiçaõ, tendo de idade 88 annos, no de 1630: era filha de D. Antonio de Ataide, I. Conde da Castanheira, do Conselho de ElRey Dom Joaõ o III. e seu valido, Varaõ digno de eterna fama, e de sua mulher Dona Anna de Tavora, filha de Alvaro Pires de Tavora, Senhor do Mogadouro; e sendo de taõ Illustre sangue, soube ser mais esclarecida pelas suas virtudes, resplandecendo nella a humildade em gráo taõ heroico, que se prostrava com o rosto em terra diante de suas sobrinhas, e lhe pedia perdaõ se alguma vez se offendiaõ do seu zelo, como lhe succedeo com huma, que tinha criado, e desejava ver no auge da mayor perfeiçaõ. Effeito da sua devoçaõ, foy o instituir naquelle Mosteiro a solemnidade, com que hoje se festeja todo o Oitavario do Corpo de Deos. O seu espirito introduzio os Santos Passos, e os medio desde o Horto, até à Sepultura, pondo Cruzes, e compondo as devotas Orações, que nelles ainda hoje se recitaõ. Obra sua foy tambem a Procissaõ, que se faz no meyo da Quaresma, na qual vay a Communidade até à Capella do Horto: nella collocou a Imagem de Jesu Christo orando, e junto a ella em tres Nichos, as dos tres Santos Apostolos. No Coro debaixo lavrou a Capella dedicada ao Senhor morto, cujo retrato se leva na Procissaõ do Enterro, que ella mesmo instituio; e nella lhe deraõ depois as Religiosas sepultura. Na Cerca edificou a Capella do Santo Christo; parece que o ser filha dos Padroeiros daquelle Mosteiro, lhe dava mayores desejos de o aperfeiçoar no espiritual, assim como seus pays o fizeraõ no material. Finalmente, nella tiveraõ principio grande parte dos virtuosos empregos deste Mosteiro. Della faz honorifica mençaõ o Padre Frey Fernando da Soledade, na IV. Parte da *Historia Serafica*, liv. 2. cap. 16, onde refere, que a sua Vida escrevera, obrigada da obediencia, a Madre Sor Anna de de Jesus.

JULHO VII.

A EM Moçambique deu fim à ſua vida, com univerſal ſentimento dos companheiros, Dom Sebaſtiaõ de Moraes, Biſpo do Japaõ, tendo primeiro com o ſeu exemplo, e virtude edificado naõ ſó a Companhia de JESU, de que era filho, mas Italia, que admirou com a ſua doutrina, e letras, quando paſſou ao Ducado de Parma no ſerviço da Sereniſſima Princeza Dona Maria, em quem ſe qualificaraõ os documentos do Meſtre; mas depois que eſta Princeza paſſou à melhor vida, no anno de 1577, voltou o Padre Sebaſtiaõ de Moraes a Portugal, de que logo ſe aproveitou a Religiaõ, occupando-o nos lugares de Prepoſito, e Provincial, que adminiſtrou com rara prudencia, e igual ſatisfaçaõ dos ſubditos. Bem livre de outros cuidados, do que os ſeus eſtudos, ſe achava o Padre Sebaſtiaõ de Moraes, quando a Mageſtade de Filippe II. de Caſtella, que entaõ dominava Portugal, por ſatisfazer às repetidas inſtancias da Chriſtandade do Japaõ, o nomeou Biſpo deſta Igreja; e ſendo confirmado pelo Papa Sixto V. no anno de 1587, e ſagrado em Lisboa em Março do anno ſeguinte, ſe embarcou para a India com ſete companheiros, para dilatarem as ſeáras do Evangelho naquelle grande Imperio; mas a Divina Providencia, pelos inexcrutaveis ſegredos com que obra, naõ permittio, que lá chegaſſe o Biſpo Dom Sebaſtiaõ de Moraes. Atearaõ-ſe na Náo contagioſas enfermidades, a que com ardente charidade começou a aſſiſtir, ſoccorrendo a todos com Apoſtolico eſpirito. Teve ſempre grande deſprezo da ſua peſſoa, e aſſim ſem memoria da Dignidade ſe abatia, ſervindo ao proximo, ſendo remedio aos miſeraveis enfermos, naõ ſó da alma, mas do corpo, acodindo-lhes com tudo quanto podia. Tanta foy a efficacia, com que ſe empregou na ſua aſſiſtencia, que rendido do trabalho acabou victima da charidade, deixando de ſeu nome ſaudoſa memoria.

D. Sebaſtiaõ de Moraes, Biſpo do Japaõ.

B Em Yendo, Cidade do Japaõ, acabou os glorioſos trabalhos de huma vida mortificada, e cheya do zelo do bem das almas o Padre Pedro Caſſui, da Companhia, naſcido

O Padre Pedro Caſſui da Companhia.

entre as superstições do Gentilismo em Vomura. Tanto que foy instruido nos Mysterios da Fé Catholica com mais alta idéa, deixou a sua patria, em tempo, que a tyrannisava Daifusama; e com devotos desejos de reverenciar os Santos Lugares, em que teve principio, e fim a Redempçaõ humana, se embarcou para a India; e depois passando à Persia, atravessou os Desertos da Arabia, e chegou a Jerusalem, e vindo a Roma, foy recebido na Companhia. Voltou à sua patria alentado com tantos prodigios, como venera a Fé: animado daquella sagrada vista, e com vehementes, e santos desejos do bem dos seus naturaes andou dous annos descalço, com a cabeça descuberta, em traje taõ humilde, e abatido, como hum forçado da galé, para desta sorte franquear a sua entrada no Japaõ; mas naõ surtindo effeito esta devota industria, excogitou a sua charidade outro meyo mais terrivel. Em Manilha se fez escravo, para que na vileza da pessoa podesse ser desconhecido, e com a servidaõ dos homens segurar para Deos tantas almas, quantas necessitavaõ de operarios do Evangelho. A' custa de tantos trabalhos conseguio entrar no Japaõ. Em Nangasachi bautisou a muitos; confortou a outros, animando-os à constancia do martyrio, em que se achavaõ tibios, e de medo da agua de enxofre, fluctuavaõ timidos na resoluçaõ de confessarem a Fé: a todos alentou o seu espirito, até que prezo à violencia dos tormentos, tendo feito a Deos muitos serviços, acabou a vida em obsequio da Fé, que ensinava.

Fr. Gonçalo de Almeida Eremita.

C No Convento de Nossa Senhora da Graça da Cidade de Lisboa, a preciosa morte de Fr. Gonçalo de Almeida, de vida, e costumes taõ esclarecidos, que mereceo na ultima doença ter duas vezes por enfermeiros os Anjos. He sem duvida, que acompanhariaõ na morte àquelle, a que serviraõ na vida, aposentando-o na Celeste Jerusalem, entre o Coro dos Confessores.

Commentario ao VII. de Julho.

A QUando o grande Vasco da Gama andava no descobrimento da India, no anno de 1498, deu vista da pequena Ilha de Moçambique, que terá de roda huma legua, lançada quasi de Lesnordeste, e Sudoeste, entre duas pontas da terra firme. Seus habitadores eraõ Negros, que viviaõ na terra firme, e seus primeiros povoadores Mouros, que fizeraõ esta povoaçaõ como escala da Cidade de Quiloa, da Mina, e Sofalla, como cantou Camoens na Oit. 54. do Canto 1.

Esta

Esta Ilha pequena, que habitamos,
He em toda esta terra certa escala,
De todos os que as ondas navegamos
De Quiloa, de Mombaça, e de Sofala,
E por ser necessaria procuramos,
Como proprios da terra de habitala:
E porque tudo em fim vos notifique,
Chama-se a pequena Ilha Moçambique.

Está esta pequena Ilha em terra baixa, e alagadiça, de que nasce ser muy doentia: o sitio he como hum cotovello, à maneira de cabo, em altura de quatorze gráos, e meyo, do qual convèm hajaõ vista os Navios, para irem bem navegados; e esta he a razaõ, que dá Barros na *Dec.* 1. liv. 4. cap. 4, para os nossos a ellegerem, sem embargo de ser taõ doentia, deixando na mesma costa outros portos mais nobres: o seu porto he admiravel, como diz Goes, na *Chronica delRey D. Manoel*, part. 1. cap. 36. Aqui edificaraõ os nossos Portuguezes Fortaleza com armas na maõ, lançando fora aos Mouros. Fica esta na ponta da Ilha: para a banda do Sodoeste da Fortaleza, está huma Ermida de Santo Antonio, que serve de marca, para entrar no porto, como escreve o Insigne Manoel Pimentel, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Cosmografo môr do Reyno, no *Roteiro da India Oriental*, fol. 377. Tem sido este porto sepulchro de muita gente Portugueza, e algumas vezes refugio. Na Igreja da Fortaleza estaõ depositadas as cinzas de Joaõ da Sylva Tello de Menezes, I. Conde de Aveiras, do Conselho de Estado dos Reys Pilippe IV. e Dom Joaõ IV. Vice-Rey da India, que governou com prudencia, acerto, e tal felicidade, que depois de voltar ao Reyno, e occupado em empregos dignos da sua pessoa, o mandou segunda vez à India, sem embargo dos seus annos, ElRey Dom Joaõ IV. para reprimir as insolencias, que naquelle Estado faziaõ os Olandezes; para o que lhe fez merce do titulo de Marquez de Vagos, de que era XI. Senhor, e naõ teve effeito esta merce: sem embargo dos grandes serviços, com que tanto se tinha na sua vida distinguido; faleceo no anno de 1651. Aqui acabou os seus dias o Bispo Dom Sebastiaõ de Moraes, no anno de 1588, que tem sido a causa desta digressaõ. Nasceo na Cidade do Funchal, cabeça da famosa Ilha da Madeira. Sendo menino, estando brincando junto a huma levada de agua de hum engenho de assucar, descuidadamente cahio, e foy levado do impeto da agua, até o lugar donde moía a roda; e parece foy detido por oculta maõ, por ser o lugar, no qual as aguas impellidas do movimento tem mayor violencia: e assim foy tirado com admiraçaõ dos circunstantes, tendo-o por prodigio. Hum homem dos que se acharaõ presentes a este caso disse a sua mãy, que já o tinha nos braços: *Senhora, criay este menino com cuidado; porque será na Igreja de Deos hum Prelado de muita importancia.* O Licenciado Jorge Cardoso, no dia 7 de Mayo, letra L, diz ser o terceiro Bispo da Igreja do Japaõ; porém nós nas *Memorias das Dignidades Ecclesiasticas, e Militares deste Reyno, e suas Conquistas*, o contamos por primeiro; o que tambem affirma Telles, na II. Parte, liv. 6. cap. 20. fol. 592; e Nadasi diz, que Filippe II. obrigado das instancias, que lhe se faziaõ do Japaõ, pedira ao Papa désse Prelado àquelle Reyno, e nomeara a Dom Sebastiaõ de Moraes; e Faria, na III. Parte da *Asia*, fol. 520. no Catalogo dos Bispos da India. Mas se se houver de contar a Dom Belchior Carneiro, Bispo de Nicea, do qual faremos mençaõ a 19 de Agosto, que foy nomeado Bispo da China, e Japaõ, a quem succedeo na mesma Dignidade Dom Leonardo de Sá, o qual navegando para a China, foy dar à costa do Achem, onde esteve cativo até o anno de 1594, e foy morrer a Macao, fica o Bispo Dom Sebastiaõ de Moraes, sendo o terceiro. O Padre Bartholomeu Pereira, naquelle admiravel livro, que intitulou *Paciecidos*, naõ inferior a nenhum dos que lhe precederaõ no tempo, na felicidade, e valentia de dizer, no livro X. pag. 183, nomea por segundo Bispo ao nosso D. Sebastiaõ de Moraes.

Quid memorem Heroas, quasque inclita Roma tiaras,
Pontificesque sacros quondam mihi sedula misit
Quos mihi, litoribusque meis tua fata negarunt
Incolumes! Sic regna meus Japponica nunquam
Melchior aspexit, sic invidiose Sebastum
Moçambique tenet, tumuloque superbe recondit.

Porém toda a duvida se tira com o acto da Congregaçaõ Consistorial do Papa Xisto V. passado a 19 de Fevereiro, do anno 1588, no anno terceiro do seu Pontificado, em que erigio a Igreja do Japaõ, à qual dá por primeiro Bispo ao nosso Dom Sebastiaõ de Moraes, com o titulo de Bispo de Funay, o qual neste tempo era Provincial, a qual anda na *Collecçaõ das Bullas*, que por ordem do Senhor Rey Dom Pedro II. se imprimiraõ em Lisboa, no anno de 1700, a fol. 200. Compoz na lingua Italiana o Bispo Dom Sebastiaõ de Moraes, a Vida, e Morte da Princeza Dona Maria de Parma, com o titulo de *Carta escrita a huma Senhora*, e depois se traduzio em Castelhano pelo Padre Francisco Alvarado, impressa em Roma, anno de 1580, de que faremos memoria no Commentario do dia 8; escreveo *de Interdicto, de Excommunicatione, de Irregularitate, de Sacramentis in genere Eucharistia, Pœnitentia, de Matrimonio*, as quaes Obras se conservaõ m. s. no Collegio de Evora, como diz Franco, na *Bibl. Lusit.* m. s. Nicolao Antonio, na *Bibl. Hisp.* e Alegambe, *in Bibl. Societatis*, se lembraõ delle com Elogios, e outros Authores, além dos já acima apontados.

B No anno de 1620 foy recebido na Companhia o Padre Pedro de Cassui; e tendo gasto seis annos na larga peregrinaçaõ, que fez da sua patria, onde o tornou a levar o amor dos seus naturaes, tendo nove annos da Roupeta da Companhia, e cincoenta e hum de idade, no de 1638, acabou gloriosamente em Yendo, huma das mais insignes Cidades do Imperio do Japaõ, na Ilha Niphonia, a quem faz mais celebre a assistencia da Corte, em que se admira hum sumptuoso Palacio, soberbo pela architectura, e admiravel pela riqueza, sendo por todas as faces dourado, crescendo cada dia em grandeza, como testemunha Carone, citado por Baudran. Fazem memoria deste Padre, Cardim, *Elogio* 84. *fol.* 234. *dos Martyres do Japaõ.* Nadasi, nos seus *Fastos*, neste dia. O *Menologio da Companhia* m. s. o poem a 4. Franco, *Imagem da Virtude no Noviciado de Lisboa*, liv. 3. cap. 13. e no *Anno Santo da Companhia em Portugal*, a 31 de Julho.

C No anno de 1567 morreo Frey Gonçalo de Almeida, de quem a *Chronica dos Eremitas* de Purificaçaõ, part. 2. liv. 5. trat. 3. §. 22, nos naõ dá mais memorias, do que as que referimos; e o mesmo Author na *Chronologia Monastica*, neste dia. Foy natural da Cidade de Lisboa, da Freguesia de Saõ Juliaõ, como diz o Licenciado Jorge Cardoso, no Tomo III. no Commentario do dia 19 de Mayo, fol. 328. Seus pays se chamaraõ Gabriel de Almeida: e Maria Perestrella. Entrou na Religiaõ onde professou, a 15 de Agosto de 1563, e se chamou Frey Gonçalo de Santa Maria: naõ teve mais que seis annos de Habito. Foy filho espiritual, e muito estimado do Padre Montoya, que lhe assistio à morte, como se lé em humas memorias m. s. que ajuntou o Doutor Frey Manoel Leal, que se conservaõ em hum livro da sua maõ, na Livraria de Nossa Senhora da Graça, que tivemos em nosso poder.

JULHO

JULHO VIII.

A A Cidade de Parma a bemaventurada morte da Efclarecida Princeza Dona Maria, a quem a graça, e a natureza dotaraõ com fingularidade, dando-lhe hum animo pio, e devoto, condiçaõ branda, e humilde, e hum entendimento taõ elevado, que parecia receber illuftraçaõ das mefmas virtudes, que praticava. Teve grande genio, e applicaçaõ às boas letras, de que refultou faber a lingua Latina, de tal forte, que com elegancia a efcrevia, e com expediçaõ a fallava. Da lingua Grega teve conhecimento baftante: a Philofophia, e Mathematica eftudou com cuidado: da Poefia fe abftinha por mortificaçaõ, por naõ ler Obras amatorias; como lhe fuccedeo com as Obras do grande Francifco Petrarcha, abrindo-as duas vezes, a poucas regras da leitura, como caftigando-fe, fechou o livro. Das letras Divinas teve muito ufo, lendo fcientificamente hum, e outro Teftamento. Nada era tanto do feu gofto, como ter empregado ultimamente o tempo para efte fim. Efcrevia fentenças dos Santos Padres, que abftrahindo-a do comercio humano, lhe arrebatavaõ o efpirito a Deos: trabalhava quanto lhe era poffivel pelo agradar, ou foffe na contemplaçaõ, ou em manufactura, fazendo pelas fuas mãos algumas obras primorofamente bordadas, para o culto do Santiffimo Sacramento. Era tal o fervor do feu efpirito, que fem fer fentida fe levantava de noite, e fe punha a trabalhar, para que com o preço da obra livraffe da prizaõ algum pobre, defvellando-fe já em taõ tenra idade no foccorro dos miferaveis, como fe com ella tivera nafcido a comiferaçaõ; e fazendo defta forte dous agradaveis facrificios a Deos, hum na charidade, outro no humilde modo, que excogitou para remediar os neceffitados. (Coftumes taõ admiraveis naõ fe exercitaõ, fenaõ com huma confciencia muito pura, e juftificada.) Foy grande eftimadora das virtudes nas mulheres, principalmente da honeftidade, e authoridade; e affim coftumava dizer, que tudo o mais fe lhes podia diffimular. Defde menina fez todos os dias exame de confciencia, em que accufava como delinquente a fua vida, em que achava

Dona Maria Princeza de Parma.

culpas

culpas no interior, que era centro da mesma innocencia: era o exame taõ exacto, como nascido do temor de Deos; taõ vivamente entranhado no seu coraçaõ, que elle lhe dictou aquelle celebre papel, que escreveo dos exercicios, em que todos os dias se havia de occupar; e depois de sua morte se lhe achou entre os de mayor segredo, taõ usado, como quem muitas vezes os ratificava; e dobrado de maneira, que facilmente o podesse trazer no peito. Este papel he hum virtuoso retrato das santas obras desta Princeza; pois nelle se vê espirito humilde, e amor de Deos.

Corria a fama por Hespanha, e eraõ iguaes à fama as virtudes da Senhora Dona Maria; porque tendo o nascimento da Casa Real de Portugal, era taõ gloriosa a sua opiniaõ, como soberana a Serie de seus Reaes Progenitores. Procurava Filippe II. Rey de Castella, à instancia de sua irmãa a Duqueza de Parma Dona Margarida de Austria, Governadora de Flandes, mulher para o Principe daquelle Estado Alexandre Farnesio: deu-lhe parte como em Portugal havia a Senhora Dona Maria, com cujo desposorio se illustraria a Casa Ducal de Parma; pois era prima com irmãa do Principe Dom Joaõ, pay de Dom Sebastiaõ, herdeiro da Coroa Portugueza, e da Rainha de Castella Dona Maria, sua mulher, netos todos do grande Rey Dom Manoel. Pareceo bem a inculca: tratou-se do ajuste, e effeituou-se o casamento. Mandaraõ a Portugal por Procurador a Juliaõ Ardinguelo, Fidalgo Florentino, Commendador na Religiaõ de Malta, com poderes de ratificar os contratos do casamento, que em Madrid tinha affinado com o Senhor Dom Theotonio de Bragança, como Procurador da Senhora Dona Maria. Havendo pois de ser conduzida de Portugal, mandou a Governadora de Flandes aprestar huma Armada Real, de que foy General Pedro Ernesto, Conde de Mansfelt, que partio de Flesinga a 4 de Agosto do anno de 1565, trazendo muitos Fidalgos, e Senhoras para o serviço da Princeza. Chegaraõ com feliz viagem à Cidade de Lisboa: nella teve pouca demora a Armada; porque a 14 de Setembro, se embarcou a Princeza, acompanhada da sua Corte, levando o Padre Sebastiaõ de Moraes, da Companhia de JESU (depois Bispo do Japaõ) para seu Confessor, e Director, preciso para terras contaminadas da heresia.

Deixou

Deixou neste dia a Real Armada as prayas do Tejo, e feita à véla se começou a affastar do porto de Lisboa, e surcando o mar Occeano, naõ distante da Costa de Portugal, cerrando-se de improviso o dia, cresceo o vento, alterou-se o mar, começaraõ os Navios a lutar com montes de ondas, e espalhados todos, corriaõ sem governo à discriçaõ do vento, que furiosamente bramia; quando topando hum Navio com a Capitania, padeceo de sorte, que abrio por diversas partes, e em ellas as sepulturas dos que levava, pois sem remedio se perdiaõ. Este horroroso espectaculo distava pouco da Capitania; e ouvindo a Princeza as afflictas vozes dos miseraveis naufragantes, cheya de piedade Christãa, mandou ao General da Armada os fosse soccorrer, e recebesse na sua Náo os homens, e mulheres, que estavaõ lutando com as ondas, e com a morte. Duvidou o General executar esta piedosa ordem; porque o naõ podia fazer sem evidente perigo de Sua Alteza; e o mesmo lhe affirmaraõ os Pilotos, e os peritos da navegaçaõ; mas a Princeza, que sem attender aos preceitos da arte, tinha verdadeira fé na Divina Misericordia, lhes disse: *Sabeis o que me pronostica o coraçaõ? Que se soccorrermos aquelles miseraveis afflictos, que naõ só naõ havemos de perigar, mas que Deos nos ha de pagar com bom tempo este beneficio.* Estas palavras, nascidas verdadeiramente do amor do proximo, foraõ ditas com tal efficacia, que foy obedecida no mesmo, que parecia impossivel. Mandou o General voltar a Capitania em demanda do Navio, que se submergia, e lançando fóra lanchas, e bateis, salvou os miseraveis já perdidos de esperanças, menos hum só que pereceo. Apenas se tinhaõ embarcado na Real Capitania, quando à vista de todos se foy a pique o Navio, mas logo se satisfez a palavra da Princeza, com tempo sereno, e favoravel. Naõ passaraõ muitos dias, que naõ exprimentassem segunda tormenta, que obrigou a arribar a Armada, e tomar hum dos portos de Inglaterra. Pareceo ao General, que devia Sua Alteza, visto estar naquelle Reyno, mandar com as devidas ceremonias visitar a Rainha Isabel, que entaõ governava: escusou-se a Princeza ao comprimento, protestando, que naõ queria commercio com os inimigos da Fé. Para aliviar a Princeza dos discommodos da viagem, havia quem lhe aconselhava, que em quanto o tempo segurava, desembarcas-

se

ſe; mas a alguns Senhores da ſua comitiva lhes pareceo maduramente o contrario, dizendo naõ convinha a huma Princeza Catholica exporſe a algum deſacato dos hereges, que naquelle tempo andavaõ inſolentes; porém a Princeza reſpondeo com animo ſocegado: *Bemaventurada eu, ſe foſſe Martyr, entregando a vida nas mãos dos ſacrilegos Apoſtatas em obſequio da Fé.* Concorria todo o genero de gente de hum, e outro ſexo, a ver a Armada: entre eſta veyo huma mulher nobre, como moſtrava a diſtinçaõ do ſeu trato, a qual trazia dous filhos de gentil preſença: vio-os a Princeza, e os agaſalhou com carinho; e fallando com a mãy lhos pedio, ſegurando-lhe com Real palavra, que os trataria como filhos proprios, e que os havia de aproveitar, de ſorte, que ſe naõ arrependeſſe de lhos ter entregue. Deſejava conſeguillo pela afflicaõ, que lhe cauſava ver, que creaturas taõ bellas foſſem condemnadas a huma eternidade de fogo, por cauſa da errada Religiaõ, em que ſeus pays os educavaõ. Eſte piedoſo animo lhe gratificou a Divina Providencia; porque paſſados poucos annos, ſe vio mãy de dous filhos, em ſatisfaçaõ dos que o ſeu zelo queria adoptar. Digno he de eterna memoria o que neſte porto lhe ſuccedeo pela piedade, e pela inteireza. Caſualmente ſe atteou o fogo na Capitania, principiou em pouca diſtancia, aonde a Princeza ſe achava. Com eſte accidente começou a confundirſe a gente, acodindo huns a livrar o mais precioſo, que levavaõ, outros a ſalvar as peſſoas. Neſta perturbaçaõ ſahio da camera a Princeza, e parando à porta ſe lembrou de que lhe faltavaõ as reliquias que trazia; e com devota reſoluçaõ, naõ fazendo caſo da viſinhança das chammas, voltou dentro, e trouxe hum cofre, em que as tinha, ſem lançar maõ das joyas, que levava; naõ ſe lembrou mais, que de ſalvar as reliquias, que era o precioſo theſouro da ſua companhia. Neſte conflicto, cheyo de zelo acodio hum criado, e lançando-lhe maõ a hum braço, a queria perſuadir deſta ſorte à preſſa de ſe livrar do incendio; mas a Princeza moſtrando no roſto deſuſada ſeveridade, o reprehendeo, dizendo-lhe aſſim: *Tiray lá a maõ*, como quem naõ temia mais o fogo, do que a falta da authoridade, ſempre conſervada na Real gravidade Portugueza, e ſahindo caminhou ſó, até que extincto o incendio, ſe recolheo ao Navio. Levando ferro daquelle porto a Armada,

nave-

navegaraõ para Flandes; deraõ fundo em Flesinga no principio de Novembro. Foy conduzida a Princeza com grande pompa à Cidade de Bruxellas, aonde no dia de S. Martinho se recebeo com o Principe na fórma, que manda a Igreja, e fez esta ceremonia Maximiliano de Bergis, Arcebispo de Cambray. A este acto assistiraõ o Principe de Nasau, Guilherme, e outros muitos Senhores, Dom Manoel de Almada, Bispo de Angra, Conductor da Princeza, de que tirou huma certidaõ, que trouxe para o Reyno. Celebraraõ-se estas vodas na Festa de Santo André, Padroeiro da Cavallaria do Tusaõ de ouro, em que assistiraõ os Cavalleiros desta Ordem com grande apparato: guardou-se para este dia, por concorrer o gosto da renovaçaõ da Ordem, que havia cento trinta e quatro annos se instituira, em obsequio de outra Portugueza a nossa Infante Dona Isabel. Com grandes demonstrações de alegria celebrou a Nobreza de Flandes estes felices Desposorios, e com repetidos festins, e obsequiosos divertimentos entretiveraõ o tempo, que a Princeza assistio naquelles Estados. Partio de Flandes a Princeza, com incrivel sentimento daquella Naçaõ; porque o genio da Princeza era agradavel, e atractivo: por esta causa se conservou naquellas Provincias huma singular, e reverente memoria sua, como se vio nos alvoroços, com que receberaõ a nova, de que as hia governar, quando segunda vez foy sua sogra a Duqueza Dona Margarida de Austria. Passou a Italia, e chegando a Parma, foy recebida com geral applauso dos seus naturaes; e foraõ taõ grandes as demonstrações de contentamento nos magnificos, e Reaes apparatos, que excederaõ a tudo o que se tinha visto naquelle Estado. Em poucos mezes recebeo aquella Corte da Princeza Dona Maria virtuosos documentos, vendo-se muy reformada de costumes. Admiravaõ-se na Princeza unidas tantas virtudes, que bastava sómente o culto da Religiaõ, e piedade Christãa, para ser venerada por Santa; da sua fé lhe nascia huma taõ grande reverencia às Imagens Sagradas, que tendo na sua camera huma copia do retrato, que da Virgem Santissima fez Saõ Lucas, sempre o tinha cuberto por decencia, e só para orar o descobria; e para justificaçaõ deste respeito, naõ será razaõ que fique em silencio, o que lhe succedeo na ultima enfermidade; pois foy necessario persuadilla o seu Confessor, a que

tivesse diante de si huma Imagem de Christo crucificado, de que com pezar se abstinha; porque a afflição da doença naõ fizesse menos attenta a sua devoçaõ: quando lhe era necessario voltarse na cama, entaõ lhe punha os olhos, com tal submissaõ, que eraõ testemunhos verdadeiros da pureza da sua alma. Esta se exercitou sempre em virtudes heroicas, procurando ter Oraçaõ mental, ao menos tres vezes no dia, repartindo-a em meya hora pela manhãa, outra ao meyo dia, e a noite a terceira, e sendo-lhe possivel a repetia. As Santas Reliquias adorava com grande piedade; assim visitou todos os Santuarios de Italia, Flandes, e Alemanha; principalmente os celebres da Eleitoral Cidade de Colonia. Dormia com o Rosario na maõ, para rezar assim como acordasse. A primeira cousa, que fazia em se levantando, era porse de joelhos, e repetir fervorosamente a Oraçaõ, que se reza na Prima: *Dignare Domine die isto.* Ao vestirse se naõ servia mais, que das Damas precisas, e com silencio se lembrava do Cap. 14 de Esther: *Vós Senhor sabeis a minha necessidade.* Todos os dias ouvia Missa, sendo taõ grande o acatamento àquelles Divinos Mysterios, que todas as vezes, que se levantava a Deos, se desejava meter por força de reverencia debaixo da terra: sempre do Evangelho, que se lia, ou cantava tirava fruto de alguma clausula, de que se lembrava todo o dia. As confissoens eraõ todos os mezes, as quaes repetia, quando o Principe estava na Campanha (além das Festas principaes da Igreja:) assim antes de commungar tinha meya hora de oraçaõ, e outra depois de receber o Sacramento; porque chegava a esta Mesa dignamente vestida de respeito, e temor. Ao seu Oratorio se recolhia de ordinario tres horas; principalmente quando tinha alguma afflição, porque só em Deos buscava remedio, e alivio. Naõ havia dia, em que naõ fizesse alguma extraordinaria mortificaçaõ, ainda que fosse leve, negando-se a toda a honesta recreaçaõ. No comer usava de notavel temperança, abstendo-se dos guizados, que mais lhe lisonjeavaõ o gosto. Nenhuma novidade, ou accidente a faziaõ faltar aos exercicios espirituaes, que todos os dias inviolavelmente observava. Diante dos olhos trazia continuamente aquellas palavras de Christo: *Que aproveita a hum homem ganhar todo o Mundo, se perder a sua alma.* Continuamente meditava na

Morte

Morte, Juizo, Inferno, e Paraiſo, deſpertadores, que lhe elevavaõ toda a alma a tratar da perfeiçaõ; porque meditando em materias taõ importantes, deſprezava o que o Mundo lhe podia perſuadir; e como agradecida todos os dias, ao menos cinco vezes, proſtrada por terra de joelhos, dava graças a Deos pelos ſingulares beneficios, que havia recebido da ſua liberal maõ. As paixões da natureza viviaõ taõ ſogeitas, que em couſa alguma ſe lhe conheceo apetite. Nunca eſtava ocioſa; e aſſim enriquecendo com as ſuas mãos o Culto Divino, fazia cortinas, e corporaes para adorno do Santiſſimo Sacramento, ſendo eſte o ſeu divertimento, ou a liçaõ da Eſcritura, da qual dizia, que nada a alegrava tanto. Naõ conſentio nas viſitas, que recebia, nem murmurações, nem menos palavras ocioſas, no que moſtrava deſprazer. No Paço impedia quanto lhe era poſſivel danças, e ſemelhantes divertimentos; porém ſe a occaſiaõ o requeria, era com muita decencia; porque reprehendia livremente o contrario. A ſua familia era honeſta, e bem morigerada, como regida pelo ſeu exemplo: ainda aſſim procurava ſaber com vigilancia como viviaõ os ſeus criados; porque ſempre deſejou, que foſſe com temor de Deos. Naõ fazia gaſtos ſuperfluos; e ainda para couſas perciſas ſe naõ fiava do ſeu parecer, tendo por ſoſpeito o amor proprio: tudo o que lhe reſtava deſpendia em eſmolas. Quando reprehendia alguem, era ſem colera; e perſuadia com brandura, o que era razaõ. Uſava dos veſtidos ſem vaidade, e ſó por decencia da peſſoa, encobrindo muitas vezes com a pompa o rigor do cilicio, que a cingia. As penitencias eraõ com tal reſguardo, e ſegredo, que as naõ deixava perceber. Ao eſtado Religioſo teve grande veneraçaõ; mas naõ ſe metia em negocio, que lhe tocaſſe; porque naõ queria impedir aos Religioſos o fruto da obediencia. Com exactiſſima obſervou tudo, o que lhe ordenou o ſeu Confeſſor. Teve a fortuna de o ſer muito tempo aquelle grande Meſtre de eſpirito Santo André Avelino, que entaõ florecia em Italia, e agora poz no Catalogo dos Santos o Papa Clemente XI. Foy eſte Santo a Placencia; e tendo communicaçaõ com o Duque de Parma, ſogro da Princeza, lhe deu conta da prodigioſa vida de Avelino. Affeiçoada a virtuoſa Princeza do que ouvira, começou a accenderſe no deſejo de ver ao Santo, para que

 aquella

aquella Cidade tiveffe na fua doutrina, e exemplo, o proveito, que defejava ao proximo. Foy grande a confolaçaõ, que recebeo o feu efpirito nas praticas, que teve com o Santo: com elle tratava os intereffes da fua alma : delle recebeo grandes adiantamentos na vida efpiritual, obfervando os feus documentos como regras da perfeiçaõ. Achava-fe taõ fatisfeita, que já naõ podia viver fem a direcçaõ do Santo, que vendo-fe obrigado da obediencia, ou neceffidade do proximo fe aufentou da Corte, com grande fentimento da Princeza; e lhe pedio, que vifto naõ fer poffivel poder ter o defafogo, que o feu efpirito defejava, lhe efcreveffe duas cartas ao menos cada mez. Naõ faltou o Santo em fatisfazer o feu fervorofo efpirito, dando-lhe fingulares documentos, e admiraveis confelhos, com que fuavifava a faudade, e tirava grande aproveitamento. Eftas cartas eraõ recebidas com taes jubilos de devoçaõ, e gofto, como fe foffem recebidas immediatamente da maõ Deos: lia-as com grande reflexaõ, e notava o que lhe parecia mais a propofito, ou o que lhe feria mais o coraçaõ. A feu refpeito efcreveo o Santo hum breve Tratado do defprezo do Mundo, com que muito fe augmentou na Princeza o amor de Deos: tambem lhe pronofticou algumas coufas pertencentes ao Principe feu marido. Quando efta virtuofa Princeza naõ tivera antecedentemente huma vida taõ juftificada, baftava para que o foffe, ter fogeito o feu efpirito aos dictames, e prudencia de Santo André Avelino, cujas palavras arrebatavaõ os corações, e faziaõ efquecer de tudo o temporal, por amar o Eterno. Efta doutrina fe imprimio de modo no coraçaõ da Princeza, que fe naõ contentava fómente com fazer obras dignas do agrado de Deos; mas defejava, que todos fe empregaffem no feu ferviço. Com o feu exemplo reformou a Cidade de Parma, fendo efte zelo do bem das almas hum claro indicio da fua ardente charidade; pois chegaraõ nefta Princeza os feus fervores a gráos heroicos, e fe lograraõ com felices effeitos. Foy grande abonadora das virtudes; e affim as mulheres nobres, e principaes, que fe davaõ à vida efpiritual, tratava com tanta eftimaçaõ, que eraõ as fuas mayores amigas; accrefcentando-fe mais a fua alegria, por ver fogeitas ao rigor do efpirito aquellas mefmas, que viveraõ em outro tempo efcravas da vaidade,

de, e delicias do Mundo. Havia na Cidade huma Confraria de mulheres de distinçaõ, cujo exercicio era soccorrer aos necessitados enfermos; aggregou-se com gosto à Confraria, por ter parte em obra de tanta misericordia, e com muitas, e grandiosas esmolas tratava da sua conservaçaõ. O mesmo fazia com outras; porque para actos de charidade ella mesmo se inculcava; pois o seu coraçaõ, ardendo no amor Divino, todo se abrazava pelo servir. Soube introduzir a sua devoçaõ em todas as horas do dia na Cidade o exercicio da Oraçaõ, a que concorria gente em grande numero, cuja frequencia era huma grande consolaçaõ para o seu espirito. Mereceo pela sua fé, que estando desconfiada dos Medicos sua filha, lhe alcançasse de Deos a saude com suas fervorosas supplicas, affirmando em o mesmo tempo, que a esperança dos Medicos já faltava, que sua filha naõ morria. Desejava muito deixar successor varaõ naquelle Estado; pelo que combatia ao Ceo com repetidos rogos: e como com a necessidade crescia o desejo de dar ao Principe posteridade, excogitou a sua devoçaõ hum pio modo de obrigar a Deos. Foy hum dia ao Hospital, tomou hum menino dos expostos, e levando-o ao Paço o mandou criar, e assistir, como se fora seu filho. Este terno affecto retribuîo logo, dando-lhe dalli a nove mezes hum filho, que foy o Principe Raynuncio. Contente, e satisfeita com successor do Estado, dava infinitas graças a Deos por taõ singular beneficio, e com elles pertendia de Deos segundo filho por intercessaõ de Nossa Senhora; pelo que lhe fazia varias deprecações na Igreja da sua Invocaçaõ da Scala. Em huma destas occasiões entrou casualmente na Igreja o Principe seu marido, e voltando para elle, lhe disse: Senhor, deprequemos juntos a Deos, para que por intercessaõ de sua Mãy Santissima tenhamos outro filho varaõ. Passados nove mezes se vio com segundo filho, naõ menos fruto do seu ventre, do que das suas orações, por ser primeiro concebido na fé, do que gerado pela natureza. Com naõ menos admiraçaõ, que alegria, celebrava o Principe seu marido taõ assinaladas merces do Altissimo, tendo-a justamente no conceito, e veneraçaõ de Santa, como testemunha o caso da Batalha naval de Lepanto (junto às Ilhas Echinadas) de que foy Generalissimo D. Joaõ de Austria; pois advertindo-lhe este, que se acautellasse do

inimigo,

inimigo, reſpondeo o Principe Alexandre Farneſio, que tinha confiança nas deprecações de ſua caſa, que lhe faziaõ ſegurar o lugar: e naõ podemos duvidar, que tinha razaõ; porque a Princeza todo o tempo, que ſeu marido aſſiſtia na guerra, o gaſtava em orações, e jejuns, adiantando os exercicios quotidianos com extraordinarias penitencias. Cauſava-lhe grande affliçaõ as injurias de Deos; e por eſta cauſa tinha muito cuidado em livrar do eſtado da culpa as mulheres, que viviaõ entregues à torpeza da laſcivia, ſervindo a ſua Real authoridade de tomarem muitas o eſtado de Religioſas, outras de caſadas, e accommodando a muitas outras no ſerviço de peſſoas honeſtas, e capazes de lhe darem exemplo, amparando univerſalmente a todas; e porque lhe cauſava grande compaixaõ, que as filhas de ſemelhante gente ſeguiſſem o pernicioſo exemplo de ſuas mãys, erigio hum Recolhimento para donzellas, filhas de mulheres de vida depravada, para ſerem educadas no temor de Deos, e na abominaçaõ dos vicios. Confeſſava a Princeza, que huma das mayores ſatisfações, que tivera na vida, foy quando huma moça de vida torpe ſe lhe lançou aos pés em huma Igreja, rogando-lhe a ajudaſſe a livrar da diſſoluçaõ, em que eſtava engolfada, para que deſembaraçada dos laços da ſua má vida podeſſe ſervir a Deos. Tanto a enterneceraõ as lagrimas deſta miſeravel peccadora, que ſem memoria de que era Princeza, publicamente a abraçou, e com ſuaves palavras a conſolou; e mandando-lhe aſſiſtir, até que examinada a reſoluçaõ, ſe approvou o eſpirito, em que ſe achou conſtante, e a recolheo ao eſtado de Freira em hum Moſteiro. Se lhe conſtava, que algum mancebo deſinquietava a moça donzella, ordenava, que o Governador da Cidade evitaſſe o damno, que ſe podia ſeguir. Quantas vezes foy a Princeza medianeira da paz, entre familias, que viviaõ em odio? Quantas vezes interpoz a ſua authoridade, para reconciliar os caſados, para que viveſſem ſem perturbações domeſticas? Era aquelle coraçaõ vigilante Argos do amor do proximo, e da gloria de Deos: naõ houve obra pia, em que ſe naõ exercitaſſe, devendo-lhe os ſeus vaſſallos amor de filhos; pois ſempre deſcobria novas idéas de os utiliſar. A eſte fim tinha nas Parochias mulheres de exemplo, e de virtude, que tinhaõ a incumbencia de enſinar as orações, e inſtruîr nos Myſterios da

Fé,

Fé as meninas da Cidade, ſendo Sua Alteza, a que com a ſua preſença fazia mais util o enſino, deſtribuindo premios pelas que ſe aventajavaõ; fazendo com ſanta emulaçaõ, que creſceſſem os exercios da piedade. Todas eſtas virtuoſas acções ornou de natural prudencia, como ſe vio nas occaſiões, que por auſencia do Duque ſeu ſogro, e do Principe ſeu marido, governou os ſeus Eſtados. Era tanta a equidade, e juſtiça, que admirava ao ſeu Conſelho o acerto das ſuas reſoluções; e com geral applauſo era acclamado dos povos o ſeu governo, pois fazendo juſtiça, naõ deixava queixoſos. Amou terniſſimamente a Infante ſua mãy, Princeza de ſingular piedade, e devoçaõ; mas reveſtida de conſtancia, e de grandeza de animo, recebeo a nova da ſua morte, com tal reſignaçaõ na vontade de Deos, que naõ ſe apartando della, lhe dava graças pelo ſentimento, que lhe dava eſta noticia, para hum animo taõ deſenganado da pouca eſtabelidade do Mundo: fez na Princeza tal impreſſaõ, que começou a entender, que brevemente morreria, e aſſim ſuccedeo. Neſte tempo deſpedia o Duque a Roma hum Gentil-homem, ao qual ordenou, que viſitaſſe ao Cardeal Alexandre Farneſio, tio de ſeu marido, e que em ſeu nome ſe deſpediſſe delle, e que já neſta vida o naõ poderia ſervir; eſperava na Miſericordia de Deos podello fazer na outra. Naõ trazia já diante dos olhos, ſenaõ a morte, e a iſto ſe reduziaõ as ſuas praticas. Ao ſeu Confeſſor, em huma occaſiaõ, tratando com elle, lhe diſſe, que de boa vontade morrera; e eſpecificando-lhe os motivos, era hum delles por ver no Ceo a ſua mãy, e communicarſe muito com ella; porém tornando a ſi, diſſe: He taõ grande couſa ver a Deos, que elevada na ſumma perfeiçaõ, ſerá tal o contentamento deſta gloria, que me hey de eſquecer de minha mãy. O outro motivo de deſejar a morte, era verdadeiramente heroico, pois ſe reduzia a poder eſtar em parte, donde foſſe impoſſivel offender a Deos. O Inferno lhe cauſava grande horror, ſendo o mayor as blasfemeas, com que os condemnados ſacriligamente ſe atrevem à Divindade; e dizia, que quando eſte horrendo lugar naõ tiveſſe outras tantas couſas más, ſó eſta lhe baſtava, para lá naõ querer ir, ſentindo deſta ſorte mais as injurias do Creador, do que os tormentos eternos. Seus filhos, que lhe foraõ concedidos por eſpecial benignidade de

Deos,

Deos, criou em ſanto temor, e em fiel obſervancia dos Divinos preceitos. Quando eſtava já viſinha à morte, nenhuma couſa encommendou tanto ao Principe ſeu marido, como a ſua boa educaçaõ, lembrando-ſe do que já em ſemelhante caſo diſſe a Rainha de França Branca a ſeu filho Saõ Luiz: *Eu vos rogo Senhor em eſta hora, que ſe meus filhos vos haõ de offender gravemente, lhe tireis depreſſa a vida, obviando com a ſua morte os crimes contra a voſſa Divina Mageſtade.* (Oh Matrona digna de eterna veneraçaõ!) Palavras ſaõ eſtas merecedoras da memoria de todos os Catholicos, pois naõ queria deixar ſucceſſores nos Eſtados, ſe haviaõ de ſer inſtromentos das injurias do Soberano Divino. Finalmente ao undecimo anno depois de caſada, tendo illuſtrado com a ſua virtude os ſeus Eſtados, adoeceo mortalmente de huma prolongada enfermidade, que tolerou com paciencia; e ſabendo que huma mulher pobre, e velha padecia a meſma queixa, ordenou aos Medicos da ſua Camera a foſſem viſitar, e que lhe aſſiſtiſſem com o meſmo cuidado, que à ſua peſſoa, e que de todo o neceſſario foſſe provida, aſſim para a ſaude, como para o regalo, o que ſe obſervou até que morreo, e Sua Alteza durou poucos dias depois della; porque lhe queria Deos pagar com a Gloria a charidade, com que ſoccorrera aquella pobre. Nas praticas eſpirituaes ſe havia com tal ternura, quando ſe offerecia fallar do Ceo, ou do Inferno, que com lagrimas as proſeguia. A paciencia foy taõ heroica, que toda reſignada nas mãos de Deos, acriſolando nas dores os quilates do ſeu merecimento, vendo-ſe muy afflicta, recorreo a Chriſto crucificado, e com a memoria da Paixaõ, ſe correo do que padecia; e aſſim quando as dores eraõ em todo o corpo, e a apertavaõ com vehemencia, era o ſeu remedio o ſofrimento, dizendo, que juſto era ſentiſſe todo o corpo o caſtigo das culpas, já que todo elle offendera ao Creador. Quando ſe achava neſte eſtado, chamou o ſeu Confeſſor, e mandou buſcar huma caixa, em que tinha hum cilicio feito pela ſua maõ, e com grande ſegredo lho entregou, que o queimaſſe; porque naõ foſſe reputada por virtuoſa, havendo ella ſido o contrario, e querendo o Confeſſor prudentemente dizerlhe, que ſemelhantes uſos naõ eraõ ſó dos Santos, mas dos peccadores para a ſatisfaçaõ das culpas, e que naõ importava,

que

que depois ſe achaſſe, lhe inſtou, que lhe fizeſſe o goſto de o queimar. Eſtando neſta contenda entrou o Principe, e ſe manifeſtou, o que ella naõ queria ſe ſoubeſſe: ficou taõ ſentida, como quem naõ obrava ſenaõ com humildade, e pedio-lhe palavra de Principe de lhe guardar ſegredo. Taõ recatadamente obrava, que naõ queria, que foſſem publicas as ſuas mortificações. Em tudo moſtrou grande humildade, e o aborrecimento, que tinha à gloria do Mundo. Nos ultimos annos da ſua vida mandou chamar o Abbade, e Preceptor de Santo Antaõ, Monſenhor Matthias Rivarola, que depois foy Arcebiſpo de Genova ſua patria, e lhe recommendou o Recolhimento das Donzellas, dizendo-lhe: A vós toca, como principal author, e bemfeitor deſta ſanta obra, de a conſervar, e amparar; dando-lhe com humildade a elle todo o louvor, ainda que ao ſeu zelo, e charidade ſe devia a mayor parte, e ainda da deſpeza por ſer inſtituido no ſeu teſtamento, onde lhe deixou hum largo legado de eſmola, para que ſe podeſſe acabar. Pedio-lhe a inſtrucçaõ, que lhe havia de ſervir de Eſtatutos para o ſeu governo, a que accreſcentou algumas advertencias perciſas, como ditadas pela ſua ſingular modeſtia. Dilatava-ſe a doença; creſcia na familia o trabalho; e a ſua charidade ſempre compaſſiva prudentemente ordenou, que ſe fizeſſe liſta, pela qual as criadas ſe repartiſſem as noites, para deſta ſorte ſer menos penoſo o trabalho; e de ſeis, em ſeis horas ſe mudavaõ duas das que velavaõ, e ſe ſe via ſem urgente neceſſidade as deſpedia, para que foſſem deſcançar; outras vezes lhe mandava vir à ſua preſença de almoçar, e compadecida do trabalho lhe dizia: *Pobreſinhas, que pareceis eſtareis mortas com trabalho!* agradecendo-lhe como cuidado, o que era obrigaçaõ. Com os Sacerdotes, que lhe tinhaõ aſſiſtido, uſava o meſmo; e por hum mandava ler em Fr. Luiz de Granada, e lhe advertia, que foſſe em tom, que percebeſſem todas as criadas, que alli eſtavaõ, e ſe inflamaſſem no amor de Deos. Deſenganada da vida, para ſatisfazer o affecto, que ſempre teve, mandou pedir às Religioſas de Saõ Franciſco, como por eſmola hum Habito para mortalha, e que foſſe o mais pobre, e vil, que ſe achaſſe, querendo na morte receber, o que tanto deſejou em vida; aſſim o fizeraõ as Religioſas, mandando-lhe hum Habito muito velho, que recebeo com grande gozo, e o

N Cordaõ

Cordaõ de Saõ Francisco, tudo beijou com muita devoçaõ; e porque lhe pareceo curto, encommendou à Senhora, que lhe assistia, que com huma toalha lhe cobrisse honestamente os pés. Pedio a seu marido, que naõ consentisse a embalsamassem: tanto amou a modestia, que inda depois de morta, quiz conservar a compostura, e gravidade. Aggravava-se a doença; e confessada geralmente (o que fazia muitas vezes) recebeo o Santissimo Viatico com grande humildade, e muitas lagrimas: pedio a Extrema-Unçaõ; e dilatando-se a doença tornou a commungar com grande fervor de espirito, e edificaçaõ, repetindo estas palavras: *Deus propitius esto mihi peccatrici.* Tal era a devoçaõ, que a todos causava, que naõ havia animo, que podesse soffrer a sua morte. Despedio-se de seus filhos, a quem ternamente amava, e depois de os exortar ao temor, e serviço de Deos, lhe deu prudentes conselhos, e maximas Catholicas, em que os queria bem exercitados. Ordenou-lhe, que naõ entrassem mais na sua camera; e mandou rogar ao Duque, que com bom termo impedisse ao Principe seu marido a visitasse, para que livre desta sorte das prizões do Mundo, naõ repugnasse a natureza à valentia do espirito, que todo se queria empregar em actos de amor de Deos. Pedio, que nos Conventos se continuassem deprecações continuas a Deos naquella hora, naõ para implorar saude, mas sim a sua Misericordia. Toda se empregava em devotos colloquios, e orações; e estando taõ fortemente armada, naõ deixou o inimigo infernal de a combater com gravissimas tentações, rebatidas com estas palavras: *Ite maledicti in ignem æternum.* Esforçava-se o infernal inimigo com horrendas vistas a contrastar a sua Fé; mas constante Heroina com hum Christo crucificado na maõ, a Coroa da Senhora, o Cordaõ de Saõ Francisco, e outras reliquias, recorria ao seu patrocinio, e em voz alta repetia: *Si exurgat adversum me prælium, in hoc ego sperabo.* Vencidas taõ medonhas visoens, pedio huma véla benta pelo Santo Pio V. que já entaõ venerava como tal: cercada de Religiosos, em que tinha grande consolaçaõ, e em ouvir rezar os Psalmos, repetindo o doce Nome de JESUS muitas vezes; nestas palavras: *Domine suscipe spiritum meum*, entregou aos pés do seu amado JESU a sua bendita alma, ficando com rosto agradavel aos circunstantes, que a respeitavaõ

como

como Santa, e ainda que com prantos, e alaridos ſentiaõ a ſua perda, com devoçaõ tocavaõ as contas, deſejando alfayas ſuas, e encommendando-ſe a ella, de ſorte, que naõ ficou em Parma peſſoa alguma, que naõ concorreſſe a veneralla, confeſſando todos com huma voz geral, que a ſua bemdita alma eſtava gozando a Gloria na Patria verdadeira.

B Em a Cidade de Elvas, no Moſteiro de Noſſa Senhora da Conſolaçaõ, ſe conſerva a memoria da virtuoſa Madre Sor Maria do Roſario, em cujo peito ardeo a charidade com tal exceſſo, que mais parecia ſerva, do que companheira. Naõ adoecia Religioſa, nem ſervente, que lhe naõ procuraſſe a ſaude, por todos os meyos poſſiveis, com mais cuidado do que o fazia à ſua. Era já eſtylo commum no Moſteiro recorrer a ella, toda a que neceſſitava de alguma couſa, ſendo infalivel a ſatisfaçaõ, ſe na ſua poſſibilidade cabia o remedio; porque com entranhas de piedade de tudo ſe compadecia. Eſta candidez de animo dotou Deos de huma ſingular graça, que lhe communicou de curar qualquer chaga, ainda as de peor qualidade, que a Cirurgia deixava já por deſconfiada dos remedios; moſtrando deſta ſorte com clara evidencia, que era obra de virtude, e naõ effeito das mãos.

Sor Maria do Roſario Dom.

C No Moſteiro da Roſa de Lisboa, da meſma Familia Dominica, a Madre Sor Guiomar da Trindade, em que a vida pareceo mais de Anjo, do que da natureza humana; pois deſde que entrou na Clauſura, naõ teve mais trato, que com Deos, a quem parece encheo eſte Senhor de graça, e amor. Teve grande devoçaõ ao ineffavel Myſterio, que lhe deu o ſobre-nome; e aſſim naõ tinha outro goſto, do que eſtar ſempre aos pés do Altar da Santiſſima Trindade, ſendo eſte Myſterio todas as ſuas praticas; de tal modo, que naõ podia fallar em outra couſa, e com a ſingileza ſanta do ſeu coraçaõ, dizia, que deſejava, que na Antifona, que no ſeu Officio canta a Igreja: *Gloria tibi Trinitas*, e acaba: *Et nunc, & in perpetuum*, ſe terminaſſe, dizendo: *Et ſemper in perpetuum.* Como naõ tinha conſideraçaõ fóra da eternidade, aſſim ſem interrupçaõ queria ſe louvaſſe a Deos, de que foy gozar a ſua innocente alma.

Sor Guiomar da Trindade Dom.

D Em o Magnifico Moſteiro de Saõ Bento da Saude da Cidade de Lisboa, paſſou deſta vida à eterna o Padre Fr. Theo-

Fr. Theodoſio de S. Bento Bened.

dosio de Saõ Bento, o qual contando desaseis annos, foy recebido no Serviço do Arcebispo de Braga Dom Joaõ Affonso de Menezes, que pelo seu bom procedimento, e partes o estimava; e quando este agrado lhe segurava grandes augmentos na vida Ecclesiastica, que seguia, pertendeo a Cogûla de Saõ Bento; e perseverando na pertençaõ, foy admittido à Religiaõ: nella procedeo sempre com huma vida taõ austéra, e Religiosa, que era hum exemplar vivo da Regra do Principe dos Patriarcas. Principiava entaõ a Provincia do Brasil: o Prelado mayor o destinou, para com o seu exemplo ir augmentar naquelle Estado a Monacal observancia na sua Provincia, que naõ logrou taõ grande dita; naõ por falta de vontade de Fr. Theodosio, que obedecendo como Religioso embarcou; e seguindo a sua viagem, exprimentaraõ em pouco ventos taõ contrarios, que sem poderem seguir a sua derrota, foraõ obrigados a arribar a Indias de Castella, donde voltou ao Reyno, e a Religiaõ o occupou em Mestre dos Noviços, os quaes ensinou com virtude, e exemplo, do qual em todas as occupações, em que a Ordem o encarregou, deu iguaes mostras, dando a conhecer a interior paz do seu espirito: e assim cheyo de annos naõ se eximia das obrigações de bom Religioso, continuando sempre a observancia Regular, até que chegou o prazo ultimo da vida, para que se preparou com devoçaõ, e lagrimas, para receber o Divino Sacramento, e desta sorte acabou em paz.

Commentario ao VIII. de Julho.

A PArma, Cidade de Italia, que dá nome a este Ducado, he banhada das aguas do Rio Parma, que dividido em tres partes, faz por tres pontes a sua entrada: he ornada com magnificas obras, e com o sumptuoso Palacio dos Duques, cercado de grandiosos jardins. Tem soberba Cathedral, ornada de pinturas do celebre Corregîo, excellentes fortificações, com bom Castello, e pela sua obra inexpugnavel. Os campos saõ ferteis, e abundantes: nelles se fabricaõ os singulares queijos, estimados em toda a Europa, com o nome de *Parmejanos*. He este Estado taõ antigo, que antes da ruina do Imperio Romano teve diversos Senhores: depois de muitas revoluções o teve a Igreja em pacifica successaõ, até que no anno 1545, o Papa Paulo III. da familia Farnesia o deu em titulo de Duque a seu filho Pedro Luiz Farnesio, que foy pay do Duque Octavio, que casou com Dona Margarida de Austria; filha B. do Emperador Carlos V. em quem cedeo as pertençoens, que o Imperio tinha àquelle Estado. Deste matrimonio nasceo o Principe Alexandre Farnesio, que com gloriosas victorias fez venerada a memoria do seu nome; mas ainda foy mais ditoso por sua esclarecida consorte a Princeza D. Maria, de quem largamente fizemos mençaõ no Texto.

to. Deste excelso matrimonio nasceraõ o Duque Raynuncio Farnesio, que lhe succedeo no Estado, e nasceo no anno de 1569, verdadeiro filho de taõ virtuosa mãy; porque foy pio, e devoto, confessado tambem de Santo André Avelino, com quem teve grande trato; e passando a Flandes se communicava por cartas com o Santo. Huma dellas cheya de doutrina, e Apostolico espirito, fez imprimir, e mandou à Rainha Isabel de Ingiaterra, para a persuadir com aquella sãa doutrina à verdade da Religiaõ Romana; porém obstinada a Rainha, naõ recebeo a luz, que naquella carta lhe queria dar o zeloso Duque, o qual morreo no anno de 1622. Nas cartas, que se imprimiraõ de Santo André Avelino, no anno de 1731 em Napoles, se vem algumas para a Princeza no Tomo I. a saber numero 62, 72, 77, 87, e 90: e para o Duque seu filho no II. Tomo diversas. Na do numero 87, lhe diz estas palavras: *Dico pura liberamente come faceva quella santa anima della sua Signora Madre*: e na carta 105: *Ben si dimonstra, che é figlio vero di sangue, e di costumi di quella sua grande, e Santa Madre*; e logo mais adiante diz: *Soleva la sua benedetta, e Santa Madre cercar mi lettere, secondo il bisogno dell' anima sua.* De sorte, que nestas, e outras cartas que se offerecia fallar a Santo André Avelino na Princeza, em todas a acredita a sua virtude; e na verdade, que he este hum testemunho da gloria desta Santa Princeza. Foy o segundo filho Duarte, em memoria de seu avó materno: foy Cardeal da Santa Igreja Romana, e Bispo Tusculano; morreo a 21 de Fevereiro de 1626. Margarida, que casando com Vicente Gonzaga, Duque de Mantua, se dissolveo o vinculo pelo grande parentesco, e se recolheo em o Mosteiro de Religiosas de Placencia, onde morreo. Era a Princeza D. Maria, filha do Infante D. Duarte, e da Infante D. Isabel, filha de D. Jayme, IV. Duque de Bragança, e neta delRey D. Manoel: e naõ filha, como lhe chama Felix Gerardo, no seu *Diario*, a 8 de Julho. Vio a primeira luz do dia em Lisboa, a 8 de Dezembro de 1538. Foy bautisada pelo Arcebispo do Funchal D. Martinho de Portugal, em dia de Nossa Senhora da Expectaçaõ na Capella Real, que entaõ era a Igreja de Nossa Senhora da Escada, junto a Saõ Domingos: foraõ seus Padrinhos ElRey D. Joaõ o III. e a Infante D. Maria, sua tia; e assistiraõ o Infante Cardeal D. Henrique, e o Infante D. Luiz, e levaraõ as peças, que se usaõ nesta ceremonia os criados do Infante seu pay. Por ella pertenderaõ seus descendentes succeder na Coroa deste Reyno, por ser irmãa mais velha da Serenissima Senhora D. Catharina, mulher do Duque de Braganca D. Joaõ. Seu filho o Principe Raynuncio pertendeo a Coroa de Portugal, no tempo do Cardea Rey, mas naõ foy attendido o seu direito; porque além de lho contrastar com o poder Filippe II. Rey de Castella, se tinha já entaõ por melhor a causa da Senhora D. Catharina, Duqueza de Bragança, como mais propinqua ao ultimo possuidor, a quem seu pay succedera (conforme as Leys do Reyno, e disposiçaõ do seu III. avó ElRey D. Joaõ o I. no seu Testamento,) e esta Princeza o representava na linha, gráo, sexo, e idade, como admiravelmente prova o Doutor Francisco de Velasco e Gouvea, Lente de Vespera de Canones da Universidade de Coimbra, e hum dos grandes Letrados, que conheceo aquella insine Universidade, e se póde sem exageraçaõ affirmar, que naõ teve Hespanha mayor homem no Direito de Justiniano, na *Justa Acclamacaõ*, 2. part. pont. 1. §. 1. fol. 79, e na *Fidelidade dos Port.* liv. 2. tr. 4. art. 4, porque já era morta a Princeza D. Maria, e naõ podia transmittir o direito, que naõ chegou a possuir, como com evidentes razões mostra o insigne Antonio de Sousa de Macedo, claro por nascimento, e Illustre ainda mais pelas letras, na *Lusitania Liberata*, liv. 1. cap. 6. num. 11. E pelas Cortes de Lamego lhe era esta acçaõ reprovada pelo sexo, e por ter casado fóra do Reyno com Principe Estrangeiro; e assim ficava preferida pela Senhora D. Catharina, pois tinha casado no Reyno com Principe nacional, e do mesmo sangue Real dos Reys Portuguezes. Acabando Antonio de Sousa de Macedo o Livro I. da já allegada Obra diz: *Et per hæc satis superque est demonstratum jus indubitabile Catharinæ Serenissimæ ad Lusitanam Coronam, nec solummodo demonstratum, sed & à toto mundo cognitum, imò ab adversariis confessum.* Ultimamente o Doutor Manoel Rodrigues Leitaõ, hum dos mais insignes Jurisconsultos, que vio o seu tempo, Desembargador

sembargador dos Aggravos, e depois hum dos mais exemplares Religiosos, que teve a Congregaçaõ do Oratorio de Saõ Filippe Neri, no *Tratado Analytico, e Apologetico*, offerecido ao Papa Clemente IX. onde com igual eloquencia, que profunda sciencia, e erudicaõ, responde a D. Francisco Ramos del Mazano, onde diffuzamente mostra a preferencia do direito à Coroa Portugueza, da Senhora D. Catharina ao Principe Raynuncio seu sobrinho, filho da Princeza D. Maria sua irmãa. D. Luiz de Salazar e Castro, Chronista môr de Castella, e de Indias, Commendador de Zurita, e do Conselho de Sua Mageſtade Catholica, no livro, que intitulou: *Indice de las glorias de la Casa Farnese*, escrito com a occasiaõ de sobir ao Throno Castelhano a Sereníssima Princeza D. Isabel Farnese, Rainha Catholica, segunda mulher delRey Filippe V. no Cap. XI. fol. 397. desta bem escrita Obra por estylo, e noticias, diz, que deve ser respeitada a Casa de Parma pelos direitos, que tem às Coroas de Portugal, e Inglaterra, dando o direito desta ao nosso Infante D. Duarte, em que mostra como sciente na Genealogia, em que teve o mayor, e mais eminente lugar, entre todos os Genealogicos de Hespanha, que a primeira linha da Coroa Ingleza, pertencia a este Infante, por sua III. avó a Rainha D. Filippa, filha de Joaõ de Gante, Duque de Lancastre, e irmãa de Henrique IV. Rey de Inglaterra, como se vé de fol. 438. §. 2. Para estabelecer este imaginado direito da Casa de Parma, taõ esquecido em toda a Europa, recorda a antiga pertençaõ do Principe Raynuncio, taõ desprezada em todo o tempo pelos Principes, e Doutores Portuguezes, (e tambem Castelhanos,) que com admiraveis razoados, e livros, mostraõ a preferencia da Sereníssima Casa de Bragança, pela acçaõ da Princeza D. Catharina, com huma total exclusaõ de sua irmãa, de que depois da acclamaçaõ do Senhor Rey D. Joaõ o IV. ninguem se lembrou mais. Para este insigne Author estabelecer esta sua opiniaõ, tomou o capricho de negar, que houvesse Cortes de Lamego, tendo-as por inventadas pelo Doutor Fr. Antonio Brandaõ, Chronista môr de Portugal, hum dos mais eruditos, e verdadeiros Historiadores, que teve toda a Hespanha. Já D. Nicolao Fernandes de Castro, (de quem D. Luiz de Salazar diz, que se lhe naõ tivera precedido, mais se alargara, naõ nos parecendo, que lhe ficou por dizer nada do que este Author tinha dito) que negou resolutamente as Cortes de Lamego, assim fora com razaõ emendando, como elle diz, o descuido de Caramuel. Sente D. Luiz de Salazar, que sendo Caramuel doutissimo, de engenho, e viveza admiravel, como testemunhaõ os muitos livros, que compoz, e que sendo Castelhano natural de Madrid, que defendendo a causa do seu Rey, se naõ atrevesse a negar as Cortes de Lamego, o qual naõ só as naõ duvidou, mas lhe deu toda a fé no seu livro *Philippus Prudens*, liv. 2. art. 4. fol. 104. Era D. Joaõ de Caramuel Lobkowitz, Doutor na Sagrada Theologia, Abbade Melrosense, homem de grande juizo, e de muitas letras, e erudiçaõ; sabia a fé, que se devem aos documentos antigos, a que a mesma antiguidade dá força, e vigor, ainda que lhe falte a circunstancia do original, e que naõ era só Fr. Antonio Brandaõ, de quem tinha recebido esta memoria, como elle confessa, senaõ que a achara em hum manuscrito antigo, de que se vê, que naõ foy inventado por aquelle Author, como quer D. Nicolao, com huma insolente audacia, dizendo, que era Brandaõ inventor de patranhas, na Obra que intitulou *Port. Convencida*, para que os erros deste livro começassem logo pelo titulo, 2. part. cap. 8. sect. 2. fol. 429. só hum homem taõ descomedido no fallar, como foy este, e de taõ escura linhagem, como com injuria sua lhe lembra o Doutor Francisco de Velasco e Gouvea, na *Fidelidad de los Port.* liv. 2. trat. 2. art. 3. fol. 225, podia cahir em semelhante absurdo, quando vemos os livros daquelle Author taõ pouco cortezaõ, nos pareceo hum homem de estudos, que perdeo o juizo, o qual quando principia a fallar he logo gritando desentoadamente, como fundando a sua razaõ nas vozes; e em havendo quem lhe encontre o seu discurso, entra em tal furia, e cólera, que a todos os circunstantes perde o respeito, e sem saber com quem falla, naõ faz excepçaõ de pessoa; porque naõ tem juizo para distinguir as pessoas, nem conhece Principe, nem o decoro das Mageſtades, e tudo mede com huma regra. Desta classe he na opiniaõ dos homens Doutos D. Nicolao, o qual alegando a Joaõ

Jacobo

Jacobo Chiflecio, diz da Ley Salica, que he tyranna, e apocrifa; e como no Reyno de França tem a obſervancia, que todo o Mundo ſabe, muy pouco importa aos Francezes, e aos Portuguezes, que elle negue a Ley Salica, e as Cortes de Lamego; porque humas, e outras ſe praticaõ em hum, e outro Reyno, ſem que pelos eſcritos de D. Nicolao deixaſſem os ſeus Soberanos de as fazer executar, como ſe tem viſto por vezes repetidas. Porém D. Luiz de Salazar e Caſtro, que como Cavalhero de proſapia conſpicua o excede, e tambem como Cortezaõ o excedeo no eſtylo, trata eſta materia com outro termo; porque ainda que ſegue a opiniaõ contraria, he com taes palavras, que ſe naõ obriga, naõ eſcandaliza. Devemos tanta attençaõ aos eſcritos deſte inſigne Author, que delles meſmos tiramos, que naõ deixa de conhecer, que ſaõ verdadeiras as Leys de Lamego; pois em algumas partes as naõ duvida, como ſe vê a fol. 117, onde diz as ſeguintes palavras: *Yo ſin querer rayar tan alto* (falla de Caramuel, Antonio de Souſa de Macedo, Manoel Fernandes de Villa-Real, e outros, que as defenderaõ) *como eſtos dignos Eſcritores dirè, que ni huvo tales Cortes, ni quando las huvieſſe, ſe hizo en ellas, ni ſe pudo hazer Ley, que excluye la hija del Monarca, que nò caſare en Portugal. Nò por eſto entiendo, que nò ay aquella Ley, o que es injuſta; porque ya la veyo authoriſada, y conſentida, y la razon, y la conviniencia de los Reynos pide, que la ſoberania ni paſſe a los eſtraños, ni varie, ſiendo poſible, el linage dominante, en fuerça de lo qual los tres Eſtados del Reyno dieron vida àquella Ley ſin alguna reclamacion, ni contrariedad del Rey, ni de los ſubditos el año* 1679 *a favor dela Infanta Doña Iſabel, y el de* 1698 *para el actual Rey, por ſer hijo del Rey D. Pedro, que ſuccediò en la Corona à ſu hermano.* Deſtas palavras, e de outras, que ſe lem neſte diſcurſo, que outra couſa ſe póde inferir, ſe naõ que o capricho de ſeu Author o fez tomar taõ debil parte, que com tanta duvida ſegue, inclinando o entendimento à mais ſegura, que totalmente naõ nega, e aſſim a vem a confeſſar repetidas vezes. Nem D. Luiz de Salazar ſe póde eſcandaliſar de nós dizermos, que elle meſmo reconhece o pouco fundamento, com que impugna as Cortes de Lamego, para fazer bom o direito do Principe Raynuncio; pois com mais ardor do que elle as defendeo o inſigne Antonio de Souſa de Macedo taõ vivamente, como confeſſa, e ſem embargo diz elle a fol. 420: *Bien conociò Antonio de Soſa de Macedo la debilidad deſpreciable de aquel papel, ò relacion de Cortes.* Naõ ſey, que das palavras deſte Author ſe poſſa tirar tal couſa; porque quando combateo com admiravel fortuna com Caramuel, e D. Antonio de Fuentes, e o incognito Inglez, diz na ſua *Luſitan. Liberat.* liv. 1. cap. 9. fol. 310. *Nec ejus allegatio aliud concludit, niſi oſtendere quomodo Caſtellani illas Lameci leges approbant (quas tamen debuiſſent negare, ſi cauſæ ſuæ concluiſſent) pro quo eis gratulamur.* Deſtas ultimas palavras em que por zombaria lhe dá agradecimento de lhe naõ negarem eſtes Authores as Cortes de Lamego, ſe naõ pode inferir, que lhe conheceſſe debilidade, e muito menos quando a poucas regras acima confeſſa Salazar: *Y las eſtampò en el proemio ſegundo de ſu Luſitania Liberata con la miſma ſatisfacion, que ſi huvieſſe allado ſu original en la Torre del Tombo.* Com que bem podemos affirmar, que D. Luiz de Salazar reconheceo huma debilidade deſprezavel na opiniaõ, que tomou, de que foſſe eſte papel levantado por Brandaõ, como quer D. Nicolao, que elle ſeguio; porque do meſmo, que eſcreve, ſe vê o pouco credito, que merece eſta impoſtura contra hum homem de taõ ſaõ juizo, e verdade. Como podiaõ ſahir todas as copias do Doutor Fr. Antonio Brandaõ, ſe Caramuel confeſſa que as achou em hum manuſcrito antigo, ainda que foſſe dos papeis do Prior do Crato, que no anno de 1581, tinha ſahido de Portugal. Se no tempo delRey D. Joaõ o III. ſe começaraõ a publicar, ſe a Senhora D. Catharina allegou a ſeu favor ſer caſada no Reyno, como diz Salazar a fol. 402: *La Duqueza de Bragança nò eſtava ſin parciales, tanto por el favor del tio, y por ſu inmediacion de parenteſco, como por el conſiderable poder de la caſa del marido, y por la ſingular circunſtancia de ſer Principe, varon del miſmo linage Real*; e a fol. 403. *La Duqueza de Bragança alegava ſer hija del Infante D. Duarte, que ſi fueſſe vivo ſuccediera ſin duda alguna a ſu hermano, &c. Y nò olvidavan ſus defenſores, la apacible circunſtancia de haver caſado en Por-*

Portugal, y con Principe de la misma sangre, por la qual segun la Ley de succeder, estabelicida en las Cortes de Lamego, nunca hasta alli vista, eran admitidas las hembras a la Corona. Se Brandaõ imprimio a III. Parte da *Monarchia Lusitana* no anno de 1632, como foy inventor? Demais que no mesmo anno estampou o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha, Arcebispo entaõ de Braga, o livro de *Primatu Bracharense*, e nelle a fol. 192, faz mencaõ destas Cortes; com que em duvida podemos ficar, se as teve, ou naõ do Chronista môr Brandaõ. He certo, que este Prelado, sobre ser de taõ santos costumes, que fazem veneravel a sua memoria, era Doutissimo, e muy versado na Historia, como se vê das suas Obras. Todas estas contrariedades, que se devem ponderar, como escritas por hum homem de taõ grande juizo, como D. Luiz de Salazar, que outra cousa he, se naõ huma confissaõ ora tacita, ora expressa, de que naõ seguia à parte contraria mais, que para exornar o seu capricho de discretas palavras, exaltando a grande Casa de Parma, a poder lograr as prerogativas, que gozavaõ as de Saboya, e Toscana? Naõ devemos deixar em silencio o reparo, que D. Luiz de Salazar faz, quando falla em D. Lourenço Viegas ser Procurador delRey, sentindo, que o naõ fizesse D. Nicolao Fernandes de Castro, que era mayor do que a existencia que deste Fidalgo nega este Author, e saõ tantos os erros de D. Nicolao, que o mesmo Salazar lhos naõ pode dissimular, como se vê a fol. 421, ao mesmo tempo, que faz grande estimaçaõ da sua Obra; e assim como os Authores Portuguezes tem razaõ para se rir, como diz Salazar, deste ponto, com verdade póde confessar, o pódem fazer de toda aquella Obra; porque o empenharse hum Author em querer subtilizar as materias, em que contende, vem a dar em paradoxos. A fol. 425, hum dos grandes argumentos, que traz Salazar para infirmar as Cortes de Lamego, ou o mayor he o seguinte: fallando de D. Lourenço Viegas, Procurador delRey, diz as palavras seguintes: *Pero Procurador delRey, a si en la lengua Latina, como en nuestro Idioma antigo, y Castellano, y Portuguez, que casi todo es uno, nò suena Agente, ò Solicitador, sinò Tutor, Defensor, y Regente delRey.* Com que em mostrando a Salazar, que *Procurator* na lingua Latina, e na nossa Portugueza, significa Agente, temos satisfeito, sem negarmos, que tambem tem a outra significaçaõ. Seria hum processo infinito produzir exemplos da lingua Latina, em que Procurador he o mesmo, que Agente. Em Tacito liv. 14. cap. 54. *Neronis ad Orationem Senec. Cum opes meas ultra sustinere non possim, præsidium peto. Jube eas per procuratores tuos administrari in tuam fortunam recepi.* Em Alc. liv. 1. de *Offic. Procurat. Cæs.* diz: *Procurator Cæsaris dictus, quod ab eo acta, gestaque sic comprobantur, ac si à Cæsare gesta essent*; e consultando a Ducange *in Glossario mediæ, & infimæ Latinitatis*, traz muitos exemplos; e o que faz mais ao nosso intento, he o que allega o mesmo Salazar de Theobaldo, Conde de Champanha a fol. 426. *Theobaldus Comes Blesensis, & Regni Francorum Procurator*, allegando a Rogero Hoveden fol. 524. Vejamos agora o que diz Ducange: *Hinc Procuratorem Regni Francorum sese inscripsit Theobaldus Comes Blesensis in charta an. 1156 in Tabulario Ecclesiæ Carnotensis n. 66. in Tab. S. Martini de Campis, & apud Rogerum Hovedenum p. 524*, que he a mesma, que allega Salazar, *id est, Senescallum seu Dapiferum; quod Dapiferi Regis manus sit circa mensam regiam, & ejus apparatum.* Naõ sey, que possa ser mais clara, nem mais contra Salazar esta significaçaõ de Ducange; nem póde satisfazer com dizer, que expressamente signifique regente pelo dizerem os Irmãos Santas Marthas; porque havia de consultar na lingua Latina melhores interpretes. Porém naõ nos satisfazemos ainda, sem lhe mostrarmos no nosso Reyno expressos testemunhos desta significaçaõ, que nos Jurisconsultos he muito commua, e a podera ver no *Lexicon Magnum Juris Cæsarei simul, & Canonici* de Joaõ Kahh, aliás Calvino. Na *Chronica de Cister* do Doutor Fr. Bernardo de Brito, liv. 3. cap. 6. fol. 133. se achaõ varios exemplos. Em huma carta de quitaçaõ do tempo delRey D. Sancho, de que recebera o feudo, que a Nossa Senhora do Claraval pagava a devoçaõ dos nossos Reys, em que o Abbade de Claraval Rudolfo, diz: *Quod nos recepimus à procuratore Domini Sancii Illustris Regis Portugalensis; hoc anno salutis* 1230. Em outra Carta de quitaçaõ se diz o seguinte: *Ego Frater Petrus, Abbas Sancti Joannis de Tarouca, affirmo*

affirmo quod recepi de vobis Joannes Alvares, Procurator Domini Regis Alfonsi, quinquaginta morabitinos auri boni, &c. e acaba *facio Charta propria manu Calend. Julii anno Domini* 1249. No noſſo Reyno ſe conſerva Procurador da Coroa, que he hum dos mais eminentes lugares da Literatura togada, de que faz mençaõ a *Ord. do Reyno*, liv. I. tit. 12, a que vulgarmente ſe chama Procurador Regio, e aſſim o nomea o Supremo Senado da Relaçaõ de Lisboa, dizendo nos feitos, que fora ouvido o Procurador Regio, e he tal a obrigaçaõ do ſeu officio, que póde embargar merce feita por ElRey, por ſer immodica, e exceder a qualidade dos ſerviços, de que he remuneraçaõ. Com que parece temos moſtrado, que *Procurator* naõ ſignifica ſómente o Regente, ou Tutor, nem na lingua Latina, nem na lingua Portugueza; a que poderamos ajuntar muitas eſcrituras, que o affirmaſſem ſe ſobre eſta materia fizeramos eſtudo particular, para reſponder ao que Salazar relata; e aſſim deixamos os mais pontos, que elle toca, por já tratados por melhores pennas, do que a noſſa.

Naõ podemos deixar de confeſſar, o quanto ſentimos, que D. Luiz de Salazar, ſabio, erudito, e prudente, ſe deixaſſe preoccupar tanto da adulaçaõ, quando a pag. 427, referindo o artigo das Cortes, o entendeſſe taõ mal, e o truncaſſe; diz elle aſſim: *Et dixit Procurator Regis Laurentius Venegas, vultis, quod Dominus noſter vadat ad Cortes Regis de Leone? vel det tributum illi, aut alicui perſonæ for domini Papæ, qui illum Regem creavit? & omnes ſurrexerunt, & ſpatis nudis in altum dixerunt. Nos liberi ſumus, Rex noſter liber eſt, manus noſtræ nos liberaverunt, & Dominus Rex: qui talia conſenſerit, moriatur, & ſi Rex fuerit, non regnet ſuper nos.* Salazar tiroulhe as ultimas clauſulas, para entrar em huma declamaçaõ, dizendo: *Es uno de los mayores barbariſmos que ya mas ſe eſcrevieron, y el que mas prueba la ſupoſicion y falſedad del papel*; e para iſto acabou o artigo: *Nos liberi ſumus, Rex noſter liber eſt, manus noſtræ nos liberaverunt, & Dominus Rex, qui talia conſenſerit moriatur*; porém eſta naõ he a verdade do artigo, porque continua, *& ſi Rex fuerit, non regnet ſuper nos*: aſſim anda nas copias das Cortes, em toda a parte que ſe imprimiraõ; pelo que Cramuel, e outros naõ as duvidaraõ; porque a conſtruiçaõ deſtas palavras he: *Nos liberi ſumus, Rex noſter liber eſt manus noſtræ nos liberaverunt, & Dominus Rex*; querem dizer. Nós ſomos livres, o noſſo Rey he livre, as noſſas mãos, e do noſſo Rey nos libertaraõ. *Qui talia conſenſerit moriatur, & ſi Rex fuerit, non regnet ſuper nos*, que vem a dizer: Aquelle, que tal conſentir, morra; porém ſe for Rey, naõ nos governe, que he o meſmo que naõ reine. Do que ſe vê a terrivel allucinaçaõ, que hum Author taõ egregio padeceo, para que preoccupado da ſua imaginaçaõ cenſure aos meſmos ſeus, que as approvaraõ, para que toda a cenſura venha a voltarſe ſobre elle meſmo.

Naõ he do eſtylo, que ſeguimos, o alargarmonos, principalmente naõ ſendo eſta materia do noſſo aſſumpto; e por iſſo nem allegamos os Authores, que ſobre eſte ponto eſcreveraõ, tanto Nacionaes, como Eſtrangeiros, e aſſim o deixamos para a diſputarem os Chroniſtas, que nós naõ pertendemos reſponder a D. Luiz de Salazar. E nós por agora nos ſatisfazemos com o que temos dito, para moſtrar, que naõ foraõ inventadas as Cortes de Lamego pelo Doutor Fr. Antonio Brandaõ; e concluimos dizendo: que naõ ſó he verdadeiro o traslado, que elle imprimio; mas que o original deſte acto, ſe conſervava na Collegiada de Santa Maria de Almacave na Cidade de Lamego, onde o vio o Padre Antonio de Faria, da Congregaçaõ de S. Filippe Neri, natural da meſma Cidade, que nos affirmou o teve nas ſuas mãos, e o lera, e examinara, e era taõ verdadeiro como Douto eſte exemplar Padre, que com toda a certeza nos atrevemos a affirmar, que naquella Collegiada ſe guardaraõ em algum tempo. Aſſim naõ devemos cançar o Leitor com diſſertações da ſua firmeza; porque entre os Portuguezes naõ padece a menor duvida, e com repetidos actos de Cortes ſe tem feito publicas ao Mundo todo, naõ ſó pela Sereniſſima D. Catharina, e pelo Senhor D. Antonio, como fica dito, ſe naõ tambem no anno de 1640 da feliz Acclamaçaõ do Senhor Rey D. Joaõ o IV. em que ſe confirmaraõ a rogos dos Tres Eſtados do Reyno, ſem que eſte Monarca ſe lhe deſſe de ver por elle excluidas as Senhoras Infantes D. Joanna, e D. Catharina, depois Rainha da Graõ Bretanha,

nha, e no anno de 1679, quando a petiçaõ dos mesmos Tres Estados se dispensaraõ a favor da Senhora Infante D. Isabel, em que foy jurada Princeza herdeira do Reyno; e ultimamente no anno de 1698 quando para universal utilidade nossa foy jurado Principe do Brasil, e successor do Reyno, o nosso Augusto Monarca ElRey D. Joaõ o V. que Deos guarde, como refere D. Luiz de Salazar no lugar acima citado. Naõ se dirigio o largo discurso, que lemos deste excellente Author, a querer ter por tyrannas as Cortes de Lamego, nem por menos veridica a sua legalidade, mas seguio aquella parte taõ duvidosa, naõ negando a principal, como temos dito, e se vê do fio do discurso daquella Historia. Quiz delle tirar hum direito, ainda que violentamente, em que podesse assentar ser devido o tratamento de Alteza Real para a Casa de Parma, hoje taõ introduzido nas Cortes do Norte; e para que se veja o que affirmamos, referiremos as suas mesmas palavras, como sempre temos observado, por naõ lhe fazer perder com o tosco do nosso estylo, a admiravel elegancia, com que as proferio seu Author no §. 4. fol. 455: *A la memoria de tantos, tan altos, y tan conocidos derechos, como ya observamos, a la Serenissima Casa de Parma, nò solo a Provincias, y Estados particulares, sino a grandes Monarquias debemos añadir otro derecho, que aun que nace de aquellos, es mucho mas apacible, menos odioso, y assi regular, y de ningun inconveniente para el publico.* E a fol. 474. conclue. *Por esto sin agravio de los Principes de Italia, y sin perjuizio del Serenis. Rey de Portugal* (esqueceo-se do de Inglaterra, pois a esta Coroa da o mesmo direito) *querrá ser tratado de Alt. Real, y que se le den los honores Regios, que al gran Duque, y al Duque de Saboya: pues lo que en aquel obrò la Dignidad de Gran Duque, y en este unos derechos desiertos, y poco fundados al Reyno de Chipre, mejor razon hallará en las firmissimas acciones de la Casa de Parma.* Naõ faz mais D. Luiz de Salazar e Castro, que huma allegaçaõ destes imaginarios direitos, como Advogado da Casa de Parma, como elle mesmo confessa, sem que pertenda tirar, nem adquirir direito contra as partes, de que faz mençaõ; pois só refere como Historiador, o que entaõ se escreveo, de que se valle para o memorial, que offerece naquelle livro aos Soberanos da Europa, a que convenhaõ no tratamento de Alteza Real na Casa de Parma. He ella taõ grande pela sua antiga origem, e pelas Reaes alianças, que he merecedora desta distinçaõ, sem aggravo dos mais Principes de Italia; e porque nós seguimos o dictame de hum grande Senhor deste Reyno Conselheiro de Estado, que perguntandose-lhe como votara em cobrir huma Casa com a grandeza do titulo, respondeo, que em materia de graça era muy franco. Porém como estes reconhecimentos de mayor distinçaõ, naõ os teve o Duque de Toscana, pela prerogativa de Graõ Duque, nem o de Saboya pelo direito ao Reyno de Chipre, senaõ porque houve occasiões, de que os Reys se valeraõ para esta concessaõ, fundada naquelles apparentes pretextos; e começando por huma só Corte o reconhecimento depois as conveniencias o facilitaraõ às outras. Em nossos dias vimos em mayor Dignidade ao Eleitor de Brandeburg Frederico, que só com huma convençaõ de seis artigos, feita com o Emperador Leopoldo, que se acha no II. Volume do Supplemento da *Clef du Cabinet*, fol. 155, se fez acclamar Rey de Prussia, no anno de 1701, e naõ sendo reconhecido dos mais Reys da Europa nesta excelsa Dignidade, vieraõ os interesses dos Principes a fazerlhe universal o reconhecimento de Rey. E assim a Casa de Parma pela nova aliança com a Coroa de Castella, alcançara naquella Corte o tratamento de Alteza Real, da mesma sorte que o goza o Graõ Duque, e com o decurso do tempo, com este exemplo o conseguira dos mais Soberanos, devendo esta real honra à penna, e estudo de D. Luiz de Salazar e Castro, que com tanto trabalho lhe resuscitou os imaginarios direitos, em que funda esta pertençaõ.

Parece-nos, que o Leitor nos desculpará a digressaõ, e só nos culpará a brevidade; mas confessâmos, que sim tivemos desejo de responder a tudo, mas seria demasiadamente largo o Commentario; e certamente seriamos notados de naõ ser o proprio lugar para tratar diffusamente este ponto. E voltando ao nosso verdadeiro assumpto, morreo a Princeza D. Maria, neste dia, no anno de 1577, com geral dor dos seus vassallos, que com extraordinarias demonstra-

çoes

çoes manifestaraõ o seu sentimento com luto muy pezado, fechando-se as logeas, se negaraõ naquelle dia a todo o commercio, e finalmente com vozes era acclamada por Santa. Na Sé se lhe fizeraõ Exequias com grande pompa. Via-se hum Mausoléo magnifico cheyo de luzes, e ornado de figuras, emblemas, e versos, em que se descreviaõ as virtudes da Princeza: no alto se lia huma inscripçaõ, em que se narrava a Real Progenie de Sua Alteza, rematando com a sua virtude, e santidade. Cantou a Missa o Bispo de Cremona: assistio o Duque, e o Principe, o Embaixador de Veneza por ElRey de Hespanha, e toda a Corte, sendo o mayor concurso, que vio Parma; porque como era geralmente amada, todos sentiaõ a perda de huma Princeza, que veneravaõ como Santa. Camillo Platonio, Academico Parmense dos Innominatos, fez huma Oraçaõ na sua morte a 10 de Agosto, na Igreja Mayor, em nome dos Cidadãos de Parma, a qual foy impressa em Parma, no anno de 1577, com muitos versos dos mesmos Academicos em Latim, e Italiano: e na Oraçaõ diz Platonio estas notaveis palavras.

Liberalibus artibus non mediocriter operam dedit, & in Phylosophia præcipuè Mathematicisque disciplinis tantum profecit, ut maiorem inde cognitionem hauserit, quam facile sit cuiquam à muliere factum fuisse credere.

Está enterrada no Mosteiro dos Capuchinhos, com o Duque seu marido, que tomando o exemplo desta virtuosa Matrona, se mandou amortalhar no Habito dos Capuchinhos, e em sepultura raza, e humilde, jazem as cinzas, que mereciaõ soberbos Mausoléos; e seus filhos lhe puzeraõ a seguinte inscripçaõ.

Alexander Farnesius, Belgis devictis, Francis obsidione levatis, ut humili hoc loco ejus cadaver reponeretur, mandavit III. Non. Decemb. MDXCII. & ut secum ossa Mariæ conjugis optimæ jungerentur annuit, illius testamentum secutus.

Fr. Francisco de Madrid, na *Historia dos Cap.* tom. 3. cap. 17. fol. 119, que traduzio de Latim, de Zacharias Boverio, diz: *Y que si truxiessen los huessos de su Illustre y Sancta muger Maria Lusitana.*

Farnesius Alexander hoc tumulo situs,
Parmæque Dux, Placentiæque tertius,
sacroque Sanctæ Ecclesiæ vexillifer
pietate quo non melior, aut quisquam fuit
summa Imperator arte bellandi prior,
post libertam Celticam, post Belgicam
Bello receptam, & redditam antiquis sacris
Oduardus, & Ranuntius mæstissimi
posuere, summa officia solventes patri
Heu quale Roma amittis, & quantum decus!

Compoz a Princeza na lingua Italiana, que soube tambem com perfeiçaõ, hum livrinho de Meditações, para as suas Damas, o qual foy impresso muitas vezes em Italia, e depois em França, e traduzido na propria lingua. Della vimos muitas cartas escritas para a Senhora D. Catharina sua irmãa, para sua mãy, e para o Duque de Bragança, em que se vê, inda que em estylo antigo, discriçaõ

 natural,

natural, e huma tal modestia, que inculca a virtude, de que se adornava, e se conservaõ no Cartorio da Casa de Bragança, com outros papeis, que vimos de memorias da virtude desta Princeza, mandadas naquelle tempo por pessoas da sua Casa, e familia. Tambem aqui se conserva hum traslado authentico sellado dos contratos do casamento, feitos em Madrid a 21 de Março de 1565, por Christovaõ de Riano, sendo Procurador da Princeza o Senhor D. Theotonio, e do Principe o Commendador Ardinguelo. Dotou-se a Princeza com setenta mil ducados. Saõ notaveis as clausulas da escritura, a que se obrigou o Duque de Parma. Foy jurado este contrato pelos Infantes, pays da Princeza, e pelos Duques de Parma: foy assignado pelo Principe Alexandre Farnesio, D. Theotonio de Bragança, Fr. Juliano Ardinguelo; e testemunhas D. Francisco Pereira, Embaixador de Portugal, o Principe de Evoli, Ruy Gomes, Mordomo môr do Principe de Hespanha, Lourenço Polo, o Marquez de Oriolo, do Conselho de Italia.

Trataõ desta Princeza Famiano Strada, *de Bello Belgico*, liv. 4. fol. mihi 160; Marracio, *Heroides Marianæ* §. 47. fol. 353. A sua Vida, que ainda que sem nome, foy escrita pelo Padre Sebastiaõ de Moraes, da Companhia, seu Confessor, a qual escreveo em Italiano, e traduzio em Hespanhol Francisco Alvarado, e depois illustrou com annotações o Doutor Diogo Peres, e traduzio em Italiano Fr. Julio Zanchini; Jacob *Augt. Theusano Hist.* liv. 65. fol. 234; Fr. Luiz dos Anjos, no *Jardim de Port.* fol. 448; o Padre Silos, *Hist. Clericor. Regular.* liv. 12. fol. 506; Ró liv. 1. cap. 1. §. 18; e em varios lugares; *Europ. Port.* tom. 2. part. 4. cap. 1; Imhof, *Stemma Reg. Lusitanic. Tab. 2. & in Genealogia Italiæ Tab. 2. fol.* 16; Moreri, *verbo* Alexandre Farnesio; Maugin, *Abregè del' Histoire de Portugal*, cap. 15. fol. 243; Affonso Loschinos, nos seus *Compendios*, fol. 443; o Padre Bolvito, na *Vida de Santo André Avelino*, cap. 15. fol. 53; *Compendio de la Vita de Santo André*, cap. 12. fol. 43, e fol. 157; D. Placido Mirto, *Vida de Santo André Avelino*, fol. 14; o Padre Bagata, tambem na *Vida do mesmo Santo*, cap. 14. fol. 80, D. Joaõ Bautista Castaldo, cap. 12. fol. 119; *Breve Ristretto Romano*, fol. 12; Goes *Chr. delRey D. Manoel*, part. 3. cap. 78. fol. 251; Duarte Nunes, na *Descripçaõ de Port.* cap. 90. fol. 151; Vasconcell. *Descr. Reg. Lusit.* fol. 527; Antonio de Sousa de Macedo, nas *Flores de Hespan.* Telles na *Chron. da Comp.* part. 2. liv. 4. cap. 40; Cramuel, *Philip. Prud.* disp. 6. liv. 5. fol. 388; e diversos lugares, *Hist. Pontif.* 3. part. cap. 27. fol. 78; D. Pedro Paulo Ribeira, *Le Glorie immortali delle Done illustri*, fol. 296; Leti, *Historia de Filippe II.* liv. 18. fol. 436; Wanderhamen *De initiis tum Belg.* liv. 1. cap. 31; Chapuis, *Guerr. de Fland.* liv. 1. fol. 23; Bentivolho, *Guerr. de Fland.* part. 1. liv. 2; Carneir. *Guerr. de Fland.* cap. 5. fol. 13; Paciuchelio, *in Jonam*, tom. 3. lect. 68. num. 13; Ferr. Locro, *Chronic. Belg.* fol. 645; Meteren, *Historia dos Paizes Baixos*, fol. 39; Joaõ Francisco le Petit, *Chronica de Holanda*; tom. 2. liv. 9. fol. 88; Miræo, *Chr. Belg.* fol. 421; Hareo, *Ann. Barb.* tom. 3. fol. 35; Ferrarese, *Histor. de Parma*, liv. 7. fol. 731; Christovaõ da Costa, *no livro de las Mugueres Illustres*; Ranuncio Pico, *Desegno della Vita della Serenissima Infante D. Maria Principessa di Parma*, dirigida a sua filha; Cesar Campana, *Historia do seu tempo na Genealogia dos Reys de Portugal*; Jeronymo Ozorio, *na Vida de seu tio o Bispo D. Jeronymo Ozorio*; Fr. Paulo Morigi Jesuato, *Catalogo das Princezas Illustres em Santidade*; Francisco Serdonati Florentino, no accrescentamento *Alle Donne Illustre di Boccacio*; e modernamente escreveo a sua Vida em elegante estylo o Eruditissimo D. Luiz de Salazar e Castro, no cap. 8. fol. 654. *del Indice de las Glorias de la Casa Farnese*, donde honra o nosso nome com mal merecida memoria; o Chronista Fr. Manoel dos Santos, na *Historia Sebastica*, fol. 98, e 99; e ultimamente a *Historia Genealogica da Casa Real Port.* no liv. 4. cap. 12. pag. 441. do tom. 3.

B Entre as Religiosas de virtude do Mosteiro de Elvas, da Ordem do Patriarca Saõ Domingos, merece grande veneraçaõ Sor Maria do Rosario, que foy a gozar da Gloria, pelos annos de 1544, de que faz mençaõ Sousa, na III. Parte da *Historia da Ordem*, liv. 2. cap. 14. fol. 140; Soveges, no *Anno Dominico*; e Lima, no *Agiologio Dominico*, e ambos em este dia.

C No anno de 1580, morreo Sor Guiomar da Trindade, a quem ignoramos

mos os pays, de quem a *Historia de Saõ Domingos*, diz, que eraõ muito pobres no Mundo; mas a sua virtude a fez esclarecida no Ceo, como viraõ os visinhos do Mosteiro, quando depois de espirar, estando a noite muy escura, viraõ sobir dos telhados do Mosteiro para o Ceo huma nuvem muy clara; o que notaraõ com admiraçaõ; e no dia seguinte contavaõ esta maravilha, e foraõ saber com curiosidade quem era a defunta; Sousa na III. Parte fol. 103; Soveges, no *Anno Dominicano*, neste dia.

D Na Comarca de Lamego nasceo Fr. Theodosio de Saõ Bento. O livro dos *Obitos* deste Mosteiro, que tivemos em nosso poder, nos diz, que faleceo neste dia do anno de 1631, e nos naõ dá mais noticias, que as que sómente temos referido.

JULHO IX.

A EM Mertola Villa da Provincia de Alentejo, he muy celebre a memoria de Saõ Brissos, Bispo de Evora, Varaõ de taõ louvaveis virtudes, que mereceo naquelle tempo occupar a Cadeira de taõ Insigne Diocese, na qual foy muy copioso o fruto da sua admiravel doutrina, de que resultou grande conversaõ de almas. Por Divina inspiraçaõ passou aos povos Vacceos, que reduzio à verdadeira Fé, com grande gloria da Religiaõ Catholica. Depois em Segisamona, foy taõ efficaz a sua prégaçaõ, que a muitos fez publicamente detestar os falsos idolos, só por adorarem ao Verdadeiro Deos. E passando aos povos Bastetanos, e Castulonenses, aonde já tinha dado luzes da Ley Evangeliça, e corroborando huns com sãos conselhos, converteo outros a adorarem os verdadeiros Mysterios da nossa Fé; e deixando-os enriquecidos de taõ saudavel doutrina, voltou à Segisamona, que foy a que mais lhe opprimio seu espirito; e ajustadas as materias pertencentes à Religiaõ Christãa, voltou para o seu Bispado. Em Mertola (antiga Cidade do Bispado de Evora) exercitou os fervorosos impulsos da sua charidade, aonde colheo louvaveis frutos da prégaçaõ Evangelica, com a qual reduzio a muitos já esquecidos da Ley de JESU Christo. Era por este tempo Presidente de toda a Lusitania, Marciano inimigo acerrimo da nossa Santa Fé, que sabendo como o Santo Prelado, com zelo de verdadeiro Pastor, apascentava o seu rebanho com a doutrina da Ley da Graça, e que sem poupar trabalho visitava todos os lugares, para industriar, e corroborar na Fé as tenras plantas do novo Christianismo, e

S. Brissos Bispo de Evora.

que

que com impavido semblante os animava para a constancia no Martyrio, o mandou prender, e com aspereza o reprehendeo, dizendo-lhe, naõ lhe quizesse apartar os seus povos da adoraçaõ dos Deoses, pelos fazer Christãos, desprezando desta sorte temerariamente os edictos do Emperador. Foy grande a constancia, com que viveo no carcere, soffrendo açoutes, e incriveis tormentos; e como persistisse na verdade, que prégava, o mandou o Presidente pôr no equleo, onde cruelmente foy de novo atormentado, com tal barbaridade, que perdida a figura do corpo, naõ tinha mais fórma, que a de hum despedaçado cadaver; e naõ podendo ainda neste estado vencer a sua constancia, o mandou fechar no carcere, novamente intoleravel com asquerosos tormentos. Ficou o Santo Bispo desfigurado com os martyrios; mas taõ firme, que naõ podendo com as vozes, articulava no coraçaõ infinitos louvores a seu Creador, rendendo-lhe as graças da fortaleza, que lhe dera, para soffrer pelo seu amor taõ horriveis tormentos, os quaes lhe gratificou o Senhor com Celestes premios. Estava o Santo Bispo em oraçaõ, quando no mayor silencio da noite resplandeceo o carcere, e entre Celestes resplendores, lhe appareceo Saõ Pedro de Rates, acompanhado de Angelicas esquadras, e fallando ao Santo Martyr Brissos, o restituìo por virtude Divina à inteira saude, succedendo naquelle mesmo instante (caso espantoso!) por toda a Cidade, hum taõ grande terremoto, que parece a queria sobverter, padecendo de sorte a casa do Presidente Marciano, que foy com ella a sua pessoa, merecido estrago da Justiça Divina. Tendo Saõ Pedro sarado das feridas ao glorioso Saõ Brissos, o poz livre do carcere, e entre as mesmas luzes desappareceo; o que visto pelo Santo Prelado, deu muitas graças a Deos, e com novos alentos, como quem estava animado pelo Ceo, começou com mayor fervor a prégaçaõ em a Betica, e logo por toda a Lusitania, e Tarraconense, com incansavel zelo da salvaçaõ das almas; e depois de taõ largos caminhos, voltando para a sua Igreja, cheyo de boas obras, e annos, se foy a gozar da gloria merecida pelos seus trabalhos, com o titulo de Confessor, cuja alma foy vista de todos voar, em figura de candidissima pomba, para receber na Celeste Jerusalem a immarcessivel Coroa da Gloria.

Em

B Em Santa Cruz de Coimbra, he muy celebre a memoria de D. Pedro Seguino, Varaõ douto, e pio, hum dos primeiros discipulos de Saõ Theotonio, em quem a sua doutrina, e exemplo luzio de sorte, que exercitado em louvaveis virtudes, e obras da vida commua, foy escolhido pelo mesmo Santo para Bispo da Igreja de Orense, quando o Cabido desta Cathedral lhe pedio hum Religioso daquella refórmada familia para seu Prelado. Nesta dignidade seguio a vida Clerical, que tinha professado, dando com o seu exemplo huma singular edificaçaõ a todos os seus subditos, de quem foy muy amado.

D. Pedro Seguino Bispo de Orense.

C Neste dia, na Cidade de Bragança, concluîo a mortal carreira, a virtuosa Donzella Paula de Antas de Macedo. Criaraõ-na honestamente seus pays, fazendo mais suave o ensino a inclinaçaõ, que tinha à virtude. De tenrros annos fez voto de castidade, naõ consentindo, que se lhe fallasse em mais Esposo, do que o do Ceo. Desde menina frequentou os Sacramentos; e da continuaçaõ, com que recebia o da Sagrada Eucharistia, se lhe seguio huma singular uniaõ com Deos, que a abstrahio do commercio humano, com hum tal recolhimento, que todo o tempo gastava em oraçaõ, ou em espirituaes exercicios. Tomou o Habito de Terceira de S. Francisco, cujo exemplo seguio com muita devoçaõ. Naõ consentia, que na sua presença se dissesse mal do proximo; porque queria todo o tempo empregado em louvores de Deos: e assim mostrava aos circustantes o dissabor, que lhe causavaõ semelhantes conversações. Affligia com excesso o seu corpo com asperas disciplinas de sangue: diante de huma caveira se começava a ferir taõ cruelmente, que naõ descansava, se naõ depois, que regava o chaõ; e para que naõ fosse patente a pessoa alguma os excessos da sua penitencia, tomava hum pano de estopa largo, e o punha aos pés, para que nelle se ensopasse o sangue, e secretamente ella mesma o lavava. Deste odio, com que tratava o seu corpo, nascia trazello sempre cheyo de chagas, mas nem este excesso a obrigava a deixar hum cilicio de ferro de agudas pontas, que trazia à raiz da carne, quebrantando assim de toda a sorte rigorosamente os brios da idade, e do sangue. O seu aposento era huma estreita casinha; nella dormia sobre humas taboas, e forçada da obediencia admittio hum ban-

Paula de Antas de Macedo Terceira Franciscana.

banquinho baixo, que lhe servia de cabeceira: inda em taõ penosa cama repousava muy pouco; porque já nos ultimos annos naõ permittia o seu espirito, que descançasse o corpo mais de huma até duas horas; todo o mais tempo da noite vigiava elevada em profunda oraçaõ, com que satisfazia ao abrazado do seu amor no continuado do exercicio. O jejum de paõ, e agua, era muy continuo, e taõ rigoroso, que muitos dias passava sem comer cousa alguma. Nas sestas feiras naõ bebia, por mayor que fosse a sede, por compensar a que Christo padeceo na Cruz. Os delicados peitos battia com hum tijolo, à maneira do que na Palestina fazia Saõ Jeronymo. Os pés, que naõ trazia descalços por decencia, mortificava extraordinariamente, metendo nos sapatos huns seixinhos meudos, que lhos feriaõ. Estas crueis invenções, com que se mortificava, reprimia a prudencia dos Confessores, a que promptamente obedecia; porém como os effeitos do Amor Divino se naõ escondiaõ, mostrando a liberal maõ com que favorecia a sua serva, lhe tornavaõ a dar licença para continuar nos ardores do seu espirito. Vivia abrazada em desejos de padecer por Christo; e assim toda a sua ancia era pelo martyrio. Dizia, que nada obrava no que fazia, por quem taõ finamente padeceo por ella. Daqui lhe nascia huma grande devoçaõ à Paixaõ, em que sempre meditava, sendo as Chagas de Christo especial satisfaçaõ do seu amor. Venerava com extremo o Santissimo Sacramento do Altar, sendo tal a devoçaõ com que commungava, que desfazia o coraçaõ em rios de lagrimas, deixando admirados os Sacerdotes do reconhecimento da sua Fé; de que se seguia hum tal acatamento, e respeito, que tendo licença para commungar todos os dias, se abstinha, deixando passar dous, ou tres, privando das dilicias Celestes ao seu espirito, para conservar o respeito do seu Esposo. A charidade com os pobres foy admiravel, sendo mais sensivel ao seu compadecido coraçaõ, ver pessoas honradas, recolhidas, necessitadas, e secretamente as soccorria, succedendo algumas vezes pelas circunstancias, presumirse fora aquelle conhecimento effeito de revelaçaõ Divina. A humildade luzio nella em gráo heroico, com tal desprezo da sua pessoa, que se tinha pela mais vil, e indigna creatura, que Deos sustentava no Mundo. Este abatido conceito a obrigava a repetir confissoens geraes, para cho-

rar

rar com nova dor a memoria das culpas. Muitas vezes dizia, que eſtimara a enterraſſem em hum monturo, como os brutos, para que teſtemunhaſſe a ſepultura, o que merecia o ſeu corpo; e vendo que o naõ poderia conſeguir, pedio, que a enterraſſem no cemeterio commum entre os Terceiros pobres. As injurias ſupportou ſempre com ſocego, e paz interior do eſpirito, ſem que lhe ſerviſſe de embaraço ſer avaliada por hypocrita, e invencioneira da gente da ſua caſa. Tinha grande receyo de offender a Deos, e aſſim lhe pedia a morte, para que naõ cahiſſe na deſgraça de o offender: por eſte fim pedia aos Prégadores huma Ave Maria. No ultimo dia, que commungou no Collegio da Companhia, diſſe ao ſeu Confeſſor, que aquella ſeria a ultima vez, que naquella Igreja recebeſſe a Communhaõ, e depois moſtrou o ſucceſſo o myſterio das palavras. No dia ſeguinte foy ao Lugar de Saõ Lourenço, onde tinha ſua irmãa: nelle ſe deteve tres dias. No dia de S. Pedro, e Saõ Paulo foy à Igreja a ouvir o Sermaõ, e commungou com a coſtumada devoçaõ: aqui ſe deſpedio das Imagens, a que coſtumava fazer particulares devoçoens. Chegando a caſa lhe deu huma ardente febre, que a obrigou a voltar para a Cidade, e logo ſe lhe declararaõ humas terçans dobres continuas. Era o corpo de ſua natureza debil, e gaſtado das penitencias, e aſſim naõ podia reſiſtir ao mal: durou ſeis dias; nelles foraõ continuos os actos do amor de Deos: commungou duas vezes, huma por Viatico, e outra por devoçaõ: depois de predizer o dia da ſua morte, recebeo a Santa-Unçaõ, dizendo, que era chegado o tempo; e quando pelo achaque naõ podia fallar, dava ſinaes aos Religioſos, para que a abſolveſſem, e lhe rezaſſem o Officio da Agonia: nelle largou as prizões do corpo a ſua alma, ſem fazer movimento algum, de ſorte que naõ foy a morte percebida dos circunſtantes; e deixando-os banhados de ſaudoſas lagrimas, ſe foy a lograr da Eternidade; e ſendo o roſto macilento, e quebrado das continuas mortificações, que parecia o retrato da morte, ficou fermoſo, e taõ agradavel, que moſtrava a gloria, que a ſua alma poſſuía.

D Em Evora, no Moſteiro de Santa Catharina de Sena, mudou o domicilio da terra, pelas eternas moradas do Ceo, Sor Filippa da Madre de Deos, deixando huma glorioſa me-

Sor Filippa da Madre de Deos Dom.

moria da ſua vida; porque jejuava a paõ, e agua todas as ſeſtas feiras do anno, e nas veſperas dos dias, que commungava, e nas de Noſſa Senhora. Era muy dada à oraçaõ, na qual perſeverava, ficando no Coro depois de Matinas, até pela manhãa. Nas penitencias ſe havia aſpera, e cruelmente, ſendo as diſciplinas quaſi ſempre de ſangue, e a cura mayor mortificaçaõ; porque era de ſal, e vinagre, ſendo eſta cura mais ſenſivel, ainda do que o tormento: e aſſim continuando a vida, a que ajuntava ſer muy exacta na obediencia às Preladas, acabou com opiniaõ de virtude.

Commentario ao IX. de Julho.

A FIca Mertola em 12 gráos, e 15 minutos de longitude, e 37, e 5 minutos de latitude, entre as Cidades de Beja, na Provincia de Alentejo, de que diſta nove legoas para o Sul, e da de Silves no Reyno do Algarve: diſta onze legoas do mar Occeano, onde ſe recolhe o rio Guadiana, que corre ao pé della do Norte ao Sul. No II. Tomo do *Agiologio Luſitano*, fol. 206, ſe moſtra, que foy Cidade, e o provaõ as Chronicas do noſſo Reyno: nelle ſe póde ver a ſua antiguidade, e grandeza, onde remetemos o curioſo Leitor; porque nós ſeguindo a meſma ordem, naõ referimos o que já nelle ſe tem eſcrito.

Foy Saõ Briſſos, natural de Mertola, e Biſpo de Evora, e o terceiro no numero dos Prelados, que occuparaõ a Cadeira deſta Dioceſi, como veremos, ſe Deos nos der vida, nas noſſas *Memorias das Dignidades Eccleſiaſticas, e Militares do Reyno de Portugal, e ſuas Conquiſtas.* E ſuppoſto naõ achamos Biſpos na Igreja de Evora deſde Saõ Mancio, que floreceo pelos annos de 90, até os annos de 300, he ſem duvida que os houve, inda que nos faltaõ as noticias dos ſeus nomes; porque a veneravel tradiçaõ deſta Sé, nolo affirma de tempo immemoravel, ſendo Saõ Jordaõ o ſegundo, que contamos, como ſe verá no dia 6 de Agoſto. No termo de Monte môr o novo tem Saõ Briſſos huma Freguefia do ſeu nome, e no de Mertola a Ermida, que a tradiçaõ conſerva ſer habitaçaõ ſua; no que póde haver pouca duvida, por o Santo viver por aquellas partes. O Licenciado Jorge Cardoſo, no lugar citado dia de Saõ Baraõ, que he a 17 de Março, tem para ſi, que Saõ Baraõ, e Santa Barbara, foraõ irmãos de Saõ Briſſos, naturaes deſta Villa, como quer a tradiçaõ dos ſeus moradores, pelo que ſe vem ſeguidas as ſuas Ermidas; a de Saõ Briſſos huma legoa da Villa, a de Saõ Baraõ legoa, e meya; e a de Santa Barbara tres; o que tambem ſegue o Padre Manoel Fialho da Companhia de Jeſus, no ſeu livro, como nos diz por huma carta, que nos fez merce de eſcrever. Nas memorias, que temos viſto do noſſo Santo Biſpo, naõ ſe faz mençaõ de tal irmandade; porém he tal a veneraçaõ que temos à erudiçaõ do Licenciado Jorge Cardoſo, que nos naõ atrevemos a contradizello, nem a ſeguir os Authores, que em differentes annos daõ a Saõ Baraõ; porque ſe houveramos de dar credito ao *Exame de antiguidades* m. ſ. que allega Fr. Antonio da Purificaçaõ, na I. Parte da *Chronica dos Eremitas de Santo Agoſtinho*, diz, que Saõ Baraõ morreo pelos annos de 700. Na *Benedictina Luſitana*, part. 1. fol. 438, ſe faz mençaõ de Saõ Baraõ, ou Varaõ, como lhe chamaraõ outros, e allegando o Author do *Theatro Triunfal*, lhe dá o anno de 630. Ambas eſtas Chronologias ſe affaſtaõ muito do noſſo Santo Briſſos, que morreo pelos annos de 308; porém como Cardoſo vio eſtes Authores, e nos naõ daõ fundamentos, com que deſtruamos aquella tradiçaõ;

tradiçaõ, nella assentamos, entendendo que foraõ muito mais antigos, do que elles querem.

No *Martyrologio Romano*, se faz mençaõ de outro Santo do mesmo nome de Brissos, a 13 de Novembro, discipulo de Saõ Martinho, Bispo Turonense, a quem succedeo no Bispado, como escreve Surio no mesmo dia, e Baillet; Filippe Ferrario, traz Saõ Brissos a 9 de Setembro, em Espoleto de Italia, que foy Bispo de *Marta*, o qual naõ póde fazer nenhuma equivocaçaõ com o nosso Santo, inda que elle o pertenda fazer; porque ao seu livro dá este titulo: *Cathalogus Sanctorum, qui in Martyrologio Romano non sunt.* E o nosso Santo Brissos refereo o *Martyrologio Romano antigo*, a 9 de Julho, e o moderno: *Martulæ Sancti Brictii Episcopi.* E o mesmo referem todos os Authores abaixo allegados. Que *Martula* seja a nossa Mertola, naõ o duvida ninguem, que tem conhecimento da Geografia antiga, onde se acha com o nome de *Myrtilis*, de que faz memoria Plinio, no liv. 4. cap. 24; e Cellario no seu livro: *Notitia Orbis antiqui*, liv. 2. cap. 1. fol. 51, impresso em Cantuaria no anno de 1702, Obra moderna, e muy douta a juizo dos Geografos: nella se naõ acha mais do que Martario, e supposto, que no Lexicon de Baudran se ache *Martulana, seu Martana, urbs olim Italiæ in Umbria, in qua Sanctus Britius Episcopus Spoletanus sibi Sedem Episcopalem constituerat*, naõ póde fazer equivocaçaõ com a nossa Mertola; porque nas Geografias antigas se faz mençaõ desta, e Baudran tirou esta memoria de Ughello, Author moderno, que tudo quiz meter em Italia. Demais, que em nenhum Author achamos, que Saõ Brissos fosse Bispo de Mertola, senaõ de Evora, e natural daquella Villa; e modernamente Martiniere, no grande *Dicionario Geografico, e Critico*, que imprimio em dez volumes, fallando de Mertola Villa de Portugal, diz, que o seu nome he corrompido do de *Myrtilis*, que ella teve em outro tempo. O Cardeal Baronio, nas notas ao *Martyrologio*, neste dia, fallando deste Santo, naõ diz donde fosse Bispo, mas que era natural de Hespanha, e naõ de Italia, e o affirma com estas palavras: *In actis Sanctorum Abundii & Carpophori (qualiacumque sint) multa de Brictio scripta habentur de his, quæ passus est sub Marciano Proconsule temporibus Diocletiani Imperatoris.* No dia 10 de Dezembro, quando trata destes Santos, diz pertencerem a Sevilha, mostrando que erradamente se escreveo *Hispalitano* por *Hispalense*, os quaes padeceraõ na perseguiçaõ de Diocleciano, sendo Presidente Marciano, que foy o mesmo que poz em tormentos Saõ Brissos, como temos visto, e se vê claramente o pouco fundamento de querer levar este Santo a Italia, sendo da nossa Villa de Mertola, antiga Cidade, conhecida com o nome de *Julia Myrtilis.* O Eruditissimo Padre Conrado Janingo, no *Opusculo preliminar*, que anda no Tomo I. *Acta Sanctorum Julii*, nega que este Santo seja Hespanhol, e Bispo de Evora, cap. 3. pag. 21, e cap. 7. pag. 39; e depois no dia 9 de Julho. O insigne D. Nicolao Antonio, Varaõ Doutissimo, no livro *Censura de Historias Fabulosas*, liv. 6. cap. 3. §. 13, &c. nega tambem, que este Santo pertença a Mertola, e que fosse Bispo de Evora, com o fundamento de que antes dos Chronicoens, naõ havia noticia nos Authores Portuguezes deste Santo; pois naõ esqueceria ao Doutissimo André de Rezende, nas *Antiguidades de Evora*, que verteo em Latim André Escoto, nem no *Breviario Eborense*, que imprimio no anno de 1548, por ordem do Cardeal Infante D. Henrique, entaõ Arcebispo: falta de noticia em homens taõ Doutos, nos poem na mesma duvida, supposto nos naõ persuadimos totalmente, que naõ fosse Portuguez, e Bispo de Evora.

Esta Igreja o tem por seu Bispo: assim nella se conserva memoria, e o seu retrato na casa do Cabido, com letreiro que o diz; e no famoso Santuario desta insigne Metropoli, se vê huma Imagem sua de vulto, vestida de Bispo, com reliquia deste Santo; o que tambem affirmaõ muitos Authores graves, assim Portuguezes, como Hespanhoes, sem que nos seja necessario valer da authoridade de Dextro, para corroborar a nossa opiniaõ; porque reconhecemos o pouco credito, que este Author, e os demais Chronicoens, tem hoje entre os Criticos modernos, que os tem por apocrifos, e inventados, e por taes os declarou a nossa Real Academia da Historia Portugueza, a 20 de Agosto de 1721, anda na Collecçaõ do dito anno; porém

naõ podemos negar, que houve estes Authores, debaixo de cujos nomes se pertendeo dar infalivel authoridade, como a Coetaneos, a Marco, Maximo, Dextro, Luitprando, Juliaõ Peres; e tambem outros inventados, que se começaraõ a publicar do anno de 1596, como mostrou egregiamente o Doutissimo D. Nicolao Antonio, na *Censura de Historias Fabulosas*, Obra posthuma, que deu a luz o erudito D. Gregorio Mayans e Siscar, impresso em Valença, no anno de 1742. E supposto os inventores destes falsos livros, referem muitas cousas, que naõ merecem credito na Historia, com tudo da mesma antiga de Hespanha, se valeraõ do que lhe pareceo davaõ mais authoridade, e juntamente corroborando as patranhas, que inventaraõ com successos verdadeiros, que se naõ devem omittir, por os fabricadores dos Chronicoens o haverem enxerido nelles; assim naõ deixaremos de referir algumas, pelo receo de se acharem nos falsos Chronicoens; porque naõ he apadrinhado da sua fé, mas sim da tradiçaõ da Historia Ecclesiastica do nosso Reyno, e das Chronicas antigas delle, e dos irrefragaveis testemunhos dos Archivos Reaes, e particulares das Cathedraes, e Conventos insignes, a que se deve todo o credito, e quanto cabe na fé humana: pelo que tal vez os allegaremos como hũ Author, e naõ como baze, e fundamento da materia, que tratarmos, como agora fazemos, para dizer, que Saõ Brissos foy livre do carcere, por Saõ Pedro de Rates, e naõ pelo Apostolo Saõ Pedro, como dizem alguns Authores, sendo a razaõ a de naquelle tempo se chamar a Saõ Pedro de Rates o Apostolo de Portugal, como advertio Cardoso no II. Tomo a 26 de Abril, dia deste Santo, e Tamayo com o primeiro Concilio Bracharense, convocado por Pancracio Bispo daquella Igreja. Da realidade deste Concilio, se veja a Differtaçaõ, que fez o erudito Beneficiado Francisco Leitaõ Ferreira, nosso Academico da Academia Real, e anda no III. Tomo das Collecçoes da mesma Academia, do anno 1723. Porém materia he esta, em que naõ nos alargaremos; porque, ou fosse livre pelo Apostolo Saõ Pedro, ou por Saõ Pedro de Rates, Apostolo da Lusitania, he certo, que Saõ Brissos, foy tirado do carcere milagrosamente. Trataõ deste Santo Bispo, o *Martyrologio Romano*; Oisuardo; o Bispo Equilino; Adon; o de Francisco Maurolico, todos neste dia; D. Joaõ Tamayo no *Hispano*; Manoel de Faria e Sousa, na III. Parte da *Europa Portugueza*, fol. 193. Bosch. *En el Triunfo de los Santos*, neste dia; Causino, *Corte Divina Ephemer.* de Julho.

B A Cidade de Orense, no Reyno de Galiza, de que se faz mençaõ no Commentario do dia 2 de Janeiro, e no de 18 deste, letra A, teve por Bispo a D. Pedro Seguino, de naçaõ Francez, Conego de Santa Cruz de Coimbra, hum dos primeiros, que habitaraõ aquelle Real Convento. Começou a governar esta Igreja no anno de 1157, e se exercitou no Pastoral Officio, até o anno de 1169, em que acabou santamente. Todas as memorias, que achamos deste Prelado, saõ muy breves; mas todas o trataõ por Varaõ Santo. No seu tempo, trasladou àquella Igreja o corpo da gloriosa Virgem Martyr Santa Eufemia, de quem foy muy devoto, e por isso sentia, que estivesse taõ precioso thesouro, em huma taõ pequena Igreja, e pelo sitio incapaz de obra sumptuosa; e para o fim de conseguir o effeito, que desejava, se apparelhou com orações, jejuns, penitencias, mandando encommendar com orações em todo o seu Bispado este negocio; e movido por superior inspiraçaõ, invocou à mesma Santa, a quem desejava agradar naquella pertençaõ, tomou-lhe huma Novena, e se deixou ficar na sua Igreja, para que em dia oportuno podesse com dissimulaçaõ dos moradores do Rio Caldo, que já zelosos guardavaõ com sintinelas à vista o corpo da Santa, de que descuidando-se por vontade de Deos, naõ deraõ fé do piedoso roubo, senaõ a tempo de que era inutil o seu cuidado. Levou o Santo Bispo as Santas Reliquias, e as collocou em Capella propria na Sé, donde se veneraõ, e conservaõ com grande cautela, como veremos a 17 de Agosto; dia da sua Trasladaçaõ. Foy o Bispo D. Pedro, Confessor delRey D. Fernando, Rey de Leaõ, como consta de hum Privilegio, que concedeo àquella Igreja, onde diz: *Amigo, y Maestro de su conciencia*, como refere Gil Gonçalves de Avila, no *Theatro Ecclesiastico das Igrejas de Castella*, tom. 3. fol. 386. Delle

fallaõ

fallaõ o Licenciado Jorge Cardoſo, no Commentario do dia 14 de Fevereiro, letra A; dizendo, que traduzio em Galego o livro de Servando, Biſpo deſta Igreja. O Padre Franciſco da Cruz, nas memorias m. ſ. que tinha junto para a Bibliotheca Luſitana, faz mençaõ delle. O livro dos *Obitos* de Santa Cruz de Coimbra, ſe lembra delle, como ſeu Religioſo: *Septimo Idus Julii obiit Dominus Petrus Seguinus Aurenſis Epiſcopus Canonicus S. Crucis.* O Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha, na I. Parte da *Hiſtoria de Braga*, fol. 139; a *Chronica dos Conegos Regrantes*, part. 2. fol. 499; Tamayo, *Martyrologio Hiſpano*, no dia XVII. de Agoſto.

C Na Cidade de Bragança, naſceo Paula de Antas de Macedo: foraõ ſeus pays Manoel da Coſta Carneiro, e Maria de Antas, das mais nobres familias da Provincia de Traz os montes. Faleceo no anno de 1679, neſte dia. Os ſeus parentes lhe deraõ honorifica ſepultura, junto à Capella dos Borges, ſem embargo de ella pedir a enterraſſem no cemiterio commum dos Irmãos Terceiros; mas com razaõ o fizeraõ, para que ſe naõ perdeſſe a memoria de huma Serva de Deos de vida taõ auſtéra, e penitente, como temos viſto. Foy o ſeu Confeſſor hum Religioſo da Companhia douto, que teſtemunhou, que eſtando bem doente de ſezões, no dia do ſeu tranſito ficou livre dellas, pedindo à Serva de Deos intercedeſſe por elle. A mãy deſta virtuoſa mulher, eſtando com huma febre maligna deſconfiada dos Medicos, já ſacramentada, affirmou, que livraria do mal, e em breve teria ſaude. Aſſim ſuccedeo com admiraçaõ de toda a caſa, que atribuîo aos merecimentos da filha, a ſaude da mãy. Tudo o que della eſcrevemos tiramos de Fr. Luiz de Saõ Franciſco, na *Origem da Ordem Terceira*, fol. 479, a quem o ſeu Confeſſor deu huma Relaçaõ da ſua vida.

D Pelos annos de 1611, faleceo Sor Filippa da Madre de Deos, de quem faz mençaõ Souſa, na III. Parte das *Chronicas da Ordem*, liv. 3. cap. 26. fol. 283; e o *Agiologio Dominico*, neſte dia.

JULHO X.

S. Marino Martyr.

A EM Africa, na Cidade de Ceſaréa, a illuſtre victoria de Saõ Marino, natural da inclita Cidade de Lisboa, oriundo de eſclarecida familia Romana; mas muito mais illuſtre pelo glorioſo Martyrio, com que enobreceo a ſua Patria, a qual deixou por paſſar a Africa, donde acompanhado de esforçados companheiros, Profeſſores do Sagrado Evangelho, zombaraõ, e eſcarneceraõ dos dilirios, que ſeguiaõ os Arrianos, e Donatiſtas. Foy Saõ Marino, taõ fiel defenſor da noſſa Santa Fé, que com impavido animo, ſe demorou na Cidade de Ceſaréa, donde por aquelle tempo, era rigoroſa a perſeguiçaõ do cruel Juliano Apoſtata, que com inſaſiavel ſede queria extinguir o Nome de Jesu Chriſto, com as vidas dos Fies diſcipulos da ſua Ley, e com publicos editos, e ſeveras comminações obrigava, a que abjuraſſem todos a Ley Evangelica, o que com generoſo animo deſprezou publicamente Saõ Marino; pelo que foy prezo no carcere,

re, acompanhado dos Santos Januario, Nabor, e Felix, donde foy levado à presença do Juiz; e porque perseverando nos louvores de Christo, naõ quizesse detestar as sagradas verdades da sua Ley, depois de ter padecido varios generos de martyrios, lhe cortaraõ a cabeça, e com ella a invencivel palma da Gloria.

Thomé, e Gonçalo Japoens.

B No mesmo dia, em Vomura, foraõ degolados em odio da Fé, Thomé Mogusuk, e Gonçalo Bonsaxi, como valerosos soldados de Christo, sem que o amor da Patria, ou o exemplo dos parentes, lhe tirassem do coraçaõ a doutrina do Evangelho, que professaraõ, pela qual mereceraõ ser coroados com eternos louvores na Bemaventurança.

A Madre Sor Elvira da Cruz Dominic.

C Em o Dominicano Mosteiro da Villa de Monte môr o novo de Nossa Senhora da Saudaçaõ, acabou, cerrando as clausulas de huma vida innocente, com morte preciosa, a Madre Sor Elvira da Cruz, de taõ curta idade, que naõ chegou a cumprir dezaseis annos; mas de costumes taõ candidos, que podia servir de exemplo às idades mais provectas. A sua vida naõ foy mais, que hum desejo da morte, como quem nella esperava o principio da Gloria. Todo o tempo empregava em Celestes consideraçoẽs, abrazada em desejos de se ver unida ao seu Divino Esposo, meditando o que lhe devia, e como por seu amor fora crucificado na Cruz; e assim absorta em ardentes desejos, suspirava pela sua vista, rompendo em sentidas jaculatorias, sendo a mais commua: *Amor meus crucifixus est*. Adoeceo, e aggravandose-lhe a doença, lhe deraõ conta de que a mandava ungir o Medico: recebeo com alegria esta nova, e naõ cabendo no coraçaõ, se lhe via hum semblante aprazivel, e hum animo socegado; e pronunciando com a boca cheya de rizo: *Amor meus crucifixus est*, lhe entregou a sua candidissima alma.

Frey Jorge dos Santos Abbade Cistersiense.

D No insigne Mosteiro de Alcobaça, Cabeça da Congregaçaõ Cistersiense neste Reyno, está muy viva a memoria da Religiosa vida, e ditosa morte do Padre Fr. Jorge dos Santos, que por sua muita virtude, e regular observancia, foy eleito em D. Abbade Geral da sua Congregaçaõ. Occupou este lugar com notavel zelo da gloria de Deos, e augmento espiritual da Monachal Familia, fazendo observar as cerimonias da Ordem, com grande perfeiçaõ, e servir com grande reverencia

rencia o culto Divino, e todas as mais obrigações da Regra com pontualidade. Ornado de preciosas virtudes, esperou a ultima hora da vida, assistido de muitos Religiosos, que o reverenciavaõ como pay, em cuja presença, com o Santissimo Crucifixo, e a véla na maõ, deu a alma ao seu Creador, ficando depois de morto com o Santo Christo, e véla na maõ, como se estivera vivo; o que servio de mayor veneraçaõ aos Monges, pela grande opiniaõ, que naquella Casa tinha a sua virtude.

Fr. Aleixo Cotrim da Ordem Milit. de Christo.

E Em o sumptuoso Convento de Thomar, Cabeça da insigne Militar Ordem de Christo, pagou o devido, e inexcusavel feudo à morte, o Padre Fr. Aleixo Cotrim, Religioso de tantas virtudes, que naõ em huma, mas em todas resplandecia com igual emulaçaõ: viase-lhe na obediencia aos Prelados, junta com voluntaria pobreza; na prudencia dos governos da Religiaõ; na humildade, com que nelles se portava. Todos os dias dizia Missa, com grande devoçaõ, e recolhimento, tomando por idéa da perfeiçaõ no celebrar, ao Angelico Doutor Santo Thomás. Era observantissimo das leys, e ceremonias da Ordem, e naõ menos da Terceira Regra de Saõ Francisco, que de idade de treze annos começou a guardar com tanta pontualidade, como se fora preceito, e naõ devoçaõ. Foy por varias vezes Mestre dos Noviços, os quaes ensinava, mais com obras, e bom exemplo, do que com palavras; e assim foraõ admiraveis os frutos, que da sua criaçaõ colheraõ seus discipulos. Amava sobre tudo o recolhimento, e silencio; e assim nunca o viaõ fóra da cella, senaõ caminhando para o Coro, ou Confessionario, em que fez a Deos grandes serviços; como tambem com os seus Sermões, prégando com zelo da salvaçaõ das almas, à maneira dos Padres da primitiva Igreja, em que se naõ cuidava no concerto da locuçaõ, nem no applauso do povo, senaõ sómente em reprehender os vicios, e instruir na Religiaõ. Era de huma pura consciencia, que acompanhou de duras penitencias, andando de ordinario cingido de asperos cilicios, jejuando quasi todo o anno, e na semana tres dias a paõ, e agua. Naõ bebia vinho, e obrigado dos Prelados, satisfez obedecendo, usando delle alguns dias com grande sobriedade. Finalmente attenuado das penitencias, e do serviço da Ordem, cahio enfermo de humas sezões, e

per-

preparando-se com grande cuidado, recebidos os Sacramentos com profunda devoçaõ, trocou este desterro, pelas dilicias da Patria Celestial, que Deos tem preparado desde o principio do Mundo aos seus escolhidos.

Commentario ao X. de Julho.

A Cidade de Cesaréa Mauritana, cujo primeiro nome foy Jol, e depois em lisonja de Cesar, se chamou Julia Cesaréa, foy Cidade Archiepiscopal, e Metropoli de toda a Mauritania Cesariense: fica na borda do mar, em 17 gráos de longitude, e 33, e 20 minutos de latitude: he opulenta pelas prezas de seus habitadores, que continuamente infestaõ os mares de Hespanha, e Italia. Alguns Authores entenderaõ, que esta Cidade era a que hoje chamamos Argel, como foy D. Luiz de Marmol, na *Historia de Africa*, cap. 50. tom. 2. fol. 215, o que seguio Tamayo. Porém nós entendemos ser outra muito differente, naõ menos, que com a authoridade de Nicolao Sanson, que na sua *Descripçaõ de Africa*, diz, que Julia Cesaréa, he Tenesa, ou Tenes, o que tambem segue Baudran, no *Lexicon Geografico*; e consultando nós sobre esta materia a Manoel Pimentel, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e Cosmografo môr deste Reyno, e Senhorios de Portugal, insigne professor das Geografias, e Mathematicas, e hum dos mais elevados engenhos do nosso tempo, naõ só nesta sciencia, mas em huma universal erudiçaõ, em que he eminente, nos confirmou nesta opiniaõ, de que he Tenesa, na boca do mar Mediterraneo, Cidade do Reyno de Argel, à qual dá nome à Provincia Tenesa, e dista de Argel 125 milhas para o Occidente, e 90 de Oran. Ultimamente vimos Martiniere, no seu grande *Diccionario Geografico*, Tomo III. onde segue o mesmo.

Nesta Cidade, padeceo martyrio neste dia, no anno de 362, na cruel persecuçaõ do Apostata Juliano, Saõ Marino, nosso compatriota, nascido na Cidade de Lisboa, muy differente de outro Santo Martyr do mesmo nome, que padeceo em Cesaréa de Palestina, em tempo de Galieno, como já deixou provado D. Joaõ Tamayo, no II. Tomo a 3 de Março, letra B; Argaiz, no I. Tomo da *Poblacion de Hespanha*, part. 2. fol. 216, diz, que a elle se lhe deve, descobrirlhe Patria a Segovia, ajudando-se do seu Auberto, e como já temos dito, que a este, e semelhantes Authores do Padre Argaiz, naõ damos credito, nem elle o merece, pelas innumeravéis fabulas, que ajuntou. Que seja nosso Portuguez, além de o affirmarem graves Authores, assim Portuguezes, como Hespanhoes, se prova com haver na Cidade de Lisboa Familia de Marinhos, taõ antiga, como se vê de huma pedra do tempo dos Romanos, que ainda hoje se conserva de traz da Igreja Parochial de Santiago, a qual refere o Illustrissimo Cunha, na Introducçaõ, à *Historia Ecclesiastica de Lisboa*.

D. D.
L. Gaulio. L. F.
GAL. MARINO
AEDILI
VIBIA MAXIMA
AVIA ET
MARIA PROCUL
MATER HONOR
CONTENTÆ
D. S. P.

A sua traducçaõ, conforme o referido Author, he a seguinte. Deu esta dadiva a Lucio Caulio Galerio Marino Almotacé, seu filho Lucio, e sua avó Vibia Maxima, e sua mãy Maria Procula, contentes com as honras, que tinhaõ: foy feita à sua custa. No *Nobiliario do Conde D. Pedro*, tit. 73. §. 1, achamos a Familia de Marinhos; o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, diz, que he muy provavel, que esta Familia descendesse da Romana, e assim o entendem alguns Genealogistas de outras muitas, de que se ignora o principio, e naõ a antiguidade; e nesta conformidade, naõ o duvidamos:

damos: e naõ deixa de corroborar esta nossa opiniaõ, o que refere Tamayo neste dia, allegando ao Bispo D. Pedro Seguino, de quem fazemos mençaõ a 9 deste mez, nas adições a Servando Bispo de Orense, fallando dos Marinhos de Galiza: *Marinos estos descenden de C. Mario, Governador de Galiza, tienen su Solar en la Isla de Salvora, y tierra de Goyas.* Bem poderia ser huma, e outra a mesma, pela facilidade, com que os Portuguezes casavaõ com os Galegos, como sabem os que tem liçaõ de Familias, esta taõ illustre nos tempos antigos, hoje taõ extincta, que della apenas se conservaõ estas confuzas memorias da sua nobreza. Do nosso Santo Martyr Marinho, fazem mençaõ, o *Martyrologio Romano*; Beda; Usuardo; Ado; e Baronio; o Hispanico de Tamayo; o Portuguez do Padre Alvaro Lobo; Boschen, *el Triunfo de los Santos*, e outros neste dia. O Douto André de Rezende, em huma Elegia m.s. que escreveo de alguns Santos Lusitanos, se lembra do nosso com estes versos.

Addere nunc libet his, quem olim dixere Marinum
Civem Ulyssiponensem, cui quoque verbera Maurus
Impegit solensis atrox; quem Numina nobis
Commendant, vibrante ferox Apostata cultro
Adversus Christi asseclas, quos perdere jurat.

O Padre Joaõ Bautista Solero, no Tomo III. de Junho da sua Obra: *Acta Sanctorum*, pag. 32, naõ convém, que Saõ Marino seja nosso Cidadaõ de Lisboa, imaginando que a inscripçaõ, de que faz mençaõ Tamayo, seja tirada dos Sectarios Dextrarianos, no que se enganou; porque a pedra, de que acima fizemos mençaõ, existe ainda hoje na Igreja Parochial de Santiago, à vista de todos, onde muitas vezes a vimos.

B A cruel perseguiçaõ, que o demonio levantou no Japaõ, sendo Emperador Daifusama, encheo o Ceo de Martyres, e nos illustra o Agiologio tantas vezes, com a memoria daquellas bemaventuradas almas, entre as quaes he numerada a de Thomé, e Gonçalo, que padeceraõ martyrio no anno de 1624; de que se lembra Cardim, no *Catalogo dos mortos pela Fé*, fol. 294.

C Era Sor Elvira da Cruz, filha de D. Violante Henriques, e de D. Martinho, a quem nas *Chronicas da Ordem de Saõ Domingos*, naõ daõ appellido, por se perder a memoria (notavel descuido, privar huma Familia Illustre de huma taõ gloriosa descendente!) Porém nós persuadidos do nome, entendemos poder ser filha de D. Martinho Soares de Alarcaõ, Alcaide mór de Torres Vedras, e de sua mulher D. Violante Coutinho, a quem alguns Nobiliarios deraõ o appellido de Henriques, tal vez persuadidos, de que tomaria o nome inteiro de sua avó D. Violante Henriques, segunda mulher de Fernaõ Martins Mascarenhas, Senhor de Lavre, e Capitaõ dos Ginetes, de quem foy filho D. Joaõ Mascarenhas, que casou com D. Margarida Coutinho, que foraõ pays de D. Violante, mulher de D. Martinho Soares de Alarcaõ, de quem conjecturamos ser Sor Elvira filha, e fundados em que este nome o vemos repetido nesta Casa; porque sua visavó, mulher de D. Martinho Soares de Alarcaõ, se chamava D. Elvira de Mendoça, o mesmo nome teve sua tia, irmãa de seu pay, mulher de D. Fernaõ Martins Mascarenhas, de quem se faz mençaõ no Agiologio a 10 de Fevereiro, recolhida neste Mosteiro, onde está enterrada: nelle mesmo houve Sor Elvira da Annunciaçaõ, de quem trataremos a 26 de Outubro, que era sua prima com irmãa, supposta a nossa conjectura, a qual ajuda a computaçaõ do tempo, por ser o mesmo, em que viveo Sor Elvira da Cruz, cuja morte foy pelos annos de 1514, no Reynado delRey D. Joaõ o III. a quem serviraõ estes Fidalgos. Nem nos faz embaraço, para deixarmos de seguir o referido, o naõ acharmos nomeada a Sor Elvira da Cruz, nos filhos que teve seu pay, nas Relações Genealogicas da Casa dos Marquezes do Torcifal, que escreveo D. Antonio Soares de Alarcaõ, liv. 4. cap. 3; porque este descuido experimentamos de ordinario nos Nobiliarios, para com os que seguiraõ a vida Religiosa, e no mesmo Author; pois numerando os nomes das mais irmãas de Sor Elvira

da Annunciaçaõ, lhe naõ soube o seu, nem o de duas irmãas mais, Freiras no mesmo Mosteiro, sendo todas filhas de D. Vasco Mascarenhas, e de D. Maria de Mendoça. Da nossa Sor Elvira, faz mençaõ o Padre Fr. Luiz de Sousa, na II. Parte da *Historia de Saõ Domingos*, liv. 6. cap. 20, e M. de Vienne, Terceiro de Saõ Domingos, no livro intitulado: *Année Dominicaine*, neste dia, de que muitas vezes nos havemos de servir no discurso desta Obra.

D Fr. Jorge dos Santos, natural de Alcobaça, tomou o Habito naquelle Real Mosteiro, no anno de 1578; nelle foy Cantor môr, em cujo officio trabalhou muito, e fez huma Collecta, e alguns livros pela sua maõ. Sendo Secretario do Doutor Fr. Lourenço do Espirito Santo, entaõ Geral da Ordem neste Reyno, fez hum Summario dos milagres das Santas Rainhas Theresa, e Sancha, do qual faz mençaõ o Doutor Fr. Antonio Brandaõ, na IV. Parte da *Monarch. Lusitan.* liv. 15. cap. 10, em ordem à sua Beatificaçaõ, a qual vimos em nossos dias declarada pelo Papa Clemente XI. como diremos em seu lugar. A virtude, e observancia deste perfeito Monge o elevaraõ ao primeiro lugar daquella esclarecida Religiaõ, que attendendo mais à virtude, do que às letras, o elegeraõ em Geral, no anno de 1612, como diz o livro II. dos *Obitos* de Alcobaça, num. 14, donde tiramos o referido.

E Professou a Religiaõ Militar de Christo, no Convento de Thomar, o Padre Aleixo Cotrim, no anno de 1613. Era sua Patria o Lugar de Ribalvia, no termo de Dornes, tres legoas da Villa de Thomar. Foraõ seus pays Francisco Cotrim, e Maria Mendes, pessoas principaes daquelle Lugar, e de costumes louvaveis. Desde que entrou na Religiaõ, começou a exercitarse em mortificações, e virtudes, sem que por isso deixasse a obrigaçaõ dos estudos; e assim sahio das escolas bom Letrado. Por muitos annos ensinou latim no Seminario do Convento, de que deitou muitos bons discipulos, tanto nas humanas letras, como na virtude. Era taõ elevado o conceito, que naquella Casa tinhaõ da sua virtude, que havia hum Religioso, que todas as vezes, que ouvia tempestade de trovoens, e relampagos, se acolhia à porta da sua cella, e alli permanecia encostado, em quanto durava a trovoada, julgando-se por isento dos rayos naquelle asylo da virtude. Faleceo Fr. Aleixo neste dia, do anno de 1648, tendo sessenta annos de idade. O referido tiramos das Memorias, que da Ordem temos, e alcançamos, pelo cuidado do Reverendissimo Padre Fr. Ricardo de Mello, entaõ Procurador Geral da Ordem, e depois seu dignissimo D. Prior Geral.

JULHO XI.

Saõ Bento Eremita.

A Unto a Ponte de Lima, na Freguesia de Saõ Mamede, a Festa de Saõ Bento Eremita, celebre em milagres, e por isso venerado com especial culto de todos os póvos visinhos, que com grande concurso o buscaõ Patrono nas suas adversidades.

Fr. Pedro da Carnota Franciscano.

B Em o Convento de Santo Antonio de Ponte de Lima, o ditoso fim de Fr. Pedro da Carnota Franciscano, de humildade taõ extrema, que sendo Ministro Provincial, deixou das suas obras gloriosos documentos aos seus successores. Visitou a pé a Provincia, sem mais prevençaõ do que a Divina Providencia. Em chegando à povoaçaõ, senaõ achava Conven-

to

to da Ordem, aonde ſe recolheſſe, de porta, em porta mendigava o preciſo, para ſe refazer do trabalho da jornada, naõ tirou do ſeu officio mais emolumento, do que canſaço, e fadiga. Quando entrava em algum Convento ſeu, ordenava por obediencia ao Porteiro, que naõ déſſe conta da ſua vinda, e recolhendo-ſe a huma pobre cella a gozar a ſatisfaçaõ do ſeu eſpirito, ſe dava por taõ contente, como ſe lograſſe todos os applauſos, que a vaidade taõ eſcandaloſamente introduzio nas Religioens. Era taõ obſervante, que ſe conta delle, que nunca faltou no Coro, e menos a Matinas, ſem que o canſaço do máo trato do caminho, e do rigor do tempo o diſpenſaſſe. Acabado o Governo, ſe retirou ao Convento da Inſua, em que ſe exercitou em todo o genero de humildade, rendendo a Deos graças de o livrar do governo da Religiaõ, e poder livremente darſe de todo à contemplaçaõ. Seguia a Communidade, ſendo auſtéro nos jejuns, e frequente no ſerviço do Convento, ajuntando a eſtas obrigaçôes voluntarios exercicios, em que recreava o ſeu eſpirito com rigoroſas penitencias; todas eſtas virtudes fundava em heroica humildade, empregando-ſe muitas vezes em cavar a terra deſcalço, e plantar na horta. Daqui o tirou a ſanta obediencia, para Guardiaõ de Ponte de Lima, onde o achou o Senhor, para lhe dar o premio, que pelo ſeu trabalho tinha merecido.

D. Athanaſio Conego Regular.

C No Real Convento de Saõ Vicente, a memoria de D. Athanaſio, Sacerdote, da eſclarecida Congregaçaõ dos Conegos Regrantes de Santo Agoſtinho, Varaõ de ſingular obſervancia, e edificaçaõ, pelo que mereceo ſer honrado nas Memorias daquella Caſa por Santo Religioſo.

Frey Diogo de Lemos, e Fr. Fernando Apparicio Domin.

D Neſte dia, dous Religioſos Dominicos foraõ gozar da Eternidade; mas de diverſos Conventos. Do de Bemfica Fr. Diogo de Lemos, Doutor na Santa Theologia, Varaõ de abalizada virtude, que mereceo ficarlhe impreſſo nas mãos o cheiro dos oſſos de Fr. Arnao; porque ſó o cheiro dos Santos ſe coſtuma unir em mãos, que o merecem pela pureza da ſantidade. Em o de Aveiro Fr. Fernando Apparicio, conhecido entre os ſeus, por huma alma pura; e aſſim o occuparaõ por muito tempo os Prelados em Confeſſor do obſervante Moſteiro de Jesus de Aveiro, e em Prelaſias, que exercitou com obſervancia da Regra de ſeu Padre Saõ Domingos.

Q ii Teve

Teve grande desprezo do Mundo, que largou com os bens, que nelle tinha, e com aborrecimento, ainda da nobreza do seu nascimento, se recolheo à Religiaõ, em que perseverou com profunda humildade, e vida penitente, sendo dotado de hum maravilhoso dom de contemplaçaõ.

Dona Anna de Aragaõ Francisc.

E Em o Mosteiro de Santa Clara de Evora, a Madre D. Anna de Aragaõ, de taõ sincéro animo, que mereceo por elle particulares favores do Ceo. A conversaõ das almas foy hum dos seus mayores cuidados, desejando, que todas as nações do Mundo conhecessem, e adorassem ao Verdadeiro Deos. Dizia, que tomara converter as areas do mar, e tudo quanto havia inanimado, em creaturas racionaes, que louvassem ao seu Creador. Deste abrazado espirito nascia pedir com sincéro coraçaõ a Deos, reduzisse naquelle dia hum certo numero de creaturas à luz da Fé, e esta petiçaõ repetia todos os dias; e he de crer, que correspondesse o Senhor a taõ devota supplica. Era muy dada à contemplaçaõ, em que gastava muito tempo, e taõ elevada na grandeza do Altissimo, que bastava huma flor para a suspender, e arrebatar. Aos pés das arvores a achavaõ de ordinario, com as mãos, e olhos no Ceo, taõ extatica, que naõ via as mais Religiosas, que passavaõ. O mesmo lhe succedia todas as semanas, em que no Claustro rezava o Officio da Immaculada Conceiçaõ de Nossa Senhora, em o dia que naquelle anno tinha sido a sua celebridade. Deste Mysterio foy muy devota, e da Santissima Trindade, a quem todos os dias rezava as Vesperas; e elevada em jubilos a sua alma, gastava em contemplaçaõ largo tempo nos ineffaveis segredos deste sacrosanto Mysterio. Naõ soube conversar senaõ em Deos; e sendo dotada de discriçaõ, toda empregava em praticas espirituaes, que fazia mais devotas com lagrimas, e suspiros, com que engrandecia a Soberana Omnipotencia; de maneira, que, ou cantasse, ou chorasse, tudo se dirigia ao Creador; porque o seu abrazado espirito vivia em continua saudade do Divino Esposo. Da pobreza teve grande compaixaõ, desejando possuîr os thesouros do Mundo, para remediar os necessitados. Tudo quanto adqueria entregava aos pobres; e houve occasioens, que sómente lhe ficou a decencia exterior do Habito, pois até os vestidos interiores lhe deu. Era muy abstinente, e nascia a sua mor-

mortificaçaõ, para ter mais que dar aos pobres. A' noite ſentia naõ poder repartir com elles da cea. Hum dia ſe vio taõ fraca, que pedindo hum bocado de paõ a huma ſobrinha, lhe diſſe, que o naõ havia, e ella com roſto alegre, ſe foy a hum armario da cella, onde a Divina Providencia lhe poz hum paõ, e eſte como milagroſo repartio por as Religioſas. Occupou muitas vezes o officio de Porteira, em que a ſua ardente charidade deixava ver a piedade do ſeu animo; porque aos meninos enſinava a Doutrina Chriſtãa, e depois lhes dava eſmola. Finalmente cheya de annos, rica de boas obras, e gaſtada das penitencias, pois a ſua cama ſó era ornato; porque ſobre humas taboas tomava o preciſo deſcanço; predizendo o dia da ſua feliz morte, ſubio à Eternidade, como piamente cremos.

Sor Magdalena da Sylva Dom.

F Item no Moſteiro da Roſa de Lisboa, da Familia Dominicana, a Madre Sor Magdalena da Sylva, de taõ auſtéra penitencia, que continuamente affligia o delicado corpo com rigoroſas diſciplinas, de que uſava todas as vezes, que ſe achava ſó. Aſſim como via, que hum quintal, que eſtava cheyo de ortigas, e bem creſcidas, e capazes de moleſtar, ſe deſpia, e lançava ſobre ellas, voltando-ſe muitas vezes com grande fervor de eſpirito. Na ultima enfermidade, de que morreo, tendo já feito termos para eſpirar, lhe eſtavaõ lendo a Paixaõ de Chriſto, e chegando ao Paſſo da bofetada, levantou a maõ já ſem vigor, e a deixou cair ſobre o roſto, com tal modo, que moſtrava ter forças para vingar na ſua peſſoa as injurias do Salvador do Mundo.

Sor Eſcolaſtica de Santa Maria, Agoſt. Deſcalç.

G Em o Moſteiro de Santo Agoſtinho, extra muros da Cidade de Lisboa, a ſaudoſa memoria da Madre Sor Eſcolaſtica de Santa Maria, por ſer hum exemplar vivo da paciencia, e reſignaçaõ na vontade Divina, ſoffrendo habituaes achaques, como ſatisfaçaõ das ſuas culpas; e ainda que lhe faltava a ſaude, nem por iſſo ſe diſpenſou da obſervancia, tirando da meſma debilidade forças, para exercer as obrigações da Religiaõ, em que foy pontual, moſtrando obediencia, e humildade em todas as acções da ſua vida. Chegouſe-lhe o tempo da morte, originada de huma chaga, que ſe lhe abrio no peito, com que deu novas moſtras da ſua conſtancia, e à Communidade huma geral edificaçaõ, vendo-a taõ reſignada nas mãos de Deos, pondo na ſua Miſericordia todas as ſuas eſperanças.

Que-

Queria o demonio perturbar o seu animo com o medo da morte, o que venceo com resoluçaõ, e já livre destas tibiezas, e confortada com os Sacramentos, se despedio das suas amadas companheiras, e entregou a alma nas mãos do Esposo, que a esperava, adornada de virtudes.

Commentario ao XI. de Julho.

A DA Ermida de Saõ Bento, junto a Ponte de Lima, se lembra o Author da *Corografia Portugueza*, tom. 1. trat. 3. cap. 2. Nella se diz estar sepultado o corpo de Saõ Bento, que nestes povos circumvisinhos seguira a vida solitaria, e se entende ser nosso Portuguez, e como tal he venerado pela tradiçaõ daquelles povos, por ser admiravel em milagres. Saõ muy curtas as memorias, que achamos suas, e só sabemos, que com seus dous companheiros Udon, e Gansem, seguiraõ a vida Eremitica, livres do commercio das gentes, e dados sómente ao do Ceo. O Padre Vasconcellos, *in Descrip. Regn.* fol. 524, com estas breves palavras, faz delles lembrança: *Vitam à quovis hominum consortio avulsam illustrarunt in hoc Regno tres admodum abstrusi Eremitæ, Sancti Benedictus, Omudonius, & Gansenius.* O tempo, em que viveo Saõ Bento, naõ podemos averiguar; se houvermos de dar credito a Juliano Arcipreste, o poriamos pelos annos de 800, da Redempçaõ; mas he certo, que o mais a que nos pegamos he a immemoriavel tradiçaõ de o festejarem neste dia. Naõ sabemos se por equivocaçaõ de ser o da Festa da Trasladaçaõ do Santo Patriarca, ou por outro algum motivo; o que podemos affirmar por certo, que nas nossas Historias, achamos no nosso Reyno muitos Santos, que seguiraõ a vida Eremitica, para na solidaõ se darem a Deos, de que nesta Obra temos muitos exemplos, sem outra regra mais, que a que segue a direcçaõ dos solitarios, e naõ a de Santo Agostinho, como pertende Purificaçaõ, na *Chronica dos Eremitas*, part. 1. liv. 3. trat. 5. §. 8, onde faz mençaõ deste Santo, como tambem na *Chronologia Monastica*, neste dia.

B No termo de Alanquer, nasceo Fr. Pedro da Carnota, nas visinhanças do Convento de Saõ Francisco, da Observancia, que chamaõ da Carnota, que lhe deu o appellido. Morreo no anno de 1571, sendo Guardiaõ do de Ponte de Lima, e foy sepultado com respeito de virtuoso, fóra do Cemeterio commum, na Via Sacra, dispensando os Prelados, em que tivesse Epitafio, contra o costume da Religiaõ, e foy elle taõ breve, que sómente parece sinal do lugar em que jaz, pois diz: *O Padre Carnota*, querendo que o seu appellido, fosse o Elogio, pois por elle foy conhecido, e venerado em vida; e eternamente o será na memoria da sua Provincia. Delle faz honorifica mençaõ o Padre Fr. Fernando da Soledade, na III. Parte da *Historia de Saõ Francisco*, liv. 4. cap. 4; Gonzaga, na III. Parte; Barrezo, IV. Parte *Chron. Min.* liv. 7. cap. 35. ad an. 1580; Rapineo, *in Histor. Gen.* decad. 8. part. 1. §. 12; Wandingo, tom. 7. ad an. 1580. §. 17; Artur, no *Martyrologio Franciscano*, neste dia; D. Rodrigo da Cunha, na II. Parte da *Historia Ecclesiastica de Braga*, cap. 63. fol. 222.

C Naõ temos mais noticias deste Religioso, do que a que nos dá D. Marcos da Cruz, no *Catalogo dos Priores de Saõ Vicente*, fol. 203. vers. m. s. em que entende morrer no anno de 1549.

D Fr. Diogo de Lemos, foy Varaõ Santo, e Douto, delle temos impresso huma vida de Saõ Domingos, no anno 1525, que illustrou com doutrinas, e conceitos, e dedicou a Madre D. Joanna da Sylva, primeira Prioressa da Annunciada, e sua Fundadora, que à sua instancia escreveo, e o mandou imprimir a Rainha D. Leonor, terceira mulher do felicissimo Rey D. Manoel, filha de Filippe I. Rey de Castella; delle faz mençaõ, a *Historia de Saõ Domingos*, de Sousa, part. 2. cap. 11; e o *Anno Dominico em Francez*, neste dia.

Fr.

Fr. Fernando Apparicio floreceo pelos annos de 1612, na Religiaõ de Saõ Domingos, de que ſe lembraõ os allegados Authores, no *Anno Dominico*; e na II. Parte da *Chronica*, cap. 13. fol. 143.

E D. Anna de Aragaõ, era filha de D. Jorge Manoel, Commendador de Saõ Vicente da Beira, na Ordem de Chriſto, que ſe perdeo vindo da India; e de ſua mulher D. Leonor de Brito, filha de Gaſpar de Brito, Fidalgo de eſclarecido naſcimento; e tendo parentes taõ Illuſtres, e ricos, que a podiaõ facilmente remediar, obſervou ſempre huma voluntaria pobreza; e ſempre Deos lhe acodio, para ſoccorrer aos pobres neceſſitados. Teve huma irmãa, Freira no Moſteiro das Capuchas de Setuval, que lhe coſtumava mandar os oculos de que uſava; e como eſta morreſſe, e ſe lhe quebraſſem os ultimos, e pela ſua grande idade parecia naõ podia deixar de uſar delles, recorreo a Deos, dizendo, que já, que lhe levara, quem lhe ſuppria com os oculos a viſta, foſſe ſervido reſtituirlha; e maravilhoſamente conſeguio eſta graça, alcançando perfeita viſta, que por idade já decrepita tinha perdido. Morreo no anno de 1640, tendo de idade mais de cem annos, conforme as *Memorias* m. ſ. que temos deſte Moſteiro; e os *Nobiliarios deſte Reyno*, em titulo de Manoeis.

F Huma das mais Illuſtres Religioſas, que ornaraõ os Clauſtros do Moſteiro da Roſa, foy D. Magdalena da Sylva, da preclara, e antiga Familia de ſeu appellido, por ſer filha de Ruy Pereira da Sylva, Guarda mór do Principe D. Joaõ, filho delRey D. Joaõ III. Eſte officio teve com as meſmas preeminencias, que tinha o Camereiro mór; foy Alcaide mór de Sylves; e de ſua mulher D. Iſabel Coutinho da Sylva. Era neta de Joaõ da Sylva, Senhor de Vagos, Regedor das Juſtiças, lugar, que ſervio mais de 40 annos, com grande prudencia, e muy eſtimado dos Reys D. Manoel, e D. Joaõ III. que veneraraõ as ſuas cans, e o ſeu conſelho. Chegou a ver em ſetenta, e cinco annos de idade dezoito netos. Caſou com D. Joanna de Caſtro, filha de D. Diogo Pereira, II. Conde da Feira. E ſendo D. Magdalena da Sylva, taõ Illuſtre, o foy mais pela ſantidade, pois ſoube com penitencias, e humildade, fazer mais celebre a ſua memoria, tendo por Eſpoſo a Jeſu Chriſto, de que foy a gozar pelos annos 1590, merecendo por ſua morte repartirem entre ſi as Religioſas a correa, com que andava cingida, como refere Souſa, na III. Parte da *Hiſtoria de Saõ Domingos*, liv. 2. cap. 5. fol. 105; Lima, no *Agiologio Domin.* Soveges, no *Anno Dominico*, ambos neſte dia; e os *Nobiliarios deſte Reyno*, em titulo de Sylvas.

G A Cidade de Coimbra foy Patria da Madre Eſcolaſtica de Santa Maria, filha de Gonçalo de Moraes da Serra, e D. Leonor de Souſa e Lara, peſſoas nobres, e principaes daquella Cidade. Naõ tinha mais, que ſeis annos, quando ficando ſem pay, a recolheo D. Leonor no Moſteiro de Santa Anna, na meſma Cidade, onde tinha outras irmãas. Eraõ grandes os deſejos, que tinha de ſer Religioſa, e ſe lhe difficultava a execuçaõ pelo dote, por ſerem muitos os irmãos. Neſte eſtado ſe achava, quando indo àquella Cidade o Padre Fr. Manoel da Conceiçaõ, Fundador da Refórma dos Deſcalços de Santo Agoſtinho, neſte Reyno; e fazendo algumas Praticas no Moſteiro, foy ella huma das que agradadas do ſeu eſpirito ſe confeſſou com o Padre, communicando-lhe a vocaçaõ, que tinha de ſer Religioſa, e como a naõ podia conſeguir; examinando-lhe o eſpirito o Padre compadecido, ſe obrigou a facilitar-lhe lugar naquelle Moſteiro, ou nas Agoſtinhas Deſcalças. Recuſou o primeiro, com vontade de abraçar vida mais auſtéra; e entrando neſte Moſteiro de dozanove annos, morreo no de 1708, neſte dia, tendo de idade 53, gaſtados no ſerviço de Deos. Conſta das *Memorias*, que temos deſte Moſteiro já allegadas.

JULHO XII.

S. Proculo, e Hylariaõ MM.

A M Serpa, Villa da Provincia de Alentejo, o celebre Martyrio dos Santos Proculo, e Hilariaõ seu sobrinho, o qual elle ensinou, e instruîo nos Mysterios da Fé, no tempo, que a Igreja Catholica respirava das perseguições dos tyrannos; e desta sorte crescia nas Hespanhas a verdade do Evangelho, até, que com novas persecuções, em tempo do Emperador Trajano, começaraõ a sentir novas tyrannias. Era Presidente Marco Aurelio Maximo, fiel observador dos Edictos do Emperador, e por isso mandou prender a Saõ Proculo, e com brandas palavras, e apparentes razões, pertendeo tirar do coraçaõ ao constante Proculo a Ley de Jesu Christo, que publicamente confessara na sua presença, pelo que o mandou cruelmente açoutar; e vendo, que com santo valor resistia à sua determinaçaõ, lhe mandou queimar os hombros, e o ventre com tochas acezas, para com fogo lento vencer o seu animo; mas entre as acerbas dores presistia a constancia do Santo Martyr em louvores Divinos; e depois o mandou pendurar com huma pedra aos pés, e fazer o seu corpo alvo de chuveiros de settas, com que lhe mandou atirar, entre as quaes voou mais ligeira a sua bemdita alma ao Ceo. Com a morte de Saõ Proculo, seu sobrinho Hilariaõ publicamente confessou, que era Christaõ, confirmando desta sorte a doutrina, que recebera do tio, e appresentado diante do Tyranno, em cuja presença ratificou a confissaõ, que tinha feito do Nome de Jesu Christo, pelo que foy barbaramente açoutado; e depois de diversos generos de Martyrio, foy finalmente degolado, subindo a lograr com seu tio as eternas palmas do Martyrio.

Santa Marciana V. M.

B Na Cidade de Toledo, Santa Marciana Virgem Martyr, huma das nove irmãas, nascidas de hum parto, filhas de Attilio Severo, Regulo Bracharense, Presidente dos Romanos em Galiza; e de sua mulher Calcia, a qual se apartou de suas irmãas na persecuçaõ, que aos Christãos fazia o dominio Romano, e passou à Provincia Carpentana, e foy parar à Cidade

dade de Toledo, onde refidio em vida Angelica, empregada toda em amor de Deos, como fiel efpofa de Chrifto; pelo que foy acufada, e levada diante do Prefidente; e vendo fobre huma fonte o Idolo de Diana, que adoravaõ todos os que hiaõ a bufcar agua, e naõ lhe fofrendo o coraçaõ ver a cegueira daquella idolatria, invocou o Nome de JESU, e com efpanto dos barbaros Gentios, infperadamente à fua vifta cahio por terra o Idolo. A' vifta defte prodigio fe embraveceo o Prefidente de forte, que a mandou açoutar taõ fevera, e cruelmente, que defpedaçado o delicado corpo com os golpes, efteve exhalando o efpirito, quando a mandou recolher no carcere; e mandando-a voltar à fua prefença, a vio o Prefidente fem lefaõ, ou final algum, e taõ fermofa, como fenaõ tivera paffado pelos effeitos da fua tyrannia. Entaõ ordenou, que expofta em hum lugar publico, foffe efcarnecida por hum gladiador, que atrevido intentou de noite lafcivamente manchar a virginal pureza da Santa Donzella, que milagrofamente lhe confervou o Divino Efpofo, mediando com huma parede a mefma cafa, com que feparou o lafcivo mancebo da cafta Virgem, onde depois foy achada intacta, com efpanto de outros torpes homens, que para o mefmo lafcivo fim a bufcavaõ. Chegou à noticia do Prefidente efte maravilhofo cafo; e quando o prodigio devera abrandar o coraçaõ, fe encheo de mayor colera, mandando, que levada ao Amphiteatro, fe lhe lançaffem beftas féras; e largando-lhe hum leaõ, naõ foy Deos fervido, que lhe fizeffe damno; antes para mayor confufaõ dos circunftantes, com demonftrações de rendimentos, e affagos de animal domeftico, fe lhe lançou aos pés; e quando podera fer vencida a cegueira, com a luz da Graça, fe obftinou mais a perfidia: e affim por confelho de hum Judeo chamado Budario, fe lhe lançou hum touro bravo, que ferindo-a nos peitos, deu o feu efpirito a Deos, que logo quiz acreditar a gloria da Inclita Virgem, e Martyr, dando a Budario a recompenfa do preverfo confelho, com claro evidente caftigo da Divina Juftiça, fendo no mefmo tempo queimada a fua cafa, perecendo no incendio, naõ fó o infelice confelheiro, mas toda a fua familia; fendo depois efte lugar hum irrefragavel teftemunho da vingança do Ceo; porque pertendendo por algumas vezes reedificar as cafas os parentes

R de

de Budario, o naõ poderaõ conseguir; porque lhe cahiaõ as paredes por terra, naõ sem ruina dos fabricadores; acreditando Deos com estas maravilhas a gloria da sua Esposa.

Frey Desiderio Cisterciense.

C No Real, e sumptuoso Convento de Santa Maria de Alcobaça da Familia Cisterciense, acabou em paz Fr. Desiderio, Irmaõ Converso, e companheiro dos primitivos Monges, que vieraõ a este Reyno, do Mosteiro de Claraval, onde foy recebido à Ordem, depois de ter desprezado o applauso, que tinha conseguido na vida de Soldado, em que procedeo com valor; e aggregado à milicia Celeste da Religiaõ, vestido com a Cogûlla de Saõ Bernardo, começou a combater o Ceo, affligindo o seu corpo com açoutes, vigilias, e jejuns, exercitando-se em todo o genero de piedade, com grande fervor de seu espirito; e sendo mandado pela Obediencia a Portugal para a Fundaçaõ de Alcobaça, trabalhou no material edificio com grande diligencia, e cuidado, naõ se esquecendo porém dos exercicios virtuosos, em que de continuo se empregava; pelo que mereceo ser recreado com celestiaes favores, resplandecendo com milagres. Em huma occasiaõ andando occupado nas obras da quem do Rio, por ser vespera de Nossa Senhora, se inflammou no desejo de assistir no Coro às Vesperas no Convento, que entaõ tinhaõ, e por ser grande a chea, naõ era possivel passar; o que vendo o bom Religioso, cheyo de Fé, fez o sinal da Cruz, e encommendando-se a Deos de todo o coraçaõ lançou a capa no rio, que servindo-lhe de batel, o transferio à outra parte, sem que a sua pessoa, ou capa mostrasse sinal de agua. Esta maravilhosa, e feliz navegaçaõ repetio outras vezes a sua Fé com o mesmo effeito, até que cheyo de merecimentos, acreditados de maravilhas, dormio em o Senhor.

Fr. Francisco de Lamego Arrabido

D No Hospital Real de Lisboa, acabou o curso da vida mortal, para gozar a eterna, Fr. Francisco de Lamego, Frade Leigo da Provincia da Arrabida, e dos primeiros, que na Custodia tomaraõ o Habito, donde se póde colligir, que devia de ser de costumes, e vida digna de taõ santos companheiros, como foraõ os seus primeiros Fundadores. Foy de taõ extremada pobreza, que estando doente na Enfermaria, depois de recebidos os Sacramentos com grande devoçaõ, como quem esperava nelles conseguir o premio da Gloria, se inquietou,

quietou de ſorte, com tal ancia, que turbados os Frades, que lhe aſſiſtiaõ, lhe perguntaraõ, que couſa era a que tanto o affligia; a que com lagrimas, e ſuſpiros, reſpondeo: que era o motivo ſer quebrantador da ſanta pobreza, occultando huma agulha, cuja culpa naõ tinha confeſſado, e com grande ſubmiſſaõ pedio lha foſſem buſcar, e entregando-a ao Prelado, como inſtrumento do ſeu delicto, confeſſou arrependido publicamente a ſua culpa, de que pedio abſolviçaõ; com que quieto, e ſocegado, rendeo a Deos as graças, e entregou o eſpirito ao ſeu Creador, como piamente ſe póde crer.

Matthias Arak M.

E Item em Nangaſachi, Cidade do Japaõ, o felice certame de Matthias Arak, e oito Companheiros, que inſtruidos na Fé pelos Padres da Companhia de Jesu, de quem eraõ caſeiros, com valeroſa reſoluçaõ confeſſaraõ ſer Chriſtãos; pelo que foraõ cinco queimados; as mulheres, e Meninos degolados; e porque hum morreo no carcere, foy ſeu corpo queimado com os mais, deixando deſta ſorte glorioſa memoria do ſeu Martyrio.

Commentario ao XII. de Julho.

A SErpa, antiga Cidade da Betica, he hoje bem conhecida Villa, na Provincia de Alentejo, na Comarca de Beja, ſituada em huma eminencia em 12 gráos, e 30 minutos de longitude, e 37 de latitude, e 54 minutos, entre Moura ao Septentriaõ, e Mertola ao meyo dia, quatro legoas diſtante de cada huma, e naõ cinco, como diz Baudrand, no ſeu *Lexicon Geografico.* Saõ fertiliſſimos ſeus campos, por ſerem regados do celebre rio Guadiana, cujas margens ſe vem cubertas de diliciosos junquilhos, muita parte delles dobrados, taõ bons, e odoriferos, como os que eſtimamos tanto de Holanda. Diſta huma legoa da Villa, a qual para ſer mais freſca, he banhada com a ribeira chamada de Chouchou. Foy eſta Villa ganhada aos Mouros, pelo Invictiſſimo Rey D. Affonſo Henriques, no anno 1166, como prova o Chroniſta mór Fr. Antonio Brandaõ, com a Hiſtoria dos Godos, e o livro da Noa de Santa Cruz, na III. Parte da *Monarchia Luſit.* liv. 11. cap. 11; e naõ como diz Garibay, no *Compendio da Hiſtoria de Heſpanha*, liv. 34. cap. 121, onde affirma ſer conquiſtada por eſte Rey entre os annos de 1148, e 1155, ſendo ella ganhada onze annos depois. E ſuppoſto tornou ao dominio dos Arabes, ElRey D. Sancho II. a reſtaurou no anno de 1230; e porque os Caſtelhanos a tinhaõ uſurpado à Coroa de Portugal, ElRey D. Diniz a recuperou, no anno de 1295, por premio da campanha daquelle anno, ainda que por ajuſte, e ſe entregou ſeu Caſtello a Nuno Fernandes Cogominho, Almirante do Reyno, e grande valido do dito Rey, o qual lhe deu foral em Beja; como ſe vê na V. Parte da *Monarchia Luſitana*, liv. 17. cap. 27. Foy eſta Cidade fundada muitos annos antes da vinda de Noſſo Redemptor ao Mundo, já em tempo dos Romanos era conhecida pelo nome de Serpa, como ſe vê do Letreiro ſeguinte

D. M. S.
FABIA PRISCA SERPENSIS
C. R. AN. XX. H. S. E. S. T. T. L.
C. GEMINUS PRISCUS PATER.
ET FABIA CADILA MATER.
POSUERUNT.

Fabia Prisca Serpense Cidadoa Romana, de vinte annos, está aqui sepultada, seja-lhe a terra leve. Cayo Gemino Prisco seu pay, e Fabia Cadila sua mãy, lhe puzeraõ este monumento.

Foy cercada de muros antigos, que deviaõ ser feitos em tempo delRey D. Diniz, quando de novo a povoou, e lhe deu os fóros da Cidade de Evora, com cinco portas, as quaes lhe demoliraõ os Castelhanos, e ao seu Castello, no anno de 1708, em que a largaraõ, tendo-a ganhado por sitio, depois de huma porfiada defensa, no anno antecedente, a 26 de Mayo, com muy honradas capitulações, que elles logo quebraraõ com escandalo dos Militares. Foraõ Senhores desta Villa o Infante D. Fernando, filho delRey D. Affonso II. a quem chamaraõ *o de Serpa*; depois a possuío o Infante D. Luiz, filho delRey D. Manoel, e a teve o Senhor Infante D. Francisco, filho do Senhor Rey D. Pedro II. como possuidor da Casa do Infantado, que seu pay lhe deixou.

Desta Villa foraõ naturaes os esclarecidos Martyres Proculo, e Hilariaõ, cujas casas, em que nasceraõ, se conservaõ na tradiçaõ de seus moradores, no bairro do Castello velho, em casas terreas, e humildes. Naõ posso deixar de estranhar o pouco cuidado, e devoçaõ de seus naturaes; pois nem Imagens se vem suas naquella Villa, donde de razaõ lhe era devido dedicarem-lhe Templos, pois tanta honra recebem de os terem por Patricios. Galesino os leva à Grecia, de que já se queixou Tamayo, por ser sem fundamento, mais do que achar memoria destes Santos no *Menologio dos Gregos*, com honorifica mençaõ: *Eodem die Sanctorum Martyrum Proculi, & Hilarii. Primum S. Procul Trajano Imperatore comprehensus in judicio sistitur, fidemque apud Maximum Præfectum libere professus*, &c. no que se conforma com os nossos Martyrologios, em o tempo do Emperador, e do Juiz, e ainda no genero do Martyrio; porém callaõ, como costumaõ de ordinario, a parte em que padeceraõ. Que fosse em Serpa, nenhuma duvida se nos offerece; porque nolo affirma a constante tradiçaõ daquella Villa, sucessivamente conservada de pays a filhos, e entre gente sem estudo da Historia Ecclesiastica, como saõ os rusticos, que estaõ mostrando ainda hoje o lugar do martyrio dos Santos Proculo, e Hilariaõ, extra muros da Villa, junto à horta dos banhos; o que fizemos examinar, e nos consta de pessoa digna de todo o credito por sangue, e lugares, que se criou nesta Villa; e nolo affirmou, e mandou buscar documentos, com que segurasse a sua memoria. Que se naõ possa equivocar esta Villa com outra deste nome, nolo persuadem os Geografos antigos, e modernos, que trataõ da Villa de Serpa; como saõ Antonino Augusto, no seu *Itinerario*, a fol. 426, da impressaõ de Anvers 1735.

EBORÁM. M. p. XLIIII.
SERPAM. M. p. XIII.
FINES. M. p. XX.

E Christovaõ Cellario, *Notitia Orbis antiqui*, fol. 54: Ripa, *Bætica Anæ habet Serpam, & Aruci*; e faz memoria da pedra já acima referida, dizendo ser esta Villa, a que hoje conserva o nome de Serpa. Abrahaõ Ortelio, no seu *Thesouro Geografico*; e Baudrand, insigne Geografo, no seu *Lexicon*, fazem mençaõ da nossa Serpa; e desta sorte naõ póde causar duvida, o que escreve Fr. Francisco de Bivar, commentando o seu *Flavio Dextero*, quando diz: *Ad annum 308, Serpæ in Bætica florent Sancti Procul, & Hilarion, quos etiam Græci celebrant ob sanctitatis gloriam, qui sub Trajano Imperatore M. Aurelio Preside passi sunt.* Quer Bivar, que se lea em lugar de Serpa, *Sequia*, Lugar entre Cordova, e Alcalá: basta que agora creamos ao seu *Dextero*, nesta parte, que o poem na nossa Serpa, confirmando a nossa tradiçaõ; nem nos faz grande duvida, que o ponha na Betica, e hoje esteja na Lusitania; porque como fica nos confins de huma, e outra, naõ duvidamos tocaria à Provincia de Andaluzia, e o mesmo Cellario, no Mappa, que faz de Hespanha antiga, arrima na Betica a Villa de Serpa, ditosa Patria dos nossos Santos Martyres. Luitprando, fol. 465, dá com elles em Lugo, dizendo: *In Gallecia Civitate Luco Augusti memo-*

memoria Sanctorum Martyrum Proculi, & Hilarionis sub Trajano passorum, quorum Reliquiæ & acta alio translata dicuntur. A que acode o seu Commentador Argaiz, com a sua costumada facilidade, tom. 2. part. 1. fol. 457, que poderia ser muito bem o martyrio em Galliza, e serem as suas Reliquias trasladadas a Serpa: tomaramos agora perguntarlhe, qual destes seus apaixonados textos he o mais verdadeiro? Qual devemos nesta duvida seguir? O mais seguro he nenhum; e a Argaiz dizemos, que escusamos agora as suas conjecturas; porque contra ellas temos tradiçaõ constante, e Authores, que sobre ella escreveraõ. Trataõ destes Santos, os Martyrologios *Romano*, e o de Baronio, inda que naõ dizem donde eraõ naturaes, nem donde padeceraõ; o *Lusitano* do Padre Alvaro Lobo; o *Castelhano* do Padre Vasques; o de Tamayo, neste dia, que os fazem de Serpa, e outros. D. Rodrigo Caro, no *Commento a Flavio Dextero*, fol. 112, affirma serem da nossa Serpa, e satisfaz ao tempo, em que floreceraõ, por salvar deste erro ao seu *Dextero*, que os poem no anno 308, tendo elles padecido dous seculos antes, no anno 110, no tempo de Trajano, o que naõ duvida; mas diz, que no anno 308, lhe deraõ culto. O Padre Joaõ Bautista Solero, e seus companheiros, os Padres Joaõ Pinio, e Guilherme Cupero, na eruditissima Obra: *Acta Sanctorum*, *Tom. III. Julii*, pag. 259, negaõ serem estes Santos de Serpa, seguindo padecerem na Grecia. Naõ tratamos de impugnar a sua opiniaõ, e supposto reconhecemos os grandes estudos destes eruditissimos Authores; com tudo naõ nos podemos persuadir do que referem, para privarmos a Serpa de ser patria destes Santos; porque a tradiçaõ dos seus naturaes he muito mais antiga, que os falsos Chronicoens, e tambem nolo affirmaõ os referidos Martyrologios, e o silencio do Romano, e de Baronio, que sem duvida vio o *Menologio Grego*, e nem por isso no seu poz mais, que: *Eodem die passio Sanctorum Proculi, & Hilarionis, qui sub Trajano Imperatore, & Maximo Præside per acerbissima tormenta ad palmam martyrii pervenerunt.*

B De tempos antiquissimos celebra a Cidade de Toledo, antiga Corte dos Reys Godos, a Inclita Virgem, e Constantissima Martyr Santa Marciana, nossa Portugueza, que com seu sangue illustrou aquella Metropoli de Hespanha, que agradecida a numéra entre os Santos Patronos, e Tutélares daquella Cidade, por mandado delRey D. Affonso VI. daquella Coroa. Foy seu Martyrio pelos annos de 155, imperando Antonino Pio, alguns depois do de suas irmãas. Sobre a sua origem se póde ver o *Agiologio*, no dia 18 de Janeiro, tom. 1. fol. 183, em que se trata de sua irmãa Santa Wilgeforte, e tambem de Santa Quiteria, cuja devoçaõ se tem extendido por todo o Reyno, e principalmente nesta Cidade, que della se faz Novena, e se festeja o seu dia em diversas Igrejas, com grande solemnidade, pompa, e despeza.

Em o *Martyrologio Romano*, se faz mençaõ de outra Santa Marciana, que padeceo quasi com o mesmo genero de Martyrio em Africa, na Cidade de Cesaréa Mauritana, a 9 de Janeiro: *In Mauritana Cesariensi Sanctæ Martianæ Virginis, quæ bestiis tradita martyrium consummavit*; a qual quer o Cardeal Cesar Baronio, que seja a mesma, e que depois fora trasladada para Hespanha; mas se bem repararmos no *Martyrologio Romano*, neste dia, quando faz mençaõ da nossa Santa, diz: *Toleti Sanctæ Marlianæ Virginis, & Martyris, quæ pro fide Christi bestiis objecta, atque à tauro discerpta, martyrio coronatur.* A nossa Santa Marciana acabou despedaçada por hum touro, como temos dito, e nolo affirma o Martyrologio, e se confirma com o Hymno da sua Festa, que anda no Breviario Musarabe.

Taurus dehinc prosiliens
Forma, & mugitu horribili
Sulcabat ejus teneras
Papillas, ictu vulnerans.

A Santa Marciana, de que se faz mençaõ a 9 de Janeiro, acabou o seu martyrio despedaçada por hum leopardo, como refere Francisco Maurolico, no referido dia, por estas palavras: *In Mauritania Cæsariensi Sanctæ Martianæ Virginis, & Martyris feris expositæ, & à leopardo discerptæ.* De que se vê ser differente da nossa Santa Marciana, e se prova com a *Historia de Hespanha*, de que diz D. Joaõ Tamayo Salazar, naõ teve o Cardeal Baronio demasiado conhecimento.

to. Trata desta Santa o referido Author, no seu *Martyrologio Hispano*, neste dia, onde cita varios Authores, que provaõ esta opiniaõ; Cunha na I. Parte da *Historia de Braga*, fol. 143; o *Agiol.* no lugar citado; Padilha, C. 4. cap. 26. fol. 195; Argaiz, *Poblacion Ecclesiastica*, part. 1. tit. 2. fol. 304; Ferreras, *Synop. Hist. de Hespanha*, fol. 142.

C Era Fr. Desiderio de naçaõ Francez, de quem naõ sabemos appellido, nem menos o anno da sua morte, e colligimos seria pouco antes do anno de 1157; em que se acabou a obra do Mosteiro de Alcobaça, em que se viraõ miraculosos effeitos, com que Deos testemunhava, quanto era do seu agrado aquelle edificio, em que queria ser louvado. Aqui se vio caminharem os bois com os carros sem guia, sem fazerem detença no caminho, até que chegavaõ ao lugar, em que se trabalhava, onde os descarregavaõ. Nesta obra trabalhou Fr. Desiderio, mostrando o grande desejo, que tinha de ver augmentado o culto Divino, em que muito se empregou. Delle faz mençaõ Henriques, no *Menologio da Ordem*, neste dia; Brito, na *Chronica de Cister*, liv. 3. cap. 22. fol. 171. vers. o *Agiologio Lusitano*, a 16 de Abril; o Illustrissimo Cunha, *Historia Ecclesiastica de Lisboa*, part. 2. cap. 6.

D A Provincia da Arrabida, que sempre floreceo em pessoas de virtude, e muito mais em seu principio, pela grande observancia, e retiro daquelles Padres, que mais empregados em bem obrar, do que em pôr em memoria as acções dos seus virtuosos companheiros, nos poem agora no sentimento do pouco, que sabemos do Irmaõ Fr. Francisco de Lamego, que adoecendo na Enfermaria, que a Provincia tem no Hospital Real desta Corte, falleceo no anno de 1561, e foy sepultado no Claustro velho, que chamaõ dos Santos de S. Francisco da Cidade; porque ainda naõ era fundado o Convento de Saõ Pedro de Alcantara. Delle faz mençaõ o livro dos *Obitos* da Provincia, e a *Chronica*, que della tinha principiado Joaõ de Brito de Mello, liv. 4. cap. 9. m. s. cujo original temos em nosso poder.

E Nangasachi, theatro da crueldade Japonica, he de novo regado com o sangue de Matthias Arak, e seus companheiros, Mancio seu irmaõ, que morreo no carcere, Catharina sua mulher, Pedro Chobioye, Suzana sua mulher, Joaõ Nanyen, Joaõ Tanaca, Monica sua mulher, Luiz seu filho, que todos padeceraõ gloriosamente, no anno 1625, neste dia, como refere Cardim, no *Catalogo dos mortos pela Fé*, fol. 299, imp. anno 1660.

JULHO XIII.

A V. D. Maria Cisterciense.

A O Real Mosteiro de Saõ Diniz de Odivellas, repousou em paz, a Veneravel D. Maria Affonso, filha delRey D. Diniz, onde floreceo em heroicas virtudes, estimando naõ só em pouco o esplendor do Real sangue, mas tambem as dilicias da Corte, como pompas vãas, e caducas; e desprezando tudo com generosa resoluçaõ, abraçou com grande fervor o sagrado Instituto da Familia Cisterciense; e fazendo o seu principal fundamento na humildade, pobreza, e obediencia, executou obras muy dignas do agrado de Deos, a quem se dedicara na observancia da Religiaõ; pelo que acabou illustre em santidade, deixando da sua virtuosa vida saudosa memoria.

Em

D. Thomé Coneg. Regr.

B Em Coimbra, no Real Convento de Santa Cruz, dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, se conserva ainda hoje a memoria de D. Thomé, Varaõ de abalisada virtude, em quem resplandecia em gráo heroico a Humildade, como fundamento de todas as virtudes, que o costituío hum perfeito Religioso. Foy ornado de huma singular voz de contrabaixo, com que cantava no Coro taõ sonoramente, que servia de admiraçaõ, empregando-a toda em louvores Divinos, de que foy receber o premio na Gloria.

A Madre D. Leonor de Sousa Franciscana.

C Na Cidade de Evora, no Mosteiro de Santa Clara, da Serafica Familia, a preciosa morte da Madre D. Leonor de Sousa, claro espelho da perfeiçaõ Religiosa, em que toda a vida se empregou com todo o cuidado, sendo hum vivo exemplo à sua Communidade, que continuamente se edificava da sua devoçaõ, e singular humildade. Foy dotada pelo Divino Esposo, com o precioso bem de dom de lagrimas, em que rompia todas as vezes, que ouvia fallar em materias de devoçaõ. Era o Mysterio da Paixaõ de Nosso Redemptor, o cuidado, que mais a affligia, e assim como ouvia fallar nelle, em sentidas vozes, e suspiros se inquietava de sorte, que como alienada de si, dava com a cabeça no chaõ, verificando com semelhantes demonstrações a dor, que sentia no seu coraçaõ. Neste doloroso Mysterio meditava continuamente, de que sahia taõ confundida do que Christo padecera, e do que sofrera à perfidia Judaica, que se augmentava mais no seu amor. Em a Semana Santa, que a Igreja recorda esta dolorosa memoria, era para ver a devoçaõ, com que assistia aos Officios Divinos; a vehemente dor, com que se affligia seu espirito, que sem reparo da Communidade, com desatino santo, sahia do seu lugar sem sentidos, e naõ parava senaõ na grade do Coro. Todo o tempo que viveo, em Quinta Feira Mayor, depois da disciplina da Communinade, acompanhada de quatro Religiosas, (que deviaõ ser de iguaes costumes) principiavaõ com particulares exercicios, que era correr nove Capellas do Mosteiro, levando os hombros carregados com grandes pedras; outras vezes attando-se, se crucificavaõ com a mayor crueldade, que podiaõ; em outras as visitavaõ de joelhos, fazendo sempre novos artificios para affligirem os corpos, dando com elles claras demonstrações do seu

abrazado

abrazado espirito. Naõ se satisfazia este com tantos excessos; tudo lhe parecia pouco: e assim desde a quarta feira, até dia de Paschoa, naõ largava o Coro, onde a viaõ em huma continuada oraçaõ. Em todos os dias, depois de jantar, tomava huma larga disciplina, castigando desta sorte o sabor da comida, em que foy taõ parca, que da limitada porçaõ, que recebia, sustentava huma pobre entrevada, repartindo igualmente com ella de tudo o que lhe dava a Communidade, da qual teve cuidado por mais de trinta annos. Na vespera do Nascimento de Christo, lhe mandava tudo quanto a pobre podia desejar, ou para a commodidade, ou para o regalo; e até fogo para se aquentar, naõ querendo, que experimentasse falta alguma naquelle dia, em que o genero humano recebeo o mayor beneficio da piedade Divina. Amou taõ ternamente este Mysterio, que eraõ grandes os excessos com que o applaudia, querendo com todas as expressoens possiveis, significar os jubilos do seu espirito. Tomava lugar junto do Presepio, e lhe offerecia huma caçoula dos aromas mais preciosos, que podia alcançar; até ao carvaõ tinha a sua industria feito cheiroso, e o mesmo tempo, que ardia se abrazava ella em fervorosos affectos, e colloquios com o Menino Deos, a quem tambem dava a cera daquella noite, com a grandeza a que podia chegar a sua pobreza, que observou muy estreitamente. Sempre viveo em desejos de remediar os pobres; quantas vezes por lhes acodir ficou sem ter com que se alimentar; e com profunda humildade recorria às Religiosas, pedindo pelo amor de Deos hum pedaço de paõ, para se desjejuar? Muitas vezes lhes deu os vestidos interiores, ficando sómente com o habito sobre o corpo. Finalmente predizendo a sua morte, acreditou com maravilhas a sua vida. Foy o caso, que havia huma Freira muy doente, a quem ella pedio, que lhe assistisse naquella ultima enfermidade, e que lhe promettia de lhe alcançar de Deos saude. Era conhecida a sua virtude; alegrou-se a Freira, e a começou a servir com grande gosto. Era taõ leve a queixa, que entrou Sor Leonor na enfermaria a compor a sua cama, de que admiradas as Religiosas lhe perguntaraõ, para que fazia a cama? E respondeo, que para morrer; no que as segurou outras vezes. Vieraõ os Medicos, e naõ conheceraõ sinal de perigo evidente; mas em breve se desenganaraõ, porque

se

ſe deſcobrio huma maligna, que com grandes ancias a inquietava, que ella ſoube ſupportar com paciencia, até que chegada a hora, entregou a ſua ditoſa alma ao ſeu Deos; e logo a Freira enferma começou a exprimentar a ſatisfaçaõ da promeſſa, achando-ſe naõ ſó com melhoras, mas com forças de ſeguir a obſervancia da Religiaõ, acreditando deſta ſorte o Senhor a gloria da ſua Serva.

D Item em Deva, Cidade do Japaõ, acabou prezo no carcere Joaquim Omi, o qual em odio da Fé, foy recluzo, para vencerem com o medo do ſupplicio o ſeu animo; mas eſte conſtante eſperava o martyrio, animado do exemplo de ſeus naturaes, que com conſtancia Chriſtãa, tantas vezes illuſtraraõ a ſua patria, fazendo-a famoſa no Mundo, pelo ſangue, com que regaraõ aquella ſeára do Senhor.

Joaquim Omi Japaõ.

E No Moſteiro da Annunciada de Lisboa, acabou a Madre Sor Cecilia da Aſſumpçaõ, depois de ter ſido Prioreſſa deſte Moſteiro, para donde a mandou a Obediencia do de Aveiro, quanto que deu fim ao trienio de Prelada daquelle Moſteiro, que governou com prudencia, e virtude, valendo-lhe as ſuas orações, naquelle calamitoſo tempo das alterações do Reyno, em que no anno de 1580, ſe vio em perigo de ſer o Moſteiro ſaqueado, e afrontado, e Deos o livrou por interceſſaõ da Santa Prelada.

Sor Cecilia da Aſſumpçaõ Dom.

F No meſmo dia, e da meſma eſclarecida Familia, no Moſteiro da Roſa de Lisboa, duas Religioſas de ſingulares merecimentos para com Deos, Sor Iſabel da Piedade, taõ devota da Virgem Noſſa Senhora, que mereceo, pagarlhe com hum prodigio a veneraçaõ, que teve ao Santo Roſario. Foy o caſo, que depois de annos da ſua morte, ſe abrio acaſo a ſua ſepultura, e ſe achou ter comido o tempo, quanto à terra ſe entregou, achando-ſe ſómente os oſſos ſecos, e deſcarnados, e entre elles o Roſario, que levara ao peſcoço, inteiro, ſem ſinal de corrupçaõ, nem na madeira das contas, nem no cordaõ, que era de ſeda aleonada, o que parece conſervou milagroſamente a Senhora, para gloria da devoçaõ do Roſario, pelo qual rezou muitos annos huma Madre do meſmo Moſteiro. Nelle naõ foy menos prodigioſa a confiança do Santo Roſario, que teve huma devota Celeireira do Moſteiro, cujo nome eſqueceo o tempo, e deixou na lembrança

Sor Iſabel da Piedade Dom.

Anonyma Celeireira Dom.

ſua virtude, eſcrevendo-lho no livro da vida. Padecia a Cidade de Lisboa huma geral fóme, com tal aperto, que muitos pobres morreraõ às mãos da ſua miſeria, e os ricos ſe achavaõ em perigo, de lhe naõ valer a abundancia do ouro, e da prata, vendo-ſe muitas caſas grandes obrigadas, em alguns dias a comer a carne, e peixe ſem paõ. Neſta fatal eſterilidade ſe achava o Moſteiro ſem farinha, mais que para dez, ou doze dias, o que vendo com affliçaõ a Celeireira, e reconhecendo as maravilhas, que MARIA Santiſſima obrava pelo ſeu Roſario, chea de huma ſingular fé, entendeo, que naõ faltaria em ſoccorrer ao Moſteiro, que ſe ornava com o nome do Roſario; e aſſim poſta nos braços da Divina Providencia, poz ſobre a boca de cada ſacco hum Roſario, e outro na arca da farinha, e acompanhando a ſua fé de ardentes orações, alcançou maravilhoſamente multiplicarſe continuamente a farinha, que durou com admiraçaõ de toda a Communidade, por cinco ſemanas, ſendo baſtante para vencer o aperto da fóme.

Commentario ao XIII. de Julho.

A O Magnifico Moſteiro de Odivellas, que o Real animo delRey D. Diniz dotou generoſamente, como ſe vê no Commentario do dia X. de Janeiro, letra H, quiz honrar com a peſſoa de ſua filha a Senhora D. Maria, de quem temos muito curtas noticias; porque as noſſas Hiſtorias paſſaõ em ſilencio as virtudes, em que ſe empregou na vida, ainda que dizem, que acabou ſantamente. Morreo no anno de 1320, e foy ſepultada no Clauſtro, na parede, que correſponde ao Altar de Saõ Joaõ Bautiſta. Naõ podemos averiguar em quem ElRey tivera eſta filha; o Doutor Fr. Franciſco Brandaõ, diz, que poderá ſer, que foſſe ſua mãy Branca Lourenço, que preſume ſer filha de Lourenço Soares de Valadares. Em o Conde D. Pedro, ſe acha no titulo 25, eſta Branca Lourenço, que caſou com D. Martim Annes de Briteiros, e era filha de Lourenço Soares de Valladares; porém o Conde naõ declara, que foſſe mãy de ſua irmãa D. Maria, nem menos faz della memoria entre os filhos delRey ſeu pay, para mais confirmaçaõ da pouca lembrança, que os Genealogicos tem, dos que ſeguiraõ a vida Religioſa. Fazem della mençaõ Brandaõ, na V. Parte da *Monarchia Luſitana*, liv. 17. cap. 6, e na VI. Parte, liv. 19. cap. 21. Faria, na *Europ.* tom. 2. part. 2. cap. 2. Vaſconcellos, *Anacephaleoſis*, fol. 85. n. 11. Maugin, *Abregè del' Hiſtoire de Portugal*, fol. 106. *Hiſt. Geneal. da Caſa Real Port.* tom. 1. pag. 283.

B Foy D. Thomé, taõ bom Cantor, que indo ElRey D. Joaõ III. ao Convento de Santa Cruz, ficou taõ pago da ſua voz, que diſſe: *Que a naõ ſer profeſſo de Religiaõ taõ refórmada, a quem elle tanto eſtimava, ſem duvida o tirara dos Clauſtros, para ſe ſervir delle na ſua Real Capella.* Faleceo no anno de 1559, como diz D. Marcos da Cruz, no *Livro m.ſ. dos Priores móres de Saõ Vicente*, fol. 219, que ſe conſerva no Archivo delle, donde o vimos.

C Do Moſteiro de Santa Clara de Evora, temos humas Memorias m.ſ. que nos vieraõ à maõ entre outros papeis, que ficaraõ por morte da Condeſſa de Penaguiaõ D. Luiza Maria de Faro, que como virtuoſa, tinha grande trato com peſſoas de virtude, e grande ſatisfaçaõ daquel-

daquellas, que se empregavaõ em servir a Deos, as quaes nos deu seu neto o Marquez de Fontes Rodrigo Pedro Eannes de Sá, que foy Embaixador em Roma. Dellas consta ser D. Leonor de Sousa, filha de D. Diogo de Sousa, que naõ podemos averiguar quem fosse; porque achamos muitos deste appellido, e nome, sem nos filhos, que tiveraõ, se nomear esta; descuido, que continuamente lamentamos aos nossos Genealogicos, e já sem remedio nos queixamos. Morreo D. Leonor, no anno de 1612, e foy o spolio da sua cella, os pobres vestidos de que usava, humas disciplinas, hum livro dos Trabalhos de Jesus, em que tanto meditava; delle lhe devia nascer, que naõ tendo aprendido latim, entendia o Officio Divino, que rezava. Muitos annos depois da sua morte, quizeraõ enterrar no mesmo lugar outra Religiosa, e abrindo-se a cova, foy tal a fragrancia, que começou a exhalar de si, que admiradas as circunstantes, chamaraõ mais gente, e todos louvaraõ a Deos em sua Serva. Depois levando o homem, que abria a cova, para sua casa a enxada, a poz a hum canto, e era taõ bom o cheiro, que tinha, que sua mulher chamou gente, para que testemunhasse o prodigio, com o qual se confirmava a virtude de D. Leonor, accendendo nos coraçoes huma santa inveja da gloria, que possuhia.

D No anno de 1624, morreo no carcere Joaquim, de nascimento Japaõ; e delle faz memoria Cardim, no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, fol. 295.

E Sem duvida foy Sor Cecilia da Assumpçaõ, abalizada em virtude, pois a obediencia a tirou do Mosteiro de Aveiro, para o da Annunciada, onde havia Religiosas de grandes virtudes, sendo escolhida para o governo daquella Casa. Della trata a *Chronica da Ordem*, part. 2. fol. 200, e o *Anno Dominico*, neste dia.

F Foy Sor Isabel da Piedade, digna sobrinha daquelle celebre Varaõ Fr. Luiz de Sottomayor, gloria da Cidade de Lisboa, sua patria, e singular ornamento da Ordem dos Prégadores, do qual faz honorifica mençaõ, o *Agiologio Lusitano*, a 13 de Mayo, acabou primeiro que seu santo tio, no anno de 1600.

No de 1622, no mez de Mayo, succedeo aquella grande fome na Cidade de Lisboa, que deu motivo ao milagre da devota Celeireira; de ambas faz mençaõ Sousa, na *Historia de Saõ Domingos*, part. 3. cap. 6. fol. 106; Soveges, *Anno Dominico*, neste dia; e Lima, no *Agiologio da Ordem*.

JULHO XIV.

A Este dia, a Trasladaçaõ de Saõ Torcato Bispo, e Martyr, o qual, segundo alguns affirmaõ, foy natural da antiga Villa de Guimarães, e que delle recebera as vozes do Evangelho, e fora regenerada a graça pelo bautismo, ella o tem por seu Protector, e na insigne Collegiada desta Villa se celebra a sua Festa com Officio solemne, aos 15 de Mayo, e se conserva huma insigne Reliquia sua com grande veneraçaõ. Foy este glorioso Santo, hum dos Discipulos do Apostolo Santiago, ao qual com outros seis companheiros seguiraõ a Jerusalem, e foy tambem huma das testemunhas do seu glorioso Martyrio. E depois trouxeraõ o seu sagrado corpo a Galliza, donde voltaraõ a Roma, e Sagrados Bispos, foraõ mandados pelo Principe dos

S. Torcato Bispo M.

Apostolos São Pedro outra vez a Hespanha, para nella cultivarem as tenras plantas, que haviaõ recebido a Fé de Jesu Christo, e promulgarem a sua Ley, promovendo a gloria do seu Nome, a toda a gentilidade desta vasta Regiaõ. Eraõ seus nomes Torcato, Cesiphonte, Secundo, Indalecio, Cecilio, Hesychio, e Euphrasio. Entraraõ em Hespanha, pela parte em que fica o Reyno de Granada; coube a Saõ Torcato, a Cidade de Acci, que hoje se chama Guadis: nella assentou a sua Episcopal Cadeira; e depois de haver exercitado as obrigações de bom Pastor, havendo reduzido ao gremio da Igreja grande numero de almas, que instruîdas na suavissima Ley de Jesu Christo, o adoravaõ publicamente, pelo que veyo a conseguir o premio de taõ gloriosos trabalhos, com a coroa do Martyrio. Seu corpo foy sepultado pelos Christãos, com mais veneraçaõ, que pompa; e assim esteve até o tempo, que os Mouros invadiraõ Hespanha, no anno de 714, em que pertenderaõ acabar todo o Christianismo, principalmente quando entrou o cruel Abderamen, que foy no anno de 760, em que queimaraõ as Imagens, e Reliquias dos Santos, com barbara impiedade. Pelo que alguns devotos Christãos, com notavel piedade, tomavaõ as Reliquias que podiaõ, e fogindo para as partes do Norte, as levavaõ para os lugares mais distantes, e as deixavaõ onde lhe parecia, seguras, e enterradas em depositos incultos, e inhabitados, onde estivessem escondidas, e seguras da barbaridade, e lhe punhaõ certas balizas, e sinaes, para depois conhecerem os lugares daquelles preciosos thesouros. Assim permaneceraõ escondidas, em quanto durou a barbara perseguiçaõ daquelle pezadissimo dominio, até que passados tempos, em que sacudido o jugo Mauritano pelo esclarecido Infante D. Pelayo, e por seus successores, em que resplandeceo publicamente a Ley Evangelica, foraõ achadas as Santas Reliquias em diversas partes, entre montanhas, e asperas serras, que os Christãos collocaraõ em diversas Igrejas, com muita decencia, e veneraçaõ. O corpo de Saõ Torcato he tradiçaõ antiquissima ser achado junto a Guimarães, huma pequena legoa distante para o Nascente, em hum certo lugar donde se viaõ resplandecer luminosos sinaes, que observando-se, se tiveraõ por prodigiosos; e assim guiados destas luzes, rompendo por asperos matos,

tos, ao pé da ſerra, junto de huma fonte, que depois deu ſaude a muitos enfermos, que com fé uſaraõ da ſua agua, por prodigioſo remedio, que ainda hoje permanece, foy achado o corpo de Saõ Torcato, em huma cova, de que ſe percebeo hum ſuave cheiro, e foy deſenterrado com a veneraçaõ devida. Neſte meſmo lugar ſe levantou huma Ermida, em que ſe conſerva huma Imagem ſua, a que ainda hoje ſe chama *S. Torcato o velho*: nella eſteve muitos annos o corpo deſte Santo, até que foy mudado para o alto do monte, depois que nelle ſe edificou pelos annos de 887, o Moſteiro da invocaçaõ do ſeu nome, que foy Duplex, em que viveraõ Religioſos, e Religioſas do Patriarca Saõ Bento. A eſte Moſteiro foy trasladado o corpo de Saõ Torcato, e poſto em hum ſepulchro de pedra pouco polido, mas grande, aſſentado ſobre quatro columnas toſcas, cercado de grades de ferro, dentro de huma Capella, que eſtá à entrada da porta principal. O Cabido da Real Collegiada de Guimarães, no tempo que governava a Primacial Igreja de Heſpanha o Arcebiſpo D. Sebaſtiaõ de Matos de Noronha, ſendo D. Prior deſta Collegiada D. Bernardo de Ataide, reformou o ſepulchro deſte glorioſo Santo, com nova architetura, em fórma pyramidal: e neſte dia, do anno 1637, o Doutor Ruy Gomes Golias, Meſtre Eſcola da dita Collegiada, e Balthazar de Meira, Arcipreſte, Miguel da Sylva de Mello, Chriſtovaõ Ferraz, Miguel da Fonſeca Arochela, todos Conegos, e Dignidades da dita Collegiada, Antonio Coelho, Cura, Paulo Barreto, e o Licenciado Jeronymo Coelho, Reitor, e Vigario da Igreja, e Moſteiro de Saõ Torcato, com outras muitas peſſoas nobres, e povo, que ſe acharaõ preſentes à collocaçaõ do corpo de Saõ Torcato, que todos viraõ inteiro ſem alguma corrupçaõ, veſtido em Pontifical com Bago, na meſma fórma, que ſe vê a ſua Imagem no ſeu Altar, e louvando todos a Deos em ſeus Santos, ſe fez hum Auto Judicial de teſtemunhas, por Diogo de Barros, Notario Apoſtolico, que ſe guarda no Archivo daquella Collegiada. Neſta meſma occaſiaõ o Doutor Meſtre Eſcola Ruy Gomes Golias, animado da ſua devoçaõ, ſe arrojou a tirar eſcondidamente do corpo do Santo hum tornozello do pé: quando lho arrancaraõ, ſahio ſangue claro, que ainda hoje ſe conſerva, e levando a Reliquia para ſua caſa, come-

çou a exprimentar tantas enfermidades, que entendeo ser castigo da sua indiscreta devoçaõ; pelo que a mandou collocar no Santuario da Collegiada de Guimarães, aonde se venera em hum relicario grande de prata dourado, metido entre dous vidros, por onde se vê o sagrado osso de Saõ Torcato, manchado de sangue.

Saõ Focato Bispo.

B Em Lugo, Cidade do Reyno de Galliza, Saõ Focato, Bispo da mesma Cidade, o qual depois de exercitado em todo o genero de virtudes, abrazado no amor de Deos, dormio em o Senhor sendo Confessor.

Simeaõ M.

C Na Cidade de Dinhtraõ, Reyno da Cochinchina, deu fim a seus gloriosos trabalhos o bom velho Simeaõ, depois de ser prezo, ferido, e maltratado, em odio da Fé de Jesu Christo, sofrendo pelo seu amor a injuria da canga, que recebeo com grande gosto, junto com Agostinho, de que já fizemos mençaõ a 4 deste mez, de que reciprocamente se davaõ os parabens, sendo Simeaõ louvado de todos os Christãos, pela constancia com que sofria as afrontas, e os tormentos, em que perdeo hum dedo; e inda que a piedade dos amigos lhe assistia com cuidado, eraõ muitas as dores em hum corpo cheyo de annos, com que rendida a constancia dos espiritos vitaes, se lhe adiantou desta sorte o premio, que esperava lograr pelo Martyrio.

O P. Joaõ Rabello da Companhia.

D Em a Cidade de Evora, no Collegio da Companhia, a felice morte do Padre Joaõ Rabello, aquelle insigne Religioso, que os primeiros passos, com que entrou na Companhia, foraõ huma singular demonstraçaõ da sua humildade, mostrando na idade de quinze annos o desprezo do Mundo, e o sólido da sua vocaçaõ. Estava aceito na Religiaõ, e parecendo-lhe ser costume dos que entravaõ mandar a sua cama, fez conduzir a em que dormia; o que vendo o Reitor o reprehendeo, dizendo-lhe: que aos proprios hombros a tornasse sem dilaçaõ a levar a sua casa; obedeceo sem repugnancia, e com desprezo naõ imaginado de idade, em que o brio está em seu vigor, poz aos hombros a cama, e sahindo da Portaria, atravessou as ruas mais publicas da Cidade, dando com aquelle raro exemplo, edificaçaõ a huns, e rizo a outros, que ainda as acções heroicas de virtude padecem nota no juizo dos homens, como se os Servos de Deos pertenderaõ mais, que o agrado Divino.

vino. Neſte ſólido fundamento da humildade, fez a baſe das mais virtudes, ſendo na oraçaõ admiravel, em que perſeverava com grande fervor de joelhos. Em todos os exercicios era continuo, ſem que a idade, nem as doenças o fizeſſem afroxar. Todo o tempo, que viveo, nenhum dia deixou de tomar diſciplina, algumas vezes taõ aſperas, que em feridas reſgava o corpo; e como as diſciplinas eraõ com roſetas, cada golpe accreſcentava com novas dores mais huma ferida, a que os ſuperiores acodiaõ para remediar os exceſſos. Naõ houve virtude, em que naõ exercitaſſe o ſeu eſpirito: o proveito do proximo lhe deveo hum grande cuidado, ſendo continuo no confeſſionario, e no pulpito. Das almas do fogo do Purgatorio teve grande commiſeraçaõ, e aſſim trabalhava pelas ſoccorrer, naõ ſó com as ſuas orações, mas exhortando com a ſua efficacia aos Fieis, os perſuadia, a que com eſmolas, orações, e jejuns, e outras obras de piedade, livraſſem das penas do Purgatorio as almas daquelles que morreraõ em graça. Deſte zelo receberaõ as almas muitos ſoccorros. Da Virgem MARIA foy eſpecial devoto, propagando-lhe o culto, e devoçaõ; e a Chriſto crucificado trouxe taõ preſente na memoria, que a todos aconſelhava eſte aſylo na proſpera, ou adverſa fortuna. Elle foy o remedio com que minorou as dores, que padeceo na operaçaõ, que ſe lhe fez em huma perna, que tinha taõ inchada, e já com receyos de herpes, que ſe naõ podiaõ evitar ſe naõ com botoens de fogo. Antes da cura pedio a Imagem de Chriſto na Cruz, com quem abraçado, ſofreo conſtante a operaçaõ. Deſta ſorte experimentando o ſeu ſofrimento, e exercitado em virtuoſas obras acabou ſantamente.

Mariana do Sacramento Terceira do Carmo.

E No Recolhimento de Noſſa Senhora do Carmo do Lugar de Cuba, na Provincia de Alentejo, a virtuoſa Mariana do Sacramento, Terceira da Ordem Carmelitana, a quem Deos chamou por hum galante modo. Succedeo-lhe, ſeguindo o coſtume da vaidade do ſeu ſexo, em certa occaſiaõ, em que ſe eſtava compondo, e enfeitando-ſe a hum eſpelho, ſe vio taõ desfigurada, e medonha, que aſſuſtada, e corrida de ſi meſmo, mas tocada de ſuperior impulſo, determinou com differente penſamento ſeguir a vida devota, para o que cooperou muito ouvir prégar hum Miſſionario, que fallando-lhe ao

coraçaõ

coraçaõ as suas vozes, assentou nos seus bons proprositos, que depois se adiantaraõ ouvindo prégar ao Veneravel Padre Frey Antonio das Chagas, a quem depois tratou, e se confessou muitas vezes. Com este Apostolico Director, se poz em estado, de se poder exercitar em todo o genero de virtudes, naõ só pela oraçaõ, mas tambem pelo rigor das penitencias; porque era continua nos jejuns, andando sempre cingida com huma cadea de ferro, e com outras mortificações ardia no amor de Deos, e do proximo, de sorte, que viveo por muito tempo no vehemente desejo de dar a vida por seu Esposo, e conciderando qual podia ser o caminho, que a levasse a terra dos infieis; ao que Deos satisfez, revelando-lhe, que sem isso conseguiria o desejo do martyrio; porque sentiria no seu corpo todos os tormentos, que na sua dolorosa Paixaõ padeceo na Cruz o Salvador do Mundo, e assim lhe succedeo; porque padeceo excessivas dores de cabeça, os braços se lhe desconjuntaraõ, a boca sentia crueis amargores, e outras mortificações extraordinarias, que tolerou com santa constancia, taõ conforme, que no ultimo periodo da vida a viraõ rir por tres vezes, e dando fim aos seus trabalhos, foy gozar da eternidade gloriosa.

Commentario ao XIV. de Julho.

A FIca o Mosteiro de Saõ Torcato em hum lugar eminente, affastado huma pequena legoa da insigne Villa de Guimarães, para o Norte: teve seu Claustro, e no meyo huma fonte, cercada de columnas de pedra, e encostada da outra parte às paredes de seus dormitorios, de que já se naõ vem mais, que as ruinas, e huma pequena habitaçaõ dos Vigarios desta Igreja. Este Mosteiro he antiquissimo, e naõ se acha nas Historias, quem o fundou; Gaspar Estaço celebre, e cuidadoso investigador das antiguidades de Portugal, confessa o ignorou; porém que do inventario da fazenda do Convento da Condessa D. Mumadona consta, que ElRey D. Ramiro II. lho dera, que devia ser o que era seu sobrinho. Em diversos tempos se encontraõ memorias deste Santo, em doações antigas. ElRey D. Fernando de Leaõ, e de Castella, em a carta de privilegio, que concedeo ao Mosteiro da Condessa D. Mumadona, diz: *Discurrant per manus Vicarii ipsius cœnobii, & in omnem terram Sancti Torquati similiter faciant*, foy feita no anno de Christo de 1040. Em outra carta de permutaçaõ de Mendo Viegas, diz: *Hæreditatem habemus, quæ jacet inter Sancto Torquato, & illa portella de Morteira*, feita no anno de 1073, das quaes faz mençaõ Estaço, no cap. 34. das *Antiguidades de Portugal*, e o Licenciado Jorge Cardoso, no Tomo I. no *Commentario*, a fol. 532. Depois de estar muitos annos este Mosteiro annexo ao da Condessa D. Mumadona, já era da appresentaçaõ Real, onde havia Collegiada com Dignidades de seu Prior, e Conegos, que nelle parece viveraõ recolhidos, até o tempo delRey D. Affonso Henriques, que delle o desmembrou, e deu aos Conegos Regrantes de Santo Agosti-

Agostinho, como se vê na Carta de Doaçaõ, em que coutou o dito Mosteiro, e refere D. Nicolao de Santa Maria, na *Chronica da sua Ordem*, part. 1. cap. 13. pag. 134, e della faz mençaõ Cardoso, no lugar citado, e diz assim: *In nomine Patris, &c. Hæc est carta cauti, sive testamentii quam Ego Alfonsus Rex Portugalentium una cum filio meo Rege Sancio & filia mea Regina Tharasia, pro amore Dei, & remissione peccatorum meorum facio Ecclesiæ S. Mariæ & S. Torquati, & aliorum Sanctorum, quorum ibi reliquiæ condita sunt. Et vobis Domno Pelagio ejusdem Ecclesiæ Priori, & cæteris fratribus, tam præsentibus, quam futuris, qui in præfata Ecclesia bene vixerint, & secundum Canonicam Regulam S. Augustini in Sancta Conversatione permanserint do vobis, atque concedo & presentis scriptura munime confirmo eandem Ecclesiam cum adjacentibus villis suis, &c. Facta Charta in Era M. CC. XI.* que he anno de Christo de 1173. Deu ElRey ao Mosteiro o titulo de Santa Maria, e Saõ Torcato: porém naõ teve effeito a sua devoçaõ; porque o Mosteiro reteve o nome de Saõ Torcato, que ainda hoje conserva. Depois para melhor sustentaçaõ dos Religiosos D. Lourenço Arcebispo de Braga, lhe annexou as Igrejas de Saõ Romaõ, e de Saõ Cosmade: foy feita a Doaçaõ na Era de 1412, que he anno de Christo de 1374.

Porém com o decurso do tempo passou este Mosteiro ao dominio de Priores Seculares, até vir a dar no devoto, e pio Varaõ Joaõ de Barros, Conego na Sé de Braga, que o annexou à Collegiada de Guimarães, por authoridade Apostolica do Papa Xisto IV. no anno de 1475, por Doaçaõ confirmada pelo Arcebispo de Braga D. Luiz Pires; e juntamente annexou a esta Igreja a de Saõ Gens de Monte longo, e a de Toloens, as quaes elle largou em sua vida, reservando sómente quarenta mil reis de pensaõ cada anno, que o Cabido lhe pagou em quanto viveo, com que aquella Collegiada recebeo grande accrescentamento com esta Doaçaõ.

Reynando ElRey D. Manoel, em quem ardeo o augmento, e culto da Religiaõ Christãa, desejando recolher às Igrejas das Cidades, e Villas populosas, os Corpos, e Reliquias dos Santos, que jaziaõ em Aldeas, e Lugares pobres, e pouco povoados, onde naõ tinhaõ todo aquelle respeito devido aos seus merecimentos: e para que o Corpo de Saõ Torcato, fosse venerado com especialidade, mandou escrever ao Cabido de Guimarães a Carta seguinte, que se guarda no seu Cartorio, e diz assim.

Conegos da Igreja de Guimarães, eu ElRey vos envio muito saudar. Fazemos-vos saber, que Nós havemos por bem, que o Corpo do Bemaventurado Saõ Torquato, seja treladado à Igreja Collegiada da dita Villa, en logar onde ao Prior parecer bem, o qual levará o Breve, para se a dita treladaçaõ fazer, e por tanto havemos por escusadas as despezas, que se haviaõ de fazer, onde ateora jouve. E porém vos mandamos, que deis ordem como se logo assi faça. Feita en Lisboa, a 28 de Fevereiro 1501.

Esta Carta he hum testemunho, que confirma o nosso intento da existencia do Corpo de Saõ Torcato, e depois a continuada tradiçaõ taõ antiga, perseverada na sucessiva devoçaõ dos Fieis, até o presente. Determinou o Cabido, e Camera de Guimarães dar satisfaçaõ à ordem delRey, asignando dia para ser do Mosteiro trasladado para a Collegiada, com toda a solemnidade, e grandeza, com que os seus naturaes costumaõ, em todas as occasiões de gosto, e devoçaõ, mostrar o amor, e obediencia ao seu Soberano. Tiveraõ noticia os moradores da Freguesia, e Couto, e os das mais visinhas, do que estava assentado: tanto que chegaraõ àquella Igreja os Clerigos, Religiosos, e o de mais povo da Villa, os acharaõ armados, para impedirem, e defenderem a Trasladaçaõ do Corpo do Santo: pertenderaõ convencellos, e depois de varias porpostas do Cabido, responderaõ ultimamente resolutos: que de nenhuma sorte deixariaõ levar o Corpo do Santo, sem perderem as vidas; porque elles tambem eraõ Christãos, e sabiaõ tambem venerar ao Santo, protestando todos os damnos da violencia, diante dos Ministros Ecclesiasticos, e Seculares, com tal ardor, que foy preciso ceder à multidaõ dos Lavradores amotinados: e assim à vista da sua deliberada determinaçaõ, por se evitar o perigo, em que aquelle negocio havia de romper, entre huns homens rusticos, se recolheraõ todos à Villa, e os Freguezes desconfiados por muito tempo, com

grande vigilancia de dia, e de noite se dividiaõ, para guardarem a Igreja.

Depois, sendo Arcebispo de Braga D. Fr. Agostinho de Castro, intentou pelos annos de 1597, mudar o Corpo do Santo para a Cathedral daquella Cidade, para o que mandou chamar o Vigario de Saõ Torcato, Jeronymo Coelho, ao qual communicou o intento, e elle declarou aos seus Freguezes, o para que o Arcebispo o chamara: estes participaraõ logo aos moradores das Freguesias visinhas, e todos se começaraõ a preparar para o impedirem: distribuiraõ suas ordens, para que se tomassem as estradas, e pontes, por onde poderia ser a conduçaõ. O Arcebispo, que ignorava serem os moradores sabedores do seu intento, chegou ao Mosteiro, havendo espalhado, que hia abrir o sepulchro de Saõ Torcato, sómente para examinar o estado, em que estava o Corpo do Santo. Assim que o Arcebispo hia chegando à Igreja, tocaraõ os sinos, naõ a festejar o Prelado, mas em sinal de rebate, e incontinente chegaraõ os Lavradores das Freguesias visinhas, coroando os montes, enchendo os valles, e as estradas de gente armada. Vendo-se o Arcebispo com a sua familia, e pessoas, que o seguiaõ, cercado daquella multidaõ de povo de hum, e outro sexo, amotinada desordenadamente, entendeo ser revelado o segredo do que intentava; e chegando já perto da Igreja, vendo huma mulher entre outras muitas, lhe perguntou pela roca, e ella lhe respondeo: Senhor, estas saõ as maçarocas, (mostrando-lhe humas poucas de pedras, que levava) para quem nos quizer roubar o nosso Santo. O Prudente Prelado, vendo toda aquella desordem, entrou na Igreja, e feita huma breve oraçaõ, se retirou, e voltou para Guimarães despersuadido da empreza; porém já mais se esqueceo do que lhe havia succedido: assim quando por aquellas partes administrava o Sacramento da Chrisma, perguntava algumas vezes, donde sois? E dizendo de Saõ Torcato, lhe avivava o golpe da ceremonia, quando lhe punha os dedos na face, dizendo-lhe: Hide tomar huma lança contra o vosso Prelado; e às mulheres: Ajuntay pedras para apedrejar o vosso Prelado.

Desta sorte ficou sempre o Corpo de Saõ Torcato na Igreja daquelle Mosteiro do seu nome, donde de tempo immemorial, he venerado dos habitadores daquelles montes, e juntamente dos da Villa de Guimarães, especialmente no dia da sua festa: e se referem muitos milagres, com que o Senhor acredita os merecimentos de seu fiel Servo. Do seu sepulchro levaõ os devotos pós, que tem sido milagrosos em muitas occasiões. Neste antigo sepulchro jazia o Corpo do Santo, até que no anno de 1637, como fica referido no texto, o Cabido de Guimarães reformou o sepulchro do Santo, que está na dita Capella, onde no alto se lhe mandou esculpir o seguinte distico, escrito nesta fórma.

HŒ TMVS ILÆSIS. CÕDVTR
CARNIBVS OSSA
TORQVATI. D. PIGNORA. CHARA. DEO.

E por baixo se lê a seguinte memoria.

AN. 1637. SEGVARE
SEV ESTA Sª E ABERTA. SE
ACHOV. O CORPO. E CARNE.
INTº VESTIDO. Ẽ PONTIFC
AL. COM BACVLO.

O Licenciado Jorge Cardoso, pertende que Saõ Torcato, que está na referida sepultura, seja Saõ Torcato Felix, Bispo de Iria Flavia, Martyr, de quem elle faz mençaõ no dia 26 de Fevereiro. E no dia 15 de Mayo trata do nosso Saõ Tor-

Torcato, que diz está no Mosteiro de Cella nova. Porém desejando nós sempre accommodarmonos com a sua authoridade, o naõ podemos fazer no presente caso; porque todo o fundamento com que pertende desembaraçarse dos que referem ser o nosso Saõ Torcato o Bispo de Guadis, he com huma authoridade do *Pseudo Chronicon* de Juliano Peres, Arcipreste de Toledo, o qual mesmo se está convencendo de falso, como já advertio o insigne Gaspar Estaço, nas *Varias Antiguidades de Portugal.* Diz Juliano, que acompanhando o Arcebispo de Toledo D. Bernardo, Legado à Latere neste Reyno, visitara naõ longe de Guimarães o Corpo de Saõ Torcato, que foy Bispo Irense, (hoje Padraõ) depois do Porto, e finalmente de Braga, o qual se achara no XVI. Concilio Toledano: saõ as palavras do Arcipreste Juliano, as seguintes: *Non procul Vimarano in tractu Bracharensi vidi sepulchrum Sanctissimi Torquati, cognomento Felicis, Episcopi Bracharensis, & Martyris, qui interfuit decimo sexto Concilio Toletano, & ejus urbis Archipræsbiter, inde Episcopus Irensis, inde Portuensis, & Bracharensis. Occisus est fidei causa à perfidis Sarracenis sub Muça. an. DCC. LXXIV. Kal. Martias, ut legi in Martyrologiis. Occisus est, cum aliis XXVII. Civibus Bracharensibus. Ejus gratia vocatum est oppidum prope Complutum, id est, Guadalajaram, vicus S. Torquati, & in fine Toletani Episcopatus, S. Felicis, & nunc Sahelices, & prope ..... Coloniam S. Felix Gallecorum, celebris est tanti viri memoria.*

He certo, que no Concilio XVI. se acha assinado Felix, Bispo do Porto, e Braga, e no antecedente Felix de Iria, que o Licenciado Jorge Cardoso, seguindo a Juliano, quer que seja o mesmo, e que chamando-se Torcato Felix, assinava sómente com o segundo nome; porém vendo-se os Concilios de Hespanha, na *Collecçaõ do Cardeal Aguirre*, se tira toda a duvida conhecendo-se a apocrifica Obra, que se attribue a Juliano, com quem Cardoso se enganou. Assim he de saber, que no Concilio XV. de Toledo, celebrado na Era de 726, que he anno de Christo 688, no tempo do Papa Sergio I. que refere o dito Cardeal no seu II. Tomo dos *Concilios*, a fol. 728, na sobscriçaõ dos Padres se vem entre muitos os seguintes assinando nesta fórma: *Faustinus Bracharensis Metropolitanus Episcopus subscripsi. — Froaricus Portucalensis Episcopus subscripsi. — Felix Irenensis Episcopus subscripsi.* De sorte, que neste Concilio se acharaõ Faustino de Braga, Froarico do Porto, e Felix de Iria; e cinco annos depois no XVI. Concilio Toledano, se acha já mudado Faustino de Braga, para Sevilha, e Felix do Porto, para Braga, o qual devia ser eleito do Porto, por morte de Froarico, que assinou no Concilio XV. acima. Foy celebrado o dito Concilio na Era 731, que he anno de Christo 693, do qual faz mençaõ o Cardeal de Aguirre no II. Tomo, fol. 746, onde assinaõ nesta fórma: *Ego Faustinus, indignus Hispalensis Sedis Episcopus, hæc decreta synodica à nobis edita subscripsi — Ego Felix in Dei nomine Bracharensi, atque Portucalensis Sedium Episcopus, hæc decreta synodalia à nobis edita subscripsi.* Aqui temos Faustino, que era de Braga, em Sevilha, e Felix, que era do Porto, passado para Braga, conservando huma, e outra Igreja, e naõ se acha no dito Concilio assinado o Bispo de Iria, cujo lugar se deixou em branco. He de saber, que no XII. Concilio de Toledo, e no XIII. que refere o dito Cardeal, no II. Tomo, fol. 687, e fol. 702, o qual foy celebrado na Era 721, que he anno de Christo de 683, se achaõ sobscrevendo Liuba de Braga, Froarico do Porto, e Felix de Iria.

Em todos os referidos Concilios vemos asinado Felix Bispo de Iria, o qual depois passou para Bispo de Braga, e que este seja o Martyr, com os seus companheiros poderá ser; mas que fosse Torcato, naõ póde ser; porque se convence com o Concilio III. de Braga, celebrado na Era de 713, que he anno de Christo 675, no quarto anno do Reynado de Wamba, que traz o mesmo Cardeal, no Tomo II. fol. 678, onde assinaõ nesta fórma: *Leodecisius in Christi nomine Episcopus, cognomento Julianus, has constitutiones secundum quod nobis cum sanctis Coepiscopis meis, qui mecum subscripserunt, Deo inspirante, complacuit, & relegi, & subscripsi. — Froaricus Deo jubente Portucalensis Ecclesiæ Episcopus similiter. — Ildulfus, qui cognominor Felix Irensis Ecclesiæ similiter.*

Aqui temos neste Concilio Leodigio, Bispo de Braga, Froarico, Bispo do Porto, e Hildufo, de sobre nome Felix, Bispo Irense. De sorte, que este Prelado, que foy Bispo do Porto, e depois de Braga, naõ se chamava Trocaco Felix, senaõ Hildufo Felix, e por consequencia naõ he elle o nosso Saõ Torcato, como já havia advertido o insigne Antiquario Gaspar Estaço, no livro *Varias Antiguidades de Portugal*, cap. 38. De sorte, que tudo o que o Licenciado Jorge Cardoso com a sua erudiçaõ pertendeo mostrar, para corroborar a authoridade de seu falso Juliaõ, fica destruído com o que fica referido, e que evidentemente se convence com o Concilio Bracarense, em que Hildufo Felix, Bispo Irense, he o que foy Bisp o de Braga, e naõ se chamou Torcato, com que desta sorte parece ser o nosso o Bispo de Acci, como se vê na *Geografia Antiga* de Cellario, no I. Tomo, fol. 86, onde diz: *Acci in Bætica confinio Colonia, ex plurium Hispanorum consensu nunc Guadix in regno Granatensi*, referindo-se a Ptlomeo; o que he constante em todos os Geografos.

De Saõ Torcato, faz mençaõ com os seus companheiros, Clesiphonte, Secundo, Celio, Hesychio, e Euphrasio, o *Martyrologio Romano*, Baronio, Usuardo, e outros neste dia 15 de Mayo; os Breviarios antigos de Hespanha, e outros Authores, que allega o Licenciado Jorge Cardoso, no Commentario do dia 15 de Mayo, em que trata de Saõ Torcato, aonde remetemos ao Leitor, e ao Commentario do dia 16 de Fevereiro, e ao do 1 de Mayo, donde pertende, que o nosso Saõ Torcato discipulo de Santiago, esteja o seu Corpo no Mosteiro de Cella-nova em Galliza. Porém nós seguindo ao Conego Gaspar Estaço, no lugar citado, entendemos ser o nosso, que está no Mosteiro do seu nome, de taõ antiquissimo tempo, que conserva huma tradiçaõ immemorial naquelles póvos, como assaz deixa provado Estaço, contra o que Ambrosio de Morales deixou escrito no liv. 9. cap. 13. Demais, que no Martyrologio Romano, e nos de mais, se naõ acha outro algum Santo chamado Torcato, do que o Bispo de Acci: este está inteiro o seu corpo, como temos referido, e o de Cella nova, reduzido a cinza, o coraçaõ inteiro, e myrrhado a cabeça com huma ferida, apertada com lenço empapado em sangue; e nelle se naõ vê insignia nenhuma de que fosse Bispo, como no nosso temos acima dito; e assim poderá ser de outro Santo, que tivesse este nome, e naõ Saõ Torcato Bispo. Demais, que o mesmo Cardoso refere, que quando se abrio o sepulchro daquelle Santo, se achara o seu corpo cuberto com hum pano de linho, muy delgado, e alvo, lavrado de seda encarnada, taõ novo, como se naquella hora fora posto, e o corpo reduzido a cinza, como fica dito; e he certo, que se fora Bispo se achariaõ tambem alguns sinaes da sua Dignidade; porque quando, como pertende o mesmo Cardoso, se abrio o seu sepulchro em Cella-nova, no anno de 1170, e se lhe tirou o braço, que se venera com o seu nome no Mosteiro de Santa Maria da Veiga, junto a Carriaõ, parece, que deviaõ compor o corpo do Santo, com as Vestiduras Episcopaes; pois entaõ o corpo se achava inteiro, de que se lhe tirou o braço, que se conserva illezo da corrupçaõ, no referido Mosteiro, ainda que Morales duvida ser do tal Santo.

Na verdade me admiro, como Cardoso, sendo taõ universalmente erudito, lhe naõ fizesse pendor, o que Estaço escreveo; porém como estava atado à crença dos falsos Chronicoens, os seguio cegamente. Do nosso Santo faz mençaõ o Doutor Fr. Bernardo de Brito, na *Monarchia Lusitana*, part. 2. liv. 5. cap. 5, dizendo ser Bispo, ainda que lhe troca a Cidade, pertendendo, que fosse de Cinnania, antiga Cidade, que ficava huma legoa aonde hoje está o Mosteiro do Santo, e outra de Guimarães, tendo por erro os que o fazem Bispo da Cidade de Guadis, antigamente chamada Acci; pois diz, que se enganaraõ alguns com o nome antigo de Acci, por verem, que a Lenda do nosso Santo lhe chama Bispo Accitano, naõ advertindo ser derivado de Citania; e na verdade parece, que melhor se deriva Accitano, de Acci, do que de Citania. Naõ duvidamos por hora da existencia da Cidade; mas que nella houvesse Bispado expressamente o negamos. O Bacharel Francisco Xavier da Serra Craesbeck, Academico Provincial da Academia Real, sendo Corregedor de Guimarães, no an-

no de 1723, remeteo à Academia hum Tomo com este titulo: *Memorias Resuscitadas da Provincia de Entre Douro, e Minho, escritas em seis livros, pelas Correições de que se compoem, a saber: Guimarães, Porto, Vianna, Barcellos, Braga, e Valença.* Neste Tomo, em que trata de Guimarães, traz huma *Dissertação Exegitica*, em que pertende mostrar, que Saõ Torcato, Patrono de Guimarães, he natural daquella Villa: he esta Obra bem trabalhada, e com muita individuação tratada, como todas as suas Memorias; porque foy bem instruído na Historia: faleceo a 26 de Mayo do anno de 1736, sendo Provedor da Comarca de Esgueira. Nella se refere a hum livro, que escreveo com o titulo de *Varias Antiguidades*, o Doutor Simaõ Vaz Barbosa, Conego da dita Collegiada, irmaõ do insigne D. Agostinho Barbosa, Bispo de Ugento, no qual trata tambem do nosso Saõ Torcato. Deste Santo fazem mençaõ tambem os Authores *Acta Sanctorum*, no Tomo III. de Mayo, pag. 442, e Tamayo no seu *Martyrologio*, ambos no dia 15 de Mayo.

Foy a Igreja do Mosteiro de Saõ Torcato sagrada pelo Arcebispo de Braga D. Payo Mendes, no anno do Senhor de 1132, como consta de huma Memoria antiga, que foy achada com as Reliquias, de que logo trataremos: diz assim: *Dedicacta est Ecclesia ista à Domino Pelagio Bracharensi Archiepiscopo in honore Sancti Salvatoris, Sanctæ Mariæ, S. Michaelis, Sancti Petri Apostoli, Sancti Torcati, anno ab Incarnatione Domini millesimo centesimo trigesimo secundo.* He de saber, que conservando-se huma antiquissima tradiçaõ, de que nas paredes do dito Mosteiro estavaõ depositadas algumas Reliquias, o Cabido desta Collegiada intentou buscallas, e havendo alcançado permissaõ do Arcebispo Primaz D. Luiz de Sousa, no anno de 1685, em o dia 7 de Novembro foraõ a esta Igreja as Dignidades, e Conegos da dita Collegiada, a saber, Nicolao Dias de Mattos, Thesoureiro mór, Domingos Pinto de Araujo, Mestre Escola, Miguel de Freitas da Cunha, Conego, e juntamente o Padre Paulo Gomes, Prothonotario Apostolico, e o Padre Joaõ Fernandes Luiz, Notario Apostolico do Santo Officio, e precedendo a Missa do Espirito Santo, que cantou o Conego Miguel de Freitas, se ordenou aos Mestres Pedreiros abrissem o Altar Mayor, que era de pedraria, e desfazendo huma pedra, que no meyo se achou, que tinha quatro palmos, e meyo de comprido, e dous, e meyo de largo, e de grosso hum palmo, e dous dedos, pedra que mostrava já ter servido, com molduras pelas cabeças, no meyo da qual havia hum buraco de palmo, e dous dedos em quadro por cada banda, tapado com pano, abetumado com breu; o Notario Paulo Gomes, com hum ferro de assentar abrio, e se acharaõ as Reliquias de que logo faremos mençaõ: e vistas por todos, e o povo que se achava presente, postos todos de joelhos, cantaraõ o *Te Deum Laudamus*; e depois tomando a sobredita pedra a puzeraõ sobre dous bancos com duas tochas accezas, e começando a fazer o exame, acharaõ as Reliquias seguintes. A saber, oito caixinhas de páo tosco, em que entrava huma lavrada, em que se achou escrito em papel a memoria da Dedicaçaõ da Igreja, de que acima fizemos mençaõ, e huns fios de seda, de que se naõ percebia côr, e com certos pedacinhos, serem ossos, que senaõ podia divisar o que era. Na segunda se achou hum papel, que dizia: *Reliquiæ Sancti Cosmæ & Damiani*, e o mesmo rotulo na caixa, na qual se achou embrulhado em seda preta dous ossinhos dos ditos. Na terceira estava huma memoria, que dizia: *Reliquiæ de Ligno Domini, & Cosmæ, & Damiani, & Sancti Torcati*, porem estavaõ sómente huns pedacinhos de sedas de cores, que mostravaõ ser de vestiduras de côr verde, e amarela, hum dentro no outro, e hum bocadinho de seda em dobras, atado com hum fio de retroz, que parecia gemado, e outro bocado preto, no qual estava hum bocadinho de fita verde. Na quarta tinha tres repartimentos, em hum se achou escrito em hum papel: *Reliquiæ Sancti Joannis*, e outros que se naõ puderaõ ler, no outro repartimento, huma memoria escrita, que dizia: *Reliquiæ Sancti Jacobi Apostoli*, e juntamente huns bocadinhos de ossos miudos, com hum panosinho enrolado com hum ponto, que mostrava nelle estavaõ embrulhados. Na quinta estavaõ escritas em papel estas palavras: *Reliquiæ Sancti Pelagii*, e outros, que se naõ puderaõ ler, e hum pedacinho de seda velha, e outros fios de seda sem outra cousa. Na

sexta

sexta tinha hum letreiro, que mal se pode ler, e de fóra na madeira outro, que parece queria dizer: *S. Maxencio*, e dentro hum pedacinho de seda vermelha atada com hum fio branco. A setima dizia a memoria: *Reliquiæ Sanctæ Mariæ Virginis*, e hum pedaço de seda carmesim, e dentro outro mais vermelho, que parecia ser de lãa. Na oitava dizia a memoria: *Reliquiæ Sancti Stephani Martyris*, & *Sanctæ Eulaliæ Virginis & Martyris*, e dentro estavaõ dous ossinhos, hum mayor, que outro, e hum bocadinho de seda tecida com lãa, com hum fio de retroz vermelho, e naõ continhaõ mais as referidas caixas, como consta de huma certidaõ passada pelo Notario Joaõ Luiz, que está no Cartorio do Cabido, a qual traz o Padre Antonio Carvalho da Costa, no I. Tomo da *Corografia Portugueza*, fol. 23, donde trata a Comarca de Guimarães com muita individuaçaõ, sendo huma das melhores Partes daquella Obra. E as ditas Reliquias, que o tempo tinha taõ damnificado se guardaraõ com veneraçaõ.

B Grande duvida se nos offerece em Saõ Phocato ser Bispo da Cidade de Lugo, em o Reyno de Galliza. Funda-se esta nossa duvida, em naõ constar da tradiçaõ desta Igreja taõ antiga, que he das primeiras de Hespanha, onde prégou o Apostolo Santiago, e lhe deu por primeiro Bispo a Saõ Agapito, que viveo pelos annos de 60, e morreo Martyr em Peniscola. Nem tem lugar para nós persuadir neste ponto o douto D. Thomás Tamayo Salazar, no seu *Martyrologio Hispano*, neste dia, por ser a sua authoridade fundada em Dextro, que affirma viver pelos annos de 385, em que naõ fazemos fundamento, e nos confirma nesta opiniaõ o Mestre Gil Gonçalves de Avila, Chronista mór de Indias, e dos Reys de Castella, eruditissimo na *Historia Ecclesiastica, e Secular de Hespanha*, quando no III. Tomo do *Theatro Ecclesiastico das Igrejas de Castella*, a fol. 173, escreve a de Lugo, onde naõ faz memoria de tal Santo; e sendo taõ larga a liçaõ deste Author, he certo naõ achou fundamento para o numerar entre os Prelados, que a governaraõ. No *Martyrologio Romano*, se achaõ dous Santos deste nome, hum Martyr em Antioquia, a 5 de Março, e outro no dia em que estamos, o qual era Bispo de Synope em Asia menor, em Ponto; e padeceo martyrio no tempo de Diocleciano na mesma Cidade. Pedro de Natalibus, Bispo Equilino, no seu *Catalogo dos Santos*, liv. 11. circa fin. n. 193, diz: *Phocatus Episcopus ipse die in Christo dormivit*; e como seja neste dia, quer Tamayo seja o de que escreveo Dextro. Bem poderá ser este Santo de Hespanha, inda que naõ temos quem nolo affirme; e assim com authoridade do Bispo Equilino, naõ nos fica escrupulo de que este Santo se possa venerar; porque ou seja o Confessor, ou o Martyr, que padeceo em Synope, he sem duvida, que a Igreja faz mençaõ de Santo deste nome, e em muitas Cidades de diversas regiões, achamos Santos do mesmo nome. O Padre Argaiz, felicissimo em achar novidades, no Tomo III. da sua *Soledad Laureada*, a fol. 416, quando trata da Igreja de Lugo, seguindo o seu Dextro, que confirma com Auberto, numéra a este Santo entre os Bispos desta Igreja, e com hum Catalogo muy largo de Prelados seus antecessores, de que he abundantissimo, em todas as que trata; pois sem fallarmos mais, que nas que tocaõ ao nosso Reyno, he para admirar, o que este Author achou de Bispos a Braga, Lamego, e outras Igrejas: e como naõ pertendemos authorisar a sua veneravel antiguidade com fabulas, naõ admittimos nada, que se naõ conforme com as memorias, que temos das nossas Cathedraes, ou sejaõ dos Archivos, ou da antiga, e immemoravel tradiçaõ das gentes, e por esta razaõ nos naõ valemos dos Authores dos Chronicões, que se fossem reduzidos à primeira verdade, com que foraõ escritos, antes de algumas inadvertidas addições, com que se fizeraõ de todo sospeitosos, seriaõ muy uteis à Historia das Hespanhas, se fosse facil tornarem ao que cada Author escreveo: e esta he a causa de naõ fazermos fundamento na sua authoridade; porém tambem nos naõ conformamos com alguns Criticos modernos, ainda que muy doutos, que pertendem, que estes Authores saõ apocrifos, e totalmente inventados, para o que nos naõ daõ prova equivalente, para destruír a opiniaõ, que temos comprovada com Authores muy graves, que affirmaõ os houve; e basta que confessemos que os adulteraraõ alguns ambiciosos de se fazerem celebres no Mundo, por engrandecerem as cousas da

ſua patria, ſendo que naõ neceſſitava eſta de ſemelhantes liſonjas; pois em todo o tempo, e em todas as idades floreceo com peſſoas dignas de eterna memoria.

C Era Simeaõ de naſcimento Gentio, mas taõ inſtruído nos Myſterios da Fé, que foy accuzado por cabeça principal dos que eraõ Chriſtãos, e fiel obſervador da Ley de Jeſus Chriſto; pelo que foy perſeguido, até que morreo no anno 1646, como referem as noticias das Miſſoens dos Padres da Companhia na Cochinchina, cap. 9. fol. 113.

D A Villa de Prado na Provincia do Minho, diſtante huma legoa da Cidade de Braga, fundada em tempo delRey D. Affonſo III. que lhe deu foral no anno de 1260, e hoje anda em ſeus deſcendentes com o titulo de Condado, de que he VII. Conde D. Antonio Caetano de Souſa, em quem a generoſidade, e o valor ſe anciparaõ tanto, que de muy pouca idade acompanhou a ſeu pay o Marquez das Minas D. Joaõ de Souſa, Gentil-homem da Camera delRey D. Joaõ o V. e General da Cavallaria de Alentejo, e a ſeu avó D. Antonio Luiz de Souſa, Marquez das Minas, e Governador das Armas do Exercito de Portugal, que mandava entaõ tambem o da Liga quando entrou por Caſtella, deixando à poſteridade do ſeu nome huma immortal fama. Deſta Villa foy natural o Padre Joaõ Rabello, e era irmaõ do Padre Fernaõ Rabello, de quem faremos memoria a 20 de Novembro. Entrou na Companhia a 21 de Julho de 1558, e nella viveo mais de quarenta annos, gaſtados todos em ſerviço de Deos, e do proximo no Confeſſionario, no Pulpito, e em outras obras pias, e devotas, inſtituindo Confrarias para augmentar o culto de Noſſa Senhora, que muito deſejou ſe propagaſſe; como tambem o exercicio dos Santos Paſſos de Chriſto, mandando vir de Roma Indulgencias para inflammar a devoçaõ. Morreo de idade de ſeſſenta annos no de 1602. As ſuas Confrarias lhe fizeraõ cada huma ſeu Officio ſolemne. Compoz huma *Hiſtoria dos Milagres do Roſario*, que imprimio no anno de 1599; outro livro, que intitulou *Addições*, ou *Commentarios à doutrina do Padre Marcos Jorge*, impreſſos no anno de 1617; hum livro intitulado *Vida de Chriſto*, na lingua Caſtelhana, muito differente da *Vita Chriſti*; hum *Manual de Orações*, em Caſtelhano, que depois traduzio em Portuguez, para ſer mais geral, e tambem ſe imprimio; hum *Tratado breve ſobre a Salve Rainha*, e outras Obras, que naõ ſahiraõ a luz, todas cheyas de eſpirito, e devoçaõ. Dellas faz mençaõ Franço, na *Bibl. Luſ.* m. ſ. Nadaſi, e Gerardi, neſte dia.

E No Termo de Beja fica o Lugar da Cuba, onde ſe edificou o Recolhimento da Terceira Ordem do Carmo a 8 de Setembro do anno de 1652, de que foy Authora huma devota mulher, chamada Maria Lopes, que vivia caſada com Pedro Fialho; mas de taõ ſanta vida como veremos a 9 de Novembro, em que ditoſamente faleceo no anno de 1695. Para eſtabelecer eſta virtuoſa Caſa, procurou em Lisboa humas certas Beatas Terceiras da Ordem de Noſſa Senhora do Carmo; foraõ ellas Mariana do Sacramento, Maria do Naſcimento, Maria de Saõ Joſeph, Andreza das Chagas, Sebaſtiana da Cruz, e Margarida de Jeſus, às quaes fez Doaçaõ do Recolhimento, por eſcritura feita em a Villa de Faro de Alentejo, a 31 de Outubro de 1672, pelo Eſcrivaõ Pedro Dias. Neſta Caſa viveraõ com grande edificacaõ, e nella morreo neſte dia a virtuoſa Maria do Sacramento, no anno de 1702, o que tiramos das Memorias delle, que devemos à bondade, e zelo do Padre Fr. Franciſco de Oliveira, e temos em noſſo poder.

JULHO XV.

A Trasladaçaõ de Santa Liberata V. M.

A

M a Cidade de Siguença, a Trasladaçaõ das Sagradas Reliquias da nossa Inclita Portugueza Santa Liberata Virgem, e Martyr, huma das nove irmãas, a qual depois de varios tormentos foy coroada de Martyrio, e o seu corpo sepultado pelos Christãos, donde descançou por alguns seculos, até que foy trasladado para hum Convento de Monges Beneditinos em Galliza, e pelo receyo das continuas guerras, em que se via aquella Provincia, foy levado para a Diocesi de Siguença, e collocado no Mosteiro de Santa Dorotea, onde pelos seus frequentes milagres era venerado. Delle foy trasladado para a Cathedral, em tempo do Bispo D. Bernardo, e daqui se levou com grande segredo à Cidade de Florença; o que foy muy sentido dos Cidadãos de Siguença, que com votos pediaõ a Deos a restituiçaõ do corpo de Santa Liberata, sua Padroeira, até que governando esta Igreja o Bispo D. Simaõ Giron de Cisneros, por concessaõ do Papa Bonifacio IV. de quem foy muy favorecido, teve licença, para restituir as Santas Reliquias à Sé de Siguença, e nella lhe lavrou huma magnifica Capella, aonde em huma arca de prata poz o corpo da Santa. Aqui permaneceo, até que o Bispo D. Fradique de Portugal, depois de já passados mais de dous seculos, lhe mandou lavrar huma sumptuosa Capella, que ricamente fez adornar, e dotou, e neste dia se fez a solemne Trasladaçaõ de que reza aquella Igreja; e sendo aberto o cofre, foy visto o sagrado corpo lançar de si fragrante cheiro, e a camiza da Santa Martyr com o sangue fresco, como se naquella hora fora martyrizada; e em presença de hum grande concurso de povo, que assistio a esta solemnidade foraõ metidas as Santas Reliquias em huma arca de prata, que se recolheo emoutra de pedra, que fica sobre o Altar da Santa, onde he acclamada, e venerada com grande devoçaõ de seus moradores.

O Veneravel Padre Ignacio de Azevedo, e 39 Companheiros MM.

B Neste dia, naõ distante da Ilha de Palma, no mar Occeano, o glorioso Martyrio do Padre Ignacio de Azevedo, e trinta e nove Companheiros, de que era Superior, todos da esclare-

esclarecida Companhia de JESU, os quaes com o seu sangue fizeraõ gloriosa a confissaõ da Fé Catholica, em odio daqual os Hereges Calvinistas lhe tiraraõ a vida, dando-lhe na Eterna, a immarcesivel laureola de Martyres. Ao Padre Ignacio de Azevedo fez desprezar o amor da virtude os bens do Mundo; porque deixando a casa de seu pay, o solar, e nobreza de seus antepassados, vestio a Roupeta da Companhia, que abraçou com tal vontade, que em breves tempos deu claras demonstrações do seu talento, e do seu espirito; pois com huma voluntaria pobreza naõ só naõ tinha, mas naõ queria ter nada do Mundo; com tal abatimento, que naõ se contentava com possuir pouco, mas esse o mais vil, e ainda o desprezado por inutil de outros, sendo nelle de estima o faltarlhes muitas vezes o preciso. Cresciaõ os seus merecimentos, e em breve tempo chegou a ser Reytor do Collegio de Santo Antaõ. Era muita a pobreza daquella Casa, e assim padeciaõ os subditos grandes faltas, naõ só no vestir, mas ainda no comer; porém como o exemplo do Prelado servia de modello à paciencia, naõ havia quem se queixasse, e se eximisse de se adiantar na virtude. Ardia na charidade, e amor do proximo com tal fervor, que naõ havia para donde naõ acodisse com remedio, ou nos Hospitaes, ou nas Cadeas: a huns exhortava, a outros servia, e a todos remediava a necessidade, que padeciaõ: naõ houve doença, que por asquarosa lhe fizesse voltar a cara, antes com huma nunca vista charidade servia aos doentes mais immundos, e de mais horrorosas enfermidades, sendo a sua mortificaçaõ idéa da charidade. Depois de curar aos enfermos os instruìa, como lhe parecia necessario; e confessando-os os sarava primeiro das feridas da alma, do que das que padeciaõ no corpo. A obediencia o mandou tambem por primeiro Reytor do Collegio, que em Braga tinha Fundado à Companhia o Santo Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, grande estimador da virtude do Padre Ignacio. Nesta Cidade continuou os mesmos exercicios, que em Lisboa, livrando a muitas mulheres da torpe vida, em que estavaõ, compondo discordias, evitando odios capitaes, que havia tempos se fomentavaõ, sem que nem os Arcebispos, nem a authoridade do Cardeal Infante D. Henrique o podessem remediar. Tendo colhido o seu zelo hum copioso fruto em Braga, começou

a discorrer pelo Arcebispado, passou a Barcellos, onde o tiveraõ como Anjo de luz, que fora abrir os olhos àquelles numerosos póvos. Prégava todos os dias, e havia dia de tres Sermões; logo confessava grande numero de pessoas, e depois de já cançado, e rendido do trabalho, sahia a pedir de porta em porta hum pedaço de paõ, a que o obrigava a sua voluntaria pobreza, desprezando com Apostolico costume os regalos, que os moradores daquellas terras lhe offereciaõ, sem que aceitasse, nem a sua casa; porque os Hospitaes eraõ as suas mais estimadas hospedarias. Naõ pertendia outra cousa, mais do que a observancia da Ley de Deos, em que com todo o desvélo se empregava. Eraõ taõ activas as suas palavras, que feriaõ os mais empedernidos corações, reduzindo-os ao conhecimento das suas culpas: lançava-se aos pés dos aggravados, e vencia com a sua humildade a injuria dos vingativos, e com orações livrava a muitos de escandalosas occasiões proximas, em que sem memoria da Eternidade viviaõ; e sendo o seu trabalho igual ao de muitos, naõ podia vencer o numero das pessoas, que acodiaõ, e lhe foy necessario chamar operarios de Braga, para que colhessem o fruto daquella seára do Senhor, que elle com o seu zelo tinha taõ cultivada. Era o Apostolico espirito do Padre Ignacio de Azevedo conhecido em toda a parte com veneraçaõ, e delle fazia grande conceito Saõ Francisco de Borja, entaõ Geral da Companhia, como quem o tinha tratado, quando estivera em Portugal, e reconhecia o fundo da sua solida virtude; e assim o nomeou Visitador do Brasil, e antes de lhe dar fim foy feito Provincial; lugares, que servio com prudencia, e perfeiçaõ. Via a necessidade, que aquelle vasto Estado tinha de obreiros do Evangelho, e assim compadecido, determinou verse com Saõ Francisco de Borja, para que informado provesse de gente aquella Provincia. Chegou a Portugal, e espalhando-se o motivo da sua vinda, eraõ tantos os que o queriaõ acompanhar, que se via importunado em Evora dos estudantes, e dos Irmãos da Companhia: se no seu arbitrio estivesse a escolha, naõ ficaria nenhum no Reyno; e o mesmo lhe succedia nos mais Collegios, por onde passava. Chegou a Roma, e foy grande a consolaçaõ, que teve o Santo Borja de o ver; e ajustado o que foy conveniente à conservaçaõ da gentilidade do Brasil, e augmento da Provincia,

cia, lhe ordenou, voltasse com a mesma occupaçaõ, e que de cada Provincia, por onde passasse para Portugal, se lhe dessem cinco Religiosos, para levar comsigo para America; bastantes por entaõ para a necessidade, que havia. Despedido do Geral com grandes demonstrações de affecto, e beijando o pé ao Santo Pio V. que com especiaes favores, e graças o animou à empreza, e voltando para Portugal, veyo alistando gente para aquella maravilhosa empreza, onde chegou com setenta Companheiros de toda a catagoria de pessoas; porque na vinha do Senhor todos saõ remunerados com o premio devido aos seus talentos. Como ainda naõ era tempo de partir a frota para o Brasil, em que havia de embarcar o Governador daquelle Estado D. Luiz de Vasconcellos, mandou o Padre Ignacio de Azevedo fretar metade de hum navio à Cidade do Porto, para nelle se embarcar com a sua companhia. Em quanto este naõ chegava a Lisboa, se retirou com seus Companheiros a Val de Rosal, huma quinta da parte dalém de Lisboa, huma legoa distante do lugar de Cassilhas, aonde por tempo de cinco mezes, fizeraõ huma vida Angelica. Era o sitio retirado, e muy a proposito para a contemplaçaõ: nesta se gastava muito tempo, e em outros santos exercicios, como de liçaõ espiritual, jejuns, cilicios, e disciplinas, e outras mortificações, com que se armavaõ os valerosos soldados de Christo, para a empreza das Missões do Brasil, ou para melhor dizer para o Martyrio, para que Deos os hia prevenindo com tanta abundancia de superiores dons. De sorte se gastou aquelle tempo, que muitas vezes dizia o Padre Ignacio de Azevedo, que já naõ esperava melhores dias, que os de Val de Rosal (tal vez que com profetico espirito do pouco, que lhe havia de durar a vida,) e assim o significava nas cartas, que escreveo a diversos Collegios taõ cheas de amor de Deos, que accendiaõ devoçaõ em quem as lia. Chegado o tempo da partida, e depois de vencidos grandes obstaculos, que teve, se embarcou na náo Santiago, com quarenta e quatro Companheiros; e para que se naõ perdessem na jornada os exercicios de Val de Rosal, determinou fazer na náo huma semelhança de Collegio, de que resultou universal edificaçaõ nos navegantes, acodindo todos às Ladainhas, e doutrinas em que os instruîa com grande charidade. Tomou o navio a Ilha

da Madeira, para carregar para a Ilha de Palma; assim como o Padre soube da derrota do navio, reconheceo o perigo, a que hiaõ expostos, por andarem aquelles mares infestados de cossarios Hereges Calvinistas. Advertio o Padre Ignacio aos Companheiros o perigo, a que hiaõ expostos, dando liberdade aos que naõ quizessem seguir aquella perigosa viagem: sómente quatro desmayaraõ, e pediraõ licença para ficar na Madeira, que liberalmente se lhe concedeo, e depois por justas razões foraõ despedidos da Companhia. Deu a náo à véla em demanda da Ilha de Palma. Eraõ as praticas familiares sobre o martyrio, de que hum dos Companheiros teve revelaçaõ. Ao Padre Ignacio de Azevedo, se lhe ouviraõ huns suspiros nascidos do intimo da alma, dizendo: *Irmãos em Christo, se nós fossemos taõ ditosos, que com o nosso sangue lavassemos as nossas culpas para merecermos a Gloria!* Em sete dias chegaraõ com ventos de servir duas legoas da Ilha de Palma, onde se lhe levantou hum temporal taõ rijo, que com trabalho tomaraõ hum surgidouro por detraz da Ilha, para depois com o tempo brando poderem lançar ferro no porto da Ilha de Palma. Em hum Sabbado ao romper da Alva, se acharaõ tres legoas da Ilha. Andava nesta altura às prezas Jaques Soria, Francez de naçaõ, famoso cossario, e criado, que dizia ser da Rainha de Navarra, Hereje inimigo da Igreja Catholica Romana, com que lisonjeava o falso reconhecimento da sua Princeza. Assim como vio a náo Santiago, voltou sobre ella com a sua esquadra, que constava de cinco navios: conheceraõ todos o perigo, e o Padre Ignacio de Azevedo, em quem o brio era natureza, animou a todos à peleja pela defensa da honra, e os exhortou à piedade Catholica de darem a vida em obsequio da Fé, e tomando hum retrato de Maria Santissima, copia do que fez Saõ Lucas, voltando para os seus Irmãos, que em devotas preces combatiaõ o Ceo, lhes disse: *Filhos animo, que hoje he o dia em que havemos de entrar todos juntos na Gloria a gozar das promessas, que Jesu Christo fez aos que o seguissem? Naõ vedes o quanto se alcança com hum só trabalho, e a differença que vay de aportar no Ceo, ou desembarcar no Brasil? Seja a oraçaõ taõ fervorosa, como a ultima que temos, que fazer, para merecermos Celestes confortos, com que animado o coraçaõ demos a vida pelo nosso Deos*; e abrazado no seu amor

levan-

levantou a voz, dizendo: *Cumpra-se Senhor a vossa vontade; porque todos inseparaveis dos vossos preceitos, estamos firmes em obsequio da Fé de confirmar a sua verdade com o nosso sangue.* Já neste tempo tinha chegado a náo de Soria, sobre a de Santiago, ainda que com alguma resistencia, e perda da sua, foy rendida, e entrada. Sabendo Jaques Soria da milicia de Christo, que passava ao Brasil, mandou, que morressem todos, sem excepçaõ, proferindo com colera: *Morraõ estes Papistas, que vaõ a semear a falsa doutrina ao Brasil.* Chegou o Soria a ver da sua náo a numerosa comitiva dos Jesuitas, e logo disse aos seus: *Lançay ao mar esses perros Jesuitas inimigos nossos.* Naõ esperaraõ arrependimento da ordem do seu Cabo, e assim arremeteraõ aquelles apostatas da Igreja aos Padres, despindo-lhe as pobres Roupetas, ferindo a huns, cortando os braços a outros, e a todos maltratando. O Padre Ignacio de Azevedo, como valeroso Capitaõ, tendo nos braços a Imagem da Virgem Nossa Senhora, animava em voz alta a todos, dizendo: *Queridos Irmãos, morramos confessando a publicas vozes a Fé, que temos no coraçaõ, para gloria da Igreja Romana, que os Hereges impugnaõ.* Hum delles descarregou sobre a cabeça do Padre huma grande cutilada, que abrindo-lha chegou até os miolos; porém constante, e firme continuava em exhortar aos Companheiros sem mudar de lugar, até que com tres lançadas cahio no chaõ, ouvindose-lhe estas palavras: *Sejaõ-me os Anjos, e os homens testemunhas, que morro por defender a Santa Igreja de Roma, e tudo, o que ella ensina.* Ainda postrado se ouvia a sua voz, emula do seu espirito, dizendo: *Filhos da minha alma, naõ tenhais medo da morte, aggradecey ao Senhor, que vos dá fortaleza para morrer por elle; e já que temos taõ grande remunerador, naõ sejamos fracos nas batalhas do Senhor*, a quem ditas estas palavras, entregou a sua pura alma coroada com a triunfante palma do martyrio. Quizeraõ os Hereges apartallo da sua amada prenda, tirando-lhe dos braços a Imagem da Senhora, mas naõ o poderaõ conseguir. O Irmaõ Bento de Castro com hum devoto Crucifixo nas mãos dizia: *Eu sou Catholico filho da Igreja Romana*, por esta confissaõ foy atravessado com tres balas de mosquete, e vendo-se, que immovel perseverava em pé, depois de varias estocadas, foy lançado ainda vivo ao mar. O Irmaõ Manoel

noel Alvares, abrazado no fogo do amor de Deos, começou a reprehender os Hereges, dizendo-lhe os erros, em que viviaõ; pelo que foy ferido no rosto, e lançado no chaõ, lhe quebraraõ os braços, e pernas, e moendo-lhe até os ossos, para lhe dilatarem o martyrio, o naõ quizeraõ acabar de matar; porém o Servo do Senhor no meyo destas afflições com generosa resoluçaõ, voltou para os seus Irmãos, dizendo: *Naõ tenhais lastima do que padeço por Jesu Christo; confesso-vos, que nunca mereci ser taõ favorecido: quinze annos tenho de Roupeta da Companhia, e ha mais de dez, que pertendo a jornada do Brasil, e agora ma cumprio com ditosa morte, pelo que em seu serviço, e da Companhia tenho obrado.* Neste discurso foy lançado ao mar. Andavaõ já encarniçados os ferozes ministros de Satanás, correndo toda a náo; e vendo dous Irmãos de joelhos fazendo oraçaõ diante de humas Imagens sagradas, que elles tanto desprezaõ, cheyos de colera, e com furia infernal, lhes deraõ com os cópos das espadas na cabeça, com tal força, que lhe quebraraõ os cascos. Chamava-se hum Braz Ribeiro: este saltando-lhe os miollos fóra, cahio logo morto: o outro Pedro da Fonseca, a quem hum Herege deu huma punhalada pela boca, que lhe cortou a lingua, e quebrou o queixo. O Padre Diogo de Andrade, que succedeo ao Padre Ignacio em os animar, vendo que era Sacerdote, e que confessara a huns, e a todos exhortava, lhe deraõ muitas punhaladas, e depois ainda vivo o lançaraõ ao mar. No meyo deste conflicto se levantaraõ da cama dous Irmãos, que estavaõ doentes, chamados Gregorio Escrivano, e Alvaro Mendes, e vestindo as Roupetas, descalços, e despidos se incorporaraõ entre a Angelica esquadra de seus Irmãos, e com elles alcançaraõ a gloriosa coroa do Martyrio. A hum Irmaõ chamado Simaõ da Costa, de gentil aspecto, o levaraõ à náo de Jaques Soria, e perguntando-lhe se era Jesuita, lhe respondeo com grande constancia? *Naõ só sou Irmaõ dos que morrem, mas da mesma Fé, e Religiaõ Catholica Romana*; o que sentindo o Soria, o mandou logo degolar, e lançar ao mar. Ficou a náo Santiago maltratada da peleja; e porque fazia muita agua, e era necessario alivialla com a bomba, meteraõ ao trabalho os Religiosos, que inda havia: naõ lhes durou muito; porque o Cabo, sabendo, que ainda naõ eraõ mortos todos os Jesuitas, ordenou

que

que os lançaſſem ao mar, e ſe acabaſſe com a vida de todos. Começaraõ como de novo os ſoldados a execuçaõ, e deſpindo aos pobres Religioſos, acutilavaõ huns, feriaõ, e matavaõ outros, e finalmente todos lançaraõ ao mar, e com elles o veneravel corpo do Bemaventurado Padre Ignacio de Azevedo, que até aquelle tempo eſteve eſtendido na náo, parece, que com altiſſima providencia, para que ſerviſſe de animar aos ſeus ditoſos diſcipulos. Foy o mar criſtalina arca, em que ſe depoſitaraõ os glorioſos cadaveres dos eſclarecidos Martyres, ſem mais Epitafios, que as ondas, eſtando neſte lugar eſperando a Reſurreiçaõ univerſal. Era couſa admiravel ver o corpo do Veneravel Padre Ignacio ſobre as ondas, taõ compoſto com os braços em fórma de Cruz, e nelles a ſagrada Imagem da Virgem Santiſſima; e deſta maneira com admiraçaõ dos circunſtantes perſeverou até o perderem de viſta. A Divina Providencia, que queria foſſe compleƈto o numero de quarenta, no lugar, que faltava de hum Irmaõ, que ſervia de coſinheiro, e o levara para o meſmo officio Soria, inſpirou em hum mancebo, por nome Joaõ, ſobrinho do Capitaõ do navio, taõ affeiçoado do Inſtituto da Companhia, que tinha pedido a Roupeta ao Padre Ignacio, e ſuppoſto naõ lha deu, naõ perdeo por iſſo a inclinaçaõ, acompanhando aos Irmãos nos exercicios da virtude. Ao tempo, que os Hereges apartavaõ os Religioſos dos Seculares, elle com ſanta vocaçaõ ſem dizer nada, ſe meteo entre elles para ſer feliz companheiro do martyrio, com que todos ſe viraõ glorioſos no Ceo.

O P. Rodolfo Aquaviva com 4 Companheiros MM. da Companhia.

C Na India Oriental em a Villa de Coculim, a precioſa morte de cinco eſclarecidos Martyres, tambem da Companhia de Jesus, os Padres Rodolfo Aquaviva, Affonſo Pacheco, Antonio Franciſco, Pedro Berno, Sacerdotes, e Franciſco Aranha, Irmaõ Leigo, a quem a Obediencia tinha mandado de Goa às terras de Salcete a animar com a ſua doutrina àquelle Chriſtianiſmo. Feito o caminho com o louvavel coſtume da Companhia, renovaraõ os votos da Religiaõ na Igreja de Santa Cruz de Verna, e foraõ as praticas daquella noite a converſaõ do gentiliſmo. Determinou o Padre Rodolfo Aquaviva, que paſſaſſem a Coculim, para ſocegar os animos dos Gentios, que eſtavaõ ſentidos do deſtroço, que tinha feito nos ſeus Pagodes D. Gil Annes Maſcarenhas, Capitaõ mór da Coſ-

ta do Malavar, quando recolhendo a Armada a Goa, entrou por aquelle rio, e castigou aquelles póvos, destruindo-os, e assolando os, pelo atrevimento de tomarem hum Correyo, que de Cochim se mandava ao Vice-Rey do Estado D. Francisco Mascarenhas, Conde de Santa Cruz. Eraõ os intentos dos Padres, edificar huma Igreja em Coculim, de que se seguia grande utilidade às Missoens, e augmento à Religiaõ Catholica. Antes de chegar à Villa, começou com os seus Companheiros a observar hum sitio, que lhe pareceo muy a proposito, para nelle levantar a Igreja. Chegou à noticia dos Gentios, que os Padres estavaõ naquelle lugar; e logo assentaraõ comsigo, que era boa occasiaõ de poderem satisfazer as injurias dos seus idolos. Adiantou-se hum Gentio, e chegando aos Padres, com palavras fingidas os entreteve, dizendo, que logo os viriaõ receber os da Villa: com animo sincéro lhe communicaraõ os intentos, que tinhaõ, de pedirlhe licença para naquelle lugar edificarem huma Igreja, por ser situada em parte donde mais facilmente podiaõ acodir às Aldeas visinhas. Tendo noticia os Gentios da sua idéa se irritaraõ mais contra elles, accendendo a sua colera hum Bramane seu sacerdote, que os persuadia a vingar os seus Deoses, injuriados na ruina dos Pagodes, de que os Padres, dizia elle, tinhaõ sido causa; e naõ contentes do desprezo da naçaõ, e dos Deoses, queriaõ edificar huma Igreja, para de todo acabarem com a sua memoria. Assim persuadidos tomaraõ de improviso todos as armas; e seguidos de toda a sorte de gente, vieraõ em demanda dos Padres, tomando os caminhos, e passos, para que lhe naõ escapassem, taõ prevenidos, como se buscassem a hum inimigo armado. Tanto que avistaraõ os Padres, se encaminharaõ a elles com grandes alaridos, dizendo: morraõ os crueis assoladores dos nossos templos. Pretenderaõ alguns Christãos deter a furia dos barbaros, segurando-lhes a innocencia daquelles Padres: a esta persuaçaõ deraõ a reposta com hum chuveiro de settas. Foy o Padre Rodolfo Aquaviva o primeiro, em que se cevou a sua barbaridade; porque de huma cutilada nas curvas das pernas, cahio o bom Padre, e ficou de joelhos; e como valeroso soldado de Christo, pondo no Ceo os olhos offereceo a vida a seu Creador; e desabotoando a Roupeta dobrou o cabeçaõ, offerecendo o pescoço à crueldade do barbaro,

baro, que descarregou com diabolica furia duas cutiladas, bastantes a acabar a vida, a quem naõ estivesse taõ fortalecido do Ceo, o que vendo o algoz, lhe deu outra em o hombro esquerdo com tal força, que o separou mais de quatro dedos: finalmente do golpe de huma frecha, que lhe atravessou o peito, acabou com esta quinta ferida, dizendo: *Perdoay-lhe Deos meu, Santo Xavier rogay por mim, Jesu recebey a minha alma.* O que repetindo tres vezes, entregou o seu espirito ao seu Creador, sendo numerado entre os innumeraveis esquadroens de Martyres na Gloria. O Irmaõ Francisco Aranha, foy ferido quasi ao mesmo tempo com huma cutilada no pescoço, e huma lançada pelas costas, cahindo no chaõ, desfalecido destas feridas, naõ ficou morto; porque haviaõ de ser mais sensiveis os tormentos. Ao Padre Pedro Berno, depois de lhe abrirem o casco com huma cutilada, e lhe darem outra no corpo, lhe tiraraõ hum dos olhos, e rendida a vida nas mãos da crueldade, já morto, ainda o odio perseguio o veneravel cadaver com barbaras injurias. O Padre Affonso Pacheco, posto de joelhos foy atravessado pelo peito com huma lança, e cruzando os braços, postos no Ceo os olhos, acabou degolado. O Padre Antonio Francisco, que com notavel ancia pedio sempre a Deos, lhe concedesse o dom do Martyrio, o alcançou agora por huma cutilada na cabeça, e outras feridas, com que perdeo a vida. Naõ satisfeita ainda a tyrannia com o sangue dos Martyres, vendo que ainda estava vivo o Irmaõ Francisco Aranha, o arrastaraõ duas vezes ao redor do seu Pagode, e com grandes alaridos o ameaçavaõ, a que adorasse aquelle idolo, senaõ queria morrer atormentado. O constante soldado de Christo com animo invencivel lhes respondeo: que só venerava ao Verdadeiro Deos, a quem adorava, e naõ aos immundos idolos, em que fallava o demonio. Com grande impaciencia foy ouvida esta reposta, de que se seguio ser posto em hum lugar alto, onde foy feito alvo de immensidade de settas, com que lhe cobriraõ o corpo; e delle com superstiçaõ gentilica tirava cada hum a sua, tinta no innocente sangue, para offerecer aos seus falsos Deoses; e desta sorte foraõ coroados de Martyrio estes Santos Religiosos.

O V. P. Simaõ Rodrigues Fundador da Companhia em Portugal.

D Em Lisboa, em Saõ Roque, Casa Professa da Companhia de Jesu, a preciosa morte do Veneravel Padre Simaõ Ro-

 drigues,

drigues, hum dos primeiros Companheiros de ſeu Santo Patriarca, Varaõ inſigne em piedade, e zelo, e ſaude das almas, gloria da Religiaõ, e pedra fundamental, em que ſe edificou a Provincia de Portugal, de que tem reſultado tantas outras nas ſuas Conquiſtas, com tanta edificaçaõ dos proximos, como proveito da Religiaõ Catholica; e aſſim ſerá ſempre admiravel a memoria deſte Santo Apoſtolico Varaõ, a quem de tenra idade lhe faltou ſeu pay, e criado com o maternal amor, o mandou eſtudar a Pariz em companhia de ſeu irmaõ Sebaſtiaõ Rodrigues de Azevedo: aproveitou muito nos eſtudos, e depois de tomado o gráo de Meſtre, partio com alguns companheiros à Italia, e tendo conhecimento do Apoſtolico modo de vida, que eſtabelecia Santo Ignacio, foy o quinto Companheiro, que ſe aggregou àquella nova Companhia, que ſahia ao Mundo para terror do Inferno, e gloria da Igreja. Com o Santo paſſou a Veneza; e antes de ſaber a idéa de Santo Ignacio, determinou paſſar a Jeruſalem, para empregar toda a vida no beneficio das almas. Em o Eſtado da Republica ſe repartiraõ os Companheiros, e tocou a Cidade de Baſſan para reſidencia do Padre Simaõ Rodrigues, e ſeu Companheiro Claudio Jayo. Aqui foy grande a edificaçaõ, que davaõ com o ſeu modo de vida, exerciaõ a obediencia, ſendo às ſemanas hum Superior do outro. A oraçaõ era continua, o comer hum pouco de paõ duro, e mendigado, o dormir muy pouco, ſendo a ſua cama a terra fria, ou o campo arrimados a hum carvalho, em companhia de hum virtuoſo Anacoreta, que alli reſidia. Neſte ſitio paſſaraõ quarenta dias de jejum de paõ, e agua, e de outros ſantos exercicios, com que ſe encheraõ de Celeſtes dons, e ſahiraõ pelos campos, e lugares publicos até à Cidade, prégando com tal fervor de eſpirito, que a todos cauſava admiraçaõ a novidade; e aſſim chegava a gente levada da curioſidade a ouvillos ſem devoçaõ, mas depois feridos da força do ſeu eſpirito, compungidos, deteſtavaõ as ſuas culpas arrependidos. Neſta glorioſa fadiga, opprimido dos rigores da penitencia, perdeo pela ſaude do proximo, a do ſeu corpo, e já deſconfiado dos Medicos, e ſem eſperança de vida, foy milagroſamente ſoccorrido por ſeu Meſtre Santo Ignacio, e reſtituido com a ſua viſita à perfeita ſaude. Livre já da doença o Meſtre Simaõ, entrou em pen-

ſamentos

famentos de deixar a vida activa pela contemplativa, levado do amor da foledade, e habitaçaõ de Anacoreta. Vacilava o difcurfo nefta propofiçaõ, e em hum labyrintho de irrefoluções, determinou communicar efte negocio com o Anacoreta. Apenas fahio da poufada, quando vio diante de fi hum homem armado, de afpecto medonho, e formidavel, que com a efpada nua na maõ o obrigou a retroceder o caminho. Pareceo-lhe effeito da imaginaçaõ, e fahindo fegunda vez com o mefmo penfamento, lhe tornou a fucceder o mefmo; reconheceo o myfterio, e que era de mayor gloria de Deos o caminho, que tinha principiado. Já difcorria por todo aquelle Eftado, e paffando ao Ducado de Ferrara, diffe nefta Cidade a fua primeira Miffa, e depois paffou a Roma com os mais Padres. Daqui o mandou o Summo Pontifice a Sena, acompanhado do Padre Pafcafio Broeth, a acodir a hum horrendo engano, com que o demonio atrahia a fi os moradores daquella Cidade. Era o cafo, que pelo caminho da devoçaõ, fe deixavaõ enganar do pay da mentira, que os fazia concorrer a huma Ermida, onde acodia grande numero de gente, levada de milagres fingidos, com que o demonio perfuadia aos miferaveis. Era o modo fahir da Ermida entre os apertões da gente levados de hum efpirito phanatico, bradando: *milagre! milagre!* E logo correndo como loucos, fe hiaõ a hum penedo, que com oculta, e diabolica violencia os arrebatava a fi, e deitando-fe de coftas, fobre efta pedra recebiaõ na alma o efpirito enganofo, e ficavaõ endemoninhados. Tinha lavrado efte diabolico mal em toda a forte de gente, de que os livrou o Meftre Simaõ, preparando-fe com orações, jejuns, e extraordinarias penitencias, para fazer os Exorcifmos, por meyo dos quaes com grande gloria de Deos diffipou, e arrancou a raiz daquelle diabolico contagio. Efta foy a primeira miffaõ, que por ordem da Sé Apoftolica fez a Companhia, de que tanta gloria coube ao Meftre Simaõ. Defte lugar o mandou o Papa a reformar certo Mofteiro de Freiras, que efquecidas da vida, que profeffaraõ, a paffavaõ com efcandalo, fem que a authoridade do feu Arcebifpo, nem o zelo de outras peffoas, a quem fe encommendou efte negocio, as podeffem reduzir, o que com felicidade confeguio o Meftre Simaõ Rodrigues, e logo partio para Roma.

X ii Corria

Corria neste tempo com prospera fortuna a Conquista da India, que ElRey D. Joaõ o III. queria adiantar com o proveito das almas, para que o commercio do Ceo fizesse util ao da terra, pois naõ o faziaõ esquecer as riquezas do Oriente, de que se via sómente Senhor, dos cuidados das Missoens; e assim pedio ao Papa, e a Santo Ignacio, que da nova Companhia, que se tinha erigido em Roma, e gozava Italia, com tanta felicidade de seus moradores, lhe enviassem ao menos seis Padres para Missionarios da India. Satisfez o Papa a esta supplica, deixando ao arbitrio, e zelo de Santo Ignacio a escolha, e o numero, e que a cada hum delles nomeava por Nuncios Apostolicos da India. Foraõ os destinados os Padres Simaõ Rodrigues, e Nicolao de Bobadilha, que por cahir em huma grave doença, entrou no seu lugar o Padre Francisco Xavier, a quem as maravilhas, que obrou no Oriente, puzeraõ depois no Catalogo dos Santos. Partio o Padre Simaõ de Italia, e com ventos favoraveis chegou a Lisboa, primeiro que o Santo Xavier, que com o Embaixador de Portugal tinha feito por terra o caminho. Foy recebido delRey com especiaes sinaes de benevolencia, e amor, e mandou, que fosse assistido com Real grandeza de todo o necessario, o que o Santo Varaõ recusou com Religiosa modestia, e supplicou a ElRey o deixasse viver na estreiteza do seu Estatuto, sendo taõ fervorosa a instancia, que se venceo ElRey das suas palavras. Assim se foy hospedar no Hospital Real de todos os Santos, para se curar de humas quartans, que o traziaõ debil, e fraco. Aqui começou a empregarse em exercicios espirituaes com que edificava ao povo, ouvindo a todos de confissaõ, e servindo-os em outras obras de charidade, suprindo o espirito a falta de forças, e saude. Passados tres mezes, no dia, em que se esperava a sezaõ, chegou o Santo Xavier, e foy taõ poderoso o gosto, ou o contacto do Santo, que ficou livre da molestia que padecia. Em quanto naõ chegava a monçaõ de embarcarem para a India, se empregavaõ na boa educaçaõ, e ensino dos meninos, e mais familia do Paço, e de toda a Cidade, servindo nas cadeas publicas, onde confessavaõ aos prezos, e os instruîaõ, fazendo em toda a parte obras dignas do agrado de Deos. Era grande a satisfaçaõ delRey com assistencia dos Padres na Corte; e assim tratou de alcançar da Sé Apostolica

a con-

a confirmação do Instituto da Companhia, em que teve grande parte, e assentou comsigo não o deixar passar à India, sobre o que escreveo ao Papa, e a Santo Ignacio; e supposto este deixava ao arbitrio Real a determinação deste negocio, com tudo lhe apontava, que se repartissem, embarcando São Francisco Xavier para a India, e ficando em Portugal o Veneravel Mestre Simaõ Rodrigues; e desta sorte satisfez ao Reyno com taõ grande Mestre, e à India com hum Apostolo. Conformou-se ElRey com a determinação, e partio o Santo Xavier para o Oriente; e o Mestre Simaõ se começou a abrazar em o antigo desejo de converter infieis ao conhecimento do Verdadeiro Deos, e assentou comsigo de passar secretamente à India. Quando pertendia pôr em execução esta idéa o chamou ElRey para fundar hum Collegio, e reconheceo o Santo Varaõ ser da vontade de Deos a sua assistencia em Portugal. Era grande o fruto, que o seu exemplo obrava, e já muitos os que abraçavaõ o Instituto da Companhia, a qual com o favor delRey crescia a olhos vistos; pois lhe deu outro Collegio em Coimbra. Por este tempo chegou da India hum Embaixador Gentio, pessoa de qualidade entre os seus, e que ElRey desejava tirar das trevas da idolatria: encarregou ao Padre Simaõ esta empreza, que conseguio com felicidade, como illustrado pelo Ceo. O mesmo successo teve com hum Capitaõ Mouro, a quem instruío com diligencia para receber o sagrado Bautismo. Pouco mais de hum anno contava o Collegio de Coimbra, quando se achava habitado com sessenta Religiosos, provados pelo espirito do Padre Simaõ, o qual tendo pedido obreiros a Santo Ignacio, lhe escreveo, que tinha já tantos de abalizada virtude, e que eraõ tantos os pertendentes, que era impossivel recebellos, pelo que lhe naõ mandasse mais Religiosos. Neste estado se achava o Collegio de Coimbra, quando o Santo Varaõ voltou a Lisboa, onde rendida a natureza ao trabalho, cahio enfermo. Assim como ElRey o soube, o foy visitar com o Principe seu filho, e a este exemplo toda a Corte, que venerava a virtude do Padre Simaõ, que supposto reconhecia a honra, que ElRey lhe fazia, a sua humildade tinha feito renuncia de toda a gloria do Mundo. Depois, por morte de D. Jorge de Almeida, Bispo de Coimbra, e Conde de Arganil, o nomeou ElRey Prelado desta

desta opulenta Diocesi, que com lagrimas, e sentimento recusou, e com taes razões fallou a ElRey, que o disuadio de tal intento. Foy promovido a esta Igreja Fr. Joaõ Soares, Religioso Eremita, que depois do Concilio de Trento tanto illustrou esta Mitra; e como era Mestre do Principe, fez ElRey escolha do Padre Simaõ para este emprego, que elle de muito boa vontade recusara, senaõ entendera desgostar nisso muito à Magestade. Naõ mudou o estylo de vida com a Aulica occupaçaõ, antes se profundou mais na humildade; porque com hum vestido desprezivel, roto, e humilde, pizava as antecameras do Paço; e sendo Mestre de hum Principe herdeiro da Coroa de Portugal, e Provincial da sua Religiaõ, o vio a Corte muitas vezes vestido de pardo, com hum caldeiraõ às costas levar o comer aos prezos. Costumava dizer, que as mayores mortificações, que teve, fora perder a companhia do Santo Xavier na Missaõ da India, e a outra era a estimaçaõ da Corte; este sentimento expressava em huma carta ao Reytor do Collegio de Coimbra, dizendo: que de melhor vontade fora carreiro do Collegio, do que Mestre do Principe. Tal era o abatimento do Mestre Simaõ, e a sua grande virtude.

Cresceo em taõ pouco tempo o numero das pessoas na Companhia em Portugal, que já o Padre Simaõ mandava muitos a Roma ao seu Santo Patriarca, e outros repartia pelas Missoens da India, e da Ethiopia, onde foy taõ copioso o fruto, como testemunha agradecida a Igreja Catholica com singulares expressoens de mãy da Companhia. Com o numero dos Religiosos se augmentava a Observancia, crescia a mortificaçaõ, naõ só particular, mas com publicas penitencias, e com universal edificaçaõ de todo o Reyno. Esta espiritual satisfaçaõ do Padre Simaõ se diminuìa com a authoridade do magisterio do Principe; porque os pertendentes concorriaõ a elle, para informar a ElRey, de que tanto se affligia a sua humildade, que intentou renovar o antigo espirito de passar às Missoens da India, e da Ethiopia, e Brasil, que entaõ começava; porém por mais que o meditava, naõ tinha effeito; porque Deos com a sua presença no Reyno queria, que do seu exemplo se formassem os Missionarios, com que havia de ser servido em taõ dilatadas partes, sendo filhas do seu espirito todas

das

das as Miſſoens de Portugal, e ſuas Conquiſtas. No anno de 1552, o deu o Geral por abſolvido do lugar de Provincial de Portugal, e o mandou exercer o meſmo officio na Coroa de Aragaõ, onde o levou a obediencia, virtude, que teve em gráo heroico, fundada ſobre humildade ſolida, e verdadeira, ſem que as adverſidades fizeſſem aballo na ſua conſtancia, que ſuperior aos contraſtes da fortuna, remetia com reverentes oblações ao Omnipotente Deos, que o illuſtrou de hum profetico eſpirito, como ſe vio em muitas occaſiões. Paſſou depois obrigado de cauſas urgentes a Roma, donde voltou a Portugal, que já governava o Magnanimo, e Deſtemido Rey D. Sebaſtiaõ, que por achar doente ao ſeu Confeſſor o nomeou neſte lugar, honra, que recuſou, allegando os ſeus achaques, e muita idade. Poucos annos ſe tinhaõ paſſado da ſua reſtituiçaõ ao Reyno; e depois de ter viſitado os principaes Collegios da Provincia, com grande conſolaçaõ dos Padres, e Irmãos da Companhia, por verem preſente o Meſtre das ſuas virtudes, a quem rendiaõ as graças, da perfeiçaõ em que ſe via a Provincia, quando foy accomettido de huma febre continua, que por eſpaço de hum anno lhe foy conſumindo a natureza, e aperfeiçoando a ſua paciencia em abrazados actos de amor de Deos, até que conhecendo ſer chegado o ultimo fim da vida, pedio ao Prepoſito, que lhe manda-ſe todos os Padres, e Irmãos ao ſeu cubiculo, para ſe deſpedir delles, o que fez com grande amor; e dando-lhes ſaudaveis, e proveitoſos conſelhos, lhes lançou a ſua bençaõ, e abrazado no Divino amor, com fervoroſas jaculatorias entregou a ſua bemdita alma ao Creador. Deſcuberto o corpo, ſe lhe achou no peito huma Cruz aberta por induſtria, feita com o fervor do eſpirito, em os principios da ſua vocaçaõ, com huma ponta aguda de ferro, com que raſgando o peito, formou aquella Cruz, com que ſeguio verdadeiramente a Chriſto, declarando antes da ſua morte o modo, com que a fez, para que ſe naõ imaginaſſe milagre, o que fora effeito da ſua penitencia, com que ſoube lograr o premio da Gloria.

E Na India Oriental em a Cidade de Sinoa, foy coroado gloriosamente com a precioſa laureola de Martyr hum pobre mancebo, por nome Vicente, filho de pays Chriſtãos, que o criaraõ na Ley de JESU Chriſto, que elle ſeguio taõ pontualmente,

Vicente M.

mente, que dava finaes claros, de que a Divina graça lhe assistia; pois desde menino se empregou em santos exercicios, fugindo dos inuteis divertimentos daquella idade. Naõ tinha cumprido sete annos, quando começou a frequentar o Sacramento da penitencia, com tal devoçaõ, que edificava a todos os que o viaõ. Crescia nos annos, e igualmente na virtude, com inclinações taõ pias, que serviaõ de admiraçaõ. Era muy pobre seu pay, e por isso o poz a servir em casa de hum Gentio seu amigo, a quem Vicente servio com amor, e cuidado, hum anno, sendo mayor o zelo, com que desejava inclinar seus amos ao conhecimento da Fé de JESU Christo, o que soube conseguir o seu espirito, reduzindo a detestar as gentilicas superstições pela verdade da Fé, naõ só a seu amo, mas à mulher, e tres filhas. Como o fim de Vicente era ganhar almas para o Ceo, largou esta casa, e se poz a servir outra, em que experimentaraõ seus amos o mesmo beneficio, recebendo no Bautismo a luz da Graça, com tres filhos, que no mesmo dia foraõ gozar da Gloria, porque saõ inexcrutaveis os juizos de Deos; mas o demonio, que naõ perde occasiaõ de augmentar o seu sequito, com suggestões, persuadio aos pays, fora castigo da mudança da Religiaõ; pelo que prevaricando na Fé, tornaraõ à cegueira dos seus falsos ritos. Sentio Vicente a mudança, e tanto trabalhou, que reduzindo-os, os poz constantes na Fé: quizeraõ pagarlhe este singular beneficio dando-lhe huma irmãa sua para casar; porém como Vicente seguia o caminho do Ceo, pela estreita estrada da castidade, largou logo aquella casa, e se foy para a de seu pay. Naõ esteve aqui muito tempo, porque abrazado no desejo da conversaõ das almas, se foy a servir a casa de hum Gentio, a qual se compunha de numerosa familia, e della soube persuadir algumas pessoas a receberem a agua do Bautismo.

Neste theor de vida o achou o Padre Alexandre de Rhodes da Companhia, a quem se aggregou, e assistio dous annos, sendo grande o fruto, que se colheo pela sua diligencia, a qual por ser já notoria, mereceo ajuntar às suas virtudes o premio das suas fadigas, sendo degolado em odio da Fé.

Ignacio M. *F* Item na mesma Cidade, o ditoso certame de Ignacio, que nascendo de pays Gentios, e nobres, entre as espinhas, e cegueiras do gentilismo, abraçou com tal fervor, e resolu-

çaõ

çaõ a Ley de Chriſto, que mereceo ſer Catequiſta, dilatando as glorias da Fé com o ſeu zelo. Deſde menino ſe applicou às letras, e pela ſua viveza, e ſingular engenho, veyo a occupar, ſendo moço, o primeiro lugar de Mandarim. A ſua curioſidade o fez eſtudar Medicina, para por eſte meyo introduzir a doutrina do Evangelho com mais facilidade na caſa dos ſeus naturaes, de que tirou muitos trabalhos, injurias, e afrontas. Em huma occaſiaõ o levavaõ prezo para a Corte em companhia de tres ladroens, a quem elle logo prégou com tal efficacia, que os reduzio à Fé. Já era commua a fama de Ignacio; porque nas diſputas convencia aos Sacerdotes dos Idolos, com injuria da ſua diabolica ſeita; de ſorte, que eſtes envergonhados, mais da ſua opiniaõ, do que da honra dos Idolos, o acuzaraõ varias vezes; pelo que ſendo prezo, foy açoutado muitas vezes com toda a crueldade, e infamia da ſua peſſoa, e deſtes trabalhos ſahia Ignacio taõ animado, que com nova efficacia começava a prégar, creſcendo-lhe cada dia mais os deſejos de ſacrificar a vida em obſequio da verdade, que promulgava; e ſabendo que de novo o procuravaõ os Miniſtros delRey, quiz voluntariamente offerecerſe ao Tyranno, o que impedio a obediencia, que lhe poz o Padre Alexandre de Rhodes; porque parece guardava Deos eſte holocauſto para occaſiaõ de mayor gloria ſua; porque depois na Corte de Sinoa veyo publicamente a confeſſar o ſeu Divino Nome, prégando a Fé de Chriſto, e abominaçaõ das torpezas, em que os Gentios viviaõ, entregues às diabolicas mentiras dos ſeus falſos Idolos, em preſença dos Tribunaes, e do ſeu meſmo Rey, ſem horror dos ameaços, nem menos dos tormentos, que diante dos olhos lhe offereciaõ; porque o ſeu deſejo era padecer, e aſſim ſentia amargamente, que pertendeſſem alcançarlhe perdaõ da vida, que em obſequio da Fé goſtoſamente offerecia; e finalmente veyo a cumprir taõ ſantos deſejos; e ſendo degolado voou a ſua bemdita alma ao Ceo, a incorporarſe com os eſquadrões dos Santos Martyres.

G No meſmo dia, no Dominicano Convento de Evora, acabou em glorioſa, e ſanta velhice, ferido do mal da peſte, o Meſtre Fr. Franciſco de Bovadilha, Varaõ inſigne em letras, e no zelo da Regular Obſervancia da ſua Religiaõ, em que occupou os lugares de mayor graduaçaõ, ſendo duas ve-

Fr. Franciſco de Bovadilha Dom.

zes Provincial, officio, que exercitou como pay; havendo se nelle como se fora subdito, determinando tudo com tal equidade, que as suas determinações eraõ geralmente à satisfaçaõ de todos, felicidade poucas vezes conseguida. Foy Fr. Francisco, fiel observador da Regra de seu Santo Patriarca, pois nunca vestio camiza, senaõ de estamenha: no Coro era continuo, sem que faltasse a Matinas: o Officio Divino fazia se cantasse com pausa, e devoçaõ; e nesta assistencia se lhe via o gosto, com que se empregava nos louvores Divinos; nos mais actos da Communidade era igual, sem que admitisse no refeitorio cousa alguma de differença, inda que pela graduaçaõ dos lugares lhe fosse permittida; o vestido, cama, e cella, tudo era pobre com extremo, mas com asseyo, e policia; porque naõ impede o fervor do espirito a limpeza, que naõ passa à nimiedade. Pelas suas letras, e virtude, foy estimado dos Reys deste Reyno, e de todos os Principes, e grandes delle, e lhe encarregaraõ negocios de grande pezo; e sendo muitos, e diversos, de todos deu cabal satisfaçaõ, sendo a mayor corresponder ao geral applauso. A Rainha D. Catharina, querendo ordenar o seu testamento, deixou na sua direcçaõ o acerto da sua consciencia. Delle nasceo fundar a Rainha a Cadeira de Moral na Ermida de Nossa Senhora da Escada, para estudarem Clerigos pobres. O Cardeal Infante D. Henrique, como Legado da Sé Apostolica neste Reyno, se servio delle, para visitar o Convento de Thomar da Militar Ordem de Christo, o que fez, de maneira, que satisfez aos visitados, e a quem o mandou. No seu governo tiveraõ segura protecçaõ os bons engenhos; porque como era grande Letrado, desejava as Sciencias com bons professores. Naõ favoreceo menos aos virtuosos, do que aos inclinados aos estudos; porque nelle resplandeceo o amor tanto à virtude, como às letras. Finalmente, livre de negocios, e do governo da Religiaõ, em que tanto trabalhou, se recolheo ao Convento de Evora, onde ateada a peste, em que servio com charidade, amor, e conselho aos seus Religiosos, levando à cova hum do mesmo mal, se recolheo ferido delle, e como velho, e sem forças se rendeo à sua violencia; e depois de ter recebido todos os Sacramentos, acabou em o Senhor.

Fr. Diego do Torraõ da Arrabida.

H Em Santarem, no Convento de Saõ Joaõ da Provincia

cia da Arrabida, a depoſiçaõ de Fr. Diogo do Torraõ, cuja penitente vida era huma verdadeira ſemelhança, da que fizeraõ os mais celebres Eremitas da primitiva Igreja, dando com ella hum evidente conhecimento da pureza da ſua alma; porque ſobre profunda obediencia formou o eſpiritual edificio da ſua virtude. Tomou o Habito na Provincia dos Algarves; mas com o deſejo de mais aſpera vida, paſſou para a da Arrabida, onde foy viver na ſerra, que dá o nome à Provincia, com licença dos Prelados, fazendo vida ſolitaria na Ermida antiga, em que eſteve a Senhora da Arrabida. Aqui eſteve ſete, para oito annos, ſem trato, nem cõmercio com as gentes, empregado em oraçaõ, em que ſempre foy continuo, a que ajuntava grande abſtinencia, frequentes jejuns de paõ, e agua, ſem outro algum regalo mais, que em algumas vezes aos Domingos huma eſcudella de caldo, que os Padres de commiſeraçaõ lhe mandavaõ: nunca comeo carne, nem peixe, nem bebia vinho, e ſendo continuo o jejum naõ comia mais que huma vez no dia. Deſte rigoroſo theor de vida, em que eſtava com grande conſolaçaõ, o tiraraõ os Prelados, compadecidos dos ſeus muitos annos, para que na vida commua tiveſſe o debilitado corpo algum alivio, que elle naõ admittio, pois naõ afrouxando nada da rigida aſpereza, com que ſe mortificava, continuou na meſma auſteridade, andando ſempre deſcalço; e tendo já oitenta annos de idade, quebrado das penitencias, e rigores da vida, deixou com ſanta morte huma grande ſaudade das ſuas virtudes a toda a Provincia, em que ſerá ſempre feliz a ſua memoria.

O P. Jorge Rijo da Cõpanhia.

I No Collegio de Coimbra da Companhia de JESU, acabou em ſanta velhice o Padre Jorge Rijo, de idade de oitenta e ſete annos, tendo ſeſſenta e ſete de Roupeta, dos quaes gaſtou cincoenta na occupaçaõ de Miniſtro daquelle Collegio, que exercitou com louvavel charidade, e grande vigilancia, e ſingular ſatisfaçaõ de todos aquelles Religioſos, que o eſtimavaõ pela candidez do ſeu animo, e o veneravaõ como a hum vivo exemplar da ſantidade, pois a modeſtia era tal, que nunca levantava olhos. As palavras eraõ taõ comedidas, que no ſeu idioma faltava o vocabulo feminino, e de taõ Angelica pureza, que conſervou ſempre illeza a caſtidade; e de conſciencia taõ pura, que em toda a ſua vida naõ teve culpa mortal;

e das veniaes, depois de vestida a Roupeta, com plena deliberaçaõ naõ commetteo alguma; e assim era acclamado a huma voz dos de Casa, e dos Seculares por Santo.

Trinta e dous MM.

K Item no mesmo dia, em a Cidade de Deva, as brilhantes laureolas de trinta e dous illústres Professores da Ley de Jesu Christo, cujos preciosos nomes, se escreveraõ juntos no Livro da Vida Eterna, porque trocaraõ a temporal, sacrificando-a em obsequio da Fé, pela qual foraõ queimados, imperando Toxogunsama.

Fr. Dionisio da Ascensaõ Carm. Desc.

L No Religioso Mosteiro de Santa Cruz de Bussaco, a prodigiosa morte de Fr. Dionisio da Ascensaõ, Varaõ de louvavel, e santa vida, de admiravel observancia, rara humildade, e santa pobreza. Viveo neste deserto quasi trinta annos, gastos em contemplaçaõ nas Ermidas, quando lhe era conced do pela Religiaõ, com prompta obediencia, e sem vontade propria, dando com a sua austéra vida hum singular exemplo, e edificaçaõ aos companheiros. Foy Superior, como se fora subdito: elegeraõ-no por Prior, officio, que servio algum tempo, até que o renunciou, dizendo com humildade aos subditos, naõ ter prestimo para Prelado, que o deixassem tratar sómente da sua alma; a qual vagando a Deos em continua oraçaõ, fez neste exercicio grandes progressos, ajudado da Divina graça. Mais de dezaseis annos servio de Porteiro, dando na sua affabilidade, e agrado, huma clara demonstraçaõ da paz, que gozava o seu espirito. Era muy compassivo, e assim achavaõ nelle os pobres certo o agazalho, e muitas vezes o remedio nas enfermidades; pois por sua intercessaõ restituío o Senhor inteira saude a muitos doentes, assim de febres, como de feridas. Teve grande poder contra o demonio, como se vio em muitas occasiões, em que os lançou fóra de corpos obsessos: era taõ publica esta virtude, que da Cidade de Lisboa foy chamado para fazer Exorcismos a huma pessoa grande, e supposto que a sua humildade fez por se excusar, houve de satisfazer à obediencia do Prelado. Nesta jornada, e outra, que fez a Coimbra a curarse, foraõ sómente as duas vezes, que sahio do deserto de Bussaco, e de ambas podendo commodamente passar pela sua terra, a ver os parentes, e amigos, o naõ fez; porque vivia em tal desapego do Mundo, que nem por elles perguntava, quando do tal Lugar vinhaõ algumas pessoas a visitar

aquelle

aquelle Santuario. Em huma occasiaõ lhe disse hum homem, que hia para a sua terra, se queria algum recado, lhe respondeo: *Que aos seus parentes dissesse, que o encommendassem a Deos, e que no universal Juizo se veriaõ todos juntos.* A este raro esquecimento do Mundo ajuntava huma exacta pobreza, naõ podendo acabar com elle os Prelados a receber Habito novo, sem que o seu estivesse taõ remendado, e já incapaz de uso. Celebrava com grande devoçaõ, recebendo todos os dias o Santissimo Sacramento por Viatico, preparando-se para a morte, como se aquelle fosse o ultimo dia da vida: onde as contas eraõ taõ limpas, e ajustadas, bem se deixa ver, quaes seriaõ os candores da alma, toda elevada no serviço de Deos, e do proximo. Naõ podia já pelos annos, e achaques com o trabalho da Portaria, por ser o lugar desabrido, no Inverno com frios, e neves, a que naõ fazia resguardo, mas o amor do proximo lhe dava forças para o continuar. Já se naõ podia ter em pé, mas naõ faltava à meya noite às Matinas, ainda que os Prelados compadecidos o persuadiaõ ao descanço, elle animado do espirito nunca admittio dispensa. Costumava todos os annos ornar com flores a Capella de Nossa Senhora do Carmo no seu dia, de que foy muy devoto, e dizendo lhe quem lhas trazia, por serem poucas, que no anno futuro seria mayor a quantidade, lhe respondeo: que entaõ lhe naõ eraõ necessarias; porque esperava recebellas da Senhora. Andava em pé, e ao parecer bom, quando hum dia se chegou ao Prelado, e lhe pedio lhe desse o Santissimo Viatico: naõ duvidava o Prelado da virtude do subdito, mas naõ se persuadio do que podia succeder, e assim lhe aconselhou dissesse Missa, e Commungasse por Viatico, assim o fez, e no tempo das graças pedio a Santa-Unçaõ, e vendo que o Prelado lhe naõ deferia, se recolheo à sua pobre cella, e disse ao Enfermeiro, que tanto que tocasse a Vesperas, fosse logo a ella: descuidou-se o Enfermeiro algum tempo, e lembrado do que lhe encommendara o foy buscar, porém já a tempo que estava espirando; e desta sorte foy a celebrar a festa de sua Protectora no Ceo, como se póde crer de morte taõ santa, e prevista.

Commentario ao XV. de Julho.

A A Cidade de Siguença, que ficava na demarcaçaõ da Provincia Tarraconense, e hoje no Reyno de Castella a nova, debaixo de 18 graos, e 28 minutos de longitude, e 41, e 30 minutos de latitude, conforme os Geografos, está situada em hum pequeno monte, cujas faldas banha o pequeno rio Henares, que a fertiliza com as suas celebradas aguas. Nas Historias de Hespanha, naõ falta quem a dé fundada mil e trezentos annos antes da vinda de Christo, he certo, que della fazem mençaõ Authores antigos; e supposto nós naõ nos accommodamos com a mayor parte das fundações antigas, que achamos das Cidades, e Villas, por terem algumas inverosimilidades, e naõ ser do nosso assumpto o disputarmos esta materia; dizemos, que a Cidade de Siguença he muy antiga, e já no tempo dos Godos era conhecida, e nella tinha havido Cadeira Episcopal. ElRey D. Affonso o VI. de Castella a resgatou do jugo Sarraceno, e lhe poz por Bispo a D. Bernardo, dando-lhe o Senhorio da Cidade, que ficou annexo à Dignidade Episcopal. A sua Sé se orna com numeroso Cabido, que se compoem de quatorze Dignidades, e quarenta Conegos, dos quaes seis saõ de opposiçaõ, quatro de Theologos, e dous de Canonistas.

A Cidade he aprasivel pelos nobres edificios, e Conventos que tem, e pela nobreza, que nella assiste; mas muito mais a engrandece o precioso thesouro do corpo da Inclita Martyr, e Virgem Santa Liberata sua Padroeira, nossa Portugueza, filha de Lucio Cayo Attilio Severo, Senhor de Braga sua patria, Varaõ Consular, e de sua mulher Calcia.

O Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, na I. Parte da *Historia de Braga*, cap. 26, fol. 122, duvida ser esta Santa Liberata a nossa Portugueza, e cuida poder ser Santa Liberata natural da Cidade de Como, em Italia, fundado em achar a 18 de Janeiro no Martyrologio Romano. *Novocomi Sanctæ Liberatæ Virginis*, e que da nossa Portugueza faz mençaõ a 20 de Julho, para donde reservamos o seu dia. Primeiramente nasce esta duvida de ver, que a Igreja de Siguença a festeja a 18 de Janeiro: no qual dia diz Cardoso, no I. Tomo do *Agiologio*, que a venera, e a suas oito irmãas de tempo immemoravel esta Igreja, e outras muitas de Hespanha; e o mesmo affirma Rodrigo Mendes Sylva, como tambem D. Joaõ Tamayo Salazar, onde no mesmo dia faz mençaõ de todas nove, inda que depois trata de cada huma em particular nos seus proprios dias, como fez o Douto Cardoso no *Agiologio*, e nós o fazemos seguindo a ordem, que elle observou. A Santa Liberata, de que faz mençaõ o Martyrologio a 18 de Janeiro, naõ diz, que fosse Martyr, nem o seu Commentador Baronio lhe dá este titulo, e Filippe Ferrario, quando no seu *Catalogo dos Santos*, fol. 24, falla nella, tambem naõ diz, que fosse Martyr, e a de que tratamos, como vimos no texto na ultima trasladaçaõ, se verificou com a vista, o que a tradiçaõ da Igreja de Siguença affirmava; pois se vio o sangue do Martyrio da Santa Virgem fresco, como dissemos no texto; demais, que como diz o mesmo Ferrario, a Santa Liberata de Como, se venera na sua Sé, com sua irmãa Faustina. Esta materia deixa provada abundantissimamente Tamayo, neste dia, e no de 20 de Julho com a tradiçaõ, Cartorios, e Breviarios desta Igreja, dizendo, que se o Illustrissimo Cunha vira as memorias daquella Sé, naõ tivera semelhante duvida. Já temos dito no texto o modo com que o corpo de Santa Liberata foy levado a Siguença; e em cousas de tanta antiguidade, em que as Historias às vezes faltaõ, naõ temos mais probabilidade do que a constante opiniaõ da veneravel tradiçaõ das gentes. O Mestre Fr. Gil Gonçalves de Avila, no *Theatro da Igreja de Siguença*, fol. 146, diz, que Governando aquella Diocesi Simeaõ, ou Sinderedo, se manifestou o corpo da Santa Virgem Martyr Liberata, mas que do anno, em que foy, naõ ha cousa assentada, e certa. Este Prelado succedeo na Dignidade a Gunderico, que morreo no anno de 708, e já desta antiguidade se vê a razaõ, que os moradores de Siguença tem, para venerarem a sua Padroeira com tantas demonstraçoens de affecto. Depois de já restaurada Hespanha; sendo Bispo

D.

D. Bernardo, se trasladou do Convento de Santa Dorothea de Monges Bentos, para a Cathedral, donde foy tirado com grande segredo, e temeridade, e levado a Florença; e desta Cidade à instancia do Bispo D. Simaõ Giron de Cisneros, restituido como cousa furtada à Santa Sé de Siguença pelo Papa Bonifacio VIII. no anno de 1300, muitos annos antes, que em a Cidade de Como fosse achado o de Santa Liberata sua natural, como prova, com Ferrario, Tamayo, no dia 20 de Julho.

Já haviaõ passado mais de dous seculos, quando no anno 1512, tomou posse desta Igreja o Bispo, que tinha sido deCalahorra, o esclarecido em sangue D. Fradique de Portugal, filho quarto de D. Affonso, Conde de Faro (filho de D. Fernando, I. Duque da Serenissima Casa de Bragança, e da Duqueza D. Joanna de Castro,) e de sua mulher D. Maria de Noronha, filha herdeira do Conde de Odemira D. Affonso de Noronha. Este Illustrissimo Prelado mandou lavrar a Capella, que hoje tem a Santa, e neste dia reza esta Igreja da sua Trasladaçaõ, adonde no Officio, em que a celebra nas lições diz: *Deinde illustris Fedirícus à Portugalia sub hujus Virginis nomine Regale sacellum construxit, ubi S. Corpus XV. Julii anno Domini MDXXXVII. honorificè in arca argentea, lapidea introclusa miraculis editis translatum est.* Esta obra se acabou depois de ser já promovido este Prelado para o Arcebispado de Çaragoça, pois no anno de 1532, tomou posse desta Igreja; porém era tal a devoçaõ que tinha à Santa Virgem, que se mandou enterrar na sua Capella de Siguença, e no seu Altar mandou dizer todos os dias huma Missa. Em hum Nicho da mesma Capella se vê huma Estatua de alabastro vestida de Pontifical, e Ministros, que lhe assistem com este Epitafio.

Hoc tegitur lapide Illustrissimus Dominus Fediricus à Portugal, hujus Almæ Ecclesiæ Præsul, Potentissimorum Principum Ferdinandi, & Elisabethæ Castellæ, & Legionis, & Aragoniæ, & utriusque Siciliæ Regum, Invictissimorum servus, & Factura.

Teve este Prelado grande estimaçaõ dos Reys Catholicos, e foy pessoa de muita authoridade, e Vice-Rey de Catalunha, e de seus bens livres, instituîo hum morgado em D. Francisco de Faro, Senhor da Casa de Vimieiro, em cujos descendentes se conserva hoje com o titulo de Conde, por ser filho de seu irmaõ D. Fernando de Faro, Senhor de Vimieiro; *Hist. Geneal. da Casa Real Portug.* liv. 8. part. 2. cap. 21. pag. 209. do tom. 9.

B A Ilha de Palma, he huma das que hoje chamaõ os Geografos as Canarias, e os antigos Fortunadas, na Costa de Africa, no Occeano Atlantico, foy Conquista da Coroa de Castella do anno de 1493, tem de roda dezoito legoas, conforme o Douto Manoel Pimentel, na sua *Arte de Navegar*, com o que se deve de emendar o erro dos que lhe daõ 26. Chama-se a Cidade Santa Cruz de la Palma, e he composta de muitas Aldeas, nella se vê hum Pico, que lança fogo, semelhante o da Ilha deste nome, nas dos Açores, ou Terceiras da nossa Coroa. Junto a esta Ilha, como temos dito no texto, padeceo Martyrio no anno de 1570, o Padre Ignacio de Azevedo, com a gloriosa comitiva de trinta e nove Companheiros. Era o Padre Ignacio de Azevedo, natural da Cidade do Porto, irmaõ de Jeronymo de Azevedo, XXII. Vice-Rey da India, onde servio com valor sendo Soldado, e com prudencia sendo General, e depois governando o Estado como Vice-Rey com zelo, e sempre com liberalidade, sendo tanta a sua generosidade, que em Ceilaõ, em hum só presente de curiosidades deu muitos mil cruzados, e sendo taõ rico, depois pela inconstancia da fortuna acabou prezo no Limoeiro de Lisboa, merecendo à sua patria pela gloria, que lhe adquirio o seu nome no Oriente, mais honrado fim; porque foy taõ miseravel, que à piedade, e zelo da Companhia de Jesu, deveo o sustentallo na prizaõ, e darlhe sepultura; pagando-lhe desta sorte a benevolencia, e affecto, que na sua prosperidade lhe deveo esta Sagrada Familia. Foraõ filhos, entre outros, de D. Manoel de Azevedo, Abbade Commendatario da Alpendorada,

Mosteiro

Mosteiro antigo no Arcebispado de Braga, Fidalgo de conhecida nobreza da Familia dos Malafayas, cujos avós tinhaõ servido aos Reys deste Reyno nos lugares de mayor authoridade, e confiança, como se vê nas suas Chronicas, e nós agora omittimos, por sómente ser do nosso assumpto o Padre Ignacio, que estudando os primeiros principios da Latinidade com feliz percepçaõ ajuntava a esta parte todas aquellas, que deve ter hum Fidalgo moço; porque era cortezaõ, na sua pessoa, e familia luzido; na arte da Cavallaria destro; porém de tudo usava com tal prudencia, que nas conversações era attento, e comedido, e nas mais acções usava de modestia, mostrando sempre Christandade, e Religiaõ. Desta sorte passava D. Ignacio de Azevedo, muy livre de outros cuidados, que os que póde ter quem vivia entre a vaidade do seculo; mas de hum Sermaõ, que ouvio ao Padre Estrada da Companhia, ficou taõ ferido, que andava vacilante, e pensativo, e já desconfiado dos bens do Mundo, conhecia a pouca duraçaõ, que elles podiaõ ter; e assim se recolhia a huma quinta sua, buscando já no retiro o socego do espirito. Soube Henrique de Gouvea, aquelle Varaõ, de que se faz mençaõ no *Agiologio*, no dia 21 de Março, o estado, em que se achava D. Ignacio, de quem era amigo, e visinho na Cidade do Porto; e se foy à quinta de Barbosa, antigo solar dos Azevedos, como a visitar D. Ignacio, foy a conversaçaõ no Eterno, e della se seguio o desprezo do caduco. Persuadio o amigo a fazer os exercicios de Santo Ignacio, para o que partio para Coimbra; delles sahio D. Ignacio, taõ outro, que já naõ houve mister presuadido; porque abrazado do espirito do Santo, se determinou a seguilo, sendo seu filho na Companhia, e largando a Casa de que era Senhor, tomou a Roupeta no anno 1547, em tempo que se abriraõ as portas para as Missoens do Brasil. Parece, que a Providencia Divina o tinha destinado para remedio daquella gentilidade, como já notaraõ alguns Authores, por cujo amor, e conversaõ das suas almas trabalhou tanto, que consagrou a vida na empreza. He de notar, que estando a frota, em que embarcava o Governador do Brasil, já a pique para partir, tardava de sorte a náo Santiago, que tinha fretado na Cidade do Porto, que estava já quasi sem esperanças de poder chegar a tempo, e por esta causa tinha o Padre Ignacio de Azevedo mandado repartir o fato, e os Companheiros por diversas embarcações. Porém como Deos o tinha guardado para o Coroar de Martyrio, permittio, que chegasse o caminho de o alcançar, e que fossem ouvidas as orações, jejuns, e disciplinas, com que se lhe pedia, que a náo Santiago entrasse a tempo de os conduzir. Entrou pelo porto da Cidade de Lisboa este navio, com incrivel contentamento do Padre Ignacio, que logo mandou tirar tudo o que tinha accommodado em diversos navios, e nelle se embarcou com os seus trinta e nove Companheiros; e ao Padre Pedro Dias fez embarcar na náo do Governador, com vinte Religiosos, e ao Padre Francisco de Castro, com os mais na náo dos Orfãos, assim chamada, por irem nella muitos meninos, que tinhaõ ficado sem pays, na peste que padeceo Lisboa, e ElRey D. Sebastiaõ mandava para povoar aquella dilatada Conquista. Eraõ os Religiosos da Companhia em numero setenta e nove, além de muitos pretendentes, que esperavaõ merecer a Roupeta. Apartando-se a náo Santiago da conserva da frota na Ilha da Madeira, como temos visto, deu glorioso assumpto a este dia com o esclarecido Martyrio de tantos Bemaventurados, cujos nomes, ainda que escritos no Livro da Vida, he razaõ serem aqui repetidos; pois a mayor parte delles eraõ moços, e souberaõ com a sua constancia, na primavera dos annos, regar o ameno Jardim da Igreja, com o seu sangue, em obsequio da Fé.

1 Aleixo Delgado, de 15 annos, Noviço de Elvas.
2 Affonso de Baena.
3 Alvaro Mendes, de Elvas.
4 Amaro Vaz.
5 André Gonçalves, de Vianna.
6 Antonio Correa, do Porto.
7 Antonio Fernandes, de Monte-môr.
8 Antonio Soares, Ministro.
9 Bento de Castro.
10 Braz Ribeiro, de Braga, Noviço, de 27 annos.
11 Diogo Peres, de Niza.
12 Domingos Fernandes, Coadjutor, de Villa-Viçosa.
13 Diogo de Andrade.
14 Fernando Sanches, Castelhano.

Fran-

15 Francisco Alvares Covilho.
16 Francisco de Magalhães.
17 Francisco Peres de Godoy, de Torrijos.
18 Gaspar Alvares, Coadjutor, do Porto.
19 Gonçalo Henriques, Diacono, do Porto.
20 Gregorio Escrivano, de Logronho.
21 Joaõ Baeza, Castelhano.
22 Joaõ Fernandes, Coadjutor, de Braga.
23 Joaõ Fernandes, de Lisboa.
24 Joaõ de Mavorga, Aragonez.
25 Joaõ de S. Martinho, junto a Ilhescas.
26 Joaõ de Zafra, de Toledo.
27 Luiz Correa, de Evora.
28 Marcos Caldeira.
29 Manoel Alvares.
30 Manoel Fernandes, de Selorico.
31 Manoel Pacheco, de Ceuta.
32 Manoel Rodrigues, de Valconete.
33 Nicolao Diniz, de Bragança.
34 Pedro da Fonseca.
35 Pedro Nunes, Hespanhol.
36 Pedro de Fontoura, de Braga.
37 Simaõ da Costa.
38 Simaõ Lopes, de Ourem.
39 Estevaõ Zurarire, Biscainho, a quem Deos revelou, que havia de morrer Martyr, e assim o tinha dito a hum seu Companheiro, e que por isso hia com grande gosto para o Brasil, por haver de morrer Martyr.
40 A estes se deve numerar, aquelle venturoso moço N. de S. Joaõ, sobrinho do Capitaõ, de que fallamos no texto, que entrou no lugar do Irmaõ Leigo, que levou Sorea, por saber que era cosinheiro, e se chamava Joaõ Sanches, e depois com o tempo voltou a Portugal.

Este glorioso triunfo da Igreja Catholica, revelou Deos à Santa Madre Theresa de Jesus, no mesmo dia, em que succedeo, vendo aquellas benditas almas gloriosas, adornadas de coroas, e laureolas de Martyres, conhecendo nesta luzida Companhia hum seu parente a Santa Madre, que foy dos que receberaõ a palma do Martyrio, cortada pelas impias mãos dos Hereges, com que a Santa ficou muy consolada; e agradecendo a Deos este favor o participou a seu Confessor o Padre Balthazar Alvares, como refere na sua Vida D. Fr. Diogo de Yepes, Bispo de Tarragona, Confessor de Filippe II. e da Santa Madre, liv. 3. cap. 17. fol. 660. A outras pessoas pias, e devotas, foy Deos servido manifestarlhes a gloria dos Bemaventurados Martyres, cujas individuaes circunstancias referio depois o Irmaõ Leigo Joaõ Sanches, que Jaques Soria quiz levar comsigo por ser cosinheiro, e passados tempos se restituío à patria; parece, que queria Deos huma testemunha muy individual deste glorioso sacrificio, que depois contaraõ muitos dos mercantes, que foraõ presentes, e pela nova Hespanha se espalhou esta nova com grande credito da Igreja, que em abono seu testemunhou o Altissimo, permittindo, que quatro dos soldados, que se mostraraõ mais crueis na execuçaõ, de repente ficaraõ cegos; e acreditando mais o Senhor com outra maravilha, que foy, naõ poderem com nenhuma força os Hereges tirar dos devotos braços do Veneravel Padre Ignacio de Azevedo a Sagrada Imagem da Virgem Santissima. Naõ cabe no estylo, que seguimos, podermonos allargar nas suas virtudes, pois o desprezo do Mundo foy taõ singular, como vimos; o zelo da salvaçaõ das almas taõ vehemente, como nascido do Apostolico Instituto de seu Padre Santo Ignacio, de que foy fiel imitador; taõ penitente, que o cilicio era quasi continuo, e as disciplinas, que tomava taõ crueis, que trazia as costas azuladas, e maltratadas das pizaduras; naõ se eximindo nunca das continuas fadigas, em que sempre andou pelo serviço do proximo. Ao Padre Ignacio deve a Companhia o Collegio de Braga, que fundou o Santo Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, vencendo grandes difficuldades. A grande estimaçaõ, que este Santo Prelado fazia do Padre Ignacio, e o conceito, que tinha da sua abalizada virtude, se vê desta Carta, que escreveo ao Summo Pontifice Pio V. a quem o Papa Clemente XI. em Mayo do anno de 1712, poz no Catalogo dos Santos, canonizando-o solemnemente. Diz a Carta.

Beatissimo Padre, depois de beijar os Bemaventurados pés de Vossa Santidade.

Ignacio de Azevedo, Sacerdote da Companhia de Jesu, Visitador, e Preposito Provincial da mesma Companhia nas partes do Brasil, vay a Roma, tratar com V. Santidade

 alguns

alguns negocios de muita importancia, tocantes à mesma Companhia; e porque eu tenho bem conhecido sua grande virtude, e o desejo, que tem de sofrer trabalhos, e levar sobre si a Cruz de Christo, de que elle (desprezada a nobreza do Mundo) se quiz fazer verdadeiro imitador na pobreza, abnegaçaõ, e desprezo de si mesmo, como tambem no zelo, e aproveitamento das almas, e no augmento da Religiaõ Christãa, de que tem dado a todos boas mostras, assim nesta Diocesi de Braga, aonde por alguns annos me ajudou muito, como nas partes do Brasil, donde pouco ha veyo; me pareceo cousa muito pia pedir a Vossa Santidade o queira favorecer, e o receba com aquellas paternaes entranhas, e amoroso animo, com que costuma receber, e abraçar todas aquellas cousas, que ajudaõ o Culto Divino, e a salvaçaõ das almas; e assim que Vossa Santidade o póde ter por hum Varaõ Apostolico, e cheyo do Espirito Santo; porque nesta conta o tem todos aquelles, que nesta Provincia de Portugal o conhecem; pelo qual todo o favor, que Vossa Santidade lhe mostrar, e toda ajuda, que lhe der para seus Ministros, tudo tenho para mim, será muito agradavel, e aceito diante de Nosso Senhor, cujas vezes Vossa Santidade tem em a terra; ao qual Clementissimo Senhor, peço accrescente os annos de vida a Vossa Santidade, com os quaes lhe faça muito serviço em a terra. De Braga, 4 de Março de 1569.

O Arcebispo Primaz.

Esta Carta chea do espirito daquelle Santo Apostolico Prelado, honra, e gloria da nasçaõ Lusitana, mostra a grande virtude do Padre Ignacio de Azevedo, e este testemunho por si bastaria, para canonizar as suas acções, quando naõ tiveramos tantos documentos, que as acreditaraõ na sua vida, e depois no glorioso Martyrio, e de seus Bemaventurados Companheiros, de que se fez huma informaçaõ authentica, que a Companhia remeteo a Roma, em ordem à sua Canonizaçaõ, cuja esperanca se naõ dilatará com o novo Decreto do Santissimo Padre Benedicto XIV. passado em Roma, a 21 de Setembro de 1742, em que declara constar do verdadeiro Martyrio dos Veneraveis Servos de Deos, o Padre Ignacio de Azevedo, e seus Companheiros; e assim esperamos do sagrado Oraculo da Igreja esta declaraçaõ. Do Padre Ignacio, e seus Companheiros se escreveraõ Vidas, e Tratados particulares, e delles fazem mençaõ os seguintes. O Padre Pedro Possino, *Vida, e Morte do Padre Ignacio de Azevedo*, em Latim, impresso em Roma, no anno de 1678, em quarto; o Padre Eusebio de Nieremberg, *Idéas de Virtudes*, tom. 2. fol. 244. *Chronica da Companhia*, de Telles, part. 1. liv. 2. cap. 18, e part. 2. liv. 4. cap. 6; o Padre Ribadaneira, na *Vida do Santo Borja*, fol. 413; Maffeo, fol. 471; Alegambe, *Mortes Illustres*, fol. 49; Guerreiro, *Coroa dos Religiosos da Companhia*, part. 3. cap. 11; Orlandino, liv. 4. fol. 136. n. 129. Scotthus, na *Vida de Saõ Francisco de Borja*, liv. 3. cap. 10; Nadasi, *Annus Dierum*, a 15 de Julho; o *Menologio da Companhia*, m. s. no mesmo dia; e Purificaçaõ, na *Chronologia Monastica*; Sousa, na *Vida do Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*, cap. 19. fol. 34; Vasconcellos, *Anacephalæosis*, fol. 503; O Illustrissimo Cunha, no *Catalogo dos Bispos do Porto*, fol. 307; Faria, *Asia*, part. 3. fol. 322; Franco, *Imagem do Noviciado de Evora*, liv. 2. cap. 1; e no de *Lisboa*, liv. 2. cap. 13; o Padre Joseph Focio, *Informatio pro venerabili Servo Dei Ignatio de Azevedo, & sociis ejus*, onde allega noventa e seis Authores, impresso em Roma, anno 1664; o Padre Daniel Pawlowski, *Locutio Dei ad cor Religiosi*, fol. 118. penes me; o Padre Francisco de Mattos, na *Vida Chronologica de Santo Ignacio, das perseguições da Companhia*, liv. 3. cap. 12. §. 3. n. 38.

C Era o Padre Rodolfo Aquaviva, Napolitano, da Illustrissima Familia do seu appellido, huma das mais preclaras, e antigas daquelle Reyno. Foraõ seus pays Joaõ Jeronymo de Aquaviva, X. Duque de Atri, e a Duqueza Margarida Pia Carpense, de quem inda hoje se conserva esclarecida descendencia em D. Domingos Aquaviva, XVII. Duque de Atri, Grande de Hespanha, Principe de Teramo, Marquez de Aquaviva, Conde de Goya, e Giula, Capitaõ das Guardas Italianas delRey D. Filippe V. que he irmaõ do Cardeal Trajano de Aquaviva, do titulo de Santa Cicilia, que hoje vive encarregado dos negocios delRey Catholico em Roma. Era o Padre Rodolfo, sobrinho do Padre Claudio Aquaviva, Geral da Companhia, e irmaõ dos Cardeaes

Julio,

Julio, e Octavio Aquaviva. Foy em Noviço Companheiro do Beato Stanislao Kostka, e Religioso imitador do seu espirito. Teve grande zelo da conversaõ das almas; este o fez esquecer dos parentes, e amigos, e passar a Portugal, para se embarcar para a India. ElRey D. Sebastiaõ lhe fez especiaes honras, estimando tanto a sua pessoa, que mandou a Joaõ Gomes da Sylva, seu Embaixador em Roma, que da sua parte significasse ao Geral da Companhia Everardo Mercuriano, o quanto lhe agradecia, que a Missaõ da India lhe devesse tal cuidado, que merecesse mandarlhe hum sogeito da cathegoria de Redolfo Aquaviva. A obediencia o destinou para a Missaõ do Reyno do Graõ Mogor, com outros Companheiros, este lhe mandou dar huma grande somma de dinheiro, que desprezou com admiraçaõ daquelle poderoso Monarca; mas como faria caso das riquezas do Oriente, quem na delicia de Europa tinha desprezado a grandeza da sua casa, e parentes, com o desejo de conquistar almas sómente para o Ceo! Aqui teve varias disputas com os Cacizes, que com gloria de Deos convenceo, agradando àquelle Principe a pobreza, e castidade, que nelle admirava, com a pratica das mais virtudes. Já naõ era conhecido naquella Corte, senaõ por Anjo; a vida, que fazia era muy austéra; naõ comia mais que hum pedaço de paõ, sem outro algum regallo, senaõ agua; sem mais cama, que a terra dura, vacando sempre a Deos na oraçaõ. Padeceo muitas afflicções, e trabalhos, que Deos lhe recompensava com Celestes vizões, em que se augmentava o espirito, e fortalecia; de sorte, que estava prompto para novos trabalhos. Teve licença para formar hum Hospital, para curar os enfermos, o que exercitava com tal charidade, que era universal espanto dos Mouros; e assim se resolveraõ muitos a receber o sagrado Bautismo. A obediencia o mandou voltar a Goa, nomeando-o para a Missaõ de Salsete, onde se lhe estava tecendo a coroa do Martyrio, na Aldea de Coculim, que fica em huma Peninsula, pela parte que se continúa com a terra firme, que hoje com o titulo de Condado he conhecida; sendo o primeiro Conde D. Francisco Mascarenhas, por merce delRey D. Pedro II. no anno de 1676, como a herdeiro de seu tio D. Filippe Mascarenhas, Vice-Rey da India, cujos relevantes serviços, feitos naquelle Estado, mereceraõ se conservassem na posteridade com esta Illustre Casa, já que da sua naõ teve geraçaõ. O Padre Affonso Pacheco era natural de Toledo, filho de Joaõ Pacheco de Alarcaõ, e de D. Catharina de Alarçaõ; Senhores de Minaya, e outros Lugares no Reyno de Castella, foy muito bom Letrado, e taõ humilde na sua pessoa, que se abatia a comer nas portarias com os pobres em a sua mesma escudéla. O seu zelo o levou à India, de que tirou maravilhosos frutos a Religiaõ Catholica, de que se lhe originaraõ algumas perseguições, que o obrigaraõ a voltar a Portugal, para dar razaõ do que obrava; e mostrou, que por nenhum motivo podia consentir aos Gentios de Salcete o uso das suas ceremonias; e assim alcançou o seu zelo, que naõ tivessem os Vice-Reys poder para restituir aos Gentios os ritos, de que estavaõ desapossados, o que algumas vezes por utilidade do Estado se lhes tinha permittido. Era o terceiro Companheiro o Padre Pedro Berno, Italiano, natural de Ascona na Lombardia, junto ao Lago mayor, chamado dos Latinos *Lago Verbano*; seu pay se chamava Joaõ Berno, e sua mãy Anastacia Nicolina. O zelo, que tinha da Exaltaçaõ da Fé, lhe conciliou o odio dos Gentios de Coculim, por lhe destruîr hum formigueiro, que adoravaõ; muitas vezes se lhe ouvio, que naõ se adiantaria a Christandade nequella Aldeya, em quanto por ella se naõ derramasse o sangue das veyas em confirmaçaõ das verdades Catholicas. O Padre Antonio Francisco, era natural de Coimbra, e quando entrou na Religiaõ se abrazou de hum desejo do martyrio com as noticias do Padre Ignacio de Azevedo, e seus Companheiros, e a este fim passou à India na companhia do Padre Affonso Pacheco. Todas as vezes, que levantava a Hostia, pedia a Deos graça, para pelo seu amor dar a vida. O ultimo, e quinto foy o Irmaõ Francisco Aranha, natural de Braga, de pays nobres, e ricos, e se chamava Sebastiaõ Aranha. As Memorias da Companhia uniformemente dizem, ser sobrinho do Arcebispo de Goa, e naõ podemos averiguar, quem elle fosse. Foy este glorioso Triunfo da Igreja neste dia, no anno de 1583, Governando o Estado da India D. Francisco

Mascarenhas, Conde de Santa Cruz.

No dia, em que este Martyrio succedeo em Coculim, o revelou Deos em Lisboa ao Padre João Fernandes, e foy tambem cousa digna de reparo, que estavaõ em Goa os Padres celebrando o Martyrio do Padre Ignacio, e seus Companheiros, quando lhes chegou a nova, de que foraõ martyrizados pela Fé o Padre Rodolfo, e seus Companheiros; intentaraõ logo aquelles Religiosos dar decente sepultura aos bemditos corpos dos Martyres, que os Gentios lançaraõ em huma cova immunda, ou cabouco, como elles lhe chamaõ. Depois de terem passado tres dias os acharaõ incorruptos, lançando o Padre Rodolfo sangue das feridas, taõ fresco, como se naquelle instante fossem abertas, de que a piedade dos Christãos se aproveitou, ensopando panos, e tirando dos veneraveis corpos algumas reliquias, e permittio Deos, que padecendo hum Irmaõ da Companhia huma dor no peito, com fervor pegou em hum dos caixões, para o levar, e ficou livre da queixa. Foraõ Trasladados para o Collegio de Saõ Paulo de Goa, no anno 1597, e no tempo, em que era Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, fez tirar hum instromento authentico, em que os matadores confessaraõ, que os mataraõ, por saberem hiaõ edificar Igreja em Coculim, como elles escreveraõ ao Capitaõ de Rachol. Fazem delles mençaõ Jarric. no II. Tomo do *Thesauro Indico*; Orlandino, nas *Annuas da India Oriental*; o Padre Luiz de Gusmaõ, nas *Missoens*, liv. 3. cap. 8, até 11, e no cap. 29, até 33; Spinelo, cap. 20; Pedro Ordonhes Zavallos, *Viagem do Mundo*, liv. 3. cap. 16; Jacobo Damiano, *Synopsis*, cap. 20; Thomás Bocio, de *Signis Eccles.* liv. 7. sig. 27. em a *Centuria dos Martyres da Companhia*; Vasconcellos, *in Descriptione Regni Lusitani*, fol. 505; Faria, *Asia*, part. 3. fol. 15; Guerreiro, *Elogio dos que morreraõ pela Fé*, part. 2. cap. 9. fol. 242; Nadasi, e o *Menologio da Companhia*, m. s. neste dia; o Padre Amador Rabello, em humas *Cartas*, impressas no anno 1588; o Padre Eusebio de Nieremberg, *Idéas de Virtudes*, tom. 1. fol. 421; Sousa, no *Oriente Conquistado*, part. 2. Conquist. fol. 187; Albergaria, *Triunfo da Nob. Lusit.* m. s. fol. 95; o Padre Francisco Bencio, insigne Poeta, em seis livros; e Gerardo Montano, com cinco *Epigrammas* muy elegantes; o Padre Francisco de Mattos, na *Vida Chronologica de Santo Ignacio*, liv. 3; *Perseguições da Companhia no Japaõ*, cap. 11. §. 2. Na Curia Romana se trata da sua Beatificaçaõ, e no anno de 1713, se imprimiraõ processos a este fim, e depois outros nos annos de 1717, e 1720, na Impressaõ da Camera Apostolica.

D Nos gloriosos Fastos da Companhia de Jesu, merece este dia huma singular estimaçaõ, em que temos visto taõ insignes Varões em Santidade, da Provincia de Portugal, espalhados na Asia, e na America. Parece, que a Providencia Divína os distribuîo, para acompanharem ao Fundador, e Pay da Companhia neste Reyno, sendo-o tambem desta sorte das Provincias da India, da China, do Japaõ, e das do Brasil, e de outros Collegios de Hespanha, como o de Gandia; para onde mandou o Padre André de Oviedo, e o Padre Diogo Miraõ, para o de Valença, e outros muitos, para que cooperou o seu ardente zelo. Nasceo o Padre Simaõ Rodrigues, na Villa de Vouzella, povoaçaõ pequena, que terá cento e quarenta visinhos, na Provincia da Beira, no Bispado de Vizeu, de que dista tres legoas. Foraõ seus pays Gil Gonçalves, e Catharina de Azevedo, gente nobre, e da mais principal da terra, e segundo a tradiçaõ, naõ faltou, quem affirmasse, serem parentes do Santo Fr. Gil; e sendo assim teve illustre parente em nascimento, e santidade. Na Igreja Matriz, como diz o Licenciado Jorge Cardoso, no dia 17 de Fevereiro, letra D, se vê pintado o Padre Simaõ, junto com Saõ Fr. Gil, e Fr. Pedro Franciscano, tambem natural desta Villa, bem conhecida nas nossas Historias, por taõ insignes filhos. Era o Padre Simaõ, sobre virtuoso insigne Letrado, sciente da Filosofia, e Theologia, erudito nas linguas Grega, e Latina; fallava a Italiana, e Franceza com perfeiçaõ, e com conhecimento das Cortes Estrangeiras, que tinha visto, digno Mestre do Principe, que a sua humildade recusava, sendo tal o seu exemplo, que todos seguiraõ o mesmo methodo de vida com grande edificaçaõ. Em huma occasiaõ estava ElRey em huma janella do Paço, e vendo passar dous voltou para o Marquez de Villa Real, que estava com elle, dizendo-lhe: verdadeiramente parecem aquelles

homens

homens Apoſtolos, glorioſo nome, porque depois foraõ conhecidos em Portugal, e ſuas Conquiſtas. Muito nos poderamos alargar nas virtudes deſte inſigne Religioſo, mas naõ o permitte a brevidade, que ſeguimos; inda aſſim naõ podemos ommittir algumas couſas dignas de memoria, como a conſtancia, com que ſofreo as injurias, com que hum homem em publico, e particular o maltratava, por ter deſpido a Roupeta a hum ſeu Irmaõ, ſendo tal o exceſſo da ſua cólera, que chegou aos ouvidos delRey, que o quiz mandar caſtigar, e o fizera ſeveramente, ſe o Padre Simaõ lhe naõ pedira o contrario; de que ſe deixa ver a ſua ſolida virtude, que acreditou com prodigios. No Collegio de Coimbra, padecia hum Irmaõ eſtudante, por nome Vicente Rodrigues, taõ crueis dores de cabeça, que lhe impediaõ todas as operações, e o affligiaõ em ſummo gráo, e depois de eſgotados todos os remedios da Medicina, veyo a alcançar ſaude com huma viſita do Padre Simaõ, e dandolhe hum abraço, lhe ſegurou, que naõ havia morrer, e logo experimentou melhoras, e foy depois hum dos grandes operarios da Miſſaõ do Braſil. Ao Padre Gonçalo da Sylveira, eſtando deſconfiado em Coimbra dos Medicos, e já eſpirando, o entrou a ver pela manhãa, e lhe diſſe: tenha animo, Padre Gonçalo, que eu vou dizer Miſſa pela ſua ſaude; e foy caſo maravilhoſo, que no tempo, em que eſtava dizendo Miſſa, gritou o Padre Gonçalo, dizendo ao Reytor, que era o Padre Luiz da Gran, e a outros Religioſos, que eſtava inteiramente ſaõ, e que o Padre Provincial lhe havia dado ſaude. Como foy dotado de eſpirito profetico, ſem duvida lhe revelaria Deos, que ao Padre Gonçalo da Sylveira, o tinha deſtinado para glorioſo Martyr da Igreja, como ſe refere no *Agiologio* a 16 de Março. Morreo o Padre Meſtre Simaõ, no anno de 1579, ſendo univerſal o ſentimento da Corte; as ſuas Exequias ſe celebraraõ com ſaudades, e foraõ aſſiſtidas dos Biſpos Capellaõ môr D. Jorge de Ataide, e de D. Antonio Telles, Biſpo de Lamego, e de grande numero de Nobreza, Religioſos, e povo, devotos do Servo de Deos; e como amigos da Companhia, ſentiaõ a perda de hum inſigne Religioſo, que era Pay da Companhia em Portugal. Foy enterrado na Igreja de Saõ Roque, na Capella môr defronte do Santiſſimo Sacramento. O virtuoſo Arcebiſpo de Evora o Senhor D. Theotonio, de quem faremos mençaõ a 29 deſte mez, que o amou ternamente, prezando-ſe de receber delle os primeiros documentos das ſolidas virtudes, que taõ bem ſoube exercitar; deſejou ornar de precioſos marmores a ſua ſepultura, que com Elogios ſepulchraes declaraſſem a toda a hora a virtude do Padre Meſtre Simaõ; porém ao tempo, que tinha alcançado licença do Geral Claudio Aquaviva, pagou o tributo de naſcido, e aſſim eſteve por muitos annos, até que ſe trasladáraõ ſeus oſſos para huma pequena, e humilde Urna de pedra, aquelles, que mereciaõ deſcançar em ſumptuoſo Mauſoléo, e foy collocado na parede, junto à porta da Sacriſtia, da parte do Evangelho, com eſte breve Epitafio.

OSSA P. M. SIMONIS RODERICI PIÆ RECORDATIONIS, QVI PROVINCIAM HANC LVSITANAM FVNDAVIT, PRIMVS IN EA PROVINCIALIS, VNVS E NOVEM B. P. N. IGNATIJ SOCI. JS. OBIT IN HAC DOMO XIV. JVLIJ Anno Domini MDLXXIX.

A *Chronica da Companhia*, do Padre Telles, na 1. part. liv. 3. cap. 31. diz, que o dia da ſua morte foy a 15 de Julho, às duas horas da manhãa, o que conſta de irrefragaveis documentos; e diligencias, que o confirmaõ; e o meſmo ſeguem outros muitos Authores graves da meſma Companhia: e aſſim talvez ſeria erro de quem abrio na pedra o ſeu Epitafio, que referimos outro mais digno das ſuas virtudes, ſe vê no livro intitulado: *Imago Primi ſæculi Societatis Jeſu*, fol. 292.

ELO-

ELOGIUM SEPULCHRALE SIMONIS RODERICII.

Indiæ Debitum,
Sed Lusitaniæ reservatum
Simonis Rodericii
Ulyssipponensis
Mortale depositum hic jacet;
Olim inter Primos adjunctum Ignatio
Cum cunctos in Italia socios alacriter sequeretur,
Gravi impeditus ulcere destitutus fuisset à suis
Nisi prodigio repente sanatus Deoque fretus, ac potens
Præire, quam sequi ardua maluisset,
Regnante Joanne, Imperante Paulo, utroque tertio
Illo Lusitaniæ Rege, hoc Pontifice Maximo,
Gemino, & vindice fidei, & Societatis minimæ defensore,
Propagandæ causâ religionis in Orientales Indias ab Ignatio missus,
Expeditionis tam arduæ commilitonem habuit
Franciscum Xaverium.
Dignus Româ Judice, qui Orientis tanto lumini
In viam tam inviam præluceret
Ulyssipponem ergo delatus
In Luce urbis clarissimæ, & aulæ Regiæ splendore perpetuo
Socio, & adjutore Xaverio, ita se gessit,
Ut rapti in admirationem hominum tantorum Reges, & populi
Passim illos, nec otiosè Apostolos nominarent.
Tanto tam præclaræ virtutis encomio.
In nomen posterorum, appellationemque perpetuam derivato.
Indiam ergo spectabat, & Indiæ uterque hic Apostolus debebatur,
Et sane non unum India Xaverium jam haberet,
Nisi reluctantem licet, & cum illo superare maria cupiente Simone,
Sibi, etiam præ Xaverio, commodum Lusitania tenuisset
Hac spe frustratus ineundi pro fide certaminis,
Occasionem tamen agendi, & patiendi fortia non amisit,
Jubente Rege, Permitente Ignatio,
Coactus esse Lusitano Principi, quod fuerat Aristoteles Alexandro,
Non minus periculosâ omnium gratiâ,
Quam paucorum invidiâ laboravit
Tanto clarior apud omnes,
Quanto in utraque fortuna inventus est fuisse constantior
Mutuis devinxisset obsequiis,
Privatis rebus, & publicis
Pro Catholico Europæ, & Indiæ bono prudenter dispositis
Extra Indiam, quam semper amavit
Extra Ethiopiam, Brasiliam, cæterasque terras ultimas,
Quo sæpius ex aula meditatus est fugam:
Extra ictum, spemque martyrii, quod impensè quæsivit
ANNO M.D.LXX.IX.
Ipso, postquam secutus Ignatium quadragessimo quinto
Apostolus in Patria, Miles in umbra
Qui alibi violenta maluit, naturali morte decessit
DEO SIC VISUM
Cujus providentiæ utrobique promptum est
Ibi illustrare naturam, hìc occultare virtutem.

Este

Este elegante Elogio Sepulchral, me pareceo razaõ lançallo aqui; porque inda, que já anda em outras partes, sempre a sua repetiçaõ será estimavel ao Leitor; além dos já nomeados Authores, trataõ deste insigne Heroe o Padre Tanner, *Societas Jesu Apostolorum Imitatrix Europa*, fol. 161, onde está em huma estampa arrebatado em huma visaõ, em que lhe apparece Nossa Senhora; o *Menologio da Companhia* m. s. e Nadasi, neste dia; Orlandino, liv. 1. fol. 16. n. 74; Eusebio, *Honor del Grande Patriarca Santo Ignacio*, tom. 1. fol. 538; Sousa, no *Oriente Conquistado*, part. 1. fol. 8; Purificaçaõ, na *Chronologia Monastica Lusitana*, no dia 14 deste mez; o Padre Francisco de Mattos, *Vida de Santo Ignacio*, liv. 5. cap. 2. §. 3. n. 20.

E He a Cidade de Sinoa, a Corte do Reyno da Cochinchina, fica no centro de todo o Reyno, da parte do Sul tem as Cidades de Chacaõ, e Nharum, e da do Norte, as de Dinhcat, e Quanbinh, nas quaes tem Governadores, com Tribunaes de todas as justiças. As rayas do Reyno estaõ armadas de soldados, para a segurança das fronteiras. Da sua fertilidade se fallou já no dia 4 de Fevereiro, letra D. Nesta Cidade padeceo Martyrio o zeloso Vicente, no anno de 1645, Reynando Thaybao. Nasceo na Provincia de Quangnghia, de pays Christãos, como temos visto, e se chamaraõ Thomé, e Magdalena; recebeo o Bautismo pelo Padre Francisco Buzoni da Companhia, Fundador daquella Christandade. Fazem mençaõ delle, as *Noticias das Missoens do Reyno da Cochinchina*, cap. 7. fol. 94.

F No mesmo dia, e anno, acabou o valeroso Soldado da Milicia de Jesu Christo, Ignacio, de idade de 37 annos, glorioso pelo desprezo do Mundo; pois tendo chegado a lograr o primeiro gráo de Mandarim, Dignidade entre as do Imperio da China de grande authoridade, ou nas Letras, ou nas Armas, sendo-lhe por elle devido o governo Militar, ou Politico, que tudo desprezou Ignacio, por abraçar a Fé de Christo, com tal amor, como temos visto do zelo da conversaõ das almas, sendo elle o que destemidamente naõ fez caso de tantos perigos; pois quando desterraraõ a primeira vez o Padre Rhodes para Macáo, ficou toda aquella Christandade em huma grande consternaçaõ, de sorte, que todos se escondiaõ com o temor dos Editos delRey, e assim naõ havia, quem soccoresse aos pobres Christãos perseguidos; mas Ignacio, desprezando todo o perigo, andavá publicamente pedindo esmolas, para soccorrer os seus Companheiros; e destas, e das máis acções, que temos referido, se lhe cortou a Palma do Martyrio, que gozará por toda a eternidade. Tudo o referido tiramos das *Noticias da Cochinchina*, acima allegadas, cap. 8. fol. 97.

G Era Fr. Francisco de Bovadilha, Castelhano, de nascimento claro, e conspicuo, por ser filho de D. Pedrarias Davila, Governador da terra firme do Perú, e de D. Isabel de Bovadilha, filha de Francisco Fernandes de Bovadilha, Senhor de Pinos, e Bees, e de D. Maria de Penhalosa, o qual D. Pedrarias, era irmaõ de D. Joaõ Arias de Avila, IV. Senhor, e I. Conde de Punhon-Rostro; filhos ambos, e outros mais, que naõ servem ao nosso intento, de Pedrarias de Avila, III. Senhor de Punhon-Rostro, Santo Agostinho, e Alcovendas, Regedor de Segovia, Contador môr delRey D. Henrique IV. de Castella, e do seu Conselho, e de sua mulher Elvira Ortiz Cota, filha do Thesoureiro Alonso Cota, e de Theresa Ortiz, sua mulher; e della teve filhos, inda que Haro, no tom. 2. fol. 181. diga o contrario; porque nós seguindo a D. Luiz de Salazar e Castro, Chronista môr de Hespanha, do Conselho delRey Filippe V. e Commendador de Zurita, luz de todos os estudos Genealogicos, assentamos serem estes os ascendentes de Fr. Francisco de Bovadilha, que em Haro achamos confuzos, e em Fr. Luiz de Sousa, taõ diminutos, que valendonos da benevolencia, e amizade, com que este Cavalhero nos trata, o consultámos, e pelas suas cartas de 8 de Setembro de 1715, e depois em outra de 29 do mesmo mez, confirma, o que temos referido, com huma Taboa Genealogica desta Familia, da sua propria letra, que conservamos; e desta sorte vimos a assentar, em quem foraõ os pays de Fr. Francisco de Bovadilha, que a *Chronica de Saõ Domingos*, diz ser filho dos Condes de Punhon-Rostro, o que naõ póde ser como temos visto; porque seu pay era irmaõ de D. Joaõ Arias de Avila, I. Conde, que casou duas vezes; a primeira

com

com D. Maria de Mendoça, viuva de seu irmaõ, filha natural do Duque do Infantado D. Diogo; e segunda vez com D. Maria Giraõ, filha de D. Rodrigo Porto Carreiro, I. Conde de Medelhin: e em todas as linhas desta Familia, se naõ acha appellido, ou casamento com Bovadilha, senaõ na mulher de D. Pedrarias Davila, cujo pay foy D. Francisco Fernandes de Bovadilha, como temos dito, em cuja memoria devia ser posto o nome de Francisco ao neto, de que tratamos o Mestre Fr. Francisco de Bovadilha, pessoa de grande authoridade na sua Provincia, por Letrado, e Fidalgo; circunstancias, que unidas com observancia, he ouro sobre azul; pois realça o sangue com os estudos, e muito mais com as virtudes. Tinha lido muitos annos, e occupado lugares graves, e governos na Religiaõ em alguns Conventos, como o de Prior de Piedrahita, e outros; e largando a sua Provincia, se passou à de Portugal, cuja mudança para este Reyno causou naõ pequena admiraçaõ. Foy o motivo della, a semrazaõ de Pedrarias Davila, seu primo com irmaõ, e naõ de Bovadilha, nem menos seu irmaõ; porque era filho de D. Fernando Darias de Avila, irmaõ de seu pay, o qual litigou a Casa de Punhon-Rostro, com seu primo D. Arias Gonçalo de Avila, irmaõ de Fr. Francisco, cujo pleito veyo a vencer seu sobrinho D. Pedro Arias de Avila, III. Conde de Punhon-Rostro; e vendo Fr. Francisco a semrazaõ do primo, que litigava mais com o respeito, do que com justiça, para tirar a Casa ao sobrinho, que ficara de pouca idade; tirou hum Rescripto de Roma, com que rebateo a perseguiçaõ de Pedrarias de Avila, e em que consistia o remedio do sobrinho; pelo que assentou comsigo perder patria, e parentes, e se passou a Portugal no anno de 1543. Andava o governo naquelle tempo nos Padres Castelhanos; porque se persuadio ElRey D. Joaõ o III. que este era o caminho de extinguir as parcialidades, e se houvesse Religiosos como Fr. Francisco de Bovadilha, muito util seria esta resoluçaõ no nosso tempo para o socego de muitas Provincias, que repartidas em parcialidades chegaõ a ser escandalo de todo o Reyno, pela ambiçaõ daquelles, que por governar atropellaõ as leys santas das suas Religioens, consumindo em demandas os bens da Communidade. Perfilhou-se nesta Provincia, no Convento de Bemfica, que logo no Mayo seguinte de 1544, o elegeo em Prior, que lhe durou pouco; porque no fim do mesmo anno foy eleito pelos moradores do Convento de Saõ Domingos em seu Prior. Inda naõ tinha perfeitos dous annos, quando ElRey lhe mandou huma Patente do Geral da Ordem, em que o fazia Vigario Geral da Provincia de Portugal, e pouco depois foy confirmado em Provincial. Ao seu zelo deve a Religiaõ a Congregaçaõ da India Oriental, para onde mandou doze Religiosos, debaixo do Governo de Fr. Diogo Bermudes, no anno de 1548. Delle se conta aquella singular reposta, que deu aos Procuradores delRey Filippe II. de Castella, quando em tempo do Cardeal Rey D. Henrique tratavaõ da successaõ deste Reyno: que buscando-o como a natural, e Fidalgo, para negocio taõ importante, por ter adquirido em todo o Reyno grande authoridade com a gente mais principal, e com a Corte, pelos negocios que tratara, lhe seguraraõ por este recompensa digna de taõ grande negociaçaõ. Respondeo com liberdade, e desapego, que para Frades naõ era fallar, nem entender em successaõ de Reynos, senaõ fosse encomendando-a a Deos no canto da cella, e ao Altar; que isto fazia, e faria, e outra cousa naõ esperassem delle. Oh Varaõ digno de seres perfeita idéa de Religiosos! Se agora visses em os nossos tempos tantos Religiosos, que perderaõ a quietaçaõ dos Claustros, por se interessarem em semelhantes materias, como se o Religioso fóra da cella, e do Altar, podesse ter modo de tratar taõ ardua empreza, como a successaõ de hum Reyno! Quantos vimos de diversas Religiões, e algumas das mais reformadas, espalhados pela nossa Corte, donde parece os trazia mais o desejo da liberdade, de que o amor do Principe, que seguiaõ, senaõ era a ambiçaõ de melhorar de fortuna. Pois he certo, que desde o anno de 1704, até o de 1713, se viraõ muitos taõ dissolutos, que eraõ hum escandalo geral à Religiaõ Catholica! Que reprehensaõ teriaõ todos estes de Fr. Francisco de Bovadilha se os conhecera, pois foy de taõ austéro procedimento, que governando a Provincia naquelles annos, em que o Reyno andava embaraçado com successaõ, poz em

toda

toda a Provincia hum preceito, prohibindo aos seus Religiosos todo o genero de pratica em semelhante materia, que elegantemente refere Fr. Luiz de Sousa, dizendo, que aos Letrados pareceo duro, e ao mais povo dos Frades impossivel de observar. Naõ lhe durou o governo, porque os Governadores do Reyno, por morte do Cardeal, lhe mandaraõ insinuar, que desistisse do lugar, por haver pertensores Estrangeiros, e tambem seus nacionaes, o que logo fez em o Convento de Evora, onde depois de fazer obras de muita charidade, e exemplo, servindo aos feridos da peste, veyo a morrer do mesmo mal, pelos annos de 1580. Nelle jaz enterrado, com este breve Epitafio, que lhe mandou pôr, sendo Prior, o Mestre D. Fr. Joaõ de Portugal, Bispo depois de Vizeu.

Magister Fr. Franciscus de Bovadilha hujus quondam Provinciæ bis Prior-Provincialis regulari observantia, & in Deum pietate commemorandus. H. S. E.

Delle faz honrada memoria, com a sua costumada elegancia o Padre Fr. Luiz de Sousa, na II. Parte da *Historia de Saõ Domingos*, liv. 2. cap. 13; e o *Anno Dominicano*, de Soveges, neste dia; Cardoso, no *Commentario* do dia 6. de Janeiro, letra F.

H A Villa do Torraõ, entendemos devia ser patria do Padre Fr. Diogo, por lhe dar o appellido, costume muy observado nas Recolletas deste Reyno. A sua vida foy huma continuada mortificaçaõ, como temos visto, e sendo taõ aspera, e tendo licença dos Geraes da Ordem, para viver naquella Ermida solitario, se vio obrigado a renunciar nas mãos dos Prelados a licença, para que no seu arbitrio ficasse à desposiçaõ da sua pessoa; porque havia diversas opiniões entre os Religiosos sobre aquelle theor de vida, taõ aspero, agreste, e desabrido, e tendo setenta annos o mudou o Provincial para este Convento, onde viveo com tal recolhimento, e silencio, que parecia estava no Ermo, e nelle veyo a falecer no anno de 1618, e foy sepultado no Claustro. De hum Memorial desta Provincia m. s. que temos em nosso poder, consta o que referimos.

I O Lugar de Saõ Joaõ da Talha, defronte de Sacavem, Arrebalde de Lisboa, foy patria do Padre Jorge Rijo, e foraõ seus pays de geraçaõ nobre, e o filho hum dos mais raros sogeitos, que logrou a Companhia, de tal prudencia, e equidade, que servindo cincoenta annos de Ministro, naõ houve quem com fundamento se queixasse, sendo o lugar, como diz a *Chronica da Companhia*, exposto a queixas; porém como obrava como santo, a todos dava satisfaçaõ. Morreo no no anno de 1614. Delle faz mençaõ Nadasi, neste dia; Telles, na *Chronica da Companhia*, part. 1. cap. 32. §. 8. pag. 375.

K Entre os Reynos de que se compoem o largo Imperio do Japaõ, he o de Devano, a que dá nome a Cidade de Deva, na Provincia Niphone, como referem os Geografos. Este Reyno, como quasi todos o deste Imperio, tem sido regado com o innocente sangue dos Martyres, para crescerem desta sorte innumeraveis palmas na Militante Igreja, com que subiraõ triunfantes ao Ceo os nossos valerosos Soldados de Christo, no anno de 1624, cujos nomes foraõ

1 Joaõ Cavay Kiyemon.
2 Pedro Xeizò.
3 Thomé Kitarò.
4 Joaõ Cacunay.
5 Jacob, seu filho.
6 Joaõ Unime.
7 Maria, sua mulher.
8 Joaquim Niyemon.
9 Thomé, seu filho.
10 Simeaõ Limboye.
11 Isabel, sua mulher.
12 Juliaõ Yasioye.
13 Candida, sua mulher.
14 Maria, mãy de Juliaõ.
15 Thomé Yenyemon.
16 Sabina.
17 Filippe Coyemon.
18 Magdalena, sua mulher.
19 Paulo Numata.
20 Pedro Daigavi.
21 Regina, sua mulher.
22 Aleixo Moyemon.
23 Sabina, sua mulher.
24 Francisco Matazayemon.
25 Lucas Camatsu.
26 Tecla, sua mulher.

27 Paulo, seu filho.
28 Maria, mulher de Paulo.
29 Vicente Kizayemon.
30 Monica, sua mulher.
31 Secundo Tarobiuye.
32 Jacobo Sansule.

De todos faz memoria Cardim, nos *Elogios dos Martyres do Japaõ*, pag. 295.

L Pouco mais de tres legoas da Cidade de Coimbra, fica a Serra de Bussaco, celebre por ser no alto della edificado o Mosteiro Eremitico dos Carmelitas Descalços. Sobre a dirivaçaõ, e antiguidade desta Serra, ouvimos algumas noticias, que por inverosimeis, e peyoraviriguadas naõ seguimos. He costume observado desta observante Refórma, ter em cada Provincia hum Convento, taõ livre do commercio, e trato das gentes, que propriamente lhe daõ o nome de Deserto. Desejava a Provincia de Portugal ter hum lugar accommodado a taõ santos intentos, depois de taõ dilatadas esperanças, e intentado na Serra de Cintra, o vieraõ a conseguir na Serra de Bussaco, por huma casualidade prodigiosa. Caminhavaõ de Aveiro para Coimbra dous Religiosos desta Provincia, e entretendo-se na pratica dos Desertos, que a Religiaõ tinha nas Provincias de Hespanha, suavizavaõ o trabalho da jornada; quando lhe sahio ao encontro hum homem de aspecto venerando, que se fazia ainda mais respeitado pelas cãas, que os seus annos lhe haviaõ conseguido, e fallando aos Padres, a poucas palavras lhe disse, se queriaõ hum sitio muy accommodado para fundarem o Mosteiro, em hum Deserto, que a Ordem desejava, que logo lho mostraria. Os Religiosos admirados de semelhante proposiçaõ, confuzos do que tinhaõ acabado de praticar, lhe disseraõ, que sim: e guiando à Serra de Bussaco lhe mostrou o lugar, que o Ceo destinava para a sua habitaçaõ, e deliniando com a maõ a fabrica, riscou o sitio do Mosteiro, (onde hoje se vê) e o lugar da horta, mostrando-lhe donde podiaõ ter agua, e acabada esta pratica se acharaõ sós, sem o director da obra, e assentaraõ ser algum Anjo, por quem Deos satisfazia os santos desejos de toda a Provincia. Estava já o dia muy adiantado, e a noite vinha já cobrindo os montes, e assim se viraõ obrigados de haver de passar a noite na Serra, amanheceo o outro dia, e feita memoria do lugar seguiraõ o seu caminho, e chegando a Coimbra, deraõ conta ao Reytor do Collegio, do que tinhaõ passado. Communicaraõ o caso, examinaraõ o sitio, e depois de conseguidas as licenças para a fundaçaõ tomaraõ posse delle a 15 de Outubro de 1628, dia da Serafica Madre dos Carmelitas Santa Theresa. Deraõ ao Mosteiro o titulo de Santa Cruz, em memoria de ser o appellido do primeiro descalço da Refórma Saõ Joaõ da Cruz, que ainda entaõ a Igreja naõ tinha posto no Catalogo dos Santos, e a quem elles o desejaraõ dedicar, se o naõ encontraraõ as Bullas Apostolicas.

Occupa quasi huma legoa de circuito a cerca; o alto da Serra está coroado com huma grande Cruz de pedra, que de muitas legoas de distancia se diviza com veneraçaõ dos caminhantes: já este lugar de tempos antigos tinha huma Cruz de páo, que alli puzera hum homem por memoria de certo perigo do qual livrara, quando vira na Serra huma Cruz, pelo que prometteo, em gratificaçaõ do beneficio, collocar naquelle sitio o final da nossa Redempçaõ. A lembrança deste successo, fazia frequentar com veneraçaõ aquelle lugar, principalmente nas sestas feiras. Conservava-se na tradiçaõ dos moradores do Lugar de Luso, verem-se, antes de ser aquelle lugar habitado dos Religiosos, scintilantes Estrellas, que coroavaõ aquelle sitio, o que absortos naõ podiaõ alcançar, até que huma pessoa de virtude lhe manifestou o mysterio, segurando-lhe, que aquellas Estrellas, as veriaõ vivas, e animadas, e que a Serra produziria, em lugar de frutos, obras santas, e virtuosas de seus habitadores, e o tempo veyo a ser testemunha desta revelaçaõ.

He o Convento pequeno, e de humilde fabrica, pobre, mas asseado: nelle se segue a observancia da Regra, com differentes costumes, que praticaõ sómente os seus habitadores, para viverem em huma continuada mortificaçaõ; pois sobre abstinencias, jejuns, disciplinas, e continuados actos de humildade, se vive em silencio perpetuo, parecendo em todos os actos de Communidade mudas estatuas, e naõ homens; porque ainda que se encontrem, se naõ fallaõ, nem lhes he permittido mais que sinaes externos, com que se explicaõ, quando o

pede a necessidade. Duas vezes no mez se ajuntaõ em lugar destinado, à honesta recreaçaõ, em que fallaõ só por tempo de duas horas, mas com tal condiçaõ, que se naõ deve praticar em cousas do Mundo, sob pena de correçaõ do Prelado, para o que tem hum zelador das faltas: naõ comem senaõ peixe secco, legumes, e frutas, e nas sestas feiras naõ entra no refeitorio cousa quente, nem em tempo algum cousa que seja regalo, daqui sahem para as Ermidas, que estaõ repartidas pela Cerca em proporcionada distancia, onde assistem por tempo determinado vivendo eremiticamente com mortificaçaõ do corpo, e regalo da alma: sustentaõ-se com paõ, legumes, fruta, e alguma ortaliça, sem outra cousa: o Prelado os visita huma vez cada semana: naõ ha tempo do anno, que naõ estejaõ habitadas de alguns Religiosos, donde cada hum dos Eremitas passa o tempo em santos exercicios, como admirámos com confuzaõ nossa no anno de 1709, que tivemos a felicidade de ver este Santuario, onde parece as paredes exhalaõ virtude, as arvores com o movimento do ar, convidando à vida contemplativa, e o todo a quem o vê, accuzando o descuido da sua. He o sitio agradavel pela eminencia com que descobre amenos, e largos campos, e dilatados orizontes: he muy povoado de arvoredos sylvestres, cortado de espaçosas ruas, que em aleas de arvores saõ caminho para os passos da Paixaõ do Nosso Redemptor, e como os correm descalços os Religiosos, provida a natureza alcatifou as ruas de huma certa erva como musgo, que sobre agradavel, he commoda: tem muita agua repartida em varias fontes, distribuidas em differentes partes, que fazem ameno o lugar.

Augmentou-se muito este Deserto, com a devoçaõ de Manoel de Saldanha, Reytor da Universidade de Coimbra, e Bispo eleito daquella Diocesi, que com grande despeza, e cuidado fez muitas obras, com que se augmentou a estimaçao da Casa, e nella jaz enterrado. Seguio-se com igual piedade, e amor nos nossos tempos, o Illustrissimo, e Virtuoso Varaõ D. Joaõ de Mello, Bispo tambem de Coimbra, que adiantou muito a policia das fontes, e de novas Ermidas, com que se poz em perfeiçaõ a Cerca com estas obras: e assim he este Deserto huma das cousas mais dignas de se ver, em que nos foy precizo dilatar por ser a primeira vez, que fallamos nesta Casa, com occasiaõ de Fr. Dionysio da Ascensaõ. Ao seu cuidado, e trabalho devem os Eremitas deste santo Deserto dar o Relogio quartos, fabrica das suas mãos. Era natural de Manteigas, Bispo da Guarda, e professo da Casa de Lisboa, e tendo quarenta e sete annos de Habito, e sessenta e sete de idade, faleceo neste dia, no anno de 1707, como refere o livro da Fundaçaõ deste santo Mosteiro, de que temos copia.

JULHO XVI.

S. Sisenando Diacono M.

A EM a Cidade de Cordova, a Festa de Saõ Sisenando Diacono, nosso Portuguez, natural da Cidade de Beja, o qual indo estudar à Cidade de Cordova, foy nella laureado com a insigne palma de Martyr, dando com o seu exemplo, huma universal consolaçaõ a todos os Christãos, que viviaõ arrastando as cadéas do seu cativeiro debaixo do dominio Mauritano, consolando-se na sua escravidaõ com verem a constancia, com que hum delicado mancebo consagrava resolutamente a vida em obsequio do Nome

de Jesu Christo. Tinhaõ animado a Sisenando com o seu exemplo os Santos Pedro de Ecija, e Walabonso de Penhaflor, que havia poucos dias tinhaõ pelos fios da espada abreviado o caminho do Ceo, e naquella occasiaõ o convidaraõ a gozar as dilicias da Gloria, lembrando-lhe, que para lograr com seguridade aquelle lugar seguisse o seu exemplo, sem que o florido dos annos lhe servisse de embaraço; porque quanto mais desprezasse por amor de Deos, mais agradavel faria o sacrificio, e mayor seria a retribuiçaõ. Aceitou o Santo mancebo o conselho, e desejoso de ir lograr o summo bem diante do conspecto Divino, se appresentou voluntariamente ao Juiz, confessando naõ só ser Christaõ, mas defensor da Ley de Jesu Christo, e desprezador das falsas mentiras, que os Mouros criaõ do impio Mafamede. Foy logo Sesinando posto em rigorosa prizaõ, que lhe fazia suave a memoria da dolorosa Paixaõ de Christo seu Mestre, e a lembrança daquelles, que por seu amor souberaõ padecer crueis martyrios. Era já tanta a ancia, com que desejava verse na execuçaõ do supplicio, que foy o Senhor servido revelarlho ao tempo, que estava respondendo a huma carta, que recebera de hum seu amigo. Naõ tinha escrito mais de tres, ou quatro regras, quando illustrado de superior luz, de repente largou a penna, e cheo de hum inexplicavel gozo se poz em pé, e voltando-se ao mensageiro, que trouxera a carta, lhe deu a reposta por acabar, dizendo em prezença de muita gente: idevos filho com pressa deste lugar, porque vos naõ achem nelle os ministros da execuçaõ, que já vem a buscarme. Apenas tinha sahido, quando de tropel entraraõ pelo carcere com estrondo, e vozes a buscar a Sisenando os infernaes ministros, cheos de furor diabolico; e vendo a alegria, com que sem mudar de cor os esperava, descarregaraõ sobre o Santo mancebo muitos golpes, e bofetadas, e às pancadas, e empuxoens o levaraõ perante o Juiz. Nada embargava à satisfaçaõ, que lhe causava a alegria de ver chegado o prazo dos seus desejos, antes com as injurias se fortalecia, para conseguir do certame a victoria, e ratificando diante do Tyranno a constante Fé, que professava, sem que houvesse outra alguma, em que se pudesse salvar, o mandou degolar. O seu santo corpo foy deixado à entrada do Alcaçar, lugar destinado para patibulo; e pondo-lhe guardas,

para

para o defenderem da piedade dos Christãos, o deixaraõ exposto para alimento dos brutos; e depois lançando as sagradas reliquias do seu despedaçado corpo no rio, foy Deos servido, depois de passados alguns dias, que fossem achadas por humas mulheres nas margens do rio entre humas pedras; e dalli foraõ trazidos seus ossos à Cidade, e sepultados com grande devoçaõ na Igreja de Saõ Acisclo, donde depois foy trasladado com outras reliquias para a de Saõ Pedro, onde hoje perseveraõ.

O Veneravel D. Fr. Bartholomeu dos Martyr. Arceb. de Braga.

B Na Villa de Vianna, no Mosteiro de Santa Cruz, acabou com preciosa morte o Veneravel D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, gloria da Cidade de Lisboa sua patria, singular ornamento da Religiaõ de Saõ Domingos, que justamente se preza de hum tal filho, cuja admiravel luz resplandecendo na Primacial de Braga illustrou toda a Igreja Catholica, como perfeita idéa de Prelados, e como observador do espirito daquelles, que venera a Fé na primitiva Igreja, em cujo obsequio trabalhou com zelo Apostolico, e com virtudes taõ heroicamente praticadas, que o fizeraõ venerado de todas as nações, que geralmente com os seus Elogios o acclamaõ Heroe, e o appellidaõ Santo. Passada a puericia com a innocencia, aprendeo com felicidade de engenho os primeiros rudimentos da Grammatica, em que se constituîo insigne, por ter rara habilidade, e felicissima memoria. Era tambem inclinado, que nos Domingos, e dias Santos, gastava as manhãas com grande devoçaõ na Igreja de Nossa Senhora dos Martyres, em que fora bautizado, e depois na Religiaõ lhe deu o appellido. Aqui se inclinou de sorte aos Religiosos Dominicos, que determinou servir a Deos com o Habito de Saõ Domingos, que veyo a professar com singular satisfaçaõ, tendo feito sobre a pontual observancia da Regra extraordinarias penitencias. Seguio as escolas, em que a viveza do engenho, junta com a applicaçaõ de muitas horas de estudo, o constituiraõ em breves tempos consummado Letrado. Ao mesmo tempo seguia tambem a escola da Contemplaçaõ, que só consiste em amar, tirando da liçaõ dos Santos Padres tal approveitamento, que foy taõ eminente na Theologia Mystica, como na Especulativa, a qual reduzia a pratica nos Pulpitos, com taõ grande fruto, que era agradavel aos doutos, e aos ignorantes, à Corte, e ao povo. Por mais de vinte annos successivos occupou as Cadeiras de Filosofia,

losofia, e Theologia, em que foy graduado Mestre. Tomou por empreza trazer diante dos olhos estas palavras: *Ardere, & lucere*, que depois lhe servio de singular divisa, com que tanto se illustrou. O Infante D. Luiz o elegeo para Mestre de seu filho o Senhor D. Antonio, cuja honra invejada de muitos aceitou com notavel mortificaçaõ. Neste tempo foy eleito em Prior de Bemfica, que desejou desvanecer, naõ sendo confirmado pelo Provincial, que era Fr. Luiz de Granada, o qual reconhecendo o talento, e virtude do Prior, o confirmou no cargo. Começou logo a entender com o espiritual da Casa, dando aos Noviços admiravel criaçaõ, sendo o seu fim affeiçoalos à virtude, à observancia da Regra, e ao exercicio da oraçaõ; e para que se adiantassem nas sciencias, se resolveo a ler hum Curso de Artes, e foy o terceiro. Para cumprir com estas obrigações, e com a de ensinar ao filho do Infante, que o mandou para Bemfica, para naõ perder as lições de hum taõ insigne Mestre, nem o Convento o Prior, que elegera, se levantava de ordinario à meya noite, e depois de rezar Matinas, e o Officio de Nossa Senhora, se recolhia a estudar, e depois a orar. Do temporal do Convento se naõ descuidava, supposto que pelo seu interesse se naõ desvelava; porque confiadamente esperava na Divina Providencia. Dava aos pobres grande quantidade de esmolas: em hum dia lhe mandou dar o peixe, que estava guizado para a Communidade, dizendo, que em tempo de necessidade, aos Religiosos, que professavaõ pobreza, bastavaõ ervas, e fruta. Vagou o Arcebispado de Braga, por morte de D. Fr. Balthazar Limpo, Religioso Carmelita. Desejava a Rainha D. Catharina prover aquella Santa Igreja de hum digno Prelado; e communicando este pensamento, lhe inculcaraõ o Prior de Bemfica. Mandou-o chamar ao Paço, e lhe fez esta merce em nome delRey seu neto. Com grande susto, e affliçaõ ouvio esta proposta, que com profunda humildade intentou recuzar, dando razões, que se fundavaõ no desprezo da sua pessoa, as quaes naõ podendo a Rainha convencer o despedio. Chamou ao Provincial, a quem encomendou este negocio: usou elle da authoridade de Prelado, obrigando-o com obediencia, a que naõ podendo resistir, aceitou o Arcebispado com o sacrificio da propria vontade. Partio para Braga a 22 de Novembro, levando em sua com-

panhia

panhia a Fr. Joseph de Leiria, Religioso grave, que havia sido seu Mestre de Noviços, a quem sempre reconheceo como Superior. Corria a fama, e a virtude do Prelado, e assim se despejavaõ os lugares, e se povoavaõ as estradas, para o ver. A todos recebia com animo alegre, como se naõ tivera o coraçaõ taõ pezado com a Dignidade. Chegou a Braga, e entrando no Palacio Pontifical, deu a conhecer aos que o acompanhavaõ, que entrava como estranho, naõ da magnificencia da Casa, mas dos habitadores, que tivera, e com voz sentida se lhe ouvio: *Oh Arcebispos Santos, que aqui vos agasalhastes! Oh Arcebispo peccador, que aqui te atreves a entrar!* De todo aquelle Palacio se naõ servia mais, que da Camera, que ornava com huma cama taõ pobre, como a que na Religiaõ tivera; nem usava de linho, em quanto tinha saude, nem teve ornato, que naõ fosse o do mais pobre, e humilde Religioso, sem que a grandeza da Dignidade lhe servisse mais, que para soccorro dos pobres.

Era a sua vida hum concertado relogio, que seguindo as horas do tempo, mostra todos os dias o que faz em todo hum anno; assim o Santo Prelado se levantava às tres horas a fazer oraçaõ, e cumpridas as suas devoções, e a liçaõ da Escritura, dizia Missa às oito horas; seguia-se a Audiencia geral, fazendo primeiro entrar os pobres, e logo separadamente as mulheres, e com este principio entrava a despachar até o meyo dia, com hum Desembargador. A mesa se enchia com huma reçaõ de vaca, ou de carneiro, e nas quartas feiras comia peixe conforme o estylo da Ordem, de que nunca se appartou. A baixela era de louça branca, e para as jornadas de páo. Se na mesa achava alguma cousa fóra do costume, inteiramente a dava aos pobres, reservando sempre da sua porçaõ alguma parte para elles, costume, que observou desde os primeiros annos da Religiaõ. De tarde se abriaõ as portas aos pertendentes, e tornava a continuar com o despacho até as Ave Marias, em que se recolhia, e desembaraçando-se de todos os negocios temporaes, principiava os santos exercicios, em que gastava huma boa parte da noite. Muitas vezes lhe ouviraõ exhalar a alma em suspiros, e gemidos, em que desaffogava o impeto da sua fervorosa oraçaõ. Continuava exactamente as mortificações, que principiara na Ordem, tomando todas as

manhãas

manhãas huma rigorosa, e larga disciplina, trazendo sempre cilicio, suspendendo este costume nas visitas do Arcebispado, por naõ arriscar o segredo. Sempre se vestio do Habito de Saõ Domingos, que nunca largou. Teve hum grande cuidado na administraçaõ da Justiça, que aos seus Ministros persuadia, e lhe lembrava a benignidade, dizendo-lhe, que as Abbadias, e Beneficios rendosos haviaõ de ser premio do seu recto procedimento, e assim nos provimentos se houve com notavel equidade. A sua casa ordenou com grande cuidado; dividia-se em tres generos de gente, Religiosos de Saõ Domingos, que a experiencia lhe tinha acreditado, Clerigos graves, e sezudos, para o serviço moços modestos, dirigidos para a vida Ecclesiastica. Era grande o zelo, com que se empregava no serviço do proximo, prégando com muito fervor, fazendo as visitas em o Arcebispado, sem que o desabrido da Estaçaõ o fizesse afrouxar do bem das almas, premiando aos bons, castigando os culpados. Nunca quiz, que se levasse pena pecuniaria àquelles homens, ou mulheres, que pelo seu escandalo eraõ comprehendidos na visita, dizendo, que era ajuntar dinheiro, e naõ extinguir o peccado. Despendia tudo quanto tinha em beneficio dos pobres, a quem deu muitas vezes os habitos, a roupa da cama, a cortina de huma porta, que era todo o concerto do seu Palacio, ficando muitas vezes padecendo frio, pelo excesso da sua charidade, pois naõ se prevenia, até que lhe conheciaõ a falta, e lhe repunhaõ a roupa na cama, que elle com a mesma compaixaõ tornava a dar a algum necessitado; porque com entranhas compadecidas soccorria a todos este grande Prelado, a quem o desprezo do Mundo, e amor do proximo, lhe teceraõ huma immarçesivel coroa de Gloria, e igualando-o os merecimentos, e zelo de Religiaõ aos mais celebres, que teve a Igreja Catholica.

Naõ contava mais, que anno, e meyo de residencia em Braga, quando novamente aberto o Concilio geral de Trento pelo Papa Pio IV. se poz a caminho acavallo em huma mulla, com seu Companheiro, que servia de Secretario, hum Desembargador da Relaçaõ, hum Capellaõ, e cinco, ou seis criados, e sem outra comitiva sahio o Arcebispo Primaz das Hespanhas, e Senhor de Braga, em huma segunda feira 24 de Março do anno 1561. Assim que chegou aos confins da

sua

ſua Dioceſi poſto de joelhos em terra, com as mãos levantadas, e os olhos no Ceo, fez huma devota oraçaõ, pedindo a Deos defendeſſe aquella Igreja, e ſem poder reprimir as lagrimas, moſtrou a ſaudade, que lhe cauſava a ſua Eſpoſa. Na jornada obſervou até chegar a Trento, ſaber, ſe em o lugar, em que havia de pouzar, havia Convento de Saõ Domingos, ou de Saõ Franciſco; porque deixada a mulla, e familia, a pé com o ſeu Companheiro, ao uſo Apoſtolico, deſconhecido pedia o agazalhaſſem, e neſte disfarce lhe ſuccederaõ graciofos caſos, com que a ſua humildade ſe recreava, ſe bem muitas vezes o conheceraõ, o que elle ſentia; porque ſó deſejava ſer tratado como hum frade pobre, edificando-ſe da obſervancia, e rigor, que experimentava nos Prelados. Chegou à Cidade de Trento; o que ſabendo o Papa, o mandou viſitar, agradecendo-lhe o cuidado, por ſer o primeiro Prelado das Heſpanhas, que entrara naquella Cidade. Dilatava-ſe a abertura do Concilio, e valendo-ſe da occaſiaõ, paſſou ao Eſtado da Republica de Veneza a adorar os Santuarios, que nella ſe encerraõ. Paſſados quinze dias ſe reſtituîo a Trento, em que ſe abrio o Concilio a 18 de Janeiro de 1562. Paſſadas as ceremonias daquelle ſanto Congreſſo, começou o Arcebiſpo a entender com os pontos neceſſarios para a conſervaçaõ da Fé, e uſo dos bons conſtumes, que os livros ſoſpeitoſos foſſem examinados, e reviſtos, para que naõ ſe introduziſſe o veneno nos Fieis. Na Quareſma fez com os ſeus Religioſos repetidas prégações, em que a Naçaõ, e a Ordem tiveraõ grande credito. Foy o ſeu primeiro intento, que ſe trataſſe da reformaçaõ do Eſtado Eccleſiaſtico, começando pela parte mais nobre de todo elle, os Cardeaes, e Biſpos, que ſaõ os Prelados, e os Principes da Igreja, cujo exemplo deve perſuadir a todos os Catholicos, e animar a que o ſejaõ, os que vivem ſeparados do gremio da Igreja. Era tanta a ſua efficacia, que deixava ſuſpenſos, e admirados aos Padres do Concilio; porque perſuadia igualmente com a eloquencia, do que com a exemplar vida, que praticava. Era já tanto o ſeu reſpeito, que ſogeitava com as ſuas palavras os entendimentos ao ſeu voto; e lhe ſuccedeo em huma occaſiaõ fazer retratar cincoenta e oito Padres, creſcendo de ſorte na veneraçaõ de todos, que com facilidade o ſeguiaõ. Deſejava o Arcebiſpo ver Roma, achou

boa occasiaõ em se transferir a sessaõ do Concilio, partio para a Curia, beijou o pé ao Papa, que com especiaes favores de benignidade o honrou; quasi todos os dias o chamava, tendo grande gosto da sua communicaçaõ, e com a familiaridade lhe appontou algumas cousas pertencentes ao bem universal da Igreja, e aos particulares da sua Diocesi, para o que lhe pedio algumas graças. Fallando-lhe em certa materia grave, era taõ subido o conceito, que o Papa delle tinha formado, que lhe disse: *Naõ sey, que he isto Bracharense, que vos naõ posso negar nada.* A elle lhe commetteo a expediçaõ de alguns negocios, que concluîo com satisfaçaõ do Papa. Pertendeo, que lhe dissolvesse o vinculo da Igreja, e lhe aceitasse a renuncia, para o que com hum grande relatorio da sua vida o quiz persuadir; mas o Papa por acabar com semelhantes praticas, lhe mandou por obediencia, que em tal materia lhe naõ fallasse mais; e conseguindo particulares graças, e indultos da Santa Sé Apostolica, para o bom governo da sua Igreja, e alguns Jubileos perpetuos, se despedio do Papa, que o honrou com novos favores da sua pessoa; e visitados os Santuarios de Roma, se recolheo à Cidade de Trento. Foy recebido com grande demonstraçaõ de alegria de todos os Prelados, e Padres. Dissolvidas as juntas do Sagrado Concilio, a 3 de Dezembro, do anno de 1563, partio para Braga, depois de ter visitado todos os Santuarios celebres da Italia, e pelo caminho adorou todos aquelles, que a Religiaõ Catholica venera; e entrando na sua Diocesi, foy recebido com incriveis demonstrações de alegria de todo aquelle numeroso povo. No seguinte dia foy à Sé assistir aos Officios Divinos, subio ao Pulpito, e prégou o Mandato. Naõ podia perder tempo aquelle vigilante Prelado; porque dados à execuçaõ os Decretos do Sacrosanto Concilio, começou a visitar a Cidade, e logo todo o Arcebispado, começando pelas terras de Barroso, que por asperas, e fragosas nunca tinhaõ sido visitadas pelos Arcebispos, e assim estavaõ taõ rusticos, e incultos os seus moradores, como os seus montes. Nesta visita padeceo grandes contradições; mas o seu animo sempre invencivel ao inimigo commum, venceo com a constancia todos os seus ardís; porque aos izentos compoz de sorte, que sem prejuizo da Igreja ficaraõ satisfeitos; aos poderosos com a virtude persuadia, de sorte, que corridos lar-

gavaõ

gavaõ a escandalosa vida, a que estavaõ habituados; aos Clerigos, e Dignidades da sua Igreja com o exemplo, e a todos com heroicos actos de humildade, acabando mais com a prudencia, do que com o rigor. A virtude da charidade exercitou taõ liberalmente, como quem para si naõ só era parco, mas naõ queria nada, sendo verdadeiro despenseiro dos pobres, e hum vigilante administrador do patrimonio da Igreja. O proximo o experimentou taõ benigno, que quando sentia Braga o violento mal da peste, se naõ apartou da Cidade, por animar, e soccorrer aos feridos, e ainda ordenando-lho ElRey, resistio com razoens nascidas de hum verdadeiro zelo, que confirmaraõ mais o conceito, que tinhaõ da sua virtude. A sua prudencia foy firmada na humildade, como se vio em huma noite, em que desemfreada alguma gente de má consciencia, foy ao seu Palacio, ao tempo que elle estava despachando com os seus Ministros, e com palavras afrontosas, lhe chamavaõ Herege Lutherano, e outras injurias semelhantes. Ao mesmo tempo começaraõ a abrirse as portas, e as janellas, e soarem as vozes dos visinhos, que acodindo pela honra de Decs, e do Prelado, gritavaõ, que o Arcebispo, naõ só era virtuoso, mas Santo. A estes clamores se levantou o Arcebispo, e chegando à janella disse: *Huns, e outros mentem, que pela graça de Deos naõ sou Lutherano, nem por minha grande culpa sou virtuoso, e menos Santo.* Deste caso tirou a Justiça devassa, e prezos os culpados, foy o Santo Arcebispo medianeiro da sua liberdade. Continuamente trabalhava em o serviço da sua Igreja, que amava ternamente; e sendo grande o amor, que tinha às suas ovelhas, era quasi invencivel o escrupulo, com que se considerava indigno de as apascentar, pelo que desejava com grande ancia verse livre da Dignidade. Alcançou licença delRey, e à sua instancia lhe aceitou o Papa a renuncia. Quando recebeo esta graça, foy com demonstrações do gosto, que sentia a sua alma; despedindo-se de todos com grande ternura, e com affectos nascidos do paternal amor, se recolheo ao seu Mosteiro de Vianna, e tornando ao primeiro estado, sem memoria da Primacial Dignidade, vivia taõ abatido, como o mais humilde, e observante Religioso, prégando, e ensinando com fervoroso espirito, fazendo muitas esmolas, de que Deos tanto se agradava, que maravilhosamente se

 lhe

lhe multiplicava o dinheiro, para que fossem mais os soccorridos. Na Missa lhe revelou o Senhor a desesperaçaõ de hum homem, que se queria enforcar: logo o mandou advertir, que naõ desconfiasse da Misericordia de Deos, e juntamente darlhe o de que necessitava. Todo o tempo passava em Celestes contemplações, e obras dignas do agrado de Deos, de quem queria o premio. Contava setenta e seis annos, quando lhe sobreveyo a ultima enfermidade, com grande sentimento dos seus Religiosos, e dos moradores de Vianna; e tendo recebido no decurso da doença o Santissimo Sacramento muitas vezes por devoçaõ, o naõ pode tomar por Viatico, pelos vomitos, que padecia. Recebida a Santa-Unçaõ, que lhe administrou seu successor o Arcebispo D. Fr. Agostinho de Castro, e elle ajudava com as repostas, levantando as mãos, e os olhos ao Ceo, entregou entre os seus a sua ditosa alma nas mãos do seu Creador.

Antonio Mangoyemon M.

C Em Januqui, triunfou neste dia, do esquecimento, Antonio Mangoyemon, que depois de ter servido de Soldado com honrado valor, passou a exercitar a mercancia; e porque naõ eraõ estes os lucros, que satisfizessem o seu cuidado, determinou abrir commercio com o Ceo, abraçando a Ley de Jesu Christo, que publicamente confessou. Esta constancia o meteo no carcere, onde perseverou na ratificaçaõ, sem que se deixasse persuadir dos seus amigos, que lhe aconselhavaõ, que confessasse com a boca sómente a seita dos seus Idolos; porque com esta publica confissaõ se satisfazia o Rey, e posto na sua liberdade seguiria a sua devoçaõ, a que com generosa resoluçaõ respondeo: que em materia de Religiaõ lhe naõ fallassem; porque pela de Christo estava determinado a dar a vida, e que só pedia por favor ao Tono, que publicamente o mandasse crucificar, para desta sorte seguir aquelle Senhor, que pelo resgatar do cativeiro da culpa, dera em seu obsequio a vida. Esta noticia encheo de infernal raiva ao Tono, que tirando da cinta a catana, a deu a hum criado seu, para que sem demora executasse a sua ordem. Ainda depois desta determinaçaõ começaraõ a contrastar o seu animo, persuadindo-o a que desistisse da confissaõ da Fé; mas o valeroso Soldado, sem temor da morte, foy levado ao lugar do supplicio; e posto de joelhos, disse em voz alta a Confissaõ, e esperando com o

Nome

Nome de JESUS na boca, o golpe do Tyranno, foy degolado.

D Item na Cidade de Meaco, a morte de Matthias Kiza, e Joaquim Coniya, constantes Soldados de Christo, que por confessarem a Fé do seu Nome foraõ prezos, e depois de sofrerem com paciencia gloriosos trabalhos, deraõ fim à vida dentro no carcere.

Matthias, e Joaquim MM.

E Na Cidade do Porto, vivirá sempre fresca a memoria de Catharina de Chaves, Terceira da Ordem da Penitencia de Saõ Francisco, que seguio com grande amor de Deos, e do proximo. Todo o seu cuidado foy remediar as necessidades alheas, e com esmolas secretas a pessoas honradas, sendo a mayor applicaçaõ com aquellas orfãas, a que a natureza dotara com liberalidade de fermosura; pois se poderia arriscar pela avareza, com que lhe escondera os bens, que sem igualdade reparte. Ainda se estendia a mais o seu zelo; porque tirando algumas mulheres da torpe liberdade em que viviaõ, lhes dava estado decente, devendo à sua despeza o remedio de se livrarem de huma depravada desenvoltura. Naõ chegou pobre à sua porta, que naõ fosse consolado. Aos defuntos desemparados dava mortalhas. Aos que morriaõ punidos pela justiça mandava dizer Missas, parecendo o seu animo mais de hum Prelado da Igreja rico, e abastado, do que de huma mulher humilde, sem rendas, nem cabedaes grossos, com que suprisse taõ continuadas despezas. Em toda a obra de charidade pertendia ter parte. Com as Confrarias era liberal, de sorte, que para tudo, o que podia ser gloria de Deos, a achavaõ prompta, sem que lhe servisse de vaidade; porque assentava esta virtude sobre hum coraçaõ humilde, e ella se tinha pela mayor peccadora do seu tempo; o que a affligia de sorte, que quando se confessava, testemunhava com copiosas lagrimas a sua dor. Era a Igreja de Saõ Francisco a sua continuada assistencia; aqui buscava hum cantinho, em que por muito tempo perseverava em profunda contemplaçaõ, com tal abundancia de lagrimas, que causava devoçaõ, a quem a via. Com a idade veyo a perder o sentido do ouvir, e assim fallava muito pouco com a gente, mas conversava muito com Deos o seu pensamento. Era conhecida pela Mouca Charitativa; porque como eraõ muitas as esmolas, ellas mesmas rompiaõ o segredo, em que as queria sepultadas. Vestia-se de hum Habito de sayal grosseiro,

Catharina de Chaves Terc. de Saõ Francisco.

ſeiro, cingida com corda de eſparto, touca honeſta, e manto de ſarja negra. Era de roſtro aprazivel, e grave; de animo candido, e ſincéro, de que ſe formava hum agradavel aſpecto, que ſó com a viſta edificava.

Fr. Joaõ da Cõceiçaõ da Terc. Ord.

F No Convento de Noſſa Senhora de Jesus, da Villa de Santarem, eſtá muy viva a memoria do virtuoſo Padre Fr. Joaõ da Conceiçaõ, da Terceira Ordem da Penitencia de Saõ Franciſco, Religioſo de vida inculpavel, acerrimo nas penitencias, continuo nas obrigações da Regra, que profeſſava. Foy muitos annos Meſtre dos Noviços, que criou com tanto zelo da Obſervancia, que he tradiçaõ na Provincia, que todo o que fora ſeu Noviço, viveo depois como bom Religioſo. Poucas vezes fallava com os Religioſos; porque o mais do tempo converſava com Deos, paſſando as noites em vigilias, e continuada oraçaõ: ajuntava a eſte Santo exercicio rigoroſas mortificações; porque o mais do tempo jejuava. Trazia ſempre à raiz da carne aſpero cilicio, e algumas vezes metia pregos nos çapatos, que lhe penetravaõ os pés. Com eſtas, e outras invenções macerava ſeu corpo, para que elevado o eſpirito gozaſſe das ſantas dilicias na oraçaõ. Ornado deſtas virtudes, eſperava a morte; e depois de ter recebido os Sacramentos, acompanhava aos Religioſos, que lhe aſſiſtiaõ, rezando com elles as orações, que ſe coſtumaõ em ſemelhantes occaſiões, e abraçado com hum Santo Crucifixo, entre lagrimas de arrependimento, proferindo eſtas palavras: *Non intres in judicium cum ſervo tuo, Domine, ſed miſerere mei, pie Redemptor*, entregou a ſua bemdita alma nas mãos do Creador.

Fr. Gaſpar de Sá, e Fr. Manoel de LamnaõDomin. MM.

G Item na Ilha de Samatra, deraõ fim às ſuas vidas, ſendo victimas da charidade, os Padres Fr. Gaſpar de Sá, e Fr. Manoel de Lamnaõ, do Convento de Saõ Domingos de Goa, ſendo ambos Companheiros nos trabalhos daquellas incultas Ilhas, nas quaes com zelo da ſalvaçaõ das almas, e por exaltaçaõ da Fé, e deſtruiçaõ do paganiſmo, ſofreraõ glorioſas fadigas, expondo-ſe muitas vezes a naõ ſó ſerem prizioneiros, mas mantimento daquelles barbaros ſalvages, vendo-ſe outras vezes já no mar ſoçobrados da furia das ondas, já na terra acomettidos de ferozes animaes, que os pertendiaõ devorar; e eſcapando de tantos perigos, vieraõ finalmente a dar à coſta, e cahirem nas mãos dos barbaros Mouros de Achem, que às

lançadas

lançadas lhe tiraraõ as vidas, e por elles foraõ logo dados por mantimentos dos peixes, lançando-os ao mar, lavrando-lhe nas cristalinas aguas preciosas coroas de immortal gloria, com que entraraõ a ser companheiros da numerosa commitiva dos Martyres.

Commentario ao XVI. de Julho.

A Cidade de Beja, bem conhecida pela sua antiguidade, naõ só nas nossas Historias, mas tambem nas de Hespanha, fica em 12 gráos, e 5 minutos de longitude, e 37 gráos, e 5 minutos de latitude; della foy natural o nosso Santo Martyr Sisenando, mancebo, que na Cidade de Cordova foy coroado de Martyrio, como temos referido. D. Joaõ Tamayo, no seu *Martyrologio Hispano*, neste dia, pertende mostrar contra Authores graves, que naõ era natural de Beja, senaõ de Badajós, o que confirma com Cypriano, Arcediago de Cordova, onde diz, que era natural de Pax Augusta, hoje Badajós, dizendo, que Beja era Pax Julia, a que respondemos sómente com a authoridade do insigne Antiquario André de Resende, luz da Historia universal de Hespanha, no livro de *Antiquitatibus Lusitaniæ*, liv. 4. pag. 212. *penes me*; porque quando trata desta Cidade a nomea de huma, e de outra sorte: *Pacem Juliam, sive Augustam descripturus modo eram.* Muitas provas poderamos ajuntar para mostrarmos, que nunca Badajós nos tempos antigos foy nomeada por *Pax Augusta*, se deste trabalho nos naõ livrara o Licenciado Jorge Cardoso, que doutamente no Commentario do dia 3 de Janeiro, tom. 1. pag. 24, deixa assaz discutida esta materia, e lá o póde ver o curioso Leitor; a que só ajuntaremos a authoridade de Christovaõ Cellario, na sua estimada Obra: *Notitia Orbis antiqui*, pag. 50, que segue, que a nossa Beja he a Pax Julia Augusta, &c. O mesmo segue nas notas, que Pedro Wesselingio ajuntou ás de outros Authores; o *Itinerario* de Antonino Augusto, que imprimio em Amsterdaõ, no anno de 1735, pag. 427. Esta Cidade entende o Padre Fr. Francisco de Bragança, nas *Antiguidades de Hespanha*, liv. 3. cap. 3. pag. 179, ser a mesma, sobre que foy ElRey D. Ordonho, dizendo: *Entrò à fuerça de armas la Ciudad mas rica, y opulenta, que tenian los Moros, llamada* Regel, *o* Begel, *que algunos quieren, que sea Beja.* O Padre Martim de Rhoa, nos Santos de Cordova, faz honorifica mençaõ a pag. 118. vers. do nosso Santo mancebo, dizendo ser natural de Beja; e o mesmo affirma Marieta, na *Historia Ecclesiastica*, liv. 2. cap. 71. pag. 62, e o confirma Morales, pag. 101. impresso em 1586, os quaes todos vio Tamayo, como tambem he certo que havia de ver a muitos dos nossos Portuguezes, que todos affirmaõ ser de Beja, de que he Padroeiro. Padeceo martyrio no anno de 851, em huma quinta feira, neste dia, em tempo del-Rey Abderrameno IV. cruel perseguidor do nome Christaõ, taõ tyranno, que naõ só martyrizava a todos, os que naõ seguiaõ a sua louca seita de Mafoma, mas ainda procurava consumir as sagradas reliquias; para que desta sorte se esquecesse a sua veneravel memoria, e tirar aos Christãos os estimulos da veneraçaõ, com que se inflammavaõ aos imitar, publicando com injuria de Mafoma o Sacrosanto Nome de Jesu. Com este motivo foraõ lançadas no rio as do Santo mancebo Sisenando, e depois achadas, como temos visto, e com as barbaras tyrannias dos Mouros, se perdeo a memoria donde jaziaõ, até que passados muitos annos, foraõ achadas com outras, que hoje se guardaõ na Igreja de Saõ Pedro da Cidade de Cordova. No tempo, que era Bispo desta Cidade D. Fr. Francisco de Reinoso, mandou a de Beja, por seus Procuradores, a Jorge Bocarro Pegas, e André Pegas Vilarinho, pessoas principaes da dita Cidade, com Cartas, representar ao Bispo, e Governança da de Cordova, o grande direito, que tinha ao corpo do Santo Martyr, seu compatriota, e natural, que naquella Cidade era peregrino, e Estrangeiro. Bem conheceraõ os Procuradores

de

de Beja a difficuldade da sua proposição, e para este fim a modificarão, dizendo, que se contentavão com alguma parte do seu corpo; cujo requerimento, para se haver de concluir, como desejavão, authorizou a intervenção de Filippe II. de Castella. A tão devota supplica satisfez o Bispo, e obrigando aos Procuradores por varios termos de levarem a santa reliquia à Cidade de Beja, lhes deu huma cana do braço do Santo Martyr, e com cortezes Cartas respondeo ao Magistrado de Beja; assim foy trazida a santa reliquia, com grande veneração, e gosto para a sua patria, onde foy recebida com grande festa, e demonstrações de contentamento, no anno de 1600, por se verem de posse de hum tal thesouro, que foy colloeado na Igreja de São Salvador, que havia sido ditosa Parochia sua, e alli se venera com religiosa piedade dos seus naturaes, em hum cofre debaixo do Sacrario, na Capella môr. Depois se lhe edificou hum Templo, em cuja fachada o Senado da Camera mandou pôr a inscripção seguinte.

DIVO SISENANDO
PATRONO, AC ALVMNO SVO, PRO XPI NÖE
DIE XVI. IVLII CORDVBÆ IVGVLATO,
HAC EÃDEM DOMO IN QVA NATVS EST,
TEMPLVM HOC IN MEMORIAM TANTI,
NATALIS SEMPITERNAM ERECTVM
PAX IVLIA
VOVET, DICAT, CONSECRAT
ANNO DOMINI MDCLXXIII.

Esta Igreja, que estava principiada, e se acabou no referido anno, deu o Senado da Cidade aos Padres da Companhia, quando no anno de 1670, forão em Missão àquella Cidade, em que prégarão na Misericordia, de que edificados, querendo participar de huma tão boa Companhia, lhe offerecerão fundar hum Collegio, sobre que se levantarão algumas difficuldades, de sorte, que os Religiosos da Companhia tiverão ordem do seu Prelado, para se retirarem da Cidade, o que chegando à noticia delRey D. Pedro II. com a sua piedade mandou passar huma ordem a 22 de Março de 1687, para que os Padres não sahissem da Cidade; pelo que a mesma lhe consignou as rendas, que tinha a Igreja de São Sisenando, e que a Camera nomearia outras; porém tudo era pouco para se adiantar a fabrica. Detriminou a Rainha D. Maria Sofia de Neubourg, fundar hum Collegio debaixo do auspicio de São Francisco Xavier, de quem era muy devota, e a cuja protecção era muy obrigada, atribuindo-se a felicidade da sua fecundidade à sua intercessão; assim lhe deu a fundação em Beja, onde a 12 de Março de 1695, depois de huma solemne Procissão, lançou a primeira pedra o Padre Reytor do Collegio de Evora, o Padre Bento de Lemos, na qual havião aberto a seguinte inscripção: D. MARIA SOPHIA REGINA PORTUGALIÆ XAVERIO SUO. Lotou-se-lhe dezaseis Padres para a sua habitação, e a Rainha o dotou consignando-lhe renda para a sua subsistencia; e porque os moradores quizerão fosse a Igreja da invocação do seu Santo natural, a Rainha o não impedio, dando ao Collegio por Patrão o Santo Xavier. Della faz menção o Padre Franco, *Synopsis Annalium Societatis Jesu in Lusitania*, *annus* 1695, *Soc.* 156, impres. em Ausbourg, em 1726. O Clero da Cidade de Beja reza de S. Sisenando, o que teve principio pela concessão de hum Breve do Papa Clemente VIII. passado em Roma, no anno de 1597, a favor da Igreja de São Salvador, o qual mandou executar, sendo Arcebispo de Evora o Senhor D. Theotonio, pelo Bispo de Nicomedia D. Fr. Christovão da Fonseca, seu Provizor, a 13 de Fevereiro de 1598, o qual depois por participação se communicou às mais Freguesias, e Clero da Cidade, de que temos copia, e das mencionadas Cartas, que nos participou, com outras muitas noticias o

M

M. R. P. Fr. Franciſco de Oliveira, da Ordem dos Prégadores, que ſem embargo de ſeguir o ſeu Inſtituto de frequentar os Pulpitos das principaes Cidades, e Villas da Provincia de Alentejo, com applauſo, que conſeguio em toda a parte, onde eſteve, he o ſeu deſcanço das fadigas Evangelicas a *Hiſtoria Eccleſiaſtica, e Secular* do noſſo Reyno, em que he naõ ſó bem inſtruído, mas erudito; e com eſta curta memoria, gratificamos o muito, que devemos à ſua curioſidade, e bondade; porque eſpontaneamente ſe nos offereceo, eſcrevendonos com a occaſiaõ de ter viſto os primeiros Tomos da noſſa Hiſtoria Genealogica da Caſa Real Portugueza; e he certo, que ſe encontraramos muitos do ſeu genio, poderiamos dar mais individual noticia de muitas couſas das Provincias do Reyno. El-Rey D. Filippe II. mandou por provizaõ de 6 de Junho de 1598, ſe celebraſſe o ſeu dia com Prociſſaõ ſolemne, e feſtas, o que ſe coſtuma fazer todos os annos. A Igreja de Cordova reza de Saõ Siſenando, com Officio proprio, como ſe vê do livro: *Officia propia Cordubenſis Eccleſiæ*, impreſſo em 1687, onde a pag. 143, ſe vem as lições do Santo, e a IV. principia *Levita digniſſimus Siſenandus: ex Pacenſi Colonia Luſitaniæ, cui Beja nomen eſt, Cordubam ſtudiorum cauſa conceſſit*, &c. Trataõ deſte Santo, além dos já citados Authores, o *Martyrologio Romano*, e o de Baronio, no meſmo dia, onde allega Eulogio *in Memor Sanct.* liv. 2. cap. 5; o de Ferrario, no dia ſeguinte; o Licenciado Jorge Cardoſo, no *Officio menor dos Santos de Portugal*; Reſende, de *Antiquit. Luſitaniæ, lib. 4. cap. de Pace Julia, ſive Auguſta*; Duarte Nunes, na *Deſcrip. de Port.* Surio, tom. 7. pag. 208, ambos neſte dia; Brito *Monarch. Luſit.* tom. 2. impreſſo em 1690; Marianna *Hiſt. General de Heſp.* tom. 1. pag. 279; a *Corografia Portug.* tom. 2. pag. 470, poem o ſeu Martyrio a 6 deſte mez, o que devia ſer falta na compoſiçaõ; Vaſconcellos *in Deſcript. Reg. Luſit.* pag. 451. num. 21; Boſch. *en el Triunfo de los Santos*; Albergaria, m. ſ. *Origem da Nob. Luſit.* pag. 53; Monſieur Baillet, *les Vies des Saints*, tom. 2. neſte dia, erradamente o faz de Badajos; Cardoſo, tom. 1. nas *Advertencias*, pag. 39; o Padre Joaõ Bautiſta Sollero, e ſeus Companheiros; *Acta Sanctorum Julii*, neſte dia, tom. 4. pag. 181, dizem ſer natural de Beja.

B A Villa de Vianna, conhecida pela Foz do Lima, celebre pela ſua antiguidade, fica deſcripta a 6 de Fevereiro, aonde remetemos o curioſo Leitor. Neſta inſigne Villa eſtá o corpo do Arcebiſpo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, conhecido pelo Santo Arcebiſpo, e como tal venerado dos ſeus moradores, que em as ſuas afflições invocaõ o ſeu patrocinio. Naſceo na Cidade de Lisboa, como já diſſemos; ſeus pays ſe chamaraõ Domingos Fernandes, e Maria Correa, peſſoas de grande Chriſtandade, e da gente boa, e limpa do Lugar de Verdelha, abundantes dos bens da fortuna. Delles faz mençaõ Ruy Correa Lucas, em o ſeu *Nobiliario*, moſtrando o parenteſco, que tinha com o Santo Arcebiſpo, por ſua mãy D. Leonor Correa, filha de Franciſco Vaz Tello, que tambem achamos nomeado por Franciſco Vaz Correa, e de Catharina Correa, a quem o Santo tratava por parentes, e como a tal lhe deu a Alcaidaria mór de Braga, e Ervededo. Catharina Correa, que ſe tinha criado com a mãy do Santo Arcebiſpo, era filha de Gonçalo de Figueiredo, e de Maria Correa, filha de Martim Correa. Deſte matrimonio teve dous filhos, e tres filhas, que foraõ Pedro Vaz Correa, que ſervio na India, e morreo na viagem, voltando para eſte Reyno, ſendo caſado com D. Ignez de Souſa, de quem teve Duarte Correa de Souſa, Eſcrivaõ da Camera de Sua Mageſtade, que naõ caſou, e foy ſeu herdeiro, ſeu primo Jeronymo de Caſtro. Diogo Correa, que foy Conego da Sé de Braga, e ſe tinha criado em caſa do Santo Arcebiſpo, como ſobrinho ſeu, foy Biſpo de Ceuta, e depois de Portalegre, Prelado exemplar, como exercitado em taõ ſanta eſcóla. D. Leonor Correa, mulher de Bartholomeu Rodrigues Lucas, Corregedor do Crime da Corte, e Juiz dos Cavalleiros, a quem ſe deu em dote a Alcaidaria mór de Braga, e foraõ pays de Ruy Correa Lucas, Tenente Geral da Artilharia do Reyno, do Conſelho de Sua Mageſtade, e Deputado da Junta dos Tres Eſtados, Commendador de Torres Vedras, que caſou com D. Milicia da Sylveira, de quem teve D. Guiomar da Sylveira, primeira mulher de Henrique Henriques de Miranda, que morreo ſem deixar ſucceſſaõ. D. Joanna Correa, que foy mulher de Lopo Soa-

 lippe

res Laſſo, Secretario de Eſtado de Filippe II. Commendador de Saõ Coſme, e de Santa Maria de Monçaõ, e neſta Villa fundou o Moſteiro de Santa Clara, e Alcaide môr de Ervededo, que rendia naquelle tempo ſete centos mil reis, e lhe foy dado em dote pelo Santo Arcebiſpo: e he bem para admirar, que quando vagou eſta Alcaidaria môr, e a deu a Franciſco Vaz, para caſamento de huma filha, foy com a condiçaõ de lhe ſuſtentar oito annos hum Deſembargador Leigo na Relaçaõ de Braga, e que ſobre eſte encargo lhe naõ dava mais, que ametade da renda, em quanto a filha naõ caſou: deſte matrimonio naõ houve geraçaõ. Foy a terceira D. Luiza de Lacerda, que em huma memoria acho ter ſido Dama da Senhora D. Catharina, Duqueza de Bragança, ainda que o naõ refira o Padre Fr. Luiz de Souſa; pois diz: A terceira, por ultima, naõ ficou deſamparada, e caſou com Fernaõ de Caſtro, Alcaide môr de Melgaço, e Senhor do Reguengo de Freitas, junto a Guimarães. Era eſte Fidalgo de conhecida nobreza, Veador da Senhora D. Catharina; e como ſe naõ falla do dote de ſua mulher na Vida do Santo Arcebiſpo, nos perſuadimos, que teria o de Dama, com as merces, com que aquella Sereniſſima Caſa coſtumava remunerar aos que a ſerviaõ, e por eſta cauſa caſaria com Fernaõ de Caſtro, de quem foy ſegunda mulher, e tiveraõ quatro filhos, e duas filhas, de quem tambem hoje naõ ha ſucceſſaõ. Que o Santo Arcebiſpo foſſe da Familia dos Correas, no lo affirma D. Antonio Alvares da Cunha, Senhor da Tavoa, e Trinchante dos Reys D. Joaõ o IV. e D. Pedro II. que foy muy erudito, e inſigne Genealogico, em huma approvaçaõ ao livro da Vida de Santa Iſabel, Rainha de Portugal, eſcrita por D. Fernaõ Correa de Lacerda, Biſpo do Porto, onde diz as palavras ſeguintes: *E na Familia dos Correas, baſtava para illuſtrar a toda a Europa o inſigne Varaõ em virtudes o Santo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, Arcebiſpo de Braga, Primaz das Heſpanhas, cujas pizadas vay Voſſa Senhoria ſeguindo como ſeu conſanguineo.* Que o Santo Arcebiſpo tiveſſe huma irmãa, conſta da ſua Vida chamada Sor Catharina do Eſpirito Santo, Religioſa de muito merecimento no Moſteiro da Roſa, e ſendo enferma lhe naõ dava mais, que ſeis mil reis de tença, e eſtes ſe affirma mandava gaſtar de menos na ſua meza. Herdou o Santo Arcebiſpo de ſeu pay hum caſal em Torrugem, limite de Oeiras, e deſte dizia podia diſpor à ſua vontade, e naõ dos bens da Igreja, que eraõ dos pobres, que naõ ſabia Theologia, que aconſelhaſſe o contrario. Iſto reſpondia aos que o perſuadiaõ a que com maõ larga deſpendeſſe com os ſeus parentes, a que com ſeveridade accreſcentava, que ſe os ſeus parentes ſe queixavaõ de que lhes dava pouco, ſe lembraſſem de que naſceraõ pobres, e naõ fazia pouco em os igualar aos pobres do Arcebiſpado, a quem era mais obrigado por Prelado, e Paſtor, do que a elles por parentes, e amigos. Eſte zelo lhe pagou Deos, como temos viſto, dando-lhe com que os podeſſe enriquecer, e accreſcentar ſem eſcrupulo, como temos viſto nas Alcaidarias menores, com que dotou as ſobrinhas. Em tudo foy grande, e igual eſte inſigne Prelado da Igreja Catholica, no deſapego da carne, e do ſangue, no zelo da Religiaõ, e na charidade do proximo.

As ſuas ovelhas lhe deveraõ hum entranhavel amor, e deſejo do ſeu bem. A eſte fim mandou traduzir a Summa do Cardeal Caetano em vulgar, por Fr. Domingos do Roſario, a que ajuntou algumas annotações para mayor clareza. A' ſua inſtancia fez o meſmo Religioſo o *Flos Sanctorum*, e à ſua cuſta mandou imprimir hum, e outro. Dentro no Paço Archiepiſcopal, mandou abrir duas cadeiras de Caſos, que liaõ dous Religioſos Dominicos; e para que chegaſſe eſte bem aos de mais eſtudantes do Arcebiſpado, conſignou certa eſmola de dinheiro para os que eraõ pobres, e chegava a quantia a duzentos mil reis (grande para aquelle tempo.) Obra foy ſua o Collegio de Braga, que deu à Companhia, com obrigaçaõ de ter quatro Claſſes de Grammatica, Rhetorica, e Curſo de Artes, e para logo ſe principiar lhe deu das ſuas rendas duzentos mil reis, e lhe annexou *in perpetuum* certas Igrejas de bom rendimento, e foy o ſeu primeiro Reytor o Padre Ignacio de Azevedo, de quem no dia antecedente fizemos larga mençaõ. Era grande o numero de eſmolas ſecretas, e publicas; porque naõ havia neceſſidade occulta, que naõ lhe foſſe preſente, veſtindo, e remediando a todos; e para que foſſem os miſeraveis

mais

mais bem assistidos, instituîo hum Hospital geral, tanto que entrou em Braga, provido do necessario, com largueza, e regalo para os enfermos. Nada esquecida a sua perspicaz compaixaõ, e assim inventou outro genero de hospitalidade, que foy para os Religiosos de todas as Ordens, que acodiaõ àquella Cidade a tratar alguns negocios; porque tendo por afronta recolherem-se em estalagens, buscou hum lugar commodo, e à sua custa tomou humas casas, que serviaõ para esta hospedagem, providas de todo o necessario, encarregando esta deligencia a hum homem sizudo, e casado, de que tinha satisfaçaõ, para que tivesse camas limpas, roupa lavada, e tudo o mais asseadamente, e da sua cosinha hia com abundancia o comer, mas com prazo limitado de dias, naõ sendo admittida neste lugar pessoa, que naõ fosse Ecclesiastica. Dentro no Paço hospedava tres generos de pessoas, Abbades, Reytores, Curas, e Vigarios da sua Dioceси, quando vinhaõ a tratar negocios das suas Igrejas; o segundo genero eraõ Ecclesiasticos, que tinhaõ sido seus criados, ou familiares, mas para estes tambem havia numero de dias limitados; os terceiros hospedes eraõ os seus Religiosos, que ternamente amou como irmãos: para estes tinha aposento separado, da mesma sorte, que se fosse Convento da Ordem. A esta deu o Mosteiro, que fundou em Vianna com o titulo de Santa Cruz, em que incorporou hum Mosteiro do Patriarca Saõ Bento, chamado Saõ Salvador, que tendo passado a Abbadia Commendataria, estava annexo à Camera Archiepiscopal de Braga, e agora com licença da Coroa, de que era Padroado, e tambem de Roma, o deu aos seus Religiosos, com obrigaçaõ de lerem todos os dias huma liçaõ de Theologia Moral, e outros encargos a favor dos moradores da Villa. No anno de 1566, convocou Concilio Provincial em Braga, a que assistiraõ os Bispos Suffraganeos D. Fr. Joaõ Soares, de Coimbra, D. Rodrigo Pinheiro, do Porto, D. Antonio Pinheiro, de Miranda; Vizeu estava sem Pastor naquella conjunçaõ. Aqui se ordenaraõ materias uteis ao bom governo daquella Igreja, e he o IV. Synodo Provincial Bracharense, dos que andaõ impressos, e o foy a primeira vez em Braga no anno de 1566, e ultimamente em Coimbra. De seu motu proprio appellou à Santa Sé Apostolica de alguma parte dos Estatutos delle, de que enviou hum traslado ao Papa Saõ Pio V. e tendo avizo do seu Agente, que o Papa commettera o exame delle ao Bispo de Cambray, cheyo de dor, e zelo da sua authoridade, e da dos Bispos Suffraganeos, e dos mais Prelados, que tinhaõ concorrido àquelle Synodo, escreveo huma carta ao Papa em Latim, que traz o Padre Fr. Luiz de Sousa, traduzida. Diz assim.

Beatissimo Padre, depois de beijar os pés de Vossa Santidade, tanto que concluimos o Synodo desta Provincia de Braga, logo o enviamos a Vossa Santidade, para ser visto, e emendado por essa Santa Sé Apostolica, e soubemos que ficava entregue por mandado de Vossa Santidade, o exame delle a certos Cardeaes, por onde estavamos esperando a sentença Apostolica da approvaçaõ, ou reprovaçaõ de emenda, ou annullaçaõ; quando subitamente chega a minhas mãos, e dos Bispos meus companheiros, hum Rescrito de Vossa Santidade, pelo qual Vossa Santidade commettia a censura do dito Concilio ao Bispo de Cambray. Nova foy esta, que me perturbou, e fez pasmar, como cousa, que por nenhum caso podera crer noutro tempo; e quem havia de cuidar, que seria possivel passarse tal Breve, em manifesto descredito, por naõ dizer desprezo, e abatimento dos Synodos Provinciaes, em tempo que Deos nos deu hum Pastor o mais afervorado na refórma de sua Igreja, de quantos ella teve, a juizo de toda a Christandade muitos annos ha. Pelo que naõ me posso persuadir a outra cousa, senaõ que este Rescrito foy negoceado por alguma grande malicia de enganosa, e naõ entendida subrepcaõ, e obrepçaõ, como tem acontecido muitas vezes. Porque se ha de ser assim, que polas gritas, e porfias dos inimigos da virtude, e reformaçaõ, ha de vir a cahir em mãos, e alvidrio de hum Bispo de outra Provincia, a authoridade, e utilidade dos Concilios da nossa, naõ sey mór desacordo, nem tempo mais mal gastado que fazer juntas Provinciaes, e matarmonos, por reformaçaõ de abuzos, e desordens. Em verdade, Santissimo Padre, que será isto parte para nos perdermos todos de animo, e cahindo em desesperaçaõ, darmos por acabada a reputaçaõ dos Synodos, e dizermos a huma voz, que já naõ ha

para que fazer caso dos proveitos que delles esperavamos, e que sem razaõ, nem proposito, os mandou de novo introduzir o Concilio Tridentino. Mas naõ seja assim, Padre Santissimo, tome fogo, e acenda-se vosso santo zelo; tire-se do Mundo taõ grave escandalo, que por huma parte offende a esta Provincia, e a todas as orelhas pias, e por outra enche de alegria a gente de vida estragada, que já triunfa, e salta de prazer, vendo cahida, e atropelada a gravidade, e respeito dos Synodos Provinciaes. Tire Vossa Santidade esta nodoa dos tempos de seu Pontificado, tornando aos seus olhos, e à lima de seu juizo, a revista, e correcçaõ do nosso Concilio; dahi saya emendado, cortado, e espedaçado; dahi venha de todo annullado, venha feito em pó. Porque à censura de Vossa Santidade, qualquer que ella for aceitaremos, como he razaõ, por vinda do Ceo. Doutra maneira naõ tenho duvida, senaõ que este Synodo, assim como foy o primeiro depois dos antigos, será tambem o derradeiro, como já entre nós se pratica. Porque naõ cumpre, nem está bem a esta Provincia defender nossos Decretos com demandas sem fim. Com brevidade, e confiança de filho tenho dito o que entendo deste negocio: do atrevimento peço perdaõ. Nosso Senhor, &c.

Esta Carta chea de brio, valor, e zelo, he huma fiel testemunha do coraçaõ deste virtuoso Prelado, e quando na sua vida naõ houveraõ tantas acções heroicas, que o fizeraõ grande, esta só bastava para o constituîr Heroe, digno de eterna veneraçaõ. O Papa lendo esta Carta, mudou de parecer, e mandou, que fosse examinado o Synodo, pela Congregaçaõ dos Cardeaes Deputados, para a declaraçaõ do Sagrado Concilio de Trento, em que foy approvado, e confirmado. Já era conhecido em o Mundo o zelo do Santo Arcebispo; já se tinha admirado a liberdade, com que naquelle Sagrado Congresso do Concilio de Trento, quando se tratou da refórma Ecclesiastica, persuadio, que havia de principiar esta pela mais nobre parte, que eraõ os Prelados, e Principes da Igreja. Tratava-se em huma occasiaõ dos Cardeaes, em que todos os votos assentaraõ politica, e cortezmente, que os Illustrissimos, e Reverendissimos Cardeaes, naõ haviaõ mister refórmados, e tocando votar ao Arcebispo, e usando dos mesmos termos, com animo Apostolico disse: *Os Illustrissimos, e Reverendissimos Cardeaes, haõ mister huma Illustrissima, e Reverendissima reformaçaõ.* E voltando para onde estavaõ os Cardeaes Legados, com huma grande reverencia accrescentou: *Vossas Illustrissimas saõ as fontes donde todos os Prelados bebemos, e por tanto convém, que esta agua esteja limpa, e pura.* Ficou admirado, e suspenso o Congresso, mas naõ escandalizados os Cardeaes; porque tanto póde a verdade proferida por hum homem taõ exemplar, que praticava o que dizia. Ainda neste tempo, e muitos annos depois, naõ tinhaõ os Cardeaes Eminencia, e lhe foy dado este tratamento em tempo do Papa Urbano VIII. por resoluçaõ de 10 de Junho de 1630, em Consistorio Secreto, em que prohibe a todos os mais Ecclesiasticos sob graves penas usarem de titulo de Eminencia, exceptos os Eleitores Ecclesiasticos do Sacro Romano Imperio, e o Graõ Mestre da Ordem de Saõ Joaõ, como referem Augusto. Barbos. *de Jur. Ecclesiast. univ.* liv. 1. cap. 4. num. 87; o Cardeal Laurea, *in Epitome Canon. verbo Cardinalis titulo Cardinalium insignia, seu arma, tituli ac sigilla*; Dukange, *in Glossario mediæ, & infimæ Latinitatis verbo Eminentia.* Muitos outros exemplos de igual resoluçaõ poderamos referir do Santo Arcebispo, que refere em puro estylo, e singular ordem o Padre Fr. Luiz de Sousa, na sua *Vida*, e alguns casos graciosos, que lhe succederaõ, aonde remettemos o curioso Leitor, que nos agradecerá a inculca, por ser esta Obra, e as *Chronicas de Saõ Domingos*, do mesmo Author, na pureza da lingoagem e na elegancia do estylo, hum dos melhores livros, que andaõ no nosso idioma. Nas Cortes, que convocou em Thomar ElRey Filippe II. chamou ao nosso Arcebispo, o que elle recuzou; mas foraõ taõ repetidas as Cartas delRey, que venceraõ a repugnancia. Partio de Braga, e entrou em Thomar, com a Cruz Primacial diante, e nesta fórma fallou a ElRey, o que sempre observou, mandando tirar de tudo instromentos authenticos, que se guardaõ no Cartorio de Braga, como refere o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, no Tratado de *Primatu Bracharensi*, cap. 27. n. 4. e 5; e nelle se allega a entrada, que pela Cidade de Toledo fez, quando se recolhia do Concilio;

lio, de que foy testemunha de vista D. João da Sylva, Conde de Portalegre, natural daquella Cidade, o que conta Duarte Nunes de Leaõ, na *Descripçaõ de Portugal.* Este cuidado da authoridade da sua Igreja, conservou sempre, e em toda a parte, pois no Concilio, em quanto o Papa, por obviar contendas, naõ tinha declarado, que os Bispos se haviaõ de preceder pelo tempo da Sagraçaõ, e naõ pela Dignidade, e prerogativas das suas Igrejas, pretendeo preceder a todos os que naõ eraõ Primazes, e da resoluçaõ do Papa se lhe mandou passar hum Breve ao Arcebispo, em que se declarava naõ ser aquella resoluçaõ contra as preheminencias da sua Igreja; porque ficava em todo o seu vigor o direito da sua Primazia. Muy digno caso por certo de memoria, por ser hum documento a favor da Primazia de Braga, de que tanto se jactou, que imprimindo-lhe o Veneravel Fr. Luiz de Granada, o livro, que tinha escrito *Stimulus Pastorum*, lhe naõ poz mais, que o titulo de Arcebispo, entendendo, que a sua humildade recuzaria o de Primaz de Hespanha, lho naõ poz; e vendo o Santo Arcebispo o livro, lho tornou a mandar, dizendo, que de novo se fizesse aquella folha. Este livro mandou reimprimir em Roma Saõ Carlos Borromeu, que foy grande seu amigo, e depois o foy em Lisboa, e Pariz. Compoz muitos livros; a saber *Compendium Spirituali s Doctrinæ, ex variis Sanctorum Patrum sententiis collectum*, e foy impresso em Lisboa, anno 1582, e depois em Madrid, e Pariz, e outras partes. Este livro, e o *Stimulus Pastorum*, foraõ tanto do agrado de Saõ Carlos, que os fazia ler à sua meza. *Cathecismo da Doutrina Christãa*, que mandou imprimir ElRey D. Sebastiaõ, ordenando aos Clerigos das Ordens Militares, o lessem aos Domingos aos freguezes, e se traduzio em lingua Castelhana, por Joaõ Aristizaval, Cavalleiro da Ordem de Santiago, e se imprimio em Madrid, no anno 1654, e já o tinha sido em Roma, no anno 1603, e em outras partes. Muitos mais compoz, que naõ tiveraõ o beneficio da luz publica, e foraõ: *Collationes Spirituales in Psalmos, & Cantica feriarum; In Jeremiam, & alios Prophetas. Puncta tangentia jura, & casus conscientiæ. Variæ sententiæ ad Sacram Scripturam pertinentes. Doctrinæ regulæ mensæ religiosæ. Epitome Chronicorum mundi. Compendium Historiarum Ecclesiasticarum.* Huma Relaçaõ do Concilio de Trento, que principia: *Concilium apertum est decimo octavo die Januarii anni 1562.* Hum *Tratado de Praticas Devotas, para os Prelados quando daõ Ordens. Praticas Espirituaes, sobre os Evangelhos das festas de todo o anno*, Obra clara, e capaz de a precebérem os Curas, que naõ saõ Letrados: esta imprimio à sua custa, e tambem se traduzio em Castelhano. *Epitome das Vidas dos Summos Pontifices*, até o seu tempo. *Compendio Geral das Historias de Hespanha*, a que ajuntou outro dos *Reys de Aragaõ, e Condes de Barcelona. Dos Reys de Navarra. Historia do Reyno de Portugal*, só fez huma breve Relaçaõ, até o tempo delRey D. Sebastiaõ. De todas estas Obras se chegaraõ a imprimir taõ poucas como com sentimento referimos. Em França se intentaraõ imprimir todas, e a primeira folha com os titulos dellas já impressa nos mostrou o Eruditissimo Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes. Naõ teve tempo ocioso, e por isso compoz tanto; porque ou escrevia, ou orava, ou tratava do bem do proximo. Trabalho he seu o Indice dos livros prohibidos daquelle tempo, que os Padres do Concilio lhe encarregaraõ, fazendo-o revedor dos livros. Foy este insigne Prelado, sem duvida, hum dos mayores, que teve a Igreja Catholica, cuja declaraçaõ esperamos para o ver no Altar, e naõ podemos deixar de accusar os nossos naturaes de descuidados, e de pouco lembrados da sua antiga devoçaõ, em naõ empregarem todas as suas forças, para o conseguirem da Santa Sé Apostolica, pois Deos acreditou em vida, e depois da morte com maravilhosos casos, a Bemaventurança, que goza a sua bemdita alma. Seu corpo foy enterrado no Mosteiro de Vianna, Fundaçaõ sua; depois elevado a hum Mausoleo de jaspe, para onde o trasladaraõ com grande pompa, e solemnidade os moradores da Villa, em que se lhe escreveo o seguinte Epitafio.

Deo Opt. Max.

Frater Bartholomæus de Martyribus Ulyssiponensis, Dominicanus

nicanus Hispaniarũ Primas, Adam ter magnus hic situs est, qui ad Bracharensem Sedem à Cella ut aiebat, tamquam à Regno ad Crucem raptus, cum secunda, post Apostolos dispensandæ Ecclesiæ, gratia inter alios, ut Sol inter minores Stellas, divinitus fulsisset, Summis Pontificibus, Patribusque Concilii Tridentini spectabilis, probatus, & charus, ingravescente ætate, sponte abdicata Sede, Cellam Monasterii hujus, quod condiderat, libens repetiit: ubi & sancte vixit dilectus Deo, & hominibus, & divina patiens ab osculo Domini assumptus est: heu pauperum pater, & religiosorum, amator pudicitiæ, æmulatione Martyr, professione Doctor, sal terræ, lucerna ardens, & lucens rarum verorum Episcoporum exemplar, & velut adeps, separatus à carne. Vixit annos 76 à professione Dominicana 62 à consecratione Episcopi 32 à regressu ad Ordinem 8 obiit anno Domini 1590 die decimo sexto Julii. Requiescat in pace. Amen.

A sua Vida escreveo, como já dissemos, o Padre Fr. Luiz de Sousa, em hum Tomo de folha, impresso em a Villa de Vianna, à custa de seus moradores, no anno de 1619, e depois foy traduzida em Castelhano, por Luiz Munhoz; Cunha, na II. Parte da *Historia de Braga*, cap. 83; Duarte Nunes, na *Descripção de Portugal*; Vasconcell. *in Descript. Regni*, pag. 520; Faria, na III. Parte da *Europa*, pag. 195; *Corografia Portug.* tom. 1. pag. 179; o Padre Telles, na *Chronica da Companhia*, pag. 31; Purificação, na *Chronologia Monastica*; Lima, no *Agiol. Domin.* ambos neste dia; Albergaria, *Triunfo da Nobreza Lusitana*, m. s. pag. 167; Franco, na *Biblioth. Lusit.* m. s. o Padre Cruz, nas *Memorias para a Biblioth. Lusit.*

Dos Estrangeiros se lembraõ muitos delles; Antonio Godeau, Francez, *Eloges des Evesques*, pag. 558; Soveges, no *Anno Dominicano*; e o *Compendio do Anno Dominicano*, que erradamente o poem a 17 deste mez; a sua *Vida*, impressa em Pariz, anno 1664, escrita em Francez, pelos Religiosos do Noviciado de Fauxbourg. S. German de Pariz; o *Graõ Diccionario de Morery*, *in verbo Barthelemi des Martyrs*; Fr. Paulo Sarpi, na *Historia do Concilio de Trento*, traduzida em Francez, pelo Senhor de la Mothe; Joseval, pag. 446; o Cardeal Pallavicino, *Historia do Concilio de Trento*, liv. 15. cap. 11. num. 4, e em diversas partes; Possino, na *Vida do Padre Ignacio de Azevedo*, liv. 1. cap. 5. pag. 23; D. Niculao Antonio, na *Bibliotheca Hispanica*, *verbo Bartholomæus*; Altamura, na *Bibliotheca Dominica* cent. 4. pag. 398; Sachino, *Historia da Companhia*, liv. 4. num. 150; Joaõ Bautista Beau, da Companhia, *Historia de Vita, & rebus gestis Bartholomæi de Martyribus*; David L' Enfant. *Historia dos Seculos*, tom. 4, neste dia; Gravina, *Vox Turturis*, part. 2. cap. 23. pag. 65; Rho, *in Variis Virtutum Historiis*, em diversas partes; Luiz Tomassino, da Congregaçaõ do Oratorio, tom. 1. de *Benefic.* liv. 1. cap. 38; D. Malachias de Inguimbert, Arcebispo de Theodosia, hoje de Carpentraz, na sua *Vida*, que imprimio no principio do I. Tomo das Obras do Santo Arcebispo, em dous tomos de folha, em Roma, no anno de 1734, a qual Vida tinha já impresso na lingua Italiana o Padre Joaõ Bautista Solero; *Acta Sanctorum*, *tom. 4. die sexta Julii*, nos pretermissos, pag. 122, faz mençaõ do Santo Arcebispo; o Abbade de Sever Diogo Barbosa, na *Bibliotheca Lusitana*, tom. 1. letra B.

C Sanuqui, dá nome a hum Reyno, e he hum dos quatro da Ilha de Xiocu, do Imperio do Japaõ: nelle alcançou a palma do Martyrio, no anno de 1617, Antonio Man-

Mangoyemon, natural do Reyno de Bijen, nobre pelo nascimento; e muito mais pela constancia, com que soube resistir às instancias dos amigos, e Principaes Cavalheros, que o persuadiaõ. Delle faz mençaõ o Padre Morejon, na *Historia dos Reynos do Japaõ, e China*, liv. 2. cap. 20. pag. 98. vers. Cardim, no *Catalogo dos mortos pela Fé*, pag. 272.

D Meaco, Cidade do Japaõ, na Ilha Niphonia, conhecida na regiaõ Jetsenga, foy antigamente cabeça de todo o Imperio, hoje populosa, e rica: he frequentada das nações do Oriente. Esta Cidade se divide em duas partes, huma superior, que he no alto, onde tinha o Emperador Palacio, e a inferior, que se estende pelas margens da praya, junto do Porto, que faz respeitado a famosa Fortaleza Fuxima; porém tudo veyo a perder a estimaçaõ, depois que a Corte se passou dalli para Jedo. No anno 1619, acabaraõ os seus trabalhos os constantes Japoens, de que fallamos no Texto, como diz Cardim, no *Catalogo dos mortos pela Fé*, pag. 279.

E Catharina de Chaves, sendo moça, foy casada com hum homem de aspera condiçaõ, que apurou no crisol da sua paciencia as semrazoens, com que a tratava. Embarcou este para o Brasil, levando comsigo tudo o bom, que havia na casa, e lá em torpe vida estragou a fazenda, e saude, e voltando para sua casa pobre, e enfermo, foy recebido de sua esposa, com tal agrado, como se com elle recebera as riquezas da America, e começou a servillo de enfermeira, em quanto lhe durou a vida. Foy o seu nascimento, e trato humilde; vivia de huma tenda de louça, e mercearias; nella tinha huma sobrinha; porque naõ tinha tempo para mais assistencia, do que a Igreja, como temos dito. He para admirar, que naõ tendo mais cabedaes do que a sua tenda, fazia as largas esmolas, que referimos, e deixou cem mil reis de juro à Ordem Terceira, para expor o Santissimo Sacramento em quarta feira de Cinza, para cuja Capella comprou huns fóros de azeite. Parece que a Divina Providencia, queria pela sua maõ despender os seus inextinguiveis thesouros, para satisfazer o zelo, que esta serva de Deos tinha do bem das almas. Neste dia faleceo, no anno de 1667. Jaz sepultada no Cemiterio velho da Ordem Terceira. Della se lembra Fr. Luiz de Saõ Francisco, na *Origem da Ordem Terceira*, pag. 507, donde tiramos o referido.

F Na notavel Villa de Santarem, teve principio o Convento de Nossa Senhora de Jesus, no anno 1617, em hum Lugar, que chamaõ o *Sitio*, taõ salutifero, que na occasiaõ, que padeceo a Villa o terrivel mal da peste, ficou este Lugar izento do contagio. Para esta Fundaçaõ deu o virtuoso Arcebispo D. Miguel de Castro, humas casas da Camera Archiepiscopal, com huma cerca dilatada, e terra bastante para edificar o Mosteiro. Depois de alcançada a licença da Sé Apostolica, houve sobre esta Fundaçaõ alguns embaraços, que duraraõ até o anno de 1620, em que se collocou o Santissimo Sacramento na sua Igreja: aqui esteve até o anno de 1644, em que foy levado para a Igreja nova, concorrendo para a sua fabrica huma devota Matrona, chamada Joanna Coelho, que vindo da Ilha de Cabo Verde, com desejos de empregar os seus cabedaes em edificar algum Convento, ou ao menos huma Igreja, e tendo muita devoçaõ aos Religiosos desta Provincia, deu principio a esta Igreja, no anno de 1640, e em quatro annos se poz no estado, e perfeiçaõ, que hoje tem, de que os Religiosos lhe deraõ o Padroado da Capella mór, que dotou, e ornou de todo o necessario.

Neste Convento viveo taõ santamente, como temos relatado no Texto, Fr. Joaõ da Conceiçaõ, que felizmente deu fim aos seus trabalhos, neste dia, do anno de 1676, como refere o Memorial da sua Provincia, de que temos copia em nosso poder.

G No anno de 1599, deraõ fim às suas Missoens estes dous Religiosos da Familia Dominicana, que naquellas Ilhas tem sido cuidadosos operarios da vinha do Senhor. Saõ curtas as memorias, que achamos delles; na *Historia de Saõ Domingos*, part. 3. liv. 4. cap. 15. pag. 356; Gravina, *Vox Turturis*, part. 2. cap. 23. pag. 71; o *Anno Dominicano*, sem Author, neste dia.

JULHO XVII.

Vigildo Pires Eremita.

A

A Villa de Reris descansaõ os ossos daquelle Santo Ermitaõ Vigildo Pires de Almeida, que os inexcrutaveis segredos da Divina Providencia conservaraõ sessenta annos, debaixo do Dominio Mauritano, em huma Ermida no campo de Ourique, em vida contemplativa, em que fazia a Deos taõ agradavel oraçaõ, que mereceo ser escolhido para Embaixador de JESU Christo ao Senhor Rey D. Affonso Henriques, quando lhe annunciou a vitoria, que com o favor do braço Omnipotente, havia alcançar da barbara multidaõ dos Sarracenos, que com formidavel poder o esperavaõ, e que sendo acclamado Rey pelos seus triunfantes esquadroens, fundando para si, e para seus descendentes huma Monarchia, exaltaria o Nome de JESU Christo, e o levaria às Regioens mais distantes do Universo; e ainda que na decima sexta geraçaõ se attenuaria a Regia prole, a Omnipotencia Divina poria nella os olhos da sua Misericordia, e que para credito da sua verdade sahisse da sua tenda só, e desacompanhado, ao tempo que ouvisse tocar o sino da sua Ermida, e que entaõ patente aos seus olhos veria, o que naõ podiaõ crer os seus ouvidos, e o que naõ cabia nos olhos, e nos ouvidos, e sómente na fé, com que adorava ao Senhor. Tudo no dia seguinte se vio cumprido, e depois com o decurso dos annos o total complemento destas Profecias, com tanta gloria da Lusitana Monarchia.

Francisco M. Japaõ.

B Em Sanuqui, a coroa do Martyrio de Francisco, menino de quatro annos, a quem seu pay criou no amor da Religiaõ Catholica, ensinando-lhe as orações, e o que taõ tenra idade podia perceber, chegando-o para si quando se punha a orar, para que no costume, e reverencia das Sagradas Imagens lançasse raizes no amor de Deos, o que elle cumpria com gestos proprios daquella idade, com tal graça, e propensaõ, que bem parecia era dirigido pelo seu Anjo da Guarda. Quando prenderaõ a seu pay pelo crime de Christaõ, estava ausente Francisco; mandou-o buscar, e na presença dos Gentios lhe disse, que adorasse huma Sagrada Imagem, como quem

quem o inſtruîa para o ſeguir no Martyrio. Depois de ſeu pay ſer degolado, mandou o Tono, que foſſe degolado o innocente menino, e por mais que o pretenderaõ eſconder da ſua tyrannia, naõ foy poſſivel; porque a Alta Providencia o tinha deſtinado, para ſe ajuntar ao numero dos innocentes, que a crueldade de Herodes tinha degolado.

Sor Iſabel da Trindade Franciſc.

C No Moſteiro da Eſperança da Villa de Abrantes, a admiravel morte da Madre Sor Iſabel da Trindade, que logo em os primeiros annos da ſua vida, ſe começou a empregar em louvaveis obras, com que ſe adiantou muito na perfeiçaõ eſpiritual. Sendo ainda Secular, ſe compunha de huma agradavel modeſtia, e de huma notavel frequencia de Oraçaõ, e dos Sacramentos, e Officios Divinos, a que attendia com eſpecial devoçaõ; e ſendo voluntarios eſtes exercicios, era a ſua vida taõ perfeita, que os obſervava como por obrigaçaõ. Deſejava muito acabar os ſeus dias em Clauſura, mas naõ o pode conſeguir, antes de cumprir quarenta annos. Entrou no Noviciado, e foraõ taes as ſuas obras, e o ſeu exemplo, que ſervindo de edificaçaõ commua, aos dous annos de profeſſa a elegeraõ todas em Prelada; officio, que exercitou com tal amor, e charidade, que parecia era ſó Abbadeſſa, para ſervir; porque naõ perſuadia, ſenaõ com o exemplo. Naõ havia materia, em que naõ praticaſſe a mortificaçaõ, ou no jejum, repartindo o anno em Quareſmas, por immitar a ſeu Serafico Patriarca, ou no uſo dos Sacramentos, que frequentava com devoçaõ, vindo a receber daquelle Divino Maná o ſeu abrazado eſpirito Celeſtiaes favores, com que ficava abſorta, e arrebatada, e por largo eſpaço de tempo ſem acordo, nem ſentidos. Em huma occaſiaõ, dia do Doutor Saõ Boaventura, de quem foy muy devota, acabando de commungar, de repente ſe lhe fecharaõ os olhos, e enfraquecido o corpo em hum deliquio, a levaraõ nos braços as Religioſas à cama, em que eſteve tres dias, com grande quietaçaõ, e delicia da ſua alma. No fim delles, encommendando às ſuas Religioſas o exercicio das virtudes, paſſou deſte Mundo, com evidentes ſinaes de predeſtinada, a gozar a Bemaventurança.

Sor Maria de Jeſus Dominica.

D Em o Religioſo Moſteiro do Sacramento da Cidade de Lisboa, da Ordem do Patriarca Saõ Domingos, a Madre Maria de Jeſus, à qual o temor ſanto de Deos penetrou taõ viva-

Dd mente

mente, que toda a sua vida foy huma continuada mortificaçaõ, taõ cuidadosa do Divino Amor, que todas as acções dirigio sempre ao seu agrado. Entrou na Religiaõ, contando vinte e dous annos de idade, havendo já empregados muitos em virtuosos cuidados; porque aos quatorze annos da sua idade, ferida de huma Divina inspiraçaõ, desprezou os adornos, que ao seu sexo costuma administrar a vaidade, e começou a jejuar tres dias na semana, e nas Quaresmas muitos a paõ, e agua, a que ajuntava liçaõ espiritual, e todas as manhãas quatro horas de Oraçaõ mental, e outras devoções, com que se adiantava no espirito. Todo o tempo, que lhe era livre das obrigações, a que era sugeita na assistencia da Casa dos Condes de Vimioso, onde servia, empregava em Celeste contemplaçaõ: quando já a desoras, socegada a familia em o profundo silencio, se recolhia ao seu apozento, naõ a descansar, mas a affligir o corpo com huma disciplina, a que se seguia orar até às duas horas da manhãa, dando depois breve descanço ao corpo, sendo de ordinario a cama huma cortiça. Desta sorte vivia no estado de Secular, sujeita à preciza obrigaçaõ de servir, taõ ajustada, que pouco teve, que mudar no estado de Religiosa, mais que augmentarse na perfeiçaõ do Estatuto, que professava. Havia em Secular aprendido a cantar à viola, o que fazia de sorte, que merecia applauso dos que a ouviaõ; porém absteve-se deste exercicio, porque naõ queria ser louvada. Taõ levada foy desta idéa, que depois de ser Religiosa, constando-lhe que gostavaõ de a ouvir cantar no Coro à Capucha, se presumio, que alcançara de Deos o perder em huma defluxaõ a voz, no que se lhe conheceo huma interior consolaçaõ, e por naõ ser inutil em servir no Coro, aprendeo a tocar rebecaõ. Era recolhida, e muy zelosa da observancia da Religiaõ. Foy combatida de vehementes tentações do perigo de se salvar, e fluctuando em horroroso temor do Inferno por tempo, até que em certa occasiaõ, dilatado o espirito na oraçaõ, rompeo nestas palavras: *Meu Deos, eu prometto de me naõ affligir; tomay por vossa conta a minha salvaçaõ, que eu tomo a de vos servir*; e com este concerto ficou livre, e começou com novo ardor novas penitencias. Teve grande horror às penas do Purgatorio, e se entendeo, que Deos lho concedera nesta vida, pelo muito que padeceo;

por-

porque além do defluxo da garganta, lhe sobreveyo febre, com faltas de respiraçaõ, e outras queixas taõ complicadas, que lastimava às que a viaõ, e edificava na conformidade, com que as soportava. Padeceo tres dias taõ vehementes dores de cabeça, que em todos elles naõ teve instante, que naõ fosse afflicaõ, e pretendendo consolalla os Religiosos, que lhe assistiaõ, cortezmente lhe disse, que os naõ podia attender, por naõ apartar o pensamento da Paixaõ de seu amorosissimo JESU, a quem no mayor rigor da queixa pedio, que se estendessem as dores todo o tempo, que o Senhor fosse servido, mas que lhe augmentasse a paciencia. Finalmente, recebidos com summa devoçaõ os Sacramentos, com alegre semblante disse às companheiras: *Madres, digaõ a minha irmãa Sor Francisca, que deixe os receyos; porque me heide salvar, pela Misericordia de Deos.* Nesta occasiaõ da sua morte, estavaõ praticando as Religiosas espiritualmente, sobre o valor infinito do preciosissimo Sangue de Nosso Redemptor, supposndo que já Sor Maria naõ attendia à pratica; com muita alegria acodio, dizendolhe: *Quanto esse já o Senhor mo tem concedido*, e rezando-lhe o Officio da agonia, lhe chegaraõ à boca o lado do Senhor crucificado, e abrindo os olhos os fixou no Senhor, acabando desta sorte a vida, para gozar premios sem fim.

Commentario ao XVII. de Julho.

A AS Historias geraes, e particulares do nosso Reyno, fallaõ todas universalmente neste virtuoso Ermitaõ, a que damos nome de Vigildo Pires de Almeida, com muita duvida, pelas razoens, que diremos abaixo. Saõ taõ curtas as memorias, que delle temos, que todas se reduzem sómente a ser elle o que entre os cuidados, em que vacilava o Santo Rey D. Affonso Henriques, o visitou, animando-o da parte de Deos, como temos referido no Texto, e he materia sem controversia, assentada pelos Authores Portuguezes, e por muitos, e graves dos Estrangeiros, como veremos no Commentario do dia 25 deste mez, em que Christo Senhor Nosso appareceo no campo de Ourique.

Naõ podemos passar em silencio a duvida, que temos sobre o nome, e appellido deste Santo Ermitaõ, fundada na authoridade das nossas Chronicas, que o fazem inverosimel. O primeiro, que sabemos lhe descobrio o nome Vigildo Pires de Almeida, he Diogo Pires Cinza, no cap. 9. da *Vida de Saõ Vicente*, que imprimio no anno de 1620, onde naõ allega documento algum, em que o achasse. Depois o seguio Antonio Paes Viegas, no seu livro *Principios do Reyno de Portugal*, liv. 4. pag. 136, e o Licenciado Jorge Cardoso, no Commentario do dia 17 de Março, letra A, pag. 207, e no do dia 14 de Mayo, letra B, pag. 251, e depois alguns modernos lisonjeiros, e obsequiosos, como se a Familia de Almeidas, antiga neste Reyno, e Illustre por seus descendentes, que a illustraraõ com Dignidades Ecclesiasticas, e Seculares, na paz, e na guerra, necessitasse do esplendor de cousas inverosimeis, e

que repugnaõ a razaõ. A que temos, para duvidarmos de seu nome, he que Brandaõ, na III. Parte da *Monarch. Lusit.* liv. 8. cap. 32, lho ignora, e a *Chron. antiga del-Rey D. Affonso o I.* que allega. A que temos, para duvidar do appellido, he principiar depois o de Almeida, pois Fr. Bernardo de Brito, na *Chronica de Cister*, liv. 4. cap. 2, foy o que deu conhecimento da mayor antiguidade desta Familia, e lhe dá principio em Pelayo Amado, que era hum Fidalgo da geraçaõ dos Gascos Monizes, e taõ favorecido do Conde D. Henrique, que pelo valimento veyo a ser chamado Amado, que tomou por appellido, e este foy pay de Sueiro Paes, de quem foy filho Payo Guterres o *Almeidaõ*, appellido, que tomou por recuperar o Castello de Almeida, hoje Praça de Armas, na Provincia da Beira, em Riba de Coa, e se achou com ElRey D. Sancho, sendo ainda Principe, na batalha dos campos de Arganhal, hoje Arganhan, e foy muy privado delRey D. Affonso, o Gordo. Este foy o primeiro, que se sabe teve o appellido de Almeida, e ainda que Fr. Bernardo de Brito, naõ apponta escrituras, com que corrobore esta opiniaõ, a seguiraõ muitos dos nossos Genealogicos, em reverencia dos seus incansaveis estudos. Mas o tronco certo desta Familia, de quem todos os livros Genealogicos a seguem, he Fernaõ Alvares de Almeida, criado delRey D. Joaõ o I. Vedor de sua Casa, e Ayo dos Infantes D. Duarte, D. Pedro, e D. Henrique, seus filhos, Fidalgo de grande estimaçaõ, e valor, como refere a *Chronica delRey D. Joaõ o I.* de Fernaõ Lopes, na 1. part. cap. 9, e 113, e na 2. part. cap. 42. 43. 44, e outros lugares, em que relata os sinalados serviços, que fez àquelle Rey. Brandaõ, na III. Parte da *Monarchia Lusitana*, liv. 11. cap. 2. pag. 207, naõ nega este principio, que dá Brito; mas diz, que o naõ pode affirmar; porque faltaõ as escrituras, e memorias antigas, que authorizaõ as opinioens; mas acha em tempo delRey D. Affonso III. nomeados os filhos de Joaõ Fernandes de Almeida, que conforme o livro das Inquiriçoẽs do dito Rey, pag. 34, que se guarda na Torre do Tombo, era possuidor da quinta do Pinheiro, que seu pay comprara em tempo delRey D. Sancho o I. em que já havia este appellido, que conforme o que temos dito neste tempo principiou; e desta sorte se vê bem claramente a inverosimilidade de ter o Ermitaõ o appellido de Almeida; porque ainda que fosse desta Familia, ella o naõ usava. Naõ duvidamos, que fosse de nobre Familia, como dizem alguns Authores; porque em todos os tempos achamos homens de qualidade, que se deraõ à vida solitaria; e tambem cuido naõ desagradará ao prudente Leitor esta averiguaçaõ, para julgar a verdade, que professamos em os nossos escritos.

B Era Francisco filho de Antonio Mangoyemon, que com o seu Martyrio illustrou o dia antecedente, para se gloriar no Ceo, no de hoje, com seu filho no mesmo anno 1617, de que faz mençaõ Morejon, *Historia do Japaõ*, liv. 2. cap. 21. pag. 101, e Cardim, no *Catalogo dos mortos pela Fé*, pag. 275.

C A Villa do Sardoal foy patria da Serva de Deos Sor Isabel da Trindade, que morreo neste dia, no anno 1636. Ignoramos quem fossem seus pays, mas deviaõ de ser devotos; porque a criaraõ debaixo da direcçaõ dos Religiosos da Piedade, que hoje pela divisaõ das Provincias, chamaõ da Soledade, que tem Convento nesta Villa. Della faz mençaõ a *Historia Serafica da Provincia de Portugal*, part. 4. liv. 5. cap. 6. pag. 618.

D Foy Sor Maria de Jesus, filha de Manoel Mendes Freire, e de Margarida Pereira; criou-se na Casa de Vimioso, que pelo tempo entendemos ser no de D. Affonso de Portugal, V. Conde de Vimioso, Marquez de Aguiar, casado com a Marqueza D. Maria de Mendoça, em cujo serviço esteve, até que foy para a Religiaõ. Della se conta, que rogando a Deos sempre por hum seu irmaõ, que lhe desse boa morte, succedeo, que servindo este na Provincia de Alentejo, onde tinha o governo da Villa de Barbacena, a tempo que com poderoso exercito entraraõ nella os Castelhanos na guerra da Acclamaçaõ, e sendo crime capital nas Ordenanças Militares, resistir sem poder a Exercito Real, elle o fez; e sendo entrada a Villa pelos inimigos, o sentenciaraõ a morrer arcabuziado, e ao tempo da execuçaõ, pedio ao General por elle hum Castelhano, que naõ conhecia, e devia ser pessoa de respeito, que lha concedeo; e depois veyo a morrer com todos os Sacramentos, com felices sinaes de predestinado. Desta Religiosa

ligiosa affirmou o seu Confessor, Religioso dos mayores da Ordem, que tendo-a confessado geralmente, naõ achara materia de peccado mortal, nem ainda venial em toda a sua vida, com advertencia. Falleceo no anno de 1660; *Agiologio Dominicano*, neste dia.

JULHO XVIII.

A O Anjo Custodio do Reyno de Portugal se festeja em todo elle na terceira Dominga do mez de Julho, com solemne Procissaõ, em todas as Cidades, e Villas, que saõ cabeças de Comarcas, a que o Senado das suas Cameras, com o Cabido, saõ obrigados assistir. Foy estabelecida esta Festa pela devota piedade do invicto Rey D. Manoel, para a qual alcançou Breve da Sé Apostolica, e se celebra com Officio de Rito *Duplex maius*, em todo o Reyno, e nas Ordenações do seu governo incorporou a obrigaçaõ desta solemnidade por Ley a seus vassallos.

Anjo Custodio de Portugal.

B Em Galliza, a Festa de Santa Marinha Virgem Martyr, huma das filhas de Cayo Attilio Regulo Bracharense, e de sua mulher Calcia, a qual depois de ser criada na nossa Santa Fé, e confortada por hum Anjo com suas irmãas, se apartou dellas, seguindo a sua vocaçaõ, e foy parar em hum Lugar junto da Cidade de Amphilochia, onde exercitada em jejuns, orações, e outras santas obras, se fazia agradavel a Deos; e ouvindo a constancia, com que os Martyres desprezavaõ a vida, se abrazava em hum vivo desejo de sacrificar a sua vida em obsequio do seu amado Esposo Jesu; mas o Senhor, que responde aos corações fieis, lhe deu muy brevemente a satisfaçaõ da Gloria, que lhe pedia. Succedeo, que fazendo caminho por aquella parte Olybrio, Presidente entaõ daquella Provincia, encontrou a Santa Virgem, que estava guardando humas ovelhas, e nos trajes pobres, e humildes, resplandeciaõ os dotes da fermosura; de que namorado, mandou aos criados, que lha fossem buscar, e soubessem della, se era livre, ou cativa. Elle o estava tanto da fermosa Virgem, que naõ duvidava resgatalla do cativeiro, para a estimar como esposa. Chegaraõ os criados a Marinha, e lançando maõ della, começou a Santa a invocar o Nome de Jesu Christo, a quem

S. Marinha V. e M.

a quem em ardente oraçaõ pedia ſoccorro, para que a ſua alma naõ perigaſſe com a daquelles impios. Voltaraõ os criados aſſegurando ao Preſidente, que aquella moça adorava a Jesu Chriſto, e que naõ era facil reduzilla ao ſeu amor. Cheyo de colera Olybrio, a chamou à ſua preſença, perguntando-lhe, ſe por ventura era eſcrava, ou livre; ao que a Santa chea de modeſtia, e conſtancia reſpondeo: ſou livre por naſcimento, eſcrava por amor de Jesu Chriſto, a quem adoro. Logo foy mandada conduzir ao carcere, e no ſeguinte dia levada à ſua preſença; e naõ podendo com brandura tirarlhe do coraçaõ, nem da boca a Ley, que profeſſava, a mandou pendurar, e com varas groſſas açoutar; o que ſofreo com tanta conſtancia, que nem hum ſuſpiro proferio, antes com roſto alegre moſtrava ſer confortada com Divinos auxilios. Vendo o Tyranno, que naõ ſó perſeverava na ratificaçaõ da Fé de Jesu Chriſto, mas com reſoluçaõ naõ eſperada do ſexo feminil, prégava as excellencias daquelle dulciſſimo Nome, arrebatado de novo furor, e impia crueldade, mandou com unhas de ferro deſpedaçar o delicado corpo da caſta Donzella, de que naõ ſó ſe compadeceo o povo eſpectador daquella barbaridade, mas até o meſmo Tyranno ſe moveo a compaixaõ; porque ſendo aquella fermoſa Virgem lacerada pela ferocidade dos miniſtros, lhe diſſe: *Conſidera, que a poucos annos ajuntas muita fermoſura; muda de opiniaõ, e repara no que te digo, que aſſim uniràs aos dotes da natureza muitos da fortuna.* A eſtas palavras reſpondeo a Santa: *Oh perverſo conſelheiro, eſte tormento he a fermoſura da minha alma, e o caminho da minha ſalvaçaõ; o teu poder naõ ſe eſtende a mais, do que martyrizar o corpo; porque a alma he guardada por Chriſto, que a remio.* Eſtas palavras foraõ ouvidas de Olybrio, com tal ſentimento, como deſprezadoras dos ſeus falſos Deoſes, que a mandou de novo meter em hum eſcuro carcere, e depois em hum forno accezo, com grandes lavaredas, onde com admiraçaõ, e paſmo dos circunſtantes, viraõ a glorioſa Virgem vencer a natureza do fogo, paſſear por cima das brazas, como por brandas roſas, ſem que a arrebatada violencia deſte elemento ſerviſſe mais, que para demonſtrar o poder do Altiſſimo, e confundir a pertinacia do Tyranno, que entre tantas luzes naõ queria acabar de ver a gloria da Fé de Jesu Chriſto, que a Santa

ta

ta em altas vozes proferia ; de que barbaramente enfurecido, lhe mandou cortar a cabeça, que despedida dos hombros, deu tres milagrosos saltos na terra, rebentando de cada hum, na presença de todos, huma saudavel fonte de agua, com que o Senhor acreditou a pureza daquella bendita alma, durando ainda hoje nos milagres que obraõ as aguas destas fontes, os claros merecimentos de sua amada Esposa.

Sor Magdalena das Chagas Franc.

C Em o Mosteiro da Madre de Deos de Monchique, Comarca do Porto, a pia commemoraçaõ de Sor Magdalena das Chagas, a quem a Divina Sabedoria, depois de diversos estados trouxe ao da Religiaõ, com tal fervor, que foy hum retrato da verdadeira perfeiçaõ religiosa. Naõ tinha outra cama mais que o duro chaõ, em que passava as noites em continuas vigias, macerando o corpo com jejuns, disciplinas, e cilicios, sendo de taõ rigida abstinencia, que ainda quando estava doente sangrada, naõ admittia mayor regalo, do que alguns legumes. Todos os dias na madrugada corria os Passos da Paixaõ de Christo, sem que o rigor do tempo lhe servisse de embaraço, a que descalça se maltratasse com o frio, chegando a tanta perfeiçaõ de espirito, que invejoso o inimigo do genero humano a perseguia declaradamente, sem que por isso a Serva do Senhor afrouxasse dos seus propositos, e santos exercicios. Em huma occasiaõ lhe pretendeo tirar das mãos as disciplinas, com que se açoutava, se com o Nome de JESUS lhas naõ tirara das garras. Em outra, fazendo que os golpes das disciplinas naõ cahissem na Serva de Deos, e ficando no ar soavaõ com grande ruido; mas destas, e de outras tramoyas, com que a pretendia atemorizar, triunfava a humildade da boa Religiosa; pelo que veyo a conseguir Celestes favores, com que recreado o espirito se adiantava nos gozos da Bemaventurança, em que vivia absorta. Finalmente predizendo a algumas Religiosas o dia da sua morte, depois de ter recebidos os Sacramentos, acabou com tranquilla morte, que o Senhor acreditou, ouvindo-se ao mesmo tempo Angelicas melodías, que repetidas vezes se ouviraõ no decurso da noite, em quanto o seu corpo esteve no Coro, final evidente da gloria, que goza a sua bemdita alma.

Sor Violante da Ascensaõ Dom.

D Na Villa de Setuval, acabou em o Senhor Sor Violante da Ascensaõ, Religiosa Dominica, muy continua na

oraçaõ,

oraçaõ, de que tirava Celestes suavidades, com que recreava o seu fervoroso espirito. Era muy devota de Nossa Senhora, e nesta devoçaõ sentia a sua alma singulares gozos, e tal ternura, que quando, segundo o costume da Religiaõ, começava o Officio Menor de Nossa Senhora, pela Oraçaõ Angelica, eraõ seus olhos rios de lagrimas, que corriaõ, como prodigiosos testemunhos da sua devoçaõ.

D. Bernarda Carm.

E Em o Mosteiro de Lagos, da Carmelitana Familia, a Madre D. Bernarda, Religiosa de grande virtude, a qual vivia em seu peito taõ ardente, que se abrazava em hum vehemente desejo, de que todas as suas Companheiras seguissem a vida espiritual, desembaraçando-se de tudo, o que naõ fosse amar ao Divino Esposo. Este zelo foy causa de padecer muitas tribulações, em que se purificou a sua paciencia, e profundou a sua humildade, para merecer de seu Esposo revelarlhe a hora da sua morte. Era Mestra das Noviças, ao tempo que parecia boa, e distante da morte, e se foy à Prelada, pedindo-lhe nomeasse no cargo outra Religiosa. Fez esta pouco caso da supplica; porém dentro de tres dias faleceo D. Bernarda, deixando com o successo acreditada a sua innocente vida.

Commentario ao XVIII. de Julho.

A O Nome de Anjo, ainda que seja commum a todos os espiritos Bemaventurados, com tudo se applica ao infimo Coro dos nove, em que se dividem as tres Jerarquias, em que a Divina Sabedoria repartio as ordens dos Espiritos Celestes, occupando na primeira os Serafins, Cherubins, e Thronos, que de Deos recebem immediatamente o lume da Gloria; na segunda Jerarquia as Dominaçoens, Virtudes, e Potestades; e na terceira os Principados, Archanjos, e Anjos; de sorte, que a primeira Jerarquia allumia, e naõ he allumiada; a segunda he allumiada, e allumia; e a terceira he allumiada, e naõ allumia, mas tudo isto por modo taõ occulto a nós, que se communicaõ, e se declaraõ por conceitos. Anjo quer dizer Nuncio, ou Mensageiro, naõ he nome de natureza, senaõ de officio, como sentem communmente os Theologos com Saõ Gregorio, *Homil. 34. sobre os Evangelhos*; tendo para si, que aos Anjos do ultimo Coro da terceira Jerarquia dá Deos a guarda dos homens, com officio especial, e proprio; de tal maneira, que em nascendo huma creatura, logo Deos lhe dá hum Anjo deste Coro, para que a guarde, e defenda, e a guie ao fim, para que foy criada. Aos Principados, e Archanjos lhes encarrega a guarda dos Reys, Principes, e Reynos, Provincias, Cidades, a Igreja Universal, as Religioens, os Conventos, as Parochias, os Bispos, e os Prelados, e pessoas constituidas em Dignidade, para que por meyo destes Soberanos Directores se empreguem no acerto das suas obrigações; e assim quiz Deos, que naõ só os Coros da terceira Jerarquia entendessem na guarda, e governo dos homens, e do Mundo, como officio proprio, que immediatamente lhe foy encommendado, mas tambem ambas as primeiras Jerarquias, e os Coros de cada huma dellas; quer

quer Deos concorraõ para o bom governo dos homens, declarando a primeira a vontade de Deos aos da ſegunda, e eſtes ao da terceira, para execuçaõ das couſas; o que ſegue Saõ Dionyſio Areopagita, Saõ Gregorio, Saõ Joaõ Damaſceno, e Santo Thomás, interpretando aquelle Texto de Saõ Paulo, *ad Habr.* cap. 1. num. 14. *Omnes ſunt adminiſtratorii Spiritus in miniſterium miſſi, propter eos, qui hæreditatem capiunt ſalutis.* Havemos de ſaber, diz Saõ Dionyſio Areopagita, *de Eccleſ. Hierarq.* que aos Principados, Archanjos, e Anjos, coube o officio de Nuncios, e Embaixadores, e a guarda dos homens, o que he commua doutrina, e ſe vê em muitos lugares da Sagrada Eſcritura; como tambem, que ſejaõ Cuſtodios dos Reynos, e Cidades, ſe lé em Iſaias, no cap. 62. num. 6. *Super muros tuos Hieruſalem conſtitui Cuſtodes tota die, ac note perpetuò non tacebunt.* Que o ſejaõ das Provincias, e Reynos, o affirma Saõ Joaõ Damaſceno, no liv. 2. de *Fid. Orthod. cap. 3. poſt med. fol.* 175. pag. 1. *B. Angeli prout à ſummo opifice deſtinati, & collocati ſunt, certas terræ partes Cuſtodiunt, genteſque, & regiones tuentur, ac res noſtras gubernant, nobiſque opem ferunt.* Sendo os Directores dos acertos das gentes, e por iſſo Santo Anſelmo diz no ſeu *Elucidario*, cap. 54. *Unicuique genti, unicuique Civitati præſunt Angeli, qui jura, leges, juſtos mores, juſtè diſpenſant, & ordinant.* A cada Naçaõ, a cada Cidade preſidem os Anjos, os quaes adminiſtraõ com toda a juſtiça, e ordenaõ os direitos, e as leys, e os bons coſtumes aos homens, para que ſe governem com prudencia, e em ſanto temor de Deos. Naõ faltou, quem aos Anjos lhes aſſignaſſe eſcudos de armas, e emprezas, que lhes ſervem de diviſas, que póde ver o curioſo em o livro intitulado *Il Mercurio Araldico in Italia del Cavalier de Beatino*, pag 223. Naõ permitte o eſtylo, que ſeguimos, alargarnos mais neſta materia, que como indubitavel ſegue a Fé, como ſe póde ver no Padre Soares, *de Angelis*, liv. 6. cap. 17. num. 22, e ſó o referimos para moſtrar o acerto do zelo daquelle feliciſſimo Monarca ElRey D. Manoel, em quem a piedade da Religiaõ Catholica, tinha tanto lugar, que naõ ſey, quando leyo a ſua Vida, ſe foy a mayor de todas as ſuas virtudes. Para fazer perpetua eſta Feſta, alcançou da Sé Apoſtolica hum Breve, para a celebrar na terceira Dominga do mez de Julho ao Anjo Cuſtodio do Reyno, que com Officio particular ſe reza no Arcebiſpado de Lisboa. Ordenou tambem, que com Prociſſaõ ſolemne ſeja eſta Feſta eelebrada, o que mandou incorporar por Ley na Ordenaçaõ do Reyno, liv. 1. tit. *66.* §. 48. O Senado da Cidade de Lisboa, em obſequio deſta Ley, faz Prociſſaõ, acompanhada do Cabido, e de todas as Communidades, Clero, e das Bandeiras dos Officios, e ſe juntaõ, como no dia de Corpo de Deos, e correm as ruas, naquelle dia; porque aſſim o determinou ElRey D. Manoel, querendo, que foſſe eſte dia taõ ſolemne, como o do Corpo de Deos. Deſta piedoſa acçaõ ſe lembra Goes na *Chronica do dito Rey*, part. 4. cap. *86*; e Mariz *Dial.* 4. cap. 19; Faria na *Europa Port.* tom. 2. part. 4. cap. 1. num. 104; o Padre Antonio de Vaſconcellos no *Tratado do Anjo da Guarda*, liv. 1. cap. 1. part. 1. pag. 2; e Pegas no *Tit.* 5. *ad Ord. lib.* 1. *tit. 66. n. 48.* Na Villa de Guimarães, ſe leva em Prociſſaõ hum Anjo grande de prata dourada, que foy tomado na celebre batalha de Aljubarrota, que o invicto Rey D. Joaõ o I. deu à Igreja Collegiada de Noſſa Senhora da Oliveira, a quem deveo eſta inſigne vitoria.

B Da Cidade de Amphilochia, a que deu o nome Amphiloco, Capitaõ Grego, que a edificou, como refere Duarte Nunes de Loaõ na *Deſcripçaõ de Portugal*, cap. 92. pag. 160; e Gil Gonçalves de Avila no tit. 3. do *Theatro Eccleſiaſtico*, pag. 371, ſe lembra Baudrand no ſeu *Lexicon*, dizendo: *Amphilochia urbs Callaicorum in Hiſpania Tarraconenſi, Straboni à Teucro condita, nunc diruta jacens.* Que ſe enganou na arrumaçaõ della, he claro; porque a Cidade de Amphilochia, que nos antigos ſe acha com eſte nome, nos Romanos com o de *Aquæ Callidæ*, e a que os Suevos deraõ o nome de *Orenſe*, pelo ouro, que ſe achava no rio Minho, que a banha, he a meſma, que no 2. tit. no Index, que faz dos nomes proprios, nomea deſta ſorte: *Orenſe Amphilochia Auria Aquæ Callidæ, urbs Hiſpaniæ in Gallecia*, a qual ficava na Provincia Bracharenſe, e naõ na Tarraconenſe, ſegundo as demarcações antigas; porém como ſeguio a Argaiz, naõ podia deixar de cahir

em algum erro; porque he muy costumado este Author a achar novidades. Desta Cidade faz larga mençaõ o *Agiologio*, no Commentario de 2 de Janeiro, letr. A. Junto a ella, pelos annos de 138, padeceo Santa Marinha o Martyrio, no Lugar bem conhecido de Aguas Santas, (nome, que lhe deraõ os milagrosos effeitos, que experimentaõ os enfermos, que concorrem a este Lugar, ou a beber, ou a banharse, principalmente os que padecem maleitas) nasceo este prodigio, de que como temos visto, naõ podendo o Tyranno acabar com a Santa Virgem com nenhum genero de martyrio, lhe mandou cortar a cabeça, à qual succedeo o mesmo, que à de Saõ Paulo em Roma, dando tres saltos na terra, e de cada hum nasceo huma fonte, e dellas tantas maravilhas, como experimentaõ os moradores de todo o Reyno de Galliza. Neste mesmo Lugar se conserva debaixo da terra hum forno, para que se desce com escadas, e conforme a tradiçaõ, nelle foy lançada a Santa, naõ lhe fazendo mal o fogo, como em outro tempo aos Meninos de Babilonia. Neste forno se vê com admiraçaõ hum buraco muy estreito, pelo qual contaõ os moradores, fiados na tradiçaõ, sahira a Santa, e he digna de reparar a estreiteza deste buraco, que naõ he possivel caber nelle corpo algum humano, por mais delicado que seja. Parece, que Deos por especial merce subtilizou o corpo de Santa Marinha, a modo de Angelico Espirito, acreditando desta sorte a pureza de sua Esposa: se he, que o tempo, que tambem costuma mudar as figuras, naõ apertou de alguma sorte a fabrica humana deste buraco, por algum incidente; porém de nenhuma sorte duvidamos do poder do Altissimo, principalmente quando à força de milagres edificou a sua Igreja.

He grande a variedade, que achamos entre os Authores, assim de Hespanha, como Estrangeiros, sobre as acçóes de Santa Marinha, confundindo a nossa Portugueza, com Santa Marinha de Alexandria Virgem sómente, e com a de Antiochia Virgem, e Martyr, sendo a primeira, a que com nome de Marinho viveo alguns annos no estado de Donato, sendo Porteiro de hum Convento de Monges, a quem huma mulher levantou o testemunho, que a tinha prenhe; pelo que o Abbade lhe ordenou entre outras penitencias, que criasse publicamente na Portaria o filho, e por sua morte se vio a falsidade com que a infamaraõ, e a paciencia da Santa Donzella, com que sofreo o testemunho. A outra Santa Marinha de Antiochia, a quem Surio, e outros nomeaõ por Santa Margarida, cujas acçoens se parecem mais com a nossa Santa, ainda que com a differença, que vay de Galliza, a Grecia, e de Antiochia, onde padeceo a Amphilochia, onde a nossa Santa foy martyrizada. O Mestre André de Rezende, na douta *Epistola*, que escreveo a Bartholomeu de Quevedo, sobre muitos Santos de Hespanha, pag. 182. *penes me*, no Tomo, em que andaõ as suas Obras, censura o erro de levarem a nossa Santa Marinha a Antiochia com estas elegantes palavras: *Imitabimur ne bellum illum scriptorem, qui pro gestis Sanctæ Marinæ Virginis, & Martyris, apud Aquicaldensis ad Limiam passæ Sanctæ Margaritæ, à primo, principio, ad extremum usque finem gesta nobis obstruxit, se Theotimum faciens, & Antiochiam, ad quam Olibrius venerit Tyden Callæciæ Civitatem somnians nihil audacius imperitia.* O *Martyrologio Romano*, neste dia, faz mençaõ da nossa Santa, dizendo: *Galleciæ in Hispania Sanctæ Marinæ Virginis, & Martyris*; e Baronio nas annotaçóes ao mesmo Martyrologio o segue, e a 20 de Julho faz mençaõ de Santa Margarida, a quem os Gregos, diz, que tambem chamaõ Marinha, que he a de Antiochia. Toda esta confuzaõ nasce, como já repararaõ graves Anthores, de que quando Eusebio Cesariense passou de Grecia a Hespanha, e escrevendo em Grego as Vidas dos Santos, que achou nella, de quem Methaphrastes se aproveitou, confundio as acçóes de huma, com outra, atribuindo muitas da nossa, à outra; erro, que experimentamos com grande pezar em outros muitos pontos da *Historia Ecclesiastica de Hespanha*, naõ taõ facil de averiguar, como este, (a cujo favor está o Martyrologio Romano) e por isso vemos tanta variedade nos nossos Authores; porque o genio he desprezador das cousas, parecendo-lhe, que para serem grandes, naõ necessitaõ de se engrandecerem pelos seus naturaes. Tambem achamos nomeada a nossa Santa com o nome de Gemma, que he o mesmo,

que

que Perola, de que veyo chamarem-lhe Margarida, e por esta razaõ vemos no nosso Reyno de Portugal, e no de Galliza, tantas Margaridas, e Marinhas, em veneraçaõ da nossa Portugueza Santa Marinha. Suas preciosas Reliquias se veneraõ em huma Igreja do seu nome, que no mesmo Lugar de Aguas Santas, onde se crê padeceo martyrio, lhe erigio ElRey D. Affonso o Magno; depois por toda Hespanha se lhe edificaraõ muitas, principalmente nas Cidades de Toledo, e Sevilha. No Bispado de Tuy, se vem quinze Igrejas com o nome da nossa Santa. O Convento da Costa, no Arcebispado de Braga, he da invocaçaõ de Santa Marinha, como diz Estaço nas *Antiguidades de Portugal*, cap. 25. num. 18, de quem Garibay diz ser Fundaçaõ de D. Mafalda. O Convento de Saõ Salvador de Leres, junto a Ponte Vedra, foy dedicado entre outros muitos Santos, a Santa Marinha, como refere Morales, liv. 10. cap. 8, e tambem Yepes, no tom. 4. cent. 4. pag. 55, e tom. 5. pag. 266, se lembra de dous Mosteiros da mesma invocaçaõ. Na Cidade de Palencia, he celebre Santa Marinha, da qual na sua Cathedral, entre muitas Reliquias, tem huma desta Santa, como refere o Doutor Pedro Fernandes del Pulgar, no *Theatro Clerical das Igrejas de Hespanha*, part. 1. resoluçaõ num. 10. Saõ muitas as Igrejas, e Ermidas, com o seu nome por todos os Bispados do nosso Reyno. No Porto tem dez Igrejas Parochiaes, como diz D. Rodrigo da Cunha: nelle se faz festa com Officio duplex. No de Coimbra, na Serra da Estrella, ha huma Villa com o nome de Santa Marinha. Na inclita Cidade de Lisboa, o Priorado de Santa Marinha, que he rendoso; e em outros muitos Padroens, que testemunhaõ a devoçaõ do nosso Reyno, o poderamos mostrar, se naõ temeramos já cansar ao Leitor. Trataõ desta Santa, além dos já nomeados acima, o *Breviario antigo Palenciano*; D. Joaõ Tamayo no *Martyrologio Hispano*; o *Lusitano* do Padre Alvaro Lobo; o *Castelhano* do Padre Vasques, todos neste dia; o *Jardim de Portugal*, pag. 45; Sandoval *Igrejas de Tuy*, pag. 36, e pag. 37. vers. Pedro Henriques de Abreu na *Vida de Santa Quiteria*, pag. 232; *Benedictina Lusitana*, part. 1. pag. 474; Purificaçaõ *Chronica dos Eremitas*, tom. 1. cap. 4. pag. 118; Marieta *Vida dos Santos*, liv. 4. cap. 12. pag. 91; Faria *Europa Portug.* part. 3. pag. 206; Vasconcellos *in Descrip. Reg. Lusit.* pag. 445; Gil Gonçalves de Avila *Theat. Eccles.* tom. 3. pag. 376; Bosch. no *Triunfo dos Santos*, neste dia, inda que a faz natural de Bayona; Albergaria *Triunfo da Nob. Lusit.* pag. 60. m. 1. Pedro de Natalibus *in Cat. SS.* liv. 6. cap. 120; o Padre Bartholomeu Guerreiro na *Coroa dos Religiosos da Companhia*, cap. 5. pag. 228; Causino *Corte Divina Ephemer. do mez de Julho*; o Conde de Mora na *Historia de Toledo*, part. 1. pag. 408. Na Igreja do Porto, e seu Bispado, se reza de Santa Marinha, neste dia, com o Officio *Duplex maius*, ainda que com o Officio do commum das Virgens, e Martyres; Bonardo no seu *Poema Heroico*; Bautista Mantuano; Jeronymo Vida, que cita Bivar; o Padre Solero, e seus Companheiros; no Tomo IV. de Julho *Acta Sanctorum*, pag. 376.

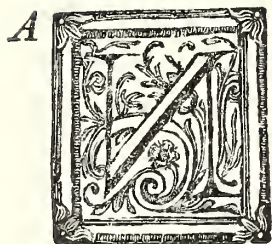
C Banhado com as aguas do Rio Douro, junto à Cidade do Porto, fica o Mosteiro de Monchique, da Observancia de Saõ Francisco; nelle professou Sor Magdalena das Chagas, que nasceo na dita Cidade, e foraõ seus pays Gaspar Vieira, e Bernarda de Sousa, gente de honestos, e bons costumes, que a educaraõ entre santo temor de Deos, que ella soube muy bem observar, gastando os primeiros annos da mocidade com amor à virtude, até que aos vinte cinco annos tomou estado de casada, que lhe durou outros vinte e cinco; e tolerando com paciencia as adversidades da fortuna, se recolheo à Religiaõ, quando entrava nos cincoenta, já desembaraçada do matrimonio; e entrando neste Mosteiro, viveo nelle vinte e cinco annos, dando gloriosos documentos de exemplo às suas Religiosas, como vimos no Texto, e morreo neste dia, no anno de 1686, e ao mesmo tempo que faleceo, foy revelada a gloria da sua alma a huma Religiosa do Mosteiro de Saõ Bento da mesma Cidade. Lembra-se della Soledade, na IV. Parte da *Historia Serafica da Provincia de Port.* liv. 3. cap. 24. pag. 350.

D Naõ temos de Sor Violante da Ascensaõ mais noticias, que as referidas no Texto, que devemos a Fr. Pedro Martyr, no *Diatario Virginal*, neste dia; porque na *Historia de Saõ Domingos*,

mingos, na part. 3. liv. 2. cap. 9. em que se escreve a fundaçaõ deste Mosteiro, que teve principio no anno de 1529, naõ se faz mençaõ desta Religiosa, devia ser entre aquellas, que confessa omittir, pelo muito, que tem que escrever.

E Naõ sabemos de D. Bernarda, nem o appellido, nem mais, que o referido no Texto, e que faleceo neste dia, no anno de 1674, por naõ se alargarem a mais as Memorias, que temos deste Mosteiro, já outra vez allegadas.

JULHO XIX.

A Rainha D. Filippa.

AO sumptuoso, e Real Convento da Batalha, o Anniversario da Santa Matrona, virtuosa Heroina, e inclita Senhora a Rainha D. Filippa, de nascimentó Ingleza, e pela Coroa, que logrou na terra Portugueza, sendo digna consorte do Feliz, do Grande, do Pay da Patria, D. Joaõ o I. do nome entre os Reys de Portugal. Foy esta Princeza desde os primeiros annos da sua vida inclinada a santos exercicios, crescendo com a idade a perfeiçaõ, de sorte, que foraõ as suas acções respeitadas como de Santa, deixando nellas huma singular idéa de Excellentes Princezas. Rezava o Officio Divino todos os dias, e em as sestas feiras o Psalterio; e em quanto estava nestas occupações, naõ fallava a pessoa alguma, sendo nellas taõ indespensavel, que quando a doença lhe impedia podello recitar, na sua prezença mandava rezar todas aquella devoções, que tinha por costume, a que estava com grande devoçaõ attenta, o que observou sempre em todos os actos da Religiaõ Catholica, que exercitava. Na oraçaõ, em que era continua, offerecia a Deos gloriosos sacrificios de humildade. A abstinencia nos jejuns repetia com grande frequencia, e a punhaõ em summa debilidade; porque era de huma delicada natuteza, mas nada a fazia afrouxar do ardor do seu espirito. Da Real mesa usava com tal parcimonia, que comia o precizo, para sustentar a vida, sem que se lembrasse de delicias, para satisfazer o gosto. No Culto Divino teve grande cuidado, para que fosse servida a Divina Magestade com toda a decencia, e summa perfeiçaõ; e assim era versada nas ceremonias da Igreja, taõ scientificamente, que muitas vezes as ensinou, e outras advertio a Sacerdotes doutos, e exemplares, de que se servia. Nunca teve tempo ocioso, porque ou rezava, ou meditava, ou lia; e o que lhe restava

tava deſtas obrigações, e das da Mageſtade, gaſtava trabalhando nos exercicios do ſexo, como ſe naſcera ſómente para eſte emprego, ſem que a Mageſtade lhe fizeſſe horror a ſe occupar, como as de mais mulheres. Dos adornos uſava por penſaõ da ſoberania, e naõ faltando à Real decencia, naõ excedia os limites da modeſtia, ſem que eſta lhe fizeſſe perder o reſpeito; porque nella teve principio a magnificencia do Palacio das Rainhas Portuguezas; pois naõ impedem as obras virtuoſas a policia, e gravidade, que na ſua familia fazia obſervar. Governou a ſua Caſa, como a Mulher Forte, de que falla a Eſcritura Sagrada, toda prudencia, e cuidado; e deſta ſorte criou ſeus filhos em ſanto temor de Deos, e fóra de mimos ſuperfluos, os exhortava ao valor, e os encaminhava a amarem as boas letras, e aſſim ſahiraõ ſcientes, de maneira, que quando empunharaõ a eſpada, já tinhaõ conſeguido os triunfos de Minerva. As ſuas rendas particulares, deſpendia em beneficio das Igrejas, e Moſteiros. Aos pobres ſoccorria com groſſas eſmolas, ſendo preferidas as Donzellas nobres, que dotava com Real grandeza. Da ſua authoridade ſe valia, para patrocinar os ſeus vaſſallos, que amava como mãy, e naõ como Soberana Rainha. Quantas vezes ſe vio aquelle magnanimo coraçaõ afflicto, por naõ poder remediar os miſeraveis neceſſitados? Nunca pedio ſatisfaçaõ de erros commettidos contra a ſua peſſoa, nem eſta deu nunca motivo a ſe eſcandalizar peſſoa alguma. A ſua vida foy hum exemplar da perfeiçaõ do eſtado conjugal, porque amou ternamente a ſeu marido; e era tal a ſua honeſtidade, que a todo o tempo ſerá norma de virtuoſas Donzellas, e taõ diſcreta, que ſendo Santa, era abonadora da Palaciana galantaria, naõ excedendo eſta os limites da decencia cortezãa. Amava tanto a paz, que por ella fazia a Deos continuas ſupplicas, deſejando a uniaõ, e concordia nos Principes Chriſtãos, procurando, que as ſuas forças ſe moveſſem ſómente contra os inimigos da Fé. Finalmente, as ſuas virtudes fizeraõ glorioſo o Reynado del Rey ſeu marido, cujo nome ſerá ſempre ſaudoſo na memoria dos Portuguezes, e geralmente venerado na das Nações eſtranhas, como de hum dos Heroes, que empunharaõ Sceptro, que ſoube reger com prudencia, valor, e fortuna. Teve a Rainha grande devoçaõ com a Virgem Senhora Noſſa: ao ſeu patrocinio atribuîo todas

das as felicidades, que experimentou em toda a sua vida. Adoeceo ferida do horrivel mal da peste, em que ardia Lisboa, em o Lugar de Sacavem, para donde se tinha retirado, e na hora da morte mereceo ser visitada pela Rainha dos Anjos, de que chea de gozo, e respeito, se lhe ouvio dizer: *Grandes louvores vos sejaõ dados, Soberana Senhora, que do Ceo vos dignastes de me visitar.* Confortada com taõ sagrado patrocinio, se preparou para morrer, e despedindo-se delRey com varonil constancia o animou, e a seus filhos exhortou com Christãos, e prudentes conselhos, e lhe predisse o dia da jornada de Ceuta, dividindo entre elles huma reliquia do Santo Lenho, por penhor do seu amor. Deu mais a cada hum delles huma espada preciosamente ornada, que tinha mandado lavrar, para o dia que fossem armados Cavalleiros, encommendando-lhes muito, que o soubessem ser de Christo, e que só a desembainhassem por gloria, e exaltaçaõ da Fé; e lançando-lhes a sua bençaõ, mandou, que naõ voltassem à sua prezença; e pedindolhe dessem o Santissimo Viatico, o recebeo com humilde devoçaõ, e levantando as mãos ao Ceo, com fervorosas jaculatorias impetrou o Divino auxilio, pedindo com verdadeira humildade perdaõ a Deos das suas culpas. Depois de ter recebida a Santa-Unçaõ, mandou chamar os Capellães, e lhes ordenou, que lhe rezassem o Officio da Agonia, que ouvia com cuidado, e devoçaõ, e com tal acordo, que se algum errava, ella o advertia, e na ultima oraçaõ, compondo-se na cama muy brandamente, levantou os olhos ao Ceo, e com muita suavidade largou as prizoens do corpo, ficando com rosto alegre, e aprazivel, trocou a Coroa temporal pela Eterna, aos sessenta e quatro annos da sua idade, deixando gloriosa memoria da sua innocente vida.

Fr. Jorge da Mota Dom.

B Em a Cidade de Malaca, a memoria do Padre Fr. Jorge da Mota, Dominico, zeloso operario da propagaçaõ do Evangelho, por cuja honra sofreo muitos trabalhos: entrando no Reyno de Camboja, foy bem recebido com seu Companheiro Fr. Luiz da Fonseca; porém alterando-se em breve o governo pelos mal contentes, se armou em seu favor o Rey de Siaõ, com hum poderoso exercito, com que entrou pelo Reyno de Camboja, assolando, e destruindo todas as povoaçoes, até que senhoreando a Cidade de Angor, Corte daquelle

Rey-

Reyno, ſe declarou ſeu Rey, e com injuria do direito das gentes, fez naõ ſó aos contrarios, mas ainda aos mal contentes, em cujo favor ſe armou, ſeus eſcravos. No numero dos mais entrou Fr. Jorge da Mota, e ſeu Companheiro, e foraõ levados a Siaõ, em que ſofreraõ as injurias, e trabalhos do cativeiro, muitas vezes mais duro, do que o ferro do alfanje, como experimentaraõ eſtes Miſſionarios. Mas Deos, que ſempre ſoccorre nas mayores tribulaçoens aos afflictos, e poem na boca as palavras, para perſuadir, e obrigar aos Reys, e Principes da terra ao conhecimento da verdade, inſpirou Fr. Jorge, que fallaſſe ao Rey de Siaõ com tal efficacia, animo, e perſuaſaõ, que convencido das palavras, e rendido da gravidade, e modeſtia dos Religioſos, os melhorou de fortuna, e por ſua interceſſaõ ſe moderou a prizaõ aos mais Portuguezes. Foy admittido Fr. Jorge muitas vezes à prezença del-Rey; e era tal a doçura das ſuas palavras, que lhe teve particular reſpeito. Creſceo tanto no favor, que o deſpachou com commiſſaõ para Malaca, a procurar o reſgate dos Portuguezes, que cativara em Camboja. Aproveitou-ſe eſte ſabio Religioſo da occaſiaõ, e pedio-lhe licença, para levantar huma Igreja, e de poder elle, e ſeu Companheiro prégar a Fé de Jesu Chriſto, o que lhe concedeo. Em quanto Fr. Jorge negociava em Malaca o reſgate, enſinava Fr. Luiz os infieis. A commiſſaõ foy tambem ſuccedida, que ſe deu ElRey por ſatisfeito, e com novas merces moſtrou a ſua ſatisfaçaõ, concedendo-lhe privilegio de poder trazer chapeo alto, preeminencia, que ſó logaõ as peſſoas de qualidade conhecida de ſangue Real. Era já taõ publica a valia de Fr. Jorge, que por ſua interceſſaõ fazia merces aos naturaes, o que cauſava ciume, e inveja nos grandes da ſua Corte, que ſe queixavaõ ao Rey; e finalmente lhe vieraõ a incitar o odio, fazendo-lhe culpa ſua da caſualidade de huma pendencia, que hum Portuguez teve com hum Soldado da Guarda delRey, que ſahio mal ferido. Eſta briga ſe contava como inſolencia, naſcida do atrevimento da confiança, em que os punha a valia de Fr. Jorge; porque com ella naõ ſeriaõ punidos os ſeus crimes, ainda ſendo em injuria, e deſprezo da naçaõ. O demonio, que via ſe augmentava o Culto de Deos, naõ ſatisfeito de tirar a vida a ſeu Companheiro, fez, que Fr. Jorge foſſe reputado por incurſo em crime

contra

contra a Coroa; aſſim determinou ſecretamente largar a Corte. Deparou-lhe Deos huma embarcaçaõ, que viera de Manilha, em que eſtava hum Religioſo da ſua Familia; negociou com elle o embarque, com naõ pouco receyo do Meſtre, e dando à véla, foraõ ſeguidos, logo que ſe ſoube, de que na embarcaçaõ hia Fr. Jorge; e chegando-ſe a aviſtar, pretenderaõ render o navio, que com valor, e reſoluçaõ ſe defendeo, matando grande numero dos Barbaros; do navio ficaraõ muitos feridos, e entre elles Fr. Jorge, taõ mal tratado, que morreo das feridas, aſſim que chegou a Malaca, perdendo a vida em odio da Fé.

Fr. Manoel do Beco Piedoſo.

C Na Villa do Sardoal, no Convento de Noſſa Senhora da Charidade, acabou com placida morte o curſo da vida mortal, para a lograr eterna, Fr. Manoel do Beco. Deſde que entrou na Religiaõ, deixou ver na alegria externa a paz, e contentamento do ſeu eſpirito; e ſendo a vida aſpera, e o rigor da obſervancia da Religiaõ grande, aſpirava a mayor perfeiçaõ a ſua alma; para o que deixando muitas noites as pobres mantas, que lhe ſerviaõ de abrigo, as paſſava contemplando diante do Santiſſimo Sacramento. Teve com os enfermos grande charidade; adornava eſta virtude com huma profunda humildade, em que ſe conſervou toda a vida, até que com huma penoſa doença, em que prediſſe entre outras couſas, que depois ſe viraõ verificadas, o dia da ſua morte.

O Padre Fr. Frãciſco de Santo Antonio Arrabido.

D No meſmo dia, no Convento do Eſpirito Santo de Loures, da Provincia da Arrabida, ſe deſpedio devotamente deſte Mundo o Padre Fr. Franciſco de Santo Antonio, Religioſo de animo ſincéro, e candido, e de muita penitencia, em quanto as forças lho premittiraõ, ſendo muy continuo nos jejuns de paõ, e agua, e outras penitencias, com que ſe mortificava. Edificou ſempre com o ſeu exemplo, de tal ſorte, que mereceo ſer eleito Guardiaõ, quando ainda era Choriſta: tal era a ſua virtude, e a humildade daquelles Religioſos, dava taõ boa conta dos lugares da Religiaõ, que toda a vida andou occupado nas Prelazias, e ultimamente, tendo dous annos de Provincial, renunciou o Officio, por ſe naõ achar com forças de viſitar a Provincia.

Fr. Mathias da Conceiçaõ Arrabido.

E Item no Hoſpital Real deſta Cidade, Fr. Matthias da Conceiçaõ, Frade Leigo da meſma Familia, taõ bem inclinado,

do, e devoto, que ſendo Secular paſſou a Jeruſalem a viſitar os Santos Lugares, em que teve feliz complemento a redempçaõ do genero humano. Recolhido à Religiaõ, edificou ſempre com a modeſtia, e compoſtura religioſa, e com a ſua exemplar vida. Elevava-ſe todo em ouvindo fallar de Deos, deſejando ſempre eſta pratica. Foy Enfermeiro alguns annos no Hoſpital, em que ſervia com muita charidade, e canſado do trabalho, por ſerem muitos os enfermos, a quem acodia com grande pontualidade, veyo adoecer de huma ardente febre, e encoſtando-ſe na cama dormio em o Senhor, onde depois foy achado com grande ſentimento de ſeus Companheiros, que o amavaõ pela ſua virtude.

Sor Brites da Cruz Dominica.

F No Moſteiro da Roſa de Lisboa, a ſuave morte de Sor Brites da Cruz, a quem o Senhor quiz acreditar com hum eſpecial favor, ſendo recebida na triunfante Jeruſalem, com evidentes ſinaes do ſeu amor, pois com Celeſtes muſicas foy annunciada a ſua morte. Achava-ſe doente havia mezes, e ainda que debilitada dos achaques, ſe lhe naõ temia fim apreſſado, quando hum dia, depois de ter jantado com goſto, eſtava na caſa do lavor, a tempo que a Communidade ſe achava no refeitorio, começou a ouvir huma voz acompanhada da ſuavidade de muſica, a que ſeguiaõ outras com igual conſonancia, como Angelica; e imaginando, que ſeria a Cantora môr, que dava exercicio às diſcipulas, diſſe a ſua tia, que a acompanhava: muito madruga eſta Madre a eſtudar. Ao meſmo tempo ſahio do refeitorio a Communidade, e reparando na muſica, ſe admiravaõ todas, pois ſe viaõ juntas, e naõ podiaõ ſaber donde procedeſſe tal armonia. Poucas horas depois começou Sor Brites a toſſir, que era parte do ſeu mal, e ſobrevindo-lhe ſangue pela boca, em breve eſpaço largou as prizoens da mortalidade, para receber o premio da ſua virtuoſa vida, tendo na noite antecedente ouvido as meſmas vozes da parte do Coro.

Sor Maria da Encarnaçaõ Domin.

G Item no Moſteiro do Bom Succeſſo, da meſma Familia Dominica, Sor Maria da Encarnaçaõ, que deſde os primeiros annos de ſua idade ſe criou neſta Obſervante Caſa, com taõ admiravel genio, manſidaõ de animo, e ſofrimento, que nunca ſe deſculpou, ainda que foſſe argúida, o que ſervindo de reparo às ſuas Companheiras, lhe perguntavaõ a cauſa daquelle

ſilencio, a que reſpondia, que era melhor ſofrer pelo amor de Deos, e deſta ſorte fazia ſacrificio grato ao Senhor. Foy muy cordeal devota da Rainha dos Anjos, e do Patriarca Saõ Joſeph, a quem ſempre nomeou com o titulo de ſeus Pays, cujos ſagrados merecimentos lhe ſeguraraõ o premio das ſuas virtuoſas obras.

Fr. Ignacio Eremita de S. Agoſtin.

H No Convento de Noſſa Senhora da Graça dos Eremitas de Santo Agoſtinho, ſerá ſempre feliz a memoria do Padre Fr. Ignacio, que exercitando-ſe em todo o genero de virtudes, com que fazia as ſuas obras dignas do Conſpecto Divino, cheyo de glorioſos merecimentos acabou em o Senhor.

Sor Magdalena do Sacramento, Franciſc.

I Em o Moſteiro de Santa Clara da Cidade de Beja, ſerá ſempre ſaudoſa a memoria da Madre Sor Magdalena do Sacramento, em quem a graça começou a reſplandecer deſde os ſeus primeiros annos em vida ſanta, dando-ſe ao exercicio da oraçaõ, mortificando-ſe com jejuns, e affligindo o ſeu delicado corpo com diſciplinas, e outras aſperezas, que tudo com os annos adiantou, e aperfeiçoou, com tanta edificaçaõ publica, que conſeguio ſer commummente appellidada pelo povo com o nome da *Freira Santa*, o que ſe acredita com o ſucceſſo ſeguinte. Venera-ſe neſte Moſteiro huma Imagem da Virgem Santiſſima, muy antiga, que viera da India no anno de 1519, e mandara o Governador do Eſtado Diogo Lopes de Sequeira, a huma ſua parenta Religioſa, a qual por ſua morte a recommendou à Madre Magdalena do Sacramento, e a duas Religioſas irmãas, peſſoas tambem de grande eſpirito, e devoçaõ, chamadas Marianna dos Serafins, e Anna da Madre de Deos, que viviaõ juntas, e na ſua cella, e nella tinhaõ, e veneravaõ a Senhora; porém querendo as duas augmentarlhe o culto, a mudaraõ para o dormitorio, collocando-a em hum Oratorio, que ficava encoſtado à parede da caſa da Madre Magdalena do Sacramento; porém como o ſitio era eſtreito, que ſe naõ podia alargar, intentaraõ buſcar outro para a collocarem, o que ſe difficultava muito, porque eraõ diverſos os pareceres; e vendo-ſe perplexas, e irreſolutas, tomaraõ o arbitrio, que Deos o inſpiraſſe por ſorte, aſſim fizeraõ diverſas cedulas, com as partes nomeadas, que ſe haviaõ apontado, e tirando a ſorte, ſahio repetidas vezes o meſmo lugar, em que a Senhora de preſente eſtava, onde era impoſſivel

poſſivel alargarſe ; porque dava em huma parede da caſa da Madre Magdalena, embaraçadas aſſim com eſta duvida: acontece adoecer a meſma Religioſa taõ gravemente, que chegando aos ultimos periodos da vida, de ſorte, que acabou na opiniaõ de todos, cuidando que morrera; aſſim lhe fizeraõ os ſinaes coſtumados, e outras demonſtrações de piedade, uſadas com as que morrem; porém (caſo maravilhoſo!) a reputada na opiniaõ de todas por morta, à viſta de todos fallou, dizendo: *Que ella vivia por beneficio da Virgem Santiſſima, que nella obrara aquelle prodigio, e que lhe ordenara lhe deſſe a ſua varanda, para ſe fazer a ſua Capella*, o que ſe executou com grande ſatisfaçaõ da Communidade, que engrandecendo o poder da Senhora, louvavaõ a Serva. Naõ deu aqui fim o prodigio; porque com outros acreditou a meſma Senhora a eſtimaçaõ, que fazia de huma tal Devota. Succedeo depois adoecer a Madre Magdalena do Sacramento, na primeira referio, que eſtando como ſonhando, lhe appareceo a Virgem Santiſſima, e lhe diſſera: *Que deſſe hum lugar, em que ſe puzeſſe hum ſino, para chamar todos os dias as devotas do Terço do ſeu Roſario.* Na ſegunda doença foy tambem recreada com a glorioſa vizaõ, apparecendo-lhe a meſma Senhora, lhe diſſe: *Que deſſe a cera para arder, em quanto ſe aſſiſtia à devoçaõ do Terço.* Melhorou da doença, mas ficou ſem falla, ſem que no decurſo de dezoito annos, que depois viveo, proferiſſe mais que eſtas devotiſſimas palavras *Maria Mãy de Deos*, com as quaes reſpondia a tudo, o que lhe perguntavaõ, cauſando mayor admiraçaõ nas ſuas Companheiras, ouvirem-na clara, e diſtinctamente cantar o Terço, a que muitas vezes fazia a levaſſem em huma cadeira, por eſtar baldada. Era taõ acreditada a ſua virtude naquella Caſa, que ſua irmãa a Madre Feliciana da Cruz, ſendo Abbadeſſa em todas as neceſſidades da Communidade recorria às ſuas orações, para que impetraſſe de Deos o deſpacho, a que ella naõ dava mais repoſta, que as coſtumadas palavras *Maria Mãy de Deos*, e no meſmo inſtante ſe viaõ os prodigioſos effeitos da efficacia, com que as proferia, com admiraçaõ de toda a Communidade, que por muitas vezes experimentou na ſua deprecaçaõ maravilhoſos effeitos do poder Divino. Finalmente, tendo com a ſua exemplar vida edificado as ſuas Companheiras na obſervancia, em que era exactiſ-

ſima das leys da Ordem, que profeſſara, chea de annos, e merecimentos, paſſou a viver como piamente cremos na Bemaventurança.

Commentario ao XIX. de Julho.

A DE Duarte III. e Filippa, Reys de Inglaterra, foy filho quarto Joaõ de Ganti, que caſou com Branca, filha herdeira de Henrique, Duque de Lencaſtre, em que lhe ſuccedeo no titulo, e mais Eſtados. Deſte matrimonio naſceo Henrique, que depois Coroado Rey de Inglaterra, a 13 de Outubro de 1399, foy o quarto do nome, entre os Reys daquella Coroa; e Filippa, que foy Rainha de Portugal, que he o noſſo aſſumpto, e Iſabel, que caſou com Joaõ de Holanda, Conde de Huntingdon, e ſegunda vez com Joaõ Bornwai Baraõ de Fanhope de Milbrook. Morta a Duqueza Branca, paſſou o Duque a ſegundas vodas com D. Conſtança, filha delRey D. Pedro de Caſtella, chamado o Cruel, e da Rainha D. Maria de Padilha, (como dizem alguns Authores) que deſpojada da Coroa, por ſeu irmaõ D. Henrique, paſſou a Inglaterra, com eſta, e mais duas filhas D. Beatriz, e D. Iſabel, onde ficaraõ ſem mayor fortuna, que o ſeu Real naſcimento. Deſte matrimonio naſceo D. Catharina: depois caſou com Henrique III. Rey de Caſtella, que por ſua mãy era herdeira legitima da Coroa Caſtelhana. Com eſte direito paſſou o Duque de Lencaſtre ſeu pay a Heſpanha, perſuadido delRey D. Joaõ o I. e chegando com proſpera viagem a Corunha, a 26 de Julho de 1386, de que ſe fez Senhor, ſe começaraõ a intitular Reys de Caſtella, o Duque, e ſua mulher a Infante D. Conſtança. Deu parte a ElRey D. Joaõ da ſua chegada, e dos progreſſos das ſuas Armas, que ſe achava entaõ em a Cidade de Lamego: aſſinou eſte parte para ſe verem, e das conferencias ſe ajuſtou entre eſtes dous Principes huma liga, que ſe confirmou com os apertados vinculos do parenteſco. Determinou-ſe, que ElRey caſaſſe com huma filha do Duque, ao preſente Rey de Caſtella. Trazia comſigo do primeiro matrimonio, como temos dito, a Filippa; e do ſegundo Catharina, em quem eſtava o direito da Coroa de Heſpanha. Eraõ diverſos os pareceres; porque alguns politicos deſejando alargar os dominios da Coroa Portugueza, lhes parecia boa a occaſiaõ de poder unir a ella a Caſtelhana; mas ElRey que antevia o a que ſe obrigava com as novas pertenções, eſcolheo para eſpoſa a Filippa, e na Cidade do Porto foraõ celebradas com grande pompa, e Mageſtade as vodas, em dia da Purificaçaõ, do anno de 1387, tendo ElRey 29 annos, e a Rainha 28, dotados de fermoſura, diſcriçaõ, e tal modeſtia, que o ſeu modo era andar com os olhos baixos, e o roſto cuberto de hum natural pejo, que nos vaſſallos cauſava reſpeito, o que nella era ſubmiſſaõ: a eſtas partes unio virtude ſolida, pelo que mereceo ſer tida por Santa, como vimos no Texto. Deſte auguſto matrimonio teve a Rainha D. Filippa oito filhos. I. D. Branca, que morreo menina. II. D. Affonſo, que faleceo de dez annos. III. D. Duarte, que foy Rey unico do nome. IV. O Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, Regente do Reyno, que acabou na infelice Batalha de Alfarrobeira, digno de mayor fortuna, e de ſer Senhor de huma Monarchia. V. D. Henrique, Meſtre da Ordem de Chriſto, Valeroſo, Sabio, e Santo, digno de taes pays, devendo aos ſeus eſtudos, e cuidado, naõ ſó Portugal, mas Caſtella, os dilatados Dominios, de que ſaõ Senhores. VI. O Infante D. Joaõ, Meſtre da Ordem de Santiago. VII. D. Fernando, Meſtre da Ordem de Aviz, a quem chamamos o Infante Santo, e delle ſe faz honorifica mençaõ, no *Agiologio*, a 5 de Junho. VIII. A Infante D. Iſabel, que caſou com Filippe o Bom, Duque de Borgonha, de Brabante, e de Limbourg, que em memoria de tal conſorte inſtituío a preclariſſima Ordem do Tuſaõ de ouro, no dia do ſeu matrimonio, a 10 de Fevereiro do anno 1429; e depois formando-lhe Eſtatutos em Lila, a 27 de Novembro

vembro de 1431, ſe compunha de trinta e hum Cavalleiros, Gentil-homens de Nome, e de Armas, de que elle, e ſeus ſucceſſores ſeriaõ ſempre Chefes, e Soberanos. Neſta Ordem ſe prohibia poderem ter outra alguma de Cavallaria, excepto Emperadores, Reys, e Duques Soberanos, das que forem Meſtres, e Chefes; depois o Emperador Carlos V. com faculdade de Leaõ X. eſtendeo eſte numero ao de cincoenta. Eſtes foraõ os filhos da Rainha D. Filippa, de que por toda a Europa ſe diffundio clara ſucceſſaõ, e ella criou virtuoſamente. Apreſtava-ſe ElRey ſeu marido para a jornada de Ceuta, quando ateando-ſe a peſte em Lisboa, foy preciſo ſahir da Cidade, e ferida delle a Rainha, morreo deſte terrivel mal, neſte dia, do anno de 1415, em o Lugar de Sacavem, duas legoas de Lisboa. (naõ ſey com que razaõ lhe chama Villa o Conde da Ericeira D. Fernando) Seu corpo foy depoſitado em Odivellas, e depois levado para o Convento da Batalha, magnifica obra delRey ſeu marido, como veremos a 9 de Outubro, dia da ſua Trasladaçaõ. Eſcrevem della Faria *Europa Port.* tom. 1. part. 3. cap. 1. pag. 321; o Conde da Ericeira *Vida delRey D. Joaõ o I.* liv. 5. pag. 367; *Chronica delRey D. Joaõ o I.* de Gomes Eannes de Azurara, 3. part. pag. 135; *Chronica de Saõ Domingos*, de Souſa, part. 1. liv. 6. cap. 25. pag. 348; Mariz *Dialog.* 4. cap. 1; Maugin *Abregé de l' Hiſtoire de Portug.* cap. 11; Cramuel Philippus Prudens na *Vida delRey D. Joaõ* pag. 52; *Jardim de Port.* pag. 259; Vaſconcellos *Anacephalæoſis XII.* pag. 154; Neufville *Hiſtoire de Port.* tom. 1. liv. 3. pag. 366; Mariana *Hiſtoria General de Heſpanha*, tom. 2. liv. 18. cap. 10. pag. 117, e liv. 20. cap. 7. pag. 185; Duarte Nunes de Leaõ *Chron. delRey D Joaõ o I.* cap. 86. pag. 329; Lima *Tabletes Choronologiques, & Hiſtoriques des Rois de Portug.* Imhoff *Hiſt. Geneal.* Brit. *Tab. VII. & Stemma Regum Luſitanicum* Tab. 11.

B Entre os Religioſos da Ordem de Saõ Domingos, que no Oriente dilataraõ o Evangelho, merecem glorioſa memoria Fr. Jorge da Mota, e ſeu Companheiro Fr. Luiz da Fonſeca, de quem a 20 de Março faz mencaõ Cardoſo, no *Agiologio Luſitano*, e Soveges no *Anno Dominico*, a 17 de Abril. Pelos annos de 1599, deraõ fim as ſagradas fadigas de Fr. Jorge, cuja patria ignoramos; porém baſta-nos ſaber o ditoſo fim da ſua vida, em que naſceo para o Ceo, que devemos à *Hiſtoria da Provincia do Santo Roſario das Filippinas*, de Fr. Diogo Duarte, que tambem ſegue Soveges neſte dia, refutando ao Padre Fr. Luiz de Souſa na *Hiſtoria de Saõ Domingos* part. 3. liv. 5. cap. 7. pag. 419, que diz chegou em paz à Cidade de Malaca, ſendo elle perſeguido no caminho, em que recebeo mortaes feridas, por odio da Fé. Fr. Joaõ dos Santos na *Ethiopia Oriental*, liv. 2. cap. 7; na II. Parte cahio em outro erro, dizendo, que morrera no mar, vindo por Embaixador delRey de Siaõ, da qual voltou, como vimos no Texto, e com eſta negociaçaõ ſe adiantou na graça daquelle Rey. Jorge Cardoſo no Commentario do dia acima appontado, tambem ſeguio o meſmo; porém como a *Chronica das Filippinas*, de que já fizemos mençaõ, como intereſſada neſte ſucceſſo, pela perda de Fr. Joaõ de Saõ Pedro Martyr, ſeu Religioſo, que na meſma occaſiaõ perdeo hum braço, e veyo a morrer das feridas, declara com individuaçaõ eſte caſo; nos pareceo ſeguirmolo. Deſte Servo de Deos trataõ os Authores allegados.

C Naſceo Fr. Manoel do Beco em hum pequeno Lugar, que lhe deu o appellido, no Biſpado de Coimbra, ſeguindo o coſtume da Provincia da Piedade, em que os Religioſos pela mayor parte ſe coſtumaõ cognominar pelas terras, em que naſceraõ. Morreo no anno de 1639, ſendo Provincial Fr. Antaõ de Guimarães, como refere Fr. Manoel de Monforte, na *Chronica da Provincia da Piedade*, liv. 5. pag. 725.

D O Moſteiro, que tem junto a Loures a Provincia da Arrabida, fica em lugar apraſivel, e eminente, onde chamaõ a Mealhada, cercada de agradavel viſta, que ſe eſpalha por todas as partes em diverſas Quintas, que em verdes boſques faz mais eſtimavel a ſua vivenda. He eſte Convento hum dos mais perfeitos, que tem a Provincia. No Carneirro do Clauſtro foy enterrado Fr. Franciſco de Santo Antonio, no anno de 1588, como diz o Memorial m.ſ que temos deſta Provincia. Depois vimos a ſua Chronica, que eſcreveo o Padre Fr. Antonio da Piedade, com o titulo *Eſpelho de Penitentes*, e delle faz mençaõ na part. 1. liv. 4. cap. 21.

He

E He taõ curto o Memorial m. s. que temos desta Provincia, que rara vez se alarga a individuar as virtudes dos seus Religiosos, e assim de ordinario, nos naõ podemos dilatar, referindo as acçoes, que elles exercitaraõ na vida, tanto do agrado de Deos, como foy Fr. Matthias da Conceiçaõ, cuja morte foy no anno de 1597.

F Naõ contava muitos annos Sor Brites da Cruz, quando neste dia do anno de 1662, deu fim a huma vida toda entregue a Deos, em cuja veneraçaõ fez huma Confraria ao Santissimo Sacramento, e outra a Nossa Senhora. Foy filha de Luiz de Brito, Senhor dos Morgados de Santo Estevaõ de Beja, e de Saõ Lourenço de Lisboa, que foy sexto Visconde de Villa-nova de Cerveira, por casar com D. Ignez de Lima, filha de D. Francisco de Lima, Visconde de Villanova de Cerveira, e Alcaide môr de Ponte de Lima. Desta Serva de Deos faz mençaõ a *Historia de Saõ Domingos*, part. 3. liv. 2. cap. 4. pag. 101; os Nobiliarios deste Reyno, em titulo de *Britos*; Soveges no *Anno Dominicano*; Lima no *Agiologio Dominico*, ambos neste dia.

G O Mosteiro do Bom Successo, fica pouco distante do Lugar de Belem, para a parte do mar, cujos muros saõ banhados das aguas do celebrado Tejo, já misturadas com as do mar Occeano, em sitio agradavel, e plaino; fica-lhe a huma vista a grande Barra de Lisboa, e pela parte da terra Pedrouços, cercado de Quintas, e murado das prayas de toda aquella marinha, que se dilataõ até a Villa de Cascaes, da outra banda Caparica, e toda a parte da Além com as prayas da Trafaria, e ao Nascente a grande Lisboa, que em singular perspectiva faz huma das mais prodigiosas, e agradaveis vistas, que se póde imaginar. Tem este Mosteiro huma Igreja de linda architectura, que as Religiosas ornaõ com primoroso asseyo, sendo aqui Deos venerado com decente culto. Foy a Fundaçaõ desta Casa obra de D. Iria de Brito, Condessa de Atalaya, filha de Joaõ de Brito, e de sua mulher D. Guiomar de Ataide. Casou D. Iria duas vezes; a primeira com D. Diogo Pereira, Conde da Feira; a segunda com D. Francisco Manoel, primeiro Conde de Atalaya, de quem teve D. Nuno Manoel, que morreo menino Achava-se esta Senhora rica, porque por morte de seus irmãos Lopo de Brito, e Christovaõ de Brito, que se acharaõ naquella chamada batalha, que perdeo na Ponte de Alcantara o Senhor D. Antonio, Prior do Crato, e assim veyo a herdar a Casa de seus pays; e como naõ tinha successaõ, desejava empregar os seus cabedaes em obra do agrado de Deos. A este fim edificou a Condessa D. Iria este Mosteiro, para Religiosas da Ordem de S. Jeronymo, com a Invocaçaõ de Santa Paula, o que naõ teve effeito, e por desistencia dos Religiosos desta Ordem, se deu à de S. Domingos, para a Naçaõ Irlandeza, que perseguida dos seus naturaes, por causa da heresia, andavaõ os Catholicos peregrinando terras estranhas, buscando abrigo na piedade dos devotos. A' industria de Fr. Luiz do Rosario, Irlandez, que depois foy Confessor da Serenissima Rainha D. Luiza, e Bispo eleito de Coimbra, deve a Ordem de S. Domingos este Mosteiro, que alcançou para ser habitado de Religiosas da sua mesma Naçaõ, e naõ deixou de parecer miraculoso o successo; porque tendo pretendido Fr. Luiz na Corte de Madrid esta Fundaçaõ, lhe foy negada; e depois persuadido de huma mulher, que procurou naquella Corte no Collegio de Santo Thomás, a veyo a alcançar; e no anno de 1639, se habitou com algumas Senhoras da primeira qualidade deste Reyno. He a sua lotaçaõ de quarenta lugares para Irlandezas, que naõ pagaõ dotes, e nelle se provem supernumerarias Portuguezas. Naõ tem sujeiçaõ, senaõ immediata ao Geral da Ordem, e he governado pelo Vigario do Collegio de Nossa Senhora do Rosario, sito na Corte Real. Demos conta deste religioso Mosteiro, por ser a primeira vez, que nelle fallamos. Delle faz mençaõ Carvalh. na *Corografia Port.* part. 3. pag. 660. Nelle professou Sor Maria da Encarnaçaõ, que morreo no anno de 1664, de idade de vinte annos, e depois de passados quarenta, que foy enterrada, abrindo-se a sepultura, manou della hum suavissimo cheiro de seus ossos, que ainda naõ estavaõ totalmente todos descarnados, acreditando o Senhor com este caso a gloria de sua Serva. Lima no *Agiologio Dominico*, neste dia.

H Naõ temos mais memorias deste virtuoso Padre, do que as que referimos no Texto, tiradas de Fr. Antonio da Purificaçaõ *Chronologia Monastica Lusitana*, neste

neste dia, pag. 77, e das Memorias, que o Padre Fr. Manoel Leal, tinha junto da sua Ordem, e se conservaõ em hum livro m.s. na livraria do Mosteiro de Nossa Senhora da Graça de Lisboa.

I O antigo Mosteiro de Santa Clara de Beja, teve principio no anno de 1346, em que ElRey D. Affonso IV. com a Rainha D. Brites lhe lancaraõ a primeira pedra, em huma herdade, que o Senado daquella Cidade, entaõ Villa, comprou por quatrocentas e cincoenta livras a Pedro do Porto, dando juntamente fazenda para o dote da Casa, com que pudesse sustentar o numero de doze Religiosas; e crescendo depois com o tempo excessivamente, tem ao presente cento e sessenta e duas Religiosas professas. Sendo o motivo de sahirem da sua primeira lotaçaõ, o augmento das rendas, que teve no anno de 1517, em que se lhe uniraõ as dos Religiosos Claustraes. Com a vontade delRey se impetrou Bulla do Papa Clemente VI. para esta Fundaçaõ, a qual se conserva com outros papeis no Archivo do mesmo Mosteiro, padeceo este em diversos tempos varias ruinas, e se faz memoria da que teve no terremoto do anno de 1370, para cuja reedificaçaõ se applicaraõ as rendas da herdade do pé da Serra, e Hospital do Santo Espirito, que hoje já naõ existe, e se entende, que as suas rendas se uniraõ ao Hospital, que tem a mesma Cidade, com a Igreja de Nossa Senhora da Piedade, visinha da porta de Evora.

Neste antigo, e sumptuoso Mosteiro, houve em diversos tempos Religiosas de grande virtude, que puderaõ bem serem escritas no Agiologio Lusitano; porém participando do descuido dos nossos, de que tanto nos lamentamos, nada puzeraõ em lembrança, de sorte, que nem faziaõ assento dos obitos, pois em huma taõ numerosa familia de hum Mosteiro taõ antigo, totalmente se ignoraõ os dias, em que faleceraõ; porque sómente se achaõ desde o anno de 1690, em que era Abbadessa a Madre Feliciana da Cruz, em que se acha a Madre Magdalena do Sacramento, de quem fizemos mençaõ, que falleceo neste dia, do anno de 1694, como se vê das Memorias m. s. que temos deste Mosteiro, que nos mandou o Padre Fr. Francisco de Oliveira, com toda a exacçaõ, a que sempre nos confessaremos obrigado.

JULHO XX.

A Este dia sobio triunfante ao Ceo, coroada da immarcessivel palma do Martyrio, a inclita Virgem Santa Wilgeforte, gloria da antiga Lusitania, e singular ornamento da primitiva Christandade, que illustrou com o seu exemplo, e doutrina, animando aos Christãos à constancia da Fé, valendo-se a Divina Sabedoria do fragil sexo de huma Donzella, para fazer mais gloriosa a verdade da sua Igreja, e dando-lhe valor para resistir ao respeito de seu pay Caio Attilio, Presidente dos Romanos em Galliza, ou Regulo Bracharense, e às maternaes caricias de sua mãy Calcia, que pertendia tirarlhe do coraçaõ o amor, com que se consagrara ao Soberano Esposo, pedindo-lhe, que adorasse aos Idolos, e que naõ desgostasse a seu pay, para que naõ usasse com o seu proprio sangue da severidade, com que tyrannizava aos Christãos,

Santa Wilgeforte V. e M.

em

em obſervancia dos Edictos dos Emperadores, e que naõ eſcurecesse a memoria de taõ eſclarecidos pays, de quem recebera o ſer, com taõ indigna cegueira; mas por Divina inſpiraçaõ lhe foy ſuperiormente communicada taõ ſoberana luz, que com admiravel reſoluçaõ deixou a patria, e a caſa de ſeus pays, a quem chamaõ as antigas Memorias, Regulos Bracharenſes, e acompanhada de ſuas oito irmãas, ſe eſpalharaõ por diverſas regioens a fazer mais glorioſo o Sacroſanto Nome de Jesu, a quem conſagraraõ as ſuas vidas em perpetua caſtidade. Retirou-ſe Santa Wilgeforte a hum lugar ſolitario, e livre do trato das gentes, e nelle ſeguindo a vida Eremitica, affligia o delicado corpo com rigidas penitencias, naõ comendo mais que manjares ſylveſtres huma vez ao dia, e já na declinaçaõ delle, que era à tarde, tomava o curto alimento, com que alentava a enfraquecida natureza. Era aſſiſtida neſte inculto monte de alguns Chriſtãos, que a acompanharaõ, quando fogio da caſa de ſeu pay, de quem como Tyranno elles tambem ſe eſcondiaõ, e aqui com vigias, e orações ſe preparavaõ para o martyrio. Ainda que o tempo paſſava, naõ ſe afrouxava o odio ao nome Chriſtaõ; e aſſim tendo o Tyranno noticia, que os lugares aſperos, e fragoſos, e ſó dignos de habitaçaõ das féras, eraõ povoados de Chriſtãos, mandou correr os montes por miniſtros da ſua crueldade, com ordem de naõ perdoar a nenhum, e aſſim prenderaõ, e martyrizaraõ hum grande numero de Chriſtãos. Foy tambem achada neſte deſerto a caſta Donzella; e ainda que debilitada das penitencias, moſtrava na fermoſura a liberalidade, com que fora dotada pela natureza. Suſpenſos os algozes de tanta perfeiçaõ, ou por reſpeito da beleza, ou porque na gravidade, e geſto de ſua peſſoa inculcava esféra mayor, do que a vileza do traje, tiveraõ horror de ſerem tyrannos da fermoſa Donzella, e detiveraõ a execuçaõ da ſua coſtumada crueldade, para ver ſe cauſavaõ eſpanto no ſeu animo com os tormentos, com que affligiaõ os mais Chriſtãos; mas a admiravel Heroina animava aos companheiros à conſtancia do martyrio. Vendo os miniſtros da cruel impiedade, que naõ podiaõ com palavras perſuadir, nem a deſanimar com temor o ſeu coraçaõ, principiaraõ a executar na Santa Virgem o furor da ſua barbara crueldade, deſpedaçando-lhe o delicado corpo com crueis açoutes, e unhas

de

de ferro; mas entre taõ horriveis tormentos resplandecia na Santa, huma naõ usada modestia, como quem estava confortada pelo Divino Esposo; e assim se lhe naõ via mais, que quando o permittia a furia dos algozes, pôr os castissimos olhos no Ceo. Corrida, mas naõ vencida a tyrannia, de se ver desprezada pela invicta paciencia de huma Donzella, com ira diabolica a crucificaraõ; e assim subio a sua purissima alma ao Ceo, a receber o glorioso premio merecido. Seu sagrado corpo tirado da Cruz por alguns Christãos, foy depositado em hum lugar occulto, até que depois de muito tempo foy trasladado para a Cidade de Siguença, onde com summa Religiaõ, e frequencia do povo, se venera.

Santa Comba V. e M.

B Em Coimbra, a Festa da gloriosa Virgem, e Martyr Santa Comba, natural da mesma Cidade, que por conservar a pureza virginal, que tinha consagrado ao Divino Esposo, foy crucificada, e depois asetteada, e neste martyrio voou a sua bemdita alma mais ligeira a gozar das dilicias do thalamo, que seu Esposo lhe tinha preparado, deixando com taõ gloriosas palmas illustrada a sua Patria, que ainda hoje se preza de conservar o seu santo corpo no Real Mosteiro de Santa Cruz, onde em tumulo decente se vê, por entre grades douradas, a Imagem da invencivel Martyr, com palma na maõ, e laureola na cabeça, com que ainda está triunfando da barbara gentilidade.

O V. Gregorio Lopes.

C No Reyno de Mexico, na povoaçaõ da Santa Fé, será eterna a saudade do Veneravel Gregorio Lopes, de vida taõ inculpavel, que he digno objecto da universal veneraçaõ daquelle Reyno, e passando com espanto a fama da sua virtude aos de Hespanha, he em toda a parte estimada a sua memoria, principalmente em o nosso Portugal, que se jacta de lhe ter dado o nascimento na Villa de Linhares. Desde os primeiros annos da sua idade, suspirou pela vida solitaria, desejando lugar commodo para o socego, e quietaçaõ da alma. Assim se resolveo passar ao novo Mundo, para o enriquecer com novo, e desconhecido modo de vida, até entaõ naõ visto naquellas dilatadas regioens, sendo desta sorte mais venturoso Colon daquella Conquista. Para ella se embarcou com bem differentes pensamentos, dos que costumaõ ter, os que navegaõ para aquellas partes, de cujas riquezas naõ queria nada,

da, servindo-lhe de embaraço a abundancia da prata, que a ambiçaõ taõ desveladamente busca; porque o seu commercio era só com Deos, e por isso em Celestes interesses conseguio dos inexhaustos Thesouros da Graça preciosos cabedaes. Aportou com boa viagem na Cidade da Vera Cruz, feliz surgidouro, para quem seguia com a sua cruz a Christo, e para o fazer sem embaraço, com generoso desprezo se despojou das alfayas, que levava, e ainda da roupa, repartindo com os pobres tudo, sem que reservasse cousa alguma, se arrojou nos braços da Divina Providencia. Voluntariamente feito pobre, começou a caminhar; chegou à Cidade de Mexico, e della seguio o caminho por Zatecas, lugar abundante de prata, que com Apostolico desprezo pizava. Aqui se compadeceo com huma grande dor das desordens, que observou da avareza de tantas almas, que entregues ao ambicioso cuidado de ajuntar riquezas, sem memoria da Eternidade, viviaõ no duro cativeiro da cobiça. Com horror olhava para este trafego, e lhe cresceo mais o desejo de se ver livre de homens, que punhaõ todo o seu cuidado em cousa, de que se naõ podiaõ lograr sempre. Despindo os vestidos ricos, se vestio de sayal, sem camiza, e descalço, descuberta a cabeça, e cingido com huma corda, e neste traje humilde, e vil aos olhos do Mundo, começou o seu desprezo a seguir a vocaçaõ da soledade, que Deos individualmente lhe manifestou. Meteo-se pelo mais inculto da terra, e oito legoas apartado deste lugar para o Valle de Amaye, situado entre os Chichimecos, gente sobre pouco sociavel, feroz, e barbara, e por isso temida dos Hespanhoes. Neste lugar, à custa do seu trabalho, e por suas proprias mãos, fez huma humilde casinha, ajudado dos Chichimecos, a quem a sua natural brandura, e candidez de animo se tinha feito agradavel, (tanto póde a virtude, que até dos gentios se faz respeitada.) Estes foraõ os principios da vida solitaria de Gregorio Lopes: entrando nos vinte e hum annos da sua idade, livre de humanos cuidados começou a mortificarse, sojeitando o debil corpo às duras leys do seu espirito. A sua cama era a terra fria, ou huma dura taboa, com pobre cuberta, e por cabeceira huma pedra, em que tomava taõ curto descanso, que naõ passava de tres horas. O comer muy pouco, e do rustico que dava o Paiz. Aqui o viraõ trabalhando na sua hortazinha

assistido

aſſiſtido de Anjos. Eſtas foraõ as primeiras linhas, que lançou no painel da vida ſolitaria, que depois taõ primoroſamente obrado, foy ſingular original da idéa mais perfeita, em que a Mageſtade Divina lhe concedeo admiraveis dons, para poder reſiſtir às repetidas batarias do demonio, que viſivelmente o chegou a perſeguir, ſendo tal o valor do ſeu eſpirito guiado pela Divina graça, que o maltratou de ſorte, que deſappareceo taõ corrido, que nunca mais ſe atreveo a tentallo viſivelmente, e com medonhas vozes bramindo, como horrivel féra, o pertendia perturbar: outras vezes com interiores tentações intentava derriballo; mas a tudo reſiſtia com valeroſa conſtancia, perſeverando de dia, e de noite na oraçaõ, e tudo era neceſſario, para ſe defender da cruel tempeſtade das ſiladas, que com a aſſiſtencia do Ceo, vencia com eſtas palavras: *Fiat voluntas tua ſicut in Cœlo, & in terra. Amen Jeſu.* Taõ continuamente as repetia, que no eſpaço de tres annos, naõ reſpirou nunca, que as naõ proferiſſe, nem o comer, nem o beber ſerviaõ de parenteſis, a que as naõ repetiſſe. Apenas deſpertava do breve ſomno, quando as paſſava pela memoria, e era o ſinal de eſtar deſperto. Tres annos perſeverou neſte lugar, ſofrendo com grande paciencia as injurias, com que o tratavaõ os Soldados Heſpanhoes, e os que ſentiaõ mal do ſeu modo de vida, por iſſo ſe mudou para ſitio, ſenaõ taõ ſolitario para a vida, que profeſſava, mais proprio para a obſervancia dos preceitos da Igreja. Aqui foy recebido de hum homem rico, Senhor de Lugares, que lhe deu com charidade huma horta para a ſua morada, que aceitou com condiçaõ, de que naõ havia de trabalhar alguma peſſoa no ſeu ſerviço. Neſte lugar paſſou dous annos, ſuſtentando-ſe com leite, e requeijões; e parecendo-lhe muito regalo o deixou. Caminhava Gregorio Lopes guiado da Soberana luz, a buſcar novo cantinho, em que de todo vacaſſe em oraçaõ a Deos; chegando a huma herdade, foy bem recebido do Senhor della, que edificado do ſeu modo, movido do ſeu exemplo, por ſuperior inſpiraçaõ, ſe deſpio das galas, e ſe veſtio de hum ſayal, em tudo ſemelhante ao que via no ſeu exemplar; e eſta foy a primeira peſſoa, em quem as ſuas palavras fizeraõ viſivel effeito. Sete annos gaſtou eſte fervoroſo mancebo em diverſas povoações, mas ſempre penitente, e ſolitario, por naõ lhe impedir trato

humano a preſença de Deos, em que eſtava, e referia elle, que deſde os primeiros annos da ſua mocidade, quando aſſiſtio na Corte Heſpanhola por pajem de hum Grande, que nem o trafego da gente, nem ainda as peſſoas de mayor caracter lhe deveraõ nunca cuidado, inda que as encontraſſe, por eſtar abſorto na Divina preſença, ſendo eſte ſocego do eſpirito taõ elevado, como em os ultimos ſeis annos da ſua vida, moſtrando deſta ſorte, que Deos o ſubira anticipadamente a taõ alto ponto de perfeiçaõ. Naõ pedia eſmola, e conſumindo-lhe o tempo os veſtidos, ſe reſolveo a ſervir algum tempo a hum homem poderoſo, que lhe deu a incumbencia de lhe enſinar a gente de ſua caſa; em dous mezes adquirio o que baſtava para ſe veſtir, e como naõ trabalhava pela cobiça, ſe deſpedio. Correo diverſos caminhos, até que chegou a Guaſteca, ſitio adequado à ſua vocaçaõ, por ſer terra aſpera, ſolitaria, e abundante de frutos ſylveſtres, que era o ſeu ordinario ſuſtento por muito tempo. Era o amor de Deos, e do proximo as bazes ſobre que fundou o profundo da ſua humildade. Tinha edificado hum templo vivo no ſeu coraçaõ a Deos, pelo que mereceo ſingulares favores do Altiſſimo. Deſde os primeiros annos o acompanhava huma deſconſolaçaõ de naõ poder ler na Sagrada Eſcritura, creſcia-lhe o deſejo da liçaõ, e como ignorava a lingoa Latina, mais ſe lhe difficultava o penſamento, até que devoto, ou illuſtrado, ſe reſolveo a tomar de memoria o Sagrado Texto, deſde a primeira até ultima clauſula. Todos os dias lia na Biblia quatro horas, e teve miraculoſamente huma ſoberana inteligencia dos Sagrados Myſterios, ſendo taõ admiravel a ſua comprehenſaõ, que pareceo Angelica. Delle ſe conta, que em vinte horas lera as Obras da glorioſa Madre Santa Thereſa, com tal felicidade, que as repetia de cor. Contente, e ſatisfeito vivia Gregorio Lopes em Guaſteca, quando acommettido de huma acerba enfermidade, ſe começou de novo a martelar a ſua paciencia com os incommodos da doença, que fazia mais perigoſa, naõ ſó a falta dos remedios, mas ainda o mantimento proporcionado à queixa, que padecia; mas a Divina Providencia no mayor deſamparo o ſoccorreo, fazendo ſeu inſtrumento a hum bom Sacerdote, que o levou para ſua caſa, e com elle viveo quatro annos, dando-lhe hum apposento ſeparado, em que eſtava de

ordinario

ordinario em pé, ou arrimado à parede, com os olhos fitos em huma Cruz, trabalhando a officina da alma na applicaçaõ interior, que foy sempre o seu continuado exercio.

Todo o cuidado de Gregorio Lopes, foy encobrir o elevado do seu espirito, esta razaõ o obrigava a mudar de domicilio, naõ o fazendo nunca sem especial moçaõ. Mas Deos que queria fosse publica a sua gloria, pelos mesmos caminhos, que elle a recatava a fazia patente; mas nem o seu retiro, nem o admiravel modo de vida se livrou de o calumniarem, naõ só por hypocrita, mas por homem de dictames erroneos, e pouco seguros da doutrina da Igreja Catholica. Delataraõno ao Arcebispo de Mexico D. Pedro de Moya e Contreras, que com prudencia tirou informações, e mandou repetidas vezes examinar a sua vida, com deligencia, e cuidado, e da averiguaçaõ se resolveo, que o seu modo de proceder era taõ ajustado, que excedia ao humano, e era especialmente auxiliado pela Divina graça. Era já commua a fama da virtude deste prodigioso Varaõ, e por isso a elle recorriaõ os afflictos, e os desconsolados, acodindo a todos com o conselho, e com a exhortaçaõ. Teve particular dom para animar os tibios, e desconfiados em espirituaes apertos: cresceo o concurso, e segundo o seu costume largou o lugar, passados dous annos. As alfayas, que deixou na sua pobre casa, repartiraõ os seus devotos como reliquias. Passou daqui ao Hospital de Guasteca, em que seguio o mesmo theor de vida. Era o sitio agradavel pelos amenos campos, cortados de abundantes aguas, que criavaõ elevados arvoredos, e só huma vez obrigado mais da importunaçaõ, do que da vontade sahio a elle. Padecia muito do estomago, e a debilidade o impossibilitava a frequentar a assistencia dos doentes, de que com violencia se abstinha: porém a todos ajudava com orações, e aos enfermos, e convalecentes com praticas espirituaes. Em todo o retiro se naõ negava, a quem o procurava; Religiosos doutos o buscavaõ, e propondo-lhe Textos da Escritura de difficultosa intelligencia, elle lhes respondia com taõ sólidos fundamentos, que os deixava admirados da sua altissima sciencia, e atrahidos da sua virtude. Digno he de admiraçaõ o caso, que neste Hospital lhe aconteceo: Estava ouvindo Missa, quando o chamou hum doente, pedindo-lhe, que o encommendasse a Deos; porque

estava

eſtava para ſofrer huma violenta cura na cabeça; que havia de ſer aberta, para lhe tirarem hum pedaço de caſco, que ſe lhe quebrara, e cahira nos miollos. Reſpondeo-lhe: que tiveſſe confiança em Deos, e que fizeſſe lhe diſſeſſem o Evangelho de S. Joaõ na cabeça antes da operaçaõ. Tomou o enfermo o conſelho, quando (caſo maravilhoſo!) de repente dá hum eſpirro, e lança por huma venta hum pedaço de caſco, taõ grande, que afiançava na grandeza o miraculoſo, por exceder ao meato, porque ſahio, e deſta ſorte ficou livre. Por enfermo o tirou deſte lugar ſeu grande amigo o Padre Franciſco Loſa, e o teve alguns mezes em ſua caſa; porém apertado aquelle dilatado coraçaõ, gritava pela ſoledade; e eſcolhendo-lhe huma caſa apartada da povoaçaõ de Santa Fé, que ficava ſobre as aguas, que vaõ a Mexico, tornou ao ſeu amado retiro. Deſte ſitio naõ ſahia mais, que a algum Jubileo ao Moſteiro de S. Domingos, e proſtrado de joelhos diante de hum Religioſo da meſma Familia, batendo nos peitos, dizia: *Pela Miſericordia de Deos me naõ lembro de o haver offendido, deme o Santiſſimo Sacramento* modo de confiſſaõ, que obſervou; tambem com o Padre Franciſco Loſa; tal era a pureza da ſua vida; mas como era o ſilencio continuo, e a mente eſtava ſempre occupada em Deos, como era poſſivel que fizeſſe couſa, que naõ foſſe do ſeu agrado? Sete mezes viveo ſolitario neſte lugar, até que eſte virtuoſo Clerigo largou o Curado da Cathedral de Mexico, e ſe foy viver na ſua companhia, onde lhe aſſiſtio até à morte.

Foy ſempre a vida deſte prodigioſo homem, como o curſo de hum concertado relogio. Abria Gregorio Lopes a janella antes de rayar o dia, e lavava as mãos, e o roſto; porque inda que pobre, foy muy aſſeado: abria a Biblia, e lia, coſtume taõ obſervado, que poucos dias antes de falecer ſe lhe ouvio, que havia dez dias, que naõ lera na Biblia, e que naõ lhe ſuccedera depois que ſe retirou à ſolidaõ, paſſar nunca tanto tempo. Acabada eſta liçaõ ſe recolhia àquelle taõ interior exercicio da contemplaçaõ, que nunca pode ſer penetrado, mais que para ſe admirar. A's onze ſahia a comer, ſendo ſó o preciſo; porque a todo o regalo ſe negava. Seguia-ſe alguma pratica eſpiritual, e outras vezes lia ſeu Companheiro Vidas de Santos, e neſte modo perſeverou dous annos. Acabado

do este breve tempo, que servia como recreaçaõ, se recolhia a continuar na contemplaçaõ, taõ unida, que nunca a rompeo acto algum externo. Nunca accendeo luz, porque vivia allumiado pela Divina graça. Teve hum singular modo de se explicar em poucas palavras, mas taõ nervosas, que persuadiaõ como nascidas de luz superior, e com ellas fez grande proveito no proximo. Por varios casos, que lhe aconteceraõ, se entendeo ser illustrado de espirito profético. Nunca fallou senaõ o que era perciso, e costumava dizer aos que via augmentados na vida espiritual, que era melhor fallar com Deos, que fallar de Deos. Era o seu espirito de Serafim abrazado no amor de Deos, e assim sofria, sem que pedisse alivio nas suas interiores desconsolações; porque entregue nas mãos Divinas, fazia sacrificio do seu amor, sem que a violencia do que padecia o obrigasse a pedir remedio. Este devia ser o motivo, porque tendo dom de lagrimas, pedio a Deos lho suspendesse. Nas adversidades foy incontrastavel por mais, que a ignorancia, ou a malicia o calumniasse com accuzações; porque admiravel a sua constancia tolerava com socego as provas, ou fossem dos Prelados, ou dos Ministros. Da sua humildade temos taõ singular testemunho, como referido pela sua boca: *Depois que sahi à solidaõ* (dizia) *a ninguem julgey; a todos tive por melhores do que eu, e por mais sabios; e assim a ninguem dey conselho, sem que mo pedisse, nem já mais me fiz Mestre de outros*, sentença digna de toda a ponderaçaõ. Era taõ abatido o conceito, que fazia da sua pessoa, que nunca deu lugar à vaidade, dizendo: *Nada sou, nada valho*, e entregue à Divina vontade, satisfazia os seus preceitos por soberana illustraçaõ, e por isso nunca lhe causou gosto cousa alguma temporal, nem menos lhe levou tempo. Teve tal modestia, que os olhos lhe naõ serviaõ para recreaçaõ, nem ainda para ver as singulares producções da natureza; constantemente os tinha fixos na terra, sem os mover. O corpo era taõ extatico, que parecia insensivel; porque se lhe naõ via movimento. Conservou illeza a flor da castidade. Entre tantas virtudes conseguio a mais preciosa, que venera a Fé, que foy huma tal uniaõ com Deos, que sendo humano, pareceo Anjo, pois sempre assistia com admiravel acatamento na sua Real presença. Neste prodigioso modo de vida o achou a ultima enfermidade, em que continuou

todos

todos os heroicos actos de humildade, que exercitava, e com huma verdadeira resignaçaõ, nascida do seu ardente amor, com que adorava a Deos, sofreo com grande paciencia as dores da doença, que foraõ taõ crueis, e vehementes, que desde o alto da cabeça, até a ultima extremidade dos pés, o atormentavaõ, e bem pareciaõ dadas para ultimo crisol daquella purissima alma; porque com grande satisfaçaõ as padecia por amor de Christo, para o imitar na Cruz; e recebendo o Santissimo Sacramento do Altar, com especial devoçaõ, acabou em poucos dias de doença com tranquilla morte, deixando de sua virtuosa vida gloriosa fama; porque foy acclamado por Santo.

O P. Jorge de Contreiras da Companhia.

D Em a Cidade de Coimbra, no Collegio da Companhia, acabou em paz o Padre Jorge de Contreiras, deixando huma viva saudade dos seus bons costumes, e exemplar vida, pela qual mereceo alcançar do Senhor huma placida morte. Nesta hora, em que tanto atormenta a consideraçaõ da conta, naõ tinha o bom Padre mais escrupulos, do que as imperfeições, com que na vida fizera as suas devoções, e exercicios espirituaes, por naõ serem executados com o fervor, e devoçaõ, que desejava. Cheyo de actos de amor de Deos, e fervorosa charidade, abraçado com hum Crucifixo, repetindo muito Psalmos, e o Credo, cheyo de huma extraordinaria alegria, se foy a gozar da Gloria.

O P. Aleixo Alvares da Companhia.

E Na Cidade de Evora, no Collegio do Espirito Santo da Companhia, faleceo o Padre Aleixo Alvares, Noviço desta esclarecida Religiaõ, onde entrou depois de Sacerdote, e Confessor approvado. Neste estado vivia com exemplo, e conhecida inclinaçaõ ao Instituto da Companhia, em a Cidade de Bragança sua patria, a tempo que a ella foy o Provincial da Companhia, e como devoto da Religiaõ o buscou, e agradecendo-lhe este obsequio, lhe perguntou, se ainda conservava os pensamentos de vestir a Roupeta; a que respondeo, que naõ eraõ taõ vehementes de deixar huma vida taõ acommodada, por outra trabalhosa; porque se estimava sempre o menos penoso. Ainda assim, da pratica lhe nasceo a resoluçaõ de pedir a Roupeta, e alcançada a permissaõ, sahio da Cidade sem o participar nem a amigos, nem a parentes, e caminhou para Evora, onde a recebeo com tal fervor de espirito, que bem se via, pelo que obrava, ser impulso da Divina graça. Era muy

frequente

frequente nas penitencias de jejuns, cilicios, e disciplinas, que para conter o desejo da sua mortificaçaõ, era necessaria toda a prudencia do Mestre. Na Oraçaõ mental perseverava com tanto gosto, como quem nella recebia particulares dons, havendo dias, que a tinha sete horas. Amava tanto este santo exercicio, que na Quinta de Val Bom, aonde o levavaõ às recreações, o acharaõ ao pé de huma arvore todo banhado em lagrimas. Neste anno fez por trinta dias continuos os exercicios de Santo Ignacio, de que tirou a sua alma huma especial luz. Em huma occasiaõ foy mandado ao campo de Ourique a prégar, e Apostolar: era grande a fome, que padecia o povo, de sorte que o paõ, que comiaõ, era feito de bolotas; e algumas vezes foy tal a fome, que padeceo, que naõ podendo resistir o espirito à natureza, as lagrimas lhe brotavaõ pelos olhos por causa da debilidade. Era taõ modesto, e humilde, que edificava; e assim deixou o seu nome naquelles póvos virtuosa memoria. Ardia em hum grande desejo de servir aos pobres no Hospital, e com repetidas instancias o pedia ao Prelado, e finalmente o conseguio. Aqui fez a sua charidade taes excessos, que davaõ a conhecer o zelo, com que servia; porque era igual para todos. Naõ havia ministerio, de que se escuzasse: lavava aos enfermos, tosquiava a outros, varria-lhes as casas, fazia-lhes as camas, e consolava a todos. Aos defuntos amortalhava, e depois de os ter servido na vida, tinha licença, para lhes dizer Missa pela alma. Entre os doentes havia hum muy opprimido de huma erysipella maligna, que curou com grande charidade, sendo o premio desta darlhe Deos a mesma doença, de que veyo a morrer com todos os Sacramentos, sendo victima da sua charidade.

A Madre Sor Ignez do Presepio Dominica.

F Em o Mosteiro do Sacramento de Lisboa, de Religiosas Dominicas, a Madre Sor Ignez do Presepio, a quem a Divina Providencia, sendo Sactistãa soccorreo, achando dez mil reis no seu armario, para satisfazer o cuidado, com que andava de fazer hum docel, para a solemnidade de Quinta feira mayor. Este favor recebeo com lagrimas, e posta de joelhos rezou o Hymno: *Te Deum Laudamus*, e acabando voltou para a Companheira, que com ella estava, dizendo-lhe: *Naõ he esta a primeira vez, que experimento, inda que indigna, à Misericordia do Altissimo.* Em quanto os achaques lho naõ im-

pediraõ era pontualissima na observancia da Regra, que acompanhava de asperas disciplinas de sangue. Ainda que velha se naõ eximio nunca das vigias ao Santissimo Sacramento, a que teve tanta reverencia, que se naõ atrevia a recebello fóra das vezes, que o mandava a Ordem. Eraõ estas vigias entre as tres, e quatro horas, ao romper da manhãa, e ficava orando até Prima, de que Deos se agradava tanto, que em huma occasiaõ com resplandecente luz, que de huma varanda vio huma Religiosa sobre o lugar, em que ella estava no Coro, acreditou a virtude de sua Serva. Era de animo candido, e taõ affavel, que todas as Companheiras a amavaõ, e ainda sendo Prioressa conservou em todas o mesmo amor. Sete annos antes da sua morte, teve huma grande doença, que a obrigava a cahir em profunda madorna, que muito a affligia: nella padeceo muito; mas como andava na presença de Deos suavizava a afflicaõ com o seu amor, e assim lhe ouviraõ dizer: *Senhor, estimo a vossa presença, porque vedes o que padeço; porque de outra sorte me faltara o sofrimento.* Teve taõ grande conformidade, e amor a Deos, que até o Inferno queria sofrer, como Santo Ignacio de Loyola. Todos os dias cuidava ser o ultimo da sua vida, para que se preparava como infalivel. Teve revelaçaõ de algumas cousas futuras, que acreditou com depois se verificarem. Composta destas, e outras obras dignas do conspecto Divino, acabou em o Senhor em santa velhice, affirmando no dia antecedente a sua morte, que nunca amanhecera com tantas saudades de Deos, e ouvindo-a fallar comsigo, se pedia alviçaras de ser chegada a hora de ir viver eternamente na Bemaventurança.

Sor Mecia Dominica.

G Item no Mosteiro de Santa Anna da Cidade de Leiria, da mesma Familia Dominica, a Madre Sor Mecia, de vida taõ ajustada com a Regular Observancia do Estatuto, que professara, que mereceo ser na morte acompanhada de Angelica armonia, deixando com este patente favor do Ceo mais vivas as saudades das suas Companheiras, vendo a Gloria, que aquella ditosa alma estava gozando.

A M. Jeronyma de S. Joaõ Dom.

H Em Moura, Villa da Provincia de Alentejo, no Mosteiro de Nossa Senhora da Assumpçaõ, acabou em o Senhor a Madre Sor Jeronyma de Saõ Joaõ, em quem a vida foy sempre huma continuada fadiga no serviço da Communidade, em

que

que occupou todos os officios, sendo juntamente Sacristãa, Cantora môr, Mestra de Noviças, e entre tantas obrigações, naõ lhe faltavaõ muitas horas, para se dar à oraçaõ, tirando-as do descanço preciso à conservaçaõ da vida, que sempre mortificou com estreitos jejuns, e asperas penitencias. Sobre as devoções, que todos os dias rezava, que eraõ muitas, accrescentava todos os Domingos, e dias Santos mil Ave Marias, à honra de Maria Santissima, de quem era muy devota. Nos ultimos annos da sua vida servio de Prioressa; e poucos dias antes da sua morte, a tempo que andava rija, e boa, revelou Deos a sua morte a huma virtuosa Religiosa, e no dia seguinte lhe sobreveyo huma aguda dor, que crescendo degenerou em pleurís, que ella recebeo com grande serenidade de animo, agradecendo aos Medicos o desengano da vida. Já na ultima agonia, se lhe vio com admiraçaõ das demais Religiosas, cheyo o rosto de huma singular viveza, e os olhos de sobre natural alegria; obrigadas de taõ desuzada maravilha, lhe perguntaraõ a causa della, a que com confiança respondeo, que tinha diante a Virgem Santissima taõ luzida, e fermosa, que naõ achava a sua rudeza na terra digno objecto para a comparar, e que a vinha servindo S. Domingos seu Padre. Crescia a curiosidade, e a devoçaõ nas Madres, multiplicando-lhe as perguntas, que ella cortou com huma só reposta, que naõ era o estado de perguntar tanto, nem a hora de dizer mais; e assim deu nas mãos do Creador a sua purissima alma.

Commentario ao XX. *de Julho.*

A NO dia da Trasladaçaõ de Santa Wilgeforte, ou Liberata, que com hum, e outro nome he venerada a 15 deste mez, fizemos mençaõ desta nossa Santa, mostrando ser a que se festeja em Segovia, de tempos antiquissimos, no dia 18 de Janeiro, e huma das nove irmãas, filhas de Cathelio, a quem as Memorias chamaõ Rey, segundo o costume antigo de nomearem Regulos ou Reys, a qualquer Senhor de Cidade. Os Padres Godefredo Henschenio, e Daniel Papebrochio, na sua grande Obra *Acta Sanctorum*, no dia 22 de Mayo, tratando de Santa Quiteria, huma de suas irmãas, trataõ como fabula a *Historia de Cathelio*, e de naõ verdadeira a Santa Quiteria, de que no mesmo dia faz mençaõ o *Agiologio*, tendo-o por cousas dos falsos Dextros, que assim lhe chamaõ, e aos mais Chronicoens: porém nós, que tambem reconhecemos o pouco credito, que merecem aquelles Authores, naõ pelo que elles escreveraõ, que seria muito bom, se existissem; mas pela fabrica, com que se inventaraõ, escrevendo no seu nome o que tinhaõ visto em outra parte, e tambem o que lhes pareceo inventar, nos naõ podemos acommodar com a rigida censura daquelles graves Authores; porque a *Historia de Cathelio* he recebida em Hespa-

nha toda, ha muitos seculos, por Authores de grande credito, e que tem conciliado universal approvaçaõ aos seus escritos, merecido da verdade, com que escreveraõ. Antes de sahirem a luz os Chronicoens, achamos esta Historia em Marieta, no liv. 4. cap. 14; em Morales, liv. 10. cap. 18, hum dos mayores Escritores de Hespanha; em o Doutor Fr. Bernardo de Brito, na *Monarchia Lusit.* part. 2. liv. 5. cap. 18, e seguida nos Breviarios antigos de Siguença, e Placencia, e conservada a successiva tradiçaõ, e grande devoçaõ, que vemos no nosso Reyno a esta Santa, festejando-a com Novenas, e grandes demonstraçoens de Fé, que Deos acredita com innumeraveis prodigios; e ainda que nesta Historia achamos variedade nos accidentes, de ordinario succede assim em cousas taõ antigas, principalmente em Hespanha, e Portugal, onde a assolaçaõ foy geral na entrada dos Mouros, contra as sagradas Reliquias, e livros, perecendo naõ só os que havia, mas depois às mãos dos nossos, os que se achavaõ escritos, por serem na lingua Arabia, que era a universal por esta parte pelo dominio; e assim em materia taõ antiga succedida nos primeiros seculos da Igreja, que razaõ podemos dar, para nos naõ acommodarmos com a constante tradiçaõ dos nossos naturaes, que Deos está approvando com milagres, principalmente quando os Estrangeiros naõ tem conhecimento bastante das nossas cousas, de tal maneira, que rara vez lemos livro, que tratando de Portugal, e mais partes de Hespanha, naõ sendo de Author della, que na Historia naõ padeça, e ainda na arrumaçaõ das Cartas Geograficas: D. Joaõ Ferreras, que nos *Synop. da Historia de Espanha*, a pag. 142, poem algumas duvidas a esta Historia de Cathelio, affirma, que Santa Quiteria padeceo Martyrio em Hespanha. Que Santa Wilgeforte seja nossa Portugueza, nenhuma duvida temos. O *Martyrologio Romano* commentado pelo Cardeal Baronio, neste dia o affirma: *In Lusitania S. Wilgefortis Virginis, & Martyris, quæ pro Christiana fide, ac pudicitia decertans, in Cruce meruit gloriosum obtinere triumphum.* O *Martyrologio* de Usuardo, accrescentado por Molano, tambem diz o mesmo: *In Portugalia natalis Sanctæ Wilgefortis Virginis, & Martyris.* O nosso *Martyrologio Portuguez* do Padre Alvaro Lobo: *Em Portugal a Coroa de Santa Wilgeforte Virgem, e Martyr, a quem os Tudescos chamaõ Onteomera, e alguns em Latim Liberata, a qual por defensaõ da Fé, e amor da castidade, sendo posta em huma Cruz alcançou gloriosa Coroa de Martyr.* Com elle concorda o *Castelhano* do Padre Vasques, todos neste dia. Esta Santa he a mesma, que veneraõ os Alemaens, com o nome de Onteomera, que he quasi o mesmo, que *sem pejo*, como diz Gresero de *Cruce*, liv. 1. cap. 98, onde saõ de notar estas palavras: *Die XX. Julii in Lusitania S. Wilgefortis, quæ fuit Regis Portugaliæ filia: aliqui Liberatam appellant, Germani Ocusfomer, quasi absque mærore, colitur religiose multis Germaniæ locis*; e Mulano no lugar citado, dá em Alemanha o mesmo nome à nossa Santa. E naõ obsta a differença, que pertende fazer Tamayo no *Martyrologio Hispano*, quando neste dia trata da nossa Santa. Qual fosse a Cidade, em que recebeo martyrio, nem o deserto, que habitou, naõ podemos affirmar, ainda que alguns Authores, seguindo a Dextro, digaõ, que em *Amphiloquia*, outros ao Arcipreste Juliaõ, na Cidade do *Porto*. Porém como para nada nos servimos da authoridade de livros taõ infamados da verdade, em que mal se póde apartar o verdadeiro do fabuloso, como se póde ver do fragmento de Dextro, que imprimio o eruditissimo D. Nicolao Antonio, na sua *Bibliotheca Hispana vetus*, tom. 2. a pag. 274, naõ falta quem diga, que em *Castello-branco*. Sobre o tempo, que padeceo martyrio, achamos grande discrepancia; porque Fr. Bernardo de Brito corre com a sua Historia em o segundo seculo da Igreja, e Morales na *Historia de Hespanha*, liv. 10. cap. 18, o vem a pôr no tempo de Diocleciano; porém entendemos ser mais antiga a Historia de Cathelio; porque D. Joaõ de Ferreras no livro *Synopsis Histor. Chronol. de Hespanha*, a poem no anno 162. Ou seja em hum, ou outro tempo, ou seja a Santa huma das nove irmãas, o que naõ tem materia de duvida, he, que Santa Wilgeforte he Portugueza, como temos visto, sem que nos embarace para o contrario, o que escreveo o Padre Guilherme Cupero *Acta Sanctorum*, *tom. 5. Julii*, pag. 50; porque já como seus antecessores toda a força he contra os falsos Dextro, Luitprando, Juliano, e outros,

que nós naõ seguimos, porque já antes do seu inventor o Padre Higuera, temos veneradas em Hespanha estas Santas. D. Nicolao Antonio na *Censura de Historias Fabulosas*, liv. 3. cap. 1. §. 8. 15, e 19, o naõ nega. O Licenciado Jorge Cardoso, no *Officio dos Santos Portuguezes*, a Vesp. pag. 9.

Wilgefortis vetus illa Lusa
Excitans verbis animos sororum,
Dextera sævi periit Parentis.
in Cruce fixa.

E tambem em suave metro se lembra da nossa Santa Joseph do Couto Pestana, no seu *Poema Sacro de Quiteria Santa*, no Canto 6. Out. 8.

Liberata a primeira, que illustrara
Europa nos desertos Eremita
As almas, que prodigios convocara
A verdadeira Ley anima, e incita;
Depois que a singular trofeo triunfara
De torpe assalto, amante a Christo imita
No Martyrio da Cruz, onde extremosa
Como esposo a buscou, o busca esposa.

Trataõ da nossa Santa, além dos Authores acima mencionados D. Lourenço Ramires de Prado, pag. 54; Vasconcellos na *Descrip. de Portug.* pag. 445; Duarte Nunes de Leaõ na *Descrip. de Portug.* cap. 43; Fr. Luiz dos Anjos *Jardim de Portug.* cap. 6. pag. 33; Padilh. *Histor. Ecclesiast.* tom. 1. cent. 4. cap. 26; *Officio dos Santos novos*, impresso em Barcelona, anno 1710, em oitavo, neste dia; o Breviario Saguntino *in lectionibus, & missa propia*; Causino *Corte Divina Ephemer. Julho*; *Histor. de Hesp.* de Mariana, part. 1. liv. 4. cap. 14; o Conde de Mora *Historia de Toledo*, part. 1. pag. 402; Quintana Dueñas *Santos de Toledo*, pag. 186.

B Fóra dos muros da Cidade de Coimbra, em pouca distancia, fica o celebrado Mosteiro de Cellas, da Ordem do Patriarca Saõ Bernardo, junto do qual pouco apartado se vê ainda hoje huma Ermida de Santa Comba, ou Columba, muito antiga, a qual se reedificou no anno 1612, e neste lugar se diz padecer martyrio a Santa. Naõ podemos averiguar o tempo, e algumas Memorias dizem ser no dos Sarracenos, o que tem improbabilidade, por naõ ser este genero de martyrio usado por aquelles barbaros, e achamos ser muy commum em o tempo do Gentilismo, como acabamos de vèr em Santa Wilgeforte, que o Padre D. Nicolao de Santa Maria, na II. Parte da *Chron. dos Coneg. Regr.* cap. 18. pag. 73, entende ser a mesma, que Santa Comba, equivocado de achar neste dia no *Martyrologio Romano*, e no Usuardo com o mesmo genero de martyrio; sendo totalmente diversa, nem nos nomes, que em diversas linguas se lhe tem dado, foy nunca o de Comba, que elle diz, que na lingoa Teutonica he Wilgeforte. Esta he conhecida com o de Santa Liberata, como temos dito, e suas reliquias se guardaõ na Sé de Siguença; as de Santa Comba, no Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Na dita Ermida esteve muitos annos o seu corpo, até que foy trasladado para a Igreja de Santa Justa, pelos annos de 1130, junto do Convento de Santa Cruz, onde ainda se conserva huma pedra na parede da parte do Evangelho, com huma abertura, de que se servia a devoçaõ para meter alguns paninhos, quando nelle estava o corpo da Santa, que sahiaõ molhados de hum certo oleo, com que recebiaõ saude os enfermos.

No anno de 1207, sendo Prior desta Igreja D. Miguel, Conego Regrante do Mosteiro de Santa Cruz, a que era sobordinada, e da sua visitaçaõ, depois que dos Monges da Charidade passou a Collegiada de doze Clerigos, se trasladou o corpo da Santa para a Igreja do Con-

vento

vento de Santa Cruz; e posto em huma urna de pedra branca bem lavrada, quanto permittia o tempo, e metida na parede com este letreiro: *Hic requiescit corpus Beatæ Columbæ.* Neste lugar esteve, até que por ordem delRey D. Manoel foy demolida esta Igreja, e se edificou, a que hoje existe de huma só nave. Entaõ se trasladou o corpo da Santa terceira vez, para o grande Santuario de Reliquias daquelle Convento, e se meteo em hum cofre dourado por fóra, e por dentro forrado de veludo, em que esteve até o anno de 1593, em que sendo Prior Geral o Padre Doutor D. Christovaõ de Christo, se mudou para a Capella de Santo Antonio da mesma Igreja, onde hoje se venera em hum Relicario dourado cercado de huma tarje de prata, por donde se vê o corpo da Santa. Na Sé de Coimbra se conserva huma parte da cana de hum braço da Santa, que a rogos do Cabido deraõ os Religiosos de Santa Cruz, e foy levado em solemne Procissaõ àquella Cathedral, pelo seu Cabido, acompanhado de todo o Clero, e povo, no anno de 1624. O Reverendo Manoel de Campos, no livro da solemnidade com que se receberaõ as reliquias, que se levaraõ à Igreja de S. Roque, traz huma collecçaõ de algumas Obras Latinas, e Portuguezas, que se fizeraõ em louvor das Santas Reliquias, a pag. 177. vers. *penes me*, traz o seguinte Epigramma.

Dum vitam offerret pro virginitate Columbæ,
Si posset, tales ederet ore sonos.
Purpureum tortor de corpore funde cruorem,
Ut sponso occurram sanguinolenta meo.
Est ruber, est niveus, sic concolor alba Columbæ
Si cruor hanc rubro murice tingat, erit.

E o nosso sempre venerado Jorge Cardoso no *Officio dos Santos Portuguezes*, *ad Vesperas*, pag. 8. vers.

Felix expertum genuit Columbam
terra quæ doctos creat.

Della se lembra Fr. Luiz dos Anjos no *Jardim de Portug.* pag. 96, e D. Theotonio dos Martyres em huma *Vida de S. Theotonio*, a que juntou outras de Santos, e Santas, a pag. 169; a *Corografia Portug.* part. 2. pag. 29; Duarte Nunes de Leaõ na *Descrip. de Portug.* cap. 50. pag. 81. vers. e poem a sua festa ao ultimo de Dezembro; e o mesmo succedeo ao Padre Alvaro Lobo no *Martyrologio Portuguez*, equivocando-se com outra Santa do mesmo nome, de que naquelle dia faz mençaõ o *Martyrologio Romano*, em a Cidade Sens de França, devendo polla neste dia, que he, o em que se festeja a nossa Portugueza.

C A Villa de Linhares fica na Provincia da Beira, Bispado de Coimbra, como diz o Author da *Corografia Portugueza*, part. 2. pag. 376, situada em lugar eminente, e fragoso, nas faldas da Serra da Estrella, cercada de cristalinas ribeiras, e fermosas hortas, com que se faz aprasivel à vista, e proveitosa a seus moradores pela abundante copia de frutos, caça, gado, e algum paõ. Naõ falta quem diga, foy fundada pelos Turdulos 580 annos antes da Redempçaõ do Mundo, e que na dominaçaõ da Coroa Gotica tivera Cadeira Episcopal, e que arruinada a edificou ElRey D. Affonso de Leaõ III. pelos annos de 900. O que he certo, he que pelos annos de 1196, a mandou povoar o Magnanimo Rey D. Affonso Henriques, dando-lhe honrados privilegios. ElRey D. Fernando a deu em dote à Senhora D. Isabel sua filha, mulher de D. Affonso, Conde de Gijon e Noronha, de quem procedem por varonia Illustrissimas Casas de Portugal, dos Marquezes de Cascaes, de Angeja, Marialva, os Condes dos Arcos, e Valadares, e outras muy conspicuas, ainda que naõ tenhaõ a grandeza de serem titulos. ElRey D. Manoel fez Conde de Linhares a D. Antonio de Noronha, filho segundo de D. Pedro de Menezes, Marquez de Villa-Real, e se acabou esta Casa na pessoa de D. Miguel de Noronha,

Noronha, que ficou em Castella com seu pay, que se intitulou Duque de Linhares, como já tinha feito seu pay D. Fernando de Noronha, que foy o ultimo Conde de Linhares; e por naõ ter filhos, herdou a sua Casa D. Joanna de Noronha, tambem sua filha, e casou com D. Agostinho de Lencastre, Duque de Abrantes, de quem nasceo D. Fernando de Lencastre e Noronha, Vice-Rey de Mexico, que se intitulava Duque de Linhares. Tem esta Villa por Armas cinco Estrellas, e meya Lua, tomadas pela mesma occasiaõ, que a Villa de Celorico, de quem dista duas legoas, quando com o favor da sua luz deu lugar à vitoria, que no anno de 1187, alcançaraõ D. Gonçalo, e D. Rodrigo Mendes de Sousa, filhos do Conde D. Mendo, contra os Castelhanos, e Leonezes. Toda a antiga nobreza, que estimaõ os naturaes da Villa de Linhares, recebe mayor esplendor de ser Patria do Santo Varaõ Gregorio Lopes, bautizado na Parochia desta Villa. Nasceo no anno de 1542, a 4 de Julho. Foraõ seus pays Paulo Lopes, natural da Villa de Fornos, na Comarca de Pinhel, e Maria Affonso do Pombal, nome, que se lhe derivou de hum, que tinha em casa, e era natural da mesma Villa, pessoas nobres, e limpas, e da principal gente da terra. Deste matrimonio tiveraõ tres filhos, e huma filha. O primeiro se chamou Lopo Rodrigues, que casou com Brites Pacheca, e tiveraõ successaõ. O segundo foy Alvaro Lopes, que casou com Anna Ozorio, e foy herdeiro da legitima de seu irmaõ Gregorio, e teve descendentes. A filha se chamou Maria Affonso, que foy mulher de Gaspar Cardoso, tudo na mesma terra. O quarto foy o insigne Varaõ Gregorio Lopes; e desta sorte vem a ser o menor de seus irmãos, como elle referio ao Padre Losa, que por huma conjectura o faz natural de Madrid, sem mais fundamento, que a debil presumpçaõ, de que quando esteve no Hospital de Guastepec, succedeo chegar hum homem natural de Madrid, e entre algumas novidades, que contou, foy a de se queimarem naquella Corte humas casas, circunstanciando o bairro, e que o Servo de Deos dissera, que foraõ de seu pay: o sentido em que elle fallou naõ he facil de se averiguar, porque muitas vezes era enigmatico; o certo he, que Gregorio Lopes, nunca revelou donde era natural, nem menos quem foraõ seus pays, como refere o mesmo Padre Losa. Teve hum Clerigo curiosidade, para lhe perguntar, donde era natural, e quem fora seu pay, a quem com rosto grave, e a cor mudada respondeo: *A minha Patria he o Ceo, e meu pay he Deos, que assim no lo ensinou.* Em outra occasiaõ a Fr. Joaõ Ozorio, da Ordem Serafica, perguntando-lhe de que terra era, respondeo com notavel agudeza, e espirito: *Da mesma de Vossa Reverencia.* Aqui se vê o seu modo de fallar; porque alludia a ser da mesma terra, e barro Damasceno. O mesmo Padre Losa, poucos dias antes da sua morte, se affoitou a querer saber os nomes de seus pays, e lhe respondeo na mesma fórma: *Depois que sahi ao campo, que foy a fazer vida solitaria, só tive por pay a Deos; meus irmãos já seráõ mortos, que eu fuy o menor.* Com que da sua boca nunca se se soube; e se fora de Madrid, naõ poderia estar escondido tanto tempo, que o naõ viessem a conhecer, pois partia todos os annos para a nova Hespanha tanta gente, e era muy espalhada a fama de seu raro modo de vida no Reyno de Mexico. Sendo Vice-Rey D. Luiz de Velasco, Marquez de Salinas, Presidente do Conselho Real de Indias, o visitava, communicando-lhe os negocios mais arduos do bem do Estado, e o mesmo fazia o Arcebispo de Mexico, e muitos Religiosos graves, e doutos, e todo o genero de pessoas; com que deste trato se vê, que era muy conhecida a sua pessoa, e virtude, e que sendo de Madrid seus pays, e irmãos, naõ viessem a dar facilmente na sua origem, e assim mostramos o pouco fundamento daquella opiniaõ. Que fosse Portuguez, natural da Villa de Linhares, consta de instrumentos authenticos, que nella se fizeraõ, aonde naõ ha muitos annos ainda tinha parentes, em quem se conservava, memorias de algumas fazendas, que tocaraõ à sua legitima. Em esta Villa se criou até os dezaseis annos, em que sahio, movido de soberano impulso, para a Cidade de Valhadolid, entaõ Corte da Monarchia Hespanhola; nella esteve pouco tempo por pagem de hum grande Senhor, e se embarcou para a nova Hespanha, e o Reyno de Mexico, onde residio, como temos visto, com tanto desapego a tudo do Mundo, que as suas alfayas eraõ huma Biblia, hum

hum compasso, e hum globo terreste, tudo o mais como se vivera no Deserto; porque a mudança dos sitios naõ faziaõ effeito no habitador, em que nunca houve differença de vida. Nesta fórma se conserva hum retrato seu na Casa da Congregaçaõ de S. Filippe Neri de Lisboa, com huma inscripçaõ Latina, o qual mandou fazer hum seu natural. Naõ aprendeo mais, que a ler, e a escrever, e sobrenaturalmente lhe foy communicado o largo conhecimento, que teve das sciencias, com admiravel inteligencia da Escritura Sagrada, como se vê do seu *Tratado do Apocalypse*, que corre impresso. De alguns Santos lemos, que Deos foy servido communicarlhes este especial dom. De Saõ Paulo, que naõ havia estudado em alguma Universidade, e que depois egregiamente ensinou sendo o Doutor das Gentes. De Santo Ignacio de Loyola, consta da sua Vida, que quando compoz aquelle singular livro dos *Exercicios*, ainda naõ tinha estudado. De Saõ Lourenço Justiniano referem as suas lições, no Breviario Romano: *Libros etiam cælestem doctrinam, ac pietatem spirantes, Grammaticæ penè rudis, conscripsit.* De Saõ Diogo, da Ordem de Saõ Francisco, Leigo de profissaõ, diz a Igreja nas lições do seu dia: *Adeo ut de rebus cælestibus, literarum expers, mirandum in modum, & plane divinitus loqueretur;* e outros que tambem poderamos allegar, com que nos naõ fica difficultoso de crer, que naõ tendo Gregorio Lopes estudado, Deos o illustrou liberalmente. Em louvor seu referiremos aqui huma Carta, que escreveo D. Fr. Domingos de Ulhoa, Bispo de Mechoacan, na nova Hespanha, em agradecimento ao Padre Losa, de lhe mandar a sua vida; e diz assim.

Despues que entré en esta tierra no he tenido mayor contentamiento, que el que recebi con el libro de la Vida del Sancto Gregorio Lopes, que V.M. me embió, el qual precio mas, que ami Obispado; porque tiene cosas de grande espiritu, y aprovechamiento para el alma: V.M. se ocupe en escrevir lo que sabe deste Sancto Varon; porque de mi sé dezir, que con aver cincoenta años, que estudio, y aver tenido muchos libros, no sé que me causa singularmente la lecion deste, que se me pega al alma, V.M. me ayude con sus oraciones, pues sabe me lo debe, y le amo, y le estimo lo que no sé encarecer.

Esta Carta traz Gil Gonçalves, no *Theatro Eccles. das Igrejas de Indias*, tom. 2. p. 121.

Quando assistio no Hospital, fez hum livro muito util para os enfermos da *Virtude das Ervas*, outro, *Chronologia Universal*, e tambem outro intitulado *Kalendario Historico*, nenhum destes sabemos, que se imprimisse. Morreo no anno de 1596, neste dia, aos 54 annos de sua idade, e delles 33, passados em vida contemplativa, e solitaria.

A sua Vida compoz o Padre Francisco Losa, que foy seu Companheiro, e na lingoa Portugueza a traduzio, e accrescentou Pedro Lobo Correa. Delle se lembraõ o Licenciado Jorge Cardoso, no dia 13 de Março, no Commentario, letra E; Fr. Affonso Ramon Mercenario; e Luiz Munhos; o Padre Francisco da Cruz, nas Memorias m. f. para a *Bibliotheca Lusitana*; na *Hispanica* D. Nicolao Antonio *in verbo Gregorio Lopes*; Monsieur Moreri no *Dictionario Historico*, *in verbo Lopes Gregoire*; Monsieur Arnaud d' Andilli; Fr. Francisco Montalvo; o Padre Luiz de Alcazar *in Apocalypsi*, not. 26. sect. 1. §. 45. pag. 66; Argaiz no Prologo à sua Vida; o Padre Joaõ Ribeiro na *Vida de Maria da Encarnaçaõ* m. f. Gil Gonçalvez de Avila *Theatro de las Grandezas de Madrid*, pag. 27, e no *Theatro das Igrejas de Indias*, Tomo I. no fim, e no II. em diversas partes; Navarrete *Monarchia da China*, trat. 6. das viagens, cap. 2. pag. 296.

D A Villa de Monte mór o novo, na Provincia de Alentejo, foy Patria do Padre Jorge de Contreiras; seus pays foraõ o Doutor Diogo de Contreiras, e Margarida Coelho. Entrou na Companhia em Evora, no anno 1580, tendo 18 annos de idade. Foy bom Letrado, e de huma candida natureza, e grande estimaçaõ daquelles, que via inclinados à virtude. Morreo no anno de 1600, neste dia, com universal sentimento. A mayor parte da sua Communidade lhe beijou os pés, e as mãos, em veneraçaõ à sua virtuosa vida. Franco na *Imagem do Noviciado de Evora*, liv. 3. cap. 23.

E O Padre Aleixo Alvares foy natural da Cidade de Bragança, huma das da Provincia de Traz os montes; seus pays se chamaraõ Gonçalo Rodrigues, e Cicilia

Cicilia Lopes. Admiravel foy o modo, com que Deos o chamou à Companhia; mas tambem singular o modo, com que elle seguio a inspiraçaõ, que he o caminho, com que se seguraõ as resoluções, na perseverança, até o fim da vida. Foy a doença contagiosa, e como tal se pegou a outros Religiosos de iguaes costumes, como veremos nos dias 24, e 27 deste mez. Naõ logrou a Roupeta mais que hum anno e sete dias, em que aproveitando tanto, como temos visto, morreo no anno de 1585, como diz Franco na *Imagem da Virtude do Collegio de Evora*, liv. 2. cap. 24.

F Ruy Mendes de Vasconcellos, e D. Jeronyma de Moura, foraõ pays de Sor Isabel do Presepio, a quem ella pedio, ao tempo, que estava despachado por Desembargador para o Porto, a metesse Religiosa, antes da sua partida em hum Mosteiro de Religiosas da Observancia: pertendeo entrar na Madre de Deos, onde tinha outra irmãa, e naõ teve effeito, depois de ter Breve de dispensa, conforme o Instituto daquelle Mosteiro; porém Deos a tinha destinado para servir no Religioso Mosteiro do Sacramento, da Familia de Saõ Domingos, onde com virtuosa vida, acabou neste dia, no anno de 1688, como diz huma Relaçaõ m. s. que temos deste Mosteiro.

G Naõ temos mais noticias de Sor Mecia, do que as referidas no Texto, taõ succintas, que nem do appellido achamos memoria, mas sim que era de nobre geraçaõ, e que havia sido Prioressa deste Mosteiro, onde a nomeaõ por segunda deste nome, e viveo pelos annos de 1498. O *Anno Dominico*, neste dia, e a *Historia de Saõ Domingos* de Sousa, part. 2. liv. 6. cap. 15. pag. 255.

H Fundou o Mosteiro de Nossa Senhora da Assumpçaõ da Villa de Moura, D. Angela de Moura, filha de Joaõ Alvares de Moura, Alcaide môr das Sacas, entre Tejo, e Guadiana, e Algarves, da antiga Familia de Moura, e de sua mulher D. Aldonça Correa. Os *Nobiliarios deste Reyno*, fazem duas vezes casada a D. Angela; a primeira com Joaõ Gramacho; a segunda com Henrique de Mello, filho de Ruy de Mello, Mestre Salla delRey D. Joaõ o III. e que por morte deste marido fundara o Mosteiro de Moura. Porém o Padre Fr. Luiz de Sousa, quando na Historia da sua Provincia chega a esta Fundaçaõ, diz, que D. Angela, vendo que seu pay determinava darlhe segundo marido, fizera voto a Nossa Senhora, se a aliviasse de tomar estado de casada, de lhe edificar hum Mosteiro, e de a servir nelle toda a vida, e que a este fim fazia largas esmolas, como rica Senhora, e de grande dote. Tanto que foy viuva se recolheo ao Mosteiro do Paraiso de Evora, onde se tinha criado, e estavaõ suas irmãas, e começou a seguir os exercicios da Religiaõ, como se fora professa. Desejava muito servir a Deos no estado Monastico, mas naõ queria desgostar ao pay, de quem era muito amada, e assim se celebraraõ contratos para segundas vodas, e depois de celebradas, naõ teve effeito o desposorio. Esta circumstanciada narraçaõ mostra, que he erro nos Genealogicos, darlhe segundo marido. Desembaraçada D. Angela, fundou o Mosteiro de Moura, para o que impetrou licença da Sé Apostolica, com as clausulas de ser na Villa de Moura, onde nascera, e da Ordem de Nossa Senhora do Carmo, com o titulo da Assumpçaõ. A esta supplica juntou outra, para suas irmãas mudarem do Instituto Dominico, para o Carmelitano. Tudo lhe foy concedido, porém naõ pode conseguir com as irmãas, que largassem a Regra, que professaraõ. Naõ podia estar sem ellas, e deu em hum arbitrio, para as obrigar, e foy, que conservando o Habito de Saõ Domingos, vivessem com os estylos das Freiras Carmelitanas. Naõ aceitaraõ as irmãas este meyo, affirmando, que para o Mosteiro, que naõ fosse da sua Ordem naõ sahiriaõ nunca, do que se chamava do Paraiso. Procurou terceiro Breve com dispensaçaõ do voto na parte da qualidade do Habito, para que fosse da Religiaõ de Saõ Domingos. Como era a pessoa de qualidade, e a petiçaõ pia, se lhe differio como desejava. Nas casas em que nasceo se lançou a primeira pedra a 7 de Outubro de 1562, e já nos principios de Outubro de 1566, se começou a habitar, com cinco Religiosas, que trouxe do Paraiso de Evora; e foraõ suas tres irmãas Sor Jeronyma de Saõ Joaõ, de quem tratamos no Texto, e acabou a vida no anno de 1583; Sor Antonia de Nazareth; e Sor Branca de Saõ Francisco, de quem nos lembraremos a 20 de Agosto, e da outra a 8 de Setembro, e para primeira Prioressa a sua tia a Madre Ma-

ria de Jesu, acompanhada de outra Religiosa de grande obſervancia, chamada Sor Maria da Aſſumpçaõ. He eſte Moſteiro da obediencia do Ordinario de Evora. De Sor Jeronyma faz mençaõ a III. Parte da *Hiſtoria de Saõ Domingos*, liv. 6. cap. 4. pag. 472; o *Agiologio Dominico*, neſte dia; Soveges no *Anno Dominico*, a 22 deſte mez.

JULHO XXI.

Trasladaçaõ de Franciſco da Eſperança, e 6 Compan. MM.

A M Saõ Franciſco da Cidade de Lisboa, ſe trasladaraõ as veneraveis Reliquias daquelles ſete Martyres, de que fizemos mençaõ a quatro deſte mez, Franciſco da Eſperança, e ſeus Companheiros, que em Marrocos com o ſeu ſangue cortaraõ glorioſas palmas, com que ſubiraõ a triunfar na Bemaventurança. Depois de eſtarem muitos annos as ſuas Reliquias eſquecidas na Sacriſtia deſte Convento, foraõ collocadas na Capella de Saõ Joaõ Capiſtrano; mas quando ſe deſcobriraõ, ſe acharaõ taõ alvas, e cheiroſas, e ſendo envoltas em hum pano de linho, e depois em outro de ſeda, e metidas em hum caixaõ novo, muy decente, ſe puzeraõ em hum Nicho da dita Capella.

O P. Gonçalo Alvares da Compan.

B Neſte dia acabou em morte deſgraçada, aos olhos do Mundo (por ſer em hum naufragio) o Padre Gonçalo Alvares da Companhia; mas para elle muy ditoſa, por ſer principio da Eterna Bemaventuraça, que lhe aſſegurou a ſua obſervante vida. Delle ſe conta, que ſendo eſtudante em Coimbra, e que tocando o ſinal para a recreaçaõ dos eſtudantes, ao que primeiro precede exame de conſciencia, naõ ouvindo o ſinal, ficou de joelhos orando por eſpaço de oito horas, e no meſmo lugar o acharaõ os companheiros, ao tempo que tocou o ſino à cea. Foy excellente Meſtre dos Noviços, e depois eſcolhido entre tantos Varoens claros do primeiro ſeculo da Companhia por Saõ Franciſco de Borja, para primeiro Viſitador do Oriente, o que aceitou com ſatisfaçaõ do ſeu eſpirito, ſem reparo no trabalho, nem horror na dilatada jornada. Aquella Provincia governou com zelo, e prudencia, ordenando algumas couſas taõ uteis ao bom governo, que depois ſe decretaraõ nas Congregações geraes. Era bom Letrado, e taõ attado à obediencia, que ſendo o frio do clima do Japaõ contrario ao ſeu temperamento, e à debilidade da ſua natureza,

por

por padecer ſobre eſta debil conſtituiçaõ, havia muitos mezes, huma dor na ilharga, taõ vehemente, que apenas ſe podia ſuſter em pé, para dizer Miſſa; nada diſto foy baſtante para replicar ao Geral, que lhe ordenava paſſaſſe a viſitar aquelle Imperio, e dizia, que hia muy alentado com a força da obediencia, e preparado para tudo, o que Deos foſſe ſervido diſpor delle. Tendo viſitado o Collegio de Malaca, e a Reſidencia de Macao, em que inſtituìo huma eſcola de ler, e eſcrever, embarcou para o Japaõ com ſeu Companheiro, e outros Religioſos, em dia que eſtava o Ceo claro, e ſereno. Naõ ſe tinha perdido de viſta o porto, quando de improviſo ſe levantou hum vento rijo, e furioſo, que deſarmou em cruel tempeſtade, e em duas horas ſepultou entre as ondas o navio, em que naufragou toda a gente. O Padre foy achado na praya morto, como orando, poſto de joelhos, com as mãos levantadas ao Ceo, onde he de crer eſtá a ſua bemdita alma.

O P. Fr. Joaõ da Coſta Dominico.

C Em a Ilha do Ende, deu fim aos trabalhos da ſua laborioſa Miſſaõ, o Padre Fr. Joaõ da Coſta, Religioſo Dominico, que movido da grande neceſſidade, que tinhaõ de Companheiros os Miſſionarios das Ilhas de Solor, ſe offereceo generoſamente, para trabalhar na cultura eſpiritual daquellas tenras plantas da Chriſtandade, confortando aos recem naſcidos pelo bautiſmo, para a conſervaçaõ da Fé, em cujo obſequio eſtava reſoluto a dar a vida. Embarcou-ſe com alguns Companheiros, e tomaraõ porto em Macaçar, e parecendo-lhe neceſſaria huma Igreja neſta povoaçaõ para os Religioſos, que paſſavaõ para Solor, alcançando licença a erigio, naõ ſem contradiçaõ do commum inimigo. Chegou a Solor, onde logrou copioſos frutos a ſua doutrina, e depois de inſtruìr a huns, e catequizar a outros, paſſou a prégar a diverſos lugares, para fazer novas Conquiſtas ao Ceo; e levando para eſta empreza dous Companheiros, começaraõ a correr varias povoações da Ilha, do Ende, em que padeceo imenſos trabalhos. Augmentava-ſe o numero dos Cathacumenos todos os dias, com ancia de receber o ſagrado Bautiſmo, e para o fazer com ſolemnidade, determinou levantar huma Igreja, em que trabalharaõ os naturaes com tanta diligencia, que enchiaõ de goſto ao Padre, e em breve ſe concluìo, e celebrou nella Miſſa com muitas lagrimas de devoçaõ, rendendo graças a Deos de o fazer inſ-

trumento de ajuntar ao ſeu rebanho aquellas ovelhas perdidas. Com grande alegria as bautizou, vendo-as renaſcidas na Graça, as que eraõ ha pouco vís eſcravas da culpa. Naõ dura ſempre o bem; porque o inimigo das almas, naõ ſe deſcuidando da ſua malicia, de tal ſorte incitou a alguns naturaes da terra, que por zelador da honra de Deos, deraõ huns Gentios veneno ao Padre, de que cahindo enfermo, depois de receber com ſumma devoçaõ os Sacramentos, deu com ſanta morte fim a huma glorioſa vida.

A M. Brites de Chriſto Dom.

D Item na Villa de Abrantes, a Madre Brites de Chriſto, da meſma Familia Dominica, que deixou da ſua morte huma ſanta enveja às ſuas Companheiras, e huma ſingular idéa para vida Religioſa, em que ſoube ſer obſervante. Na hora da morte, já depois de ungida, entrando em a ultima agonia, mas conſervando ſempre illezo o juizo, ſe lhe percebeo dizer entre ſi: *Iſſo foy com licença.* A eſtas palavras, ſe encheraõ de pavor as Religioſas, por entenderem ſe diſputava taõ eſtreitamente a conta da vida. Paſſado algum tempo, voltando para as Religioſas, com roſto alegre, diſſe: *Vem a Virgem*, e forcejando o eſpirito com a natureza, já rendida pelo mal, ſe quiz pôr de joelhos, e cuberto o roſto de lagrimas, diſſe: *Senhora, onde eſtaveis? que me queriaõ tragar*; e neſtas palavras dormio em o Senhor.

Sor Brites de S. Franciſco Dom.

E Na Cidade de Evora, a Madre Sor Brites de Saõ Franciſco, tambem Dominica, grande imitadora daquelle Serafim humano, que lhe deu o appellido, taõ humilde, e devota, como moſtrou o preſente caſo, em que vendo vomitar a huma enferma as eſpecies Sacramentaes, ſe offereceo para as receber, o que executou, ſem que moſtraſſe repugnancia na natureza, nem ainda genero algum de delicadeza do ſexo. Finalmente, pagando tributo à morte, foy lograr o premio de huma vida humilde, pobre, e penitente.

Fr. Chriſoſtomo de Santiago Dom.

F Na India Oriental, no Reyno de Amauy, trocou ditoſamente os prolongados trabalhos das ſuas laborioſas Miſſoens, pelas delicias da Gloria, Fr. Chriſoſtomo de Santiago, diligente operario do Evangelho, que com grande zelo fundou neſte Reyno Igreja, ſendo piedoſo Pay daquelles póvos. Trinta e cinco annos trabalhou nas Miſſoens de Timor; e paſſando depois a eſta de Amauy, onde os Hereges Holandezes,

o per-

o perseguiraõ, e fingindo cartas em certa ocurrencia de negocios de importancia, que tinha, que lhe communicar, pertencentes ao Estado, elle com sinceridade de pomba, entrou nas redes dos detestaveis caçadores, os quaes sem lembrança do direito das gentes o fizeraõ prizioneiro, donde Deos milagrosamente o livrou, e voltando para a sua Missaõ acabou santamente.

Paula do Rosario.

G Em o Mosteiro de Santa Monica de Goa, espera a resurrreiçaõ universal, Paula do Rosario, servente daquella Religiosa Communidade, em cujo exemplo recebeo a criaçaõ, e o amor à virtude, sendo muy cuidadosa nas obrigações do seu estado, e muito mais nas da sua devoçaõ, que seguia edificando as Religiosas, pelo que mereceo receber do Senhor muitos favores. Era dotada de boas partes; porque para tudo tinha prestimo, e habilidade; e como era bem inclinada, todo o seu cuidado punha em amar a Deos. Aprendeo Musica, e tangia viola de arco, taõ destramente, que servia no Coro com grande satisfaçaõ das Religiosas, mas nem por isso se eximia das obrigações do seu estado, servindo com notavel agrado. Poucos mezes antes da sua morte, estava no Coro, às quatro horas da manhãa na Oraçaõ mental, como tinha de costume, quando em huma prodigiosa visaõ vio muitas Religiosas, e entre ellas, a mesma, que a havia criado, e levado para o Convento, que já era falecida, e com gesto taõ agradavel, que parecia estava na Gloria. Naõ passaraõ muitos dias, quando Paula do Rosario adoeceo de huma grave enfermidade, e pedindo os Sacramentos, se confessou geralmente, deixando ao Confessor edificado da pureza da sua consciencia, e recebido o Santissimo Viatico com muita devoçaõ, durou ainda a doença sete mezes, em que se vio a sua conformidade. Commungava duas vezes na semana, e resignada toda na Divina vontade, com hum ardente desejo de acabar seus dias, em huma sesta feira, o veyo a conseguir, depois de se ter exercitado em repetidos actos de amor de Deos, com o dulcissimo Nome de JESU na boca, acabou em paz.

Com-

Commentario ao XXI. de Julho.

A SEndo Guardiaõ do Convento de Saõ Francisco, a que chamaõ da Cidade, Fr. Christovaõ das Chagas, e Sacristaõ Fr. Francisco de Jesu, se deveo ao seu cuidado a Trasladaçaõ, de que fallamos no Texto, a qual se executou no anno de 1641, neste dia, como refere a *Chron. da Prov. de Port.* de Esperança, part. 1. liv. 2. cap. 7. pag. 203.

B No anno de 1572, no naufragio referido, acabou o Padre Gonçalo Alvares, com seu Companheiro o Padre Manoel Lopes de Bulhões, e os Padres Joaõ Velho, e Diogo Fernandes, todos da Companhia; e de toda a gente do navio, só escapou hum Mouro, déstro em nadar, que alcançando hum navio, que navegava para Malaca o recebeo, e deu conta desta lastimosa perda. Era este Padre natural de Villa-Viçosa, e tinha 23 annos de Roupeta, gastos em serviço de Deos, e da Companhia, em que teve varias occupações. Nadasi neste dia; Sousa no *Oriente Conquistado*, part. 2. Conq. 4. n. 71; e Franco *Annus Gloriosus Societatis.*

C O Padre Fr. Joaõ da Costa era natural da Cidade da Guarda, irmaõ de Antonio Saraiva de Carvalho, Escrivaõ dos Aggravos. Tomou o Habito na Provincia de Castella, estudou no Collegio de Valhadolid, e nesta Provincia leu Filosofia, e no Collegio de Santo Thomás de Goa Theologia, e de seus estudos tirou copioso fruto na Ilha do Ende, arrimada no Archipelago de Samatra, que alguns querem que seja antiga Trapobana. He esta Ilha pequena, e taõ estreita, que naõ tem mais, que duas legoas de ambito, e taõ esteril, que nem produz aquelles frutos, que se achaõ nas Ilhas visinhas: até de agua padece falta; porque todas as que tem, saõ salobras, só he abundante de Palmeiras bravas, que lhe tem utilidade. Tudo o de que vivem vaõ buscar à Ilha, chamada *Grande*, a que está encostada com grande visinhança, defronte da povoaçaõ de Mari. O genio da gente he diligente, e mais polido, e de melhor entendimento, que todo o commum das outras Ilhas. Morreo o Padre Fr. Joaõ da Costa, pelos annos de 1652; seu corpo acharaõ incorrupto, com os Habitos, sem lezaõ alguma, e querendo-o trasladar para Larantuca, o naõ permittiraõ os moradores de Siduay, e assim o tornaraõ à sua antiga sepultura. Succedeo-lhe nesta Missaõ Fr. Manoel da Encarnaçaõ, natural de Lisboa, e filho da Congregaçaõ da India, que com igual zelo proseguio na conversaõ dos Gentios. Da Relaçaõ de Fr. Antonio da Encarnaçaõ tiramos o referido. Delle se lembra Soveges no *Anno Dominico*, e Lima no *Agiologio Dominico*; ambos neste dia.

D Pelos annos de 1560, deu fim à sua vida no Mosteiro de Nossa Senhora da Graça da Villa de Abrantes, Sor Brites, de quem faz mençaõ Sousa, na III. parte da *Historia de Saõ Domingos*, liv. 3. cap. 8. pag. 253; e Lima no *Agiologio Dominico*, neste dia.

E Em o anno de 1584, morreo no Mosteiro de Santa Catharina de Sena na Cidade de Evora, Sor Brites, de quem Sousa na III. Parte da *Historia de S. Domingos*, liv. 3. cap. 25, faz mençaõ. A este proposito se lembra de outro caso semelhante, que succedeo a D. Manoel de Castellobranco, Conde de Villa-Nova, do Conselho de Estado, quando se deu o Santissimo Viatico a hum criado seu, que lançando fóra as Sagradas Especies (afflicto o Conde) pedio ao Cura as recebesse; e como este o recuzasse, se confessou, e as recebeo com muita veneraçaõ. Era este Conde, sobre muito bom, e devoto, muito bem entendido em toda a materia. ElRey Filippe II. no tempo, que assistio em Madrid, no Conselho de Estado, lhe deu o titulo de Conde de juro, fóra da Ley mental, e merece-nos a sua Christandade esta breve memoria, que tambem refere Affonso de Torres no seu *Nobiliario*; o *Agiologio Dominico*, neste dia.

F Pelos annos de 1652, deu fim à sua vida Fr. Chrisostomo de Santiago, natural de Aveiro, Villa da Provincia da Beira, filho do Convento, que a Religiaõ Dominicana tem nesta Villa. Depois da sua morte esquecido ElRey de Amauy, de que tinha recebido a Religiaõ Catholica Romana, se deixou vencer das persuações dos Holandezes, com esperança de grandes fortunas, e fazendo com elles liga, se obrigaraõ a lançar fóra dos seus dominios aos Portuguezes. Perfido o Rey poz em campo

campo hum numeroso exercito, composto de vinte mil homens, com que pertendeo sem perda sua conseguir o intento, bloqueando a Ilha. Porém depois de hum apertado sitio, já em extrema necessidade, resolutos, e confiados em Deos os nossos, acommetteraõ aos inimigos com tanta felicidade, que os dorrotaraõ, naõ sendo mais, que quinhentos o corpo da nossa parte; e depois de huma grande mortandade, se retirou ElRey de Amauy, com injuria dos póvos visinhos, que zombavaõ da sua retirada; e assim era recebido por onde passava com desprezo, e ludibrio. A Relaçaõ, que seguimos, attribue este milagroso successo ao Patriarca S. Domingos; e he de crer, que elle defendesse a doutrina do Evangelho, que aquelles Christãos tinhaõ recebido de seus filhos, que com tanto trabalho tinhaõ conservado aquellas Missoens, edificando Igrejas ao culto Divino, conforme o Rito, e determinaçaõ da Sé Apostolica, por tantos Concilios, e authoridades dos Padres da Igreja, o que agora a cobiça dos Holandezes, com erros da Heresia, pertendiaõ introduzirlhe os seus falsos dogmas, de que muito nos devemos lastimar, por se ter introduzido na Asia com o seu dominio, o prevaricarem muitos da Religiaõ Catholica Romana. De Fr. Chrisostomo, faz mençaõ huma Relaçaõ, que escreveo o Padre Fr. Antonio da Encarnaçaõ, cap. 2. pag. 11, e cap. 30. pag. 44; e Soveges no *Anno Dominico*, neste dia.

G Era Paula do Rosario, filha de pays Indios, e tinha sido criada em a casa de Sor Mecia de Jesus, de quem era escrava, a qual vindo para a Religiaõ a trouxe comsigo, naõ vencendo nisso poucas difficuldades, tendo-se por milagrosa a sua entrada: porém como Deos a destinara para sua Serva, havia de fazer faceis os asperos caminhos, e ella soube agradecerlhe a sua Misericordia, fazendo huma vida inculpavel, naõ faltando nunca às obrigações, que lhe eraõ destinadas. He costume deste Mosteiro, de as criadas se levantarem às quatro horas da manhãa, e irem ao Coro de baixo, onde tem huma hora de Oraçaõ mental, a que precede liçaõ de livro espiritual, e depois Missa, e acabada, se vaõ todas cada huma aos seus empregos. Neste Santo modo de vida continuou Paula do Rosario, e com elle se adiantou na virtude, dando sempre às companheiras exemplo, até que faleceo neste dia, do anno de 1617, como escreve o Reverendissimo Padre Fr. Agostinho de Santa Maria, na *Historia da Fundaçaõ de Santa Monica de Goa*, liv. 4. cap. 30. pag. 782.

JULHO XXII.

Fr. Antonio da Cõceiçaõ Trino.

A NA Cidade de Lisboa, deu fim a huma vida innocente, com ditosa morte, no Convento da Santissima Trindade o Veneravel Pader Fr. Antonio da Conceiçaõ. Deu-lhe o Ceo huma armoniosa voz, e esta lhe facilitou o ser aceito na Capella Real, por moço da Estante. Recreava a todos com a melodía do seu canto, e admiravaõ nelle huma singular compostura, e gravidade, vendose na sua pessoa grande inclinaçaõ à virtude. Contava quatorze annos, quando já lhe podera o florido da idade dar diversos pensamentos; mas tratou de buscar seguro porto, contra as esperanças do Mundo, na Religiaõ da Santissima Trindade, em que foy hum exemplar vivo da modestia; de sorte, que o propunha o Mestre por idéa da perfeiçaõ aos mais Companheiros,

ros. Ordenado Sacerdote, vivia taõ recolhido na cella, como ſe eſtivera no Ermo, pois naõ ſe encontrava com os mais Religioſos, ſenaõ nos actos preciſos da Communidade. Seguio as Aulas, mais por obediencia, do que por vontade, deſejando mais avançarſe no eſpirito, do que nas Sciencias. Acabados os eſtudos, buſcou a ſolidaõ em o Convento de Cintra, lugar apto para a contemplaçaõ, aonde recolhido em huma Ermida, paſſou muitos annos, ſem mais alimento, que fruta ſecca, e nos dias de feſtas humas ervas, que elle coſinhava, ſem outro trato mais, que o do ſeu Confeſſor. Neſta vida perſeverou, até que obrigado da obediencia, veyo para Lisboa, a enſinar os Noviços, e melhorar os peccadores com o ſeu exemplo, e doutrina. Foy preciſo à Religiaõ mandallo para o Algarve à inſtancia do Governador daquelle Reyno. Como ſe deſejava livre do trato das gentes, eſtimou a occaſiaõ para livremente poder darſe à contemplaçaõ. Aqui o fizeraõ Miniſtro. Em ſeu tempo augmentou as rendas do Convento, aperfeiço-ou o edificio, e acodio a tudo, o que era preciſo; porque a Divina Providencia lhe acodio abundantemente. Acabado eſte governo foy promovido a Definidor, occupaçaõ, que exercitou muitas vezes, como tambem Viſitador Geral, lugares, que occupou com prudencia, e Religiaõ, caſtigando com amor, e reprehendendo ſem paixaõ. No tempo que aſſiſtio em Lisboa, deu a muitas peſſoas maravilhoſas inſtrucções, com que agradaraõ ao Ceo. Todo o ſeu deſejo era a ſolidaõ, e aſſim ſuſpirava recolherſe a algum lugar diſtante da Corte. Alcançou licença, e acompanhado de alguns diſcipulos ſeus, foraõ viver no Moſteiro da Louſa, na Provincia de Traz os montes, e em vida ſolitaria, e penitente, affligindo ſeus corpos com aſperas penitencias, fizeraõ muitas obras dignas do conſpecto Divino. Deſta Angelica vida o tornou a tirar a Obediencia para o Convento de Lisboa, para que o ſeu exemplo, e virtude reſplandeceſſe nos olhos da Corte. Admirava-ſe nelle hum animo conſtante, recebendo igualmente o goſto, e os pezares, com huma taõ candida ſingeleza, que retratava nella o puro da ſua alma; e ſendo muy mortificado, recatava de ſorte as ſuas penitencias, que naõ dava a conhecer o que padecia. A ſua cella era pobre, e ſem ornato. Tudo quanto grangeava diſpendia por Donzellas pobres, e ou-

tros

tros necessitados, ou o dava para o culto da Igreja. Na oraçaõ era taõ continuo, que foy chamado o Contemplativo, e taõ entregue à presença de Deos, que desde a idade de 25 annos, que disse Missa, continuamente trouxe diante de si a Christo com a Cruz às costas. Este socego de espirito pertendia perturbar o demonio com ruina da sua alma, perseguindo-o tenazmente. Foraõ muitas vezes sentidos os combates, com admiraçaõ da sua virtude. Foy muy assistente no Confissionario: nelle encaminhou muitas almas à perfeiçaõ, e a outras tirando da torpe vida, livrou do Inferno. Foraõ muitos os filhos, e filhas do seu espirito, que fizeraõ gloriosos progressos na virtude. Em muitos casos se lhe conheceo espirito profético, que verificaraõ depois os successos. Estas, e outras virtudes coroou com invicta paciencia, sofrendo injurias de hypocrita, e invencioneiro, tratando a sua abstinencia de golosina; o zelo da Religiaõ de animo inquieto; quando era Prelado, se usava de brandura, de froxo; e se emendava os erros com castigo, de cruel. Finalmente, adoeceo mortalmente, tendo pronosticado havia quinze dias a sua morte ao Confessor, e recebendo os Sacramentos com singular devoçaõ, pedio a todos com grande humildade, lhe perdoassem os seus erros; e com hum Crucifixo nas mãos, era tal a ternura das suas jaculatorias, que compungiria ao coraçaõ mais duro, e com estas palavras: *In manus tuas Domine commendo spiritum meum*, ficou em hum extasi, com os olhos fixos no Ceo, dando nelle a sua alma a Deos, às tres horas depois da meya noite; e no mesmo tempo, em que se costumava levantar para a oraçaõ, se foy a lograr da visaõ beatifica.

B Na mesma Cidade de Lisboa, a morte do Veneravel Padre Fr. Lourenço de Brindize, Varaõ verdadeiramente Apostolico, em quem se uniraõ todas as virtudes, que venera a nossa Fé, sendo singular idéa da vida Religiosa na observancia, e zelo da salvaçaõ das almas, eminente Letrado, versado nas lingoas, sabendo com erudiçaõ das Orientaes, a Hebraica, Caldaica, Syriaca, e Grega; e das da Europa a Latina, Alemãa, Hespanhola, e a Italiana, que era a materna. No Pulpito conseguio grande fama; porque naõ havia em Italia, e Alemanha, Cidade, que com emulaçaõ se lhe naõ offerecesse. O Papa Clemente VIII. o chamou a Roma, onde por

Fr. Lourenço de Brindize, Capucho.

eſpaço de tres annos prégou aos Hebreos na ſua propria lingoa. Os Emperadores de Alemanha Rodolfo II. e Matthias, alcançaraõ do ſeu Geral licença, para que foſſe occupar os Pulpitos de Viena, e Praga, e de outras muitas Cidades do ſeu Imperio. Era grande o fruto dos ſeus Sermões; porque às ſuas vozes ſe reduziaõ Judeos, e Hereges, deteſtando os erros da ſua obſtinaçaõ, e ſeguindo a ſagrada luz da doutrina Evangelica. O meſmo ſuccedia a muitos peccadores inveterados nos vicios, que convertidos recorriaõ à ſua peſſoa, para remediar o depravado da ſua eſcandaloſa vida. Era para admirar ver aquelle Varaõ penitente Apoſtolicamente peregrinar, ſem que houveſſe nelle outro algum intereſſe, do que o proveito do proximo. Eſte deſapego do Mundo, compoſto de modeſtia, foy cauſa de confeſſarem muitos Judeos, que eſtimavaõ mais o ſeu exemplo, do que a ſua doutrina: tanto obrigava mais com a perfeiçaõ daquella virtuoſa vida, do que com os fortes argumentos, com que os convencia. Em Bohemia, e Ungria, onde com diverſos erros tem o demonio cultivado huma grande ſeára, convenceo a muitos em diſputas, e outros ſó de o ouvirem, ſe rendiaõ ao ſuave imperio da razaõ. Naõ havia perigo, a que ſe naõ expozeſſe, por conſeguir a reducçaõ das almas ao gremio da Igreja, ſem que o odio dos Hereges lhe fizeſſem afrouxar o ardor do ſeu eſpirito; porque deſejava muito dar a vida em defenſa da verdade, que prégava.

Era Fr. Lourenço o meyo mais proporcionado, para ſe conſeguirem grandes emprezas. Pertendia o Emperador Rodolfo ajuſtar huma liga contra os Turcos: a eſte fim o mandou a diverſos Principes de Alemanha, e acabou o ſeu zelo, o que tanto demorava a politica; porque com brevidade conſeguio eſta uniaõ, e ſe poz o Exercito Catholico em campo, em que ſe achou o Servo de Deos, ſendo as ſuas orações luzido ſoccorro, com que ſe alcançava a vitoria; e derrotado o Exercito dos Turcos, ficou ſem ſuſto o Reyno de Ungria. Em tudo ſe conhecia o amor Divino, que abrazava aquelle Serafico coraçaõ; porque ſendo Miniſtro Geral da Ordem, ſó deſejava preceder a todos na humildade. Fugia aos applauſos, que a liſonja perſuade facilmente, a quem governa. Viſitava a pé as dilatadas Provincias da ſua obediencia, ſem que ſe apartaſſe dos Conventos da Ordem, fugindo às hoſpedagens dos

Senho-

Senhores, que o procuravaõ. Estas jornadas, e as muitas das Missoens, por chuvas, neves, calmas, e frios, lhe agenciaraõ hum continuado achaque de gotta, que o tolheraõ de sorte, que sem duas moletas, se naõ podia mover; mas com admiraçaõ de todos se via agil, em chegando a revestirse para dizer Missa, perseverando no Altar nunca menos de quatro horas, ou de seis, e algumas vezes oito, e doze, em que absorto nas dilicias da Gloria, o viaõ levantado do chaõ, naõ pequena distancia. Eraõ os seus olhos neste incruento Sacrificio, victimas, que em copiosas lagrimas derramavaõ o sangue mais puro do seu amante coraçaõ, que muitas vezes lhe duravaõ seis, e sete horas, em principiando o Canon, até que suspendia esta amorosa affluencia, em que offerecia lagrimas em lugar de rogos, continuava o Sacrificio a sua tenra devoçaõ. Da sua cabeça se via sahir fumo, como podera de huma chaminé, testemunhando o fogo, que ardia no coraçaõ, sem que tanta agua o suspendesse. Acabada a Missa, apartado do Altar, tornavaõ as dores a deixallo baldado, e impedido. As suas virtuosas obras, quiz Deos fossem patentes aos olhos do Mundo, acreditando-o em vida com muitos milagres. Por sua intercessaõ tiveraõ saude enfermos de envelhecidas, e dilatadas doenças; outros de perigosas, e agudas enfermidades loucos, se restituiraõ ao seu juizo, vendo-se em a sua pessoa os effeitos, com que obra a piedosa maõ do Altissimo, de quem foy a receber o premio eterno, depois de ser confortado com o Santissimo Viatico, e ter recebido a Santa-Unçaõ, e exhortado os seus Companheiros, levantando as mãos ao Ceo, outras vezes cruzando-as sobre o peito, e com outros sinaes evidentes de predestinaçaõ, dormio em o Senhor.

Francisco Fernandes de Abreu Terceiro de S. Francisco.

C Em a Cidade do Porto, a Deposiçaõ do venturoso Francisco Fernandes de Abreu, homem de vida muy reformada, em quem foraõ as acções, e procedimentos, mais de Religioso, que de Mercador, que tratava. Desde os primeiros annos foy bem inclinado: depois de casado, com as obrigações do estado conjugal, em que viveo vinte annos, cresceraõ os desejos da perfeiçaõ, dandо-se de todo à vida espiritual, naõ se esquecendo, como prudente pay de familias, de criar seus filhos, conforme ensina a Fé. Era a sua casa a habitaçaõ da paz, conservada em verdadeiro, e santo amor de Deos. Fre-

quentava muito a oraçaõ, em que tanto se elevava, que esquecido do trato da logea, em que commerciava na terra, voltava todo para o Ceo, em que tinha infaliveis avanços. Trazia taõ ferido o coraçaõ, que qualquer palavra do amor de Deos lhe banhava os olhos em lagrimas, desejando de todo unirse com este Senhor, e esta consideraçaõ o trazia em huma continuada saudade. Tinha hum quadro, em que estava pintado hum coraçaõ passado com huma setta, e apenas lhe punha os olhos, quando enternecido se desfazia em copioso pranto, repetindo aquellas palavras da Esposa: *Vulnerasti cor meum, &c.* e com estes tenros affectos explicava o sentido da sua alma. Naõ se lhe conheceo nunca perturbaçaõ de animo, antes hum socego admiravel de espirito, que era admiraçaõ de toda a Cidade. Começaraõ os achaques taõ continuos, que já lhe naõ permittiaõ sahir fóra de casa, até que rendido do mal se lançou na cama. Tendose-lhe manifestado a sua morte, chamou oito filhos, que tinha, a quem lançou a sua bençaõ, e sem demonstraçaõ de mais ternura, nem dos affectos, que os vinculos do sangue permittem em semelhantes occasiões. Depois de recebidos os Sacramentos, pondo os olhos em hum Christo crucificado, com os braços em Cruz, ficando em hum profundo silencio, como quem meditava no nosso Redemptor, foy a gozar neste dia, como piamente cremos, do eterno descanço dos Justos.

O P. Affonso Gil, da Companhia.

D Item na Cidade de Lisboa, morreo victima da charidade, servindo aos feridos do contagioso mal da peste, o Padre Affonso Gil da Companhia, aonde foy o exemplar da mansidaõ, e modestia; taõ recolhido, que nunca sahio de casa, senaõ obrigado do serviço de Deos, ou do proximo, em que se empregava de dia, e de noite, ambicioso da salvaçaõ das almas, sendo aspero, e deshumano para si, e agradavel com as gentes, resplandecendo-lhe sempre huma natural alegria, sem que mostrasse affliçaõ, ou cansaço, antes com palavras brandas, e rizo na boca, explicava o puro do seu coraçaõ. Naõ havia carcere, que naõ visitasse, soccorrendo aos miseraveis prezos; aos condemnados às Galés consolava, alimentava, e vestia de esmolas. Era já conhecido por bemfeitor, e pay dos afflictos, e desgraçados, que elle amava ternamente, desentranhando-se pelos servir. Succedeo atearse na Cidade o terrivel

terrivel mal da peste, e sem memoria de que era contagio, vestido da sua charidade, entrou espontaneamente pelos perigos, curando os feridos, acompanhado do Padre Miguel Estevaõ, Procurador da Casa Professa, e em breve tempo comprou pela vida temporal a Eterna.

E No Japaõ, em a Cidade de Nangasachi, testemunhou com a sua vida, e animo impávido a infalivel verdade da nossa Santa Fé, o Irmaõ Thomé Nixifori, da Companhia de JESU, seguido de tres Catequistas, todos com o nome de Domingos, que sendo lançados em fogueiras, abrazados os corpos, sahiraõ as suas almas triunfantes a se incorporarem com o exercito dos Martyres. Era hum destes Companheiros seu filho, que pela fiel attestaçaõ da Ley de JESU Christo foy degolado, entrando no mesmo dia no Ceo com seu pay.

Irm. Thomé de Nixifori da Compan. e 4 Compan. MM.

F Em Santarem, no Convento Dominico, a morte do Prior Fr. Domingos Gomes, hum dos primeiros habitadores desta antiga Casa, Religioso de grande virtude, e de tanta observancia, que foy escolhido naquelle primitivo tempo, em que florecia a Religiaõ, para ser eleito em Prior daquella Casa, de que se tinha por indigno, confundido da sua humildade, em haver de ser Prelado de gente taõ virtuosa, como a do seu Convento. Entendia, que faria melhor o officio de subdito, do que de Prelado, e assim pedia com instancia absolviçaõ do Cargo. Deferio-lha o Provincial para o Capitulo da Provincia; naõ se pode achar neste, por causa dos seus achaques; rogou aos Padres Capitulares o obsolvessem. Persuadiraõ-no estes a continuar; e afflicto de naõ achar acolhimento nos seus Religiosos, lhe disse cheyo de espirito: *Se os Padres naõ forem servidos de me absolverem deste pezado Cargo, no Ceo temos Prelado mayor, que se compadecerá de mim, e me livre deste tormento, antes que voltem de Capitulo.* Assim se vio; porque antes de acabado o tempo, chegou o da morte, com a confiança, que costumaõ ter os Justos. Pouco antes de render as forças vitaes ao tributo da morte, foy visitado pela Soberana Rainha dos Anjos, com que mais confortado acabou em paz.

Fr. Domingos Gomes, Dominico.

G Item na India Oriental, no Reyno do Pegú, o ditoso fim de hum Religioso da mesma Familia, Missionario, cujo nome para nós occulto, he manifesto, e conhecido na numero-

Anonimo Dominic.

ſa committiva dos Santos Confeſſores. Foy cativo na Fortaleza de Siriaõ, no anno de 1613, com muitos Chriſtãos, a quem entre immenſos trabalhos lhes ſervio de conſolaçaõ em taõ largas adverſidades, exhortando-os à paciencia, e adminiſtrando-lhes os Sacramentos. Com o tempo foraõ os cativos cobrando a perdida liberdade, ainda que vagaroſamente, e paſſavaõ para o Reyno de Pegú, que eſtava quaſi deſerto. Rogaraõ ao Padre ſeguiſſe a ſua fortuna, pois era o ſeu remedio. Com goſto os acompanhou, por naõ deixar ſem Sacramentos àquelles bons Chriſtãos, a quem ſervia de Parocho, em taõ calamitoſas neceſſidades, em que perſeverou com grande zelo do bem daquelles Fieis, até que Deos o livrou dos trabalhos deſta vida, para lhe dar o repouſo eterno na Bemaventurança.

Sor Maria de Santiago, e Sor Joanna de S. Domingos Dominic.

H Na Villa de Moura, no Moſteiro de Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ, da dita Ordem, as Madres Sor Maria de Santiago, e Sor Joanna de Saõ Domingos, a quem a natureza unio as inclinações, ajuntando aos vinculos do ſangue (por ſerem primas) os do amor de Deos. Naõ ſó admiravaõ na conformidade, e amiſade, mas em todos os exercicios da Religiaõ, e vida penitente, em que com rigor maceravaõ ſeus corpos com crueis diſciplinas de ſangue, excedendo no Martyrio huma, a outra, quanto o debil ſexo o permittia, frequentando os jejuns de paõ, e agua, tomando o rigor das mortificações, como a ſua dilicia. Eraõ perpetuas na oraçaõ, ſem que nunca ſe apartaſſe huma da outra, ſendo tal o exceſſo deſta ſanta amizade, que concertaraõ entre ſi, que a que primeiro ſahiſſe do deſterro do Mundo, appareceria à outra, ſe tanto mereceſſem a Deos. Adoeceraõ no meſmo dia, e vieraõ a acabar com ſeis horas de differença. Faleceo primeiro Sor Joanna, e logo ſem dilaçaõ de tempo, eſtando Sor Maria cercada de Freiras, ſe lhe ouvio em voz clara dizer: *Venhais embora, Senhora; quem nos fez taõ grande merce, de nos deixar ver, nos unirá na Gloria.* E voltando para as Religioſas, lhes perguntou: *Porque naõ fazem ſinal por minha prima? Naõ tem que me occultar; porque já a vi livre das prizoens da carne.* Depois de muitos actos de piedade, e de reſiſtir com muitos actos de amor de Deos às viſoens do infernal inimigo, ſe abraçou com a Imagem de Chriſto crucificado, a quem beijando humildemente os pés, acabou em o oſculo do Senhor, deixando em ſeu roſto huma tal

alegria,

alegria, que mostrava ser reflexo da Graça, que a fizera digna da Gloria.

I Em a Cidade de Lisboa, no Mosteiro do Sacramento, tambem da mesma Familia Dominicana, se conserva viva a memoria de Sor Francisca da Madre de Deos, que sendo admitida por Freira Conversa, foraõ taõ vivas as tentações do inimigo, que esteve em evidente perigo de largar a doce companhia daquellas virtuosas Madres, que havia buscado com tanta satisfaçaõ da sua alma, introduzindo-lhe ser contra o brio, as differenças do véo, na graduaçaõ do estado Religioso: tanto se deixou vencer desta idéa; mas recorrendo à piedosa protecçaõ de MARIA Santissima, sahio vitoriosa. Foy tal a resignaçaõ, e humildade, que sendo manifesta a sua displicencia a huma Senhora, a quem deveo com a educaçaõ inclinalla à virtude, mandou dar ao Mosteiro a quantia, que faltava para poder ser admittida ao véo, que generosamente humilde regeitou Sor Francisca, sem que podesse nenhuma persuaçaõ obrigalla a deixar de professar no estado de Conversa, deixando confundido com a sua humildade a Satanás, que tanto a perseguira. Mostrou depois na sua constancia, o quanto fora do Ceo a sua vocaçaõ; porque seguindo o estado da Religiaõ no caminho mais perfeito, sem que faltasse nunca às obrigações humildes do seu ministerio, se applicava à contemplaçaõ, em que permanecia muito tempo, a que ajuntava muy particulares mortificações. Teve huma firme confiança no patrocinio da Virgem Santissima; de tal sorte, que affirmava, que já mais implorava o seu favor, que naõ experimentasse a Misericordia de Deos. Fallava nas materias com tal acerto, que parecia illustrada pela Divina Graça, que lhe communicava em revelações profético espirito. Era tal a abstracçaõ, que se entendia andar sempre na presença de Deos, rompendo muitas vezes em amorosas saudades do Ceo, aonde piamente cremos descança.

Sor Francisca da Madre de Deos Domin.

K No Mosteiro de Santo Agostinho, extramuros da Cidade de Lisboa, a Madre Sor Marianna da Soledade, em quem os pensamentos de ser Religiosa, começaraõ desde os mais floridos annos da sua idade. Desejavaõ seus pays darlhe estado de casada, mas naõ poderaõ vencer a sua repugnancia, como quem já no seu peito tinha dado a maõ ao Esposo Divino.

Sor Marianna da Soledade Agost. Desc.

Edifi-

Edificou-se na sua terra hum Recolhimento de Beatas da Ordem de Santa Theresa, foy logo das primeiras, que o habitaraõ. Aqui com exemplo edificava as de mais Companheiras; porque em pontual observancia viviaõ, como se foraõ verdadeiras Religiosas. Deste lugar a tirou a Rainha D. Luiza, e a outras Companheiras, para o Mosteiro, que edificou de Agostinhas Descalças. Naõ estranhou o Noviciado, nem lhe desagradaraõ as rigorosas experiencias, em que se exercitaõ aquellas Religiosas; porque a sua paciencia se tinha provado voluntariamente, em mortificações, e oraçaõ, com que tudo lhe parecia suave. Fundou a sua vida em huma profunda humildade, e a este fim desejou muito ser admittida por Conversa; mas como tinha huma suave voz para o Coro, naõ o permittio a Serenissima Fundadora, querendo se empregasse nos louvores de Deos. Foy a sua vida hum continuado acto de penitencia, nascida do fervor do seu espirito, que abatia humildemente, sem contradiçaõ ao mais leve aceno da obediencia. Depois de ter tocado a hum acto de Cõmunidade, faltava a Religiosa, que servia na cosinha, disse a Prelada a Sor Marianna, que fosse buscar a cosinheira, e que a trouxesse às costas. Obedeceo sem interpretaçaõ, e assim o executou, deixando admiradas as demais Religiosas, mas a Prelada com severidade a reprehendeo, o que ella aceitou, como se tivera culpa em ser pontual na obediencia. Rendida a debil natureza ao rigor das penitencias, sendo de taõ rigida abstinencia, que de ordinario nem bebia, se consumio em taõ breve tempo, que se fez tyzica, e sofrendo com muita paciencia os discomodos da doença, acabou em o Senhor.

Fr. Agostinho da Expectaçaõ Terc. Franc.

L Em o Mosteiro de Saõ Francisco de Caria, junto a Lamego, da Terceira Ordem, acabou em o Senhor, Fr. Agostinho da Expectaçaõ, Religioso Sacerdote, Varaõ de grande sofrimento, e paciencia, com que grandemente edificava aos seus Companheiros, fazendo-se venerado pela continua oraçaõ, em que perseverava fervorosamente com grande aproveitamento do seu espirito, o qual livre das prizoens do corpo, foy neste dia gozar o premio promettido aos que neste Mundo sabem conversar bem na oraçaõ com Deos, que piamente cremos foy adorar na Eternidade.

D. Sebastiana de Albuquerque Cister.

M Item no Real Mosteiro de Santa Maria de Lorvaõ, de

Reli-

Religiosas de Cister, partio da vida presente, chea de alegria D. Sebastiana de Albuquerque, taõ dada à oraçaõ, que nella se exercitou toda a vida. Era muy exacta na obediencia das Constituições, obediente ao Confessor, por cuja ordem commungava tres vezes na semana, com grande devoçaõ. Para receber este Soberano Manjar, se preparava com mortificações, dormindo na noite antecedente sobre huma taboa. No dia, em que commungava, naõ comia cousa alguma, sustentando-se sómente com as Especies Sacramentaes, tomando por duas vezes rigorosas disciplinas, e trazia por tres horas cilicios. Nos de mais dias, era tal a sua abstinencia, que naõ comia outro algum manjar, mais que huma pouca de broa de milho, e com ella passava. Era muy retirada, amando os lugares solitarios; porque nelles achava mais commodo, para se dar totalmente a Deos, e sendo de condiçaõ branda, naõ lhe faltava, que sofrer; porque era perseguida, e desprezada até das criadas do Mosteiro, o que sofria com singular humildade. Da continuaçaõ das penitencias, e de outros excessos, com que se mortificava, se lhe originaraõ graves achaques, que recebia como satisfaçaõ das suas culpas, e mimos do seu Divino Esposo, nas novas causas de padecer. Attenuada a vida das enfermidades, teve por especial merce o desengano dos Medicos, de se lhe naõ dilatar a morte. Esta nova recebeo taõ alegre, que a morte appellidava amiga, e que já havia tempos, que a esperava, e cantando a Deos muitos colloquios, dava a conhecer o abrazado do seu espirito, e a grande ancia, que tinha de se unir com elle na Gloria.

Commentario ao XXII. de Julho.

A A Cidade de Lisboa foy Patria do Padre Fr. Antonio da Conceiçaõ, nascido na Freguesia de Saõ Nicolao, a 8 de Dezembro de 1579. Foraõ seus pays, Antonio Dias de Carvalho, e Catharina Dias, de limpa geraçaõ, e virtuosos costumes. Morreo neste dia, no anno de 1655, no Convento da Trindade, onde acodio o numeroso povo de Lisboa, a alcançar alguma parte das pobres alfayas do seu uso; outros tocando contas, e cortando-lhe o Habito, com piedade satisfaziaõ a sua devoçaõ. O corpo lançava admiravel cheiro, naõ havendo circunstancia, que naõ parecesse prodigiosa; pois tres dias depois, se sentia suavidade no seu aromatico Confessionario. A Condessa de Serem D. Leonor de Menezes, sua filha espiritual, ordenou, que com pompa se celebrassem as suas Exequias, em que prégou o Doutor Fr. Antonio Correa, da mesma Familia, depois Lente de Prima de Theologia na Universidade de Coimbra. Os mayores engenhos da Corte com applausos Poeticos, e Encomiasticos, fizeraõ em diversos metros singulares Obras, que se imprimiraõ com a

sua Vida, com o titulo de *Fama Posthuma*, escrita pelo referido Doutor Fr. Antonio Correa.

B Conforme a arrumaçaõ dos Geografos, fica a Cidade de Brendise, que em Latim se chama *Brandusium*, nos ultimos confins de Italia, no Reyno de Napoles, na Provincia de Otranto. Logra Cadeira Archiepiscopal, e hum Castello fortissimo: tem porto seguro, e capaz nas prayas do mar Adriatico: foy edificado por Gregos, companheiros de Diomedes, naõ distante de Taranto. Nesta Cidade nasceo Fr. Lourenço, a quem deu o appellido de Brendise, com que he conhecido. Foy Geral da Ordem dos Capuchinhos, em que mostrou grande zelo da Religiaõ, e amor da Santa pobreza, para que se conservassem na do seu Instituto. Com generosa resoluçaõ mandou a seus subditos, desamparassem hum Convento, que huma Illustre pessoa, constituida em dignidade suprema, tinha principiado a fabricar, e dentro na Igreja, contra o costume da Capucha, e Constituiçoẽs, que observaõ, hum magnifico, e sumptuoso enterro, para que depois da sua morte se celebrasse com igual pompa, e grandeza o anniversario; e para estas caprichosas novidades, tinha já o seu respeito vencido os animos dos Religiosos, que sempre costumaõ agradar aos bemfeitores. Chegou neste tempo a visitar o Convento o Santo Geral, e vendo aquelle abuso do seu Instituto, com humilde urbanidade rogou àquelle Senhor desistisse de semelhante fabrica, como injuria da pobreza; porém elle perseverou constante, no que se tinha começado; mas o Geral firme na observancia dos Estatutos da Ordem, por ser esta de mais importancia à Religiaõ, do que ainda a amizade, e favor dos Principes. Mandou aos Religiosos em virtude de santa obediencia, que logo desamparassem o Convento, e dizia este virtuoso Prelado: *Menos importa ter hum Convento, do que a todos os mais dar hum pernicioso exemplo, violando as leys, que nos deixou estabelecidas nosso Serafico Patriarca.* A virtude taõ eminente, e taõ grandes letras, ajuntava hum grande talento para negocios politicos. Em diversas occasioens se serviraõ delle alguns Principes de Alemanha, e o mandaraõ por Embaixador a Filippe Rey de Castella, e ao Papa Paulo V. e ultimamente foy enviado por Embaixador da Cidade de Napoles, a negocios muy graves daquelle Reyno à Magestade de Filippe III. que em Lisboa entaõ se achava. Em esta Corte foy agazalhado por D. Pedro de Toledo, Marquez de Villa-Franca, que o estimava como a Santo, e em sua casa morreo, neste dia, no anno de 1619. Publica na Cidade a sua ditosa morte, concorreo em grande numero o povo, e com devota piedade, desejavaõ todos alcançar alguma reliquia do Servo de Deos. Os Padres de Saõ Francisco da Provincia de Portugal pertenderaõ darlhe enterro na sua Igreja, por naõ terem ainda neste Reyno os Religiosos Capuchinhos Fundaçaõ, a que servio de embaraço a devota amizade do Marquez de Villa-Franca, que o fez embalsamar, e o mandou levar àquella Villa, de que era Senhor, onde o collocaraõ no Mosteiro de Santa Clara, (em que tinha huma filha) em lugar decente, debaixo da grade do Coro, com hum Epitafio, que em breve declara as suas admiraveis virtudes. As suas alfayas se repartiraõ como Reliquias de hum Santo Varaõ. A' sua Patria tocou a Cruz, que trazia ao pescoço, e foy recebida em Procissaõ pelo Bispo, acompanhado do Clero, e levada à Igreja das Religiosas Capuchinhas. Outra se guarda no seu Convento de Veneza, com huma pequena parte do seu coraçaõ. Outra alcançou o Duque de Baviera, seu grande amigo. Pouco antes de morrer communicou a hum seu Companheiro algumas secretas noticias, para participar a este Principe, e elle quando as ouvio se poz de joelhos, por ter por Divinas revelaçoẽs as palavras, e conselhos deste Santo Varaõ, a quem concedeo Deos espirito de profecia. Foy taõ constante a fama da sua virtude, que lhe adquirio huma universal veneraçaõ, em que naõ só entravaõ os Emperadores, Reys, e Principes de seu tempo; mas tambem a Suprema Cabeça da Igreja, estimando-o como a Santo. Assim o mostrou na vida, e depois da morte com milagres, obrando as suas reliquias prodigiosos effeitos, pelo que o Papa Urbano VIII. mandou fazer dellas juridico, e manifesto exame. Trataõ deste Servo de Deos Fr. Joseph de Madrid, na *Chronica dos Capuchinhos*, part. 4. liv. 5. cap. 12. pag. 365; Fr. Martinho de Torrecilha, no Tomo V. *Apolog. de Menores Capuchinhos*, sec. 6. pag. 91; e Artur no *Martyr. Francisc.* neste

neste dia; *Bibliotheca Capuchinha*, *in verb. Laurentius de Brindise*; Gravina *Vox turturis*, part. 2. cap. 14. pag. 94.

C Francisco Fernandes de Abreu, conhecido pela alcunha do Caparote, que elle estimava, por ter já sido cognominado seu pay Antonio Fernandes; sua mãy se chamava Serafina Alvares, todos naturaes do Porto, Mercadores, limpos, e honrados, e tementes a Deos. Morreo no anno de 1681. Naõ sendo de agradavel presença, foy taõ composto, e bem assombrado, que parecia estar dormindo. Seu corpo, pedio, fosse amortalhado no mais vil, e humilde Habito, que no Convento de Saõ Francisco se achasse, e levado na Tumba dos pobres, sem outra pompa, que os seus Irmãos Terceiros, e Religiosos. Foy sepultado no Cemiterio da Capella nova, no Jazigo dos Irmãos da Mesa, em que havia servido. Delle se lembra Fr. Luiz de Saõ Francisco, na *Origem da Ordem Terceira de Saõ Francisco*, pag. 511.

D Na grande peste, que no anno de 1569, affligio a Cidade de Lisboa, que com horror lemos nas Historias do nosso Reyno, em que tanto serviraõ os Religiosos de todas as sagradas Familias, nem merece menos louvor a Companhia, pelos filhos, que voluntariamente se offereceraõ a esta obra de charidade, em que sacrificaraõ as vidas. Entre elles he digno de memoria o Padre Affonso Gil, natural do Lugar de Cadafaes, no Bispado da Guarda. Entrou na Companhia, em o anno de 1549, sendo já Sacerdote. Teve o Noviciado em Coimbra; passou para Lisboa, em que com ardente amor do proximo trabalhou até dar a vida. Faz mençaõ delle Tanner *Societas Europæ*, a pag. 114; Tellez *Chronica da Companhia*, liv. 4. cap. 45. pag. 204; Franco no *Anno Santo da Companhia em Portugal*, neste dia; *Synopsis Annalium Societatis*, pag. 84.

E A tantas vezes nomeada Christandade do Japaõ, foy animado do sangue de taõ innumeraveis esquadroens de Martyres, que naõ desmerecem na constancia da veneraçaõ dos da primitiva Igreja. Entre elles tem lugar, os referidos no Texto, que padeceraõ no anno de 1633, no tyranno Imperio de Toxogosama, segundo o Padre Cardim em o seu *Catalogo*, pag. 322, e pag. 155.

F A Villa de Santarem, foy Patria de Fr. Domingos Gomes. Nella deu fim à sua vida pelos annos 1250, no Mosteiro de S. Domingos. A sua antiga Fundaçaõ refere Cardoso, no I. Tomo do *Agiologio*, no Commentario do dia 13 de Janeiro. Deste virtuoso Padre se conta, que apparecera depois da sua morte duas vezes; huma a hum Religioso, dizendo-lhe advertisse a seus Irmãos, que no artigo da morte, naõ consintaõ Seculares na sua companhia; outro foy chamar a toda a Communidade, para acodir a Fr. Domingos Affonso, Superior do Convento, que estava na Enfermaria, para que o agonizassem, que morria. Trataõ deste Servo de Deos Lima no *Agiologio Dominico*; Soveg. no *Anno Dominic.* ambos neste dia; ainda que conforme o livro dos Obitos de Saõ Vicente de fóra, toca a outro mez, diz elle: *XI. Kal. Octob. Obiit Frater Dominicus Gometii Prior Præd. Santaren*, que he a 21 de Setembro; a *Historia de S. Doming.* part. 1. liv. 2. cap. 10. pag. 79; Humberto de *Vitis Fratrum Ord.* part. 5. cap. 5.

G A hum Missionario da Companhia, se devem as memorias deste zeloso Missionario, e dos que acabaraõ, pelos annos de 1620, que remeteo ao Padre Fr. Lucas da Cruz, famoso Missionario naquellas partes, que se achava entaõ em Meliapor, e juntamente o espolio do defunto, que constava dos preparamentos para dizer Missa. Em pouco padeceo aquelle Reyno a falta de obreiros do Euangelho; porque o Padre da Companhia passou a melhor vida, sendo este o principio da Religiaõ, mandar Religiosos à Missaõ de Pegú. Delle se lembra Soveges, no *Anno Dominicano*, neste dia; e Fr. Antonio da Encarnaçaõ, no cap. 15. pag. 67, da tantas vezes appontada Relaçaõ.

H No anno de 1583, morreraõ Sor Maria de Santiago, de 25 annos de idade, e Sor Joanna de S. Domingos de 40. Eraõ naturaes da Villa de Moura, de taõ singulares virtudes, como temos relatado. Foy Sor Maria aquella Religiosa, que no dia 20, na Vida de Sor Jeronyma de Saõ Joaõ, dissemos a vira defunta: as outras duas eraõ Sor Joanna, e a que naõ pode conhecer era a mesma, que sonhava, o que tudo acreditou com brevidade o successo, pois em a differença de dous dias faleceraõ todas tres. Estas duas amadas parentas, e amigas, vieraõ a ser enterradas, no mesmo dia, em hum Sabbado,

22 de Julho, no mesmo dia, que falecerão. Naõ faltaõ exemplos nas Historias de semelhantes inclinaçoens, e successos de vida, e ainda em pessoas differentes em terras. Na *Vida de Santo Thomás*, se conta o concerto, que elle tinha feito com seu irmaõ Raynaldo, que morreo na Guerra, e cumprio a palavra, apparecendo-lhe defunto, e outros muitos, que temos lido na *Historia Ecclesiastica.* Faz mençaõ destas Servas de Deos, Soveges no *Anno Dominicano*; Lima no *Agiologio Dominico*, neste dia; Sousa na III. Parte da *Historia de S. Domingos*, liv. 6. cap. 6. pag. 473.

I A Cidade de Coimbra foy Patria de Sor Francisca da Madre de Deos. Seus pays se chamaraõ Fernaõ de Mesquita, e Jeronyma Borges, gente bem nascida, e pia, mas destituida de bens temporaes. Até os 20 annos de idade esteve com huma Senhora, a que deveo muito, e como a via inclinada à virtude a ajudava com livros espirituaes, de que se sabia approveitar em exercicios santos, fazendo huma vida mortificada com abstinencias, e rigores, que soube sempre continuar. Esta Senhora a fez Religiosa no Sacramento. Faleceo no anno 1649; a sua Vida escreve Lima neste dia, no *Agiologio Dominico.*

K Buscava a Rainha D. Luiza para o Mosteiro, que tinha fundado, pessoas em quem concorressem virtudes dignas de supportar huma vida austéra, e como attendia só a esta parte, e naõ às qualidades do Mundo, e queria pedras vivas para o edificio espiritual, escolhia pela fama da virtude, e naõ do nascimento. Foy Sor Marianna buscada em o Recolhimento de Dolhalvo, donde já tinha tirado a Rainha duas Companheiras. He de grande observancia este Recolhimento, em o qual se observa, como se fosse Mosteiro com obrigaçaõ de Regra. Este Lugar foy Patria de Sor Marianna, e foraõ seus pays Francisco Rodrigues, e Margarida Francisca, gente limpa, e honrada, e desta pequena povoaçaõ a principal; mas mais estimaveis pelos seus virtuosos costumes. De sua mãy se affirmava, que naõ tinha nem peccado venial, de que fizesse materia para a confissaõ. Nesta candida escola aprendeo Sor Marianna, tanta humildade, como temos visto. A Rainha D. Luiza lhe chamava a sua Companheira da cosinha, devia de ser a que a ajudava quando esta Serenissima Matrona abatia a pompa da Magestade da terra, em obsequio do Rey do Ceo, humilhando-se a taõ humilde exercicio. Faleceo neste dia, no anno de 1674, como dizem as Memorias m. s. que desta Casa alcançamos.

L Na Provincia da Beira, Bispado de Lamego, em hum Lugar deserto, meya legoa distante da Villa de Rua, Concelho de Caria, fica o Convento de Saõ Francisco, dos Religiosos Terceiros, e foy o primeiro, que a Provincia teve neste Reyno. Deu o sitio Pedro Gil, homem rico, e nobre, morador no Concelho de Caria, o qual era huma Quinta, chamada os Paços, que fora dos Senhores da Casa de Tavora, no qual por Bulla do Papa Eugenio IV. passada no anno de 1443, se formou o Mosteiro, e no anno de 1445, a 28 de Agosto, se disse a primeira Missa, com licença do Bispo D. Joaõ, a quem o Papa commetteo a execuçaõ, como consta de huma Pastoral sua, passada a 20 de Fevereiro de 1445, por modo de Breve, que principia: *Noveretis nos nuper*, que se conserva no dito Mosteiro. Junto ao Adro do Convento, corre huma fonte, da qual os póvos visinhos tem por tradiçaõ, que nella estivera assentado o Serafico Patriarca, quando esteve neste Reyno, e dissera, que naquelle lugar se havia com o tempo de edificar hum Convento da sua Ordem, quando Deos fosse servido. Na Sacristia se guardaõ as seguintes Reliquias, em huma Cruz de prata, em que está o Sacrosanto Lenho da Cruz de Nosso Redemptor, com outras Reliquias, a qual foy dadiva da Duqueza de Aveiro D. Maria, a seu Confessor Fr. Filippe da Conceiçaõ. Tem tambem mais duas Reliquias, huma de Santa Pudenciana, e outra de S. Urbano. Neste Convento faleceo no dia referido, do anno de 1653, Fr. Agostinho da Espectaçaõ, natural de Vidigal, no mesmo Bispado, de quem o livro dos Obitos diz: *Item Fratris Augustini de Expectatione Sacerdotis, assiduæ orationis.* Delle faz mençaõ o *Memorial desta Provincia*, que vimos.

M Na Provincia da Beira, tres legoas ao nascente da Cidade de Vizeu, fica o Concelho de Satam, que se compoem de duas Freguesias; a primeira de Nossa Senhora da Graça da Villa da Igreja, Commenda da Ordem de Christo, que he Vigairaria, à qual he annexa o Curato de S. Pedro de Mioma, apprefentaçaõ do Vigario.

gario. Neste Lugar de Mioma nasceo D. Sebastiana de Albuquerque, foraõ seus pays Mattheus de Albuquerque, e D. Maria de Andrade, e rematando a sua vida neste dia, no Mosteiro de Lorvaõ, no anno de 1685, se foy a gozar da Bemaventurança, como temos referido, o que tiramos de huma Relaçaõ m.s. que nos remeteo o Reverendissimo Padre Doutor Fr. Joseph Caetano, da Ordem de S. Jeronymo, bem conhecido pelas suas letras, erudiçaõ, e Obras, que tem impressas, Lente de Vespera de Theologia na Universidade de Coimbra; e à sua diligencia devemos as noticias destes, e de outros Mosteiros, assim da Cidade de Coimbra, como das suas visinhanças.

JULHO XXIII.

A NA Cathedral da Cidade de Vizeu, se renova neste dia a Festa da sua Dedicaçaõ, a qual he consagrada ao soberano Mysterio da Assumpçaõ da Virgem Senhora Nossa, estylo que vemos observado em todas as Sés deste Reyno, e ainda nas mais de toda Hespanha, que com especiaes cultos veneraõ a Rainha dos Anjos. D. Diogo Ortiz de Vilhegas, Bispo desta Igreja, vendo que naõ achava vestigios, de que huma Cathedral taõ antiga fosse sagrada, nem havia memoria, que o persuadisse, como Douto, e prudente se resolveo a fazer esta ceremonia, na fórma que o determina a Santa Sé Apostolica, no anno de 1516, e se celebra com Officio duplex da primeira Classe.

A Dedicaçaõ da Sé de Vizeu.

B Em Santarem acabou huma vida exemplar, e Santa Fr. Salvador, Frade Leigo da Provincia da Arrabida, cuja morte foy de grande edificaçaõ, e santa inveja de seus Companheiros, pela saudosa pratica, que antes de morrer fez aos seus Religiosos, exhortando-os à perfeiçaõ da vida espiritual, e santos exercicios da oraçaõ, e à observancia do Estatuto, que professavaõ, com taõ vivas expressoens, que davaõ evidentes finaes, de que estava predestinado para ir a gozar da Gloria, que piamente cremos está possuindo.

Fr. Salvador, Arrab.

C No Mosteiro do Salvador de Lisboa, a Madre Sor Isabel do Presepio, de animo taõ retirado, e recolhido ao silencio da cella, que em o largo decurso de trinta annos, naõ houve quem a visse fóra della, senaõ foy no Coro, ou no Refeitorio. Todo o seu commercio era com Deos, e por isso fugia da communicaçaõ humana. As suas virtudes acreditou o Ceo passados muitos annos, depois da sua morte; porque abrindo-se a se-

A Madre Sor Isabel do Presepio Dom.

a ſepultura para nella enterrar outra Religioſa, apenas ſe abrio, quando exhalou de ſi tal fragrancia, que admirando coſolava a todas as Religioſas, ſuccedendo para mayor devoçaõ de ſuas Irmãas, que o que ſe imaginava ſerem oſſos aridos, e deſcarnados, ſe vio o corpo incorrupto, com os habitos illezos, ſem padecerem as injurias do tempo, taõ limpos, como ſe naquella hora fora depoſitada na terra.

Commentario ao XXIII. de Julho.

A Cidade de Vizeu fica deſcrita no Commentario do dia ſeis de Março, em que ſe trata de Saõ Remiſol Biſpo daquella Igreja, o qual a governou em tempo dos Suevos, e ſe acha aſſignado no Concilio ſegundo Bracharenſe, convocado no anno de Chriſto 572, de que faz mençaõ o Eminentiſſimo Cardeal de Aguirre, no Tomo II. dos Concilios de Heſpanha, pag. 306. He ſem duvida, que ainda he mais antiga a Igreja de Vizeu; porém naõ achamos documentos, que poſſamos ſeguir. Se houveramos de dar credito ao Padre Fr. Gregorio de Argaiz, no *Theatro Monaſtico da Igreja de Vizeu*, que traz no V. Tomo da *Soledad Laureada*, allegando ao *Pſeudo-Cronicon* de Hauberto, diſſeramos, que Saõ Aulo fora ſeu Prelado, e que vivera pelos annos de Chriſto de 300, e morrera Martyr neſte anno; e no de 513, acharamos a Manſueto regendo eſta Igreja, a quem ſe ſeguio Affanio, e depois Remiſſol, deſde 563, até o anno em que o achamos no Concilio Bracharenſe, e no de Lugo, conforme affirma Garcia de Loayſa, nas Notas a eſte Concilio. Nenhuma inveroſimilidade achamos em poderem eſtes Biſpos terem governado a Igreja de Vizeu; porém naõ o podemos affirmar com a authoridade ſómente deſte Author. Sem duvida, que eſta Cathedral he huma das antigas de toda Heſpanha. Na invaſaõ, que eſta padeceo dos Mouros, ſeguio a deſgraça das mais Cidades, ſofrendo o jugo Mauritano, de que ultimamente a livrou o Conde D. Henrique. Nas Memorias do Cartorio de Santa Cruz de Coimbra, ſe acha que eſte Principe edificara a Sé deſta Cidade, e que a fizera ſagrar por D. Bernardo, Biſpo de Toledo (o que ſeguiraõ alguns Authores) por ainda eſta Igreja neſte tempo naõ ter Biſpo, e foy o primeiro depois de reſtaurada Odorio, feito por ElRey D. Affonſo Henriques. Porém naõ deixa de nos cauſar alguma duvida a ſer edificada eſta Sé pelo Conde D. Henrique, o acharmos em Brandaõ, na IV. Parte da *Monarch. Luſitan.* cap. 3, que eſtando ElRey D. Sancho em Santarem, no mez de Junho, no anno de 1187, lhe dá o meſmo foral, que ſeu pay ElRey D. Affonſo lhe concedeo, e diz Brandaõ allegando o Archivo Real da Torre do Tombo dos *Livros Foraes da Leitura nova*, que deſta Eſcritura conſta, que a Cidade de Vizeu foy fundada em outro lugar diferente daquelle, em que hoje exiſte pouco diſtante, do que a outra occupa; porque ſe nomea a Cidade Velha, em que ainda havia algumas caſas, com eſtas palavras: *Milites, & Clerici qui in veteri Civitate de Viſeo caſas habuerint, poſſideat eas*, do que vimos a entender, que eſta Sé he Fundada por ElRey D. Sancho o I. ſe he que a Cidade nova, naõ ſe principiou a edificar deſde o tempo de ſeu Avó; o que naõ parece inveroſimel, por eſte Rey dizer, que lhe concede o meſmo foral, que lhe dera ſeu Pay, ſem declarar, que a fundara de novo. Mas ou ſeja eſta Sé edificada no Reynado delRey D. Sancho, o que nos parece mais certo, ou no de ſeu Avó o Conde D. Henrique, he ella ſem duvida huma das mais antigas do Reyno; mas entre tanta antiguidade que a faz veneravel, nos lamentamos da pouca curioſidade, com que ſe guardaõ no ſeu Archivo as Memorias, que lhe pertencem; porque nenhuma ſe acha nelle do tempo em que foy ſagrada, diligencia que

que intentamos varias vezes, por curiosos, e ultimamente por huma Dignidade da mesma Sé, que como parte interessada se havia de applicar com todo o cuidado, e segura por huma Carta sua, escrita em 29 de Novembro de 1717, que temos em nosso poder, naõ haver no seu Archivo declaraçaõ alguma do tempo, em que fosse sagrada. Totalmente se perderia esta memoria, se Manoel Botelho Ribeiro, em hum Catalogo m.s. dos Bispos desta Diocesi, nos naõ dera a noticia, que referimos do Bispo D. Diogo Ortiz de Vilhegas fazer esta sagraçaõ. Foy este Prelado Castelhano de nascimento, Theologo de profissaõ, grande Prégador, e bom Letrado: tinha passado a este Reyno, no serviço da Excellente Senhora. ElRey D. Joaõ o II. o fez Capellaõ môr, e Bispo de Tangere, e finalmente assistio à morte do dito Rey. ElRey D. Manoel o occupou em empregos dignos do seu talento, e o fez Bispo de Vizeu, e Mestre de seu filho o Principe D. Joaõ, occupaçaõ que exercitou, até que morreo no anno de 1519. Na Sé de Vizeu se conservaõ em varias Obras a sua memoria: em huma pedra: em que estaõ as suas Armas, no Coro de cima se vê este Letreiro.

Esta Sé mandou abobedar o Magnifico Senhor Dom Diogo Ortiz Bispo desta Cidade em era do Senhor 1513

Este Douto Prelado, sem duvida, por naõ achar memorias, nem tradiçaõ, que lhe segurasse, que aquelle Templo fosse sagrado, se resolveo a fazer esta ceremonia, para que todos os annos se rezasse da sua Dedicaçaõ, o que se faz com o Officio, que assina o Breviario Romano, sem lições particulares; mas naõ he de crer, que naõ se mandasse lançar no Archivo desta Sé, hum assento, que referisse o anno, em que se fez esta ceremonia, que o dia, e mez claramente se vê, que foy a 23 de Julho, por ser o em que esta Igreja celebra esta Festa, como consta do seu Calendario.

B Os Religiosos da Provincia da Arrabida, como filhos nascidos da Provincia da Observancia, costumaõ nas partes onde só tem enfermarias enterrar os seus Frades nos Conventos da Observancia; costume, que vimos muitos annos observarse na Cidade de Lisboa, antes de nella se fundar o Convento de Saõ Pedro de Alcantara, e por isso agora vemos no Convento de Santarem, a Fr. Salvador, Frade Leigo, que morreo pelos annos de 1593, de quem faz mencaõ o *Memorial da Arrabida* m.s. tantas vezes allegado.

C No anno de 1595, acabou o curso da vida, neste dia, Sor Isabel do Presepio, como refere Sousa, na II. Parte da *Historia de Saõ Domingos*, liv. 1. cap. 16; Soveges, no *Anno Dominico*, ambos neste mesmo dia.

JULHO XXIV.

Saõ Victor, Stercacio, e Antinogenes MM.

A EM Merida, o Martyrio dos Santos Victor Soldado, Stercacio, e Antinogenes, irmãos, naturaes da mesma Cidade, a quem o Presidente Daciano, sabendo que eraõ Christãos mandou meter no carcere, e chamando-os à sua presença, lhes perguntou quem eraõ, e que Religiaõ professavaõ; a que Victor, mais velho de seus irmãos, disse: nós somos nascidos nesta Cidade, daquelles que souberaõ seguir honrada vida nas nobres Milicias Romanas, que eu tambem sigo, alistado debaixo da Insignia da Aguia; porém nem

nem por isso deixo de professar, e seguir a Ley de JESU Christo, como verdadeiro Deos, observando os preceitos do Evangelho, sem que falte às obrigações da vida Militar, dando o que he de Cezar a Cezar, e o de Deos a Deos; mas com tal condiçaõ, que naõ encontrem as ordens Imperiaes aos preceitos Divinos. O Presidente lhe respondeo: logo esse vosso Christo foy mayor, que os nossos Cezares, e do que os nossos Principes? A que o valeroso Soldado resolutamente disse: por este Senhor a quem eu sigo reynaõ os Reys, e os vossos Cezares, naõ saõ dignos de lhe desatar a correa do çapato. Com impaciencia ouvio Daciano estas palavras, e cheyo de furor os mandou açoutar, e depois meter no Carcere, e passados tres dias os mandou vir perante si, e naõ os podendo persuadir ao culto dos Deoses, vendo que com animo invencivel naõ queriaõ offerecer incenso, nem sacrificios, os mandou pôr no eculeo, e com pentes de ferro despedaçar, o que os Santos Martyres sofriaõ com tal constancia, que em lugar de gemidos, e afflicçaõ, se lhes conhecia huma grande alegria, sofrendo com gosto todos os generos de tormentos com que os martyrizavaõ; pelo que vencida a tyrannia, os mandou recolher ao carcere, e nelle largaraõ as vidas, sendo degolados, e seus santos corpos depois foraõ expostos à barbara furia do povo, para nelles saciarem o furor da sua miseravel cegueira.

Santa Christina V. e M.

B Neste dia, na Diocesi de Coimbra, a Festa de Santa Christina V. e M. que illustra com o seu nome hum Convento da Observancia de Saõ Francisco, junto à Villa de Tentugal. Nelle se conserva com decente veneraçaõ, dentro na Capella môr, na parede junto ao Altar da parte do Evangelho, em particular Sacrario huma grande parte da cana do braço, que está metida dentro de hum fermoso meyo corpo desta Santa, que por industria de Fr. Luiz da Natividade, Guardiaõ daquelle Convento, alcançou do Mosteiro de Saõ Luiz de Pinhel, onde se conserva seu corpo, com outros cinco. O Papa Clemente VIII. do Cemiterio de Callisto o mandou dar a D. Joaõ Pacheco, Marquez de Vilhena, sendo Embaixador de Castella na Curia, no anno de 1604, e da sua maõ passou à de Joaõ Corbo, Cura da Igreja de Saõ Fabiaõ, e Sebastiaõ, extramuros da Cidade de Roma, que o deu a Heytor de Sela

Falcaõ,

Falcaõ, Arcediago de Braga, que o depositou em Pinhel sua Patria, e à instancia de seu irmaõ Fr. Luiz da Natividade, deu à Igreja de Santa Christina a Reliquia, que referimos, onde se venera.

C Em a Cidade de Evora, será sempre viva a lembrança, e saudosa a memoria da Veneravel Matrona, esclarecida pelo sangue, nobre pela virtude, heroica pela charidade, a Condessa D. Joanna de Vilhena, segunda mulher de D. Francisco de Portugal, I. Conde de Vimioso. Viveraõ estes virtuosos casados para idéa perfeita do estado conjugal, em huma taõ santa conformidade, exercitada em virtuosas obras, que será o seu nome glorioso por toda a eternidade. Todo o tempo que a Condessa podia poupar às obrigações, e cuidados de huma taõ grande Casa, como a sua, gastava em oraçaõ dentro no seu Oratorio, de que sahia com mayores desejos de toda se dar a Deos. Sabia, que a ociosidade era opposta à virtude, e assim naõ teve tempo, que naõ fosse empregado, ou em santos exercicios, ou trabalhando por suas mãos, com tal applicaçaõ, como se daquella taréfa lhe houvera de sahir o sustento, para conservar a vida. Era taõ indispensavel neste exercicio, que hospedava as visitas, convidando-as a trabalharem, ainda que fosse a Duqueza de Coimbra sua irmãa, recuperando desta sorte o tempo, que julgava perdido em praticas inuteis, e vãas. Costumava dizer às Senhoras, que escolhessem armas: era já entendida a fraze para escolha do trabalho, em que cada huma havia de gastar a tarde. A este fim traziaõ logo as criadas moldes de fazer redes, sarilhos, rocas, e outros instrumentos do sexo feminino, de que cada Senhora lançava maõ, conforme o genio, e desta sorte continuava a visita com praticas, pela mayor parte espirituaes; e se alguma das Fidalgas naõ podia trabalhar naquelles exercicios, por lhe serem pezados os instrumentos, piedosamente a occupava em fazer fios para o Hospital. Desta sorte eraõ as visitas daquellas Illustres Senhoras, que souberaõ mandar a sua memoria aos vindouros com virtuosos exemplos, para que nas futuras idades servissem de regra à vaidade, quando soberbamente se jacta da gloriosa serie de seus antigos illustres progenitores, para que amem a virtude, seguindo o methodo daquellas, que melhor souberaõ obrar. Teve a Condessa grande devoçaõ de ouvir

D. Joanna de Vilhena, Condessa de Vimioso.

Sermões: esta lhe facilitava o ir ao taboleiro da Sé, onde se pregava em certos dias do anno; naõ acodindo a este sitio, mais que gente plebea, por ser o lugar desacommodado. Era para admirar, ver aquella Illustre Matrona, cuja alta ascendencia era a Sereníssima Casa de Bragança, e a que na sua pessoa representava a grande Casa de Vimioso, metida entre a gentalha do povo, que tratava com tal acolhimento, e benignidade, como quem naquella companhia pertendia conseguir no agrado de Deos, pelo caminho da humildade mayor esplendor, do que lhe dera a natureza no parentesco da Real Casa de Portugal, que com singulares expressoens de estimaçaõ a tratava, como se vio por muitas vezes na especial benignidade do felicissimo Rey D. Manoel, para com a sua pessoa. Esta, que no cuidado Real era taõ distincta, vemos agora metida entre as mulheres da plebe, taõ satisfeita, e contente, sem differença do trato, mais que huma cadeirinha baixa, em que se assentava. Algumas vezes, para se reparar do Sol, ou da chuva, levava comsigo chapeo, e nesta fórma repetia esta assistencia, para saciar o seu espirito na doutrina do Evangelho, de que a sua alma tirou grande aproveitamento. Seus filhos, que amou como prendas da natureza, criou com cuidado, de que se augmentassem no amor, e temor de Deos, bazes sobre que queria, que edificassem os cuidados de Cortezãos, mais que na memoria da grandeza, com que Deos os tinha distinguido no nascimento, por ser a virtude, na nobreza, ouro sobre azul, que declara no Celeste os quilates daquelle precioso metal, que como mais illustre, que todos os outros, deve ser mais utilmente empregado. O estado Religioso estimou com particular veneraçaõ, e sendo bemfeitora universal de todas as Familias Religiosas, o era muy especial do Mosteiro de Nossa Senhora da Graça daquella Cidade, e do das Freiras de Santa Catharina da Ordem de S. Domingos. Sempre com entranhas de charidade soccorreo a pobreza; mas vendo-se viuva, soltou os diques da sua liberalidade, para que naõ experimentassem os pobres a falta do soccorro, que tinhaõ na commiseraçaõ do Conde seu marido. Tomou mais à sua conta os pobres da Freguesia, para o que tinha hum rol com os nomes das pessoas, e das ruas, em que moravaõ; e naõ fiando a sua assistencia do cuidado dos seus criados, ella mesma sahia de ca-

sa

ſa à prima noite, acompanhada ſómente de duas Donas, de dous Capellães, e de dous eſcravos Eunuchos, que levava carregados com ceſtos de diverſas caſtas de doces, e tambem de medicinas, e viſitando cada hum de perſi, os provia do neceſſario, conforme a enfermidade, e lhes dava mais hum cruzado em dinheiro, ou a eſmola, que era competente à neceſſidade, em que ſe achava o enfermo. Se era homem, ordenava a hum Capellaõ lhe tomaſſe o pulſo, e que delle ſoubeſſe o eſtado da doença. Das mulheres era ella meſma a Enfermeira, tomando-lhes o pulſo, e com affectos de amor ſe deſpedia, deixando-as ſoccorridas, e conſoladas com tamanha viſita. Naõ tinha cuidado, que ſe naõ dirigiſſe ao ſerviço de Deos, em que deſejava empregarſe com ſumma perfeiçaõ. A eſte fim tomou o Habito de Terceira Mantellata da Ordem de Santo Agoſtinho, no Moſteiro de Noſſa Senhora da Graça, em que profeſſou ſolemnemente, ajuntando às devoções voluntarias as obrigações dos votos, que obſervou com exacta pontualidade, e aſſim exercitada em rigoroſas penitencias, continua oraçaõ, e frequente uſo do Santiſſimo Sacramento do Altar, cheà de annos, e de obras gratas ao conſpecto Divino, foy a gozar o deſcanſo Eterno, como piamente cremos da ſua virtuoſa vida.

O P. Antonio de Sequeira da Companh.

D Item na meſma Cidade, no Collegio da Companhia, o Padre Antonio de Sequeira, que depois de graduado na Theologia exercitou o officio de Parocho, com prudencia, e exemplar vida; ſendo eſta a que mais ſegura os acertos, quando ſe junta à doutrina; porque he pouco o fruto, que ſe colhe, ſenaõ ſe ajuda com a edificaçaõ commua. Em os primeiros annos da ſua idade moſtrou particular inclinaçaõ à virtude. Fogia dos divertimentos, ainda nas occaſiões mais publicas, em que podera a curioſidade ſer deſpertadora de annos mais maduros; porque quando na Cidade ſe corriaõ Touros, ou ſe celebravaõ outros feſtejos, elle com melhor acordo acompanhado de alguns eſtudantes ſeus amigos, hia para a Igreja do Collegio da Companhia; e aqui diante do Santiſſimo Sacramento, ſe punha em oraçaõ, trocando pelas dilicias do Ceo, os divertimentos da terra. Creſceo nos annos, e veyo a ſer Prior de Saõ Lourenço, na Cidade de Portalegre, e de Saõ Mamede na de Evora. Achava-ſe rico com opiniaõ de Letrado, e prégando com applauſo, era univerſalmente bem quiſto; mas de genio

taõ commedido, que ſe portava de ſorte, que naõ pode a aura popular derribar com a vaidade o ſeu virtuoſo modo de viver. Deſejava vida mais quieta, em que podeſſe alcançar perfeiçaõ no eſpirito, e com reſoluçaõ ſe deſpojou de tudo o que poſſuîa, por lograr a Roupeta da Companhia, a que foy admittido com ſingulares jubilos da ſua alma. Contava já quarenta annos, quando entrou na Companhia, conſervando em todos a pureza da caſtidade, virtude em que ſempre reſplandeceo, e depois na humildade, pobreza, e obediencia, com que pontualmente ſatisfazia a tudo, o que lhe ordenavaõ os Superiores, ſem que os annos, ou as letras lhe fizeſſem interpretar a ſua vontade. Nas obrigações da Religaõ era pontual, a que ajuntava extraordinarios exercicios, fazendo todos os dias mais hora, e meya de Oraçaõ mental. Fez os exercicios de Santo Ignacio por trinta dias ſeguidos, de que tirou grandes alentos o ſeu eſpirito. Ardia eſte em deſejo de acabar na converſaõ do gentiliſmo; e aſſim quando era nomeado para alguma das Miſſoens das Quareſmas, era grande a edificaçaõ, que o povo tirava da ſua doutrina, e exemplo. Finalmente, exercitado em jejuns, vigilias, diſciplinas, e cilicios, veyo a adoecer de huma contagioſa doença, que ſe lhe pegou, ſervindo no Hoſpital, que ſofreo com grande paciencia, ſem que lhe viſſem mais deſejos, do que padecer pelo amor de Deos, de cuja precioſa viſta he de crer eſtá gozando a ſua ditoſa alma.

D. Ambroſio de Mello C. R.

E No Real Convento de Santa Cruz de Coimbra, de Conegos Regrantes, o Tranſito de D. Ambroſio de Mello, Varaõ muy contemplativo, e mimoſo de Deos, como moſtrou o ſeguinte caſo. Eſtava hum dia orando diante do Sepulchro de Saõ Theotonio, de quem era particular devoto, e poſtrado nos degraos da ſua Capella, como coſtumava, ſuccedeo quebrarſe a corda da alampada, que ardia no Altar do Santo, e cahindo eſta perpendicularmente ſobre D. Ambroſio (caſo maravilhoſo!) ficou ſuſpenſa no ar, onde eſteve por eſpaço largo, até que paſſando o Sacriſtaõ, e reparando na alampada, chamou o Prelado, e Religioſos, para admirarem o prodigio, com que Deos taõ claramente manifeſtava a virtude de ſeu Servo. A's vozes dos circunſtantes tornou em ſi, e vendo aquella maravilha, ſe proſtrou ſegunda vez em terra, a agradecerlhe taõ ſingular beneficio, e a Saõ Theotonio, a quem deveo ap-

parecer-

parecerlhe, e revelarlhe o dia da sua morte, o que communicou a alguns Religiosos, sete dias antes que succedesse. Chegado o dia aprazado, se foy à enfermaria, e deitando-se na cama, pedio os Sacramentos, que lhe repugnavaõ dar, pelo verem com inteira saude; mas naõ podendo resistir aos seus rogos, que acreditava com a sua exemplar vida, lhos administraraõ, e recebidos com grande devoçaõ, depois de ungido fez huma pratica aos Religiosos, exhortando-os à perfeiçaõ do estado da vida Religiosa, e perseverança da virtude, tomando a véla, passou com quieta, e placida morte a lograr da Bemaventurança.

F Em a Villa de Santarem, Fr. Antonio, Frade Leigo da Provincia da Arrabida, a quem o Senhor dotou de huma mansidaõ de animo muy natural, a que elle soube ajuntar huma profunda humildade, e constante obediencia aos preceitos dos seus Prelados, sem que já mais recuzasse o que lhe ordenavaõ; e exercitado nestas virtudes, e no officio de Carpinteiro, em que servio a Religiaõ, com grande utilidade, o levou o Senhor a gozar do summo bem da Gloria.

Fr. Antonio Arrabido.

Commentario ao XXIV. de Julho.

A FOy a Cidade de Merida insigne theatro de gloriosos certames de invictos Martyres, tanto que nas margens do Rio Guadiana, junto à Cidade se vê huma lagoa, que a tradiçaõ appellida *dos Martyres*; sem duvida, porque nella lançavaõ alguns corpos de Martyres, ou nella padeceraõ alguns affogados. As grandezas desta antiga Cidade, cabeça da Lusitania, guardamos para o dia 10 de Dezembro, dia de Santa Eulalia. Desta Cidade foraõ naturaes os Santos Victor, e seus irmãos. Seguia elle a vida de Soldado, occupaçaõ de tanta authoridade, que mereciaõ naquelles seculos por ella, distinçaõ entre os mais homens; porém Victor soube com admiravel constancia trocar as gloriosas esperanças, que lhe promettiaõ as armas, sómente por seguir a Jesu Christo. Naõ se sabe o lugar, em que foraõ coroados de Martyrio os valerosos Soldados. As suas Reliquias se acharaõ com outras muitas, que naquella Cidade se festejaõ a 14 de Março, como refere o *Agiologio* no Tomo II. Tambem o anno, em que padeceraõ, com difficuldade se averigua; mas segundo o tempo da persecuçaõ, que em toda a Hespanha fez Daciano, parece ser pelos annos de 303, como refere Baronio *Ann. Eccles.* tom. 2. ann. 303. num. 139. Porém Joaõ Vaseo no seu *Chronicon da Historia de Hespanha*, pag. 278. *penes me*, a poem pelos annos de 306, e à sua opiniaõ me inclino, por ter trabalhado com grande averiguaçaõ aquella Historia. Fazem mençaõ destes Santos o *Martyrologio Romano*, dizendo: *Emeritæ in Hispania Sancti Victoris, viri militaris, qui cum duobus fratribus Stercatio, & Antinogene in persecutione Diocletiani per diversa supplicia martyrium consummavit.* E os Martyrologios, de *Adon*; *Usuardo*; *Gulesino*; *Maurolyco*; Alvaro Lobo *Lusitano*; o *Hispano* de Tamayo, todos neste dia; Marieta *Santos de Hespan.* liv. 2. cap. 64. pag. 59. os poem a 22 de Julho; Ferreras *Synop. da Historia de Hespanha*, part. 2. pag. 206; Garibay no Compendio da *His-*

Historia de Hesp. liv. 7. cap. 43. pag. 260; Padilh. *Historia Eccles.* tom. 1. Cent. 4. cap. 14. pag. 178. vers. Pedro de Natalibus, Bispo Equilino, *in Catalog. Sanct.* liv. 6. cap. 32; Causino *Corte Divina Ephemer. de Julho.*

B Grande duvida temos, em que esta Reliquia seja de Santa Christina V. M. que neste dia refere o *Martyrologio Romano*, como tem para si o Padre Fr. Fernando da Soledade na III. Parte da *Historia Serafica*, liv. 3. cap. 32. n. 642, quasi refutando ao Padre Esperança, que na II. Parte da mesma Historia, liv. 12. cap. 7. diz, que naõ póde ser esta; porque se venera em Bolsena, ou em Veneza, como quer Ferrario, ou em Palermo de Sicilia, como diz Baronio no Commento do *Martyrologio Romano*; porém Ferrario no seu *Martyrologio*, faz mençaõ da de Palermo, a 10 de Mayo, que he differente da que neste dia festeja a Igreja: e com esta opiniaõ naõ acha o Padre Esperança, que o corpo desta Santa fosse levado a Roma, donde este foy trazido, no que naõ acha contradicaõ o Padre Soledade, pois lhe parece, que alguns Santos foraõ levados a Roma, tendo padecido martyrio em outra parte; e de mais, que naõ consta, que naquella Cidade padecesse martyrio Santa deste nome. Mas de-me licença a sua amizade, e a estimaçaõ, que faço dos seus estudos, para dizer, que a sua devoçaõ o fez enganar; porque no Ducado de Milaõ, no Lugar de Varase, na Igreja Matriz, se conservaõ as Reliquias de outra Santa Christina, que padeceo em Roma, como escreve Pedro Paulo Bosca no *Martyrologio Mediolanense*, neste mesmo dia: *Item Romæ Sanctæ Christinæ Virginis, & Martyris, cujus ossa varissi in Ecclesia Maiori devotissimè custodiuntur.* E tambem mostra ser differente da que padeceo em Tyro de Toscana, que he em Italia, e naõ em Tyro, Cidade de Fenicia na Syria, como diz o Padre Soledade, tal vez naõ se lembrando deste lugar na Toscana, e naõ he muito; porque já naõ existe, se naõ na Geografia antiga, e delle se lembra Baudrand com estas palavras: *Tyrus locus, sive oppidum Hetruriæ propè Volsinum urbem, & Vulsiniensem lacum ubi S. Christina Virgo Martyrium passa.* E Pedro de Natalibus, Bispo Equilino, no *Catalogo dos Santos*, liv. 6. cap. 32: *Christina Virgo in Tyro Civitate Italiæ quæ est circa lacum Vulsinum, passa est sub preside Juliano.* Em muitas partes achamos, que se veneraõ reliquias de Santas deste nome, como refére o mesmo Author; porque celebrando-se neste dia em Varase a Santa Christina diz: *Christina vero Varisiensis martyrio coronata est Romæ*, para differença da Santa, que padeceo em Tyro de Toscana, a par do lago Vulsino. Onde esteja o corpo desta Santa, acho grande variedade nos Martyrologios; porque huns affirmaõ, que está a sua cabeça em Milaõ, outros em Roma, outros, que as suas reliquias em Veneza, como testemunha Galesino; porém nós entendemos, que houve muitas Santas deste nome, e assim se veneraõ diversas cabeças, e corpos em muitas Cidades: fundamo-nos no que refere Crombach na *Historia das Onze mil Virgens*, tom. 1. liv. 8. onde se lê: *Christinam Virginem cujus caput in horto Mariæ Coloniæ Christinam Virginem Reginam Tremoniæ, Christinam Virg. cujus caput Viennæ in Austria; Gonzaga: alteram quoque Christinam Virg. cujus corpus Viconiæ Raisæ; alteram Christinam Virg. ad S. Cæciliam, Christinam Virgin. Mariæ Cellæ, Christinam aliam inventam anno MCCLXXXVI. cum aliis Banel. Christinæ caput Gerundæ in Hispania Gonzaga*, e se entre as Companheiras de Santa Ursula foraõ tantas do nome de Christina, diz Bosca, que imaginamos seria em todo o Mundo? E dando a razaõ de se acharem tantas Santas com este nome, entende, que assim como muitos Martyres, por padecerem por Christo, se chamaraõ Christovaons, assim de seguirem a Christo, houve tanta multiplicaçaõ de Christinas: *Existimo enim, veteres illas Virgines, à Christo nomine frequentissime appellatas fuisse Christinas: quem admodum Martyres plurimos à ferendo Christi nomine Christophoros fuisse vocatos.* Do que temos referido, se manifesta, que a Santa Christina, de que tratamos, tirada do Cemiterio de Calixto, he alguma Virgem, que padeceo martyrio em muitas das perseguições, que houve em Roma, donde seu corpo se trasladou para Portugal, e totalmente diversa de Santa Christina, que tornou depois da morte à vida, para obrar milagres. E assim basta o que temos dito, para demonstraçaõ da verdade, que professâmos na averiguaçaõ, pois naõ pertendemos furtar a gloria aos de mais

Rey-

Reynos, para illustrarmos o nosso, que dentro em si tem tanto de que se jacte.

C D. Fernando, I. do nome, Duque da Sereníssima Casa de Bragança, teve entre outros filhos de sua mulher a Duqueza D. Joanna de Castro, filha de D. Joaõ de Castro, Senhor do Cadaval; ao Senhor D. Alvaro, que assim he nomeado em as Historias daquelle tempo, que foy Regedor das Justiças, e Chanceller môr neste Reyno, Senhor de Tentugal, do Cadaval, e Alvayazere, e outras terras, e no de Castella onde Reynavaõ os Reys Catholicos D. Fernando, e D. Isabel, a qual era prima segunda do Senhor D. Alvaro, por sua Avó a Infante D. Isabel, mulher do Infante D. Joaõ, e sua sobrinha, filha de sua prima com irmãa, e assim foy muy favorecido dos ditos Reys, que o fizeraõ Presidente do Conselho Real de Castella, e seu Contador môr, Alcaide môr de Sevilha, e de Andujar, e lhe deraõ o Estado de Gelves, e casou com D. Filippa de Mello, filha herdeira de D. Rodrigo Affonso de Mello, Conde de Olivença, e saõ progenitores da Casa do Duque do Cadaval, por seu primeiro filho D. Rodrigo de Mello, que foy Marquez de Ferreira, Conde de Tentugal, Senhor de Agua de peixes, e de todas as mais terras, que seu pay teve em Portugal, a que foy restituido por ElRey D. Manoel. Foy o segundo D. Jorge de Portugal, que succedeo nos bens, que seu pay tinha em Castella aonde ficou, e foy o I. Conde Gelves, que quebrada a Varonía em sua segunda neta D. Leonor de Portugal, saõ hoje Senhores desta Casa os Duques de Veraguas; e foraõ as filhas D. Isabel de Castro, que casou em Castella, com D. Affonso Soutomayor, IV. Conde de Belalcaçar, e Senhor de muitas terras, cujo filho succedeo no Ducado de Bejar, e em seus descendentes se conserva. D. Brites de Vilhena, que foy Duqueza de Coimbra, mulher do Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra, Mestre da Ordem de Santiago, filho delRey D. Joaõ o II. D. Maria Manoel de Vilhena, que foy Condessa de Portalegre, e mulher de D. Joaõ da Sylva, II. Conde de Portalegre, do Conselho de Estado delRey D. Joaõ o III. e seu Mordomo môr, e D. Joanna de Vilhena, Condessa de Vimioso, que he o argumento, de que tratamos, e casou com seu primo segundo D. Francisco de Portugal, Conde de Vimioso, de quem faremos mençaõ a 8 de Dezembro, se Deos nos der vida, para continuarmos este trabalho, e para entaõ reservamos os filhos, que houve deste esclarecido matrimonio, que parece que herdeiros igualmente da sua grande Casa, que da virtude de taes progenitores, nos haõ de dar seus descendentes occasiaõ a fazermos delles memoria, como se dirá em seu lugar. Naõ servio de embaraço a esta gloriosa Matrona, nem a grandeza dos parentes, que referimos, nem as especiaes honras, com que a tratava ElRey D. Manoel, seu primo segundo, para que se naõ empregasse nas virtuosas obras de charidade, que referimos no Texto, pelo que foy reconhecida como Santa, e jaz sepultada na Capella môr de Nossa Senhora da Graça da Cidade de Evora, Padroado, que ElRey D. Joaõ o III. deu ao Conde seu marido, e nella se vè esculpido este breve Epitafio.

Aqui jaz D. Joanna de Vilhena Condessa de Vimioso. Por amor de Deos Hũ Pater noster, e huã Aue M. por sua Alma. Faleceu a 24 de Julho de 1559 e acabou na Ordem de S^TO^ Agostinho

Faz della mençaõ a *Chronologia Monastica Lusitana* de Purificaçaõ, neste dia, e o mesmo Author na *Chron. da Ord. de Santo Agost.* part. 2. liv. 7. tit. 6. §. 4; os *Nobiliarios de Familias deste Reyno*; Imhof *Historia Genealogica Familiæ Regiæ Portugaliæ*; Tab. V. e VI. *Histor. Geneal. da Casa Real Port.* tom. 10. pag. 556.

D Na Provincia de Alentejo, no Bispado de Elvas, fica a Praça de Arronches, que foy Patria do Padre Antonio de Sequeira, filho de Bento de Sequeira, e de Maria Valente. Estudou na Universidade de Evora, e foy graduado Bacharel em Theologia; e vivendo com applausos de Douto, e estimações de rico, soube trocar tudo pela pobre Roupeta de Santo Ignacio. Sendo Noviço morreo neste dia, no anno de 1585. Era grande o desejo de acabar Noviço, e assim contava na doença, de que morreo, ao Irmaõ,

que

que lhe assistia, que lera hum dia, de hum Noviço, que antes de morrer fora arrebatado, e tornando a si muito alegre, dissera, que lhe acontecia, como quem na Praça com pouco dinheiro fazia hum grande avanço; assim elle com pouco tempo de Religiaõ tinha comprado a Gloria Eterna. Faz delle mençaõ Franco na *Imagem do Noviciado de Evora*, liv. 2. cap. 25.

E No anno de 1557, passou a melhor vida, D. Ambrosio de Mello, natural da Cidade de Lisboa, Varaõ, além de muy virtuoso, douto no Direito Canonico: elle ordenou as primeiras Constituiçóes da sua Congregaçaõ depois da refórma, que teve, à instancia delRey D. Joaõ o III. e nas margens lhe apontou todos os lugares, e pontos de Direito sobre que as fundara. Esta Obra escreveo no Collegio de Santo Agostinho, que ainda entaõ estava dentro no Convento de Santa Cruz, sendo Vice-Reytor, lugar, que a Obediencia lhe fez aceitar. Penotto no liv. 2. cap. 61. da *Historia Tripartita*, faz mençaõ delle, supposto, que erradamente lhe chama D. Anselmo; D. Nicolao de Santa Maria na *Chronica dos Coneg. Regr.* part. 2. liv. 10. cap. 12. pag. 327; D. Marcos da Cruz na *Chron. m. s. dos Priores de Saõ Vicente*, part. 2. pag. 219. vers.

F Morreo Fr. Antonio, com sospeita do terrivel mal de peste, pelo que foy enterrado na Cerca, no anno de 1599, como diz o Memorial m. s. que temos dos Obitos da Provincia da Arrabida.

JULHO XXV.

Apparecimento de Christo no Campo de Ourique.

A

Este dia, o milagroso Apparecimento de Christo Senhor Nosso em o Campo de Ourique, ao invictissimo, e Santo Rey D. Affonso Henriques, que depois de como déstro General ter passado mostra a seu Exercito, em que alistava sómente treze mil homens, inda que luzidos, e valerosos, desproporcionado numero ao de seus inimigos, com rosto alegre, e sereno os exhortou, animando-os ao triunfo; porque era aquelle impávido coraçaõ, mais dilatado, que a numerosa vista das Agarenas tropas, de que se formava o Barbaro Exercito, que em odio do nome Christaõ armou o Mauritano poder de cinco Reys, que cobriaõ com as suas gentes os Valles, e coroavaõ os Montes, sendo formidavel espectaculo a innumeravel multidaõ de tanta gente armada, entre a qual tremulavaõ soltas as bandeiras, e luzia jactanciosa a soberba dos Mouros, desprezando o Exercito Portuguez, por curto triunfo às suas armas. Porém aquelle pequeno corpo de Lusitanos Soldados, inflammados das palavras do seu Principe, já desejavaõ chegado o dia de virem às mãos com os inimigos. Era taõ desigual o poder, que se póde duvidar, se foy mayor acçaõ resolver a Batalha, ou vencella. Em quanto se terminava o curto prazo, se recolheo o Inclyto

to D. Affonso à sua tenda, taõ satisfeito de ver os seus Soldados, como se já houvera triunfado dos seus inimigos; e porque o cuidado de taõ grande empreza se naõ opprimia, ao menos cançava a idéa, fez huma breve, mas ardente Oraçaõ a Deos, como quem peleijava mais pela gloria do seu Nome, do que pelo desejo de dilatar os seus Dominios. Depois tomou a Biblia, ou para vencer o tempo, ou divertir a fadiga do pensamento, e abrindo o livro poz os olhos na singular vitoria, que dos quatro Reys, com cento e vinte mil Madianitas, alcançara com trezentos Soldados o valeroso Gedeaõ, e naõ duvidando ser mysterio, o que poderia ser acaso, cheyo de jubilo, poz os olhos no Ceo, e com vivos rogos implorou a Divina Clemencia. Neste piedoso cuidado lhe cahio sobre o peito o livro, e adormeceo; quando de repente vio em hum sonho hum venerando Velho, de aspecto agradavel, que lhe segurava o triunfo, dando por fiador deste annuncio ao mesmo Deos. Neste sonho, ou vizaõ, se detinha o Principe, a tempo que Joaõ Fernandes de Sousa, seu Camereiro môr, o despertou com a noticia, de que hum Velho lhe pedia precisamente audiencia, sobre materia de importancia. Chegando à sua presença, conheceo ser o mesmo, que havia taõ pouco tempo mysteriosamente lhe representara o sonho, confirmando-se elle, com o que o bom Velho lhe referia, e foy: *Que Deos tinha posto os olhos da sua piedade nelle, e que acclamado pelos seus Soldados com o titulo de Rey, edificaria hum novo Imperio, para que por elle se dilatasse a voz do Evangelho nas mais incognitas regioens do Mundo, e que ainda que na decima sexta geraçaõ se attenuaria a Real prole, seria vista com os olhos da sua piedade, e receberia da sua Omnipotencia naquelle parocismo novos alentos a sua duraçaõ, e que para credito do que lhe affirmava, sahisse da sua tenda ao tempo, que ouvisse tocar o sino da sua Ermida, em a qual havia sessenta annos o guardava Deos entre aquellas brenhas, e que entaõ seriaõ os seus olhos fieis testemunhas do mesmo, que naõ póde comprehender a mais dilatada idéa.* Despedido com benevolencia o Ermitaõ, ficou o Inclyto Principe, ainda que com desaçocego, taõ animado, que em actos de verdadeira Fé esperava da Misericordia de Deos, hum grande favor. Na segunda vigilia da noite, a que chamaõ *Quarto da madorra*, os Militares, ouve tocar o sino, sahe

Nn da

da tenda armado, quando da parte do Oriente encontra a visſta hum rayo de claridade taõ reſplandecente, que pouco a pouco eſtendendo-ſe cobria todo o ar, e raſgadas as nuvens, appareceo entre ellas o Claro Sol da Juſtiça Chriſto Senhor Noſſo crucificado, collocado em Throno de Anjos, cercado de Serafins, que em fórma de gentís mancebos, com candidas, e luzidas veſtes o ſerviaõ. Largadas as Armas, deſpojado da Real veſtidura, deſcalço, como outro Moyſés, poſtrado por terra com todo o devido acatamento, depois de hum profundo acto de humildade, pondo os olhos no Ceo, ouvio em voz taõ ſuave, como Divina: *Que triunfaria dos ſeus inimigos; que nelle edificava hum Reyno, em que logo ſeria pelos ſeus vaſſallos acclamado Rey; que ſe perpetuaria em os ſeus deſcendentes, dilatando-ſe em glorioſas Conquiſtas, ſendo por elle eſcolhido para levar a Ley Evangelica por todo o Univerſo; e que o Eſcudo das ſuas Armas deſte novo Reyno, ſeria formado dos Myſterios da ſua Paixaõ.* A eſta viſta prodigioſa, cheyo de Fé o Catholico Principe, com reverentes cultos adorava ao Monarca Supremo Fundador dos Imperios, e novamente poſtrado por terra, com abrazado, mas humilde coraçaõ, rompeo neſtas palavras: *Senhor, ſobre a indignidade de taõ grande peccador, como aſſentais tantos beneficios? Que merecimentos tenho eu, para conſeguir taõ extraordinaria piedade? Se he para augmentarme a Fé, deſde o Bautiſmo vos reconheço, e adoro por Deos; aos infieis, Senhor, incredulos do voſſo Nome, e deſprezadores da voſſa Ley. Naõ he iſto, Senhor, duvidar em obedecervos; mas já que edificais eſte Reyno com liberal maõ, ponde os olhos de Miſericordia em meus ſucceſſores; e ſe algum dia eſta minha gente merecer a voſſa vingança, ſeja executado o golpe da voſſa Juſtiça ſobre mim, ou meus ſucceſſores, e fique ſalvo o povo, que amo como filho.* Dito iſto, certificado pela Sacroſanta boca de Chriſto de irrefragaveis promeſſas, em hum inſtante deſappareceo a vizaõ, ficando o Infante D. Affonſo cheyo de jubilo, e com hum immenſo gozo eſpiritual. Fortalecido de novos alentos, deu volta pelo campo, recolheo-ſe à ſua tenda, e ſe começou a declarar aquelle feliz dia do Patraõ da Heſpanha Santiago, que foy viſivel companheiro no conflicto. Os Cabos mayores, e todos os do Exercito, como ſe tiveſſem ouvido da boca de Chriſto a Divina promeſſa, reveſtidos de novos

vos alentos, e com brios naõ vulgares, buſcando ao ſeu Principe, já com impaciencia lhe pediaõ, que deſſe a batalha, e a huma voz o acclamavaõ Rey, e entre alegres feſtins, e Militares eſtrondos applaudiaõ a ſua felicidade, dizendo: *Real Real por ElRey D. Affonſo de Portugal.* O Infante D. Affonſo, que naõ podia recuzar o Real titulo, condeſcendendo às fieis, inda que tumultuoſas vozes dos leaes Portuguezes, que o acclamavaõ, acceitou com o Sceptro a rendida obediencia, que lhe juraraõ. Os Barbaros, a quem chegavaõ os eccos de tantas feſtivas vozes, ſe perſuadiraõ, que recebera o Exercito algum grande ſoccorro; mas voltando os olhos ao dilatado campo, que alojavaõ as ſuas tropàs, abalaraõ ſoberbos, e confiados a encontrarſe com a Luſitana gente. ElRey D. Affonſo favorecido de Deos, e eſtimado dos ſeus vaſſallos, como deſtro General, medio o campo já com o ſeguro da vitoria, ordenou a ſua gente, e formada em batalha, com a cara no inimigo, mandou abalar o Exercito contra o dos Barbaros. Temeroſos os Mouros de reſoluçaõ taõ valeroſa, ſe incitaraõ brioſos, huns a outros com vozes, e algazarras, que ao ſom dos inſtrumentos bellicos, e eſtrondos das armas, era taõ eſpantoſo o ruido, e confuzaõ dos Barbaros alaridos, que parecia, ferindo o ar, chegarem ao Ceo. Os dardos, e as frechas voavaõ em taõ exceſſivo numero, que encobriaõ os rayos do Sol, fazendo com a ſua multidaõ ſombra aos dous taõ deſproporcionados Exercitos, que já confundidos, e entrados na peleja, andavaõ huns, e outros feridos, e enſangoentados. Os noſſos Portuguezes com valeroſa ozadia matavaõ nos Mouros, ſem temor da morte. ElRey D. Affonſo, com palavras, e prodigioſas façanhas os exhortava; e naõ havia Soldado, que naõ ſerviſſe com as ſuas obras de exemplo ao companheiro, de ſorte, que nenhum havia miſter inſtigado, mas ſómente mandados. O Alferes mòr Garcia Mendes de Souſa, com admiravel ouzadia, por ordem delRey, rompeo pela linha inimiga da vanguarda, e alvorou no centro o Real Eſtandarte, entre as bandeiras inimigas, em que já commeçavaõ a padecer eclypſe as ſuas Luas: o valor foy ſingular, o caſo milagroſo. Seguiraõ-no os noſſos Soldados, carregando os inimigos, de ſorte, que cedeu a multidaõ ao valor. Deſordenada a linha inimiga, viraõ-ſe os Mouros perdidos; acodio ao reparo Iſmael,

com tantos batalhoens, que se achou ElLey cercado, e a naõ ser aquelle coraçaõ animado superiormente, parece ficaria opprimido com a mesma vitoria. Os Cabos, e Senhores Portuguezes, vendo o perigo do seu Rey, romperaõ os batalhoens, com tal impeto, que sem memoria de que eraõ mortaes asseguraraõ a Real Pessoa. Oppoz-selhe ElRey de Sylves, mas acabou a vida no estrago da fatal espada do nosso invictissimo Rey D. Affonso, de quem já os inimigos temerosos, voltavaõ as costas. Acodio ElRey de Badajós à desordem, com hum grosso de luzidos batalhoens Andaluzes, e como eraõ tantos em numero, viraõ-se as nossas Tropas, naõ só apertadas, mas com perigo. Neste conflicto, puxaraõ os Cabos pela linha da retaguarda, e começou de novo a ensanguentarse a peleja. Os nossos carregaraõ com tal força os inimigos, que ao som dos golpes, se seguia hum taõ horrendo estrondo, que parecia gemia a terra, opprimida de tanto pezo. Já se naõ via campo, que naõ fosse juncado de corpos mortos. Os gemidos feriaõ o ar, e finalmente, tudo era infelicidade nos inimigos, e gloria nos vencedores. ElRey em cada golpe infalivelmente abria huma porta para entrar a morte, à maneira de rio impetuoso, cuja corrente tudo leva diante, quasi indefezos os desbaratava. Era já taõ conhecida a ventagem no estrago, que se acclamava pelos nossos a vitoria. Lourenço Viegas, vendo morto seu meyo irmaõ Martim Moniz, que governava a ala direita, e havia feito obras dignas de eterna memoria, acompanhado de seu primo D. Diogo Gonçalves, e Gonçalo de Sousa, incitados da dor, entraraõ pelos inimigos taõ valerosamente, que deixaraõ com muitas mortes, vingado o seu sentimento. El-Rey D. Affonso, a nenhum inferior dos mais valerosos no esforço, excedendo a todos no acordo, e vigilancia, conheceo, que pendia a vitoria da força, que fazia Ismael, com a gente da sua guarda, de que era Capitaõ o valeroso Homar Atagor, seu sobrinho, homem de forças extraordinarias. Cerrou com elles, e os rechaçou, com tal fortuna, que mortos os Cabos principaes, se começou a desordenar o Exercito dos Arabes, e se vio castigada a soberba de Ismael, que o mandava, e sem mais esperanças, que na ligeireza do seu cavallo, se poz em fugida seguido das suas desordenadas Tropas, a quem os nossos seguindo o alcance, faziaõ estrago sem batalha; porque os Mouros

ros

ros só pareciaõ inimigos na fogida. Já se naõ pizavaõ mais, que cadaveres despedaçados, nadando pés, e braços, e outros troncos humanos em pantanos de sangue, em que se banhavaõ os cavallos; e o delRey D. Affonso, que era por extremo branco, se via todo manchado. Mandou ElRey fazer sinal de recolher; pereceo às mãos dos nossos Soldados huma innumeravel multidaõ de Mouros, que innundaraõ com o seu sangue os campos, e tingiraõ as correntes dos rios Cobres, e Terges, e sobrevindo depois da vitoria huma repentina chuva, do sangue congelado, se renovou nos rios a cor vermelha, que corria com admiraçaõ dos nossos, e horror dos Barbaros, accrescentando largo tempo com ensangoentadas correntes as crystalinas aguas do celebre Guadiana. Finalmente, triunfaraõ os Portuguezes do formidavel poder de cinco Reys armados, a que acompanhavaõ muitos Principes poderosos, que todos trabalharaõ, para fabricar da sua infelicidade a Augusta Coroa Lusitana, que o Ceo tinha já annunciado. Deteve-se ElRey no campo tres dias, por satisfazer à ordem da cavallaria, e depois de rendidas as graças ao Deos das Vitorias, por taõ completa batalha, marchou com a sua gente, chea de gloria, e rica de despojos. Chegou a Coimbra aos 15 de Agosto, e com solemnes festas agradeceo à Rainha dos Anjos a sua Soberana protecçaõ. Prégou o Arcebispo de Braga D. Joaõ; fez Pontifical D. Bernardo, Bispo de Coimbra, e com Procissaõ geral se deu fim à festa, vendo-se nesta devota ceremonia a piedade delRey, que fez pendurar os triunfos da batalha por votos em diversos Templos, e só dos principaes Estandartes se contaraõ dezanove, e dos de menor conta innumeraveis. Os Fidalgos com canas, e outros festejos, deraõ fim ao applauso, ficando eterno na memoria de todas as Nações do Mundo, este grande dia, sempre venerado dos Portuguezes, como principio fecundo, de que nasceo a eternidade da Monarchia Lusitana.

Santiago Apostolo.

B Em toda a Hespanha, de tempo antiquissimo, se celebra a festa do Proto-Martyr dos Apostolos e do Apostolo de Hespanha Santiago, que por Divina disposiçaõ foy destinado para Pay, Pastor, e Mestre desta Occidental parte do Mundo, radicando nos corações de seus naturaes as verdades, que recebera da boca do Divino Mestre, com taõ feliz fruto, que successivamente se conservaraõ firmes, e puros na Fé, sendo en-

tre

tre todas as de mais Nações o exemplar da perseverança no culto da Religiaõ Catholica. Depois que subio ao Ceo Christo Senhor Nosso, se dividiraõ entre os Apostolos as Provincias de todo o Orbe, para que em toda a terra fosse venerada huma Fé, e adorado hum só Deos; e cumprindo o Santo com diversas obrigações, por revelaçaõ do Espirito Santo, lhe foy mandado, que passasse a Hespanha; e despedindo-se da Virgem Santissima, da sua boca lhe foy dito, que em huma Cidade de Hespanha lhe erigiria hum Templo, no lugar, que ella lhe mostraria. Elegeo Discipulos, e embarcado, aportou na Costa, que corre do Douro até Galliza, e começando a sua prégaçaõ em Braga, constituîo nella por Bispo a S. Pedro de Rates, e foy o primeiro de toda Hespanha, tendo entaõ principio a Primazia desta Igreja entre todas; porque foy a que teve a felicidade de receber primeiro, que as mais, as suaves vozes do Evangelho, que prégava o Santo Apostolo; a qual deixando instruîda nos Mysterios da nossa Fé, e consolados com estupendas maravilhas, que o Senhor obrou por sua intercessaõ, com que mais se radicaraõ no conhecimento do Verdadeiro Deos, os entregou a Saõ Pedro de Rates; e passando a outras Cidades de Hespanha, annunciando a vinda do Messias, e o estabelecimento da Ley da Graça, na Cidade de Çaragoça, lhe appareceo a Virgem Santissima em hum pilar de pedra, entre Córos de Anjos, mostrando-lhe, que aquelle era o lugar, que estava decretado, para se erigir à gloria do seu Nome, huma Igreja, a que depois se derivou o nome da vizaõ, e foy esta a primeira Igreja dedicada ao Culto da Mãy de Deos, em todo o Mundo, sendo ainda viva, e tendo andado o Santo Apostolo a mayor parte da Hespanha, voltou a Braga a animar aquellas tenras plantas do Christianismo, e primicias da Fé de Europa. Naõ havia ainda Igreja naquella Cidade, porque era grande a opposiçaõ dos Gentios, e naõ davaõ lugar, a que publicamente se levantasse Altar, em honra de JESU Christo. Buscou hum lugar separado, junto do Templo da Deosa Isis, aonde chamavaõ os Banhos, e consagrando huma cova, levantou nella Altar, com o titulo da Virgem Santissima, e disse nelle Missa, assistido dos seus Discipulos, assim dos que o acompanharaõ de Jerusalem, como dos que já o seguiaõ; e este foy o segundo Templo, que se dedicou à Virgem MARIA Senhora

Nossa,

Nossa, e a Fundaçaõ da Cathedral de Braga, que entregou a Saõ Pedro seu Bispo; e instruîndo-o nos Ritos, e ceremonias, com que havia de ordenar aos novos Bispos, e mostrando-lhes quaes havia de escolher para esta Dignidade, e o como havia de administrar os Sacramentos, e outras cousas pertencentes ao culto, e augmento da Religiaõ Catholica, que já se via praticada em Hespanha; e tendo constituido Bispos em diversas partes, voltou o Santo Apostolo para Jerusalem, acompanhado dos seus Discipulos, illustrando as Gallias, e as Bretanhas, com doutrinas, como filho do Trovaõ. Oppoz-se a Hermogenes, e Fileto, feiticeiros, convencendo as suas blasfemias, com escrituras, e com taõ estupendos milagres, que engrandecido o Nome de JESU Christo, atemorizou o demonio, com tantas maravilhas, que largando as magicas sciencias, vieraõ a reconhecer a Divindade, que negavaõ, e foraõ recebidos ao gremio da Igreja, com notavel confuzaõ dos seus sequazes, que os veneravaõ invenciveis; mas diabolicamente persuadidos alguns, que naõ abraçaraõ, como elles, a Fé, buscaraõ dous Centurioens, chamados Lisias, e Theocrito, a quem pagando, persuadiraõ, que em hum motim, que elles levantariaõ, prendessem ao Santo Apostolo, quando estivesse prégando. Assim se executou, ao tempo, que muitos Judeos, persuadidos da efficacia do Santo Apostolo, publicamente confessavaõ seguirem a Ley de JESU Christo; o que vendo Abiathar, Pontifice daquelle anno, fez final para se executar a prizaõ, e hum dos Farizeos arremetendo ao Santo, lhe lançou huma corda ao pescoço, e o levou ao Paço delRey Herodes, que por satisfazer ao povo, o mandou degolar, e levado ao lugar do supplicio, vio hum paralytico, que em vozes altas lhe dizia: *Santo Varaõ, livray-me das dores, com que este mal me atromenta todo o corpo. Em Nome de Jesu Christo crucificado*, disse o Apostolo, *levantate, e louva a teu Salvador.* De repente, já naõ paralytico, senaõ robusto, e forte, se levantou, começando a correr, e engrandecer a JESU Christo; do que admirado Josias, aquelle mesmo, que lhe lançou a corda ao pescoço, quando o prenderaõ, se lhe botou aos pés com arrependimento, confessando ser Verdadeiro Deos JESU Christo; e detestando os erros, que seguia, foy degolado com o Santo Apostolo, cujo corpo trazido depois a Hespanha, he venerado na Igreja do seu nome,

nome, na Cidade de Compostela, onde tem obrado innumeraveis milagres, e he visitado de huma grande multidaõ de gentes de todas as Nações, com que o Senhor acredita os merecimentos deste grande Apostolo.

D. Jorge de Almeida Bispo de Coimbra.

C Na Cathedral de Coimbra, o Anniversario de D. Jorge de Almeida, que aos vinte tres annos da sua idade, se assentou na Episcopal Cadeira desta antiga Diocesi, servindo de exemplo, e admiraçaõ os seus costumes, por se ver em annos floridos, com sangue illustre, liberdade, e muita riqueza, ter aborrecimento ao Mundo, e verdadeiro amor ao Ceo, a que só dirigia todas as suas ações; pelo que foy vigilante Pastor, empregando todo o cuidado no proveito espiritual do seu rebanho, acodindo aos pobres com grande amor, e charidade, sendo infalivel asylo dos desamparados. Do culto Divino foy muy solicito, e assim enriqueceo de ornamentos, e pessas de valor a Sé, e inda hoje saõ as suas obras testemunhas da sua piedade. Teve grande cuidado em reformar abusos. Era costume daquella Igreja, darem os Bispos em Quinta feira Mayor huma consoada aos Beneficiados da Sé: elle em reverencia da Paixaõ a tirou, e lhes deu em recompensa hum cirio no dia da Purificaçaõ, costume que deixou por obrigaçaõ a seus successores. Com a Virgem MARIA Senhora Nossa, teve huma terna devoçaõ; e tendo governado esta Igreja sessenta e dous annos, com zelo, e prudencia, e deixando das suas obras illustre memoria, pois se affirma delle, que fez milagres, acabou em Santa velhice huma vida, pura, e casta.

O P. Luiz de Goes da Companhia.

D No Collegio de Saõ Paulo de Goa, a morte do Padre Luiz de Goes, da Companhia de JESUS, Varaõ muy assinalado nas Missoens de Salcete, onde foy Vigario da Fortaleza, e Aldeas, em que mostrou o zelo da Fé, e augmento da Religiaõ Catholica, na destruiçaõ dos Pagodes, em que fez muitas obras dignas do Instituto, que professava. Estas o fizeraõ merecedor, de que na hora da morte, depois de ter recebido os Sacramentos, fosse visitado pela Rainha dos Anjos, que encheo o seu espirito de huma interior alegria, como elle confessou a seus Irmãos, e de taõ soberana presença se lhe seguiria a Eternidade da Gloria, que piamente cremos está gozando.

Frey Vasco Correa Frãciscano.

E Item no Convento de Santa Catharina da Carnota, a

santa

ſanta memoria de Fr. Vaſco Correa, Religioſo de admiravel virtude, e prudencia, pela qual mereceo ſer duas vezes eleito em Provincial da Provincia de Portugal, que governou com muito exemplo, e eſpecial ſatisfaçaõ dos ſubditos; e cheyo de virtuoſas obras, acabou em o Senhor.

F No meſmo dia, em Nacatſù, Povoaçaõ do Imperio do Japaõ, ſobiraõ coroados de gloria ao Reyno do Ceo, Leaõ Geroyemon, Joaõ Dinzò, Paulo Yoſuke, Paulo Toyemon, Leaõ Suquezo, Diogo Xiza, Lucas Cufioye, Joaquim Canii, Joaõ Gofioye, Paulo, e Joaõ, irmãos todos, degolados pela conſtancia, com que confeſſaraõ a Fé de Jesu Chriſto.

Leaõ Geroyemon, e dez irmãos Martyres do Japaõ.

G No Lugar da Cuba, no Recolhimento das Terceiras de Noſſa Senhora do Carmo, neſte dia, cerrou as clauſulas de huma innocente vida, com morte glorioſa, a devota Franciſca das Chagas. Foy muy dada à Oraçaõ mental, que repetia com grande frequencia, e naõ com menos diverſos generos de penitencias, com que affligia o ſeu corpo, de ſorte, que naõ havia rigor, com que o naõ mortificaſſe. Andava na preſença de Deos, de que era favorecida, com continuados extaſis. Teve muita charidade com o proximo; aſſim deſejava ſervir ſempre a todas as ſuas Companheiras. Em certa occaſiaõ lhe ſuccedeo, que tendo licença do ſeu Director, e Prelada, para ſe recolher a fazer os Exercicios eſpirituaes, antes de entrar no ſilencio daquelles ſantos dias, movida de charidade, foy fazer a cama às doentes, o que Noſſo Senhor lhe fatisfez com hum ſingular favor; porque em huma das camas lhe appareceo Crucificado. Teve grande devoçaõ com Saõ Joſeph, de quem foy taõ favorecida, que ſe refere, que continuamente a recreava com a ſua preſença. E perſeverando em vida ſanta, lhe ſobreveyo a ultima doença; e ſendo-lhe revelado o que nella havia de padecer, o ſofreo com admiravel paciencia, que deixando ſaudoſas, e edificadas as Companheiras, foy a gozar das delicias da Gloria.

Frãciſca das Chagas Terceira do Carme.

Commentario ao XXV. de Julho.

A O Venturoſo dia 25 de Julho, do anno 1139, ſerá ſempre celebre nos ditoſos Faſtos Luſitanos, pela erecçaõ da ſua Monarchia, eſtabelecida com a Batalha de Campo de Ourique, huma ſem duvida das mayores, que ſe lem nas Hiſtorias, e confirmada a ſua duraçaõ pela boca do meſmo Deos ao invictiſſimo Rey Dom Affonſo I. como ſe vê do Juramento, que o meſmo Santo Rey fez em Coimbra, no anno 1152, e ſe conſerva

no Cartorio do Mosteiro de Alcobaça, escrito em hum pergaminho, de letra antiga, com o sello do dito Rey, e outros quatro de cera vermelha, pendentes de fios de seda da mesma cor, confirmado por pessoas de authoridade, que o testemunhaõ, em que se funda o mayor credito humano, que póde haver em escrituras, a qual tivemos em nossas mãos, no anno de 1707, quando estivemos neste Real Mosteiro, e com veneraçaõ vimos aquelle testemunho da perpetua duraçaõ do nosso Reyno, que Deos sempre com milagres tem conservado, como observaõ as nossas Historias, e inda que o traslado ande em outras partes, nos pareceo obrigaçaõ lançallo aqui; e he o seguinte.

Ego Alfonsus Portugalliæ Rex, filius illustris Comitis Henrici, nepos magni Regis Alfonsi, coram vobis bonis viris Episcopo Bracharensi, & Episcopo Colimbriensi, & Theotonio, reliquisque magnatibus, officialibus, vassalis regni mei, in hac Cruce ærea, & in hoc libro Sanctissimorum Evangeliorum, juro cum tactu manuū mearum, quod ego miser peccator, vidi hisce oculis indignis verum Dominū nostrū Jesum Christum in Cruce extensum in hac forma. Ego eram cum mea hoste in terris ultra Tagum, in agro Auriquio, ut pugnarem cum Ismaele, & aliis quatuor regibus Maurorum habentibus secum infinita millia, & gens mea timorata propter multitudinem, erat fatigata, & multum tristis, in tantum ut multi dicerent esse temeritatem inire bellum, & ego tristis de eo quod audiebam, cæpi mecum cogitare, quid agerem, & habebam unum librum in meo papillione in quo erat scriptum testamentum antiquum, & testamentum Jesu Christi. Aperui illum, & legi victoriam Gedeonis, & dixi intra me. Tu scis Domine Jesu Christe quia pro tuo amore suscepi bellum istum contra tuos inimicos, & in manu tua est dare mihi, & meis fortitudinem, ut vincamus illos blasfemantes tuum nomen, & sic dicens dormivi supra librum, & videbam virum senem ad me venientem, dicentemque. Aldefonse, confide vinces enim debellabisque Reges istos infideles, contere sque potentiam illorum, & Dominus noster ostendet se tibi. Dum hæc video, accedit Joannes Ferdinandus de Sousa, vassalus de meo cubiculo, dixitque surge domine mi. Adest homo senex vultque te alloqui, ingrediatur, dixi, si fidelis est. Ingressus ad me, agnovi esse illum quem in visione videram, qui dixit mihi, Domine bono animo esto, vinces & non vinceris. Dilectus es Domino, posuit enim super te, & super semen tuum post te oculos misericordiæ suæ, usque in sextam decimam generationem, in qua attenuabitur proles, sed in ipsa attenuata, ipse respiciet, & videbit; ipse me jubet indicare tibi, quod dum audieris sequenti nocte tintinabulum romitorii mei in quo vixi sexaginta sex annis inter infideles, servatus favore Altissimi, egrediaris extra Castra, solus sine arbitris, ostendere tibi pietatem suam multam. Parui, & reverenter in terra positus, & nuncium & mittentem veneratus sum, & dum in oratione positus sonitum expectarem secunda noctis vigilia tintinabulum audivi, & ense, & scuto armatus egressus sū extra castra, vidique subito à parte dextra, orientem versus micantem radium, & paulatim splendor crescebat in maius, & dum oculos ad illam partem efficaciter pono; ecce in ipso clarior sole, signum Crucis aspicio, & Jesum Christum in eo crucifixum, & ex ūna, & altera parte multitudinem Juvenum candidissimorum, quos Sanctos Angellos fuisse credo. Quam visionem dum video, deposito ense, & scuto relictisque vestibus, & calceamentis, pronus in terram me projicio, lachrimisque abunde missis, cæpi rogare pro confortatione vassallorum meorum, dixique nihil turbatus. Quid tu ad me Domine? Credenti enim fidem vis augere? melius est ut te videant infideles, & credant quam ego, qui à fonte Baptismatis te Deum Verum Filium Virginis, & Patris æterni agnovi, & agnosco. Erat autem Crux miræ magnitudinis, & elevata à terra quasi decem cubitos. Dominus suavi vocis sono quem indignæ aures meæ preceperunt, dixit mihi. Non ut tuam fidem augerem hoc modo apparui tibi, sed ut corroborem cor tuum in hoc conflictu, & initia Regni tui supra firmā petram stabelirem! Confide Alfonse, non solum enim hoc certamen vinces sed omnes alios in quibus contra inimicos Crucis pugnaveris, gentem tuam invenies alacrem ad bellum, & fortem, petentem, ut sub Regis nomine in hac pugna ingrediaris, nec dubites, sed quidquid petierint libere concede. Ego enim ædificator, & dissipator Imperiorum, & Regnorum sum. Volo enim in te, & in semine tuo imperium mihi stabelire, ut deferatur nomen meum in exteras

exteras gentes, ut agnoscant successores tui datorem Regni, insigne tuum ex pretio quo ego humanum genus emi, & ex eo quo ego à Judæis emptus sum compones, & erit mihi Regnum sanctificatum, fide purum, & pietate dilectum. Ego ut hæc audivi humi prostratus adoravi, dicens. Quibus meritis Domine tantum mihi annuntians pietatem, quidquid jubes faciam, & tu in mea prole, quam promitis oculos benignos pone, gentemque Portugallensem salvam custodi, & si contra eos aliquid paraveris malum, verte illum potius in me, & in successores meos, & populum quem tanquam unicum filium diligo absolve. Annuens Dominus inquit non recedet ab eis, neque ate unquam misericordia mea per illos enim paravi mihi messem multam, & eligi eos in messores meos in terris longinquis, hæc dicens disparuit, & ego fiducia plenus, & dulcedine redii in castra, & quod taliter fuerit. Juro ego Aldefonsus Rex per sanctissima Jesu Christi Evangelia hisce manibus tacta. Id circo præcipio successoribus meis in perpetuum futuris ut scuta quinque in Crucem partita, propter Crucem, & quinque vulnera Christi in Insigne ferant, & in unoquoque triginta argenteos, & super serpentem Moysis ob Christi figuram, & hoc sit memoriale nostrum, in generatione nostra, & siquis aliud attentaverit à Domino sit maledictus, & cum Juda traditore in infernum maceratus Facta charta Colimb. III. Kalend. Novembris Æra M. C. LII.

Ego Aldefonsus Rex Portug.
J. Colimb. Episcop.
J. Bracharens. Metrop.
T. Prior.
Ferdinandus Petri Curiæ Dapif.
Petrus Pela Curiæ signifer.
Velascus Sancij.
Alfonsus Menen præf. Ulis.
Gondisalvus de Sousa procur. Imn.
Pelagius Menen procur. Viseen.
Suer Martin procurat Colimb.
Menendus Petri, pro Magistro Alberto. Regis Cancellario.

Traduzida na nossa lingoa, he a seguinte.

Eu Affonso Rey de Portugal, filho do Conde D. Henrique, e neto do grande Rey D. Affonso, diante de vós Bispo de Braga, e de Coimbra, e Theotonio, e de todos os mais vassallos de meu Reyno. Juro em esta Cruz de metal, e neste livro dos Santos Evangelhos, em que ponho minhas mãos, que eu miseravel peccador vi com estes olhos indignos a Nosso Senhor Jesu Christo, estendido na Cruz, no modo seguinte. Eu estava com meu Exercito nas terras de Alentejo, no Campo de Ourique, para dar batalha a Ismael, e outros quatro Reys Mouros, que tinhaõ comsigo infinitos milhares de homens, e minha gente temerosa de sua multidaõ estava atribulada, e triste sobre maneira, em tanto, que publicamente diziaõ alguns ser temeridade, acometer tal jornada; e eu enfadado do que ouvia, comecey a cuidar comigo, que faria; e como tivesse na minha tenda hum livro, em que estava escrito o Testamento Velho, e o de Jesu Christo, abri-o, e li nelle a vitoria de Gedeaõ, e disse entre mim mesmo. Muy bem sabeis vós, Senhor Jesu Christo, que por amor vosso tomey sobre mim esta guerra, contra vossos adversarios; em vossa maõ está dar a mim, e aos meus fortaleza, para vencer estes blasfemadores de vosso Nome. Ditas estas palavras, adormeci sobre o livro, e comecey a sonhar, que via hum homem velho vir para onde eu estava, e que me dizia: Affonso, tem confiança; porque vencerás, e destruirás estes Reys infieis, e desfarás a sua potencia, e o Senhor se te mostrará. Estando nesta visaõ, chegou Joaõ Fernandes de Sousa, meu Camereiro, dizendome: Acorday, Senhor meu; porque está aqui hum homem velho, que vos quer fallar. Entre (lhe respondi) se he Catholico: e tanto que entrou, conheci ser aquelle, que no sonho vira, o qual me disse: Senhor, tende bom coraçaõ; vencereis, e naõ sereis vencido; sois amado do Senhor; porque sem duvida poz sobre vós, e sobre vossa geraçaõ, depois de vossos dias, os olhos de sua Misericordia até a decima sexta descendencia, na qual se diminuirá a successaõ, mas nella assim diminuida, elle tornará a pôr os olhos, e verá. Elle me manda dizervos, que quando na seguinte noite ouvirdes a campainha de minha Ermida, naqual vivo ha sessenta e seis annos, guardado no meyo dos infieis, com o favor do muy Alto, sayaes fóra do Real sem nenhuns criados; porque vos quer mostrar sua grande piedade. Obedeci, e prostrado em terra, com muita reverencia, venerey o Embaixador, e quem o mandava. E como posto em oraçaõ aguardasse o som, na segunda véla da noite ouvi a campainha, e armado com espada, e rodéla, sahi fóra dos

Reaes, e subitamente vi à parte direita contra o Nascente, hum rayo resplandecente, e indo-se pouco, e pouco clarificando, cada hora se fazia mayor; e pondo os olhos de proposito para aquella parte, vi de repente no proprio rayo o sinal da Cruz, mais resplandecente, que o Sol, e Jesu Christo crucificado nella, e de huma, e de outra parte huma copia grande de mancebos resplandecentes, os quaes creyo, que seriaõ Anjos. Vendo pois esta visaõ, pondo à parte o escudo, e espada, e lançando em terra as roupas, e descalçado, me lancey de brucos, e desfeito em lagrimas, comecey a rogar pela consolaçaõ de meus vassallos, e disse sem nenhum temor: A que fim me appareceis, Senhor? Quereis porventura accrescentar Fé a quem tem tanta? Melhor he por certo, que vos vejaõ os inimigos, e creaõ em vós, que eu desde a fonte do Bautismo vos conheci por Deos Verdadeiro, Filho da Virgem, e do Padre Eterno, e assim vos conheço agora. A Cruz era de maravilhosa grandeza, levantada da terra quasi dez covados. O Senhor com hum tom de voz suave, que meus ouvidos indignos ouviraõ, me disse: Naõ te appareci deste modo, para accrescentar a tua Fé, mas para fortalecer teu coraçaõ neste conflicto, e fundar os principios do teu Reyno sobre pedra firme. Confia, Affonso; porque naõ só vencerás esta batalha, mas todas as outras, em que peleijares contra os inimigos de minha Cruz. Acharás tua gente alegre, e esforçada para a peleja, e te pedirá, que entres na batalha com titulo de Rey. Naõ ponhas duvida, mas tudo quanto te pedirem lhes concede facilmente. Eu sou o Fundador, e destruidor dos Reynos, e Imperios, e quero em ti, e teus descendentes fundar para mim hum Imperio, por cujo meyo seja meu Nome publicado entre as Nações mais estranhas. E para que teus descendentes conheçaõ quem lhe dá o Reyno, comporás o escudo de tuas Armas do preço, com que remi o genero humano, e daquelle, porque fuy comprado dos Judeos, e ser-me-ha Reyno santificado, puro na Fé, e amado por minha piedade. Eu tanto que ouvi estas cousas, prostrado em terra o adorey, dizendo: Porque merecimentos, Senhor, me mostrais taõ grande Misericordia? Ponde pois vossos benignos olhos nos successores, que me prometteis, e guarday salva a gente Portugueza, e se acontecer, que tenhais contra ella algum castigo apparelhado, executay-o antes em mim, e em meus descendentes, e livray este povo, que amo como a unico filho. Consentindo nisto o Senhor, disse: Naõ se apartará delles, nem de ti nunca minha Misericordia; porque por sua via tenho aparelhadas grandes seáras, e a elles escolhidos por meus segadores em terras muito remotas. Ditas estas palavras desappareceo; e eu cheyo de confiança, e suavidade, me torney para o Real. E que isto passasse na verdade, juro eu D. Affonso, pelos Santos Evangelhos de Jesu Christo, tocados com estas mãos. E por tanto mando a meus descendentes, que para sempre succederem, que em honra da Cruz, e cinco Chagas de Jesu Christo, tragaõ em seu Escudo cinco Escudos partidos em Cruz, e em cada hum delles os trinta dinheiros, e por timbre a Serpente de Moysés, por ser figura de Christo, e este seja o troféo de nossa geraçaõ. E se algum intentar o contrario, seja maldito do Senhor, e atormentado no Inferno, com o Judas traidor. Foy feita a presente Carta em Coimbra, aos vinte e nove de Outubro, era de mil cento e cincoenta e dous.

Eu ElRey D. Affonso.
Joaõ Bispo de Coimbra.
Joaõ Metropolitano Bracharense.
Theotonio Prior.
Fernaõ Peres Copeiro môr.
Vasco Sanches.
Affonso Mendes Governador de Lisboa.
Gonçalo de Sousa Procurador de Entre Douro, e Minho.
Payo Mendes Procurador de Vizeu.
Sueiro Martins Procurador de Coimbra.
Mem Peres o escreveo por Mestre Alberto Cancellario delRey.

Esta he a Escritura tirada do original, do modo que se conserva no referido Cartorio, a que alguns Authores emulos da gloria Portugueza, tem por apocrifa, e com razoens futeis intentaõ escurecer, e por esta causa nos pareceo de obrigaçaõ, pelo amor da Patria, satisfazer às suas duvidas, ainda que brevemente pelo estylo, que seguimos; porque desta materia se podia fazer huma larga Dessertaçaõ Historica, como tem principiado com este titulo o eruditissimo Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, a quem todos os curiosos devem grande attençaõ, por ser universal estimador de todo o genero de estudos, e nós particularmente obrigados à generosidade,

rosidade, com que da sua grande livraria nos soccorre, naõ só com livros impressos, mas ainda com exquisitos manuscritos, e já que naõ podemos ter outra gratificaçaõ, satisfazemos em nossos escritos, confessando nesta curta memoria ao Mundo todo, o que devemos à grandeza da sua pessoa, e erudiçaõ.

Que seja verdadeira esta Escritura, se prova com a constante tradiçaõ, que os nossos naturaes conservaraõ por tantos seculos de pays, a filhos, da referida visaõ; que ElRey fizesse o juramento approvaõ as nossas Historias, sem haver Author algum Portuguez, que o contradiga, e muitos, e graves Castelhanos, e Estrangeiros, que o confessaõ, como logo veremos. Argúem a validade da Escritura em ser toda feita de huma só letra, sem que os sinaes dos que a sobescreveraõ sejaõ proprios; esta duvida tem taõ pouco fundamento para os noticiosos, como se vê do Tratado do Padre Mabillon, de *Re Diplomatica*, liv. 2. cap. 22, onde dá por doutrina geral o escreverem-se muitas vezes todas as firmas pela maõ do mesmo Notario. As suas palavras saõ as seguintes: *Ex subscribentibus multi fuerunt quorum nomina, non propria manu chartis apposita sunt, sed aliena; id est, Notarii instrumentum scribentis, quod facile deprehenditur ex uniformi subscriptorum charactere. Id verò quatuor ex causis accidisse puto: primò ex imperitia scribendi: secundò ex cæcitate: tertiò ex affectata quadam prærogativa dignitatis: quartò ex usu, & consuetudine.* Além disto se prova esta verdade com os nossos Archivos, e sem sahir do de Alcobaça, se vê nelle, que foy este costume muy usado na Escritura do feudo a Santa Maria de Claraval, e na da Doaçaõ dos Coutos ao mesmo Mosteiro, da qual inda atégora ninguem duvidou, e por ella gozaõ os Religiosos taõ grossas rendas, e izenções, como sabemos.

Tambem nos naõ serve de embaraço a duvida de ser o anno de Christo, e naõ a Era de Cezar; porque em muitas do mesmo tempo, se vê, que se usava de ambas, ainda que era mais commua a de Cezar; isto era a arbitrio dos Cancellarios, ou Escrivães, o que segue Cramuel no seu *Philip. Prud.* liv. 2. §. 23. pag. 121, onde diz as palavras seguintes: *Apud Hispanos fuisse in usu tunc temporis duas Æras; videlicet Cæsaream, & Christianam, & sæpius utra esset non exponebatur.*

Em os Reynos de Castella, Leaõ, e Galliza, como notoù Morales no *Discurso dos Privilegios*, liv. 7. cap. 51, se achaõ muitas Escrituras, e Doações deste modo, e refere huma, que diz estar no Cartorio de Oviedo delRey D. Affonso o Casto, feito na Era 830. Outra delRey D. Ordonho I. feita em 20 de Abril de 860, e tambem outro Privilegio deste Rey, dado ao Mosteiro de Samos em Galliza, cuja Escritura se fez em 7 de Abril Era de 860, as quaes Escrituras pelos annos, em que estes Reys governaraõ, mostra o dito Morales naõ serem da Era de Cezar, mas de Christo. D. Garcia de Loaysa Arcebispo de Toledo, na Annotaçaõ ao *Concilio Illiberitano*, mostra usarse da Era de Christo. Nos actos da Trasladaçaõ de Santo Isidoro, feitos antes do anno 1383, como observaõ Papebrochio, e Henschenio, no Tomo I. de Abril, pag. 902, se naõ usava já da Era de Cezar, senaõ da de Christo, e dizem, que devia nascer de o Author ser Francez Cluniacense, que em Hespanha quiz introduzir o costume de França. Esta razaõ faz muito ao nosso caso; porque além da Corte Portugueza ser nascida da de França, o Cancellario, que tinha ElRey D. Affonso, era M. Alberto, Francez, como diz Maris *Dialog.* 2. cap. 5, e ainda que a Escritura fosse lançada pelo Vice-Cancellario Mendo Pires, mais elegante, que o Cancellario (como diz o Padre Francisco da Cruz, em hum papel m. s. em que tinha junto algumas memorias sobre esta materia) sempre seria dirigida pela ordem do Cancellario. Em França, desde a Coroaçaõ do Emperador Carlos Magno, que foy no anno 801, se contou pelo anno de Christo, como adverte o sobredito Padre Mabillon, no livro de *Re Diplomatica*, liv. 2. cap. 23. pag. 173, onde fallando da morte de S. Bento Abbade, diz: *III. de Febr. anno ab Incarnatione Domini DCCCXXI. Ind. XIV. concurrente 1. epacta XIV. anno IX. Imperii Ludovici piissimi Imperatoris.* Aqui traz muitos lugares, que provaõ ao nosso intento, e remetemos aos curiosos de antigualhas a esta doutissima Obra. Tambem do Reyno de Inglaterra vimos muitas Cartas, e Doações, com o anno de Christo de tempos antigos, e basta appontar a

seguinte,

seguinte, que acaba *Hæc donatio facta fuit anno ab Incarnatione Domini MCLI.* hum anno antes, que a nossa Escritura, e a refere o *Monasticon Anglicano*, na II. Parte de *Canon. Regular. Augustinian.* pag. 508, e foy trabalho de Rogeiro Dodsworth, e Guilherme Dugdale. Mas inda temos fundamentos mais fortes, que provaõ esta materia, por serem do nosso Reyno, como he o Foral dado pelo Conde D. Henrique à Villa de Azurara, no qual se diz ser feito na Era MCX. que conforme o tempo naõ póde ser Era de Cezar, senaõ anno de Christo, como prova doutamente Brandaõ na III. Parte da *Monarch. Lusitan.* liv. 8. cap. 26, e no liv. 10. cap. 12, e se vê da Carta do feudo a Santa Maria de Claraval, que acaba: *Facta Charta in Ecclesia Lamecensi 4 Kal. Maii an.* 1142; Brit. na *Chron. de Cister*, liv. 3. cap. 6, traz huma Carta de quitaçaõ, feita por Fr. Pedro Abbade de Tarouca, dada a Joaõ Alvares, Procurador delRey D. Affonso, que acaba: *Facio Cartam Cal. Julii anno Dñi* 1149, das quaes já fizemos mençaõ no Commentario do dia oito. No Mosteiro de Salzedas, estaõ muitas Escrituras do tempo da Rainha D. Tereja, e delRey D. Affonso Henriques, seu filho, com o anno de Christo, como refere o insigne Antiquario Manoel Severim de Faria, nas Memorias m. s. que ajuntou na Torre do Tombo, part. 3. pag. 457, e seguintes, as quaes conservo em meu poder, e ultimamente se vê em huma pedra antiquissima, que está sobre a porta principal da Collegiada de Santa Maria de Alcaçova de Santarem, com o anno de Christo, a qual refere o Illustrissimo Cunha, na *Historia de Lisboa*, tom. 1. part. 2. cap. 57, e Brandaõ na *Monarch.* part. 3. cap. 24, cujo theor he o seguinte: *Anno ab Incarnatione MCLIIII. & ab urbe ista capta VII. regnante Domino Alfonso Rege Comitis Henrici filio, ex uxore ejus Regina Mahalda, hæc Ecclesia fundata est in honore Sanctæ Mariæ Virginis, & Matris Christi à militibus Templi Hierosolymitani jussu Magistri Hugonis, Petro Arnaldo Curam ædificii gerente animæ eorum requiescant in pace. Amen.* E vem a dizer, em o anno do Senhor de 1154, e havendo sete annos, que esta Cidade se ganhara, reinando ElRey D. Affonso, filho do Conde D. Henrique, e sua mulher a Rainha D. Mafalda, foy Fundada esta Igreja, em honra de Santa Maria Virgem Mãy de Christo, pelos Cavalleiros do Templo de Jerusalem, mandando-o o Mestre Hugo, e tendo cuidado da fabrica Pedro Arnaldo, suas almas descansem em paz. Amen. O Letreiro referido he hum irrefragavel testemunho, de que no Reynado deste Rey se usou já da conta do Nascimento de Christo, e assim temerariamente se persuadiraõ, os que imaginaraõ ser este hum grande fundamento contra a legalidade do juramento, em que se naõ deixa tambem de reparar, em naõ ser o Latim taõ barbaro, como pedia o tempo, o que se convence com outras Escrituras do mesmo estylo, como he a do feudo a Claraval, feita em o mesmo Reynado; demais, que naõ he taõ puro o estylo, que persuada a acharem-lhe elegancia os eruditos, vendo nella alguns solecismos, os quaes já notou Cramuel no *Filip. Prud.* liv. 2. art. 7. §. 23. pag. 120. E tambem Fr. Angelo Manrique, nos *Annaes Cistercienses ad annum Christi* 1142, cap. 3. num. 1, chama a este instrumento *Barbarum sane, & incomptum pro more sæculi, sed dictatum à Principe Christiano, & cui maior cura pié, quam apté loqui.* Alguns Authores dizem, que a tradiçaõ desta visaõ he só entre os Portuguezes cegos nas materias de seu credito, e naõ entre as outras Nações; e logo verá o Leitor nos Authores Estrangeiros abaixo citados, o pouco fundamento, que tem esta duvida, e a que se segue, de dizerem, que esta tradiçaõ he muito moderna, espalhada depois, que naõ tivemos Reys naturaes, e que aquella falta nos fez persuadir a certeza da visaõ, para animar desta sorte a esperança. Este argumento facilmente se convence; pois, como affirmaõ os Doutores, o fundamento mais claro nos Catholicos, para verem o irrefragavel das Escrituras, he serem cumpridas as mais dellas, e nós vemos realmente cumpridos todos os vaticinios, que ElRey D. Affonso declarou no seu juramento, que lhe foraõ manifestados por Deos, como temos visto. Demais, que muitos annos antes da Coroa Portugueza ser dominada pela Castelhana, o escreveraõ diversos Authores, e do mesmo tempo temos documento, em que atégora se naõ duvidou, como logo mostraremos.

O insigne Poeta Luiz de Camoens, no 1. Canto Estanc. 7. diz.

Vos

Vos tenro, e novo ramo florecente
De huma arvore de Christo mais amada.

E no Canto 3. Estan. 45.

A Matutina luz serena, e fria
As Estrellas do pólo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria
Apparecendo a Affonso o animava;
E elle adorando quem lhe apparecia,
Na Fé todo inflamado assim gritava:
Aos Infieis, Senhor, aos Infieis,
E naõ a mim, que creyo o que podeis.

Antonio Ferreira, no Epitafio que faz a ElRey D. Affonso Henriques, e começa.

Primeiro Affonso sou, filho de Henrique.

E se imprimio no anno de 1598, e diz seu filho Miguel Leitaõ de Miranda, na Dedicatoria, que havia quarenta annos, que estava feito; Fr. Simaõ Coelho, na *Chronica do Carmo*, impressa no anno de 1571, liv. 2. cap. 17; Fr. Heitor Pinto nos seus Commentarios sobre Ezechiel, que imprimio no anno 1570, no fim da Epist. Dedicatoria. ElRey D. Sebastiaõ, quando visitou as terras maritimas do Reyno do Algarve, passando pelo Campo de Ourique, vio com grande curiosidade o campo da batalha; e vendo a Ermida, em que viveo o Servo de Deos Vigildo Pires, de quem fizemos mençaõ a 17 deste mez, arruinada com o tempo, sem haver naquelle lugar outra memoria, merecendo ser sinalado com obeliscos, e arcos triunfaes, que mudamente acclamassem aquella insigne batalha, mandou naõ só reedificar a Igreja, mas accrescentalla, e em ella lavrou hum arco sumptuoso, em que se poz a Inscripçaõ seguinte, de que foy Author o Mestre André de Rezende: *Hic contra Imarium quatuorque alios Sarracenorum Reges, innumeramque barbarorum multitudinem pugnaturus felix Alfonsus Henricus primus Lusitaniæ Rex appellatus est: & à Christo qui ei Crucifixus apparuit, ad fortiter agendum commonitus copiis exiguis tantam hostium stragem edidit, ut Corbis, & Tergis fluviorum confluentes cruore inundarint. Ingentis ac stupendæ rei, ne in loco ubi gesta est, per infrequentiam absolesceret. Sebastianus primus Lusitan. Rex bellicæ virtutis admirator, & maiorum suorum gloriæ propagator, erecto titulo memoriam renovavit.* Quer dizer. Estando para peleijar neste campo com ElRey Ismario, e outros quatro Reys Mouros, que traziaõ exercito innumeravel, o venturoso Rey D. Affonso, foy acclamado primeiro Rey de Portugal, e animado por Christo Nosso Salvador, (que lhe appareceo crucificado) a peleijar valerosamente: com pouca gente fez tanta destruiçaõ nos inimigos, que as correntes dos rios Corbes, e Terges, se accrescentaraõ com o sangue derramado. Porque huma façanha taõ grande, e estupenda se naõ fosse pondo em esquecimento, neste lugar donde aconteceo, por ser pouco frequentado; ElRey D. Sebastiaõ, o primeiro do nome (em quem foy igual o esforço militar, ao desejo que teve de accrescentar a gloria de seus antepassados) renovou a memoria della com este titulo, que mandou levantar. Joaõ Rodrigues de Sá de Menezes, no *Cancioneiro Geral*, que imprimio Garcia de Rezende, no anno de 1516. pag. 115. diz:

As dadas por mãos Divinas
A Rey mais que terreal
Armas saõ de Portugal
Sobre prata cinco Quinas
E os dinheiros por sinal.

Cujos Reys, que já passaraõ,
Com vitorias as pintaraõ
Por Africa graõ tropel
E ElRey D. Manoel
Onde os Romaos no chegaraõ.

E em outra parte, fallando com o Duque de Bragança D. Jayme, diz:

A quem fende hum labeo
De Deos Escudos Reaes
Sem outros nenhuns sinaes
Que naõ chegue de voleo
Até quinas Devinaes.

Francisco de Sá de Miranda, que morreo no anno 1558, na Fabula do Mondego, Estancia 7.

En un dia venciò tanto Rey Moro,
Quando aquel Rey mayor le apareciò.

Estas Obras mandou seu Author, alguns annos antes da sua morte, ao Principe D. Joaõ, filho delRey D. Joaõ o III. Quando a Universidade de Coimbra celebrou as Exequias deste Rey, no anno de 1557, fez huma Oraçaõ Latina o famoso J. C. Manoel da Costa, que imprimio no seguinte anno, com esta Historia. Gil Vicente, na Tragi-Comedia intitulada *Triunfo do Inverno*, inserto nas suas Obras, impressas, anno 1562, diz

De tu puder ayudado
Venciò cinco Reys Moros
Juntos en campo aplazado
Tus Cinco Llagas le diste.

Damiaõ de Goes, Chronista delRey D. Manoel, na *Descripçaõ de Lisboa*, impressa no anno 1554, e anda incorporada na *Collecçaõ de Hespanha Illustr.* tit. 2. pag. 879, diz as palavras seguintes: *Affirmant nostri scriptores ipsum Alfonsum, antequam prælium iniret, Christum in Cruce appensum in æthere conspexisse ei victoriam pollicentem, &c.* Este Author, que escreveo no Reynado delRey D. Manoel, funda a sua narraçaõ, em Chronicas mais antigas: *Nostri Scriptores.* Este mesmo Rey mandou lavrar o sepulchro delRey D. Affonso, no Convento de Santa Cruz de Coimbra, onde se esculpio o Epitafio, que hoje tem, e reservamos para o Commentario do dia seis de Dezembro, e agora só referimos as palavras, que fazem ao nosso intento: *Nec Regno solum, posterisque Insignia Christum, qui ei apparuit, Crucifixum referentia, sed cunctis etiam maximum exemplum reliquis*, para onde tambem reservamos a Commemoraçaõ, que no dito Mosteiro se fazia deste Santo Rey, e traz a *Chronica dos Conegos Regrantes*, part. 2. liv. 10. cap. 32. pag. 509; e Brandaõ na III. Parte da *Monarchia Lusitana*, num. 11. cap. ult. *Ac Christum Dominum nostrum Cruci affixum nocte in tempesta vidisti.*

Duarte Galvaõ na *Chronica do dito Rey*, cap. 15, diz o seguinte: *O Principe sahio da sua tenda, como elle testemunhou*: bem se vê, que falla do juramento. A Chronica deste Author, he muito mais antiga, do que elle; porque naõ foy mais que reformador de huma muito antiga, que achou, aqual ordenou melhor de estylo, como affirma Joaõ de Barros, Decad. 3. liv. 1. cap. 4. pag. 12; e o Mestre André de Rezende, *in Epist. ad Kabedium*, pag. 12. *penes me. Historiam Regis Alphonsi ab eo* (falla de Duarte Galvaõ) *non tam compositam, quam in Epithomen redactam, antiquam verò ab ipsius Regis temporibus Latine, ut illa*

ferebant tempora scriptam servari apud S. Crucem Conimbricensem; e Manoel de Faria, no principio do 1. tom. da *Asia*, onde allega os livros, e papeis de que se valeo, diz: *Diez Chronicas de los primeros diez Principes hasta D. Fernando, escritas por Duarte Galvan, persona de mucha authoridad, y se cree son recopiladas de las de Fernan Lopes.*

Mas sobre todos estes Authores; temos documento irrefragavel, de que atégora naõ sabemos, que ninguem duvidasse, que he a Escritura do feudo deste Reyno ao Mosteiro de Claraval, feita pelo mesmo Rey, e traz Brandaõ no lugar acima citado, de que tiramos só as palavras necessarias, e saõ: *Ut tam ego, quam successores mei in perpetuum regnaturi agnoscant habere regnum de manu Dei, qui præsentialiter tradidit eum mihi, ut corde firmo, & charitate perfecta fidem Christianam ab infidelium injuriis defenderem.* Com esta evidente prova cessa a duvida, dos que entenderaõ ser moderna a tradiçaõ da visaõ, pois se confirma quanto cabe na fé humana com esta Escritura, por serem estas a alma da Historia, com as quaes se tiraõ todas as contradições, convencendo-se com ellas todos os erros, que a ignorancia, ou maledicencia inventou.

Continuaõ com a impugnaçaõ, dizendo, que huma das razoens, porque naõ podia ElRey D. Affonso ser favorecido do Ceo com esta visaõ, he, porque naõ havia nelle merecimentos, e que neste tempo tinha sua mãy preza; o que doutamente convence de falso com a computaçaõ dos tempos, em que naõ póde haver duvida, o Doutor Fr. Antonio Brandaõ, na III. Parte da *Monarch. Lusitan.* liv. 9. cap. 20. Qual fosse a sua virtude veremos acreditada com prodigios, quando chegarmos ao seu dia, que por agora bastaõ as referidas commemorações, que acima appontamos. Demais, que semelhantes visoens, naõ saõ sempre prova de virtude heroica no sogeito, a que se communicaõ, por pertencer às graças *gratis datas*, como dizem os Theologos; e assim escolhe Deos instrumentos, ao nosso parecer desproporcionados, pelos inexcrutaveis segredos da sua Omnipotencia. He doutrina do Padre Pedro Thyreo, doutissimo Theologo da Companhia, no Tratado de *Variis Apparitionibus*, liv. 4. cap. 9. §. 8, onde diz: *Potuit Deus apparere, suaque revelare gentibus, Judæis, viris, fœminis, adultis, juvenibus, doctis, indoctis.* E na Escritura Sagrada, temos no Testamento Velho muitos exemplos de apparecimentos de Deos, como se vê no Genesis, cap. 4. vers. 9, a Caim máo, e Atheista, como disseraõ alguns Authores; a Abimelech. Gen. cap. 20. vers. 3; a Labaõ Gen. cap. 31. vers. 24; e no livro dos Num. cap. 22. vers. 20, a Balaam, todos Gentios; a Alexandre Magno, tambem Gentio, como escreve Josepho de *Antiq.* liv. 11. cap. 8. No Testamento Novo temos a Saulo, depois Paulo, a quem Christo tirou da synagoga, apparecendo-lhe em Damasco, em o tempo, que perseguia aos Christãos; a Santo Eustachio, depois Martyr, quando vio ao mesmo Christo nas pontas do veado. E se nos disserem, que nestes foraõ meyos de santidade futura, quem duvida, que a teve ElRey D. Affonso? E ainda sem motivo de santidade appareceo a Affonso de Albuquerque, no estreito do Mar Roxo, huma Cruz no ar, guarnecida de resplandores, que ategora ninguem duvidou, naõ sabemos tivesse santidade, que merecesse este favor; assim o refere Faria, no *Argumento Geral aos Lusiadas*, do Cant. 1. col. 118. Além disto temos huma immemoravel tradiçaõ na Cidade de Coimbra, celebre Universidade do Reyno, na Freguesia de Santa Justa, em huma Imagem de Christo crucificado, que se affirma mandou fazer ElRey D. Affonso Henriques, desejoso de ver retratada a presença, que Christo lhe mostrou, cujas especies firmissimamente conservava, e se conta por tradiçaõ de toda aquella terra, que mostrando-lha o artifice, que a obrava muitas vezes, para ver se assemelhava com o exemplar, que conservava na memoria, ElRey por vezes a mandou emendar, e reformar, até que ultimamente chegou ao que era. Esta Imagem, he huma das mais milagrosas do Reyno, com a qual tem aquella Cidade huma grande devoçaõ, e só nas mais graves afflições se costuma tirar da sua Capella.

Finalmente, argúem o Escudo das Reaes Armas deste Reyno, sendo elle hum irrefragavel testemunho da appariçaõ referida; pois em memoria de taõ assinalado favor do Ceo, largou ElRey as Armas, que seu pay o Conde D. Henrique usara, (e foraõ em campo de prata

huma Cruz azul) depois que nas muralhas de Jerusalem tremolaraõ à sua vista os Estandartes ornados com a Cruz de Christo, querendo dever só ao seu esforço novos brazoens; porque até entaõ trouxe o Escudo branco, esperando pela occasiaõ, em que seu valor lho enchesse, sem querer usar das Armas da Casa de Borgonha, de que era filho; da cor das faxas das suas Armas, ou da do Escudo Real de França, tomou a cor azul, de que formou a Cruz das suas Armas. Destas usou seu filho, e he certo, que tendo acções de muita fama, antes da batalha de Ourique, com que poder accrescentar o seu Escudo, o naõ quiz fazer, por naõ largar a Cruz, senaõ depois que Christo lhe appareceo; porque entaõ formou novo Escudo, ornado com os preciosos testemunhos da nossa Redempçaõ; e por isso poz cinco Escudetes em Cruz, em memoria das cinco Chagas, e em cada hum os trinta dinheiros, porque Christo fora vendido por Judas, e mandou lançar na sobredita Escritura a razaõ, porque assim formara o seu Escudo; o que se naõ fosse verdade era escusado, pois tinha livre vontade para formar as suas Armas na fórma, que quizesse; pois vitorioso, e triunfante, cheyo de gloria, e opulencia, naõ lhe era necessario dar conta a seus vassallos, se o naõ pedisse a relevancia da materia; porque parece era vontade de Deos, que este Reyno fosse conhecido por seu, como depois se vio na satisfaçaõ das profecias, tantos annos, depois compridas, como testemunha a Asia, America, e Africa, onde mandando tantos opperarios Evangelicos, plantaraõ a seára de Jesu Christo, regando-a com o seu sangue, em confirmaçaõ da Ley, que publicaraõ, como tantas vezes temos visto no discurso desta Obra. Naõ achamos tambem força alguma no reparo de ser feita a Escritura treze annos depois da Appariçaõ; porque além dos negocios de hum Rey, que andava com a espada na maõ, conquistando, e conservando o que havia ganhado aos Mouros, lho embaraçaria; além de que quiz mostrar, que o fazia em tempo, que naõ causasse sospeita, como advertio Faria, no Commento a Camoens, Cant. 3. Estanc. 46. col. 71, pois lograva da Dignidade de Rey havia treze annos, e poderia causar duvida, se o fizesse no mesmo dia da visaõ, ou pouco depois, como disse D. Nicolao Fernandes de Castro, com a falsidade, que professou, que immediatamente lançou a Escritura *Port. Convencid.* part. 4. pag. 599. Daqui se vê a grande ignorancia, que este Author tinha da Historia, como consta de outras muitas partes desta Obra, escrita por lisonja, e com odio às nossas cousas, como todos conhecem; porque entaõ poderia parecer desejo de conservar a Coroa, que naquelle dia pozera na cabeça; mas tantos annos depois, era por dar a razaõ do Escudo, que formara, naõ por capricho, senaõ por mysterios, pois estes sempre tem occultos segredos. Senaõ digaõ-me: porque naõ declarou Saõ Paulo ad Cor. 12, que fora arrebatado ao terceiro Ceo, senaõ quatorze annos depois de ter recebido este singular favor de Deos? E porventura seria por isso duvidoso aquelle rapto? He certo que naõ; porque os favores com que Deos quer mostrar a sua Omnipotencia às criaturas, naõ se regulaõ por costumes vulgares, senaõ por occultos mysterios, de que nos naõ quiz fazer participantes. Neste mesmo lugar esforçaõ o seu argumento, dizendo, que se o Escudo fora formado por ordem de Deos, e havido por tal, nenhum successor seu se atrevera a variar as ditas Armas, no que se vê a pouca noticia, que tem da Historia Portugueza, pois della se vê, que nunca nas Armas houve variedade substancial, como já provou Manoel de Faria, no lugar allegado sobre a Estanc. 54; Brandaõ, na III. Parte da *Monarch.* liv. 10. cap. 7, e sómente em alguns accidentes, para ficar o Escudo em mais polida perfeiçaõ, como foy a orladura dos Castellos, por ElRey D. Affonso III. o timbre da Serpente por ElRey D. Joaõ o I. ou fosse por se conformar com o que ElRey D. Affonso o I. tinha ordenado, ou pela insignia de Saõ Jorge, que entaõ se começou a invocar nas batalhas de Portugal, até que em tempo delRey D. Joaõ o II. se reduzio à perfeiçaõ, em que hoje o vemos, em campo de prata, os cinco Escudos azuis, em fórma de Cruz, e em cada hum cinco dinheiros, e por orladura sete Castellos de ouro em campo vermelho. Camoens na Estanc. 54. do 3. Canto o explica singularmente.

E nes-

E nestes cinco Escudos pinta os trinta
Dinheiros, porque Deos fora vendido,
Escrevendo a memoria em varia tinta,
Daquelle de quem foy favorecido
Em cada hum dos cinco, cinco pinta;
Porque assim fica o numero comprido,
Contando duas vezes o do meyo,
Dos cinco azuis, que em Cruz pintando veyo.

Joaõ de Mariana, com aquelle costumado affecto, com que escreveo as nossas cousas na sua *Historia Geral de Hespanha*, liv. 10. cap. 17, atribue os cinco Escudos, às Bandeiras dos cinco Reys Mouros; e affectadamente ignorante da nossa Historia, diz, que naõ sabe, se com bom fundamento referem os nossos Authores, ser formado o Escudo em memoria das cinco Chagas, chamando vãos, e ignorantes aos que isto seguiaõ; mas elle o estava tanto neste ponto, como nos mais, que nos tocaõ; porque sendo o campo de prata, elle o faz azul; e que ElRey D. Sancho lhe ajuntava a orladura dos Castellos, sendo D. Affonso III. em memoria do Reyno do Algarve, o que consta de todas as Chronicas do Reyno; Garibay no *Compendio da Historia de Hesp.* liv. 34. cap. 10. pag. 787, que se ha com outro termo nos nossos particulares, tambem quer, que seja em memoria dos cinco Reys vencidos, mas elle, e todos os mais que o dizem se enganaraõ; porque como já disse Antonio de Sousa de Macedo, nas *Flores de Hespanha*, cap. 5, se os Portuguezes fizessem vaidade de terem cinco Reys vencidos, poderiaõ ajuntar àquelles cinco, quatorze, (ou trinta, como dizem alguns Authores) que juntos venceo o mesmo Rey D. Affonso, junto a Santarem, e outros muitos de que em diversas occasioens triunfou; e assim lemos nas Historias da Africa, e da Asia, taõ grande numero de Reys vencidos pelas Armas Lusitanas, sem que por isso se augmentasse o Real Escudo Portuguez. Alguns vassallos seus ajuntaraõ às suas Armas cabeças de Reys Mouros, que venceraõ, como he o dos Teixeiras Baharens, que em memoria do Rey de Baharem, que desbaratou, traz no seu Escudo a cabeça de hum Rey Mouro, coroada de ouro, cortada em vermelho. Le Coque na sua *Geografia*, que escreveo taõ mal informado da nossa Historia, refere, que as Armas do nosso Reyno, saõ atribuidas a cinco feridas, que ElRey recebeo na batalha. Naõ sey donde este Author achou esta disparatada noticia, taõ fóra da verdade; porém a sua Obra, naõ só por isto, mas pelo mais, naõ merece ser attendida para nada.

Desta sorte nos parece termos satisfeito às duvidas dos nossos contrarios, com provas irrefragaveis, que o testemunhaõ, e muitas servem para corroborar a legalidade das Cortes de Lamego; pois tantos annos antes de se temer attenuada a Real prole, as nossas Historias faziaõ mençaõ do milagroso successo deste dia, a que ajuntamos os seguintes Authores. Sejaõ os primeiros os nossos naturaes, que pomos sem ordem, a que naõ numeramos os já allegados.

Faria na *Europa Portug.* tit. 2. part. 1. cap. 3; Manoel Severim de Faria *Noticias de Port.* discurs. 3. §. 6; Brandaõ na *Monarch. Lusit.* part. 3. liv. 10. cap. 5. pag. 127; D. Nicolao de Santa Maria *Chronica dos Conegos Regulares*, part. 2. liv. 7. pag. 90, e allega D. Francisco de Mendanha na *Descripçaõ do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra*; o Bispo D. Fr. Amador Arraes nos seus *Dialogos*, Dialog. 4. cap. 21; Vasconcellos *Anacephalæosis* 2. pag. 15; Pimenta nos Epigrammas, que andaõ juntos em o dito livro; *Benedictina Lusit.* tit. 2. tract. 2. prelud. 2. part. 5; Purificaçaõ *Chronica dos Agost.* tit. 2. liv. 5. §. 4; hum Nobiliario, escrito em tempo delRey D. Joaõ o III. que conservamos m.s. em nosso poder, de que he copia o de Damiaõ de Goes, que elle accrescentou; Albergaria *Trofeos Lusitan.* Pedro de Sousa Pereira no *Mayor Triunfo da Monarchia Lusitana*, onde faz hum Tratado desta materia, e nelle mostra o pouco, que vio della; Barbuda *Emprezas Militares*, liv. 1. pag. 2. vers. e no livro *Por la Fidelidad Lusit.* pag. 5; Jeronymo Corte Real no *Naufragio de Manoel de Sousa Sepulv.* Veda Canto 13. pag. 137. vers. Manoel Thomás na *Insulana*, liv. 10. oit. 59;

e no *Phenix da Lusitan.* liv. 1. oit. 36; D. Bernarda Ferreira de Lacerda *Hespanha Libertada*, part. 2. cap. 3. oit. 58; o Padre Antonio de Macedo *Divi Titulares*, pag. 239; D. Rodrigo da Cunha *Historia de Braga*, part. 2. cap. 15. num. 7; Manoel de Sousa Moreira *Theatro Genealogico da Casa de Sousa*, pag. 158; Fr. Francisco Brandaõ *Discurso Gratulatorio*, pag. 92; Francisco Rodrigues Lobo no *Condestabre de Portug.* Cant. 14. oit. 36; Francisco de Santa Maria *Chronica dos Conegos Seculares de S. Joaõ Evangelista*, liv. 2. cap. 1, e 2; Francisco Soares Toscano em os *Paralellos*, cap. 1; Antonio de Sousa de Macedo na *Lusit. Liberata*, proœm. 2. §. 2; no *Cramuel Convencido*, part. 1. a pag. 12; e nas *Flores de Hespanha*, cap. 5. excellencia 4; Rodrigo Mendes Sylva no *Catalogo Real*, fallando de Filippe II. pag. 205; Antonio Paes Viegas nos *Principios de Portugal*, liv. 4; Manoel Constantino na *Historia Latina da Ilha da Madeira*, e tambem na *Oraçaõ Latina*, que fez em Roma, na morte de Filippe II. Antonio de Villas boas e Sampayo *Nobiliarchia Portug.* cap. 24. pag. 195; Fr. Fulgencio Leitaõ, Agostinho, que he o verdadeiro Author do livro *Restauraçaõ do Reyno de Portug.* impresso com o nome de Joaõ Bautista Morelli, 1. part. n. 18, onde responde aos fundamentos dos nossos contrarios; o que tambem fazem muitos dos appontados Authores; Fr. Francisco de Macedo na *Filippica Port.* pag. 90, onde cita entre outros Innocencio II. e Alexandre III. e em o *Propugnaculo Lusit. Gallico*; Manoel Correa *Comment. sobre Camoens*, cap. 3. est. 45; Fr. Thomé de Faria *Lusiadum* liv. 3; Vasco de Quebedo Mousinho; *Vox Turturis* de Nicolao Monteiro; Estaço *Antiguidades de Port.* Fr. Serafino de Freitas; Osorius de *Nobilitate Christiana*, liv. 3. pag. 110, ao Infante D. Luiz; o Doutor Manoel Rodrigues Leitaõ na Dedicatoria do seu *Tratado Annalitico, e Apologetico*, impresso 1715; o Padre Antonio Vieira na *Palavra de Deos Desempenhada*, pag. 69; e em diversos lugares; Diogo Pires Cinza na *Trasladaçaõ de S. Vicente*, cap. 9; o Doutor Francisco de Velasco de Gouvea na *Fidelidad de los Portug.* liv. 2. tit. 2. art. 5. per tot. o Doutor Joaõ Salgado de Araujo, Abbade de Pera, no *Marte Portuguez*, Cert. 1. Art. 7; D. Prospero, Conego Regr. *Sylva do Padre S. Theotonio*; Fr. Jorge de Carvalho em hum Commento sobre as palavras, que Christo disse a ElRey D. Affonso, dividido em cinco capitulos m. s. que já tinha corrente das licenças para o imprimir, do qual faz mençaõ Joaõ Franco Barreto na *Bibliotheca Lusitana*; o Licenciado Jorge Cardoso Lamecense, *Anacephalæosis de todas as antiguidades da Lusitania*, liv. 6. cap. 2; e na *Corografia do Reyno do Algarve*, liv. 3. cap. 4. m. s. de que tenho copia, viveo em tempo del-Rey D. Sebastiaõ.

Finalmente, naõ vimos Author algum Portuguez, que diga o contrario, de que nos pareceo nascer, dizer Zapater, no livro *Cister Militant. Caval. de Aviz*, cap. 1. pag. 529. negando esta visaõ: *Este pues Principe esforzado, celebre de Ourique, alli refiere credula su posteridad en sangre, y vassallos, que le apareciò Christo.* Com a sua incredulidade, affirma a nossa antiga tradiçaõ, sem interrupçaõ de memoria em contrario, nem nos Reys, nem nos vassallos; e agora pergunto com os seguintes Authores Estrangeiros, se foy nelles credula esta materia por vassallos, ou por conhecimento da verdade, fundada em os documentos, que temos mostrado?

Filippe Jacobo Spenero in *Historia Insignium Illustrium*, liv. 1. cap. 72. §. 5; *Historia Genealogica da Casa Real de França* pelos Irmãos Senhores de Santa Martha, liv. 20; Fr. Francisco Quaresmio na Obra de *Quinque Vulneribus Christi*, tit. 5. liv. 2. cap. 7. Exempl. 1; o Conde Loschi nos *Compendios Historicos*, fallando de Hespanha no Reyno de Portugal; Lequien de la Neufville *Historia Geral de Portugal*, tom. 1. liv. 1. pag. 86; Joaõ Bautista Birago *Historia da Revoluçaõ de Portugal*; Lourenço Beyerlinck *in Theatro Vitæ Humanæ*, *tit.* 1. *in verbo Apparitio*; Gonzaga, Bispo de Mantua *in Chron. Francisc.* part. 3. tit. *Provinciæ Pietatis*, pag. 941; Tarcagnota *Historia de Italia*; Pedro Jarrico no *Thesouro das cousas da India*, part. 2. cap. 3; Abraham Ortelio, citando o livro *Marcha in Thesauro Orbis*, *Tabula Portugalliæ*; Pedro de S. Romualdo *in Thesauro Chronol. & Historico*, *tit.* 2. *ad annum* 1139; e nas *Ephemerides*, ou *Diario Chronologico*, a 25 de Julho; o Padre Joaõ Bonifacio *Bagata Admiranda Orbis Christiani*, tit. 2. liv. 5. cap. 1; Sylvester *Petra Santa Tessera Gentilitia*;

Tursel-

Turfellinus *in Epitome ab Orbe condito*, liv. 8; Roffignolus de *Actibus virtutum*, liv. 2. cap. 16; Boffio de *Signis Eccles.* tit. 2. liv. 7. pag. 430; Grognard *Coroa de Portug.* impreffa em Turim, anno 1682, pag. 112, e pag. 254, onde cita tambem a Bifaccioni, referindo o Apparecimento, diz, que foy femelhante ao de Conftantino Magno; o Marquez Balbiani Francifco Sandford *Genealogia dos Reys de Portugal*, impreffa em Londres, anno 1662, em folha; Paciuchelio no *Tratado da Paixaõ de Christo*, liv. 4. difc. 11; o Padre D. Antonio Ardizone, Theatino, no *Cordel Triplicado*; Jofué Roffeau na *Historia de Portugal*; o Padre Luiz de Maimbourg da Companhia, *Histoire des Croisades*, tit. 1. liv. 3. pag. 335; Fr. Diogo Lequile, *De Omnibus matrimoniis Austriacis tam Marium, quam Mulierum*, impreffo em 1658, trazendo o Juramento fe naõ atreve a negallo, ainda que o fuppoem verificado a favor delRey D. Filippe II. porém fe vivera mais annos, conheceria quaõ bem entendida era a decima fexta geraçaõ do Senhor Rey D. Joaõ o IV. pois na fua pofteridade fe cumprio a profecia, a qual como temos dito, he a parte principal para fer verdadeira, tom. 2. pag. 336; Simaõ Mayolo *Dierum Canicularium*, tit. 5. coloq. 5. pag. 173; Grutero liv. 3. *de Cruce*, cap. 8. pag. 644; o Padre Anfelmo *Hist. Genealog. da Casa Real de França*, tom. 1. pag. 575. impreffo em 1726.

Dos Authores Hefpanhoes, os feguintes feguem fem duvida alguma efta verdade, de que feja o primeiro Gracia Dei, Rey de Armas dos Reys Catholicos, bem celebre pela fua Obra, diz:

Para blasonar Castilla
Es tan alta su substancia
Que no basta mi Castilla
Ni para la maravilla
De las tres flores de Francia.

Pondré aqui Portugal
Pues pendem Angelical
En blazon blazon de Reys
Pues fue dado de las Leys
Del alto Rey Celestial.

Por estas Celicas Quinas
Que enpla con fé traginan
La vida, clavos, y espinas,
Que su orla ansi ensanguinan.

Sus loores los cantarè
Con los Castillos que empina
Y con desasiete dirè
Gloria tibi Domine
Quinatus por decir Quina.

O Doutor Martim de Afpilcueta Navarro, celebre Canonifta, que viveo em tempo do Emperador Carlos V. in cap. *Novi Notabili* 3. num. 149. impreffo em Leaõ, anno 1576; Pellicer, fobre a *Soledade II. de Gongora*, pag. 557; D. Garcia de Salcedo Coronel, fobre o mefmo lugar, pag. 246. verf. Cramuel *Philip. Prudens*, liv. 2. queft. 1. art. 7; Zurita liv. 1. Anot. cap. 21; Garibay liv. 5. *in Alph.* Sandoval *Chron. de Affonso VII.* cap. 27; Tarafa ad ann. 1079; Valdes de *Dignitate Regum*, cap. 15. num. 12; Antonio Fuertes Biota, no *Manifesto contra Portugal*, cap. 12. n. 4; Molina *Nobiliario de Andaluzia*, liv. 1. cap. 48; Segura no *Romanceiro dos Reys de Portugal*, Rom. 5; Camargo em a *Chronologia, e em as Cifras de todas as Monarchias*, Cifra 13. titulo dos Reys de Portugal; Fr. Chrifoftomo Henriques *in Fasciculo Sanctorum Cistercienfium*, liv. 1. dift. 5. cap. 9; e no *Menologio* a 22 de Novembro; Gonçalo Argote de Molina *Nobleza de la Andaluzia*, liv. 1. cap. 43. pag. 34; Salazar *Glorias da Casa Farneze*, pag. 429; D. Nicolao Fernandes de Caftro, *Port. Convencida*, part. 2. cap. 8. fec. 3. pag. 436, e pag. 445, grande inimigo do nome Portuguez, com a fua coftumada audacia, o negou em humas partes, e finalmente o vem a confeffar; Eufebio de Nieremberg, *Differença Entre o Temporal, e Eterno*, liv. 5. cap. 5. pag. 202; Valenz. tit. 2. conf. 201. n. 11; Martim del Rio, e outros.

B Pareceria falta de reconhecimento, fendo o Apoftolo Santiago, o que deu a Hefpanha as primeiras inftrucções da Fé, naõ nos lembrarmos delle nefte dia; tendo o Reyno de Portugal a jactancia de ferem os feus Dominios os primeiros, que de todas as Hefpanhas ouviraõ as fuas vozes; pois na parte de Hefpanha Lufitana, e naõ na Ibera, poz a Cadeira Epifcopal, a que deu o Primado de todo o continente de Hefpanha; o que naõ pode fofrer a Igreja de Toledo, pela opulencia das fuas rendas. A feu favor efcreveo D. Diogo Cafteion, Bifpo Tiriafonenfe; o Illuftriffimo D. Garcia de Loayfa *in An-*

not.

not. Concil. Toletani sub Gondemaro, ao qual tambem se refere o Eminentissimo Cardeal de Aguirre, na *Collecçaõ dos Concilios de Hesp.* tom.2. em que offerece pela Premazia de Toledo o Tratado de Loaysa, a pag. 437, a que o mesmo Cardeal junta por Appendice a Luiz Tomasino no tit.1. de *Benificiis*, liv. 1. cap. 38. Se este Author tivera conhecimento verdadeiro do Santo Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, naõ lhe pareceria incompativel com a sua humildade, o que obrou a favor da Primazia da sua Igreja, nem reprovara os actos da jurisdiçaõ, que fez este Prelado; e D. Aleixo de Menezes, tambem Arcebispo Primaz, que no Arcebispado de Toledo levantaraõ a Cruz Primacial, naõ fizera a exclamaçaõ com que responde ao Doutissimo Agostinho Barbosa. A Loaysa responde diffuzamente o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha, no Tratado de *Primatu Bracharensi*, onde ficaõ incluidas todas as Cartas, que o Eminentissimo Aguirre offerece no III. Tomo a favor de Toledo, e sobre esta materia tem escrito gravissimos Authores, que seguem a nossa parte, e muy versados na Historia de Hespanha, em que entraõ alguns Castelhanos de grande nota, como Padilha Doutissimo na Historia, Cent. 6. cap. 32. pag. 72; Fr Jeronymo Roman, *en las Respublicas del Mundo*, tom. 1. liv. 3. cap. 6; Fr. Francisco de Jesus, da vinda de Santiago a Hespanha, disc. 1. Sandoval nas *Antiguidades*, pag. 13. vers. D. Mauro Castellá; Ferrer na *Historia de Santiago*, liv. 1. cap. 14. pag. 53, e outros. Dos Estrangeiros Joaõ Vaseo *in Chronic. ad ann. Dom.* 44. pag. 233. *penes me*; Jacob Volterrano, na *Geografia in rebus Hispaniæ*. Dos nossos, o Illustrissimo Sebastiaõ Cezar de Menezes de *Ecclesiast. Hierarch.* part. 1. disp. 4. aquelle luzidissimo engenho de Fr. Francisco de Macedo *Diatriba de Adventu S. Jacobi*; o Doutor Duarte Nunes de Leaõ, bem versado na Historia de Hespanha, na *Chronica do Conde D. Henrique*, a pag. 18; o Padre Fr. Luiz de Sousa, na *Vida do Santo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*, liv. 5. cap. 13, onde refere a contenda, que o Santo Arcebispo teve, quando se achou no Concilio de Trento, onde o Papa Pio IV. o satisfez contra toda a opposiçaõ dos Prelados Castelhanos, com hum Breve, que lhe mandou, o qual se conserva na Torre do Tombo, e traz copiado no lugar citado, o Doutor Fr. Bernardo de Brito na *Monarchia Lusit.* part. 2. liv. 6; Antonio de Sousa de Macedo, claro por nascimento, e por erudiçaõ admiravel nas *Flores de Hespanha*, Exc. 13. cap. 9; o insigne, e nunca assáz louvado Agostinho Barbosa, Bispo Ugentino, liv. 1. cap. 6. num. 48. *de Patriarchis, & Primatibus*; e o já allegado Illustrissimo Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, que supéra a todos em erudiçaõ, e trabalho, de cujas solidissimas razoens se naõ pode livrar, quem depois tomou a parte contraria, no cap. 27 traz hum Catalogo dos que escreveraõ a favor desta Primacial, e aqui ficaõ respondidas todas as duvidas, que podem occorrer, aos que virem no 3.tom. dos Concilios do Eminentissimo Cardeal de Aguirre, algumas resoluçoens a favor de D. Bernardo, Arcebispo de Toledo, as quaes todas foraõ rebatidas, e naõ tiveraõ subsistencia; e assim a Santa Sé Apostolica tratou, e trata de Primazes aos Arcebispos de Braga. A este Tratado remettemos o curioso Leitor, que se quizer instruìr da pouca razaõ, com que pertendem os Arcebispos de Toledo o lugar, que Deos com a sua ineffavel Providencia destinou para Braga, com mandar a esta povoaçaõ ao Apostolo Santiago, de cuja boca ouvio primeiro, que todos os outros póvos de Hespanha, a doutrina Evangelica; D. Marco Antonio Battaglini, Bispo do Nocera, na *Historia Universal dos Concilios*, que imprimio na lingoa Italiana, trata sómente de Metropolitano ao Arcebispo de Braga: se tivera visto os Authores allegados, e respondera ao Illustrissimo Cunha, poderia ter desculpa, em que tinha lido mais, do que mostra na sua Obra; o Doutissimo Marquez de Agropoli, (depois de Mondejar) nas *Dissert. Eccles.* Dissert. 4. cap. 3. dá o Primado de Hespanha a Toledo, desprezando os nossos Authores, diz: *Los Portuguezes le pertenden toda via continuada desde los tiempos de Santiago en la de Braga Metropoli en los passados de Galicia sin mas fundamiento, que el de su presuncion, con toda seguridad acredita Agostin Barbosa, Sebastian Cesar de Menezes, y Don Rodrigo de Acuña, como desvanecida con mayor solidez y verdad de D. Francisco de Vargas.* Naõ he taõ solido este Author, que possa contender com os outros; e na verdade nos admiramos, que sendo taõ vasta a erudiçaõ do Marquez de Mondejar,

dejar, naõ fizesse mais reflexaõ na authoridade de Agostinho Barbosa, do que fez; pois pertendendo corroborar com o irrefragavel dos Canones, naõ advertio, que Barbosa he sem duvida hum dos mayores Letrados, que se conhece no Orbe Literario, e o testemunhaõ as suas Obras, para o dar por respondido por D. Francisco de Vargas; o que nos faz entender naõ vio este Tratado daquelle insigne Author; porque sem duvida o allegara, como faz aos outros. Tambem a pag. 370. §. 32. diz: *Desembaraçados de Tarragona, se nos ofrece de nuevo la contienda de Braga, mas litigiosa, y profiada que la precedente, aun que deduzida de los mismos principios, o equivocos, o inciertos.* Se a contenda de Braga he mais litigiosa, e porfiada, he com mais fundamentos, do que só a presumpçaõ dos Portuguezes, a quem o Marquez naõ responde; pois deixando os pontos principaes, em que estabelecem o seu fundamento, pertende passar por doutrina geral, o que refere naquelle Capitulo; e já nos antecedentes o vem deduzindo a favor de Toledo, a quem dá por mayor contraria a Igreja de Sevilha, sem fazer mençaõ, de que seus Prelados nunca foraõ tratados de Primazes, pela Sé Apostolica, como saõ os de Braga, sobre o que naõ diz huma palavra.

O Cardeal Cezar Baronio, em as Annotações ao *Martyrologio Romano*, neste mesmo dia, confessou a vinda do Santo a Hespanha, e tambem fez o mesmo no Tomo I. dos seus *Annaes*, ad ann. 44. ainda que depois se retratou no tom. 9. ad ann. 816, e esta materia taõ assentada, e provada, que já naõ póde sem temeridade ser negada, por ser constante tradiçaõ, approvada pela Igreja, a que egregiamente satisfaz o Doutor Francisco de Padilha na *Hist. Eccles.* Cent. 1. cap. 8; Fr. Fernando de Oxea, da Ordem dos Prégadores, na *Historia de Santiago*, cap. 15; e D. Joaõ Velasco, Condestavel de Castella, nos *Discursos*, em que defende a vinda de Santiago a Hespanha, impressos por ordem do Reyno, em Junta de Cortes, no anno de 1608, e modernamente o Doutissimo, e Eminentissimo Cardeal de Aguirre *in Collect. Maxima Conciliorum Hispaniæ* tom. 1. Dissert. 9. Excur. 2. pag. 136. E seria huma muy fastidiosa narraçaõ, numerar os muitos, e gravissimos Authores, que fóra de Hespanha seguiraõ debaixo da severidade de toda a critica, esta opiniaõ. Fr. Natal Alexandre na sua *Hist. Eccles.* no 1. seculo, tom. 3. Dissert. 15. prop. 2. pag. 157, segue a parte contraria, com o Cardeal Baronio, e supposto allega muitos Authores da nossa opiniaõ, diz, que no oitavo seculo, e depois delle, he que começou esta opiniaõ; porém o Eminentissimo Aguirre, mostra no lugar citado Excur. 3. achar no quinto, e sexto seculo, fundamentos, com que eruditamente prova a vinda do Santo a Hespanha, e assim nos escuzamos de responder a este Author; porque ja o fez larga, e diffuzamente com a sua costumada erudiçaõ o Doutissimo, e Excellentissimo D. Gaspar de Mendoça e Segovia, Marquez de Mondejar, Grande de Hespanha, e grande indagador da verdade, em o livro *Predicacion de Santiago en Hespaña, contra las dudas del Padre Christiano Lupo, y en desvanecimiento de las dudas del Padre Natal Alexandro*, impresso no anno de 1682, em Çaragoça; e o mesmo serve para Monsieur Baillet, que tem para si o contrario. E concluamos com o *Breviario Romano*, approvado pela Igreja, a que naõ falta esta circunstancia, que naõ achou Natal Alexandre no *Mozarabe*, em que se póde ver o allegado Marquez, sobre a sua approvaçaõ, cap. 22. pag. 132. vers. que nós agora nos satisfazemos, com o que se reza neste dia universalmente: *Mox in Hispaniam profectus, ibi aliquos ad Christum convertit, ex quorum septem postea Episcopi à Beato Petro ordinati in Hispaniam primi directi sunt. Deinde Jerosolymam reversus, &c.* Ultima, e modernamente deixou assaz bem provada esta opiniaõ, contra todos os que a impugnaraõ, o Reverendissimo Padre D. Manoel Caetano de Sousa, Pro-Commissario Geral da Bulla da Cruzada nestes Reynos, naquella doutissima Obra, que imprimio com o titulo *Expeditio Hispanica Apostoli S. Jacobi Maioris asserta*, em dous Tomos de folha, impressos em 1727, e 1732, e ao mesmo tempo escreveo o Reverendissimo Padre Guilherme Cupero, da Companhia, continuador da eruditissima Obra *Acta Sanctorum*, hum excellente Tratado com o titulo *Vindiciæ breves pro Hispanica Sancti Jacobi prædicatione, contra R. P. Michaelem à Sancta Maria, Sacræ Theologiæ Magistrum, ex Ordine Fratrum Eremitarum S. Augustini*, impresso no anno de 1729, em Antuerpia, e depois

no

no Tomo VII. de Agosto, impresso em 1731, no Appendice de Julho, pag. 869, em que mostra, que o Santo viera a Hespanha, refutando ao Padre Natal Alexandre, o qual bem pudera naõ impugnar a vinda do Santo Apostolo a Hespanha, pois com semelhantes, e mais debeis fundamentos, confessa a vinda de Santa Maria Magdalena, com os seus Companheiros a Provença, os quaes delles mesmos se poderia persuadir para a de Santiago o mesmo Padre Cupero no Tomo VI. Julii, da continuaçaõ da Obra *Acta Sanctorum*, pag. 69. *De Prædicatione S. Jacobi in Hispania*, onde egregiamente mostra a vinda do Santo Apostolo a Hespanha, com a tradiçaõ, e Authores, desfazendo os fundamentos dos adversarios egregiamente.

A Cidade de Compostella, no Reyno de Galliza, goza do inestimavel thesouro das suas Reliquias, e por isso he hoje vulgarmente chamada dos Castelhanos a *Cidade de Santiago*. Nella he visitado o sagrado corpo do Santo Apostolo, de todas as Nações, pelo terceiro Santuario da Christandade, como Jerusalem, e Roma. Foy esta Cidade fundada por ElRey D. Affonso o Casto, no anno 835, com a occasiaõ de se ter manifestado milagrosamente em aquelle tempo o corpo do Santo Apostolo em a Villa de Padraõ, bem conhecida dos antigos Geografos, com o nome de *Iria Flavia*, e teve Cadeira Episcopal, e hoje em huma Collegiada conserva memorias sómente do que foy, aonde por segredos do Altissimo veyo parar ao seu porto, o corpo de Santiago, trazido em hum barco, sem remos, nem vélas, por alguns Discipulos seus, que Deos guiou a esta parte de Hespanha, onde com milagres foy acreditado, sendo celebre o de inspirar o coraçaõ de Luparia, Matrona rica, e poderosa, que lhe deu hum Templo para a Igreja, e sepultura, convertendose à Fé Catholica, a que era até alli preseguidora dos Discipulos do Santo Apostolo, e em culto dos seus falsos Deoses, desejou destruír, como refere o Eminentissimo Cardeal de Aguirre no Tomo III. dos *Concilios de Hespanha, in Translatione S. Jacobi*, pag. 119; e Brito na *Monarch. Lusitan.* part. 2. liv. 5. cap. 4. pag. 19, lhe chama Rainha. Tambem alguns querem, que o uso das Vieiras, ou Conchas, de que se servem os Romeyros sobre os chapeos, e esclavina, fosse revelado, e que teve principio, quando aquelles nobres Portuguezes Cayo Carpo, e Claudia Loba, estavaõ nas prayas de Bouças, para celebrarem as suas vodas, passava à vista a embarcaçaõ com o corpo do Santo, e que entrando pelo mar o cavallo, em que estava o noivo, milagrosamente chegou ao barco, e se vio o cavallo, e Cavalleiro, todo cuberto de conchinhas; de que assombrado este Cavalleiro, e sua Esposa, se converteraõ, recebendo o Sagrado Bautismo, e que tornaraõ à Fé as terras de Gaya, e Maya, e outras visinhas, como refere o Padre Fr. Luiz dos Anjos no *Jardim de Portugal*, pag. 1. O Breviario antigo de Oviedo, em hum Hymno de Santiago, se lembra deste caso.

Cunctis mare Cernentibus
Natus Regis submergitur,
Sed à profundis ducitur
Totus plenus conchilibus.

O Licenciado Molina, nas cousas notaveis de Galliza, tem para si, que destes casados procedem os Pimenteis de Portugal; o que tambem affirmaõ Fr. Luiz dos Anjos, Tamayo, Fr. Antonio de Ocampo Ferr, e Pulgar, citando a estes, que depois passaraõ para Castella, onde saõ Condes de Benavente pelas Vieiras, que se vem na Torre antiga de Bragança, de que era Senhor D. Joaõ Affonso Pimentel, que passou para Castella, no Reynado delRey D. Joaõ o I. daquella Coroa, donde tem esclarecida descendencia. Porém como nem Jeronymo de Aponte, nem o *Luzero de Hespanha*, nem o Conde D. Pedro, lhe atribuem este principio, nos naõ atrevemos a affirmallo. O referido caso referem graves Authores, que acredita a fé do Breviario antigo de Alcobaça; D. Miguel Arce Ximenes, no *Tratado da Vinda de Santiago a Hespanha*, 2. part. trat. 3. cap. 1. pag. 230, onde diz, que o vio em hum Codice antigo, em o Mosteiro dos Reys de Toledo, D. Mauro Castelá Ferrer na *Historia Compostelana*, liv. 2. cap. 2; D. Pedro Fernandes de Pulgar, Chronista môr de Indias, na *Historia Secular, e Ecclesiastica de Palencia*, liv. 1. cap. 3. pag. 238, donde quer que fosse natural, ou oriundo; e confirma este prodígioso successo com huma pintura, que está no Convento de Araceli em Roma, que fundou

dou Eugenio IV. ann. 1441, dedicada ao Santo Apostolo, em que entre outros milagres está o deste Cavalleiro, cuberto de conchas sobre o mar, fallando com os Discipulos do Santo.

Na Villa de Padraõ estiveraõ as Reliquias do Santo Apostolo, até o tempo de seu Bispo D. Theodomiro, que informando-se do que algumas pessoas diziaõ ver em hum monte grande multidaõ de luzidos resplandores, se resolveo a ir a examinar aquelle prodigio; e em huma humilde casinha, cuberta de ramos, achou huma arca de marmore, em que estava o corpo do Santo Apostolo, de que deu conta a ElRey, e foy trasladado ao lugar onde hoje permanece, edificando-selhe magnifico Templo. Foy enriquecido com singulares votos pelos Reys de Castella, e de muitos da Europa. ElRey D. Affonso Casto lhe fez huma boa Doaçaõ; e ElRey D. Ramiro o I. pela batalha de Clavijo, lhe fez hum grande voto, que ainda hoje os Lavradores do Riba Coa, na Provincia da Beira, o pagaõ à Igreja de Santiago; e com muitas Doações, e Privilegios, foy sempre em augmento, de sorte, que o Arcebispo he hum dos grandes Senhores, que tem Hespanha, pela authoridade; porque tem cincoenta e quatro mil vassallos, e os mais principaes Fidalgos de Galliza saõ seus feudatarios. O Pertiguero, ou Capitaõ General do seu Estado Ecclesiastico, he sempre hum grande Senhor, e diz o Mestre Gil Gonçalves de Avila, no *Theatro Ecclesiastico desta Igreja*, que tiveraõ este titulo alguns Infantes, e muitos Senhores da Casa dos Reys, pelas grandes rendas, que saõ dadas ao posto. Os Arcebispos tem annexa à sua Dignidade a de Capellaõ môr, que pertendem exercitar, sem embargo deste lugar ser hoje dado com o titulo de Patriarca de Indias; e no anno de 1716, indo a Madrid o Arcebispo de Santiago, e intentando servir de Capellaõ môr, lhe foy mandado, que sahisse da Corte, e se recolhesse à sua Igreja. Tem tambem annexo o officio de Chanceller môr de Leaõ. Todas estas honras, e singulares isenções, foraõ concedidas pelos Reys, em obsequio do Santo Apostolo, que os Castelhanos tem por Patraõ, e o appellidaõ nas batalhas, e foy visto muitas vezes nellas contra os Mouros; e nas *Historias de Hespanha*, se contaõ quinze apparições do Santo, que refere Tamayo. O Padre D. Jeronymo Contador de Argote, na *Dissertaçaõ da Vinda de Santiago a Hespanha*, *provada*, *e sustentada com a doutrina do Maximo Doutor Saõ Jeronymo*, que anda impressa na *Collecçaõ da Academia Real*, do anno de 1722, mostra egregiamente, que já no tempo do Santo Doutor, se veneravaõ em Hespanha as Reliquias do Apostolo Santiago. Foy o Santo Apostolo degollado, como se lê nos *Actos dos Apostolos*, cap. 12. num. 2, de mandado de Herodes Agripa, aos oito das Calendas de Abril, e a sua Festa trasladou a Igreja para este dia. Euseb. *Histor. Eccles.* liv. 11. cap. 9; *Santo Antonino de Florença*, tom. 6. cap. 7. pag. 405; os Martyrologios *Romano*, o *Portuguez*, o *Castelhano*, o *Italiano* de Constan. Felic. o *Hispano* de Tamayo, todos neste dia; Surio 25 de Julho; Marieta liv. 1. cap. 5. pag. 4; os Breviarios *Eborense Antigo*, o *Bracharense*, e outros; Vaseo ad annum 44; Pedro de Natalibus *Catalogo dos Santos*, liv. 6. cap. 32, e outros muitos, além dos que acima citamos.

C A D. Lopo de Almeida, a quem ElRey D. Affonso V. pelos sinalados serviços, que lhe fez, como refere Ruy de Pina na sua *Chronica*, no cap. 91, e outros; e Duarte Nunes de Leaõ *Genealogia dos Reys de Portugal*, pag. 51, no anno de 1476, recolhendo-se para o Reyno, depois de ter compostas as controversias com Castella, com quem tinha guerra, na Villa de Miranda, creou Conde de Abrantes, e foy feito este acto com toda a ceremonia devida à grandeza, que lhe dava. Era do seu Conselho, e Védor da sua Fazenda, Alcaide môr de Punhete, Senhor da Jurisdiçaõ do Sardoal, e Amenda, e Governador da Casa da Excellente Senhora D. Joanna, no anno de 1469. Casou com D. Brites da Sylva, que tinha sido Dama da Rainha D. Leonor, mulher delRey D. Duarte, e Aya, e Camereira môr da Rainha D. Isabel, mulher delRey D. Affonso V. Deste matrimonio nasceraõ D. Joaõ de Almeida, II. Conde de Abrantes, que succedeo na Casa, e foy Veador da Fazenda do dito Rey, e Guarda môr delRey D. Joaõ o II. D. Francisco de Almeida, I. Vice-Rey da India, taõ temido na Asia, de sorte, que será em todos os seculos venerado o seu nome, como testemunhaõ as nossas Historias. D. Dio-

go Fernandes de Almeida, Prior do Crato, Monteiro môr delRey D. Joaõ o II. esforçado Capitaõ, estimado na paz, e respeitado na guerra. D. Fernando de Almeida, Bispo de Ceuta, que morreo nomeado Cardeal, e tinha assistido em Roma, onde se achou com seu irmaõ D. Pedro da Sylva, Commendador de Aviz, Embaixador ao Papa Alexandre VI. D. Jorge de Almeida, de quem tratamos, que foy Bispo de Coimbra, e verdadeiramente entre taõ estimaveis irmãos, e taõ dignos alguns de serem numerados entre os principaes Heroes, que numéra a fama, tem elle o primeiro lugar, pela sua virtude, que foy taõ universalmente conhecida, que no Conclave, que entaõ estava Congregado em Roma, teve o nosso Bispo muitos votos para Supremo Pastor. Quando ElRey D. Joaõ o II. foy a Estremoz, no anno de 1490, com o Principe D. Affonso, a buscar a Princeza D. Isabel, entre os Senhores que o acompanharaõ, foy o Bispo D. Jorge. Tambem se achou na occasiaõ da morte deste Rey. No anno de 1512, bautizou em Lisboa o Infante D. Henrique, filho del-Rey D. Manoel, que depois foy Cardeal, e Rey, casto, e virtuoso, que bem parecia afilhado de taõ virtuoso Prelado. No anno de 1464, sagrou a Igreja de Nossa Senhora da Misericordia da Villa de Aveiro, como diz o Padre Fr. Luiz de Sousa na *Historia de S. Domingos*, part. 2. liv. 3. cap. 3. pag. 124, e segue Cardoso no 1. tom. do *Agiologio*, no dia 20 de Janeiro, letra E, o que parece naõ póde ser neste anno, como se vê do Epitafio da sua sepultura, que diz assim:

Divini numinis pietate Episcopus Comes Georgius de Almeida hic situs, vixit annos 85 obiit octavo K. Sextilis an. D. 1543, annis 62 utraque dignitate præditus.

O qual refere o mesmo Author; e sendo sua morte no anno de 1543, vaõ setenta e nove annos, que tinha sagrado a Igreja. Este Prelado viveo oitenta e cinco annos; entrou nesta Igreja, tendo de idade vinte e tres annos, que vem a ser no anno de 1481, que he o tempo, em que seu antecessor D. Joaõ Galvaõ foy promovido para a Primacial de Braga, como diz Cunha na *Histor. Eccles.* part. 2. cap. 62, e do Padraõ da merce, que ElRey D. Affonso V. fez a este Bispo, da grandeza do titulo de Conde, para elle, e seus successores, pelos sinalados serviços, que lhe tinha feito nas Conquistas de Arzila, e Tangere, e outros antecedentes, se vê, que foy feita esta merce, estando o mesmo Rey em Coimbra, no anno de 1472, a 25 de Setembro; com que vimos a entender, deviaõ querer dizer, no anno de 1494, tempo em que já o nosso Bispo, havia muitos annos estava nesta Diocesi, e podia ser, que voltasse a letra. Jaz sepultado na Capella de Saõ Pedro, que mandou fazer, e ornar; e o Cabido lhe manda todos os dias dizer huma Missa, para o que deixou vinte mil reis de juro, e tres mil reis, para todos os Sabbados se cantar huma Missa, em obsequio de Nossa Senhora; e he bem para admirar, o que entaõ bastava para semelhantes encargos, pois manda, que a quem cantar a Missa se dará hum vintem, e dous se repartiráõ pelos Beneficiados, que assistirem. Do valor do dinheiro se vê a abundancia do tempo, e a estimaçaõ que entaõ tinha, o que hoje naõ he capaz de hum Bispo dar a hum mendigo, era bastante para encargos perpetuos. Foy o Bispo D. Jorge II. do nome, e XLII. na Episcopal Dignidade da Igreja, segundo a nossa conta, e o II. Conde de Arganil. Trata delle o Doutor Pedro Alvares Nogueira no *Compendio da Historia Ecclesiastica da Sé de Coimbra* m. s. Faria na *Europa Port.* tom. 2. part. 4. cap. 1. pag. 529; Rezende na *Chronica delRey D. Joaõ II.* cap. 121; os *Nobiliarios do Reyno*, com honorifica mençaõ; o Beneficiado Francisco Leitaõ Ferreira no *Catalogo dos Bispos de Coimbra*, n. 67.

D No anno de 1567, tendo oito annos de Roupeta, e sessenta e tres de idade, acabou o Padre Luiz de Goes, a quem a Christandade de Salcete deve muito augmento, pela parte que teve na destruiçaõ de grande numero de Pagodes, que nesta terra se demoliraõ, em grande damno do demonio, que com supersticiosos, e torpes abusos cevava a barbara gentilidade daquelles miseraveis póvos. Sousa no *Oriente Conquistado*, part. 2. conq. 1. n. 17. pag. 25.

E Em o anno de 1408, se começou a fundar o Convento da Carnota, sitio que ElRey D. Joaõ o I. comprou às Freiras de Odivellas, meya legoa da Villa de Alen-

Alenquer, na ladeira de hum monte, que daquelle tempo se chama Carnota. A tradicaõ diz, que por serem muitas as aguas, que corriaõ no Inverno, descarnaraõ o monte, e o pozeraõ no estado em que hoje se vê. Nelle houve huma pequena Ermida de Santa Catharina Virgem Martyr, cercada de hum bosque, que lhe servia de verde muro, esta por solitaria, e apartada do trato das gentes habitou Fr. Diogo Arias, de quem se faz mençaõ no Agiologio, a 11 de Janeiro, letra B, e com o tempo se veyo a alargar; porque no anno de 1546, Pedro Sobrinho de Mesquita, e sua mulher Francisca Perestrella, lhe fizeraõ parte da Cerca da banda do Norte; e da do Sul Joaõ Gonçalves, e sua mulher Maria Gomes, por certos encargos. Com estes beneficios se dilatou mais a Cerca, que com o decurço do tempo se fez hum dos mais lindos bosques de todo o Reyno. Nesta limitada habitaçaõ viveraõ os Religiosos, até o anno de 1531, em que por causa de terriveis terremotos, que arruinaraõ soberbos edificios, ficou este destruido, e acodio à sua reedificaçaõ o nosso Fr. Vasco Correa, filho de Ayres Correa, e de sua mulher D. Brites de Almada, com a sua agencia, e com a despeza de seu irmaõ Antonio Correa Baharem, Commendador de Santa Maria de Ulme, na Ordem de Christo, aquelle valeroso Fidalgo, a quem a Ilha de Baharem deu o appellido, quando nella desbaratou, e matou ao seu Rey; pelo que lhe foy concedido por El-Rey D. Joaõ o III. ajuntar às suas Armas a cabeça do Rey Mouro, como diz a *Monarch. Lusit.* part. 3. liv. 8. pag. 57. Assim se veyo a aperfeiçoar esta obra, e ficou sendo seu Padroado, e por esta razaõ está sepultado na Capella mór, e nelle morreo com opiniaõ de virtude seu filho Fr. Ayres Correa. Este Convento tiveraõ os Padres da Observancia, com grande edificaçaõ, pelas grandes penitencias, e mortificações, que nelle se praticavaõ, fechando em cada semana tres dias a cosinha, e nelles passavaõ a paõ, e agua, até que no anno de 1568, foy dado à Refórma da Provincia de Santo Antonio, em que hoje se conserva. Trata de Fr. Vasco Correa, Esperança na *Historia Serafica*, part. 2. pag. 546; e Soledade na Parte IV. da mesma Historia, liv. 3. pag. 290; Artur no *Martyrologio da Ordem*, neste dia; Gonzaga Parte III. *in Provinc. S. Ant.* Rapinæ Decad. 8. part. 1. §. 12; Wandig. tom. 5. ad annum 1408. n. 6.

F Imperando Toxogunsama, filho, e successor da crueldade de Daifuzama, no anno de 1618, entre os muitos Martyres, com que fez gloriosa a Fé, e abominavel a sua memoria, foraõ os que temos referido no Texto, de que se lembra Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, pag. 275; e Morejon liv. 3. cap. 10. pag. 120. vers.

G Era natural da Villa de Setuval, Francisca das Chagas, donde passou a viver no Recolhimento da Cuba, com tanta perfeiçaõ, como dissemos no Texto. Morreo neste dia, do anno de 1722, e foy a primeira, que sepultaraõ no Coro debaixo; porque as suas Companheiras até alli o foraõ na Igreja. Memorias, que temos deste Recolhimento, que devemos à merce, que nos fez o Padre Fr. Francisco de Oliveira.

JULHO XXVI.

Santa Anna.

A A Santa Casa da Misericordia de Lisboa, se celebra com grande pompa, concurso, e devoçaõ, a Festa de Santa Anna, gloriosa Mãy da Virgem MARIA Senhora Nossa. Nasceo na Cidade Bethlem do Tribu de Judá, e aos dezaseis annos da sua idade, foy Esposa de S. Joaquim, com quem viveo em paz, e observancia da Ley Escrita, gastando a sua fazenda em beneficio dos pobres, e

necessitados, e o tempo em orações, e veneraçaõ do Sagrado Templo; de sorte, que eraõ todas as suas obras agradaveis na presença Divina. Eraõ já passados quarenta annos sem esperanças de fruto de bençaõ; de que corridos, e desconfiados, se retiravaõ do trato das pessoas da sua qualidade, e esféra; quando foy annunciado por hum Anjo a S. Joaquim, que de Anna teria huma filha, a que poriaõ nome MARIA, de taõ extraordinarios merecimentos, que excederia a todas as puras creaturas. Bem se verificou esta profecia no Nascimento da Purissima Mãy de Deos, contando sessenta e quatro annos Saõ Joaquim, e Santa Anna sessenta; e depois de educada, e sempre assistida do Espirito Santo, veyo ser Mãy de Christo Nosso Redemptor. Depois de passados onze annos do Nascimento de Christo, na presença de sua Filha MARIA Santissima, e de seu Neto Christo nosso bem, entre as suaves dilicias de taõ amorosa companhia, soltou o espirito as prizoens do corpo, e com preciosa morte acabou Santa Anna, para viver eternamente, sendo soberana intercessora dos seus devotos. Foy sepultada em Jerusalem, no Valle de Josaphat, junto ao Horto de Gethsemani, na casa que a Santa tinha naquella Cidade, e depois por merce de Deos trazido o seu corpo à Europa, para consolaçaõ dos Christãos, que com reverente culto começaraõ a espalhar com religiosa piedade as suas sagradas Reliquias, de que por ocultos segredos da Divina Providencia, coube à Santa Casa da Misericordia hum braço, que se expoem neste dia à publica veneraçaõ dos Fieis. He levado às Vesperas em Procissaõ pela Mesa, da Casa do Despacho, onde se guarda encerrado, e se poem no Altar môr; e acabadas as Vesperas o tornaõ a levar ao mesmo lugar, e no dia com a mesma ceremonia se colloca no Altar môr, em quanto dura a Missa; e o mesmo se observa nas Festas do Nascimento, Conceiçaõ, e Encarnaçaõ de sua Santissima Filha a Virgem Senhora Nossa. He esta preciosa Reliquia, huma cana do braço, com a maõ até o cotovelo, e está engastada em prata, pela feiçaõ do mesmo braço. Por elle tem obrado o Altissimo muitos prodigios, verificando com evidentes milagres a fé do povo de Lisboa, que neste dia concorre a buscar quartinhas de agua, que se benzem com a sagrada Reliquia, em grande quantidade, e serve para os doentes, que experimentaõ os maravilhosos effei-

tos

tos do soberano patrocinio desta grande Santa.

B Em Cachaõ, Cidade do Reyno da Cochinchina, o Martyrio do valeroso mancebo André, primeira victima, que a Deos foy consagrada, em obsequio da Fé naquelle Reyno, sendo o seu martyrio primicias daquella Christandade, que o seu sangue regou, para crescerem frutos para o Ceo, dando com o seu exemplo, e constancia, animo, a que outros seguindo o caminho da verdade, intrepidamente alcançassem a palma de Martyres, com que illustraraõ a sua Patria, e fizeraõ santa a sua memoria. O zelo, e amor da Religiaõ Christãa o subiraõ ao gráo de Catequista, e fez voto de castidade, para de todo se consagrar ao Verdadeiro Deos, costume conservado de alguns Catequistas, para com mayor perfeiçaõ seguirem o caminho da virtude. No dia do Apostolo Santiago, tendo-se confessado, e commungado com grande devoçaõ, em huma Ilha do porto de Taifo, previnindo-o assim Deos para a peleja, que elle naõ imaginava, e tendo pedido licença para guardar as sagradas Imagens, e ornamentos, ao Padre Rhodes, e juntamente dar de comer a alguns pobres Christãos, que se achavaõ doentes naquelle lugar, foy acometido pelos soldados na sua casa, e como era já tarde, naõ acharaõ mais, que André com outro moço doente, e o Altar ainda armado. Em observancia da ordem, que tinhaõ, foy André mal tratado com pancadas, e atado como malfeitor, e as sagradas Imagens sacrilegamente desprezadas, embrulhando-se confuzamente os ornamentos. A este funesto espectaculo, rompeo cheyo de dor em copiosas lagrimas André, e levantando ao Ceo como pode as mãos atadas, lhes pedio com grande ancia, lhe deixasse arrumar com decencia aquelles ornamentos, por serem consagrados ao Senhor do Ceo. Foraõ ditas com tal efficacia estas palavras, que persuadiraõ àquelles barbaros; e desatando-lhe as mãos o deixaraõ, que as compuzesse a seu modo. Era tanta a devoçaõ, que causava espanto, e depois elle mesmo offereceo as mãos para serem atadas. Naõ cessava no caminho de os exhortar ao verdadeiro conhecimento do Evangelho, dando-lhes a conhecer o Nome de JESU Christo, e o que o seu amor obrou pela sua Redempçaõ. Chegou a Cachaõ já de noite, e levado à presença do Mandarim, que vendo os poucos annos de André, entendeo, que conseguiria hum grande triunfo

André M.

triunfo para os seus Idolos, e com severidade, e arrogancia lhe perguntou donde era natural; a que respondeo André, que da Provincia de Ranram. Que Ley professava? A que disse, que a de Jesu Christo. Para que vives com os Padres Christãos? Para aprender bem a Ley de Deos, que professo, (dizia o valeroso mancebo:) e tornando a fazerlhe as mesmas perguntas, as ratificou com constancia; o que vendo o Tyranno, disse: larga a Ley, que segues, fementido rapaz, e torna a seguir aos teus naturaes, com que alcançarás no Mundo honra, e depois o premio dos Deoses. A que André, cheyo de zelo, acodio: naõ deixarey por certo a Ley, que dentro no meu coraçaõ conservo, antes a confessarey de sorte, que primeiro perderey a vida, que sacrilegamente proferir palavra, que seja contra a verdadeira Ley de hum só Deos, que adoro. Corrido, e envergonhado o Mandarim, mandou que fosse levado ao carcere, e que ao pescoço lhe lançassem huma pezada canga, e que guardado com sentinellas, no dia seguinte seria examinado em publica audiencia, para se lhe determinar o castigo merecido da sua audacia. Sem perturbaçaõ de animo ouvia o mancebo com rosto alegre estes ameaços; e conduzido à prizaõ, achou nella outro Catequista do seu mesmo nome, homem velho, e de grande zelo da salvaçaõ das almas, que estava com a canga aos hombros; o que vendo o mancebo André, ardeo em desejos de soportar por Deos aquella afronta, que lhe naõ tardou, com grande satisfaçaõ sua. No outro dia foraõ ambos levados ao Tribunal, e condemnados à morte, (de que rendiaõ a Deos as graças por taõ singular beneficio) e que as sagradas Imagens, e ornamentos fossem queimados. Naõ poderaõ os valerosos Soldados, dissimular a dor de taõ execranda sentença, como quem lhes dohia mais as afrontas feitas à Religiaõ, do que às suas pessoas, de que se admiravaõ os Gentios, por verem, que só sentiaõ os desacatos do Culto Divino, e naõ a morte, que em poucas horas haviaõ de padecer. Alcançou o Padre Rhodes, com a intervençaõ do Capitaõ de hum navio de Macao, e outros Portuguezes, as Imagens, e ornamentos, e perdaõ para o velho André; o que sentio, porque desejava coroar a sua velhice com a palma do Martyrio, que acabou depois cheyo de boas obras. Foy André levado ao supplicio com a canga ao pescoço, segui-

seguido de numerosa comitiva de Soldados, e tirando-lhe a canga, foy atravessado pelo lado esquerdo com huma lança, até o direito, com que se lhe abriraõ duas grandes feridas, ouvindo-selhe repetir os dulcissimos Nomes de JESUS, e MARIA; mas sem desmayar, perseverava de joelhos, esperando segundo golpe, que com inhumana crueldade lhe foy repetido pela mesma parte, rasgando-lhe as entranhas. Era muito o sangue, que por quatro feridas bem rasgadas corria; cahio sobre o lado direito, com a cabeça para o Ceo, pronunciando em voz alta os Nomes de JESUS, e de MARIA. Acodio outro Soldado naõ menos tyranno, e empunhando com ambas as mãos a catana, lhe deu hum golpe pela garganta; mas vendo, que só lhe cortara parte do pescoço, e que ainda fallava, lhe deu outro, com que lhe deixou a cabeça pendurada pelo osso da nuca, e deixando-o por morto se apartou, cheyo de vaidade o impio tyranno; mas ainda houve quem depois de separada a cabeça, lhe ouvio sómente pelos gorgomilos repetir o Nome de JESUS, e com esta companhia voou a sua bemdita alma, coroada de taõ precioso triunfo a gozar da Eternidade. As suas alfayas, e corpo, foraõ tratados pelos Christãos com a veneraçaõ de Santo.

Sor Antonia de S. Pedro Francisc.

C No Mosteiro da Madre de Deos de Monchique, floreceo a Madre Sor Antonia de Saõ Pedro, que de mais de ser observantissima da Regra de Santa Clara, habitava no seu coraçaõ perpetuamente a humildade, e amor do proximo, sendo as suas acções, e palavras, hum exemplo destas virtudes. Nesta baze fundou a eminencia da perfeiçaõ, em que se vio, chegando a ser muy favorecida das dilicias da Graça. Toda a noite assistia no Coro em oraçaõ; e quando já o corpo debilitado necessitava de descanço, lhe dava sómente o preciso sobre a terra nua. Sempre andou descalça; nunca vestio camiza; e se em alguma occasiaõ a obrigaraõ os achaques ao contrario, a despia com dissimulaçaõ, e a dava a algum pobre. Teve grande zelo do remedio das almas, e por esta causa se affligia com cilicios, e disciplinas, além de continuamente jejuar. Sabendo que huma Religiosa discipula sua, se divertia fóra das obrigações, que professara, a despedio da sua cella, dizendo, que naõ queria a companhia de quem naõ fosse muy fiel ao seu Esposo. Elegeraõ-na Abbadessa muito contra sua vontade; desejou

deſejou com zelo reduzir o Moſteiro à perfeiçaõ Religioſa, e vendo, que naõ conſeguia o fruto do ſeu trabalho, pedio a Deos, que ou inclinaſſe as vontades ao ſeu deſejo, ou que com a morte lhe ſoltaſſe aquella prizaõ; e conſeguindo brevemente a ſegunda, ſe foy a gozar na Gloria os premios merecidos do ſeu ſanto zelo.

Sor Joanna do Eſpirito Santo Dom.

D Em a Villa de Monte môr o novo, no Moſteiro de Noſſa Senhora da Saudaçaõ, da Dominicana Familia, o natal de Sor Joanna do Eſpirito Santo, taõ rica de bens de fortuna, como voluntariamente pobre na Religiaõ, que buſcou guiada do Divino Eſpirito, em cujo obſequio tomou o appellido. Deſejaraõ os ſeus parentes, que tomaſſe o eſtado de caſada, porque era bem dotada; porém ella, antes que ſe effeituaſſe, conſultou com orações o Ceo, e com huma Miſſa ao Eſpirito Santo, implorava o auxilio Celeſte, para o que foſſe mais conveniente ao ſerviço de Deos. Vio ſatisfeita a rogativa, com huma ardente inſpiraçaõ de deixar o Mundo. Entrou na Clauſura, em que deu grandes exemplos de virtude, com huma prompta obediencia, profunda humildade, perſeverança na oraçaõ, que as ſuas lagrimas faziaõ mais agradavel na preſença do Altiſſimo. Todas eſtas virtudes ornava com huma brandura, e natural ſuavidade, com grande amor, e charidade do proximo, naſcido de animo largo, e liberal, que a fazia univerſalmente amada. Ao Apoſtolo Saõ Matthias ſolemniſava todos os annos com Miſſa, e Sermaõ, recreando as ſuas amadas Irmãas, com hum jantar mais aventajado, do que o commum. Naſcia eſte applauſo, em gratificaçaõ de lhe ſahir em o ſeu dia a venturoſa ſorte de ſer Religioſa. Com eſta vida eſperou a morte com tal alegria, que conheceraõ as Religioſas ſer favorecida com Celeſtial viſaõ, que ſe naõ penetrou, deixando no ſeu roſto evidentes ſinaes da gloria, a que fora chamada.

Luiz Kitaro M.

E Item em Vomura (Amphiteatro das crueldades do Japaõ) neſte dia, triunfou da morte, para viver eternamente na Gloria, Luiz Kitaro, Japaõ de naſcimento; mas taõ conſtante na Fé, que ſoube dar a vida, por confeſſar ſer Chriſtaõ, pelo que foy degolado na perſecuçaõ de Dauſuſama.

Maria da Conceiçaõ Terc. Carmelita.

F Na Villa da Vidigueira, no Recolhimento do Eſpirito Santo, de Terceiras da Ordem de Noſſa Senhora do Carmo, a me-

a memoria da virtuosa Maria da Conceiçaõ, primeira Regente, e Prelada desta Casa, que ella com o seu exemplo, e santa vida edificou, por espaço de quatorze annos, que nelle viveo, com tanto exemplo, e natural recolhimento, que mereceo por muitas vezes ser recreada com Celestiaes favores do poder do Altissimo; sendo taõ frequentes, que se faziaõ publicos às de mais Companheiras, especialmente nos dias em que commungava, em que todas lhe divisavaõ no rosto hum modo taõ resplandecente, que naõ sendo natural, era demonstrador das dilicias, que o seu espirito gozava. Foy taõ bem acreditada entre as suas Companheiras, que della referem, que a Santissima Imagem de Christo crucificado lhe fallara, o qual por sua morte pedio a Marqueza de Niza D. Brites de Vilhena, Senhora daquella Villa, e sua bemfeitora, a quem se deu, ficando na mesma Casa o Menino Jesus, que tambem lhe fez o mesmo favor, que se conserva com grande devoçaõ, e o painel de Christo crucificado, que está no Coro, de quem mereceo ouvir, que se aparelhasse, porque naõ tardaria a sua morte, que teve principio por huma penosa enfermidade, que soportou dezoito dias, com grande paciencia, sem que tomasse alimento algum natural, sustentando-se sómente com o paõ dos Anjos, com que corroborada com placida morte, foy gozar da Bemaventurança. O seu corpo foy metido em hum caixaõ, e sepultado na Igreja. Passados muitos annos, abrindo-se a cova, foy achado incorrupto, lançando suavissimo cheiro, com que o Senhor acredita a gloria de sua Serva.

O Irm. Manoel de Sá da Compan.

G Em o Collegio de S. Paulo de Goa, acabou neste dia, o Irmaõ Manoel de Sá, da Companhia de Jesus, onde entrou de dezaseis annos de idade. Em poucos mezes deixou da sua Religiosa vida santa memoria; porque sempre viveo com o exemplo de verdadeiro Noviço, observando todas as leys, que lhe saõ impostas, com muita perfeiçaõ. Adoeceo gravemente de huma febre maligna; chamou o Mestre dos Noviços, e lhe pedio o confessasse, e que logo lhe dessem o Santissimo Viatico, que recebeo com muita devoçaõ, como tambem a Santa-Unçaõ. Confortado assim com grande satisfaçaõ do seu espirito, disse ao Mestre, que se recolhesse, que elle o faria chamar, quando fosse tempo. Ficou o ditoso Irmaõ tratando com Deos, e com a Virgem Santissima, com diversas jaculato-

rias, quando ſendo já deshoras, mandou chamar o Meſtre, e com hum Crucifixo nas mãos, acabou placidamente em o Senhor, com grande conſolaçaõ de toda a Communidade.

Commentario ao XXVI. de Julho.

A CHypre, huma das grandes Ilhas do Mar Mediterraneo, com mais de cem legoas de circumferencia, com o titulo de Reyno, foy ſenhoreada em tempos antigos por diverſos Principes, e ultimamente pela Republica de Veneza, de cujo poder a tiraraõ os Turcos, no anno de 1571, com univerſal ſentimento da Chriſtandade, por ſe verem debaixo de taõ barbaro dominio, os ſagrados Templos, em que ſe adorava o Redemptor do Mundo. Neſta Ilha havia hum Convento de Frades da Religiaõ de S. Baſilio, e de naçaõ Gregos, em o monte chamado de Santa Cruz, junto à Cidade de Famaguſta, huma das principaes do Reyno, e celebre pelo ſeu porto. Neſte Convento ſe conſervava com veneraçaõ no Altar môr o braço de Santa Anna, de quem fizemos mençaõ no Texto, o qual naõ ſó era viſitado de toda a Ilha, mas dos peregrinos, que paſſavaõ a Jeruſalem. Mandou viſitar os Lugares Santos a Meſa da Miſericordia de Lisboa, por dous Clerigos, em ſatisfaçaõ de certos encargos, a que ſe achava obrigada. Chamava-ſe hum delles Balthazar de Jeſus, que parece tinha ſido Religioſo da Ordem de Saõ Paulo primeiro Eremita; porque as Memorias, que vimos, dizem, que era Frade, e em outras partes lhe chamaõ Clerigo, o que de certo conſta he, que elle achando-ſe em Chypre, e vendo a ſanta Reliquia no Altar môr, atada com hum cordaõ de prata, a huma Cruz grande, forrada de prata, aſſentou comſigo de a furtar, para o que em Famaguſta ſe apartou de ſeu Companheiro Pedro Fernandes, tambem Clerigo, e ſe foy ao Convento, que diſtava do porto quatro legoas pela terra dentro, e com huma chave abrio as portas, e teve induſtria para trazer comſigo o ſagrado braço, com tal cautéla, que naõ foy ſentido. Parece, que a glorioſa Santa Anna queria ſer venerada em Portugal, onde tem obrado tantas maravilhas, ou vendo, que aquella Ilha havia de ſer dominada pelos Turcos, naõ quiz, que o ſeu braço ficaſſe em poder daquelles Barbaros. Aſſim que os Frades acharaõ menos a ſanta Reliquia, he incrivel o deſprazer, que lhes cauſou o verem-ſe roubados do mais rico Theſouro, que poſſuîaõ. Pelo que Micer Hercules, a quem eſtava encommendado o Moſteiro, ou como Abbade, ou como Conſervador, que naõ ſabemos de certo o lugar, que tinha, mandou fazer diligencia a todos os portos, para que ſe naõ embarcaſſe peſſoa alguma, ſem ſer examinada, fazendo promeſſas a quem deſcobriſſe o furto. Porém nada reſultou de tanta diligencia; porque Balthazar de Jeſus, ſe embarcou com Antonio Gonçalves, Theſoureiro da Cidade de Lisboa, e ſeguiraõ ſua viagem para Portugal. Tinha elle communicado ao Companheiro o piedoſo furto, e lhe tinha entregue a ſagrada Reliquia, de ſorte, que Antonio Gonçalves teve parte na doaçaõ, que ſe fez à Miſericordia de Lisboa, no anno de 1554, a 8 de Fevereiro, ſendo Provedor Affonſo de Albuquerque, e nella confeſſaõ ambos trazer de Chypre, do referido Moſteiro, a ſanta Reliquia. A obrigaçaõ foy, que a Meſa mandaria dizer pelos Capellaens no Coro depois de Matinas huma Antifona de Noſſa Senhora, com ſua oraçaõ, por elle Antonio Gonçalves, e ſua mulher, e todos os que delle deſcendeſſem; e declara, que ſó iſto quer *in perpetuum*, pelo trabalho, que teve de trazer comſigo a Reliquia. Eſte contrato aſſinaraõ como teſtemunhas D. Franciſco de Noronha, Chriſtovaõ Lopes, os ditos Antonio Gonçalves, e Balthazar de Jeſus, e fez aſſento Joaõ Brandaõ, Eſcrivaõ da Meſa, a qual toda eſtava junta, e preſente. O Clerigo pertendeo depois, que a Meſa lhe deſſe por eſmola huma tença nas propriedades, que poſſue, para ter com que ſe ſuſtentar; e porque houve duvida neſta conceſſaõ, intentou o Clerigo tirar a Reliquia à Meſa, a qual recorreo ao Arcebiſpo, que ordenou ſe naõ entregaſſe ao tal Clerigo, por ſer

ser furto de cousa sagrada, que naõ podia reter em seu poder; e que se insistisse fosse prezo, até que chegasse a determinaçaõ do Papa, a quem se tinha recorrido.

Depois da Mesa se ver de posse da Reliquia de Santa Anna, deu conta a El-Rey D. Sebastiaõ, como Protector daquella Casa, da qual o saõ sempre os Senhores Reys deste Reyno, para que fosse servido representar ao Papa, em como se fizera aquelle piedoso furto, que se achava depositado naquella Igreja, e que dispensando em ser cousa furtada, deixasse ficar neste Reyno a Reliquia. Mandou logo ElRey encommendar esta diligencia a D. Affonso de Lencastre, Commendador mór da Ordem de Christo, e seu Embaixador na Corte de Roma, para que dando conta ao Papa do referido, lhe significasse o grande desejo, que tinha de conservar a dita Reliquia em Portugal; mas que o naõ queria fazer, sem que elle houvesse por bem de se perpetuar em Lisboa o braço de Santa Anna, no Mosteiro, Igreja, ou Capella, que ElRey escolhesse. Mandou-se tambem ao Embaixador hum debuxo do braço na fórma, em que elle está, e que escrevesse à Republica de Veneza, para que soubesse se da Ilha de Chypre faltava do Mosteiro de Santa Cruz o braço de Santa Anna, para o que lhe enviasse huma copia do debuxo, para confrontar com o rascunho, que se lhe mandava. Todas estas diligencias se fizeraõ de sorte, que se verificou ser verdadeiro o que referimos. No mesmo tempo tirou a Mesa da Misericordia hum acto de testemunhas de peregrinos, e pessoas, que passaraõ a visitar os Lugares Santos, o qual se fez por ordem do Arcebispo D. Fernando de Vasconcellos, Capellaõ mór, e foy tirado pelos Licenciados Luiz Fernandes, e Jeronymo Ferraõ, seus Desembargadores, e sentenciado pelo Licenciado Lopo Velho, Provisor, e Vigario Geral, a 16 de Fevereiro do dito anno de 1554, em que juraõ diversas testemunhas, ser o mesmo, que viraõ em Chypre, no Mosteiro de Santa Cruz. Todas estas provas authenticaõ a legalidade da Reliquia, o que confirma o Papa Paulo IV. Fundador da minha Religiaõ, em o Breve, passado pelo seu Cardeal Datario, o qual se conserva no Archivo da Casa da Misericordia, e nós o vimos authenticado nos livros dos Privilegios da dita Casa, que está em hum armario da Casa do Despacho, que nos mostrou Nuno da Sylva Telles, sendo Escrivaõ da Mesa, e he o seguinte.

Raynuntius Miseratione Divina Tituli Sancti Angeli Præsbyter Cardinalis, dilectis in Christo Provisori, & Confratribus, Confraternitatis Misericordiæ Civitatis Ulixbonensis salutem in Christo. Ex parte vestra nobis oblata petitio continebat, quod alias quidam frater, vel religiosus, qui ad dictam Civitatem venit, volens se erga Ecclesiam dictæ vestræ confraternitatis, devotum, & gratum exhibere, quodam brachium, quod Sanctæ Annæ esse, & à quadam Ecclesia Sanctæ Crucis in Insula Cipri abstulisse asseruit, eidem Ecclesiæ gratiose donavit, vosque abinde citra brachium præfatum tenuistis, & conservastis, & in futurum tenere, & conservare intenditis. Verùm quia dubitatis illud retinere posse, cum ad aliam Ecclesiam spectet, inconsulta desuper Apostolica Sede, supplicari fecisti humiliter vobis, super his per Sedem eandem de opportuno remedio misericorditer provideri. Nos igitur hujusmodi supplicationibus inclinati, autoritate Domini Papæ, cujus Pænitentiariæ Curam gerimus, & de ejus speciali mandato super hoc vivæ vocis oraculo nobis facto, vobis ut quousque illi ad quos spectat, qui jam notitiam habent, quod in dictæ confraternitatis Ecclesia existit, pro illo recuperando nuntium miserint, brachium præfatum in dictæ vestræ confraternitatis Ecclesia tenere, & conservare liberè, & licitè, & absque alicujus censuræ, vel pænæ incursu, aut conscientiæ scrupulo possitis, & valeatis, tenore præsentium concedimus, & indulgemus, ac licitam, & liberam facultatem impartimur, non obstantibus præmissis, ac constitutionibus, & ordinationibus Apostolicis cæterisque contrariis quibuscumque. Datum Romæ apud Sanctum Petrum sub sigillo officii pænitentiariæ XV. Februari anno secundo.

E traduzido em Portuguez, diz:

Raynuncio pela Misericordia Divina Cardeal Presbitero do titulo de Santo Angelo, aos amados em Christo, Provedor, e Irmãos da Irmandade da Misericordia da Cidade de Lisboa, saude em Christo. A petiçaõ, que por vossa parte nos foy offerecida, continha, que em outro tempo hum Frade, ou Religioso, que veyo à dita Cidade,

dade, querendo-se mostrar devoto, e agradecido para com a Igreja da dita vossa Irmandade, deu gratuitamente à mesma Igreja hum braço, que affirmou ser de Santa Anna, e tello tirado de huma Igreja de Santa Cruz, na Ilha de Chypre, e que vós de então para cá tivestes o sobredito braço, e o conservastes, e determinais tello, e conservallo para o futuro. Porém porque duvidais retello, como quer que pertença a outra Igreja, sem consultar primeiro à Sé Apostolica, fizestes pedir humildemente, que sobre esta materia fosse dado pela mesma Sé, misericordiosamente oportuno remedio. Nós por tanto inclinados a estas supplicas, pela authoridade do Senhor Papa, de cuja Penitenciaria temos o cuidado, e de seu especial mandado, que sobre esta materia nos deu vivæ vocis oraculo. *Pelo theor das presentes vos concedemos, e permittimos, e damos licita, e livre faculdade, de poder ter, e conservar, livre, e licitamente o sobredito braço, na Igreja da vossa dita Irmandade, sem incorreres em alguma censura, ou pena, e sem escrupulo de consciencia, até que aquelles a quem toca, e que já tem noticia, que o dito braço está na Igreja da dita Irmandade, mandem mensageiro, em ordem a havello de recuperar, sem que obstem as sobreditas cousas, nem Constituições, e Ordenaçoens Apostolicas, e quaesquer outras cousas em contrario. Dado em Roma, em São Pedro, debaixo do sello do Officio da Penitenciaria, aos XV. do mez de Fevereiro, no anno segundo do Pontificado do Senhor Paulo Papa IV.*

Desta sorte fica authenticada esta Reliquia, de que faz menção Tamayo no *Martyrologio Hispano*, neste dia; o Padre Vasconcellos *in Descrip. Reg. Lusit.* pag. 249. n. 5, e se guarda com grande cuidado, em hum cofre, fechado com tres chaves, de que tem huma o Provedor, outra o Escrivaõ, e depois se fecha em hum Nicho, na Casa do Despacho da Mesa. Naõ podemos deixar de estranhar neste lugar a Fr. Francisco de Lisana, que escrevendo huma Vida desta Santa, diz, que fora levada em corpo, e alma ao Ceo. Naõ duvidamos dos merecimentos da Santa; mas este Author naõ leu as vidas antigas, escritas por doutas pennas, que naõ referem tal, e os muitos Authores, que trataõ de Reliquias suas, que esparcidas pelo Mundo, se veneraõ com tanta ambiçaõ de as possuir, que se fazem algumas duvidosas. Naõ he do nosso assumpto provar quaes saõ as verdadeiras, e bastanos ter mostrado authentica a de que tratamos; mas referiremos as que temos achado em diversos Authores. Sem sahirmos de Portugal, na Casa de Saõ Roque da Companhia, se guarda huma Reliquia da Santa, de que faz mençaõ o Padre Manoel de Campos, nas Reliquias daquella Casa, pag. 341. Na Congregaçaõ do Oratorio de Lisboa, dos Padres de S. Filippe Neri, se venera huma pequena Reliquia de Santa Anna, que de Roma lhe foy mandada, e he authentica, como se vê de hum Breve, passado por Lucas Antonio Accorambono, Bispo de Montalto, a 20 de Agosto de 1711, e foy apresentada a 24 de Agosto do anno de 1713, ao Bispo de Tagaste, Provisor do Arcebispado de Lisboa, para se poder expor com culto publico. Em o Mosteiro de Santa Anna de Coimbra, da Ordem de Santo Agostinho, se venera huma Reliquia da Santa. Eu tenho huma authentica mandada de Roma, que se expoem em huma Imagem sua na nossa Igreja.

No Real Mosteiro do Escurial se guarda huma Reliquia de Santa Anna, como diz Siguença na *Historia de S. Jeronymo*, tom. 2. liv. 4. Na Sé de Toledo outra; e no Mosteiro de Freiras de Cister da Invocaçaõ de Santa Anna em Avila outra, como refere Tamayo no *Martyrologio Hispano*, em este dia, e que em outras muitas partes de Hespanha se veneraõ Reliquias insignes desta Santa. Em Bolonha, na Estrada Pia, na Igreja de Santa Anna, que hoje he dos Padres Cartuxos o casco da cabeça da Santa. Deu esta Reliquia ElRey Henrique VI. de Inglaterra ao Bispo Nicolao Albergati Cartuxo no anno 1455, como refere Antonio Paulo Masini na sua *Bolonha perlustrata*, a 26 de Julho pag. 422. Em o famoso Templo de Saõ Marcos de Veneza, está huma pequena parte do osso do braço de Santa Anna, que o Papa Clemente VIII. deu ao Cavalleiro Joaõ Delfino, Embaixador da Republica, que se expoz naquella Igreja, a 23 de Junho de 1603, como o diz Sansovino na *Descrip. de Veneza*, accrescentada por Joaõ Stringa, liv. 1. cap. 49. pag. 30. Em Roma, na Igreja dos Carmelitas Descalços da Invocaçaõ

vocaçaõ de Santa Anna, se expoem à veneraçaõ dos Fieis huma cana do braço; e em Araceli parte do braço; e em Saõ Marcello, tambem parte do braço. Em Santa Maria in Porticu, chamada em Campitelli, outra Reliquia insigne desta prodigiosa Santa, o que tudo se póde ver em o Abbade Carlos Bartholomeu Piazza no *Santuario Romano*, a 26 de Julho. Estando em Roma o Padre D. Manoel Caetano de Sousa, Theatino, no anno de 1711, deixou ao Collegio Romano da Companhia, Monsenhor Vintimiglia, Reliquia da cabeça de Santa Anna. Em S. Paulo de Napoles tem a minha Religiaõ huma Reliquia insigne desta Santa, de que faz mençaõ Tufo no *Supplemento da Historia dos Clerig. Regul.* pag. 102. Em Dovay, na Igreja de Santo Amaro, ha hum pé desta Santa; outro na Cathedral de Ancona, que com grande culto se venera: nelle se toçaõ almofadinhas feitas com primor, que se espalhaõ pela piedade dos devotos, de que o Bispo dá authentica, de que vimos huma na Congregaçaõ do Oratorio de Saõ Filippe Neri de Lisboa. Na Sé de Braga, tambem se guarda Reliquia insigne, e dizem ser os peitos. Em Castello-bono de Sicilia, ha parte da cabeça da Santa. Em Moguncia, em Marcoduro, Reliquia da cabeça, como consta por huma Bulla do Papa Julio II. anno 1507, e o affirma Joaõ Thomás de Saõ Cyrillo, cap. 33. O *Martyrologio Franciscano* de Artur, diz, que em Dura, no Ducado de Juliers ha parte da cabeça de Santa Anna, o que já tinha dito Molano, neste dia, a pag. 124. vers. que na Sé de Chartres se guarda outra, de que se lembra Bollando, e Henschio no *Acta Sanctorum*, tom. 2. de Fevereiro, no dia 10. pag. 486. col. 2. ad fin. E na Diocesi Novidunense se venera outra, e nós entendemos devem ser partes do casco da Santa; e em Arles, e em Rhoaõ se achaõ muitas Reliquias, e em muitas partes da Neutria se vem muitas, como elle mostra nas Memorias desta terra. Se houveramos de relatar todas as Reliquias da Santa, seria demasiadamente largo este Commentario, e assim finalmente com darmos conta do modo com que o corpo da Santa veyo à Europa, naõ enfadaremos ao Leitor com larga narraçaõ.

O sagrado corpo de Santa Anna, foy sepultado pelos Anjos em Jerusalem, como piamente se cre, e referem alguns Authores, pois he sem duvida, que os seus merecimentos a fizeraõ digna desta honra, que alcançou Santa Catharina Virgem Martyr, como canta a Igreja no seu dia, dizendo fora sepultada pelos Anjos; e o mesmo lémos na Vida da nossa Portugueza Santa Irene, sepultada no Tejo. Foy a sepultura na casa, que Santa Anna tinha naquella Cidade, e depois por merce de Deos, trazido à Europa o seu corpo, para consolaçaõ dos Christãos, por Saõ Longino, que o trouxe a França, como refere Thritemio, Saussay no *Martyrologio Gallicano*, e Artur no *Franciscano*, e Brocardo, e outros. No anno de 772, imperando Carlos Magno, em a Cidade de Apt, na Gallia Narbonense se achou o corpo de Santa Anna, com huma alampada acceza, que lhe poz Santo Auspicio, e durou 630 annos; porque tantos vaõ desde o de 162, que pela persecuçaõ de Marco Aurelio Emperador, escondeo o sagrado corpo. Esta invençaõ acreditou Deos com milagres, dando vista, falla, e ouvidos a hum homem surdo, cego, e mudo, mostrando elle com gestos o lugar, em que estava o sagrado deposito, sendo a primeira palavra, que proferio, estar naquelle lugar o corpo da gloriosissima Santa Anna, Mãy da Virgem Maria; e chegando o Bispo desta Cidade, depois de descuberto o lugar, abrio hum caixaõ de cypreste, no qual se acharaõ as sagradas Reliquias, com esta Inscripçaõ.

Hic jacet corpus S. Annæ, Matris, Virginis Mariæ.

Desta Invençaõ trata Matthias de S. Bernardo, Carmelita, na *Vida de Santa Anna*, part. 3. cap. 11; Francisco Scolari na *Relaçaõ da Invençaõ do corpo de Santa Anna*; Thomás Auriem, liv. 12. cap. 18, na *Historia de Santa Anna*, e outros, que se podem ver no Padre Fr. Francisco Petronio *Arbor Decora, & Fulgida*, tom. 1. tract. unic. cap. 5. de Santa Anna; *Genealogia, & Monogamia*, n. 52. pag. 272, onde remetemos, a quem tiver curiosidade de mais diffuzamente ver esta materia; Honorato Bouche, liv. 4. *Corographia*, cap. 2. §. 2; Moreri no *Grande Dictionario* verbo *Apt*; Baudrand no *Lexicon Geografico* verbo *Apta Julia Vulgientium*; e outros Francezes affirmaõ estar o corpo

corpo da Santa nesta Cidade; os Padres Godefredo Henschenio, e Daniel Papebrochio no *Acta Sanctorum*, no Tomo I. de Mayo, pag. 438, se lembraõ desta Trasladaçaõ, e que se celebra esta festa com toda a solemnidade por toda a Diocesi, e que em todo o anno, nas terças feiras naõ impedidas, se reza de Santa Anna.

Devemos accrescentar ao referido por taõ graves Authores, e constante tradiçaõ da Igreja, approvada por tantos Summos Pontifices, nos Breves, que expediraõ em diversos tempos, authenticando as Reliquias de Santa Anna, hum testemunho irrefragavel, approvado pela Igreja Catholica, nas *Revelações de Santa Brigida*, onde no liv. 6. cap. 104, se lê, que tendo a Santa huma Reliquia de Santa Anna, lhe appareceo ella, dizendolhe, que eraõ verdadeiras as suas Reliquias: *Reliquiæ vero meæ, quas habes, erunt diligentibus in solatium, donec Deo placuerit, eas altius honorare in resurrectione novissima.* Destas palavras se vê, que as Reliquias da Senhora Santa Anna, que estaõ espalhadas pelo Mundo, esperaõ pelo Universal Juizo, para Deos as collocar no digno lugar dos seus altissimos merecimentos. No liv. 7. cap. 26. das *Revelações* da mesma Santa, temos mais outra prova. Estava ella orando no Valle de Josaphat, e lhe appareceo a Virgem Santissima muy resplandecente, e entre outros Mysterios, que naõ fazem ao nosso intento, lhe disse: *Item scias, quod nullum corpus humanum in Cœlo est, nisi corpus gloriosum Filii mei, & corpus meum.* Sabe mais, que no Ceo naõ ha corpo humano, excepto o de meu glorioso Filho, e o meu. Naõ haverá, quem duvide da verdade destas Revelações, sendo approvadas pela Santa Sé Apostolica; e assim naõ temos, que nos dilatar mais, para mostrar, que as Reliquias, que temos de Santa Anna, saõ realmente suas; porque ella o affirmou a Santa Brigida, e a Virgem Maria o confirma, dizendo naõ haver no Ceo mais corpo humano, do que o seu, e o de Jesu Christo seu Filho; e desta sorte fica totalmente desfeita a opiniaõ de Lisana, e de quem o seguio. Depois vimos o Tomo VI. *Acta Sanctorum, in die XXVI. Julii*, onde com a sua costumada erudiçaõ nos confirma na opiniaõ, que seguimos sobre as Reliquias da gloriosa Santa Anna, que largamente refere, e a pag. 257. §. 11. *Aliæ Reliquiæ, & paradoxum de corporali ejusdem Sanctæ Resurrectione.* Já Monsieur de Baillet doutissimo na *Historia Ecclesiastica*, que trabalhou com grande cuidado, na *Vida de Santa Anna*, diz estas palavras, que traduzimos fielmente: *Sobre a devoçaõ, que se tem às Reliquias da Santa, podem segurarse todos os lugares, que pertendem possuillas, que sempre seráõ zelosos deste seu Thesouro, para naõ convir na resurreiçaõ corporal de Santa Anna, imaginaçaõ, que teve nestes nossos dias huma famosa Visionaria.* Naõ he o nosso intento diminuir com isto a opiniaõ da Madre Sor Maria de Jesus, com quem este Author falla; mas só mostrar, quanto cabe no humano, que o seu santo corpo se conserva na terra. Naõ nos parece, que o Leitor nos censurará em nos termos alargado neste Commentario, por ser a materia precisa, de termos na terra o penhor incomparavel das Reliquias da Senhora Santa Anna, para ser nossa segura Protectora em todas as adversidades, e recorrermos a este sagrado asylo, contra as perseguições do commum inimigo, e em cujos merecimentos espera a nossa devoçaõ alcançar glorioso fim, merecendo aproveitar o precioso Sangue de seu Santissimo Neto, segundo a carne para o o louvar eternamente na Gloria.

Além dos já referidos Authores, se póde ver sobre este ponto Malachias Rosenthal *in Concha Margarit*; Jacobo Polio *in I. Parte Hist. SS. Joachim, & Annæ*; Joaõ Thomás de S. Cyrillo, cap. 33. *de Laud. S. Annæ*; Thomás Auriemnia *in Histor. S. Annæ*, liv. 2. cap. 18, e 19; Baillet Tom. II. *das Vidas dos Santos*, neste dia; e outros muitos, que diffuzamente trataõ de Reliquias de Santa Anna.

B A Cidade de Cachaõ, foy o primeiro theatro das glorias do nome Christaõ, no Reyno da Cochinchina, com a preciosa morte de André, neste dia, no anno de 1644, com grande enveja do Padre Rhodes, de quem era discipulo. Seu corpo foy com veneraçaõ involto em huma roupa de seda nova, que para isto deu hum Christaõ; e metido em hum caixaõ, o levaraõ de noite com segredo a Tayfo, com receyo de que os Gentios o naõ roubassem. Aberto depois o caixaõ, se concertou o santo corpo com mais decencia. Desejavaõ os Christãos da-

daquellas terras conservar a sua companhia, com mais ambiçaõ do que as riquezas, de que a faz abundante a natureza; mas o Padre Rhodes os persuadio deixassem conduzir o corpo a Macao, aonde se guarda com veneraçaõ, na Capella do Collegio dos Padres da Companhia. A sua cabeça, depois de alguns annos, levou o mesmo Padre a Roma, para mostrar as primicias daquella nova seára do Evangelho, que elle tanto cultivou. Tres dias depois da sua morte, mostrou Deos àquelles Barbaros, quanto fora preciosa aquella morte, que agora como sacrilega vingava. Ateou-se o fogo em Cachaõ, reduzindo a cinzas todos os lugares da supresticiosa adoraçaõ, e todos os que havia ao redor donde o Santo Martyr esteve prezo, sentenciado, e morto. Passados alguns dias abrazou o carcere, em que o prenderaõ, e correndo a sua voracidade como com instincto, queimou todas as casas, que ficavaõ no caminho, por onde o levaraõ ao supplicio. As *Noticias da Missaõ da Cochinchina*, cap. 30. pag. 50.

C Esta Abbadessa havia de ser a idéa, com que hoje nos Mosteiros de Religiosas se zelasse a honra de Deos, seguindo a observancia dos Estatutos, que professaõ, e naõ da vaidade, que com tanto escandalo, às vezes, se espalha nos ouvidos dos Seculares. No anno 1655, faleceo Sor Antonia de S. Pedro, cuja vida tirámos da IV. Parte da *Historia de S. Francisco*, liv. 3. cap. 23. n. 620, que escreveo o Padre Fr. Fernando da Soledade.

D Ainda se conserva no Mosteiro de Nossa Senhora da Saudaçaõ, na Sacristia, em ricas pessas, a memoria de Sor Joanna do Espirito Santo, que com generosa liberalidade dispendia em obsequio da Communidade, e serviço de Deos, a parte, que do seu grande dote levou à Religiaõ, e com licença sua administrava tanto em utilidade commua, que naõ consentia houvesse das portas a dentro necessidade, que ella naõ remediasse. Acabou pelos annos de 1600, neste dia, em que della faz mençaõ o *Anno Dominicano*, tantas vezes allegado; Sousa na *Historia de S. Domingos*, part. 2. liv. 6. cap. 21.

E No discurso desta Obra temos tantas vezes repetido as diversas crueldades, que constantemente padeceo no Japaõ aquella Christandade em diversos annos. No de 1618, foy martyrisado Luiz Kitaro, como se póde ver nos Padres Pedro Morejon, pag. 116. vers. e Cardim no *Catal. dos Mart.* pag. 278.

F A Villa da Vidigueira, na Provincia de Alentejo, está situada em terreno plano, fertil, e abundante de caça, entre as Cidades de Evora, de que dista sete legoas para o Sul, e quatro de Béja para o Norte, cercada de famosos rocios, em hum dos quaes tem a Igreja Matriz; Templo grande de tres naves, com Priorado rendoso, e Beneficiados, que he Padroado da Casa de Niza, e conforme o Padre Lima, no Tomo II. da sua *Geografia*, pag. 688, terá seis centos e cincoenta e seis fogos, e duas mil pessoas de Communhaõ. Teve principio em huma pequena povoaçaõ, que conforme alguns curiosos, querem fosse no sitio chamado Alfayates, e Ferrarias; porém outros a poem junto da antiga Ermida de Santa Clara, que fora a sua primeira Freguesia, dizendo tambem, que o seu primeiro nome fora *Videira*, dado pelas muitas vinhas, que continha o seu territorio, provando a etymologia com as Armas desta Villa, que saõ hum Castello enlaçado com huma vide. O que he certo, que na nossa Historia temos della antiga memoria; porque o Doutor Fr. Francisco Brandaõ na Tomo VI. da *Monarch. Lusit.* pag. 69, entende, que ElRey D. Sancho II. ou D. Affonso III. a deraõ ao Mestre Thomé, Thesoureiro que tinha sido da Sé de Braga, e delle passou a Pedro Fernandes, Conego de Braga, Pedro Peres, Raçoeiro da mesma Igreja, Martim Annes, e Vasque Annes, seus sobrinhos, e herdeiros, de quem o Arcebispo de Braga D. Martim a teve por doaçaõ. Algumas Memorias dizem, que elle a herdara de Pedro de Oliveira, seu pay, de quem no livro dos *Anniversarios da Sé de Evora*, se faz mençaõ com Anniversario a 4 de Janeiro, e a 2 de Fevereiro, por sua mulher D. Elvira Pestana, dizendo serem pays do Arcebispo D. Martinho, o que he sem duvida, que o Arcebispo era Senhor da Vidigueira, e que a trocou com ElRey D. Diniz, por contrato feito a 6 de Outubro, do anno 1304, em que entre outras cousas, que lhe deu foy a Herdade no Termo de Evora, que he cabeça do Morgado de Oliveira, que o Arcebispo instituío. ElRey D. Joaõ o I. entre as merces, que fez ao Condestavel, foy o Senhorio desta Villa; porque quando elle repartio os seus bens, fez della

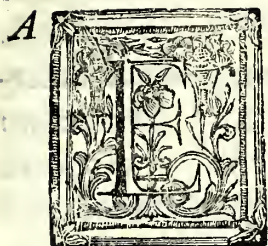
merce

merce, com outros muitos bens, a seu neto D. Fernando, Conde de Arrayollos, por Doação feita em Borba, a 4 de Abril, do anno 1422, como dissemos no Tomo V. da *Historia Genealogica da Casa Real*, pag. 104, e assim se veyo a incorporar depois no Estado da Casa de Bragança, em cujo dominio ElRey D. Manoel lhe deu foral, no anno 1512, e depois de noventa e sete annos de posse, o Duque D. Jayme unico do nome, a vendeo por Escritura feita em Evora, a 17 de Novembro de 1519, ao grande D. Vasco da Gama, e o mesmo Rey a seu favor erigio em Condado, em cujos descendentes se conserva.

Tem o Convento de Religiosos do Carmo, com o titulo da Senhora das Reliquias, fundado no anno de 1496, que dista hum quarto de legoa da Villa, em cuja Capella môr jazem muitos dos Senhores desta Casa, como refere Sá nas *Memorias do Carmo*, liv. 3. cap. 4; o de Capuchos de Santo Antonio, no de 1545, edificado por D. Francisco da Gama, II. Conde da Vidigueira, na antiga Ermida de Saõ Bento, cuja Imagem fora descuberta naquelle sitio, e era do Mosteiro de Saõ Cucufate, junto da Villa de Frades, donde na entrada dos Mouros fora escondida pelos Monges; porém este sitio por muito nocivo à saude foy desamparado, e se edificou de novo no anno de 1701, o que agora existe.

O Recolhimento das Beatas do Espirito Santo, que dá occasiaõ a fallarmos nesta Villa, teve principio na fórma seguinte. Na Cidade de Béja viviaõ duas Irmãas Terceiras do Carmo, naturaes da mesma Cidade, chamadas Domingas de Jesu, e Joanna da Cruz, às quaes se aggregou a devota Maria da Conceiçaõ, natural da Aldeya da Granja, Termo da Villa de Mouraõ, as quaes viviaõ com tanto exemplo, que eraõ nomeadas na Cidade pelas *Terceiras Santas*. Eraõ os seus cuidados santos, assim desejavaõ modo, em que conseguissem viverem com mayor perfeiçaõ. Inspiradas todas por Deos, sahiraõ de Béja, e seguiraõ o caminho da Vidigueira, distante quatro legoas daquella Cidade, sem participarem a pessoa alguma a sua resoluçaõ: chegaraõ à Vidigueira, e se accommodaraõ em casa de outra Beata, tambem Terceira, chamada Maria Esteves, publicando, que hiaõ fazer huma Novena à Senhora das Reliquias, que com effeito fizeraõ, pedindo-lhe lhe declarasse o que haviaõ fazer, o que a Virgem Santissima satisfez, naõ só interior, mas exteriormente, pondo na boca daquelle povo, que aquellas Beatas hiaõ a fundar hum Convento naquella Villa. He bem para reflectir, que estando em Béja lhe foy revelado, que em huma Igreja do Espirito Santo, se havia de fundar o seu Recolhimento, sem que se lhe declarasse a terra. Achando-se assim na Vidigueira, com a resoluçaõ de fazerem o Recolhimento; porque interiormente inspiradas, entendiaõ ser vontade de Deos; escreveraõ a D. Vasco da Gama, I. Marquez de Niza, pedindo-lhe a Ermida de Santa Clara, que fica fóra da Villa para a sua habitaçaõ; porém a reposta sendo propicia, foy differente, dizendo, que aquelle sitio lhe naõ convinha; mas que se quizessem a do Espirito Santo daria o seu consentimento, que logo aceitaraõ; e rendendo as graças ao Marquez, lhe pediraõ alcançasse licença do Governador do Arcebispado de Evora Fr. Luiz de Sousa, da Ordem de S. Bernardo, de que foy Geral, Bispo eleito do Porto, que entaõ se achava assistindo em Salvaterra a ElRey D. Affonso VI. que lhe concedeo a licença com faculdade de pedirem esmolas. Conseguida a licença, alcançaraõ da Mesa da Misericordia Doaçaõ da Igreja, com humas casas caidas, que lhe ficavaõ contiguas, sem mais pensaõ, que oito tostoens de foro, que a Meza todos os annos lhe naõ aceita, dando-lhos de esmola. Formado finalmente o edificio, entraraõ nelle em dia do Espirito Santo, a 20 de Mayo de 1668, e nelle foy a primeira Regente Maria da Conceiçaõ, que faleceo neste dia, do anno de 1682. Memorias, que temos, devidas ao zelo, e erudiçaõ do Padre Fr. Francisco de Oliveira.

G Na Cidade do Porto, nasceo no anno de 1640, o Irmaõ Manoel de Sá. Entrou na Companhia, a 27 de Setembro de 1656, e nella viveo taõ pouco, que faleceo neste dia, no Collegio velho de S. Paulo de Goa, no anno de 1657. Memorias mandadas de Goa à Academia Real, que tenho em meu poder, da Secretaria da dita Academia.

JULHO XXVII.

A EM a Cidade do Porto, a Festa de Saõ Pantaleaõ Martyr, seu Padroeiro, aquelle Illustre Medico, que na Cidade de Nicomedia padeceo martyrio, depois de ter com estupendas curas, e insignes milagres, engrandecido o Nome de JESU Christo. Resplandeceo mais nelle a Fé, por ter sido criado entre os erros do Gentilismo, e como era de perspicaz engenho, soube entre os seus estudos buscar ao Author da Vida JESU Christo, para com o seu Nome curar mais facilmente as enfermidades, do que com as doutrinas de Galeno, e de Hypocrates. Era celebre Pantaleaõ na Medicina, pela facilidade das curas, sendo acclamado por Medico Celeste. Com o Nome de JESU Christo, deu vista a hum cego, a quem com este prodigio obrigou a receber na alma a luz do Evangelho. Começou a inveja nos Professores da Arte, vendo a sciencia, e sabedoria de Pantaleaõ, e para encobrir a sua impericia, o accusaraõ ao Emperador Maximiano, que se achava em Nicomedia, dizendo-lhe, que Pantaleaõ naõ só era Christaõ; mas que àquelles mesmos, que elle mandava atormentar, curava depois maravilhosamente. Mandou vir à sua presença ao homem, a quem se dizia dera vista Pantaleaõ, o que elle ratificou com vozes, engrandecendo o Nome de JESU Christo, por cujo beneficio fora restituido à luz do dia, e naõ dos falsos Deoses, e por esta confissaõ lhe foy cortada a cabeça, e o seu corpo comprou Pantaleaõ, e fez sepultar junto com seu pay. Reconhecia já o Illustre Medico o risco da sua vida, e com generosa resoluçaõ se desembaraçou de tudo o que tinha no Mundo, dando liberdade aos escravos, repartindo a sua fazenda com os pobres, e enfermos, e com estas pias obras, se preparava para o Martyrio, que já prudentemente julgava lhe naõ poderia tardar. Naõ se tinhaõ passado muitos dias, quando foy chamado pelo Emperador, e tratando-o muy familiarmente, confessou com generosa liberdade ser Christaõ, e que adorava a hum só Deos, Author Universal do Ceo, e da terra, e que abominava aos fementidos Deoses, que cega a Gentilidade seguia, e que para demonstraçaõ da

Saõ Pantaleaõ M.

Omnipotencia, que em Deos adorava, em seu Nome se obrigava a restituîr à perfeita saude o doente mais perigoso, já totalmente destituido de esperanças de vida, e abandonado dos Medicos; que para este fim mandasse aos Sacerdotes, que elle venerava como Oraculos dos Deoses, que presente o enfermo deprecassem pela sua saude; e que tambem faria o mesmo Pantaleaõ, em Nome de Jesu Christo, e a beneficio de quem o enfermo recebesse saude, esse seria sómente adorado, e glorificado por Deos. Mandou vir o Emperador hum paralytico, em quem o achaque se tinha já envelhecido de tal maneira, que naõ havia esperanças de poder conseguir saude. Principiaraõ os Sacerdotes as deprecações aos Deoses, pedindo a saude do enfermo; porém nada podia resultar de taõ supersticiosas ceremonias, em que faltava o lume da Fé, sem o qual he impossivel obrar prodigios. Vendo isto Pantaleaõ, se chegou ao paralytico, e pegando-lhe em huma maõ, cheyo de verdadeira Fé lhe disse: *Levantate em Nome de Jesu Christo Filho de Deos vivo.* Eis-que de improviso, em presença de grande numero de gente, se levantou o enfermo livre de toda a queixa, dando graças ao Senhor, a quem confessaraõ muitos dos circunstantes por Verdadeiro Deos, confuzos, e admirados de taõ estupendo milagre. Começou a vacilar a Corte; envergonhou-se o Emperador; mas os Sacerdotes pertinazes, e astutos, o persuadiraõ, que aquellas obras de Pantaleaõ eraõ effeitos da Magica, que professava, e como homem diabolico devia ser severamente castigado, para que com o seu sangue se satisfizessem as injurias, com que tinha tratado aos Deoses, sem os quaes elle naõ podia conservar o seu Imperio. Pertendeo Maximiano com favores, rogos, e promessas, vencer a Pantaleaõ, e depois com ameaços, e tormentos contrastar a sua constancia, sem que bastassem unhas de ferro, com que o mandou despedaçar, tochas accezas, com que ao mesmo tempo o queimavaõ, para lhe tirarem da boca, e do coraçaõ a Jesu Christo, de quem recebia Celestiaes auxilios, confortando-o visivelmente em figura de seu Mestre, com que logo afroxaraõ as cordas, com que estava ligado, e se apagaraõ as tochas, e desfaleceraõ com a maravilha os algozes. De novo foy metido em huma caldeira de chumbo derretido, que perdendo a actividade lhe naõ fez damno, sahindo illezo do fogo;

por

porque o Senhor lhe aſſiſtia da meſma ſorte. Vendo já o Emperador com pejo, e horror, o triunfo do Martyr, com nova crueldade o mandou lançar no mar, com huma grande pedra ao peſcoço, ſem reparar, que o poder, que o livrara do fogo, ſe extendia ao elemento das aguas; e aſſim foy, porque terceira vez lhe appareceo o Senhor, e como a outro Pedro o livrou do impeto das ondas, e o poz ſalvo na praya. Certificado o Emperador deſte novo prodigio, cheyo de colera, o mandou lançar a beſtas féras; e quando eſperava, que os tigres, e os leoens o devoraſſem, vio, que ſe lhe lançavaõ com reſpeito aos pés, o que foy cauſa de muitos reconhecerem a verdade do Evangelho, gritando, que ſó o Deos dos Chriſtãos, devia ſer adorado; pelo que logo foraõ pelas meſmas féras, por ordem do Emperador, coroados de Martyrio. Naõ ſe ſatisfez o odio contra o Nome de Jesu Chriſto, e com nova idéa excogitou outro genero de martyrio, que foy huma roda, cuberta de pontas de aço, e nella mandou atar ao Martyr, e de hum alto monte precipitar, para que o rapido movimento, entre as pedras do monte, e as pontas do aço lhe deſſem violenta morte. Deſte martyrio ſahio tambem triunfante, caſtigando Deos com o meſmo tormento a muitos idolatras, que miſeravelmente pereceraõ no impeto da roda. Vendo Maximiliano fruſtradas tantas invençóes da tyrannia, o mandou de novo açoutar, e que logo foſſe queimado o ſeu ſanto corpo em o campo. Eſta ſentença foy ouvida com ſingular jubilo de Pantaleaõ, por ver que ella lhe havia de abrir as portas do Ceo; e aſſim foy atado a huma oliveira, e deſcarregando o golpe o tyranno, ficou illezo o valeroſo Soldado de Chriſto, e o ferro taõ brando, como ſe foſſe cera. Os algozes timidos, e corridos, ſe lhe lançaraõ aos pés, confeſſando, que era mais, que homem, quem daquella maneira triunfava da crueldade, e fazendo oraçaõ a Deos o Santo Martyr, ſe ouvio huma voz, que dizia a ſua oraçaõ fora ouvida, e já naõ ſeria nomeado por Pantaleaõ, ſenaõ por Pantalemaõ, e que pelos ſeus merecimentos alcançariaõ muitos da Divina Miſericordia ſinalados favores. Animando finalmente elle meſmo os algozes, que já temiaõ executar a ſentença, lhe foy cortada a cabeça, da qual com novo prodigio, ſahio em lugar de ſangue, leite; e a oliveira, a que eſtava ligado, ſubi-

tamente se vio carregada de sazonados frutos; o que sabendo o Tyranno, com nunca vista pertinacia, mandava fosse queimado, conforme tinha ordenado, no que naõ foy obedecido; e assim o seu corpo foy enterrado com venerado culto pelos Christãos, em hum campo, que Deos honrou com muitos milagres, para gloria de seu Servo, collocando a sua alma nas Celestes Jerarquias, entre os mais Illustres Santos da Igreja Catholica. Suas sagradas Reliquias passados muitos seculos, foraõ trazidas por huns devotos Christãos à Cidade do Porto, mais por Divina disposiçaõ, do que por cuidado humano; porque entregues à discriçaõ dos mares, se meteraõ com ellas em huma embarcaçaõ, e pondo nas mãos do Santo Martyr as suas vidas, guiados por soberano impulso apportaraõ na Cidade do Porto, que Deos tinha destinado para nella descançarem, ennobrecendo aquella illustre Cidade, com taõ grande Thesouro, que se venera na Capella môr da sua Sé, em tumulo de prata, por quem o Altissimo tem feito tantas maravilhas, para assim acreditar a sua poderosa intercessaõ, e confirmar a Fé daquelles Cidadãos, que o veneraõ com especial devoçaõ, como a seu Patrono, e como de tal reza delle aquella Igreja, com Officio duplex de primeira Classe com Oitava.

O Irm. Miguel Alvares da Compan.

B No Collegio da Companhia da Cidade de Evora, acabou com enveja de seus Companheiros, o Irmaõ Miguel Alvares, Estudante, e Noviço, conhecido por antonomasia pelo *Anjo*, nome que ainda conserva o seu cubiculo, por merecer ser nelle visitado por hum Anjo, que lhe annunciou a morte, o que communicou ao seu Reytor, dias antes de succeder. Naõ mereceo só este favor; mais especial o teve na sua doença, sendo consolado em Celestial visaõ da Rainha dos Anjos, acompanhada de S. Miguel, e S. Gabriel, de que ficou taõ fortalecido, que despedindo-se dos seus Companheiros, promettia de rogar a Deos por todos, e que já naõ necessitava de remedios; mas como era taõ resignado na obediencia, naõ deixava de tomar todos os que lhe applicavaõ. Padecia grande fastio, de sorte, que naõ podia comer; mas em ouvindo, que por obediencia o fizesse, promptamente o cumpria, chegando a tanto primor a abnegaçaõ da propria vontade, que obedecia em naõ gemer nas dores, que padecia, e ainda mais em dormir, quando a doença o desvelava, até que

rendida

rendida a natureza à força do mal, deu fim a huma vida candida, com morte preciosa.

C Em o Convento de Saõ Domingos de Lisboa, espera a Resurreiçaõ Universal Luiza de Jesu, Beata da Terceira Ordem desta esclarecida Familia. Aos vinte e sete annos da sua idade, lhe morreo seu marido, e fazendo voto de perpetua castidade, começou differente methodo de vida, continuando com frequencia a oraçaõ, sojeitando o corpo a aspereza da penitencia, e austeridade dos jejuns. Com todas estas armas combatia vivamente o Ceo, para que lhe desse auxilios no acerto do caminho da perfeiçaõ. Hum dia se lhe representou ver huma mulher, vestida no Habito de Religiosa Dominica, de que inferio seria do agrado de Deos, que acabasse em perpetua Clausura. Naõ tinha repugnancia ao estado, mas impossibilitava-lhe a resoluçaõ o verse rodeada de filhos, sem idade, que necessitavaõ da sua companhia. Afflicta, e irresoluta, batalhava por se desembaraçar dos filhos, querendo com generosa resoluçaõ deixar as prendas do seu amor nas mãos da Divina Providencia, por seguir a vida Religiosa; quando casualmente soube, que na Religiaõ de Saõ Domingos havia humas Beatas, que vestiaõ a modo de Freiras, e logo entendeo ser aquelle o estado, que Deos lhe propunha, e que sem dilaçaõ seguio. Com grande fervor de espirito observava as obrigações, que lhe foraõ impostas, a que ajuntou rigor, e austeridade, com que castigava a memoria dos annos mal empregados na idade mais florida. De todo se deu à oraçaõ, e assim mereceo ser consolada com Celestes visoens, no dia que professou. As camizas, de que usava, eraõ de pano de sacco, vil, e grosseiro, a que chamaõ almafega. A sua cama era huma taboa, sem mais roupa, que hum cobertor. Cingio-se com huma dura cadea de ferro, para com a escravidaõ da carne, poder gozar da pacifica liberdade do espirito. Della usou em quanto lho naõ impedio o Confessor, e entaõ ligou os braços com cilicios, para os alargar em rigorosas disciplinas, de que todas as noites usava duas vezes, com huma cadea de ferro. Todo o anno jejuava, e na Quaresma era sómente o sustento hum pouco de paõ, molhado em agua quente, com hum fio de azeite, e deste regallo se privava nas sestas feiras, e com outras extraordinarias penitencias seguia o caminho do

Luiza de Jesu Terceira Dominica.

Ceo,

Ceo. Muitas vezes intentou o demonio interior, e exteriormente perturballa; mas confortada com a Divina Graça, continuava sem receyo a oraçaõ, em que premanecia muitas horas prostrada na terra, com os braços em Cruz. Ardeo o seu coraçaõ no amor do proximo taõ vivamente, que nunca sofreo ouvir mal de pessoa alguma, que nâõ reprehendesse, sem excepçaõ de pessoa. O mesmo zelo a arrebatava contra quem fallava na Igreja, de que tirou a sua humildade grandes provas de paciencia em afrontas, e injurias, com que recreava a sua alma em obsequio do Creador. Ao Augustissimo Sacramento do Altar rendia continuamente o coraçaõ em profunda humildade. Para chegar dignamente a esta Mesa, se revestia de respeito, e banhada em lagrimas, sahia chea de consolaçaõ, de sorte, que se lhe via o rosto taõ incendido, que era testemunha do fogo, que no coraçaõ ardia. As suas queixas a prostraraõ a huma terrivel doença, em que acrisolou a paciencia, sofrendo o jugo da obediencia, que a obrigou a deitarse em cama, em mudar as camizas de almafega por huma de estopa, em que naõ vinha a lograr muita differença. Cresceo a enfermidade, e conheceo ser a ultima; e depois de recebidos os Sacramentos com grande devoçaõ, abraçada com hum Crucifixo, sem mais movimento, do que fechar os olhos, os abrio na Eternidade.

Fr. Filippe de S. Thomás Dom.

D Item em Solor, na India Oriental, o venturoso Servo do Senhor Fr. Filippe de Santo Thomás, da Dominicana Familia, que pela salvaçaõ das almas deixou o socego, que podia gozar em o seu Convento, por trabalhar nas copiosas seáras do Evangelho, nas Ilhas de Solor. Nesta Missaõ padeceo grandes trabalhos, sofrendo muitas fomes, e immensas necessidades, por amor de Jesu Christo, naõ tendo no decurso de tres mezes outro sustento mais, que rusticas comidas, que eraõ batatas, e inhames, de que lhe veyo huma hydropesia, que lhe servio de mais breve caminho, para lograr as dilicias do Ceo.

Simaõ, e Catharina, com 51 Compan. MM. Jap.

E Na Cidade de Deva, foraõ coroados com a immarcesivel laureola do Martyrio, Simaõ Yozayemon, e Catharina sua mulher, acompanhados de cincoenta e hum Soldados de Christo, que offereceraõ com gloriosa constancia as cabeças às barbaras catanas dos seus mesmos naturaes, que os degolaraõ,

por

por confessarem a Fé de Jesu Christo. Era para admirar ver os impavidos corações daquelle luzido esquadraõ, sem que o sexo, ou a idade desmayasse no combate; mas antes com generosa resoluçaõ confortava a mulher ao marido, o filho ao pay, animando-se para entrarem neste dia triunfantes pelas portas do Ceo.

F Em o Collegio de S. Paulo de Goa, deu fim aos gloriosos trabalhos da sua vida, o Padre Francisco Morando, da Companhia, Varaõ de animo candido, manso, affavel, e charitativo, a quem Deos deu dom de consolar affligidos; de condiçaõ taõ humilde, que já mais puderaõ acabar com elle aceitasse alguma Prelasia; assim recusou por vezes a do Collegio de Agra. Teve grande zelo da conversaõ das almas. Por vinte annos se empregou em taõ louvavel exercicio na Missaõ de Mogor, convertendo infieis, e doutrinando os Christãos. Era para admirar o soccego do seu animo santo; porque igualmente se havia com os favo es, que os Principes Mouros faziaõ àquella Christandade, do que com os trabalhos, com que muitas vezes a perseguiaõ; porque inalteravel a fortuna, a recebia sempre com o mesmo semblante. Do Mogor o mandou a obediencia à Corte delRey Idalxâ, onde foy hum dos primeiros, que deraõ principio àquella Missaõ, que a Companhia tem hoje naquelles dilatados Reynos, para que o ajudou muito ser sciente, e douto na lingoa Parcia. Daqui foy chamado a Goa, donde voltou a Vizapor, com hum presente do Estado; e tornando a Goa, a dar conta da sua comissaõ, no tempo que estava esperando pelo Veraõ, para tornar à sua antiga Missaõ do Mogor; porque naquella Christandade tinha o coraçaõ; e assim se abrazava no desejo de os doutrinar, quando o Senhor o chamou para lhe galardoar as fadigas do Evangelho com premio eterno.

O P. Francisc Morando da Comp.

Commentario ao XXVII. de Julho.

A HE a Cidade de Nicomedia, (a que huns chamaõ Comedia, os Turcos Nicor, ou Ismid) das principaes na Asia Menor, e Capital de Bithinia, e huma das mais consideraveis, e importantes de todo o Oriente. Foy huma das primeiras, que recebeo a Fé de Christo. Teve Cadeira Archiepiscopal, celebre nas antigas Memorias. Fica situada no fim do Golfaõ, a que dá o seu proprio nome, na costa de hum pequeno outeiro, guarnecido de fontes, vinhas, e arvores, que o fazem aprasivel; fica-lhe ao meyo dia Nicea, e ao Occaso Byzancia. Strabo lhe dá por Fundador a Nicomedes, Rey de Bithinia,

Bithinia, que lhe deu o ſeu nome. No anno de 358, padeceo hum tal tremor de terra, que a arruinou, em tempo que o Emperador Conſtancio tinha congregado hum Concilio de Arrianos. Nella ſe vem quantidade de admiraveis Inſcripções Latinas, e Gregas, do tempo que foy ſenhoreada deſtas Nações, e tambem muitas Meſquitas, e Igrejas de Gregos, de huma ſingular architectura. Terá trinta mil peſſoas de Gregos, Armenios, Judeos, e Turcos, que comerceaõ para toda a parte. Foy occupada pelos Turcos, no anno de 1338. Junto a eſta Cidade, em hum Lugar, chamado Acciron, morreo o grande Conſtantino Magno, pelos annos 337; e tendo muito de que ſe engrandeça, pelo grande numero de Martyres, que deu à Igreja, a faz mais celebre o ter nella naſcido S. Pantaleaõ, que depois a illuſtrou com o ſeu glorioſo Martyrio, como vimos no Texto. Teve por pays a Euſtorgio, e a Ebula, Cidadãos ricos, e nobres: ſua mãy foy Catholica, mas morreo para Pantaleaõ taõ cedo, que o deixou de tenra idade; e como nos temos alargado no Texto, nos naõ devemos dilatar mais na ſua Vida, que he huma das dos mais inſignes Martyres, que celebra a Igreja Catholica.

As ſuas ſagradas Reliquias foraõ trazidas primeiro a Conſtantinopla, a hum Lugar chamado Concordia, aonde em honra ſua ſe lhe edificou hum Templo, que depois fez reedificar o Emperador Juſtino. Foy eſte Templo hum dos mais conhecidos, e illuſtres de Conſtantinopla, pelo concurſo da gente, e frequencia, com que era viſitado dos Emperadores, movidos dos milagres, que Deos obrava em ſeu Servo. Em preſença das ſuas ſagradas Reliquias, ſe determinou o Concilio Conſtantinopolitano, hum dos quatro geraes da primitiva Igreja. Depois, que eſta Cidade foy entrada pelos Turcos, alguns devotos Chriſtãos, levados da veneraçaõ das ſantas Reliquias, tomaraõ o ſepulchro do Santo, que era de pedra, e o meteraõ em huma embarcaçaõ, e feitos à véla, entregues nas mãos do Santo, foraõ ſeguindo o que Deos lhe inſpirava, até que chegaraõ à Cidade do Porto, pelos annos de 1453, que a Providencia Divina tinha determinado para nella deſcançarem as ſagradas Reliquias de S. Pantaleaõ. Foraõ poſtas na Igreja de S. Pedro de Mira-Gaya, em cujo lugar ſe conſerva ainda hoje huma rua, com nome da rua dos Armenios, que a tradiçaõ affirma ſer habitada pelos Gregos, que trouxeraõ o corpo de S. Pantaleaõ, que depois de quarenta e ſeis annos de depoſito neſta Igreja, foy trasladado para a Cathedral do Porto, em tempo do Biſpo D. Diogo de Souſa, como veremos a 12 de Dezembro, dia de ſua Trasladaçaõ. He bem de admirar, que tendo paſſado tantos portos capazes, aſſim na coſta da Africa, como de Europa, depois de taõ largo mar, vieſſe a apportar eſte ſagrado Theſouro na Cidade do Porto, para a enriquecer; pois ſe affirma, que o primeiro motivo de hoje ſer taõ populoſa, e rica eſta Cidade, em que florece tanto o commercio em ſeus moradores, que a faz ſer a ſegunda do Reyno, ſe deve à glorioſa poſſe do corpo de Saõ Pantaleaõ ſeu Padroeiro, por quem Deos Noſſo Senhor tem obrado naquella Cidade infinitos milagres, principalmente no tempo da peſte, de que tem defendido por muitas vezes eſta Cidade, onde continuamente he invocado, como ſeguro Patraõ de todas as adverſidades; e a taõ eſpeciaes beneficios correſpondem generoſamente ſeus nobres moradores, com ſingulares demonſtrações do ſeu affecto.

Deſte Santo Martyr ſe venera huma boa Reliquia, na Igreja de Saõ Joaõ Bautiſta da Villa de Figueirò, que devia ſer data do Biſpo D. Diogo de Souſa, como adverte Fr. Fernando da Soledade, na IV. Parte da *Hiſtoria Serafica*, liv. 5. cap. 9. pag. 632, que era natural deſta Villa, filho de Joaõ Rodrigues de Vaſconcellos, e de D. Branca da Sylva, Senhores della. Em o Moſteiro de Jeſus de Aveiro, ſe guarda hum dedo polegar do Santo, por quem Deos tem feito eſtupendas maravilhas, como diz Souſa na II. Parte da *Hiſtoria de S. Domingos*, liv. 4. cap. 23. pag. 201.verſ. Os Padres Bollando, e Henſchenio no *Acta Sanctorum*, no mez de Fevereiro, tom. 1. pag. 594, ſe lembraõ das Reliquias de Burgos; e no Tomo III. do dito mez pag. 53. das de Colonia, reſervando para o ſeu dia as mais de que depois os ſeus continuadores fizeraõ largamente mençaõ neſte dia, no Tomo VI. *Julii*, e a pag. 409. das Reliquias do Porto, ſuppoſto relataõ ſómente, ſem que ſe reſolvaõ a affirmallo, como fazem de outras do meſmo Santo, cujos Authores naõ tem mayor authoridade dos que nós

seguimos, com a tradição immemoriavel daquella Cidade; Fr. João de Marieta no *Tratado das Fundações das Cidades de Hespanha*, pag. 11. col. 4. na palavra Burgos, diz estas palavras: *Tambien en la Burcha está el cuerpo de San Pantaleon Martyr, cuya fiesta se celebra a 27 de Julio, de donde ò como este Santo aya venido alli, totalmente ignoro.* Entendo que deve de ser alguma parte do corpo deste Santo, como diz Tamayo; se bem eu me persuado, a que poderá ser outro do mesmo nome; pois no Martyrologio achamos outro do mesmo nome no mesmo dia, e tambem Martyr, e nos naõ faz grande difficuldade, o que se refere com tanta duvida, quando achamos confirmada a nossa opinião com a authoridade de João Vaseo *Chron. Hisp.* pag. 280. *mihi*, o qual morreo quarenta annos antes que Marieta, e que na *Historia de Hespanha* he texto. Saõ as suas palavras as seguintes: *In hac persecutione passus est Romæ Beatus Pantaleon, cujus corpus posterius à Romanis fugientibus persecutionem barbarorum devectum est in Portugalliam, atque in Civitate Portugallensi multis etiã claret miraculis.* Naõ faça duvida o dizer, que padeceo em Roma; porque falla donde as Reliquias foraõ trazidas de Constantinopla, a que alguns Authores chamaraõ Nova Roma, e se poderia equivocar; pois naõ ha duvida, que este Santo padeceo em Nicomedia. Tambem em Colonia se guarda alguma parte da cabeça deste Santo, que de Constantinopla trouxera o Cavalleiro Henrique Van-Ulmen, no anno 1218, no que se nos naõ offerece duvida, inda que o Padre Canisio no *Martyrologio Germanico*, no dia 18 de Janeiro, diga: *Caput Sancti hujus Martyris Pantaleonis*; porque qualquer grande porçaõ do casco, se costuma dizer, que he a cabeça; e daqui nasce às vezes haver grandes duvidas, e já o vimos em o dia de Santa Anna; mas na que se conserva em Leaõ, seguimos o mesmo, que diz Tamayo neste dia, que he a de hum dos Santos Martyres Scillitanos, o que confirma com Adon Vienense, e outros Authores, o que nos naõ importa muito; pois seguramente podemos affirmar, que as Reliquias de S. Pantaleaõ, Padroeiro do Porto, saõ do celebre de Nicomedia, cuja memoria he universal na Igreja Catholica neste dia, de que faz mençaõ o *Breviario Romano*, e o seu *Martyrologio*, o de Beda, Baronio, Usuardo, e Adon, o *Lusitano* do Padre Alvaro Lobo, o *Castelhano* do Padre Vasques, o *Menologio dos Gregos*, *Nicephoro Calixto*, liv. 7. cap. 14, Surio tom. 7. pag. 317, e Baillet tom. 2. pag. 403. neste dia. Soveges no *Anno Dominicano*, a 6 de Julho, pag. 286; diz, que estaõ as suas Reliquias no Porto; o *Flos Sanctorum* de Ribadaneira; Vilhegas, e Rosario, Masculi 28 de Julh. pag. 330; Pedro de Natalibus no *Catalogo dos Santos*, liv. 6. cap. 45. Dos nossos Portuguezes, Duarte Nunes de Leaõ pag. 114. vers. Cunha na *Historia dos Bispos do Porto*, 2. part. cap. 32. pag. 272; Faria *Europa* part. 3. pag. 227; Esperança *Historia Serafica*, part. 1. pag. 395; Gaspar Estaço *Antiguidades de Portugal*, cap. 94; o Licenciado Jorge Cardoso Lamecense *Anacephalæosis da Lusitania*; Vasconcellos *Descrip. Reg. Lusit.* pag. 560; e ultimamente o Padre Manoel de Campos, em o seu livro pag. 382. com este elegante

EPIGRAMMA

Pantaleoni ungues, inhiantiaque ora ferarum
Objice moliris Maximiane nihil.
Ferventes dira arma, rotas, plubumque minare,
Fusile, moliris Maximiane nihil.
Assurge in vulnus, Cera tibi molior ensis,
Fiet, moliris Maximiane nihil.
Ille datas vitæ, atque necis molitur habenas
Cum volet, ille cadet, si volet ille, cades.
In tua facta ultrà si intentes ire, Leonis
Ira lacessiti Pantaleonis erit.

B Foy o Irmaõ Miguel Alvares o terceiro, que faleceo da contagiosa doença, que lhe pegou o Padre Aleixo Alvares, de quem a 20 fizemos mençaõ. Nasceo em Villa Vicosa, e foraõ seus pays Antonio Fernandes, e Brites Alvares. Entrou na Companhia tendo dezoito annos de idade, e nella veyo a acabar, no anno 1589, faltando-lhe quatro mezes, para cumprir os dous annos de Noviço. O seu cubiculo conserva ainda o nome do Anjo, com particular devoçaõ dos que o habitaõ, tanto pelo referido caso, como porque neste venturoso cubiculo se hospedou S. Francisco de Borja, quando sendo Geral veyo a este Reyno. Franco na *Imagem da Virtude no Noviciado de Evora*, liv. 2. cap. 27, e no *Anno Santo da Companhia*, e *Annus Gloriosus Societatis.*

C Naõ sabemos Patria, nem pays desta virtuosa Terceira da Ordem de Saõ Domingos, e só achamos serem de honesta piedade. Poderá ser, que naõ experimentassemos esta falta, de que tantas vezes nos queixamos sem remedio, se se conservara a sua Vida, que os seus doutos Directores lhe mandaraõ escrever, a pezar da sua humildade, que tanto se confundia com a observancia deste preceito; de sorte, que por falecimento de quem lho ordenara, communicou ao Confessor a quem obedecia, se era obrigada à conservaçaõ daquelle preceito, o qual este lhe dissolveo, ou compadecido da sua desconsolaçaõ, ou para exercitar a sua obediencia. O certo he, que a queimou, e que nella se perdeo huma grande noticia dos favores, que Deos lhe communicou. Todo o tempo, que naõ gastava em santos exercicios, o empregava em trabalhar; e muitas vezes rompia em vozes, que mostravaõ os affectos daquelle amante coraçaõ, abrazado no fogo do amor de Deos, que foy lograr neste dia, no anno de 1659, como refere o *Agiologio Dominico de Lima.*

D Em o anno de 1659, entrou em Solor por Vigario, e Commissario da Christandade daquellas Ilhas pela Ordem, o Padre Fr. Antonio de Macedo, Commissario do Santo Officio, a quem logo todos os Religiosos espalhados pelas Igrejas visinhas, buscaraõ para lhe darem a obediencia, conforme o estylo da Ordem, e tambem a darem-lhe conta das necessidades, que passavaõ, por naõ se dar cumprimento às congruas, que Sua Magestade manda dar aos Missionarios daquellas Ilhas, por ommissaõ do Juiz da Balança do páo sandalo, que por Provizaõ delRey he obrigado a darlhes dous terços do rendimento de hum por cento, lhe tinha faltado em pagar, ficando por esta causa taõ exhaustos de meyos para o preciso sustento, que os que passávaõ melhor, tinhaõ huma curta porçaõ de arroz cozido com sal. Naõ chegou esta a Fr. Filippe de Santo Thomás, como temos visto, sendo a extrema necessidade a causa da sua morte, de que se lembra Fr. Antonio da Encarnaçaõ, na Relaçaõ do que obraraõ os seus Religiosos nesta Missaõ, no cap. 14; e Soveges no grande *Anno Dominico*, neste dia.

E O Padre Cardim no *Catalogo dos que morreraõ pela Fé*, pag. 295, faz mençaõ, que no anno de 1622, triunfaraõ estes valerosos soldados, cujos nomes foraõ:

1 Simaõ Yozayemon.
2 Catharina, sua mulher.
3 Diogo Cuzayemon.
4 Magdalena, sua mulher.
5 Joaõ Jifioye.
6 Leaõ Jifioye.
7 Catharina, sua mulher.
8 Joaõ Yquiza.
9 Pedro Cuyemon.
10 Lourenço Cuyemon.
11 Joaõ Yquiza.
12 Pedro Cuyemon.
13 Lourenço Curobioye.
14 Joaquim Yeumi.
15 Joseph, seu filho.
16 Lourenço Osaca.
17 Diogo Tarabioye.
18 Martim Faqueiro.
19 Leaõ Canga.
20 Joaquim Yeguigo.
21 Miguel Cuzo.
22 Francisco Usuy.
23 Paulo Muce.
24 Paulo Buyemon.
25 Mattheus, seu filho.
26 André, seu filho.
27 Gregorio Firosa.
28 Francisco, seu irmaõ.
29 Vicente, seu filho.
30 Luiz Saburó.
31 Joaõ Sandayú.
32 Joaquim Dragacu.
33 Simaõ Xoquen.
34 Leaõ Nizayemon.
35 Cosme Xibata.
36 Simaõ Sandayu.

Francisco

37 Francisco Bingo.
38 Lourenço Farima.
39 Damiaõ Ovari.
40 Domingos Cusioye.
41 Thomé Megoso.
42 Joaõ Yukeyemon.
43 Leaõ Goza.
44 Mattheus Ychigo.
45 Mattheus Yaichi.
46 Thomé Biyen.
47 Mattheus Yuami.
48 Joaquim Musioye.
49 Leaõ Geroymon.
50 Matthias Ychirioya.
51 Lourenço Soyuro.
52 Paulo Misioye.
53 Gaspar Sirosa.

F Na Cidade de Parma, que dá nome ao Ducado, nasceo o Padre Francisco Morando, no anno de 1600. Foy Religioso do quarto voto, na Companhia, com cuja Roupeta viveo quarenta e hum annos; faleceo no anno de 1655, no Collegio novo de S. Paulo de Goa. Memorias mandadas daquella Cidade à Academia Real da Historia, que temos em nosso poder da Secretaria della.

JULHO XXVIII.

A NA Augusta Braga, a Festa da Dedicaçaõ da sua Primacial Igreja, consagrada à Soberana Virgem MARIA Senhora Nossa. O Arcebispo D. Fr. Agostinho de Jesu, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, Prelado muy zeloso do augmento do Culto Divino, vendo, que se naõ achavaõ vestigios de que huma Cathedral taõ antiga fosse sagrada, nem havia memoria, que o persuadisse, cheyo de piedade se resolveo a fazer esta ceremonia, conforme o que determina o Ritual da Santa Igreja Romana, no anno de 1592, neste dia, com grande pompa, e authoridade, ordenando, que se guardasse todos os annos, para o que concedia a todos os Fieis, que devotamente a visitarem nesta Festa, quarenta dias de Indulgencia, e se celebra com *Officio duplex de primeira Classe*, e no Altar môr collocou insignes Reliquias, que se guardaõ naquelle celebre Santuario.

A Dedicaçaõ da Sé de Braga.

B Em Galliza, na Villa de Padraõ, a memoria dos Santos Martyres Paulo, e Heladio, que sendo prezos na perseguiçaõ de Decio, e recuzando venerar aos Deoses, confessáraõ serem Christãos; pelo que foraõ atados a huma roda, que movida com impeto, se lhes deslocaraõ todos os membros, e depois de já despedaçados, e afflictos, os tornaraõ a recolher ao carcere; e quando esperavaõ mais enfurecida a vontade do Juiz, se acharaõ por virtude Divina de repente saõs, e livres das crueis dores, que padeciaõ, e sendo de novo levados ao

Os Santos Paulo, e Heladio MM.

Tribunal, vendo-os o Juiz sem chagas, nem sinaes das feridas, os mandou degolar, e sendo conduzidos ao lugar do supplicio, com novos alentos dando graças ao seu Creador, cortadas as cabeças, lhe entregaraõ as suas bemditas almas.

A V. M Brites da Columna Jeronym.

C Em a Villa de Vianna da Provincia de Alentejo, no Mosteiro de Jesus, da Ordem de S. Jeronymo, acabou neste dia com preciosa morte, a Veneravel Madre Brites da Columna, sua Fundadora. Nesta Villa vio a primeira luz do dia, nascendo de pays nobres, e ricos; e sendo criada entre os mimos de unica, se deu de todo ao exercicio das virtudes, vencendo na flor de seus annos as vaidades do sexo, e os brios da idade. Naõ contava mais, que quinze annos, quando seu pay fez huma jornada a Lisboa, e ao despedirse da filha, lhe perguntou, que joyas, ou outros adornos de seu gosto queria, que lhe trouxesse para o seu uso. A esta offerta respondeo com singular graça, e resoluçaõ, que como ella era Esposa de Jesu Christo, e que no seu obsequio dirigia todas as suas acções, para se exercitar nos agrados do seu amor, só queria, que lhe trouxesse o livro da Vida de Christo; porque era a joya com que só se determinava ornar. Cheyo de ternura o pay lho prometteo, e inda hoje se conserva neste Mosteiro, como preciosa alfaya de sua Santa Fundadora. Dentro em o canto da sua casa vivia Brites Dias Rodovalho, que este era o seu nome, antes de se recolher à Clausura, em huma armoniosa uniformidade de virtudes, no trato, modestia, e uso dos sentidos; porém como aspirava à mayor perfeiçaõ, e Deos a queria purificar no crysol das tribulações, lhe inspirou aos dezaseis annos hum vehemente desejo de o seguir, sem que o tenro da idade, nem o delicado do sexo a privilegiasse de tomar a sua Cruz; porque este Senhor suavisa o jugo, para que se naõ renda a natureza debil ao pezo da carga; para o que alcançando licença de seus pays, se ajuntou a viver com humas Beatas, a que appellidavaõ as Pobres, e viviaõ na Villa, recolhidas com geral approvaçaõ. Seus pays rendiaõ graças a Deos, de ver huma filha, em quem a poderosa maõ do Altissimo depositara aquellas partes, com que sabe formar prodigiosas creaturas, e assim lhe concederaõ licença, para se aggregar àquelle Recolhimento, em que viveo treze annos, dando em todos às Companheiras de suas virtudes singular edificaçaõ. Diminuîa a morte

morte o numero de Recolhidas, e com o decurso do tempo ficaria em breve deserta aquella virtuosa Casa. Esta consideraçaõ a fez entrar em mais heroicos pensamentos de fundar hum Mosteiro, em honra do Santissimo Nome de Jesus. Pedio anticipadamente a legitima a seus pays: concederaõ-lha liberalmente, dando-lhe faculdade para poder empregar os seus bens em utilidade do Mosteiro. Deu logo fórma a elle, e se recolheo com algumas Donzellas de iguaes costumes; e vivendo em voluntaria pobreza, se exercitavaõ em actos de humildade, e resplandecia a Casa em todo o genero de virtudes; porque sogeitavaõ o seu espirito, e acções, ao conselho de pessoas doutas, e virtuosas, que as governavaõ.

Costumava Brites Dias Rodovalho ir ao Paço da Infante D. Isabel, em cujo serviço tinha huma sobrinha Donzella de mayor idade, que tinha sido Aya do Infante D. Luiz, e se chamava Leonor Vaz Rodovalha: persuadio-a a que largando o Paço, se recolhe-se a viver em pobreza Religiosa no novo Mosteiro, que edificava. Era a sobrinha bem inclinada, naõ houve mister persuadida; porque se accommodou à pratica com os pensamentos, que trazia, e se recolheo logo à sua companhia. A Infante D. Isabel, vendo o quaõ grato era a Deos aquelle domicilio, as amparava, e favorecia, sendo nas adversidades Protectora. Esta Princeza as inclinou à devoçaõ de S. Jeronymo, de que se affeiçoaraõ tanto, que pediraõ Carta de Irmandade aos Religiosos do Convento de Belem de Lisboa; e alcançando depois Real indulto para fundar, recorreraõ à Sé Apostolica, para professarem vida Monastica, com o Habito de S. Jeronymo. Era o Real respeito da Infante, o que adiantava estes negocios, soltando difficuldades, em que cada dia se viaõ soçobradas. Já naquella Casa se via praticada em fervoroso exercicio a perfeiçaõ Religiosa, em silencio, pobreza, e humildade. Chegava a onze o numero das que habitavaõ aquelle Oratorio, sendo tal a sua observancia, que commeçaraõ a ser conhecidas pelas Freiras de Jesus de Vianna. Naõ podiaõ já sofrer as demoras de receberem o Habito de S. Jeronymo; pelo que à instancia da Infante mandou o Cardeal Infante, Arcebispo de Evora, a Fr. Luiz de Baeça, da Ordem de S. Jeronymo, para que examinando a vida das Beatas o informasse. Naõ se lograõ gloriosos fins, sem contrastes, e adversidades,

versidades, com que purifica Deos aos seus Servos; porque o demonio, inimigo commum da virtude, se naõ descuida de buscar ministros, por quem espalhe a sua zizania. Começou a Fundadora a experimentar huma terrivel tempestade de perseguições, e opprobrios, espalhando-se huma fama de que era louca: naõ alteravaõ ao seu animo as injurias, nem a sua humildade a afroxava dos santos propositos da Fundaçaõ, e presistindo, rogava ao Infante Arcebispo, as quizesse aceitar na sua obediencia, e governo. Naõ padecia já irresoluçaõ a vontade deste Prelado; porque era notoria a virtude daquella Casa, e conhecidas em todo Reyno as Religiosas Pobres, pela observancia, e rigor de vida. Assim mandou segunda vez, a Fr. Luiz de Baeça com commissaõ, para as tomar debaixo da sua protecçaõ, e de as admittir à profissaõ; e fazendo solemne renuncia de seus bens, se sogeitaraõ ao governo dos Arcebispos de Evora, debaixo da observancia da Regra de S. Jeronymo, conforme as Constituições, e Estatutos, pertencentes às Freiras. A Fundadora pedio logo se admittissem algumas a professarem, que já com largo tempo estavaõ exercitadas na observancia Religiosa, e havendo de ser ella a primeira, humildemente o recusou; do que tendo noticia o Infante Arcebispo, lhe ordenou, que logo professasse, e a elegeo em Prioressa; ao que obedeceo, como quem naõ tinha vontade propria. Naõ teve mais cousa propria a Veneravel Madre Brites da Columna, nem reservou para si cousa alguma, tudo dispendia na Communidade, de que tirava o preciso para o uso, observando huma estreita pobreza. O seu Habito era de pano vil, e grosseiro, tunica de lãa, toalha de pano de linho grosso, o véo de beatilha tinta. Sempre andou descalça. A cama compunha-se de duas cubertas de lãa pobres, com hum enxergaõ. A mayor parte das noites gastava em oraçaõ, em que era continua, rompendo em lagrimas, e excessos do amor de Deos, fazendo mortificações publicas, para o exemplo das companheiras, além de muitas extraordinarias em segredo. Jejuava sempre; o seu comer ordinario era paõ, e agua; as disciplinas rigorosas, sem que se poupasse a nenhum genero de modo de affligir o seu corpo. As suas continuadas mortificações, e lagrimas offerecia a Deos, pelo augmento daquella Casa, porque tanto trabalhou. Com o proximo teve huma ardente

dente charidade. A's doentes servia, e consolava, animando-as a sopportar a santa pobreza, virtude, que nella muito resplandeceo. Foy cordealmente devota de Nossa Senhora; a ella recorria nas suas afliçoens. A primeira Imagem, que poz na Igreja, foy huma da Virgem, e na sua devoçaõ inflammou as Religiosas, e inda hoje se observa naquelle Mosteiro huma devoçaõ, que trouxe do Paço da Infante, que começa em o primeiro de Agosto, e acaba no dia da Assumpçaõ, e se gastaõ todos estes dias em santos exercicios, com certas orações, visitaõ os Lugares Santos, e com vigilias, e disciplinas se preparaõ, para acompanharem com os Córos dos Anjos à Virgem Santissima. Depois que professou, nunca mais fallou a pessoa alguma, nem aos parentes. O mesmo observou no Recolhimento, excepto para os negocios do Mosteiro, ou materias, que pertenciaõ à Religiaõ. O mesmo fez praticar às de mais Religiosas, e principalmente às suas parentas, e às que viviaõ debaixo da sua criaçaõ. Ao ineffavel Nome de JESU, teve grande amor, como se vê da Dedicaçaõ deste Mosteiro. Naõ consentio lhe chamassem Prioressa, mas da mesma sorte, que às outras, e assim servia na cosinha; no refeitorio lia à Mesa, e em todas as mais occupações da Communidade era igual, sem que quizesse eximirse por Prelada. Aborrecia a ociosidade como vicio, e para a evitar, depois das obrigações santas da Communidade, fazia coser a humas, fiar a outras lãa, e linho, para o seu uso; depois tecia ella mesma as toalhas, lavrando as que eraõ para a Igreja. Contava setenta e dous annos, gastados em trabalhos, e afflições do espirito, vigilias, e oraçaõ, quando hum dia indo commungar, vio huma grande luz. Recebida a sagrada communhaõ, e acabados os seus fervorosos exercicios, contou às Companheiras, o que vira, predizendo naquella vizaõ a sua morte. Deu-lhe huma febre muy intensa, e chamando as suas Religiosas, lhes disse ser chegado o desejado termo da sua vida; que lhe encommendava muito o serviço de Deos, a observancia da Religiaõ, e que conservassem com a pureza da vida, o que ella com tantos trabalhos, e lagrimas, tinha alcançado de Deos; e recebendo o Santissimo Viatico com muita devoçaõ, acabou em o Senhor, deixando às suas amadas filhas huma viva saudade da sua virtuosa vida, e santos exemplos.

No

Frey Pedro Lagarto Arrabido.

D No Convento da Magdalena, junto a Alcobaça, foy gozar da Gloria Fr. Pedro Lagarto, filho primogenito da Provincia da Arrabida, sendo o primeiro Religioso, que nella fez Profissaõ no Convento da Arrabida, nas mãos do Apostolico Varaõ Fr. Martinho, que depois o mandou a Salamanca estudar Theologia, em que aproveitou muito, e veyo a ser bom Letrado, e taõ applicado aos estudos, que todo o tempo que lhe ficava livre dos negocios da Provincia, de que foy Commissario Provincial, gastava em ler, e escrever, e deixou muitos livros escritos da sua maõ. Os Geraes do seu tempo fizeraõ delle grande confiança, valendo-se do seu zelo, para visitar algumas Provincias, e Conventos de Freiras, o que fez, como se póde crer do rigor, e observancia daquelle tempo.

Miguel Cusuriya Martyr Japaõ.

E Item em Nangasachi, o valeroso certame de Miguel Cusuriya, que por confessar ser Christaõ foy queimado, sofrendo por amor de Jesu Christo as afflições de taõ cruel morte, que a sua constancia fez preciosa, merecendo por ella a gloria de Martyr.

Fr. Manoel da Resurreiçaõ, e outro do mesmo nome.

F Na India Oriental, dous Veneraveis Religiosos da Familia dos Prégadores, ambos com o mesmo nome de Fr. Manoel da Resurreiçaõ, ambos de singular zelo da Religiaõ Catholica. O primeiro depois de ter feito huma grande, e copiosa colheita na conversaõ do Gentilismo, e exercitado em asperas, e crueis penitencias, acabou santamente, no Reyno de Mena, naõ com poucas invejas dos Christãos, da sua preciosa morte. O segundo de naõ menos espirito, mostrou o seu fervoroso zelo em Larantuca, quando o Rey de Tolô deu sobre esta povoaçaõ com huma poderosa Armada, com animo de reduzilla a cinzas, passando primeiro aos moradores pelas violencias do ferro, e do fogo. Desanimados com esta funesta noticia seus habitadores, se retiraraõ para a Serra. Desembarcaraõ os Barbaros, e começaraõ o seu odio pela Igreja de Nossa Senhora da Misericordia, e depois de rompidos os quadros, e profanadas com desacatos as sagradas Imagens, a queimaraõ. Naõ pode sofrer Fr. Manoel da Resurreiçaõ, os sacrilegos procedimentos daquella barbara gente, cheyo de zelo, começou a animar aos seus Portuguezes, para que tomando a causa de Deos, vingassem as injurias feitas ao Creador, e que se lembrassem da honra de seus Santos, já que tinhaõ o nome de Chris-

Christãos, o parecessem nas obras, e que estivessem certos, que de mayor poder seriaõ vitoriosas as suas Armas, quando as movessem a favor da Religiaõ. Destas, e de outras palavras ditas com zelo, e força da verdade, cheyos de resoluçaõ, deraõ huma descarga de mosquetaria sobre os Mouros, com taõ bom successo, que mataraõ a muitos, e os mais se puzeraõ em fogida, correndo desordenadamente à praya. Viraõ os que estavaõ na Serra a desordem dos Mouros, cobraraõ animo, começaraõ a descer taõ destemidos, que chegaraõ à praya, a fazer pontaria aos Mouros, já embarcados nas galés. Na em que estava ElRey de Tolô, lhe levaraõ com huma bala o turbante da cabeça, o que sentio com superticiosa cegueira, mandando levar ferro a toda a pressa, desistindo com vergonhosa fogida da empreza, sendo o fim deste glorioso successo o ardente zelo, com que exhortou este Religioso Servo de Deos aos nossos, animando-os com a Fé a esta acçaõ.

Commentario ao XXVIII. de Julho.

A BRaga taõ conhecida naõ só nas Historias de Hespanha, mas nas de todo o Mundo, pela sua antiguidade, e prergaotivas, com que se distinguio entre todas as Cidades de Hespanha, fica descrita no I. Tomo do Agiologio, no Commentario do dia 2 de Janeiro, onde remettemos ao Leitor. Naõ podemos deixar de confessar, que se nos faz duro de crer, e quasi o temos por impossivel, que esta Igreja naõ fosse sagrada em tempos mais antigos, sendo governada por tantos Prelados Santos, e zelosos do Culto Divino; porém como o tempo consome as pedras, e ainda as tradiçóes, se resolveo o Arcebispo D. Fr. Agostinho, a fazer sua sagraçaõ neste dia. Confirma esta nossa duvida o Breviario Bracharense, impresso no anno de 1713. *In festo secundæ Dedicationis, & Consecrationis Ecclesiæ Bracharensis.* De que se vê claramente, que esta ceremonia foy feita segunda vez, depois de esta Igreja ser edificada, e formada pelo Conde D. Henrique; porque para ser antes, naõ era a Igreja a mesma, para que se refira a sagraçaõ, ao tempo da primitiva Igreja. O certo he, que nós só desta temos memoria certa, e indubitavel, como consta do Officio, que neste Arcebispado se reza, e da pedra, que na porta principal se mandou pôr com a Inscripçaõ seguinte.

Anno Domini 1592 die vero 28 Julii Dñs Fr. Aug. de Jesu Ordinis Eremitarum Sancti August. Archiepīs; & Dñs Bracharæ Augustæ Hispaniarum Primas, hanc Ecclesiam in honorem Beatæ Mariæ Virginis consecravit, & in altari maiori has reliquias reposuit. De ligno Sanctæ Crucis, de spinëa Corona Dñi, de sindone ejus, de mappa ultimæ cenæ, de mirrha Dñi, de fæno in quo natus jacuit, de capilis, camisea, & veste Beatæ Mariæ Virginis. Item reliquias Sanctorum Mar-

tyrum Stephani, Laurentij, Vicentij, Anastacij, Clementis, Sebastiani, Dionisij, Blasij, Valentini, Christophori, Mauritij, Cosmæ, & Damiani, & Sanctorum Confessorum Gregorij Aug. Nicolai, Martini, Rochi, & Nicolai de Tolentino, & Sanctarum Virginum, & Martyrum Catharinæ, Agathæ, Apolloniæ, & Susanæ, & Sanctæ Mariæ Magdalenæ. Quadraginta item dies in forma Ecclesiæ consueta, cunctis fidelibus ipsam Ecclesiam in die anniversario devote visitantibus de vera Indulgentia concessit.

He celebrada esta Festa com Oitava. Della faz mençaõ o Illustrissimo Cunha, na II. Parte da *Historia de Bragà*, na Vida do referido Arcebispo D. Fr. Agostinhó de Castro, que com este appellido da sua Illustre Familia he conhecido, cap. 24. pag. 412, e o *Breviar. Brachar.* neste dia.

B A Villa de Padraõ, conhecida dos Geografos, pela Cidade de Iria Flavia, na Provincia Tarraconense, foy fundada por Diomedes, dando-lhe o nome de huma dama Troyana, chamada Illia, que se corrompeo em Iria. Naõ falta quem diga foy fundada por Portuguezes, havendo alcançado huma vitoria contra os Gallegos, tomando o nome de Irian, que significava esquadraõ, antes da Redempçaõ humana, pelos annos de 473. Flavio Vespasiano a reedificou, e em seu obsequio lhe chamaraõ Flavia. He banhada de hum rio: fica-lhe o Mar Occeano ao Oriente seis legoas, e quatro ao meyo dia para Compostella, que se podia chamar nova Iria Flavia, pois das suas ruinas se engrandeceo esta Cidade, passando a Cadeira Episcopal para ella, e o corpo do Santo Apostolo, que hoje possue, e antigamente se conservava naquella Cidade, sendo suffraganea à Primacial Bracharense. Desta Cidade, e hoje Villa, diz Tamayo, neste dia, serem naturaes os Santos Martyres Paulo, e Heladio; porém nós com grande escrupulo o referimos, pois se funda toda a sua authoridade na de Juliaõ Arcipreste; e como naõ temos outros documentos, que nolo affirmem, em duvida o pomos neste lugar, o que fazemos por nos naõ notarem de curto nas nossas cousas.

C No Arcebispado de Evora, cinco legoas para o Sul desta Cidade, fica a Villa de Vianna, em hum alto descuberto ao Norte, com seu Castello, que a ennobrece, e muito mais o aprasivel da terra, e o abundante de cristalinas fontes, e de bons pomares de frutas, e de muitas hortas. Seu termo, inda que pequeno, he fertil dos frutos, em que abunda a Provincia. Terá oito centos visinhos. Naõ falta quem diga, que foy fundada antes da vinda de Christo muitos seculos, pelos Celtas, e Gallos: o certo he, que já desde o anno de 1313, em que governava ElRey Diniz, goza da preheminencia de Villa, e depois os Reys successores lhe concederaõ particulares izenções. Tem voto em Cortes no banco dezasete, e nella as convocou ElRey D. Joaõ o II. no anno de 1482. ElRey D. Pedro o I. a deu em titulo de Condado a D. Joaõ Affonso Tello de Menezes, e se continuou em alguns de seus successores, que depois vieraõ a possuir outros, e no tempo do Sendor Rey D. Pedro II. que Deos tenha em Gloria, fez Conde de Vianna a D. Joseph de Menezes, seu Estribeiro mór. Nesta Villa nasceo a Veneravel Madre Brites da Columna, de geraçaõ nobre, o que bem se collige de ser sua sobrinha Leonor Vaz Rodovalho, Aya do Infante D. Luiz, e estar servindo à Infante D. Isabel, filha do Duque de Bragança D. Jayme, mulher do Infante D. Duarte. A esta Princeza deveo especiaes favores, para a fundaçaõ deste Mosteiro; porque no seu Paço se celebrou a escritura da doaçaõ de Brites Dias Rodovalho, em que liberal, e gratuitamente, dava todos os seus bens, para se edificar o Mosteiro, de que foy Tabelliaõ Henrique Nunes, no anno de 1548. A' sua intercessaõ alcançou a Fundadora ser admittida com suas Companheiras à Irmandade dos Padres de S. Jeronymo,

ronymo, ficando no espiritual, e temporal na sua conservatoria, o que foy julgado perante os Ministros, a quem competia, de que se lhe deu hum traslado authentico, passado a 24 de Fevereiro de 1553, que se guarda no Archivo deste Mosteiro. A' sua protecçaõ deveo vencer todas as opposições dos naturaes da terra, alcançando delRey D. Joaõ o III. seu cunhado, licença para a Fundaçaõ, e tambem de obrigar a que lhe vendessem as terras precisas à delineaçaõ do Mosteiro. Finalmente, a esta virtuosa Princeza deveo mandar o Cardeal Infante Arcebispo de Evora, a Fr. Luiz de Baeça, da Ordem de S. Jeronymo, Religioso de vida exemplar, a examinar o espirito das Recolhidas, e depois ao mesmo Religioso a commissaõ de as receber debaixo do seu governo, e dominio, e admittillas à Profissaõ, fazendo primeiro solemne renuncia dos seus bens, de que se fez instrumento publico, a que chamaraõ Escritura da Fundaçaõ, e Doaçaõ, a 15 de Julho de 1553, por Manoel Rodrigues, Tabelliaõ, e por ellas naõ saberem escrever, assinou por todas Braz Rodrigues, Cavalleiro da Casa delRey nosso Senhor.

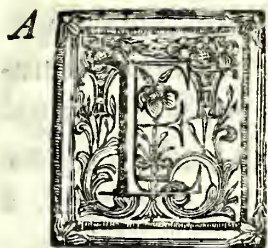
Eraõ as Religiosas Brites da Columna, primeira Fundadora, Leonor das Chagas, Brites do Presepio, Catharina de Christo, Sebastiana da Madre de Deos, Elena da Conceiçaõ, Antonia do Monte Calvario, Brites de Santa Paula, Maria do Espirito Santo, Isabel de S. Jeronymo, Ignez da Cruz, e com espirito nascido da sua vocaçaõ, e humildade, fizeraõ voluntaria renuncia do que possuiaõ, nas mãos do Cardeal Arcebispo, para que fizesse aquelles bens communs, e da Igreja, e cada huma de persi deu ao Padre Fr. Luiz de Baeça o juramento dos Santos Evangelhos, pelo qual se obrigavaõ a sogeitarse à Mitra de Evora, e de observar a Regra de S. Jeronymo, conforme os Estatutos, e Constituições, pertencentes às Freiras, as quaes se trouxeraõ do Mosteiro de Lupiana, da mesma Ordem, no Arcebispado de Toledo. No Cartorio da Sé de Evora, se conserva a Provisaõ passada a 21 de Julho de 1553, com os autos da sogeiçaõ à Mitra. Feita esta solemne obediencia, lhe foy entregue pelo mesmo Padre, a Regra de Santo Agostinho, e as Constituições, que observaõ, o que tudo receberaõ com verdadeiras demonstrações da sua humildade, e devoçaõ, declarando, que a tudo se obrigavaõ, confiadas na Misericordia de Deos. Este foy o principio espiritual deste Mosteiro, a que se deu o Nome de Jesus, com que a virtuosa Fundadora o invocara, no seu primeiro Oratorio. Era o sitio apertado, e incapaz de accommodar a muita gente, que acodia; pelo que se determinou a Madre Brites da Columna, a edificar hum Mosteiro fóra da Villa, e assim como tinha sido Authora do edificio espiritual, intentou levantar outro material, com capacidade de poderem viver nelle as Religiosas, o que se executou nas Hortas da Fonte Cuberta, no anno de 1554, depois da sua morte, que foy no de 1555, neste dia. Por urgentes causas se passou no de 1560, para o sitio, em que hoje está no Rocio da Villa, que se ennobrece com este edificio, por ser grande, e de agradavel vista, com fermosa Igreja, bem ornada, e servida com aceyo, e dous Coros, em que rezaõ. Para o debaixo foraõ trasladados os ossos da Fundadora, que ficaõ debaixo de huma columna de pedra, que serve de fundamento à obra temporal, o que naõ parece sem mysterio, por ser ella a columna espiritual, que edificou este Mosteiro. He a sua lotaçaõ de sessenta Religiosas: nelle tem duas cercas, com pomares, e hortas, e hum claustro com boa agua, jardim, e officinas bem repartidas, com todo o commodo para o serviço, com que está acabado, e perfeito. Este foy o principio do Mosteiro de Jesus, da Villa de Vianna de Alentejo, da Ordem de S. Jeronymo, unico neste Reyno deste Instituto, e os seus progressos veremos repetidos no discurso desta Obra, na Vida de suas habitadoras. Deste Mosteiro tivemos em nosso poder as Memorias da sua Fundaçaõ m. s. que nelle se conservaõ, por meyo do Padre Fr. Damiaõ de Jesu, Religioso do Carmo, que nelle naõ só tem parentas, mas filhas espirituaes. O *Agiologio*, no Commentario do dia 9 de Janeiro, letra G, e no de 9 de Março, letra F, promette para este dia a Vida desta Serva de Deos, com a Fundaçaõ deste Mosteiro, de que se lembra a *Corografia Portug.* tom. 2. pag. 464.

D Em o anno de 1542, vindo a este Reyno o Reverendissimo Padre Fr. Joaõ Calvo, Geral de toda a Ordem Serafica, movido da constante fama da refórma da Arrabida, a quiz ver. Foy recebido pelo

Duque de Aveiro D. Joaõ, como Padroeyro da Provincia, o qual o mandou hospedar no caminho, e o foy esperar a Aguas de Moura, acompanhado dos Fidalgos, e criados da sua Casa; e sendo recebido com grande benevolencia, foy tratado com a grandeza, e apparato, que se podia esperar de hum taõ grande Senhor. Depois de descançar do caminho, entrou na Serra da Arrabida, sitio aprasivel; porque estendendo-se a vista pelo grande Mar Occeano, a faz mais agradavel, toda a Costa do Algarve, e a Barra de Setuval, e tudo o mais, que naquella alta emminencia se domina, pela parte de Alcacer. He o sitio agreste, aspero, desabrido, e proprio para a contemplaçaõ; o que vendo o Prelado, formou huma perfeita idéa da Bemaventuraça, que logravaõ os seus habitadores, que exhortou com paternal amor, à perseverança da vida contemplativa, que tinhaõ escolhido. No anno de 1713, tivemos o gosto de ver a este Santuario da terra, onde as paredes respiraõ desprezo do Mundo, e cujos ladrilhos nos tivemos por indignos de pizar, por serem habitados de tantos Varoens penitentes, cujas cinzas ainda hoje infundem nos seus habitadores o seu espirito, e o seu desprezo do Mundo, e o pouco trato delle; de que nasce, que alguns Religiosos, para de todo se esquecerem do seculo, saõ perpetuos Conventuaes deste Mosteiro. Sofra-nos o Leitor a digressaõ, que he justa recompensa do bom trato, e acolhimento, que achamos nestes Religiosos, o que lhe agradecemos com esta lembrança. Deu o Geral licença ao Veneravel Fr. Martinho, para que sem dependencia de Prelado algum, podesse receber todos os Religiosos, que das outras Provincias se lhe quizessem aggregar, naõ só do Reyno, mas ainda dos estranhos: e no caso, que se movesse alguma duvida, recorreriaõ ao Provincial dos Algarves, para a decidir como Juiz; porque o seu governo seria independente delle. Entaõ foy recebido por elle, Fr. Pedro Lagarto, sendo o primeiro Noviço da Provincia, como já dissemos. Era natural de Setuval, e foy o primeiro Professo, e o primeiro Estudante de Theologia, e o primeiro filho desta Casa, que disse Missa, e em tudo teve primogenitura da Provincia, em que viveo cincoenta annos. Tendo de idade 66 annos, morreo no de 1590, e seu corpo foy enterrado na Igreja, e depois trasladado para o pé do Nicho da alampada, na Capella môr. ElRey D. Sebastiaõ o estimou muito, e delle li, que nas suas mãos Professara a Regra da Cavallaria da Ordem de Christo, de que era Mestre, no Algarve; porém temos nisto alguma duvida, e naõ nos atrevemos a affirmallo. Era muy applicado, e trabalhador, pelo que deixou muitos livros escritos da sua maõ, e em sete Tomos com hum copioso Index, hum com este titulo: *Summa utilis omnium notabilium, quæ in postilla Hugonis Cardinalis super utrumque testamentum continentur à Religioso quodam Prædicatore Provinciæ S. Mariæ à Arrabida fideliter extracta, & ordine alphabetico digesta.* Delle se lembra a *Origem da Provincia da Arrabida* m. s. e Joaõ de Brito de Mello, na *Chronica* m. s. desta Provincia, que deixou imperfeita, e nós temos em nosso poder o original della; o Padre Fr. Antonio da Piedade na *Chronica da Arrabida*, part. 1. liv. 4. cap. 23, onde diz, que passados vinte annos, abrindo-se a sua sepultura, se achou inteira, e perfeita, a organisaçaõ, e unidos os ossos huns a outros, miollos seccos, com hum cheiro muito suave, e se trasladaraõ para outro lugar, com hum Letreiro.

E Foy Miguel, Japaõ de nascimento, e padeceo no anno de 1633, nas continuadas perseguições, que o nome Christaõ teve naquelles Reynos. Delle faz memoria Cardim, *Catal. dos Mortos pela Fé*, pag. 323.

F Empregaraõ-se estes dous Padres na dilataçaõ da Fé, com o zelo da conservaçaõ das almas, como temos relatado. Era o primeiro natural da Villa de Santarem, e filho da Provincia de Portugal. O segundo da Cidade de Lisboa, filho da Congregaçaõ da India: durou a sua memoria até os annos de 1640. Delles trataõ Fr. Antonio da Encarnaçaõ, na Relaçaõ, que imprimio daquellas Missões, cap. 3. pag. 16, e cap. 4. pag. 20; e Soveges no *Anno Dominico*, neste dia.

JULHO XXIX.

A EM a Villa de Monçaõ, o Transito de Santa Serafina Virgem, que sendo criada entre os falsos ritos da Gentilidade, seguindo os dictames de seus pays, com superfticiosa veneraçaõ adorava em a flor da sua idade ao demonio, em seus Idolos. Já por este tempo andava o Apostolo Santiago em Hespanha, annunciando a palavra do Evangelho, e chegando a esta Villa, prégou a doutrina de seu Mestre, cujas vozes se imprimiraõ taõ altamente no coraçaõ de Serafina, que movida do Nome de Jeus Christo, e obrigada da verdade, e eloquencia do Apostolo, subitamente illustrada pela Divina Graça, se lhe lançou aos pés, confessando ser Verdadeiro Deos Jesu Christo, Filho do Eterno Pay. A conversaõ desta Virgem servio de grande satisfaçaõ ao Santo Apostolo, que depois de a instruîr nos Mysterios principaes da Fé, a bautisou, e deixando-lhe sagradas instrucções para a perfeiçaõ da vida, se despedio da Santa Virgem, e seguindo a luz do Espirito Santo, a foy dar na sua doutrina a outras Cidades de Hespanha. Desposada a Santa com Christo, se abrazou toda no seu amor, gastando o tempo em orações, jejuns, e outros santos, e pios exercicios, e de taõ preciosas obras, lhe lavrou o seu Divino Esposo a Coroa, com que depois de chea de annos a recebeo na Celeste Jerusalem.

Santa Serafina Virgem

B Na Cidade de Evora, no Mosteiro de Santo Antonio, extra muros, a felice memoria do preclarissimo Prelado, e Santo Varaõ D. Theotonio, (a que chamaõ de Bragança) Arcebispo Metropolitano de Evora, que pela sua humildade, e pureza de vida, e costumes, foy hum dos mais insignes Prelados, que venera esta Igreja, e a sua memoria será em todas as idades, hum exemplar dos que desejarem seguir a perfeiçaõ do estado Episcopal; pois tem por idéa a insigne virtude deste esclarecido Varaõ, que sendo filho da Serenissima Casa de Bragança, se esqueceo totalmente da Real grandeza, em que nascera, e começou a tratar a sua pessoa com hum profundo abatimento, alicerce sobre que fundou o agradavel templo, que no seu coraçaõ dedicou à Divina Magestade, e em que depois lhe fez agrada-

D. Theotonio Arcebispo de Evora.

agradaveis ſacrificios. Em os annos mais floridos da ſua idade, ſe achava D. Theotonio, podendo eſperar, que a fortuna lhe daria logo aquelles lugares, a que o encaminhaſſe a inclinaçaõ, ſem que eſperaſſe merecellos por ſerviços, pois antecipadamente os tinha ſeguros, por ter naſcido filho da Sereniſſima Caſa de Bragança, em que a grandeza era tal, que para Soberana lhe faltava muy pouco. Começava neſte tempo a florecer o Inſtituto da Companhia de JESUS em Portugal, e ao meſmo paſſo a arder no coraçaõ de D. Theotonio, ſer imitador da exemplar vida daquelles Padres, tomando a Roupeta da Companhia, a que ſe oppunhaõ muitas difficuldades, que ſoube vencer a ſua generoſa reſoluçaõ, e finalmente veyo a conſeguir ſer admittido à Companhia com grande gloria ſua, e univerſal edificaçaõ de todo o Reyno, e ainda dos eſtranhos, chegando à Cabeça da Igreja, o brado deſta heroica acçaõ. Tratou D. Theotonio de ſeguir os impulſos da ſua devoçaõ, ſervindo a Deos com tal deſprezo do Mundo, e occupando a ſua peſſoa nos exercicios mais abatidos, em que o punha a obediencia. Parecia muy mal ao Duque ſeu pay, que D. Theotonio ſe ſogeitaſſe a occupações taõ vís aos olhos do Mundo, e aſſim intentou tirallo por violencia da Religiaõ. Chegou a queixarſe a ElRey D. Joaõ o III. porém vivia o filho taõ contente, e ſatisfeito no abatido, e humilde exercicio da Companhia, como podera eſtar na magnifica Caſa de ſeu pay. Aqui ſe dilatou o ſeu coraçaõ nas dilicias do eſpirito, e no zelo da honra de Deos, de tal ſorte, que lhe permaneceo com augmentos toda a vida. Mortificava-ſe com tanta aſpereza, que aos meſmos Padres cauſava admiraçaõ, o ver o elevado daquelle eſpirito, e como ſe queria adiantar a exceſſos, a que a prudencia dos Prelados lhe punha termo, muito contra vontade do ſeu deſejo, que aſpirava a mais aſpera vida, do que a do Inſtituto da Companhia. Neſtes exercicios perſeverou alguns annos, até que por debilidades, e indiſpoſições da natureza, ou porque a Divina Sabedoria, pelos inexcrutaveis ſegredos da ſua Omnipotencia, ſe queria ſervir delle em outro eſtado, como depois fez com tanta gloria ſua; ſe vio conſtrangido a largar a Roupeta, com grande ſentimento ſeu, e da Companhia, a que ſempre conſervou amor, e reſpeito de Mãy, tratando com os Religioſos com grande affecto,

affecto, fiando delles os negocios mais arduos da sua vida. Ordenado Sacerdote, começou a luzir na sua pessoa hum recolhimento, e decencia de vida, e costumes, que eraõ abonadoras da pureza da sua alma. Era muy curta a sua renda; porque naõ tinha mais beneficios, que a Thesouraria da Collegiada de Barcellos, e huma pensaõ de mil e quinhentos cruzados, que seu primo segundo ElRey Filippe II. lhe dera, e huma Igreja por provimento do Duque seu irmaõ, na Provincia de Traz os montes. Esta servio com tal exemplo, e charidade, que quando da sua vida nos naõ deixara outra memoria, esta bastava para alcançar pela sua virtude huma universal veneraçaõ. Era bem para admirar ver hum filho do Duque de Bragança, que era primo com irmaõ delRey D. Joaõ o III. a quem todos os Reys trataraõ com especial attençaõ, morar em humas casas taõ humildes, que eraõ cubertas de palha, sem adorno algum, pois todo o cabedal se dispendia em utilidade dos necessitados freguezes, edificando a todos com o exemplo, e com a charidade, que he a Rainha das mais virtudes, quando dilata o seu imperio na profunda humildade. Esta Igreja renunciou D. Theotonio, e se foy a viver a Salamanca, adonde lhe mandou as boas vindas a Madre Santa Theresa, que entaõ estava em Segovia: com ella teve especial trato, e como era virtuoso, toda a sua amisade era com Santos. Desta Cidade o tirou seu tio o Cardeal D. Henrique, para seu Coadjutor, e futuro successor do Arcebispado de Evora. Achava-se aquelle Prelado com annos, e achaques, que o impossibilitavaõ ao governo da sua Igreja, e como reconhecia a virtude do sobrinho, o escolheo para esta Dignidade, em que o confirmou o Summo Pontifice, com o titulo de Bispo de Fez, onde do seu exemplo deu largos documentos de virtude. Naõ tardou muito a lamentavel perda delRey D. Sebastiaõ, nos Campos de Alcaçar, em que retrocedendo a linha Real dos Reys de Portugal, foy coroado o Cardeal D. Henrique, e assim que empunhou o Sceptro, fez cessaõ do Arcebispado de Evora em D. Theotonio, que sem dilaçaõ se recolheo à sua Diocesi, e nella foy recebido com grandes demonstrações de gosto. No anno seguinte convocou Cortes o Cardeal Rey, em a Cidade de Lisboa, e o mandou chamar a Evora. Neste tempo lhe chegou o Palio de Roma, que to-

mou

mou na Igreja do Carmo, da maõ do Arcebiſpo de Lisboa D. Jorge de Almeida. Acabado o acto das Cortes, alcançada licença delRey, ſe recolheo à ſua Igreja, e em pouco tempo começou a luzir o ſeu trabalho, paſſando a reforma ao auge da perfeiçaõ. A ſua caſa era o exemplo da modeſtia, e da pobreza; naõ parecia Palacio de hum Principe, que era Arcebiſpo de Evora, ſenaõ de hum muy pobre Parocho. Naõ havia oſtentaçaõ, que foſſe demonſtradora da grandeza de quem a occupava, ſenaõ da ardente charidade, com que ſoccorria aos pobres. Toda a opulencia daquella grande Mitra, ſe deſtribuîa em ſagrados empregos, e em remedio dos miſeraveis, ſó elle era o neceſſitado, pois ſó para a ſua peſſoa tinha por perdido qualquer leve gaſto. No anno de 1579, padeceo toda a Provincia huma fatal eſterilidade, de que ſe ſeguio huma grande fome em toda ella, e principalmente em Evora. Foraõ logo abertos os celleiros, e ſenhores delles os neceſſitados, e moſtrou a experiencia, que na grandeza do ſeu animo perigariaõ depois todos os mais; porque de toda a Provincia concorriaõ mendigos, ſem numero, às vozes da fama da generoſa charidade do Prelado, e aſſim ſe determinou, que ſe deſſe já o paõ cozido. Repartia-ſe todos os dias, dando-ſe a cada hum pelo numero da familia, que tinha que manter. A eſte caſtigo da Divina Juſtiça, ſuccedeo outro, ſenaõ mayor, mais horroroſo, com que ella coſtuma moſtrar aos Reynos o pouco que ha de miſter, para acabar com os mais dilatados, e opulentos Imperios; pois he a peſte o ſummario periodo da vida. Aqui ſe vio o animo, e o zelo do Prelado, naõ ſó como Pay, porque em taõ funeſtos accidentes coſtumaõ fogir os pays dos filhos; mas como Santo, porque a charidade obriga a mais eſtreitos vinculos, do que a natureza. Todos eraõ naõ ſó ſoccorridos com o preciſo; mas regalados com o que apeteciaõ, ſendo taõ largas as deſpezas, que empenhada a ſua prata, chegou a naõ ter hum caſtiçal, em que pôr huma véla, e a metia em huma laranja, que ſervia de caſtiçal, deixando neſte exemplo à vaidade das idades vindouras huma confuſaõ dos inuteis apparatos, com que ſe ſervem os Prelados da Igreja Catholica. Naõ era menos, que a generoſidade do animo, o zelo que tinha da ſalvaçaõ das almas, como bom Paſtor, diſtribuindo Parochos, e Religioſos, que voluntariamen-

te

te se offereciaõ para esta virtuosa empreza, sendo tal a sua vigilancia, que acodia aos que viviaõ em quintas, e ainda aos das Comarcas mais distantes, sem que ao seu cuidado fosse nada difficil; porque todos o achavaõ como Santo, e como Principe, com a pessoa, com o conselho, e com a fazenda. Andava pelas ruas, e Praças publicas, animando, e consolando a todos com a sua presença. Grande foy a edificaçaõ dos que serviaõ, mayor a gloria do Prelado, que com o exemplo os persuadia. Serenada esta horrorosa tempestade, em que acabaraõ tantas vidas, premiou com beneficios, e outros lugares aos Clerigos, que serviraõ com distinçaõ, sendo preferidos os de mayor merecimento no trabalho. Quizeraõ os Esmoleres dar contas das largas despezas, que se tinhaõ feito; naõ as quiz o prudente Prelado tomar: tal era a sua virtude, e tal o conceito, que tinha das pessoas com que se servia. Neste calamitoso tempo, he bem para admirar, que em todo elle naõ morreo pessoa alguma, que pedindo confissaõ se lhe naõ administrasse, nem que faltasse a justiça, pois em todos os lugares desimpedidos teve homens Letrados, com poderes de Provizores, para naõ padecerem detrimento os negocios. Em quanto durou o mal assistia no Convento da Cartuxa, seguindo a vida Monastica, como se a professara. Elle só servia no refeitorio aos Monges; assistia aos doentes, fazia-lhes a cama, varria-lhes a cella; ajudava ao Sacristaõ no serviço da Igreja; e passando a mayores expressoens da humildade, a seus proprios hombros carregava os ladrilhos, e como fazia mayor o pezo, do que o Padre, que o acompanhava, dissimulava a humildade com a galantaria de lhe dizer, que elle levava mayor carga. Era a sua pessoa vivo exemplar da humildade: nelle se vio esta virtude em gráo heroico; porque em todo o tempo, e em toda a occasiaõ resplandecia, ou fosse em casa, ou na rua. A sua mesa, quando estava na Cidade, era rodeada de doze pobres, a quem elle servia, e administrava a comida, e de ordinario mandava sempre, ou ao Hospital, ou aos Capuchos huma iguaria. Em quanto comia tinha liçaõ espiritual; depois de comer, mandava examinar aos pobres da Doutrina Christãa, e instruillos nos principaes Mysterios da Fé. Dentro da sua propria Casa havia Hospital para enfermos, convertendo as alfayas, que inventou a vaidade para adornar os Palacios

dos Principes, em uso dos necessitados. Caminhava hum dia para o Convento da Cartuxa, acavallo em huma mulla, que era a carruagem, de que ordinariamente usava, e vendo hum enfermo muito mal tratado no caminho, se apeou, e o mandou pôr nella, e levar ao seu Hospital. Em outra occasiaõ, estando em Almeirim, naõ tendo mais lançoes, que os da cama, mandou tirar hum para amortalhar hum pobre homem, que o frio, ou a miseria fizera perecer à mingua. Chegou a descalçar os çapatos, para calçar a hum pobre. Naõ houve quem naõ experimentasse os effeitos do seu compadecido animo. Duvidava o seu Esmoler soccorrer a huma mulher honrada, recolhida, mas muy pobre, que tinha tres filhas; porque quando hia à Missa a via com luvas. Naõ faltou quem o dissesse ao Prelado, que lhe agradeceo a advertencia, ordenando ao Esmoler, que a visitasse, succedendo-lhe com este caso o mesmo, que ao grande Patriarcha de Alexandria Saõ Joaõ Esmoler, pois na charidade naõ parece, que excedeo a nenhum dos que venera a Igreja Catholica. O estado Religioso estimou muito, sendo as Religioens reformadas as do seu mayor trato. No Convento dos Capuchos de Val-Verde, fabrica sua, assistia muitas vezes; mas com tal recolhimento, que parecia hum Capucho, seguindo todos os actos da Communidade, lavando na cosinha a louça, e algumas vezes os pés aos Religiosos, naõ se eximindo de ajudar a coserlhe os Habitos, e outros exercicios de verdadeira humildade. Mas como naõ seria entre Religiosos desta sorte, onde a virtude he estimulo do mais empedernido coraçaõ, se em sua casa, no tempo da peste, se punha a fazer fios para os doentes, coserlhes as mantas, e os enxergões? Entre a magnificencia de Prelado soube usar da voluntaria pobreza, ainda com a sua pessoa. Em huma occasiaõ o buscava hum Cidadaõ de Evora, e naõ achando a quem dar o recado, se foy alargando a entrar pelas casas: quando menos o cuidava dá com os olhos em o Arcebispo, e o vê estar cosendo huns calções grosseiros. Corrido daquelle naõ imaginado espectaculo, se ausentava, sem dizerlhe palavra. Sentio o Prelado gente, e o chamou, perguntandolhe, porque se retirava sem lhe fallar? Pois Senhor, naõ quereis que me envergonhe de vos ver estar cosendo? A que com alegre rosto, lhe respondeo: nunca ouvistes aquelle celebre adagio:

gio: *Remenda o teu pano, para te chegar ao anno.* Isso Senhor, he muito bom para mim, mas para Vós, Principe da Igreja, a quem a grandeza do alto nascimento poz na mayor graduaçaõ da terra, naõ póde ser decente. Ao que o Santo Prelado respondeo estas palavras, dignas de eterna memoria: *Em quanto me posso servir destes, vou poupando outros para os meus pobres.* Oh exemplo de Prelados! Oh confusaõ de tanta ambiçaõ! Qual será a daquelles, que seguindo o nome de successores dos Apostolos, na Dignidade de Mestres do exemplo, e da doutrina, naõ se lembraõ da pobreza, parecendo-lhes que as rendas da Mitra, saõ herança dos seus mayores! Naõ causou menos espanto o ver como sofria desattenções, pois chegou hum Conego descomedido a offenderlhe com palavras o respeito, que lhe devia, como a Prelado, e como a Principe, a quem elle com rosto alegre socegou, e abraçando-o, o despedio, bem castigado neste carinho. Fez grande estimaçaõ dos seus Conegos, e assim costumava dizer delles, que como eraõ castos, tudo o mais lhes sofria. Finalmente, obrigado do zelo da Fé, foy à Cidade de Valhadolid, onde residia a Corte do Catholico Monarca, para impedir com outros Prelados o perdaõ geral, que pertendia a gente de Naçaõ Hebrea. Aqui accommetido de hum accidente de apoplexia, cheyo de annos, e de virtudes, se foy a gozar o premio de huma vida inculpavel.

O V. Frey João da Povoa Franc.

C Em o Convento de Nossa Senhora de Matozinhos, junto à Cidade do Porto, acabou com ditosa morte o glorioso curso de seus trabalhos, o Padre Fr. Joaõ da Povoa, Varaõ Apostololico, em quem o zelo da observancia da Religiaõ, e o amor da santa pobreza, foy herdado do abrazado espirito de seu Serafico Patriarca, para elevar a Provincia de Portugal ao auge da perfeiçaõ. Desde os primeiros annos da sua mocidade foy occupado no serviço da Provincia, de que soube dar taõ boa conta, que sete vezes foy eleito em Vigario Provincial, em que com incansavel zelo trabalhou pela honra de Deos, e gloria da Serafica Religiaõ, colhendo gloriosos frutos das suas fadigas; pelo que será sempre venerado o seu nome. Todos os annos visitou a Provincia: foraõ largos os caminhos, que andou; porque nove vezes foy mandado ao Capitulo Geral, já por obrigaçaõ do Officio, já por eleiçaõ dos Capitulares, e

em jornadas taõ compridas, ſempre caminhou a pé, de que reſultava gretarem-ſelhe os pés, muitas vezes abertos da continuaçaõ dos caminhos, que lhe impedia o andar; mas elle com deſuſado modo os coſia com hum cabo, à maneira de Çapateiro, ſendo ainda o remedio muitas vezes mais penozo, do que a cauſa. O ſeu modo de fazer jornadas, era Apoſtolando com hum bordaõ na maõ, o Breviario na manga, pedindo de porta, em porta, o preciſo ſuſtento daquelle dia. Nunca levou alforge, e ſó trazia aos hombros algumas vezes, quando voltava para a Provincia, elle, e ſeus Companheiros, livros, com que provia os Conventos, no que teve grande cuidado; porque deſejava, que foſſem doutos, e pobres; e como a pobreza naõ dava lugar a poder comprar dos poucos, que entaõ ſe imprimiaõ, elle de ſua propria maõ trasladava huns, e o mandava fazer por outros, para aſſim poderem chegar às mãos de todos os Frades. Foy grande obſervante da ſanta pobreza, e aſſim em ordem à melhor obſervancia deſta virtude, zelava as mais leves couſas, que via nas ſuas Communidades, reprehendendo com ſanto animo, ver huma Cruz de prata no Convento de Leiria, e no da Caſtanheira huns colchões de lãa rotos, e huns traveſſeiros de pennas; e no de S. Clemente foy tal a dor do ſeu eſpirito, que em gritos reprehendeo a Communidade, para que logo ſe extinguiſſem alguns perniciosos abuſos, que ſempre arrancou com o ſeu exemplo. Reformou o Convento de Santa Clara de Lisboa, de que naõ aceitou nem o comer, pois a horas de jantar ſe recolhia para o valle defronte do Moſteiro, e ao pé de huma oliveira, comia do que ſeu Companheiro levava na manga. Eſtudava muito para ſe ver livre dos embaraços das Prelaſias, e ſe retirar a viver em contemplaçaõ aos Conventos mais ſolitarios. O da Inſua foy o ſeu primeiro domicilio, e depois o ſeu amado abrigo, eſte em que faleceo por eſpecial devoçaõ à Senhora, a que lhe dava o titulo. Mas nenhum deſtes retiros podia lograr como deſejava; porque os negocios da Provincia o deſinquietavaõ, quando elle menos o imaginava, e depois a eleiçaõ delRey D. Joaõ o II. que o fez ſeu Confeſſor; porém com tal condiçaõ, que naõ havia de ſer chamado ao Paço, ſenaõ ao tempo preciſo, para o miniſterio de que ſe queria ſervir delle, fogindo de todos os mais negocios, que naõ era o do Sacramento da Peni-

Penitencia. O de mayor importancia, mas de sua consciencia, que foy a successaõ do Reyno, foy regido pela sua prudencia, e conselho. ElRey D. Manoel o desejou conservar no mesmo emprego, elegendo-o seu Confessor, o que elle humildemente recusou, pedindo-lhe o deixasse acabar com socego da sua alma, em hum Convento dos retirados da Corte. Daqui o tirou ainda a Religiaõ para a governar, até que descançado já de tantas fadigas, cheyo de annos, cortado de trabalhos, gastado das penitencias, lhe quiz o verdadeiro Remunerador dar o premio merecido do seu zelo, e chamando a Communidade, exhortou nos presentes a toda a Provincia à Observancia da Regra, e da Serafica pobreza; e despedindo-se com lagrimas de seus amados Religiosos, com devotas palavras, lhes lançou a sua bençaõ, e se foy a gozar da Eterna Bemaventurança.

Irmaõ Luiz Bravo, da Companhia.

D No mesmo dia, no Collegio de Santo Antaõ de Lisboa, acabou rendido do horroroso contagio da peste o Irmaõ Luiz Bravo, Companheiro do Procurador da Provincia, que com grande zelo, e charidade, acodio aos feridos deste mal, levando-lhes doces, e outras esmolas, que adquiria, de que se seguio ser accommetido do contagio, e recebendo os Sacramentos da Igreja, foy receber o premio da sua ardente charidade.

Irmaõ Balthazar, da Companhia.

E Item em Evora o Irmaõ Balthazar Gonçalves, da mesma Companhia, que estando na Enfermaria tysico, lhe sobreveyo huma maligna erisipéla, que lhe abreviou a vida, que sempre empregou em santos exercicios, edificando com a sua humildade, para o que pedia a Deos lhe desse proprio conhecimento, e desprezo da sua pessoa; e ainda que o seu bom engenho lhe podera dar occasiões de vaidade, sabia rebater o seu cuidado, com muitas penitencias, com que de ordinario se affligia, com jejuns, disciplinas, e cilicios, a que ajuntava continua oraçaõ, em que recebia grandes consolações do Altissimo. No tempo da doença suppria a Oraçaõ mental, com a vocal, rezando Coroas do Nome de Jesu, a que se seguiaõ amorosas jaculatorias. De taõ frequentes exercicios, se deixa conhecer a pureza da sua consciencia, sempre atada à vontade dos Superiores; de sorte, que nunca recusou, ou em saõ, ou em doente, satisfazer ao que lhe mandava a obediencia.

Em

Fr. Joaõ de Padua, Frãciscano.

F Em o Obſervante Convento de S. Franciſco de Lisboa, o Tranſito do Padre Fr. Joaõ de Padua, a quem a natureza dotou de huma voz taõ ſuave, que já parecia prognoſtico de imitar aos Anjos, pela melodia, com que cantava os louvores do Senhor. Eſtudou com particular cuidado, o como havia de deſempenhar as virtudes do Pay, de que a ſua vocaçaõ o fizera filho; e como elle na vida teve amiſade intima com o Patriarcha S. Domingos, até neſta circunſtancia lhe naõ quiz faltar a ſua piedade: e para ſe conſervar a memoria de hum amor taõ ſagrado, mandou pintar a eſtes dous Santiſſimos Patriarcas. Cheyo já de virtuoſos trabalhos, cahio enfermo, e lembrados os Padres da ſua cordeal devoçaõ, para com o Padre S. Domingos, lhe cantaraõ huma Miſſa no Altar da Enfermaria, em honra daquelle Santo, e de huma Reliquia ſua, que para alivio do enfermo lhe trouxeraõ. Deſte piedoſo obſequio ſe ſatisfez o Santo Patriarca, de ſorte, que todo o tempo, que durou a Miſſa, lhe appareceo em fórma de hum Religioſo deſconhecido, e o eſteve animando a vencer valeroſamente as agonias da morte, e a eſperar ſeguramente o deſcanço da Eternidade.

O V. Padre Fr. Luiz Beltraõ, e ſeus Companheiros MM.

G Item em Vomura, no Oriente, as glorioſas coroas, e triunfantes palmas dos Inclytos Operarios do Evangelho, o Veneravel Padre Fr. Luiz Beltraõ, Miſſionario Apoſtolico, Mancio da Cruz, Pedro de Santa Maria, e Martha, todos filhos do grande Patriarca Saõ Domingos. Ainda Fr. Luiz naõ era Sacerdote, quando já ſe abrazava no zelo da converſaõ das almas, deſejando paſſar a Regioens eſtranhas, em beneficio da ſua ſalvaçaõ. Em o anno de 1618, embarcou para Manilha, Metropoli das Filippinas, com alguns Religioſos, e logo deu a conhecer aos Superiores o ſeu ardente zelo. E porque ainda naõ era Sacerdote, o fizeraõ applicar ao uſo da lingua de hum povo viſinho, para que depois de Ordenado o inſtruiſſe no conhecimento do Verdadeiro Deos, o que elle conſeguio felizmente, fazendo-ſe em pouco pratico na lingoa da terra. Era grande a neceſſidade de Miſſionarios no Japaõ, por ſer cruel o odio, com que ſe perſeguia ao nome Chriſtaõ. A eſta trabalhoſa Miſſaõ o mandou a obediencia, e para o conſeguir, entrou disfarçado no traje da terra, naquelle Imperio, que o Senhor lhe tinha deſtinado, para nelle conſe-

guir

guir a gloria de Martyr da sua Igreja. Fallou logo com propriedade a lingoa do Paiz, parecendo mais assistencia de Deos, do que cuidado do seu feliz engenho. O seu Superior o mandou para o Reyno de Vomura, onde se desejavaõ muito Operarios da Vinha do Senhor. Aqui trabalhou tres annos, soportando desprezos, fomes, sedes, e inexplicaveis trabalhos, que só ajudado da Divina Graça podia vencer. Aqui succedeo hum portentoso caso a hum Chistaõ, e foy, que partindo hum paõ, achou dentro duas Cruzes taõ perfeitas, que os mais peritos Artifices, as naõ podiaõ obrar mais polidas, por naõ chegar a idéa da Arte a tanta perfeiçaõ. Huma destas Cruzes tomou, como presagio feliz do martyrio, e com esta esperança voltou a este Reyno, onde consolou a sua presença a todos aquelles Christãos, que de noite visitava, e de dia se recolhia em huma cabana, donde estavaõ os leprosos; mas nem aqui se livrou de o prenderem os Ministros das Justiças, e aos seus dous Companheiros Cathequistas, que eraõ Pedro de Santa Maria, e Mancio da Cruz. Este como pratico do Paiz, o conduzia seguro aos lugares dos Christãos, que de novo se aggregavaõ a receberem o sagrado Bautismo. Conduziaõ ao carcere aos Servos do Senhor, quando vendo Martha, que era sua filha espiritual, aquella crueldade, naõ pode resistir ao impeto da dor, e em lagrimas, e suspiros, começou a clamar, que era Christãa; pelo que tambem foy preza, e levados ao carcere, passaraõ por hum anno grandes miserias; e porque desejavaõ morrer com o Habito de Saõ Domingos, lhes lançou o Habito de Conversos, e a Martha o de Freira, e no dia da Profissaõ, a foraõ solemnizar ao Ceo. Exhortados por Fr. Luiz, e preparados com os Sacramentos, sahiraõ todos do carcere com extraordinario gosto, offerecendo os seus corpos por triunfo da Fé; pelo que foraõ abrazados em fogo lento, os tres Religiosos, e Martha, e tambem Brites, e Joanna, suas caseiras, e as suas bemditas almas apresentadas na Gloria, coroadas entre o numeroso exercito dos Martyres.

Nove Martyres do Japaõ.

H Item na mesma Cidade, voaraõ no mesmo dia ao Ceo, coroados com a immarcessivel palma do Martyrio Joaõ Gerozaymon, Luiz Guenxiro, Luiz Ximbioye, Joanna, sua mulher, Thom, e Magdalena, sua mulher, que todos com generosa constancia, sofreraõ serem queimados por confessarem,

que

que eraõ Christãos, e a Joanna degolada, de quem eraõ filhos os primeiros dous queimados, sem que a nenhum causasse horror, nem medo, ver diante de seus olhos despedaçar as prendas do seu amor, pois a Luiz Ximboye degolaraõ seus dous filhos, Miguel de dous annos, e Pedro de quatro, que se foraõ alistar no numeroso esquadraõ dos Santos Innocentes.

D. Fr. Mattheus de Medina, Arcebispo de Goa da Ordem de Christo.

I Neste dia, na Sé Primacial do Oriente, o Anniversario de seu virtuoso Arcebispo D. Fr. Mattheus de Medina, que depois de ter professado nos Claustros do Real Convento de Thomar a Ordem de Christo, mereceo pelo seu exemplo, letras, e virtude, ser assumpto ao Bispado de Cochim, onde com zelo Apostolico se empregou todo no bem das suas ovelhas, ensinando, e prégando, com tal ardor, que pela sua voz receberaõ muitas almas a luz da graça, de que andavaõ esquecidos, e apartados, em huma abominavel vida. Depois de governar nove annos esta Igreja, com geral satisfaçaõ, foy promovido à alta Dignidade de Primaz do Oriente; mas naõ pode a grandeza da Dignidade mudar os santos costumes; mas antes se fizeraõ mais publicos aos olhos da nobreza de Goa, com respeito a sua virtude. No anno de 1592, celebrou Synodo Provincial, e foy o quarto da Igreja Primacial de Goa. Tudo quanto possuîa despendia com desapego com os pobres, e sendo liberal para os soccorrer, só para comsigo era avaro; porque se naõ considerava mais, que hum pobre Religioso. A sua casa se compunha de pequena familia, sem apparato, nem ornato algum, e taõ pobre, que por muitas vezes foy advertido, de que era preciso, que o Arcebispo Primaz do Oriente, se tratasse com estado competente à sua grande Dignidade, para que os Infieis reconhecessem na magnificencia do trato a veneraçaõ, com que o deviaõ respeitar; a que com singular modestia respondeo: que os Prelados mayores, que teve o Mundo foraõ os Apostolos, e que do seu abatimento, e exemplo crescera a Igreja ao auge, em que a venerava a Fé, e que só aquelles exemplares da doutrina, e da Religiaõ Catholica, deviaõ seguir os Prelados da Igreja, para com o seu exemplo se reformarem os costumes, e se extirparem os abusos. Este zelo de Pastor da primitiva Igreja, que ardia no seu coraçaõ, he hum evidente testemunho da virtude deste Prelado. A' Virgem Santissima, a quem teve especial devoçaõ, com o

titulo

titulo da Luz, que se venera no Convento, que lhe da o nome, da Ordem de Christo, huma legoa distante de Lisboa, venerava na sua ausencia na estimaçaõ de hum manto seu, que levara para a India, com o qual obrou prodigiosas maravilhas, concorrendo a benignidade da Virgem a conseguir muitos enfermos milagrosamente a saude, com que se acreditava a virtude do Prelado, e se augmentava o culto da Mãy de Deos. Empregado finalmente em obras dignas de verdadeiro Pastor, sendo accommetido de huma grave doença, em que recebendo os Divinos Sacramentos, com placida morte acabou em paz.

Commentario ao XXIX. de Julho.

A NA Provincia do Minho, na Comarca de Vianna, a antiga Villa de Monçaõ, entre os antigos Termos do Reyno de Galliza, junto das fecundas ribeiras do esclarecido Rio Minho, debaixo da Primacial Bracharense. No *Martyrologio Romano*, neste dia, se faz mençaõ de Santa Serafina. *In Civitate Mamiensi Sancta Seraphina*, que tenho por sem duvida ser esta; mas muita em que *Mamia* seja Monçaõ, o que naõ achamos, senaõ approvado com a authoridade de Juliano, de que já tantas vezes temos dito o pouco credito, que damos a estes Chronicoens; mas como temos por materia indubitavel, que Santiago veyo a Hespanha, nenhuma difficuldade nos faz a que tivesse discipula, que com a sua doutrina chegasse ao summo da perfeiçaõ, e que seja a que apponta o Martyrologio, pois o Cardeal Baronio no Commento, naõ dá outra noticia mais, que achalla no *Martyrologio Romano* antigo; e ainda no m. s. o Author da *Corografia Portug*. tit. 1. fallando desta Santa, faz natural desta Villa a Santa Celerina, a qual foy natural de Evora, como refere o Licenciado Jorge Cardoso no dia 3 de Fevereiro. Neste dia faz della mençaõ Tamayo no *Martyrologio Hispano*, onde allega alguns Authores da sua opiniaõ; Caufino na *Corte Divina* Ephemer. de Julho; Antonio de Araujo de Azevedo *Mesopotamia de Portugal*, cap. 4. §. 4. m. s.

B O Serenissimo Duque de Bragança, D. Jayme (unico do nome) a quem ElRey D. Manoel fez jurar, por successor do Reyno de Portugal, quando passou a Castella, no anno de 1498, chamado pelos Reys Catholicos para successor dos Reynos de Castella, e Aragaõ, em que foy jurado herdeiro, e a Rainha D. Isabel teve de sua segunda mulher a Duqueza D. Joanna de Mendoça, por filho quarto a D. Theotonio, que nasceo em Coimbra, a 2 de Agosto de 1530, por se achar o Duque com toda a sua casa naquella Cidade, onde o tinha levado o receyo do mal da peste, em que ardia o Reyno. Foy-lhe posto o nome de Theotonio, por devoçaõ dos Duques ao Santo deste nome. Estudou humanidades em companhia do Senhor D. Antonio, filho do Infante D. Luiz, que depois com adversa fortuna morreo em Pariz, appellidando-se Rey de Portugal. Estudou Theologia em Burdeos, e Pariz; correo varias Cortes de Italia; esteve em Inglaterra; soube diversas lingoas, e com perfeiçaõ a Franceza, em tempo, que naõ era taõ commua, como hoje. Entrou na Companhia, como temos dito, conservando-lhe tal amor, que a Madre Santa Theresa de Jesus, com quem teve mais larga communicaçaõ, em huma Carta das que andaõ impressas no seu Epistolario, lhe diz: (pomos as proprias palavras; porque naõ póde haver traducçaõ, que exprima o discreto, e sentencioso daquelle illustrado espirito) *Harto me consuelo, que tenga V. S. la Compañia tan por suya, que es de grandissimo bien para todo.* Grandes foraõ as virtudes deste Prelado; e quando da sua virtude naõ tiveramos taõ irrefragaveis testemunhos na sua vida, bastava

para credito della o respeito, com que o tratava a Santa Madre, como pode ver o curioso Leitor, a pag. 7, e pag. 11. do Tomo das suas Cartas. Huma chegou a nossas mãos da propria letra da Santa, escrita ao nosso Arcebispo, a qual nos pareceo razaõ lançalla aqui, para gloria de quem a escreveo, e de para quem era escrita.

Sobrescrito.

Al magnifico, y Illustris. Señor Arçobispo el Señor Don Teotonio de Bragança defienda el Señor.

Jesus.

La gracia y amor del Divino Espiritu Santo sea siempre en la compañia de Vuestra Señoria Illustrissima. De mucho gusto me serbieron las nuevas de su recogimiento a essa Ciudad, y nò de poca pesadumbre la que acà corriò de su enfermedad; porque le deseo mucha salud. El Señor, que fue servido librarle, lo defienda como han menester los pobres, de quien es mas que padre; y cierto, que sus limosnas son los mejores antidotos en toda enfermedad, pues sanando la del anima, tambien las plegarias de los que las reciben, que no son pocos, piden al Señor le dilate la vida para socorrerlos. Harto han cuidado las tercianas en esta Villa dó nò huvo casa, que no las sentiesse, y muchos con la vida, y aun con pocos alientos, muxos de dexarla los pobres mas que toda, si la piedad de la santa hermandad no fuere, pues por las calles a cada rincon nò a uno, mas dos, tres, y tal ves mas, hizieronse preces, predicò el P. M. Onofre de S. Elias, y a su voz nò huvo casa, que pudiesse, que no llevasse parte dellos a curarlos, y aun lo que es prodigio algunos avaros, a que ninguna necessidad hallo asilo, tanto puede la lengua de un justo, que buelve cera coraçones de hierro, thesoros son ocultos, que el Divino Señor tiene para sus tiempos guardados: nò tuvimos poco trabajo, que tuvimos diezyocho hermanas assaz peligrosas, y morieron tres dellas, y cinco nò estan libres de peligro. Beso las manos a V. S. Illustrissima por la magnifica limosna, y à nò se olvidar de nos otras con tantas razones, que huvo para ello se atribuye a merced del Señor, y cierto mucho a de darle de gloria a quien tam bien sabe repartir con sus hijos. Con mis ruegos, y todas le importunamos de continuo, que dilate, y acreciente la vida y estado de V. S. Illustrissima como hemos menester los socorridos de sus magnificencias, y despues de dilatados siglos les dê la gloria, que le custò su preciosa sangre, para que todos le alabemos sin limite. De Sevilla, y diezysiete de Setiembre de mil y quinientos y sessienta y nueve.

Humilde esclava de V. Illustrissima Señoria, que s.m.b.

Theresa de Jesus.

He esta Carta huma singular prova da Santidade deste Prelado, e da discriçaõ, e virtude da Santa Madre, que misturando no respeitoso, no Santo, e no familiar as faiscas do abrazado amor de Deos, em que ardia, ensina com agradecimento o modo de amar, quem era Santo: todo o seu trato era com Santos. Do Apostolo do Oriente S. Francisco Xavier vimos outra, supposto que de Amanuense, assinada pelo Santo, que tambem será agradavel ao Leitor; e nós queremos conservar por meyo da estampa, memorias taõ insignes, para que se dilatem na veneraçaõ das gentes, tirando-as da sepultura do esquecimento.

Sobrescrito.

Al magnifico S. el S. D. Theotonio Arçobispo a

Portugal.

Ilustrissimo Señor.

El Santissimo nombre de Jesu sea siempre en ajuda, y favor nuestro, para que le amemos, y sirvamos, como el merece. Mui magnifico Ilustrissimo S. deuda precisa fuè a lo generoso V. Ilustrissima S. coresponder con el deseo de su padre aguelo pues en muchas ocasiones intentaron lo que V. Ilustrissima S. resolviò por el deseo del intento les tendrá Dios en la gloria, y a V. Ilustrissima S. le dará en esta vida el premio en su S. servicio para le hazer merecedor de la bien aventurança, que es el paradero, que Dios dá a sus escogidos; al Excelentis. S. Duque de Brigantia hago la misma obligacion, que aun que fuè todo alcançado a la persuasion de V. Ilustrissima S. con todo es el padronero, y quien todo lo haze.

Suplico a V. Ilustrissima le adevierta, que a la aceptacion de Ermanos nó pida por los que nó fueren benemeritos para ello,

ello, se entiende las buenas costumbres, que la virtud es la mejor calidad, y la demas Dios os dueñe de nuestras, y la mayor nobleza es servirle como el nos quiere, y a de ansi premetirlo para que todos nos veamos cortezanos de su Ciudad Real. El guarde la Persona de V. Ilustrissima S. y conserve siempre en su S. servicio. De Goa a XXV. de Deciembre MDXLVI.

Siervo en el nombre de Jesus, que s. m. b.

Francisco de Xavier.

A quem naõ encherá esta Carta de hum horroroso respeito, pois a materia, que trata, devia de ser de tanta gloria de Deos, que só pelo desejo com que a intentaraõ, e a naõ conseguiraõ seu pay, e Avó, diz o Santo, que os terá Deos na Gloria, que ao Santo Arcebispo lhe daria o premio nesta, e na outra vida? Com tanto zelo se empregava no serviço de Deos, que merecia a approvaçaõ daquelle Apostolo do Oriente. Assim o devia pedir o relevante do negocio, que tinha levado tanto cuidado. Teve grande zelo das suas ovelhas, que com o exemplo, e doutrina manteve, admoestando aos escandalosos, procurando apartallos com suavidade das occasioens, escolhendo Religiosos, para que da sua parte os advertissem; de que resultou fazer casar a muitos publicos amancebados. Dispendeo grande somma de dinheiro em Fabricas. Obra he sua a insigne Cartuxa de Evora, digna do seu generoso animo, a quem deve Portugal o conhecimento desta Religiaõ, que à custa do seu cuidado, e despeza trouxe a elle.

O Padre Manoel Pimenta, lhe fez o seguinte

EPIGRAMMA

HActenus ignotas per te quod vector in oras,
Princeps ingenii est munus, opusque tui.
Adjicis egregiis quod templa insignia natis
Natorum, & Patris sub lare, vivit amor.
Quod veniente die, quod me fugiente, requiris
Te duce Brunonem noxque, diesque sonat.
Spiro quod Augusta cælatus imagine mira
Hoc animi pietas, hoc tua dextra facit.
Multum aliis Princeps, tribuis mihi prodigus uni
Cum sis, si jubeas solvere, parcus erit.

Fez hum Hospital, e hospedaria de pobres da invocaçaõ da Piedade, a que assinou rendas da Mesa Archiepiscopal, que inda hoje se conservaõ. Edificou o Seminario de S. Mancio, e deste Santo alcançou huma Reliquia, que collocou na Cathedral, no anno de 1592, como diz o *Agiologio Lusit.* Tom. II. a 12 de Abril. Ordenou hum Recolhimento para Donzellas, a que já tinha dado fundo de rendas, e a morte lho naõ deixou ver acabado. Reedificou outro para mulheres convertidas, que sustentava à sua custa. Aos Padres Carmelitas Descalços deu grandiosas esmolas, pára as obras do seu Convento. O de Santo Antonio da Provincia da Piedade poz na sua ultima perfeiçaõ, e nelle está sepultado na Capella mór, em humilde lugar, com o seguinte Epitafio.

AD D. O. M.
Gloriam.

Coænobium istud D. Ant. Ord. D. Fran. Provin. Pietatis ab Henrico Cardinali Infanti, & Archiepiscopo Eborensi, & postmodum Portugalliæ Rege magna parte constructum, Theotonius Jametis IV. & Joannæ à Mendoça Ducum Bragantiæ Filius, cujus corpus

hìc in Domino quiescit, uti dicti Regis ejusdem Archiepiscopatus Coadjutor & futurus successor, ita suæ piæ voluntatis zelator propriis sumptibus perficiendum curavit, consumatumque vidit. Obijt die XXIX. Julij 1602.

Sendo este virtuoso Prelado taõ pio esmoler, naõ foy menos magnifico nas occasioens publicas, como se vio, quando veyo a este Reyno a Emperatriz D. Maria de Austria, a visitar seu irmaõ El-Rey D. Filippe, que residia em Lisboa, e trazendo huma luzida comitiva de Senhores, e Principes, a todos hospedou, e fez as despezas no seu Arcebispado, no anno de 1583. Recolhendo-se de Lisboa, para Madrid o Prudente Filippe, fez o caminho por Evora, sómente por visitar ao Arcebispo, que o hospedou, e a toda a Corte, com igual grandeza. Esta soube sempre conservar, tendo nas Cortes Estrangeiras Agentes seus, para ter noticias do que se passava, sabendo ser Principe, quem só cuidava em ser Santo, e taõ desinteressado, que tendo na Curia Romana a nomina de Cardeal; por El-Rey D. Sebastiaõ, nunca se lembrou de fazer diligencia sobre esta materia, que à sua grande pessoa era muy facil. Mas como cuidaria em mayores Dignidades, quem era taõ humilde, que no seu testamento ordenou, que morrendo fóra da Cidade de Evora, fossem seus ossos trasladados, sem mais apparato, do que postos sobre hum jumento, dentro de hum sacco, e levados ao lugar, que tinha determinado para sua sepultura. Aborreceo muito a hypocresia, e vestindo sempre honesto, e pobre, foy com muita limpeza, e gravidade; succedendo-lhe o mesmo, que a Saõ Boaventura, que dizia ser a limpeza exterior significaçaõ do que interiormente passava na alma. As suas mãos nunca viraõ dinheiro, senaõ algum preciso, para dar aos pobres. Foy de estatura grande, encorpado, e cheyo de carnes com perfeiçaõ; tinha o rosto comprido, alvo, rosado, a barba basta, o cabello castanho sobre louro, calva a cabeça, nariz comprido, mãos torneadas, e muito alvas, pelo que naõ trazia luvas, para que o tempo lhas denegrisse. Era por natureza colerico; mas soube tanto dissimulalla a sua humildade, que nunca foy notado do tal defeito. Escreveo algumas Cartas Pastoraes aos seus subditos, duas andaõ impressas, que saõ as que fez quando se ausentou da sua Igreja para ir à Corte, e della passar a Roma, sobre a emenda dos peccados causadores dos trabalhos de entaõ feita a 21 de Janeiro de 1599; outra quando foy à mesma Corte, com outros Prelados, a impedir o indulto da gente de naçaõ, ambas cheas de saudaveis conselhos, espirito, e amor do augmento das suas ovelhas. Imprimio mais o Regimento do Arcebispado, e foy o primeiro, que em Portugal se imprimio. Fez imprimir as Cartas do Japaõ, e da China, escritas pelos Padres da Companhia, desde o anno de 1549, até 1589, em Evora, no mesmo anno. Finalmente naõ houve cousa, que fosse do serviço de Deos, a que naõ estivesse prompto com a vontade, e com a fazenda.

Trataõ deste Santo Arcebispo, Nicolao Agostinho, na sua *Vida*; a *Chronica da Companhia* de Telles, part. 1. liv. 2. cap. 37; Fr. Belchior de Santa Anna *Chron. Desc.* part. 2. pag. 341; Fr. Manoel de Monforte, na da *Piedade*, liv. 4. cap. 2. pag. 481; a dos *Conegos Regrantes* de D. Nicolao de Santa Maria, part. 2. pag. 462, e pag. 522; Sousa na *Historia de S. Domingos*, part. 2. cap. 14. pag. 86; Faria na *Europa* part. 3. pag. 226; Affonso de Torres, no seu *Nobiliario* m. s. e outros; Franco na *Bibliotheca Lusitan.* m. s. Imhof. *Stemmatis Regii Lusitanici* Tab. III. D. Isidoro Nardi *Genealogia Valignana*, pag. 169; Moreri *in verbo Bragance*; Palafox no *Commento às Cartas de Santa Theresa*, pag. 9; *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, liv. 6. cap. 11. pag. 649. do Tomo V.

C No Convento de Nossa Senhora da Conceiçaõ de Matozinhos, que foy edificado das Reliquias do de Saõ Clemente das Penhas, se cantaraõ as primeiras Vesperas, no dia da Immaculada Conceiçaõ, do anno de 1478, em que prégou Fr. Luiz de Béja, Vigario da Casa, que foy o que fez esta mudança, a que assistio o Vigario Provincial Fr. Joaõ da Povoa, que depois o escolheo para jazigo. Cresceo esta obra com a grandiosa esmola

de

de D. Margarida de Vilhena, mulher de Joaõ Rodrigues de Sá, Alcaide môr do Porto, Senhor de Sever, e por este beneficio agradecidos lhe deraõ a Capella môr os Religiosos para seu enterro, e veyo a ficar Padroado da Casa do Marques de Fontes, seu descendente; e depois com a industria de Fr. Alvaro de Cordova, Frade Leigo, Guardiaõ deste Convento, homem, que pela sua virtude foy muy amado dos Principes, se aperfeiço-ou muito o material desta Casa. Nella acabou Fr. Joaõ da Povoa, em quem foy tanta a humildade, que naõ deu lugar à ambiçaõ; pois sendo aceito, e estimado delRey D. Joaõ o II. nunca quiz merce, nem honra alguma, recusando os Bispados, que lhe offerecia; e instando hum dia ElRey, que lhe pedisse alguma cousa, pelo satisfazer, lhe pedio desse foral de Villa ao Lugar da Povoa, sua patria, o que lhe concedeo sem demora. Esta foy a merce, que tirou do valimento de hum Principe taõ grande, em que a generosidade foy igual às demais virtudes, que lhe deraõ o nome de perfeito. Com elle fez o seu testamento na Villa das Alcaçovas, no anno de 1495, inda que D. Agostinho Manoel, na Vida deste Rey, que escreveo com singular estylo, diga, que foy com Antaõ de Faria, o que se confirma com Rezende, que foy seu criado, e lhe assistio sempre, e com o que escreve Faria, quando falla do que continha o testamento; pois diz: *Esto fue lo mas sustancial del testamento, y el era, nó el que hizo con Anton de Faria, mas despues con su Confessor en las Alcaçovas a 29 de Setiembre de* 1495; o que tambem segue o Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, na Vida que deste Rey compoz em Latim, que em pureza de lingua, e elevaçaõ de estylo, naõ cede a nenhuma, que neste idioma anda escrita, de que bem se deixa ver o grande talento, e erudiçaõ de seu Author. Compoz Fr. Joaõ da Povoa hum *Catalogo dos Vigarios Provinciaes*, de que faz mençaõ o Padre Francisco da Cruz, nas Memorias para a *Bibliotheca Lusitana* m. s. que deixou principiada. Foy enterrado no Claustro no Cemiterio commum, e depois de cento e dez annos, trasladado para huma parede do mesmo Claustro, com o seguinte Epitafio.

Ossa Beati P. Fr. Joannis à Povoa, hìc translata anno 1616.

Ossa Venerabilis P. Fr. Joannis da Povoa Serenissimi Joannis Secundi Portugalliæ Regis Confessarii, subter hunc deposita sunt lapidem septies in hujus Provinciæ Provincialem electus est, noviesque ad diversa Generalia Capitula pedes perrexit. Obijt anno 1506. Cum maxima sanctitatis fama.

Trataõ delle Manoel de Faria na *Europa Portug.* part. 2. pag. 466; o Marquez de Alegrete na *Vida delRey D. Joaõ o II.* pag. 267. *penes me*; Resende *Chronica delRey D. Joaõ o II.* cap. 207; D. Agostinho Manoel na *Vida do dito Rey*, liv. 6. pag. 330; as *Historias da Ordem*; Fr. Marcos, part. 3. liv. 8. cap. 44; Esperança part. 2. liv. 10. cap. 46; Soledade part. 4. liv. 1. cap. 16; Artur no *Martyrologio Franciscano*, o poem a 6 de Setembro, por lhe naõ saber o dia proprio, que foy este, como consta dos Authores acima citados, de idade de 67 annos; Gonzaga pag. 802; Rapineo Decada 1. Wandigo tom. 4. ann. 1392.

D Na grande peste, que padeceo a Cidade de Lisboa, no anno de 1569, que ainda com horror lemos nas nossas Historias, morreo o Irmaõ Luiz Bravo, natural do Reyno do Algarve da Cidade de Tavira. Seguio primeiro a milicia da terra, sendo cinco annos Soldado pago; esteve cativo de Mouros seis, e livre da escravidaõ, e com o conhecimento do que era o Mundo, se alistou na Companhia de Jesu, tomando a Roupeta em Florença, no anno de 1557, de donde foy mandado para Evora a continuar o Noviciado; Franco *Imagem do Noviciado de Evora*, liv. 2. cap. 21.

E Nasceo na Cidade de Evora, o Irmaõ Balthazar Gonçalves. Foraõ seus pays Antonio Gomes, e Brites Gomes. Era de taõ perfeitos costumes, que no tempo

tempo do Noviciado dizia seu Mestre, que elle levava ventagem em tudo aos mais Noviços seus Companheiros. Morreo no anno de 1589, da contagiosa doença, que padeceo aquella Cidade, como dissemos no dia 27. Franco na *Imagem do Noviciado de Evora*, liv. 2. cap. 27; e no *Anno Santo da Companhia*, neste dia; e *Annus Gloriosus Societatis.*

F O Lugar do Cartaxo foy patria do virtuoso Fr. Joaõ de Padua, Vigario do Coro no Convento de S. Francisco da Cidade, onde morreo no anno de 1631, neste dia, como refere Esperança, na I. Parte das *Chron. da Prov.* liv. 2. cap. 17. pag. 227, e delle se lembra Franco na *Bibliotheca Lusitan.* dizendo, que escreveo muitas memorias para os Conventos da sua Provincia.

G Vomura, tragico Amfiteatro, em que foraõ martyrisados tantos Apostolicos Varoens, com glorioso credito da Fé, foy deposito das cinzas do Veneravel Fr. Luiz Beltraõ, natural de Barcelona, Capital do Principado de Catalunha, celebre em todo o tempo, e no nosso muito mais pelas mudanças, que nella representou a fortuna, exaltando-a, e abatendo-a em diversos Dominios. Era da familia de Exarch por seu pay, e de Beltraõ por sua mãy, que lhe deu o nome de Luiz, em memoria de Saõ Luiz Beltraõ, de quem era parenta. Foy grande o espirito deste Apostolico Religioso, como se vê do que temos escrito, e de huma Carta, que escreveo da prizaõ ao Administrador do Bispado de Macao Fr. Antonio do Rosario, da mesma Familia, no anno antecedente ao seu martyrio, que foy no anno de 1627, neste dia, em tempo que imperava no Japaõ Toxogunsama, filho de Daifusama. Em Roma se fez processo, que se imprimio, em ordem à sua Beatificaçaõ, e de seus Companheiros. De todos faz mençaõ Cardim no *Catalogo* pag. 303; Soveges no *Anno Dominico*, neste dia, e o abreviado a 31 deste mez; a *Historia das Filippinas*.

H Em o mesmo anno, e na mesma perseguiçaõ, foraõ martyrisados, como temos referido no Texto, aquelles ditosos Japoens, de que faz mençaõ Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, pag. 303; Soveges, e Lima no *Agiologio Dominico* a 16 de Agosto.

I Duas legoas da Cidade de Coimbra dista o Lugar de Condeixa, no qual nasceo o virtuoso Prelado D. Fr. Mattheus de Medina, de pays nobres, que o mandaraõ estudar a Coimbra, depois tomou o Habito no Convento de Thomar, a 12 de Outubro do anno de 1560, onde procedeo com tal exemplo, que occupando diversos lugares na Religiaõ, foy Visitador em companhia de Fr. Martinho de Ulhoa, depois Bispo de Congo, de quem faremos mençaõ a 8 de Agosto. No anno de 1577, foy nomeado Bispo de Cochim, e nesse mesmo anno partio para a India, e por morte de D. Fr. Vicente da Fonseca, Dominico, succedeo no Arcebispado de Goa, e foy o VII. na Ordem dos Prelados, que occuparaõ esta Primacial Cadeira, de que tomou posse a 20 de Novembro de 1588, por seu Procurador Jorge Gonçalves, Conego de Cochim, e nella permaneceo até o anno de 1593, em que faleceo, neste dia. Foy exemplar, e virtuoso, taõ pobre como mostra o seguinte caso. Pertendia hum mancebo pobre, e honrado, ser seu criado; fallou ao Arcebispo nesta pertençaõ, elle o despersuadio, dizendo-lhe: que no seu serviço naõ podia ter a conveniencia, que imaginava; porém o pertendente naõ desistia em fallar ao Arcebispo, até que hum dia já de importunado o bom Prelado, lhe disse: que antes que entrasse a viver em sua casa, era perciso, que examinasse o trato della, para que depois naõ se arrependesse; elle mesmo foy o condutor, e lhe mostrou todas as casas nuas, e despidas de alfayas, até que ultimamente chegou a em que dormia, na qual se achavaõ dous Habitos velhos, pendurados por huma corda, e huma cama taõ pobre, que naõ desdizia nada dos Habitos: depois lhe disse o Arcebispo, se se accommodava a viver como o amo pobre, que podia ficar em casa; admirado o pertendente, de ver o trato taõ pobre, e humilde do Primaz do Oriente, no qual considerava toda a abundancia, fausto, e grandeza, se foy corrido, sem fallar na pertençaõ. O referido tiramos das Memorias, que nos mandaraõ do Convento de Thomar. Depois de impresso, os dias antecedentes achamos nas Memorias, que de Goa mandaraõ a Academia Real, feitas pelo Deaõ daquella Sé o Doutor Henrique Bravo de Moraes, com muita individuaçaõ, que falecera a 19 de Julho, como se vê no Epitafio seguinte.

Aqui

Aqui jaz D. Matheus III. Bispo de Cochim VI. Arcebispo de Goa. Faleceo a 19 de Julho de 1593.

JULHO XXX.

B. Godinho, Arcebisp. de Braga.

A EM Braga, Primacial Igreja das Hespanhas, o Transito do Beato Godinho seu Arcebispo, lugar, que occupou cheyo de merecimentos, e virtudes. Desde a sua infancia tomou por Advogada, e Mãy, à Virgem Santissima, que foy de todas as suas acções feliz protectora. Criou-se com a educaçaõ de D. Joaõ Peculiar, exemplar Prelado desta Igreja, a quem elle veyo a succeder; e sendo grande o recolhimento, aspirava o Beato Godinho a vida, senaõ mais inculpavel, mais perfeita. Via-se com os annos da discriçaõ, e já desejava praticar a doutrina do Evangelho, deixando o Mundo, e parentes, para seguir a Christo. Era por este tempo celebre em observancia, e Religiaõ, a recem-nascida Clerical Congregaçaõ de Santa Cruz de Coimbra, que se criava debaixo da vigilancia de seus Reformadores. Este santo Instituto determinou o Beato Godinho abraçar; e escolhido o Convento pela virtude dos habitadores, tomou a sobrepeliz no de Saõ Salvador de Banho, que ficava entre Barcellos, e Espozende, lugar a proposito para commerciar com o Ceo, livre de trato das gentes. Aqui começou a luzir na observancia Religiosa, como se tivera nascido entre os Claustros da perfeiçaõ. Admirava ver em taõ poucos annos a compostura, ornada de modestia, e humildade, e o seguir as mais obrigações da Communidade com tanto cuidado, que naõ só edificava aos Companheiros, mas podia servir de exemplar aos mais observantes Religiosos. Todo o tempo, que lhe restava das percisas obrigações, gastava no Coro, e cella, ou meditando, ou lendo, como quem conhecia naõ ter o espirito mayor contrario, do que a ociosidade; e a este fim trazia na boca aquella celebre sentença de Cassiano: *Que a hum Religioso tenta hum demonio; a hum ocioso muitos.* Vagou o Priorado desta Casa, e a huma voz, foy eleito em seu Prelado. Com a occupaçaõ foraõ mais frequentes, e mais publicas as suas virtudes;

tudes; porque a assistencia no Coro era indespensavel, o silencio rigoroso, a cella perpetuo recolhimento; de sorte, que apartados de toda a communicaçaõ, viviaõ os seus Religiosos, em huma armoniosa compostura de virtudes, sendo o exemplo do Prior o atractivo iman de tanta suavidade. Naõ se escondia tanta virtude dentro dos Claustros da Religiaõ, já luzia de sorte, que em todo o Reyno a sua pessoa era venerada, e de tal maneira no Arcebispado de Braga, que vagando a Archiepiscopal Igreja, por morte do Santo Prelado D. Joaõ Peculiar, o Cabido com acclamações publicas o elegeo em seu Pastor; e tomando posse da Primacial Cadeira, no anno de 1175, partio logo para Roma, onde sagrado pelo Summo Pontifice Calisto IV. e recebido o Palio, obteve licença de passar a Jerusalem, a visitar os Sagrados Lugares, em que se verificou a nossa Redempçaõ. O que devotamente conseguido, se restituîo à sua Igreja, no anno de 1176, e neste mesmo anno recebeo com solemne pompa a insigne Reliquia da cana de hum braço do Inclyto Martyr S. Vicente Padroeiro da Cidade de Lisboa, que o Magnifico Rey D. Affonso Henriques ajuntou ao celebre Santuario da Sé Bracharense. Esta Santa Igreja regeo o Beato Godinho, como vigilante Pastor, à imitaçaõ de seus Santos Predecessores, allumiando com a doutrina, e com o exemplo, e appascentando com as esmolas aos pobres, sendo o consolador dos afflictos, o amparo de todos os necessitados, o Mestre dos ignorantes, e o bem universal de todas as suas ovelhas, que amava muy ternamente; e sendo taõ compadecido, só comsigo era rigoroso, tratando o seu corpo com asperas penitencias, pois trazia à raiz da carne cilicio perpetuo. Affligia-se com disciplinas taõ continuadas, que parecia verdugo de si mesmo; nos jejuns taõ observante, que sempre sobia a mortificaçaõ. Nunca vestio camiza de linho; nem teve cama, em que o corpo naõ ficasse mais mortificado no descanço, do que nas vigias, sendo em tudo hum aspero castigador das paixões da natureza. Pelo que mereceo ser acreditada por Deos a sua Vida, com milagres, que lhe continuou depois da morte, mostrando o quanto era de estimaçaõ em o Conspectu Divino, donde está gozando da Bemaventurança Eterna.

Irm. Fr. Antonio de Saõ Pedro Mercenario.

B Na Villa de Ossuna, em Andaluzia, no Mosteiro de Santa

Santa Anna, da Familia Mercenaria, eſtá muy viva a memoria do Irmaõ Fr. Antonio de Saõ Pedro, em quem realçaraõ os primores da efficacia da Graça, e o poder infinito de Deos, para que os Judeos rebeldes, e ſurdos às vozes do Evangelho, tenhaõ mais incentivos para a ſua converſaõ, e com eſta nova luz abraõ os olhos da ſua obſtinada cegueira, e ceſſem as ridiculas eſperanças, que os traz eſparſidos pelo Mundo; porque já o illuſtrou com o ſeu naſcimento Jesu Chriſto, à cuſta do ſeu proprio ſangue, remio a condemnada deſcendencia de Adaõ, inſtituindo na ſua Igreja os Sacramentos para remedio de todo o genero humano, para que gozaſſe em realidade, o que o povo de Iſrael, ſómente teve em ſombras, e figuras. Nas obſcuras trevas do Judaiſmo, foy criado Antonio Correa, que eſte foy o ſeu primeiro appellido, e ſem embargo de ſer naſcido entre Chriſtãos, e bautiſado na Villa de Cerollico, onde vio a primeira luz do dia, ſeguio naõ ſó no coraçaõ, mas com obſervancia, a já extincta Ley de Moyſés, como criado com os erros de ſeus pays, que o mandaraõ eſtudar a Salamança, e querendo com outro methodo de vida ſeguir differente fortuna, ambicioſo de alcançar cabedaes, embarcou para a America Meridional: nella teve o conhecimento da luz da Graça, em que foraõ mayores os avanços, do que lhe havia ideado a ambiçaõ nas riquezas do Potoſi. Eſta larga eſtrada por donde recebeo o conhecimento da verdadeira Fé, ſe communicou a Antonio Correa, com ſer prezo pelo Tribunal da Meſa da Inquiſiçaõ da Cidade dos Reys, no Reyno do Perú, e ſendo convencido de Judeo, reſiſtia pertinaz, e negativo, variando em huma audiencia, o que em outra confeſſava. Neſte miſeravel eſtado ſe achava Antonio Correa, quando em huma ſexta feira, veſpera do Eſpirito Santo, eſtando bem livre do cuidado da ſua ſalvaçaõ, e ſó lembrado do augmento dos ſeus cabedaes, foy taõ vehemente ferido de huma ſuperior luz, que penetrado o coraçaõ cahio em terra, ouvindo huma voz: *Antonio, porque me offendes?* A que ſe ſeguio hum tal conhecimento das ſuas culpas, que lhe pareceo acabar com a dor a vida. Fez verdadeira confiſſaõ diante do Tribunal, taõ arrependida, e doloroſa; que ſobre ella fundou os progreſſos da ſua admiravel penitencia. Ouvio ſua ſentença no Auto publico da Fé, em que ſe lhe mandou trouxeſſe por tres annos o ſambenito, e

dando-lhe por carcere a Cidade dos Reys; pelo mesmo tempo, havia no fim delle embarcar para Hespanha, onde o esperava a Villa de Ossuna, para ser Theatro de admiraçoens, vendo hum homem penitente, em quem o desprezo total do Mundo, nascia de huma profunda humildade, que acompanhava de hum incansavel serviço do proximo, abrazado no amor de Deos, com taõ viva Fé, que della lhe nascia hum soberano poder de fazer milagres, e hum dom de Profecia. Finalmente, nelle se viaõ todas as virtudes exercitadas em gráo heroico; mostrando mais com este exemplo a Divina Providencia, que naõ ha instrumento inutil, que naõ aperfeiçoe a soberana Graça, para confusaõ dos errados Hebreos: e conheçaõ, que naõ só a Saõ Paulo tirou da Synagoga, para vaso de eleiçaõ; mas que em todos os seculos, quer dar singulares mostras do seu amor, deixando na prodigiosa conversaõ de Antonio Correa, huma admiravel prova da sua Omnipotencia.

Depois de rendido ao conhecimento da luz da Graça, era para admirar a grande dor, com que sentia as suas culpas, com que actos de amor, e de penitencia, pedia perdaõ a Deos. Por quarenta dias continuos sem descansar, chorava os passados erros, taõ amargamente sentido, que se lhe desfazia o coraçaõ em lagrimas, tirando com a sua dor aquellas manchas da Apostasia, que taõ obstinadamente seguira com o seu coraçaõ, em que agora levantando hum templo a Deos Uno, e Trino, adorasse ao Filho feito Homem. Tomou por Director ao Veneravel Fr. Gonçalo Dias de Amarante, de que se faz mençaõ no Agiologio, a 3 de Janeiro, da Familia Mercenaria, de quem com o tempo elle veyo a ser filho. Nestes dias recebeo da maõ do Altissimo especialissimos frutos da sua Misericordia, e com huma visivel representaçaõ ficou muy confortado, e firme em pôr em execuçaõ tudo, o que fosse do agrado de Deos. Submergido no proprio conhecimento, sentia haver perdido tantos annos, quando em huma imaginaria peleja venceo gloriosamente aos sete peccados mortaes, recebendo em intelligencias, que para vencer os vicios, era necessario despirse de todas as paixoens da natureza. Aos trinta dias das suas lagrimas achou arrebatado em hum sonho as potencias, e com huma singular visaõ, teve intelligencia do ineffavel Mysterio da Trindade, e ouvindo huma voz, que lhe dizia se preparasse; porque queria

viver

viver em seu coraçaõ, a que com profunda humildade, e reverencia, pedio ao Senhor, que purificasse a vil pousada da sua alma; e logo sentio em si a presença de Deos, com taes favores, que nunca lhe faltou em todo o discurso da sua vida, nem deu occasiaõ com advertencia, que a Divina Magestade o deixasse. Preparou-se para huma confissaõ, que lhe foy insinuada na visaõ, com tal dor, que parecia acabava nella. A este intimo sentimento ajuntava graves penitencias, continuados jejuns, com tal excesso, que desfalecido de forças, se poz em perigo de perder a vida. Seguindo os seus ordinarios exercicios, foy taõ vivo o sentimento, que crescendo a dor das culpas, chegou a perder o juizo, de tal maneira, que para tudo o que naõ fosse chorar os seus peccados, se achava louco; mas tratando da sua penitencia, se lhe restituîa o seu natural juizo, e padecendo neste achaque muito, lhe foy communicado por huma voz, que aquelle era o seu Purgatorio, que lhe durou tres mezes. Nestes se vio accommetido visivelmente pelo demonio, em diversas, e horriveis fórmas, de medonhos monstros, de monos, de leoens, e outras féras, com que pertendiaõ perturbar a paz de seu coraçaõ; mas corridos de tanta humildade, desappareceraõ. Com outra mais arriscada luta o tentavaõ, trazendo-lhe à memoria a passada vida, e que precipitadamente mudara de crença. Em outra lhe mostravaõ o difficultoso, que era de seguir a Ley de Jesu Christo; e nesta formidavel batalha afflicto, mas constante, experimentou huma especial protecçaõ do seu Anjo da Guarda: esta lhe durou sempre, achando-o a seu lado em todos os perigos, e afflicçoens. Recomendou-lhe, que naõ temesse, pois tinha por Mãy, e Protectora a Virgem Maria, de quem soube ser cordeal devoto. Depois destas, e outras tormentas, ficou a sua alma em tal serenidade, e paz interior, que lhe parecia gozar da Gloria. Passados os tres annos do carcere, que passou servindo em hum Convento da Familia Mercenaria, de Cosinheiro, aonde a sua penitencia, e humildade, e mais virtudes, o faziaõ amado dos Religiosos, seguindo pontualmente a direcçaõ de seu Confessor, veyo a subir ao auge da perfeiçaõ. Embarcou para Hespanha, no Cabo de Saõ Vicente padeceo a embarcaçaõ tal tormenta, que veyo a naufragar, defronte da Senhora da Arrabida. Das despedaçadas reliquias do naufragio,

alcançou Antonio Correa huma taboa, em que à discriçaõ do temporal era levado do impeto das aguas, lutando com montes de ondas, esperava já em alguma a sepultura; quando hum de seus Companheiros, a quem a fortuna naquelle miseravel estado pozera ainda em mayor infelicidade, chegou a elle já quasi affogado, e sem alento, combatendo com a morte, lhe disse: *Naõ sinto perder a vida, senaõ o amparo, que nella meus filhos tinhaõ; por Deos nosso Senhor te rogo, tenhas compaixaõ da sua innocencia, dando-me essa taboa, em que salves a elles mais, do que a mim.* Caso raro, e poucas vezes lido! Immediatamente largou a taboa, para que salvasse a vida aquelle tantas vezes afflicto miseravel, deixando nesta acçaõ da sua incomparavel charidade, hum irrefragavel testemunho do amor do proximo, pelo qual offerecia a vida nas aras do amor de Deos; mas como este o tinha reservado para effeitos maravilhosos do seu poder, permittio, que vencesse a sua fé a furia do mar, e que apportasse livre com todos os seus Companheiros às prayas de Setuval. Depois de passados alguns dias, partio para a Cidade de Sevilha a pé, pedindo esmola. Nesta opulenta Cidade se foy ao Convento de Saõ Paulo, e confessando-se com hum Religioso douto, e virtuoso, que conheceo a boa disposiçaõ daquella alma, lhe aconselhou se recolhesse em alguma Religiaõ, e assim neste mesmo Convento pedio o Habito de Donato, em que perseverou pouco tempo; porque parece Deos tinha destinada a sua vocaçaõ para outra parte. Depois de varios successos, chegou à Villa de Ossuna, e no Convento de Santa Anna, de Religiosos de Nossa Senhora das Merces, pedio o Habito (examinado o seu espirito por homens virtuosos, e doutos.) Tomou o Habito Vespera de S. Pedro, no anno de 1611, de que se ficou chamando Antonio de Saõ Pedro. Sentio-se aquella alma chegar ao centro da sua habitaçaõ, com o Santo Habito da Senhora das Merces. Encomendou-lhe o Prelado o pedir esmola pela Villa, para sustentar aquella Casa, que era muy pobre, no que logo experimentou em poucos mezes grandes ventagens, atrahindo a si a charidade de toda a Villa, obrigada da modestia, alegria, e affabilidade, que todos nelle achavaõ, e assim com liberal maõ era soccorrido, o que elle com muita piedade repartia, naõ chegando a elle necessitado, que naõ remediasse. Conheceo o Prelado diminuiçaõ nas esmolas,

molas, e lhe perguntou a causa: respondeo-lhe, que algumas pessoas (a que elle chamava Santinhos) lhe pediraõ o dinheiro emprestado, e que elles o restituiriaõ. Destes casos lhe succederaõ muitos, em que mostrava a singeleza, e sinceridade do seu animo: o Prelado lhe ordenou, que naõ emprestasse senaõ a conhecido, e que naõ fizesse esmolas, que excedessem certa quantia; porque de outra sorte, ficaria sem nada o Convento. Aconteceo adoecerem todos os Religiosos do Convento, e entre elles o Irmaõ Antonio: era mais penosa a sua molestia; porque padeciaõ todos na sua falta as esmolas; mas a charidade lhe dava alentos, com que na força da sezaõ se levantava a ver os doentes: naõ lhe esqueciaõ os pobres, para quem sempre agenciava, que lhes dar, ainda quando se via com tanto trabalho, a que rendido cahio totalmente enfermo, e melhorando assistia a hum Corista, a que milagrosamente restituîo à sua saude, quando já o Medico o mandava ungir.

Naõ podia sofrer o demonio, que aquella alma, que tinha taõ segura, se augmentasse tanto na Divina Graça, pertendeo perturbar-lhe o socego do espirito, propondo-lhe, que o Ermo era lugar mais breve para chegar à perfeiçaõ; e cõmunicando-o com o seu Confessor, a quem sempre viveo obediente, fez voto a Nossa Senhora de perseverar no seu Habito, e de a servir no Convento de Santa Anna, até à morte. Venceo a tentaçaõ; mas naõ se deu por vencido o tentador, que com novos ardís contrastava aquelle coraçaõ abrazado no Divino Amor: pertendeo introduzirlhe a vaidade no mesmo rigor das penitencias, com que se affligia: castigou este pensamento, baixando a hum pateo no mayor silencio da noite, e posto de joelhos, com o peito descuberto, e huma Cruz na maõ esquerda, e na direita huma pedra, e à força dos golpes supprimia toda a fantasia. Porfiando o cruel inimigo o buscava com mayor cuidado, querendo com a lascivia render aquella forte Praça, que taõ vigorosamente se lhe resistia, porém debalde; porque a penas propoz a idéa as torpes chammas da paixaõ humana, em que lhe parecia arder; quando indignado, e corrido, desceo ao pateo depois da meya noite, se despio todo, e lançando-se em huma mata de ortigas, como em bem concertada cama, se voltava, sendo a neve daquella estaçaõ o cobertor, que o servia, até que o desabrido do frio, o ador das ortigas, apagaraõ aquella

inho-

inhonesta chamma, com que o demonio o tentara. Foraõ grandes os combates na sua vida, mayores as resistencias, com que se defendia do inferno, e a violencia dos remedios, como eraõ pelo excesso do espirito, veyo a sentir na saude grande diminuiçaõ, e dentro em poucos dias lhe deu hum pleorís taõ forte, que o naõ pode dissimular a sua constancia; e depois de convalecido, tornou aos exercicios da sua grande charidade, mas toda a vida o opprimio esta dor.

Depois de dous annos, e meyo de assistencia deste Convento, determinaraõ os Religiosos passallo ao estado de Leigo, que repugnava a sua humildade; mas vencida pelo Prelado, entrou no Noviciado, e fez Profissaõ, com grande jubilo da sua alma, e confusaõ da sua indignidade. Já era commua a edificaçaõ da Villa de Ossuna, e o remedio tambem, causava espanto o ver taõ profunda humildade, taõ abatido conceito de si mesmo, que naõ só aos racionaes de qualquer idade, ou provecta, ou tenra, conhecia por Superiores, mas ainda se tinha por mais vil, que os mesmos brutos, e os antepunha à sua pessoa. Dava-lhe a Communidade hum jumento para as jornadas: a este lhe chamava seu amo: quantas vezes pelo naõ cansar se apeava, tirando-lhe a carga a tomava às costas, e entrava pelo Convento muy compadecido do trabalho, dando com este exemplo a conhecer o desprezo, que fazia do Mundo. De ordinario trazia comsigo hum caõ, a quem chamava tambem seu amo, e às vezes o bem mandado: dava-lhe a maõ direita, e era cousa graciosa os comprimentos, com que o tratava. quando o convidava algum devoto a jantar, naõ podiaõ acabar com elle, que naõ comesse no chaõ, em que os caens, e os gatos, eraõ os seus companheiros, sendo estes os que primeiro gostavaõ da comida. Naõ sendo totalmente destituido de capacidade, todo o seu cuidado era ser reputado por mentecapto, como testemunhaõ as suas estranhas acções. E sendo com luz Divina adornado de dom de Profecia, e conselho, era necessario grande artificio para interpor o seu juizo, a que só o obrigava a salvaçaõ de alguma alma. O mesmo lhe succedia nas materias de espirito, em que lhe metiaõ a pratica por modo, que o queriaõ instruîr, e respondendo, se conheciaõ as luzes da Eterna Sabedoria. Nunca fiou nada do seu discurso, nem lhe turbou a serenidade do seu espirito os oprobrios, e injurias,

com

com que o maltratavaõ. Os Prelados fizeraõ da sua humildade de grandes experiencias: em huma occasiaõ lhe tiraraõ o Capello, e o Escapulario, e pondo-lhe hum rotolo, que dizia: *Por velho, louco, desatinado*, e com elle andava taõ contente, e alegre, como quem triunfava do Mundo. Esta heroica humildade ornou de invicta paciencia, sem que os trabalhos, nem as enfermidades, que padeceo, o obrigassem a queixar. Cinco annos continuados sofreo acerbas dores de dentes; em as pernas padeceo huma grave queixa, e as trazia em carne viva; mas taõ satisfeito, como quem na paciencia tinha o seu remedio. Quando via alguma pessoa doente, e afflicta, dizia com santa enveja: *Ditosa cama, ditoso doente*, e com os afflictos se affligia de tal maneira, como quem desejava padecer por todo o Mundo. O seu zelo o obrigava a entrar pelas casas das mulheres publicas, que reduzia a melhor vida, tirando-as daquelle abysmo da culpa, as punha em casas de pessoas graves, e honestas, e depois agenciando-lhes dotes as casava. A muitas dava alguma cousa, para que naquelle dia naõ peccassem, dando graças a Deos por este fruto, como Santo Ignacio de Loyola, que dizia: *E he taõ pouco livrallas de que offendessem hum dia a Deos?* A's que via já seguras, e com abominaçaõ das passadas culpas, alcançava de Deos graça, e perseverança. Tinhaõ-lhe grande respeito, pois costumava manifestar os mais occultos peccados, e alguma vez os pensamentos. A sua intercessaõ he maravilhosa para livrar do fogo impuro da incontinencia, como succedeo a hum Religioso, que vivia com dissoluçaõ, a quem appareceo depois de morto, a que vivesse casto.

A esta charidade taõ ardente unia huma continuada penitencia, com que affligia o cansado corpo, mortificando-o ainda nas doenças: tirando-se da cama se lançava em huma esteira, sendo o travesseiro huma pedra. No peito trazia huma Cruz de páo largo, com trinta e tres cravos, que apertava com cuidado, e quando se confessava, eraõ taõ repetidos os golpes, que dava no peito, que fazia mais sensivel aquella penitencia. Usava de differentes cilicios, hum à feiçaõ de camisa, que o cobria até a cintura, taõ aspero, que com horror se via depois da sua morte. Vestia outro a modo de jubaõ, forrado de puas de ferro. Tambem se cingia com huma cadeya de fer-

ro, cercada de agudas pontas, excogitando sempre diversos artificios de se maltratar. As disciplinas eraõ crueis, em que derramava muito sangue. A estas continuadas penitencias ajuntava em algumas noites do Inverno, em que o frio com mais rigor penetra, despirse da cintura para cima no Claustro, e nesta cama se encostava; em outras com huma Cruz na maõ esquerda, e huma pedra na outra, como que se estivera no deserto da Palestina, se feria no peito com crueis, e repetidos golpes. A todo o comer tirava o saboroso, sem que desse a entender a mortificaçaõ. Tinha-se por indigno de se lavar no lavatorio commum, e por isto usava de huma pia, adonde cahia agua da chuva; hum dia estava taõ immunda, que teve nojo de a ver, e inquietando-se o estomago, venceo com o espirito a repugnancia da natureza, metendo a maõ tirou daquella asquerosa agua, chea de putrefaçaõ, e bichos, a bebeo, de que lhe sobreveyo huma extraordinaria dor de estomago, que o Prelado conheceo ser nascida de algum excesso de mortificaçaõ. Já mais negou aos pobres, o que por amor de Deos lhe pediraõ, ficando muitas vezes sem Habito, e nos panos menores, pelos vestir, succedendo-lhe como ao Servo de Deos Fr. Janipero, ser dos rapazes o desenfado, o que depois castigava o Prelado, tirando da sua fervorosa charidade novos motivos de exercitar a paciencia. Era para admirar ver hum pobre Fradinho, ser com a sua fé o remedio de tantos, obrando por amor do proximo prodigiosas obras, que o acclammavaõ por Santo. Os prezos naõ só tinhaõ soccorro certo nas esmolas, mas Procurador, e Padrinho, para o livramento. Com espirito profético livrou a hum prezo da pena da morte, a que estava condemnado, mostrando com clara evidencia, que innocentemente o culpavaõ. Em muitas occasiões acreditou a sua virtude no espirito profetico, em outras manifestou a algumas pessoas, com confusaõ, os segredos mais impenetraveis. Continuamente meditava na Paixaõ de Nosso Senhor Jesu Christo, de que dizia era a verdadeira consideraçaõ, para se adiantarem as almas no espirito. Tinha hum livro com algumas meditações deste Sacrosanto Mysterio, que trazia no peito, que fez imprimir em grande numero, para distribuir por pessoas devotas, querendo por esta liçaõ se accendessem no fogo do amor Divino. A' Cruz de Christo teve huma grande devoçaõ, sendo

do a mais tosca, a de que mais se enternecia, trazendo comsigo este Sacrosanto sinal da nossa Redempçaõ; e das que fazia sem primor da arte, dava a pessoas enfermas, com que o Senhor obrou singulares prodigios. O' Santissimo Sacramento do Altar adorava com tal fé, e reverencia, que humilhando-se de sorte, parece se queria abater ao mais profundo da terra, tendo para si, que naõ só era o mais indigno, que o recebia; mas, que o adorava. Com a Virgem Santissima teve intima, e cordeal devoçaõ: consagrou-lhe todas as suas acções. Da sua protecçaõ conseguio soberano amparo nas primeiras lutas da sua conversaõ, e depois em tudo o que emprendeo. Todas as vezes, que via Imagem de Nossa Senhora, depois de huma grande reverencia, se punha de joelhos, sendo mayores as humilhações do espirito, dedicando-lhe em ardentes, e vivos affectos o coraçaõ, naõ podia reprimillos. A's vezes rompia em claras vozes: *Maria! O' Maria!* De taõ ardente officina de amor de Deos, eraõ preciosos os holocaustos na sua presença, de que foraõ testemunhas especiaes favores do Ceo, sendo recreado com Celestiaes visões, em que a Magestade Divina mostrou, o quanto estimava esta purissima alma, que confundida, se tinha por indigna de taes merces. De que nascia, que naõ tendo estudado, illustrado de superior luz, fallar muy a proposito nos lugares mais difficeis da Sagrada Escritura, naõ sem admiraçaõ dos Doutos, escutando nas materias de espirito soberanas intelligencias, succedendo-lhe o mesmo, que a Saõ Diogo, Leigo de Profissaõ, da Ordem de S. Francisco, de quem a Igreja refere o mesmo. Ao soberano imperio da sua voz obedeciaõ as enfermidades, fazendo levantar os tolhidos, e baldados, sem que houvesse achaque, que resistisse à sua virtuosa charidade, a que unia huma verdadeira Fé, e Esperança; virtudes, que nelle resplandeciaõ em grào heroico, fazendo por este caminho prodigiosas as suas obras. Ardia em chammas da charidade, por quem se expoz tantas vezes a perigo de perder a vida. No ultimo anno antes à sua morte, foraõ innumeraveis os serviços, que fez ao proximo, como luz, que acaba, resplandecia nos olhos, e admiraçaõ das gentes. Decretado o termo das suas laboriosas fadigas, adoeceo mortalmente. Sofreo com invicta paciencia a enfermidade, e continuando na resignaçaõ da vontade Divina, resistio com denodado valor às hor-

 rorosas

rorosas visoens, com que o combatia o demonio. Na doença, que durou quatorze dias, se confessou, e commungou repetidas vezes, exercitando-se em actos de amor de Deos, e jaculatorias ao Senhor Crucificado, que tinha nas mãos. Pedio o Santissimo Viatico, e depois de com profunda reverencia ter commungado, e de dar a Deos as devidas graças, lhe faltou a falla, e em hum suspiro, com o dulcissimo Nome de JESUS, deu mostras de que trabalhava a officina do coraçaõ, e com placida morte entregou a alma ao Creador, deixando o seu corpo com apparencias de vivo, tratavel, com os olhos claros, engrandecendo Deos ao seu Servo, com novas maravilhas, acreditando a sua virtude, em presença de grande numero de gente, que com admiraçaõ o acclammava Santo.

Sor Maria Bautista, Francisc.

C Neste dia, em a Cidade de Evora, no Mosteiro do Salvador, da Serafica Familia, acabou o curso de huma larga vida, a Madre Sor Maria Bautista, com mais de cem annos de idade, e oitenta de Religiosa, empregados em santos exercicios, e em todo o genero de virtudes, deixando do seu exemplo larga materia, para as que seguem o estado Monastico. Naõ teve tempo, em que naõ desse a conhecer a sua boa inclinaçaõ: em os primeiros annos, mostrando-se affeiçoada à virtude, e com desejos de se adiantar no amor de Deos, naõ faltava nunca às obrigaçóes da Communidade, sem que o serviço, ou trabalho a rendesse, a que deixasse de perseverar na Oraçaõ mental, sem a qual he difficultoso adiantarse na perfeiçaõ. Aqui desaffogava o espirito, e recebia fervorosos alentos, com que se dilatava a sua purissima alma. Pedia a Deos fechasse o seu coraçaõ, de sorte, que naõ podesse entrar nelle consideraçaõ, que naõ fosse do seu amor. De dia, e de noite, permanecia neste santo exercicio, ou sendo mental, ou vocal, que tudo he o mesmo, como dizia a grande Mestra de espirito a Santa Madre Theresa de Jesu. Servio muitos annos de Mestra de Noviças, devendo-lhe esta Casa os primeiros caminhos da perfeiçaõ. Tinha sido Companheira das primeiras Fundadoras; esta antiguidade lhe agenceava veneraçaõ com as Religiosas, o que lhe causava bastante enfado; porque a sua humildade naõ cuidava de attençóes, e por esta causa nos actos de Communidade tomava sempre o ultimo lugar, com tal modestia, e encolhimento, que causava em todas compunçaõ o seu abatimento. Teve taõ prompta obediencia,

cia, que naõ só executava sem dilaçaõ, o que a Prelada mandava, mas ainda qualquer Religiosa, sem reparo, nem repugnancia; porque nunca buscou causa, para se eximir do que lhe mandavaõ, sogeitando de tal maneira a propria vontade ao alheyo arbitrio, que deixou desta virtude hum singular exemplo a todos, os que professaõ a vida Religiosa: a virtude taõ solida era de mais composta de huma sinceridade de animo candido, e taõ singelo, que naõ só naõ podia presumir mal do proximo, nem ainda se podia persuadir a que houvesse pessoa, que mentisse, ou enganasse a outrem; e desta natural bondade lhe nascia dar credito a tudo o que ouvia, sem que fosse falta de discriçaõ, porque teve entendimento claro; mas porque a sua innocencia lhe fazia crer, que só ella era a mais vil creatura, que habitava a terra. Esta mansidaõ, e brandura do seu natural a fez inalteravel às semrazoens, parecendo o sofrimento parte da natureza, e naõ da virtude, que a abatia. Este desprezo do Mundo vestia de huma extrema pobreza, que sempre ensinou às suas discipulas, dando-lhe na sua vista mais singular idéa, do que em toda a expressaõ, que lhe podia emprestar a rethorica mais eloquente, por persuadir mais o exemplo, do que as vozes. Das Almas do Purgatorio foy singular bemfeitora, devendo à sua commiseraçaõ conseguirem muitos sufragios, que lhes applicava, procurando inflammar nesta obra a todas as Religiosas. A' Soberana Virgem MARIA amou com especial culto: com ella se lhe ouviaõ por muitas vezes largos coloquios, e com o seu Anjo da Guarda; e por mais cuidado, que punha em encobrir a sua virtude, a todos era manifesta. Chea de annos, e merecimentos, acabou em o Senhor.

Fr. Manoel da Cõceiçaõ Dominico.

D Em Senovay, na Ilha de Timor, o Padre Fr. Manoel da Conceiçaõ, Missionario Apostolico naquellas dilatadas Conquistas, e Vigario Geral da Familia dos Prégadores, de que era filho. Empregava-se com grande cuidado na salvaçaõ das almas, pelo que padeceo muitos trabalhos em as Ilhas de Solor, e Timor, e no Reyno de Macassar, e em outros muitos Paizes, porque discorria o seu zelo. Foy a sua pessoa milagroso soccorro da maõ de Deos, contra os Hereges Holandezes, que soberbos, e crueis, tinhaõ temerosas aquellas Povoaçoes, e com mayor poder ameaçavaõ aos moradores de Timor. Cheyo de animosa fé, inda que falto de meyos huma-

nos, exhortou vivamente aos Portuguezes, a que vingassem as injurias da Religiaõ Catholica Romana, e juntamente a reputaçaõ do Estado. Começaraõ com cuidado os aprestos para a defensa, mas faltou-lhe a confiança; porque adoecendo o Padre, depois de ter recebido devotamente os Sacramentos, cercado de seus Irmãos, que tristemente sentiaõ a sua falta, acabou a vida no mesmo tempo, que com tanto ardor trabalhava pelo augmento da Fé, e defensa da Religiaõ.

O P. Francisco Gonçalves da Companh.

E Item em a Inclyta Lisboa, a morte do Padre Francisco Gonçalves, da Companhia de JESU, que depois de servir com grande charidade aos enfermos do mal da peste, adoeceo ferido da mesma queixa, pela qual mereceo o premio de ter voluntariamente sacrificado a saude, e a vida pela utilidade do proximo.

Tres Anonymos Dom.

F Na Costa da barra de Goa, na India Oriental, deraõ com preciosa morte fim às suas vidas, tres Religiosos da Ordem dos Prégadores, cujos nomes estando escritos no livro da vida, naõ quiz Deos, que os soubessemos, para os escrever neste. Mandados pela Religiaõ, embarcaraõ em Goa para as Missoens das Ilhas de Solor, para com a sua companhia, e trabalho, ajudarem os Missionarios, que a Religiaõ tem nas ditas Ilhas; porém Deos anticipando-lhe o premio, foy servido, que dando nas mãos dos Holandezes Hereges, fossem submergidos com toda a comitiva do navio, com que passavaõ para a sua desejada Missaõ.

Commentario ao XXX. de Julho.

A NAsceo na Villa de Barcellos o Beato Godinho, de pays nobres, e ricos, e foraõ Joaõ de Faria, e Anna Godinha, filha de Godinho Pays de Villar, hum dos Padroeiros do Mosteiro do Salvador de Villar de Frades, hoje da Congregaçaõ de Saõ Joaõ Evangelista, e em tempos antigos, hum dos celebres da Religiaõ Benedictina. Foy em numero dos Arcebispos de Braga LXIX. que Argaiz com a sua costumada felicidade, em achar, o conta na sua Igreja de Braga, em o de 104. Este Author seguindo huma memoria do Mosteiro de Saõ Vicente, entendeo, que fora Bispo de Lamego, diz ella: *Cui succeßit in Prioratu* (falla de S. Vicente) *quidam Canonicus de Balneo nomine Godinus: qui post extit Episcopus Lamecensis.* E o mesmo entendeo Gabriel Penoto, confundindo o nosso Beato Godinho, com D. Godinho, Bispo de Lamego, tambem da mesma Religiaõ, e como os naõ distinguiaõ, faziaõ com a referida memoria estes Authores, e outros, de dous hum sómente, sendo muito diverso hum do outro.

Pelo que he de saber, que houve na Congregaçaõ dos Conegos Regrantes dous Religiosos, quasi no mesmo tempo, com o nome de Godinho, mas muy differentes; hum natural de Barcellos (que he

he o de que tratamos) e outro natural de Monte môr o Velho, filho do famoso Capitaõ Zelome Godinho, Senhor de Mira, aonde edificando a Igreja de Saõ Thomé, a deu a seu filho, e sendo Abbade della, se recolheo a Santa Cruz, e este Padroado se conserva ainda hoje. Depois do nosso Santo Godinho ter sahido do Mosteiro de Banho, foy para elle D. Godinho, e o reformou, e no tempo, que nelle residia, o elegeraõ Prior de S. Vicente, e depois foy assumpto à Igreja de Lamego, e com esta Dignidade morreo, como se vê no livro dos Obitos do Mosteiro de Grijó: *Tertio Calend. Aprilis obiit in Domino Dominus Godinis Lamecensis Episcopus. Canonicus S. Crucis, æra MCCXXVII.* que he anno de Christo 1189; de que se vê claramente serem diversos, e se acharem contemporaneos, como affirma Brandaõ na III. Parte da *Monarch. Lusit.* liv. 11. cap. 15, e no cap. 37. Em huma Doaçaõ feita por ElRey D. Affonso, a D. Payo, eleito Bispo de Evora, da dizima dos quintos daquella Cidade, que se conserva no Cartorio da Sé de Evora, na era de 1223, que he anno 1185, confirma ElRey, logo o Beato Godinho, Arcebispo de Braga, D. Martinho, Bispo de Coimbra, D. Fernando, Bispo do Porto, D. Joaõ, Bispo de Vizeu, D. Godinho, Bispo de Lamego, D. Sueyro, Eleito de Lisboa, e outros Ecclesiasticos, e Officiaes da Casa Real. Em o anno seguinte, governando já ElRey D. Sancho, confirma a Santa Cruz todas as merces, que seu pay lhe fez; e se conserva esta Doaçaõ no Archivo deste Mosteiro, no livro dos *Testa.* pag. 4. *Facta Charta mense Januario æra* 1224, que he anno de Christo 1186, e assigna ElRey D. Sancho, a Rainha D. Dulce, as Infantes D. Tareja, e D. Sancha, suas filhas, D. Godinho, Arcebispo de Braga, D. Martinho, Bispo do Porto, D. Godinho, Bispo de Lamego, D. Joaõ, Bispo de Vizeu, D. Martinho, Bispo de Coimbra, D. Payo, Eleito de Evora, e D. Sueyro, Eleito de Lisboa, e outros muitos Senhores, e grandes do Reyno. Muitos mais exemplos poderamos referir sobre esta materia, que vimos, e outros refere o Illustrissimo Cunha na II. Parte da *Historia de Braga*, quando trata deste Prelado no cap. 17; mas parecenos, que basta o referido, e a *Chronica dos Conegos Regrantes* de D. Nicolao de Santa Maria, fazer mençaõ de hum, e outro, como temos dito. Do de Lamego na 2. part. liv. 8. cap. 6; e do de Braga liv. 11. cap. 5. pag. 449, e tambem o insigne Manoel de Faria, erudito em tudo, e na Historia Portugueza admiravel, o affirma com este

EPIGRAMMA

BRaccara sæpe fuit dives, sed ditior extat
Præsulis exuviis Sancte Godine, tuis.
Tu Balnensis apex, tu nostra gloria Sedis,
Illustris vitâ, nunc quoque morte magis.
Tu nobis largiris amans hic dona Magister,
Singula dum vivis, omnia dum moreris.

No Mosteiro de Banho, quer a *Chronica dos Conegos Regrantes*, seguindo a D. Theotonio de Mello, que nelle aprendesse as primeiras letras, o que naõ encontra o depois se criar debaixo da protecçaõ do Arcebispo D. Joaõ Peculiar, como diz Cunha na *Historia de Braga.* Este Mosteiro, que foy de Conegos Regrantes, he hoje Commenda da Ordem de Christo, como outros muitos, que foraõ da sua Religiaõ, treze annos pouco menos governou a Diocesi de Braga, com tal exemplo, que muitos tempos usou o Cabido daquella Sé, na eleiçaõ do novo Prelado, pedir a Deos o fizesse tal, qual fora o Beato Godinho, de boa memoria, a quem os milagres, que fez em vida, e depois da morte, lhe deraõ o nome de Beato Godinho. Tamayo no *Martyrologio Hisp.* neste dia: *Brachara in Galæcia Hispaniæ S. Godini ipsius Urbis Episcopi*, e assim foy tido por todos em veneraçaõ de Santo. Edificou muitas Igrejas, e Mosteiros no seu Arcebispado. Delle fazem mençaõ, além dos Authores já citados, Vasconcellos *in Discript. Lusit.* pag.

520.

520. n. 2; o Padre Alvaro Lobo nos *Santos de Portug.* m. s. ambos da Companhia; Purificação *in Chronolog. Monast.* neste dia.

B A Villa de Ossuna, fica em huma aprasivel campina, tão abundante de pão, que houve quem lhe chamou Celleiro de Ceres, por não haver outra, que lhe igualasse na fertilidade, a que correspondem as mais frutas, e hortaliças. He composta de muitos bons edificios, e de gente nobre, e rica. Tem huma Parochia, que he o enterro dos Duques, dez Conventos de Frades, cinco Mosteiros de Freiras, tres Hospitaes, seis fontes, e huma antiga Torre. Tem de mais hum Collegio, em que se ensinão todas as Sciencias, e foy instituído por D. João Telles Girão, IV. Conde de Urenha, anno 1549. Neste nobre composto, que excede a muitas Cidades, illustra com antiguidade da sua fundação, porque não falta quem diga, que he muito antes da vinda de Christo. Os Romanos lhe chamarão *Gemina Urbanorum*, e nella se vem vestigios deste tempo. Depois de recuperada aos Mouros, foy dada por ElRey D. Affonso Sabio à Ordem de Calatrava, donde por troca, que fez D. Pedro Girão com a Ordem, a incorporou na sua Casa. Filippe II. a deu em titulo de Duque a D. Pedro Girão, V. Conde de Urenha, de que foy ultimo possuidor D. Francisco Maria de Paula Telles Girão, Duque de Ossuna, que foy Plenipotenciario na Paz de Utrech, e não deixou mais, que duas filhas, que litigarão a Casa, com seu tio o Conde de Pinto, que vencendo foy Duque de Ossuna. Nesta Villa assistio o Veneravel Irmão Fr. Antonio de São Pedro.

Na sua Vida, que imprimio em Sevilha, no anno 1670, o Padre Fr. João de São Damazo, da Familia Mercenaria, tem para si, que este Servo de Deos, em nenhum tempo seguio a já extincta Ley de Moysés, nem fora penitenciado pelo Santo Officio, como era constante na sua Religião. Esta Obra por este, e outros erros se mandou recolher, e se encommendou ao Padre Fr. André de Santo Agostinho, seu Chronista, que a imprimio no anno 1668, em Sevilha. No principio da Vida deste Servo de Deos, traz authenticado o processo, por onde foy sentenciado na Cidade dos Reys, no Reyno do Perú. Delle se tira serem seus pays Manoel Thomás, e Anna Correa, naturaes de Cerolico, em que tambem nasceo Fr. Antonio de São Pedro, e que erão Christãos novos, e descendentes de Judeos, e seu pay foy prezo pela Inquisição de Toledo, e nella o fora seu parente Duarte Mendes, e finalmente convencido de Judeo, Herege, e Apostata, fautor, e encobridor de Hereges, ouvio sua sentença a 13 de Março de 1605. Com tão authentico documento, não padece duvida o referido; demais, que esta opinião se teve por constante, por algumas cousas, que se lhe ouvirão, e se podem ver no referido Author.

Não cabe no estylo, que seguimos, poder alargarnos mais nas admiraveis acções da sua Vida, e nos muitos milagres, que obrou depois da sua morte. Ao seu trabalho, e cuidado se deve o Recolhimento da Villa de Ossuna, na rua de Sevilha, que fundou, e estabeleceo, sem outros meyos, que huma viva fé na Divina Providencia, vencendo muitas contradições, e acreditando com prodigios a Fundação. Em obsequio do Santissimo Sacramento, instituío huma Confraria no seu Convento, em que padeceo grandes repugnancias, e repulsas dos Prelados, e veyo a conseguir como sobrenaturalmente, e com tanto fervor, que em menos de dous mezes se assentarão por Irmãos, quasi cinco mil pessoas, de ambos os sexos, com que se augmentou o culto, e veneração do Santissimo Sacramento. Seu corpo foy enterrado em sepulchro levantado da terra, ao lado do Altar môr, mostrando neste obsequio a sua veneração os moradores de Ossuna. Desta sorte esteve, até que se lhe permittio culto privado por hum Breve do Cardeal Nuncio de Castella Julio Sacheto, Bispo de Gravina, passado a 2 de Dezembro de 1624, no segundo anno do Pontificado do Papa Urbano VIII. mudando-se o Convento da Ermida de Santa Anna, para donde hoje permanece, se trasladou para huma particular Capella, em que lhe mandou lavrar hum precioso sepulchro a devoção da Duqueza de Ossuna D. Isabel de Sandoval e Padilha, em que se poz este curto Epitafio.

Aqui yaze el Venerable Siervo de Dios Fray Antonio de San Pedro, claro em milagros, clarissimo en virtudes,

tudes, que muriò en esta tierra de Ossuna con indizible opinion de Santidad año de 1622.

Neste lugar esteve até o anno de 1652, em que sendo preciso continuar as obras da Igreja, se transferio o caixaõ das suas Reliquias, para a cella do Prelado, e depois se collocaraõ em a Capella, que na mesma Igreja fez, para o Santissimo Sacramento, D. Joaõ Munhos de Bocos, devoto do Servo de Deos. Nos lados da Capella formou dous occultos Nichos, que se encobrem com retabulos de S. Pedro Nolasco, e S. Raymundo, que servem de portas; em hum se guarda o chapeo, e escapulario, que he o remedio dos afflictos da Villa de Ossuna; em o outro o cofre das Reliquias do seu corpo, fechado com tres chaves, que se distribuem, huma ao Provincial, outra ao Prelado do Convento, e a terceira se deu a D. Joaõ de Munhos, e por sua morte ficou a seus herdeiros. Sem culto se guardaõ as Reliquias do Veneravel Fr. Antonio de S. Pedro, como constou da informaçaõ, que se fez por ordem do Arcebispo de Sevilha D. Ambrosio Ignacio Espinola e Gusmaõ, que remeteo para Roma, para se ajuntar com o processo das mais diligencias, que se tem feito, em ordem à sua Beatificaçaõ, que com grande ancia esperaõ os moradores de Ossuna ver declarada pela Santa Sé Apostolica. A este fim lhe tem deixado em seus testamentos legados grossos pessoas da primeira grandeza de Hespanha, e outras ricas, e poderosas, que desejavaõ promover a gloria do Veneravel Fr. Antonio de Saõ Pedro, de quem faz mençaõ Fr. Luiz de Vera, no *Memorial desta Religiaõ* no Perú; Fr. Bernardo de Vargas *Chron. Geral da Religiaõ*, no Tratado de *Contagioso morbo Sicilia*, impresso em Palermo, no anno 1626; Fr. Filippe Colombo, na *Vida do Veneravel Fr. Gonçalo Dias de Amarante*, liv. 3. cap. 31; Fr. Jorge de Saõ Joseph, seu Confessor, lhe escreveo a Vida, que se naõ imprimio; D. Luiz Antonio de Migoila, na *Ossuna Illustrada*, pag. 155; Rodrigo Mendes Sylva, seu compatriota, na *Poblacion de Hespaña*, nas Villas de Cerolico, e Ossuna, pag. 98.

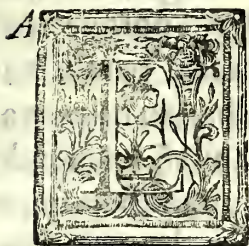
C No anno de 1674, foy a morte da Madre Sor Maria Bautista, em o Mosteiro do Salvador de Evora. Da sua Fundaçaõ trataremos no dia 14 de Outubro, em que se faz memoria de Sor Catharina de Santo Antonio, primeira filha deste Mosteiro, e principal Fundadora. Era Sor Maria natural de Evora, e de tanta virtude, como temos referido, e se verificou com a sua morte. Da sua intercessaõ piamente creraõ as Religiosas alcançarem de Deos o livrallas de huma tempestade, que se levantou no ar, de relampagos, e trovoens, taõ crescida, que nella temiaõ perder a vida. A Prioressa de Santa Catharina, da mesma Cidade, vendo-se já nos ultimos termos da vida, lhe applicaraõ na parte leza huma alfaya desta Serva de Deos, e repentinamente se vio boa, e com inteira restituiçaõ de saude. Do livro da Fundaçaõ m. s. tiramos o referido.

D Acabaraõ os trabalhos de Fr. Manoel da Conceiçaõ, no anno de 1658, que foy o principio dos milagrosos successos, que depois experimentaraõ os moradores daquellas terras, animados pela sua Fé. Pertendiaõ os Hereges fazerem-se Senhores da melhor, e mais util parte da Ilha de Solor, lançando inteiramente fóra aos Portuguezes, e ainda aos Missionarios; começaraõ a destruìr, e assolar o Reyno de Amarraste, cujo Rey tinha recebido com o Bautismo o nome de D. Agostinho, dado pelo Padre Fr. Rafael da Veiga. Conservava com a Fé o amor à nasçaõ Portugueza, de que o naõ podiaõ separar, nem as conveniencias, nem o medo dos Holandezes; e assim Deos nas mayores tribulaçoens o soccorreo. Vendo os Holandezes naõ admittida a sua liga, desprezada a sua amisade, intentaraõ castigar a sua rebeldia; para o que marcharaõ com hum corpo de mil e trezentos Holandezes, a que se ajuntavaõ muitas pessoas de diversas nações do Oriente, mandadas por hum Cabo experimentado, e foraõ buscar ao Rey, que sem mayor soccorro, do que dezasete Portuguezes, que unio à sua gente, o esperava; e supposto, que cuidadoso, à vista dos inimigos (cheyo de Fé) levantou os olhos ao Ceo, pedindo-lhe a sua assistencia, pois em defensa da Fé, que professava, se via naquelle evidente perigo; mas o Ceo lhe mostrou com prodigios o seguro da sua Protecçaõ; sendo o primeiro, dar huma bala de mosquete em os

os peitos do Capitaõ Portuguez, que era a esperança, com que se lisonjeavaõ na sua experiencia, e disciplina. Ao golpe cahio, e sem receber damno se levantou o Capitaõ, com admiraçaõ dos circunstantes, e do Rey, que já com lagrimas se dava por perdido. O segundo foy ver o Capitaõ a seu lado, naõ só os sete Soldados, que o acompanhavaõ, mas cinco, que tinha mandado guarnecer outro posto, de que enfadado os reprehendeo, como quebrantadores do seu preceito, desamparando o lugar, em que os puzera; mas elles sem responder palavra, continuavaõ com valor na defensa, e depois se entendeo serem os Anjos da Guarda, que em sua ajuda combatiaõ. A terceira maravilha foy, que naõ havendo naquelle lugar Religioso, viraõ os Holandezes hum Frade Dominico, que com hum mosquete incessantemente os offendia, tendo a seu lado huma pessoa, que elles naõ podiaõ divisar, que lho carregava, e entendendo ser algum dos de Timor, lhe diziaõ os Holandezes, com raiva, e mofa: appontay bem Padre, que se me naõ offenderes, eu vos derrubarey por terra; e por mais, que cuidadosos fizeraõ a pontaria, nunca o poderaõ offender. Depois com espanto referiraõ este caso, naõ em Capaõ, em Solor, e Macaçar; mas em Batavavia, dizendo, que se naõ podia sofrer a Guerra de Timor; porque eraõ muy destros os Religiosos. Viaõ os Holandezes, que depois, que principiaraõ o attaque, naõ tinhaõ empregado tiro, sendo já passadas muitas horas de combate, sem que morresse dos contrarios algum, e da sua parte estava o campo juncado de corpos mortos; e nesta desesperaçaõ voltaraõ as costas, e se pozeraõ em fugida, de que animados os nossos, sahiraõ a picallos na retaguarda, com tanto valor, que mataraõ nesta acçaõ, mais de trezentos Holandezes, e dos Amboinos, Ternates, e outras nações, hum grande numero; fazendo complecta a victoria, o ficarem nas suas mãos tres bandeiras, e alguns tambores, pessas de campanha, quantidade de munições de Guerra, e outras bagagens, com que se recolheraõ contentes, victoriosos, e ricos dos despojos. O Capitaõ naõ sofrendo, que contra a sua ordem desamparassem os cinco Soldados o posto, em que os puzera, os reprehendeo, e mostraraõ com os naturaes, que nunca o largaraõ. Entaõ deraõ as graças ao Senhor das victorias, que taõ manifestamente os soccorrera, e o Rey naõ cessava de render as graças a Deos, pelo livrar das mãos dos inimigos da Fé. Fr. Antonio da Encarnaçaõ, em huma Relaçaõ dos progressos desta Missaõ, cap. 13. pag. 50; e Soveges no *Anno Dominicano*, neste dia.

E Varias vezes nos lembramos nesta Obra, daquella grande peste, que padeceo Lisboa, no anno de 1569, em que ditosamente acabou o Padre Francisco Gonçalves, de quem faz memoria o *Menologio da Companhia* m. s. neste dia; e Taner *Societas Europ.* part. 1. pag. 115; e o *Anno Santo da Companhia*, neste dia.

F Na occasiaõ, em que os Holandezes deraõ com hum patacho, que navegava para a China, no qual embarcaraõ alguns Religiosos da Companhia, e outros Capuchos: o fizeraõ tambem quatro Dominicos, dos quaes tres morreraõ affogados, com todos os que naõ souberaõ nadar, escapando hum dos quatro, chamado Fr. Luiz da Trindade, em o anno de 1659, de que faz mençaõ Fr. Antonio da Encarnaçaõ, na Relaçaõ, que imprimio das Missoens de Solor; Lima no *Agiolog. Dom.* e Soveges, neste dia.

JULHO XXXI.

EM Meliapor, na India Oriental, o ditoso fim do Padre Affonso Cypriano, zeloso obreiro do Evangelho, e glorioso imitador do Santo Xavier; porque elle foy o primeiro, que depois do Santo, passou a cultivar aquella antiga Christandade, que vivia entre os abrolhos, e espinhos taõ submergida, que com novo trabalho arrancou os abominaveis vicios de seus moradores, taõ esquecidos, que naõ havia mais, que dous annos, que S. Francisco Xavier se ausentara daquella Cidade, e já eraõ taõ differentes os costumes, que pareciaõ naõ conhecerem a Fé mais, que pelo nome. Na Costa da pescaria, andava o Padre Cypriano, quando o Santo Xavier o chamou a Goa, para o enviar a esta Missaõ, em que fez grande fruto para a Universal Igreja, em o espaço de onze annos, reduzindo a muitos à nossa Santa Fé, compondo as discordias, ensinando aos meninos a Doutrina Christãa, prégando continuamente, reprehendendo com efficacia os vicios, e com Apostolico zelo os admoestava. Já naõ tinha outro nome, senaõ o de Santo, entre aquelles póvos, e verdadeiramente merecido das suas obras, que Deos acreditou em varias occasioens, fazendo publica a sua virtude, como se vio em o caso seguinte. Aportou naquella Cidade hum navio, de que o Capitaõ era tartamudo, e ao Piloto faltava hum olho, homens de costumes depravados, estando já o navio prompto, para seguir a sua viagem, e já em termos de dar à véla, furtou o Piloto a mulher de hum pobre Neophito, de que andava namorado, e nos olhos de todos se embarcou o roubo. Queixava-se o miseravel marido, e bradando pelas Praças, pedia ao Ceo Justiça. Sabe o Padre Affonso do succedido, arde em zelo, vay-se a bordo, mostra a fealdade da culpa, da parte de Deos pede a restituiçaõ da mulher alheya, e com vivas palavras lhe annunciava infalivel castigo de taõ abominavel culpa; mas obstinados com notavel cegueira, se desculpava o Piloto com o Capitaõ, e este com o Piloto, e ambos endurecidos às lagrimas do Padre, e zombando dos infaustos annuncios, puxaraõ pelas vélas, mareraõ o navio, e se fizeraõ ao

O P. Affonso Cypriano da Compan.

mar. Voltou o virtuoso Padre, triste, e desconsolado, para terra, e a primeira vez, que prégou ao povo, profetizou, que o navio padeceria naufragio, que o torto ficaria cego, e o que era tartamudo, perderia a falla. Assim succedeo, porque trocando-se o tempo favoravel, em cruel tempestade, para salvarem as vidas, deraõ com o navio à costa, encalhando na praya, que as ondas à sua vista despedaçaraõ. O Capitaõ querendo vencer com o trabalho a affliçaõ, gritou tanto, que ficou mudo, eis-que lhe appareceo o Piloto, cheyo de colera arremeteo com elle, como principio da sua desgraça, pelo aleivoso rapto, lhe tira fóra o unico olho de que via, ficando por este modo cego hum, e outro mudo; e pobres, e mendigos, foraõ naquella Cidade vivas testemunhas da virtude do Apostolico Varaõ, e exemplo para os atrevidos. Cheyo finalmente de merecimentos, predisse a sua morte, pela qual foy a gozar os premios merecidos de taõ gloriosos trabalhos, deixando huma viva saudade nos Portuguezes, e nos que de novo haviaõ recebido a Fé, e ainda nos Mouros, e Gentios; porque todos a huma voz diziaõ, que perderaõ o seu amparo.

O Irm. Nicolao Kean Fucunanga da Compan.

B Em a Cidade de Nanganſachi, no Imperio do Japaõ, o glorioso triunfo do acerbo Martyrio do Irmaõ Nicolao Kean Fucunanga, da Companhia de JESU, a quem os Padres de tenros annos criaraõ no Seminario, em que aprendeo com as letras a virtude, de que lhe nasceo hum grande zelo da Fé, desejando aggregar a este conhecimento todos os seus naturaes. Assim prégava com tal efficacia, que as suas palavras foraõ instrumento de passarem muitos da cega idolatria à preciosa luz do Evangelho. Era já tanto o credito das suas palavras, que sentido o Emperador dos muitos, que detestavaõ com abominaçaõ os Idolos, mandou desterrar a Nicolao dos dominios do Japaõ. Obedeceo ao Decreto, largando a sua Patria; mas animado de novas inspirações da Graça, tornou àquelle Reyno, que o esperava com a immarcessivel palma do Martyrio, nunca até entaõ excogitado pelos crueis tyrannos da Fé; e foy, mandar pendurar a Nicolao no ar, com a cabeça para baixo, as mãos atadas, e meter em huma cova até os peitos, e fechar esta com humas taboas, obradas à feiçaõ do corpo, para que naquelle horroroso tormento acabasse em summa affliçaõ a vida. Mas Deos, que queria manifestar a gloria do seu nome,

me, o confortou com a Celeste vista de MARIA Santissima, de cujo dulcissimo Nome era especial devoto. Com esta sagrada vista cessaraõ os tormentos, desataraõ-se as cordas, abriraõ-se as cadeas, e com agua fria se animaraõ os espiritos, e se regalou o corpo, e para irrefragavel testemunho se achou na cova huma clara fonte de agua. Cuidadosos os Guardas o foraõ observar no silencio da noite, quando com admiraçaõ vêm a Nicolaõ sentado sobre a cova, livre dos tormentos, e das ligaduras. Confusos ouviaõ o successo, perguntando-lhe o que naquelle tormento era mais penoso, a que com espirito respondeo: que nada o affligia mais, que naõ poder reduzir à Fé de JESU Christo a Toxogusama, com todo o seu Imperio, e que esta era só a dor do seu Martyrio, em que sendo segunda vez posto, ao quarto dia, deu glorioso fim à vida.

Sor Maria de S. Agostinho Desc.

C No Mosteiro de Santo Agostinho, extra muros da Cidade de Lisboa, Sor Maria de Santo Agostinho, huma das primeiras habitadoras deste observantissimo Mosteiro, em quem nem o avançado dos annos já debeis, e fracos, com a idade poderaõ acabar com ella afrouxar as rigorosas penitencias, com que de continuo se mortificava, ao que as Preladas acodiaõ nas doenças; porque naõ fazia excepçaõ de tempo, dormindo em humas taboas, cuberta com huma pobre manta, que esta foy a cama, que sempre teve. A sua pessoa foy o exemplar da modestia, e do desprezo do Mundo, trazendo, ao pescoço huma corda de esparto, com que prendia os sentidos, naõ os querendo mais livres, que para a meditaçaõ. A's suas Companheiras naõ só edificava com o seu exemplo, mas toda se applicava em as servir, consolando as affligidas, e tristes, sendo a medianeira nos dissabores, em muitas occasioens, para com os Prelados, e Preladas; e como a sua virtude era taõ conhecida, em todos causavaõ respeito as suas palavras. Teve grande conformidade nas doenças, de sorte, que encobria as suas queixas, por naõ fazer publicos os frutos da sua paciencia. A huma sua Companheira de igual virtude pedio lhe alcançasse de Deos, que em quanto vivesse, podesse ter alentos para assistir às Missas, e commungar, e assim o conseguio do Altissimo; mostrando nesta supplica a sua humildade o pouco, que confiava na sua intercessaõ. Achava-se já na idade decrepita, chea de achaques; mas nem por isso se absteve de correr as Estações

da Via-Sacra, e os Passos da Paixaõ de Christo, descalça, até que finalmente acabou em paz, deixando da sua mortificada vida huma saudosa memoria.

Simaõ Sumya M. Japaõ.

D Em Oxu, no Japaõ, o Martyrio de Simaõ Sumya Cuyemon, que tendo sido pagem do Tono, com valerosa resoluçaõ soube desprezar todas as felicidades do Mundo, por confessar a Fé de Jesu Christo: pelo que mereceo acompanhalo na semelhança; e sendo crucificado, acabou às lançadas, com grande constancia, e satisfaçaõ, por ser dia de Santo Ignacio, de quem era muy devoto, e o foy acompanhar na Celeste Jerusalem.

Fr. Francisco da Conceiçaõ Dominico.

E Na Ilha de Timor, se conservará sempre a memoria do Veneravel Fr. Francisco da Conceiçaõ, Dominico, que com zelo da Religiaõ Catholica, se oppoz animosamente aos crueis intentos, com que os Holandezes pertendiaõ conquistar aquella Ilha, destruindo com os erros da heresia o dominio da Igreja Romana, em cuja obediencia vivia aquella Christandade, que com tanto trabalho se tinha cultivado. Desanimados já os moradores do formidavel poder dos Holandezes, estavaõ resolutos a desamparar a terra, se a constancia de Fr. Francisco os naõ persuadira à defensa, e com animosa fé lhes dizia esperassem na Misericordia de Deos, em que haviaõ de achar remedio na sua tribulaçaõ. Animados destas palavras ajuntaraõ alguma gente, com que fizeraõ hum corpo de cem mosqueteiros Portuguezes, com que occuparaõ hum posto ventajoso no coraçaõ da Ilha, que o inimigo queria senhorear: nelle sofreraõ seis mezes de sitio, em que padeceraõ fomes, e os mais trabalhos, que se experimentaõ, quando saõ dilatados. Viaõ que se augmentava nos inimigos o poder, e que os buscavaõ preocupados de tal medo, sem acordo, nem conselho, tiveraõ firme resoluçaõ de deixar a Ilha, e passar a Laranta, e sem duvida o executaraõ, se Fr. Francisco, cheyo de confiança em Deos, que lhe animava o coraçaõ, lhe naõ detivera com a sua persuaçaõ este intento. Era grande o corpo da gente, que os inimigos ajuntaraõ; começaraõ com confiança a empreza, accommetendo com resoluçaõ o posto, que os nossos guarneciaõ, que com valor os rechaçaraõ, de sorte, que os obrigaraõ a retirarse com grande perda. Tres horas durou o combate, de que naõ receberaõ damno os nossos. Envergonhados os inimi-

gos

gos de valor taõ extraordinario, determinaraõ sitiar a trincheira, de que os nossos com acordo admiravel se retiraraõ a posto mais seguro, e em parte donde sem difficuldade podessem receber os Soldados, que com dous Capitaens tinhaõ mandado a impedir a junçaõ de hum Rey barbaro, alliado dos Holandezes, e juntamente a buscar alguns mantimentos, de que estavaõ muy faltos, conseguiraõ com fortuna recolherem os nossos àquelle posto; e fazendo entre si conselho, assentaraõ dar em huma madrugada impensadamente nos quarteis dos inimigos, o que fizeraõ com tal valor, que postos em confusaõ, nenhum se sabia defender. Os nossos davaõ nos inimigos sem nenhuma resistencia, de tal sorte, que de hum luzido pé de exercito, naõ ficaraõ mais, que cinco Holandezes com vida, perecendo igualmente Cabos, e Officiaes, e com elles ElRey de Amanace; averiguando-se, que nesta acçaõ, por confissaõ dos mesmos inimigos, se vira hum Religioso vestido de branco, no Habito de S. Domingos, que com huma cana na maõ lhes dava de tal sorte, que confundidos, e desanimados, naõ tinhaõ valor para resistir.

A M. Sor Antonia de Jesus Dominica.

F Em o Mosteiro da Rosa de Lisboa, da mesma Familia Dominicana o precioso obito da Madre Sor Antonia de Jesus, vivo exemplar da virtude, e singular devota de seu santo Patriarca, debaixo de cujo nome dirigio todas as suas acções; e como correspondiaõ com o desejado effeito, ao Protector rendia as graças do bom successo, sem que aos seus merecimentos deixasse alguma parte. Os seus innocentes costumes, a fizeraõ digna de a elegerem por Prelada, officio, que exercitou com tal cuidado, naõ só com zelo do espiritual, mas tambem do material edificio do Mosteiro, que ainda hoje lhe he obrigado. Vinte annos depois foy segunda vez eleita em Prioressa. Era já muy entrada na idade, mas com zelo vivo da Religiaõ, e gloria de Deos; porque naõ padece o espirito os defeitos da natureza, e obrigada das instancias de suas Irmãas aceitou o lugar, e começando a lidar com as obrigações do officio, vio que o corpo caduco, e velho, se rendia ao trabalho, naõ podendo seguir o rigor da Religiaõ, que sem o exemplo, costuma de ordinario afrouxar, e assim passados dous annos, pedio absolviçaõ do lugar: apenas se vio livre, quando como de tropel, começaraõ a perseguilla as doenças, e a lançaraõ

entre-

entrevada em huma cama. Neste estado exercitando a paciencia, em huma verdadeira resignaçaõ, estando acompanhada de suas sobrinhas, mereceo lograr ver o Salvador do Mundo, sobre hum globo de luz, acompanhado do Bautista, que a abençoava, e chea de Celestial alegria batia nos peitos, com violencia, dizendo: *Ecce Agnus Dei. Ecce qui tollit peccata mundi.* De que admiradas as Companheiras, lhe perguntaraõ, o que via, e ella repetindo o referido, devotas instavaõ, em que parte estavaõ aos pés do leito? Respondia a virtuosa Sor Antonia, e conhecendo a graça, que recebia do Altissimo, com dissimulaçaõ santa, arrependida do fervor do seu espirito, do que relatara, disse, que naõ via nada; porque estava sonhando, mas era tal a sua vida, que naõ padeceo duvidas nas circunstantes ser celeste visaõ. Passados poucos dias perdeo a falla, mas sem damno do entendimento, nem do uso dos membros; e sendo recreada com assistencia de seu Padre S. Domingos, acabou em paz. Depois de sua morte appareceo duas vezes com vestido alvo, como a neve, o rosto resplandecente, a huma boa Religiosa, que em poucos dias acabou de hum accidente.

Miguel Japaõ.

G Neste mesmo dia, na Cidade de Miaco, acabou a vida Miguel Japaõ, o qual sendo prezo em odio do Nome de Jesu Christo, por cujo amor depois de ter padecido com admiravel constancia, injurias, e afrontas dos seus naturaes, sofrendo fomes, e trabalhos, esperando todos os dias o mesmo genero de morte, que via executar nos seus amados Companheiros, rendeo a vida na prizaõ.

Fr. Bento de Monserrate Bened.

H Item em Lisboa, no Monacal Mosteiro de S. Bento da Saude, faleceo Fr. Bento de Monserrate, de taõ Religiosa observancia, que assim que tomou o Habito, mostrou logo nos exercicios Monasticos, que seguia, o muito, que havia de aproveitar na Religiaõ, da qual teve grande zelo, guardando com pontualidade a santa Regra; de sorte, que nunca deixou de jejuar nos dias destinados pelas suas leys. Foy muy observante do silencio, e com tanta exacçaõ, que onde o via quebrado, o estranhava, e reprehendia, de maneira, que fogiaõ os Religiosos igualmente delle, que do Prelado; porém com tal modestia, e brandura, advertia, que deixava edificados os mesmos cumpleces. Da sua boca se naõ ouvio em tem-

tempo algum, palavra, que pudesse escandalisar, o que o fez summamente amado dos Religiosos, e respeitado dos Seculares. Chegado finalmente o tempo decretado pelo Altissimo, acabou com suave morte, deixando saudosa enveja aos seus Religiosos, que com lagrimas, e suspiros o meteraõ na sepultura.

Commentario ao XXXI. de Julho.

A O Padre Affonso Cypriano, foy recebido em Roma por Santo Ignacio, de quem alguns imaginaraõ era patricio, por ser Hespanhol. Por elle foy mandado a Portugal, para a Missaõ do Oriente, quando já tinha cincoenta annos; mas de compleiçaõ robusta, e capaz de emprender os discommodos de taõ larga viagem. Chegou à India, e esteve hum anno em Goa, e outro na Pescaria, debaixo da obediencia do Padre Antonio Criminal, cujo glorioso Martyrio escreveo ao Padre Santo Ignacio a Roma. Depois foy mandado, como temos dito, a Meliapor, onde as suas virtuosas obras lhe deraõ o glorioso nome de Santo; e sendo velho trabalhava como moço, naõ havendo cousa de que se isentasse. Depois de padecer muitos trabalhos pela gloria de Deos, morreo no anno de 1559, tendo sessenta e nove annos; tendo gastado doze na Missaõ de Meliapor. Pedio, que o seu corpo fosse enterrado no Adro da Igreja, em que está o Apostolo Saõ Thomé. Estas preciosas Reliquias foraõ a consolaçaõ dos seus trabalhos. Elle foy o Fundador da Residencia de Saõ Thomé. Os Padres de Saõ Francisco, em obsequio da veneraçaõ, que lhe tinhaõ em vida, com solemnes Exequias, com Sermaõ, testemunharaõ o seu affecto. Os bem inclinados, e devotos, procuravaõ ter a sua sepultura junto do Servo de Deos. Neste lugar esteve, até que no anno de 1580, foraõ seus ossos trasladados, para a Igreja da Companhia. Pomos neste dia a sua morte, seguindo a Sousa no *Oriente Conquistado*, part. 1. Conq. 2. pag. 314, que foy nas Vesperas de Festa das Cadeas de S. Pedro, verificando-se desta sorte, o que elle dissera, que seria no principio desta Festa, que começa pelas Vesperas do Santo, sem embargo, de que os mais dos Authores o ponhaõ no primeiro de Agosto. Nesse dia, se lembra delle Nadasi; o *Menelog. da Companh.* m.s. Nieremberg. *Honor del gran Patriarch. S. Ignacio* pag. 570; Orlandin. *Historia Societatis*, liv. 3. n. 114. pag. 101; Albergaria *Triunfos Lusitanos* m. s. Joaõ de Lucena *Vida de S. Francisco Xavier.*

B A Cidade de Vomio no Japaõ, que dá nome a hum Reyno na Ilha de Niphonia, foy Patria do Irmaõ Nicolao Kean Fucunanga, da Companhia, insigne Catequista, e Prégador, occupações, que exercitou por espaço de quarenta e cinco annos, em que foy muy grande o numero dos Japoens, que converteo, e bautisou em varios Reynos daquelle dilatado Imperio, até que prezo em Ficem, veyo a ser martyrisado, imperando Toxogusama, no anno de 1633, neste dia, como refere Nadasi, e Cardim nos Elog. pag. 157. Elog. 57. Guerreir. na *Coroa dos Martyres*, part. 4. cap. 39. pag. 530, o poem a 20 de Julho, e tambem, que fora degolado, o que já refutou Cardim no lugar citado; Nieremberg *Vidas exemplares*, pag. 353.

C Entre a Familia, que o Serenissimo Senhor Rey D. Joaõ o IV. de gloriosa memoria, trouxe de Villa Viçosa, o acompanhou Joaõ Bravo, e Leonor de Oliveira, pays de Sor Maria de Santo Agostinho, natural da mesma Villa; e sendo já de idade decrepita, entrou no Mosteiro das Descalças de Santo Agostinho, em lugar, que lhe deu a Serenissima Rainha D. Luiza, sua Fundadora, no anno de 1668. Observou-se na sua morte, que foy neste dia, no anno de 1688, que naõ faltou Religiosa alguma a lhe assistir, nem ainda alguma impedida por doente, satisfazendo desta sorte à vontade,

tade, com que sempre as acompanhou; porque nunca podia estar sem alguma Religiosa. Depois succedendo trasladarem-se os ossos de outras Religiosas, se mandaraõ ajuntar todos na sua sepultura, para que até alli estivesse acompanhada, esperando a Resurreiçaõ Universal. Das Memorias m. s. que temos deste Mosteiro, tiramos o referido.

D Na perseguiçaõ do Cruel Emperador Toxogusama, tantas vezes nomeado no discurso desta Obra, no anno de 1629, padeceo Martyrio Simaõ Sumya, no Reyno de Oxu, o mais Oriental, e Boreal dos sessenta e seis Reynos, ou Provincias, de que se compoem aquelle dilatado Imperio, e mayor do que muitos juntos. Tem pelo Oriente, por termo o mar, com alguns bons portos, e ao Meyo dia o Reyno de Titachi, e ao Norte lhe fica o mar da Tartaria, da qual se divide por hum pequeno estreito, que se passa em meyo dia do Japaõ à Tartaria. Delle se lembra Morejon *Historia do Japaõ*, pag. 104; Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*; e Albergaria *Triunfo dos Lusitanos* m. s.

E Esta gloriosa victoria, que temos referido no Texto, se atribue à Protecçaõ do Patriarca S. Domingos, que quiz acodir ao zelo, e virtude de seu filho o Padre Fr. Francisco da Conceiçaõ: zelo taõ ardente da exaltaçaõ da Fé, naõ devia deixar de ser ornado de virtudes dignas de hum Apostolico Missionario, e a confiança, com que os moradores de Timor, se animavaõ das suas palavras, daõ a conhecer a veneraçaõ, com que as estimavaõ, para se persuadirem a huma defensa, que parecia impossivel aos olhos do Mundo; porém a Fé deste Religioso os obrigou, a que com cem Portuguezes, e outros tantos naturaes, se arrojassem ao poder dos Holandezes, taõ desigual, que diz o Padre Lima no *Agiologio Dominico*, neste dia, que se compunha de dezoito para dezanove mil Holandezes: parece, que se equivocou; porque naõ era esta empreza, para mandarem os Estados de Holanda dezanove mil homens a Asia, nem a Relaçaõ, que allega, de Fr. Antonio da Encarnaçaõ, diz tal cousa, quando no cap. 13. conta este milagroso successo; e assim como se enganou em fazer só o numero a quarenta Portuguezes, se persuadio, a que se podia ajuntar na Asia exercito taõ florente de gente Europea. Naõ se fizeraõ estas Conquistas taõ dilatadas, com corpos taõ numerosos, e inda que os Holandezes saõ poderosos no mar, e com muitas náos fazem as suas viagens, considere-se, que navios saõ necessarios, para conduzir dezanove mil Soldados à India, e chegar a conseguir formalos em terra. De semelhantes erros se naõ livra, quem se persuade, que tudo cabe no possivel, e naõ devem ser os Estrangeiros, os que nos informem da nossa Historia; porque se os seguirmos, cahiremos em muitos erros; Soveges no *Anno Dominicano*, neste dia, em que fazemos memoria de Fr. Francisco, que achamos pelos annos de 1658.

F Em o principio do seculo de 1600, acabou Sor Antonia de Jesus, prima com irmãa do Santo Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres; bastante Elogio para a sua pessoa, e muito mais, que naõ desmereceo nas obras o parentesco; porque no zelo da Religiaõ foy ardente, e no cuidado da Casa vigilante. A primeira vez que foy Prelada, mostrou o elevado dos seus pensamentos na obra, que intentou, comprando huma rua inteira de casas, que meteo na Clausura, com licença do Senado, com todo o vaõ da rua, obra digna de hum coraçaõ grande. Com esta obra se alargou o Mosteiro, ficando desta sorte as Religiosas bem accommodadas, e utilizadas para o serviço da Communidade em officinas, de que necessitava o Mosteiro. Tambem foy fabrica sua hum lanço do Claustro. Abrio hum poço, por cuja falta era desaccommodado o Mosteiro. Nestas, e em outras obras dispendeo com maõ larga, afiançada na Divina Providencia, que naõ falta aos que bem a sabem servir. Faz della mençaõ Soveges no *Anno Dominico*, neste dia, e Sousa na III. Parte da *Historia de Saõ Domingos*, liv. 2. cap. 3. pag. 96.

G Era Miguel filho de Joaquim Coniya, do qual fizemos mençaõ a 16 deste mez, acabando tambem a vida no carcere de Miaco, no anno 1619, seguindo o bom exemplo de seu pay, como refere Cardim no *Catalogo dos mortos pela Fé*, pag. 279.

H No livro dos Obitos do Magnifico Mosteiro de Saõ Bento, a pag. 11, se faz mençaõ de Fr. Bento de Monserrate,

te,

te, que faleceo neste dia, no anno de 1620. Era natural da Cidade de Lisboa, seu pay foy Cavalleiro da Militar Ordem de Saõ Bento de Aviz, e criando-se virtuosamente o applicaraõ à Musica, na qual se adestrou tanto, que foy admittido na da Capella Real: e affeiçoando-se à Religiaõ de Saõ Bento, que frequentava muito no Mosteiro da Estrella, conseguio ser admittido à Ordem, onde professou, e viveo com o exemplo, que temos referido.

AGIOLOGIO LUSITANO

DOS SANTOS, E VAROENS

Illuſtres em virtude, do Reyno de Portugal, e ſuas Conquiſtas.

AGOSTO I.

S. Felix M.

AO Valle de Chellas, no Moſteiro de Conegas Regrantes, ſe feſteja com grande ſolemnidade a Saõ Felix Martyr, cujas ſagradas Reliquias ſe veneraõ neſta Caſa, que lhe foy dedicada de tempos taõ antigos, que excede a memoria das gentes, e ſe conſerva em conſtante tradiçaõ na fé de todo o Reyno, augmentada com milagres do Santo Martyr, que eſte inſigne Moſteiro ſolemniſa neſte dia, como ſeu Patrono. Foy natural de Sulitana, Cidade de Africa, e querendo polir com o uſo das Sciencias, a viveza do ſeu engenho, paſſou de Ceſaréa, Metropoli da Mauritania; aqui entregue aos eſtudos, em companhia de ſeu irmaõ Cucufate, fez taes progreſſos nas eſcolas, que já no juizo dos companheiros conſeguia eſtimações de em breve tempo ſer douto nas Sciencias; mas illuſtrado de ſuperior luz, trocou os cuidados dos eſtudos, por ſeguir ſómente a importante doutrina do Evangelho. Neſte deſejo o abrazou mais a noticia de em Heſpanha ſe enfurecer a crueldade na perſeguiçaõ dos infieis daquella primitiva Igreja, e aſpirando de ſer Companheiro no Martyrio daquelles, que amava no coraçaõ, lançou de ſi apreſſadamente os livros, que ſeguia por genio, como remoras, que detinhaõ a ſua reſoluçaõ. Dizia: *De que me ſerve a*

 Filo-

Filoſofia deſte Mundo? Neceſſario he apreſſarme a buſcar a vida eterna, que dá tempo ao tempo, que naõ teme os inſtromentos da morte, mas ſó attende ao Author da vida. E neſta firme reſoluçaõ, ſe embarcou para Heſpanha, e com boa viagem aportou em Barcelona; della caminhou a Gyrona, que o eſperava com a coroa de hum largo, mas eſclarecido Martyrio. Começou logo Felix com animo intrepido a prégar a verdade do Evangelho. Acreditava com o exemplo da ſua admiravel vida, a doutrina que publicava: em pouco tempo eſpalhada a fama das ſuas obras, era commua a veneraçaõ, com que o reſpeitavaõ todos aquelles póvos. Chegou eſta noticia a Daciano Prefeito do Romano Imperio, nas Heſpanhas, e mandou a Rufino ſeu Miniſtro o prendeſſe, para que foſſe caſtigado aquelle tranſgreſſor dos Imperiaes Edictos. Confeſſou Felix conſtante o Nome de JESU Chriſto, ratificando muitas vezes a verdade da doutrina do Evangelho, que ſeguia, e publicava: pelo que o mandaraõ açoutar com barbara crueldade, e depois atado de mãos, e pés, foy metido em huma immunda, e horroroſa prizaõ, negando-lhe até o preciſo alimento, para conſervar a vida. Daqui o tiraraõ para o martyrio, e atado o fizeraõ arraſtar por duas mullas, correndo os lugares mais publicos da Cidade. Deſconjuntado o corpo, e quaſi ſem vida, foy tornado ao carcere, e viſitado de noite por hum Anjo, milagroſamente o ſarou das feridas, e confortado recebeo novos alentos, com que ſe animou a ſua conſtancia, para contender com os exquiſitos tormentos, que no ſegundo combate o eſperavaõ. Era Felix dos primeiros Chriſtãos, que experimentavaõ a crueldade de Daciano, que com infernal politica queria com o horror dos tormentos atemoriſar os corações de todo o Chriſtianiſmo: e aſſim naõ houve martyrio, que tiveſſe inventado a diabolica malicia dos algozes, que ſe naõ executaſſe em o Santo. Já com unhas de ferro lhe foraõ crueliſſimamente deſpindo a pelle, tendo-o dependurado com a cabeça para baixo algumas horas, mas vencia animoſo a tyrannia; porque de novo confortado com Celeſtes favores, naõ ſentia dor alguma, acreditando Deos, com eſta milagroſa inſenſibilidade os merecimentos de ſeu Servo. Recolhido ao carcere, foy outra vez viſitado de Angelicos eſpiritos, que com acordes muſicas, e reſplandecentes luzes, enchiaõ de innumeraveis

veis gozos aquella ditosa alma. Sentiraõ os guardas esta estupenda maravilha, e confusos, e admirados, deraõ conta a Rufino, que raivoso de ver tantas vezes vencida a sua tyrannia, resolveo de huma vez acabar com a vida do Santo; e assim mandou, que fosse lançado no mar, que dista algumas legoas de Gyrona: a este fim o ataraõ de pés, e mãos, e executaraõ os impios Ministros a ordem; mas por Divina disposiçaõ, desatadas as ligaduras por hum Anjo, suspenso sobre as aguas, como em branda cama, suavemente o conduziraõ à praya as mesmas ondas. Corrido o Tyranno daquelle prodigio, e quando devia convencerse do milagre, obstinado, e cruelmente enfurecido, vendo que naõ podia com tormentos dar fim àquella ditosa vida, mandou, que fosse secretamente degolado no carcere; e assim foy coroado na eternidade, por hum dos mais insignes Martyres da Militante Igreja.

São Bono Presbit. e M.

B Em Roma na Via Latina, o admiravel triunfo de S. Bono, Presbytero, e seus Companheiros, que pela confissaõ da Fé de Jesu Christo, mereceo ser coroado de Martyrio, deixando de taõ illustre dia esclarecida memoria, nos actos de Santo Estevaõ Papa, e Martyr. Muitos annos depois já no Pontificado do Summo Pontifice Alexandre VII. foy trazido seu sagrado corpo ao Convento da Trindade de Lisboa, como escreve o Agiologio, no dia da sua Trasladaçaõ, a 12 de Mayo.

Collocaçaõ dos Santos Martyres.

C Item no Mosteiro de Chellas, a Collocaçaõ das santas Reliquias de S. Felix Diacono Martyr, Santo Adriaõ, e Santa Natalia Martyres, e seus Companheiros, tambem Martyres, cujas Reliquias se guardaraõ muitos annos em cofres, metidos em duas arcas de pedra, até que a piedade, e devoçaõ de D. Joanna da Columna, Prioressa daquelle insigne Mosteiro, as collocou em cima dos Altares collateraes da Igreja: o da parte do Evangelho dedicado a S. Felix, com doze Companheiros, em meyos corpos: o de Santo Adriaõ da parte da Epistola, com outros doze Martyres na mesma fórma, e tudo compoem hum famoso, e polido Santuario, que se manifesta em varias festas do anno ao povo, que concorre a este lugar, com muita devoçaõ, obrigados dos grandes milagres, que pelo seu patrocinio em diversos tempos tem alcançado, e naõ menos as Religiosas desta Casa, que com estupendas maravilhas tem experimentado a sua poderosa intercessaõ, naõ só nos tempos antigos;

antigos; porque em todo recorrem continuamente aos Santos Martyres, que com beneficios desempenhaõ a sua Protecçaõ, fazendo desta sorte mayor a veneraçaõ nas Religiosas, para os servirem com aquelle cuidado, que pede a obrigaçaõ, em que estaõ aos seus esclarecidos Protectores.

Martim Gomes M. Japaõ.

D Em Nangasachi, Cidade do Japaõ, alcançou a desejada palma do martyrio, com incrivel gozo da sua alma Martim Gomes, publico professor da Ley de Jesu Christo, pela qual confissaõ naõ duvidou dar a vida temporal, e sendo degolado subio à Eterna, que já mais terá fim.

Sor Maria dos Anjos, Francisc.

E No Mosteiro de Santa Anna de Lisboa, da Serafica Familia, cerrou as clausulas de huma vida innocente, com morte preciosa, a Madre Sor Maria dos Anjos, em quem se vio a observancia, unida ao amor de Deos; porque sempre estava na cella fechada em Oraçaõ mental, e na mesma cella corria a Via-Sacra, sabendo achar no seu cantinho caminhos dilatados, em que imitasse a Christo. Vivendo taõ occupada em amar ao seu Esposo, hum dia lhe succedeo fallarlhe huma Imagem de Christo crucificado, dizendo-lhe, que naõ gastasse no descanso do corpo o tempo, que lhe dera para o servir. Esta advertencia do Senhor, era hum manifesto indicio, do quanto favorecia esta sua Serva, animando-a a mayores excessos, quando tal vez a sentiria tibia nas finezas. Era por extremo pobre, mas taõ devota, que todo o anno accendia duas alampadas, em que luzia mais a devoçaõ, que o fogo; e como naõ possuia cousa alguma, com industria santa, se mortificava na comida, para della agenciar o azeite: faltou-lhe hum dia, e naõ achando modo de o adquirir, se foy ao Coro a pedir a Deos remedio; e voltando para o seu aposento, vio retribuida a sua Fé na Divina Providencia, achando a talha naõ só chea, mas de sorte, que o lançava pelo pavimento da casa. Com estes, e outros casos acreditou Deos a sua virtude.

Fr. Francisco dos Reys D. Abbad. da Ordem de S. Bento.

F Em o Mosteiro de S. Bento de Lisboa, a Deposiçaõ do Padre Fr. Francisco dos Reys, que de tenra idade foy muy inclinado ao Serviço de Deos, estudando Humanidades, por mandado de hum tio, que o criara na falta de seus pays, nas quaes em poucos annos aproveitou muito, até que (tocado de interior impulso) deixou o Mundo, vestindo a Cogulla Benedictina no Mosteiro de Tibaens, onde seguindo a vida Monastica

com

com perfeiçaõ, era entre os ſeus Companheiros o modello da Religiaõ, por humilde, e mortificado, fogindo da occioſidade, obſervando aquella celebre ſentença, de que a hum Monge occupado tenta hum ſó demonio, e ao ocioſo muitos. A eſtas virtudes ajuntava outras naturaes, com que ſe fazia amado; porque era brando de condiçaõ, ſofrido, e naturalmente diſcreto, taõ obſervante, e deſapegado, que em quanto durou o encerramento da Religiaõ, nem de palavra, nem por eſcrito, communicou a algum dos ſeus parentes. Naõ lhe tardaraõ muito os lugares da Religiaõ; porque ſendo moço foy eleito Abbade de Gunfey, que adminiſtrou exactamente governando os ſubditos, mais com o exemplo, que com rigores, e preceitos. Neſte tempo padecia o Reyno de Galliza huma terrivel eſterilidade, que obrigou aos ſeus moradores a largarem as ſuas Caſas, e entrarem em bandos pelo noſſo Reyno a buſcar remedio a ſua neceſſidade, eraõ muitos os que buſcavaõ a piedade do Abbade, e era elle tal, que a nenhum deixava de ſoccorrer, diſpendendo com taõ larga maõ, que ſe teve por ſobrenatural o cumprir com tantas eſmolas. Depois deſte lugar foy logo nomeado Viſitador, e ſuceſſivamente empregado nas mayores Abbadias, e outros lugares authoriſados da Congregaçaõ, até que finalmente ſubio ao Generalato, moſtrando em todas as Prelaſias o zelo da Religiaõ, tratando com igual cuidado o eſpiritual, e o temporal, com taõ admiravel adminiſtraçaõ, que em todos os Moſteiros deixou eternas memorias do ſeu governo. Quando já canſado tinha buſcado o Moſteiro de S. Thyrſo de Riba de Ave, no Biſpado do Porto, para deſcanſar, e tratar ſómente da ſua alma, o obrigaraõ a ſer Abbade do Moſteiro de Lisboa, que muito adiantou no material, fazendo a admiravel Sacriſtia, e outras obras polidas, que inda hoje ſe vem com eſtimaçaõ. Acabado o trienio ficou neſta Caſa, onde em obſervancia dos Eſtatutos da Religiaõ, continuou o reſto da vida, eſperando a ditoſa hora, em que arremataſſe a ſua ſanta velhice, e aſſim alguns mezes, antes que ſe aviſinhaſſe a morte, ſe deſencarregou de tudo o que lhe podia cauſar cuidado, e começou a gozar de huma paz interior, com que ſe achava muy conſolado. Diminuiraõ-ſe com os annos as forças, mas nem por iſſo deixava de deſcer à Sacriſtia, a celebrar o Santo Sacrificio da Miſſa, cuja eſmola repartia

com

com os pobres, costume, que observava havia muitos annos. Achava-se bom, e de pé, quando foy acommetido de huma febre, e como Servo vigilante, que estava preparado, com novas demonstrações de piedade, pedio os Sacramentos, e recebido o Santissimo Viatico, de que sempre teve huma grande devoçaõ, e lhe chamava a sua dilicia: pedio o Sacramento da Extrema-Unçaõ, e com praticas, que enterneciaõ aos Religiosos, os acompanhava rezando o Officio da Agonia: fez com humildade huma protestaçaõ da Fé, e se despedio dos Religiosos, que com lagrimas lhe pediraõ a sua bençaõ, que elle lhe concedeo em Nome do Senhor, que tinha em hum Crucifixo nas mãos, a quem depois de rendidas as graças por tantos beneficios, pedio huma Imagem da Virgem, a quem ajudado recitou aquella devota Oraçaõ: *O Domina mea dulcissima visceribus misericordia plena*, que todos os dias rezava, e tornando a pegar no Crucifixo, repetindo o Cantico: *Nunc dimittis*, acabou o mortal curso com taõ evidentes sinaes de predestinaçaõ.

Commentario ao I. de Agosto.

A DISTANTE da Cidade de Lisboa, pouco mais de meya legua pelo Tejo acima, fica ao Norte hum Valle, que chamaõ Chellas, povoado de Quintas, e Hortas, com grande abundancia de aguas, que o fazem ameno, e deleitoso; de sorte, que entre as sahidas da grande Lisboa, naõ he de menor estimaçaõ esta, pela frescura do lugar, e aprasivel da situaçaõ.

Nelle está o Convento de Religiosas Conegas da Ordem de Santo Agostinho, dedicado ao Santo Martyr Felix, que dá assumpto ao discurso seguinte: taõ antigo, que se naõ póde facilmente descobrir o seu principio. Algumas das nossas Historias pertendem, naõ com vulgares fundamentos, fosse habitado de Virgens Vestaes. Prova-se com se achar na reformaçaõ daquelle Mosteiro, entre as ruinas das paredes antigas, algumas pedras com letras, outras de relevo, e entalhe, que confirmaõ a inveterada tradiçaõ do nosso Reyno. Quando se desfez a Igreja, e se levantou ao modo, em que agora a vemos, se achou huma pedra metida na parede, com as letras para dentro, que se conserva na do quintal da Sacristia da banda da Capella mór, de que já mal se podem distinguir as letras; desta injuria do tempo a livrou o Capitaõ Luiz Marinho de Azevedo, lançando-a no seu livro da Fundaçaõ, e Antiguidades de Lisboa.

JULIA. Q. F.F. V
Q. JULIUS Q. F. C.
SEVERUS
H. S. SUNT.

Cuja significaçaõ he: *Aqui estaõ sepultados, Julia Flaminea Vestal, filha, de Quinto, e Quinto Julio filho de Quinto, e Caio Severo.* Outras pedras antigas refere o dito Author, que confirmaõ esta opiniaõ, como tambem a que temos, de que fóra de Roma, e Italia, houve Virgens Vestaes, que se conservavaõ na guarda do fogo perpetuo, como affirma o Onufrio

Onufrio no livro das cousas de Roma, pag. 85, e pag. 86; Aulo Gelio 1. cap. 2; Alex. ab Alex. lib. 5. cap. 12; Pausanias *in Attic.* De Authores taõ graves consta, que as houve em Troya, em Lavinio, em Albalonga, muito antes do que Roma, e que Sylvia mãy de Romulo fora Virgem Vestal, e primeiro que ella, outras. Lucrecio liv. 2; Marliano liv. 1. cap. 2; Topogr. *Urb. Ro.* dizem naõ ser Numa, o que deu principio às Virgens Vestaes, o que segue o Padre Victoria no seu *Theatro de los Dioses* liv. 1. cap. 6, mas ser a mesma Deosa Vesta a primeira, que as instituîo em Armenia, aos 6 annos do Reynado de Simiramis. Justo Lipsio *de Vest.* cap. 13, que foy o que mais apurou esta materia, diz, que inda que naõ achou haver Vestaes fóra de Roma, era fama, e tradiçaõ, que residiraõ em Agrippina, Valencenas, e outros muitos lugares; e o mesmo Justo Lipsio na *Descripçaõ de Lovaina*, liv. 1. cap. 2, refere haver naquella Cidade hum Templo de Saõ Miguel, que fora em tempo de Julio Cesar, dedicado à Deosa Vesta. Tertuliano liv. 1. cap. 6. *ad Uxorem*, diz: *Noveram Virgines Vestæ, & Junonis; apud Achaiæ, Aegium, & Atrecis, apud Delphos, Minervæ, & Dianæ*, que em Achaia havia Virgens dedicadas a Vesta, e a Juno, em Delphos a Minerva, e Diana. O mesmo refere de Athenas Polieno, Herodoto, e Hesychio. Finalmente, a conservaçaõ do fogo perpetuo foy muy usado de toda a gentilidade, ou por Sacerdotes, ou por mulheres castas, e desobrigadas das leys do matrimonio. Entre os Caldeos, Medos, Assyrios, Egypcios, e Persas, he muy commum nas Historias profanas, e ainda nas Divinas, a conservaçaõ do fogo, atribuindo-lhe a Divindade. De que vimos a collegir, que assim como houve Vestaes fóra de Roma, podiaõ residir em Chellas. Que nelle vivesse algum tempo escondido o famoso Achiles, dizem muitos Authores graves, o que naõ disputamos agora, quem quizer ver este ponto lea Marinho na *Fundaçaõ de Lisboa.*

Quem foraõ os primeiros habitadores deste Mosteiro, depois da Religiaõ Catholica ser recebida na Lusitania, he ponto bem difficultoso, em que naõ podemos fazer mais averiguaçaõ, da que achamos espalhada em Authores graves, e doutos, que naõ se pouparaõ ao trabalho, como Brandaõ na *Monarchia Lusitana*; o Illustrissimo Cunha na *Historia dos Arcebispos de Lisboa*; Marinho na *Fundaçaõ de Lisboa.*

Que este lugar fosse primeiro de Frades, he materia, que naõ padece duvida; porque consta de huma Escritura da Torre do Tombo do liv. 1. dos Foraes antigos delRey D. Sancho o I. pag. 69, feita no mez de Agosto do anno de Christo 1192, confirmada no anno 1219, por ElRey D. Affonso II. as quaes nós vimos. Que Regra professassem naõ se atreveo Brandaõ a resolver; porque naõ consta de Escrituras. O Illustrissimo Cunha, se persuadio, que seriaõ Cavalleiros da Ordem Militar de Santiago, que depois passaraõ para o Convento de Santos. O Padre Fr. Luiz de Sousa, affirma serem da Militar de Saõ Joaõ, conhecida no Mundo por Malta; mas naõ traz documento, com que o confirme. De mais, que he muy digno de reparo, de naõ fazer a Doaçaõ memoria de Mestre, ou Commendador, costume observado pelos Reys nas suas Doações; e assim nos persuadimos, que naõ era de nenhuma das Religioens Militares, nem menos das Monacaes de S. Bento, ou Cister, taõ antigas neste Reyno; porque os seus Chronistas, taõ diligentes, naõ acharaõ nos seus Cartorios documento algum sobre esta materia. Que fosse de Conegos Regrantes achamos muitas provas, que no lo confirmaõ; porque nas Memorias de D. Theotonio de Mello, Prior de Saõ Vicente, que tinha junto, para formar a sua Chronica, de que depois se aproveitou D. Nicolao de Santa Maria, se vem muitas Escrituras, que o affirmaõ.

Houve em Chellas Convento Duplex (isto he, de Frades, e Freiras,) como consta de huma Doaçaõ, feita na Era de 1229, que he anno de Christo 1191, que começa: *In Christi nomine Hæc est charta Donationis, & firmationis quam jussi facere ego Gonçalvus Joannis, vobis Domno Petro Priori fratribus Chellas.* Já no anno de Christo de 1229, tinhaõ despejado os Frades, como se vê de algumas Escrituras, que andaõ na I. Parte da *Historia de Saõ Domingos*, cap. 23; porque no anno de 1271, faz ElRey troca com a Prioressa Tareja Fagundes, de huma herdade, que tinha no termo de Lisboa, o qual contrato está na Torre do Tombo, e refere Brandaõ, que affirma serem estas

Religioſas Conegas de Santo Agoſtinho, como conſta de Breves antigos, que vio dos Summos Pontifices; em hum de Gregorio IX. principalmente, cujas palavras ſaõ as ſeguintes: *Ut Ordo Canonicus qui ſecundum Deum, & Beati Auguſtini regulam in eodem loco inſtitutus eſſe dignoſcitur.*

O Padre Fr. Luiz de Souſa, a quem eſtimamos, naõ ſó pelo bom eſtylo da ſua Hiſtoria, mas pela ſua erudiçaõ, pertende, que eſtas Religioſas ſejaõ da ſua Ordem Dominica: porém nós com licença de tudo quanto elle refere no apontado lugar, entendemos ſer de Conegas, e por florecer a ſua Religiaõ em obſervancia Regular, lhe foy encommendado o governo dellas, e debaixo das ſuas Conſtituiçoens, e Breviario, ſe conſervavaõ na Regra de Santo Agoſtinho, que ella tambem profeſſa; o que ſeguimos com a authoridade de Brandaõ; e claramente ſe confirma com as palavras, de que em certa Eſcritura diz huma Prioreſſa de Chellas, fallando da Ordem dos Prégadores, *de cuja Ordem nós ſomos ſugeitas*, e a refere o Padre Fr. Luiz de Souſa; porque pareceria ſuperflua a palavra *ſugeitas*, ſenaõ foſſem de outra Ordem, e aſſim moſtravaõ ſómente a ſubordinaçaõ. De mais, que em todos os Breves ſe nomeaõ da Ordem de Santo Agoſtinho, ſugeitas aos Padres Prégadores; de que vimos a concluir, que foraõ ſómente da ſua adminiſtraçaõ: como as Freiras de Semide, que ſendo Bentas, guardaõ a Regra, e Eſtatutos de Ciſter, e as de Moimenta da Beira, que foraõ governadas pelos Monges de Alcobaça; e em Napoles o Moſteiro da Sapiencia da Ordem de Saõ Domingos, he adminiſtrado, e governado pelos noſſos Padres, da Caſa de Saõ Paulo de Napoles da Religiaõ Theatina, e poderiamos ajuntar outros exemplos. Deſta ſorte ſe conciliaõ as opinioens deſtes Authores, em que foraõ ſempre Conegas; mas governadas muito tempo debaixo dos Eſtatutos Dominicanos; e aſſim fica em ſeu vigor a pedra reprovada pelo Padre Fr. Luiz de Souſa, que foy mandada lavrar em tempo daquelle virtuoſiſſimo Prelado D. Miguel de Caſtro, pelos annos de 1608, ſeguindo nella a tradiçaõ, e conſtante opiniaõ das noſſas Hiſtorias, que logo lançaremos. Da parte do Evangelho, no Altar collateral, da invocaçaõ de Saõ Felix, eſtá o Letreiro ſeguinte:

Eſta Capella ſe reedificou em tempo do Illuſtriſſimo Senhor D. Miguel de Caſtro, Arcebiſpo de Lisboa, Prelado deſta Caſa, com cujo governo foy ſempre adminiſtrada antes dos Reys de Portugal, como ſe vê de hum Cippo, feito na Era do Senhor de mil, e das Armas del Rey Wamba, que repartio os Biſpados em Heſpanha, o que tudo ſe achou neſta reedificaçaõ, com ruinas de hum cais de enxelharia, onde deſembarcaraõ eſtes Santos Martyres.

Beatiſſimo Chriſti Dñi Martiri Felici Diacono, aliiſque XII. martyribus quæ impiorum gladiis ſub Diocleciano occubuerunt, quorum corpora hic jacent ante Alphonſum I. Portug. Regem hoc altare dicatum eſt.

No Altar collateral da parte da Epiſtola, eſtá o ſeguinte:

Eſte Convento he de Conegas Regrantes de Santo Agoſtinho, por eſcrituras antiquiſſimas. Foy Caſa das Veſtaes, antes da vinda de Chriſto N. Senhor, o que ſe vê pelos veſtigios das pedras, que eſtaõ na Clauſtra velha, por o Cippo de Julia Flaminia e ara das Veſtaes, com o buraco da urna do igne perpetuo, aſſim

que

que se acha ser reedificada esta Capella quatro vezes, huma em tempo das Vestaes, outra na primitiva Igreja de Hespanha, e duas depois.

Fidelissimo atque invictissimo Christi Dñi Martiri Adriano, & Nataliæ uxori ejus, aliisque sociis qui sub Maximiano vario tormentorum genere occubuere, quorum corpora ante Alphonsum I. Portug. Reg. hic quiescunt hoc altare dicatum est.

E para que de todo fique firme esta opiniaõ a corroboraremos com huma Escritura do Mosteiro de Chellas, que anda copiada na *Chronica dos Conegos Regrantes* de D. Nicolao de Santa Maria, part. 2. liv. 12. cap. 12, em que a Prioressa D. Domingas Annes, dá uso de humas casas a Eyria Annes Roberta, feita no anno 1310, e acaba desta sorte. *Estando a esto presente, e dando sua authoridade, e licença o virtuoso Prior D. Joaõ Annes, e D. Fernam Matheus Conego de Santa Cruz de Coimbra, e D. Domingos Paes Procurador do Mosteiro, tambem Conego de Santa Cruz, e eu Egas Pires publico Tabaliaõ, que o escrevi, e meu final publico hi puge que tal he* ✠. De que se vê, que depois do governo dos Padres Dominicos, tornaraõ ao dos Conegos Regrantes; e para que naõ padeça duvida, alegaremos o livro dos Obitos de S. Vicente de fóra. *Decimo quinto Kalendas Augusti obiit Donus Augustinus suerii Prior de Achellis Canonicus Sancti Vincentii.* E aos tres de Novembro outro assento. *Obiit Frater Petrus Conventus Sancti Vincentii Procurator de Achellis.* Desta sorte temos mostrado mais diffusamente, do que permitte o estylo, que seguimos, a antiguidade do Mosteiro de Chellas, e a profissaõ de suas habitadoras.

Do Mosteiro de Conegas Regrantes, que houve em Coimbra, junto ao de Santa Cruz, vieraõ para o de Chellas as Fundadoras, em tempo do Bispo D. Sueiro Annes, ainda que ao Illustrissimo Cunha, pareça ser D. Sueiro, II. do nome entre os Bispos de Lisboa; mas se elle vira a Escritura acima allegada, em que ao mesmo tempo houve Religiosos, e Religiosas no mesmo lugar, o naõ duvidara: e no tempo deste Prelado parece se restaurou esta Casa taõ antiga. Entende-se, que nella se conserva Igreja desde a primitiva Christandade. Depois que a este Lugar vieraõ as Reliquias de S. Felix Diacono, e Martyr, lhe foy dedicada; o tempo naõ apontaõ as nossas Chronicas, nem he facil de averiguar, e só se collige da invocaçaõ, que à Igreja deu S. Felix, que antecedeo no tempo a Santo Adriaõ, e Santa Natalia, e outros seus Companheiros, de que faremos mençaõ no 1. de Novembro, em que se festeja esta Santa.

Muitos annos antes deste Mosteiro ser povoado de Religiosas, foraõ trazidas ao Valle de Chellas as Reliquias de S. Felix, o que entendemos ser, conforme a pedra, que se achou no anno de 1603, do Reynado de Recevinto, Principe Catholico, sendo Pontifice Vitaliano: era esta pedra redonda, a qual se conserva ainda em dous pedaços, em que juntos se lia a Inscripçaõ seguinte:

DEPOSITIO.
BONE MEMORI
MARTRE D
FELICIS DECEM
IDIBVS. ERA
DCC. IIII.

Vem a dizer: *Deposiçaõ, que se fez à boa memoria do verdadeiro Martyr, o Diacono Felix, aos 13 de Dezembro da Era* 704, que coresponde ao anno de *666*; de que claramente se vê a antiguidade desta Igreja neste lugar, o que nos poderiaõ mostrar os pergaminhos, e outras memorias, que nesta Casa se conservavaõ, pendurados no lugar, em que estava o Santo, por muitos annos vistos das gentes, e a incuria deixou perder, damno irreparavel. Dizer o modo com que a este lugar aportaraõ, nem o tempo aonde chegava hum braço do Tejo, que a terra cobrio, naõ he facil, quando estamos lamentando a falta dos documentos, o que naõ padece duvida,

vida, que nelle se lhe edificou Igreja, para que ficasse perpetua a memoria, de que nella estava o corpo do Santo Martyr; e que no anno, em que se perdeo Hespanha, se deviaõ esconder as Reliquias, pois antes da entrada dos Mouros, já era dedicada a Igreja a Saõ Felix Diacono, e Martyr, como consta da pedra acima. Recuperada a ultima vez a Cidade de Lisboa, pelo esforço do grande D. Affonso o I. de Portugal, se descobriraõ os sagrados Corpos: com elles deviaõ estar os pergaminhos, que os distinguia, e nós lamentamos a sua falta. Redificou-se a Igreja, e de novo começaraõ os Fieis a venerar os Santos Martyres: o tempo conforme Brandaõ, pelos annos de 1148, e saõ muitos os beneficios, que da sua protecçaõ tem recebido esta Casa, e os que com devoçaõ os invocaõ.

Que seja este o verdadeiro corpo de Saõ Felix, Diacono de Girona, de que tratamos no Texto, temos por materia indubitavel; porque de mais da tradiçaõ constante do nosso Reyno, e a pintura antiquissima, em que se vê o Santo Martyr, com vestidura de Diacono, consta padecerem em Girona dous Santos deste nome, como advertio com a sua nunca assaz louvada erudiçaõ, o Licenciado Jorge Cardoso, no dia 24 de Março, dia de Saõ Felix Martyr de Santarem, cujo corpo goza Pariz; e Saõ Felix de que tratamos, de Lisboa; e nos admiramos, que se naõ lembrasse Tamayo, taõ douto na Historia de Hespanha, de que em Chellas se venerava o seu corpo. O Sumptuoso Mosteiro de Chellas o celebra neste dia, como seu Padroeiro, com *Officio Duplex* de primeira Classe, e Oitava, costume observado de tempos antiquissimos.

Fazem delle mençaõ os Martyrologios *Romano*, e *Baronio*, *Adom*, *Maurolico*, *Usuardo*, Pedro de Natalibus, Bispo Equilino, no *Catalogo dos Santos*, liv. 7. cap. 9, Marieta nos *Santos de Hespanha*, e Surio, e outros neste dia. Santo Antonino de Florença largamente, Tomo VIII. *de Martyr. plurimis*, cap. 1. §. 25. Prudencio em o Hymno 4 de Peristeph.

Parva Felicis decus exhibebit
Artubus sacris locuples Gerunda.

S. Gregorio Turonense, Monsieur Baillet nas *Vidas dos Santos*. Rocas nas *Synopsis da Historia de Hespanha*, part. 2. pag. 207. Dos nossos Brandaõ, Cunha, nos lugares allegados; Faria na *Europa Port.* Duarte Nunes na *Descripçaõ de Portug.* o *Agiologio* no Comment. do 1. de Janeiro; Vasconcellos in *Descriptione Reg. Lusit.* pag. 548. *Acta Sanctorum Tom. I. Augusti*, neste dia, a pag. 26. onde fallando, que em diversas partes de Hespanha se diz estaõ as Reliquias do nosso Santo, diz: *De Lusitanicis testatur non uno loco Rodericus da Cunha in sua Historia Ulyssiponensi.* E sem embargo do que estes Doutos Authores referem, naõ podemos privar Chellas de lograr o precioso thesouro das suas Reliquias, como temos mostrado.

B Trataõ de Saõ Bono, Presbytero, e Martyr, o *Martyrologio Romano*, o de *Baronio*, *Usuardo*, *Maurolico*, e outros neste dia; o *Menologio dos Gregos* no seguinte; Papebrochio *in Prætermissis*, no dia 12 de Mayo, diz estar no referido Mosteiro, por cuja causa nos pertence.

C No anno de 1604, neste dia, com assistencia do Illustrissimo Arcebispo D. Miguel de Castro, acompanhado de todos os Prelados das Religioens, e de muitas pessoas de authoridade, se collocaraõ as referidas Reliquias, em 26 meyos corpos, e as mais, que ficaraõ, se recolheraõ em hum cofre da India, onde estiveraõ até o tempo da Prioressa D. Juliana de Noronha, que lhe mandou lavrar de prata, o que hoje se conserva na casa do Capitulo, pelos annos de 1631, no seu ultimo governo. As Inscripçoens, que nas Capellas dos Santos Martyres se puzeraõ, deixamos lançadas no Commentario de S. Felix. Todas as mais Reliquias, que restaraõ, mandou o Arcebispo recolher dentro de huma pedra, que se meteo por sua ordem no arco, que fica da banda do Evangelho, junto ás grades do Cruzeiro. A elle concorrem os moradores de Lisboa, obrigados dos muitos milagres, que os Santos obraõ; e assim tem introduzido huma romajem de levarem a esta Igreja os meninos doentes, e de os passarem por baixo do arco, com tanta Fé, que tem por sem duvida, que repetindo esta romagem por tres sestas feiras, na terceira, tem conhecida melhora, ou morrem: chamaõ a esta sua romaria de Saõ Pedro Fins: equivocaçaõ, que o povo fez, por ser o dia de Saõ Felix Diacono, o das

o das cadeas de Saõ Pedro Apoſtolo, como advertio o Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha, ajuntando Pedro Fins, Pedro pelo Apoſtolo, e Fins, por ſer nome, que antigamente ſe dava a S. Felix; e aſſim a reſidencia, que junto ao Minho tem os Padres da Companhia, he chamada de Saõ Fins, por nella ſe conſervar a cabeça do Santo Martyr Felix.

Os nomes dos de mais Santos Martyres, naõ achamos o tempo, em que ſe depoſitaraõ neſta Caſa, e o modo com que foraõ trazidos, refere o Agiologio no dia 14 de Janeiro, letra C, em que foy feita a primeira trasladaçaõ. Que à de que tratamos foſſe feita em o governo de D. Joanna da Columna, e naõ D. Luiza de Noronha, como diz Cardoſo no Agiologio, D. Nicolao de Santa Maria, e o Capitaõ Luiz Marinho, ſe prova com o aſſento do livro das Eleiçoens deſta Caſa, onde naõ ha Prioreſſa deſte nome deſde o tempo de D. Maria da Sylva, que o reformou, e occupou eſte lugar 42 annos, e faleceo no de 1589, e ſe confirma com o inſtromento, que ſe fez da trasladaçaõ, eſcrito em hum pergaminho, que ſe recolheo com as Reliquias na pedra do arco da Igreja, de que ficou hum tranſumpto às Religioſas, que declara ſer Prioreſſa, no anno de 1604, a dita D. Joanna da Columna, o qual anda lançado em hum livro m.ſ. deſte Moſteiro, que tivemos em noſſo poder, e vimos, em que tem as Vidas de S. Felix, Santo Adriaõ, e Santa Natalia, e no fim algumas memorias, tiradas do ſeu Cartorio. Fazem memoria deſta trasladaçaõ, neſte dia, além de Cardoſo no lugar apontado, D. Nicolao de Santa Maria na *Chron. dos Coneg. Regr.* part. 2. liv. 12. cap. 14; a *Hiſtoria de S. Domingos* de Souſa, part. 1. liv. 1. cap. 23.

D O glorioſo Martyrio do ditoſo Martim Gomes, foy em o primeiro de Agoſto do anno de 1627, dominando o Imperio do Japaõ Toxogunſama, tantas vezes nomeado neſta Obra, pela ſua crueldade, como tem o Padre Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, pag. 303.

E Em o Moſteiro de Santa Anna, profeſſou Sor Maria dos Anjos a Regra de Saõ Franciſco, com tal obſervancia, como acredita a ſua Vida, a que deu fim neſte dia, do anno de 1693, como diz o Padre Fr. Fernando da Soledade, na IV. Parte da *Hiſtoria Serafica*, liv. 4. cap. 27. pag. 562.

F Na inſigne Cidade de Braga, teve ſeu naſcimento o Padre Fr. Franciſco dos Reys, que entrando na Religiaõ de Saõ Bento, occupou os mayores lugares, como temos viſto, dando de ſua prudencia, e talento, aos vindouros o modo de governar ſem opreſſaõ dos ſubditos, pois com brandura, e affabilidade reprehendia, deixando conſolados a todos; porque nelle naõ dominava a paixaõ, como muitas vezes ſuccede, cuberta com o eſpecioſo nome de zelo, que faz inſuportavel o jugo da Religiaõ. Soube tambem ſer hum admiravel adminiſtrador dos bens da Religiaõ, e aſſim em todos os Conventos, que governou, deixou memorias, que o engrandecem. No de Ganfey fez hum Dormitorio, dous lanços do Clauſtro, com bella fonte no meyo; no do Porto, que governou dous trienios, he obra ſua o Santuario da Igreja; obra primoroſa, e de cuſto; no de Tybaens mandou lavrar o arco do frontiſpicio da Capella môr; deu principio à abobeda da Igreja, e acabou outras muitas obras; enriqueceo a Sacriſtia de Ornamentos, e peſſas de prata de grande valor, em que moſtra a grandeza do ſeu animo; em o de Lisboa polio muito, e adornou eſte Moſteiro, com a Sacriſtia, que eſtando principiada, era obra taõ imperfeita, como muitas, que o tempo vay conſumindo naquelle meſmo Moſteiro, com magoa dos que as vem; pois ſe os Prelados tiveraõ o animo, e zelo deſte virtuoſo Padre, ſeria eſte Moſteiro huma das melhores fabricas do Reyno: proveo a Sacriſtia de Ornamentos, e com outros muitos diſpendios moſtrava o amor, que tinha à Religiaõ. Parece que Deos ajudava os ſeus ſantos intentos, dando-lhe com que os executar ſuperabundantemente. He para reparar, que quando o Capitulo Geral o obrigou a ſer D. Abbade deſta Caſa, e elle o recuſava, poz por condiçaõ, que lhe haviaõ de dar eſtudos naquelle Moſteiro, e aſſim ſe detriminou; e ſendo a deſpeza mayor em ſuſtentar nos Collegiaes mais Religioſos, nem por iſſo deixou de fazer deſpezas de tanta conſideraçaõ, que fará ſempre ſaudoſa a ſua memoria. Eſtá enterrado na Capella môr da parte da Epiſtola, com eſte breve Epitafio.

Sepultura do nosso Reverendissimo Padre Fr. Francisco dos Reys, Geral que foy desta Religiaõ, e D. Abbade desta, e outras Casas, faleceo em o primeiro de Agosto de 1664.

Do livro dos Obitos deste Mosteiro, que tivemos em nosso poder, consta o referido.

AGOSTO II.

S. Gualter da Ord. de S. Francisco.

A A Villa de Guimaraens a Festa de Saõ Gualter, Companheiro, e Discipulo do Patriarca Saõ Francisco, que depois de ter com a sua presença illustrado este Reyno, mandou a elle Saõ Gualter, com o Santo Fr. Zacharias; e apartando se estes Apostolicos Varoens, passou Saõ Gualter à Provincia do Minho, por mandado delRey D. Affonso II. Em Guimaraens, junto da Villa, em huma Serra, a que chamaõ Villa Verde, fez sua habitaçaõ pobre, e humilde. Ao seu admiravel exemplo se ajuntaraõ muitas pessoas nobres, que tocados superiormente do seu raro modo de vida, se aggregavaõ a seguir a Regra de Saõ Francisco, concorrendo de diversas partes tanta gente, que em breve tempo formou huma Communidade. Edificado o Convento, era para ver aquelle Guardiaõ, que por descançar, ou dar mayores forças no exemplo aos subditos, tomar a sacola às costas, e sahir pela Villa pedindo esmola. Outras vezes o admiravaõ pelas ruas, ensinando a doutrina Christãa, e prégando penitencia, com tanta energia, e efficacia, que às suas vozes estremeciaõ os corações mais impedernidos. Quando algum obstinado resistia, em segredo o admoestava; e porque às vezes naõ bastava, cheyo de Apostolico zelo, e com liberdade Evangelica, em publico o reprehendia. Era tanto o respeito, que lhe tinhaõ, que era chamado novo Apostolo de Christo. Naõ se via nelle mais, que desprezo do Mundo, pobreza, charidade, e amor do proximo. Entrava pelos Hospitaes, servia aos doentes, e desamparados, sendo com mayor cuidado os asquerosos, de que todos se arredavaõ, applicando-lhe medicamentos; e via-se com espanto, que com elles, e sem elles, conseguiaõ pelo milagroso contacto das suas mãos saude. Sepultava

pultava os mortos, em que occupava tambem os seus Frades. Visitava nas cadeas aos afflictos prezos, e soccorrendo-os, e consolando-os, passava a ser Procurador, e medianeiro com os Ministros. Cheyo sempre do amor de Deos, andava como extatico, com os olhos arrazados em lagrimas de saudades da Gloria. O seu mantimento de ordinario era hum pedaço de paõ, com huma pouca de agua, e taõ moderada, que em alguns dias era taõ pequena porçaõ, que naõ chegava a satisfazer a sede; mas sequioso da fonte da vida, merecia na meditaçaõ Celestes confortos, com que alentado o espirito, animava com a ajuda do braço Divino o debil da natureza. E pagando o universal tributo à morte, tendo resplandecido com milagres em vida, naõ foraõ menos depois de glorioso no Ceo, com que crescendo a devoçaõ dos nobres moradores de Guimaraens, o tomou esta insigne Villa por Padroeiro, por cuja intercessaõ tem experimentado singulares beneficios.

Sor Catharina dos Anjos Francisc.

B No Mosteiro de Nossa Senhora de Subserra, na Villa da Castanheira, acabou com preciosa morte Sor Catharina dos Anjos, em quem a commiseraçaõ com os pobres foy nascida de hum animo pio, e devoto, despendendo com elles taõ liberalmente, como enternecida da miseria, que padeciaõ. A' Virgem Maria venerou com especial culto. Foy taõ observante dos Estatutos da Ordem, que de suas Religiosas virtudes deixou memoria santa. Na sua morte foraõ ouvidas Angelicas Musicas, que nesta publica demonstraçaõ do Ceo, testemunharaõ a sua innocente vida.

D. Antonia de Noronha Francisc.

C Em Santa Clara de Evora, da mesma Familia Serafica, foy a gozar da Gloria, a Madre D. Antonia de Noronha, em quem a virtude foy inseparavel desde os primeiros annos; porque aos seis da sua idade entrou neste Mosteiro, e logo se começaraõ a ver nas suas acções procedimentos taõ claros, que eraõ indicios de huma alma pura, e santa. Naõ era ainda Religiosa, mas tal a modestia, que parecia Noviça, quando atada às obrigações da Religiaõ, era o exemplar da Communidade; e assim a Prelada a occupava na criaçaõ das Noviças, de que em breve foy Mestra, dando-lhe em saudaveis conselhos, e santos exercicios, admiravel educaçaõ. Levantava-se de ordinario às tres horas da manhãa, sendo a sua primeira acçaõ huma larga disciplina, com que se preparava para orar, e

até

até às seis horas gastava meditando. Depois entrava a Prima, e na tarde tinha tempo destinado para a contemplaçaõ, sem a qual o espirito naõ póde lograr aquellas doçuras intellectuaes, que o Senhor communica aos seus Servos. Andou sempre descalça, e mal enroupada, de que sua sobrinha se compadecia, dando-lhe às vezes huns çapatos, que ella aceitava, e logo remediava com elles algum pobre. Tinha grande compaixaõ dos necessitados, e assim repartia do que possuìa com grande liberalidade. A sua tença dividia ametade para a fabriça da Sacristia, a outra parte dava ametade aos pobres, com quem se havia com tanta igualdade, que até da porçaõ da Communidade repartia com elles. Comia muito pouco, e ainda menos nos dias de jejum. A Quaresma era meya de paõ agua. Os trabalhos alheyos lhe deveraõ grande cõmiseraçaõ, e os sentia, como se fossem proprios. Visitava as doentes com grande charidade, levando-lhe sempre regalos, com que as consolava. A's que eraõ pobres metia debaixo do travisseiro algum dinheiro, sem que fosse sentida, e com palavras devotas, e santos conselhos, animava a todas a sofrerem as molestias com paciencia. Na verdade soube ella ser o mais perfeito exemplar da paciencia. Entrada já em idade larga, deu huma quéda taõ desastrada, que pareceo ao juizo das Companheiras, que nella perdia a vida: quebrou da parte direita hum quadril, e hum joelho: acudiraõ a concertalla, e nunca o puderaõ conseguir, antes parecendo, que a curavaõ, lhe erraraõ a cura na collocaçaõ dos ossos, voltando-lhos à parte contraria. Em taõ acerbas dores se lhe naõ ouvia mais, que conformidade, em hum silencio profundo, e em voz branda dizia: *Seja pelo amor de Deos.* Neste tormento, em lugar de cura, a deixou o Cirurgiaõ emplastada, e voltando depois conheceo o erro: foy preciso desmanchar o que tinha feito, para tornar os ossos ao proprio lugar, e com admiravel paciencia sofreo por amor do seu Esposo a cura. Dous annos esteve na cama com taõ grande conformidade, como quem nella a sua paciencia estava lavrando a coroa, que lhe o Senhor tinha prometido. Aqui em larga, e profunda oraçaõ levantava o espirito a Deos, e desta sorte a achava sua sobrinha de noite, com os olhos no Ceo, em huma suave quietaçaõ; e este só era o tempo, em que as dores a naõ affligiaõ, com que depois de taõ largos trabalhos, com

com que o Senhor acrisolou a sua alma, se foy a receber o devido premio da sua Religiosa vida.

D No Convento de Santa Sita, da Familia Serafica, faleceo Fr. Vicente Barqueiro, que em serviço da Religiaõ tinha gasto a saude, até que rendido do trabalho, enfermou de sorte, que ficou aleijado dos pés. Padecia crueis dores, sem que tivesse outro alivio mais, que invocar o Nome de JESUS, que o confortava de sorte, que com novos alentos desejava fossem mayores as dores, para ter mais que sofrer pelo seu amor. Começou o anno, e entrando em mayores pensamentos da Celeste Patria, suspirava ver chegado o dia da Porciuncula. Perguntaraõ-lhe a causa de taõ repetidos desejos, a que satisfez, dizendo entender ser aquelle o feliz termo dos seus trabalhos. Chegou o dia, e pedindo o levassem ao Coro, depois de se confessar, como quem conhecia era chegada a morte, recebeo o Santissimo Sacramento do Altar, e ganhando o Santo Jubileo, esteve hora, e meya em oraçaõ, e rogando o tornassem à Cella, pedio que logo o ungissem. Recusava o Prelado, e certificado das suas palavras, em que lhe dizia, que certamente morria, e depois que lhe cantassem o Evangelho: *Ante diem festum Paschæ*; e enternecido daquellas amorosas palavras, com copiosas lagrimas, inflammado em santo amor de Deos, rendeo suavemente o espirito nas mãos do Creador.

Fr. Vicente Barqueiro Francisc.

E Item em o Mosteiro de Santa Iria da Villa de Thomar, acabou chea de annos, e merecimentos, neste dia, a Madre Sor Marianna do Presepio, cortada de penitencias; porque com asperos cilicios, continuados jejuns debelitava a fraca natureza; e quando parecia, que rendida do rigor, com que se maltratava, entaõ se via mais alentado o espirito, para gastar a mayor parte da noite vacando a Deos em profunda oraçaõ, acompanhada de copiosas lagrimas. No seu coraçaõ teve largo aposento a charidade, soccorrendo aos pobres com o verdadeiro amor de proximo, mostrando desta sorte a fineza, com que amava ao Divino Legislador, e depois de em largos annos exercitada nestas, e outras louvaeis virtudes, a chamou o Senhor à remuneraçaõ dos Justos.

Sor Marianna do Presepio Francisc.

F Em Iquizuk, a acerba morte do Padre Francisco Carriaõ, da Companhia, que sendo destinado Missionario no Japaõ, lhe cahio em sorte a Ilha de Ximo, em que padecendo

O P. Francisco de Carriaõ da Companhia.

muitos trabalhos, ſe achava conſolado entre as afflições, vendo o copioſo fruto daquella ſeára do Senhor, que elle tanto à cuſta do ſeu ſuor tinha plantado, com tanta gloria da Religiaõ Catholica. Em Meaco ajudava aos Chriſtãos à perſeverança, com conſelhos da vida eterna, pondo todas as ſuas forças para os animar a ſerem conſtantes na Fé. Depois de taõ largas fadigas, por muito tempo eſperou no Reyno de Bungo violenta morte em odio da Fé, pelo que lhe tinha Soſuminio, filho delRey Franciſco, e Cicalata, ſeu conſanguineo, que perſeguiaõ declaradamente aos Chriſtãos; até que em Firando, tendo conſeguido da impiedade ſingulares victorias para Chriſto, lhe tinhaõ tal odio os Barbaros, que lhe deraõ veneno, com que paſſou tres dias anciado, lançando muito ſangue; e falto já de forças, rendido do mal, entrou a ſua ditoſa alma no Ceo, a gozar o premio da ſua laborioſa Miſſaõ.

Commentario ao II. de Agoſto.

A PArecia ſer de obrigaçaõ, quando fallamos no Padroeiro da nobre Villa de Guimaraens, fazermos mençaõ da ſua antiguidade, e bem merecidas prerogativas; porém como no dia 23 de Janeiro fica largamente deſcrita, a elle remetemos o Leitor.

He tido o ſeu Padroeiro Saõ Gualter, na commua opiniaõ, por Italiano de naſcimento; mas naõ dizem de que parte de Italia os Authores, nem menos o anno do ſeu tranſito referem com certeza. Fr. Lucas Wandingo nos *Annaes da Ordem*, chega com a ſua vida até o anno de 1258. Foy ſeu corpo metido na terra, e com ella obrava Deos muitos prodigios: depois foraõ ſeus oſſos poſtos em hum moimento de pedra, de que manou muitos annos hum precioſo licor, que era admiravel medicina para os enfermos. Delle ſe viraõ muitas vezes ſahirem luzes taõ reſplandecentes, que davaõ claridade a toda a Igreja. Fóra da Villa ſe vê huma fonte, que dizem ſer ſua, e com a ſua agua ſe confirma a fé dos moradores, cobrando por ella muitos ſaude. Edificado o Convento daquella Villa, no ſitio em que hoje permanece, ficaraõ na primeira mudança as Reliquias do Santo no primeiro domicilio, que tiveraõ os Religioſos: dalli o pertenderaõ levar os Conegos da Collegiada de Guimaraens, para a ſua Igreja; porém nem por força, nem por induſtria o puderaõ mover; o que ſabido dos Religioſos, no dia ſeguinte o conſeguiraõ ſem difficuldade, e poſto aos hombros o levaraõ ao ſeu Convento. No anno de 1577, ſendo D. Prior de Guimaraens D. Fulgencio, filho do Sereniſſimo D. Jayme Duque de Bragança, ſe trasladaraõ ſuas Reliquias para huma Capella, que a Villa lhe mandou lavrar, e metidas em huma decente ſepultura de pedra, ſe lhe poz no verſo ſeguinte hum breve Epitafio:

Gualteri tegit hoc venerabilis oſſa ſepulchrum.

E no alto do frontiſpicio eſta Inſcripçaõ:

DIVO GvaLtero D.F.D. VIMARAN. PAtrono. inſtaurati feſti voto IIII. annoque M.D.LXXVII.P.V.F.C.

O povo

O povo de Guimaraens por quatro vezes fez voto de celebrar a sua Festa, como testifica o sobredito Letreiro. De tempos muy antigos o começou a festejar neste dia, o qual era de guarda na Villa, acompanhado de festas, e de huma feira geral, que deu o nome a hum campo, chamado ainda hoje o Campo da Feira, naõ distante da Villa. Depois da sua trasladaçaõ, que se fez na primeira Dominga deste mez, nesse dia, se celebra a sua Festa, com Procissaõ, por Carta delRey D. Filippe, escrita no anno de 1621, que se guarda no Archivo da Camera, em que encommenda seja com a solemnidade, que no dia do Corpo de Deos. Os nobres moradores desta Villa lhe erigiraõ huma Confraria, que approvaraõ pelo Papa Gregorio XIII. que lhe concedeo muitas indulgencias; e o mesmo depois conseguiraõ do Papa Gregorio XV. para a vida, e para a morte especialmente *In die festivitatis ejusdem Sancti Gualteri*, como diz a Bulla passada a 5 de Abril de 1621, as quaes todas tem confirmado o nosso Santo Papa Clemente XI. pelos annos de 1715. Escrevem a Vida deste amado Discipulo de Saõ Francisco, Cornejo na *Historia Geral da Ordem*, part. 2. liv. 4. cap. 60, em que se equivoca em pôr a sua Festa no 1. de Agosto; Esperança na *Chronica da Provincia de Portugal*, tom. 1. liv. 1. cap. 47; Fr. Marc. de Lisboa, part. 1. liv. 1. cap. 59, e liv. 6. cap. 27, e 30; Wanding. *Annal. Minor.* Tom. I. Ann. 1216. §. 2, 12. 17. 25. Tom. II. Ann. 1258. §. 9; Fr. Manoel de Monforte na *Chronica da Provincia da Piedade*, liv. 3. cap. 15; Causino *Corte Divina*, *Ephemer. de Agosto*; o Illustrissimo Cunha *Historia de Braga*, part. 2. cap. 27. pag. 119; Estaço *Varias Antiguidades de Portugal*, cap. 29. pag. 123; Brandaõ na IV. Parte da *Monarchia Lusit.* liv. 13. cap. 13. pag. 93; Faria *Europa Portugueza*, tom. 3. cap. 11. pag. 202; Ferrario *Novus Catalogus Sanctorum*; Purificaçaõ *Chronologia Monastica*; Tamayo no *Martyrologio Hispano*; Fr. Artur no *Franciscano*, todos neste dia, onde cita outros muitos Authores, de quem saõ as palavras seguintes: *Vimarani in Lusitania Beati Gualteri Confessoris ejusdem Divi Patris Francisci Discipuli vita, & miraculis insigni.*

B D. Alvaro de Castro, Senhor de Penedono, filho herdeiro da Casa, e virtudes de seu pay o grande D. Joaõ de Castro, Vice-Rey da India. Casou com D. Anna de Ataide, filha de D. Luiz de Castro, Senhor da Casa de Monsanto. Deste esclarecido consorcio nasceo, entre outros filhos D. Catharina de Castro, que entrando no Mosteiro da Castanheira, largando o illustre appellido pelo dos Anjos, soube na observancia da Religiaõ adquirir nome de Santa; com que engrandeceo naõ menos a Casa de Castro, do que os seus claros progenitores. Faleceo neste dia, do anno de 1640. Saõ muy curtas as memorias, que temos desta Religiosa, e do descuido de as notarem se queixa o Chronista da Ordem Serafica o Padre Fr. Fernando da Soledade, na IV. Parte da sua Historia, liv. 2. cap. 17. pag. 178.

C No Mosteiro de Santa Clara de Evora se conservaõ duas Capellas, huma de S. Francisco, e outra dos Santos Martyres de Marrocos, fabrica da devoçaõ da Virtuosa D. Antonia de Noronha, que saõ hum eterno testemunho do seu zelo, pois conformando-se com o seu Instituto as ornou, ainda que com pobreza, com aceyo. O Memorial, que temos m. s. deste Mosteiro, que varias vezes temos allegado, e donde tiramos o que delle escrevemos, diz ser filha de D. Antonio Lobo, irmaõ do Baraõ de Alvito D. Joaõ: deve de ser este o filho de D. Diogo Lobo, II. Baraõ de Alvito, que teve por filho D. Antonio Lobo, que seguindo a vida Ecclesiastica foy Capellaõ mór do Infante D. Duarte, filho delRey D. Manoel, ao qual os livros de Familias deste Reyno, daõ entre outros filhos a D. Antonia, nem póde ser outro; porque inda que seu irmaõ D. Joaõ Lobo, naõ chegou a ser Baraõ de Alvito por morrer em vida de seu pay em Azamor, desgraçadamente da quéda de hum cavallo, adonde tinha hido em companhia do Duque de Bragança D. Jayme, como escreve Goes na *Chronica delRey D. Manoel*, part. 3. cap. 46. Naõ houve entre estes Fidalgos, filho deste nome. Faleceo D. Antonia de Noronha, neste dia, do anno 1597, e o Senhor quiz comprovar a gloria de sua Serva, com prodigiosas circunstancias. O rosto lhe ficou com tal graça, que parecia de quem estava dormindo, e naõ morta. Quando a levaraõ para o Coro a seguiraõ quatro pombas, e naõ se apartaraõ do esquife, até que a meteraõ na

sepultura. A cera do seu enterro ardendo naõ se diminuio, antes se augmentou, de sorte, que pedindo-se a conta do pezo para se pagar, respondeo o Cirieiro, que bem satisfeito estava, na que achara de mais.

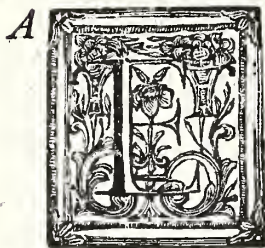
D Distã huma legoa da Villa de Thomar o Convento de Santa Sita, ainda dentro dos limites do Arcebispado de Lisboa, no Commento do dia 6 de Abril, se póde ver a sua fundaçaõ. Para este Convento veyo de Santarem Fr. Vicente Barqueiro, de quem fizemos mençaõ, e morreo no anno de 1613, e foy seu corpo por distinçaõ sepultado no Capitulo, como refere Esperança na II. Parte da *Historia Serafica*, liv. 11. cap. 38. pag. 620.

E A Madre Sor Marianna do Presepio, occupou o lugar de Abbadessa do Mosteiro de Santa Iria de Thomar, da Serafica Familia duas vezes, com taõ admiraveis procedimentos, que pelo seu exemplo conseguio naquella Communidade huma singular veneraçaõ, em quanto lhe durou a vida, e depois deixou huma saudosa memoria da sua morte, que foy neste dia, do anno de 1684, com claros sinaes de que lhe fora revelada, como refere Soledade na *Historia Serafica*, part. 3. liv. 3. cap. 10. pag. 295.

F A Villa de Medina del Campo, no Bispado de Salamanca, oito legoas da Cidade de Valhadolid, celebre nas Historias de Hespanha, por ter logrado por muitas vezes a Corte de seus Reys, tem por Armas treze roeles de prata, orlada com esta letra: *Ni el Papa beneficio, ni el Rey officio.* Por singular privilegio da sua Collegiada, em que o Papa naõ provê Beneficio, nem ElRey Officio da Villa. Nasceraõ nella pessoas de distinçaõ, em letras, e valor, e naõ he menor gloria sua ter sido Patria do Padre Francisco de Carriaõ, que aos trinta annos da sua idade, e dezanove de Companhia, e gastos em laboriosa vida, foy morto em odio da Fé, no anno de 1590, em Iquizuk, Aldea da Ilha de Firando. Passou à India com o Padre Alexandre Valignano, Visitador, que o mandou ao Japaõ, onde assistio quatorze annos, e por sua ordem escreveo em bom estylo as *Annuas*, e *Cartas do Japaõ*, relatando os progressos, que a Religiaõ Christãa tinha conseguido naquelle Imperio, pelo trabalho dos filhos da Companhia. Delle faz mençaõ Nadasi *Dierum memorabilium*, neste dia; Cardim nos Elogios, pag. 21.

AGOSTO III.

S. Pantaleaõ M. Oitava.

A

EM a Cidade do Porto, a Oitava de Saõ Pantaleaõ Martyr, o qual pela confissaõ da Fé, generosamente soube desprezar as riquezas do Mundo, os favores do Emperador, e com admiravel constancia sofreo diversos generos de martyrios, sendo lacerado com unhas de ferro, queimado com tochas accezas, e metido em huma caldeira de chumbo derretido, lançado no mar com huma grande pedra ao pescoço, deitado a bestas féras, e depois atado em huma roda, cuberta de pontas de aço, e precipitado de hum monte, e triunfando de tudo com espanto dos Gentios, até que sendo degolado, com novo prodigio acreditou Deos os grandes merecimentos de seu Servo, lançando leite em lugar de sangue, por cuja admiravel tolerancia, mereceo ser coroado com a immarcessivel palma na Gloria, entre os famosos

ſos Campioens da Celeſte Jeruſalem. Seu glorioſo Triunfo celebraraõ em ſeus eſcritos com extraordinarios Elogios Saõ Joaõ Damaſceno, Metaphraſtes, Surio, e outros muitos, e aſſim meſmo Catholicos Poetas.

B Em a Villa de Aveiro, no Moſteiro de JESUS, da Dominicana Familia, eſperaõ a univerſal Reſurreiçaõ as cinzas da Veneravel Madre Brites Leitoa, ſua Fundadora, Matrona de taõ ſingulares virtudes, que em todo o tempo com igualdade de animo deu moſtras da ſua prudencia. Criou-ſe na virtuoſa Eſcola do Paço da Infanta D. Iſabel, mulher do Infante D. Pedro, aquelle excellente Principe, a quem as virtudes, e os acertos da ſua regencia, fizeraõ benemerito de melhor fim; porém a fortuna, que entaõ lhe faltou, durará ſempre na eſtimaçaõ das gentes. Era Brites Leitoa de idade muy tenra, e de entaõ começou o ſeu ſerviço a ſer agradavel a eſtes Principes, e como era de naſcimenro claro, e conſpicuo, aſſentava nella bem todo o favor. Concertaraõ-na para caſar com Diogo de Ataide, que depois foy Guarda môr da dita Infanta, em cujo ſerviço ſe conſervou até a ſua morte, que naõ foy muito depois da de ſeu marido, na infelice batalha da Alfarrobeira. Eſte tragico ſucceſſo lhe deu hum tal conhecimento do Mundo, que dando de maõ às honras do Paço, para que de novo o convidavaõ, ſe determinou recolher com ſua mulher, para o Lugar de Ouca, fazenda ſua, duas legoas de Aveiro, e com verdadeiro eſpirito vivia como ſe foſſe no Ermo: paſſava os dias em orações, e jejuns; as noites em vigias, a que como poderoſo ajuntava muitas obras de charidade. Por ſuas mãos trabalhava, ao modo dos Padres do Ermo, occupando-ſe no ſerviço humilde. Brites Leitoa, fiel imitadora da mais heroica virtude, trabalhava das portas a dentro, governando a ſua familia, como a Mulher forte. Neſte theor de vida, ſem obrigaçaõ de Regra, nem Habito Monachal, paſſavaõ em ſanta obſervancia da Ley de Deos; e quando com mayor goſto ſe conſideravaõ felices, levou o Senhor para ſi Diogo de Ataide. Naõ contava mais que vinte e ſete annos, quando ſe achou viuva com quatro filhos; e como era rica, nobre, e virtuoſa, foy muy pertendida para ſegundas vodas. Eraõ bem differentes os ſeus penſamentos, e aſſim ſeguia a vida, que tinha praticado com o marido, vivendo na ſua imaginaçaõ enterrada

Sor Brites Leitoa Dominica.

para

para o Mundo. Combatia o Ceo com devotas supplicas, a que ajuntava jejuns, e penitencias, para que lhe allumiasse o entendimento em huma resoluçaõ segura, para o servir. A este fim, depois de muitas obras de piedade, chamou Fr. Joaõ de Guimaraens, Prior do Convento de Saõ Domingos, homem douto, e de vida santa, e debaixo da sua direcçaõ se resolveo a viver na Villa, em hum sitio, que comprou, com o mayor rigor das Emparedadas, e despedindo toda a familia, se recolheo com suas filhas D. Catharina, e D. Maria, e huma Dona velha, e negadas a toda a communicaçaõ, naõ eraõ vistas senaõ na Igreja dos Dominicos, àquella hora determinada dos seus exercicios, com tal modestia, que nem entre si fallavaõ, e só com o seu Confessor tratavaõ materias da sua alma. Jejuava Brites Leitoa todo o anno, nunca mais comeo carne. A camisa era hum cilicio asperissimo, tunica de burel, vil, e grosseiro, que rompia o delicado corpo em feridas, vencendo com o espirito a fraqueza do humano. Passava a mayor parte da noite orando, e alternando com disciplinas, e lagrimas, sendo a cama do castigado corpo o chaõ do seu Oratorio. A suas filhas, que amava ternissimamente, despida dos affectos da natureza, tratava sem carinho, e só com amor de proximo. Já era celebre por todo o Reyno a fama do novo Recolhimento, de que nasceo pertenderem muitas Senhoras largarem as suas grandes Casas, e acolherem-se àquelle abrigo do Ceo, a que ella ressistia; porque só intentara recolherse com suas filhas, e naõ fundar. Passado algum tempo, ou inspirada de Deos, ou obrigada das instancias, e grande qualidade de D. Mecia Pereira, que ficou viuva, e moça, de Martim Mendes de Berredo, da Illustre Familia de Pereira, de que ella tambem era descendente. Com D. Mecia Pereira, e mais duas Companheiras de igual cathegoria, e procedimentos, cresceo a Communidade, e foy preciso alargar o sitio, parecendo no rigor, e observancia de vida o Mosteiro mais recoleto. Aspiravaõ a mayor perfeiçaõ, e principiando por hum Oratorio, onde lhe fosse hum Religioso dizer Missa todos os dias, e ministrarlhe os Sacramentos, veyo a ter principio o Mosteiro de Jesus de Aveiro, de que ellas foraõ Fundadoras. Crescia o material da obra, e a perfeiçaõ do espirito, vencendo constantes, e humildes os estorvos, que se levantaraõ, para

naõ

naõ chegar ao fim, que em breve tempo conseguiraõ; porque ao amanhecer do dia se achava com admiraçaõ a obra mais crescida, do que se deixava na noite, de que nascia espalharse pela terra, que os Anjos trabalhavaõ de noite, e desta sorte crescia, aos olhos, e admiraçaõ de todos. Naõ sofria o demonio, que se funda-se huma Casa, em que Deos havia de ser taõ servido; e assim depois de ter esgotado com horriveis visoens, e ameaços de contrastar o peito da Serva de Deos, para que desanimada desistisse da empreza, vencia humilde toda a infernal furia; mas com diabolica astucia lhe declarou peyor guerra, persuadindo a hum Senhor poderoso, e rico do Reyno, que por demanda lhe pedisse a Quinta de Ouca; e dando hum libello taõ instruido de Direito, e taõ apparente de razoens, que mandou a Justica, que apparecesse na Corte Brites Leitoa. Este contratempo naõ desanimou o seu espirito; porque se fundava em paciencia, e humildade, recorria a Deos com confiança. Fiada na justiça da causa, fez o caminho para a Corte a pé, vestida dos trajes vís, e grosseiros, de que usava, acompanhada de hum criado velho, que fora de sua Casa, e de huma criada de mayor idade. Causou grande admiraçaõ o ver naquelle traje transfigurada aquella mesma, que fora a gala do Paço, e attendida da Corte, sem mais causa, que por amor de Deos, se ter feito humilde. As Damas do Paço alcançaraõ licença, para a poderem hospedar nas suas pousadas, trabalhando em competencias pela sua communicaçaõ. Em breve se vio a justiça da causa, inda que à custa de huma grave, e comprida doença, da qual melhorada voltou a entender com a fabrica do seu Mosteiro, que achou adiantada, e capaz de receber mais Companheiras. Assentado o dia de tomarem o Habito de Saõ Domingos, foy Brites Leitoa a primeira, que o vestio, a que se seguiraõ suas filhas, e as mais. Começou logo a exercitarse o fervoroso espirito da Fundadora, que todas seguiaõ com santa emulaçaõ, servindo em os actos mais vís, e humildes, sem o descanso de serventes. Nos mais exercicios de Coro, oraçaõ, vigilias, jejuns, e disciplinas, era tanta a observancia, que era perciso na Prelada mais cuidado, para as afrouxar no rigor, do que para as persuadir à perseverança. Neste theor de admiravel observancia estava o Mosteiro de Dominicas de Aveiro: quando começou

meçou a experimentar a Villa o terrivel mal de peste, e ardendo no contagio, começou a sentirse no Convento. Morreraõ algumas Religiosas, e entre ellas sua filha mais velha Sor Catharina de Ataide, a quem a virtude, e o sangue faziaõ duas vezes amada. Sepultou-a, sem que no semblante desse a conhecer, que aquella era a prenda, que mais amava na terra: este effeito do amor de Deos retribuîa o Senhor, animando o fragil da natureza com Celestes visoens, humas vezes fazendo-lhe ouvir Musicas de Anjos, outras mostrando-lhe a Gloria dos Bemaventurados, e com taõ singulares favores fazia mais crescidos os desejos de padecer. A' fama da virtude do Mosteiro concorriaõ a tomar o Habito muitas Senhoras Illustres do Reyno; e chegando esta noticia à Princeza D. Joanna, filha del Rey D. Affonso V. que a Igreja declarou com o titulo de Beata, e veneramos no Altar, determinou tomar o Habito de Saõ Domingos, neste Mosteiro, o que finalmente recebeo da maõ da Prioressa Brites Leitoa. E quando viviaõ em Angelico socego, gozando as suavidades do espirito, sobreveyo nova peste, que tornando a dar na Villa obrigou a El Rey ordenar, que a Princeza sahisse do Mosteiro, e para que lhe fosse menos sensivel esta ausencia, fosse acompanhada da Prioressa Brites Leitoa, e das mais Religiosas, que elegesse; para o que lhe mandou licença dos Prelados, com novos poderes de fundarem onde parecesse à Princeza. Obedeceo a Prioressa, e com grande desconsolaçaõ se despedio das mais Religiosas, e naõ sem lagrimas daquellas paredes, que foraõ fabricadas tanto à custa da sua paciencia, e cuidado, como quem entendia naõ as tornaria a ver. Sahio finalmente saudosa da sua amada Casa, e seguindo a Princeza vieraõ parar na Villa de Aviz: cahio logo a Prioressa enferma de febres: pareceo à Princeza, que sendo Veraõ era remedio deixar a Provincia de Alentejo, e fez logo caminhar para Abrantes. Aqui se agravou a doença, e rendida da força do mal, entregou a sua alma adornada de perfeitas virtudes ao seu Creador, deixando da gloria, que lograva, singular testemunho, em ficar o seu corpo, como de pessoa, que dormia; os membros brandos, meneaveis, como quando estava viva.

Os Embaixadores de Macao com 57 Compan. MM.

C Em Nangasachi, no Japaõ, com animos destemidos, testemunharaõ com o seu sangue a infallivel verdade da nossa

santa

ſanta Fé. Luiz Pacheco, Rodrigo Sanches de Paredes, Simaõ Vaz de Pavia, Gonçalo Monteiro de Carvalho, Portuguezes da Cidade de Macao, com cincoenta e ſete Companheiros, que ſendo mandados por Embaixadores do governo daquella Cidade à Corte do Japaõ, para facilitarem o comercio prohibido à Naçaõ Portugueza, quebrado pelos Japoens, em odio da Fé; porque ſe lhe introduzia pelos Miſſionarios Apoſtolicos, envolta no ſeu intereſſe. Informados os Miniſtros da Fazenda Real de Macao do publico Edicto, com que no Japaõ ſe prohibia entrada a toda a peſſoa de Naçaõ Portugueza, reſolveraõ mandar huma Embaixada ao Imperio do Japaõ; para o que eſcolheraõ quatro Cidadãos dos mais nobres por ſangue, authoriſados em cargos, e reſpeitados por annos, a quem deraõ eſta commiſſaõ. Prepararaõ-ſe com decencia, e authoridade que pedia o caracter, e depois com os Sacramentos; porque ſe naõ admitte peſſoa alguma naquella viagem ſem conſtar, que ſe tenha confeſſado, e commungado. Feitas varias rogativas publicas nos Conventos de Macao, ſahiraõ daquelle porto, aos 22 de Junho, do felice anno de 1640; vencidos alguns trabalhos, que pareceraõ milagroſos, com quinze dias de viagem chegaraõ ao porto de Nangaſachi, e ſurgindo defronte da Ilha dos Martyres, cuja interceſſaõ imploraraõ devotos, para que intercedeſſem por aquelle negocio. Tanto que deu fundo o navio, veyo gente de terra a viſitallo, deraõ-lhe parte, que eraõ de Macao, e que traziaõ quatro Embaixadores da Cidade, para tratar com o Emperador, do commercio entre aquelle Imperio, e os Portuguezes. Examinadas outras couſas, tomando a Carta dos Embaixadores para o Governador de Nangaſachi, ſe deſpediraõ os da viſita. Naõ tardaraõ muito em chegar duas embarcações grandes, com outros Miniſtros, a que chamaõ Bungios, para ſe certificarem da gente, e forças, de que ſe compunha o navio, e de tudo ſe moſtraraõ ſatisfeitos; e tirando o leme o levaraõ para terra. No dia ſeguinte deſcavalgaraõ a artilharia, e a levaraõ, dizendo aos Embaixadores, que no outro entrariaõ na Cidade, com toda a ſua comitiva. O Governador lhe eſcreveo com palavras de amiſade, offerecendo-lhe tudo o que foſſe neceſſario, para o ſuſtento de ſuas peſſoas, e gente, e que do negocio da Embaixada trataſſem por eſcrito: reſponderaõ agrade-

 cendo

cendo aquelle dissimulado offerecimento, e passaraõ seus officios à Corte. Esta Carta remeteo o Governador por hum proprio; e sendo mal recebida, foy a reposta mandar dous Ministros, para que os processassem como reos, e a toda a de mais gente. Entraraõ os Tonos em perguntas, dizendo como se atreveraõ a entrar no Japaõ, contra a ley do seu Principe, que condenava à morte aos transgressores do seu Edicto? A que responderaõ, que só se entendia a ley com os comerciantes, mas naõ com elles Embaixadores da Cidade de Macao, que sua jornada se dirigia a negociar com a Corte, para restabelecer o commercio dos Japoens com os Portuguezes. Mas naõ convencidos da razaõ, e com infidelidade poucas vezes vista, lhe intimaraõ a sentença da Corte, em que condemnava aos Embaixadores, e todos da sua companhia à morte; sendo a causa desta iniqua sentença, o terem os Portuguezes promulgado a Ley dos Christãos no Japaõ. Ouviraõ-na os Embaixadores sem receyo, nem temor da morte temporal, pois por ella conseguiaõ vida eterna. Lida a sentença os ataraõ com cordas aos pescoços, prezas as mãos, e a todos os de mais Christãos, os tiraraõ da sala do Tribunal, em que estavaõ. O Embaixador Luiz Pacheco, lhe disse desassombradamente, que naõ havia ley barbara, que faltasse ao direito das gentes, que entre todas as Nações do Mundo fora sempre privilegiado. O Embaixador Rodrigo Sanches de Paredes, com animo constante mandou hum recado aos Tonos, da substancia seguinte: Que com Pessoas do seu caracter se naõ usava semelhante aleivosia, declarando, que os matavaõ por serem Christãos. Preza toda a gente do navio, delles escolheraõ treze, para voltarem a Macao com a noticia daquella cruel execuçaõ. A noite passaraõ em preces, e rogos, pedindo a Deos os enchesse de constancia, para darem as vidas em obsequio da Fé, que professavaõ. Era para ver os Negros, e para admirarlhe a fortuna, confortando a seus amos, e pedindo com humildade perdaõ entre si huns aos outros; e todos alegres esperavaõ aquella felice hora, que lhe havia de abrir as portas do Paraiso. O Embaixador Rodrigo Sanches, naõ só os exhortava, mas com efficacia lhe persuadia a gloria do martyrio. Amanheceo o dia tres de Agosto, em que o Ceo os havia de aposentar nos Córos dos Martyres, e a Militante Igreja havia de

triunfar

triunfar da perfidia dos Tyrannos. Tirados da prizaõ, se intimou em voz alta hum indulto do Emperador, que concedia a vida a todos, os que largando a Religiaõ Christãa, abraçassem a dos seus Idolos. Mas a huma voz se ouvio, que todos queriaõ morrer na Ley de JESU Christo, abominando toda a idolatria, deixando-se ver naquellas confusas vozes a efficacia da Divina Graça. O Embaixador Simaõ Vaz de Pavia, levantando a voz, cheyo de novos brios, e com entranhavel gozo, e alegria, voltando para os Companheiros, disse: *Agora sim, agora sim, que já naõ póde occupar os nossos corações tristeza, pois morremos pela Fé de Christo.* Seguio-se a estas vozes hum geral contentamento em todos, e huma firme esperança da victoria. Naõ despersuadidos os Tyrannos, de novo mandaraõ offerecer em particular a quasi todos a vida, que com admiravel constancia, e heroica resoluçaõ desprezaraõ, antepondo a verdade infallivel, à ignominiosa vida, que conseguiriaõ sendo apostatas da Fé. O Embaixador Simaõ Vaz de Pavia, quando lhe perguntaraõ se queria mudar de Religiaõ, respondeo com singular efficacia: A mim, barbaro idolatra? Pertendes enganarme amim? Naõ me conheces? Sabe, que já estou vendo a JESU Christo, cuja gloria já me espera. Em muitos dos Companheiros houve repostas dignas de eterna memoria. Ainda naõ desenganados os Ministros da crueldade, de novo, como pregaõ, offereciaõ a vida, aos que largassem a Fé de Christo, que todos a huma voz ratificaraõ, com confusaõ dos Idolatras Japoens. Eraõ mais de seis horas da manhãa, quando tirados da prizaõ, foraõ conduzidos ao lugar, aonde se havia de executar a infame ordem do Emperador. Gonçalo Monteiro de Carvalho, com huma Protestaçaõ da Fé, declarou o intimo do seu coraçaõ, e com animo resoluto acabou, que dissessem em Macao, que elle morria pela Fé de Christo. O mesmo publicavaõ os Embaixadores, alegres, e contentes; e assim todos os de mais, animados da Divina Graça, com desprezo da vida, confundiaõ com a sua constancia a todo aquelle grande numero de espectadores, que os seguiaõ. Era para ver aquella Procissaõ de Confessores de Christo: precediaõ os quatro Embaixadores, e logo os de mais Companheiros. Chegaraõ ao lugar determinado, e nelle foraõ degolados todos em obsequio da Fé, subindo as suas bemditas almas triunfantes ao Ceo,

deixando escrito no livro da vida eterna a temporal, que souberaõ desprezar, por seguirem a Jesu Christo. He bem para notar, que sendo sessenta e hum o numero daquelles Martyres, se acharaõ dezasete Nações naquella victoria, a saber: Portuguezes, Castelhanos, Mystiços, Indios, Papamgos, Chinas, Bengalas, Cafres, Malayos, Timores, Solores, Ballalas, Malabares, Achens, Canarins, Macassares, e Jaos.

Sor Maria da Conceiçaõ Franc.

D No Mosteiro da Castanheira, da Serafica Familia, deixou de sua virtuosa vida huma veneravel memoria a Madre Sor Maria da Conceiçaõ: em os primeiros annos da mais tenra idade mostrou hum espirito taõ elevado, que aspirava à perfeiçaõ. Ainda naõ conhecia a sua innocencia a culpa, se naõ no nome, e já lhe prevenia remedio, ornando-se de virtudes. Tres annos viveo em continuado silencio, gastando o tempo, ou no Coro orando, ou na Cella escrevendo, o que lhe ditava o espirito; porque da Mystica teve larga liçaõ. Deste silencio se lhe seguio huma abstracçaõ de tudo. Já mais deu sentido às cousas temporaes: succedendo-lhe nas praticas, que tinha com seus irmãos, naõ lhe lembrar nada do que lhe contavaõ. Observou sempre huma exacta pobreza, entregando pontualmente tudo quanto lhe davaõ nas mãos da Prelada. Quando occupou este officio, obrigada da obediencia, applicava o que tinha à Sacristia. A estas virtudes unio huma admiravel paciencia, com que se conformava nas adversidades, por ser a resignaçaõ o mayor sofrimento nos Justos; porque dos golpes do amor, e da natureza, fabricavaõ a coroa os seus merecimentos, o que observou com admiraçaõ esta Serva de Deos. Morreo seu irmaõ na sempre sentida batalha de Alcacer, e pelo que o estimava lhe retardaraõ a noticia até a Paschoa: deraõ-lha naquelle dia, a que com animo constante respondeo, que naõ era tempo de sentimentos humanos, quando a Mãy de Deos estava chea de gozos; que se alegrassem com ella naquella consideraçaõ, que para o mais naõ faltaria tempo. Esta fortaleza de espirito he a mais clara prova do desapego do Mundo, e de quam unida vivia com Deos, a quem só amava com tal ternura, que ou na oraçaõ, ou rezando o Officio Divino, eraõ as lagrimas testemunhas do seu amante coraçaõ. De taõ excessivo amor a Deos, se lhe seguia huma grande compaixaõ do proximo, e das Almas do Purgatorio, por cujo alivio applicava,

plicava, naõ ſó muitas orações ſuas, mas era procuradora para as das Companheiras. Tendo obſervado com rigor huma vida penitente, e mortificada, ſe preparou para a morte; e recebendo o Santiſſimo Sacramento, que repetio na doença, ſe foy a lograr da Gloria, que Deos manifeſtou, ouvindo toda a Communidade Angelicas vozes, ficando o ſeu corpo flexivel, o roſto fermoſo, e agradavel, de ſorte, que nas Companheiras lograva venerações de Bemaventurada.

Sor Joanna dos Santos, e Sor Ignez da Aſſumpçaõ Dom.

E Item de duas Religioſas Dominicas, Sor Joanna dos Santos, profeſſa no Moſteiro de Aveiro, donde foy levada por Prioreſſa para o de Santa Anna de Leiria, e depois para o de Santa Catharina de Evora: em ambas as partes ſe portou com tal exemplo, que recolhendo-ſe a ſua Caſa, duas vezes a elegeraõ Prelada, e o ſeria perpetua, ſe o naõ repugnaraõ as ſuas leys. Era mãy, e naõ Prelada; e hum retrato de ſeu Patriarca, de que foy taõ devota, que prevenia o ſeu dia com hum Advento de jejuns, exemplo, que ainda hoje dura em muitas Religioſas daquelle Moſteiro. Eſtas, e outras devoções com o ſeu Santo lhe gratificou na vida com favores, e na morte apparecendo-lhe veſtido de roupas de gloria, para onde a havia de acompanhar. Sor Ignez da Aſſumpçaõ, filha do Moſteiro de Monte mór o novo, taõ exemplar, que doze annos foy Prioreſſa, com univerſal contentamento das Subditas. Teve grande devoçaõ com o Roſario da Virgem, em cujo ſerviço punha todo o ſeu cuidado. No dia, em que faleceo, ſe obſervou o perguntar repetidas vezes pelas horas: como chegou à que tinha na memoria, diſſe ſer tempo de chamar a Communidade; e aſſim acabou, deixando entre as Religioſas ſanto nome, que ſe conſervou depois, abrindo-ſe a ſua cova paſſados annos, e foy achado o Roſario, e hum cordaõ negro, que ſempre trazia ao peſcoço em memoria de S. Noutel, inteiros, como ſe entaõ ſe deraõ à terra.

Franciſco Japaõ.

F Em Miaco, deu fim aos trabalhos da ſua vida em obſequio da Fé, Franciſco Japaõ, eſtando prezo no carcere, Imperando Toxogunſama, onde com admiravel reſignaçaõ eſperava o Martyrio, que ditoſamente em ſeus companheiros, e amigos vira executado, ſe o Senhor lhe naõ quizera adiantar o premio dos trabalhos, que pelo ſeu nome tinha ſofrido.

Com-

Commentario ao III. de Agosto.

A DEpois de serem collocadas na Sé do Porto as Reliquias do glorioso Martyr S. Pantaleaõ, sempre esta Cathedral festejou o dia de seu Martyrio, de que já fizemos mençaõ com Oitava, como seu Patrono, como se vê do Officio dos Santos, de que se reza nesta Igreja, donde tambem se reza do dia da sua trasladaçaõ, a 12 de Dezembro, como diremos em seu lugar, se Deos nos der vida.

B O Mosteiro de Jesus de Aveiro, de que foy Fundadora a virtuosa Madre Brites Leitoa, principiando, como temos visto, por hum Recolhimento para a sua pessoa, e de suas filhas, cresceo depois em numero de Religiosas, sendo muitas da primeira nobreza do Reyno, como veremos no discurso desta Obra. ElRey D. Affonso o V. honrou com a sua pessoa esta fabrica, lançando-lhe a primeira pedra, no anno de 1462, e com generosidade Real lhe fez especiaes merces. O Bispo de Coimbra D. Joaõ Galvaõ, disse Missa de Pontifical; e feitas as ceremonias, que manda o Ritual Romano, pegou ElRey na pedra por huma parte, e pela outra o Bispo, e lançou huma dobra de ouro, (entaõ a mayor moeda do Reyno) e com animo alegre disse: *Pode ser que entre neste Mosteiro cousa minha*; o que se vio verificado, quando a Princeza D. Joanna o elegeo para habitaçaõ sua. Naõ podemos descobrir nos Nobiliarios deste Reyno, quem fossem os pays de Brites Leitoa, nem menos os de seu marido Diogo de Ataide, a quem a Historia de S. Domingos dá a conhecer por sobrinho do Conde de Atouguia, e do Prior do Crato Joaõ Gonçalves de Ataide, poderia ser filho natural de seu irmaõ D. Vasco de Ataide, que tambem foy Prior do Crato; o certo he, que ainda que nos faltaõ noticias, eraõ pessoas de qualidade, pelos Officios, que na Casa do Infante D. Pedro ocuparaõ, e dignos de mayor memoria pelas virtudes, que elles souberaõ exercitar. Deste matrimonio nasceraõ dous filhos, que deviaõ morrer; porque Brites Leitoa se recolheo com suas filhas D. Catharina de Ataide, que a Rainha lhe tinha tomado no seu serviço por Dama, e D. Maria de Ataide, que foraõ Religiosas deste Mosteiro, a quem sua mãy dotou, parece que de seu consentimento, o senhorio do lugar de Ouca, e mais fazendas, que possuia. Teve este Mosteiro na Provincia sempre reputaçaõ dos mais reformados: delle sahiraõ Religiosas a reformar o das Donas de Santarem, a fundar o da Anunciada de Lisboa, o de Saõ Joaõ de Setuval, e Corpus Christi do Porto. Conservaraõ sempre nos trajes modestia de Religiosas, e o exemplo de taõ santa Fundadora. Nunca admittiraõ mirantes, nem janellas, para recreaçaõ; e assim he o Mosteiro no exterior de humilde fabrica, sendo extenso, em que accommoda muita gente. He abastado de rendas, com o dominio de Ouca, e appresentaçaõ de tres Igrejas, que com outras annexas faz sete, e com este padroado fica mais authorisado o governo das Preladas da Casa. A Capella môr deraõ aos Tavares, Senhores de Mira, cujo senhorio possue Bernardino de Sousa Tavares, filho de Manoel de Sousa Tavares, Governador, que foy de Mazagaõ, e de Pernambuco. A Igreja he ornada, e provida de prata, e paramentos, como Casa que teve por moradora huma Princeza de Portugal, e depois tantas Illustres Senhoras, bem dotadas, que lhe fizeraõ grandiosas esmolas. Faleceo a Madre Brites Leitoa, neste dia, do anno de 1480, em Abrantes, donde depois foy trasladada, passados alguns annos, por sua filha D. Maria de Ataide, sendo Prioressa desta Casa; e collocados seus ossos em particular sepultura, como Fundadora, no Coro de baixo. Trataõ desta Serva de Deos, Sousa na *Historia de S. Domingos*, part. 2. liv. 4. cap. 8; Lima no *Agiologio Dominico*, neste dia; Soveges no *Anno Dominic.* a 2 deste mez; *Jardim de Portug.* pag. 273; Carvalho na *Corografia*, tom. 2. pag. 103; o Bispo do Porto na *Vida da Princeza Santa.*

C Sem horror da morte, nem dos tormentos, que padeciaõ no Japaõ os Christãos, nas continuadas perseguições, que experimentaraõ naquelle Imperio, se augmentava a Fé, e se povoava o Ceo de almas. E vendo o Tyranno Toxogunsama, Emperador do Japaõ, que naõ eraõ bastante meyo as suas crueldades, tomou o expediente, de que naõ fossem àquel-

aquellas Ilhas Missionarios, e assim publicou a ley seguinte:

1 *Sabendo muito bem, que ElRey tem prohibido muy rigorosamente em todo o Japaõ a Ley Christãa, sem embargo disso mandaraõ até agora às escondidas Prégadores da mesma Ley a estes Reynos.*

2 *ElRey castiga com pena de morte os Christãos, que unidos entre si inventaõ, e tramaõ maldades, e cousas fóra de razaõ.*

3 *Deraõ, e mandaraõ de seus Reynos sustentaçaõ aos Padres, e Christãos, que estaõ escondidos no Japaõ.*

Por ser verdade o contheudo nos tres Capitulos acima, prohibe, e manda ElRey, que daqui por diante naõ haja mais esta viagem, e comercio, e que se sem embargo deste mandado, e prohibiçaõ mandarem navios a Japaõ, naõ só seráõ destruidos os mesmos navios, mas tambem todas as pessoas, que nelles vierem, seráõ castigadas com pena de morte. Tudo o acima dito, he ordem, e mandado expresso delRey. Hoje quatro de Agosto de 1639 annos. Cangano Cami, Sanuquino Cami, Vovoino Cami, Cambuno Cami, Runo Cami, Bungo Cami, Teuxumano Cami.

Depois desta declaraçaõ taõ expressa em odio da Fé, ficou roto o comercio, que os da Cidade de Macao tinhaõ com estas Ilhas; e porque sobre as utilidades da navegaçaõ se seguia a mayor de lhe introduzirem Missionarios Apostolicos: resolveo a Governança de Macao, mandar os Embaixadores, de que temos tratado no Texto, para que facilitado o comercio pudessem ter lugar os Ministros do Evangelho. Porém obstinados os Japoens contra o Nome de Jesu Christo, os receberaõ na fórma, que temos dito, violando aquelle direito das gentes, que elles naõ ignoravaõ, e observaõ ainda as Nações mais barbaras; e para que se veja que outro nenhum motivo os obrigou a faltarem à sua observancia, mais que o odio da Religiaõ Christãa, nos pareceo lançarmos aqui a sentença, porque os condemnaraõ à morte, e he a seguinte:

Sentença.

Por serem muitas, e grandes as culpas, que commetteraõ promulgando em Japaõ por muitos annos a Ley Christãa, contra mandado, e rigorosa prohibiçaõ delRey; prohibio o mesmo Senhor o anno passado rigorosamente a viagem dos navios de Macao, mandando juntamente, que se sem embargo desta prohibiçaõ mandassem algum navio a Japaõ, o navio seria queimado, e todas as pessoas, que nelle viessem condemnadas à morte, intimando-lhes por Capitulos, tudo o acima dito, e com tudo mandaraõ agora este navio, quebrando nisso sobredito mandado, e prohibiçaõ, no que tem particularmente culpa digna de grave castigo. Além disto, posto que dizem, que naõ mandaráõ daqui por diante Prégadores da Ley Christãa a Japaõ, com tudo nas Cartas da Cidade naõ fazem mençaõ deste particular: pelo que tendo ElRey prohibido a dita viagem, e navios, só por causa da Ley, naõ escreverem agora nas Cartas deste particular, he prova ser tudo fingimento, pelo que haviaõ de ser condemnados à morte todos os que neste navio vieraõ, sem ficar pessoa alguma: com tudo o navio seja queimado, e todos os principaes, e cabeças degolados, com os que o acompanharaõ. Mas para que em Macao, e em seus Reynos dem noticia do acima dito, se dê vida a alguns dos criados, e gente vil, e se tornem a mandar a Macao; e se por algum caso daqui em diante mandarem algum navio a Japaõ, saiba-se de certo, que a qualquer porto que chegar, seráõ logo todos mortos. Aos tres da sexta Lua do anno 17 da era Quancy, que he aos 21 de Julho de 1640. Os sete Governadores da Tenca Camono Cami, Sanoquino Cami, Cangano Cami, Isuno Cami, Teuximano Cami, Vovino Cami, Bungano Cami.

Executada esta iniqua sentença, como temos dito, he de saber a iniquidade della; porque os Embaixadores deraõ papeis em justificaçaõ da sua jornada. Entre outros pontos hiaõ as diligencias, que o Governador de Macao tinha feito com os Prelados das Religioens da Cidade, como tambem com o Governador de Manilha, onde mandara hum Fidalgo, como procurador, tratar esta materia, que visto estar quebrado o comercio suspendessem mandar Missionarios; e de todo este negocio levavaõ documentos, para mostrar a ElRey; pelo que deviaõ gozar de immunidade, e de nenhuma sorte podiaõ executar nelles castigo algum, e só podiaõ despedillos sem os receberem, nem lhe darem audiencia, pois no navio se naõ achou nada de contrabando, nem ainda, que fosse para o comercio. Mas tinha a Providencia de Deos, destinado para estes ditosos Embaixadores, e seus Companheiros, a palma

ma do martyrio, que receberaõ no dia 3 de Agosto, do anno 1640. Estas novas recebeo a Cidade de Macao com grande alegria. O Cabido com o Governador do Bispado cantaraõ o *Te Deum*, com o Santissimo Sacramento manifesto, a que assistio toda a nobreza, e grande concurso de gente; e com todas as demonstrações louvavaõ, e engrandeciaõ a Deos, com salvas de artilharia, e repiques, e outras festas. Houve luminarias em toda a Cidade, e por vinte dias em casa dos principaes Cidadãos, e parentes dos venturosos Embaixadores, com Musicas, e outros festins, com que recebiaõ aquella felicidade. O Cabido, e Cidadãos, com o Governador do Bispado, em ceremonia foraõ visitar a suas casas as mulheres, e filhos dos Embaixadores, dando-lhe os parabens de taõ grande fortuna, e offerecendo-lhe a tomarem à sua conta os seus interesses. As mulheres de outros Portuguezes, que tambem morreraõ gloriosamente pela Fé, mandaraõ visitar pelo seu Procurador da mesma fórma. Aos de mais da terra por hum Padre da Companhia, a que chamaõ pay dos Christãos, com os mesmos offerecimentos, de sorte, que em tudo se houve o Governo da Cidade com acerto. A Cidade se fez procuradora dos Martyres, para a sua Canonisaçaõ, de que fez o Governador do Bispado hum instromento authentico da gloriosa morte dos Servos de Deos, que se remetteo a Roma, em ordem à sua Canonisaçaõ. Parece de razaõ naõ ficarem fóra de nossos escritos os nomes de todos os Companheiros dos Embaixadores, com as patrias, que lhe deraõ o nascimento, para que se jactem seus naturaes de taõ venturosos compatriotas.

Embaixadores.

Luiz Paes Pacheco, natural da Cidade de Cochim, de idade de 78 annos, viuvo em Macao.

Rodrigo Sanches de Paredes, natural da Villa de Thomar, casado em Macao, de 55 annos.

Simaõ Vaz de Pavia, natural de Lisboa, casado em Macao, de 53 annos.

Gonçalo Monteiro de Carvalho, natural de Meijaõ frio no Bispado do Porto, viuvo em Macao, de idade de 51 annos.

Portuguezes Soldados, e gente do Navio.

Domingos Franco, natural de Lisboa, Capitaõ do navio, de 50 annos.

Francisco Dias Boto, natural de Lisboa, no Bairo da Boavista, casado em Goa, piloto do navio, de 55 annos.

Manoel Alvares Franco, natural de Lisboa, casado em Macao, de 33 annos, Mestre do navio.

Diogo Dias Milhao, natural de Barcellos, casado em Macao, de 40 annos, Condestavel do navio.

Domingos Fernandes de Macao, casado em Manilha, de 50 annos, Marinheiro.

Bento de Lima Cardoso, natural da Cidade do Porto, solteiro, de 19 annos, Soldado.

Diogo Fernandes, natural do Lugar da Bemposta, casado em Macao, de 28 annos, Soldado.

Luiz Barreto Fialho, natural da Fortaleza de Ormuz, casado em Macao, de 25 annos, Soldado.

Manoel Nogueira, natural de Lisboa, casado em Macao, de 25 annos, Soldado.

Diogo dos Santos, natural de Cascaes, solteiro, de 35 annos.

Joaõ Pacheco, natural de Lisboa, casado em Macao, de 30 annos.

Gaspar Martins, natural de Vianna, viuvo de 35 annos.

Damiaõ Francisco, natural do Lugar de Ovaya, casado em Macao, de 50 annos.

Castelhanos Soldados, e gente do mar, e Mystiços.

Alonso Gallegos, natural de Villa Raza, casado em Macao, de 45 annos, Soldado.

Joaõ Henriques Carriaõ, Mystiço, natural de Filippinas, casado em Macao, de 30 annos, Soldado.

Pedro Peres, do Reyno de Galliza, de 45 annos.

Diogo de Mendoça, Mystiço Portuguez, natural de Chaul, casado em Macao, de 30 annos, Soldado.

Chinas nascidos em Macao, a que chamaõ Surubacas, Marinheiros.

Pedro Vaz, casado em Nagapataõ, de 57 annos.

Mi-

Miguel de Araujo, casado, de 27 annos.
Domingos da Cunha, casado, de 30 annos.

Chinas nascidos no Reyno da China, Marinheiros.

Francisco Leitaõ, casado em Macao, de 35 annos.
Sebastiaõ da Rocha, casado em Macao, de 30 annos.
Antonio Carneiro, casado em Macao, de 30 annos.
Joseph Tavares, casado em Macao, de 35 annos.
Antonio de Moraes, casado em Macao, de 28 annos.
Amaro Marim, solteiro, de 30 annos.

Moços Chinas do serviço dos Embaixadores.

Francisco, solteiro, de 23 annos.
Antonio, de 8 annos.
Nicolao, de 11 annos.
Domingos, de 26 annos.
Manoel, de 25 annos.
Lazaro, de 17 annos.

Casta Bengala do serviço dos Embaixadores.

Paschoal, de 36 annos, cativo.
Joaõ, de 50 annos, cativo.
Mattheus, de 23 annos.
Manoel, de 30 annos, Cosinheiro.
Gonçalo, de 34 annos.
Diogo Fernandes, cativo.
Domingos, de 35 annos.

Casta Canarins, e Achens, Marinheiros.

Agostinho Correa de Bardel, casado, de 40 annos.
Gaspar Monteiro, da Ilha de Samatra, de 35 annos.

Casta Ballalas do serviço dos Embaixadores.

Sebastiaõ, Ballala, cativo.
Nicolao, Malavar, de 16 annos, cativo.
Antonio, Malavar, de 19 annos, cativo.

Casta Malavares do serviço dos Embaixadores.

Antonio, de 20 annos, cativo.
Gonçalo, de 20 annos, cativo.
Thomé, de 25 annos, cativo.
Joaõ, de 25 annos, cativo.
Jeronymo, de 18 annos, cativo.

Casta Cafres do serviço dos Embaixadores.

Antonio, casta Sena, de 25 annos, cativo.
Alvaro, casta Zamba, de 40 annos, cativo.
Francisco, de casta Sena, casado em Macao, de 50 annos, forro.

Varias Castas do serviço dos Embaixadores, e sua gente.

Domingos Malayo, de 18 annos, cativo.
Antonio, Sumba, de 40 annos, casado, e forro.
Joaõ da Guerra, Papango, de 30 annos, livre.
Alberto de Timor, de 17 annos, cativo.
Manoel, da Ilha Joa, de 35 annos, cativo.

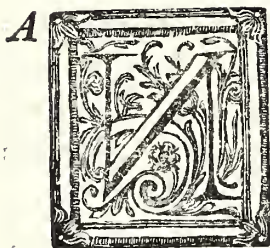
De todos estes sessenta, e hum Martyres, faz mençaõ o Padre Antonio de Cardim, em huma Relaçaõ deste successo, a qual se imprimio, e depois na lingoa Castelhana em Manila.

D No Commentario do dia 25 de Julho, quando tratamos de Fr. Vasco Correa, dissemos, que era irmaõ de Antonio Correa Baharem, Commendador de Ulme, o qual casando com D. Isabel de Castro, teve entre outros filhos, a Sor Maria da Conceiçaõ, que entrando de idade de oito annos no Mosteiro da Castanheira, seguio huma vida taõ observante, que acabou neste dia, do anno de 1588, com opiniaõ de virtuosa, como refere o Padre Fr. Fernando da Soledade, na IV. Parte da *Historia Serafica*, liv. 2. cap. 13.

E Lembraõ-se de Sor Joanna dos Santos, Dominica, o Padre Fr. Luiz de Sousa, na II. Parte da *Historia de S. Domingos*, liv. 4. cap. 12; Soveges no *Anno Dominicano*, e outro *Anno Dominicano* de hum Terceiro, ambos neste dia. De Sor Ignez, a mesma Parte da Historia desta Provincia, liv. 6. cap. 20; e Lima no *Agiologio Dominico*, neste dia, anno de 1540.

F De Francisco Japaõ, nos deu (posto que breve) noticia, o Padte Antonio Cardim no seu *Catalogo dos Mortos pela Fé no Japaõ*, pag. 280, o qual faleceo neste dia, do anno 1618.

AGOSTO IV.

A Trasladação da V. Maria do Lado.

A O Lugar do Louriçal, Bispado de Coimbra, a Trasladação da Veneravel Maria do Lado, que depois de vinte annos, que esteve sepultada na Igreja Matriz, sendo desenterrada, foy visto de todos o lenço, que lhe cobria o rosto, inteiro, com algumas manchas de sangue. Achouse-lhe a mayor parte do cérebro illeza, o véo, e insignia da Custodia, os ossos taõ unidos, como de corpo que tinha acabado de espirar, havendo mister trabalho, para se deslocarem dos seus lugares, lançando de si suave cheiro, que testemunhavaõ a gloria da sua pura alma. E postos os veneraveis ossos em decente caixaõ, foraõ metidos em huma urna de pedra, debaixo do Altar, neste dia, do anno de 1652, na Igreja, que de novo se tinha edificado naquelle mesmo Lugar, em que ella nasceo, viveo, e morreo; vindo o tempo a verificar, o que o Senhor lhe revelara, de que havia de passar o seu Recolhimento a Mosteiro de Religiosas; vendo entaõ illustrada Divinamente, nas casas de seu pay, onde hoje está o Mosteiro, huma Communidade, composta de trinta e tres Religiosas, com Habitos pardos, com véos azuis na cabeça, com hum Calix com Hostia sobre o escapulario, com alparcas nos pés, e as mãos levantadas, postas de joelhos, louvando o Santissimo Sacramento. Em nosso tempo se vio comprida esta revelaçaõ, quando no anno de 1708, foy o Mosteiro habitado de Religiosas, sendo o seu principal Instituto depois de observarem a primeira Regra de Santa Clara, perseverarem duas em continuo Lausperenne, orando mentalmente diante do Santissimo Sacramento, pelas necessidades da Igreja, e Reyno.

Sor Joanna Evangelista Dom.

B Na Villa de Monte môr o novo, no Convento das Dominicas, felicemente descansou neste dia em paz Sor Joanna Evangelista, a quem o Senhor deu em larga doença, hum forte purgatorio, para servir de exemplo da paciencia. Era para admirar o modo, com que se despedio da vida huma moça, que naõ contava mais, que vinte e hum anno, com hum Crucifixo nas mãos, taõ compungida de dor de seus peccados, que com

toda

toda a efficacia pedio a huma Religiosa huma pedra, dizendo, queria quebrar com ella os peitos, para alcançar perdaõ de seu Senhor. Assistia-lhe na doença huma Servente da Casa, que havia trinta annos trazia os braços, e rosto cuberto de mal, que chamaõ figado, que a fazia disforme, o que lhe causava grandes febres. Compadecida a enferma de seu mal, lhe disse hum dia, que se como esperava, se visse na presença de Deos, promettia rogarlhe pela sua saude: faleceo, e em breve foy cumprida a palavra.

C Em a Casa Professa de Saõ Roque, deu fim glorioso à sua vida o Padre Manoel Godinho, hum daquelles primeiros Religiosos, que approvou, e admittio o Veneravel Mestre Simaõ Rodrigues. Era a sua pessoa taõ capaz, que a escolheo aquelle Fundador da Companhia em Portugal, para lhe encarregar materias de muita consideraçaõ, tocantes ao estabelecimento da Religiaõ de Santo Ignacio, entaõ recemnascida ao Mundo, em que sobre talento, mostrou espirito, que depois acreditou o tempo. Depois que vestio a Roupeta, seguio o modo de vida mais perfeita, como quem naõ aspirava mais, que aos incomparaveis gráos da Bemaventurança. Admirou-se nelle hum desprezo da sua pessoa, que servia de estimulo aos de Casa, e aos de fóra de veneraçaõ. Occupava-se nos exercicios mais vís, e immundos do Collegio, abatendo-se a tudo com profunda humildade. Sendo Reytor do Collegio de Coimbra, era vigilantissimo zelador do seu sagrado Instituto, como quem conhecia, que do rigor da observancia pende o conservarse a Religiaõ. Depois de a ter servido com obras dignas de bom, e verdadeiro Religioso, estando em S. Roque no anno, em que a Cidade de Lisboa padeceo o horroroso mal da peste, a que as nossas Historias chamaõ grande, foy nomeado com outros Religiosos, para servir aos enfermos, e dos primeiros a quem ferio o mal, estando confessando hum empestado: sofreo a doença com notavel paciencia, como quem a tinha taõ exercitada em mortificações, de que foy a receber o premio entre os Bemaventurados, como piamente cremos da sua vida.

O P. Manoel Godinho da Companhia.

D Em Santa Clara de Guimaraens, será sempre saudosa a memoria de Sor Elena da Cruz, sua primeira Abbadessa, de hum animo candido, e sincéro, como quem naõ tinha cuida-

Sor Elena da Cruz Franciscana.

dos fóra do Ceo, e assim a mayor parte do dia, e da noite, perseverava na presença de Deos, em santa oraçaõ. Algumas vezes intentou o demonio perturbar aquella Angelica paz, com espantosas figuras, de que o Divino Esposo a livrava, dando-lhe alentos para proseguir. Era o Mosteiro por extremo pobre, e padeciaõ as Religiosas necessidade, ainda no preciso sustento. Em huma publica falta mostrou o Senhor a sua Providencia, e a virtude da Prelada. Naõ havia paõ para a Communidade hum dia; sentia afflicta esta falta a Religiosa, que corria com a dispensa; queixava-se à Abbadessa; mas ella com rosto alegre, como chea de verdadeira Fé, lhe disse: Naõ se desconsole Madre, que achará todo o paõ necessario, para o jantar, no lugar em que o costuma recolher. Naõ duvidou a Religiosa, e indo ao armario, achou hum grande numero de paens, que comeo a Communidade. Em outra occasiaõ experimentando falta de azeite, lhe succedeo o mesmo, sustentando o Senhor com milagres as necessidades de suas Servas, pelos merecimentos da Prelada, que com verdadeira humildade agradecia ao Altissimo taõ publicos favores, applicando todo o cuidado, para que as subditas, servindo com todo o amor se fizessem merecedoras de taõ singulares beneficios. Governou dezoito annos com exemplo, nascido de huma vida inculpavel, até que rendida do pezo dos annos, e achaques, predizendo nas obras a sua morte, despedindo-se de suas amadas filhas, com grande ternura as exhortou ao amor de Deos, e observancia, e se foy a gozar do descanso eterno.

O P. Antonio Bellavia da Companh.

E Na Capitania de Pernambuco, a bemaventurada morte do Padre Antonio Bellavia, da Companhia de JESU, que seguindo o zelo do seu Instituto, deixou a sua Patria, para nas Missoens da America conseguir com o exemplo, e prégaçaõ, aquelles admiraveis frutos, que já o seu zelo tinha colhido na Europa. Foy Varaõ de tanta modestia, e de taõ suave trato, que se fazia persi amado. Admirava-se no seu aspecto huma imagem do mais verdadeiro Religioso, sendo os seus olhos a modestia mais pura; porque sempre andavaõ castigados, para todo o genero de vista, guardando no coraçaõ a castidade, como joya preciosa entre as de mais virtudes. Assim conservou em Italia, e no Brasil opiniaõ de santo. Na guerra, que os nossos tinhaõ com os Hereges, se valia de sagrada industria,

para

para soccorrer aos Catholicos, por cuja salvaçaõ se abrazava. Estando em huma occasiaõ confessando hum Soldado Portuguez, foy achado neste exercicio por huns Hereges; e como abominadores do Sacramento da Penitencia, lhe deraõ na cabeça algumas cutiladas, com que fizeraõ glorioso o fim da sua vida, sendo a sua morte em odio da Fé.

F Em Zungarú, deraõ com admiravel constancia singular testemunho da nossa santa Fé, Mathias Xoan, e Anna, sua mulher, e quatro Companheiros, sacrificando as vidas pelo Nome de Jesu Christo, sendo desterrados para huma terra agreste, e inculta, nos ultimos fins do Japaõ, distante da communicaçaõ das gentes. Para este deserto foy mandado Mathias Xoan, com sua mulher, Medico, e alumno do Seminario da Companhia, pratico no Cathecismo, e muy dado às cousas de Deos; e com as suas praticas, e conselhos converteo, e bautisou dous visinhos seus, Dotey Leaõ, e Maria, sua mulher. Foy tambem dos desterrados Leaõ Xinsuqui, por ser Christaõ, que com fervor de espirito reduzio à Fé a Miguel Nifioye, particular amigo seu: e instruîdos todos na observancia da Religiaõ Catholica Romana, viviaõ com devoçaõ; mas em segredo, à maneira dos Santos, que na primitiva Igreja souberaõ pelos seus trabalhos alcançar a palma do martyrio. Soube o Tono, de que os desterrados por Christãos, naõ só perseveravaõ na firmeza da Fé, mas de novo convertiaõ a outros ao conhecimento do Verdadeiro Deos; do que dando parte à Corte, foraõ todos condemnados à morte, que elles já esperavaõ, preparando-se cada hum com grande fervor, para todo o genero de martyrio, sentindo-se animados de superior auxilio. Notificouse-lhe a sentença de serem queimados vivos, offerecendo-se a vida aos tres de novo convertidos, se mudassem de Religiaõ; mas elles constantes desprezaraõ o indulto, e o que era mais a persuaçaõ dos amigos, e parentes, e resolutos seguiraõ a constancia dos camaradas. Chegado o dia assinado para a terrivel execuçaõ, foraõ tirados do carcere, e atadas as mãos nas costas, puzeraõ a cada hum sua bandeira, conforme se usa com os condemnados ao castigo, levando diante escrita a causa da sentença, porque Xongun os mandava queimar vivos; huns por prégarem a Fé dos Christãos, e outros pela haverem recebido; e postos em cavallos, os levaraõ

Mathias Xoan, e Anna, sua mulher, e 4 Companheir. MM. do Japaõ.

à ver-

à vergonha pela Cidade. Hiaõ os Soldados de Christo alegres, e taõ satisfeitos das affrontas, que rezavaõ, e cantavaõ Orações, em louvores a Deos. Chegaraõ ao lugar do supplicio, e atado cada hum a seu poste, a fogo lento lhe foraõ consumindo a vida, para a lograrem eterna, laureados com a immarcessivel coroa de Martyres; durando esta terrivel operaçaõ, desde as duas, até às quatro horas da tarde, em que se admirava a constancia daquelles corações, assistidos da Divina Graça, estando immoveis, e alegres, postos em pé, com os olhos no Ceo, aonde foraõ a residir por toda a eternidade.

Fr. Thomé de Brito, e Fr. Mathias de Azevedo, da Ord. Militar de Christo.

G No Campo de Alcacer, em Africa, acabaraõ no exercicio do seu ministerio, em odio da Fé, Fr. Thomé de Brito, e Fr. Mathias de Azevedo, da Ordem Militar de Christo, como valerosos Soldados da Milicia do Senhor, exhortando aos Catholicos, confessando os moribundos, e confundindo os Infieis, que os viaõ, sem temor da morte animavaõ aos Christãos, até que atravessados nas barbaras lanças, subiraõ as suas almas ao premio eterno, como piamente se póde crer de taõ louvavel exercicio.

Fr. Salvador da Cruz Arrabido.

H Na mesma occasiaõ se achou outro Soldado de Jesu Christo, Fr. Salvador da Cruz, da Provincia da Arrabida, que com hum Crucifixo nas mãos, entre os esquadroens dos Soldados, os exhortava a peleijarem, mais pela Religiaõ, do que por gloria; e sem temor da morte presistia na obrigaçaõ do seu officio, até que nas mãos dos Infieis, deu gloriosamente a vida.

O P. Mauricio da Comp.

I Item no mesmo Campo, foy morto em odio da Fé, o Padre Mauricio, Confessor delRey D. Sebastiaõ, em quem a mortificaçaõ, e a humildade, foraõ os primeiros fundamentos das mais virtudes, que exercitou no discurso da sua vida. Teve hum admiravel dom de lagrimas, que sempre lhe observaraõ, ou fosse meditando, ou fallando de Deos. Naõ havia dia, que no seu cubiculo se naõ affligisse com cilicios, e disciplinas; e conservando illeza a castidade, se augmentou no caminho da perfeiçaõ. As suas jornadas eraõ a pé, mendigando pelas portas o preciso sustento, como qualquer miseravel. O seu vestido taõ pobre, e desprezivel, que indo para huma Missaõ, foy prezo com seu Companheiro, e metidos na cadeya publica dous dias, até que sendo vistos, e conhecidos por Religiosos

ligiosos da Companhia, com admiraçaõ do seu silencio, e paciencia foraõ soltos. Naõ bastou a sua industria, escrevendo huma carta ao Prelado mayor, em que pintava com muitas razoens os seus defeitos, para se eximir das occupações de Prelado; mas a sua virtude era taõ publica, que andava nos olhos da Provincia: e assim foy nomeado Reytor de Evora, e Preposito de S. Roque. O Cardeal D. Henrique, no tempo que governou o Reyno, na menoridade delRey D. Sebastiaõ, o chamou ao Paço, para se confessar, na falta do seu Confessor; e com santa resoluçaõ lhe respondeo: Que o naõ podia absolver, em quanto naõ restituisse os tributos Ecclesiasticos, que contra a liberdade, e exempçaõ da Igreja se tinhaõ cobrado; o que o Cardeal, com prompta ordem fez emmendar, como quem estava sem culpa no procedimento dos Ministros. ElRey D. Sebastiaõ, forçando o seu genio, o nomeou Mestre dos Moços Fidalgos, que serviaõ no Paço; o que exercitou como virtuoso. Na ausencia do Padre Luiz Gonçalves, o escolheo para seu Confessor, de que se desejou bem escusar; mas o respeito de hum Rey, a quem a Companhia era taõ obrigada, naõ podia ter decente desculpa. Naõ se mudou aquelle coraçaõ, em que a humildade se hospedava; e assim pobre, e desprezivel, pizava as antecameras do Paço, como quem era arrastado da obrigaçaõ, e naõ com a vaidade de governar, que de ordinario perverte os primeiros costumes, em que hum Religioso foy criado. Esta occupaçaõ o levou a acompanhar a ElRey a Africa, fazendo primeiro muitas diligencias, para o dissuadir da empreza; mas todas inuteis, pela força do destino, ou da desgraça, que o Reyno havia de padecer. Na batalha com hum Crucifixo nas mãos animava aos nossos à peleja com a memoria da Religiaõ. Já a victoria era conhecida da parte dos Infieis, e os nossos, ou mortos, ou prizioneiros, eraõ triunfo dos Mouros: quando vendo hum dos inimigos, que conforme o Rito Christaõ, estava administrando o Sacramento da Penitencia, em odio da Fé, de hum golpe lhe dividio a cabeça em duas partes, dando com taõ glorioso fim, eterna gloria aos seus merecimentos.

K No Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, o felice Transito de Fr. Rodrigo de Lisboa, da preclara Familia dos Eremitas de Santo Agostinho, e filho do mesmo Convento,

Fr. Rodrigo de Lisboa, Erem. de S. Agostinho.

vento, Varaõ douto, que por muitos annos publicamente dictou Filosofia, Theologia, e Escritura, na Universidade de Lisboa, antes de ser transferida para a Cidade de Coimbra. Era pessoa de huma admiravel prudencia, integridade de vida, e costumes, singular humildade, junta com muitas letras, que o fizeraõ estimado dos Reys D. Joaõ II. e D. Manoel, de quem foy Prégador, e do seu Conselho, e delle se serviaõ, como de Varaõ Douto, e Santo. Depois de extraordinarias penitencias, com que macerava o seu corpo, e taõ debilitada a saude, que parecia hum retrato da morte, tendo reformado com o exemplo, e depois com zelo, e prudencia a sua Provincia, acabou em o Senhor, deixando na Ordem, e fóra della claro nome.

Commentario ao IV. de Agosto.

A SEis legoas ao Sudueste da Cidade de Coimbra, fica o Lugar do Louriçal, em sitio agradavel, e abundante de todo o necessario, com gente nobre, e povoaçaõ de cento e cincoenta visinhos. No tempo que os Reys D. Affonso Henriques, e D. Sancho o I. tinhaõ a Corte naquella Cidade, frequentavaõ este Lugar, para lograrem o divertimento da caça, de que ainda se vem entre a antiguidade alguns vestigios, que aponta a tradiçaõ dos moradores. Quando ElRey D. Affonso o I. illustrou Santa Cruz de Coimbra, com as magnificas obras, com que augmentou aquelle edificio, lhe fez doaçaõ do Louriçal, e seu Termo, que comprehende oito legoas, povoadas de varios lugares, com prerogativa de Couto, que possuhio, até que na fundaçaõ da Universidade de Coimbra lhe foy incorporado com outras rendas.

Deste Lugar foy natural a Veneravel Maria do Lado, de quem faz honorifica mençaõ o Agiologio, no dia 28 de Abril, donde remettemos o Leitor. Acabada a Igreja se trasladou o Corpo da Serva de Deos, como temos dito, com grande solemnidade, em que prégou seu irmaõ o Padre Francisco da Cruz, da Companhia, Confessor delRey D. Joaõ o V. que Deos guarde, sendo Principe, Religioso, douto, e de hum animo candido: e sendo metido dentro do vaõ do Altar, se lhe poz huma finissima pedra, em que se abrio o seguinte Epitafio, que lhe fez seu devoto o Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes, do Conselho de Estado, taõ conhecido pela sua erudiçaõ, como pela sua Casa.

D. V. F.

Mariæ do Lado Laurisalensi primæ hujusce domus Authori, eximiis virtutibus claræ, Cælestibus prærogativis eximiæ, clarissimis prodigijs admirandæ, æque superis charæ, ac Baratri manibus invisæ, in Purgatorio penas dantibus, & cum morte confligentibus singulariter beneficæ; hoc loco feliciter natæ anno a Part. Virg. M.DC.VI. VIII. Kal. Julij, eodem felicius emortua ann. M.DC. XXXII. IV. Kal. Maij, illuc Rdi: Capi-

Capituli Conimb. authoritate translatæ ann. M.DC.LII. pridie Non. Augus. sub Ara Sanctiss. Eucharistiæ, quam vivens coluit impense, expensis testamento legatis ab illmo & pientiss. D. D. Henrico Menezio parente suo amantissimo D. Ferdinandus Menesius Comes Ericerius Gubernator Ting. locandum curavit sepulchrum, & in perennis observantiæ monumentum in accepti beneficii argumentum, inscribebat Epitaphium.

E traduzido na nossa lingua, vem a dizer.

A Veneravel Serva de Deos.

A memoria de Maria do Lado, natural do Louriçal, primeira Fundadora desta Casa, illustre em excellentes virtudes, excellente em Celestes prerogativas, admiravel em esclarecidos prodigios, igualmente amada do Ceo, e aborrecida do Inferno, benefica para as Almas do Purgatorio, e para os agonizantes, a qual nasceo neste Lugar felizmente, no anno do Nascimento de Christo 1606, em 24 de Junho, em elle morreo mais felizmente a 29 de Março, de 1632; e sendo trasladada por authoridade do Reverendo Cabido, Sé Vacante, de Coimbra, em 4 de Agosto de 1652, debaixo do Altar do Santissimo Sacramento, de que fora em vida singular devota. D. Fernando de Menezes, Conde da Ericeira, e Governador de Tangere, lhe mandou fazer esta sepultura, em execução do testamento de seu Illustrissimo, e piadosissimo pay D. Henrique de Mezes, e para memoria da sua perenne observancia, e agradecimento do beneficio recebido, lhe escreveo este Epitafio.

Continuava o Recolhimento naquelle modo perfeito de vida, que no tempo da Fundadora, com grande observancia, e estimação das gentes, alcançarão da Sé Apostolica hum Breve para poderem na sua Igreja ter o Santissimo Sacramento em Sacrario, que foy collocar com grande solemnidade D. Fr. Alvaro de S. Boaventura, Bispo de Coimbra, Conde de Arganil, que tinha sido Religioso Capucho da Provincia de Santo Antonio, em 5 de Mayo de 1676. He bem para admirar, que tinha a Serva de Deos perdito esta solemnidade, em huma Carta escrita a seu Confessor, que mostrando-se naquella occasião ao Bispo, vio, que entre outras cousas admiraveis todas, dizia, que hum Bispo da Religião Serafica, cujo gesto descrevia propriamente, em execução de hum Breve Apostolico, faria aquelle acto, o que admirado lia o Bispo, e com lagrimas de compunção reflectia em cada clausula daquella Carta, que guardou com veneração, ficando em quanto viveo bemfeitor daquella Casa. Desejavão muito as suas moradoras, passar de voluntarias Recolhidas ao Estado de Religiosas, professando Clausura, e a este fim alcançarão licença, para Mosteiro, dada em 16 de Agosto, de 1688, do Senhor Rey D. Pedro, para o que já tinhão a do Bispo de Coimbra D. João de Mello, de 6 de Janeiro do mesmo anno: em virtude do qual tiverão hum Breve do Papa Innocencio XII. passado no anno de 1692, em que dá faculdade, para se erigir o

Mosteiro, debaixo da primeira Regra de Santa Clara, dando poder ao Bispo de Coimbra, para lhe fazer Estatutos, conforme ao theor della. E para que fossem as Fundadoras da Religiaõ, se tirou do Geral de toda a Ordem Fr. Joaõ de Alvim, huma patente, para que as Fundadoras fossem as Religiosas, que Sua Magestade escolhesse. Neste estado se achavaõ as Recolhidas do Louriçal, e ainda que com muitas diligencias dos devotos, e com o zelo, e cuidado do Padre Francisco da Cruz, naõ se pode effeituar nunca o porse em execuçaõ o fundarse o Mosteiro, que Deos tinha reservado para a piedade delRey D. Joaõ o V. pelo modo seguinte.

Na occasiaõ em que ElRey, (sendo ainda Principe) accommetido de huma grave doença, que depois se descobrio ser o terrivel mal de bexigas, que padeceo no anno de 1700, fez voto de edificar este Mosteiro, o qual ratificou passados alguns annos, como se vê do voto, que mandou escrever pelo seu Confessor, e assinou por sua Real maõ, o qual he o seguinte:

Em 5 de Fevereiro de 1700, *entre às quatro e cinco horas da tarde, ouvi de confissaõ na Corte Real ao Principe D. Joaõ Nosso Senhor, que Deos guarde, estando gravissimamente enfermo de doença, até o dito tempo taõ desconhecida, como temida dos Medicos; a qual desde a tarde antecedente tivera desacordado a Sua Alteza. No fim da confissaõ, feita com todo o acordo, dey a beber ao mesmo Senhor, parte da terra da sepultura da Veneravel Maria do Lado, e dey a beijar a Cruz, que ella sempre trouxe no peito, pendurando-lha na cabeceira. Recebeo Sua Alteza a terra, e Cruz, com grande Fé, e fez voto a Deos, e a sua Serva, que livrando-o com vida daquella enfermidade, naõ estando totalmente fundado, ou acabado o Convento de Capuchas, que ella principiou no Louriçal, tendo já posses, e commodidade, o fundaria, e acabaria de aperfeiçoar, e lhe daria para sustento das Religiosas a renda que faltasse, e o favoreceria, como Casa da sua especialissima protecçaõ. E declarou Sua Alteza, para se livrar de todo o escrupulo, que occorrendo-lhe neste voto, e suas circunstancias alguma duvida, se remettia à explicaçaõ, que eu lhe desse. Feito o que está referido, começou visivelmente a melhorar Sua Alteza, e descobrirse-lhe era o mal de bexigas, que por conhecido causou menos temor. Delle naõ só escapou, mas por ventura ficou com melhor saude, que antes lograva o mesmo Senhor, e me mandou escrevesse, para sua memoria esta lembrança, e eu o escrevi no mesmo dia 5 de Fevereiro em o livro, do qual tirey fielmente este traslado, que Sua Alteza foy servido ratificar, escrevendo nelle o seu nome, aos 18 de Janeiro, de 1702.*

O PRINCIPE.

Francisco da Cruz.

Este voto fez publico a piedade delRey, declarando o queria satisfazer. Escolheo hum Ministro Togado de toda a satisfaçaõ, encarregando-lhe a superintendencia da obra, na qual applicando-se com actividade, avizou em Setembro de 1708, estava a Clausura capaz de poder ser habitada, e já visitada, e approvada pelo Bispo de Coimbra. Dotou ElRey generosamente o Mosteiro, com seis mil cruzados de ordinaria; enriqueceo a Igreja de excellente prata, e ricos ornamentos. Os Senhores Infantes seus irmãos, lhe deraõ particulares pessas de valor, com que accrescentaraõ o numero às muitas, que ElRey lhe dotara. Tinha ElRey faculdade, para nomear Fundadoras, e assim mandou escrever ao Cardeal Conti, Nuncio neste Reyno, em que declarava quatro do Mosteiro do Calvario de Evora, da primeira Regra de Santa Clara: a saber, Sor Arcangela dos Serafins, que já fora Abbadessa, Sor Maria Theresa do Sacramento, Sor Maria de Jesus, e Sor Clara Maria de Santa Anna. Passou o Nuncio as ordens, para que sahissem as nomeadas do seu Mosteiro, e delle viessem para o da Esperança de Lisboa, donde passariaõ a fundar o do Santissimo Sacramento do Louriçal. Obedeceraõ sem demora, partindo daquella Cidade acompanhadas de dous Religiosos da Provincia dos Algarves, e hum Desembargador, que Sua Magestade nomeou, para as acompanhar. Chegaraõ a Aldea Galega, e acharaõ huma falúa, que as esperava, por ordem de Sua Magestade, que quiz com a sua Real presença honrar as Fundadoras; e assim ordenou desembarcassem no Terreiro do Paço, na ponte, que se fez para a Rainha D. Maria Anna de Austria, para de huma das janelas do Paço,

Paço, que cahem para o mar as poder ver. Desembarcaraõ as quatro Religiosas, com a comittiva, que as ocompanhara de Evora, e acharaõ na ponte duas Senhoras, e hum Veador da Rainha, que as conduzio até o coche, e nelle entraraõ as Senhoras, e as Religiosas, e foraõ conduzidas ao Mosteiro da Esperança, em hum Sabbado, 23 de Janeiro, do anno de 1709. Esperava na Portaria a Abbadessa com a Communidade, e assim que chegaraõ as Fundadoras, se puzeraõ de joelhos, e tomaraõ a bençaõ à Prelada, e foraõ recebidas com grande urbanidade, e demonstrações de gosto de toda aquella Religiosa Casa. Em quanto as Religiosas esperavaõ a ordem de partirem para o novo Mosteiro, mandou Sua Magestade fazer huma festa ao Santissimo Sacramento, na Igreja da Esperança, a que assistio dentro no Coro a Rainha, com a Senhora Infante D. Francisca, às Vesperas, e ElRey foy na tarde seguinte, com o Infante D. Antonio, a adorar o Santissimo Sacramento.

Sahiraõ as Fundadoras da Esperança em tres de Mayo do referido anno, acompanhadas na mesma fórma, que vieraõ de Evora, e fazendo a sua jornada para o Louriçal, chegando a huma Ermida da Senhora da Guia, huma legoa do Lugar, avizaraõ ao Bispo Conde D. Antonio de Vasconcellos, que já do dia de antes esperava no Louriçal, assistido do Cabido, e da sua numerosa, e luzida familia. Em a manhãa do dia 8 sahio o Bispo da casa, em que estava hospedado, e foy ouvir Missa à Igreja do novo Mosteiro, e daqui em fórma de Cabido, debaixo de Cruz levantada, sahio das onze para o meyo dia, acompanhado de todas as pessoas principaes da terra, e de muitas de outras visinhas, que por attençaõ ao Bispo, que os convidara, se achavaõ naquelle acto, e muitos Religiosos graves de diversas Religiões; e chegando à Igreja Matriz, se formou huma Procissaõ, com varias Irmandades, debaixo da da Freguesia numeroso acompanhamento de Clerigos, que por sua ordem se tinhaõ ajuntado, e formando duas alas, por entre as quaes entraraõ na dita Igreja as Fundadoras, conduzidas por dous Conegos, e dous Religiosos da sua Provincia. Esperou o Bispo ao entrar da Igreja com o Cabido, e Musica da sua Cathedral, e recebendo neste lugar as Fundadoras, foraõ entre o Cabido à Capella mòr, onde todos de joelhos fizeraõ oraçaõ, em quanto a Musica cantou alguns Psalmos. Acabada a oraçaõ, fallou o Bispo às Religiosas, mais com lagrimas, que com palavras, que o Cabido imitava, compungidos todos de devoçaõ, de verem aquellas mulheres, vestidas pobremente de burel grosso; mas alentadas do Espirito Santo, para estabelecerem huma Casa, em que a observancia primitiva, e amor de Deos, havia de ser só unico cuidado de todas. Sahiraõ em o meyo do Cabido, com as ceremonias, que aponta o Ritual Romano, nas Acções de Graças, e em fórma de Procissaõ se encaminharaõ todos à Igreja do novo Mosteiro, que estava rica, e vistosamente armada. O Deaõ da Sé, revestido com Cappa de Asperges, recitou as Orações detriminadas pela Igreja: e continuada a Procissaõ até à Portaria, fóra da qual ficou todo o Clero, e sómente entrou o Cabido com as Religiosas, e ultimamente o Bispo Conde, e chegando ao Coro, se sentou o Bispo em Cadeira, e chamando a Madre Sor Arcangela dos Serafins Evangelista, mais antiga das Companheiras, lhe entregou as chaves da Clausura, mandandolhe, que as tivesse, em quanto naõ dispuzesse, o que parecesse mais conveniente ao serviço de Deos; e por ser já tarde, se recolheo a sua casa, mandando de jantar às Religiosas, e dando de comer ao seu Cabido, e mais Religiosos, e pessoas principaes, que se acharaõ naquelle lugar, com grande abundancia, e grandeza.

No dia seguinte sahio o Bispo da Igreja, com o Cabido, debaixo de Cruz, e abrindo-se a Portaria do Mosteiro, se foraõ ao Coro, e revestido em Pontifical invocado o Espirito Santo, nomeou por Abbadessa, em virtude do Breve Apostolico, à Madre Sor Arcangela dos Serafins Evangelista, entregando-lhe os Sellos, e Estatutos, mandando às mais a reconhecessem por Prelada; e cantando o *Te Deum*, lhe deraõ as mais obediencia, tomando-lhe a bençaõ. Elegeo em Vigaria a Madre Sor Maria Theresa do Sacramento, por Porteira a Madre Sor Maria de Jesus; por Escrivãa do Convento, e Sacristãa a Madre Sor Clara Maria de Santa Anna. Em o outro dia, que era da Ascensaõ de Christo, se começou hum triduo, com o Senhor exposto, e

logo se principiou a assistencia continua do Lausperenne, que consiste em estarem duas Religiosas de dia, e de noite, orando diante do Santissimo, e este he o principal ponto do Instituto desta reformadissima Casa, e bem para venerar; pois estaõ sempre sem intermissaõ de tempo, rogando a Deos pela Igreja, e Reyno. Foy o Bispo para a Igreja na fórma dita, e achou as Recolhidas, que até aquelle tempo viveraõ no Recolhimento, com grande edificaçaõ, e haviaõ de ser Religiosas. Benzeo os Habitos por ordem do Bispo, o Padre Fr. Marcos de S. Francisco, e foraõ acompanhadas do Cabido, e Bispo, à Portaria, em que já as esperava a Abbadessa, com hum Christo nas mãos, que tinha sido da Serva de Deos Maria do Lado, e dando-o a beijar a todas, foraõ em Procissaõ ao Coro, e se lhe lançou o Habito, conforme he costume na Ordem. Cantou Missa o Deaõ; prégou o Padre Prégador Geral Fr. Joseph Delgarte, da Ordem da Santissima Trindade, e depois Bispo do Maranhaõ. No segundo dia cantou a Missa o Arcediago de Coimbra, e fez o Sermaõ o Padre Mestre Fr. Manoel de Coimbra, Guardiaõ do Convento da Ponte. Em o terceiro fez o Bispo Conde Pontifical, com grande magnificencia, e acabada a Missa, concedeo indulgencias a todos; na tarde assistio ao Sermaõ, que Prégou o Padre Manoel de Oliveira, da Companhia, que foy depois Mestre da Senhora Infante D. Maria, e se deu fim a esta festa com huma Procissaõ, com o Santissimo; e recolhido no Sacrario, e lançada a bençaõ ao povo, acabou a solemnidade, em que a devoçaõ do Bispo Conde, mostrou a sua piedade, e grandeza de nascimento, na generosidade de taõ larga despeza.

Tudo o referido tiramos de huma larga, e muy exacta Relaçaõ, que nos communicou Gastaõ Joseph da Camera Coutinho, Estribeiro môr da Rainha, e especial devoto desta Casa. A' sua deligencia encommendou ElRey o cuidado desta obra, conhecendo a sua devoçaõ, e a esta se deve huma grande parte em se conseguir, depois da liberal piedade do nosso grande Monarca, que ainda quiz mais publica a sua religiosa devoçaõ, com o Alvará seguinte:

Eu ElRey faço saber aos que este Alvará virem, que tendo considerado ao que em sua vida me fez presente o Padre Francisco da Cruz, meu Confessor, sobre o grande exemplo de virtudes, com que procediaõ as Recolhidas do Recolhimento do Lugar do Louriçal, Bispado de Coimbra, Dedicado ao Santissimo Sacramento, a que deu principio a Serva de Deos Maria do Lado, instituindo nelle hum Lausperenne de Oraçaõ, em honra, e louvor do mesmo Santissimo, a 12 de Abril do anno 1630, pelo desacato, e sacrilego roubo, que em 16 de Janeiro do mesmo anno se commetteo na Igreja de Santa Engracia desta Cidade, de cujo tempo a esta parte se havia continuado o Lausperenne com o mesmo fervor pelas Recolhidas, as quaes ao presente tem alcançado Breve de Sua Santidade, licenças do Bispo de Coimbra, Geral da Ordem do Serafico Padre Saõ Francisco, e delRey meu Senhor, e pay, (que santa Gloria haja) para o dito Recolhimento se reduzir a hum Convento, que professe a primeira Regra do mesmo Patriarca, e Constituições de Santa Clara, e em que se conserve o mesmo Lausperenne, em louvor do Santissimo Sacramento, e desejando-me eu interessarme nos effeitos de taõ alto, e santo exercicio, tendo por certo, que nelle encommendaráõ a Deos Nosso Senhor a conservaçaõ da Casa Real, e augmento do Reyno, e me impetraráõ luz superior, para conseguir acertos no governo delle. Hey por bem, e me praz tomar o Convento, a que agora se reduz o dito Recolhimento, debaixo de minha protecçaõ Real, com a qual procurarey executar as demonstrações da minha boa vontade, e da particular devoçaõ, que tenho ao soberano, e ineffavel Mysterio do Sacramento do Altar, e o quanto estimo, e desejo se multipliquem os lugares, em que profundamente seja venerado. E para constar do referido, mandey passar o presente Alvará, por mim assinado, que quero tenha força, e vigor, como se fora Carta feita em meu nome, e passada pela Chancellaria, o qual se guardará inteiramente, como nelle se contém, sem embargo de seu effeito haver de durar mais de hum anno, e de naõ passar pela Chancellaria, naõ obstante as Ordenações do livro segundo, titulo 39, e 40, que o contrario dispoem. Antonio de Oliveira o fez em Lisboa, aos 20 do mez de Abril, do anno de 1707. Diogo de Mendoça Corte Real, o sobrescrevi.

REY.

No

B No anno de 1618, morreo Sor Joanna Evangelista, a quem seu Santo Patriarca satisfez a grande devoçaõ, com que o venerava, dando fim no dia em que a Igreja o festeja, à enfermidade de ethica, que a consumio. Escreve sua Vida o Padre Sousa na II. Parte da Chronica desta Provincia, liv. 6. cap. 22; Soveges no *Anno Dominico*; e Lima no *Agiologio Dominico*, ambos neste dia.

C A Villa de Vianna de Alentejo, no Arcebispado de Evora, foy Patria do Padre Manoel Godinho. Seus pays se chamaraõ Pedro Lopes de Gaya, e Mecia Godinho, gente nobre, e do serviço delRey D. Joaõ o III. Naõ achamos qual fosse o foro que teve seu pay na Casa Real. Este Religioso he aquelle celebre Varaõ, que sendo Reytor do Collegio de Coimbra, com huma nunca vista humildade, deu de seu espirito huma grande prova, com huma penitencia publica, taõ fóra do commum, que he mais para admirar, do que se propor para idéa da imitaçaõ, que se póde ver nas Historias da Companhia: ella foy a causa de Santo Ignacio escrever aquella admiravel Epistola à Provincia de Portugal. Foy a sua morte neste dia, do anno de 1569, e delle se lembraõ a *Historia da Companhia* de Telles, part. 1. liv. 1. cap. 18. e part. 2. liv. 4. cap. 1. e 3; Orlandino *Historia Geral*, liv. 3. n. 81. pag. 70. ad ann. 1542; Tanner *Societas Europæa*, tom. 1. pag. 115; Franco *Imagem da Virtude em o Noviciado de Lisboa*, liv. 1. cap. 31; *Menelogio da Companhia* m. s. e Franco no *Anno Santo da Companhia em Portugal*, neste dia.

D He o Mosteiro de Santa Clara de Guimaraens sugeito immediatamente ao Arcebispo de Braga, de tal maneira, que de hum Breve do Papa Clemente VIII. consta, que naõ podem os Arcebispos subdelegar em outra alguma pessoa a jurisdiçaõ da visita; e porque os Arcebispos contendem de ordinario sobre jurisdições com o D. Prior de Guimaraes, entraõ poucas vezes nesta Villa, e assim tem sido raras vezes visitado; mas he tal a observancia, que naõ parece lhe falta este preciso remedio, para se conservar na reputaçaõ de observante. Era Sor Elena de Andrade, que este era o appellido, que tinha, quando com suas irmãas Sor Joanna, e Francisca de Andrade, as trouxe seu pay Balthazar de Andrade, Mestre Escola da Collegiada de Guimaraens, que foy o Fundador deste Mosteiro, sendo nomeada no Breve em primeira Abbadessa Sor Elena da Cruz, que morreo neste dia, do anno de 1590, como escreve o Padre Fr. Fernando da Soledade, na IV. Parte da *Historia Serafica*, liv. 5. cap. 22.

E Na America Meridional, fica a Capitanía de Pernambuco, a quem os naturaes da terra, pelo modo, com que entra no mar, abrindo hum dilatado rochedo, deraõ o nome de mar furado, que na sua lingua valia o mesmo, que Pernambuco. Foy conquistada no anno de 1530, por Duarte de Albuquerque Coelho, a quem a deu ElRey D. Joaõ o III. para seus descendentes, pelos serviços, que lhe tinha feito na India, e nelles se conservou, até que no anno de 1689, por morte de D. Joanna de Castro de Albuquerque Coelho, Condessa de Vimioso, mulher de D. Miguel de Portugal, VI. Conde de Vimioso, Estribeiro môr da Rainha D. Maria Francisca de Saboya, filha herdeira de Duarte de Albuquerque Coelho, IV. Donatario da Capitanía de Pernambuco, que ficando em Castella depois da Acclamaçaõ, por naõ deixar successaõ, se incorporou na Coroa; e sendo seu herdeiro seu sobrinho, e enteado D. Francisco de Portugal, VII. Conde de Vimioso, pleiteou com a Coroa este Senhorio, e os rendimentos, que em muitos annos se naõ pagaraõ, e vencendo na segunda parte, veyo a fazer composiçaõ com ElRey, que lhe deu o titulo de Marquez de Valença, no anno de 1716, que tinha já havido na pessoa de D. Affonso, filho do Senhor D. Affonso, I. Duque de Bragança, (de quem por Varonia descende,) e certa somma de dinheiro. Esta Capitanía, e as mais, que comprehende com diversos nomes, como cabeça principal das outras, invadiraõ os Holandezes, no tempo da dominaçaõ de Castella, e se fizeraõ Senhores do Arrecife, no anno de 1630. Aqui fizeraõ em odio da Fé muitas tyrannias; e depois de huma porfiada guerra, foraõ lançados fóra no anno de 1654. Ainda naõ tinha neste tempo Cadeira Episcopal, que à instancia do Senhor Rey D. Pedro II. foy erigida no anno de 1676, pelo Papa Innocencio XI. e a Sé na Cidade de Olinda. Foy seu primeiro Bispo D. Estevaõ Brioso de Figueiredo, que tinha sido Vigario Geral do Arcebispado de Lisboa.

O segundo D. Matthias de Figueiredo, antes Prior da Ventosa. Terceiro D. Fr. Francisco de Lima, Carmelita, que tinha sido Prior do Carmo, e Provincial no Brasil. Quarto D. Manoel Alvares da Costa, antes Prior de Santa Justa de Lisboa, e Desembargador da Relaçaõ do Arcebispado, que no anno de 1720, foy mudado para Angra. Quinto D. Fr. Joseph Fialho, da Ordem de S. Bernardo, Sagrado a 13 de Mayo de 1725, promovido ao Arcebispado da Bahia. Sexto D. Fr. Luiz de Santa Theresa, Carmelita Descalço, Sagrado a 14 de Dezembro de 1738, que vive.

Era o Padre Antonio de Bellavia natural da Ilha de Sicilia em Italia, de taõ singular modestia, que desde menino foy admiraçaõ das gentes; porque quando hia para a Escola, diziaõ as mulheres: Vamos ver o pequeno Anjo, filho de Bellavia. Na Companhia ardeo na veneraçaõ da Sagrada Eucharistia, e na mortificaçaõ dos sentidos, ensinando nas Classes, e lendo no Poeta aquelles Versos:

Et quodcumque mihi pomum novus educat annus
Libatum agricolæ ponitur ante Deo.

Foy tal a elegancia, com que ponderou, que a Deos se haviaõ de offerecer os primeiros frutos do anno, que imprimio no auditorio hum desejo efficaz de mortificar o gosto; o que elle soube usar muito bem, conseguindo na sua mortificaçaõ, da gula huma singular victoria. Estas virtudes, e as que temos relatado, o levaraõ à Missaõ da America, em que no anno de 1633, foy a sua morte, em odio da Religiaõ Catholica, como refere Nadasi *Annus Societatis*, &c. neste dia; e o *Diario* de Felice; o *Menelogio da Companhia*, m. s.

F Em tudo parecem semelhantes os Martyres do Japaõ, aos da primitiva Igreja, que eraõ desterrados a Chersona, e outros desertos, e condemnados a cavar as terras, e tirar marmores, e outras pedras, para os magnificos edificios da soberba Roma. Agora vemos no Japaõ os Christãos da Cidade de Miaco, e Ozaca, desterrados das suas Patrias, para Zungaru, terra esteril, frigidissima, visinha à Tartaria, em os ultimos termos do Japaõ. E sendo nobres, e dilicados, eraõ occupados em cavar, e lavrar as terras estereis, para as cultivar, e fazerem capazes de produzirem, à custa do seu trabalho, o que era hum prolongado martyrio; porque além de outras muitas incommodidades, que padeciaõ, ametade do anno estavaõ como sepultados entre montes de neve, e taõ falta de mantimentos, como terra deserta; pois apenas podiaõ manter a vida, sendo o sustento raizes, e follhas de arvores; porém tudo suavizavaõ com a liberdade de se conservarem na Ley de Jesu Christo, em que esperavaõ huma infalivel recompensa, mas nem com taõ penosa vida, lha dilatavaõ os Tyrannos, que com affectadas causas os condemnavaõ à morte. Sem embargo da aspereza, que referimos, e o muito que era zelada a entrada deste lugar, pelas repetidas sintinellas, com que os Governadores defendiaõ a communicaçaõ, podia tanto o zelo dos Missionarios da Companhia, que com grande risco foraõ repetidas vezes consolar aquelles Christãos. Em o anno de 1614, foy desterrado Matthias Xoan, e sua mulher: era moço devoto, e que sempre com a sua pessoa deu exemplo, e com santos costumes, que por elles entrou a merecer a coroa do Martyrio, com seus Companheiros, no anno de 1617, neste dia, imperando o Cruel Toxogunsama, filho de Daifusama, como refere Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, pag. 256; e Morejon na *Historia da Persecuçaõ*, liv. 3. cap. 3. pag. 107.

G Aquella taõ chorada Batalha de Alcacer, sempre lembrada com sentimento, em que o destemido, e mal aconselhado Rey D. Sebastiaõ, perdeo com o Reyno a gloria, que as suas Armas puderaõ conseguir das Mauritanas Luas, tantas vezes eclypsadas das bandeiras Lusitanas, se servira do melhor conselho, poderia com o mesmo exercito triunfar da multidaõ dos Mouros: como taõ repetidas vezes succedeo em differentes occasioens aos Portuguezes. Este infeliz dia do anno de 1578, para o Mundo, foy glorioso para as almas dos que morreraõ às mãos dos Infieis, como foy revelado a muitas pessoas de santidade eminente, como temos dito nesta Obra. Esta mesma revelaçaõ teve a Santa Madre Theresa

ſa de Jeſus, que acredita a felicidade dos que obedecendo ao ſeu Rey, peleijavaõ pela dilataçaõ da Fé. Neſta occaſiaõ, como temos referido, morreraõ os Padres Fr. Thomé de Brito, e Fr. Matthias de Azevedo, da Ordem Militar de Chriſto, como vimos de huma Relaçaõ m. ſ. que do Real Moſteiro de Thomar nos foy mandada.

H Do Memorial da Provincia da Arrabida num. 55, conſta do Padre Fr. Salvador da Cruz, natural da Torre de Moncorvo, de gente principal daquella Villa. Foy hum dos primeiros Noviços, que tomou o Veneravel Fr. Martinho, Fundador da Arrabida, e paſſando a eſtudar a Caſtella, voltou ao Reyno, onde foy Guardiaõ de diverſos Conventos, e Definidor da Provincia.

I Quando naõ tiveramos taõ largas noticias do Padre Mauricio; baſtava ſer morto em odio da Fé, para ſer numerado entre os Varoens eſclarecidos da Companhia; pois naõ deſmerecem ſerem tidos por Martyres aquelles Varões Apoſtolicos, que por exercitar a ſua charidade acompanhaõ os exercitos contra Infieis, principalmente quando eſtes tendo ſeguro o reſgate, prevalece à ambiçaõ o odio da Chriſtandade. Foy ſua Patria a Villa de Caminha, no Arcebiſpado de Braga: ſeus pays Vaſco Serpe, e Anna Vaz. No anno de 1547, ſe aliſtou na Companhia, cujas Chronicas lhe chamaõ ſó o Padre Mauricio. Em alguns Authores o achamos com o nome de Gaſpar Mauricio Serpe: devia de uſar delle aſſim no ſeculo. Faleceo no anno de 1578. Delle ſe lembraõ Nadaſi *Annus dierum memorabilium*, e o *Menelogio da Companhia* m. ſ. ambos neſte dia; Telles na *Chronica da Companhia deſta Provincia*, part. 1. liv. 2. cap. 19, Franco *Imagem da Virtude no Noviciado de Evora*, liv. 1. cap. 14; e no *Anno Santo da Companhia em Portugal*, neſte dia.

K Fr. Rodrigo de Lisboa, foy natural deſta Cidade, terra naõ menos procreadora de Varoens celebres em letras, do que inſignes em ſantidade. Faleceo neſte dia, como eſcreve Fr. Antonio da Purificaçaõ na *Chronologia Monaſtica*, a 4 de Agoſto, e na *Chronica*, 2. part. pag. 122. Faleceo, diz o Padre Fr. Manoel Leal, conforme ſe preſume, no anno de 1510, dizendo, que o Padre Purificaçaõ lhe errara o anno. Delle ſe lembra Fr. Jeronymo Roman, nas ſuas *Centurias*, anno 1509; Herrera letra R, *de perſonis Sanct.* Fr. Pedro Calvo, cap. 12. pag. 319.

Eſte he o meſmo, que chamaõ Fr. Rodrigo da Cruz, que teve na Religiaõ outro irmaõ, que chamaraõ Fr. Joaõ da Magdalena, Varaõ Douto, que foy quatro vezes Provincial da ſua Provincia; Lente 26 annos na Univerſidade de Liſboa, em que occupou a Cadeira de Prima, muy eſtimado dos Reys D. Joaõ o II. e D. Manoel, que o occupou em negocios graves, Varaõ Apoſtolico, como dizem alguns Authores, ainda que Herrera, da ſua meſma Religiaõ, o reprehende de ambicioſo, por ſer muitas vezes Prelado, a qual nota dizem ſer injuſta. Eſcreveo hum Tratado à inſtancia do Geral Fr. Ambroſio Coriolano, ſobre o miraculoſo ſangue, que ſahio de huma Hoſtia conſagrada, que ſe venera no Moſteiro de Caſſia, onde ficou o dito Tratado m. ſ. Faleceo em Pena Firme, no anno 1506, tendo reformada a ſua Provincia no temporal, e eſpiritual.

AGOS-

AGOSTO V.

N. Senhora de Penha de França.

A Este dia, que a Igreja tem dedicado ao culto da Virgem MARIA Senhora Nossa, com o titulo das Neves, pelo miraculoso caso, que lhe foy edificada a Basilica, que por excellencia chama Roma, Santa MARIA Mayor, lhe tributa a inclyta Cidade de Lisboa, em testemunho de perpetuo agradecimento, huma solemne Procissaõ, por voto que lhe fez no anno de 1599. Ardia a Cidade no horroroso mal de peste, que com arrebatado impeto, à maneira de fogo, com voracidade consumia a seus leaes habitadores, de sorte, que já naõ parecia haver parte privilegiada do violento mal, e se considerava em evidente perigo, de se ver em breve tempo despovoada esta grande Cidade. Em taõ lastimoso espectaculo recorreraõ seus afflictos moradores, com viva Fé, à soberana protecçaõ de MARIA Santissima, e logo começaraõ a experimentar os prodigiosos beneficios do seu sagrado patrocinio. Neste taõ grande aperto lhe fez a Cidade o voto, de todos os annos neste dia lhe fazer huma solemne Procissaõ, que sahiria depois da meya noite da Casa de Santo Antonio, com o Senado da Camera, com o Presidente, Vereadores, e Cidadãos, descalços todos, e que hiriaõ à Igreja de nossa Senhora de Penha de França, que tomaraõ por Protectora, e logo começaraõ a lograr os effeitos da sua devoçaõ, cessando de todo o mal na Cidade, que já mais tornaraõ a experimentar, e assim em religiosa observancia se cumpre todos os annos este voto, que executará sempre agradecida a Cidade de Lisboa.

S. Theotonio Collocaçaõ.

B Em a notavel Villa de Vianna, no Convento dos Conegos Regrantes, dedicado a S. Theotonio, primeiro Prior do Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, Pay, e Reformador da esclarecida Congregaçaõ de Santo Agostinho, neste Reyno, a collocaçaõ de huma Reliquia insigne do mesmo Santo Prior. He huma cana de seu braço, metida dentro de huma primorosa pyramide de prata, guarnecida de cristaes, acabando em huma pequena estatua do Santo, posta sobre hum

globo

globo de Eſtrellas. Eſta Reliquia foy trazida do Moſteiro de Santa Cruz pelo Padre D. Miguel de Santo Agoſtinho, Vigario Geral da Religiaõ dos Conegos Regrantes, no anno de 1642, e neſte dia recebida com grande ſolemnidade, pompa, e concurſo de gente, e levada em Prociſſaõ, acompanhada do Clero, Religioens, e Nobreza da Villa, que com extraordinarias demonſtrações, manifeſtaraõ o goſto de ſe verem com a poſſe deſte taõ notavel theſouro, e aſſim o publicou, declarando a S. Theotonio por Padroeiro daquella Villa.

C Na Cidade do Porto, ſerá immortal a memoria de Santa Adoſinda, irmãa de S. Rozendo, que depois de ter ſido caſada, ficando viuva no mais florido dos ſeus annos, deixou com generoſo deſprezo as riquezas do Mundo, e a grandeza de ſua caſa, e parentes, pela vida Religioſa. Tomou o Habito em o Moſteiro de Santa Maria de Villa Nova, que florecia em obſervancia, e Religiaõ, e tinha ſido fundado por ſua māy Ilduara. Aqui, exercitando-ſe em a perfeiçaõ da vida Monaſtica, foy eleita Abbadeſſa, e dando de ſeu exemplo, e virtude, grande edificaçaõ às ſuas amadas Religioſas, acabou em paz.

S. Adozinda Abbadeſſa.

D Em Coimbra, no Real Moſteiro de Santa Cruz, o enterro do Biſpo D. Miguel Paes, Varaõ affamado em vida, e coſtumes, e de tanta obſervancia, e Religiaõ, como teſtemunha a ſua vocaçaõ. Era Conego na Cathedral de Coimbra, que largou por acompanhar ao Arcediago D. Tello, ſendo hum dos doze Varoens Apoſtolicos, que entraraõ no Moſteiro de Santa Cruz, e deraõ principio à reforma dos Conegos Regrantes de Santo Agoſtinho neſte Reyno, de que foy Author S. Theotonio. Recebendo a Clerical reforma, ſatisfez com admiravel pontualidade às obrigações, e ceremonias ſantas da Ordem, florecendo em virtude, e ſantidade, por quaſi vinte e ſeis annos, dentro na Clauſura, donde o ſeu exemplo naõ edificava ſó os Companheiros, mas os de fóra. Aſſim ſe começou a divulgar a fama da ſua prudencia, ſabedoria, e religiaõ, que foy elevado à Dignidade Epiſcopal da Cidade, por eſcolha delRey D. Affonſo I. e acclamaçaõ do Clero, e povo Conimbricenſe. Em breve deſempenhou a eleiçaõ no deſvélo do Culto Divino, no augmento da ſua Igreja, na reforma do rebanho de Chriſto, e zelo da Fé. Na morte de ſeu amado Meſtre S. Theotonio, ſe achou preſente, e ce-

D. Miguel Paes Biſpo de Coimbra Conego Regrante.

lebrou o Officio, nas ultimas honras, que lhe detriminou a piedade, e veneraçaõ del Rey, com a approvaçaõ sua. Sepultado o Santo pelo nosso Bispo, foraõ tantos os prodigios, com que o Senhor acreditava a gloria de seu Servo, que teve seu discipulo a consolaçaõ de approvar, e authenticar os seus milagres; e sendo depois canonisado, assistio a este acto o Bispo D. Miguel. Havia quasi dezoito annos, que occupava a Cadeira Episcopal, com geral satisfaçaõ do seu rebanho, tendo ennobrecida a sua Igreja, naõ só no espiritual, mas no temporal, que enriqueceo com gloriosos testemunhos do seu amor. E querendo por velho, e cansado, dar socego aò seu espirito, dentro nos Claustros da Religiaõ, em que tantos annos vivera, fez renuncia do Bispado, e se recolheo ao seu Mosteiro, em que viveo quatro annos, gastados em santos exercicios, e obras iguaes à sua vocaçaõ, e estado, manifestando anticipadamente aos seus o dia de sua morte, carregado de annos, e merecimentos, repousou em o Senhor.

Sor Francisca da Conceiçaõ, Franc.

E No Mosteiro de Santa Clara da Villa de Guimaraens, acabou com ditosa morte huma vida penitente, a Madre Sor Francisca da Conceiçaõ, que desde menina se criara nos Claustros da Religiaõ do Mosteiro de Amarante, e passando a Fundadora do de Guimaraens, com sua irmãa, foy occupada no lugar de Vigaria, em que mostrou zelo da Religiaõ, sendo na observancia das leys, e costumes rigidissima. Naõ houve tempo, em que se naõ mortificasse com cilicios perpetuos, com disciplinas rigorosas todos os dias, em que deixava o cansado corpo aberto em chagas. Todo o anno era para ella de jejum, e as sestas feiras, e a mayor parte da Quaresma a paõ, e agua. Estas penitencias pertendia occultar, mas a pezar da sua humildade, ellas se manifestavaõ. Era de condiçaõ aspera, e o zelo da Religiaõ unido ao genio, a faziaõ temer mais, do que ella merecia. Entrou a ser Abbadessa, e lembrada da recomendaçaõ, que sua irmãa lhe fizera na hora da morte, e da experiencia, que tinha da observancia da Casa, se revestio de hum animo taõ affavel, que parecia a mesma suavidade. Passados sete annos do seu governo, achando-se bem disposta, se preparou, como quem está para morrer: no mesmo dia foy accommetida de hum terrivel accidente, que lhe tirou a falla, e a teve sete dias em hum letargo, quando com admiraçaõ

das

das aſſiſtentes, ſe levantou na cama, e pertendendo porſe de joelhos, ſe lhe ouvio em voz clara, e intelligivel: *Oh Mãy de Deos! Oh Soberana Princeza da Bemaventurança! Oh minha Senhora.* Moſtrando na reverencia, e fervor das palavras, que fora viſitada pela Virgem, de quem era cordeal devota, e que em o dia, que a Igreja a feſteja, a conduzira para a Gloria.

F Em Fococu no Japaõ, remataraõ as vidas com glorioſo fim doze ditoſos Chriſtãos, naturaes do meſmo Eſtado, a ſaber: Diogo Suzk, e Maria, ſua mulher, Martha, Maxima, Catharina, Martha, Tecla, Clara, Martha, criadas de Maria, Anonymo, e Miguel, ſeu filho, e outro, cujo nome ſe ignora, e de que ſó ficou memoria do appellido Denyemon; os quaes todos em odio da noſſa Santa Fé foraõ degolados, triunfando da crueldade, ſem que o debil do ſexo feminino fizeſſe horror à morte, para com ſanta liberdade offerecerem a vida por Jesu Chriſto, de quem recebiaõ a fortaleza, como na primitiva Igreja.

Diog. Suzk. e 11. MM Jap.

Item na meſma Cidade, Lourenço Toyemon, Joaõ Rifioye, Pedro Cuſioye, Miguel Kimura, Joaquim Tazo, conquiſtaraõ violentamente o Ceo à cuſta das ſuas vidas, ſendo crucificados, entraraõ as ſuas almas na Gloria, coroadas do Martyrio.

Lourenço, e 4 Companheiros Martyr. Jap.

G Na Villa de Moura, no Convento de Santo Antonio da Provincia da Piedade, acabou em o Senhor, Fr. Eſtevaõ da Cuba, cuja vida foy o exemplar da perfeiçaõ Religioſa; porque era modeſto, compoſto, e callado, e de grande obſervancia das obrigações dos ſeus Eſtatutos, a que já mais faltava, ajuntando à obrigaçaõ ordinaria, que ſatisfazia com pontualidade, o andar ſempre com multiplicados cilicios. Adoeceo finalmente, e prediſſe a ſua morte, dizendo no dia antecedente, eſtando preſente o Medico, e os Religioſos, que lhe aſſiſtiaõ: *Amanhãa às ſete horas ha de vir Chriſto Senhor Noſſo a dizerme, vem câ Eſtevaõ*, o que ſe verificou; porque ao meſmo tempo trocou a vida mortal pela eterna.

Fr. Eſtevaõ da Cuba Capucho.

Commentario ao V. de Agosto.

A GOvernava o Reyno de Portugal D. Filippe II. quando a Cidade de Lisboa opprimida do terrivel mal da peste, em que ardia, buscou por unico refugio de tantas afflições à Virgem Senhora Nossa, com o titulo de Penha de França, que entaõ começava a ser conhecida nesta Cidade, em huma pequena Ermida, que a devoçaõ de hum Antonio Simoens, seu devoto, lhe levantara, vencendo naõ poucas difficuldades, com que o demonio pertendeo estorvar este culto da Senhora: até que aquelle virtuoso Prelado D. Miguel de Castro, Arcebispo de Lisboa, quiz por si mesmo examinar o lugar, e hindo à Ermida de Penha de França visitar a Senhora, conheceo as sinistras informações, e por evitar todas as demoras, deu vocalmente licença, para que se abrissem as portas, e se dissessem Missas, e começou a Senhora a ser venerada com hum grande concurso de gente, que ainda hoje persevera em os Sabbados, e algumas festividades da Virgem. Esta grande devoçaõ, com que aquella sagrada Imagem era venerada dos moradores de Lisboa, que experimentavaõ em prodigios a sagrada sombra do seu patrocinio, foy o motivo do voto, que relatamos no Texto.

Desempararaõ os Governadores do Reyno a Cidade, e a ficou governando o Presidente da Camera D. Gil Eannes da Costa (depois Presidente do Paço, e do Conselho de Estado,) Fidalgo benemerito por qualidade, e virtudes, e nesta occasiaõ, sobre grande prudencia mostrou tanta piedade, que o Senhor lhe gratificou, parece que milagrosamente, pois morrendo cada dia na Cidade 280, e 300 pessoas, a nenhuma pessoa da sua casa offendeo o mal, vivendo no meyo da Cidade. Fez o Senado da Camera o voto, que assinou o Presidente, Vereadores, e Procuradores, e Misteres, com hum assento, em que faziaõ perpetua aquella obrigaçaõ, que o povo aceitou de boa vontade, assinando alguns delles, o qual approvou, e confirmou ElRey por Alvarà assinado de sua Real maõ, que se guarda no Cartorio da Camera, de que he copia o seguinte:

Presidente amigo, Vereadores, Procuradores da Cidade de Lisboa, e Procuradores dos Misteres della. Eu ElRey vos envio muito saudar. Recebi a vossa Carta sobre o voto, que fizestes a Nossa Senhora de Penha de França, cuja Casa se vay fundando no contorno dessa Cidade, e pareceo-me muito bem tudo o que fizestes em serviço de Nossa Senhora, de que eu recebo particular contentamento, e hey por bem de o approvar, e dar licença necessaria, para os seis mil cruzados, que no dito voto se haõ de dispender, se tirarem, por imposiçaõ do vinho, e da carne, conforme o que assentastes. Escrito em Madrid, a 9 de Setembro de 1599.

REY.

Este foy o principio, com que se estabeleceo a Procissaõ, que todos os annos se cumpre; porque assim como dá meya noite no relogio da Patriarcal, sahe o Senado da Casa de Santo Antonio, acompanhado dos Religiosos de S. Francisco da Observancia das Provincias de Portugal, e Algarve, da Communidade dos Terceiros de Nossa Senhora de Jesus, e de Nossa Senhora da Graça, com alguns Clerigos, que levaõ a Santo Antonio, e em Procissaõ vaõ à Penha de França, onde se canta Missa, com Sermaõ. Naõ tem differença da primeira, mais, que naquella foraõ descalços o Presidente, Vereadores, e todos os mais, e agora vaõ calçados: e he a razaõ da differença, ser assim feito o voto, de que só por aquella vez irem descalços; entaõ hiaõ cantando a Ladainha com preces, e agora he em acçaõ de graças.

Começou a ser grande o concurso da gente, em quem cada dia mais crescia a devoçaõ, obrigada das maravilhas, que a Senhora concedia aos que a buscavaõ; e desta sorte veyo a ser celebre romaria a desta Igreja. Era Padroeiro Antonio Simoens, e entrando em mayores pensamentos, (para que fosse a Senhora bem servida,) de entregar a alguma Communidade de Religiosos, escolheo a dos Eremitas de Santo Agostinho, que depois de alguns annos, fundando Mosteiro de Religiosos, fizeraõ a Igreja que hoje vemos,

mos, tomando a Cidade à ſua conta a Capella môr, como tinha promettido, e a Confraria, e Irmandade, grande parte da Igreja, que com as eſmolas dos devotos chegou à perfeiçaõ, em que eſtá. No anno de 1625, com huma ſolemne Prociſſaõ acompanhada do Senado da Camera, e Cidadãos, foy collocada a Senhora, no lugar, em que hoje he venerada de toda a Cidade, e dos mareantes, com eſpecial devoçaõ. Quem quizer ver largamente o principio do culto deſta devota Imagem, lêa hum livrinho intitulado *Aguia na Penha*, que ſendo Prior deſte Convento, mandou imprimir Fr. Carlos de Mello, no anno de 1707. Antonio Carvalho, na III. Parte da *Corograf. Portug.* pag. 419, diz, que o voto de ir o Senado, e Cidade deſcalços, ſe commutara pelo Papa em tres arrobas de cera, e pagarem a Miſſa, e Sermaõ; o que entendemos ſer engano; porque o livro, que acima allegamos, eſcrito quaſi no meſmo tempo, declara o modo, com que ſe fez o voto, no cap. 12. pag. 181, e refere, que no letreiro, que ſe puzeſſe na Capella, ſe poria eſta obrigaçaõ; e que no que tocava ir a Cidade deſcalça, ſeria a primeira vez, com declaraçaõ, que neſta parte ſómente os que vieſſem, teriaõ liberdade para fazer o que lhes pareceſſe; de que manifeſtamente ſe vê, que o voto de os Cidadãos irem deſcalços, naõ foy para ſempre, e aſſim naõ deviaõ pedir commutaçaõ de obrigaçaõ, que naõ havia.

B No Capitulo Geral dos Conegos Regrantes, em que foy eleito Prior Geral D. Miguel de Santo Agoſtinho, ſe ordenou a fundaçaõ do Moſteiro de Vianna, dedicado ao glorioſo Padre S. Theotonio, natural da Provincia de Entre Douro, e Minho, e da Comarca de Valença, em que entra Vianna. No anno de 1630, ſe lançou a primeira pedra, que benzeo o Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha, Arcebiſpo Primaz, aſſiſtido do Geral D. Jeronymo da Cruz, e dos Religioſos mais graves da Congregaçaõ. Fezſe aquelle acto com a ſolemnidade, que manda o Ritual Romano, e o fez mais luzido a aſſiſtencia do Primaz, que lançou a primeira pedra, na qual eſtava a Inſcripçaõ ſeguinte, que tambem ſe vê hoje poſta na eſquina direita, que correſponde à porta principal, quando ſe entra na Igreja.

S. D. TH.º D.

Sub Urbano VIII. & Rege noſtro Philippo III. Dõnus Rodericus à Cunha Hiſpaniarum Primas, & Dõnus Hieronymus à Cruce Generalis Congregationis Sanctæ Crucis hunc lapidem poſuit anno Domini M. DC. XXX. VIII. Auguſti.

Deſta pedra ſe vê, que no dia 8 de Agoſto, de 1630, ſe fez eſta ceremonia, no que parece póde haver duvida, e por iſſo nos accommodamos, com o que refere o Padre D. Nicolao de Santa Maria, na *Chronica dos Conegos Regrantes*, part. 1. liv. 6. cap. 16, que affirma ſe lançou a primeira pedra no dia de Noſſa Senhora das Neves, no meſmo dia, em que depois ſe fizera a collocaçaõ da Reliquia de S. Theotonio, que temos relatado no Texto, de que o dito Author ſe lembra no lugar citado, e no liv. 9. cap. 5. §. 23, e huma Relaçaõ deſta ſolemnidade, impreſſa no anno 1643.

C Foy Santa Adoſinda filha de D. Guterre Arias, e de D. Ilduara, Condes de Agueda, e Arminio, ainda que o Conde D. Pedro, no titulo 22 o naõ nomeye entre os irmãos do Conde D. Affonſo de Cella Nova; porque temos documento de toda a authoridade, que no lo affirma. No Archivo da inſigne Collegiada de Guimaraens, no livro chamado de D. Munia, ha huma Eſcritura de troca, que faz Adoſinda dos Lugares de Moreira, e Caſtanheira, por outras propiedades, feita a 17 de Outubro, da Era 1002, que he anno de Chriſto 964, e começa a Eſcritura: *In nomine Dei. Ego Adoſinda proles Gutierre, & Ilduara vobis Gonſalvo Menendis.* Aqui ſe nomeya filha de D. Guterre, e de D. Ilduara, e aſſim ceſſa toda a duvida, que aos Genealogicos pudera cauſar, naõ ſe achar no Conde D. Pedro. Na Vida de S. Rozendo, que traz o Doutor Fr. Bernardo de Brito, na II. Parte da *Monarchia Luſitana*, liv. 7. cap. 24, ſe lê, que o Santo fizera muitas obras do Moſteiro de Cella Nova, que edificou, e diz as

palavras

palavras seguintes: *Ajudado com as dadivas da Condessa Illduara sua mãy, e de D. Munio Guterres, Froila Guterres, e Adosinda, que lhe deraõ a parte, que tinhaõ na erdade de Villar, em que o Mosteiro se fundara.* Em que Adosinda cedia a parte, que tinha na herdade com aquelles Fidalgos, de que era irmãa. Tambem nos he preciso mostrar, que Adosinda foy casada, contra o que diz o Padre Fr. Luiz dos Anjos no *Jardim de Portug.* pag. 144, em que lhe chama Virgem: tal vez fundado em o Illustrissimo Cunha, na *Historia de Braga*, dizer, que seguira as pizadas de seu irmaõ Saõ Rozendo, no melhor da sua idade, tomando o estado de Freira; o que naõ implica, para ter sido casada, e ficar de curtos annos viuva. Que fosse casada, consta da mesma escritura acima allegada, onde fallando de huma troca, diz: *Et Ego illæ habui in cartha cum viro meo dinæ memoriæ Ranimirus Menendi secundum illa habuimus in cartha de Rex Domino Ordonio, &c.* De que evidentemente se vê foy casada com Ramiro Mendes. O Padre Fr. Leaõ de Santo Thomás, na sua *Bened. Lusit.* tom. 2. pag. 159, referindo-se a esta Escritura, tem para si, que este fora segundo marido, e que o primeiro se chamou Placencio, para o que naõ traz allegaçaõ nenhuma; mas, ou fosse casada duas vezes, ou huma, parece, que naõ tem duvida, que antes de Religiosa teve marido: o que a naõ padece, he, que pelas suas virtudes foy appellidada Santa, como se póde ver nos Authores acima allegados, a que nos remettemos.

D Pelos annos de 1160, faleceo o Bispo D. Joaõ Anaya, e lhe succedeo nesta Dignidade D. Miguel, que contamos por VII. Bispo de Coimbra: nasceo em Monte mór o Velho, e teve por pays a Miguel Paes, e Aldonça Gomes, como diz o livro dos Obitos de Santa Cruz, a 17 das Kalendas de Outubro. Criou-se no Seminario, junto da Sé de Coimbra, em que estudou as Letras Sagradas, e depois de Sacerdote, foy Conego na dita Sé, e Prior della, cuja Dignidade largou, como temos visto, para professar a Regra de Santo Agostinho, no Convento de Santa Cruz, donde foy tirado para occupar a Cadeira Episcopal desta Igreja, por cujo augmento trabalhou muito, de que se lhe seguiraõ algumas differenças entre pessoas grandes, e poderosas, que apossadas de varias terras, e casas, defendiaõ a usurpaçaõ, de que os desapossou, com grande utilidade da sua Sé, que reparou com largas despezas, trazendo dez annos hum official pago, com largo jornal à sua custa, para entender nas obras da Sé, cujas portas mandou fazer por hum notavel official, que mandou buscar fóra do Reyno.

Teve este Prelado grande amor ao Mosteiro de Santa Cruz, e assim a primeira acçaõ, que sabemos sua, logo depois de eleito, he aquelle notavel privilegio, em que lhe deu a isençaõ do Mosteiro, e seus freguezes, da jurisdiçaõ dos Bispos, que hoje goza com o nome de isento de Santa Cruz, em que os seus Priores Geraes, tem jurisdiçaõ ordinaria, como os Prelados nas suas Diocesis. Este privilegio foy passado em nome do Bispo, e do Cabido, e por elle se obrigaraõ os Bispos, a lhe darem os Santos Oleos, e sagrar suas Igrejas, e lhe outorgaraõ outros favores, que consta desta Doaçaõ. Foy celebrada no Capitulo do Mosteiro de Santa Cruz, presentes El-Rey, seu filho D. Sancho, o Arcebispo de Braga D. Joaõ Peculiar, o Bispo de Coimbra, com o seu Cabido, que assinaraõ o contrato em 21 de Março, de 1162, e como testemunhas muitos Senhores da Corte, e alguns Abbades. Este contrato confirmou depois o Papa Alexandre III. no anno seguinte, e quarto de seu Pontificado, e se póde ver na *Chronica dos Conegos Regrantes*, liv. 9. cap. 6; o Doutor Fr. Antonio Brandaõ na III. Parte da *Monarch. Lusit.* liv. 10. cap. 44, quando refere esta grande doaçaõ a attribue aos merecimentos do glorioso S. Theotonio.

Foy o Bispo D. Miguel, dotado de animo grande, e generoso, e de grande zelo do Culto Divino. A sua Sé ornou de pessas de notavel valor, a saber, hum Caliz de ouro, que pezava quatro marcos, e huma Cruz tambem de ouro, que pezava oito; para o Altar de Nossa Senhora, dadivas de grande consideraçaõ, principalmente para aquelle tempo, em que naõ havia Conquistas em Portugal, nem menos as famosas Minas, donde vem o ouro às arrobas; grandeza, que naõ tem outro algum Soberano da Europa, fóra do nosso Monarca. Grande felicidade de Portugal, em o mais precio-

so

ſo metal lhe vir por arrobas! Tanta he a abundancia, que faz ao que he precioſo parecer genero. Na occaſiaõ, em que eſtamos eſcrevendo, no anno de 1719, vemos ao meſmo tempo entrar pela barra de Lisboa a Frota do Rio de Janeiro, em que ſó o ouro do Regiſtro paſſa de dez milhoens. Mas deixando eſta ponderaçaõ, aos que eſcreverem a noſſa Hiſtoria, que nós ſó arrebatados do amor da Patria fizemos eſta curta digreſſaõ, pelo goſto, com que recebemos novas taõ uteis ao Reyno, e tornando ao noſſo aſſumpto, eſta Cruz, que o Biſpo deixou à ſua Sé, furtaraõ depois com o tempo, (que nem o ſagrado ſe livra de ſer, ainda que ſacrilegamente, deſpojado.) Em o noſſo vimos roubar a precioſa ambula, em que eſtava o dedo de Santo Antonio, que da ſua Caſa faltou em os dias da ſua feſta, no anno de 1718, com grande magoa dos ſeus devotos, (perda a que ſe naõ póde achar recompenſa, naõ pelo precioſo valor do Relicario, primoroſamente obrado de ouro, ornado de diamantes, mas pela inſigne Reliquia do noſſo inſigne Portuguez, que já ſem eſperança ſentimos a ſua falta, pois nem pelas exactas diligencias, que a piedade do noſſo Rey, que Deos guarde, mandou fazer pelos ſeus Miniſtros, nem menos pela generoſidade, com que perdoava o crime, e dava huma grande ſomma de dinheiro de alviceras, nada baſtou para ſatisfazer a cobiça do ſacrilego roubador, para a reſtituiçaõ.) Além deſtas precioſas dadivas do Biſpo D. Miguel, e de muitos vaſos de prata, galhetas, e pratos, e 57 marcos de prata, para huma banqueta do Altar môr, e muitos ornamentos para a Sacriſtia, deu entre outras Reliquias huma do Santo Lenho da verdadeira Cruz. Depois de tornar à Religiaõ, viveo quatro annos, e morreo neſte dia, do anno de 1180. Foy ſepultado na parede da quadra do Clauſtro, que correſponde à Capella môr, com eſte Epitafio.

Nonas Auguſti Obijt D. Michael Colimb. Epiſcopus Canonicus Sanctæ Crucis Æra M.CC.VIII.

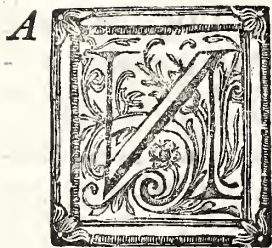
Sendo Prior Geral D. Miguel de Santo Agoſtinho, no anno de 1630, o quiz trasladar para a Capella de S. Theotonio, ſeu Meſtre, e foy achado o corpo inteiro, com parte das veſtiduras Pontificaes; e chevo de reſpeito lhe naõ quiz bolir, e o deixou no meſmo lugar. Delle faz mençaõ a *Chronica dos Conegos Regrantes*, part. 2. liv. 9. cap. 13; Brandaõ *Monarchia Luſit.* liv. 10. cap. 44. pag. 200; o Conego Pedro Alvares Nogueira, no *Catalogo* m. ſ. *dos Biſpos de Coimbra*; Cardoſo a 10 de Mayo a promette para eſte dia; Leitaõ *Catalogo dos Biſpos de Coimbra.*

E No dia antecedente fizemos mençaõ de Sor Helena da Cruz, irmãa de Sor Franciſca da Conceiçaõ, a quem ſuccedeo no lugar de Abbadeſſa, e verdadeiramente irmãas em tudo: por ellas ſe vio taõ augmentado o eſpiritual edificio deſte Convento, por cuja obſervancia trabalharaõ, e mereceraõ ver logrado o premio de taõ glorioſo cuidado. Foy enterrada na meſma cova, em que eſtava ſua irmãa, e quando ſe abrio, reſpirava a terra tal fragancia, que eſtava ſendo hum teſtemunho da gloria, que ambas gozavaõ. Faleceo no anno de 1597, como diz Soledade, na IV. Parte da *Hiſtoria Serafica*, liv. 5. cap. 22. pag. 707.

F Deſtes invictos Cavaleiros de Chriſto, que por ſeu amor deraõ as vidas no anno de 1629, imperando Toxogunſama, eſcreve o Padre Cardim no *Catalogo dos Martyres do Japaõ*, pag. 313.

G No anno de 1698, faleceo neſte dia Fr. Eſtevaõ da Cuba, que pelo appellido devia ſer natural deſte Lugar, conforme o coſtume da ſua Provincia. Foy ſepultado no Clauſtro do dito Convento, no lanço, que vay da Sacriſtia, para o Capitulo. Tudo o referido conſta de huma Carta, que o Guardiaõ do meſmo Convento o Padre Fr. Matthias de Eſtremoz, de 20 de Junho de 1741, eſcrevera ao M. R. P. Fr. Franciſco de Oliveira, que no la participou.

AGOSTO VI.

S. Jordaõ Bispo de Evora.

A A Tourega Diocesi de Evora, se conserva na tradiçaõ huma constante memoria de S. Jordaõ, Bispo desta Igreja. Era o tempo, em que governava, o mesmo em que espalhado pelo Mundo o odio de Diocleciano contra o Nome de JESU Christo, executava o Presidente Daciano nas Hespanhas os Edictos do Emperador, com huma cruel persecuçaõ contra os Christãos. Entre a furiosa raiva destes lobos, appascentava o Santo Bispo o seu rebanho, com amor, e zelo de bom Pastor; quando tendo noticia, de que suas irmãas Santa Comba, e Anominata, depois de ser a primeira degolada em obsequio da profissaõ, que confessara da Ley de Christo, recusara a segunda com temor da morte, entrar no certame, vencida do horror dos tormentos, que o dilicado do sexo lhe fazia, e assim persuadida fogio da prizaõ. Mas o Santo Prelado, cheyo de zelo da gloria do Altissimo, partio com toda a diligencia em busca de sua irmãa, que achou na Serra do Espinheiro, e com o amor de irmaõ, e zelo de Pastor, a reprehendeo de variavel, e inconstante no amor de seu Esposo, em cujo obsequio era pequeno sacrificio huma vida, que seria recompensada com a Coroa da Eternidade. Confortada com os saudaveis conselhos do Santo Bispo, se animou à constancia, e espontaneamente se offereceo ao Martyrio. Nesta Serra prenderaõ os iniquos Ministros a S. Jordaõ, e depois de crueis, e diversos generos de martyrio, lhe cortaraõ a cabeça em huma cova, que inda hoje persevera na tradiçaõ com o seu nome; fazendo-a veneravel o prodigio, com que o Ceo mostrou respeitar este lugar, em que por mayores, que sejaõ as chuvas, nunca (como tem observado curiosa a devoçaõ) toma agua; naõ succedendo o mesmo às outras, que a cercaõ. A esta recorrem cheyos de Fé, os enfermos de sezoens, e maleitas, e levantando naquelle lugar huma Cruz de madeira, que alli colhem, ficaõ livres do mal. Tambem he especial advogado das dores de costas, pelas grandes, que o Santo padeceo no martyrio, tirando-lhe os algozes

zes o coraçaõ pelas costas, servindo esta memoria de feliz patrocinio aos enfermos desta Provincia, que obrigados dos seus beneficios recorrem à sua poderosa intercessaõ. Seu corpo foy levado para a Igreja de Tourega, e sepultado com outros Martyres; pelo que ainda hoje se conserva naquelle Lugar entre os banhos de Tourega, o nome do banho dos Martyres.

B Em a Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia de Lisboa, da Religiaõ Theatina, se conserva incorrupto o corpo do Veneravel Padre D. Alberto Maria Ambiveri, da mesma Familia. Teve por Patria a Cidade de Bergamo na Republica de Veneza; seus pays de nascimento illustre. Logo na sua infancia mostrou o quanto havia de resplandecer em singulares virtudes; porque sendo a idade pueril, eraõ as obras de adulto, dirigindo-as todas à virtuosa perfeiçaõ. Ornado destas partes foy admittido à Roupeta Theatina, que ardentissimamente desejava vestir, abrazado da cordeal devoçaõ, que tinha ao grande Patriarca S. Caetano, gloria de Vicencia, e assombro do Universo, cujo Instituto seguio, com taõ agigantados passos, que em pouco tempo deu a conhecer o muito, que se dilatara o seu espirito, com os santos exercicios, em que de continuo se empregava. Opprimido de achaques, por conselho dos Medicos, e obrigado da obediencia dos Superiores, foy para huma Quinta de hum Lugar, chamado Gierra de Adda, que havia de ser onde se começasse a conhecer, e a espalhar a sua heroica virtude, que com prodigios o Senhor dava a entender, mostrando nas obras maravilhosas, que por suas mãos obrava a singular estimaçaõ, que fazia daquella purissima alma. Começou a confessar, e a doutrinar aos meninos, a prégar com efficacia, e zèlo, de que nascia reconciliar amigos, compor discordias, desterrar odios, e animar a todos com saudaveis conselhos. Buscava aos doentes, que servia com a mais viva charidade, sendo incansavel na assistencia; porque como padecia achaques, se lhe encendiaõ os desejos de os aliviar com o remedio. De tal maneira se applicou ao beneficio dos miseraveis doentes, tendo em Deos taõ viva Fé, que começou a obrar evidentes milagres. Ardia o seu coraçaõ em chammas do Amor Divino, que as accendia no dos enfermos, e assim conseguiaõ repentinamente saude. Começou a espalharse por todos aquelles contornos o rumor da sua prodi-

O V. P. D. Alberto Maria Ambiveri C.R.

giosa fama; e assim concorria de partes distantes innumeravel gente, para que o Servo de Deos os benzesse, e logo conseguiaõ a desejada melhora. Aos impedidos da infirmidade, que jaziaõ por seu mal na cama, hia o Servo de Deos a buscallos, só para lhes dar saude. Attendendo os Padres, a que poderiaõ ser interpretadas sinistramente taõ louvaveis obras, o mandaraõ recolher a sua Casa; ao que sem repugnancia obedeceo. Mas naõ satisfeito o demonio, com ver suspendidos aquelles virtuosos exercicios de charidade, despertou em algumas pessoas zelo indiscreto, para que o denunciassem ao Santo Officio. Era grande o conceito, que o Inquisidor de Milaõ tinha do Padre D. Alberto, e admirado, e suspenso, se naõ sabia resolver; com tudo, por satisfazer à obrigaçaõ do Officio, o mandou chamar, e depois de huma larga conferencia, em que examinou as acções do Servo de Deos, veyo em hum pleno conhecimento da sua virtude, e da indiscreta paixaõ, ou ignorancia dos accuzadores, e depois de louvar o seu zelo, e charidade com os proximos, lhe aconselhou, que para satisfazer ao vulgo ignorante, que naõ chega a penetrar os solidos fundamentos, sobre que se firma a doutrina Theologica, se servisse nas prodigiosas curas, além da Fé, recommendada por Christo no Evangelho, da invocaçaõ de algum Santo.

Em os primeiros annos da sua vida começou a ser devoto do Patriarca S. Caetano, e logo detriminou dalli em diante a invocallo nas benções dos enfermos; o que observou inviolavelmente, como successivamente veremos. Daqui teve principio o dilatarse por toda a parte a devoçaõ de S. Caetano, de sorte, que se naõ achará Lugar, por mais remoto da terra, onde se naõ venere este Santo, estabelecendo, e confirmando nos Fieis com estupendas maravilhas a sua protecçaõ, como experimentaõ os seus devotos. Descuberto o fim das obras do Padre D. Alberto, e conhecida universalmente a innocencia da sua vida, e a sua grande charidade com o proximo, lhe concederaõ licença (por continuar ainda a sua enfermidade) de se retirar para huma Quinta; mas antes de partir de Milaõ, quiz mostrar Deos, o quanto se agradava de seu Servo, galardoando a sua obediencia com huma singular graça. Achava-se no Mosteiro de S. Filippe huma Religiosa, havia cinco annos, e cinco mezes na cama baldada, sem o movimento natural, e saben-

ſabendo, que eſtava em Milaõ o Padre D. Alberto, cujas obras eraõ ouvidas com admiraçaõ, lhe mandou pedir a foſſe benzer. Sorrio-ſe o Servo de Deos ao recado, dizendo, que elle era hum pobre peccador, e que o ſeu Santo Patriarca Caetano he que alcançava de Deos maravilhoſas graças, e que ſe recorreſſe a elle, acharia infallivelmente remedio. Replicou a pobre enferma, inſtando que a viſitaſſe, de que já compadecida a ſua charidade, deu a quem lhe trazia o recado huma Reliquia, e huma Imagem do Santo. Mandou dizer à enferma, que com viva Fé invocaſſe o ſeu patrocinio, e que levantando-ſe do leito foſſe à Igreja. Obedeceo a enferma, e forcejando por levantarſe, ſe naõ podia mover: aconſelhavaõ-na as Religioſas, que naõ fizeſſe exceſſos; mas ella conſtante nas palavras do Padre D. Alberto, preſiſtia, em que havia de ir à Igreja; e aſſim rogando às Religioſas, que a ajudaſſem, encoſtada em algumas, e com trabalho, chegou à Igreja, donde, (caſo maravilhoſo!) depois de breve Oraçaõ, ſe levantou por ſeu pé, com admiraçaõ das Companheiras, ſãa, e livre de todo o mal.

Neſte heroico gráo de ſantidade ſe achava D. Alberto, quando a Religiaõ Theatina procurava peſſoas para a Miſſaõ da India Oriental, exhortando o Geral com Cartas circulares a ſeus Religioſos por todas as Caſas a hum taõ louvavel emprego. Ouvio D. Alberto eſta geral petiçaõ, e movido de ardente charidade, ſe começou a abrazar em deſejos de ſervir ao proximo: reprimia-o a ſua debil natureza, e pouca ſaude; mas entendendo ſer ſuperior a vocaçaõ, atropelou a ſua meſma idéa, por ſeguir o impulſo do Evangelho. *Ite: ecce ego mitto vos*, e eſpontaneamente ſe offereceo, como he coſtume, à Sagrada Congregaçaõ de *Propaganda Fide.* Pertenderaõ ſeu pay, irmaõ, e parentes, que ſe impediſſe eſta reſoluçaõ; e naõ podendo vencer a ſua virtuoſa conſtancia, começou a ſua jornada para Portugal, para do porto de Lisboa embarcar para a India, onde já deſejava verſe ſervindo às diverſas Nações daquella grande parte do Mundo, abrazado todo em dar a vida em obſequio da Fé, que era o principal motivo deſta viagem. Naõ lhe ſerviaõ as Eſtalagens de impedimento à continuaçaõ dos ſantos exercicios, em que todos os dias ſe empregava. Apenas tinha dado leve deſcanço ao corpo, quando ſahia a viſitar a Igreja, ou

outro algum lugar, que havia de devoçaõ, e inculcando a de S. Caetano, em toda a parte fazia conhecer o seu nome, e exaltava os seus merecimentos com os continuos milagres, que com o seu nome obrava.

Em Ottgio, terra da Republica de Genova, depois de ter obrado estupendas maravilhas, reduzindo peccadores obstinados, dando saude a enfermos, restituindo baldados, lhe aconteceo hum caso digno de eterna memoria, e dos mayores, que se lem na Historia Ecclesiastica. Havia hum Estalagadeiro, que fazendo reflexaõ na facilidade, com que o Servo de Deos obrava milagres, admirado de taõ efficaz poder, com simplez curiosidade, desejava saber como eraõ feitas aquellas obras maravilhosas. Perguntou ao Padre D. Alberto, com que virtude, e poder eraõ feitos aquelles prodigios? A taõ candida simplicidade se sorrio o Servo de Deos, dizendo-lhe: que elle naõ tinha merecimentos, ou santidade, para obrar milagres; mas, que sim tinha viva, e firme Fé, na promessa de Christo, feita no Evangelho, de assistir com a sua Omnipotencia, a quem de todo o coraçaõ o chamasse sem tibieza na Fé, e que com esta verdade infallivel, e com a protecçaõ de seu Santo Padre, fazia aquellas maravilhas; e que sem duvida todo o que tivesse viva Fé, poderia facilmente fazer o mesmo. Atonito, e admirado de tal reposta o Estalagadeiro, replicou: Padre, logo poderey eu ser tambem artifice de semelhantes obras? A que D. Alberto respondeo, que sim, se tiveres firme Fé, invocando o patrocinio de S. Caetano. Instava o bom homem: e que se requer para se alcançar essa Fé? E dando-lhe o Servo de Deos hum Compendio da Vida de S. Caetano, lhe disse: todas as vezes, que desejares alcançar alguma mercê do Senhor, pede-lha com viva Fé, pelos merecimentos deste Santo, e sem duvida a verás conseguida. De tal sorte se imprimiraõ estas palavras no coraçaõ deste simplez homem, que depois do Padre D. Alberto seguir a sua jornada, invocando a S. Caetano com viva Fé, alcançou particulares graças, a favor dos necessitados. Desta sorte era a virtude de D. Alberto, que em sua ausencia obrava Deos pelos seus merecimentos prodigiosas obras, ficando mais engrandecido seu Servo por aquelle extraordinario modo de favorecido.

Em Florença, achou os Missionarios, com que havia de

seguir

seguir a sua jornada para a India. Nesta Cidade teve trato com Leonor Montalva, mulher virtuosa, e com constante opiniaõ de Santa. Esta lhe disse, que chegaria a Lisboa; mas, que para a India naõ faria viagem. O bom conceito, que tinha da Serva de Deos, pudera fazerlhe perder o animo, se a sua constancia se naõ animara na Providencia Divina; e assim entregue à sua desposiçaõ, tratou de seguir a sua jornada, para Lisboa. Chegou a Liorne, donde se deteve só dez dias; mas as obras delles se faráõ eternas em seus moradores. Nos Hospitaes servia aos enfermos; nas casas particulares aos afflictos doentes; por toda a parte persuadia ao povo a devoçaõ a S. Caetano, affirmando, que todos lograriaõ ditoso fim às suas pertenções, se com viva Fé o invocassem. Hum dia cheyo de Apostolico espirito, disse em presença de hum grande numero de gente, que lhe queria dar hum irrefragavel testemunho, de que Deos naõ faltaria em dar comprimento às suas promessas, para o que no dia seguinte esperava a todos na Igreja de S. Joaõ, dos Padres de Santo Agostinho. Divulgada pela Cidade aquella extraordinaria nova, era discursada conforme os genios, e a devoçaõ. No dia seguinte foy à dita Igreja, que já achou occupada de innumeravel gente, como espectadores do promettido milagre. Entre aquella multidaõ de povo, foy levado em huma cadeirinha hum homem chamado Santos, tolhido, a quem huma dilatada febre fazia sempre companhia, e taõ desfigurado, que parecia mais cadaver, que homem; taõ debilitado, que naõ se podia mover para alguma parte. Depois de D. Alberto celebrar o Santo Sacrificio da Missa, e ter feito Oraçaõ a Deos de joelhos, se levantou, e voltando para o enfermo baldado, bem conhecido pelos seus males de todos os circunstantes, em alta voz lhe perguntou: Se cria, que S. Caetano fosse poderoso para com Deos, para o livrar da enfermidade, que padecia? Ao que o miseravel paralytico respondeo, que sim; e chegando se mais a elle o Servo de Deos, lhe disse: Credes firmemente, que eu vos quero fazer a graça de vos dar saude? Creyo, affirmava o afflicto homem; pois se assim he, Christo Senhor Nosso prometteo no Evangelho, que o que tivesse Fé, ainda que fosse como hum graõ de mostarda, alcançaria tudo o que quizesse; e vós tendes esta Fé: Em Nome de Deos, e de seu Servo S. Caetano, levantay logo

esse

esse braço, que tendes tolhido. Ao que o aleijado respondeo: Que sentia soltarse o impedimento, que lho detinha, para o mover, e levantou o braço, e fazendo-lhe o sinal da Cruz: o que visto do povo, a vozes engrandeciaõ o prodigio, e para mais corroborar na Fé aquelle homem, lhe mandou, que tornasse o braço ao mesmo estado, em que o tinha de antes. Finalmente, à imitaçaõ do Principe dos Apostolos, quando à porta do Templo levantou aquelle aleijado: *In Nomine JESU Christi, surge, & ambula*; assim D. Alberto, com espirito verdadeiramente Apostolico, benzeo este enfermo com a Reliquia de S. Caetano, e lhe mandou, que largasse a cadeira, e se levantasse saõ, e se fosse para sua casa; o que assim fez, levantando-se saõ, e robusto, o que estava como paralytico, e começou a caminhar seguido daquelle numeroso povo, para sua casa, que distava mais de hum quarto de legoa da Cidade. Naõ se podem expressar os applausos, com que os moradores de Liorne engrandeciaõ ao Servo de Deos, a veneraçaõ com que o respeitavaõ por Santo, e o quanto procuravaõ a protecçaõ de S. Caetano. Divulgado o portento, naõ havia enfermo na Cidade, aleijado, ou endemoninhado, que naõ pertendesse ser tocado com a Reliquia de S. Caetano; e assim foraõ innumeraveis os milagres, e sentida a sua ausencia, com huma viva saudade, como a quem faltava o seu Bemfeitor. Naõ era a assistencia de Liorne, mais, que esperar embarcaçaõ para Lisboa, e achando navio para este porto, trataraõ os Missionarios de concertar a passagem com o Capitaõ. Era este soberbo de condiçaõ, duro de coraçaõ, e pouco inclinado a receber no seu navio Religiosos, e por isso lhe pedia oito centas patacas, preço exorbitantissimo para a sua pobreza, e muito para os poucos soccorros, que tinhaõ recebido. Mas movido do que ouvia de D. Alberto, e dos seus rogos, se compadeceo, para se contentar com duzentas patacas, estimando já levar no seu navio homens de taõ relevantes merecimentos, e assim fez feliz a sua viagem. Embarcado D. Alberto, com os seus Companheiros, deixaraõ o porto de Liorne a 2 de Fevereiro, do anno de 1650, dia dedicado à Purificaçaõ da Virgem Senhora Nossa, Padroeira da Religiaõ Theatina, sendo este acaso feliz auspicio da boa viagem. Seguiraõ-na com ventos prosperos, e favoraveis; ao oitavo dia tomaraõ Alicante,

te, naõ ſem eſpanto dos mareantes, attribuindo aquella felicidade às Orações do Servo de Deos, que mais activas, que os ventos, davaõ forças às vélas. Promettia o Ceo, a juizo dos praticos, huma horroroſa tempeſtade, e já por inſtantes eſperavaõ o ameaçado perigo; e invocando o Servo de Deos a S. Caetano, de repente mudado o vento, ſe ſerenou o Ceo, deixando a todos livres do ſuſto. No navio deu inteira ſaude a hum Florentino, que havia oito mezes padecia continua febre, acompanhada com huma trabalhoſa ſarna, e de repente ficou livre. Chegaraõ a Alicante, e em quanto o Capitaõ negoceava temporaes intereſſes, começou D. Alberto a commerciar para o Ceo, engrandecendo o poder do Altiſſimo, com novas maravilhas. Contavaõ os mareantes com admiraçaõ aos naturaes os prodigios, que obrava. Começaraõ logo a concurrer os neceſſitados, e a experimentar os coſtumados beneficios, que a maõ de Deos diſpendia por eſte ſeu fiel Servo. Naõ attrahia menos a ſi a gente pelos prodigios, como tambem com a ſua venerada preſença, ornada de admiraveis virtudes; porque prégando, abrazava os corações; celebrando o Santo Sacrificio da Miſſa, era tal a devoçaõ, que accendia nos circunſtantes novos motivos de o venerarem por Santo. Concluîo o Capitaõ as ſuas dependencias naquella Cidade, e ſe fizeraõ à véla para Lisboa, onde chegaraõ a 27 de Fevereiro, com feliz viagem; porque às orações de D. Alberto obedeciaõ as inconſtancias dos elementos.

Naõ havia ainda neſte tempo Caſa da Religiaõ Theatina em a Corte de Lisboa, e ſe achava em hum muy pequeno Hoſpicio o Padre D. Antonio Ardizone Spinola; e aſſim foraõ os Miſſionarios accommodados em diverſos Conventos de Religioſos, tocou ao Padre D. Alberto o de Noſſa Senhora da Graça, da Familia Auguſtiniana, até que embarcados os que foraõ para a India, tomou hum Hoſpicio o Padre Ardizone, nas Portas de Santa Catharina, e ornada decentemente huma pequena Capella, para ſe dizer Miſſa, e fazer os exercicios eſpirituaes, que he coſtume da Religiaõ Theatina, nelle o acompanhou o Padre D. Alberto; ſendo eſte pobre lugar a veneraçaõ da Corte, pois delle ſahia aquelle prodigioſo homem a obrar tantas maravilhas, como vio Lisboa, que o recebeo com ſingular applauſo, como quem das ſuas obras tinha cer-

tas

tas noticias; porque a toda a parte chegava venerada a ſua fama, ſendo ella a meſma pregoeira da ſua virtude. Concorria innumeravel povo para o ver, a ouvirlhe a ſua Miſſa, e todos faziaõ diligencias por alcançar a ſua bençaõ. Era reſpeitado como Anjo, que o Ceo lhe mandara, para alivio das ſuas afflições, ou que o Eſpirito dos Apoſtolos renaſcera de novo na ſua peſſoa, em quem ſe admirava taõ ſingular poder; pois com a ſua fé dava vida aos deſconfiados, fechando com os ſeus milagres as portas do imperio da Morte. Aſſim que deſembarcaraõ os Miſſionarios, foraõ conduzidos ao Paço pelo Padre D. Antonio Ardizone, a beijar a maõ a ElRey D. Joaõ o IV. que os recebeo com benignidade Real, por ſer grande a piedade, com que eſte grande Monarca eſtimava os Religioſos, e inexplicavel a ancia, com que deſejava adiantar a converſaõ dos Infieis em todas as ſuas dilatadas Conquiſtas. Depois foraõ os Miſſionarios ao quarto da Rainha D. Luiza, e Principe D. Theodoſio; e recebidos com igual merce, ficou a Rainha taõ edificada da veneravel preſença de D. Alberto, e taõ ſatisfeita da efficacia das ſuas palavras, que movida de fervoroſa devoçaõ o chamou particularmente, e logo com elle tratou particulares da ſua alma; recommendando-ſe nas ſuas orações, começou a ſer devota de S. Caetano; e lhe ordenou, que foſſe logo ver o Infante D. Affonſo, depois Rey, que tinha ſeis annos, e ſe achava com hum braço alguma couſa embaraçado, que ſe temia ficaſſe aleijado: rogou-lhe o benzeſſe com a Reliquia de S. Caetano; e poſto de joelhos, e todos os que a acompanhavaõ, a Rainha com lagrimas de devoçaõ fazia mayor a veneraçaõ daquelle acto, e depois confeſſava fora conhecida a melhora. Ao deſpedirſe lhe diſſe, que a viſſe muitas vezes; porque queria communicarlhe materias da ſua conſciencia, e lhe aſſinou as terças feiras para eſta conferencia, em que os negocios eraõ da mayor importancia, por ſerem as materias pertencentes ao Reyno do Ceo. Eſtas honras ao Servo de Deos naõ ſerviaõ de vaidade; porque os ſeus intereſſes ſe dirigiaõ ſómente à gloria de Deos. Segui-o toda a Nobreza, os Grandes, e Senhores da Corte, naõ havendo algum, que o naõ quizeſſe communicar. De tal ſorte creſcia o numero de toda a ſorte de gente, que lhe naõ ficava tempo algum, para poder tratar de ſi. Em huma carta, que eſcrevia

crevia a ſeu pay, confeſſava ter mais, que fazer em Lisboa, do que em Italia; reconhecendo ſer vontade de Deos, que elle caminhaſſe pela eſtrada de Martha, e naõ pela da Magdalena, lhe dava infinitas graças, como quem na ſua Divina vontade eſtava ſempre reſignado, e permanente. Aſſim vivia aquelle generoſo eſpirito, ſempre elevado em Deos, com quem vivia taõ unido, que reſpondendo a outra carta de ſeu pay, dizia: que ſe o pertendia achar, o buſcaſſe no Lado de Chriſto; porque eſte lugar tinha eleito para ſua continua habitaçaõ, e que alli ſem duvida o acharia. Naõ achava a ſua charidade deſcanço, ſenaõ na amoroſa officina do Lado de Chriſto, onde ſe abrazaõ os corações no Divino Amor. Coſtume era ſeu dizer: *Bella couſa he ſervir a Deos, e naõ cuidar nada do Mundo.* E aſſim nos mayores applauſos do povo, dos grandes, e dos Principes, ſe unia mais eſtreitamente a Deos, humilhando-ſe na ſua preſença.

Apreſtava-ſe a Armada para a India, que conſtava de quatro náos, que haviaõ de conduzir o Vice-Rey daquelle Eſtado Joaõ da Sylva Tello, I. Conde de Aveiras, que ſegunda vez paſſava a governar: começaraõ os Miſſionarios a pôr correntes os deſpachos, e licença delRey; e quando entendiaõ naõ podia ter difficuldade, ſe levantaraõ montes de obſtaculos, que a impediaõ, com que os Miniſtros ſe opunhaõ, allegando o ſerem Eſtrangeiros, e tal vez vaſſallos dos Dominios de Caſtella, que entaõ ardia em guerra com Portugal; mas a benignidade delRey ſerenou eſta tempeſtade, mandando ſe expediſſem as ordens neceſſarias, para a viagem. Sendo D. Alberto o principal motivo de ſe inclinar o coraçaõ delRey, a favorecer com taõ eſpecial honra, a huns homens foraſteiros, e ſem outro arrimo, que a Divina Providencia, alcançaraõ eſta graça, (tanto póde a virtude, que ella por ſi meſma ſe faz lugar em toda a parte.) Quando o Padre D. Alberto imaginava, que ſe chegava o deſejado prazo de embarcar para a India, teve ordem da Rainha, para naõ fazer viagem aquelle anno, ſegurando-lhe, que no ſeguinte anno lhe daria licença. Era o Servo de Deos, todo reſignado na ſua vontade, e ás diſpoſições do Ceo humilhava o coraçaõ, ſem que tiveſſe repugnancia em obedecer; e ſuppoſto via, que ſe lhe dilatavaõ os deſejos, que tinha de dar a vida em obſequio da Fé, ſen-

do o poder conseguir a palma do Martyrio hum dos motivos desta jornada, que agora via impossibilitada: entaõ se lembrou, do que em Florença lhe havia dito a Serva de Deos Leonor Montalva, e que a Divina Providencia detriminara para theatro das suas virtudes Portugal, onde faria iguaes serviços ao Altissimo, que em o Reyno de Golocanda, onde o levava aquelle abrazado desejo do aproveitamento das almas. Era Lisboa o lugar, que Deos destinara para mais se servir de D. Alberto: aqui empregado todo no bem do proximo, era huma continuada victima da charidade; em todo o tempo, e em toda a occasiaõ, sem que nem o trabalho, nem a distancia, ou rigor da estaçaõ lhe impossibilitasse a vontade. Começou a prégar, sendo igual o concurso da Nobreza, que o do povo, que lhe parecia hum Apostolo mandado do Ceo. Exhortava a todos à devoçaõ de S. Caetano, para que o invocassem Protector, assim como o admiravaõ prodigioso nos milagres. No Confessionario era continuo; porque todos desejavaõ tomar da sua boca algum saõ conselho. Bem desejara D. Alberto poder ao mesmo tempo acudir a muitos; mas, o que naõ conseguia o desejo, supria o indefesso trabalho. As principaes Senhoras da Corte o seguiaõ: destas formou huma Confraria, que teve principio em Casa da Marqueza de Niza D. Ignez de Noronha, sua confessada, Matrona ornada igualmente de piedade, do que do alto nascimento. Naõ havia obra de charidade, para que espontaneamente se naõ offerecesse, já consolando os enfermos, assistindo aos moribundos, animando os miseraveis, achando todos nelle hum remedio universal às suas afflições. Foraõ muitos os milagres, com que Deos acreditou na Corte de Lisboa a estimaçaõ, que fazia de seu Servo, de que inda conhecemos pessoas, que da sua maõ recebèraõ milagrosamente a vida. Aos desconfiados dos Medicos deu saude; aos aleijados restituìo à inteira perfeiçaõ; e finalmente, naõ houve enfermidade miseravel, em que naõ mostrasse o poder de Deos. A estas estupendas maravilhas crescia na Corte a devoçaõ do glorioso Patriarca S. Caetano. Naõ havia quem pudesse passar, sem ter ao menos hum registo em sua casa deste Santo. A' vista desta constante veneraçaõ, quiz D. Alberto fazer huma festa ao Santo; e hindo ao Paço, com o Padre D. Antonio Ardizone, communicaraõ este desejo à Rainha;

Rainha: era devota, e pia, eſtimou muito a noticia. Naõ havia Caſa de Theatinos em Lisboa, e aſſim detriminou foſſe na Capella Real, para o que a mandou ornar pompoſa, e Realmente, ſendo eſta a primeira vez, que em Portugal ſe celebrou feſta a S. Caetano, cuja devoçaõ ſe tem eſtendido tanto por todo o Reyno, que naõ haverá povoaçaõ grande, onde ſe naõ ache Imagem ſua; dedicandoſe-lhe Capellas, e Ermidas. Havia pouco mais de hum anno, que o Padre D. Alberto aſſiſtia em Lisboa, empregado ſempre em ſerviço do proximo, quando no mez de Julho lhe repetio hum daquelles accidentes mortaes, que em Italia o combatiaõ, e voltando para caſa taõ debelitado, e desfalecido, que ſe naõ podia mover. Era de huma delicada compleiçaõ, e nem por iſſo deixava de ſe affligir com aſperos cilicios: açoutava-ſe com cadeyas de ferro; jejuava continuamente, e outros generos de mortificações, com que gaſtada a natureza, canſada das continuas fadigas, ſe rendeo à violencia dos achaques. No outro dia intentou dizer Miſſa, e começando com o fervor do ſeu eſpirito, apenas principiou a Epiſtola, quando cahio rendido, e proſtrado de outro accidente; e levado nos braços dos aſſiſtentes, tiradas as Veſtes Sacerdotaes, o accommodaraõ na ſua pobre cama. Conheceo ſer chegada a ultima hora, e como ſe naõ vivera ſempre vigilante, ſe começou a preparar com ferveroſiſſima devoçaõ, ſem que a vehemencia do mal pudeſſe perturbar aquelle abrazado coraçaõ, que perſeverava em continuas jaculatorias com o ſeu amado Jesu, com a Virgem Santiſſima, com ſeu Santo Patriarca, e os mais Santos da ſua devoçaõ. Sogeitava-ſe ſem repugnancia aos remedios, ſofrendo com admiravel paciencia as violentas operações, que os Medicos ordenavaõ; porque na Paixaõ do Redemptor tinha doce memoria para a reſignaçaõ. Recebia muitas vezes o Santiſſimo Sacramento do Altar, ſendo ſó eſta a unica conſolaçaõ nos ſeus males; porque aſſim ſe unia mais eſtreitamente com o ſeu amado Senhor. Naõ ſe contentava ſó com o amar, mas tambem na charidade ſervillo; e aſſim para que naõ tiveſſe tempo ocioſo, inda nos ultimos periodos da vida, proſtrado do mal na cama, tinha a ſua porta franca a beneficio dos neceſſitados, que o procuravaõ: a huns conſolava, a outros encaminhava, e a todos do modo poſſivel ſervia. ElRey, e a

Rainha, que o veneravaõ como a Santo, o mandaraõ visitar em ceremonia, sendo o seu pobre aposento continua habitaçaõ dos mayores Senhores da Corte. Os seus Padres, e as pessoas Grandes, lhe rogavaõ, que alcançasse de Deos vida, para ainda o servir, a que elle constantemente respondia: Que era aquella a ultima enfermidade, e que já era tempo de ir gozar de seu Senhor em o Ceo, e assim esperava ir cantar em o Paraiso as primeiras Vesperas de seu amantissimo Pay S. Caetano. Alguns Religiosos veneradores da sua virtude, lhe levaraõ milagrosas Reliquias de Santos, exhortando-o, a que se encommendasse a elles, para alcançar saude; mas beijando-as devotamente, lhe rogava lhe assistissem com o seu patrocinio naquella hora, e que o acompanhassem ao Ceo. O Padre D. Antonio Ardizone, Superior daquelles poucos Religiosos, como Prelado, afflicto da perda de hum tal Companheiro, lhe disse: Padre, por obediencia lhe mando, que peça a Deos saude, por intercessaõ dos Santos seus Protectores. Replicou o Servo de Deos, dizendo: Que se lho ordenava, logo obedeceria; porém, que elle conhecia ser aquella a hora da sua morte, e o tempo oportuno para a sua salvaçaõ; a que o Prelado respondeo fizesse, o que entendesse, e Deos lhe inspirava. Assim se aquietou, e continuou na conformidade da Divina disposiçaõ. Esta conformidade perfeitissima com o amor de Deos foy certamente a origem da grande confiança, com que obrou tantos prodigios, sendo a sua obediencia, pobreza, e castidade, taõ admiravel, que lhe alcançaraõ de Deos singulares merces. Rara vez se vio, que fallando com mulheres, lhe olhasse para o rosto. Era de animo taõ humilde, e charitativo, que naõ lhe faziaõ as injurias sentimento; o que mostrou em hum caso, que lhe succedeo em Italia. Caminhava por terras do Ducado de Milaõ, quando foy accommetido de huns salteadores, que o despojaraõ do que levava, e naõ achando a sua cobiça satisfaçaõ; porque naõ tinha dinheiro, quem tinha os seus thesouros no Ceo, o maltrataraõ com pancadas, que o Servo de Deos sofria com tal paciencia, sem dizer palavra, que os mesmos agressores do mal se confundiraõ, e compungidos daquella veneravel presença lhe pediraõ perdaõ, que elle de muito boa vontade, e de todo o coraçaõ lhe concedeo. Este successo contava depois, como especial graça de Deos, confessando-se

ſando-ſe obrigado aos malfeitores, deſejando empregarſe no ſeu bem, e aſſim rogava a Deos por elles, ſeguindo as maximas do Evangelho, de que foy hum obſervante, e fiel Servo. Agravava-ſe cada dia mais a doença, ſendo os accidentes cada vez mais perigoſos, e começaraõ os Medicos a darlhe poucas horas de vida. Eſta nova recebeo com huma inexplicavel alegria, e com taes jubilos da ſua alma, que eraõ abonadores da firme eſperança, que elle tinha de gozar da preſença de Deos, em cuja gloria, e honra ſe empregara ſempre. Pedio o Santiſſimo Viatico com grande ancia, que recebeo com particular devoçaõ, e humildade, e depois à noite a Extrema-Unçaõ, dando nas ſuas lagrimas, e dor, novas demonſtrações do ſeu humilde coraçaõ. Finalmente, na madrugada deſte dia chegou o ultimo correyo da morte, em hum terrivel accidente, que o poz nos ultimos periodos da vida; mas naõ podiaõ as acerbiſſimas dores, que o mal lhe cauſava, diminuir a tranquilidade do ſeu animo, que conſtantemente com paciencia as ſopportava por amor de Deos: e multiplicando actos de verdadeira devoçaõ, e affectuoſos ſuſpiros de ſe ver na amada Patria, levantando os olhos ao Ceo, abraçado devotamente com o Senhor crucificado, fallando até o ultimo ſuſpiro, acabou com placida, e quieta morte, entregando a ſua pura alma nas mãos do Creador, naõ tendo ainda comprido trinta e tres annos de idade, a mayor parte empregados no ſerviço de Deos, e beneficio do proximo.

Sor Maria de S Joſeph Carm. Deſc.

C No Moſteiro de Santo Alberto, perſevera a lembrança da Madre Maria de S. Joſeph, que em vida floreceo ornada de heroicas virtudes, e depois de morta acreditada com eſtupendas maravilhas, que fizeraõ veneravel a ſua memoria. Deſde os primeiros annos começou a dar claros indicios de ſantidade; porque pareceo ſobrenaturalmente inſpirada. Ainda naõ tinha mais, que anno e meyo, quando com conhecimento venerava, e reſpeitava as ſagradas Imagens, com acções, naõ de taõ tenros annos; porque a ſua idade ſe naõ podia contar por annos; mas que indicavaõ huma eſpecial inclinaçaõ à virtude. Nos primeiros annos da ſua vida começaraõ os exercicios ſantos a ſerem os ſeus divertimentos, mortificando-ſe em tudo o que podia. As galas, e enfeites proprios do ſexo, e do ſeu naſcimento aborrecia, e ſó uſava por decóro, e obedien-

cia a ſua mãy; e mortificando a vontade, tinha nellas o ſeu pezar, como outras a ſua mayor felicidade. Aos doze annos fez voto de ſer Religioſa, e de viver em perpetua caſtidade: foraõ grandes as contradições, para o conſeguir; mas quem trabalha com ſantos intentos, ſempre vence as mayores difficuldades; porque naõ ha reſoluçaõ firme, que o Ceo naõ ajude. Tomou o Habito da Santa Madre Thereſa de Jeſus, e começou a polir as virtudes, em que já era exercitada; e aſſim ſubio à perfeiçaõ, com que o Eſpoſo coroa, as que o ſeguem com coraçaõ humilde. Neſta virtude edificou Sor Maria, ſobre profundos aliceces, para levantar o templo de Deos em ſeu coraçaõ. Abatia a peſſoa, para que naõ entraſſe a vaidade, e aſſim o ſeu Habito era pobre. Empregava-ſe nos exercicios mais vís, e abatidos da Communidade, tendo-ſe ainda por indigna de ſervir a gente taõ ſanta. Naõ havia couſa, que naõ facilitaſſe a ſua humildade. Ouvia as injurias, e deſprezos com tanto ſocego da alma, que nella recebia taõ interiores gozos, que eraõ conhecidos no roſto, e a contraſtes da ſua paciencia conſeguio ſubir à mayor perfeiçaõ. Orava continuamente, e com tal felicidade, que ſe elevou àquelle gráo ſuperior, em que as almas gozaõ do ſummo bem, e tem na oraçaõ aquellas interiores delicias, que o Senhor concede, aos que na perſeverança ſe fazem dignos da ſua miſericordia. Foy grande a liberalidade com que o Altiſſimo enriqueceo eſta pura alma, ſubindo-a às moradas eternas, para que tiveſſe ſatisfaçaõ o ſeu abrazado amor. Eſte exercitou ſempre na charidade do proximo, que era remunerado da Divina bondade, com eſpeciaes favores. Ao meſmo tempo, que amava tanto ao proximo, ſe aborrecia ſó a ſi: a eſte fim ſe caſtigava continuamente, como ſe as ſuas culpas naõ foraõ ſatisfeitas pela Divina graça, que lhe communicava Celeſtes dons. Trazia aſperos cilicios, em que entrava hum meyo corpo à feiçaõ de camiza, que ſe lhe achou depois de morta. Nas Vigilias de Noſſo Senhor, e da Virgem, Apoſtolos, e tres dias na Quareſma, e Advento, trocava os cilicios por cadeas de ferro, armadas de agudas pontas, taõ ſubtís como alfinetes, e com outros de diverſa invençaõ ſe maltratava continuamente. As diſciplinas eraõ ſem piedade, cortando com golpes o delicado corpo, debilitado dos jejuns, taõ abſtinentes, que naõ comia

mais,

mais, que o preciso para naõ morrer, mas naõ para poder ter forças. Se em alguma occasiaõ a Prelada a obrigava a comer cousa mais delicada, que lhe causasse gosto, o castigava comendo huma pouca de losna, de que o mais dos dias do anno usava. Neste perfeito modo perseverou toda a vida, até, que por effeitos da charidade veyo a enfermar do achaque de tysica, que lhe communicou huma Religiosa, a quem assistia. Achou-se possuida do mal, e rogou a Deos, que fosse servido, que aquella doença se naõ communicasse às Companheiras; concedeo-lho o Senhor, que com liberal maõ satisfazia os seus rogos. Continuava a febre, que ardia em materia debil, e gastada das penitencias, e no coraçaõ ardia o Divino fogo, em que a alma se dilatava no amor do Esposo. Della se conta, que o Provincial lhe mandara dizer: Que elle hia à visita, e que em quanto naõ voltasse, naõ morresse. Crescia a queixa, e entre as agonias da morte, se viaõ os effeitos da obediencia; e atormentada, de que se lhe retardava o ir gozar do thalamo, que seu Esposo lhe tinha preparado, pedio a sua irmãa, escrevesse ao Provincial, lhe desse licença para morrer, pela ancia com que estava de ir gozar da vista de Deos, e gloria dos Santos. Caso maravilhoso! Ao mesmo tempo, que o Provincial acabou de escrever, dando-lhe faculdade para morrer, pedio os Sacramentos, que recebidos com amorosos, e humildes affectos espirou a Serva de Deos, antes que chegasse o mensageiro com a reposta; porque a Divina Sabedoria lhe tinha participado aquella noticia. Seu bemdito corpo ficou taõ fermoso, que estava indicando a gloria da sua alma, que o Senhor depois acreditou com maravilhas, logrando muitas pessoas por sua intercessaõ alcançarem feliz despacho nas suas pertenções.

Fr. Bartholomeu de Oviedo Erem.

D Em a Cidade de Lamego, a felice morte do Padre Fr. Bartholomeu de Oviedo, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, Varaõ eminente em letras, e perfeito em virtudes, por cujas partes foy escolhido pelo Bispo D. Miguel de Portugal, para seu Confessor. Era de vida austéra, e de tanta perfeiçaõ, que os demonios fogiaõ da sua presença, pois com especial dominio os lançava fóra dos energumenos; e vivendo sempre com opiniaõ de virtuoso acabou santamente.

Sor Mariãnna do Evangelista Frãciscana.

E Na Cidade de Evora, no Mosteiro do Salvador, acabou felizmente Sor Marianna do Evangelista, Freira das que na

Reli-

Religiaõ chamaõ Converſas, a qual já vivia no ſeculo com grande rigor, e modeſtia. Aſſim que veſtio o Serafico Habito, começou huma dura guerra contra o ſeu corpo, principiando em mortificar todas as paixões da natureza, para ſogeitar as rebeldias da carne ao fervor do ſeu eſpirito; e aſſim emprendeo reduzir a huma perpetua eſcravidaõ todos os ſeus ſentidos, combatendo de continuo a vontade, que contradizia em tudo, para que quebrada dos brios, e memoria do Mundo, viveſſe nas delicias da contemplaçaõ. Começou a mortificarſe, pelo que lhe ſeria mais penoſo. Era de genio limpo, e no comer com grande aceyo; de ſorte, que ſe viaõ na ſua peſſoa aquelles melindres do ſexo, em ſe perturbar, e cauſar nojo bualquer couſa, ainda que muy leve: a eſte fim deu em comer os ſobejos das outras Religioſas: repugnava o genio; mas vencia a virtude à vontade. Goſtava de converſar, e ſaber com curioſidade, o que paſſava; mortificou-ſe em naõ perder o tempo em inuteis praticas. Divertia-ſe em ſubir ao mirante, para dilatar a viſta no campo; privou-ſe deſte innocente goſto. Tinha ſatisfaçaõ em ir à horta, onde ſe recreava com ver as flores, e as plantas, e gozar da ſuavidade do ar livre, e deſembaraçado; aſſentou comſigo naõ ter mais ſemelhante divertimento, e aſſim naõ foy mais à horta, ſenaõ obrigada da obediencia, e entaõ com induſtria ſanta apartava a viſta de tudo, o que lhe podia ſervir de recreaçaõ. Deſembaraçada deſta ſorte de tudo, o que lhe podia impedir a contemplaçaõ, gaſtava neſte ſanto exercicio a mayor parte do dia, e da noite. Levantava-ſe às duas horas depois da meya noite, ſem que o rigor da eſtaçaõ por deſabrida a fizeſſe affrouxar, e paſſava no Coro orando até ſer manhãa, e todo eſte tempo permanecia de joelhos, ou deitada de bruços com a boca na terra. Ao Santiſſimo Sacramento do Altar venerava com taõ eſpecial culto, e devoçaõ, que todas as ſemanas em ſeu obſequio, na noite da quinta feira, com luzes allumeava a ſua Capella, e com precioſos aromas, em que teſtemunhava o ſeu reſpeito, accendia o ſeu eſpirito, elevado tanto no Divino Amor, que mereceo viſiveis recompenſas do Altiſſimo, que lhe manifeſtou impenetraveis ſegredos, moſtrando neſtes favores o quanto ſe agradava do ſeu puro coraçaõ; e aſſim lhe deu com ſoberana luz huma intelligencia ſobrenatural dos tormentos, que padecera

cera naquella noite. Em outra occasiaõ lhe appareceo o Senhor atado à columna, todo ferido, e chagado; a este prodigioso espectaculo, chea de dor se lançou por terra chorando, afflicta de ver ao seu Divino Esposo, taõ cruelmente tratado. O Senhor a consolou, com serem aquellas feridas os merecimentos, porque se havia de salvar. Nasceo desta compaixaõ, tomar todas as sestas feiras huma disciplina, com tanta tyrannia, que rasgando o corpo em feridas, parecia quererse despedaçar; por este mesmo motivo se maltratava com outros excessos de mortificações, e penitencias. Usava cilicios de ferro. Apertava-se com cordas de esparto, de que sempre andou cingida. Cobria o corpo com huma cadeya de ferro, fabricada de agudas pontas. No peito huma Cruz de ferro, com pontas penetrantes, que se imprimiaõ na carne. Estes, e outros instrumentos eraõ inseparaveis companheiros, com que continuamente se martyrisava. Na cama metia huma taboa, para que naõ houvesse tempo, que naõ fosse de mortificaçaõ: desta usou alguns annos, até que por obediencia a tirou. Os jejuns, e abstinencias, eraõ bem semelhantes aos mais rigores. Naõ foy na humildade menos virtuosa; porque a todos se abatia, nem no Coro se animou a sentar em cadeira, senaõ no chaõ. Nos officios humildes da Communidade se empregava com particular satisfaçaõ. A charidade exercitava como virtude heroica, repartindo liberalmente tudo quanto a sua pobreza podia agenciar a favor dos necessitados; e desejando augmentar em todos a devoçaõ, repartia rosarios, e laminas, obradas pelas suas mãos, às pessoas que a buscavaõ. Estas gloriosas virtudes coroou com huma invicta paciencia, sofrendo com resignaçaõ graves doenças, e outros contratempos, com que a Divina Magestade costuma acrisolar aos que bem quer. O inimigo commum lhe fez sempre dura, e cruel guerra, pertendendo no principio divertilla da oraçaõ, com medos, e grandes estrondos, atemorisando-a com horrenda vista, em que lhe promettia graves castigos, mas tudo venceo com a Divina graça. Chegou a tanto o excesso do demonio, por permissaõ Divina, que a maltratou de pancadas por muitas vezes, lançando-a no chaõ, até que em huma occasiaõ lhe desmanchou ambos os braços, e assim fóra do seu lugar os trouxe até à morte, em que padeceo graves dores, que soube a sua hu-

mildade encobrir, sem se eximir de servir a Casa nas suas occupações, em que permaneceo até a morte. He bem para admirar, que os braços torcidos, e deslocados, fóra do seu lugar, podessem supportar o serviço da Communidade, fazendo obras de forças na amassaria; mas o Senhor lhe dava alentos, mostrando o seu poder infinito. Teve hum especial dom de consolar aos afflictos, e de revelar cousas futuras, e intimos segredos. A muitas Religiosas manifestou alguns taõ particulares, que com assombto a ouviaõ, por naõ passarem do seu peito. Por sua intercessaõ obrou Deos em vida prodigiosas maravilhas, como quem era favorecida com Celestes visoens, em que recebeo a sua alma inexplicaveis jubilos. Foy devota da Virgem Santissima, e favorecida sua, e do Bautista, e Evangelista, e do Patriarca S. Joseph, os quaes lhe appareceraõ algumas vezes, e fallando-lhe, a consolaraõ nas suas afflições; até que chegado o termo decretado do tributo universal, preparando-se com os Sacramentos, e mostrando na sua humildade, e resignaçaõ, o quanto a sua pura alma desejava verse na Gloria, trocou pela vida temporal a eterna, donde piamente cremos está gozando da visaõ Beatifica.

D. Joaõ de Mello Arc. de Evora.

F Item na Igreja Metropolitana de Evora, o Aniversario de seu insigne Arcebispo D. Joaõ de Mello, Varaõ prudente, sabio, e de santos costumes, pelos quaes mereceo dignamente occupar os mais preeminentes lugares do Reyno, trabalhando com exemplo nas Igrejas, e nos Tribunaes com zelo da Republica. Desde os primeiros annos se applicou às Letras; estudou em Salamança, onde fez maravilhosos progressos; de sorte, que voltando a Evora se fazia digno dos empregos, igualmente pelas virtudes, e sciencias, do que pelo nascimento. O Cardeal Infante D. Affonso, Bispo de Evora, Prelado de grandes merecimentos, aggregou à sua familia a D. Joaõ de Mello, para se servir do seu talento. O primeiro lugar que teve, foy de Conego de Cabo Verde, que se lhe deu para graduaçaõ de servir nas causas Apostolicas, e depois servindo diversos empregos, foy sobindo com tantos merecimentos, que veyo a ser Presidente em todos os Tribunaes, em que havia servido. No Supremo Senado da Relaçaõ foy Desembargador, sendo Clerigo, (cousa entaõ naõ usada) e nelle mesmo foy Regedor das Justiças. Teve o lugar de Desembargador

bargador do Paço, e tambem nelle foy Presidente, sendo o primeiro, que se encontra, que occupasse esta grande Ministraria; porque até entaõ com differente methodo despachavaõ os Ministros na presença delRey. Instituida a Inquisiçaõ nestes Reynos, foy D. Joaõ de Mello hum dos primeiros Inquisidores Apostolicos, que no anno de 1536 nomeara o Illustrissimo D. Fr. Diogo da Sylva, I. Inquisidor Geral; e succedendo nesta Dignidade o Infante Cardeal D. Henrique, veyo a ser D. Joaõ Governador della, no tempo que teve a Regencia do Reyno, ou que residio em Evora: nelle tiveraõ principio os veneraveis estylos da Inquisiçaõ. Sendo moço foy constituido Bispo do Algarve, em que succedeo ao Bispo D. Manoel de Sousa, promovido à Primacial de Braga. Entrou no governo deste Bispado no anno de 1549, em que logo começou a entender com o zelo de hum vigilante Prelado. Convocado segunda vez o Concilio de Trento, pelo Papa Julio III. no anno de 1545, que se concluío em 1563, se achou nelle o Bispo D. Joaõ de Mello, onde conseguio nome, e reputaçaõ, entre aquelles Veneraveis Padres do Sagrado Concilio, que o estimaraõ como mereciaõ as excellentes virtudes, de que se adornava. Voltando ao seu Bispado, convocou Synodo na Cidade de Sylves, no anno de 1554, e publicou Constituições, e estando empregado todo no serviço da sua Igreja, em que luziaõ as suas obras, com edificaçaõ dos subditos, o Cardeal Infante D. Henrique, que conhecia bem o seu admiravel talento, e virtude, vendo-se opprimido dos negocios do Reyno, o chamou para seu Coadjutor, e futuro successor do Arcebispado de Evora, de que se deu por taõ satisfeito, que lho renunciou, e nelle entrou a 7 de Janeiro do anno de 1564. Nesta Metropoli deixou obras dignas de eterna memoria; porque como vigilante Pastor, acodio igualmente ao temporal, do que ao espiritual. Celebrou Synodo no anno de 1565, no qual fez a introducçaõ o insigne Mestre Andre de Rezende. Reformou, innovou, e publicou as Constituições do seu antecessor o Infante Cardeal D. Affonso, que depois fez imprimir o Arcebispo D. Joseph de Mello. Finalmente, tendo tratado do bem universal das suas ovelhas, e da refórma dos Parochos, quanto cabia no possivel, deixando prudentes instrucções aos seus successores nas visitas, e na sua Sé eternos padroens do

ſeu amor, em varias obras, com que a melhorou; e aſſim cheyo de merecimentos acabou em paz.

Commentario ao VI. de Agoſto.

A NO Terceiro Tomo do Agiologio, em o Commentario do primeiro de Mayo, ſe faz mençaõ das Santas Virgens, e Martyres, Comba, e Anominata, irmãas de S. Jordaõ, Biſpo de Evora, que o Licenciado Jorge Cardoſo reſervou para eſte dia; fica deſcrito o Lugar de Tourega, na Provincia de Alentejo. Naõ faltou, quem entendeſſe ſer eſte Lugar Patria ſua, e outros a Cidade de Evora; entre tanta antiguidade, e com falta de documentos, naõ he facil podermos fazer juizo: principalmente, quando ſobre a exiſtencia deſte Santo, tem havido alguma duvida, por ſe naõ achar em Martyrologio algum, outro de ſeu nome, ſenaõ modernamente o Beato Jordaõ, da Ordem dos Prégadores: com tudo nos naõ attrevemos a affirmallo, nem menos a reprovallo, por nos parecer neceſſario muito, para deſtruìr a immemorial tradiçaõ da Igreja de Evora, que tem por materia indubitavel, que foy ſeu Biſpo, e naõ temos outra alguma prova. Já no dia nono de Julho, nos lamentámos da grande falta, que temos de noticias dos antigos Biſpos deſta Dioceſi; e porque faltando as memorias de quaſi dous ſeculos, numêraõ a S. Jordaõ por ſegundo Biſpo. O tempo em que governou eſta Igreja, naõ ſe averigua; mas, pela perſecuçaõ de Diocleciano, parece ſeria pelos annos de 303, e pouco depois o ſeu Martyrio. Na Caſa do Capitulo eſtá hum painel com a ſua Imagem, com letras, que declaraõ ſer Biſpo de Evora, o qual mandou pôr o Cabido, Sede Vacante, no anno de 1636, com o de S. Manços, e S. Briſos; naõ podemos ſaber ſeria refórma de outros antigos: ſe o foſſem eraõ eſtimaveis. Na Capella môr o poz de vulto, com as coſtas nas mãos, o Arcebiſpo D. Joſeph de Mello; e hoje ſe conſerva no Santuario de Reliquias, outra Imagem com Reliquia ſua, com que mais ſe corrobora a tradiçaõ; pois ſe ajunta àquella memoria o teſtemunho de taõ antiga poſſe. No termo de Evora, tres legoas da meſma Cidade, ha huma Parochia de ſeu nome. Na Freguefia dos Anjos da Cidade de Lisboa, havia huma Ermida antiga de Santa Barbara, aonde eſtava huma Imagem de S. Jordaõ; ficava eſta Ermida pouco diſtante do chafariz, e della ſe vem ainda hoje veſtigios; arruinada com o tempo a Ermida, foraõ levadas as Imagens de S. Jordaõ, e Santa Barbara, para a Parochia dos Anjos, onde ſe veneraõ, e tem ſuas Confrarias. Deſta Santa tomou o nome o campo, que ha muitos annos ſe chama de Santa Barbara, e quando naquelle campo eſtava a forca, chamada de Santa Barbara. A eſte lugar hia todos os annos no primeiro de Novembro, dia de todos os Santos, de tarde, em que ſe começaõ os ſuffragios das Almas, a Irmandade da Santa Miſericordia, com devota piedade, a recolher os oſſos dos delinquentes, que alli ficavaõ enterrados, que traziaõ em duas tumbas aos hombros dos Irmãos, e cercados de tochas, em hum bem pompoſo enterro, honravaõ com ſuffragios, a eſcandaloſa memoria, dos que pelos ſeus crimes tinhaõ perdido na Republica a honra, e os levavaõ à Igreja da Santa Caſa da Miſericordia, e ſe dava fim a eſte acto, com hum Sermaõ, encommendado, ſempre aos mais famoſos Prégadores de ſeu tempo. Demolio-ſe daquelle lugar a forca, com a occaſiaõ de edificar a Sereniſſima Senhora D. Catharina, Rainha da Gram Bretanha, o Palacio da Bempoſta. Mas naõ deixou eſta devota Irmandade de exercitar a ſua piedade, e aſſim todos os annos hiaõ na fórma referida, a hum lugar junto ao Moſteiro da Graça, onde ſepultavaõ aos miſeraveis delinquentes; depois ſe mudou para hum lugar ſeparado no Cimiterio de Santa Anna, e os levaõ à Miſericordia: naõ faltando neſta ceremonia o Provedor, e as peſſoas de mayor grandeza, que ſaõ deſta Irmandade, ſervindo com tochas, e todas as mais occupações, com a meſma igual-

igualdade, que os de mais irmãos de differente cathegoria. Neste Campo de Santa Barbara, naõ havia outra Ermida, mais que a antiga de que fallamos; porque a que hoje vemos dedicada a Santa Barbara, he obra moderna, que em nossos dias edificou Ignacio Lopes de Moura, Desembargador dos Aggravos, grande devoto de Santa Barbara, Virgem, e Martyr Antiochena, em cujo louvor compoz hum livrinho, que imprimio em Lisboa, no anno de 1701, intitulado *Flores de Devoçaõ colhidas no Campo de Santa Barbara*, a que deu nome a Ermida antiga; por detraz della fica hum Valle, que tomou o nome de S. Jordaõ. Concorriaõ as Donzellas de Lisboa a este Santo, como Advogado dos casamentos; e assim era frequentada esta Ermida; mas como ainda nos actos pios se introduzem abusos, e desordens, (o que muitas vezes succede) com maduro conselho prohibiraõ os Arcebispos estas romarias. No anno de 1613, governando a Igreja de Lisboa o Veneravel Arcebispo D. Miguel de Castro, se intentou tirar este Santo do Altar, por desconhecido. Suspendeo esta execuçaõ a antiguidade sempre veneravel, e attendida, pela tradiçaõ, com que de tempos antigos se conservava venerado no Altar; e pertendendo a devoçaõ erigirlhe huma Confraria, se lhe naõ concedeo por entaõ, a qual veyo depois a ter, que he a de que fallámos acima. Estas saõ as memorias, que pudemos ajuntar de S. Jordaõ, taõ curtas; porque nos Authores antigos se naõ faz mençaõ delle: dos modernos o *Agiologio Lusitano*, tom. 3. pag. 18; Antonio de Vasconcellos *in Descrip. Lusit.* pag. 553; Fr. Luiz dos Anjos no *Jardim de Portugal*; Mestre Andre de Rezende *in Epist. ad Kabed.* pag. 168. *penes me*; huma Relaçaõ, *incerti Authoris*, impressa em Lisboa, no anno de 1644, que se intitula *Tradiçaõ de S. Jordaõ ser Bispo de Evora*; Carvalho na *Corografia Portug.* part. 2. tom. 2. pag. 426. e pag. 430, ao que podemos ajuntar huma Relaçaõ m. s. que vimos, e que tinha em seu poder Pedro Vaz Rego, Mestre da Capella da Santa Sé de Evora.

B Ainda naõ era fundada a Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia, como temos visto, quando chegaraõ a Lisboa os primeiros Missionarios, que a Religiaõ Theatina mandou à India, depois da felice Acclamaçaõ do Senhor Rey D. Joaõ o IV. Eraõ elles além do Padre D. Alberto Maria Ambiveri, os Padres D. Crescencio Vivo, Napolitano, D. Onofre Cassia, Maltez, D. Andre Franco, e André Milazo, Irmaõ Leigo; foraõ accommodados em diversos Mosteiros de Religiosos, por ser taõ apertado o Hospicio, em que vivia o Padre D. Antonio Ardizone, que veyo a ser Fundador da Casa de Lisboa, depois de o ter sido da de Goa, onde se achava ao tempo, que Portugal sacudio o jugo de Castella; e porque sendo Estrangeiro, e vassallo daquella Coroa, foy mandado para o Reyno de Portugal; nelle deu singulares mostras da sua Religiaõ, e espirito, que teve a graça do nosso Monarca, e o sequito de toda a Corte, e com a companhia do Veneravel D. Alberto tiveraõ felice despacho as suas pertenções; porque ElRey naõ só confirmou a Casa de Goa; mas lhe deu faculdade para fundarem na Corte, por Alvará passado a 12 de Dezembro de 1650. Antes de conseguir sitio para a fundaçaõ, viveo em humas casas de aluguer, nas Portas de Santa Catharina, em a segunda travessa, que vay para a Trindade. Neste lugar faleceo no dia 6 de Agosto, o Veneravel Padre D. Alberto Maria Ambiveri. As suas pobres alfayas se repartiraõ com estimaçaõ de Reliquias de Santo. A ElRey tocou o seu amado livro de Thomás de Kempis, em que tinha toda a sua consolaçaõ; e assim em todas as afflições recorria à sua liçaõ, encontrando nelle a reposta, que o alentava a seguir a Christo, o que observou toda a vida. A' Rainha o Crucifixo, que trazia ao pescoço. Ao Principe D. Theodosio, os seus oculos; e o mais se repartio pelos Grandes da Corte, e pelos seus devotos. O seu Veneravel corpo foy levado à Igreja de Nossa Senhora da Luz, da Ordem Militar de Christo, por disposiçaõ de seu devoto o Duque de Aveiro D. Raymundo, que lhe ordenou hum pomposo funeral, cedendo a grandeza da pessoa à pertençaõ dos Religiosos Eremitas de Santo Agostinho, que como primeiros em o hospedarem vivo, queriaõ ser depositarios de seu santo corpo. Os Religiosos Trinos entraraõ com a mesma pertençaõ, pois na sua Igreja costumava assistir aos Officios Divinos. Desta Religiosa Communidade receberaõ os primeiros Theatinos, que houve nes-

te

te Reyno, especiaes favores, que viveráõ sempre na memoria taõ agradecidos, como publicamente confessamos; e porque se eternize esta obrigaçaõ, a fazemos notoria em nossos escritos, que he o modo da gratificaçaõ mais honrada, o conhecimento dos beneficios. Concorreo todo o povo de Lisboa, as Familias Religiosas, a Nobreza, e Grandes do Reyno, a venerar aquelle santo Cadaver, que lançava de si hum portentoso cheiro, com que mais se engrandecia o poder do Altissimo, na estimaçaõ, com que honrava seu Servo. Determinou o Duque o modo do enterro, que naquella noite fosse levado ao Convento da Luz; e para què fosse publico ao povo, ordenou, que seria metido nas andas, na Cotovia, junto do Noviciado da Companhia. A este fim foy levado o corpo aos hombros do Duque de Aveiro, do Duque de Maqueda, do Marquez de Niza, do Conde de Cantanhede, e outros Senhores de igual categoria, e Religiosos graves, que revezando-se vinhaõ a ter parte naquelle honrado, e venerado trabalho. Era precedido este acompanhamento das Communidades, de quasi todas as Familias Religiosas da Cidade, e de toda a Corte, e descubertos todos mostravaõ a reverencia, que tinhaõ àquelle Cadaver, que hia rodeado de doze Gentilhomens do Duque, com tochas accezas, a que se seguiaõ tambem muitos Fidalgos, Clerigos, e Religiosos, os nossos Padres, e infinito povo, todos com as cabeças descubertas, desejando cada qual alguma pequena Reliquia, ao menos tocar o seu Rosario no corpo do Padre D. Alberto. Entaõ se observou, que sendo o caminho largo, e o vento grande, se naõ apagou huma só véla. Com estes acasos costuma Deos honrar a seus Servos, para lhe augmentar a veneraçaõ. Chegaraõ ao lugar destinado, pegou no corpo o Padre D. Antonio Ardizone, ajudado dos Duques de Aveiro, e de Maqueda, e de outros grandes Senhores, e tirado do esquife, o meteraõ em hum caixaõ de madeira de cedro, forrado de preciosa téla, e fechado com duas chaves, deu huma ao Duque de Aveiro. Posto o caixaõ nas andas, o acompanharaõ setenta Clerigos a cavallo, com tochas accezas, e o seguiraõ os Duques, e mais Senhores, e os nossos Padres, e nesta fórma chegaraõ ao Convento da Luz, huma legoa distante da Cidade. Foy recebido dos Religiosos com todas as demonstrações de affabilidade, e se fez hum termo, que assinaraõ o Duque, e Duqueza de Torres-Novas, sua mãy, de restituir aquelle deposito à Religiaõ Theatina, quando tivesse Igreja em Lisboa. No dia seguinte se lhe fizeraõ solemnissimas Exequias, com Sermaõ, e depois foy metido o caixaõ na parede da Capella do Espirito Santo, na dita Igreja. Por oito dias se lhe continuaraõ naquella Igreja Exequias, com Missa solemne, e Musica, e sempre foraõ assistidas de grande concurso de gente, sem que a distancia esfriasse a devoçaõ. Eraõ muitos os obrigados, e assim com obsequio pertendiaõ serem acredores de novas maravilhas. As Musas Portuguezas o louvaraõ em diversas lingoas, com Epigrammas, Elegias, e outros metros, em que declaravaõ a virtude do Servo de Deos, e o seu agradecimento. O Duque de Aveiro, por cuja devoçaõ corria taõ larga despeza; pelo que a Religiaõ Theatina se confessará sempre devedora a esta grande Casa. Na parede se mandou pôr hum finissimo marmore negro, e nelle se lhe gravou em letras de bronze o seguinte Elogio:

I. M. Æ. E. I.

Hic situs est
P. D. Albertus Maria Ambiveri
Natione Italus, Bergomensis,
Genere nobilis, Professione Clericus Regularis.
Sexdecim annos natus Religiosam vitam iniit,
Moriendi disciplinam exquirens.
Vixit sui corporis tam acerbus hostis, quam
Animæ studiosus cultor.
In Deum amore, in proximos charitate flagrans
Superos veneratione, maiores observantia,
Æquales pro meritis, se ipsum contemptum.

Pro-

Prosequens:
Quanam virtutum excelluerit, non facile dictum,
Qualibet in eo sibi primatum ambiente.
Corporibus sæpe Dæmones, & morbos animis
Vitiorum monstra sæpissime pepulit.
Nominis famam impensé fugit; sed non effugit.
Sanctimoniæ existimatione apud omnes
Ubique clarus.
Magna scilicét virtutum flamma lumine
Suo se prodente.
Recens ab Italia, totam Lusitaniam in sui
Admirationem convertit,
Quæ
Indiæ destinatum, ac spe martyrium devorantem
Dum tenere cupit, mortuum dolet.
Exacto nondum in Portugallia biennio
Orientis vota occupavit occasus.
Prodigiis illustris obiit postridie nonas
Sextilis. Anno Domini M.DC.LI.
Ætatis suæ XXXIII. Ævi brevis. Memoriæ æternæ.
Luxit Ulyssipo: duxit funus Nobilitas
Lugubri, & Magnifico apparatu.
Corpus
Inter multos competitores
Obtinuit
Serenissimus Princeps Dux Raimudus; ejusque
Memoriæ
Hunc lapidem Sepulchralem cum elogio
poni jussit.

O naõ terem os Religiosos Theatinos domicilio proprio, foy a causa de se pôr neste lugar o corpo do Padre D. Alberto, como já dissemos. Alcançando porém licença delRey, para poder fundar o Padre D. Antonio Ardizone, entrou na consideraçaõ do lugar; e sendolhe presente no Bairro Alto, no mais eminente sitio delle, humas casas das Religiosas Carmelitas Descalças de Santo Alberto, precedendo licença do Reverendo Cabido, Sede Vacante, expedida a 18 de Janeiro de 1653, as comprou, ajudado da generosa, e liberal maõ da Senhora D. Marianna de Noronha e Castro, devotissima do Veneravel D. Alberto, e confessada do Padre Ardizone. Esta piedosa Matrona, esclarecida por sangue, e virtudes, verdadeira Mãy da Religiaõ Theatina em Portugal, e Fundadora desta Casa; titulo, que a sua modestia recusou, pois naõ seguindo o estylo dos que fundaõ Mosteiros, naõ impoz obrigaçaõ aos Religiosos, e até a Capella mór naõ quiz occupar, deixando liberdade para a poderem doar, mandando-se enterrar no Carneiro dos mesmos Padres, querendo acompanhar depois de morta, os que amou em o Senhor na vida. Foy esta Senhora, filha de D. Alvaro de Castro, Senhor de Fonte Arcada, e Commendador da Redinha, e de D. Maria de Noronha, e bisneta do Grande D. Joaõ de Castro, IV. Vice-Rey da India, aquelle virtuoso Varaõ, que depois de governar o Oriente, naõ deixou a seu filhos, mais que huma gloriosa memoria do seu victorioso nome, e da sua piedade, e Religiaõ. Casou a Senhora D. Marianna, com D. Alvaro de Portugal, seu primo com irmaõ, de quem teve huma unica filha, que morreo moça, e ficando viuva de idade de 25 annos, a 6 de Agosto de 1640, em que seu marido faleceo desgraçadamente affogado no Tejo, juntamente com seu cunhado D. Jorge de Portugal, foy pertendida para segundas vodas, das primeiras Casas do Reyno; porque além de ser da Illustrissima Familia de Castro, e de singulares partes, e virtudes, era sobre grandemente dotada, herdeira de seu irmaõ D. Manoel de Castro, que morreo sem chegar a tomar estado; mas eraõ os seus pensamentos

samentos muy differentes das cousas do Mundo, e assim fez voto de castidade, celebrando com o Divino Esposo mais esclarecidas vodas. Tomou por seu Protector a S. Caetano, de quem se nomeava filha, e a quem todo o tempo da sua vida venerou como Pay. Vivia em exercicios espirituaes, regida pelo Padre D. Antonio Ardizone, homem Douto, e de grande talento; continuava a oraçaõ, frequentava jejuns, e outras penitencias, com que se mortificava. Era a sua Casa hum Mosteiro observante, em que ella naõ parecia Senhora, senaõ companheira das suas criadas, sem que a humildade, que exercitava, a fizesse perder o decóro, e o respeito. Achava-se afflicto o Padre Ardizone, vendo o muito de que necessitava para adiantar a obra, fiado com seus Companheiros na Divina Providencia, esperavaõ o soccorro do Ceo, que inspirou nesta Matrona, a lhe dar logo vinte e cinco mil cruzados, com que se comprou o sitio, e se começou a fabrica, que he pelo sitio, hum dos mais aprasiveis da Cidade: e sem duvida se a obra chegasse à sua ultima perfeiçaõ, seria huma das mais bonitas fabricas della; mas a Divina Providencia guardará essa conclusaõ, para os vindouros; porque os seus segredos naõ saõ penetrados de humanos discursos. Além desta taõ grandiosa esmola, mandou fazer ornamentos para a Igreja, Calices, e castiçaes de prata com as suas armas, em que fez huma larga despeza; de sorte, que tudo o que esta Casa possue, que póde ter nome de precioso, foy doaçaõ sua; e finalmente, todas as suas rendas gastava em honra do Culto de Deos, até que chegada a ditosa hora da sua morte, que foy a 25 de Mayo, do anno de 1681, depois de diversos legados pios, lhe deixou tudo quanto possuîa, mandando no seu testamento fosse enterrada com a Roupeta de S. Caetano, na sua Igreja da Divina Providencia entre os seus Padres. Mandaraõ estes levantar hum tumulo magestoso de fino marmore dentro no carneiro, em que descansaõ as suas illustrissimas cinzas, ficando eterna, e venerada a memoria da sua virtuosa vida entre os Clerigos Regulares; e porque duraõ mais os escritos, do que a tradiçaõ, deixamos aos vindouros nesta curta memoria, hum irretragavel testemunho do nosso agradecimento. E porque no cruzeiro se poz huma pedra com o seguinte Epitafio, que hoje se naõ vê por estar cuberta, nos pareceo de razaõ lançalla neste lugar, para que naõ pareça se faltou à sua memoria com a eternizar, esculpindo em marmores a nossa divida.

D. O. M.

Qui vivorum dominatur simul & mortuorum
Marmore sub hoc riquiescunt in Cemeterio
Resurrectionem expectantes novissimam
Illustrissimi Cineres Heroinæ longe præclarissimæ
D. Marianæ à Noronha & Castro,
D. Alvari à Portugallia olim conjugis,
Quæ post charissimorum pignorum fata
Clericos Regulares, quos habuit in spiritu Patres,
Adoptavit in filios.
Iis condidit asceterium,
In quo hanc extruxit Domum
Deo viventi
Sibi mortuæ
Jubens supremis tabulis sepeliri
In eodem sepulchreto, quo Clerici Regulares
Superbum arbitrata Mausolæum,
Quod commendaret humilitas.
Denique post annos LXVII laudabiliter traductos
Magnum sui relinquens desiderium
Sacris ritè communita
Abiit ad meliores ipsa die Pentecostes XXV Maii
Anno à nascente Deo M.DC.LXXXI.

Eidem

Eidem matri suæ optimæ
Hujus Cœnobii munificentissimæ Fundatrici
Clerici Regulares
In perenne gratitudinis monumentum
S. H. PP.

Com as grandiosas esmolas desta esclarecida Matrona, e de outros pios, e devotos Catholicos, se começou a nova fabrica, com o nome de Hospicio, para os Missionarios da India, que em pouco tempo poz capaz de se habitar o Padre D. Antonio Ardizone; de sorte, que no dia 29 de Julho de 1653, ja passou para este sitio, e com tal actividade fez trabalhar na obra, que em 28 de Setembro do mesmo anno, benzeo a Igreja solemnemente, conforme os privilegios da nossa Religiaõ, e com as ceremonias encommendadas no Ritual Romano. Dedicou-se à Virgem Santissima, com o titulo de Senhora da Divina Providencia, para conservar o nome, que em Portugal deraõ aos Theatinos de Padres da Divina Providencia, quando viraõ, que sem rendas, nem pedir esmolas se mantinhaõ, esperando nos inexhauriveis thesouros da Divina Providencia. Na tarde deste dia, sahio da Igreja dos Religiosos Trinos, o Divinissimo Sacramento do Altar, em solemne Procissaõ, e foy collocado na dita Igreja. Levava o Senhor, o Doutor Fr. Joaõ de Andrade, Provincial da dita Familia, que toda a Communidade acompanhava. No dia seguinte, que era do Arcanjo S. Miguel, especial Patrono das Missoens da India, esteve o Santissimo Sacramento manifesto. Celebrou Pontifical o Illustrissimo Senhor D. Manoel da Cunha, Bispo de Elvas, Capellaõ môr do Senhor Rey D. Joaõ o IV. e do seu Conselho de Estado, Eleito Arcebispo de Lisboa. Prégou o Padre Fr. Joseph da Assumpçaõ, da Ordem da Santissima Trindade, de cuja Communidade era tambem a Musica; e como já dissemos, os nossos primeiros Padres desta Religiosa Familia receberaõ especiaes attenções, e favores. Neste anno se trasladou o corpo do Veneravel D. Alberto, como diremos a 19 de Novembro.

Corria já o anno de 1681, quando a onze de Outubro a generosa piedade do Senhor Rey D. Pedro II. entaõ Principe Regente da Coroa de Portugal, deu faculdade para que de Hospicio passasse a fundarse Casa, tomando-se Noviços Portuguezes, se estabelecesse no Reyno a Religiaõ Theatina. Esta taõ grande merce, foy agradecida a Deos com huma solemne festa, e com a Real licença se começou a erigir a fabrica, que hoje vemos, que olha para o Occidente, que he huma das mais agradaveis vistas da Cidade, por ficar eminente àquella parte da Cidade; ao Norte os Campos da Cotovia, e da outra o celebrado Tejo, já misturado com as aguas do Oceano, que desemboca na famosa Barra de Lisboa, amparado com a parte de Além, em que fica a Villa de Almada, Caparica, e outros Lugares, que entre Quintas, e Fortes, que guarnecem á Marinha, coroaõ os seus montes de verdes bosques, com que se alegraõ os olhos, ficando-lhe ao Poente o Valle de S. Bento, que subindo insensivelmente a vista a termina em largos, e agradaveis orizontes, amparados de vistosas Quintas de huma parte, com as terras da Coutada Real, e da Cruz, que chamaõ de Buenos Aires, hum sitio dos mais eminentes, e admiraveis da Cidade, a que concorrem os curiosos a ir ver as Armadas, e Frotas, que entraõ, ou sahem pela Barra; o que sem trabalho gozaõ os moradores desta Casa das suas janellas, donde sempre se vê a variedade das muitas embarcações, que entraõ neste singular porto, em taõ proporcionada distancia, que nem o mar, nem a terra lhe ficaõ longe; porque parece a este sitio lhe he feudatario hum, e outro elemento.

He a Igreja, que temos sobre pequena, e velha, desacommodada, e pouco decente para o Culto Divino. Entraraõ os Padres na consideraçaõ de intentarem lavrar huma nova, e com effeito, sendo Preposito o Padre D. Manoel Caetano de Sousa, no anno de 1698, dia de Nossa Senhora dos Prazeres, que cahio a 7 de Abril, se deu principio à fabrica, na qual lançou a primeira pedra o Eminentissimo Cardeal de Sousa, sendo primeiro benzida na fórma, que ordena o Ceremonial Romano: nella se poz a seguinte Inscripçaõ.

D. O. M.

Augustæ, quæ Virgini Mariæ Divinæ Providentiæ hâc sumptus suppeditante Clerici Regulares hoc Templum statuunt, primarium lapidem posuit Aloysius S. R. E. Cardinalis Sousa Pontifex Ulyssiponensis, Regii Sacelli Maximus Sacrificulus, Regique à sanctioribus Conciliis Anno Christi M.DC.LXXXXVIII. die VII. Aprilis dicata Gaudiis Beatissimæ Virginis Mariæ, Innocencio XII. P. M. Petro II. Lusitanorum Rege.

Lançaraõ-se algumas moedas do tempo, e outras de curiosidade, abertas a este fim. Assistiraõ a este acto algumas Pessoas Grandes, devotas da Casa. Começou-se logo a trabalhar na Igreja, com as esmolas de alguns devotos de S. Caetano, e assim cresceo de huma parte. Porém vendo-se, que naõ fora bem considerada a parte, em que se começára a edificar; porque sendo o sitio pequeno, ficava impossibilitado o poderse continuar com o edificio da Casa, se suspendeo, escolhendo-se outro accommodado, e supposto que ha muitos annos estamos desaccommodados, esperamos na Divina Providencia, facilite o modo de se levantar a Igreja, principalmente depois da resoluçaõ de 23 de Dezembro de 1743, delRey D. Joaõ V. que com a sua piedade nos concedeo, que huma travessa inutil chamada das Bruxas, se tapasse, para que por ella se adiantasse o sitio preciso para a fabrica da Igreja. Ha muitos annos está suspensa a fabrica: esperamos na Divina Providencia facilite o modo de se levantar em mais conveniente sitio. Nesta Casa ha muitas Reliquias authenticas de grande veneraçaõ, a saber: o Santo Lenho, que trouxe de Roma o Padre D. Manoel Caetano de Sousa, e se conserva em huma Custodia de prata dourada. Ao mesmo Padre deu o Gram Duque de Toscana Cosme III. hum dedo de Santa Francisca Romana, de que a Igreja reza a 9 de Março, metido em huma singular obra de evano, em fórma de urna, guarnecida de prata de relevo, em que se vem milagres da Santa esculpidos, e por remate huma estatua da Santa, de prata, obra primorosa, e verdadeiramente dadiva de tal Principe. Além destas Reliquias, tem o corpo de S. Venancio Martyr, de quem se faz mençaõ no Agiologio, a 18 de Mayo; o corpo de Santa Eufemia, Virgem Martyr, e Reliquias insignes de Santa Luzia, Virgem Martyr; de S. Donato Martyr; de S. Urbano Martyr; de Santa Peregrina, Virgem Martyr; e S. Maximo Martyr; e todas estaõ em cofres decentes de evano, com crystaes guarnecidos, outros de tartaruga, e marfim, obra de todo o primor. Em huma Cruz de prata dourada, obra antiga, mas bem feita, se conservaõ Reliquias dos Apostolos, e de outros Santos insignes, como do Martyr S. Sabastiaõ. Na Sacristia se guardaõ tambem muitas, entre ellas huma Carta, escrita por Santo André Avelino, metida em dous vidros crystalinos, guarnecida de bronze dourado, e prata; hum Barrete do mesmo Santo, que he advogado nos partos, e assim he muy procurado; huma Carta de S. Caetano, tambem posta em vidros, de modo que se póde ler, e a sua Reliquia, que se leva aos doentes, e he a mesma, com que o Veneravel D. Alberto obrou tantas maravilhas, como temos dito; e naõ he possivel escrevermos, o qual foy o assumpto deste dia, e o Leitor nos deve naõ notar o largo; porque foy preciso dar cumprimento à promessa, que Cardoso no Agiologio, no Commentario de 18 de Mayo, letra B, fez de pôr neste dia a Fundaçaõ da Casa da Divina Providencia.

Deste Veneravel Padre principiou huma Vida a Duqueza de Aveiro D. Maria de Guadalupe e Lencastre, para o que escreveo ao Geral dos Theatinos, em que lhe pedia mandasse ajuntar memorias do Servo de Deos. Da sua propria maõ fez dous retratos seus, de excellente pintura, em cuja Arte obrou com primor, sendo esta a menor parte das suas virtudes; porque foy muy dada à liçaõ dos livros, compondo na lingua Latina com elegancia, e estudando com reflexaõ as Sciencias, com que conseguio nome de erudita. Deste Servo de Deos vimos alguns retratos ao natural, de diversas

ſas mãos, e eſtampas differentes; em noſſo poder temos huma dedicada à Duqueza de Torres-Novas D. Anna Maria Manrique: *Veram effigiem Ven. Servi Dei D. Alberti Maria Ambiveri C. R. Theatini Divinæ Providentiæ Illuſtriſſimæ, & Excellentiſſimæ Principi D. Annæ Mariæ Manrique de Lara, &c. Duciſſæ de Avero Devotionis argumentum D. D. D. S. Prodigiis illuſtris obiit.* Naõ faça reparo chamarmos a eſta Senhora Duqueza de Torres-Novas, quando a Dedicatoria daquelle tempo a intitula de Aveiro; porque padeceo engano, que eſta Senhora naõ teve em Portugal outro titulo; porque ſeu marido naõ teve outro, por morrer em vida de ſua mãy a Duqueza D. Julianna, que era a Senhora do Ducado, e Eſtados de Aveiro. Na Baſilica de Santa Maria, ſe guarda hum inſtromento da Vida, e coſtumes do Padre D. Alberto, o qual foy feito a requerimento da Duqueza de Aveiro. Delle eſcreveo huma Vida na lingua Italiana o Padre D. Joaõ Bautiſta Bagata, impreſſa em Veneza, anno 1683, de que muito nos valemos, e do Padre D. Joſeph Silos *in Hiſtor. Cler. Regul.* part. 3. lib. 11. pag. 489, onde poem a ſua morte a 5 de Agoſto, erro em que o fez cahir huma Carta, que allega de Lisboa; o Padre D. Bartholomeu Ferro *Hiſtoria delle Miſſioni di Chierici Regulari Theatini*, tom. 2. liv. 3. cap. 6. pag. 189; o Author da *Corograf. Port.* tom. 3. tr. 8. cap. 34. pag. 505: Compoz em Italiano hum Compendio da Vida de S. Caetano, que imprimio em Padua, anno 1649, e depois em Roma, Napoles, e Bergamo, e ſe reimprimio em Padua, anno 1650, e traduzido em Francez ſe imprimio. O ſeu ardente zelo a deſejou communicar aos Portuguezes, e aſſim o pedio ao diſcreto D. Franciſco Manoel, como elle confeſſa em huma Carta, que lhe eſcreveo com eſte titulo: Ao Piedoſo Padre D. Alberto Maria Ambiveri, ſobre a compoſiçaõ do livro do Beato Caetano, em que a ſeu rogo ſe occupava, a qual anda no I. Tomo das *Cartas Familiares*, e he a 76 da Centuria terceira, pag. 763; porém naõ ſabemos, que ſe acabaſſe: tal vez a morte do Servo de Deos foſſe a cauſa de lhe naõ dar fim. Compoz tambem hum livro na lingua Latina, com eſte titulo: *Selecta Marinonii*, que he a Vida do Veneravel Padre D. Joaõ Marinonio, o qual deu m. ſ. ao Duque de Aveiro, de que em Caſas da Religiaõ ha algumas copias, como em Napoles, e neſta. Delle faz mençaõ D. Innocencio Rafael Savanarola, nos Elogios, que eſtampou com Imagens dos Varões inſignes em virtude dos Clerigos Regulares, com eſte breve Elogio:

P. D. Albertus Maria Ambiverus, C. R.
Indicis Amandatus Miſſionibus
Italiæ, Iberiæ, ac Luſitaniæ
Odore virtutum Percelebris
Non minus, quam admirabili prodigiorum facilitate,
Qua Thienæo auſpice, quæ voluit, mira patravit.

C Na Villa de Setuval naſceo D. Maria de Souſa, que na Religiaõ ſe chamou Maria de S. Joſeph. Era filha de Luiz Lopes Lobo, Fidalgo honrado, a quem alguns livros de Familias, chamaõ Diogo Lopes Lobo, que depois de ter ſervido na India, com eſtimaçaõ, morreo na infeliz batalha de Alcacer; e de ſua ſegunda mulher D. Ignez de Souſa, filha de Antonio Carvalho Caſtello; e ſendo criada com os mimos de primeira, e com as attenções de lhe darem differente eſtado, que o de Religioſa, ella o ſoube procurar, com tal efficacia, que conſeguio de ſeus pays o meſmo, que naõ queriaõ. Sua mãy a amava taõ ternamente, que a conſideraçaõ de ſe ſeparar da filha, era hum tormento, que ſó a morte poderia ſer peyor de ſupportar. Mas conſeguindo della licença, entrou no Moſteiro de Santo Alberto, deſta Cidade, onde foy huma das perfeitas Religioſas, que com a ſua vida illuſtrou eſta obſervante Caſa, ſendo immitadora do eſpirito da Santa Madre. Muito poderamos eſcrever das virtudes, que tambem ſoube exercitar na vida, e referir os milagres, que depois da morte Deos obrou por ſua Serva; porém naõ o permitte o eſtylo, que ſeguimos, e nos termos alargado neſte dia. Nelle faleceo Sor Maria de S. Joſeph, no anno de 1626. Della faz mençaõ largamente Fr. Belchior de Santa Anna na *Chronica da Ordem*, liv. 3.

cap. 33, e nos livros de Familias, em titulo de *Lobos de Monçarás*, se faz della memoria com o elogio de Santa.

D A Patria de Fr. Bartholomeu de Oviedo passaõ em silencio as Relações m.s. que himos seguindo da Provincia dos Eremitas de Santo Agostinho, que faleceo no anno de 1640, estando em Lamego assistindo ao Bispo, de quem era Confessor, e das Freiras de Santa Clara da dita Cidade.

E Na Cidade de Evora nasceo Sor Marianna do Evangelista, e foy filha natural de Domingos Lourenço do Rego, Cirurgiaõ de nome naquella Cidade: houve-a em huma mulher recolhida, e se criou em casa de seu pay: vindo depois este a casar, experimentou differença de trato na madrasta; porque se servia della como de criada, vindo a ser ama secca de seus irmãos, os quaes criava, como se fora tomada para os servir. Neste abatido exercicio, que pudera causarlhe differentes pensamentos, se empregava com gosto, e cuidado. Já entaõ começou a exercitarse nas virtudes, tendo grande charidade, e amor de Deos, seguindo a oraçaõ vocal com applicaçaõ, confessando-se, e commungando repetidas vezes, dirigindo todos os seus passos à virtude. Pedia a Deos lhe desse estado, em que melhor o servisse, e até entaõ ignorava o que seu pay determinava. Contava vinte e sete annos, quando este ajustou com as Religiosas do Salvador a sua entrada, que depois lhe communicou, dizendo-lhe havia de ser Freira de véo branco, o que teve effeito na Paschoa do anno de 1628, e entrando na Religiaõ, seguio a vida Monastica, com tanta perfeiçaõ, que mereceo especiaes favores de Deos, como temos visto, e outros muitos, que por brevidade omittimos, como ver muitas Almas padecer no Purgatorio, e muitas por suas orações livrou daquellas penas; outras vio com grande gloria entrar no Ceo. Foy taõ humilde, que pertendendo sua irmãa livralla do serviço de Conversa, para o que dava à Communidade certas propriedades, ella o naõ consentio, por se naõ privar dos exercicios abatidos do Mosteiro, em que foy Enfermeira menor, e Celeireira, em que durou mais de vinte annos. Foy sua morte neste dia, no anno de 1662. Tudo o referido tirámos do livro da Fundaçaõ deste Mosteiro m.s. que temos em nosso poder, e delle consta, que o Author daquellas Memorias escrevera a sua Vida.

F O Arcebispo D. Joaõ de Mello, claro em virtudes, e em sangue, nasceo em Villa-Viçosa: foraõ seus pays Pedro de Castro, Alcaide mòr de Melgaço, e D. Brites de Mello, filha de Joaõ de Mello, Commendador de Cazevel na Ordem de Santiago, descendentes das Illustrissimas Familias dos seus Appellidos. Tomou o Arcebispo o de sua mãy, chamãndo-se D. Joaõ de Mello e Castro, que com este appellido o nomeaõ os Nobiliarios deste Reyno. As suas virtudes o fizeraõ hum dos Prelados mais veneraveis das Igrejas, que regeo; porque a sua prudencia, junta a costumes santos, e letras, lhe conciliavaõ hum universal respeito.

Na Sé de Evora fez diversas obras: mandou pintar a Capella mòr, e pôr o Altar mòr encostado à parede, na fórma, que se pratica; porque conforme ao uso estava posto no meyo da Capella, desde o tempo do Bispo D. Durando. Fez, e reformou a Capella da mesma Igreja, escolhendo a da Cea do Senhor, que fica da nave da Epistola, para sua sepultura, e podendo mandar lavrar para seu enterro hum Mausoléo, o fez no chaõ em sepultura raza, onde jaz. Faleceo neste dia, no anno de 1574, e sendo elle Arcebispo desta Igreja, por renuncia do Cardeal Infante D. Henrique, depois Rey deste Reyno, lhe veyo a succeder outra vez na Dignidade. Naõ teve outra carruagem, mais que huma mulla, em que andava, excepto os ultimos annos; porque as suas enfermidades lhe impediaõ montar nella: entaõ visitou o Arcebispado, usando de liteira, e escreveo ao Cardeal D. Henrique, dando-lhe a razaõ porque o fazia. Fundou com nova fórma o Palacio Archiepiscopal daquella Cidade; e no anno de 1567, por ordem do Cardeal Infante D. Henrique, lançou a primeira pedra na Igreja do Collegio da Companhia; e no Anno de 1573, lhe assistio, e acompanhou, quando mudou para ella o Santissimo Sacramento. Escreveo para bem das suas ovelhas, sendo Bispo do Algarve, huma Doutrina em Dialogo, de principios, e fundamentos da Christandade, com hum breve Summario de lembranças do que cada hum deve guardar no estado da vida, que tomou, em a lingua Portugueza, o

que

que mandou imprimir varias vezes; as Constituições do seu Arcebispado; humas lembranças sobre o valor da Missa; Declaraçaõ dos Mysterios da Missa, Obra breve de oito folhas de papel; outra de huma folha, Fazimento de Graças. Franco na *Bibliotheca Lusitana*, m.s. *Catalogo dos Bispos do Algarve*, pag. 15; o Padre Francisco da Fonseca *Evora Gloriosa*, pag. 301.

AGOSTO VII.

A NEste dia, em Galliza, a Invençaõ do corpo de Santa Eufemia, Virgem, e Martyr, nossa Portugueza, cuja solemnidade fica escrita aos 13 de Abril, no qual dia tambem se refere, como foy milagrosamente achado seu corpo por huma innocente Pastorinha, e depois levado à Igreja de Santa Marinha, sua irmãa, onde com innumeraveis milagres se acreditava a omnipotencia de seu Creador, nos merecimentos desta sua amada Esposa.

Santa Eufemia V. M.

B Em o Mosteiro de Arouca, da Ordem de S. Bernardo, na Diocesi de Lamego, a Trasladaçaõ da Rainha D. Mafalda, que depois de ter illustrado o Mundo com a sua virtuosa vida, quiz acreditar o Ceo a gloria, que nelle estava gozando, com a maravilha de se achar o seu corpo incorrupto, e sem lezaõ do tempo, depois de serem passados trezentos e sessenta e cinco annos. Movido Filippe II. dos prodigios, que se contavaõ desta Serva de Deos, mandou a D. Martim Affonso Mexia, Bispo de Lamego, trasladasse o santo Corpo, para lugar mais decente. Aprazou-se este dia, para se fazer a funçaõ, a que assistio o Bispo, acompanhado de Conegos, e outras pessoas de distincçaõ, e apenas se principiou a bolir no sepulchro, quando logo começaraõ a sentir hum suavissimo cheiro, e a ouvirem dulcissimas armonias, sem que cuidado humano tivesse prevenido taõ acorde Musica. Foy achado o corpo sobre huma taboa, cuberta de cinza, e cilicio, envolto em hum tafetá pardo, da mesma sorte, que a Rainha o ordenara no seu testamento. Descobrio-se, e com espanto foy visto de todos, inteiro, e taõ composto, como de pessoa, que estava dormindo, com a côr taõ viva, como se acabara de espirar, e com todas as partes integrantes, inda que algum tanto myrradas, em summa perfeiçaõ, sem que hovessem precedido os balsamos, aromas, e defensivos, com que costumaõ ser

Trasladaç. de D. Mafalda, Rainha de Castella, Cistercjense.

ser embalsamados os Reaes corpos. Collocado o veneravel corpo em hum moimento de pedra branca, em que se lavrou huma estatua sua ao natural, naõ se deu fim a este acto, sem nova admiraçaõ do Bispo, e mais assistentes; porque hum Conego, dos que se achavaõ assistindo ao Bispo, assim que se abrio o Mausoléo, se sentio melhorado de humas dores de cabeça, que o atormentavaõ, achaque que o perseguia repetidas vezes, e o naõ tornou a experimentar. A huma Religiosa do mesmo Mosteiro sarou de dous tumores perigosos, que tinha na garganta, e peito esquerdo, engrandecendo Deos a sua Serva, para que nelle se augmentasse a devoçaõ, e nos Lugares visinhos, onde he acclamada com o nome da Santa Rainha.

Os PP. Bernardo Pereira, e Francisco Machado, MM. da Companhia.

C Na Cidade de Auça Guréle, foraõ coroados de Martyrio os Padres Bernardo Pereira, e Francisco Machado, illustres Missionarios da Companhia, que movidos do zelo da salvaçaõ das almas, e das instancias, com que Soltaõ Seguer, Emperador da Ethiopia, pedia ao Padre Santo Operarios do Evangelho, alcançaraõ serem dos Companheiros, que partiraõ para aquelle Imperio, em seguimento do Patriarca, que já nelle residia. Embarcaraõ em Goa, em hum navio delRey de Cayxem, e sendo recommendados aos Mouros, lhe fizeraõ naquella Cidade toda a boa passagem. Chegaraõ ao porto de Zeyla, com o designio de entrarem por aquella parte nas terras do Abexim, e sendo conduzidos à Cidade de Auça Guréle, foraõ cavilosamente detidos pelo Rey, que os mandou encerrar em huma casa escura, com o especioso pretexto, de que o Emperador de Ethiopia tratara com desprezo os Embaixadores, que lhe tinha enviado, dissimulando com este apparente pretexto o odio da Religiaõ Christãa. Naõ tardou em o fazer publico, mandando lançar nos Missionarios hum grilhaõ, e dando-lhe por sustento o alimento corrupto, pouco, e mal guisado. Deste trato, bem infiriaõ os Padres o ditoso fim, que os esperava; e rendendo a Deos as graças, se preparavaõ para o Martyrio, como testemunha huma Carta, que escreveraõ ao Emperador da Ethiopia, em que lhe davaõ conta do estado, em que ficavaõ, e o animo, com que esperavaõ sacrificarem as vidas em obsequio da Fé, primeiro que chegasse o ouro da Ethiopia para o resgate; porque o Tyranno, mais ambicioso

ambiciofo do fangue Chriftaõ, que do preciofo metal, queria em honra do feu falfo Proféta, fazer perecer o Chriftianifmo daquelle grande Imperio. Affim o verificou o fucceffo; porque fem efperar repofta os mandou degolar, collocando pelas barbaras catanas as fuas ditofas almas entre os gloriofos Martyres da Militante Igreja.

D Em o Mofteiro de Noffa Senhora de Sobferra, da Villa da Caftanheira, a morte de Sor Violante da Coroa, a quem a natureza adornou com fermofura, e huma fingular voz, pela qual mereceo applaufos entre as do feu tempo. Eftas partes, que em huma mulher faõ a porta da vaidade, foraõ nella o caminho do abatimento; porque feguida dos impulfos da Divina Graça, fe empregava em exercicios de penitencia, affligindo-fe com difciplinas, e com outras mortificações extraordinarias, fem que o debil da natureza, e o delicado do fexo, junto com habituaes achaques, lhe fizeffem moderar o rigor da mortificaçaõ. Era de condiçaõ branda, affavel, e humilde, partes que fem outras baftavaõ, para a fazerem amada; mas era tanto pelo contrario, que naõ fó era pouco amada das Companheiras, mas com publica demonftraçaõ defeftimada, avaliando por melindres de bella as queixas, e por invençaõ o que padecia. De forte viveo mortificada, que hum fufpiro, em que a natureza afflicta defaffoga, rompendo em hum ay, era motivo para fer reprehendida. Padeceo afrontas, e chegaraõ a maltratalla de bofetadas, fem que a fua paciencia fahiffe dos limites da humildade. Chegou finalmente às portas da morte em hum accidente, em que recebeo a Santa-Unçaõ, e o Ceo a feu favor fe declarou com maravilhas, cercando de luzes prodigiofas a Claufura, e as Companheiras entraraõ em differentes penfamentos da fua virtude. No dia feguinte melhorando do accidente, pedio lhe chamaffem o Confeffor, e recebido o Santiffimo Viatico, depois de com actos de amor de Deos fe ter alentado, pedio perdaõ às Religiofas, e fubio a fua alma ao Ceo, acompanhada de Celeftes vozes, que todas com admiraçaõ ouviaõ, como teftemunho irrefragavel da pureza da fua alma.

Sor Violante da Coroa Francifcan.

E No mefmo dia, em Nacatfu, povoaçaõ do Imperio do Japaõ, a rutilante coroa de Joaquim, valerofo Soldado de Jesu Chrifto, por cujo amor dando a vida, foy degolado, e

Joaquim M. Jep.

defta

desta sorte numerado entre os muitos Martyres seus compatriotas, que com tanta constancia deraõ alegres as vidas, exaltando a Religiaõ Catholica, que tinhaõ recebido, deixando de sua constancia aos seus mesmos naturaes, estimulos para na perseverança conseguirem semelhante gloria.

Fr. Antonio de Lencastre da Ord. de Christo.

F Item no Collegio de Coimbra da Ordem Militar de Christo, o obito de Fr. Antonio de Lencastre, Prior daquelle Mosteiro, em quem o illustre do sangue fez mais estimavel a virtude, para adquirir em poucos annos de Habito muitos creditos de virtuoso, de que deixou entre os seus Religiosos venerada memoria.

Commentario ao VII. de Agosto.

A NA Provincia de Entre Douro, e Minho, na raya que divide Portugal de Galliza, á que chamaõ Rio Caldo, pelas veyas de aguà quente, que rebentaõ da terra naquelle sitio, fica hum valle entre os montes da Serra de Gerez. No mais alto de hum destes, formou a natureza huma alegre, e aprazivel veiga, a que daõ o nome de Campilho. Neste lugar se entende foy martyrisada Santa Eufemia, e nelle a achou a innocente Pastorinha, naõ permittindo Deos, que ficasse táõ precioso thesouro sepultado nos agrestes montes daquelle territorio. O Licenciado Jorge Cardoso, no dia 13 de Abril, que he o da festa da Santa, refere este maravilhoso caso; porém como Tamayo no Martyrologio Hispano faz particular commemoraçaõ desta milagrosa invençaõ neste dia, nos pareceo fazer delle particular memoria. Na Sé de Orense, aonde hoje está o corpo desta Santa, como diremos a 17 deste mez, que he o dia, em que se festeja a sua Trasladaçaõ, se guarda no seu thesouro, por peça de grande estima, o annel que a Pastorinha achou no dedo da Santa: he elle de ouro baixo, e com huma pedra, que parece Ametisto, e por elle obra Deos muitas maravilhas nos enfermos, que com grande devoçaõ procuraõ ser tocados com esta prenda da Santa; e para este fim se conserva em hum Relicario de prata, com sua rede de ouro, para ser visto.

Chamaõ os moradores daquelles lugares àquellas rudes penhas as *Calles de Santa Eufemia*, por naquelle lugar ser martyrisada a nossa Santa Portugueza, como consta de huma lamina de chumbo, que no mesmo sitio foy achada com a Inscripçaõ seguinte.

Eumelia. F. L. C. Atil. Sever. et. Cals. Regul. Pasa. est. in Hoc. loco Calcedonens. in Persecutione. Adriani. VII. Kal. Aug. Æra CLXXVIII.

Esta pedra refere D. Pedro Seguino, Bispo de Orense, (de quem a 9 de Julho fizemos mençaõ) se achara no anno 1169, o qual escreveo a invençaõ de que tratamos, aonde conta a Historia das nove irmãas nascidas em hum parto; o que tambem refere o Breviario antigo de Orense, e no dos Santos Novos de Hespanha, impresso em Barcelona, no anno de 1700, no dia de Santa Liberata. Trataõ desta invençaõ, além dos já allegados Authores, o Mestre Gil Gonçalves de Avila no *Theatro da Igreja de Orense*, pag. 387; o Illustrissimo Cunha na *Historia de Braga*, 1. part. cap. 29; Fr. Luiz dos Anjos *Jardim de Portugal*, pag. 42; Marieta *Historia Ecclesiast.* liv. 4. cap. 13. pag. 91. vers. o Licenciado Molina *Descrip.*

crip. do Reyno de Galliza; Causino *Corte Divina*, *Ephemer. Historic. de Agosto*, neste dia; D. Pedro de Rojas, Conde de Mora, *Historia de Toledo*, part. 1. liv. 5. pag. 401.

B Feita a Trasladaçaõ neste dia, do anno de 1617, por D. Martim Affonso Mexia, Bispo entaõ de Lamego, e depois de Coimbra, e hum dos Governadores do Reyno, no anno de 1621, com D. Diogo de Castro, e D. Nuno Alvares de Portugal, tirou hum Instromento Juridico dos milagres, que andavaõ na tradiçaõ, e dos que elle de novo testemunhou. Este instromento mandou El-Rey Filippe II. à Curia de Roma, a fim de se tratar da sua canonizaçaõ. Desta virtuosa Rainha trata Henriques no *Menelogio Cisterciense*; e Bucelino no *Benedictino*, ambos neste dia; Brandaõ na IV. Parte da *Monarchia Lusit.* liv. 15. cap. 20. pag. 204. vers. o *Agiologio Lusitano*, no Commentario do dia da Santa Rainha, a 2 de Mayo, letra B; Vasconcellos *in Anaceph.* pag. 42; *Jardim de Portugal*, pag. 180; *Historia Geneal. da Casa Real Portug.* tom. 1. liv. 1. cap. 9.

C He a Cidade de Auça Guréle, Corte do Reyno de Adel, a que os nossos Portuguezes chamaõ Zeila, dando-lhe o nome do lugar maritimo, que lhe serve de porto: estende-se em largos Dominios, sendo Senhor das terras, que vaõ desde o Cabo de Guadafuy, até o monte Feliz, e fenecer as portas do mar roxo, e tudo o que entrando por elle se navega até chegar a Dancali, e Baylur: fica na parte de Africa com Rey proprio, e poderoso, ainda que os Gallas, e Abexins, o tem bastantemente combatido, e castigado o seu orgulho. Martiniere *le Grand Dictionaire Geographique, & Critique, verbo Auça*, faz della mençaõ. Depois da tyrannia usada com os Padres, tomou a Justiça Divina por instromento aos Gallas seus confinantes, e vencendo em huma batalha ao Rey de Adel, correo destroçado à Corte de Auça Guréle, onde hum irmaõ seu o matou violentamente. Passados alguns annos choveo do Ceo fogo sobre esta Cidade, que a abrazou, e a outras daquelle Reyno: pareceo justo castigo, da tyrannia que usaraõ com os Padres, negando-lhe a passagem promettida ao Emperador da Ethiopia.

Nasceraõ estes ditosos Missionarios no Reyno de Portugal, o Padre Bernardo Pereira na Cidade de Vizeu: foraõ seus pays Rodrigo de Almeida de Vasconcellos, Donatario de Messamedes, e D. Maria de Barros, filha de Manoel Loureiro Serpe. Estudou em Coimbra, e largando o exercicio das letras, determinou seu irmaõ Manoel de Almeida de Vasconcellos, como mais velho, e Senhor da Casa, de lhe dar vida, que correspondesse à nobreza de seus avós; e assim determinou, que tomasse o Habito Militar de S. Joaõ, e outro irmaõ Rodrigo de Almeida, e fossem servir a Religiaõ a Malta; porém elles com differente resoluçaõ escolheraõ militar na India, e embarcaraõ na Armada do anno de 1608, para aquelle Estado. Tiveraõ por compaheiros na náo alguns Padres da Companhia, e affeiçoado do seu Instituto Bernardo Pereira, e taõ superiormente movido, que aportando em Goa, se hospedou Noviço da Companhia. Seu irmaõ depois de servir alguns annos ao Estado, foy Religioso de Santo Agostinho, e acabou gloriosamente às mãos dos Turcos, e delle se faz mençaõ no Agiologio a 5 de Mayo, sendo seu Chronista o Padre Bernardo, em huma Carta que escreveo a seu irmaõ.

O Padre Francisco Machado entrou no Collegio de Coimbra no anno de 1605, de idade de quinze annos; teve outro irmaõ na Companhia, chamado Antonio Machado, de quem faremos mençaõ a 4 de Setembro. Eraõ naturaes de Villa-Real, e filhos de Joaõ Rodrigues Machado, e Maria Correa, gente principal daquella Villa. Em Goa leu hum Curso de Artes o Padre Francisco Machado, e quando lia Theologia, foy mandado para Ethiopia, e por seu Companheiro o Padre Bernardo, que acabava de estudar Theologia, pertençaõ, em que havia tempos andavaõ ambos, como presagio da palma do Martyrio, com que haviaõ de coroar suas almas, e fazer mais gloriosa a Companhia, e o conseguiraõ no anno de 1624. He fama, que no carcere, em que foraõ degolados, arrebentara huma fonte de agua, que os Mouros naõ puderaõ seccar, por mais que trabalharaõ pelo conseguir, mostrando Deos o quanto honrava com aquelle prodigio a seus Servos. Cardoso no *Agiologio*, o promette para este dia; Nadasi o poem a 22 de Setembro, no que se enganou, pois a 2 de Agosto foraõ prezos, e passa-

dos poucos dias, mortos, como refere Telles na *Ethiopia Alta*, c. 29. pag. 376; Guerreiro *Coroa dos Martyres*, cap. 5. pag. 225.

D Foy a morte de Sor Violante neste dia, do anno de 1659, ficando o seu corpo taõ flexivel, e fermosa, que parecia, que estava dormindo, e animada de espiritos, que a faziaõ agradavel. Della se conta hum admiravel caso, com que o Senhor manifestou a sua gloria. Passados cinco annos depois de enterrada, indo a Communidade em dia de Santa Clara em Procissaõ pelo Claustro, cantando hum Hymno em louvor de sua Santa Madre, e parando junto do Capitulo, ouviraõ clara, e distinctamente, com espanto de todas, que Sor Violante, de dentro da sepultura, correspondia cantando hum verso em louvor da Santa, com a mesma gala, e suavidade, que costumava em vida; como refere Soledade *Hist. Seraf.* part. 4. liv. 2. cap. 18. pag. 182.

E No anno de 1618, no tempo do Imperio do Tyranno Toxogunsama, foy degolado Joaquim, de quem faz mençaõ o Padre Pedro Morejon na *Historia do Japaõ*, part. 1. pag. 120.

F Era Fr. Antonio de Lencastre filho de D. Francisco Luiz de Lencastre, Commendador môr de Aviz, e de sua mulher D. Filippa de Vilhena, e irmaõ daquelles exemplarissimos, e virtuosos Prelados, ambos Inquisidores Geraes deste Reyno. O Cardeal de Lencastre, e D. Fr. Joseph de Lencastre, de quem faremos memoria, do primeiro a 17 de Novembro, e do segundo a 13 de Setembro. Faltou a vida muy cedo a Fr. Antonio, e por isso naõ deixou das suas virtuosas acções mayor noticia. Morreo no anno de 1660, conforme a Relaçaõ m. s. do Convento de Thomar, que repetidas vezes allegamos.

AGOSTO VIII.

D. Fr. Martinho de Ulhoa Bispo de S. Thomé da Ordem Mil. de Christo.

A

M o Convento de Nossa Senhora da Luz da Ordem Militar de Christo, espera a resurreiçaõ universal D. Fr. Martinho de Ulhoa, Professo da mesma Ordem, a qual desde os primeiros annos edificou com o exemplo da sua vida, sendo modesto, devoto, e celebrando o Santo Sacrificio da Missa com especial devoçaõ, naõ deixando nunca de o fazer sem urgente impedimento, ainda depois de velho, contando cento e dez annos, o celebrava com a mesma perfeiçaõ, que nos annos da robustez, e vigor da idade. Estudou as Divinas, e Humanas letras na Universidade de Coimbra, em que aproveitou tanto, que era na Religiaõ estimado; e assim o nomeou por Superior do Collegio de Coimbra, e depois Visitador, em que se houve com tal prudencia, que findo o triennio, o elegeraõ Prior do Mosteiro de Nossa Senhora da Luz, em que deixou da brandura do seu animo, e da suavidade da sua persuaçaõ nos subditos agradavel memoria; porque todos experimentaraõ nelle huma singular compaixaõ. Quando só desejava deixar a vida activa, para se dar de todo à contemplaçaõ, o escolheo ElRey D. Sebastiaõ

tiaõ para Bispo de S. Thome, Congo, e Angola: e no anno de 1584, em o primeiro de Março embarcou para aquella Ilha. Passados os trabalhos da jornada, em que luzindo a sua paciencia, soube edificar ao proximo, tomou porto em S. Thomé a 21 de Julho do mesmo anno. Logo dando principio ao seu officio, começou a experimentar naquellas gentes mais nocivos effeitos no seu trato, do que os que lhe promettia o clima da abrazada Torrida Zona, que lhe era mais benigna, do que os moradores do Paiz, que obstinados recusavaõ receber ao Pastor. Intentou persuadillos com brandura, e naõ podendo vencer com a razaõ, usou das armas da Igreja, fulminando censuras contra a sua rebeldia. Era o natural pacifico, e affligia-se com o procedimento, ainda que justo, crescendo no bom Prelado a compaixaõ das miseraveis ovelhas, vendo que obstinados naõ faziaõ caso da excommunhaõ. Quiz convencer a sua rebeldia, e cheyo de zelo, à vista de muito povo, excommungou humas arvores, e copadas de ramos, que na presença de todos ficaraõ seccas, e como crestadas da geada, sentindo os effeitos perjudiciaes da censura; e para mais os convencer, usando da ceremonia da Igreja, as absolveo da excommunhaõ; e logo tornando ao que eraõ dantes, reverdeceraõ: de que confusos de taõ espantoso caso, arrependidos se sobmeteraõ à obediencia do Prelado, succedendo-lhe o mesmo, que em semelhante caso aconteceo na Provincia do Minho a S. Gonçalo de Amarante. Sobmetidos os póvos à obediencia do Bispo, começou a entender na refórma dos costumes, principalmente com os Ecclesiasticos, que sempre devem servir de exemplo aos mais, com o seu modo de vida. Depois de ter visitado, e com o exemplo, e doutrina, instruîdo aquelle rebanho, que achara indomito, e feroz, e já melhorado na fórma, como vigilante Pastor, que desejava a saude de todas as suas ovelhas, determinou passar ao Reyno de Congo. Teve aquelle Rey aviso da sua partida, e diabolicamente instigado, assentou comsigo impedirlhe a passagem do caudeloso rio Zayre, e posto em campanha, armado com gente, como se fora o inimigo, intentou impedir o passo ao pacifico Pastor, que só o buscava, para lhe ensinar o caminho de poder gozar da summa felicidade, e da mais tranquila paz. A este fim mandou hum Capellaõ, para que ao Preto

Rey informasse da sua vinda, e das causas della; mas o achou barbaramente obstinado na já tomada resoluçaõ, que he muy de barbaros o naõ ceder, nem dar por convencidos. Afflicto o Bispo daquella invencivel repugnancia, cheyo de dor, recorreo ao Ceo, e depois de orar meya hora, cheyo de Fé, se levantou animoso, e tirando do peito huma medida da Senhora da Luz, e fallando com o rio, disse: *Em Nome de Jesus, e da Santissima Virgem sua Mãy, te mando, que retrocedendo as correntes, detenhas o impulso arrebatado do teu curso.* Quando (caso maravilhoso!) à maneira do Jordaõ, obedeceo o elemento da agua ao suave imperio da sua voz, e passou a pé enxuto com os que o acompanhavaõ; e para que fosse mayor o assombro, com segunda maravilha confirmou na sua virtude o altissimo poder de Deos em seus Servos. Foy o caso, que à vista de todos pegou em huma folha de huma arvore, a que chamaõ Mangue, de improviso ficou secca, como se fora queimada. Com taõ estupendos prodigios, naõ só se abrandou o Rey, mas rendido se lançou aos pés do Santo Prelado, em demonstraçaõ de arrependido. Começou a exercitar os admiraveis impulsos da sua abrazada charidade; porque aos pobres soccorria, aos Gentios idolatras reduzia, e cathequizava, recebendo muitos pelas suas mãos o sagrado Bautismo, em que entrou o mesmo Rey, e com o seu exemplo grande parte do Reyno. Passaraõ muitos annos, em que cumprio com zelo, e vigilancia o officio de bom Pastor; mas já cansado dos trabalhos, opprimido do pezo da idade, desejava acabar a vida entre os seus, em huma cella do seu Convento, em que sem cuidados, e obrigações, vacasse a Deos, contemplando, e se preparasse para a morte; o que depois de repetidas instancias chegou a conseguir: e voltando ao Reyno se recolheo no Convento de Nossa Senhora da Luz, em que esteve algum tempo, donde foy para o insigne Convento de Thomar. Aqui seguindo a vida Religiosa, naõ fazia differença na assistencia das obrigações da Communidade de hum Chorista. Pedia aos Prelados, e mais Religiosos, o tratassem sem memoria, nem respeito da Dignidade. Neste modo permaneceo seis annos, gastados em santa Oraçaõ, e mais exercicios de virtude. Contava já cento e sete annos de idade, quando desejou acabar a vida no Convento de Nossa Senhora da Luz, de

que

que foy muy devoto, e pedindo licença ao Prelado para a mudança, se recolheo a elle, e ainda viveo tres annos; até que chegado o prazo decretado, para ir receber o premio dos seus trabalhos, depois de ter recebido os Sacramentos, cheyo de annos, e merecimentos, acabou em o osculo do Senhor.

B No Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, o Anniversario da Veneravel Matrona, e esclarecida Princeza D. Constança Sanches, filha delRey D. Sancho o I. que sendo com generosa maõ dotada de seu pay de grandes estados, e rendas, converteo os seus thesouros em beneficio dos pobres, e em obras dignas do agrado de Deos, com que fez nas Historias veneravel a sua memoria, acompanhando esta generosa virtude, de huma vida inculpavel. Nos annos mais floridos da sua idade, entre Real nascimento, e muita riqueza, soube ajuntar aborrecimento do Mundo, e verdadeiro amor do Ceo, desprezando a Real magnificencia pelos Claustros da Religiaõ, entrando no Mosteiro de S. Joaõ das Donas de Conegas de Santo Agostinho, em cuja companhia viveo com notavel exemplo, gastando grande tempo em Oraçaõ mental, de que o seu espirito mereceo conseguir Celestes favores, que fizeraõ ditoso o fim. Hum dia elevada em Deos, foy este servido recrealla com a visaõ seguinte. Apparecendo-lhe os gloriosos S. Francisco, e Santo Antonio, e confirmando-a na Fé, que adorava, lhe asseguraraõ, que a Virgem Santissima a introduziria na Gloria, como premio da especial devoçaõ, com que a venerava; e vivendo sempre em santo temor de Deos, veyo adquirir (por voz commua) reputaçaõ de Santa, a qual conservou toda a vida, até que a sua alma foy occupar no Choro das Virgens gloria permanente. Seu veneravel corpo foy enterrado na Capella de Santo Antonio, que em vida tinha mandado lavrar, e dotado de Missa quotidiana. Passados mais de duzentos annos, se trasladou da sepultura antiga, para a de seu pay, aonde se depositou com os mais irmãos, que alli jaziaõ, em destinctos lugares. Foy achado seu veneravel corpo inteiro, incorrupto, fermoso, e alvo, como de pessoa viva, confirmando o Ceo assim a gloria de sua Serva.

D. Constança Sanches.

C Em a Cidade de Angra, será sempre saudosa a memoria do Padre Thomás Arnao, da Companhia, cujo sagrado Instituto soube tambem observar, que era naõ só a edifi-

O P. Thomàs Arnao da Comp.

caçaõ

caçaõ da Cidade, mas o universal refugio de todos os miseraveis, e bem inclinados, e com singular charidade soccorria a huns, e encaminhava a outros. Nas Missoens se empregava com cuidado; na assistencia do Confessionario, e dos moribundos era incansavel; na humildade profundo; à maneira dos primitivos Padres do Collegio de Coimbra, o viaõ servir nas obras como qualquer jornaleiro, pegando na padiola, e carregando pedra, e servilmente se ocupava em todas as occasioens, como hum trabalhador. Seu vestido era pobre, e remendado, naõ usando nunca de cousa nova. O comer era parco, e mortificado, naõ usando de manjares delicados, e da sua porçaõ repartia todos os dias com licença do Prelado, com os pobres. Sendo Reytor experimentaraõ aquelles a largueza do seu animo, ou para dizer melhor da sua charidade, ordenando ao Porteiro, que naõ despedisse nenhum pobre desconsolado sem esmola. Ardeo nelle o zelo da salvaçaõ das almas, com tal excesso, que no Pulpito persuadia taõ efficazmente, que penetrava com as palavras os corações. No Confessionario encaminhava com tanta suavidade, que reduzia os penitentes à emmenda das vidas. Era taõ geral o conceito da sua virtude, que ninguem se dispunha a morrer, sem o ter por director. Nunca se poupou a trabalho algum, ou fosse nas Missoens, ou acompanhando o Bispo nas visitas, para prégar; e ainda quando parecia mais cansado, e rendido do trabalho, se alentava com o zelo do bem do proximo com nova fadiga; e assim em todas as Ilhas daquelle Bispado, era amado como Pay, respeitado como Apostolo: o que mais se deu a conhecer no tempo, que no Fayal rebentou o formidavel incendio do Monte Capello, sendo a sua presença naquelle horroroso trabalho a unica consolaçaõ dos miseraveis afflictos, ardendo no seu coraçaõ outro Vulcaõ mais vivo do amor de Deos na charidade do proximo. Acreditado finalmente com huma universal acclamaçaõ de Santo, depois de preparado, como quem naõ tivera huma vida ajustada, foy a receber o premio eterno.

Sor Maria de Jesus, Dominic.

D No Mosteiro de Monte môr o Novo de Religiosas Dominicas, acabou felizmente em paz Sor Francisca de Jesus, de tanto exemplo, que foy huma singular Mestra de Noviças, que ensinava mais com o que obrava, do que com

com o que dizia. Castigava-se com rigorosas, e asperas penitencias de jejuns, mortificações, e disciplinas. Na Oraçaõ perseverava todo o tempo, que havia de Matinas a Prima, com os joelhos nus na terra, para que sentisse o corpo mortificado, quando o espirito se recreava nas delicias da contemplaçaõ. Era tanto de seu gosto este exercicio, que ainda doente naõ podia acabar comsigo deixallo. Aconteceo hum dia ouvirem-se no lugar em que orava, vozes, e instrumentos de Musica, taõ singular, que acodiraõ as Religiosas, e acharemna taõ embebida em Celestes suavidades na Oraçaõ, que naõ dava fé de nada. Este prodigio foy apontado como pronostico do pouco, que lhe havia de durar a vida. Padecia graves enfermidades, e assim em breve tempo morreo, deixando às Religiosas vivos desejos de agradar a Deos.

E Em S. Roque, Casa Professa da Companhia de Lisboa, rendido do trabalho, acabou victima da charidade o Padre Miguel Esteves, que depois de ter servido aos feridos do mal da peste com grande amor, e zelo, sendo accommetido do mesmo mal, trocou as penalidades desta vida, para a gozar eterna, como piamente cremos de taõ excessiva charidade.

O P. Miguel Esteves, da Companhia.

F Na mesma Cidade, no Convento de S. Domingos, a deposiçaõ de Fr. Affonso de S. Mattheus, Varaõ muy espiritual, em quem resplandeceo o primitivo fervor da Santa Familia Dominicana, homem de grande oraçaõ, em que permanecia largo tempo, e de exacta observancia das Constituições da Ordem. Nunca mais comeo carne, desde que vestio o Habito, e taõ parco, que se naõ soube, que nunca comesse fóra do Refeitorio. Ao seu corpo tratou asperamente com hum cilicio, que o cingia. A sua cama era huma taboa nua, e hum cobertor de pello de cabra, sobre vil, desabrido a quem sempre dormia vestido. Era de tanta charidade, que sendo Sacristaõ do Convento, todas as suas grangearias eraõ para os pobres. Pela sua maõ repartiaõ pessoas devotas copia de dinheiro, que elle em segredo empregava entre pessoas honradas, e virtuosas. Finalmente acabou a vida, deixando de si opiniaõ de grande Servo de Deos.

Fr. Affonso de S. Mattheus, Dominico.

G Em o Real Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, o glorioso fim do observantissimo Padre Fr. Francisco da Cruz, chamado pela excellencia da sua vida por antonomasia na Ordem

Fr. Francisco da Cruz, Cisterc.

dem o *Monge*, a quem o Ceo concedeo entre outras muitas virtudes ſingular dom de lagrimas, que derramava (celebrando) em taõ grande copia, que admirava aos aſſiſtentes. Neſte incruento Sacrificio gaſtava huma hora, em que o Senhor o enchia de Celeſtes conſolações, as quaes pelo ſeu grande ſilencio nos ficaraõ occultas. A ſua vida foy a mais perfeita idéa do eſtado Religioſo, pois todas as ſuas acções eraõ o exemplar da perfeiçaõ; porque com pontual cuidado cumpria as leys da Ordem, ſem que com voluntaria advertencia quebrantaſſe o mais leve ponto, ſatisfazendo com tal exaçaõ, como ſe foſſem eſtabelecidas com preceito de peccado mortal. Viveo taõ livre da communicaçaõ das gentes, e taõ encerrado nos Clauſtros do Moſteiro, que naõ conſervou trato com ſeculares, nem menos recebeo carta de peſſoa alguma. Em vinte e dous annos, que teve de Cogula, nem faltou no Coro, nem ſahio fóra do Convento, mais que huma ſó vez obrigado da piedade, a fazer os Officios Funeraes de ſeu pay. Todo o tempo gaſtava em exercicios ſantos, permanecendo na Oraçaõ mental ſeis horas, além de outras, que gaſtava na vocal com jaculatorias ſantas. Naõ dava o relogio hora de dia, ou de noite, em que naõ levantaſſe o eſpirito a Deos com hum colloquio. Era taõ pobre, que na cella naõ poſſuîa mais que algumas poucas alfayas da Ordem. Todo o tempo, que nella ſe detinha, era lendo livros eſpirituaes, com que ſe alentava a ſeguir a vida, que principiara. Nas mortificações foy rigoroſo, domando a carne com aſperos cilicios, caſtigando-ſe com continuadas diſciplinas, ſendo muitas de ſangue. Tomava ſobre huma taboa breve ſomno, e nos ultimos annos ſó duas horas ſe ſentava em cadeira, e deſta ſorte ſugeitava o corpo ao abrazado do ſeu eſpirito. Pertendeo o demonio perturbar o ſocego da ſua alma, com tentações, e interiores batalhas, que vencia humilde com a ajuda do Senhor. Em huma occaſiaõ caminhava para o Coro a Matinas, e chegando a huma janella, e elevando-ſe na formoſura das ſcintilantes Eſtrellas, contemplando no criado a grandeza do Criador, quiz o demonio enganallo, repreſentando-lhe hum bello jardim, guarnecido de viſtoſas flores no meſmo pavimento, ſendo a altura da janella ao chaõ deſmedida, para que elle enganado, ſe encaminhaſſe ao precipicio, que na amenidade do

jardim

jardim lhe preparava a diabolica astucia; porém conhecida do Servo de Deos a maldade, fez o Santo Sinal da Cruz, e com elle se arruinou todo aquelle apparato de enganos, e foy render graças ao Senhor, que tanto o ajudava contra aquelle cruel inimigo. Toda a sua vida foy huma continuada mortificaçaõ; mas absorto nas dilicias da Gloria, desejava ver chegado o fim da vida, para a eternizar na presença de Deos, que coincidindo com os seus rogos, foy servido livrallo dos trabalhos da mortalidade. Chegada a hora da morte, recebidos com ternura, e devoçaõ os Divinos Sacramentos, abraçado com JEsus crucificado, entregou nestas palavras: *In manus tuas Domine commendo spiritum meum*, com suave suspiro a sua ditosa alma, deixando na Ordem o delicioso cheiro das suas virtudes, realçadas na involavel observancia de suas santas Constituições.

H No Convento de Aveiro dos Dominicos, o Transito do Padre Fr. Jeronymo de Padilha, Provincial da Ordem dos Prégadores, que governou com singular prudencia, paz, e tranquilidade, e igual consolaçaõ dos subditos, que o viaõ admirados correr a Provincia ao modo dos primeiros Padres, caminhando a pé, sem alforge, cappa aos hombros, bordaõ na maõ, e Breviario debaixo do braço. Era comsigo austéro, rigoroso, e brando com os mais; porém perfeito zelador da observancia. Arrancou abusos, que a relaxaçaõ introduzira, e como prégava com o exemplo, conseguio com felicidade a refórma da Provincia, para o que ElRey D. Joaõ o III. o mandou vir de Castella. Em seu tempo se adiantou a Religiaõ, naõ só no espiritual, mas no material, crescendo em numero de casas. Aceitou quatro, duas de Frades, que foraõ Amarante, e Alcaçovas, e duas de Freiras em Elvas, e Abrantes; o trabalho continuo, que tomava sem descanço, rendeo a natureza para se vencer do pezo. Visitando a Provincia, chegou a Aveiro no mayor rigor do Estîo, e accommetido de huma febre ardente o teve por correyo da morte, estando sempre tanto em si, que pouco antes de espirar notou huma Carta para ElRey, dando-lhe conta de que morria, e do estado em que deixava a Provincia, e do que convinha fazerse para o fim, que ElRey pertendia; e trocando este desterro pelas delicias da Patria Celestial, que Deos tem preparado desde o

Fr. Jeronymo de Padilha Provincial dos Dominic.

principio do Mundo para os seus escolhidos, dormio neste dia em o Senhor.

D. Mendo Bispo, Coneg. Reg.

I Em Osma, a deposiçaõ de D. Mendo Bispo, hum daquelles primeiros Fundadores do Mosteiro de Santa Cruz, que em numero de doze foraõ as pedras espirituaes, sobre que se edificou a refórma da Canonica Religiaõ Augustiniana neste Reyno, o qual por sua singular virtude, acompanhada de sciencia, sãa doutrina, e prudencia, foy tirado dos Claustros de Santa Cruz para Bispo de Osma, que governou com exemplo até morte, que naõ podia deixar de ser preciosa diante de Deos, como cremos piamente, de quem soube viver taõ exemplarmente.

Commentario ao VIII. de Agosto.

A NAsceo D. Fr. Martinho de Ulhoa na Cidade de Çamora, no Reyno de Castella a Velha, no anno de 1496. Foraõ seus pays D. Bernardo de Ulhoa Sarmento, e D. Briolanja de Castro, de geraçaõ nobre, e bem aparentados. Passou a Portugal em companhia de seu irmaõ D. Joaõ de Ulhoa Sarmento, que vindo a negocios a este Reyno, casou nelle. Fr. Martinho, movido da devoçaõ da observancia do Convento de Thomar, entrou na Religiaõ já homem avançado na idade, e tomou o Habito no anno de 1550; e depois de servir os lugares da Religiaõ, foy nomeado Bispo de Saõ Thomé, em o 1. de Março de 1577; e sendo já velho naõ recusou taõ dilatada jornada, nem taõ rigoroso clima; e passando àquella Ilha, onde com louvavel cuidado exercitou o officio de Bom Pastor, e renunciando o Bispado, lhe succedeo D. Fr. Francisco de Villa-Nova, da Provincia da Piedade, que foy o VII. Bispo, conforme as memorias dos Prelados desta Igreja, que temos ajuntado. A *Chronica da Provincia da Piedade*, pag. 613, diz, que entrara nesta Mitra seu successor D. Fr. Francisco de Villa-Nova, no anno 1590, o que naõ póde ser por a governar D. Fr. Martinho, a quem o Papa Clemente VIII. concedeo a renuncia, com condiçaõ de duzentos mil reis de congrua, que se assentaraõ no Almoxarifado de Thomar. Este Papa entrou no Pontificado no anno de 1592; com que se neste mesmo anno ainda estava em S. Thomé D. Fr. Martinho, mal podia succederlhe D. Fr. Francisco, dous annos antes de se lhe dar a renuncia, a qual naõ podia ser antes daquelle anno, e assim a pomos no de 1593, e poderá ser ainda mais adiante pelo muito que viveo, contando cento e dez annos. Foy enterrado em huma Capella, que elle tinha mandado lavrar no Convento da Luz, no caminho da Sacristia, que dotou com Missa quotidiana, e na parede da Epistola se lê o seguinte Epitafio:

Aqui está sepultado o Religiosissimo Varaõ da Ordem de Christo D. Fr. Martinho de Ulhoa, que foy Bispo de S. Thomé, Congo, e Angola juntamente, que mandou fazer esta Capella, em a qual se lhe diz Missa quotidiana. Faleceo a 8 de Agosto de 1606.

Delle faz mençaõ Fr. André de Christo na *Hist. das Ord. Milit.* m.s. e huma Relaçaõ m. s. que temos do Convento de Thomar; Fr. Antonio Correa na *Fama posthuma*, pag. 13.

B Entre os filhos, que teve ElRey D.

D. Sancho o I. em D. Maria Paes, (mulher de illustre nascimento) antes de casado, foy a Senhora D. Constança Sanches, Santa, e Religiosa Princeza, que faleceo neste dia, no anno de 1269, sendo a ultima de seus irmãos, que passou desta vida, ajudando com a sua virtude a feliz memoria daquelle Monarca, de quem quasi todas as filhas acabaraõ com fama de Santas, e duas veneramos já no Altar, por declaraçaõ da Igreja Catholica.

Do Mosteiro de S. Joaõ das Donas, que Professaraõ o Instituto de Santo Agostinho, se faz mençaõ no Commentario do dia 5 de Fevereiro, letra D, Tomo I. Nelle entrou esta Princeza, conforme as Memorias do Convento de Santa Cruz, no anno de 1224, sendo Prior D. Joaõ Cezar, tendo cumprido vinte annos de idade. Saõ muy curtas as noticias, que temos suas, pois todas se reduzem sómente a appellidarem pia, virtuosa, e Santa. Fez o seu testamento em Coimbra, a 14 de Julho do anno de 1269, e nelle mandou acabar o Convento dos Menores de Coimbra: todo he cheyo de piedade, e de grandes legados às Religiões *in perpetuum*, principalmente à de Santa Cruz, e se póde ver na IV. Parte da *Monarch. Lusit.* de Brandaõ, liv. 15. cap. 35. Mandou-se enterrar, como temos dito, na sua Capella de Santo Antonio, com quem teve trato em vida, no tempo que fora das Donas de Santa Cruz. Na sepultura, em que entaõ foy enterrada, se mandaraõ esculpir os Versos seguintes.

Constans Sponsa Dei jacet hîc Constancia dicta,
Quæ spe non ficta firmiter hæsit ei.
Sancius hanc genuit primus, Rex Portugalensis
Laudibus immensis, Regia Virgo aluit.
Mundum vitavit ob veræ gaudia lucis,
Et se claustravit hujus in æde Crucis.
Divitiis tandem multis ditavit eandem,
Quod magis excedit se sibi morte dedit.
Antonio socio Sanctus Franciscus eidem
Confirmat fidem sic ait ore pio:
Te, scito, ne paveas, sedes Regina Polorum.
Ducet in æthereas, Virginumque Chorum.

Fazem della mençaõ o livro dos Obitos de Santa Cruz, com estas palavras: *Sexto Idus Augusti obiit Donna Constancia Sancii incliti D. Sancii illustris Regis Portugalliæ filia. Æra MCCC.VII.* Brandaõ no lugar acima citado; Faria *Europ. Portug.* tom. 2. part. 1. cap. 6; D. Nicolao de Santa Maria na *Chronica dos Coneg. Reg.* part. 2. liv. 12. cap. 7; D. Marcos da Cruz no *Catalogo dos Priores de S. Vicente* m. s. p. 1; Gabriel Penoto no liv. 2. da sua Historia, cap. 31. num. 6; Vasconcellos *in Anaceph.* pag. 44; Fr. Luiz dos Anjos no *Jardim de Portug.* pag. 170; D. Fernaõ Correa, Bispo do Porto, na *Vida de Santa Isabel*, pag. 135; Maugin no *Compendio de Portug.* cap. 3. pag. 72; Neufville *Histoire General d' Portug.* tom. 1. liv. 1. pag. 163; *Hist. Geneal. da Casa Real Portug.* liv. 1. pag. 92. do tom. 1.

C A Ilha Terceira, huma das nove dos Açores, bem conhecida nas Cartas Hydograficas, como ponto da navegaçaõ dos mareantes, naõ sendo das primeiras, que descobrio a fortuna do Infante D. Henrique, cresceo depois tanto em trato, e riqueza, que veyo a ser cabeça de todas as outras, de que fez primeiro Capitaõ Donatario a Jacome de Burges, Flamengo, no anno de 1450. Conservou-se o Lugar com o privilegio de Villa, chamado Angra, até que ElRey D. Joaõ o III. lhe deu o foral de Cidade, a 22 de Agosto de 1533. No anno seguinte foy creada em Bispado, à instancia do mesmo Rey, pelo Papa Paulo III. de que foy o I. Bispo D. Agostinho Ribeiro, de que se faz honorifica mençaõ no II. Tomo do Agiologio no dia 27 de Março. Nesta Cidade tem a Companhia hum Collegio, que foy a segunda Casa de Religiosos, que nella se edificou, sendo a primeira dos Religiosos de S. Francisco, e a terceira dos Eremitas de Santo Agostinho, que saõ as Religioens, que ha nesta Cidade. Edificouse o Collegio à despeza delRey D. Sebastiaõ, no anno de 1569, sendo Provincial da Companhia o Padre Leaõ Henriques,

riques, e ficou conservando o Orago da Senhora das Neves, que tinha já a Igreja. Foy mandado para o Collegio de Angra o Padre Thomás Arnao, onde viveo com grande exemplo mais de quarenta annos. Era natural de Miranda do Corvo, Provincia da Beira, no Bispado de Coimbra. Foraõ seus pays Antonio Arnao, e Maria Neta, que o criou, e a seu irmaõ, com grande cuidado na honra, e serviço de Deos. Foy de taõ exemplar vida, como temos mostrado no Texto, muy retirado do commercio das gentes, e só prompto para o bem das almas, de que teve muito zelo, sem que o rigor do tempo o detivesse, e sem que a velhice o embaraçasse para se livrar do trabalho. Nas Ilhas foy respeitado em vida, das gentes como Santo; na morte, que foy neste dia, do anno de 1713, acclamado segundo Xavier, e por homem mandado por Deos. Com estes, e semelhantes elogios explicavaõ a sua devoçaõ, retalhando a Roupeta, para terem Reliquias suas, manifestavaõ a fé, com que esperavaõ lograr depois da morte a sua intercessão, assim como na vida experimentaraõ o seu zelo. O referido devemos ao Padre Antonio Franco nas *Adições ao Noviciado de Evora*, Tom. II. e no *Anno Santo da Companhia em Portugal*, neste dia.

D Faleceo em o Mosteiro de Monte môr o Novo Sor Francisca de Jesus, pelos annos de 1525, neste dia, como affirma Lima no *Agiologio Dominico*, e della faz mençaõ tambem Sousa na Historia desta Provincia, part. 2. liv. 6. cap. 20.

E Em o anno de 1569, naquella grande peste, tantas vezes repetida no discurso desta obra, que padeceo a grande Lisboa, acabou o Padre Miguel Esteves, de quem se lembra entre os Religiosos de virtude o *Menelogio da Companhia* m. s. neste dia; e Franco no *Anno Santo da Companhia em Portugal.*

F Vinte e oito annos successivos perseverou Fr. Affonso de S. Mattheus, no officio de Sacristaõ môr do Convento de S. Domingos, taõ retirado do commercio das gentes, que se affirma delle naõ tivera amisade particular com pessoa alguma, havendo muitas, que o desejavaõ. A Rainha D. Catharina, sabendo a sua vida o desejou tratar; mas elle soube furtar o corpo a esta honra; de sorte, que nunca entrou no Paço. Quando morreo se lhe naõ acharaõ mais alfayas, que varias sortes de cilicios, e disciplinas bem cortidas do uso, e em huma fronha de travisseiro retalhos de varias sedas, e meadas de retroz de todas as cores, que serviaõ para concertar as vestimentas, e frontaes, que elle pela sua maõ cosia, nas horas ociosas, que tinha na cella. Faleceo neste dia, do anno de 1569, como escreve Sousa na *Historia de S. Domingos desta Provincia*, part. 1. liv. 3. cap. 29.

G Achamos illustre mençaõ de Fr. Francisco da Cruz, natural da Villa de Monte môr o Velho. Do livro das Entradas, e Profissoens de Alcobaça, consta ser filho de Jeronymo Francisco, e Catharina Marquez, e que entrando de 27 annos, no de 1619, professára no seguinte, a 21 de Outubro, naquelle insigne Mosteiro. Sendo menino foy Musico da Serenissima Casa de Bragança, e depois entrando na Religiaõ de exemplar vida, e costumes, taõ humilde, que mandando-o o Prelado tomar Ordens de Missa, e fazendo reflexaõ do alto gráo da Dignidade Sacerdotal, se achava taõ indigno, que dizia necessitava de outra consciencia mais pura que a sua, e assim recusava o tomar as Ordens. Exercitou-se toda a vida na mayor perfeiçaõ, até que no anno de 1641, faleceo neste dia. Está enterrado naquelle Mosteiro, adonde se lê na campa da sua sepultura este Letreiro:

Aqui jaz o P. Fr. Francisco da Cruz o Monge, Religioso exemplar.

Neste breve elogio deixaraõ signalado o lugar, em que descansaõ seus ossos, merecendo àquelles Religiosos Padres a sua virtude mais distincta memoria. Tudo o referido consta do livro 2. dos Obitos de Alcobaça, num. 231, cuja copia nos mandou o Reverendissimo Doutor Fr. Bernardo Telles, Professo daquelle Mosteiro, illustre por sangue, erudito, e Religioso, que sendo Lente da Universidade de Coimbra, acabou moço, deixando saudosa memoria, merecida das suas virtudes, e letras; e razaõ he que em nossos escritos eternisemos com esta curta memoria, o que devemos a seu favor,

vor, e amisade, em quanto diffusamente o naõ engrandece nos Annaes Cistercienses a penna de seu Chronista na *Alcobaça Illustrada.*

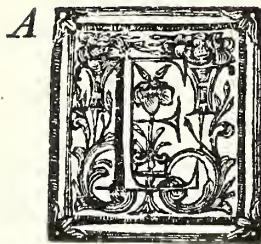
H Tinha ElRey D. Joaõ o III. faculdade do Geral da Ordem dos Prégadores, para trazer para Portugal os Religiosos, que lhes parecesse das Provincias de Castella, e Andaluzia, com todos os poderes necessarios, em ordem à reformaçaõ que intentava, reduzindo todas as Religioens deste Reyno ao seu antigo estado. Foy escolhido o Mestre Fr. Jeronymo de Padilha, para a Dominica, em que a virtude, e Religiaõ ficaõ bem conhecidas, com sabermos o nomeou ElRey, entre tantos Religiosos exemplares das Provincias de Hespanha. Nasceo de pays illustres, ainda que naõ sabemos de que ramo da Casa de Padilhas, por haver naquelle Reyno diversas deste appellido, como a dos Condes de Mejorada, os Condes de Santa Gadea Adiantados de Castella, de que fazem mençaõ os Nobiliarios Castelhanos; porém de ordinario faltaõ, os que seguiraõ a vida Religiosa, descuido de que já nos temos lamentado fallando dos nossos: mas em toda a parte sem remedio. Tomou o Habito no Convento de S. Ginz de Talavera. No anno de 1538, a 25 de Janeiro entrou pelo de S. Domingos de Lisboa, acompanhado de Fr. Mattheus de Ogeda, com poderes de Geral, e titulo de seu Vigario nos Conventos de Portugal, e Visitador, e Reformador delles. Naõ houve duvida naquelles Padres em lhe obedecerem, e logo deu a conhecer a prudencia, e bom termo para com todos. Chegou-se o tempo do Capitulo, e sendo eleito Provincial, e o Visitador Prior de Lisboa; porém como ElRey queria na Provincia huma só cabeça, fez que se absolvesse Fr. Mendo, e foy eleito o Mestre Fr. Jeronymo de Padilha, que morreo neste dia, no anno de 1544, como escreve o Padre Fr. Luiz de Sousa nas *Chronicas da Ord.* part. 2. liv. 3. cap. 11.

I Era taõ gloriosa a fama da Canonica Ordem em Portugal, que naõ só as Igrejas, e Mosteiros do nosso Reyno, elegiaõ por seus Prelados, Conegos de Santa Cruz de Coimbra, para com elles se reformarem, de que temos nesta Obra muitos exemplos, mas ainda dos Reynos de Castella, e Galliza. No anno de 1139, governando a Cadeira de S. Pedro Innocencio II. Romano de nascimento, foy assumpto à Igreja de Osma D. Mendo, Conego de Santa Cruz, que governou prudente, e santamente.

Fica a Cidade de Osma em o Reyno de Castella a Velha, situada junto ao rio Douro, mais de dez legoas ao Norte de Siguença. Foy fundada segundo se escreve por Arevacos, e Celtas, e na antiga Geografia he nomeada por *Uxama.* Della se lembra Ptolomeo, Floro, Grutero, que refere Cellario na sua Geografia antiga, tom. 1. liv. 2. cap. 1. pag. 75. Hoje he conhecida pelo Burgo de Osma, onde assiste o Bispo, e a gente principal, naõ se extinguindo o lugar antigo, que permanece povoado, ainda que de muy pouca gente, em curta distancia do Burgo, atravessando o rio por huma ponte. Faleceo D. Mendo neste dia, do anno de 1152, como consta do livro dos Obitos de Santa Cruz, nesta breve lembrança: *Sexto Idus Augusti obiit Magister Domnus Menendus Episcopus Oxomiensis Canonicus Sanctæ Crucis Æra 1190.* Delle faz mençaõ a *Chron. dos Coneg. Reg.* part. 2. liv. 7. cap. 4, e liv. 11. cap. 28.

AGOS-

AGOSTO IX.

D. Gaspar do Casal, Erem. Bispo, e Confessor.

A M a Cathedral de Coimbra, o Anniversario de seu esclarecido Prelado em virtude, e letras, D. Fr. Gaspar do Casal, gloria de Santarem sua patria, e da Eremitica Familia Augustiniana, de que foy filho, resplandecente luz, que illustrou com doutrina, e costumes, deixando de suas virtuosas obras, e grandes estudos, huma estimada memoria. Ao nono anno depois da sua profissaõ, foy laureado na Sagrada Theologia, e mandado pela obediencia a seguir a Universidade, que entaõ florecia em Lisboa, e pouco depois transferida a Coimbra, foy dos primeiros Mestres desta insigne Universidade, suas lições eraõ ouvidas com igual attençaõ que applauso. Assim se dilatava a fama da sua literatura, ornada de huma exemplar vida, que fazia mais veneravel da sua pessoa. ElRey D. Joaõ o III. o chamou à Corte sómente para o honrar, e se servir do seu talento: nomeou-o seu Prégador, Conselheiro, e director da sua consciencia, e do Principe seu filho, empregos que cumprio com tal satisfaçaõ, que o mandou ao Concilio de Trento, governando a Igreja o Papa Julio III. Depois foy eleito Bispo do Funchal no anno de 1551, e foy o terceiro Prelado desta Diocesi, que governou por seu Vigario Geral, por o ter occupado ElRey no seu serviço na Mesa da Consciencia, e Ordens, de que foy o primeiro Presidente. No anno de 1556, foy promovido à Igreja de Leiria. Com esta Dignidade se achou segunda vez no Concilio Tridentino, quando já tinha a Cadeira de S. Pedro o Papa Pio IV. Aqui conseguio huma especial attençaõ de todo aquelle gravissimo congresso, tanto pela sua exemplar vida, como pelas suas grandes letras. Delle faz honorifica mençaõ a Historia deste Concilio. Restituido ao Reyno, foy transferido para a Cadeira Episcopal de Coimbra, que administrou com zelo, prudencia, e inteireza, que já tinha mostrado, sendo vigilantissimo Prelado, liberal, e pio com os pobres. Era continuo na Oraçaõ, que seguia com tanto fervor, que ficava arrebatado muitas vezes, e alienado dos sentidos, aos olhos dos que o viaõ; mas para com Deos muy presente.

Os

Os Governadores do Reyno de Portugal, por morte do Cardeal Rey o mandaraõ por Embaixador a Castella, com o Monteiro môr Manoel de Mello, e entre lugares taõ grandes, que occupou, se naõ esqueceo nunca de que era Religioso, abatendo com escrupulosa memoria a vaidade do Mundo. Finalmente, cheyo de annos, e merecimentos, lhe sobreveyo a ultima enfermidade, em que todo resignado mostrava a sua virtude. Mandado desenganar pelos Medicos, de ser chegado o ultimo prazo da vida, respondeo com alegre semblante aquellas palavras do Psalmo: *Lætatus sum in his, quæ dicta sunt mihi: in domum Domini ibimus*; e assim acabou gloriosamente em o Senhor.

Irm. Rodrigo de Menezes da Comp.

B No Collegio de Santo Antaõ de Lisboa, acabou com preciosa morte o Irmaõ Rodrigo de Menezes, a quem a natureza deu illustre nascimento, e elle soube fazer mayor na memoria das gentes, pois com louvavel resoluçaõ deixou a grandeza da Casa de seus pays, por ser pobre, e humilde, tomando a Roupeta da Companhia. Mandaraõ-no estudar à Universidade de Coimbra, por serem as letras os morgados dos filhos segundos, e em pessoas de tamanha cathegoria costumaõ avultar de sorte, que em breve tempo logaõ o fruto do seu trabalho, e ainda tal vez conseguem os lugares, e Dignidades sem elle. Sentiraõ seus pays a resoluçaõ, e intentaraõ impedilla por todo o caminho; porém naõ houve persuaçaõ, que o seu espirito constante naõ vencesse; porque animado da Divina Graça, resistio às batarias de seu irmaõ, aos rogos de sua mãy, e finalmente ao respeito de seu pay; porque tudo renunciou pelo conselho do Evangelho, que seguio com singular pontualidade, tendo huma negaçaõ da propria vontade, e huma prompta obediencia aos Prelados. Em seu coraçaõ residia a humildade, de que nascia offerecer a Deos agradaveis sacrificios, que eraõ recompensados com a superabundancia da graça, sem a qual todas as obras saõ de nenhum valor. Foy elle dos primeiros, que na Companhia, seguindo o estylo dos Padres do Ermo, alcançou licença do Veneravel Padre Simaõ, para alternadamente às semanas dar obediencia a outros Companheiros, que tivessem authoridade para advertir, e mortificar; a que o fervoroso mancebo obedecia sem repugnancia. Quiz o Padre Mestre Simaõ provar o seu espirito,

rito, como já fizera S. Paulo Abbade, no deserto de Scitia com hum Monge, e ordenou ao Companheiro, que obedecia naquella semana ao Irmaõ Rodrigo, que em publico, quando o reprehendesse, lhe desse huma bofetada. Estavaõ juntos todos os Irmãos: mandou Rodrigo ao Companheiro, que beijasse o chaõ: este lhe respondeo com huma bofetada; sendo esta acçaõ taõ custosa de sofrer, assim de quem a executava, como de quem a recebia: Rodrigo a tolerou com tal mansidaõ de animo, que deu huma certa prova, de que nelle viviaõ, naõ só opprimidas, mas mortificadas as paixoens da natureza. Neste perfeito modo de vida perseverou, até que vindo a Lisboa a tomar Ordens, conheceo ser o correyo da morte hum accidente de crueis dores, e chamando a seu amado Mestre, depois de confortado com o Divino Viatico, e recebida a sua bençaõ, se foy a gozar da Gloria, enchendo em cinco annos de Companhia hum grande numero de virtudes, pelas quaes mereceo lograr por pouco tempo de vida huma eternidade sem fim.

Sor Maria da Assumpçaõ, e Sor Paula de Jesus, Carm.

C Em a Cidade de Lagos, no Mosteiro da Conceiçaõ, no Reyno do Algarve, faleceraõ com evidentes sinaes de Prestinadas, Sor Maria da Assumpçaõ, e Sor Paula de Jesus, conservando-se toda a vida com maravilhosa observancia das Constituições da Ordem, e preceitos da Ley Divina. Foy o mal, de que acabaraõ, huma tysica, que padeceraõ muitos annos, com admiravel paciencia, tolerando os achaques como castigo das culpas, e assim naõ deixaraõ nunca o familiar trato com Deos. Criaraõ-se juntas, e desde entaõ seguindo a vida espiritual, eraõ Companheiras nas penitencias, e nos mais exercicios de mortificações, e devoçaõ. Foraõ estas duas Religiosas muy semelhantes na vida, e na morte, que lhe deu o Senhor com huma notavel suavidade.

Fr. Francisco de Eça, Cisterc.

D No Sumptuoso Mosteiro de Alcobaça, o felice obito do Padre Fr. Francisco de Eça, cuja vida era taõ ajustada com as leys da Religiaõ, que naõ podia deixar de se lhe seguir huma morte de Predestinado. Andava com boa disposiçaõ, e sem achaque algum, quando hum dia a toda a pressa pedio o Sacramento da Unçaõ. Causou espanto aquella naõ esperada novidade nos Religiosos; porém como os costumes faziaõ acreditada a pessoa, lhe administraraõ os Sacramentos, e acabado de

de o ungirem, pagou o tributo universal à morte, deixando com credito de virtuoso a vida temporal pela eterna.

Commentario ao IX. de Agosto.

NO anno de 1584, morreo D. Fr. Gaspar do Casal, Bispo de Coimbra, segundo as nossas Memorias das Dignidades Ecclesiasticas deste Reyno: foy o XLV. que occupou aquella Cadeira, depois de restaurada a Cidade do jugo Agareno: nella foy sepultado em o Collegio, que a sua Ordem tem naquella Universidade, com huma pedra, que continha a Inscripção seguinte:

Hic jacet bonæ memoriæ Pater Pauperum D. Fr. Gaspar Casalius Augustinianus sanctimonia & octo doctissimorum librorũ edictione conspicuus quidam ex primis hujus Academiæ Lectoribus. Primus Presidens Senatus Conscientiæ, Joannis III. Lusitaniæ Regis Confessarius, Consiliarius, & Concionator. Archiepiscopus primò Funchalensis aeinde Episc. Leiriensis (quo tempore bis interfuit Conc. Trident.) tandem Episcopus Conimbricensis & Comes Arganilensis.

Este Epitafio devia ser posto muito tempo depois da morte do Bispo, ou como nos persuadimos, ao tempo que foy trasladado para o Convento de Leiria, a 15 de Mayo de 1596, como se refere no Agiologio, pois lhe chama Arcebispo do Funchal, erro em que tambem cahio Fr. Antonio da Purificação, no livro de *Viris Illustribus*, onde tratando do Bispo D. Fr. Gaspar, no cap. 23. pag. 29, diz estas palavras: *Ac simul Funchalensem Archiepiscopum nominavit an. Salut. 1551, Archiepiscopum dico, quia tunc ibi erat Metropolitana Ultramarinarum Regni ditionum Sedes: quæ postea translata est Goam in Oriente.* Na Sé do Funchal naõ houve a Dignidade Archiepiscopal, senaõ sómente na pessoa de D. Martinho de Portugal, que foy o segundo Prelado daquella Igreja, a quem succedeo o Bispo D. Fr. Gaspar, reduzindo-se outra vez a Bispado, pela impossibilidade, que se considerou, em se poder recorrer àquella Metropoli, de taõ distantes partes, e ficou sómente com a jurisdiçaõ de Porto Santo, e Castello de Arguim, e sugeita ao Metropolitano de Lisboa; mas sempre conservou algumas regalias de Arcebispado, como saõ seis maças, e outras cousas semelhantes. Naõ passou nunca à Ilha D. Fr. Gaspar, e a governou por seu Provisor, e Vigario Geral Antonio da Costa, Deaõ que tinha sido de Angra, e depois da Sé do Funchal. No mesmo Epitafio se lê, que sendo Bispo de Leiria, fora duas vezes ao Concilio de Trento, o que naõ póde ser; porque a primeira vez, que foy a elle, era em o Pontificado de Julio III. e entendemos naõ ser ainda Bispo, e que fora como Theologo; porque no tempo, que teve a Dignidade da Prelasia do Funchal, esteve occupado em Presidente do Tribunal da Mesa da Consciencia; e conforme algumas memorias, que temos daquella Igreja, dignas de credito, que nos communicaraõ o muy erudito, e Illustrissimo Bispo D. Joseph de Sousa de Castellobranco, seu Prelado, e Henrique Henriques de Noronha, Fidalgo nascido naquella Ilha, versado na Historia, e grande curioso, e indagador dos Cartorios da sua Patria, o poem no anno de 1552, hum anno depois, que Fr. Antonio da Purificaçaõ, no livro já allegado. Naõ foy ao Concilio depois de ser Bispo de Leiria mais, que huma vez; porque neste Bispado entrou no anno de 1556, por Bulla do Papa Paulo IV. que se conserva na Torre do Tombo, no maço 17 dos Breves, que ordenou, sendo

do Guarda mór Luiz de Couto Felix, e entaõ tirámos huma memoria, que temos das Bullas, que tocaõ aos Bispos. Com a Dignidade de Bispo de Leiria o achamos nomeado na Historia do Concilio de Trento, de Fr. Paulo Sarle, Theologo da Republica de Veneza, que faz delle honorifica mençaõ no anno de 1562, no liv. 6. pag. 543, impresso em Amsterdaõ, no anno de 1683, traduzido de Italiano em Francez, pelo Senhor de La Mothe Josseval, Secretario da Embaixada de França a Veneza, nome supposto; porque seu Author foy Monsieur Ameloto della Hausage, que com reflexoens politicas o imprimio em Pariz, inda que diga Amsterdaõ. Com esta mesma Prelasia o nomea o Catalogo das pessoas, que assistiraõ ao Concilio, e anda no fim das Sessões, que se imprimiraõ: nem faça duvida dizer no titulo dos Prelados de Julio III. porque como neste Ponficado foy Sagrado, precediaõ pela antiguidade da Sagraçaõ, e naõ das Igrejas, que administravaõ, o que foy determinado por evitar contendas. Fundou em Leiria o Convento de Religiosos da sua Ordem, para onde o trasladaraõ. Tambem he obra sua a magnifica Sé daquella Cidade, como testefica a Inscripçaõ, que tem na fachada da porta principal, e he a seguinte:

Gaspar Leiriensis Episcopus Vir literis pietate & munificentia antiquis Patribus persimilis Ecclesiam Dei gubernante Paulo IV. Lusitanorum Rege Joanne III. an. A Partu Virg. M.DLIX ter id Augusti Templi Maximi Fundamentum primum fecit ac propriis sumptibus auxit.

Depois de promovido à Igreja de Coimbra, foy Embaixador a Castella, como temos dito, e se achou nas Cortes de Thomar, no anno de 1580, como consta do auto, que se imprimio no anno de 1584, e com lugares taõ grandes acabou com opiniaõ de Santo. Dos seus estudos deixou gloriosa memoria nas Obras, que imprimio, que foraõ mais Tomos do que refere o seu Epitafio.

Escreveo antes de ser Bispo os *Predicamentos, e Topicos de Aristoteles*, que se imprimiraõ em Veneza.

De Sacrificio Missæ, & Sacrosanctæ Eucharistiæ celebratione, em tres livros, impressos em Veneza, no anno 1563, e em Antuerpia no de 1566, em quarto.

De Cœna, & Calice Domini, dedicado ao Papa Pio IV. em tres livros, impresso em Vineza, anno de 1563, em quarto.

De Usu Calicis, em tres livros.

Axiomatum Christianorum, em tres livros: *Adversus hæreticos antiquos, & modernos*, impresso em Coimbra, anno 1550, em quarto, escrito antes de ser Bispo, e depois se reimprimio em Veneza, anno 1563, e em Leaõ no de 1599, em quarto.

Onze livros divididos em quatro Tomos grandes, com este titulo: *De Quadripartita Justitia*: nelles se descute a nossa Santa Fé, com as sentenças de justificaçaõ dos Theologos, até o seu tempo com grande ordem, e erudiçaõ, mostrando os erros dos Hereges, impresso em Veneza, no anno 1563, e depois em Antuerpia, e outras partes, em folha.

Hum livro de *Beatæ Virgine*, ou *de ejus Virginitate*, para alcançar della favor sendo tentado da castidade: naõ consta se se imprimio.

Delle fazem mençaõ D. Nicolao Antonio na *Bibliotheca Hispana*, com gloriosa memoria; Joaõ Franco Barreto na Portugueza m. s. Fr. Antonio da Purificaçaõ, além dos lugares apontados nas *Chron. da Ord.* part. 2. liv. 7. tr. 1. §. 3, e no liv. 5. tr. 3. §. 23; Thomás Pamphilo, Bispo Signino na *Chron. da Ord.* Rom. Cent. 12; Thomás Graciano na sua *Anastasi Augustiniana*; o *Catalogo de Moguncia*; Pedro Alvares Nogueira *Historia Ecclesiastica de Coimbra* m. s. Faria *Europ. Portug.* tom. 3. part. 1. cap. 3. pag. 63, e pag. 220; Filippe Elssio *Encomiasticon Augustiniano*; Fr. Luiz de Sousa na *Vida do Veneravel D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*; Jeronymo Magio no *Prefacio a Diogo de Paiva de Andrade*, Tom. I.

B Estudava em Coimbra D. Rodrigo de Menezes, quando fundando-se o Collegio da Companhia, movido de seu sagrado Instituto, que havia pouco principiara

cipiara no Mundo, se resolveo a abraçallo, e o Veneravel D. Gonçalo da Sylveira, seu Companheiro, e amigo, de que a 16 de Março faz mençaõ o Agiologio. Era D. Rodrigo filho de D. Henrique de Menezes, Commendador da Azinhaga, e da Idanha a Velha, Capitaõ de Tanger, e Governador da Casa do Civel, Fidalgo em quem as virtudes de Cavalhero, e partes pessoaes naõ eraõ inferiores à grandeza de seu illustre nascimento. Teve grande applicaçaõ, às sciencias, e à liçaõ da Historia. Estudou Direito Civil, e mostrou, que sabia tanto usar delle na occasiaõ, como em Africa combatendo os inimigos. Succedeo, que seu irmaõ D. Duarte de Menezes, Senhor da Casa de Tarouca, que foy V. Governador da India, onde com diversa fortuna, vindo ao Reyno foy prezo; havia entre os irmãos alguma differença, pela qual separados da communicaçaõ estava suspenso o trato. Havia de tratarse da sua causa, estando ElRey D. Joaõ o III. no anno de 1532 em Setuval, e na sua presença, diante dos Desembargadores, fez D. Henrique huma Oraçaõ, ou Arresoado, com tanta erudiçaõ, e engenho, mostrou a justiça da causa de seu irmaõ, que por ella mandou ElRey soltar D. Duarte; e he de advertir, que tendo tratado este negocio, mais pela razaõ do que pelo parentesco, o provou na demonstraçaõ; porque ficou conservando a mesma differença. Casou com D. Brites de Vilhena, filha de Ruy Barreto, Alcaide mór de Faro, prima com irmãa de D. Leonor de Castro, mulher de D. Francisco de Borja, Marquez de Lombay, que depois sendo Religioso da Companhia veyo a ser S. Francisco de Borja. Sentio D. Henrique, que seu filho deixando a sua Casa, e as esperanças, que a sua qualidade lhe seguravaõ, sem licença sua se aggregasse a huma Religiaõ, que se começava a estabelecer, e ainda naõ era conhecida no Mundo. A este fim determinou ir a Coimbra; porém, ou por causa das occupações da Corte, ou por naõ experimentar a repulsa em D. Rodrigo, mandou a seu filho primogenito D. Joaõ Tello de Menezes, cuja grande capacidade mostrou depois nos lugares, que occupou sendo Embaixador em Roma, (onde já seu pay tinha occupado o mesmo caracter, a tratar da erecçaõ da Inquisiçaõ neste Reyno.) Foy segundo Presidente do Paço, Senhor de Aveiras, e mais Casa de seu pay, e ultimamente hum dos cinco Governadores do Reyno, nomeados pelo Cardeal Rey, de taõ admiravel inteireza, que será sempre famosa a sua resoluçaõ, e desapego; pois quando se achava o Reyno vacilante, e timido do poder de Castella, foy para elle mais forçosa a justiça, do que o interesse. Procurou D. Joaõ a seu irmaõ, e fallandolhe usou de todas aquellas razões, de que podia fazer trocedor ao seu animo, lembrava-lhe os interesses, que podia ter seguindo a vida, que escolhera, e se della naõ estava contente, mudasse logo à das armas, em que tinha exemplo em seu pay, e avó D. Joaõ de Menezes, I. Conde de Tarouca, e tantos ascendentes illustres do appellido de Menezes, que na paz, e na guerra, tinhaõ alcançado glorioso nome, o desprazer, que com o seu estado dava a tantos parentes grandes por nascimento, e estimados por lugares. Finalmente, à indignaçaõ do pay, que poderia tomar huma resoluçaõ violenta, vendo, que naõ lhe obedecia, de que nem o amor de irmaõ, nem os rogos da mãy o livrassem; mas o constante mancebo immovel a todos os combates presistia na sua vocaçaõ, e com razões solidas, fundadas no Evangelho infallivel o despedio descontente. Varios rebates semelhantes intentaraõ vencer a constancia de D. Rodrigo, que generosamente desprezou. Sua mãy lhe escreveo huma carta, a que elle respondeo, e anda impressa na I. Parte da *Chronica da Companhia*, em que este virtuoso mancebo colheo em poucos annos copiosos frutos de santidade. Faleceo neste dia do anno de 1548, ainda que Nadasi o poem a 11 de Fevereiro, onde faz honorifica memoria sua, e Telles na I. Parte das *Chronicas desta Provincia*, cap. 20; e o *Menelogio da Companhia* m. s. Franco no *Anno Santo da Companhia em Portugal*, neste dia.

C Foraõ estas duas Religiosas naturaes do Reyno do Algarve, Sor Maria da Assumpçaõ da Cidade de Loulé, e Sor Paula de Jesus de Villa-Nova de Portimaõ. Professaraõ a vida Religiosa no Mosteiro das Carmelitas de Lagos, e morreraõ no anno de 1678, como consta das Memorias, que temos deste Convento.

Qqq ii O que

D O que referimos de Fr. Francisco de Eça, natural da Cidade de Lisboa, Monge de S. Bernardo, que faleceo no anno de 1618, consta do livro dos Obitos daquelle Real Mosteiro, n. 73. pag. 466.

AGOSTO X.

B. Amadeo, Francisc. *A*

M Milaõ, a veneravel memoria do Beato Amadeo, aquelle glorioso mancebo, que nascendo illustre ramo da sempre esclarecida Familia de Sylvas, soube na mais florente estaçaõ da sua idade domar os brios da natureza, sacrificando as esperanças do Mundo, pelas delicias do Ceo, voltando em soberana conversaõ os delirios da mocidade, para ser huma perfeita idéa de toda a Nobreza Lusitana, mostrando-lhe, que a Divina Graça acode sempre, a purificar as mais desconcertadas paixões da inclinaçaõ humana, a quem despido do Mundo quer abraçar as inspirações do Ceo: com ellas resplandeceo de sorte, que he huma das claras luzes da Igreja Militante, honra da sua illustre estirpe, e gloria de toda a Naçaõ Portugueza. Nasceo na Cidade de Ceuta em Africa, no anno de 1431, em tempo que seu pay governava aquella Praça, em ausencia de seu cunhado D. Duarte de Menezes. Em o seu nascimento mostrou o mysterioso modo do seu nome, no especial favor do Altissimo. Assentou sua mãy de lhe pôr o nome do primeiro pobre, que depois de nascido chegasse a sua casa a pedir esmola; tinhaõ passados alguns dias, e já sua mãy sentia, sendo taõ frequentes, naõ apparecesse hum No setimo dia pela tarde, chegou hum, e perguntado pelo seu nome respondeo, que fosse Joaõ; e quando voltaraõ com a esmola, já se naõ achou o pobre, nem toda a diligencia pode descobrir na Praça algum, que tivesse os sinaes, que a criada referia. Este successo se teve entaõ por mysterioso, e assim o referia elle a seus Companheiros em Italia. Era taõ debil, que até os nove annos, naõ usou outro alimento mais, que leite, e começando a tomar forças, ficou taõ robusto, que seguindo o exercicio das armas, militou em a sua Patria contra os Infieis, e naõ falta quem affirme, que contra os Mouros de Granada, de que sahio ferido, e com perigo em hum recontro. Cumprindo dezoito annos, lhe qui-

quizeraõ ſeus pays dar eſtado, caſando-o à ſua ſatisfaçaõ, mas elle o recuſou. Paſſou à Cidade de Lisboa, a ſervir na Corte dos Monarcas Portuguezes, Joaõ de Menezes da Sylva, que eſte foy no ſeculo o ſeu nome. Havia no Paço entre as filhas delRey D. Duarte, a Infante D. Leonor, quaſi da ſua meſma idade, a quem a natureza dotou de ſingular fermoſura. Enamorou-ſe da Infante; porém com tal cuidado, que vencia o entendimento a paixaõ, ſendo ſómente o ſeu peito fiel ſecretario deſta louca imaginaçaõ: diſſimulava a ſua amoroſa pena, ſem que ſe conheceſſem as chammas do fogo, em que ardia: amava-a com ſegredo, naõ ſendo mais, que veneraçaõ o ſeu amor, eſte lhe fez reſpeitoſamente lavrar huma medalha, que trazia comſigo, de que era a empreza hum altar com eſta letra: *Ignoto Deo*, explicando engenhoſa, e diſcretamente, que a Deidade, que idolatrava, naõ podia darſe a conhecer. Quando mais elevado das ſuas ſuaves imaginações, ſe achava na mayor felicidade Joaõ de Menezes da Sylva, ſe contratou o caſamento da Infante, com o Emperador de Alemanha Federico III. de Auſtria. Partio a Infante para Italia a effeituar as vodas, e ſendo recebida em a Cidade de Sena, ſe Coroaraõ em Roma. Alguem eſcreveo, que conſtante na ſua paixaõ, a acompanhou ſervindo-a Joaõ de Menezes; porém a mais ajuſtada opiniaõ he, que deixando a Infante a Patria, depoz elle todos os affectos humanos, e abertos os olhos da luz da razaõ, conheceo o erro da ſua temeraria fineza, e de todo o coraçaõ propoz buſcar a Deos, fazendo glorioſa troca de hum amor caduco por hum amor eterno. Deixou ſecretamente a Patria, mudando o nome de Joaõ em Amador, ou Amadeo: paſſou a Caſtella, taõ deſconhecido, que naõ houve noticias ſuas em muitos annos. Chegou a Guadalupe, e tomando o habito de Ermitaõ, venceo com humildade, e conſtancia os ardís do commum inimigo, e começando a ſer em ſua defenſa os auxilios da Divina Graça, foy naquelle Real Moſteiro ſingularmente favorecido de Deos, adiantando-ſe na perfeiçaõ, que já as ſuas obras poderaõ ſervir de exemplar aos Religioſos. Entaõ levado de vehementes deſejos de dar a vida por Chriſto, pedio licença para ir a terra de Infieis: paſſou a Granada, occupada entaõ de Mouros, e antes de chegar à Cidade foy prizioneiro das guardas, e levado diante

te do Juiz, que o julgou por espia, e condemnando-o a ser cruelmente açoutado, mandou, que com canas agudas o ferissem até acabar a vida. Despiraõ-no para a execuçaõ, e o viraõ cingido de huma cadea de ferro, e cubertas as mais partes do corpo de cilicios. Admirados, e compadecidos os Barbaros daquelle espectaculo, o levaraõ ao Juiz, mostrando naquelle rigor de vida a innocencia do accusado, que com alvoroços esperava ser victima da Fé, que professava; porém o Juiz ordenou, que fosse sómente açoutado, e o puzessem fóra da Cidade. Fustradas as esperanças de lograr por entaõ a palma do martyrio, naõ desmayou o desejo de o conseguir, e tomando o caminho para passar a Africa, em hum lugar encontrou huma mulher, que afflicta lhe pedia alcançasse de Deos vida a sua filha. Achava-se indigno de tal supplica, mas obrigado da lastima fez Oraçaõ a Deos, de que foy fruto o acharse a Donzella naõ só viva, mas com inteira saude. Seguindo o designio de passar a Africa, embarcou em hum porto: a pouco tempo de viagem, experimentaraõ tal tormenta, que a juizo dos mareantes, se julgaraõ sem duvida perdidos; mas Amadeo conhecendo por Celestial inspiraçaõ ser a causa do temporal, rogou ao Capitaõ do navio o lançasse em terra. Satisfez com o que lhe pedia, e serenado o mar seguiraõ os navegantes com bonança a sua derrota. Entaõ teve inteiro conhecimento, naõ ser do agrado de Deos dar a vida nas mãos dos Infieis; porque a Divina Providencia o havia de fazer instrumento de relevantes empregos. Tornou a Guadalupe, onde perseverou algum tempo com o cuidado da Sacristia: aqui obrou Deos, por honrar a seu Servo, prodigiosas maravilhas. O grande trabalho, abstinencia, e mortificaçóes de huma vida penitente, o puzeraõ em estado, que enfermou taõ gravemente, que só a lingua movia, sem mais refrigerio, que o tempo, que assistia na Igreja aos Officios Divinos. Mandou o Prelado fazerlhe hum carrinho, para o conduzirem à Igreja, onde deixando-o huma noite, para assistir às Matinas, pondo os olhos em Nossa Senhora, tal foy a fé, que de improviso alcançou saude. Mudou de habitaçaõ, porque naõ queria Deos, que ficassem sepultadas na vida Eremitica as maravilhas de seu Servo, e que na Cabeça da Igreja, fosse acreditado por luz do Mundo. Antes de sahir de Guadalupe, tinha sido tres vezes

adver-

advertido por Noſſa Senhora, S. Franciſco, e Santo Antonio, que tomaſſe o Habito de Frade Menor. Eſtando em Oraçaõ já em outro retiro, lhe appareceo S. Franciſco, ordenando-lhe paſſaſſe a Aſſiz a tomar o Habito da ſua Religiaõ. Teve o Servo de Deos o aviſo por illuſaõ, mas novamente recreado intellectualmente, vio a Chriſto Senhor Noſſo, ſua Mãy Santiſſima, e S. Franciſco, e lhe mandava, que obedeceſſe a S. Franciſco. Largou a vida Eremitica, e tomando o caminho para ir a Aſſiz, lhe ſuccederaõ immenſos trabalhos, e caſos prodigioſos, em que lhe manifeſtava a ſua aſſiſtencia a Divina Graça. Em Genova, e Florença, ſe agaſalhava nos Hoſpitaes, ſendo a ſua mayor ſatisfaçaõ a miſeria em que ſe via: aqui padeceo duas graves enfermidades. Chegou a Perugia, e pedindo o Habito ao Geral da Ordem Fr. Angelo de Perugia, que naõ fez caſo da ſupplica vendo-o taõ abatido, paſſou a Aſſiz, onde os Religioſos lhe deraõ a meſma repulſa, (a tanto obriga a vileza do traje, que podendo pela peſſoa cauſar eſtimaçaõ, ſe via deſprezado, ainda pelos que profeſſavaõ humildade.) Sofria naõ ſó com conſtancia, mas com ſatisfaçaõ o Servo de Deos eſtes deſprezos, padecendo fomes, e as miſerias de pobre, paſſava contente, aſſiſtindo na Igreja de S. Franciſco, até que introduzido com o Sacriſtaõ, veyo a ſervirſe delle: o trato lhe deu a conhecer em profunda humildade, e prompta obediencia, a virtude do pertendente. Succedeo cahir enfermo hum Religioſo ajudante do Sacriſtaõ, já conhecido de Amadeo, encommendou-lhe a ſua ſaude; e com poucas repetições de Oraçaõ, lhe alcançou o Servo de Deos inteira ſaude, ſem outro remedio, que a ſua interceſſaõ, e agradecido lhe deu hum Habito para ſe cobrir.

Entrou a ſer Geral da Ordem Serafica Fr. Jacome Moſanica, que do ſeu theor de vida tinha larga informaçaõ, e admittindo-o ao Habito em eſtado de Leigo, fez profiſſaõ, com ſingulares jubilos da ſua alma. Aſſiſtia em o Convento de Aſſiz, aonde a ſua humildade o confundia, com a fama da ſua virtude; porque os neceſſitados buſcavaõ remedio nas ſuas Orações, e conſeguiaõ maravilhoſos effeitos da ſua interceſſaõ. Catharina, mulher de Ceſar Conti, irmãa do Pontifice Nicolao V. achava-ſe ſem ſucceſſaõ, depois de caſada havia dous annos, e por meyo da Oraçaõ de Amadeo teve hum filho;

lho; porém tendo depois com desprezo para si, naõ ser miraculoso effeito da intercessaõ de Amadeo, este lhe segurou, que pela sua ingratidaõ perderia muito brevemente o filho, e assim succedeo. Com outros maravilhosos casos acreditava a perfeiçaõ da sua vida. Acodia grande concurso a Assiz, a buscar alivio nas suas palavras; porque resplandecia nelle a Luz da Graça, e assim com ancia desejava salvar a todos: reprehendia os vicios, advertia os mal encaminhados, causando espanto nos Doutos, ver hum pobre Leigo com taõ altissimos documentos; mas como os tirava da Mystica Theologia, que lhe dictava na Oraçaõ a Soberana Magestade do Altissimo, vinha a ser Mestre de espirito, aquelle que no juizo dos homens reputavaõ por idiota. Era o seu engenho claro, feliz, e adornado de superiores auxilios; mostrava em estupendas obras o poder Divino. Naõ bastaraõ tantas luzes, para abrir os olhos à obstinaçaõ, dos que com cargos o lançaraõ fóra de Assiz, tendo parte nesta repulsa o mesmo Sacristaõ, a quem elle dera saude; mas sendo-lhe superiormente revelado, lhe disse: que naquelle anno sem falencia morreria, em castigo de ser ingrato. Passou a Brexia, e dalli o enviou a obediencia a Milaõ, maravilhoso theatro, donde havia de naõ só ser admirado pelas suas penitencias, e austéro modo de vida, mas sempre conhecido pela nova Congregaçaõ dos Amadeos, que instituîo, que ao seu exemplo seguia, sem interpretaçaõ à observancia do rigor da Regra de S. Francisco. Quantas vezes foy visto arrebatado por espaço de quatorze horas, sempre de joelhos! Quem naõ se admirou de ver como era possivel supportar penitencias extraordinarias hum corpo humano. Foraõ os jejuns com tal excesso, que eraõ continuadamente de paõ, e agua, comendo só huma vez no dia. Na quaresma da Epifania era a abstinencia mais excessiva, pois só usava deste curto alimento aos Domingos, terças, e quintas feiras, naõ lhe entrando na boca nos mais dias genero algum de sustento, senaõ o Divino Paõ Sacramentado, que lhe communicava Angelicos Espiritos; para supportar toda a aspereza, com que macerava seu corpo. Naõ vestia mais, que simplezmente o Habito vil, e aspero. Andou sempre descalço, sem que nunca usasse de alparcas. Dormia na Igreja, sem mais abrigo, que o duro chaõ. Fallava muy poucas vezes, essas só de Deos. Fogia à communi-

caçaõ

caçaõ de todos, negando-se o mais que podia, ainda aos Varoens mais insignes. Francisco Sforcia, Duque de Milaõ, e sua mulher a Duqueza Branca, veneraraõ de tal sorte ao Servo de Deos, que era o refugio das suas afflições; visitavaõ-no muitas vezes, e o seu respeito o obrigava a ir ao seu Paço, para lograrem da sua santa, e sincéra conversaçaõ. Era grande o numero da gente, que o buscava; desejava mais socego para orar: passou a Marinhaõ; naõ havia mais que hum Religioso no Convento; reedificou este naõ com pouco trabalho, e experimentando o mesmo desasocego, que em Milaõ, caminhou a Oren, junto de Vimercato: assistia na Igreja, como tinha de costume, e o tempo que lhe restava de taõ continuada oraçaõ, sahia a visitar os enfermos, procurando-lhe o remedio das almas, com conselhos, e exhortações espirituaes; e ainda que naõ tinha estudado, mostrava huma superior inteligencia, que movia os animos à penitencia. Naõ lhe servio de embaraço para acodir ao proximo, nem o rigor das neves, e das chuvas, nem o desabrido dos frios, nem o excessivo das calmas; porque a sua charidade vencia todo o ardor, ou inclemencia da estaçaõ. Aqui recebeo todas as Ordens Sacras, e disse a primeira Missa dia da Annunciaçaõ da Senhora, do anno de 1459. Apostolicamente corria todo o Estado de Milaõ, e empregando-se em obras santas, em que lhe succederaõ casos estupendos. Algumas vezes o mandou a Duqueza Branca ao Summo Pontifice, a tratar materias de sua consciencia. Naõ teve tempo, em que naõ servisse o proximo, que recebia da sua intercessaõ portentosos beneficios, já com profecia, segurando successaõ a quem o tempo tinha tirado as esperanças da posteridade; já livrando da sepultura a quem naõ tinha remedio nos Medicos; já livrando de espiritos malignos, a quem se via possuido de taõ horrenda companhia. Achava-se afflicto hum pay, por ver seu filho sem esperança de vida; recorreo ao Servo de Deos para a saude: respondeo, que o moço se fazia incapaz de orar a Deos por elle: obrigou-se o pay a emmendallo, se vivesse, e cobrou saude. A huma mulher, que estava gravemente enferma, segurou, que teria vida; mas que de outra enfermidade morreria. Caminhava para a povoaçaõ de Incino, e vendo a seu Companheiro Fr. Joaõ Alemaõ, desfalecido de fome, fazendo Oraçaõ a Deos, lhe cahio da

manga hum paõ, com que remediou a necessidade do Companheiro. Muitas vezes a Divina Providencia soccorreo aos seus Religiosos, sem saberem quem lhe enchera as mesas do Refeitorio de paõ. Desejava-o a Duqueza de Milaõ Branca mais visinho, e à sua instancia fundou em Castello Leone de Cremona hum Convento, que na Observancia da Regra de S. Francisco foy hum dos mais illustres em santidade, ouvindo de noite seus habitadores suavissimas Musicas, e vendo-se sobre o Oratorio, em que o Servo de Deos orava, taõ luminosos resplandores, que algumas vezes avisaraõ aos Religiosos, parecendo-lhe, que era incendio, e acodindo acharaõ a Amadeo só em contemplaçaõ. Viraõ-se os Duques de Milaõ afflictos com a doença de sua filha a Princeza Hypolita, e por sua intercessaõ conseguio saude milagrosamente. A' Duqueza revelou, que o Duque morreria com brevidade, e assim se verificou no mez seguinte. A hum homem, que pondo em huma torre hum relogio, cahio taõ precipitadamente, que naõ o julgando com vida, em tres dias poz bom. Em huma pendencia, que tiveraõ os moradores de Quincano, ficou hum taõ mal ferido, que estando nos ultimos alentos espirando a vida, propoz Amadeo, que fazendo-se amigos, naõ morreria. Aceitaraõ a promessa, e orando a Deos pelo ferido, em breve recuperou a saude. Seria larga materia referir todas as maravilhas, que o Altissimo obrou, para acreditar Amadeo, sendo taõ frequentes os prodigios, que já se ouviaõ sem admiraçaõ.

As fabricas dos Conventos da sua nova Congregaçaõ fazia à custa de prodigios, padecendo visiveis castigos os que lho impediaõ. O seu patrocinio era universal; e assim naõ só dava saude aos enfermos, mas successaõ às mulheres reputadas por estereis; e ainda cabedaes, aos que necessitavaõ, para justas, e santas obras. Teve grandes contradiçóes sobre os Conventos da sua refórma, querendo incorporallos nos Observantes; porém tudo vencia a sua virtuosa constancia. Tendo já da sua obediencia a nova Congregaçaõ, os Conventos de Milaõ, Bresciano, Arbuseo, Quizano, Borno, e Antenhato, se lhe levantou huma terrivel perseguiçaõ da Repulica de Veneza, imputando-lhe, que era espia do Duque de Milaõ, dissimulado no humilde de Frade, e que a este fim fundara os Conventos no Bresciano, aonde habitavaõ todos os do partido

tido Gabelino; e assim resolveo a Republica exterminallo dos seus Estados, e pôr por terra as fabricas dos Conventos; mas a Divina Providencia, que amparava a Amadeo, instruîo o Senado de sorte da verdade, que naõ só lhe conservou os Mosteiros, mas lhe deu licença para fundar outros. Entrou depois em a Cidade de Veneza, e foy recebido, naõ como hum pobre Frade, mas como hum Anjo, que os visitava, e todos os que foraõ emulos da sua virtude acabaraõ desgraçadamente. Já em Milaõ, e em toda a Lombardia, naõ era appellidado senaõ com o nome de Santo, e sendo taõ commuas as acclamações, que verificavaõ o seu procedimento, ainda havia emulos, que o contrastavaõ; mas o Ceo acudindo pela sua honra, o purificava com prodigios. Passou a Roma a beijar o pé ao Santo Padre Xisto IV. que tinha sido Geral da Ordem Serafica: conhecia Amadeo, e desejava favorecello, e lhe concedeo Bullas de grande estima a favor da sua refórma: louvou o seu zelo, estimou a sua virtude, e lhe fez graça do Convento de S. Pedro de Monte Aureo em Roma (vulgarmente chamado Montoro) onde foy crucificado o Principe dos Apostolos, que logo habitou de Religiosos, e nelle assistio dez annos. Naõ se ouvia em Roma, e ainda em toda Italia, cousa que causasse tanta admiraçaõ, como a sua vida. O Papa o desejou introduzir em os mais graves negocios da Igreja. Gastava com elle duas horas todos os dias, communicando-lhe as materias mais importantes; mas nem por isso sahio do seu abatimento, conservando a sua profunda humildade, e aspereza de vida, antes se acrisolou mais nas virtudes, nas penitencias, e no seu retiro. Achava-se na Corte de Roma D. Garcia de Menezes, Bispo de Evora, que tinha hido por General da Armada, que ElRey D. Affonso V. mandou à instancia do Papa, em soccorro da Cidade de Otranto, pouco antes occupada dos Turcos. Foy recebido do Pontifice com notavel ostentaçaõ, e fallando hum dia como a Portuguez, lhe perguntou se conhecia a Fr. Amadeo; e dizendo-lhe, que naõ, em breve lhe deu o Papa noticia da sua admiravel vida. Entrou nos desejos de o ver, e buscando a Amadeo, conheceo da pratica ser seu primo com irmaõ Joaõ de Menezes da Sylva: naõ sem grande copia de lagrimas se continuou a conversaçaõ. Entaõ soube Roma o illustre nascimento de Amadeo,

Rrr ii que

que a sua humildade sempre ocultou, nascendo naquella manifestaçaõ a Portugal tal filho, que pelas suas virtudes o enche de gloria. Tinha já em Lombardia dezaseis Conventos da sua refórma, e alcançou licença do Papa para os visitar pessoalmente. Nesta fadiga andava, quando adoecendo junto a Lodi, conheceo ser chegado o fim da sua vida. Voltou a Milaõ, e aggravando-se a enfermidade, lhe quiz o Guardiaõ dar o Sacramento da Unçaõ; porém Amadeo lhe disse: *Irmaõ, ainda naõ he tempo de eu morrer; antes convém pervenirse, porque morrerá primeiro que eu.* Neste estado se achava o Beato Amadeo, quando lhe entrou pela cella Prando de Ma-peli, seu amigo, com huma febre de tres mezes, que o consumia; e cheyo de fé, que com a sua vista, e bençaõ havia de sarar, se despedio perfeitamente saõ. Pouco tardou que naõ cahisse enfermo o Guardiaõ, e morreo dia de S. Lourenço, e pela tarde o nosso Bemaventurado Amadeo, se foy a coroar da immortal Gloria, que lavrou com os seus continuos trabalhos. Esteve o seu corpo tres dias na Igreja sem sepultura; porque naõ permittia o contrario o grande concurso dos que acodiaõ a venerallo, alcançando os que chegavaõ a tocar as suas Reliquias, remedio nas suas afflictas petições, sendo Deos servido, que em presença de todo aquelle grande ajuntamento de povo, se visse nos tres dias, cobrar repentina saude enfermos, vista cegos, juizo perfeito loucos, e geralmente alivio em seus trabalhos, quantos com inteira fé tocaraõ o seu corpo, ou o Habito, e ainda até hoje claro em prodigios, permanecem os effeitos do seu patrocinio, obrando Deos por sua intercessaõ estupendas maravilhas.

O P. Belchior Nunes Barreto, da Companh.

B Na Cidade de Goa, Metropoli do Oriente, em o Collegio da Companhia, será sempre saudosa a memoria do Apostolico Varaõ o Padre Belchior Nunes Barreto, que logo em a sua entrada na Companhia abrio taõ profundos alicesses na humildade, que foraõ argumento infallivel da sua heroica virtude. Oito annos residio no Collegio de Coimbra, entre aquelles primitivos filhos do espirito de Santo Ignacio, em que se adiantou tanto, que chegou ao auge da perfeiçaõ Religiosa; e seguindo taõ fielmente o Instituto da Companhia, que pedio a Missaõ da India. No anno de 1551, passou àquelle Estado, aonde em gloriosas fadigas do Evangelho conseguio gran-

grande gloria à Igreja Catholica, e augmentou a veneraçaõ à Companhia. Succedeo no Japaõ a S. Francisco Xavier, que entaõ allumiando aquelle Imperio com a luz das suas prodigiosas obras, mereceo por ellas ser numerado no Catalogo dos Santos. Antes de chegar a Goa, junto a Moçambique, na vazante da maré deu o navio em secco, e no sobresalto de taõ grande perigo animou o Padre Belchior aos mareantes, exhortando-os a huma confiança em Deos. Retirou-se a fazer breve Oraçaõ: acabada começou o navio a nadar, ainda na vazante da maré, com espanto dos Pilotos, que attribuiraõ o caso a effeitos da Oraçaõ do Padre, de cuja virtude tinhaõ cabal conceito, experimentado na larga viagem, em que a sua charidade, se exercitou em beneficio de todos. Chegado a Goa, foy recebido do Santo Xavier com gosto, e mandado a Baçaim, aonde se applicou tanto no bem espiritual do proximo, que esquecido de si mesmo, passava os dias sem comer, prégando, e fazendo doutrina pela Cidade. Era taõ continuo no Confessionario, que muitas vezes principiando pela manhãa, se naõ levantava daquelle lugar, senaõ com duas, e tres horas de noite. Foy muy dado à Oraçaõ, em que gastava todos os dias seis horas, em que entrava a liçaõ espiritual. Seguiaõ muitos a sua direcçaõ, e era muy grande o numero de discipulos, assim Religiosos, como Seculares, de que se seguia huma universal refórma de costumes. Quando o Padre Belchior Nunes andava mais occupado na conversaõ dos Gentios, na refórma dos Christãos, entrou no cargo de Provincial, que elle pouco occupou, por seguir o caminho dos trabalhos, em laboriosas Missoens. Embarcou para Malaca, e nesta Cidade foraõ grandes os frutos, que colheo para o Ceo; e navegando com grandes trabalhos às Ilhas do Japaõ, padeceo perigos no mar, e na terra; e discorrendo por dilatadas terras, achou occasiaõ de passar à China, e foy o primeiro Ministro do Evangelho, a quem se franquearaõ as portas deste grande Imperio, taõ fechadas a S. Francisco Xavier. Por duas vezes entrou na celebre Cidade de Cantaõ, em que annunciando a Ley de Jesu Christo, foraõ as suas palavras as primeiras noticias do Evangelho, que ouviraõ aquellas gentes. Disputou com os Mestres da sua ley, e conseguio gloriosos triunfos a Fé, e assim mereceo o nome do primeiro Apostolo

da

da China. Naõ correſpondia o fruto ao trabalho, por ſer naquella Naçaõ mayor o reſpeito aos intereſſes, do que ao entendimento, que de nenhuma ſorte queriaõ cativar em obſequio da Fé, e aſſim determinou paſſar ao Japaõ. Era já eſperado neſta Ilha, e por cumprir com a commiſſaõ, viſitou ao Rey de Bungo, em ceremonia da parte do Vice-Rey do Eſtado, acompanhado de quarenta Portuguezes, que luzidos em veſtidos faziaõ reſpeitoſo o acto, como já em outra occaſiaõ tinha feito S. Franciſco Xavier, de quem pareceo parte do ſeu eſpirito na terra; porque viſitou os Neofytos, a quem com ſaudaveis conſelhos animou na Fé, conſolou no eſpirito, reformou os coſtumes dos Chriſtãos, e das Igrejas das coſtas de Travancor, Peſcharia, e Choromandel. Paſſou à Ilha de Manar, e diſcorrendo com immenſos trabalhos na terra, no mar com naufragios, cortado das penitencias, cheyo de merecimentos acabou em o Senhor.

Sor Maria do Naſcimẽto Franciſc.

C Em o Moſteiro do Salvador de Evora, Sor Maria do Naſcimento: deſde a idade de doze annos viveo neſta Caſa, em que logo começou com fervor de eſpirito, ſentindo as faltas da idade, por lhe impedir as obrigações de Religioſa, que ſoube ſer perfeita. Todo o tempo empregava em exercicios dignos do eſtado, que profeſſara, e o que lhe reſtava das occupações, em que a punha a obediencia, gaſtava orando, e por eſte modo adquirio grande perfeiçaõ, e luz interior, que he o ſocego do eſpirito. Ajudava-ſe da liçaõ eſpiritual com a qual ſe enriqueceo, para bem ſeguir a vida Monaſtica. O Senhor a dotou de hum eſpecial dom de conſolar os afflictos, e aſſim era ella o amparo de todas as tribulações da Caſa, achando todas ſatisfaçaõ, ou no conſelho, ou no remedio, com que ſe moderava a pena, ou ſe remediava o mal. Os Confeſſores coſtumavaõ muitas vezes mandar as Religioſas communicar com a Madre Maria do Naſcimento, para que nas ſuas palavras conſeguiſſem alivio, e ſem duvida a atribulada ſocegava na affliçaõ do eſpirito, e ficava conſolada: tal era a efficaz graça deſta Santa Religioſa. Nella reſplandeceo o zelo da honra de Deos, o retiro das creaturas, e hum intimo trato com peſſoas eſpirituaes, de quem conſeguio reſpeito pela ſua prudencia, e juizo. Conſervou huma tal modeſtia, que no locutorio fallou ſempre com as cortinas corridas, para que

nem

nem visse, nem fosse vista daquelles mesmos Padres, com quem communicava o seu espirito. Teve grande horror ao peccado, de que lhe nascia repetir confissoens geraes, sendo taõ pura a sua alma, que naõ achavaõ os Confessores materia para absolviçaõ; e só a luz, com que descorria a sua humildade pudera achar defeitos, aonde a culpa parece naõ teve habitaçaõ, nem foy conhecida senaõ pelo nome. Padecia muitas enfermidades, que supportava com paciencia; e sendo continuadamente accommetida de accidentes de gota coral, taõ fortes, que perdia o juizo, que sofria como quem estimava as occasioens de ter, que offerecer a Deos, a quem agradecia as faltas de saude pelo beneficio de naõ ser Prelada, de que se tinha por indigna. Queria Deos acrisolar esta alma nas fornalhas das tribulações, e assim permittio sentisse mayor enfermidade do que as faltas da saude, em hum continuo martyrio do espirito. Era por extremo escrupulosa, de que se lhe seguia huma tal perturbaçaõ, que a trazia sempre atormentada; mas como virtuosa obedecia com resignaçaõ humilde aos Confessores. Porém o Senhor pondo termo às suas afflições, lhe revelou ser chegada a sua morte, que ella participou a sua irmãa Sor Serafina, que entaõ era Abbadessa. Passados poucos dias enfermou de huma erysipéla, que lhe acabou a vida temporal, para lha dilatar eterna na Gloria.

D. Catharina de Ataide, Dom.

D Na Villa de Aveiro, no Mosteiro das Dominicas, passou desta vida às delicias do seu Divino Esposo a Madre D. Catharina de Ataide, filha da Fundadora Brites Leitoa, taõ insigne em virtudes, que foy hum retrato de todas as em que sua mãy resplandeceo, sem mais differença, que as idades, e em mandar huma, e obedecer a outra. Sendo menina a tomou por Dama a Rainha D. Isabel, mulher delRey D. Affonso V. por sua morte a recolheo sua mãy, àquelle primeiro domicilio, em que teve principio o reformado Mosteiro de Jesus de Aveiro, e criada em virtuosos exercicios, soube em tenros annos adornarse em abalizada virtude; sem que o delicado do sexo, e da idade, difficultasse seguir vida austéra, e penitente, abraçando a Oraçaõ, já como dilicias da alma, com que de todo se entregou a seu Divino Esposo. Era bem de admirar o fervor de huma menina, criada entre os regalos, e mimos do Paço, vencer a idade com o animo, para se mortificar,

tra-

trabalhar, dormir pouco, e orar muito. Era dotada de excellentes partes, e de habilidade natural; e assim depois das obrigações de Religiosa, se dava a escrever os livros do Coro, e sua irmãa D. Maria de Ataide; e do seu trabalho deixou nesta Casa obras de estimaçaõ. Contava sete mezes de professa, quando ferida do mal da peste, chamou sua irmãa, dando-lhe conta de si, lhe disse: sabia de certo ser chegado o termo da vida, e que naõ escaparia. Depois de recebidos os Sacramentos, fallou a sua mãy, pedindo-lhe perdaõ, como filha, subdita, e discipula; e recebida a sua bençaõ, fallou às Companheiras com tal energia, e tanto a proposito, que pareceo ser inspirada de soberana luz; e pedindo-lhe, que rezassem o Cantico do *Benedictus*, no fim do ultimo verso, com grande tranquilidade se soltou aquelle ditoso espirito de seu virginal corpo, para se unirem gloriosos na Universal Resurreiçaõ.

Fr. Bautista da Trindade Carm. Desc.

E Em a Inclyta Lisboa, no Convento de Nossa Senhora dos Remedios, a pia memoria de Fr. Bautista da Trindade; o qual sendo já Sacerdote, e Cura de S. Lazaro de Salamanca, Beneficio rendoso, em que vivia com exemplo; mas tocado da Divina Graça, aspirando a vida mais perfeita, em que exercitando a humildade, vivesse debaixo da obediencia, buscou a Religiaõ dos Carmelitas Descalços; e pedindo (contra o parecer, e conselho dos amigos) o Habito no Mosteiro de Mancera, professou a Carmelitana refórma, com grande satisfaçaõ de seu espirito. Exercitou-se em santas virtudes, observando com pontualidade a Regra, dando-se à Oraçaõ, suspirava pelas delicias do Ceo, e só na meditaçaõ da Sagrada Paixaõ achavaõ as suas saudades alivio, com que alentava o seu espirito à perseverança. Era por extremo humilde, abatendo sempre a vaidade nos exercicios mais vís da Religiaõ. Sendo Prior do Convento de Lisboa, hia com huma azemela a buscar agua à fonte da Horta Navia; e quando chegava a barca de lenha para a Communidade, elle com alguns Religiosos a traziaõ aos hombros da praya, atravessando a rua publica: tal era o exemplo do Prelado, e tal a observancia dos subditos, que por o seguirem se abatiaõ; e taõ igual a humildade em huns, e outros, que enchiaõ de edificaçaõ aos que os viaõ. Quando havia obras no Convento, o Prior, para animar aos Noviços a serem humildes, carregava aos hombros a pedra, para

que

que perdido o pejo, ſe avançaſſem a obras grandes no deſprezo do Mundo. Sempre ſervio como ſubdito, para que no exemplo ſe executaſſe melhor a obſervancia da Regra. Eſta profunda humildade veſtia de mortificações, obſervando os jejuns da Ordem com tanto rigor, que naõ fazia collaçaõ, ajuntando no anno a eſtes, muitos de paõ, e agua. Uſava cilicios, que já na velhice os moderavaõ os Prelados: ſuppoſto que elle o ſentia. Neſte modo de vida humilde, brando, e ſuave, perſeverou, portando-ſe nas Prelaſias, que foraõ muitas, com notavel inteireza, amor, e charidade, como naſcido de hum coraçaõ verdadeiramente humilde; e depois de noventa annos de idade, empregados em exercicios ſantos, tendo recebido com fé os Sacramentos, o chamou o Senhor ao premio eterno.

Sor Iſabel da Nazareth, Agoſtinh. Deſcalç.

F Neſte dia, no Reformado, e obſervantiſſimo Moſteiro das Deſcalças Auguſtinianas, extra muros de Lisboa, chamou o Senhor a Sor Iſabel da Nazareth, Religioſa de grande veneraçaõ por ſuas admiraveis virtudes, e Angelicos procedimentos. Nella parece ſe adiantou o uſo da razaõ aos annos, contra a ley eſtabelecida do tempo; pois apenas naſcida, naõ foy poſſivel tomar ſuſtento algum, ſem que recebeſſe o Sagrado Bautiſmo, alcançando por eſte caminho, da Providencia Divina o purificalla da mancha original, para lhe antecipar a graça, que ella ſoube conſervar no augmento da perfeiçaõ. Antes de ſer Religioſa, já ſe exercitava na Oraçaõ, e penitencias, e aproveitou tanto, que recebia em Celeſtes favores o premio da ſua perſeverança. Eſtando em caſa de ſeus pays adoeceo gravemente, e quando já ſem eſperanças de vida, ſe achavaõ afflictos, tendo por infallivel a morte, chegou a ſua caſa hum Religioſo de aſpecto grave, que cauſava reſpeito: vendo-os taõ perturbados, lhe perguntou pela cauſa, que os enchera de pena. Referiraõ-lhe o perigo da filha; pedio-lhe, que a queria ver, e ſentado à ſua cabeceira lhe poz a maõ na teſta, e ordenou lhe applicaſſem huns pannos de agua roſada em huma parte occulta, que todos ignoravaõ; e ſahindo da caſa, em que eſtava a doente, ao tempo que o buſcavaõ, para com expreſſoens lhe agradecerem aquelle beneficio, o naõ acharaõ: logo entenderaõ ſer o grande Padre Santo Agoſtinho, do qual Inſtituto nunca naquella terra ſe vira Religioſo.

Parece quiz o Santo dilatarlhe a vida, para a ſervir na refórma deſta Caſa, em que ſe eſmerou nos exercicios das virtudes, e das mortificações. Teve hum admiravel dom de lagrimas na Oraçaõ: neſta perſeverava de dia, e de noite. Obſervaraõ as Religioſas no dia que commungava, verſe-lhe no roſto huma extraordinaria formoſura, que lhe cauſava reſpeito das Companheiras. Todas eſtas virtudes encobria com profunda humildade, e hum tal abatimento da ſua peſſoa, que lhe grangearaõ veneraçaõ de virtuoſa. Padeceo hum mal de aſma etica, de que veyo a perder a vida; mas ſofria eſte com tal conſtancia, que diſſimulando a queixa, ſe offerecia a trabalhar na coſinha, a ſervir nos miniſterios de mayor pezo da Communidade, como ſe tivera ſaude robuſta. Proſtrada finalmente a natureza da violencia do mal, ſe preparou para a morte com os Sacramentos, e entre actos de Fé, e de amor de Deos, largou a ſua pura alma nas mãos do ſeu Eſpoſo.

Sor Magdalena de Chriſto, Agoſt. Deſc.

G Item no meſmo Moſteiro o obito de Sor Magdalena de Chriſto, Religioſa, pia, branda, humilde, e de muito recolhimento, ſilencio, e penitencia. Era a primeira para o trabalho, e executar o rigor da Regra, edificando a todas as Religioſas com a ſua vida, e mortificações, naõ ſó particulares, mas ainda publicas, ſendo o exemplo da paciencia, e do ſofrimento, no modo com que ſupportava as doenças. Perſuadidas as Religioſas naõ ſó da ſua virtude, mas tambem da ſua prudencia, e talento, a elegeraõ em Prelada; e ſendo debil, e fraca por natureza, podia nella tanto o amor da Obſervancia Regular, que nunca faltou ao Coro: nelle queria ſe aſſiſtiſſe naõ ſó com a preſença, mas com eſpirito devoto, e cuidadoſo na perfeiçaõ das ceremonias da Ordem. A todas obrigava ao que deſejava, com a ſuavidade de hum animo ſanto, e amigo de Deos. A's que via inclinadas ao augmento da vida eſpiritual, e ſeguiaõ com fervor as devoções, naõ ſó lhe concedia licença, para os ſantos exercicios, mas nelles lhe era companheira, como devota, e humilde. Seis annos tinha de Prelada, com geral goſto, e approvaçaõ da Communidade, que intentava perpetualla no officio. Conheceo o deſejo, e reſpondeo, que trataria aquella materia, com quem certamente a havia de remediar, e que lhe ſegurava naõ havia de continuar em ſer Prelada. Em breve adoeceo, e como era acredi-

acreditada em virtude, encheo de hum geral susto a Communidade, vendo-a rendida de huma dor taõ vehemente, que parecia acabava nella a vida: della melhorou a beneficio de alguns remedios; mas sobrevindo-lhe hum aperto de garganta, se prevenio com o Divino Sacramento com humildade, e acatamento, e assim entregou o espirito a seu Esposo, ornado de virtudes, com quem tanto se desejava ver unida; o que satisfez, antecipando-lhe a morte a effeitos das suas supplicas, deixando nas Religiosas huma saudade da sua companhia, e hum sentimento incomparavel do seu governo.

Fr. Gaspar da Annunciaçaõ, Arrabido.

H Em o Convento de S. Joaõ de Santarem, a feliz memoria do Servo de Deos Fr. Gaspar da Annunciaçaõ, verdadeiro filho na pobreza do Serafico Patriarca, e imitador do seu Apostolico espirito. Vivia na Universidade de Coimbra com estimações de Douto. Era laureado Doutor em Leys, e tendo levado por rigorosa opposiçaõ huma Cadeira, quando se achava com os applausos de Mestre; tocado superiormente de santa inspiraçaõ deixou o Mundo, e os augmentos, que lhe promettiaõ as suas letras, vestindo o humilde Habito da Provincia da Arrabida. Entrou nos Claustros da Religiaõ, e começou a resplandecer na observancia, e disciplina Regular, e mais perfeições religiosas em gráo superlativo, especialmente na Oraçaõ. Foy taõ recolhido, que rara vez foy visto fóra da cella, em que sempre estava occupado, ou meditando, ou na liçaõ das sagradas letras. Seguio a humildade do Instituto Serafico, servindo de exemplo aos moços, e aos velhos. Em todo o tempo que viveo, naõ sahio nunca do abatimento de Noviço. Furtava o serviço vil, e humilde, aos Frades mancebos, naõ só pelos descançar, mas por se abater, luzindo sempre em todas as suas acções a virtude da humildade. O seu Habito era sobre pobre, e grosseiro, remendado de retalhos vís, que a sua industria procurava; mas foraõ taõ preciosos à Magestade Divina, que com estes remendos fez a sua misericordia especiaes favores, a quem com fé depois da sua morte, se valeo da sua intercessaõ. Affervorava-se tanto no desejo de agradar a Deos, que naõ só com asperas penitencias se maltratava; mas com huma continuada abstinencia, sem comer carne, nem peixe, sendo o seu quotidiano sustento huma escudella de caldo. Naõ aceitava Viatico dos Prelados, para as jornadas, e

pedindo esmola como qualquer pobre mendigo pelas portas, se dava por muitas vezes por satisfeito com hum pedaço de paõ ralo, com que se refazia do cansaço do caminho. A estas virtudes unio huma admiravel paciencia, para supportar as semrazoens, com que muitas vezes nas Communidades se perseguem aos bem procedidos, e ainda aos virtuosos, sem que da sua boca se ouvisse queixa, nem palavra, que pudesse ser desafogo do humano; e assim os Prelados admirados, e confundidos, se inteiravaõ das calumnias, com que o accusavaõ. Desta sorte perseverou com huma perfeita obediencia, a tudo o que lhe mandava a Religiaõ, até que chegado o termo infallivel da vida, foy lograr o premio merecido das suas virtudes, acabando com morte santa. Foy grande o concurso das gentes, que com venerações realçavaõ os seus merecimentos, naõ havendo quem se desse por contente sem alguma pequena Reliquia do seu pobre Habito.

Sor Jacinta de Jesus Maria, Dominica.

I No Mosteiro do Bom Successo, extra muros de Lisboa, a morte de Sor Jacinta de Jesus Maria, humas das primeiras Religiosas, que nelle tomaraõ o Habito: com elle chegou a taõ alto cumulo de virtudes, que foy hum exemplo perfeito da vida Religiosa. Era muy observante dos Estatutos da Ordem, e sobre as mortificações da Regra, ajuntava disciplinas, e cilicios, dormindo sempre vestida. Admirava vella servindo os officios da Communidade por muitos annos, com trabalho grande, sem que nunca nas penitencias, e devoções tivesse diminuiçaõ. Luzio nella a virtude da charidade com as enfermas, e o zelo da Religiaõ, no grande desejo de que se augmentassem na virtude as Noviças, de que foy muito tempo Mestra; e assim com Novenas em obsequio de seu Santo Patriarca, as inflammava no amor de Deos, e da Ordem. Pedia sempre em as suas Orações a Deos, que a sua morte naõ fosse por doença pezada à Communidade; e assim o veyo a conseguir, acabando de hum accidente de ar, que depois de vinte e quatro horas, levou a sua alma a gozar da Gloria.

O Irm. Agostinho Otta, da Compan. e 3 Companheir. MM. Jap.

K Em Firando no Japaõ, subiraõ gloriosos ao Ceo coroados de Martyrio, o Irmaõ Agostinho Otta, da Companhia de Jesu, Joaõ Matasacú, Gabriel Xinxiró, e André Sabú, que todos, por serem Christãos, foraõ degolados em odio do Nome de Jesu Christo, na cruel perseguiçaõ do Tyranno Toxogunsama,

gunſama, pelo que merecem ſer numerados entre os eſclarecidos Martyres da Igreja Catholica.

L Item na meſma Cidade de Firando, neſte dia, Paulo Soiiró, por confeſſar ſer Chriſtaõ, foy lançado ao mar, merecendo deſta ſorte entrar no Ceo a unirſe com os ſeus compatriotas.

Paulo Soiiró, Jap. M.

Commentario ao X. de Agosto.

A RUy Gomes da Sylva, Alcaide môr de Campo Mayor, e Ougnela, Senhor das rendas Reaes daquellas Villas, do Conſelho delRey D. Affonſo V. caſou com D. Iſabel de Menezes, irmãa inteira de D. Duarte de Menezes, Conde de Vianna, Capitaõ de Ceuta, e hum dos heroes, que produzio aquelle ſeculo, filhos baſtardos de D. Pedro de Menezes, I. Conde de Villa-Real. Deſte illuſtriſſimo conſorcio naſceraõ varios filhos, de que inda hoje, ſuppoſto que extinctas as varonias ha eſclarecida deſcendencia, e naõ menor das filhas. De huma dellas, que foy D. Brites da Sylva, faremos honorifica mençaõ a 17 deſte mez. Joaõ de Menezes da Sylva foy na ordem o V. dos filhos de ſeu pay, de cuja Caſa ſahio, como temos viſto; e mudando com o Reyno o nome, ſe chamou Amadeo. Naõ faltou quem eſcreveſſe, que foy caſado, e que no dia das vodas, deixando intacta a mulher, largara a ſua caſa, e tudo quanto poſſuía; mas a eſta opiniaõ ſe opoem os Nobiliarios deſte Reyno, de D. Antonio de Lima, Damiaõ de Goes, Xiſto Tavares, Gaſpar Barreiros, Affonſo de Torres, Ruy Correa, Diogo Gomes de Figueiredo; e finalmente todos quantos temos viſto, que naõ ſaõ poucos, aſſim antigos, como modernos; e ultimamente D. Luiz de Salazar e Caſtro, luz naõ ſó dos eſtudos Genealogicos, mas da Hiſtoria, na que compoz da Caſa de Sylva, na 2. part. liv. 6. cap. 24, onde eſcreve a Vida do Beato Amadeo, com a ſua coſtumada elegancia, de que reveſte a grande erudiçaõ das ſuas Obras. Eſta opiniaõ ſeguio o Padre Fr. Fernando da Soledade, Chroniſta da Ordem Serafica, na III. Parte da *Hiſtoria deſta Provincia*, liv. 6. cap. 4, onde além de o caſar, tambem reprova os que eſcrevem a inclinaçaõ, que Joaõ de Menezes da Sylva teve na ſua mocidade à Infante D. Leonor: *Perdoe Deos*, (diz elle) *a quem levantou hum teſtemunho aos ſeus procedimentos ſantos, dizendo, que elle tivera certos amores, e que por eſſe reſpeito ſe paſſara a Italia, aonde ſe fizera Religioſo, tudo falſo.* Com eſta aſſeveraçaõ pertende dar por apocrifo eſte ſucceſſo, de que ſe originou a converſaõ de Amadeo, ſem outra prova, que faça inveroſimel eſte caſo, que eſcreveraõ Authores Portuguezes, muy verſados na Hiſtoria deſte Reyno, como foy Duarte Nunes de Leaõ; Gaſpar Barreiros na ſua *Corografia*, no Capitulo de Milaõ, pag. 245, impreſſo no anno 1561, em Evora; o Padre Vaſconcellos *in Deſcrip. Reg. Luſit.* pag. 525; Faria *Europ. Portug.* tom. 2. part. 3. cap. 2. pag. 354; Antonio Soares de Albergaria *Triunfos da Nobreza*, pag. 204. m. ſ. D. Jeronymo Maſcarenhas, Biſpo de Segovia, bem conhecido pelas muitas Obras, que compoz, ainda que todas naõ ſe imprimiraõ, dignas pelo aſſumpto de ſerem communas aos eſtudioſos da Hiſtoria, no livro intitulado *Amadeo de Portugal, en el ſiglo Juan de Menezes e Sylva*, que com diſcreta penna, e com tal cuidado, que a elle devemos ſaber qual foy a ſua Patria, e outras particularidades, que ſe naõ achaõ em outros Authores, impreſſo em Madrid, anno 1653.

Naõ póde ſervir de ſombra à ſua heroica virtude as primeiras vaidades da ſua adoleſcencia, nem penſamentos taõ altos fazem admiraçaõ na Hiſtoria. Sem buſcarmos exemplos fóra, na noſſa temos ſemelhante caſo, em bem differente peſſoa. Da Infante D. Brites, filha delRey D. Manoel, ſe namorou Bernardim Ribeiro, homem nobre; mas naõ da eſféra de Joaõ de Menezes. Era dotado

dotado de singular engenho, e na Poesia daquelle tempo elevado. Gostava a Infante daquelle estudo, e por isso o honrava, ouvindo com attençaõ os seus versos. Desposada a Infante com o Duque de Saboya Carlos III. no dia, que sahio do porto de Lisboa a Armada, se poz no alto da Serra de Cintra Bernardim Ribeiro, donde se descobre huma grande parte do mar Oceano, e esteve seguindo a Armada, até que a perdeo de vista. Naquella Serra feito Ermitaõ da sua amorosa loucura, compoz aquelle estimado livro, que intitulou *Saudades*. Passado tempo caminhou para Italia, entrou em Saboya, só por ver a causa da suá paixaõ. Soube que a Princeza tinha hora determinada, em que por sua maõ dava esmola aos pobres: introduzio-se na sua companhia, só para a ver: conheceo-o, e lhe ordenou, que sahisse sem demora da Cidade; porque já se tinhaõ acabado os entertenimentos antigos do Paço Portuguez: obedeceo, mas naõ em aceitar o soccorro, que generosamente lhe dava, para voltar à Patria, aonde deu com a vida fim à peregrinaçaõ, como refere Faria, tom. 2. part. 4. cap. 21. Naõ se oppoem à virtude de Amadeo a historia, que se refere sua, antes a faz mais heroica, pelo modo com que largou o Mundo, naõ sendo nelle menos estimavel, do que em muitos heroes de santidade, como lemos nas Vidas de alguns Santos, que depois de seguirem o Mundo, se deraõ de todo a Deos, como fez Amadeo. Fundou a Congregaçaõ, que chamaraõ dos Amadeos, a quem o Papa Xisto IV. passou huma Bulla no anno de 1471, de muitas graças, e privilegios. Em sua vida teve dezaseis Conventos; depois com o tempo se uniraõ à Observancia de S. Francisco. Escreveo o Beato Amadeo diversas Obras, entre ellas hum livro sobre o Apocalypse, de que he fama, que o enterraraõ com elle na maõ, e que na encadernaçaõ está escrito pela parte de fóra: *Aperietur in tempore suo.* Deste livro ha diversas copias em Italia, intitulado: *Nova Apocalypsis*: nelle se tem enxerido algumas cousas apocrifas, de que se queixa Wandingo no seu livro *Scriptores Ordinis Minorum*, e outros Authores da mesma Ordem. O Padre Alapide, commentando o Apocalypse no cap. 1. vers. 4, diz, que lendo-o com muito cuidado, lhe achara muitas cousas accrescentadas, e por ser muito atado à opiniaõ de Scoto, refere o que lhe dissera hum Varaõ Douto: *Angelus B. Amadei fui Scotista.* He certo, que elle foy dotado de espirito profético, como se vê de muitos casos da sua Vida, e acredita a fama universal; e assim he lastima, que a Obra de hum homem Santo seja censurada com razaõ pelos Doutos, pela transformarem. D. Nicolao Antonio na *Bibliotheca Hispana Vetus*, impressa em Roma, anno 1696, tom. 2. pag. 207. n. 725, lhe faz hum elegante elogio; mas tambem com Authores taõ graves, como Belarmino, e Bartholocio *in Bibliotheca Rabina*, censura por chea de imposturas esta Obra: como tambem naõ erem suas outras, que lhe attribuem.

Morreo o Beato Amadeo no anno 1482, no Convento da Paz de Milaõ, aonde ainda hoje se conserva a cella em que viveo, e falceo, e está da parte direita da Capella môr, com porta para a Igreja. O lugar proprio, em que foy enterrado, se ignora, naõ padecendo duvida, que foy na Capella môr. Pertendendo curiosa a devoçaõ dos Religiosos averiguar o lugar, se conta hum bem estranho successo; e foy, que ao tempo que se principiava aquella diligencia, se levantou huma tal tempestade dentro na Igreja, que com muito trabalho se puzeraõ em seguro, largando a pertençaõ. O seu Habito permanece com grande veneraçaõ no mesmo Convento, pelo qual está Deos acreditando com prodigios a este seu Servo. O seu retrato se conserva na Sacristia, e no nosso Reyno ha alguns, e em Casa do Marquez de Gouvea vimos hum, com outro de sua irmãa D. Brites, de excellente pintura, o qual tem a honra de ser parente de tal Santo, como descendente da Familia de Sylva, como outros grandes Senhores da nossa Corte, que tem a honra de terem hum taõ santo parente, e saõ da mesma Familia de Sylva.

Além dos Authores acima allegados, trataõ delle Wandingo nos *Annaes da Ord. ad an.* 1482. tom. 16. pag. 313, impresso no anno 1735; Artur no *Martyrologio Franciscano*, onde cita muitos Authores, que fazem mençaõ deste Servo de Deos, e o faz da Casa Real de Portugal; sendo que muito Illustre a sua Varonia era de Sylva, como temos dito; Paulo Morigia na *Historia da origem de todas*

todas as Religioens, cap. 50; Gil Gonçalves de Avila *Grandezas de Madrid*; *Consejo de Estado de Portugal*, pag. 501; *Relaçaõ do Bispado de Elvas*, pag. 18, na Villa de Campo Mayor, donde diz ser natural, o que temos por erro, conforme o que temos seguido; *Histoire des Ordres Religeux*, tom. 7. cap. 12. pag. 104; Fr. Jeronymo Roman *Rep. del Mundo*, part. 1. liv. 6. cap. 370; Schotus *in Bibliotheca Hispaniæ*, pag. 477, impressa no anno 1608, e modernamente o Abbade de Sever Diogo Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana*, letra A.

B Nasceo na Cidade do Porto o Padre Belchior Nunes Barreto, e teve na Companhia dous irmãos, que foraõ o Padre Affonso Barreto, e o Padre Joaõ Nunes Barreto, Patriarca de Ethiopia, de quem faremos mençaõ a 20 de Dezembro. Eraõ filhos de Fernaõ Nunes Barreto, Senhor dos Coutos de Freiriz, e Penagate; e de Isabel Ferraz, Fidalgos honrados, ainda se faz a sua Familia mais estimada com a memoria de taes filhos. Estudou em Coimbra, e ao tempo que estava já aceito na Companhia, fez hum acto, e depois de recebidos os parabens dos amigos, se foy ao Collegio, e ordenando-lhe o Mestre Simaõ levasse a propina ao Padrinho daquelle acto, elle lhe obedeceo com extraordinaria admiraçaõ, tomando hum carneiro esfolado aos hombros, atravessou as ruas da Cidade, por entre os amigos, e conhecidos, que havia pouco o viraõ em taõ luzido acto, que parecia naõ ser argumento de vida taõ abatida. Com este insigne acto de humildade deu principio à vida Religiosa, que seguio em toda a perfeiçaõ. No trabalho de reduzir as almas ao conhecimento do verdadeiro Deos, foy taõ continuo, como testemunhaõ as largas Missoens, em que andou, padecendo muito, só por dilatar a gloria do Nome de Jesu Christo. Convenceo em publica disputa hum Herege Nestoriano; e porque na India havia sequazes de Luthero, que com zelo diabolico pertendiaõ diffundir os seus erros, elle naõ só os perseguia, mas fez com o Vice-Rey os exterminasse do Estado, e lhe prohibisse a communicaçaõ. He sem duvida o Padre Belchior Nunes Barreto hum dos mais insignes Missionarios da Companhia, acreditado pela estimaçaõ, que das suas letras, e virtude teve S. Francisco Xavier, cujo relicario elle achou na Ilha de Lampaçaõ, e resgatou como preciosa joya. Teve hum particular dom de encaminhar almas; persuadio a muitos a fazerem exercicios espirituaes, succedendo-lhe em Baçaim muitas vezes, ser director de dezoito, e vinte exercitantes ao mesmo tempo. He este hum dos mais singulares meyos, que póde ter huma alma para se dar a Deos; porque no retiro, e socego, se applica a examinar a consciencia, a detestar as culpas, e aspirar ao caminho da perfeiçaõ. Foy de animo taõ candido, e suave, que os Mercadores em Cochim o faziaõ arbitro das suas duvidas, sendo de todos amado. Tendo cincoenta annos de idade, vinte e oito de Roupeta, vinte gastados em laboriosas fadigas do Evangelho, morreo neste dia, no anno de 1571. Trataõ delle Nadasi *Dierum Memorabilium*; o *Menelogio da Companhia* m. s. ambos neste dia; Orlandino *Historia da Companhia*, liv. 1. num. 188. e liv. 3. n. 120; Telles na *Chronica desta Provincia*, part. 1. liv. 3. cap. 17; Sousa *Oriente Conquistado*, part. 1. D. 1. §. 60. e part. 2. Conq. 1. D. 1. §. 41; Andrade *Var. Illustres da Companhia*, tom. 6. pag. 726; Franco na *Biblioth. Lusit.* m. s. Alegambe na da *Companhia*, *in verbo Melchior*; Fernaõ Mendes Pinto, cap. 25. e 29. e seg. Telles *Ethiopia Alta*, liv. 2. pag. 150; Franco no *Anno Santo da Companhia em Portugal*, neste dia, e modernamente o Abbade de Sever na *Bibliotheca Lusitana*.

C Neste Mosteiro professou Sor Maria do Nascimento, e nelle teve mais duas irmãas Sor Serafina do Salvador, e Sor Margarida da Columna, em que os costumes foraõ parecidos com as virtudes, que praticaraõ. Eraõ filhas do Doutor Alvaro Martins de Castellobranco, Corregedor da Comarca de Evora, e de D. Brites de Molar, naturaes da Villa de Belmonte. Faleceo Sor Maria do Nascimento, em este dia, do anno de 1641, tendo cincoenta annos de idade. O referido consta do livro da Fundaçaõ deste Mosteiro m. s.

D Em o dia tres deste mez, tratámos da Veneravel Matrona Brites Leitoa, Fundadora do Mosteiro das Dominicas de Aveiro, de quem foy filha a Madre D. Catharina de Ataide, que com pouco mais de dezoito annos de idade, se avançou tanto na virtude, que merece ser perfeita idéa de todas as que desejaõ

ſejaõ ſeguir a vida Religioſa, principalmente das a quem a natureza, ou a fortuna dotou de ſangue illuſtre, para deſprezarem como ella nos annos mais floridos as attenções do Paço, e os offerecimentos, que faz o Mundo nas peſſoas da ſua qualidade, para viver pobre, e penitente, dedicando-ſe ao Divino Eſpoſo. Faleceo neſte dia, do anno de 1466. Sua Vida eſcreve o Padre Fr. Luiz de Souſa na *Hiſtoria de S. Domingos*, part. 2. liv. 4. cap. 13; e Lima no *Agiologio Dominico*, a 10 de Agoſto.

E Teve Fr. Bautiſta da Trindade por Patria o Lugar de Adonay, pouco diſtante da Cidade de Bragança. Seus pays foraõ Lavradores honrados, que o criaraõ com cuidado em ſanto temor de Deos: depois de capaz em a lingua Latina, o mandaraõ eſtudar Canones a Salamança. Vivia retirado aproveitando-ſe da criaçaõ, que tivera, ſem querer divertimentos, que lhe embaraçaſſem os eſtudos, nem menos aquellas companhias, com que ſe vem a eſtragar a ſaude, e arruinar a alma. Acabou os eſtudos, ordenou-ſe Sacerdote, e ſendo provido no Curato de S. Lazaro, vivia com exemplo, ſoccorrendo aos pobres: mas ainda aſſim nada baſtou, para que da meſma virtude da charidade lhe naõ levantaſſem hum teſtemunho com huma Donzella a quem ſoccorria; porém o meſmo calumniador deteſtou a falſidade, vendo-ſe às portas da morte, e ficou a innocencia gozando da ſua liberdade; porque naõ permitte Deos, que dure a maledicencia muito tempo, em prejuizo de ſeus Servos. Ainda que com refórma de coſtumes tinha vida accommodada com amigos, e divertimentos, com que paſſava com decencia; ſuccedeo morrerlhe hum amigo de grande trato, e familiaridade: o ſer de partes amaveis, e no mais robuſto da idade, o fez entrar em penſamentos de ſer Religioſo de alguma Familia reformada: com elles batalhou algum tempo: finalmente, tomando o Habito em Mancera, depois de ter ſido Prior deſta Caſa, paſſou a Portugal, e a ſua obſervancia o occupou por muitas vezes nos Prioradoſ; e ſem embargo do ſeu procedimento ſanto, naõ lhe faltaraõ mortificações, com que o eſpirito mais ſe enriquecia. Faleceo neſte dia, do anno de 1627, no Convento dos Remedios. Quem quizer ver mais largas noticias ſuas, veja Fr. Belchior de Santa Anna na *Chronica deſta Provincia*, liv. 3. cap. 45.

F He da Abbadia de Alcobaça a Villa da Pederneira; que fica na coſta, que corre de Lisboa para o Norte, em ſitio agradavel, povoaçaõ de duzentos e cincoenta viſinhos, com bom porto, e capaz de fabrica de navios, onde em noſſos tempos ſe fizeraõ alguns. Neſta Villa naſceo Sor Iſabel de Nazareth. Teve por pays a Domingos Gomes, e Catharina Paes. Quando entrou na Religiaõ, era já exercitada em mortificações, e tinha goſtado do ſanto exercicio da Oraçaõ mental, em que tanto ſe adiantou, que mereceo receber do Senhor ſingulares favores. Faleceo neſte dia, do anno de 1689. O referido tirámos de huma Relaçaõ, que temos deſte Moſteiro, que nos participou o Reverendiſſimo Padre Fr. Agoſtinho de Santa Maria, Vigario Geral dos Deſcalços de Santo Agoſtinho.

G Conſta, que Lisboa foy Patria da Madre Sor Magdalena de Chriſto, e ſeus pays Franciſco Mendes, e Juliana das Neves; naſceo em dia da Expectaçaõ, e por iſſo ſe chamou Eſperança, antes de entrar na Religiaõ. Naõ tinha mais de treze annos, quando entrou neſte Moſteiro. Foy entendida, e prudente, e de muy debeis forças, que fizeraõ ainda mais attenuadas o rigor da auſtéra vida deſta Caſa. As Preladas, que conheciaõ a ſua compleiçaõ naõ ſer para trabalho grande, a occupavaõ em bordar, e coſer. Naõ tinha mais, que quarenta e hum anno de idade, quando a elegeraõ em Prelada: taes eraõ os ſeus ſantos coſtumes, e neſte officio permanecera largos annos, ſe ella naõ pedira a Deos lhe tiraſſe a vida, viſto a naõ quererem abſolver do lugar. Morreo neſte dia, no anno de 1700, ſegundo a Relaçaõ authentica, que já temos allegado.

H No anno de 1618, faleceo neſte dia Fr. Gaſpar da Annunciaçaõ, natural da Cidade de Ponta Delgada, na Ilha de S. Miguel, que com generoſa reſoluçaõ abraçou o Inſtituto da reforma da Arrabida: como era Letrado foy feito Prégador, que elle recuſava por lhe parecer graduaçaõ entre os humildes, em que ſe queria conſervar abatido. Conſtrangido da obediencia aceitou o officio, que exercitou com Apoſtolico eſpirito, reduzindo toda a ſua perſuaçaõ ao bem das almas, que deve ſer o verdadeiro objecto dos

Pré-

Prégadores, e naõ com figuras de Rethorica, e subtilezas de engenho, com que de ordinario elevaõ os ouvintes, deixando a moral explicaçaõ do Evangelho, de que as almas tirassem o fruto, que os Pardres conseguiaõ na primitiva Igreja. O que temos referido de Fr. Gaspar, tirámos do Memorial da Provincia da Arrabida, num. 258.

I De Sor Jacinta de Jesus Maria, Professa da Ordem de S. Domingos, que faleceo no anno de 1674, trata Lima no *Agiologio Domin.* neste dia, allegando as memorias do Mosteiro do Bom Successo.

K O Irmaõ Agostinho Otta, Japaõ de nascimento, e seus tres Companheiros comensaes da Companhia, todos constantes souberaõ trocar neste dia a vida temporal pela eterna, no anno de 1622, como escreve o Padre Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, pag. 284.

L No mesmo anno de 1622, imperando o referido Tyranno, se executou a sentença do Bemaventurado Paulo Soiiro, de que fizemos curta mençaõ, por naõ constar mais do que refere Cardim ibidem.

AGOSTO XI.

A

M a Cidade de Goa, no Convento dos Eremitas Augustinianos, a santa morte do Padre Fr. Antonio de Christo, que sendo Prior do Convento de Saõ Nicolao de Tolentino de Ugolum, porto de Bengala, no tempo que foy sitiado pelos Mouros no anno de 1632, e sendo rendido depois de grande mortandade, cativaraõ mais de quatro mil pessoas, entre gente branca, e naturaes da terra; neste numero entrou Fr. Antonio de Christo, e outro Religioso da mesma Familia, Fr. Francisco da Encarnaçaõ, que havia pouco fora mandado àquella Missaõ. Conduziraõ-nos à Corte do Mogor; e como naõ quizeraõ abraçar a infame Seita de Mafamede, foraõ atados cruelmente, e lançados a elefantes, que ainda que irracionaes, menos crueis, que os Barbaros, porque lhe naõ fizeraõ damno algum; antes com hum instincto superior, faziaõ taes gestos, que pareciaõ demostrações de reverencia, como quem se naõ attrevia a maltratar os Sacerdotes. Vendo o Rey Mogor, que as féras se compadeceraõ daquellas creaturas, com mayor crueldade do que ellas, ordenou fossem empalados; mas reparando na alegria, com que abraçados com o patibulo, que levavaõ às costas, caminhavaõ satisfeitos, e contentes, admirado de tal constancia, os mandou buscar perante si, e com generosidade de Principe, lhe disse: que estava de animo de lhe fazer merce; que pedissem o que quizessem, que tudo lhe seria outorgado. Os Servos de Deos animados do Divino Espirito, lhe pediraõ a liberdade

Fr. Antonio de Christo, Erem. de S. Agostinho.

berdade dos Companheiros, que com elles foraõ cativos, que vieraõ a conseguir depois de larga prizaõ, em que estes dous Religiosos padeceraõ muitos trabalhos, opprimidos de fomes, sedes, e açoutes, com que purificando as suas almas nas perseguições, se faziaõ as suas obras, dignas do Conspectu Divino. Finalmente, restituidos ao Bandel de Vogolim, Fr. Francisco da Encarnaçaõ acabou a vida no Convento de Malaca; e Fr. Antonio, servindo a Religiaõ, foy o vigesimo quinto Provincial da Congregaçaõ da India; e estando nomeado Bispo da China, neste tempo foy chamado ao premio de seus trabalhos, acabando Confessor.

Sor Brites Salema, Dominic.

B No Mosteiro de S. Domingos das Donas de Santarem, Sor Brites Salema, Religiosa muy observante, de grande penitencia, e Oraçaõ, e naõ menor zelo da guarda dos Institutos da Ordem, acompanhado de fervente charidade, naõ só para as Freiras, domesticas, serventes, e escravas, que ajudava a servir como se fora huma dellas, mas tambem para os pobres de fóra. A sua vida se fundou em hum profundo abatimento da sua pessoa, tomando por sua vontade os mais baixos, e vís da Casa, naõ só sendo moça, mas tambem depois de muito velha, alimpava as immundicias do Mosteiro, e sempre andava com a vassoira na maõ varrendo tudo o que naõ estava muito limpo. No Coro nenhum officio estimava fóra o de Noviça: quando as Religiosas hiaõ a elle, já tinha tudo prompto, e concertado, como se fora da sua obrigaçaõ. Naõ lhe era difficultoso; porque sempre vigiava, mortificando-se com faltas de somno. Foy taõ abstinente, que nunca comeo mais que paõ secco, e molhado, quando já pela idade naõ tinha dentes. A raçaõ da Ordem applicava, com licença das Preladas, para manter pobres prezos na cadea. Toda a vida servio as doentes, e ainda depois de velha, naõ cedia a sua charidade às mais cuidadosas servidoras da Enfermaria. Indo acodir com pressa a huma enferma com certa cousa, que levava na maõ, ou se queimou, ou se ferio; de sorte, que em poucos dias lhe saltaraõ erpes, e livrando a vida perdeo a maõ, e ficou aleijada; mas naõ desistio de servir. Naõ impedia trabalho taõ continuo, ter objecto mayor a sua virtude; porque depois das horas, a que era obrigada assistir, sempre ficava em Oraçaõ; e ainda naquelles dias, que o costume da Ordem dispensava

pensava Matinas de meya noite, àquella hora acodia só ao Coro, e alli aturava até Prima, taõ elevada na Oraçaõ, que de nada dava fé, posta de joelhos, com as mãos levantadas, e os sentidos arrebatados ao Ceo. Quantas vezes em tardes de Veraõ, succedeo entrarem Religiosas, e verem-na com o rosto cuberto de moscas, extactica, e sem sentidos, nem acordo, de que estava no Mundo; porque o coraçaõ penetrava o Ceo! Neste modo perseverou toda a vida, até que a effeitos da sua charidade se lhe originou a morte, com tantas circunstancias de Predestinada, que mostrou passar das agonias da morte ao Celeste thalamo de seu Esposo, que ha de durar na eternidade. Saudosas as Religiosas de taõ santa Companheira, de consentimento commum, louvaraõ a Deos em seus Servos, e seguiraõ a sua gloria com o alegre Hymno: *Te Deum laudamus.*

Frey Antonio Soares de Albergaria, Cisterc.

C Em o sumptuoso Mosteiro de Alcobaça da Cisterciense Familia, repousou em paz o muito exemplar Padre Fr. Antonio Soares de Albergaria, homem versado nas Divinas Letras, e de grande estudo da Sagrada Escritura, com cuja liçaõ inflammado na intelligencia dos soberanos Mysterios, entrou em hum efficaz desejo de ver com os seus olhos os Lugares Santos, em que teve principio, e fim a Redempçaõ do genero humano; e vencendo a este fim naõ poucas difficuldades, poz em execuçaõ o pensamento, com que havia tempos lidava. Alcançada licença dos Prelados com segredo, porque naõ chegasse à noticia de seus parentes, que eraõ pessoas poderosas, e lho podiaõ embaraçar, se poz a caminho para Roma, aonde chegou, e beijando o pé ao Santo Padre Julio III. que o honrou com favores, e graças, e por elle escreveo ao Patriarca dos Maronitas, e fiou da sua pessoa outros negocios pertencentes à Igreja. Favorecido do Papa, partio de Roma em companhia do Veneravel Mestre Simaõ Rodrigues, Fundador da Companhia em Portugal, que teve grande satisfaçaõ em taõ abalizado Companheiro. Deu fim àquella peregrinaçaõ com affectos, em que mostrava o seu devoto zelo, e voltando à Curia, deu conta ao Papa do que lhe encarregara, e se deu por muy satisfeito do seu talento. Desta jornada fez huma Relaçaõ do que vira, e dos casos notaveis, que lhe aconteceraõ, dirigindo em claro methodo huma liçaõ proveitosa ao espirito.

Pedro, Jap.

D Em o carcere da Cidade de Miaco, deu glorioſo fim à ſua vida Pedro, Japaõ de naſcimento, que em companhia de ſeu pay fora prezo, e ſofrendo por amor de Chriſto, com admiravel reſignaçaõ os trabalhos, em que acabou a vida, ſete dias depois da morte de ſeu amado pay, que taõ bem o educara, o foy acompanhar no Ceo.

Sor Irya de S. Bernardo Franciſc.

E Na Cidade de Angra, no Moſteiro de S. Gonçalo, Sor Irya de S. Bernardo, que de mais de obſervantiſſima da Regra de Santa Clara, dando pontual ſatisfaçaõ a todos os preceitos della, cumprindo com todas as obrigações de Religioſa, exercitando-ſe em todo o genero de virtudes: foy muy dada à Oraçaõ, a qual começou a praticar da tenra idade de tres annos, ſendo entaõ illuſtrada com eſte eſpecialiſſimo dom; já ſabia o Credo, para que com pleno conhecimento da Fé, ſe accendeſſe no Divino Amor em que tanto ſe inflammava, que naõ cabendo nos eſpaços do coraçaõ, ſuperabundavaõ os effeitos da Divina Graça, em actos externos, que davaõ a conhecer o quanto ſe abrazava aquella pura alma nos incendios do Amor Divino; pois com hum extraordinario calor, que lhe durou toda a vida, moſtrava, que em ſeu peito era o fogo perpetuo, que ardia em obſequio de ſeu Eſpoſo, ſem que o tempo diminuiſſe o ſacrificio. Em recompenſa de taõ puro amor mereceo na vida liberaes favores do Altiſſimo, com que ſe recreava o eſpirito, para mais o ſervir; e na morte a acreditou com viſiveis milagres, que fizeraõ mais patente os merecimentos da ſua vida. O Medico, que lhe aſſiſtia, vendoſe atormentado com a dor de hum dente, acabando de tocar na Serva de Deos, applicou o dedo ao dente, e ficou livre. Huma Religioſa, que de huma defluxaõ tinha o roſto inchado, o ajuntou ao da Serva de Deos, e em preſença de todas, ſem dilaçaõ ficou boa. Outra Religioſa, que eſtava junto do feretro, em que eſtava a Serva de Deos, e da ſua virtude naõ fazia o conceito, que merecia a ſua vida, foy accommetida repentinamente de huma vehemente dor, e afflicta ſe lançou ſobre o eſquife, dizendo: *Se ſois poderoſa com Deos, intercedey por mim, tirandome eſta dor.* Caſo maravilhoſo! Ao meſmo tempo ficou ſãa. Eſperava na Igreja a gente principal, e povo, que chegaſſe o Veneravel Corpo ao Coro, e com inſtancias rogaraõ, que o puzeſſem junto à grade, para ſe conſolarem

ſolarem com a ſua viſta, e com todas as demonſtrações de fé pediaõ Reliquias ſuas; e aſſim ſe repartiraõ todas as ſuas pobres alfayas, naõ ſó pela Cidade, mas pelas demais Ilhas, com que o Senhor tem manifeſtado em prodigios a gloria de ſua Serva.

F No Moſteiro de Cellas de Coimbra ſe conſerva a memoria de D. Maria Fernandes, eleita Abbadeſſa deſte Religioſo Moſteiro, no anno de 1330, peſſoa de abalizada virtude, em que o deſprezo de ſi meſma, foy taõ abatido, que lhe parecia ſer obrigada a ſe aniquilar ao mais profundo da humildade, naõ querendo houveſſe couſa nella, que mereceſſe louvor. Conſta por tradiçaõ daquella Caſa, que por hum Prelado daquella Dioceſi lhe louvar as mãos de bem feitas, as cortara logo, e recolhendo-ſe à cella afflicta lhe foraõ reſtituidas por interceſſaõ de Noſſa Senhora: mereceria a ſua fervoroſa devoçaõ à Virgem eſte ſingular favor, que o ſeu indiſcreto zelo lhe fez obrar; porém como Deos vê os corações, e por elles coſtuma retribuir, ſendo occulto aos perſpicazes olhos dos criticos, as cauſas porque obra, ſem que queira ſirvaõ de exemplo ſemelhantes reſoluções.

D. Maria Fernandes, Abbadeſ. de Ciſter.

Commentario ao XI. de Agoſto.

A O Reyno de Bengala, na Aſia, em o Indouſtaõ, ao Oriente Meridional do Imperio do Mogor, he regado do celeberrimo Ganges, e fertiliſſimo de muitos, e delicados frutos, e alguns como os do noſſo Reyno; tem aſſucar, pimenta, e outras precioſas drogas do Oriente, diverſidade de animaes terreſtes, e volateis, infinidade de algodaõ, de que ſe fazem primoroſas obras de lavores, e ſobre tudo os precioſos bordados de ſuas colchas, e outras manufacturas de eſtimaçaõ. Pouco mais de cincoenta annos da entrada dos Portuguezes na India, hum Arabe, que na Cidade de Gouro Capital do Reyno, ſe fizera poderoſo em cabedaes, e valia do Rey de Bengala, e pelo muito que lhe era obrigado, entre outras merces grandes, o fez guarda da ſua peſſoa, a que elle correſpondeo taõ mal, que matando-o hum dia, ſe apoderou do Reyno, e ficou ſendo a origem dos Reys Mouros. He eſte Paiz muy dilatado, bello, e rico, de grande trato, como centro do commercio da India, e continuamente frequentado dos Portuguezes, que abrindo eſte caminho aos Europeos, foraõ depois Francezes, Holandezes, e Inglezes, em que com damno da Igreja Catholica, ſe tem introduzido o livre exercicio da Religiaõ de cada hum. Martiniere no grande *Dictionario Geografico*, faz delle hum largo artigo, letra B, *in verbo Bengala.*

Os Religioſos Eremitas neſte taõ dilatado Reyno, que fazem ter ſeiſcentas leguas de comprimento, e mais de largura, entre os Reynos de Pegu, e Goloconda, levantaraõ muitas povoações de Chriſtãos, empregando-ſe com grande fruto neſta Miſſaõ, em que bautiſaraõ naõ ſó meninos, que criavaõ na noſſa ſanta Fé, mas muito grande numero de adultos, que inſtruiraõ a ſeguir o Nome de Jeſu Chriſto, como ſe vê de muitas certidoens paſſadas, que o teſtemunhaõ. Na povoaçaõ de Ugolum, a que elles daõ nome de Bandel, reſidia o Padre Fr. Antonio de Chriſto, de quem tratamos, e

tendo tomado o Habito na Provincia de Portugal, passou à India na Missaõ do anno de 1624, onde fazendo a Deos notaveis serviços, foy hum dos mais graves Padres da sua Religiaõ; e depois de largos trabalhos acabou no Convento de Goa, no anno de 1660, como refere huma Relaçaõ m.s. que temos já allegada outras vezes, desta Provincia, e outra impressa das Christandades da India.

B A Madre Brites Salema foy das antigas habitadoras do Mosteiro de S. Domingos das Donas da Villa de Santarem. De suas virtudes escreve diffusamente o Padre Fr. Luiz de Sousa na Parte I. das *Chronicas desta Provincia*, liv. 5. cap. 33. Foy sua morte no mez de Agosto, e neste dia a poem o Author do *Agiologio Dominico*; porém nem nelle, nem nas Chronicas achamos o anno da sua morte.

C Em o anno de 1552, partio o Padre Fr. Antonio Soares de Albergaria do Mosteiro de Alcobaça, para Jerusalem. Desta jornada compoz hum livro com huma individual relaçaõ do que passou, dando noticias das Nações, trajes, e costumes, ritos, e ceremonias supersticiosas; descrevendo as terras por onde passou de Hespanha, França, Italia, Grecia, Palestina, Samaria, Antalisano, e Lybano, com os sitios, e principios, que tiveraõ, e o estado em que naquelle tempo se achavaõ, e tudo o que vio digno de memoria por taõ diversos Reynos. Escreveo em estylo claro, adornado com liçaõ espiritual para os devotos. Naõ se imprimio, e se conserva entre os m. s. de Alcobaça. Foy filho de Lourenço Soares de Mello, Mordomo môr do Infante Cardeal D. Affonso; e de sua mulher D. Isabel de Ortiz, filha bastarda de D. Diogo Ortiz de Vilhegas, Bispo de Vizeu. Este Lourenço Soares era da Familia dos Abreus, Senhores de Regalados, e alguns Genealogicos o fazem filho bastardo de Antaõ Gomes de Abreu, que nós entendemos ser legitimo, com o fundamento, que tomou da mãy o appellido, por ser D. Isabel de Mello filha de Fernaõ Soares de Albergaria, e por esta causa, que naõ podia ser outra, deixou o appellido do pay, de que usaraõ todos os mais irmãos, por tomar o de seu avó, como costumaõ muitas vezes os filhos segundos; e se fora natural, naõ usaria senaõ do de seu pay, e o mesmo appellido seguiraõ seus filhos Diogo Soares de Albergaria, Védor da Casa do mesmo Infante, e de sua irmãa a Infante D. Maria, e Gomes Soares de Albergaria, Commendador de Monçaõ, e Fr. Antonio Soares de Albergaria, de quem faz mençaõ o liv. 2. dos Obitos de Alcobaça, pag. 459. num. 51.

D Era Pedro filho de Francisco, de quem fizemos mençaõ a tres deste mez, e sendo com elle prezo, acabou tambem no carcere, no anno de 1619, como refere o Padre Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, pag. 280.

E Pelos annos de 1668, faleceo Sor Irya de S. Bernardo, natural da Ilha Graciosa, huma das nove dos Açores, e professou no Mosteiro de S. Gonçalo de Angra, da Ordem Serafica; mas da obediencia dos Bispos daquella Cidade. Em algum tempo parece foy sugeito aos Bispos do Porto, de que se desmembrou por Breve Apostolico. Foy Fundaçaõ de Braz Pires do Canto. Fica ao Poente da Cidade, em sitio agradavel da terra, e larga vista do mar. O que temos referido de Sor Irya, tirámos de huma Relaçaõ, que deste Mosteiro alcançámos por o Conego Manoel Carlos do Canto, Fidalgo principal da dita Cidade.

F No Mosteiro de Cellas de Coimbra, se conserva huma antiga tradiçaõ do caso referido, que se continua com huma pintura, que no Claustro está, onde se vê pintado este successo, verdadeiramente estranho, mas naõ novo, acreditado de Authores de boa nota. De huma Religiosa refere o Cardeal Jacobo de Vitriaco, que namorado hum Principe dos seus olhos, os tirara, e lhos mandara, dizendo: que alli hiaõ as settas, que feriraõ o seu coraçaõ. Outro semelhante escreve Sophronio no *Prado Espiritual*, cap. 60, de outra Virgem, de que naõ differe nada Santa Lucia, como diz Sabelico, liv. 4. dos *Exemp.* cap. 8, os quaes cita o Doutissimo Alapide *in Cantica*, cap. 4. vers. 9. pag. 169. *mihi*. Da Beata Luiza a Casta, refere o *Agiologio Dominico*, que tirando os olhos pela pertençaõ de hum mancebo, lhos mandara, e depois milagrosamente se lhe restituiraõ: este caso referem as *Historias da Ord.* de Artur, Pio Fernandes, Rodero, o *Diario Domin. Italiano*, e o *Anno Dominico*, de Soveges, em Francez. Desta sorte, nada tem de impossivel o caso da Madre D. Maria Fernandes, Abbadessa de Cellas, cujas memorias chegaõ até o anno

de

de 1340. No Capitulo daquella Casa se conserva em huma pedra hum Letreiro do seu tempo, mas taõ gasto, que já se naõ póde formar sentido do que contém O referido tirámos das Memorias m. s. que deste Mosteiro se nos mandaraõ.

AGOSTO XII.

SS. Graciliano, e Felicissima MM.

EM Alcacer do Sal, na Provincia Transtagana, o Martyrio dos Santos Graciliano, e Felicissima, seus naturaes, de geraçaõ nobre, e illustres pela confissaõ da Fé de JESU Christo, que souberaõ abraçar, em tempo que a cegueira Gentilica cobria em Hespanha as verdades do Evangelho. Teve Graciliano occasiaõ de ler por hum livro dos Evangelhos, e superiormente allumiado, se abrazou em vehementes desejos de ser Christaõ; e buscando a este fim hum Sacerdote, por nome Euticio, recebeo de suas mãos a sagrada agua do Bautismo. Eraõ seus pays Gentios, e cheyos de pezar de verem ao filho apartado dos seus ritos, o persuadiaõ a que tornasse a seguir aos Deoses, pondo-lhe diante dos olhos o temor dos severos Edictos do Emperador Alexandre, de que o constante mancebo se mostrava sem pavor. Chegou a sua resoluçaõ à noticia do Prefeito da Salacia o Conde Traso Salariense, que logo o mandou prender no carcere, onde maltratado de bofetadas, pertenderaõ que pelas affrontas, e fomes seria vencido, ou pagaria com a vida o desprezo, que sentiraõ os Deoses. Mas o constante mancebo, firme na resoluçaõ, mereceo pela sua fé, que a Divina Providencia mostrasse os admiraveis effeitos da sua Omnipotencia, obrando pelas mãos de Graciliano insignes prodigios; porque sarou enfermos, deu vista a cegos, restituìo paralyticos, e resucitou mortos, e com taõ estupendas maravilhas acreditava o Senhor a seu Servo. A' fama dos seus milagres acodio huma Donzella, cega, naõ só corporalmente, mas tambem na alma, por nome Felicissima, acompanhada de sua mãy já viuva, e com instancia pediaõ lhe desse vista; e pelas Orações de Graciliano lhe foy concedida. Recebida a luz do dia nos olhos, lhe entrou a claridade no espirito, pedindo o santo Bautismo, que ambas receberaõ da maõ do Sacerdote Euticio. Participaraõ o caso ao Prefeito, e ordenou fosse logo metida no carcere Felicissima,

e guar-

e guardada em apertada prizaõ, em quanto naõ offerecesse incenso aos Deoses. Mas vendo, que Graciliano, e Felicissima, constantes na Fé de JESU Christo, perseveravaõ sem medo dos ameaços, mandou, que depois de lhe pizarem as bocas com pedras fossem degolados; e desta sorte voaraõ as suas benditas almas coroadas de Martyrio ao Ceo. Naõ tinhaõ os pays de Graciliano outro filho, e sentindo como Gentios, choravaõ como desgraça a sua morte, naõ sabendo quam preciosa era diante de Deos; mas este Senhor pelos merecimentos dos Martyres, foy servido, que lhe apparecessem Graciliano, e Felicissima, resplandecentes, acompanhados de dous Anjos, com vestes candidas, e naõ só os consolaraõ, mas exhortando-os, a que deixando a cegueira do Gentilismo, abraçassem a Religiaõ Christãa, manifestando-lhe, que o Conde Prefeito dentro em tres dias morreria, o que assim succedeo; e convertendo-se a Christo, acabaraõ a vida em obras pias, santas, e devotas. Foraõ os corpos dos Santos Martyres sepultados com veneraçaõ, e com grandes respeitos por toda Hespanha, até que com a entrada dos Mouros, na grande consternaçaõ, que padeceo a Christandade de Hespanha, sepultando-se as sagradas Reliquias, foraõ estas levadas a Italia, e se conservaõ no Ducado de Florença, na Cidade Castellana, com grande veneraçaõ.

B. Theresa, Rainha, Cisterc. Trasladaçaõ.

B No Mosteiro de Lorvaõ, da Ordem de Cister, a invençaõ do corpo da Beata Theresa, Rainha de Leaõ, que depois de ter deixado de sua virtuosa vida huma santa memoria, acreditada com prodigios, foy trasladado seu corpo com o da Beata D. Sancha, sua irmãa, do Coro para a Igreja, sendo Abbadessa D. Bernarda de Lencastre, neta do grande Rey D. Manoel. Nesta mudança se sentio hum suavissimo cheiro, maravilha, com que o Ceo acreditava a gloria de suas Servas. Seguio-se della hum universal remedio a todos aquelles, que recorrendo à intercessaõ das Santas Rainhas, alcançavaõ de Deos singulares beneficios. Depois com o largo decurso do tempo se conservava a fama das suas virtudes, a tradiçaõ de que permaneciaõ incorruptos os corpos das Santas. Desejavaõ as Religiosas verem o corpo da Beata Theresa, e se lhe avivou a devoçaõ, com trazerem na Igreja obras, e valendo-se de huma taõ favoravel occasiaõ, às portas fechadas sahiraõ à Igreja, e tirada a pedra da sepultura, sentiraõ logo

suavissimo

ſuaviſſimo cheiro, e deſcuberto o corpo da Santa Rainha, foy viſto incorrupto, veſtido no Habito Ciſtercienſe, cheyo de flores taõ freſcas, como ſe naquella hora lhe foraõ lançadas; o roſto cuberto com o vêo negro; os veſtidos inteiros, e ſó as extremidades do Habito tinha conſumido o tempo; mas conſervando ſempre o candido da alvura. Eſtava taõ fermoſa, que cauſava eſpanto, os olhos cerrados como de peſſoa viva, a boca em poſtura, que ſe lhe viaõ os dentes alvos, e a lingua rubicunda; finalmente, parecia aquelle ſanto corpo, que eſtava dormindo, ſem que ſe viſſe nelle couſa, que naõ foſſe admiravel. Compungidas de ternos affectos as Religioſas lhe beijavaõ as mãos, e as achavaõ flexiveis, e trataveis: pertenderaõ devotas mudar o corpo para a Clauſura; porém foy tal a difficuldade no pezo, que medroſas, e reverentes, deſiſtiraõ do intento. Sendo viſto de todas, por ordem começaraõ a colher flores, e outras Reliquias da Beata Rainha, em quem tocavaõ humas os Roſarios, outras Cruzes, e Medalhas, com que ſatisfaziaõ a ſua devoçaõ. Era em todas geral o contentamento, applaudido de muitas com lagrimas, como quem recebia daquella ſanta viſta melhoras na vida, pela enveja, que ſempre cauſa a morte dos Juſtos. Foy cuberto o ſanto corpo com hum panno bordado de ouro, e com hum vêo de ſeda de liſtas de ouro, que ſervindo de teſtemunho da devoçaõ o era ainda mais do culto, com que reſpeitavaõ a Santa Rainha; e porque inſtavaõ os Officiaes, que era tempo de abrirem as portas para continuarem o ſeu trabalho, foy cerrado o ſepulchro com grande ſaudade das Religioſas.

D. Fernando de Annes, Meſt. da Ordem de Aviz.

C Em a Villa de Aviz, Cabeça da Militar Ordem de S. Bento, ſerá eterna a memoria do illuſtre em valor, admiravel em virtude, D. Fernando de Annes, III. Meſtre deſta inſigne Ordem de Cavallaria, que profeſſou ſendo mancebo. Era de nobreza conhecida: ſeguia a Corte com os Fidalgos de ſeu tempo; e ſervindo na guerra com fortuna, deu de ſeu valor ſingulares provas, com que ſe fez eſtimado. Achou-ſe nas emprezas mais arriſcadas com tanta reſoluçaõ, que a paſſos largos caminhava à heroicidade: e ſendo deſenvolto, e bravo na guerra, ſe ornava de coſtumes taõ louvaveis, que entre os mais Cavalleiros, naõ ſó ſe diſtinguia, mas reſpeitava. Eſtes merecimentos, juntos com qualidade, parece lhe ſeguravaõ remunera-

çaõ nos serviços, augmento nas Commendas da Ordem; mas elle com bem differentes pensamentos tomou huma notavel resoluçaõ, que se ouvia na Corte com espanto. Era entaõ muy frequentada a Serra de Ossa de homens, que em vida contemplativa, e solitaria, ganhando o Ceo, edificavaõ o Reyno. Com este exemplo, levado de superior impulso, deixou o nobre Cavalleiro a Milicia da terra, para combater em vida solitaria o Ceo, como caminho mais seguro da salvaçaõ. Armado desta forte resoluçaõ, se foy em busca da Serra de Ossa, onde viviaõ quatro Servos de Deos, fazendo vida Eremitica: levou em sua companhia a Rogerio seu Capellaõ, em quem os costumes, e vida, se igualavaõ à idéa do amo. Aqui sendo Companheiro dos de mais, seguiaõ o mesmo theor de vida, passando os dias, e as noites em contemplaçaõ altissima. Desejava muito agradar a Deos, e propoz aos mais Eremitas, que seria conveniente se ajuntassem em hum Oratorio, em que lhe dissesse Missa o Sacerdote, e se adiantassem na perfeiçaõ dos exercicios espirituaes, com mayor veneraçaõ de Deos, o que todos approvaraõ. Deu brado no Reyno a resoluçaõ de pessoa taõ conspicua, e ao seu exemplo se moveraõ muitos a deixar o Mundo, e começou a ser mayor o numero, e juntamente a crescer o respeito, com que se venerava aos habitadores daquelle Ermo. Desde entaõ teve principio a Religiaõ dos Eremitas da Serra de Ossa, que tem por seu Patriarcha a S. Paulo, primeiro Mestre, e Author da vida Eremitica. Perseverava D. Fernando de Annes neste admiravel modo de vida, dando da sua virtude huma constante opiniaõ, que acreditava o seu nome no Reyno. Naõ lhe lembrava outra cousa mais, que em obras dignas do agrado de Deos merecer a sua Misericordia. Quando faltando D. Gonçalo Viegas, Mestre da Ordem de Aviz, que na batalha de Alarcos morrera com glorioso nome, se acharaõ os Cavalleiros da Ordem obrigados a eleger Mestre, em que procuravaõ huma pessoa digna, naõ só em valor, mas em virtude, para que os governasse. Nesta consideraçaõ elegeraõ de commum consentimento, em Mestre a D. Fernando de Annes, em quem a santidade era taõ constante na veneraçaõ das gentes, como o respeito do seu valeroso nome. Entendeo o Servo de Deos ser sua vontade o servillo com trabalho, e assim largou o socego daquella habitaçaõ, em que

que vagava a Deos ſem cuidados, para entrar nos trabalhos de Marte, a cumprir na guerra as obrigações da Ordem da Cavallaria. Occupado por Canonica eleiçaõ o eminente lugar de Meſtre da Militar Ordem de Aviz, começou a deſempenhar as obrigações da Dignidade com a execuçaõ de ſeu Inſtituto, fazendo dura guerra aos Infieis, com taõ proſpera fortuna, que conquiſtou para a Ordem alguns Lugares fortes, pela parte de Portalegre, e Monforte, com que eſta ſe adiantava na reputaçaõ, e o Meſtre fazia taõ reſpeitada a ſua peſſoa, que ſe temia com horror os golpes do ſeu esforçado braço, paſſando por proverbio: *Golpe de Fernando Annes te alcance.* Tal era o eſtrago, que fazia nos Mouros, que com pavor repetiaõ eſtes as ſuas façanhas. E aſſim ſerá ſempre glorioſa a ſua memoria, pois aos eſclarecidos troféos, com que o ſeu valor fez claro o ſeu nome, ſoube unir virtude ſolida, em que perſeverou até morte, pelo que piamente cremos mereceo gozar da eterna Bemaventurança, de que as ſuas virtuoſas obras o fizeraõ digno, para que em todos os eſtados ſeja o Senhor engrandecido.

D Na Cidade de Goa, na India Oriental, o fim das frutuoſas jornadas do Padre Fr. Jeronymo dos Anjos, que ſendo ſucceſſor do Reyno de Ormus, trocou o temporal pelo eterno, abraçando a Religiaõ Chriſtãa. Veyo a Goa em tempo daquelle Illuſtriſſimo Prelado D. Aleixo de Menezes: recebeo o ſagrado Bautiſmo, e foy ſeu padrinho o Arcebiſpo: mandou-o recolher no Convento de Noſſa Senhora da Graça daquella Cidade, e affeiçoado ao ſeu ſanto Inſtituto, recebeo o Habito de Santo Agoſtinho, e fez ſolemne profiſſaõ. Conheciaõ-lhe engenho, meteraõ-no nas eſcolas, eſtudou Filoſofia, e Theologia, de que deu taõ boa conta, que acabados os eſtudos o mandaraõ os Prelados a Ormus, para que na prégaçaõ do Evangelho conſeguiſſe o fruto da ſua applicaçaõ, reduzindo os Mouros ao conhecimento do verdadeiro Deos, para que aſſim deteſtaſſem a ſacrilega ſeita de Mafamede. Naõ podiaõ deixar de ſer grandes os frutos para a Igreja Catholica, em quem perſuadia com a voz, e com o exemplo, deſprezando o Mundo entre os meſmos, que o conheciaõ, tendo por menos tudo que naõ era ſeguir a Chriſto na vida do Evangelho. Neſta Miſſaõ eſteve muitos annos, até que perdido Ormus, voltou para Goa. Era filho da obediencia, e promptamente executava

Fr. Jeronymo dos Anjos, Erem. de S. Agoſt.

tava as ordens dos Prelados. Mandaraõ-no por Prior do Convento de Meliapor, e acabado o triennio se restituìo a Goa, onde com grande exemplo faleceo, alcançando na morte o premio sempiterno, que soube adquirir na vida.

Fr. Juliaõ dos Anjos, Cisterc.

E Em o Real Mosteiro de Alcobaça, a pia, e devota lembrança de Fr. Juliaõ dos Anjos, que por sua singular virtude, e approvada vida, foy estimado naquella insigne Casa, pelo exemplar da observancia, de que teve tanto zelo, que com particular cuidado fazia se cumprissem as obrigações do estado Monacal, para que se conservasse na Religiaõ aquelle primor das leys, que foraõ estabelecidas por seu Santo Fundador, e assim morreo como viveo, deixando entre os seus Monges constante opiniaõ de santidade.

Sor Sizenanda Bautista.

F Item no Mosteiro de Santa Clara da Cidade de Beja, a Madre Sor Sizenanda Bautista, taõ devota do Santissimo Sacramento, que naõ só a tença, que tinha da sua casa, mas tudo quanto podia adquirir, gastava no seu culto, com tanta devoçaõ, que de si mesma se esquecia. Assim ao seu desvélo lhe deve a Igreja mayor parte da despeza da Tribuna da Capella môr, que hoje existe; porque cuidadosa, e descalça andava continuamente pedindo para esta obra, no que naõ mereceo pouco a sua paciencia, que bem exercitada naõ fazia caso de algumas más repostas, antes com novo fervor continuou com tanto excesso, que chegou a fazer chagas nos pés. Foy muy devota da Virgem Santissima, que venerava com o titulo do Desterro, que está no Coro debaixo daquella Casa, e assim de S. Bernardo, e S. Pedro de Alcantara, e outros Santos seus Protectores. Na cella tinha a Transfiguraçaõ do Senhor, a quem fazia continuas devoções. Finalmente, na ultima enfermidade, estando dous dias privada dos sentidos, antes de falecer, tornou a si; e procurando com grande ancia a Prelada, lhe fez entrega do pouco, que tinha para o seu uso, e assim acabou em paz.

Commentario ao XII. de Agosto.

A A Villa de Alcacer do Sal, a quem Authores graves conhecem pela Cidade *Salaria* na antiga Lusitania, e o Licenciado Jorge Cardoso no Commentario do dia 7 de Janeiro, deixou com evidencia mostrado, aonde remettemos o curioso Leitor. A estes Santos Martyres faz o Martyrologio de Usuardo naturaes da Cidade de Phalari, e o Romano depois da correcçaõ do Cardeal Baronio, de Phaleria, Cidade antiga, de que já naõ ha mais, que memoria. Pedro Galesino nas notas ao seu Martyrologio, diz, que nas Antigas Memorias manuscritas, nenhuma mençaõ se faz donde estes Santos Martyres padecessem martyrio. O Martyrologio de Francisco Mourolico, neste dia, só faz mençaõ destes Santos, confirmando a nossa opiniaõ: *In urbe Salari passio S. Gratiliani, & Felicissimæ Virginis.* Que Alcaçer do Sal seja *Salaria*, o affirma Ambrosio de Morales, liv. 5. cap. 22. Outros variaõ do lugar, como Floriaõ do Campo, liv. 1. cap. 43, e Covarruvias, dizendo ser Lisboa, e outros Authores junto a Setuval; porém o que mais se conforma com a verdade he ser a Villa de Alcacer, a antiga Cidade de *Salaria*, e assim fica desvanecida a duvida dos que entenderaõ ser *Phalari* em Toscana, o que era na Lusitania. Fazem mençaõ destes Santos, além dos já allegados Authores, Tamayo no *Martyrologio Hispano*; o *Jardim de Portugal*, pag. 58; Bivar *ad Dext.* num. 2. pag. 276; Causino *Corte Divina*, na *Ephemer. Hist. de Agosto*; Argaiz *Pobl. Eccles.* tom. 2. part. 1. pag. 344.

B Alcançou licença de seus Prelados, para edificar huma Capella na Igreja a Madre D. Catharina da Sylva, de illustre nascimento. Era rica, queria obra magnifica, e digna de ser dedicada à Virgem Maria Senhora Nossa, e como naõ havia na Igreja lugar mais a proposito, que junto ao sepulchro da Beata Rainha D. Theresa, se começou a obra da Capella. Esta occasiaõ foy motivo de as Religiosas poderem ver o corpo da Santa Rainha; e como as suas forças naõ eraõ bastantes para conseguir os devotos desejos, peitaraõ aos Pedreiros, para que lhe movessem a pedra, que a cobria, que era grande; meteraõ cunhas de ferro, alavancas, e outros instrumentos, que usaõ os Officiaes; e finalmente a moveraõ, naõ sem trabalho. Neste tempo, quando era mayor a expectaçaõ da hora de jantarem os Pedreiros, em que largaõ maõ do trabalho, e desamparaõ o lugar, viraõ as Religiosas a Igreja fechada, e os instrumentos de trabalhar ociosos: arrebatadas da devoçaõ lhe deu o amor forças, que sobraraõ para vencer a arte: lançaõ maõ dos instrumentos, e começaõ a trabalhar taõ felizmente, que moveraõ a pedra, e tirada começaraõ a sentir o suave cheiro, que dissemos, parecendo huma arca de perfumes, que se abria. Cobria depois o corpo huma pedra delgada, como huma lamina, que foy tirada sem trabalho. Venerado o corpo na fórma, que temos dito, que foy no anno de 1617, trezentos e quarenta e sete annos depois que fora enterrada. Em o anno de 1715, se fez solemne trasladaçaõ das Santas Rainhas, por ordem delRey D. Joaõ o V. que Deos guarde, pelo Bispo de Coimbra, e Abbade Geral da Ordem de S. Bernardo. O modo com que foraõ achados diremos a 19 de Outubro, dia em que foy feito este acto, já depois de serem Beatificadas pelo Papa Innocencio XII. que tambem lhe concedeo reza universal neste Reyno. Da Invençaõ, que tratamos da Beata Theresa, se lembra Henriques no *Menelogio Cisterciense*; Bucelino no *Benedictino*, ambos neste dia; Vasconcellos *in Anacephalæosi*, pag. 41; Fr. Francisco de Macedo *in Vita Theresiæ Reginæ Legionis & Sanciæ*, &c. cap. 8. pag. 240; *Jardim de Portug.* pag. 192.

C Depois da Batalha de Alarcos, em que o Exercito dos Christãos, sendo roto, e desbaratado, ficaraõ vitoriosos os Mouros, que excediaõ em grande numero aos Castelhanos, que destemidos naõ quizeraõ esperar pelos soccorros dos Reys de Leaõ, e Navarra, e assim perderaõ Alarcos, e foraõ destruidas muitas terras no Reyno de Toledo. Nesta Batalha, que foy a 29 de Julho do anno de Christo 1195, se achou o Mestre de Aviz D. Gonçalo Viegas, com Cavalleiros Portuguezes, donde morreo pelejando

do com alguns delles. Em seu lugar foy eleito Fernando de Annes, Varaõ de singular virtude, que retirado na Serra de Ossa fazia vida Eremitica. Era este lugar já habitado de pessoas virtuosas, que seguindo o exemplo dos Padres do Ermo, espalhavaõ por toda a parte huma admiravel fama da santa vida, que observavaõ. Os primeiros de que ha memoria de seus nomes, supposto consta ser habitado muito antes este sitio, foraõ Gil, Bento, Lazaro, e Abrahaõ, cujas habitações eraõ covas separadas, e distantes, e quasi sem communicaçaõ. Viveraõ estes Santos Varoes em tempo do Conde D. Henrique, e ElRey D. Affonso, seu filho, e ao suave cheiro da sua virtude largou a Corte Fernando de Annes, sem mais sequito, de que hum Capellaõ chamado Rogerio, de Naçaõ Irlandez; e communicando-lhe, como temos visto, que vivessem juntos ao modo de Cenobitas, passavaõ em admiraveis exercicios, e santa Oraçaõ; e depois de eleito em Mestre D. Fernando de Annes, continuaraõ com o mesmo theor de vida, dando Eremitas famosos em santidade, em todos os tempos. Cresceo o numero dos Cenobitas; e porque as casinhas eraõ apertadas, escolheraõ dous sitios chamados, de Val do Infante, e de Val de Abrahaõ: neste, e em outros lugares foraõ edificando, em que permaneceraõ largos annos com geral edificaçaõ: e he para notar para credito destes Religiosos, que naõ tendo votos, nem expressa profissaõ, viviaõ taõ santamente, que mandando o Papa Gregorio XI. por hum Breve, passado a 18 de Junho de 1377, mandando a Hespanha por Visitadores Geraes a D. Pedro, Bispo de Coimbra, a D. Joaõ, Bispo de Tuy, e Velasco, Chantre de Braga, e entre as pessoas, que fossem visitadas, eraõ os Ermitães, que chamavaõ Pobres, que assim se nomearaõ por largos annos; e tendo visitado a todos, extinguiraõ os de Castella, Navarra, e Aragaõ, e só permaneceraõ estes de Portugal. Tal era o seu exemplo, e admiraveis procedimentos, em que viveraõ, até que já no tempo do Cardeal Infante D. Henrique (que depois foy Rey) alcançou confirmaçaõ da Sé Apostolica, e reformaçaõ em algumas cousas, e se formou a Congregaçaõ, que tomou nome de S. Paulo primeiro Eremita, que neste Reyno temos, de que he Cabeça o Convento da Serra de Ossa; nella tem havido pessoas insignes em virtude, e letras, sendo seu primeiro Fundador D. Fernando de Annes, por cuja causa tratámos neste lugar de seu principio.

Foraõ muitos os serviços, que o Mestre D. Fernando de Annes fez à Ordem, e ao Reyno, vencendo os Alcaides de Moura, e Serpa, e conquistando muitas terras aos Mouros. Em seu tempo se fundou a Villa de Aviz, como diremos no dia 15 deste mez. Governou esta Ordem quasi todo o tempo delRey D. Affonso, segundo delle faz mençaõ Brandaõ na *Monarch. Lusit.* part. 3. liv. 8. cap. 32, e part. 4. liv. 12. cap. 27, e liv. 14. cap. 8; Zapater *Cister Milit. Caval. de Aviz*, cap. 3. pag. 539; Fr. Angelo Manrique, tom. 2, dos *Annaes Cisterc. no Appendix*, pag. 46; Carvalho na *Corografia Portug.* part. 2; Fr. André de S. Paulo, tom. 2. das Ord. Milit. liv. 2. cap. 11. pag. 61. m. f. Albergaria *Triunfo da Nobreza*, pag. 300. m. f. *Constituições da Ordem de Aviz*; Fr. Jeronymo Roman na *Rep. do Mundo*, tom. 1. liv. 6. cap. 15.

D Está situada a Cidade de Ormuz, que dá nome ao Reyno, em huma pequena Ilha chamada Gerum, que serve de garganta ao estreito Persico, com tres leguas de circunferencia; e sendo esteril de tudo o que produz a natureza, excepto sal, e enxofre, he a Cidade abundante, naõ só do que se póde desejar para o regallo, mas tambem de todo o genero de mercadorias Orientaes, e Occidentaes, que concorrem de todas as partes, sendo pela sua situaçaõ hum armazem, ou feira geral dos commerciantes. Pelos annos do Senhor de 1273, dominava esta Ilha ElRey Malec Caez, de quem por deserta a houve Gordunxa, que fundando a Cidade com o nome de Ormuz, por outra, que tinha deixado do proprio nome, e em pouco cresceo tanto em riqueza, e poder, que já ElRey da Persia se começava a recear, de que se lhe levantaria com o tributo: mas ella sabia tratar do seu augmento, para assim se segurar. Quando o grande Affonso de Albuquerque no anno de 1508, discorria por aquelle Costa, com tanto valor como fortuna, deixando immortal o seu nome, pelas gloriosas Conquistas, com que enriqueceo a Coroa Portugueza, que depois soube mal conservar no dominio Castelhano; entrou nesta Cidade, e sendo

do hoſpedado como inimigo, ſoube caſtigar a ouſadia dos de Ormuz, e taõ repetidas vezes, que elles melhor aconſelhados o quizeraõ por amigo, fazendoſe Ormuz tributario a ElRey de Portugal, e conſentindo levantarem os Portuguezes naquella Ilha huma Fortaleza. Com eſte dominio ſe conſervaraõ os Reys de Portugal, até que os Perſas auxiliados dos Inglezes os lançaraõ fóra, depois do Governador da Fortaleza Franciſco de Souſa, valeroſamente ſofrer furioſos aſſaltos. O ſitio durou dous mezes e meyo, e duraria mais a naõ ſucceder a morte do Governador, com a qual finalmente capitulou, e ſe rendeo no 1 de Mayo de 1622. ElRey de Ormuz, e a ſua Corte foy remettido para a Perſia, e os Portuguezes, ſeguindo o ajuſte, foraõ remettidos aos Inglezes, para os mandar para Goa. Martyniere no grande *Dictionario Geografico*, faz huma larga deſcripçaõ deſte Reyno, *in verbo Ormuz*.

Succeſſor deſte Reyno era Fr. Jeronymo dos Anjos, ou Joete, como lhe chamaõ algumas Memorias, o qual trocando as eſperanças de hum dominio terreno, pelo conhecimento da Ley Evangelica, que abraçou com tanto fervor, que foy Miſſionario neſta ſeára de Chriſto, ſendo Companheiro daquelles meſmos Religioſos, que foraõ inſtrumento da ſua reducaõ. Faleceo no anno 1638, em Goa, como refere huma Memoria m. ſ. que temos das Miſſoens dos Religioſos de Santo Agoſtinho, e delle ſe lembra huma Relaçaõ, impreſſa no anno de 1630, pag. 19, quando ainda era vivo, que do ſeu exemplo dá noticia.

E Entrou o Padre Fr. Juliaõ dos Anjos em Alcobaça no anno de 1558. Era natural de Coimbra, e ſendo Prior deſte Convento moſtrou a grande opiniaõ, que ſe tinha da ſua virtude, que ſempre conſervou. Foy Abbade de Ceiça pelos annos de 1570. Delle faz mençaõ o livro dos Obitos de Alcobaça, num. 45. pag. 458.

F No anno de 1696, acabou neſte dia, a Madre Sor Sizenanda Bautiſta, no Moſteiro de Santa Clara de Béja, de que já fizemos mençaõ no Commentario do dia 19 de Julho, letra I, pag. 231. O referido devemos às Memorias já allegadas, que nos mandou o Reverendo Padre Fr. Franciſco de Oliveira.

AGOSTO XIII.

A EM a Cidade de Lisboa, Corte dos Monarcas Luſitanos, em o Collegio de Santo Antaõ, que governava com grande approveitamento o Padre Gaſpar Alvares, ſeu Reytor, que já da ſua charidade tinha dado hum admiravel exemplo, que acreditava com huma vida inculpavel; agora em obſequio da charidade expoz a vida com outros Companheiros, ſó por ſervir os doentes feridos da peſte: e naõ ſe ſatisfazendo com lhe aſſiſtir todo o dia, os buſcava no ſilencio da noite, quando parece devia dar repouſo ao canſado corpo, ſó pelos ſervir, fazendo quanto podia pelos conſolar, até que accommetido do meſmo mal, acabou com ditoſa morte.

O P. Gaſpar Alvares Reytor da Comp.

B No inſigne Moſteiro de Alcobaça, da Ordem de Ciſter, o obito de Fr. Romano, cuja vida foy muy conforme ao eſtado, que profeſſou, vivendo ajuſtado com as leys, e dictames

Fr. Romano Ciſterc.

mes santos da Monacal Religiaõ. Em os lugares, que occupou, deu a conhecer o seu exemplo; mas com tal zelo, que nelle inculcava a sua humildade, baze, sobre que fundou o seu virtuoso procedimento. Teve partes, que o fizeraõ merecedor da attençaõ dos mayores Senhores do Reyno, e o seu talento o habilitava para o Generalato, que a sua modestia soube recusar, prevenindo-se com o Geral, que o naõ porpuzesse para aquella dignidade. Foy muitos annos Mestre dos Noviços, que exercitou com notavel edificaçaõ daquella numerosa Communidade, dando huma perfeita educaçaõ aos moços, sendo o primeiro nos actos de humildade, e mortificaçaõ, em que continuou; de sorte, que com morte de Predestinado deixou nos seus discipulos saudosa memoria, e hum grande sentimento de lhe faltar taõ proveitosa doutrina.

O P. Agostinho dos Santos, Coneg. Secul.

C Em o Convento de S. Joaõ de Xabregas, Cabeça da Congregaçaõ dos Conegos Seculares de S. Joaõ Evangelista, a morte do Padre Agostinho dos Santos, a quem o amor do proximo abbreviou os dias da vida. Era já velho, e com pouca saude, e tendo logrado na Religiaõ a dignidade de Geral, a que subio pelos degráos de todas as inferiores, merecendo bom nome entre os seus. E quando os annos, e a graduaçaõ o eximiaõ de servir aos doentes do mal da peste, o fez com tal fervor de charidade, que em pouco foy ferido do terrivel mal, que aceitou como vindo da maõ de Deos; e resignado na vontade Divina, esperava o fim da vida, conformado, e humilde, com alegria santa; porém naõ foy entaõ o Senhor servido darlhe a morte, e convalecendo viveo ainda alguns annos, até que acabou santamente.

Constantino, e 7 Compan. MM. Jap.

D Item em Nangasachi, Reyno do Japaõ, o invicto certame de Costantino, Ilario, Maria, Mecia, Maria, e outros tres Companheiros, cujos nomes saõ ignotos na terra, mas no Ceo conhecidos, os quaes todos na persecuçaõ do Emperador Toxogunsama, pela confissaõ da Fé Catholica, deraõ as vidas por Christo, sofrendo com santa constancia serem queimados; e assim triunfando do Inferno, e dos idolatras seus sequazes, subiraõ à Gloria coroados de Martyrio.

Angela da Paixaõ, Terc. do Carmo.

E No Recolhimento de Nossa Senhora do Carmo do Lugar da Cuba, na Provincia de Alentejo, a saudosa memoria de Angela da Paixaõ, huma das primeiras, que habitaraõ aquella

Casa

Casa, que edificou com o seu modo de vida, macerando o seu corpo com jejuns, e continuas disciplinas, dando-se à Oração com frequencia; de sorte, que o seu cuidado era sómente agradar a Deos em santos exercicios. No seu Oratorio tinha huma Imagem da Virgem, que venerava com grande culto, de que he tradição, que a mesma Senhora a attendera tanto, que com especiaes favores recompensara o seu devoto animo, com que mais se augmentava a sua escravidaõ. Finalmente, vivendo sempre empregada no reverente culto da Virgem Santissima, e exercitada em obras boas faleceo. O seu corpo por vinte e quatro horas esteve exposto, e os Fieis a acclamavaõ Santa, engrandecendo a Deos em sua Serva.

Commentario ao XIII. de Agosto.

A A Cidade de Lisboa foy patria do Padre Gaspar Alvares, tido por homem santo na Companhia, e de huma taõ ardente charidade, que na peste, que padeceo a dita Cidade, se offereceo a servir aos doentes com admiravel resoluçaõ, no anno de 1569. Delle faz mençaõ Tanner *Societas Europæa*, tom. 1. pag. 115; Telles na *Chronica da Companhia*, part. 2. cap. 4. e cap. 33. pag. 195; *Menologio da Companhia*; e Franco no *Anno Santo da Companhia em Portugal*.

B Entre os Servos de Deos, que produzio o Real Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, da Ordem de Cister, merece entrar o Padre Fr. Romano, natural da Ilha Terceira, Varaõ de grande virtude, cujas memorias chegaraõ até o anno de 1603, como refere o livro dos Obitos desta Casa, já allegado, num. 47. pag. 458, donde tirámos o referido.

C Deixou o mal, que padeceo o Padre Agostinho dos Santos, natural da Villa de Vianna de Alentejo, taõ derrotado, que os annos, que viveo foy sempre fraco, e enfermo. Cahio o mal sobre velhice, gastada com o serviço da Religiaõ, e naõ pode recobrar forças, e assim faleceo neste dia, do anno de 1572, como escreve o Padre Francisco de Santa Maria no *Ceo Aberto*, liv. 4. cap. 16. pag. 962.

D De Constantino, e seus Companheiros, que padeceraõ no anno de 1633, escreve o Padre Antonio Cardim no *Catalogo dos Martyres do Japaõ*, pag. 323, o qual com grande trabalgo ajuntou de diversas Memorias as noticias, que naquella Obra nos deixou.

E Era Angela da Paixaõ, natural da Cidade de Lisboa. Foy Terceira da Ordem do Carmo, Recolhida no Recolhimento do Lugar da Cuba, onde faleceo neste dia, do anno de 1704. Memorias, que temos delle, que nos mandou o M. R. P. Fr. Francisco de Oliveira.

AGOSTO XIV.

O Apparecimento de S. Bernardo no Campo de Aljubarrota.

A Este dia, no Campo de Aljubarrota, o milagroso Apparecimento do Patriarca S. Bernardo ao Sereniſſimo Rey D. Joaõ o I. que depois de o livrar de hum evidente perigo, animou com a ſua ſagrada viſta ao magnanimo coraçaõ delRey. Succedeo, que no tempo que durava o conflicto daquella memoravel batalha, em que as armas Portuguezas triunfaraõ das Caſtelhanas com tantas ventagens, que eternamente durará na memoria das gentes o ſucceſſo deſte glorioſo dia, em que a Monarchia Portugueza, parece de novo fundarſe no eſtabelecimento dos ſeus Principes naturaes, que o Ceo tem moſtrado querer ſuſtentar ainda à força de grodigios, para confuſaõ de ſeus inimigos. Eraõ já entrados na peleija os dous Exercitos, e com cruel furia ſe offendiaõ, ſem ſaber a que parte ſe declararia a victoria: animava cada hum aos ſeus, inſtigando-os com o exemplo à conſtancia de proſeguirem na empreza, em que de ambas as partes houve acções de tanto valor, que ſe perpetuaraõ na admiraçaõ de todos os ſeculos. Romperaõ os Caſtelhanos a vanguarda Portugueza, e levaraõ a Bandeira Caſtelhana ao centro, onde eſtava o Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira, e ſe travou huma dura peleija; porque carregando Mem Rodrigues de Vaſconcellos, e Antaõ Vaz de Almada, e apoz delles ElRey, que cheyo de ardor militar, com a lança armada, paſſando por todos os ſeus, hia dizendo palavras, que os animava a peleijarem pela reputaçaõ, e pela Patria, e ainda mais com o exemplo ſe moviaõ, vendo peleijar ao ſeu Rey como qualquer Soldado, ſendo como rayo, a que a reſiſtencia he prejudicial; entrou na batalha taõ deſtemido, e valeroſo, que chegando ao mayor perigo, largou a lança, e começou a cortar com a facha de armas, como ſe fora hum Cavalleiro particular, que pelo ſeu braço pertendia ganhar honra no mayor perigo. Pertendeo oporſe-lhe Alvaro Gonçalves de Sandoval, Cavalleiro valente, e robuſto, e querendo ElRey ferir o Caſtelhano, recebeo o golpe no eſcudo; e pegando com grande ouſadia

ſadia, e deſtreza, na facha de armas delRey, lha arrebatou da maõ com tal violencia, que o fez ajoelhar em terra. Neſte taõ evidente perigo, a naõ ſer taõ grande o coraçaõ delRey, ficaria opprimido da ouſadia deſte valente mancebo; mas com animo pio, e com valor ſem igual, levantando o penſamento ao Ceo, invocou os merecimentos de S. Bernardo, de quem ſe jactava filho, e venerava como Patrono. Quando, [caſo maravilhoſo!] vio ſobre a tenda delRey de Caſtella, em pouca diſtancia, hum Bago Abbacial arvorado, e pendente do Bago hum Paludamento Militar, ou cota de armas, como tingida em ſangue. Animoſo, e esforçado ſe levantou logo do chaõ, ajudado de Martim Gonçalves de Macedo, ſempre afortunado nas occaſiões de o ſervir, e quando quiz caſtigar o attrevimento, tendo já cobrada a facha, e deſcarregando o golpe ſobre o Sandoval, foy a tempo, que já pelos ſeus era morto. Continuou nos inimigos tal eſtrago, que já lhe naõ faziaõ oppoſiçaõ; e proſeguindo a batalha, que o Ceo já declarava a ſeu favor, começaraõ a fraquear os inimigos: os noſſos os carregaraõ com tal esforço, que largando o campo com deſordem, já deſtroçados ſe puzeraõ em precipitada fugida, ſendo Deos ſervido, que ficaſſem vencidos nas armas, os que ſe julgavaõ vencedores pelo poder, e confiança. Conſeguida eſta taõ inſigne victoria, depois de cumpridas com as ceremonias militares, de entaõ uſadas, de permanecer no campo tres dias, paſſou ao Real Moſteiro de Alcobaça, onde com pio, e catholico animo fez cantar hum Officio pelos Fidalgos, e Soldados Portuguezes, dandoſe honrada ſepultura no Clauſtro do Moſteiro aos de mayor cathegoria, merecendo elles, que em urnas de alabaſtro ſe conſervaſſem as ſuas cinzas, já que em glorioſos feitos eternizaraõ o ſeu nome; mas o que lhe falta de Inſcripções, e Epitafios, ſupprirá a fama, conſervando na tradiçaõ das gentes a ſua memoria, honrada tantas vezes na admiraçaõ, com que ſe lem nas noſſas Hiſtorias as ſuas façanhas, ſendo por elles glorioſo eſte dia nos Faſtos Luſitanos. ElRey, em quem a piedade, e Religiaõ naõ tinhaõ inferior lugar ao valor, e as admiraveis virtudes, de que ſe adornava, aſſiſtio à feſta de S. Bernardo, e depois de commungar da maõ do Abbade D. Fr. Joaõ de Ornellas, no fim da Miſſa, aſſentado no Real Throno, na preſença dos grandes da Corte, e innumeravel gente,

que lhe aſſiſtia, referio com juramento eſte milagroſo ſucceſſo, que gratificou ao Santo Patriarca com grandioſas dadivas, dignas do ſeu Real animo, deixando neſte inſigne Moſteiro varios deſpojos da batalha, que ſaõ irrefragaveis teſtemunhos da devoçaõ, com que venerava aquella Caſa.

D. Joaõ Froes, Coneg. Reg.

B Em o Convento de Santo Iſidoro de Leaõ, Cabeça dos Conegos Regulares daquelle Reyno, o obito de D. Joaõ Froes, V. Prior do Moſteiro de Santa Cruz de Coimbra, homem de vida approvada, e de taõ boa opiniaõ de virtude, que a Rainha D. Dulce, mulher delRey D. Sancho o I. o eſcolheo para ſeu Confeſſor, moſtrando o conceito, com que o eſtimava na Doaçaõ, que lhe fez para a Ordem, das Villas do Ervedal na Beira, e de Maiorca, às quaes o dito Prior deu foral no anno de 1194. Trabalhou muito pelo augmento da ſua Congregaçaõ, alcançando da Sé Apoſtolica algumas graças, e iſenções a favor do ſeu Moſteiro. Impedialhe eſta execuçaõ o Biſpo de Coimbra, pelo que ſe vio obrigado ir a Roma, e obteve do Santo Padre Celeſtino III. naõ ſó a deciſaõ daquella contenda, mas eſpeciaes privilegios para o ſeu Real Moſteiro, a ſaber: a Bulla *Contra invaſores bonorum Monaſterii*, e outra em que ampliava o privilegio de celebrarem Pontificaes os ſeus Priores mores, em todos os Moſteiros, e Igrejas da Ordem. Com taõ eſpeciaes favores voltava contente para o Reyno, quando adoeceo gravemente no ſeu Moſteiro de Leaõ, e conhecendo ſer mortal a enfermidade, ſe preparou com todos os Sacramentos, e neſte dia, veſpera da Aſſumpçaõ da Senhora, de quem foy eſpecial devoto, deixou a vida mortal com evidentes ſinaes de Predeſtinado.

Sor Elena do Paraiſo, e Sor Ignez dos Anjos, Agoſtinhas.

C No Moſteiro de Santa Cruz de Villa Viçoſa, a precioſa memoria de duas virtuoſas Religioſas de extrema virtude, que mereceraõ pela ſua vida ſerem veneradas na morte por Santas, Sor Elena do Paraiſo, e Sor Ignez dos Anjos, Companheiras na Religiaõ, e nos exercicios da virtude, com que cada huma pertendia exceder à outra nos exceſſos da mortificaçaõ, para merecerem os favores do Divino Eſpoſo. Começou Sor Elena o caminho da perfeiçaõ pelos rigores da penitencia, crucificando-ſe ao Mundo, e a todas as ſuas concupiſcencias, com rigoroſas auſteridades, ſogeitando a carne ao eſpirito, uſando diſciplinas de ſangue, cilicios, e por camiza

hum

hum habito de pano groſſeiro, e aſſim trazia o corpo cheyo de chagas. Frequentava os jejuns, fazendo no anno repetidas Quareſmas, e tres dias na ſemana com mais rigor, e nas ſeſtas feiras naõ comia outra couſa mais, que algumas folhas de oliveira; e ſobre eſta deſabrida iguaria tomava fel desfeito em vinagre, que com grande ſegredo mandava buſcar, de que ſó eraõ ſabedoras duas Religioſas, Companheiras na vida eſpiritual. Na Oraçaõ, em que era continua, recebia o premio dos ſeus exceſſos, alcançando da Soberana Miſericordia Celeſtiaes favores, com que o Senhor recreava aquella pura alma. Nella ſe admirou hum dom de lagrimas, e com mayor exceſſo todas as vezes, que recebia a ſagrada Communhaõ; porque parece queria desfazer o coraçaõ em ternuras, para ſatisfazer a doçura daquelle Divino Manjar. No ſilencio procurava, que ninguem lhe levaſſe ventajem; porque nos dias que jejuava, que eraõ muitos, naõ fallava ſenaõ obrigada da obediencia, ou da virtude da charidade. Sobre taõ ſolidas virtudes, foy purificada na paciencia com muitas enfermidades, a que ſe lhe ajuntou huma quéda, de que ficou aleijada toda a vida; porém naõ affroxou o ſeu eſpirito do rigor das penitencias, e exercitada em ſanta virtude, permaneceo até a morte. Sor Ignez dos Anjos, Companheira na Religiaõ, e nos rigores, naõ ficava excedida das auſtéras penitencias da amiga. Teve grande zelo da obſervancia Religioſa; pelo que padeceo algumas mortificações das Preladas, que ſofria com humildade, recorrendo à Oraçaõ, que frequentava com grande exceſſo. Em os Domingos, e Santos, tinha tomado por recreaçaõ huma tarefa ſanta: era eſcrever huns colloquios eſpirituaes, manifeſtando em huns ao ſeu Divino Eſpoſo o amante, e abrazado do ſeu coraçaõ, e o quanto vivia violenta nas prizoens da carne a ſua pura alma, deſejando rompellas, ſó por ſe unir com a Divina Mageſtade, em outros a MARIA Santiſſima, de quem era por extremo devota; implorava a ſua interceſſaõ com o mais reverente obſequio, pedindo-lhe de continuo, que a ſua morte foſſe em hum dos dias, que a Igreja dedicava ao ſeu culto, e lhe foy concedido; porque adoecendo, conhecendo ſer a ultima enfermidade, e preparada com os Sacramentos com muita devoçaõ, reſignada humildemente na vontade Divina, a que ſempre viveo ſogeita, entregou a ſua alma ao Eſpoſo, neſte

neste dia, vespera da Assumpçaõ da Senhora, cuja festa foy solemnisar entre os Córos das Virgens, como piamente podemos crer, pois logo appareceo a hum Religioso, que no seu Convento da mesma Villa estava em Oraçaõ, e chea de Celestial luz, lhe disse, que hia a ver a Deos para sempre.

O Irm. André Jorge, da Comp.

D Em o Collegio da Companhia de Evora, será sempre viva a lembrança do Irmaõ André Jorge, cuja vida desde os primeiros annos foy hum modello da paciencia; porque já entaõ sabia sofrer por amor de Christo, tolerando os contratempos daquella idade. Entrou na Companhia ornado com a flor da graça bautismal, que conservou illeza até o fim da vida. Foy muy dado à Oraçaõ, que fazia de joelhos, sem que se dispensasse desta observancia, nem ainda por indisposiçaõ. Teve grande cuidado em se pôr na presença de Deos; e porque o estudo totalmente o naõ divertisse, registava os livros com Imagens devotas, e sentenças pias, que alentassem com a memoria o espirito. A' Virgem Santissima venerou com especial devoçaõ, e junto da sua Imagem tinha escrita esta letra: *Te sine nihil habeo*, em que mostrava o seu verdadeiro culto. Em as demais virtudes mostrou ser verdadeiro Religioso; porque no comer era parco, no vestir desprezivel, nas penitencias de cilicios, e disciplinas rigoroso, nas injurias sofrido, no amor da santa pobreza entranhavel, na obediencia pontual, que observou até na ultima doença; pois entre os frenesís nascidos da queixa, podiaõ tanto nelle os habitos das virtudes, que era admiravel, ainda nos desconcertos. Finalmente, restituido na doença o entendimento desconcertado, pedio ao Superior a bençaõ, e rogando a seus Irmãos o encommendassem a Deos, abraçado com hum Crucifixo, e beijando huma por huma as Chagas, acabou *in osculo Domini.*

Luiz Rodrigues Romano.

E Na Igreja Matriz da Villa da Golegãa, da Invocaçaõ de Nossa Senhora da Conceiçaõ, faleceo neste dia Luiz Rodrigues Romano, homem de huma excessiva charidade, que fazia mais estimada, com huma vida muy conforme aos preceitos da Ley de Deos. Depois da sua morte succedeo, que no dia seguinte, que o haviaõ de enterrar, acharaõ o corpo flexivel, e sem final de corrupçaõ: era boa a opiniaõ da sua virtude; reflectiraõ no caso, tendo por sobre natural o que viaõ; chamaraõ o Medico, que conforme os principios da

Physica

Physica observou o cadaver: mandou-o picar com huma lanceta, de que lançou sangue na mesma fórma, que hum corpo vivo; o que sendo visto por alguns Religiosos, e outras pessoas, que estavaõ presentes, suspenderaõ para o outro dia o enterro, e depois de terem passado quarenta horas, foy visto na mesma fórma; com que engrandecendo a Deos, lhe deraõ sinalada sepultura, em que está esperando a Resurreiçaõ Universal.

Commentario ao XIV. de Agosto.

A Corria o anno de 1385, quando no mez de Abril convocou o Mestre de Aviz D. Joaõ, como Defensor, Regente, e Governador do Reyno, Cortes na Cidade de Coimbra, para se tratar da successaõ do Reyno, e em ellas foy levantado o mesmo Mestre Rey, por commum consentimento de todos os bons Portuguezes, tendo de idade vinte e oito annos, composto de virtudes, valor, prudencia, e partes dignas de coraçaõ Real; e assim foy hum dos mais insignes Reys, de que fazem mençaõ as Historias.

No mesmo anno, neste dia, foy a memoravel Batalha de Aljubarrota, que o seu animo generoso, e devoto agradeceo à Virgem Santissima, com o sumptuoso Templo da Senhora da Victoria, da Villa da Batalha, nome que lhe deu do campo em que a venceo, obra magnifica, e digna de hum tal Principe. Que no conflicto da Batalha tivesse o visivel favor de S. Bernardo, que referimos no Texto, consta de huma memoria antiga, que se conserva escrita em hum livro do mesmo tempo, entre os manuscritos da grande livraria deste Mosteiro. He huma parte da Biblia, donde no fim se escreveo a referida memoria, com outras, que referem as grandiosas dadivas, que deu ElRey a esta Casa: tiraremos só o que pertence ao nosso intento, e he o seguinte:

Hunc librum donavit Dominus Rex Joannes nomine primus huic Monasterio de Alcobatia, post devictum Regem Castellæ ad Aljubarrotam: librum hunc, Crucemque argenteam, & cristalinam, & alia prætiosa quæque reperta in papilone Regis Castellanorum Sancto Patri Bernardo, prout in conflictu voverat, dedicavit; quo die festivitatem ejus celebraturus, quintum post victoriam diem, ad hanc domum pervenit: publice pro corona Regni sui juravit sensisse se miram divini adjutorii præsentiam dum in maximo periculo positus Divi Patris nostri Bernardi nomen, & auxilium imploraret, & supra tentorium Regis Castellanorum vidisse erectum in aere Baculum cum rubro Palludamento, &c.

O que traduzido na nossa lingua, diz assim:

Este livro deu o Senhor Rey D. Joaõ o I. do nome a este Mosteiro de Alcobaça, depois de vencido ElRey de Castella, junto a Aljubarrota. Dedicou este livro, e a Cruz de prata, e de crystal, e outras cousas preciosas, que se acharaõ na tenda do Rey dos Castelhanos, ao Padre S. Bernardo, como tinha votado no conflicto. Fez este acto no dia quinto depois da victoria, em que chegou a esta Casa, para celebrar a festividade do dito Santo, e publicamente jurou pela Coroa do seu Reyno, que elle sentira huma admiravel assistencia do Divino soccorro, quando posto em grandissimo perigo, implorava o nome, e auxilio do nosso Padre S. Bernardo, e que vira sobre a tenda do Rey dos Castelhanos hum Baculo levantado no ar, com hum Paludamento vermelho.

Desta memoria faz mençaõ Brito na I. Parte da *Monarch. Lusit.* no Prologo, pag. 6. vers. Fr. Manoel dos Santos, Chronista da Religiaõ Cisterciense neste Reyno, na sua *Alcobaça Illustrada*, part. 1. no Appendice a copeya, e no titul. 9. pag. 216, escreve este successo, com mais circunstancias do que refere a memoria: tal vez o acharia em outras, que nós naõ vimos, e por essa causa nos sogeitamos a esta, que temos por digna de

fé;

fé; e assim tambem naõ nos accommodamos com a explicaçaõ, que elle faz das palavras da dita memoria. Fr. Angelo Manrique no II. Tomo dos *Annaes Cistercienses*, já tinha feito mençaõ deste successo, porém com animo opposto; porque naõ podendo duvidar da Batalha, e dos despojos, que permanecem em Alcobaça; mas que a Virgem Maria, e S. Bernardo assistissem a ElRey, se naõ attreve affirmar, sendo a razaõ da sua duvida, que o direito estava da parte contraria. He esta duvida taõ conhecida opposiçaõ, que naõ gastamos tempo em a convencer, nem importa ao nosso caso, que o negue Manrique, ou o affirme; porque os que lerem a Vida delRey, acharaõ tantas acções de piedade, que o naõ duvidem, discorrendo pelos ricos dons com que gratificou ao Convento de Alcobaça a protecçaõ do Santo, e com o voto que fez perpetuar, o que devia à Virgem Santissima, na Procissaõ, que o Senado da Camera de Lisboa lhe faz todos os annos neste dia. Huma que sahe da Santa Igreja Patriarchal. A de dia de S. Vicente, Patrono tambem de Lisboa, em que os Officios da Cidade levaõ cirios ao Santo, as quaes estabeleceo perpetuamente por cartas suas, que se guardaõ no Archivo do Senado da Camera. Outra Procissaõ, que da Batalha vay à Ermida de S. Jorge, que fica no sitio, em que principiou a Batalha, e o mesmo Rey mandou edificar em honra deste Santo. No Commentario do dia 25 de Julho temos mostrado, que naõ saõ as apparições, e favores do Ceo, argumento de santidade; lá remettemos ao Leitor, quando se lhe offereça duvida.

Agora só accrescentaremos em abono delRey, que achando o Reyno estragado de costumes, assolado da insolencia de seus inimigos, com toda a diligencia o reformou, emmendando-o com cuidado, e exemplo, plantando obras de virtude, e honestidade, e para conservaçaõ de seus vassallos. Ardeo no desejo de dilatar a Christandade, e nesta consideraçaõ procurou evitar a guerra com os Christãos, para desembainhar a espada contra os infieis, empregando as suas armas em dilatar o Nome de Jesu Christo. A este fim poz no mar a mayor armada, que se tinha visto naquelles tempos, e em todos grande. Compunha-se de duzentas e vinte náos. Nesta empreza o acompanharaõ seus filhos os Infantes D. Duarte, D. Pedro, e D. Henrique, e o Conde de Barcellos o Senhor D. Affonso, e grande numero de Fidalgos; e navegando a costa de Africa, deu na famosa Cidade de Ceuta, e neste mesmo dia 14 de Agosto de 1414, a tirou do poder dos Mouros, que a dominavaõ desde a universal perda de Hespanha. Foy casado com a Rainha D. Filippa de Lencastre, de quem fizemos mençaõ no dia 18 de Julho, de quem teve gloriosa descendencia, em filhos Santos, e valerosos, como educados por tal mãy, e com o exemplo de taõ grande pay: delle descende por varonia a Serenissima Casa de Bragança, que o Ceo tinha reservado para succeder na Coroa Portugueza, e se conserva hoje a Monarchia Portugueza em seu nono neto ElRey D. Joaõ o V. que Deos guarde, e saõ tambem seus descendentes quasi todos os Soberanos da Europa. Finalmente, na vespera da Assumpçaõ da Virgem, dia faustissimo para elle na terra, foy a gozar da Gloria no anno de 1433, tendo reinado felizmente quarenta e oito annos, contando setenta e seis de idade. Jaz sepultado em soberbo Mausolêo, no Convento da Batalha, fundaçaõ sua, e em letras antigas se lê o seu Epitafio, que por largo naõ referimos, e anda no II. Tomo da *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, pag. 15, e na face superior se lem estes cinco Versos:

Hoc tegitur tumulo fælix Rex ille Joannes,
Magnanimus, pius, & cuntorum gloria Regum,
Militiæque decus, firmissima regula legum,
Qui tumidum Regem parvo cum milite fregit
Castellæ, & Septam sibi magna classe subegit.

Para ultimo complemento, que testemunhe a gloria, que a alma delRey goza, referiremos, o que conta Sousa na *Hist. de S. Doming.* part. 1. cap. 26, authenticado por ordem de D. Pedro de Noronha, Arcebispo de Lisboa. Costumava ElRey D. Duarte

Duarte seu filho celebrar todos os annos solemnes honras pela alma de seu pay, com hum Officio na Sé de Lisboa, (o que ainda hoje se faz) em vespera da Assumpçaõ da Senhora. Succedeo crescer a cera, ou naõ se gastar nada; de sorte, que feita a conta ao tempo que ardeo, parece exceder aos termos naturaes, querendo desta sorte mostrar Deos a bemaventurança, que no Ceo goza a alma delRey. Muitas vezes temos encontrado semelhante caso nas vidas de pessoas de virtude, attribuindo-se a obra miraculosa, como piamente cremos foy esta. Fr. Antonio da Purificaçaõ na *Chronologia Monastica*, faz mençaõ delRey entre os Varões Santos, por estas palavras: *Bataglia in insigni Cœnobio de Victoria Ordinis Prædicatorum depositio venerandi, & Serenissimi Lusitaniæ Regis Joannis hujus nominis primi*, &c. onde tambem conta o referido caso.

B Depois de estabelecida a refórma da Canonica Familia de Santo Agostinho neste Reyno, foy eleito em Prior môr D. Joaõ Froes. Nasceo em Coimbra: Era filho de D. Froile Paes, Senhor das Villas de Mayorca, e Alhadas. Em seu tempo alcançou do Papa, que os Confrades do Mosteiro de Santa Cruz, que fossem Irmãos da Ordem, por Carta de Irmandade, se eximissem da jurisdiçaõ do Bispo. Governava aquella Igreja D. Pedro Soares, que encontrando esta graça, obrigou ao Prior ir sustentar a causa em Roma. Recebeo-o o Papa com benevolencia, pela affeiçaõ, que tinha ao Mosteiro de Santa Cruz, desde o tempo que nelle estivera, sendo Legado em Hespanha. Escreveo ao Bispo de Coimbra desistisse da contenda, pois o Mosteiro de Santa Cruz estava debaixo da sua protecçaõ. Das duas Bullas já fizemos mençaõ no Texto. Em seu tempo, que ainda naõ havia Impressaõ, mandou escrever por hum Religioso seu alguns livros uteis à livraria, a saber: os de Santo Agostinho, sobre os Psalmos, os da Cidade de Deos, e o livro da Historia Ecclesiastica, e dous Psalterios para o Coro. Faleceo no anno de 1196, como se vê do livro dos Obitos *XIX. Kalend. Septemb. Æra M.CC.XXXIIII. obiit D. Joannes Froile Prior Quintus Sanctæ Crucis, in Regno Legionis.* Delle se lembra D. Nicolao de Santa Maria na *Chronica da sua Religiaõ*, part. 2. liv. 9. cap. 10.

C Em Villa Viçosa, tinhaõ seu assento os Serenissimos Duques de Bragança, de cuja Casa era Fidalgo Duarte Pereira de Brito, Commendador de Castelhaos, de quem foy filha, (devia ser natural) Sor Elena do Paraiso; porque naõ sabemos, que casasse seu pay. Entrou no Mosteiro de Santa Cruz da Ordem de Santo Agostinho de idade de quinze annos, e nelle acabou com opiniaõ de Santa.

Sor Ignez dos Anjos, naõ achamos mais, que ser natural de Bragança, nem mais noticia, que eraõ seus pays nobres, e seguindo a vida espiritual foy Companheira das asperas penitencias de Sor Elena; e conservando o mesmo theor de vida até morte, que foy no anno de 1578, como refere Fr. Luiz dos Anjos no *Jardim de Portugal*, pag. 390, e a *Chronologia Monastica* de Purificaçaõ, e Elisio neste anno; Fr. Manoel Leal m. s.

D Naõ devemos passar em silencio ao Irmaõ André Jorge, da Companhia, natural da Villa de Vianna, no Arcebispado de Evora. Seus pays se chamaraõ Antonio Fernandes, e Responsa Jorge, merecedores desta memoria por hum tal filho. Estudou em Evora Latim nas Classes, dando aos Companheiros bom exemplo nos seus costumes, confessando-se, e commungando todas as semanas. Entrou na Companhia, e exercitando-se na virtude naõ deixou de mostrar o vivo do seu engenho, applicando-se de sorte, que foy bom Latino. Era taõ pontual na observancia, que lhe succedeo muitas vezes estar compondo alguma Poesia, e deixar o verso principiado, e acodir ao sinal, a que a obediencia o chamava. Morreo neste dia, no anno de 1608. A sua Vida escreveo o Padre Jeronymo Alvares da Companhia, e se conserva m. s. no cubiculo dos Mestres de Noviços de Lisboa; e Franco na *Imagem da Virtude do Noviciado de Evora*, liv. 3. cap. 30, e no *Anno Santo da Companhia em Portugal*, neste dia.

E Na Villa da Golegãa, Comarca de Santarem, de que dista quatro leguas, nasceo Luiz Rodrigues Romano: nella viveo casado com Maria Farinha Mena, de naõ menor virtude do que o marido, que faleceo no anno de 1697, a quem ella sobreviveo dez, ou doze annos. Consta de hum assento, que mandou fazer pelo Escrivaõ do Ecclesiastico o Padre

Antonio Farinha de Mena, o Licenciado Domingos da Sylva, Vigario da Igreja da dita Villa, e nella Vigario da Vara, e Commissario do Santo Officio, o qual assinou o Medico Francisco de Brito Vidigal, e alguns Religiosos, e pessoas principaes da mesma Villa, que se acharaõ presentes, ao que temos referido, e nós vimos copiado nas memorias, que o Cabido da Sé Oriental mandou à Academia Real.

AGOSTO XV.

Assumpçaõ de N. Senhora. A

M todas as Cathedraes do Reyno de Portugal se festeja com especial culto a Assumpçaõ da sempre Virgem MARIA, Mãy de Deos, e Senhora Nossa, e a este soberano Mysterio saõ dedicadas desde tempo immemorial, que sempre foy seguindo a piedade dos que edificaraõ em diversos tempos as Sés deste Reyno, como plantado na fé religiosa, dos que o resgataraõ do jugo Mauritano; e assim experimentaraõ sempre da liberal maõ do Altissimo especiaes favores pela intercessaõ da Virgem Santissima, de quem os Portuguezes saõ cordeaes devotos, e em diversos titulos lhe tributaõ reverentes obsequios; e por esta causa se applaude, e celebra em todo o Reyno com saudosa memoria a festividade deste venturoso dia, em que tendo cumprido a Mãy Santissima setenta e dous annos, aos cincoenta e sete do Nascimento de Nosso Senhor JESU Christo, foy admiravel, e prodigiosamente levada sobre os Córos dos Anjos em Corpo, e Alma ao Ceo, depois de ter pago o universal tributo de ter nascido, e ter logrado por Mãy de Deos, segundo a carne o privilegio de resuscitar ao terceiro dia, subindo ao auge da perfeiçaõ, a que naõ pode chegar outra alguma creatura, foy a gozar do decreto lançado antes da creaçaõ do Mundo.

N. Senhora da Assumpçaõ de Aviz. *B* Neste dia, se celebra no Mosteiro de Aviz, Cabeça desta Militar Ordem, a festa da Assumpçaõ da Virgem Santissima, como especial Padroeira, a quem he dedicada a Igreja, em memoria de ser neste dia principiado o Castello, para onde se mudou a Militar Ordem de Cavallaria, chamada entaõ de Evora, por residir naquella Cidade. Tomou o nome de Aviz, desde aquelle tempo, em que permanece com esplendor, sendo conhecida no Mundo por sua veneravel antiguidade,

tiguidade, e pelo esforço, e brio de seus Cavalleiros, que com singulares proezas merecerão gloriosa fama na posteridade, adquirida na observancia do seu Instituto, fazendo cruel guerra aos inimigos de JESU Christo, com que eternizarão o seu nome nos Annaes Lusitanos.

D. Gaspar de Leaõ, Arceb. de Goa.

C Na Cidade de Goa, está muy viva a memoria de seu Santo Prelado D. Gaspar de Leaõ, I. Arcebispo Primaz do Oriente, Varaõ de insigne virtude, e singular exemplo. Começaraõ nelle a resplandecer as virtudes desde a idade de dezaseis annos, dando-se de tal sorte à contemplaçaõ unitiva, que andava sempre na presença de Deos, sem que nem os estudos, nem os actos Escolasticos mais fervorosos, que nas disputas, e argumentos das Aulas costumaõ alterar os animos, nem as conversações, que introduzio a urbanidade no trato Civil, e Politico, puderaõ nunca apartar o seu espirito, para que o naõ elevasse em considerações, e humildade, a conversar sómente com Deos; de sorte, que gozava o seu animo da mesma tranquilidade, e socego, do que quando retirado o buscava. De tal maneira elevava o coraçaõ no Divino Amor, que abrazado em ardentes chammas, excediaõ os gozos da alma os limites do humano; e assim naõ cabendo na esféra do coraçaõ brotavaõ os seus olhos em lagrimas de devoçaõ, que com prudente cautella supprimia, para que se naõ publicassem os effeitos do seu espirito, que elle só a Deos pertendia fosse manifesto. Chegando a idade competente recebeo as Ordens Sacras, officio que exercitou, com aquelle theor de vida, que tinha sempre seguido. Dizia Missa com tanta devoçaõ, e lagrimas, que eraõ demonstradoras da pureza da sua alma: nesta se dilatava tanto nos espaços da meditaçaõ, que nos mementos ficava elevado, e muitas vezes succedeo depois de estar na India no seu Convento da Madre de Deos, o Religioso que lhe ajudava a Missa, ir à cozinha fazer a sua obrigaçaõ, e voltar a tempo; porém naõ he de admirar, que quem anda na presença de Deos se dilate mais no Santo Sacrificio da Missa. Seguio as escolas com tal estimaçaõ, que o deraõ a conhecer pelo nome do Mestre Gaspar: pelo que entendemos devia ter ensinado; porque em algumas cartas del Rey o nomeaõ da mesma sorte. Como as suas letras assentavaõ sobre virtude solida, ella mesmo o dava a conhecer, fazendo-o

capaz dos empregos do seu estado. O Infante Cardeal D. Henrique, entaõ Arcebispo de Evora, Prelado virtuoso, em o qual acharaõ protecçaõ os Doutos, e bem inclinados, aggregou ao seu serviço o Mestre Gaspar; e como o seu talento era digno de toda a occupaçaõ, se valeo delle em varios empregos. Deu lhe huma Conesia em Evora, e o fez seu Esmoler môr, mostrando sempre o grande conceito, e estimaçaõ, que fazia do Mestre Gaspar; mas nem o valimento do Infante, nem os lugares, alteraraõ o socego do espirito; porque como naõ servia à lisonja, nem à ambiçaõ, cumpria nas obrigações sómente ao serviço de Deos, sem que os cuidados humanos lhe perturbassem a paz do seu desinteressado animo. O Cardeal Infante, que delle tinha grande experiencia, o inculcou para o Arcebispado de Goa, Igreja, que se levantava à nova Dignidade, e necessitava de hum Prelado, em cujas letras, e virtude, se estabelecesse o espirito Apostolico, com que Christo fundara a sua Igreja. Constituido o Mestre Gaspar na Dignidade de Arcebispo, embarcou para a India, e foy hum dos excellentes Prelados, que teve aquella Primacial Igreja, que regeu com amor, e desinteresse, sem que as riquezas do Oriente contaminassem o desinteresse do seu animo. Aqui servindo às suas ovelhas, as appascentava com o exemplo das suas virtudes, que eraõ taõ attractivas, que moviaõ por si à refórma das vidas, deixando no zelo, com que as governava, huma singular memoria aos vindouros. Andava taõ reformado o seu rebanho, que viaõ os Gentios a virtude do Prelado, e a verdade da Religiaõ Christãa, a que os estava chamando a integridade dos costumes, em que viviaõ aquelles póvos. Em hum dia bautisou pelas suas mãos trezentos e oitenta Cathecumenos, com grande satisfaçaõ do seu espirito, por ver aquellas almas purificadas da culpa, e reduzidas ao gremio da Igreja. Este acto fez com grande solemnidade, a que assistio o Vice-Rey, toda a Corte, e Nobreza do Estado, mostrando neste apparato, que approvava a solemnidade, com que os Padres da Companhia faziaõ os bautismos, que elle ao principio lhe prohibio, sendo tanta a sua humildade, que confessou fora mal informado; e este motivo o fez ser mais empenhado, em que os Padres fossem os Ministros deste Sacramento, já que tinhaõ o trabalho de reduzirem os Gentios. Como o seu intento era a dila-

a dilataçaõ da Fé, como virtuoso, naõ fazia capricho da sua opiniaõ, se naõ do interesse, de que se augmentasse o rebanho de Christo, verdadeiramente Prelado digno de eterna fama.

No seu tempo, no anno de 1567, convocou o primeiro Concilio Provincial daquella Metropoli, para fazer novas Constituições, tirar abusos, reformar vicios, e plantar virtudes, em que se exercitassem os Catholicos no augmento da Religiaõ, e culto da Fé. O quanto a estimava, e antepunha aos interesses do Mundo, se vio quando governava a India aquelle excellente Principe, em quem as virtudes igualavaõ ao Real sangue, que o animava o Vice-Rey D. Constantino, filho do Duque de Bragança; o qual havendo triunfado do Rey de Jafanapataõ, e tirado por premio da victoria por despojos os seus thesouros, entre os quaes era o de mayor estimaçaõ hum Idolo, celebre em toda a Asia, que ElRey de Jafanapataõ conservava com enveja de todos os de mais Principes. Era este hum dente de hum Bogio grande, o qual idolatravaõ com particulares cultos: estava este collocado em huma joya de ouro, guarnecido de pedras preciosas; o que chegando à noticia delRey de Pegú, mandou offerecer ao Vice-Rey por elle quatrocentos mil cruzados, com tanta devoçaõ de o alcançar, que se entendeo chegaria até hum milhaõ de cruzados o donativo. Naõ faltava quem aconselhasse ao Vice-Rey, que o entregasse, vendo a necessidade do Estado, para com o mesmo dinheiro fazer mayor guerra aos inimigos da Fé. Chegaraõ à noticia do Arcebispo as instancias, com que requeriaõ ao Vice-Rey admittisse as offertas, que lhe offereciaõ. Porém o Arcebispo com differente opiniaõ fallou com o Vice-Rey, como virtuoso, e Letrado, demonstrando-lhe com a Theologia, e com a razaõ, que todo aquelle ouro, porque se vendesse o dente, era huma injuria da nossa Fé; porque naõ podia haver valor, que pudesse igualar à honra de Deos, que elle só devia ser em toda a parte adorado: e se admirava de que houvesse Portuguezes, criados na verdade da Religiaõ Christãa, taõ ambiciosos, que fossem causa de novo culto dado ao demonio, nas supersticiosas adorações, que os Gentios haviaõ de tributar àquelle abominavel dente. Nesta materia fallou outras vezes ao Vice-Rey com liberdade Christãa, e com Apostolico zelo subio ao Pulpito, e diante do Vice-Rey, e da

Corte,

Corte, reprehendeo aos sequazes de taõ escandalosa opiniaõ. Entre as singulares virtudes do Vice-Rey, em que dava a conhecer a magnanimidade do seu animo, naõ luzio menos a piedade da Religiaõ; e assim indeciso naõ se determinava na resoluçaõ, a que o inclinava a vontade de desprezar todas as offertas delRey de Pegú: e para que esta fosse acreditada com o Conselho, chamou a huma junta as principaes pessoas do Estado, assim Ecclesiasticas, como Seculares, em que entraraõ os mais doutos Clerigos, e Religiosos das Familias de S. Francisco, S. Domingos, e Santo Ignacio, os Inquisidores Apostolicos, e outros, a que presidio o Arcebispo, no qual o zelo da Religiaõ era igual à pureza da vida; e depois de se tratar o negocio, venceo a Theologia com a verdade da Religiaõ os interesses da politica: e sem dilaçaõ resolveo o Vice-Rey, que o dente fosse entregue ao Arcebispo, o qual logo o lançou em hum almofariz, e com as suas proprias mãos o quebrou, e desfez em pó, lançando este em hum brazeiro, cujas malditas cinças mandou, que fossem lançadas no rio à vista do povo, que se ajuntou em grande numero, louvando a virtude do Arcebispo, e zelo do Vice-Rey, que com esta heroica acçaõ, fez ainda mais glorioso o seu nome na Historia.

Desejava muito o Provincial da Companhia, que se augmentasse a Christandade nas Ilhas de Salsete, e para com facilidade se conseguir, era necessario, que em Margaõ se levantasse huma Igreja, por ser esta Aldea a mais nobre das tres Comarcas sogeitas a Goa, de grande contrato, e taõ dilatada, que representa huma principal Villa; de sorte, que recebida em Margaõ a Fé, seria seguida das Aldeas de menor nome. A este bom desejo se oppunhaõ as infalliveis contradições dos Bramanes Gentios, que eraõ nobres, e poderosos, a quem a plebe havia de seguir. Nesta cuidadosa idéa, recorreo ao Arcebispo, em quem a virtude brilhava mais do que as preciosas pedras do Oriente, e o zelo da propagaçaõ da Christandade, se accendia de sorte, que desejava reduzir ao gremio do Summo Pastor da Igreja o dilatado rebanho da Asia. Para esta empreza naõ offereceo o Arcebispo ao Provincial a boa vontade, e o poder, mas a pessoa; e passando a Margaõ com os Padres mais authorisados do Collegio de S. Paulo, era pa-

ra

ra ver a veneraçaõ, que tinhaõ ao Arcebiſpo, e como ſe conſervava entre aquelles Gentios o reſpeito; e converſando com alguns lhe perguntou onde lhe parecia melhor ſitio, para levantar a Igreja. Naõ duvidava o Arcebiſpo a parte, porque já levava determinado donde havia de ſer, para mayor gloria de Deos. Naõ repugnavaõ os Gentios já a obra; porém receavaõ, que o Arcebiſpo lhe derribaſſe o ſeu Pagode, cujo Idolo ſe chamava Magacî; e induſtrioſamente lhe moſtravaõ lugares, a que lhe apontavaõ conveniencias referidas à medida do intereſſe, que tinhaõ da conſervaçaõ do ſeu Idolo, que deſejavaõ conſervar. Caminhava o Arcebiſpo a pé, e levava na maõ huma ſetta, e chegando ao lugar do Pagode, a pregou na terra, ferindo com eſte golpe os corações dos Gentios, que o acompanhavaõ, taõ deſanimados, que ſe naõ attreveraõ a defender o ſeu Pagode, ficando taõ timidos da grande authoridade, e reſpeito do Arcebiſpo, que naõ ouſaraõ, nem a difficultar, quanto mais a reſiſtir. Derribou-ſe o Pagode, e no ſeu lugar ſe edificou a Igreja do Eſpirito Santo, na qual ſe diſſe a primeira Miſſa na Dominga in Albis. Receberaõ neſta Aldea mais de cinco mil peſſoas a Sagrada agua do Bautiſmo, com que regenerados na graça o vieraõ a ſer nos coſtumes os ſeus naturaes; porque ſendo até entaõ os mais rebeldes ao Eſtado, naõ cedem hoje na lealdade aos meſmos Portuguezes.

Naõ havia couſa, em que o Arcebiſpo naõ deſſe ſingulares moſtras do zelo da Fé; porém ao meſmo tempo ſe confundia com a alta Dignidade, tendo-ſe por incapaz, e naõ merecedor de taõ excelſo emprego; e aſſim deſejava muito renunciar a Archiepiſcopal Cadeira, e recolherſe aos Clauſtros da Religiaõ de S. Franciſco, tomando o Habito, viver em eſtreita pobreza, no limite de huma cella, ſeguindo a vida Apoſtolica, que ſempre amara, aborrecendo, deſde que teve uſo de razaõ, todas as vaidades do Mundo. Era eſte virtuoſo Prelado continuo na Oraçaõ, ſendo eſte exercicio o mayor emprego do ſeu cuidado; pelo que deſejava muito deſembaraçarſe de negocios, para ſe dar ſómente às delicias do eſpirito: aſſim rogava a Deos lhe inſpiraſſe o que foſſe mais do ſeu agrado. Vacilava neſtes cuidados, quando lhe foy revelado, ou proferido pela boca Santiſſima de Chriſto crucificado, que ſem

largar

largar a Dignidade cumprisse com o seu intento, fundando hum Convento de Capuchos da Ordem de S. Francisco, e nelle poderia achar paz, e socego, para se dar todo à contemplaçaõ. Esta Santissima Imagem se venera naquella Cidade, com grande devoçaõ, com a tradiçaõ de que fallara ao Arcebispo. Tratou logo de pôr em execuçaõ a Divina vontade, procurando de Portugal Frades, que seguissem a refórma, o que por entaõ naõ pode conseguir; porém communicando a sua idéa a Fr. Joaõ de Ceita, Custodio da Provincia de S. Thomé, ajustou o modo de se estabelecer a refórma; e concedendo-lhe este licença, fundou o Convento da Madre de Deos, affastado huma legua da Cidade de Goa, o qual estendendo-se em Conventos deu o nome à Provincia. Habitado o novo Convento de Religiosos, que na observancia da vida mostravaõ serem verdadeiros filhos do Serafim de Assiz; abrazado o Arcebispo no amor da observancia, intentou renunciar a Dignidade nas mãos delRey, e do Papa, com intentos de ser seu Companheiro: difficultava a distancia a execuçaõ do seu desejo, e em quanto naõ chegava a reposta, todo o tempo, que podia ter livre, sem que faltasse às obrigações de Pastor, se recolhia ao Convento da Madre de Deos, onde seguia os actos da Communidade, sem distinçaõ dos mais Religiosos, assistindo no Coro à Oraçaõ, e disciplinas; e até nos actos mais humildes os acompanhava, sem que lhe servisse a Dignidade de embaraço, para ir com os Religiosos lavar a louça à cozinha. A cama, que tinha, era indecente ao seu estado, mas ainda naõ igualava ao seu espirito; naõ usava de outra differente da de qualquer Capucho; huma taboa, com huma manta, e huma fronha de cambolim, que he o mesmo que burel, portando-se em tudo como o mais pobre Religioso. Com este exemplo crescia na edificaçaõ aos olhos de todos, aqualla nova planta da Religiaõ Serafica, servindo de admiraçaõ o ver o Primaz de todas as Igrejas do Oriente, sem mais pompa nem grandeza, reduzido por propria vontade a estreita pobreza de hum Capucho. Eraõ as suas praticas reduzidas ao estado da vida, que seguia, sem que nelle houvesse memoria senaõ da perfeiçaõ Religiosa, na qual em mais dilatada esféra conseguia a sua alma Celestes favores. Tanto se accendia no fogo do Amor Divino, que em huma occasiaõ estando

do converſando com os Religioſos, ſendo a materia a grande devoçaõ, com que S. Bernardino de Sena venerava o ineffavel Nome de Jesu, e o quanto ſoubera padecer pelo ſeu amor, que cahio brandamente da cadeira ſobre o leito, em hum profundo, e ſuave extaſis, de que tornando em ſi, com humilde eſpirito pedio perdaõ, e ſegredo aos Religioſos, ficando eſtes naõ menos edificados da ſua virtude, do que da profunda humildade, com que a occultava. Chegou do Reyno a deſejada noticia, de que o Pontifice lhe aceitara a renuncia, diſſolvendo-lhe o vinculo daquella Igreja, ſe recolheo a viver com os Capuchos, para de todo ſe dar à perfeiçaõ da vida Religioſa, na qual já ſe naõ podia adiantar; mas ſómente praticar as meſmas virtudes, que elle taõ bem ſoube obſervar. Aqui compoz aquelle celebre livro *Deſengano de Perdidos*, que he hum Dialogo entre hum Chriſtaõ, e hum Turco. Outro para a criaçaõ dos Noviços; deixando-lhe neſta memoria, em ſeus eſcritos àquelle Moſteiro o modello da vida, que ſeus primeiros habitadores tiveraõ no exemplo do ſeu eſpirito. Naõ durou eſte ſocego ao Arcebiſpo toda a vida, como tinha premeditado; porque quando entendia eſtava livre, e deſembaraçado, ſe achou de novo com a morte de ſeu ſucceſſor D. Fr. Jorge Themudo, metido no governo do Arcebiſpado, de que tanto ſe deſejava livre. Foy o caſo, que ElRey D. Sebaſtiaõ recorrendo ao Pontifice para o provimento deſta Igreja, nomeou ao Arcebiſpo nella, pedindo-lhe, que com preceito de obediencia o obrigaſſe a ſegunda vez entrar naquella Dioceſi. Aſſim o fez o Papa; porque a virtude do Arcebiſpo era preſente em toda a parte. Naõ pode reſiſtir, nem duvidar, e de novo tornou à Primacial Cadeira do Oriente. Começou logo a reger o ſeu rebanho, com o cuidado da ſalvaçaõ das almas; e aſſim como as ovelhas conheciaõ ao Paſtor pela virtude, elle as conhecia pelo amor com que as tratava, ſem que a idade fizeſſe reparo nos diſcomodos das viſitas, de que a velhice o pudera diſpenſar nas diſtancias. Nunca tratou com mimo a ſua peſſoa; porque no comer, e dormir foy parco, vivendo ſempre com mortificações; porque os muitos annos naõ lhe fizeraõ affroxar a aſpereza, com que maltratava ao ſeu corpo, nas penitencias, e jejuns, a que ſe ajuntavaõ enfermidades companheiras da velhice, que ſofria com admiravel pa-

Zzz ciencia,

ciencia, até que finalmente cheyo de annos, virtudes, e merecimentos, acabou, deixando da sua vida, e doutrina taõ singular memoria, que he conhecido naquelle Imporio do Mundo, com o nome do Arcebispo Santo.

Bartholomeu Lourenço, da Comp.

D Neste dia, no Collegio de Evora, cheyo de annos, e merecimentos deu fim à vida mortal, para a lograr eterna, o Irmaõ Bartholomeu Lourenço, da Companhia, Coadjutor temporal; occupaçaõ, que desempenhou na charidade com que assistia às obrigações do seu estado, experimentando nelle todos os enfermos singulares mostras de hum animo pio, candido, e charitativo, como exercitado na Oraçaõ, em que gastava largo tempo, contemplando nas delicias do Ceo. Delle se affirma, que todos os dias tinha sete horas de Oraçaõ, e que reverenciando o Santissimo Sacramento, ajoelhava tantas vezes diante do Altar, que era imitador do Apostolo S. Bartholomeu. A tanta devoçaõ ajuntava disciplinas, e mortificações, com que alentava o espirito a mayores emprezas. Era taõ conhecida a sua virtude, que nas suas Orações, se recommendavaõ todos os do Collegio, experimentando admiraveis effeitos nos seus intentos. Hum Irmaõ, que se achava maltratado dos olhos, se chegou a elle com dissimulaçaõ, e lhe pedio lhos assoprasse, e só com este remedio conseguio melhoras. Dous annos antes de morrer se apparelhou como se já fosse chegado o ultimo prazo da vida, com tanta satisfaçaõ sua, que dizia estava prompto para dar conta ao Supremo Juiz. Na ultima enfermidade padeceo muito; porque os annos com achaques faziaõ muy penosa a doença; porém a obediencia ao Superior adoçava a mortificaçaõ. Já na ultima semana pedio huma Imagem da Virgem Santissima Senhora Nossa, de quem era muy devoto, e rogando-lhe, que lhe alcançasse de seu Filho morrer no dia da sua Assumpçaõ, repetio, que esperava aquelle favor da Virgem, a qual naõ costumava faltar aos devotos, que com coraçaõ puro, e sincéro a veneravaõ, e assim o veyo a conseguir, indo a celebrar ao Ceo a sua gloriosa festa.

Fr. Vicente da Costa, Leigo dos Coneg. Regrantes.

E Em o Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, o ultimo dia de Fr. Vicente da Costa, Irmaõ Leigo da Canonica Familia Augustiniana, que muitos annos servio naquella Casa de Enfermeiro, com notavel exemplo, edificando com

a hu-

a humildade, e com o amor, e preſtimo, com que ſervia aos doentes. Delle ſe affirma, que tendo por coſtume rezar à Virgem Santiſſima, de quem era muy devoto, o ſeu Roſario de joelhos diante de huma Imagem da Senhora, hum dia occupado com os enfermos, naõ teve tempo de dia para cumprir com a devoçaõ, a que infallivelmente ſatisfazia devoto, e poſto de joelhos à noite na ſua cella a rezar, e como eſtiveſſe o corpo canſado do trabalho do dia, rendido adormeceo eſtando rezando, mas deſpertando corrido, lavou os olhos com agua fria muitas vezes; porém o ſomno em lugar de fugir o naõ largava. Neſta afflição foy ſoccorrido prodigioſamente pela Virgem com hum eſpecial favor, que foy dizerlhe: *Filho, lança-te na cama, e deſcança do trabalho, que eu dou por aceita a devoçaõ.* Eſte favor encobrio em quanto viveo, e na hora da morte o revelou ao ſeu Confeſſor. Era já muy velho, quando lhe ſobreveyo huma larga doença, em que moſtrou, que a ſua paciencia naõ era menos admiravel, do que a ſua charidade; porque ſofreo com grande reſignaçaõ hum dilatado purgatorio. Eſtando já ungido, por diverſos ſinaes, que dera a doença, chegou à porta da cella hum Padre, e ou zombando, ou imprudentemente, diſſe: *Ainda eſte Irmaõ naõ acaba de morrer?* O que ouvindo Fr. Vicente, reſpondeo: *Padre, olhay naõ vades vós primeiro.* Caſo digno de ponderaçaõ! Porque naõ tinhaõ paſſado mais que duas horas, quando dando hum accidente no Religioſo, às vinte e quatro horas rendeo a vida à violencia da enfermidade. Deſte ſucceſſo ficou muy ſentido o Servo de Deos, e com lagrimas lhe pedio perdaõ, e o encommendava na miſericordia do ſeu Creador, ficando ainda mais acreditada a ſua virtude, deixando neſte caſo hum exemplo aos vindouros, para naõ zombarem dos doentes, nem taõ pouco deſprezarem na Religiaõ aos que tem differente cathegoria, pois Deos naõ repara nas graduações, que o Mundo dá, mas nas perfeições da alma.

Sor Filippa Pinto, Bened.

F Item em Moimenta da Beira, no Moſteiro de Noſſa Senhora da Purificaçaõ da Benedictina Familia, Sor Filippa Pinto, a quem a Virgem Santiſſima pagou com ditoſa morte a grande devoçaõ, que teve ao Myſterio da ſua Aſſumpçaõ. Padecia o mal de hydropezia, e indo as Religioſas viſitalla neſte dia, a acharaõ ſentada em huma cadeira com hum ra-

 mo

mo na maõ cantando: *Virgem Soberana de outros cantos digna.* Admiradas as Religiosas, por ser modesta, e naõ costumada a divertimentos, chamaraõ o Medico, e tomando-lhe o pulso, conheceo, que se lhe estava acabando a vida. Recebeo a Unçaõ, e entrou no artigo da morte: mas com tal acordo, como quem tinha na sua presença a Rainha dos Anjos, como ella dizia às Religiosas, que lhe assistiaõ, que a estava vendo vestida de grande gloria; e pedindo-lhe com grande humildade a sua intercessaõ, para alcançar a misericordia de Deos, foy desta sorte a lograr de taõ incomparavel bem, como piamente cremos.

Fr. Balthazar de Alcacer, Pied.

G Em Valverde, na Provincia de Alentejo, trocou a vida breve pela eterna, o Religiosissimo Fr. Balthazar de Alcacer, Sacerdote da observante Provincia da Piedade, em cuja alma depositou Deos hum grande thesouro de virtudes, as quaes dá sem limite aos que lhas merecem, e sabem pedir com viva fé. Para conservar estas, se armou Fr. Balthazar de rigorosas penitencias, observando hum perpetuo, e rigoroso jejum, naõ bebendo nunca vinho, nem ainda depois de velho, disciplinando-se todas as noites com muita crueldade por espaço de huma hora, andando sempre descalço, ainda em largas jornadas, e caminhos muy compridos; e desta sorte foy tres, ou quatro vezes ao Capitulo Geral, servindo de edificaçaõ a todos, os que o viaõ naquella idade, tratarse com tanto rigor. Na Oraçaõ Mental era continuo, para a qual se levantava duas horas, antes que despertassem a Matinas, e acabadas ellas, e a Oraçaõ da Communidade, perseverava orando até a madrugada: o que fazia com especial dom de lagrimas, sendo muitas vezes achado em extasis na cella, e na Igreja, sahindo delles como quem despertava de hum profundo somno, sendo tanta a devoçaõ, que naõ cabendo no peito sahia, em vozes, e suspiros, despertando ao fervor do seu espirito aos que dormiaõ, communicando-lhe o Senhor Celestes favores, de que a sua alma recebia novos alentos, para mais perseverar em o servir. Naõ podia sofrer o inimigo commum vello taõ favorecido, e assim com cruel guerra o inquietava, durando trinta annos o combate, de importunado de hum pensamento torpe, a que com admiravel constancia resistio, pedindo de continuo a Deos lhe desse graça, e forças para o vencer, até

que

que a Divina Mageſtade lho concedeo, livrando-o daquella porfiada contenda, de que com extraordinaria alegria rendeo a Deos as graças, e depois importunado de hum ſeu Companheiro de vida approvada, lhe referio o ſucceſſo. Neſte theor de vida perſeverou cincoenta annos na Provincia. Hum mez antes do dia da ſua morte declarou, que havia de morrer no dia da Aſſumpçaõ da Senhora; e chegando a ſua veſpera, entenderaõ os Frades, porque era acreditada a ſua virtude, que ſeria no ſeguinte anno; mas tanto que tocou o ſino a Veſperas, lhe deu hum frio, que durou até a mea noite. Vendo o Guardiaõ, que ſe cumpria o que o Servo de Deos prediſſera, aſſim que tangeraõ a Matinas, mandando alguns Religioſos para o Coro, e elle ficou com outros rezando junto do Santo Velho, e dizendo no fim dellas: *Fidelium animæ per miſericordiam Dei requieſcant in pace*, no tempo que no Coro ſe principiava *Te Deum laudamus*, cheyo o ſeu roſto de Celeſtial alegria a ſua alma de interna paz, foy gozar do deſcanço preparado aos Santos, ſendo a ſua morte na meſma hora revelada à hum Religioſo ſeu ſobrinho, que eſtava em Eſtremoz.

Sor Maria do Eſpirito Santo, Agoſtinha.

H Na Metropoli do Oriente, na inclyta Cidade de Goa, naſceo para o Ceo Sor Maria do Eſpirito Santo, em o Moſteiro de Santa Monica, a qual deſde que teve uſo de razaõ começou a ſer ſanta. Aos ſeis annos lhe faltou ſeu pay, e a criou ſua mãy com grande cuidado nas couſas eſpirituaes: aſſim ſe adiantou em tal perfeiçaõ, que entrando a ſe confeſſar, era tal o conhecimento dos Sacramentos da Penitencia, e Euchariſtia, que quando chegou aos doze annos, lhe ordenou o Confeſſor, que commungaſſe duas vezes na ſemana. Achava-ſe em Taná ſua Patria, o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes, quando o ſeu Confeſſor lhe aconſelhou lhe deſſe huma petiçaõ, na qual dizia: *Que ſe tinha dedicado a Deos em perpetua caſtidade, pelo que lhe pedia o modo de o conſeguir em perpetua Clauſura, ligada aos votos ſolemnes da Religiaõ.* Enterneceo-ſe aquelle grande Prelado, vendo huma menina com pouco mais de dez annos, cheya de hum fervoroſo eſpirito, e com animo de Cavalhero, e Santo, lhe reſpondeo: *Eu te prometto menina, e te dou minha palavra, que te faça Freira profeſſa, ou em Moſteiro da India, ou de Portugal, e te darey tudo o que te for neceſſario para o conſeguires.* Pouco

depois

depois foy com sua mãy para a Cidade de Goa. Aqui se vestio de Manteleta da Ordem Augustiniana, vivendo com tal exemplo dentro de sua casa, como se fora em hum reformado Mosteiro; porque os exercicios eraõ oraçaõ, jejuns, penitencia, e mortificaçaõ, com que de continuo combatia o Ceo. O Arcebispo lhe assistia, naõ só com o necessario para a vida, mas tambem para o augmento espiritual, confessando-a muitas vezes: era sobre letrado amigo da virtude, e no Oriente será sempre saudosa a memoria de hum taõ insigne Prelado. Animava a Sor Maria a seguir a vida, que intentara, e encaminhava aquella tenra planta a subir ao cume da perfeiçaõ. Frequentava com sua mãy a Igreja: era para ver a devoçaõ, para admirar a modestia. Naõ lhe vio ninguem os olhos; porque empregados no Divino objecto, estavaõ taõ fixos no Altar, que testemunhavaõ, que no seu coraçaõ naõ havia senaõ fino amor de Deos, que naõ só a consolava, mas favorecia para a perseverança. Entrou de dezaseis annos com sua mãy, sua inseparavel companheira, no Recolhimento das Donzellas, em quanto naõ havia Mosteiro: parece que as suas orações o ajudaraõ tanto, que crescia no material, e em breve se concluìo. Foy ella a primeira Noviça, e a primeira, que nos Claustros da Religiaõ solemnemente se consagrou ao Divino Esposo, a quem fazendo obras dignas do seu agrado, mereceo recompensarlhas na vida, e na morte. Naõ sabia Latim, mas communicando-lhe o Senhor huma perfeita intelligencia na Oraçaõ, entendia as rubricas, e regras do Missal, e Breviario, de modo que podia ensinar as Companheiras a rezar. Em todas as virtudes foy esta Serva de Deos a mais perfeita idéa de huma verdadeira Religiosa; já exercitando a paciencia em crueis dores de cabeça; já em pontadas, que cruelmente a atormentavaõ, com que o Senhor purificava aquella alma, para que fosse depois exemplo nos seculos vindouros da perfeiçaõ Religiosa. Estando hum dia bem atormentada de dores de cabeça, (que toda a vida a acompanharaõ) teve huma visaõ, na qual se lhe representava offerecerlhe huma coroa de espinhos, para a sua cabeça, dizendo-lhe: *Toma esta coroa, e se magoar ao principio, e for coroa de tormento, depois será coroa de gozo, e gloria.* Continuaraõ as dores com mayor excesso, que supportava por mimos do seu Esposo, como

mo quem padecia só pelo seu amor. A charidade igualava ao amor, que tinha as suas Religiosas, por quem rogava a Deos, e de que se seguiraõ admiraveis frutos. Em espirito taõ elevado naõ podia a humildade deixar de ter lugar muy espaçoso; porque nas cousas de trabalho era a primeira. Nas occupações vís, e abatidas, servia naõ só sem repugnancia, mas com gosto. As suas eminentes virtudes a elevaraõ a Prioressa desta Casa, naõ tendo mais que vinte e oito annos; para o que o Arcebispo D. Fr. Christovaõ, consultando pessoas doutas, em que entrou o Bispo de Cochim D. Fr. Sebastiaõ de S. Pedro, (depois tambem Arcebispo de Goa) resolveraõ podia ser dispensada; e assim foy eleita, e foy a segunda Prioressa: e succedendo a sua mãy, que prostrada a seus pés foy a primeira, que lhe prometteo obediencia, com tanta consolaçaõ, e jubilo seu, como de toda a Communidade, como quem reconhecia o talento, e espirito da Prelada, à qual todas deviaõ, naõ só estimulo para a observancia, mas o ensino; porque a humas havia ensinado a ler, outras a rezar, e a todas encaminhado à perfeiçaõ, pelo que lhe eraõ devedoras, entrando neste numero sua mãy. O zelo, e prudencia, com que governou, nascia de hum animo, a quem assistia a Divina Graça; porque no temporal acudia com charidade, e amor, compadecida dos trabalhos consolava, e remediava a todas como a filhas, que por extremo amava. No espiritual procurava, que vivessem com perpetuo esquecimento de tudo o que era Mundo, e que puzessem todo o seu cuidado em amar ao seu Esposo o Menino Jesu; e assim lhe introduzio, que o vestissem, e ornassem com o mayor primor, para que na continuaçaõ se lhe augmentassem os desejos das cousas do Ceo. Teve grande devoçaõ com o dulcissimo Nome de Jesu, com o Mysterio do Santissimo Sacramento, com a Virgem Santissima, a seu Padre Santo Agostinho, e à Madre Santa Theresa: assim mereceo ser favorecida com Celestes favores em recompensa do seu abrazado espirito, apparecendo-lhe Santo Agostinho em huma occasiaõ, em outra Santa Theresa, devendo à sua contemplaçaõ estes beneficios, e outros muitos da liberal maõ de Deos. Naõ continuou no officio de Prelada mais que hum anno e tres mezes, que felizmente tinha governado aquella Communidade, pela qual tinha trabalhado tanto; quando repetindo-

lhe

lhe as dores de cabeça, e do figado, com tanta vehemencia, que cahio em huma larga enfermidade, em a qual experimentou novos tormentos, que ſofria com inimitavel conformidade, acriſolando na paciencia aquella pura alma: e confortada com os Sacramentos, que recebeo com grande devoçaõ; com huma verdadeira humildade pedio perdaõ das ſuas faltas à Communidade, e em repetidos actos de amor de Deos ſe lhe ouviaõ aquellas celebres palavras de S. Paulo: *Cupio diſſolvi, & eſſe cum Chriſto*, e entre as lagrimas das Religioſas, que ſentiaõ taõ irremediavel perda na Meſtra da ſua Religioſa vida, com huma grande ſerenidade deixou de viver na idade de vinte e oito annos, admirados na vida, e na morte com prodigios. O ſeu caſto corpo ficou taõ bello, que cauſava alegria, ſahindo dos ſeus olhos, ao que parecia, dous rayos de luzes, e ouvindo-ſe ſuave canto em todo o Moſteiro de vozes Angelicas, teſtemunhavaõ a ſua innocente vida. A ſua morte foy ſentidiſſima em toda a Cidade. O Arcebiſpo a mandou retratar, e as peſſoas principaes, e devotas acudiraõ ao Moſteiro a venerar o ſeu corpo.

Iſabel de Miranda.

I Em a Cidade de Ponta Delgada, a ſanta memoria de Iſabel de Miranda, taõ abſtinente, mortificada, e penitente, que jejuava tres dias na ſemana, e as ſeſtas feiras a paõ, e agua. Quando commungava naõ comia naquelle dia, eſtimando foſſe o da ſeſta feira, em que a memoria da ſagrada Paixaõ ſe faz celebre. Da meſma maneira paſſava as vigilias, e feſtas principaes, ſendo eſtes dias os de ſua mayor ſatisfaçaõ. Foy de naſcimento pobre, e humilde: ſua mãy lhe enſinou o officio de Tecedeira, tendo treze annos; porém já vivia com hum cuidado muy eſpecial nos Mandamentos da Ley de Deos, a que ajuntava devoções de rezas, e exercicios, com que adornava a ſua alma. Poucos mais annos tinha, quando ſua mãy a caſou: naõ correſpondia o eſtado aos ſeus deſejos, porque eraõ bem differentes. Padeceo muito neſta reſoluçaõ; porém como naõ tinha vontade, obedeceo à mãy, caſando com hum homem de deſproporcionada idade, e em quem o Senhor lhe dava bem em que merecer. Teria vivido ſete annos na ſua companhia, quando foy neceſſario ao marido auzentarſe por huma deſgraça, que lhe ſuccedeo. Neſta auſencia, que durou outros ſete annos, viveo exemplarmente trabalhando no ſeu officio, ſem

que

que faltaſſe ao exercicio da virtude, aſpirando a mayor perfeiçaõ, frequentando os Sacramentos. Naõ dormia em cama, e fazia outras penitencias, com que caſtigava o ſeu corpo, e ſe augmentava o eſpirito. Era bem parecida, naõ ſendo baſtante o ſeu recolhimento, e modo de vida exemplar, para que naõ deixaſſe de haver animos perverſos, que a ſolicitaſſem para amizades illicitas, e torpes, pertendendo contraſtar o ſeu animo com o vil preço da ambiçaõ, mandando-lhe peſſas de valor, com promeſſas de largas remunerações, como ſe a mancha da alma pela culpa póde ſer comprada por nenhum preço: reprehendeo as medianeiras de taõ infame tratado, e as deſpedio enſinadas, e confundidas. Naõ ſó triunfou dos combates exteriores, mas dos que o demonio com ſuggeſtões peſſimas a atromentava, contra as quaes peleijava com a Oraçaõ, e com aſperas diſciplinas, com cilicios, e jejuns, affligindo-ſe em huma cama de reſtolho muy aſpera, em que dormia, no tempo que o inimigo a perſeguia. A's ſuas Orações deveo alcançar de Deos ſaude ſeu marido auſente, com huma romaria, que fez à Ermida de S. Lazaro: o que elle lhe pagou com deſgoſtos, quando voltou, e com peyor trato, a que ajuntou hum ciume barbaro, pelo qual a trazia affli&a, ſem que houveſſe modo, com que ſe remediaſſe a ſua mal fundada deſconfiança. Recorreo ao meſmo Santo, pedindo-lhe abriſſe os olhos da alma a ſeu marido, e que naõ aceitaſſe a romaria. Caſo maravilhoſo! No meſmo ponto ſentio o marido repetiçaõ da moleſtia, que era em huma perna, tornando ao primeiro eſtado, com grandes dores: e por ventura foraõ neceſſarias para remedio mayor da ſua ſalvaçaõ, reconhecendo a innocencia da Serva de Deos, ſe arrependeo. Tambem outra peſſoa ſe vio caſtigada por ſemelhante teſtemunho, com que a pertendeo infamar. Naõ tinha mais que trinta annos, quando ficou diſſolvido o vinculo do matrimonio pela morte de ſeu marido. Logo determinou com a graça de Deos de fazer vida mais perfeita. Foy à ſua Fregueſia, e fez voto de perpetua caſtidade, tomando por Madrinha a Virgem. Entrou em mais aſpera vida, accreſcentando as penitencias. Dormia ſem mais cama, que huma manta feita de retalhos vís, chea de nós: neſta dormia tres dias na ſemana, reclinada a cabeça ſobre huma pedra, que depois melhorou por hum pedaço de madeira. As outras noites paſ-

ſava de ordinario aſſentada, e deſcançando a cabeça ſobre os braços, tomava breve ſomno, com que repouſava. Era taõ continua em eſtar de joelhos, que nelles trazia callos muy groſſos. A camiza era de pano de ſacco aſpero, e groſſeiro, taõ cheyo de areſtas, que aſſaz a mortificava, por ſer de natureza delicada. Outras muitas mortificaçōes exercitava, ſogeitando a vontade em ſantos propoſitos, que infallivelmente obſervava. A todas eſtas virtudes ajuntava grande ſofrimento, e paciencia, com hũma exceſſiva charidade, fazendo quanto podia por ſervir ao proximo. Era de entendimento claro, para comprehender as regras da virtude, obſervando os caminhos da vida eſpiritual, conforme o que lhe ordenou o ſeu Confeſſor, o Padre Fr. Braz Soares, da Ordem dos Eremitas de Santo Agoſtinho, cuja Regra ella abraçou, fazendo ſolemnemente voto de caſtidade, que tinha feito ſimplez, e os de mais da Religiaõ, conforme as Manteletas, Freiras daquella Ordem. E perſeverando em vida ſanta, foy receber o premio das ſuas aventajadas obras, deixando fama conſtante de ſantidade, que ſe augmentava com milagres continuados, dos quaes approvou muitos o Ordinario. O ſeu ſepulchro he venerado pelos ſeus naturaes.

Fr. Martinho de Ledeſma, Dominico.

K Na Cidade de Coimbra, em o Collegio de Santo Thomás, da Ordem dos Prégadores, eſpera a Reſurreiçaõ Univerſal o Meſtre Fr. Martinho de Ledeſma, Religioſo de grandes letras, e igual obſervancia, de muita humildade, e deſprezo proprio. As ſuas letras o elevaraõ naquella Univerſidade à Cadeira de Prima de Theologia; porém elle era taõ igual com os Religioſos ordinarios, em todas as converſaçōes, que moſtrava no ſeu trato, e modo de proceder, a ſua humildade. Era pobre na ſua peſſoa, cella, e veſtido; mas de animo magnanimo, e largo, para emprender obras ſumptuoſas, pois ao meſmo tempo deu principio a edificar dous Conventos. Hum foy o Collegio de Santo Thomás em Coimbra, e outro para Frades, que ſe mudaraõ do ſitio velho. Niſto gaſtava o que lhe rendia a Cadeira; porque comſigo deſpendia pouco. No tempo, que governava a Rainha D. Catharina, na menoridade de ſeu neto ElRey D. Sebaſtiaõ, chamou a Fr. Martinho, e fazendo-lhe a ſaber, que o tinha eſcolhido para Biſpo da antiga Igreja de Vizeu, hum dos principaes Biſpados do Reyno, por rendas, e antiguidade de Igreja: reſpondeo com

palavras

palavras singelas, que estimava o juizo, mas naõ a merce; constantemente regeitou a Dignidade, antepondo a quietaçaõ da alma a todas as honras da terra; e vivendo depois muitos annos, faleceo em santa velhice, neste dia.

L Item em Nangasachi, no Japaõ, hum Irmaõ Religioso da mesma esclarecida Familia dos Prégadores, cujo nome escrito no livro da vida, he numerado entre os Martyres no Reyno do Ceo: pois em odio da Religiaõ Catholica, que servia com grande amor do proximo, foy metido no tormento das covas, onde pendurado pelos pés, perseverou tres dias, até que a sua bemdita alma foy gozar o premio, que a sua constancia soube merecer, em obsequio de JESU Christo. *Anonym. Dom.*

Commentario ao XV. de Agosto.

A A Festa da Assumpçaõ da Virgem Santissima, que venera a Igreja Romana, naõ se póde assentar, em que tempo se começou a celebrar. Alguns entenderaõ, naõ com vulgares indicios, ter principio antes do Concilio Ephesino, que foy no quinto seculo, pelos annos de 431. Neste Concilio se definio a qualidade de Mãy de Deos, contra a heresia dos Nestorianos, e se começaraõ a edificar Templos em seu Nome, em Constantinopla, e outras Cidades daquelle Imperio. No sexto seculo a Emperatriz Pulcheria, e seu marido o Emperador Marciano, edificaraõ o celebre Templo de Blaquer, na Cidade de Constantinopla, e procuraraõ o Sagrado Corpo da Virgem, para o collocarem nelle, com grande ancia, como refere Nicephoro Calixto no liv. 15. cap. 14. Escreveo esta devota Princeza, a Juvenal Patriarca de Constantinopla, e aos demais Padres, que se achavaõ juntos no Concilio Chalcedonense, no anno 451, para que lhe dessem noticia do sitio, onde estava aquelle preciosissimo Thesouro; a que responderaõ: que as que tinhaõ da sua gloriosa Assumpçaõ, era ser constante por antiquissima tradiçaõ; e que o Sepulchro da Senhora estava em Gethsemani, junto a Jerusalem, e que nelle se via a figura do Corpo da Santa Virgem na pedra; o que certamente naõ era obra de mãos de homens, com que a este tempo se reduz a opiniaõ mais certa do culto desta festividade, e se começou a estender por diversos lugares na Igreja Grega, e Latina, como escreve com muita erudiçaõ Francisco Maria Florentino: assim parece estar longe de tradiçaõ Apostolica; porque muito depois naõ só Santo Ildefonso, mas Pedro Blesense a prégaraõ como opiniaõ piedosa, e mais provavel; porém depois se aclarou tanto, que seria temeridade irreligiosa polla em duvida, como advertiraõ alguns Authores.

A Festa da Assumpçaõ se celebra em Roma desde o tempo do Papa Sergio, no setimo seculo, pelos annos 688. O Kalendario de S. Gregorio Papa, lhe chama a Festa da Assumpçaõ. Alguns pertendem, que no sexto seculo o Emperador Justiniano começou a festejar esta celebridade no dia 15 de Agosto. Outros, que o Emperador Mauricio, no fim do mesmo seculo, no tempo de S. Gregorio Magno. A sua Vigilia, e Oitava, ordenou o Papa Niculao I. pelos annos de 858; porém Segeberto na sua Chronica aponta, que esta Oitava foy ordenada em Roma pelo Papa Leaõ IV. que foy muitos annos antes; e bem poderia ser já celebrada em muitos outros Lugares. S. Bernardo na Epistola 174, aos Conegos de Leaõ, diz: que elle havia recebido a solemnidade da Festa da Assumpçaõ, da antiga instituiçaõ da Igreja.

Deixando a variedade, que se refere no dia desta solemnidade, nós a te-

mos fixa no Kalendario Romano, desde o oitavo seculo; e no dos Gregos se acha apontada neste mesmo dia, no sexto seculo: ainda que em alguns dos Kalendarios antigos se lhe dé outro nome, chamando-lhe *Deposiçaõ, e Somno*, nome de que se usou na Igreja Grega. Muitos dos Santos Padres nas suas Homilias affirmaõ, que a Senhora foy em Corpo, e Alma para o Ceo. Natal Alexandre na *Histor. Eccles.* Secul. 1. Cap. 1. Art. 3. pag. 4. do Tom. 3. diz: *Certius est illam redevivo Corpore in Cælos assumptam fuisse; piam hanc sententiam in Ecclesia Occidentali sexto seculo jam invaluisse: constat ex S. Gregorio Turonensi cap. 4. ex antiquo Missali Gothico Gallicano, quod Thomasius, & Dom. Mabillionius luce donarunt.* He materia, que naõ tem duvida, que a Igreja Catholica Romana festeja a Assumpçaõ da Virgem Senhora Nossa com grande solemnidade em todo o Mundo Catholico, a qual applaudem neste dia S. Joaõ Damasceno, Santo Anselmo, S. Bernardo, S. Ildefonso, e outros muitos Santos Padres, e innumeraveis Authores graves, e pios; o Martyrologio, e Breviario Romano; os Martyrologios do Veneravel Beda, Usuardo, Addon, Metaphrastes, e as Notas do Cardeal Baronio. Os curiosos, que se quizerem instruîr vejaõ Tillemon *Memoires pour servir a l' Histoire Ecclesiastique* tom. 1. pag. 500; Baillet *les Vies des Saints*, tom. 2. neste dia, col. 200. §. 2; *Histoire de le Feste de l' Assumption de la Sainte Virge*; o Marquez de Agropoli *Dissert.* 4. cap. 5. pag. 457.

No nosso Reyno se celebra em treze Cathedraes, que se comprehendem nos limites de Portugal, e Algarve, desde o principio de sua fundaçaõ. Taõ antiga, e religiosa veneraçaõ he a dos Monarcas Portuguezes com o gloriosissimo Mysterio da Assumpçaõ da Virgem Santissima, que erigindo-se a nova Basilica Patriarcal, no anno de 1716, na Capella Real, que era insigne Collegiada, com o titulo do Apostolo S. Thomé, foy tanta a piedade do seu Augusto Fundador, que alcançou do Papa Clemente XI. fosse a Santa Igreja de Lisboa dedicada à Assumpçaõ de Maria Santissima, herdando desta sorte com o Reyno a piedade de seus Reaes predecessores. Neste dia venturoso rendeo a Deos as graças, pela insigne victoria do Campo de Ourique, o invicto Rey D. Affonso I. como dissemos no dia 25 de Julho. O Glorioso, e Victorioso Rey D. Joaõ o I. com singular devoçaõ rendia especiaes cultos a este soberano dia; porque na sua vespera recebeo do Omnipotente Deos, por intercessaõ de sua Santissima Mãy assignalados favores, triunfando do poder de seus inimigos na memoravel Batalha de Aljubarrota; pelo que agradecida a Cidade de Lisboa, com hum voto perpetuo satisfaz todos os annos em huma Procissaõ com o Senado da Camara a memoria desta famosa acçaõ, rendendo à Virgem Santissima as graças de taõ grande beneficio. No mesmo dia tirou do poder dos Mouros a famosa Cidade de Ceuta em Africa. Finalmente, na sua vespera faleceo aquelle grande Rey, para Reynar na eternidade, como piamente cremos, pela cordeal devoçaõ, que teve à Virgem Senhora Nossa, de que he irrefragavel testemunho o privilegio dos Caseiros das Taboas Vermelhas da insigne Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira da Villa de Guimaraens.

B Depois de vencida aquella memoravel Batalha do Campo de Ourique, no anno 1139, de que fizemos mençaõ a 25 de Julho, naõ passou muito tempo, que ElRey D. Affonso I. naõ instituisse a Ordem de Aviz, a primeira das Militares, que os nossos Reys fundaraõ, e naõ inferior em reputaçaõ às mais insignes. Sobre o anno da sua instituiçaõ ha alguma variedade; porém Fr. Jeronymo Romano na *Republica Christãa*, e o Doutor Fr. Antonio Brandaõ na *Monarchia Lusitana*, acostado às Chronicas antigas, tem por sem duvida o que seguimos, por se acharem já na conquista de Lisboa Cavalleiros desta nova Milicia. Teve principio em alguns Cavalleiros, que valerosamente se assignalaraõ na Batalha de Ourique, e concertando-se entre si a gastar a vida na guerra contra os Mouros, se obrigavaõ a se arriscarem nos perigos huns pelos outros, observando tambem entre si certas Leys, ou Estatutos, que determinaraõ. Satisfeito ElRey, e agradado de taõ primorosa amisade, convocou em Coimbra alguns Prelados, que testemunhassem a nova Ordem de Cavallaria, que queria estabelecer no seu Reyno, e juntos naquella Cidade com o Abbade de Tarouca Fr. Joaõ Cirita, da Ordem de Cister, (a quem o Bispo de

Ostia,

Oſtia, Legado a Latere em toda Heſpanha, commetteo ſuas vezes,) lhe deraõ os primeiros Eſtatutos, regulados conforme a Regra de S. Bento, e reformaçaõ de Ciſter, os quaes foraõ aſſinados pelos Prelados do Reyno, e os Cavalleiros da nova Ordem, e Meſtre della. Em Coimbra teve principio eſta Ordem de Cavallaria, (hoje de S. Bento de Aviz.) Seguio-ſe depois a conquiſta de Evora, pela eſtranha induſtria de Giraldo Sem pavor, pelo modo que referem noſſas Hiſtorias; e mandando ElRey Soldados para Evora, foraõ tambem os Cavalleiros da nova Ordem; a quem ſe deu huma parte da Cidade, que ainda hoje chamaõ a Freiria, em que tiveraõ Igreja, e Hoſpital, que ElRey lhe dotou de largas rendas, dando-lhe por Orago ao Arcanjo Saõ Miguel, cuja Igreja permanece no meſmo ſitio do Caſtello, que he donde eſtaõ as Caſas do Conde de Baſto, e ſaõ do ſeu Morgado; e lhe fez merce dos Caſtellos, que ganhavaõ aos Mouros, o que elles ſabiaõ recompenſar, que por hum Caſtello o faziaõ ſenhor de muitas terras. Eraõ eſtes Cavalleiros timidos dos Mouros, ſendo na guerra como rayo fatal, em cujo braço era infallivel a morte: e de taõ admiravel procedimento na paz, que eraõ eſtimados com veneraçaõ dos póvos, ſendo deſta maneira uteis à Coroa, e agradaveis a Deos, de que movido ElRey de piedade, determinou de os reduzir a eſtado mais perfeito.

Era celebre o modo de vida dos Cavalleiros de Calatrava em Caſtella, a quem ElRey os queria ſemelhantes; e tratando eſte negocio com D. Gonçalo Viegas, já ſegundo Meſtre, e com approvaçaõ dos mais Cavalleiros, ſe communicou ao Meſtre de Calatrava, pedindo-lhe mandaſſe alguns dos da ſua Milicia, para que inſtruiſſem em ceremonias, ritos, e modo de vida da Ordem Militar, aos da nova Ordem; o que ſe conſeguio na fórma, que ElRey deſejava, ficando ſogeitos os de Evora às viſitas do Meſtre de Calatrava, que de ordinario ſe achava nas eleições dos Meſtres de Evora, e lhe mandava Leys, e Eſtatutos, para o bom governo; e quando morria o Meſtre de Calatrava, ſe achava preſente, ſe queria o de Evora, tendo voto nas ſuas eleições. Deſta maneira creſceo a Ordem de Calatrava em Portugal, que aſſim lhe chamaraõ naquelle tempo, até que mudada ao Lugar de Aviz, tomou eſte nome, ſendo Meſtre D. Fernando de Annes, reynando já ElRey D. Affonſo II. que lhe fez merce daquelle Lugar, no anno de 1211, como conſta da Doaçaõ, que anda no Appendice da IV. Parte da *Monarchia Luſitana*, e he a quarta. A cauſa deſta mudança foy ſer o lugar mais proprio para o Inſtituto dos Cavalleiros, por ſerem aquellas terras ſenhoreadas pelos Mouros, de que já eſtavaõ livres as viſinhanças de Evora. Deu principio o Meſtre D. Fernando de Annes ao Caſtello, naõ com pouco trabalho, pelo perigo da viſinhança dos Mouros, trabalhando de noite, cobrindo antes, que amanheceſſe, o trabalho; e com eſta induſtria adiantaraõ a obra, até que pudeſſe ſer habitada. Deu-ſe principio a eſta fabrica no dia da Aſſumpçaõ da Senhora, como ſe vê da pedra, que eſtá na porta principal da Villa, e he a ſeguinte:

Ferdinandus Magiſter Dei Gratia Ordinis Calatravenſis in Portugalia cum ſuo Conventu Plantavit Avis in Feſtivitate Aſſumptionis S. Mariæ. Æra M.CC.LII. Sthephanus Martini ſcrip. ſit Pater noſter Pro Anima ejus.

Quer dizer:

Fernando por graça de Deos, Meſtre da Ordem de Calatrava em Portugal com ſeu Convento, fundou Aviz em a Feſta da Aſſumpçaõ de Santa Maria. Era 1252, (he anno de Chriſto 1214) Eſtevaõ Martins a eſcreveo: hum Padre Noſſo pela ſua alma.

Alguns Authores entenderaõ ſer o ſucceſſor de D. Fernando de Annes, o que poz eſta pedra, attribuindo-lhe a fundaçaõ

çaõ de Aviz; porém consta, que a vida de D. Fernando de Annes durou todo o Reynado delRey D. Affonso II. que foy o que fez doaçaõ de Aviz, e outras, que se conservaõ no Cartorio da Ordem, como a confirmaçaõ de Alpedriz, Alcanede, e Jurumenha, feita na Era de Cezar 1256, que he anno de Christo 1218, quatro annos depois da fundaçaõ de Aviz; e como este Mestre foy o que principiou a edificar o Castello, parece sem duvida, que logo trasplantasse a nova Milicia, para poderem rebater os Mouros de Vayamonte, Lugar forte, que lhe fazia grande opposiçaõ.

Fica a Villa de Aviz em lugar eminente, a quem depois fizeraõ os Reys grandes merces à Ordem, dando-lhe 48 Commendas, e 18 Villas, a saber: Cabeçaõ, Mora, Jurumenha, Landroal, Noudar, Veiros, Cano, Fronteira, Figueira, Cabeço de Vide, Galveas, Alter Poderoso, Seda, Albufeira, Coruche, o Concelho de Serpa, Alcanede, e Aviz. ElRey D. Diniz lhe deu foral. He cercada de muros antigos, com cinco torres, e seis portas, banhada de huma ribeira, que corre por duas pontes, e passa pela Cerca do Convento, que fica fóra dos muros, junto à porta do Anjo. Enobrece muito esta Villa ser Cabeça da Ordem Militar de Aviz, onde reside o seu Prelado, que he o Prior môr, a primeira Dignidade da Ordem depois do Mestre, da qual em outra parte daremos noticia, e agora dos Mestres, que governaraõ, no Catalogo seguinte:

1 Depois de instituida a nova Milicia de S. Bento, o primeiro, que teve a Dignidade de Mestre, foy D. Pedro Affonso, irmaõ delRey D. Affonso Henriques, o qual assinou como Mestre aquelle solemne acto, que se fez em Coimbra, no anno de Christo de 1162, depois do Arcebispo de Braga, nesta fórma: *Petrus Proles Regis Par Francorum, & Magister novæ Militiæ pro parte mea, & meorum militum confirmo.* Pouco tempo governou esta Milicia; porque largando o Mestrado pela Cogula de S. Bernardo, e naõ com menos admiraçaõ vimos já hum Eremita largar a vida Cenóbita, por servir a Deos no Mestrado desta Ordem, naõ sendo menos glorioso a hum recebello, que agora outro largallo. Morreo com opiniaõ de Santo, no anno de 1165, de quem se faz mençaõ a 9 de Mayo no Agiologio.

2 D. Gonçalo Viegas, filho de D. Egas Fafes de Lanhoso, e de D. Urraca, ou Mayor Mendes de Sousa, como diz o Conde D. Pedro, no tit. 39. A mayor parte dos Authores, excepto Brandaõ, o fazem filho de D. Egas Moniz, cujo erro se convence com o Conde D. Pedro nomear a D. Gonçalo Viegas, Mestre da Ordem de Aviz, por filho de D. Egas Fafes: e ainda que lhe chame primeiro Mestre, se mostra com a Escritura acima nomeada, que o tinha já sido D. Pedro Affonso; e como governou taõ pouco, se originou a duvida de alguns dos nossos Authores; como tambem por D. Gonçalo ser o primeiro, que se intitulou Mestre de Evora, por passarem os Cavalleiros de Coimbra para esta Cidade, como já deixamos dito acima. Aqui fez tantos serviços com os seus Cavalleiros, que ElRey os remunerou à Ordem, com muitas merces, a saber: a de hum Alcacer na mesma Cidade; de humas casas, e hortas em Santarem; e com o Lugar de Coruche. Em seu tempo morreo o invicto Rey D. Affonso I. e pelos annos de 1183, governando já seu filho ElRey D. Sancho, achamos dando-lhe o Castello de Mafra; tambem foy Doaçaõ sua à Ordem, Alpedriz, Alcanede, e Jurumenha. Das Memorias daquelle tempo consta viver já o Mestre D. Gonçalo em Communidade com os Cavalleiros da sua Ordem em observancia do seu Instituto, com Oraçaõ, e Coro, em regular disciplina. Morreo valerosamente na Batalha de Alarcos, no Reyno de Toledo, peleijando contra os Mouros a 29 de Julho de 1195, deixando de sua vida honrada memoria.

3 D. Fernando de Annes, I. do nome, a quem achamos já na instituiçaõ da Ordem em Coimbra, assinando entre os mais Cavalleiros: devia elle ter taõ bom nome entre os seus, naõ só por valor, e costumes, mas por prudencia; pois estando retirado no Ermo, como dissemos, o foraõ buscar para o elegerem Mestre da Ordem, em tempo delRey D. Sancho I. Alguns querem, que no seu tempo se annexasse esta Ordem de Milicia à de Calatrava; porém parece ser em tempo de seu antecessor, como diz Brito na *Chronica de Cister*, liv. 5. cap. 13, ainda

ainda que naõ traz documento, com que o prove, nem no Cartorio de Aviz ha memorias de que conste; e só se achaõ do tempo de D. Fernando de Annes, como he a Confirmacaõ do Papa Innocencio III. dada em S. Joaõ de Latraõ, a 7 de Mayo, no quarto anno do seu Pontificado, que vem a ser anno 1202; como tambem se vê da pedra acima referida, em que se intitula Mestre da Ordem de Calatrava em Portugal, se Brito se naõ enganou nisto, como o fez com a pedra, attribuindo-a a seu successor; o que se prova naõ poder ser, com a confirmaçaõ, que fez ElRey D. Affonso II. à Ordem, cujo reynado quasi durou toda a vida deste Mestre; e já acima allegamos ser quatro annos depois da Fundaçaõ de Aviz; e além disso consta de muitos papeis, que se conservaõ no Archivo do Convento da dita Era, que declaraõ ser D. Fernando de Annes Mestre; e assim naõ padece duvida, que elle fundou Aviz. O mesmo Rey lhe confirmou tudo o que seu pay, e avô deraõ à Ordem, e lhe fez Doaçaõ de Aviz, para donde mudou o Convento de Evora, para o que edificou nesta Villa, e della fez dura guerra aos Mouros, e notaveis conquistas, como diz Brandaõ na 4. part. liv. 14. cap. 9. da *Monarchia Lusit.*

4 D. Fernando Rodrigues Monteiro, II. do nome, achou-se tambem em Coimbra, quando receberaõ os Cavalleiros a Regra de S. Bento, e reformaçaõ de Cister, do Abbade de Tarouca Joaõ Cirita. Foy o primeiro, que se chamou Mestre de Aviz; de que parece se originou o erro de alguns o terem por primeiro Mestre da Ordem, como tambem de que mudou o Convento de Evora, pois da mesma pedra se vê foy seu antecessor. Alcançou o fim do Reynado delRey D. Affonso II. e o delRey D. Sancho seu filho. Morreo no Convento, e foy sepultado junto à porta da Sacristia, donde o mandou trasladar o Senhor D. Jorge, sendo Mestre, e pôr o seguinte Epitafio:

Aqui jaz D. Fernando Rodrigues Monteiro, primeiro Mestre que foy da Ordem, e Cavallaria de Aviz, que esta terra ganhou aos Mouros.

Deste Letreiro nasceo o erro dos que entenderaõ ser este o primeiro Mestre da Ordem, e o que fundou Aviz, ganhando aos Mouros aquella terra. Brandaõ na IV. Parte da *Monarchia Lusitana*, liv. 10. cap. 9, se escandalisa desta pedra; de sorte, que diz seria conveniente se mandasse tirar, para que naõ fizesse duvida aos vindouros. He certo, que os livros Estrangeiros, que trataõ das Ordens Militares, cahem neste erro, acostados à Regra, que se imprimio por ordem do Mestre D. Jorge, que he no mesmo tempo, em que se poz o Letreiro; e assim attribuem a este o de Fernando de Annes. Esta sepultura mudou o Prior môr D. Fr. Lopo de Sequeira Pereira, para a Capella do Patriarca S. Bento, que reformou, onde hoje se vê.

5 D. Fr. Martim Fernandes, I. do nome, eleito conforme se entende, pelos annos de 1230, tempo em que ainda vivia ElRey D. Sancho II. O Mestre de Calatrava D. Fr. Martim Rodrigues, no anno de 1238, veyo a visitar o Convento de Aviz, e a confirmar esta eleiçaõ, annos depois de feita: algumas emprezas militares o deviaõ impossibilitar a poder antes vir a Aviz. Com os Cavalleiros da sua Ordem se achou Martim Fernandes, na tomada de Sevilha, ajudando ao Santo Rey D. Fernando, pelo que deu à Ordem de foro perpetuo dous mil maravediz, e ao Mestre outro tanto em sua vida. Devia depois remirse por outra cousa; porque naõ permaneceo na Ordem, mais que a memoira da Doaçaõ. Em o governo delRey D. Affonso III. achamos o Mestre na Conquista do Reyno do Algarve, e no sitio, e tomada da Cidade de Faro. Ganhou este Mestre Albufeira aos Mouros, e o mesmo Rey a deu à Ordem, no anno de 1250; e sete annos depois foy confirmada por Affonso o Sabio Rey de Castella, que pertendia ter direito ao Algarve. Recebeo a Ordem em seu tempo grandes merces delRey D. Affonso III. como foraõ as Igrejas de Borba, e de todo o seu destricto, e as de Estremoz, e seu termo, e todas as que se edificassem de novo. Chegaõ as suas memorias até o anno de 1263, e se entende ser este o ultimo de sua vida, que acabou em santa velhice.

6 D. Fr. Joaõ Portario, I. do nome, em cuja eleiçaõ assistio, segundo dizem, D. Gonçalo Ibanhes, Mestre de Calatrava,

va. Andou sempre occupado na guerra contra os Mouros, em que conseguio com singular fortuna gloriosas emprezas, desapossando-os de todos os Castellos, que tinhaõ até à Ponte do Sor, e margens do Tejo, e outros lugares. Fortificou o Castello de Aviz, e deixou obras dignas de memoria. Sobre o tempo em que viveo, temos muita duvida; porque Fr. Miguel Ramon Zapater, Chronista do Reyno de Aragaõ, da Ordem de S. Bernardo, na *Historia das Ordens Militares*, quando trata da de Aviz, o poem no Reynado delRey D. Affonso II. o que naõ póde ser; porque se encontra com a nossa Historia, e pelo que temos mostrado acima, e assim entendemos ser no tempo de Affonso III. Fr. Angelo Manrique nos *Annaes de Cister*, o passa em silencio; porque o naõ achou no *Catalogo dos Estatutos da Ordem*, que naõ deixa de o admittir. Em a instituiçaõ da Ordem, que se fez em Coimbra, se acha assinado com outros Cavalleiros: *Joannes Portarius*, *Miles novæ militiæ confirmo*, *& approbo.* O *Catalogo do Prior môr* D. Fr. Lopo de Sequeira, diz: que devia de viver pouco; porém naõ póde nunca ser successor de D. Fernando de Annes, como diz a Regra, que imprimio o Mestre D. Jorge; e assim nos pareceo melhor este lugar.

7 D. Fr. Simaõ Soares, I. do nome, que no Catalogo de Zapater he VIII. nomeando em seu lugar a D. Fernaõ Soares, que tem por parente deste Mestre; e como naõ traz documento algum, que o certifique, o excluimos deste Catalogo. D. Fr. Lopo de Sequeira Pereira, Prior môr da Ordem de Aviz, e depois Bispo de Portalegre, no tempo que residio neste Convento, fez hum tratado muy exacto das cousas insignes da Ordem, em que entraõ os Mestres, tirado do que descobrio no seu Cartorio, e este temos por mais exacto do que o do Padre Romano, que seguio Zapater: e he o mesmo, que anda nos Definitorios da Ordem, impresso no anno 1630, mandado fazer por ordem do Definitorio, que se juntou em Setuval, a 2 de Outubro de 1619, e se encommendou a D. Carlos de Noronha, Commendador de Mouraõ. Este pudera ter seguido Zapater, pois he o mesmo que Manrique segue no Appendice dos Annaes de Cister, tom. 2. pag. 46. Naõ duvidamos, que faltaõ as memorias desde o anno de 1263, até o de 1270, em que vaõ sete annos, pois entaõ principiaõ as noticias de D. Simaõ; porém naõ ha prova, que nos diga o contrario, e bem poderiaõ viver mais seus antecessores. Em este anno de 1270, se achava já neste cargo D. Simaõ, reynando ElRey D. Affonso III. cuja vida durou até o de 1279; porque no anno de 1273, como se vê do liv. 5. dos Direitos Reaes, pag. 6, do dito Rey, se acha nomeado expressamente *Simaõ Soares*, *Mestre de Aviz*, na procuraçaõ, que deu na contenda dos Ecclesiasticos, e no anno de 1274, na composiçaõ, que fez com ElRey D. Affonso III. e no de 1277, sendo testemunha das propostas, que ao dito Rey se fizeraõ: *Simeon Magister Ordinis Militiæ de Aviz*, *cum aliis duobus fratribus ejusdem Ordinis.* Ainda no anno de 1280, se vê hum contrato de composiçaõ com o Cabido de Evora, feito na Villa de Estremoz, sobre duvidas do Bispo, e Cabido daquella Sé com a Ordem. Deste contrato se mostra, que ao menos durou D. Simaõ Soares no Mestrado, dez annos; e Zapater diz, que fora muy breve o seu governo; porque naõ chegara a cumprir hum anno; mas que se lhe difficulta do assento, que se tomou nas Cortes de Santarem, no anno 1274, em que assina D. Simaõ Soares, Mestre de Aviz. Esta Escritura anda na IV. Parte da *Monarchia Lusitana*, liv. 15. cap. 40, e com ella fica mostrado, que viveo mais do que Zapater affirma. Este Author poem dous Mestres de hum mesmo nome, seguindo hum ao outro, dando a D. Simaõ Soares por successor D. Simaõ Affonso, que sem duvida he o mesmo; pois da Carta, que refere do Mestre de Santiago D. Payo Pires, sobre duvidas, que ElRey D. Affonso teve com a Ordem de Aviz, feita em Arevalo, na era de 1296, que he anno de 1258, se vê, pelo que acima temos dito, naõ poder ser successor de D. Simaõ Soares, D. Simaõ Affonso; e o que tiramos, he, que se enganou; porque no tempo desta Carta era Mestre D. Martim Fernandes, já nomeado.

8 D. Fr. Egas Martins, I. do nome, que Zapater numera por XXIII. pondo neste lugar D. Fernando Soares, que tambem naõ admittimos, pois consta do Cartorio de Aviz, que no anno de 1280, era Mestre D. Egas Martins, e que vivera

vera até o anno de 1291. Esta noticia se deve ao cuidado do Prior mór D. Lopo de Sequeira, que a tirou do seu Archivo; e assim se naõ acha este Mestre em os outros Catalogos.

9 D. Fr. Joaõ Pires, II. do nome, a quem Zapater numéra por XI. viveo no Reynado delRey D. Diniz, em cujo tempo fez a Ordem huma composiçaõ com a Coroa, sobre certas pertenções, que tinha em Santarem. Naõ durou muito o seu governo; porque naõ enchem as suas memorias mais, que do anno de 1292, até o de 1294.

10 D. Lourenço Affonso, unico do nome, viveo pelos annos de 1295, até 1310. Servio a ElRey D. Diniz contra ElRey D. Fernando de Castella, com mayor valor, que fortuna, no choque que teve com D. Affonso Peres de Gusmaõ, em que entaõ ficou vencido; porém foraõ taes os seus serviços nesta, e em outras occasiões, que generosamente remunerou ElRey os merecimentos do Mestre, com largas Doações à Ordem, em que entraraõ as Igrejas de Santa Maria de Olivença, Santa Maria da Alcaçova de Elvas, com os seus termos, e as que de novo se erigissem, e a Igreja do Castello de Portalegre, que hoje he a Cathedral daquella Cidade, o Padroado, e Castello de Paderne, e o Senhorio da Villa de Noudar, com toda a jurisdiçaõ temporal, e espiritual, que se conserva na Ordem, sendo o Prior mór Ordinario desta Villa. Além destas merces lhe deu os Padroados de outras muitas Igrejas, de que se conservaõ as Doações no Cartorio da Ordem.

11 D. Fr. Garcia Pires, unico do nome, foy elevado à Dignidade de Mestre, no anno de 1311, sendo Commendador do Casal. Pertendia o Mestrado o Commendador mór D. Ayres Affonso, a quem muitos se inclinavaõ; e entrando os treze à eleiçaõ, prevaleceo o partido de D. Garcia: ficaraõ os de mais com receyo, de que o novo Mestre os tratasse com differença, e disfavores de naõ parciaes: deraõ conta a ElRey, que ordenou, que os Commendadores fossem conservados nas Commendas, e os Officiaes do Convento em seus Officios, e nomeya especialmente o Sacristaõ Fr. Joaõ, Prior de Santa Maria do Castello de Portalegre, que tinha provimento do Mestre Lourenço Affonso, e que o Commendador mór D. Ayres annexasse à Commenda de Cabeçaõ. O Mestre lhe deu palavra de os tratar bem, e assim ficou satisfeito o receyo, e com a segurança delRey, que no caso, que se alterasse alguma cousa, recorressem à sua presença, para compor com a authoridade Real, tudo o que fosse a bem da Ordem. Deste caso se vê naõ ter razaõ Zapater, em naõ fazer successor de D. Lourenço Affonso ao Mestre D. Garcia Pires, o que provamos com authoridade de Brandaõ na VI. Parte da *Monarchia Lusit.* liv. 18. cap. 37. pag. 157. Naõ devia lograr por muito tempo este lugar; porque naõ chegaõ as suas memorias mais, que ao anno de 1315, nem do seu governo ha acçaõ individual.

12 D. Fr. Gil Martins, I. do nome, eleito Mestre no anno 1316, servio com zelo na paz, e valor na guerra, sendo taõ relevantes os seus merecimentos, que tendo ElRey D. Diniz instituído a insigne Cavallaria da Ordem de Christo, o nomeou ao Papa Joaõ XXII. para primeiro Mestre. Taes eraõ as suas virtudes, que nelle se establecia a nova Ordem, em que ElRey tinha empenhado o gosto. Absolvido pelo Papa do voto, e profissaõ, que tinha feito na Ordem de Aviz, em Novembro do anno de 1319, depois de tomado o juramento, lhe foy lançado o Habito de Christo. A solemnidade, com que se fez este acto, refere Brandaõ na VI. Parte da *Monarch. Lusit.* liv. 19. cap. 4.

13 D. Fr. Vasco Affonso, unico deste nome entre os Mestres da Ordem, viveo em tempo delRey D. Diniz; e na sua Historia, que escreveo Brandaõ na VI. Parte da *Monarch. Lusit.* liv. 19. cap. 18, se faz delle mençaõ entre as pessoas principaes, que ElRey mandou, para mostrar as queixas, que tinha do Infante seu filho, sobre aquelle celebre manifesto, de que depois deu conta aos póvos. Foy tanto do agrado delRey o serviço do Mestre, que com novas merces o remunerou à Ordem, a qual governou até o anno de 1330, em que fez renuncia do Mestrado, quando por commissaõ do Papa Joaõ XXII. foy o Arcebispo de Braga Visitar a Ordem.

14 D. Fr. Gil Pires, II. do nome, foy eleito em presença do Arcebispo de Braga, por renunciade seu antecessor, reinando ElRey D. Affonso IV. Naõ vi-

veo mais, que até o anno de 1332, atalhando a morte as esperanças, que lhe promettiaõ o favor delRey, a quem tinha servido com satisfaçaõ no principio da sua exaltaçaõ ao Trono.

15 D. Fr. Gonçalo Vaz, II. do nome, de que faz mençaõ a *Chronica delRey D. Affonso IV.* quando sendo Fronteiro em Ouguela, o mandou contra Albuquerque, que era de seu irmaõ D. Affonso Sanches: oppoz-selhe este, e travando hum porfiado choque, foraõ bem mal tratados os inimigos, e sendo o valor do Mestre desamparado da fortuna, ficaraõ os nossos desbaratados. Sentio ElRey a desgraça, de que soube tomar satisfaçaõ. Naõ diminuio a casualidade a reputaçaõ do Mestre de Aviz; porque as contingencias dos successos naõ diminuem a gloria daquelles, que conseguiraõ do seu valor honrada memoria. No anno de 1336, o mandou ElRey a Castella, a tratar o casamento de D. Constança Manoel, filha do Infante D. Joaõ, com seu filho o Infante D. Pedro, que a pezar das destrezas delRey D. Affonso XI. o concluìo. Quando o Mestre passava de Casa do Infante D. Joaõ, para a Corte de Castella, foy accommetido no caminho de cincoenta homens armados, de que se defendeo briosamente com os da sua comittiva, ajudado de Gonçalo Rodrigues Ribeiro, hum Fidalgo Portuguez, que acaso encontrara no caminho, que em Castella deixou de seu valor, e destreza de jogar as armas, em justas, e torneyos hum grande nome: de que o Doutor Duarte Nunes de Leaõ, na Chronica do dito Rey, conta casos dignos de admiraçaõ. Consta do Cartorio de Aviz, que vivia pelos annos de 1338. Zapater diz, que se achara na Batalha do Salado, donde se cre morreo.

Na *Chronica delRey D. Affonso IV.* de Duarte Nunes de Leaõ, se nomeya a D. Estevaõ Gonçalves Leitaõ, com o titulo de Mestre de Aviz; e Manoel de Faria na sua *Europa*, entre os que acompanharaõ a este Rey na Batalha do Salado; e primeiro que ambos Villasan na *Chronica delRey D. Affonso XI. de Castella.* O *Catalogo* de D. Fr. Lopo de Sequeira, o numèra entre os Mestres, sem embargo de naõ achar no Archivo de Aviz memoria alguma de tal Mestre, acostado às Chronicas, que o referem, lhe dá este lugar: porém nós temos grande duvida sobre a sua existencia; porque naõ padecendo duvida, que D. Estevaõ Gonçalves Leitaõ foy Mestre da Ordem de Christo, entendemos, que delle procedeo a equivocaçaõ de o trocar pelo de Aviz. Da *Chronica* de Duarte Nunes, consta, que o Mestre D. Gonçalo Vaz fora a Castella; o qual diz Zapater, se achou na Batalha do Salado, que foy no anno de 1340, o que temos por mais verosimel, especialmente naõ se achando no Cartorio de Aviz memoria, que o contradiga, nem menos noticia de tal D. Estevaõ Gonçalves Leitaõ; demais, que Ruy de Pina na *Chronica delRey D. Affonso IV.* entre os que conta, que o acompanharaõ na Batalha do Salado diz, que foy o Mestre de Aviz, a quem naõ dá nome. Fr. Jeronymo Roman na *Republica do Mundo*, e Zapater se naõ lembraõ delle; e nós o naõ contamos, pelo que temos referido; e fizemos esta memoria para tirarmos a duvida dos que lerem, e poderáõ cuidar foy D. Estevaõ Gonçalves Leitaõ Mestre de ambas as Ordens, o que entaõ era incompativel.

16 D. Fr. Joaõ Rodrigues Pimentel, III. do nome, em cuja eleiçaõ assistio D. Fr. Lourenço Annes, Commendador de Maqueda, por commissaõ de D. Fr. Joaõ, Mestre de Calatrava, viveo no reinado delRey D. Affonso IV. e della começaõ as noticias desde o anno de 1342, até o de 1351. No tempo que governou a Ordem, houve entre ella, e o Bispo, e Cabido de Evora, porfiadas demandas: e tambem com a Ordem de Calatrava, com a qual teve contendas sobre visitas, e Ordens. No anno antes da sua morte, celebrou em o seu Convento Capitulo Geral, e he o primeiro de que ha noticia: nelle se acharaõ D. Vasco Martins, Commendador de Aviz, Fr. Gonçalo, Prior de Aviz, D. Joaõ Affonso, Commendador de Seda, D. Affonso Eannes, Commendador de Cano, D. Estevaõ, Commendador de Pedroso, D. Affonso Lopes, Commendador de Benavente, Fr. Gonçalo Eannes, Celeireiro, e Fr. Joaõ Affonso, Secretario.

17 D. Fr. Sancho Soares, unico do nome, de quem diz Zapater, que foy valeroso Cavalleiro, e admiravel Mestre no pouco tempo, que lhe durou a vida, pois faleceo a dous mezes de eleito nesta Dignidade; e por esta causa esqueceo a

alguns

alguns de o numerar na Serie dos Mestres.

18 D. Fr. Joaõ Affonso, IV. do nome, consta que viveo pelos annos de 1354, reynando ElRey D. Affonso IV. Em seu tempo por concessaõ do Papa Innocencio VI. se mudou a Cruz à fórma, em que hoje se usa, concedendo-a trazella na capa, e peito.

19 D. Fr. Diogo Garcia, Mestre de Aviz, a quem a Regra do Mestre D. Jorge poem no anno de 1356, que he mais conforme ao tempo que seguimos, do que o de Fr. Jeronymo Roman, que o lança no anno de 1349, em que naõ póde ser, pelo que acima está dito. Em o Archivo de Aviz, naõ se acha memoria alguma do seu governo; porém este lugar lhe dá a Serie da Ordem, impressa no anno de 1631.

20 D. Fr. Martinho do Avelar, II. do nome entre os Mestres da Ordem de Aviz, de quem se achaõ memorias desde o anno de 1357, até o de 1363, em que parece faleceo, depois de ter vivido no seu Convento com exemplo, e virtude.

21 D. Fr. Egas Martins, unico do nome entre os Mestres de Aviz, cuja Ordem de Cavallaria governou com acerto. Zapater diz, que viveo nesta Dignidade nove annos; o que naõ póde ser segundo a conta, que seguimos; e assim entendemos viveo nella pouco mais de tres annos, e que faleceo no de 1366, porque lhe succedeo.

22 O felicissimo Rey D. Joaõ o I. V. do nome entre os Mestres, eleito de idade de oito annos, foy armado Cavalleiro por ElRey D. Pedro I. seu pay, tendo-o nos braços D. Nuno Freire, Mestre da Ordem de Christo, pessoa de grande valor, e virtude, que tinha inspirado a ElRey accommodasse naquella Dignidade a seu filho, por naõ diminuir o patrimonio Real. Entraraõ no Capitulo os eleitores, e comprometendo-se todos em o Mestre de Christo, nomeou ao Senhor D. Joaõ em Mestre de Aviz; o que sendo approvado de todos, entrou no Capitulo, e lhe foy lançado o Habito da Ordem, e beijando-lhe a maõ com as ceremonias costumadas, lhe prometteraõ obediencia. Encarregou-se o governo, e assistencia a D. Fernando Rodrigues de Sequeira, Commendador mór de Aviz, que depois por justa recompensa dos seus serviços lhe succedeo no Mestrado. As virtudes heroicas deste Principe o elevaraõ à Coroa, a que conseguio gloriosa fama, e ao seu nome respeitosa memoria. Estimou tanto esta Ordem de Cavallaria, que o Escudo Real das suas Armas encostou sobre a Cruz de Aviz, que entre todas as Ordens Militares, só ella se póde jactar, que do Militar Governo subio seu Mestre ao Trono. O Convento de Aviz, que nos trabalhos da guerra o ajudou com joyas, e prata, illustrou com magestósa fabrica a sua Igreja, e com gratidaõ Real recompensou a Ordem, com huma larga Doaçaõ, feita na Cidade do Porto, a 5 de Abril de 1432, de que hoje se conserva muy pouco, em que nos mostrou a estimaçaõ, que fazia da Ordem; e assim accrescentou as Commendas, em emolumentos, e renda. Para viver sem escrupulo alcançou Bulla de Urbano VI. para casar com a Rainha D. Filippa; e fez eleger em Mestre ao Commendador mór seu Ayo: e querendo satisfazer com a Ordem, foy conquistar Ceuta aos Mouros, que com reputaçaõ das Armas Christãas, e immortal gloria do seu nome ganhou no anno de 1400.

23 D. Fr. Fernando Rodrigues de Sequeira, VI. do nome, Commendador mór de Aviz, foy eleito logo depois da acclamaçaõ delRey D. Joaõ o I. e se mandou confirmar a eleiçaõ pelo Papa Urbano VI. para supprir o defeito da falta do Commissario de Calatrava. Alguns poem esta eleiçaõ no anno de 1389, quatro annos depois delRey subir ao Trono, e achamos razaõ a Zapater perguntar a que fim podia estar tantos annos vaga esta Dignidade; principalmente quando ElRey a queria para D. Fernando Rodrigues de Sequeira, que fora seu Ayo. Mandou-lhe ElRey, que naõ admittisse a visita de D. Gonçalo Nunes de Gusmaõ, Mestre de Calatrava; fundou-se esta ordem na mesma Bulla do Papa Urbano VI. Depois por Bulla do Papa Eugenio IV. se desmembraraõ, e isentaraõ Aviz, e Santiago das de Castella, separando-se totalmente, e ficaraõ immediatas à Sé Apostolica, que as tomou debaixo da sua protecçaõ. O Mestre de Calatrava pedia esta Bulla: resistiraõ os de Aviz em mostralla; porque já naõ conheciaõ nelle superioridade: recolheo-se

com os seus a Calatrava mal satisfeito da obediencia, e naõ do regallo, com que os trataraõ. Celebrou Capitulo Geral, em que se acharaõ entre outros D. Martinho Gil, Commendador môr de Aviz, Fr. Fernando, Prior de Aviz, Diogo Lopes de Brito, Commendador de Coruche, Fernando Gonçalvez de Castellobranco, Commendador de Jurumenha, Lopo Annes da Gama, Commendador de Santa Maria da Alcaçova de Elvas, Diogo Dias de Bavoreda, Commendador de Santarem, e Alpedriz, Diogo Alvares de Sequeira, Commendador de Mudas, Martim Affonso da Mata, Commendador de Benavilla, e Seda, Joaõ Ayres, Commendador de Aveiro, Fernando Nunes, Commendador do Casal, e Seixo. He obra do seu tempo a Igreja, e Coro do Convento, dando principio à Capella môr, edificou vivo huma sepultura de admiravel artificio, e o escudo das suas Armas atravessado de cinco veneras em os quatro lados, e as Travas de Calatrava, com elmo, e penacho sobre o escudo, por timbre a roda da fortuna, com esta letra: *Aviz Aviz Sequeira Sequeira*, que alguns interpretaraõ: *Aviso sigas a fortuna*; mas nós imaginamos seria moral o seu pensamento, e que Sequeira naõ fallava na roda da fortuna para a seguir, e só se lembrava da eternidade, como accusando-se de naõ servir a Ordem em todo o rigor da perfeiçaõ. O que se collige ainda mais do seu modo de vida, que era em toda a observancia da Regra; pois sendo já de muita idade, cortado dos trabalhos da guerra, impetrou da Sé Apostolica dispensa para trazer camisa de linho, que he huma evidente prova da observancia, em que viviaõ os Cavalleiros desta Milicia. O seu zelo alcançou para a Ordem muitas liberdades, e isenções da Sé Apostolica, e del-Rey; e à sua instancia foy declarado no anno de 1402, estando ElRey em Santarem, que os Ouvidores da Ordem pudessem conhecer dos aggravos, e acções novas, como hoje se pratica. ElRey, que lhe deveo a criaçaõ, conservando-lhe sempre a estimaçaõ, e o respeito, quando passou à Conquista de Ceuta, lhe encarregou o governo do Reyno, e da sua Casa, com a Rainha D. Filippa. Foy o ultimo dos Mestres, que dos Claustros subiraõ ao governo, digno successor de hum Rey, e de taõ grandes merecimentos, como declara o Epitafio do seu tumulo.

Aqui jaz em este moimento o nobre Senhor, e Religioso D. Fernando Rodrigues de Sequeira, Mestre da Cavallaria da Ordem de Aviz, que criou o muy nobre Senhor Rey D. Joaõ, a que o ditto Mestre succedeo depois que ElRey foy Rey, a prasimento de Deos, e seu, e por eleiçom. O qual criou de idade de quatorze annos, e foy com el em seu serviço, logo primeiramente no cerco de Lisboa, onde foy cercado de ElRey de Castella, que matou o cavallo. E sendo el Mestre, e Regedor deste Reyno, o teve o ditto Rey de Castella cercado por mar, e por terra nove mezes: e depois que o ditto Senhor Rey foy a terra de Mouros, e filhou a Cidade de Ceuta, leixou o ditto Mestre em o Reyno com sua Mulher a Rainha, com o Infante D. Joaõ, com o Infante D. Fernando, com a Infante D. Isabel, seus filhos, por fazer o que delles mandassem, e por defensom do Reyno. O qual a Santa Trindade em que elle cre firmemente, e na Virgindade de Santa Maria, queiraõ perdoar todos seus peccados.

cados. Finou-se deste Mundo, era do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo Filho de Deos, em que elle firmemente cre, e em sua morte, paixom, e Resurreiçaõ, que el padeceo por nos salvar de 1433, postrimeiro dia de Agosto. Morreo depois de ElRey quatorze dias.

1 O Infante D. Fernando, filho delRey D. Joaõ, foy o primeiro que com titulo de Governador, e Administrador gozou esta Dignidade, conferida por intercessaõ de seu irmaõ ElRey D. Duarte, que já havia alcançado os Mestrados de Christo, e Santiago, para os Infantes D. Henrique, e D. Joaõ. Expedio-se a Bulla desta graça no anno 1434, no Pontificado de Eugenio IV. Naõ falta quem affirme, que em o seu tempo se conseguio a dispensa para os Cavalleiros desta Ordem poderem casar, ainda que se naõ poz em execuçaõ.

Naõ se esquecia a Ordem de Calatrava de pertender a subordinaçaõ de Aviz; e assim no Concilio de Basiléa requeria visitar a Ordem, e que se reunisse ao antigo estado. Oppoz-selhe o Embaixador de Portugal D. Affonso, que depois foy Marquez de Valença, por merce delRey D. Affonso V. no anno de 1450, e alcançou de Eugenio IV. que os Mestres de Calatrava naõ visitassem a Ordem de Portugal, como refere Fr. Jeronymo Roman na *Repub. do Mund.* liv. 7. cap. 10, e já desde o tempo delRey D. Duarte se tinhaõ isentado, como confessa Zapater. Reynando em Castella D. Joaõ o II. e em Portugal D. Affonso V. instou aquelle para que se incorporasse Aviz na obediencia de Calatrava, como tinhaõ sido. Sobre esta contenda se expedio hum breve a favor de Aviz, pondo perpetuo silencio a huma, e outra Ordem.

Era o Infante de taõ admiraveis costumes, que acreditados de pois com os seus trabalhos veyo a ser conhecido pelo nome do Infante Santo. Celebrou Capitulo Geral na Ordem: e por sentença sua com alguns adjuntos privou a Garcia Rodrigues de Sequeira do cargo de Commendador mór, e de tudo o que possuía da Ordem, por viver com escandalo, que naõ devia à Religiaõ, que professara, e sendo admoestado perseverara na mesma fórma. Esta sentença foy confirmada pela Sé Apostolica: mas era tal a benignidade do Infante, que reconhecendo nelle differente modo de vida, e lembrado dos relevantes serviços de seu pay, o restituìo mais por grandeza de animo, do que por obrigaçaõ, à Dignidade de Commendador mór. Governando o Mestrado foy nomeado General, com seu irmaõ o Infante D. Henrique, contra Tanger, e sendo adverso o successo da batalha ficou em refens dos Mouros; e sofrendo sete annos o duro cativeiro, com que a barbara, e incivil gente Mauritana o tratou, que a sua admiravel paciencia soube supportar com tal resignaçaõ, que deixou do seu exemplo gloriosa memoria. Ambiciosos os Mouros pediaõ pelo seu resgate a Cidade de Ceuta, que seu pay lhe conquistara, e foy tal a sua piedade, que naõ consentio neste contrato. Entenderaõ os Mouros a sua resoluçaõ, e accumulando à miseria com que o tratavaõ, afrontas, intentaraõ reduzillo por trabalhos; porem o seu animo constante triunfou das injurias, com Catholico valor, acabando em a Cidade de Fez, a 5 de Julho do anno de 1443, lavrando dos barbaros tormentos huma immortal coroa à sua pura alma, que venerada como de Santo, acreditou Deos com prodigios. Seu corpo foy trazido à Cidade de Lisboa, e collocado no insigne Convento da Batalha, em que seu pay tambem jaz sepultado: he venerado com respeitoso culto.

2 O Senhor D. Pedro succedeo na administraçaõ por Bulla de Eugenio IV. sendo seu pay Governador do Reyno; e ficando este morto na infelice Batalha de Alfarrobeira, seguindo a desgraça do Infante D. Pedro, seu pay, lhe foraõ confiscados os bens, e tirada a administraçaõ do Mestrado, que deraõ ao Infante D. Henrique. Passou a Castella D. Pedro, e dando conta ao Pontifice, foy restituido à sua Dignidade de Aviz, em que edificou a Torre da Omenagem, e o Palacio para os Mestres, que ficava entre o Convento, e a Torre. Algumas obras se

vem com a sua divisa, pelo que se entende serem suas. Zapater diz, que celebrou Capitulo Geral, porém naõ achamos o anno; e que em seu tempo visitou a Ordem o Abbade de Morimundo, por Bulla especial do Papa Pio II. Desta especialidade se vê, que já naõ tinha a Ordem sugeiçaõ a Morimundo.

Foy D. Pedro de gentil presença, Condestavel de Portugal, a quem os Catalães levantaraõ em seu Rey, em odio de D. Joaõ o II. de Aragaõ, por ser filho da Infante D. Isabel, filha da Infante D. Isabel de Aragaõ, mulher de D. Jayme, Conde de Urgel, e neta delRey D. Pedro o Ceremonioso, e da Rainha D. Sibylla. Quasi tres annos viveo em Catalunha, dando do seu valor naõ pequenas demonstraçoens, coroando com elle a morte, que lhe foy dada em veneno. Em Aviz dura com immortal gloria a sua memoria, como de hum Governador chamado daquella insigne Ordem ao Trono, em que merecia mais ditoso fim; e tambem pelas preciosas dadivas, com que engrandeceo aquelle Convento, dando-lhe o verdadeiro lenho da Santa Cruz, e as Reliquias dos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, que em huma caixa de prata dourada se conservaõ com este letreiro:

Esta arca mandou fazer o claro, e muy nobre D. Pedro, Regedor do Mestrado de Aviz, filho primogenito do Infante D. Pedro de clara memoria, Regente que foy nove annos deste Reyno. Foy feita para os ossos dos Bemaventurados Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, e para outras Reliquias preciosas, e para o lenho do Senhor.

3 ElRey D. Joaõ o II. sendo Principe, nomeado na administraçaõ por Bulla do Papa Paulo II. em o anno de 1470, que contava quinze de idade, convocou Capitulo Geral da Ordem no Convento de Aviz, em que ElRey D. Affonso V. seu pay presidio por elle. Contava já sete annos, que tinha subido ao Trono, quando no anno de 1488, celebrou em Evora outro Capitulo, Zapater o poem no anno de 82: nelle ordenou o numero dos Freires, e os Estatutos, que se haviaõ de observar na recepçaõ pelo D. Prior mór, e as rações, que venceriaõ, e tudo o mais na fórma que hoje se pratica. Nelles se ordenaraõ muitas cousas, em grande utilidade da Ordem, que estimou tanto, que conservou o Habito della, como vemos em alguns retratos seus. Morto seu pay se coroou Rey no anno de 1481, e foy hum dos mayores, que no Mundo empunharaõ Sceptro. A sua vida escreveraõ particularmente em diversos idiomas alguns Authores: na Portugueza Rezende; na Castelhana Agostinho Manoel; e na Latina em nossos dias o I. Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva. Morreo no anno de 1495, em a Villa de Alvor, e sendo depositado na Sé de Sylves, foy trasladado para o Mosteiro da Batalha, com pompa até entaõ naõ vista, e achado incorrupto, como ainda hoje permanece.

4 O Principe D. Affonso II. deste nome na ordem dos que governaraõ esta Milicia, por renuncia delRey seu pay, que a seu favor cedeo a administraçaõ, que naõ logrou muito tempo; porque casando no anno de 1491, com a Infante D. Isabel, filha dos Reys Catholicos D. Fernando, e D. Isabel, em o mesmo anno morreo em Santarem, da desgraçada quéda de hum cavallo, tendo nascido em Lisboa entre alegres, e festivos applausos, no anno de 1475. Jaz em o magnifico Templo da Batalha com seus pays, e avós.

5 O Senhor D. Jorge, unico do nome, Duque de Coimbra, filho illegitimo delRey D. Joaõ o II. de quem foy taõ amado, que intentou deixarlhe a Coroa. Foy Mestre da Ordem de Santiago, por especial Bulla de Innocencio VIII. e juntamente Administrador da de Aviz. Juntas as duas Ordens em o Convento de S. Domingos de Lisboa, no anno de 1492, a doze de Abril, mostrou ElRey a Bulla, pela qual o Papa lhe concedia aquella graça, e lhe deraõ obediencia os Commendadores, e foy feito aquelle acto com grande pompa, e magestade. E por ser de muy pouca idade, lhe deu por Ayo a D. Diogo de Almeida, pessoa de

de qualidade, e merecimentos, depois Prior do Crato na Ordem de S. Joaõ. Fez alguns Capitulos: he mais celebre o que congregou no anno de 1515, em que ordenou Estatutos, e definições, por concessaõ de Julio II. pelo que lhe chamaõ os Estatutos do Mestre D. Jorge. Assistiraõ a este Capitulo D. Pedro da Sylva, Commendador môr, D. Fr. Affonso, Prior môr, Diogo de Azambuja, Commendador de Cabeço de Vide, e outros. Usou em seu tempo a Cavallaria de treze, como a de Uclez, para Definidores das juntas. Visitou o Convento, em que fez obras, que ainda hoje conservaõ o seu nome em reconhecimento deste beneficio. Zapater affirma, que sugeitou a Milicia ao Abbade de Morimundo; porém em virtude do que acima referimos nos parece impossivel; mas naõ sabemos o tempo, que durou esta subordinaçaõ.

Nasceo o Senhor D. Jorge na Villa de Abrantes, no anno de 1481, a 12 de Agosto, e se criou em Aveiro, em companhia da Infante D. Joanna, com casa, e authoridade necessaria à sua pessoa, donde por sua morte veyo para o Paço a 15 de Junho do anno de 1490, acompanhado do Bispo do Porto D. Joaõ de Azevedo, e outras pessoas de authoridade. Entrou em Evora, aonde residia a Corte: sahiraõ a recebello o Principe D. Affonso seu irmaõ, o Duque de Beja, depois Rey, e os mais Senhores, e Fidalgos da Corte: pertendeo o Senhor D. Jorge porse a pé, para beijar a maõ ao Principe, e elle o naõ consentio, e acavallo lha deu, e o abraçou, e com este acompanhamento entrou no Paço, beijando a maõ a ElRey, e à Rainha, que com amor, e honras o receberaõ, e lhe deraõ no Paço Criados, e Mestres, para lhe assistirem. Depois que o Principe morreo, se manifestou o desejo, que ElRey tinha, de que elle lhe succedesse no Reyno, e vendo que a Rainha se sentia da sua assistencia no Paço, o tirou delle, e o entregou a D. Joaõ de Almeida, Conde de Abrantes: e depois ordenou de o legitimar, e habilitar para a successaõ do Reyno. Cessaraõ estes pensamentos com a morte delRey seu pay, nomeando no seu testamento por herdeiro do Reyno a seu primo o Duque de Béja, a quem o recommendou muito, pedindo-lhe o tratasse com amor, e affecto, e o deixou feito Duque de Coimbra, e Senhor de Monte môr o Velho, com as Villas, que tinha o Infante D. Pedro, seu visavo; e que lhe fizesse merce de tudo o que elle possuîa sendo Duque, em que entrava o Mestrado da Ordem de Christo, e a Ilha da Madeira. Achava-se o Senhor D. Jorge em Villa-Nova de Portimaõ, e todos os Fidalgos, e Senhores, que se acharaõ à morte de seu pay, depois de o darem à sepultura, lhe foraõ assistir; e dalli partio acompanhado de todos, onde o mandou visitar ElRey D. Manoel, com cartas de pezames, que levou Henrique Correa, meyo irmaõ de sua mãy, Senhor da Torre da Murta, e do Conselho delRey D. Joaõ o II. Daqui foy a Monte môr o Novo, a beijar a maõ a ElRey, e entrando na sua Camera, o levava seu Ayo o Prior do Crato pela maõ. Foy recebido com grandes honras delRey, e mandou, que ficasse no Paço. Quando se trasladou o corpo delRey seu pay, o acompanhou até o Mosteiro da Batalha. No anno de 1513, voltando à Corte, ficou nella assistindo com grande comitiva, e authorisada Casa. No anno de 1518, se achou no casamento delRey D. Manoel, com a Rainha D. Leonor, e se achou na sua morte. E sendo ElRey D. Joaõ elevado à Coroa, o acompanhou neste acto o Senhor D. Jorge, indo diante a pé com o Duque de Bragança D. Jayme, e os mais grandes do Reyno.

Foy o Senhor D. Jorge Administrador da Ordem de Aviz, Mestre de Santiago, Duque de Coimbra, Senhor de Monte môr o Velho, com todas as suas rendas do Campo, da Villa de Penella, do Reguengo de Campores, do Lugar de Pereira, da terra; e Celeiro de Ceguadaens, e Recardaens; da terra de Crasto vao, Alcacere, da Ponte de Almeara; dos Lugares de Abiul, de Condeixa, da Louzãa, do Casal de D. Alvaro; da terra Dalbostar arriba de Agueda, da Villa de Aveiro com suas lizirias, e Ilhas dentro da Foz; das terras do Couto de Avelãas de cima, de Ferreiros, do Reguengo do Coartela, de Arcos; dos Lugares de Ilhaivo, Verdemilho; dos Casaes de Sá, Pedroso, S. Salvador de Miranda junto de Coimbra, da Villa de Torres Novas; o que se lhe deu com huma ampla doaçaõ, que está na Torre do Tombo na Chancellaria do anno 1524, pag. 150, e anda

anda impressa em alguns allegados de Direito, nos oppoentes ao Estado, e Casa de Aveiro, que no anno de 1720, se sentenciou a favor de D. Gabriel Ponce de Leaõ e Lencastre, Duque de Banhos, filho da Duqueza D. Maria de Guadalupe e Lencastre, em quem seu irmaõ o Duque de Arcos renunciou o direito, conformando-se com a determinaçaõ de sua virtuosa, e sabia mãy. Teve D. Jorge partes, que correspondiaõ ao seu grande nascimento; porque foy generoso, fazendo merces como Principe. Em huma occasiaõ, vagando huma Commenda, lhe disse hum criado, que a desse ao Duque seu filho, e naõ ao filho do homem por cuja morte vagara; a que respondeo: os Principes, pódem viver sem filhos, e naõ sem criados; e assim repetia muitas vezes, que o Principe poderia negar a merce, mas naõ a alegria do rosto. Os Reys D. Manoel, e D. Joaõ o III. o trataraõ sempre com grande attençaõ, visitando-o nas suas doenças; e porque o segundo mandou propor no Conselho se o havia de visitar, quando o fez, achou dous criados, que na sua presença estavaõ jogando o xadrez, lhe perguntou, se gostava de ver jogar; e elle lhe respondeo, que ElRey seu pay, quando o visitava, por o devertir nas suas doenças, se punha a jogar. Casou com a Duqueza D. Brites de Mello, filha de D. Alvaro, irmaõ do Duque de Bragança D. Fernando, de quem teve larga descendencia.

Em seu tempo conseguio a Ordem singulares privilegios da Sé Apostolica, a saber. No anno de 1496, à instancia delRey D. Manoel, o poderem casar os Cavalleiros, por graça de Alexandre VI. O Papa Julio II. por Breve do anno de 1505, concedeo, que os Freires podessem testar dos bens, tendo pago meya annata, que he ametade dos primeiros tres annos das Commendas. Leaõ X. no anno de 1515, o usarem os Priores móres de insignias, e vestiduras Pontificaes. Cheyo de annos morreo no de 1550, a 22 de Julho, e foy enterrado em Palmela, onde jaz.

6 D. Joaõ o III. do nome entre os Reys de Portugal, e o VI. na Ordem dos que governaraõ esta Milicia, por Breve, que impetrou do Papa Julio III. antes da morte de seu antecessor; depois della o executou D. Fernando, Arcebispo de Lisboa, a quem veyo dirigido. Tomou o Habito da Ordem no Convento de Santo Eloy, das mãos do Prior môr D. Fr. Antonio Preto. Obteve ElRey do mesmo Pontifice uniaõ perpetua do Mestrado à Coroa para sempre, supprindo as incapacidades dos successores, ainda que fossem de menor idade, ou femeas, para que tanto que tomassem juramento podessem governar a Ordem. Desde este tempo em virtude do Breve do dito Julio III. se naõ confirmou mais administraçaõ pela Sé Apostolica, por ser incorporado o Mestrado na Coroa. Ordenou, que na Mesa da Consciencia se determinassem os negocios pertencentes às Ordens Militares; e de entaõ se intitulou este Tribunal Mesa da Consciencia, e Ordens. Nasceo em Lisboa a 6 de Junho do anno de 1502; e morreo na mesma Cidade, no de 1057, tendo reynado 35 annos. Foy casado com a Rainha D. Catharina, filha de Filippe I. Rey de Castella, e jaz em magnifico Mausolêo, no sumptuoso Templo de Belem, fabrica, e enterro de seu pay.

7 ElRey D. Sebastiaõ, unico do nome, naõ só entre os Reys, mas entre os que governaraõ esta Milicia, entrou na perpetua administraçaõ por morte de seu avô, na idade de tres annos, governando na sua menoridade a Rainha D. Catharina sua avó, e depois seu tio o Cardeal D. Henrique. No anno de 1568, alcançou hum Breve do Papa Pio V. para que nenhuma pessoa, que naõ fosse professa da Ordem podesse obter renda della. Em virtude de outro do mesmo Pontifice do anno 1570, fez definiçóes muy ajustadas, tocantes às heranças dos Commendadores, Estatutos da limpeza de sangue, e da nobreza dos que haviaõ de ser admittidos à Ordem, muito de antes usada dos que eraõ recebidos a ella; e depois confirmou o Papa Gregorio XIII. estas definiçóes por hum Breve do anno 1573, em que refórma o modo de servir as Commendas. Fez tambem ElRey declarar, que à Ordem de Aviz eraõ concedidas todas as graças, e privilegios, que gozavaõ Calatrava, Alcantara, e Uclez, nos Reynos da Coroa de Castella: e tambem, que naõ se derogaraõ pelo Concilio de Trento estes privilegios. Morreo, ou se perdeo, que tudo foy o mesmo, na infelice Batalha do Campo de Alcacer em Africa, a 4 de Agosto de 1578, tendo nascido no de 1554.

ElRey

8 ElRey D. Henrique, unico tambem do nome, que depois de Cardial dos Santos IV. Coroados, e tendo logrado juntas as Dignidades de Arcebispo de Braga, Lisboa, e Evora, Abbade Commendatario de Alcobaça, e outros grandes Beneficios Ecclesiasticos, veyo a succeder na Coroa, e na administraçaõ do Mestrado de Aviz, pela apressada morte de seu sobrinho. Alcançou total exempçaõ para a Milicia dos Ordinarios, que por commissaõ dos Mestres visitavaõ as Igrejas, punindo com grande zelo pela liberdade das Ordens. Accrescentou a fabrica do Convento, como hoje se vè. Mandou imprimir o Cathecismo Bracharense, obrigando aos Parochos das Igrejas do Mestrado o lessem nas Estações: e naõ governando mais que hum anno, e seis mezes, mostrou o quanto estimava a Ordem, no que referimos. Morreo no de 1580, tendo de idade sessenta e oito annos. Jaz em Belem em Real sepultura.

9 ElRey D. Filippe II. de Castella, que intruso por força de armas se apoderou do Reyno, valendo-se da opportuna occasiaõ, em que se achava destituido de forças pela perda de Africa. Jurou guardar as Immunidades, Privilegios, e Estatutos da Cavallaria nas Cortes de Thomar. Revogou tudo o que se tivesse concedido a menos favor da Ordem, e que naõ pudessem visitar as Igrejas senaõ os professos da Ordem. Ao Convento fez merce de que se pagassem as rações dos Freires, pelo preço que corressem na Villa de Aviz. Morreo no anno de 1598, de idade de setenta e hum anno, e jaz sepultado no Pantheon do Escorial, obra sua.

10 ElRey D. Filippe III. de Castella, que succedeo a seu pay no Reyno, e administraçaõ do Mestrado de Aviz, que com merces mostrou, que o attendia, e estimava. Applicou as Commendas de Aviz, Villa Viçosa, e Hervedal ao Convento, com outras rendas, para a sua fabrica. Ordenou que os Beneficios simples, se provessem sómente nos Freires Conventuaes. Reformou em obras o Convento de Aviz. Dispoz em Coimbra Collegio para os Freires professos, que confirmou Paulo V. de quem alcançou, que os Militares, que servissem nas Armadas contra Infieis, pudessem obter Commendas, até entaõ naõ permittidas, sem tres annos de serviço de Africa. Nomeou no anno 1612, sete pessoas grandes da Ordem, por qualidade, e respeito, para a sua reformaçaõ, a saber: o Prior mór D. Fr. Lopo de Sequeira, que presidia nas Juntas, o Commendador mór Fr. D. Luiz de Lencastre, do Conselho de Estado, Fr. D. Jeronymo Coutinho, do Conselho de Estado, Commendador de Olivença, Fr. D. Gonçalo da Costa, Commendador de S. Vicente da Beira, Armeiro mór, Fr. Diogo de Castilho, Commendador de Mora, Fr. D. Carlos de Noronha, Commendador de Mouraõ, Fr. Joaõ Gomes Leitaõ, Corregedor do Crime da Corte, Cavalleiro desta Ordem, que fazia o Officio de Secretario, como mais moderno. Em o Capitulo Geral, que se celebrou em Santa Maria da Graça de Setuval, a 2 de Outubro de 1619, se confirmaraõ no Definitorio os Estatutos, que hoje se observaõ, e elles depois de muitas consultas, e visitas tinhaõ assentado. Morreo em Madrid a 31 de Março de 1621, com quarenta e tres annos de idade, e vinte e dous e meyo de reynado.

11 ElRey D. Filippe IV. de Castella, que confirmando os Estatutos novos, e definições, que na administraçaõ de seu pay se determinaraõ, mandou, que se publicassem, e se observassem, e para que fossem notorios a todos se imprimissem, para que por elles se governasse a Ordem. Durou a sua administraçaõ até o anno de 1640, em que lha tirou com o Reyno seu legitimo Senhor.

12 ElRey D. Joaõ o IV. que no dia 1 de Dezembro do anno de 1640, foy acclamado Rey de Portugal, e assim restituida a Ordem ao dominio de seus naturaes Reys.

13 ElRey D. Affonso VI. que no anno de 1656, subio ao Throno: foy Administrador, e perpetuo Governador desta Ordem.

14 ElRey D. Pedro II. desde o anno de 1667, em que entrou a ser Principe Regente deste Reyno até a sua morte.

15 ElRey D. Joaõ o V. que Deos guarde, e prospere, entrou a ser Governador, e perpetuo Administrador desta Ordem, desde o dia 9 de Dezembro de 1706, em que subio ao Throno; e em 10 de Janeiro de 1707, fez privadamente na sua Camera o juramento dos privilegios, e fóros da dita Ordem, &c.

Trataõ desta insigne Ordem Manrique Tom. II. dos *Annaes Cistercienses no Appendice*; Zapater *Cister Militar de Caval. de Aviz*; Mennicio, Herman, e Schoonebek, em as *Historias das Ord. Milit. Chron. das Ord. de Calatrava, e Santiago*; Bernardo Giustiani *Hist. Chronol. de gli Ord. Milit. Histoire des Ordres Religieux*, tom. 6. cap. 6. pag. 65; *les Souvrains du Monde, tom.* 4. *nas Ord. de Caval. da Europ.* cap. 3. pag. 285; Favin, e outros. Dos nossos, Brandaõ *Monarch.* part. 3; Faria *Europa Portug.* Fr. André de S. Paulo m.s. *Historia das Ordens Militares*, liv. 2; Carvalho na *Corografia Portug.* tom. 2; Vasconcellos *Anacephalæosis*; Manoel Severim de Faria *Not. de Portug.* Disc. 2. §. 17. pag. 77; Lourenço Pires de Carvalho *Enucleationes Ordinum Militarium Lusitaniæ*; *Definições da Ordem de Aviz*; Fr. Jeronymo Roman *Republ. do Mund.* part. 1. liv. 7. cap. 10. pag. 415. vers. *Histor. Geneal. da Casa Real Portug.* tom. 1. pag. 55, e 206.

C A Sé de Santa Catharina de Goa, invocaçaõ, que lhe foy posta por neste dia ser ganhada aos Mouros, foy erigida em Cathedral pelo Papa Clemente VII. que por naõ chegar a expedir a Bulla, o fez seu successor Paulo III. no anno de 1534, a qual se guarda na Torre do Tombo no Armario 20. Maço 23, e anda impressa no Tomo II. das *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, pag. 733. Depois no anno de 1557, o Papa Paulo IV. à instancia delRey D. Sebastiaõ, a erigio em Metropolitana, e Primaz do Oriente, Dignidade, que logrou a Sé do Funchal, a qual tambem anda impressa no Tomo III. das *Provas da dita Historia Genealogica da Casa Real*, pag. 505. Foy nomeado em Arcebispo D. Gaspar de Leaõ, o primeiro que logrou esta Dignidade, e terceiro na ordem dos Bispos daquella Diocesi. Sagrou-se em Lisboa, e ao mesmo tempo os Bispos de Cochim D. Fr. Jorge Themudo, e de Malaca D. Fr. Jorge de Santa Luzia, ambos da Familia Dominicana, Dignidades, em que os constituîo o mesmo Papa, erigindo de novo todas estas Igrejas, que sogeitou à Metropoli de Goa, cujas Bullas andaõ impressas no dito 3. tom. pag. 208, e 211, e constituindo termos, e limites, os destrictos delles, commetteo a D. Fernando de Vasconcellos, Arcebispo de Lisboa, que depois de examinar este ponto assinou a Goa, desde o Cabo da Boa Esperança até Ormuz, e dahi até Cananor, com todas as Ilhas adjacentes a ellas, em que houvesse Christãos. Ao Bispado de Cochim assinou desde Cananor, até Bengalla, e Pegû, com toda a Costa da Pescaria, Negapataõ, e S. Thomé, com a famosa, e grande Ilha de Ceilaõ, com todas as mais circunvisinhas a toda a Costa, que depois, que passou a poder dos Holandezes, deixou ao Bispo em grandes trabalhos, e miserias. Ao Bispado de Malaca constituîo seus limites, desde Pegû, até a grande regiaõ da China, com todos os Archipelagos do Solor, Timor, Amboino, Banda, Moro, e Moluco, debaixo de cujo dominio se incluem hum grande numero de Ilhas, em que ha muita Christandade. Depois em diversos tempos foraõ erigidos os Bispados de Macao, no anno de 1575; o de Angamale, que hoje he conhecido por Cranganor, de que foy primeiro Bispo D. Francisco Ros, da Companhia, no anno de 1601; o de Melliapôr em D. Fr. Sebastiaõ de S. Pedro, da Ordem dos Eremitas, no anno de 1607; D. Belchior Carneiro, da Companhia, no anno de 1558, foy nomeado Bispo de Nicea, e sagrado com este titulo, por naõ poder passar à Ethiopia ficou em a China, e foy Bispo da China, e do Japaõ, em quanto ao exercicio, e naõ ao titulo; e por essa causa chama Telles primeiro Bispo de Japaõ a D. Sebastiaõ de Moraes, feito à instancia de Filippe II. Faria na *Asia*, part. 3. pag. 520; e Cardoso no *Agiologio*, tom. 1. pag. 34, querem fosse o primeiro Bispo do Japaõ; porém a *Chronica da Companhia* do Padre Telles, na 2. part. pag. 592, e Nadasi a 7 de Julho, daõ por primeiro Bispo desta Igreja a D. Sebastiaõ de Moraes, à instancia de Filippe II. anno de 1588, o que nos parece mais certo; porque além destes Authores achamos na *Decada VIII.* de Couto, pag. 69, fallando de D. Belchior Carneiro, diz, que hia por Bispo para a China, sem fallar em Japaõ.

Era o Santo Arcebispo D. Gaspar natural da Cidade de Lagos, no Reyno do Algarve, de pays nobres, e abastados, como se infere das casas, que edificaraõ naquella Cidade, que ficaraõ ao Arcebispo, de que elle fez Doaçaõ ao Licenciado Alvaro Martins, Contador da dita Comar-

Comarca, casado com sua sobrinha Constança Lourenço, com a obrigaçaõ de tres mil reis de foro à Casa da Misericordia de Lagos, para certos encargos. Da mesma Escritura consta ser seu irmaõ Fernaõ Dalvers, sua irmãa Brites Affonso, e seu cunhado Lourenço Fernandes, como se vê das vocações, que faz para a successaõ do tal vinculo; foy feita em Belem a 7 de Abril de 1560, a qual está no Livro, ou Tomo antigo dos fóros da dita Casa da Misericordia de Lagos, e tem este titulo: *Doaçaõ das casas, que estaõ pegadas ao forno de Joaõ Fernandes da Costa, o moço na Ribeira dos Touros, as quaes foraõ aforadas ao Licenciado Alvaro Martins, Contador desta Comarca, em 3000, em cada hum anno, o qual foro deixou de esmola a esta Santa Misericordia o Reverendissimo Senhor D. Gaspar de Leaõ, Arcebispo de Goa.* Este assento feito naquelle tempo, em que as casas foraõ aforadas ao marido de sua sobrinha, e pelos seus naturaes mostra, que muito bem lhe sabiaõ o appellido, e a familia de que era. Na mesma occasiaõ, que fez a Doaçaõ escreveo huma Carta, que está no mesmo Tomo, a qual tem este titulo:

Copia da Carte de Mestre Gaspar, Arcebispo de Goa para o Provedor, e Irmãos desta Misericordia, e diz assim:

Senhor: por satisfazer em alguma maneira com a obrigaçaõ devida aos Paes, e a Patria pareceo serviço de Nosso Senhor deixar as casas, que nessa Villa tenho, que fizeraõ meus Paes a sua geraçaõ com foro de tres mil reis cada anno gastados em Missas, e obras pias nessa Santa Confraria, por Vossas Merces, como veraõ pelo Instrumento, que com esta lhe envio; e porque nas ditas casas tem meu Irmaõ Fernaõ Dalvers hum pedaço, elle, e sua mulher mandaraõ logo a quitaçaõ, venda, ou doaçaõ do dito quinhaõ a Vossas Merces, as quaes casas deixo logo ao Licenciado Alvaro Martins, e minha sobrinha Constança Lourenço, sua mulher: Vossas Merces ma faráõ tomarem este trabalho, e fazerem comprir as obrigações, como convem a seu cargo, e a mim de favor, para que ajude a essas boas obras. De Belem a 7 de Abril, de 1560.

Destes Documentos, de que temos copias authenticas, tiradas do livro antigo da Misericordia, consta ser sua patria Lagos, e o seu appellido de Leaõ, no que nos naõ fica duvida, por ser por elle ainda conhecido pelos seus naturaes, como consta das memorias, que me mandou, e tenho com carta de 13 de Outubro de 1721, o Padre D. Manoel do Tojal da Sylva, meu Companheiro, e socio da Academia Real, bem conhecido pela sua eloquencia, e talento admiravel, e erudiçaõ, que entaõ se achava naquella Cidade. He certo, que diversos appellidos lhe tem dado os nossos Authores, muitos de *Santa Maria*; o Chronista Diogo do Couto, o de *Pereira*, o qual com a sua authoridade lhe demos, ainda que em duvida, nos Catalogos, que se imprimiraõ das Igrejas do Oriente, na Collecçaõ da Academia Real da Historia, no anno de 1722. Naõ faltou, quem lhe desse com manifesto engano, o dos *Reys*; e ultimamente os Religiosos do seu Convento da Madre de Deos, o de *Ornellas*, como logo veremos. Era elle conhecido universalmente pelo Mestre Gaspar, e assim o achamos em muitas memorias antigas. Tinha sido Capellaõ do Cardeal Infante D. Henrique, Prior de Setuval, Conego na Sé de Evora, e nesta Diocesi teve os empregos de mayor estimaçaõ, pelo grande conceito, que delle tinha o Infante, e era geral em todo o Reyno. Teve grande repugnancia em aceitar o Arcebispado; de sorte, que vendo-se, que elle naõ queria esta Dignidade, escreveo ElRey a Lourenço Pires de Tavora, seu Embaixador a Roma, para que o Papa mandasse por hum Breve ao Mestre Gaspar aceitasse o Arcebispado, e que fosse residir nelle o mais depressa, que lhe fosse possivel; o que consta da reposta do dito Embaixador, escrita em Roma a 18 de Janeiro de 1560, que está na Torre do Tombo, a qual vi, e della tirey a seguinte clausula. *Dei conta ao Papa das qualidades deste homem, e da necessidade de tal pessoa naquella Igreja, e das cousas com que elle se escusava: pareceo-lhe justo, o que por parte de V. A. se requeria, e me deu commissaõ para logo se fazer o Breve, e na mesma tarde, em que lhe falley o expedio, e assinou. Antes que deste Reyno partisse, entendi de Mestre Gaspar de quanto desgosto lhe será este mandamento, e com quanto trabalho se desporá ao cumprimento; e porque muito contra minha vontade sou Minis-*

tro, para fazer forçar corações, e mais em tal caso, sou obrigado a lembrar a V. A. que com tal homem, e taõ necessario ao serviço de Deos naquellas partes deve V. A. usar de taes honras, favores, e merces nas palavras, e nas obras, que o seu desgosto se torne em contentamento. Finalmente, sagrado Arcebispo no anno de 1560, embarcou para a India na Armada, de que era Capitaõ môr Jorge de Sousa, que hia na Náo Castello: constava de seis Navios, de que era Capitaõ Vasco Lourenço de Barbuda, da Náo S. Vicente, em que hia o Arcebispo, e os Inquisidores Apostolicos Aleixo Dias Falcaõ, e Francisco Marques, homens Letrados, e virtuosos, que hiaõ a plantar a Inquisiçaõ de Goa; porque tinhaõ passado àquelle Estado Judeos, que viviaõ com escandalo da Ley de Jesus Christo, e tinhaõ synagogas publicas, e separadas, de que nos annos antecedentes se remetteraõ a Lisboa alguns dos principaes, com autos das suas culpas, da Náo Rainha, era Capitaõ Jorge de Macedo; do Galeaõ Drago, Lourenço de Carvalho; da Náo S. Paulo, Ruy de Mello da Camera; do Galeaõ Cedro, Francisco Figueira de Azevedo: este arribou ao Reyno, e a Náo S. Paulo na Bahia, onde esperou por monçaõ; as demais seguindo a sua viagem, dobraraõ o Cabo de Boa Esperança, já taõ tarde, que se viraõ obrigadas a tomar a derrota por fóra da Ilha de S. Lourenço, no que tiveraõ grande trabalho, e perda pela muita gente, que morreo. A Náo do Arcebispo tomou Cochim, onde mandou recado com cartas para o Capitaõ Henrique de Sousa Chichorro, e para a Camera, que sabendo o aperto, em que estavaõ, aparelharaõ seis embarcações de remo, que logo mandaraõ com hum refresco; e levando a Náo ao reboque chegaraõ ao porto de Cochim, onde foraõ recebidos com applauso, e o Védor da Fazenda lhe mandou preparar huma Galé da Armada do Vice-Rey, onde embarcou o Arcebispo, e Inquisidores para Goa, e naquella Cidade se lhe fez honorifico recebimento. He este hum dos annos mais notaveis para aquelle Estado, por se levantar a sua Igreja a Metropolitana, e o Tribunal da Santa Inquisiçaõ, de que tanto bem tem resultado àquella Christandade. Entrou o Arcebispo a governar com tanto cuidado, como temos visto, e quando naõ souberamos delle outra cousa senaõ o zelo da Religiaõ, com que se houve em Goa, no caso que referimos do dente do bogio, bastava para o constituir Heroe entre os Varoens Apostolicos. Segundo o estylo, que seguimos, devemos dar alguma noticia ao Leitor, de quem fosse este dente, a que os Gentios faziaõ tantas venerações. Manoel de Faria no II. Tomo da *Asia*, part. 2. cap. 16. pag. 350, diz, que era de hum mono branco, e que além da alvura veyo a ser mais estimado; porque a hum Rey dos antigos da India fogindo-lhe a mulher, a quem elle muito amava, mandou varias pessoas a buscalla, e naõ dando nenhuma com ella, aquelle mono a veyo achar em o lugar occulto, onde estava escondida, e por esta causa lhe cobrou tal amor aquelle Principe, que regalando ao mono em vida, por sua morte, ficou com aquelle dente, que veyo a idolatrar, e a offerecerlhe holocaustos, e fazer, que todos o idolatrassem. Diogo do Couto na *Decada VII.* liv. 9. cap. 2. pag. 179. vers. diz, que os Gentios tinhaõ para si, que aquelle dente era do seu *Budaõ*, entre elles havido por seu mayor Santo; e que nas suas memorias se conserva, de que o Budaõ andou pela parte de Pegû, e por todos aquelles Reynos, convertendo Gentios, e fazendo milagres; e que estando para morrer arrancara da boca hum dente, e que o mandara a Ceilaõ, como Reliquia sua, e por tal, fallando ao seu modo, era estimada pela mayor entre toda a Gentilidade de Pegû: ou fosse deste homem Budaõ, que se conforma mais com o nosso parecer, ou do mono branco, elles o veneravaõ com taes circunstancias, que alguns Principes da Asia tinhaõ por grande dita alcançarem-no impresso em olorosas massas, como de ambar, e outras preciosas, de que he abundante o Oriente. ElRey de Pegû todos os annos o mandava visitar com ricos dons, por Embaixadores seus, para que lhe consentissem por premio daquellas dadivas, que lhe levassem a estampa, já que naõ podia lograr o original; e esta devoçaõ lhe fez offerecer taõ grossas sommas de dinheiro pelo seu resgate ao Vice-Rey D. Constantino, que com grande zelo da Religiaõ soube desprezar, em que teve grande parte o conselho do Arcebispo D. Gaspar. Chegou a tanto a superstíciosa fé,

que

que estes Gentios tinhaõ com este dente, que achando-se ElRey de Cota D. Joaõ, pobre, e desapossado do seu Reyno, fez em muito segredo da ponta de hum veado hum dente, na mesma forma, que o do bogio, taõ proprio como o que se queimou em Goa, e collocando-o em huma charolla muito rica, com muita pedraria, o entregou ao seu Camereiro môr, que era Gentio; e praticando este com os Embaixadores do Bramâ, que tinhaõ vindo àquelle Reyno a outro negocio, que naõ he do nosso assumpto, e em sua companhia os Tupaloens, que saõ os seus Bispos, e Religiosos, que se vinhaõ offerecer à pégada do pico de Adaõ, que todos elles adoraõ, em muito segredo lhe deu conta, em como ElRey D. Joaõ por ser Christaõ lhe dera a guardar o verdadeiro dente de bogio, ou do seu Quiar, como lhe chamavaõ, e que o que o Vice-Rey da India levara, era fingido, e falso. He aquella gente de facil persuaçaõ, e ficaraõ muy alegres com a nova; e pedindo-lhe lho mostrassem, o que elle fez com grande cautella, que accendia mais os desejos dos Tapuloens: em fim os levou huma noite a sua casa, que tinha muy ornada, e em hum Altar a charolla, com velas accezas, e muitos perfumes; o que vendo os Gentios se lançaraõ no chaõ, e com summa reverencia fizeraõ as suas superstíciosas ceremonias, em que gastaraõ a mayor parte da noite, e trataraõ logo de ajustar, que o mandasse ao Rey de Pegû, offerecendo-lhe hum milhaõ de ouro, e que todos os annos lhe mandaria huma Náo carregada de arroz, e mantimentos; o que se tratou em grande segredo, para que os Portuguezes o naõ soubessem, para que se naõ viesse em conhecimento do engano; e assim foy conduzido para o Reyno de Pegû, e recebido com grandes festas, e alvoroços de incrivel devoçaõ daquelle Rey, que mandou ao de Cota huma Náo carregada de mantimentos, e de outras cousas de presente, com a Náo, e tudo o que ella levava, como gratificaçaõ do muito, que lhe estava obrigado. Esta digressaõ, que a alguns naõ parecerá precisa por se achar nas nossas Historias, nos pareceo necessaria para o conhecimento da materia em que fallamos. E tornando ao Arcebispado D. Gaspar, que he o nosso assumpto, naõ podemos deixar de notar o Author de *Vergel de Plantas*, pag. 28, onde escreve a vida deste virtuoso Prelado, com grandes equivocações; porque o poem naquelle Arcebispado no tempo delRey D. Joaõ o III. que morreo no anno de 1557, a 22 de Junho, e elle passou à India, como dissemos acima no de 1560, e à instancia da Rainha D. Catharina, na menoridade de seu neto ElRey D. Sebastiaõ, foy erigida aquella Sé a Metropolitana, e assim pertence ao seu reynado, que começou no berço no mesmo tempo, que morreo seu avô; e supposto seu antecessor D. Fr. Joaõ de Albuquerque morreo no anno de 1553, como consta do Epitafio da sua sepultura, (e naõ no anno de 1559, como diz Faria no III. Tomo da *Asia*, part. 4. pag. 519, dando-lhe dous annos de vida depois do Papa Paulo IV. ter expedido a Bulla, em que erigio esta Igreja a Metropolitana, de que infere, que logrou este tempo a nova Dignidade este Bispo,) e pudesse o referido Rey tello nomeado para o Bispado, naõ póde ter effeito esta graça, senaõ depois de passada a Bulla, que apontamos. Tambem o allegado Author diz, que elle depois de ter renunciado, ElRey se arrependera de lhe conceder a faculdade da renuncia, e que o obrigara pelo Papa a tornar a exercer, mas que com as repetidas instancias lha viera segunda vez a aceitar, e que morrera recolhido no Mosteiro da Madre de Deos, o que naõ póde ser; porque he certo, que depois de renunciar, lhe succedeo D. Fr. Jorge Themudo, Dominico, Bispo de Cochim, que começou a governar no anno de 1568, e faleceo a 29 de Abril de 1571, como diz o *Agiologio*, Tomo II. naquelle dia, e depois da sua morte, tornou D. Gaspar a exercitar a Dignidade Primacial da India, e com effeito no anno de 1573, foy elle executor da Ordem, para o governo de Antonio Moniz Barreto, que tomou posse neste anno, tendo o governo da Igreja de Goa até o anno de 1576, em que morreo. E como os Bispos de Cochim saõ à jure Governadores do Arcebispado de Goa, por falecimento dos Arcebispos, o foy D. Fr. Henrique de Tavora, que depois veyo a ser seu successor; e porque governava se equivocou este Author, dizendo, que o Arcebispo lhe fizera as Exequias

Exequias com a assistencia do Clero, e Vice-Rey, que tambem naõ havia na India, e durava o governo de Antonio Moniz Barreto; porque ainda que este anno partio de Lisboa o Vice-Rey Ruy Lourenço de Tavora, que morreo em Moçambique, e as Náos chegaraõ à India em Setembro, em que succedeo como Governador D. Diogo de Menezes, em que durou até o de 1578, e no mesmo tempo tomou posse da Dignidade Archiepiscopal D. Fr. Henrique de Tavora. Toda esta prolixa averiguaçaõ nos foy precisa, para mostrarmos ao Leitor a certeza, com que escrevemos o que referimos no Texto; porque lendo-se o que na sua Vida escreveo o Padre Fr. Jacinto de Deos no *Vergel de Plantas*, naõ faça duvida, parecendo, o naõ seguimos por mais motivo, que a verdade. Muito temos que nos queixar das poucas noticias, que achamos deste Arcebispo: todas se reduzem a que era Santo, e douto, como se vê de algumas Obras, que deixou impressas, e saõ as seguintes.

Compendio Espiritual da Vida Christãa, tirado de muitos Authores, impresso em Goa no anno de 1561, por Joaõ Quinquenio, da Companhia.

Hum livro sobre certas visoens do Apocalypse, impresso em Goa.

Hum *Breve Dialogo*, ou *Colloquio Espiritual de achar a Deos*, impresso em Goa, e depois em Evora por ordem do Cardeal Infante.

Hum livro *Desengano de perdidos em Dialogo, hum Christaõ, e hum Turco*, Obra muy curiosa, que fez quando estava recolhido no Mosteiro da Madre de Deos, no tempo, que tinha renunciado, e imprimio em Goa, anno de 1573.

Hum livro da *Doutrina Christãa*.

Hum *Tratado Espiritual, para o Sacerdote quando diz Missa, e para os ouvintes, &c.* impresso em Lisboa, anno de 1518.

Traduzio em Portuguez dous Tratados, que fez Jeronymo de Santa Fé, em Latim, sobre a vinda do Messias, e falsidades do Thalmud, impresso em Goa, com huma Carta ao povo de Israel.

Huma summa de casos de consciencia, proveitosa, e necessaria para a India.

Foy sepultado no Presbiterio da Capella môr, na Igreja da Madre de Deos de Goa, em sepultura raza, onde se lhe poz o seguinte Epitafio.

Aqui jaz D. Gaspar o Primeiro Arcebispo de Goa, e o primeiro dos Peccadores rogai a Deos por elle. Faleceo nesta Casa da Madre de Deos a 15 de Agosto de 1576 annos.

Affirma-se que appareceo a dous Religiosos, que entaõ viviaõ no mesmo Convento, apparecendo a hum crucificado com quatro cravos, e a outro resplandecente como huma estrella scintillante, e as vestiduras diafanas, como cristal, mostrando assim Deos ao primeiro os trabalhos, que na vida padecera, e ao segundo a gloria, que gozava.

No anno de 1725, a 15 de Agosto, sendo Ministro Provincial Fr. Simaõ de Jesu Maria, com assistencia do Arcebispo Primaz D. Fr. Ignacio de Santa Theresa, que tambem era primeiro Governador do Estado, juntamente com o seu Cabido trasladaraõ os ossos do Santo Arcebispo, e foraõ collocados em lugar eminente, na parede da parte do Evangelho do Presbiterio da Capella môr, que ornaraõ com finas pedras, muy polidas, com este Epitafio.

Daqui resurgiraõ os ossos veneraveis do Illustrissimo D. Gaspar de Ornellas, I. Arcebispo Primaz deste Oriente, e Fundador deste Convento da Altissima Mãy de Deos, para aqui trasladados a 15 de Agosto de 1725.

Nas Memorias, que os Padres deste Convento mandaraõ a Academia, com data de 3 de Janeiro do anno de 1726, que temos em nosso poder da Secretaria da Academia, consta a dita Trasladaçaõ; porém naõ nos podemos accommodar a lhe dar outro appellido, que naõ seja o de Leaõ, pelo que temos acima referido.

Trataõ

Trataõ deste Arcebispo, Couto na *Decada VII.* liv. 8. cap. 2. pag. 145; e no liv. 9. cap. 17. pag. 208; e na *Decada VIII.* liv. 1. cap. 29. pag. 120, e em outros lugares; Faria *Asia*, tom. 2. cap. 16. num. 4, e em outros lugares; o *Oriente Conquistado* de Sousa, part. 1. Conq. 1. Disc. 2. pag. 205; e na part. 2. Conq. 1. Disc. 1. pag. 10; o *Agiologio Lusitano*, no dia 29 de Abril, letra F. Franco na *Bibliotheca Lusitana* m. f. lhe chama D. Gaspar dos Reys, no que se enganou, e certamente em o fazer Author da *Relaçaõ Solemne do recebimento das Reliquias de Santa Cruz*, de que he Author Gaspar dos Reys, Clerigo Canonista, e se imprimio no anno de 1596, vinte annos depois da morte do Arcebispo; Cruz nas Memorias para a *Bibliotheca Lusitana* m. f. que estaõ em poder do Conde da Ericeira; Fr. André de Christo na *Historia da Ordem de Santiago*, liv. 2. cap. 41. pag. 266. m. f. *Memorias da Igreja de Goa* do Doutor Henrique Bravo de Moraes, Deaõ daquella Cathedral, e Commissario Geral da Cruzada do Estado da India, feitas com grande exacçaõ, e cuidado, que mandou à Academia Real da Historia, e tenho em meu poder da Secretaria da mesma Academia.

D No anno de 1629, faleceo o Irmaõ Leigo Bartholomeu Lourenço, a que na Companhia chamaõ Coadjutor temporal, de idade de setenta e sete annos, gastados na Companhia cincoenta e quatro, com grande edificaçaõ, pois era mortificado, em tudo o que lhe podia servir de alivio, negando-se ainda àquelles divertimentos, que permitte a Religiaõ, para respirarem os Padres do trabalho, como saõ ir às quintas, a que chamaõ recreações, e outros honestos divertimentos; porque nunca foy a elles, e nesses dias augmentava os exercicios espirituaes de Oraçaõ, e penitencia. Hum dia lhe succedeo ir ao Collegio da Purificaçaõ, a ajustar humas contas da Universidade, que estavaõ a seu cargo; e como houvesse de esperar, porque havia de ser nellas parte, se recolheo à Capella do Collegio, e com huma larga, e aspera disciplina encheo o tempo da espera. O Vice-Reytor que o sentio, lhe disse: *Irmaõ, a toda a parte nos vem edificar, e confundir?* A que elle com graça respondeo: *Padre, hoje he dia de Quinta, he necessario dar recreaçaõ ao espirito na mortificaçaõ do corpo.* Delle faz mençaõ Franco *Imagem da Virtude no Noviciado de Lisboa*, liv. 2. cap. 19. pag. 324.

E A *Chronica dos Conegos Regrantes deste Reyno*, no liv. 10. cap. 27. pag. 374, faz mençaõ de Fr. Vicente da Costa, dizendo, que era natural de Lisboa, da Familia de Costas, e que por ser homem Fidalgo, dispensara a Religiaõ com elle, dando-lhe o Habito, e Sobrepeliz dos Conegos, sem embargo de entrar para Irmaõ Leigo, ou Converso, como elles lhe costumaõ chamar, cujo Habito he pardo, sem Sobrepeliz, com hum Bentinho de linho aos peitos; porém como lhe naõ declare os pays, naõ podemos vir em conhecimento a que ramo deste appellido pertença. Faleceo no anno de 1586, neste dia.

F Na Provincia da Beira, no Bispado de Lamego, de cuja Cidade dista quatro legoas, fica a Villa de Moimenta, ao pé de huma Serra, que orna com quatro fontes, e faz fertil de todos aquelles frutos de que abunda a Provincia. A sua Parochia he da invocaçaõ de S. Joaõ Bautista, e a povoaçaõ de trezentos visinhos. Nesta Villa nasceo o Doutor Fernaõ de Mergulhaõ, Abbade de S. Clemente de Basto, e Desembargador na Cidade de Braga, que da sua fazenda edificou, e dotou este Mosteiro da Ordem de S. Bento (mas seguem o Rito Cisterciense, e saõ da sugeiçaõ dos Bispos, dedicando-o à Purificaçaõ da Virgem, pelo que he chamado Nossa Senhora da Purificaçaõ) nas mesmas casas, em que nascera, por Breve que alcançou da Sé Apostolica, passado no anno de 1594. Do Mosteiro de Semide foraõ as Fundadoras: eraõ tres irmãas do Fundador, a saber, Isabel Mergulhoa, Guiomar Nunes, Margarida de Lucena, e Antonia Ferreira, que foy a Prioressa, e Mestra de todo o Mosteiro, e a primeira Abbadessa sua irmãa a Madre Isabel Mergulhoa. O Fundador faleceo em Braga, e seus ossos foraõ levados para esta Igreja, e foraõ postos na Capella môr, em sepultura, que sua irmãa a Abbadessa perpetua lhe mandou lavrar. Neste Mosteiro professou Sor Filippa Pinta, cuja ditosa morte escrevemos no Texto, a qual foy depois do anno 1596: era natural de Arcuselo, Bispado de Lamego. Della faz mençaõ Fr. Leaõ de Santo Thomás na

na *Benedictina Lusitana*, tom. 2. trat. 2. part. 6. cap. 7. §. 2. pag. 405.

G A Patria de Fr. Balthazar, foy sem duvida a Villa, que lhe deu o sobre nome, estylo observado na Provincia da Piedade, para onde passou da Observante de Portugal: em huma, e outra viveo com raro exemplo de humildade. Em ambas as Chronicas daquellas Provincias se faz com razaõ honrada memoria sua; pois em ambas deu claras luzes da sua virtude, pelo que foy em vida estimado, e depois de morto venerado. Faleceo neste dia, no anno de 1564. Delle trata Soledade na Parte IV. da *Historia da Provincia de Portugal*, liv. 5. cap. 33. pag. 749, e Fr. Manoel de Monforte na da Piedade, liv. 3. cap. 49.

H Entre as Cidades da Baçaim, e Chaul, em distancia de seis legoas, fica a Ilha de Taná, no Seyo de Cambaya, junto à terra firme. Nella he conhecida a povoaçaõ dos Portuguezes, que he a Villa com o mesmo nome de Taná: nesta vivia Gaspar de Lousada de Sá, e D. Filippa Ferreira, pessoas nobres, e principaes: mas ainda muito mais distinctas pela virtude em que viviaõ. Deste matrimonio nasceo D. Maria de Sá, que na Religiaõ, mudando o appellido, se chamou da Trindade. Com a morte de seu pay ficaraõ os cabedaes diminutos, e tratando com sua mãy das cousas do Ceo, começaraõ a observar huma vida perfeita: pelo exemplo della as tirou daquella Villa o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, para o recolhimento, que fundava das Donzellas. Da virtude de sua mãy diremos nos aditamentos, por ser a 8 de Junho. Desejava muito o mesmo Arcebispo fundar na Cidade de Goa hum Mosteiro de Religiosas, e vencidas naõ poucas difficuldades, conseguio licença delRey; e no dia 2 de Julho dedicado à Visitaçaõ de Nossa Senhora, lhe lançou a primeira pedra no anno de 1606, na fórma que determina o Ritual Romano, o que se fez com grande solemnidade; porque além do Arcebispo ser por sua illustre qualidade, e pela sua virtude attendido de todos; como naquella occasiaõ era Governador do Estado, o acompanharaõ os principaes Fidalgos, e toda a mais nobreza lhe fizeraõ Corte. Comprado o sitio, se deu principio à fabrica, e se formou hum Convento, por entaõ humilde, e pobre; porém de sorte que fosse capaz de ser habitado, e foy o primeiro, e unico lugar, que vio o Oriente todo para Esposas de Christo. A tres de Setembro do mesmo anno, sahiraõ em Procissaõ as Recolhidas, que faziaõ todas em numero vinte e huma, com os rostos cubertos, e com grande gravidade, e modestia caminhavaõ; precediaõ diante tres meninas, e a estas se seguiaõ as Donzellas; cada huma levava em huma maõ o Menino Jesu, e na outra huma palma, como testemunha da fé, que davaõ ao Divino Esposo: D. Filippa, e outra Religiosa, que no seculo tiveraõ o estado de casadas, levavaõ hum Crucifixo nas mãos. Nesta fórma chegaraõ à nova Igreja; feita oraçaõ ao Santissimo, entraraõ pela porta do Mosteiro, que abrio o Arcebispo; entrou primeiro D. Filippa, e o Arcebispo da parte de fóra lhe entregou cada huma das novas Religiosas, e depois com huma admiravel exhortaçaõ a persuadio à vida mais perfeita, intimandolhe as obrigações do seu officio, e foy a primeira Prioressa deste Religioso Jardim da Igreja, de que se tem colhido preciosas flores: e fazendo logo todas deixaçaõ dos appellidos, e distinçaõ da nobreza, se naõ trataraõ mais que como Religiosas, em que naõ queriaõ trato, nem cousa alguma, que parecesse vaidade, ou estimaçaõ. O grande Prelado mostrava a muita, em que tinha esta Casa; porque supposto lhe nomeou Padres de letras, e virtude, elle era o que no principio mais lhe assistia. Passado o anno da approvaçaõ, e observadas as declarações do Santo Concilio de Trento, professaraõ as Religiosas; e depois provadas em mayores tribulações, naõ padeceraõ pouco com o governo da Cidade, e o seu Confessor Fr. Diogo de Santa Anna, Varaõ Douto, e Santo, ao qual se deveo depois todo o augmento deste magnifico Mosteiro, (de quem trataremos a 6 de Setembro) e o Santo, e zeloso Prelado D. Fr. Miguel Rangel, Bispo de Cochim, e entaõ Governador do Arcebispado de Goa. Vinte e hum anno se trabalhou na fabrica do novo Mosteiro, que em grandeza, e fabrica he admiravel, pela largueza do Mosteiro, magnificencia da Igreja, dormitorios, e mais officinas, com admiravel claustro, com jardins, e tudo o que póde servir de regallo, para que naõ apeteçaõ

teçaõ as Religiosas nada das delicias em que foraõ criadas, por ser excessivo o modo com que se trataõ naõ só as Senhoras, e mulheres nobres, mas toda a Cidade de Goa. Entre Freiras, e serventes tem o Mosteiro trezentas pessoas da Portaria para dentro. Saõ assistidas de tudo com largueza; finalmente, em tudo he huma das cousas magnificas da Cidade de Goa.

I Faleceo Sor Maria da Trindade neste dia, do anno de 1619, e sendo enterrada, depois de passados sessenta annos trasladaraõ seu corpo com huma notavel solemnidade. Sua Vida escreveo o Padre Fr. Agostinho de Santa Maria, na *Historia da Fundaçaõ do Convento de Santa Monica de Goa*, liv. 4. cap. 2. pag. 2; Fr. Luiz dos Anjos no *Jardim de Portugal*, pag. 613; Purificaçaõ na *Chronol. Monastica.*

I Na Ilha de S. Miguel, huma das nove dos Açores, de que he Donatario, e Senhor D. Joseph da Camera, Conde da Ribeira Grande, fica a Cidade de Ponta Delgada, assentada junto ao mar, em plano, occupando de comprimento quasi hum quarto de legoa, e terá seis centos visinhos. ElRey D. Joaõ o III. a 2 de Abril do anno de 1546, a levantou ao foro de Cidade. ElRey D. Manoel a tinha feito Villa, no anno de 1499, e por mais que se lhe oppuzeraõ os moradores de Villa Franca, a confirmou neste foral no anno de 1507. Tomou a Cidade o nome de huma ponta delgada, que do interior da Ilha corre quasi ao mar: tem no meyo da Cidade Castello, e Palacio dos Condes, que a enobrece; o porto he aberto, com tres legoas de enseada; tem tres Freguesias, e tres Conventos de Religiosos, a saber, da Companhia, Santo Agostinho, e S. Francisco, e quatro Mosteiros de Religiosas da Ordem de S. Francisco. Nesta Cidade nasceo Isabel de Miranda: seu pay se chamou Alvaro de Miranda, e sua mãy Isabel Luiz, gente pobre, e humilde, o que se infere pelo Officio de Tecedeira, em que sua mãy a criou, e depois ella usava; mas de taõ singular virtude, como temos relatado. Naõ achamos o anno em que faleceo, e neste dia faz mençaõ della Fr. Antonio da Purificaçaõ na *Chronologia Monastica*; Fr. Luiz dos Anjos no *Jardim de Portugal*, pag. 542; Fr. Pedro Calvo nas *Lagrimas dos Justos*.

K Foy o Padre Mestre Fr. Martinho de Ledesma da Ordem dos Prégadores, natural de Ledesma, junto do rio Tormes, que lhe deu o appellido; e sendo filho da Provincia de Castella, se encorporou na de Portugal, e foy prefilhado no Convento de Coimbra, Lente de Prima de Theologia naquella Universidade, em que jubilou, tendo por mais de trinta annos aquella publica, e honrada occupaçaõ; naõ se poupando ao trabalho, mostrava que o naõ fazia por ter mais renda, ou ambiçaõ de gloria, mas só por virtude, e zelo. Era Varaõ pio, modesto, e de admiravel engenho, estimado dos grandes Theologos do seu tempo, dos quaes foy chamado poço de letras. Escreveo varios Commentarios sobre a Summa de Santo Thomás, como quem a lêo muitos annos, dictando-a da Cadeira, Obra de muita estimaçaõ, sem embargo de naõ ser vestida de termos polidos, nem de fraze. Imprimio dous volumes sobre o quarto livro do Mestre das Sentenças. E illustrando tanto a Religiaõ com a sua Literatura, e vida, o naõ faz menos a esta Provincia com as obras materiaes de pedra, e cal, de que saõ eternos padroens os Conventos de S. Domingos, e Collegio de Santo Thomás de Coimbra, cuja fundaçaõ por sua deveramos agora tratar, senaõ andara escrita no Commentario do dia 30 de Mayo, letra G. Cheyo de merecimentos faleceo no anno de 1574. Jaz na Capella môr do seu Collegio, em sepultura raza, accommodando-se à sua humildade, naõ aos seus merecimentos. Sua Vida traz Sousa na I. Parte das *Chronicas desta Provincia*, liv. 3. cap. 5. Delle se lembra D. Niculao Antonio na *Bibliotheca Hispanica*, com hum merecido Elogio.

L No anno de 1633, na cruel persecuçaõ do Tyranno Toxogunsama, foy coroado de Martyrio hum Irmaõ da Ordem dos Prégadores, de que nos dá noticia o Padre Cardim no *Catalogo dos Mortos*, pag. 323.

AGOSTO XVI.

Fr. Joaõ de Santa Martha, Franc. M.

A

M Miaco, o gloriofo certame do Padre Fr. Joaõ de Santa Martha, fervorofo Miffionario, que por confortar aos Chriftãos, na cruel perfecuçaõ, que nefte tempo fe experimentava no Japaõ, cheyo de zelo Apoftolico, defejou muito andar efcondido, para animar com a fua doutrina aquelles Fieis. Paffou a efte fim ao Eftado de Omura, onde vivia Marina, Senhora Japoneza, em quem fe via a Religiaõ, e piedade Chriftãa, obfervada com verdadeiro amor de Deos, fentindo com extremo, que feu irmaõ Tangodono deixaffe a Fé, que tinha recebido, por temporaes interefles. A efte Principe efcreveo o Padre huma carta com liberdade Apoftolica, afeando-lhe a culpa, o exhortava à penitencia, para confeguir de Deos perdaõ; e que elle fe achava naquelle Imperio efcondido, fó pelo encaminhar ao caminho da falvaçaõ, e livrallo da deteftavel cegueira, a que a ambiçaõ o reduzira, fem memoria da eternidade. Procurou Tongodono, que o Servo de Deos fahiffe logo do feu Eftado; porém vendo, que já era publica a voz da fua refidencia, o mandou prender, por temor, que o culpaffem perante o Emperador; e affim o remetteo a Safioye, e efte à Corte de Miaco, ao Governador Itacurando, que o poz no carcere publico, onde efteve mais de tres annos padecendo immenfos trabalhos, com grande refignaçaõ, efperando a gloriofa hora da remuneraçaõ do Author da vida, por quem taõ generofamente offerecia a fua. Prégava no carcere aos prezos, dos quaes converteo, e bautifou alguns. Aos Chriftãos, que o vifitavaõ dava fantos confelhos, e perfuadia, e animava com o exemplo, e com as palavras ao fofrimento dos trabalhos. Intentou o Governador da Cidade de Miaco defterrallo do Japaõ, tomando o pertexto de fer forafteiro, e de animo fincéro, que até os Gentios fe agradavaõ da brandura, e manfidaõ de animo, eftimando as virtudes da natureza. A efte fim lhe facilitaraõ, e offereceraõ occafioens, em que podia alcançar a liberdade; mas o Varaõ Apoftolico, cheyo de zelo de verdadeiro Miffionario, dizia, que naõ fahiria da prizaõ, fem que livremente pudeffe

prégar

prégar a todos a doutrina infallivel do Evangelho. Emprenderaõ ſegunda vez lançallo fóra, embarcando-o para Filippinas; porém o Santo Religioſo com animoſa conſtancia reſiſtio, dizendo, que até ao meſmo Xongun havia de ir prégar, ſe ſe viſſe livre da prizaõ. Corrido já o Governador do que paſſava, o condemnou à morte. Eſta nova recebeo o Servo do Senhor com jubilos da alma, e publicas demonſtrações de alegria. Tirado do carcere, foy levado fóra da Cidade, adonde depois de deſpedaçado a golpes das catanas lhe cortaraõ a cabeça, dando deſta ſorte glorioſo fim à ſua larga prizaõ. As ſuas veneraveis Reliquias recolheraõ como de glorioſo Martyr os Chriſtãos: pelo que foraõ prezos, e inda que depois os ſoltaraõ, vieraõ alguns a ſer ſeus Companheiros no exercito dos Martyres.

D. Theodoſio, Coneg. Regr.

B Em Lisboa, no Real Moſteiro de S. Vicente dos Conegos Regrantes, o ultimo dia de D. Theodoſio, cuja vida [por deſcuido dos Religioſos] ſe ignora, e conſta ſómente, que era muy dado à Oraçaõ, e taõ abſtinente, que o exceſſo das mortificações lhe abreviaraõ a vida, para a lograr muy larga na eternidade.

D. Miguel da Cruz, Coneg. Regr.

C No Real Moſteiro de Santa Cruz de Coimbra, o falecimento de D. Miguel da Cruz da meſma Canonical Familia. Antes de entrar na Clauſura já era Sacerdote, e graduado Bacharel em Theologia na Univerſidade de Salamanca, donde encorporando-ſe na de Coimbra, foy Collegial, e Reytor do Collegio de S. Pedro, que tinha fundado D. Rodrigo de Carvalho, Biſpo de Miranda, ſeu conſanguineo. E quando pudera conſeguir os devidos premios da ſua literatura nos Regios Tribunaes, e nas Dignidades Eccleſiaſticas, com ſanta reſoluçaõ abraçou a Canonica Reforma de Santo Agoſtinho, e com huma exemplar vida acreditou a ſua reſoluçaõ, deſempenhando as obrigações do Inſtituto, que profeſſara, prégando quaſi trinta annos, com igual eſpirito, que applauſo daquella inſigne Univerſidade. Gaſtados pois os annos em ſerviço de Deos, e da Religiaõ, paſſou do trabalho ao deſcanço, repouſando alegremente no Senhor.

P. Antonio de Chriſto, Con- cula

D Em o Convento de S. Jorge de Reciaõ, acabou o Religioſo Padre Antonio de Chriſto, Conego Secular da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta, grande Meſtre de eſpirito,

que

que guiou muitas almas ao estado da perfeiçaõ; pelo que mereceo deixar entre os seus virtuosa memoria; e depois de huma santa, e prolongada velhice, e de ter com huma vida inculpavel edificado aquella Communidade, morreo santamente.

Trinta e sete MM. no Japaõ.

E Neste dia subiraõ triunfantes ao Ceo, coroados de Martyrio em diversas partes do Japaõ, trinta e sete valerosos Soldados de Christo, que sem temor da morte offereceraõ com admiravel constancia as vidas em obsequio da Fé. Em Yendo Joaõ Monzen, Miguel Sazanda, Luiz Canda, Joaquim Fachiquan, Antonio Yafioye, Vicente Tanaye, Leaõ Daiku, Thomé Kibioye, familiares dos Religiosos de S. Francisco, os quaes foraõ todos oito degolados. Em Tingo Belchior Cumagayendo, que por confessar ser Christaõ, foy degolado. Em Cocura Simaõ Kiota, Catequista dos Religiosos da Companhia, Magdalena, sua mulher, juntamente Thomé, e Martha, sua mulher, Jacobo, seu filho, tres criados de Simaõ, que seguindo o exemplo com que os tinha ensinado, foraõ todos crucificados, merecendo acompanhar na morte ao Author da vida, que lha segurou eterna por premio da sua Fé. Em Deva foraõ juntamente degolados Thomé Xeisuque, Miguel Umanoyo, Joaquim Ximota, Simeaõ Niyemon, seu filho, uniformes no amor da Religiaõ Catholica, mereceraõ em seu obsequio alcançar a palma de Martyrio. Em Nangasachi foraõ queimados vivos o Padre Fr. Francisco de Santa Maria, Prégador Evangelico, Fr. Bartholomeu Januel, Fr. Antonio de S. Francisco, Irmãos Leigos, todos tres da Serafica Familia; Gaspar Vaz, e Francisco, Terceiros; Magdalena Kiota, do Real sangue do memoravel D. Francisco, Rey de Bungo; Gayo Liyemon, Leaõ Curobioye, Thomé Iniyemon, e Francisca, os quaes sem horror das fogueiras, com admiravel constancia esperaraõ por morte taõ rigorosa a vida eterna. Nella os acompanharaõ Maria, mulher de Gaspar Vaz, Antonio, filho de Francisca, Luiz Matueo, com Manoel, de cinco annos, e Joaõ de tres, seus filhos; Lucas Kiyemon, Miguel Xichizayemon, com seu filho Joaõ de tres annos, os quaes todos foraõ degolados, com tanta assistencia da Divina graça, que nem o horror dos tormentos dos pays desanimava aos filhos, nem o amor destes os entibiaraõ, para deixarem de animosos confessar a Christo.

Em

F Em Mombaça, na Ethiopia Oriental, o ditoso fim de Pedro Leitaõ de Gamboa, Capitaõ daquella Fortaleza, a quem o Apostata D.Jeronymo Chingulia degolou por suas proprias mãos, em odio da Fé, ganhando primeiro as guardas, que foraõ mortas. A sua mulher, e filha dava a vida, se mudassem de Religiaõ, que ellas com animo Christaõ souberaõ desprezar; pelo que tambem foraõ degoladas. Neste feliz, ainda que tragico fim, as acompanhou o Padre André Joaõ, Clerigo, Irmaõ da Correa de Santo Agostinho, e todos piamente cremos foraõ lograr da Gloria.

Pedro Leitaõ de Gamboa, sua mulher, e filha, e outros MM.

G Na Cidade de Nangasachi, acabou com glorioso Martyrio o Padre Manoel Borges, da Companhia, depois de ter padecido pela prégaçaõ do Evangelho innumeraveis trabalhos, com os quaes illustrou o Japaõ, e exaltou a Fé, por cujo amor sofreo grandes contratempos; porque com animo superior às contrariedades, como nascido de hum espirito Apostolico, cheyo de charidade, arrancava os supersticiosos vicios da idolatria, com zelo universal das almas; pelo que tendo sido desterrado, continuava constante no serviço de Deos, e fadigas Evangelicas, como diligente operario, sem que cobrasse medo dos ameaços dos Tyrannos. Finalmente sendo prezo, depois de ter padecido no carcere os rigores da prizaõ, foy condemnado ao atrocissimo tormento das covas, e estando pendurado, e enterrado vivo quatro dias, no fim delles subio ao Ceo a gozar a preciosa coroa, que o Senhor lhe tinha prepado, entre os insignes Martyres da Militante Jerusalem.

O P. Manoel Borges da Compan. M.

H Em Lisboa, no sumptuoso Mosteiro de S. Bento, o transito de Fr. Placido de Villalobos, insigne Reformador da Benedictina Congregaçaõ deste Reyno, Varaõ zeloso do augmento da Religiaõ, pela qual soube tolerar com admiravel constancia as opposições, que se offereceraõ a impugnar os seus santos intentos, sofrendo bastantes contratempos, sem que o seu animo religioso desmayasse da empreza; até que felizmente conseguida, com grande gloria do Senhor, vio a Religiaõ restituida ao auge da vida Monastica, observando perfeitamente o rigor da Regra do grande Patriarca S. Bento. Teve dos pobres grande compaixaõ, e dos enfermos, e assim luzio nelle a virtude da charidade, a que ajuntou admiravel prudencia para governar; e sem que diminuisse o ardente zelo,

Fr. Placido Villalobos, Abbad. de S. Bento.

com que desejava ver na mayor perfeiçaõ o estado Monacal, attendia a consolar com paternal amor aos subditos, e estas partes o fizeraõ eleger duas vezes em Geral da Benedictina Familia, e ultimamente D. Abbade do Mosteiro de Lisboa, a que tinha dado principio, aonde jaz esperando a Universal Resurreiçaõ.

Fr. Miguel de S. Boaventura, da III. Ordem Serafica.

I No Mosteiro de S. Francisco de Caria, quatro legoas de Lamego, a saudosa memoria de Fr. Miguel de S. Boaventura, Religioso professo da Terceira Ordem de S. Francisco, de quem foy hum verdadeiro imitador, na singular humildade, admiravel modestia; de sorte, que era hum exemplar da edificaçaõ; pelo que era venerado de todos aquelles póvos visinhos, como homem Santo: e assim com lagrimas, e publicas demonstrações manifestaraõ na sua morte o sentimento, que lhe causava a sua falta, considerando-se desamparados de hum taõ grande Orador, para com Deos, de cuja presença cremos está gozando.

Commentario ao XVI. de Agosto.

A DO virtuoso Rey de Omura D. Bartholomeu, de que se faz mençaõ a 24 de Mayo, foy filho Tangodono, que lhe succedeo no Estado; mas taõ differente nos costumes, e partes de seu pay, que por disfavores, que recebia do Emperador Daifusama, se determinou a deixar a Fé, seguindo exteriormente a seita de Canzuve, Rey, e Senhor de Fingo, cruel inimigo do Nome de Jesu Christo. Naõ lhe faltou sequito na apostasia; porque sempre ha quem sirva à lisonja nos Principes, e quem queira seguir a liberdade dos vicios; mas a mayor parte do seu Estado perseverou na Fé, e foraõ raros os que de todo a perderaõ; e ainda o mesmo Tono, ou Rey, accusado da consciencia, dizia: que lá teria huma hora para a penitencia, que Deos naõ quiz que lhe chegasse; mas que experimentasse na vida o castigo da sua apostasia; porque o mesmo Emperador, em obsequio de quem detestou a verdade da Fé, o julgou inhabil para o governo, e o obrigou a entregar a seu filho Minibudono, e elle depois, ainda que confiado na hora da penitencia, lhe succedeo ser accommetido de hum accidente de apoplexia, que privando-o dos sentidos, em breves horas perdeo a vida, ficando taõ disforme, e com taõ máo cheiro, que naõ havia quem o pudesse sofrer. Causou esta morte espanto a todos, fazendo-a mais horrorosa, o saberse, que alguns endemoninhados referiraõ os tormentos, que elle, e os seus Bonzos padeciaõ no Inferno, com taõ formidaveis demonstrações, que causa medo à gente; de sorte, que muitos detestando os Ritos Gentilicos, abraçaraõ a Religiaõ Christãa. Este infeliz Tangadono, foy o que prendeo o Santo Varaõ Joaõ de Santa Martha, nascido no Principado de Catalunha, que depois de tantos trabalhos, foy coroado com a laureola de Martyr, neste dia, como refere o Padre Antonio Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, anno de 1618; Morejon na *Historia do Japaõ*, cap. 9. pag. 117; Artur no *Martyrologio Francisc.* o poem a 14, e he o mesmo a que chama Fr. Joaõ de Santa Maria, onde allega alguns Authores.

B No anno 1590, faleceo D. Theodosio, professo do Mosteiro de Santa Cruz,

Cruz, de quem saõ taõ breves as noticias, que delle achamos, que nos naõ daõ lugar a nos alargarmos mais do que o referido no Texto, que tiramos do livro dos Priores móres do Convento de S. Vicente, que se guarda no seu Archivo, escrito por D. Marcos da Cruz, part. 2. pag. 285.

C Neste dia, do anno de 1585, acabou D. Miguel da Cruz, natural da Cidade de Miranda, naõ sabemos quem fosse seu pay, mas devia de ser de geraçaõ nobre, por o acharmos nomeado por parente do Bispo D. Rodrigo Lopes de Carvalho, a quem os livros das Familias distinguem com o titulo de Carvalhos da Figeira. Lêo D. Miguel nove annos Theologia no seu Collegio de Santo Agostinho, e delle se lembra a sua *Chronica*, part. 2. liv. 10. cap. 27. pag. 374.

D O antigo Convento de Reciaõ, meya legoa distante da Cidade de Lamego, foy habitado cento e cincoenta e sete annos pelos Religiosos da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangelista, até que à instancia do Doutor Lourenço Mouraõ Homem, natural daquella Cidade, do Conselho de Sua Magestade, e seu Desembargador do Paço, se mudou para Lamego, e se desamparou aquella antiga habitaçaõ, em que viveraõ santamente muitos Religiosos, de cujo principio já se escreveo no Commentario do dia 21 de Março, letra B. Neste Mosteiro, e neste dia, no anno de 1615, faleceo o Padre Antonio de Christo, natural de Mondim, povoaçaõ naõ distante da dita Cidade, de quem faz memoria a sua *Chronica*, liv. 4. cap. 29. pag. 1023; Cardoso no lugar citado do Agiologio; o Padre Jorge de S. Paulo nas *Memorias da Ordem* m. s.

E Ainda que em diversos annos, mas neste dia, foraõ martyrisados pela Fé no Japaõ os valerosos Soldados de Christo, de que temos feito mençaõ. No anno de 1605, em tempo do Emperador Daifusama, foy degolado em Fingo Melchior. E no anno de 1613, em Yendo, Joaõ com sete Companheiros. Imperando já Toxogunsama, no anno de 1623, conseguiraõ o mesmo triunfo em Deva, Thomé com tres Companheiros. Em Nangasachi, no anno de 1627, foraõ martyrisados Fr. Francisco de Santa Maria, com nove Companheiros, queimados vivos, e os mais degolados, de que faz mençaõ Fr. Gaspar de la Fuente *Historia do Capitulo Geral*, pag. 47; Soledade na III. Parte da *Chronica Serafica*, pag. 612. No anno de 1620, foraõ crucificados Simaõ, e seus Companheiros, em Cocura. De todos os referidos faz mençaõ Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, impresso no anno de 1650.

F Em huma Ilha, que terá de circunferencia quatro legoas, que fica em altura de 3 gráos, 50 minutos, e em 63 gráos justos de longitude, como diz o douto Manoel Pimentel na sua *Arte de Navegar no Roteiro da India Oriental*, pag. 454, está situada a Cidade de Mombaça, na parte de Africa, no territorio de Zanguabaria, na boca do mar de Ethiopia, Cabeça do Reyno da Ethiopia Oriental. No anno de 1498, levado da corrente das aguas, e de outros perigos, surgio em a Cidade de Mombaça o grande D. Vasco da Gama. Em o anno de 1520, a 15 de Agosto, à força de armas a rendeo o valeroso D. Francisco de Almeida, e depois de a dar a sacco aos Soldados, a entregou ao fogo, o que deixou atemorisados aos Mouros de toda aquella Costa. Em pouco tempo foy reedificada, e no Governo de Nuno da Cunha, pelos annos de 1529, padeceo semelhante estrago, offerecendo-se depois aquelle Reyno aos filhos delRey de Melinde, por satisfaçaõ da boa amisade; elles o naõ quizeraõ aceitar, sem que lhe deixassem hum corpo de gente Portugueza, e desta sorte se castigou naquelle tempo a pouca fidelidade delRey de Mombaça; e fazendo nella huma Fortaleza, durou no dominio Portuguez até o anno 1697; em que depois de dilatado sitio a tomaraõ os Arabios. Deste Reyno foy declarado por sentença delRey de Portugal, o Principe de Melinde, e Mombaça, D. Jeronymo Chingulia, que de tenra idade bautisaraõ os Religiosos de Santo Agostinho, e lhe deraõ por Mestre, e Director ao Padre Fr. Leonardo da Graça, que naõ só o instruîo, e ensinou nas cousas da Fé, mas ainda nas boas artes, e o sustentaraõ, e serviraõ no Convento da Graça de Goa. Restituido aos seus Dominios, tomou pacifica posse, por intercessaõ do Vice-Rey da India; e sendo Christaõ, era obedecido dos vassallos Mouros; dando grandes mostras da Fé, que professava.

fessava. Em huma carta, que no anno de 1627, escreveo ao Papa Urbano VIII. dando-lhe obediencia, e conta do que devia à instrucçaõ dos Padres Agostinhos, e de como era servido, e obedecido dos Mouros, affirmava, que tinha reduzido cem Mouros à Religiaõ Christãa, e que o pudera fazer a mais, senaõ quizera, que elles mais levados do amor à nossa Santa Fé, do que dos interesses particulares, a abraçassem. Em outra carta escrita ao Provincial, e Definidores do mesmo anno, refere as muitas obrigações, em que estava à Religiaõ de Santo Agostinho. De tudo faz mençaõ huma Relaçaõ, impressa no anno de 1630, das Christandades, que à sua conta tem os Religiosos Eremitas. Esquecido de tantos beneficios apostatou, e tingindo a sua espada no sangue Christaõ, com escandalo da Fé, que professàra, e de que sendo infiel, naõ he muito o fosse à Coroa Portugueza, de quem recebera os Estados, que possuìa. No anno de 1631, sendo amigo do Estado, em odio da Religiaõ em que se criara, lembrado mais do nascimento de Mouro, entrou na Fortaleza com trezentos Cafres, a visitar ao Capitaõ, e obrando a atrocidade referida o degolou. Purificaçaõ na *Chronologia Monastica*; huma Relaçaõ m. f. que temos da India.

G Teve por Patria a Cidade de Evora o Padre Manoel Borges, e embarcando para o Oriente no anno de 1608, foy hum dos incansaveis operarios do Evangelho; e tendo trabalhado na Missaõ do Japaõ, foy desterrado para Macao, com outros, na perseguiçaõ de Dayfu, e naõ assombrado dos trabalhos voltou ao Japaõ, para animar aquella Christandade, e em tres annos sofreo muito, até que no de 1633, conseguio a palma do Martyrio, imperando Toxogunsama, e sendo Presidentes Denxiro, e Matasiamon, crueis Ministros da sua tyrannia. Delle se lembra Guerreiro na *Coroa dos Martyres da Companhia*, cap. 4. pag. 536; Nadasi *Annus Dierum Memorabilium*, neste dia; Cardim *Elogios dos Martyres da Companhia*, Elog. 58. pag. 161; Franco no *Anno Santo da Comp. em Portugal*, neste dia.

H A Cidade de Lisboa, foy Patria do Reverendissimo Padre Fr. Placido de Villalobos, e professo do Mosteiro de Monserrate: delle veyo por Companheiro do Padre Fr. Pedro de Chaves (de quem faremos mençaõ a 10 de Outubro) para a refórma da Congregaçaõ de Portugal, que em Abbadias Commendatarias, tinha perdido a disciplina Regular, taõ observada dos Monges Benedictinos. Nesta empreza trabalhou Fr. Placido, como Reformador da Congregaçaõ Portugueza, alcançando Bullas para a refórma, para que o ajudou muito o favor, e protecçaõ do Santo Varaõ o Cardeal Rey D. Henrique. Foy eleito em segundo Abbade de Tibaens, e Geral da nova Congregaçaõ, no Capitulo do anno 1581, e sendo segunda vez reeleito com faculdade da Sé Apostolica, governou seis annos. Ao seu cuidado deve a Congregaçaõ alcançar da Magestade de D. Filippe Prudente, o Padroado de todos os Mosteiros, para que se naõ appresentassem mais Abbades Commendatarios. Em seu tempo foraõ por sua ordem Religiosos à America, tendo de entaõ principio a Provincia do Brasil, que he da sugeiçaõ do Geral de Portugal. Esta Congregaçaõ cuidou muito em augmentar, e assim alcançou varias graças do Papa Xisto V. Contava sessenta annos de idade, quando levado do zelo da Religiaõ, partio para Alentejo em o mez de Julho, para ver na Villa de Landroal hum sitio, que lhe propunhaõ para Convento; e dos grandes calores, de que he ardentissima aquella Provincia, adoeceo de hum pleoriz, que tirando-lhe a vida lhe fez eterna a Bemaventurança, para donde piamente cremos partio neste dia, do anno de 1589. Parte do que escrevemos tirámos da *Benedict. Lusit.* part. 2. trat. 2. §. 3. pag. 392; e do livro dos Obitos do Mosteiro de S. Bento, que tivemos em nosso poder, pag. 2. Delle se lembra tambem Cardoso no *Agiologio*, 9 de Junho.

I Foy a gozar da vida eterna Fr. Miguel de S. Boaventura, de quem o Indice da Provincia, letra M, pag. 1. num. 29, faz a memoria seguinte: *O Padre Fr. Miguel de S. Boaventura, natural de Freixinho, faleceo em Caria, a 16 de Agosto de 1656, com boa opiniaõ, e sinaes de Santidade.* Delle faz mençaõ o *Memorial da Provincia*, donde tiramos o referido.

AGOS-

AGOSTO XVII.

A NA Cathedral de Orenſe, a Feſta da Trasladaçaõ da noſſa Portugueza Santa Eufemia, Virgem, e Martyr, que da Parochia de Santa Marinha levou para eſta Sé, ſeu Biſpo D. Pedro Seguino, eſpecial devoto deſta Santa. Sentia ver depoſitadas taõ ſantas Reliquias, em hum ſitio taõ apertado, entre dous montes, e incapaz de ſe lhe fabricar hum Templo digno de taõ precioſo depoſito. A eſte fim implorando o favor do Altiſſimo, ſe preparou com Orações, jejuns, e penitencias, e mandou encommendar, eſpecialmente na ſua Dioceſi, a ſua deliberaçaõ, e depois dos Sacrificios, e Orações, invocou ſobre tudo o auxilio da Santa, a quem deſejava agradar. Buſcou o dia, que lhe pareceo mais proprio, e accommodado ao ſeu intento; e para que naõ foſſe penetrada a ſua determinaçaõ, aſſentou comſigo tomar huma Novena à Santa, para o que ſe deixou ficar na Igreja, em que eſtava depoſitada, para deſta ſorte fazer perder as ſuſpeitas dos moradores de rio Caldo, que zeloſos do bem, que poſſuiaõ, com ſentinelas andavaõ cuidadoſos na guarda daquelle precioſo theſouro. Porém quando mais ſeguros, e firmes, ſe tinhaõ por venturoſos, ſe acharaõ ſem o corpo da Santa; porque ſem o ſentirem, levou o Biſpo o ſagrado corpo da Santa, e o collocou na ſua Sé, em Capella propria, e fechado em huma arca de bronze, guarnecida de prata, que meteo em hum arco da meſma Capella, com grades douradas, que hoje ſe vê ricamente adornada, obrando Deos por ſua interceſſaõ innumeraveis maravilhas.

S. Eufemia, V. M. Traſladaçaõ.

B Em a Cidade de Toledo acabou em paz, com ſanta enveja dos mortaes, a Beata D. Brites da Sylva, de taõ ſolida virtude, e altos merecimentos, que mereceo por eſpecial favor da Virgem Santiſſima, ſer Fundadora da Ordem da ſua Puriſſima Conceiçaõ. A eſte admiravel, e ſoberano Myſterio dedicou deſde os tenros annos particulares cultos a ſua devoçaõ: de que tanto ſe agradou a Mãy de Deos, que lhe foy o ſeu patrocino ſeguro aſylo, na precipitada roda da fortuna, em que o Mundo lhe moſtrou a inconſtancia dos ſeus favores, para

A B. D. Brites da Sylva Fundad. da Ord. da Côceiçaõ.

que se desenganem os mortaes da pouca permanencia, que se goza na mais elevada estimaçaõ; pois em o Paço saõ de menos duraçaõ as fortunas. Nasceo D. Brites da Sylva de esclarecidos progenitores, e sobre illustre nascimento, era dotada de singular fermosura, que acompanhava de gravidade, e natural modestia, fazendo desta sorte realçar as virtudes da alma, aos dotes da natureza. Achava-se na mais florida estaçaõ da sua idade, quando se ajustou o casamento delRey D. Joaõ o II. de Castella, com a Senhora D. Isabel, filha dos Infantes D. Joaõ, e D. Isabel, e entre as Damas, que a Rainha levou para a servirem, foy destinada D. Brites; e a todas as que achou naquella Corte excedia D. Brites, naõ só na beleza, e fermosura, mas na discriçaõ; de sorte, que era ella o objecto dos decentes galanteyos, que permittia o costume no Palacio dos Reys de Hespanha. Era servida de differentes Senhores Castelhanos, com taõ porfiado obsequio, que em publicos desafios, chegaraõ a jogar as armas, custando por muitas vezes sangue aquelle amor, sem que tivesse mais parte nestas contendas, do que a sua beleza, chegando a affligirse; de sorte, que envejava o ser fea: até ElRey parece, que com particular agrado attendia mais a D. Brites, de que as mais Damas, ou por mais agradavel, ou porque a fermosura por si se faz estimada nos olhos, ainda dos que a naõ pertendem. Sentia a Rainha com paixaõ as attenções delRey, e sendo mais nascido o ciume da sua fermosura, do que do mais leve descuido da sua modestia, quiz satisfazer o dissabor, que lhe dava o vella taõ bem dotada da natureza, tomando vingança do que ella naõ podia ser culpada; mas nem a enveja, nem os zelos, souberaõ deixar lugar ao discurso. Assim levada da sua inconsiderada imaginaçaõ, com violenta resoluçaõ a mandou encerrar por tres dias em huma casinha, taõ apertada, que alguns entenderaõ ser hum cofre, onde sem communicaçaõ, nem alivio, lhe faltava o preciso sustento para a vida. Nesta apertada prizaõ, ou para melhor dizer sepulchro, em que se via D. Brites, sem soccorro algum humano, chorava afflicta a desgraça de nascer fermosa, como outras o de serem feas; sem mais motivo para sentir a rigorosa demonstraçaõ da Rainha, do que a prodiga liberalidade dos dotes da natureza, que por mais que quizesse naõ podia esconder. Via-se totalmente des-

destituida dos remedios humanos, e assim combatia o Ceo com lagrimas, e suspiros, invocando com humilde coraçaõ o soberano patrocinio da Purissima Virgem, que compadecida da sua afflicçaõ, se dignou de lhe apparecer, vestida de hum Habito branco, com Escapulario azul, ao modo que hoje usaõ as Freiras da Conceiçaõ; e animando-a naquelle trabalho, a persuadio, a que constante sofresse pelo amor de Deos. Humilde, e agradecida D. Brites a favor taõ singular, fez voto de dedicarse em perpetua castidade, em obsequio, e imitaçaõ de sua Bemfeitora. Assim como se vio livre da reclusaõ, de que sahio, sem que se visse no seu aspecto os effeitos do rigor, pedio licença à Rainha, para ser Religiosa, e partio de Torrecilhas, onde estava a Corte, para Toledo, e se recolheo no Real Mosteiro de S. Domingos, da Ordem dos Prégadores. No caminho foy visitada do Patriarca S. Francisco, e de Santo Antonio, de quem era especial devota; estes a seguraraõ, que a sua fama se estenderia com gloria, sendo mãy de muitas filhas, que igualmente fariaõ em diversas partes do Mundo venerada a sua memoria: naõ entendeo o Mysterio, que depois o tempo lho manifestou. Trinta, ou quarenta annos, como dizem alguns Authores, residio em o Mosteiro de S. Domingos, em habito de secular; mas com exercicios da mais perfeita Religiosa; sendo muy dada à Oraçaõ, que seguia com espirito, macerando o corpo com rigores, quebrantando os brios da idade, com abstinencias, e rara humildade; de sorte, que em todos os exercicios da virtude era attendida, com veneraçaõ das Religiosas. Todo o tempo, que assistio nesta Casa, trouxe sempre o rosto cuberto; de sorte, que nem às suas criadas permittia, que a vissem, castigando a perpetuo encerramento a sua belleza, como culpada nos trabalhos passados. Conseguia sómente a authoridade, e o respeito da Rainha Catholica D. Isabel, de que era visitada muitas vezes, que se descobrisse algumas. Esta Real Matrona, e ElRey D. Fernando o Catholico, seu marido, fizeraõ grande estimaçaõ da virtude de D. Brites; porque quando chega a ser solida, saõ admiraveis os seus poderes; só por si val sem mais ajuda, nem companhia, que de si mesma; com tudo, se acontece ajuntarse com sangue illustre, he Sol em Ceo claro, he esmalte em ouro fino. Assim sobresahiaõ as virtudes de D. Brites, e

por mais que ella pertendesse encobrillas debaixo do escuro vêo do segredo, eraõ taõ continuas as revelações, com que Deos a enriquecia, que naõ era possivel deixarem de se manifestar; porque o Altissimo se queria servir deste precioso instromento, para obras maravilhosas. Fruto da sua revelaçaõ foy o Santo Tribunal da Fé, em Castella, que os Reys Catholicos instituiraõ por seu conselho, de que tantos serviços se seguiraõ a Deos, tantos obsequios à Igreja Catholica, de que Hespanha entre as suas mayores glorias sempre se jactará. Tinha a Divina Providencia destinado a D. Brites, para assumptos grandes, e naõ vistos, nem executados, querendo com novas glorias adiantar o culto da sempre Purissima Conceiçaõ da Virgem. Foy Deos servido, que esta lhe revelasse, que em honra deste glorioso Mysterio fundasse huma nova Religiaõ, em que se servisse a Maria Santissima com especial culto da sua Conceiçaõ. Deu conta à Rainha Catholica, que parecendo-lhe o intento admiravel, naõ só o approvou, mas com generosa piedade lhe fez logo doaçaõ do Palacio de Galiana, ou Alcaçar baixo de Toledo, immediato à praça, que chamaõ de Zocodover, e hoje saõ conhecidos por de Santa Fé, nome que lhe deu o Mosteiro, dedicado à Santa Martyr deste nome. Para este lugar passou D. Brites, acompanhada de sua sobrinha D. Filippa da Sylva, filha de seu irmaõ D. Diogo da Sylva, I. Conde de Portalegre, e onze Senhoras Religiosas do Mosteiro de S. Domingos. Era grande a merce, que fazia a esta Casa a Rainha Catholica, e com a sua intercessaõ pedio ao Papa Innocencio VIII. confirmaçaõ da nova Ordem, e a veyo a conseguir no anno de 1489, (cinco annos depois de habitado o Mosteiro) debaixo da Regra de Cister, e obediencia do Ordinario; mas com faculdade do Habito branco, e Escapulario azul, da mesma maneira, que D. Brites vira a Rainha dos Anjos, na prizaõ de Torrecilhas. No mesmo dia que a Bulla da approvaçaõ se expedio em Roma, teve della noticia em Toledo D. Brites, querendo Deos participar a sua Serva esta desejada noticia; mostrando, que devia ser fundada em milagres huma Ordem, de que era Instituto o prodigio mayor, que venera a Fé na Immaculada Conceiçaõ da Virgem Senhora Nossa. Continuamente recorria a este soberano patrocinio, para que tivesse cumprimento este especial culto,

ven-

vencendo as difficuldades, que o retardavaõ. Eſtava hum dia orando diante do Santiſſimo Sacramento, e affligindo-ſe, de que na alampada ſe extinguia a luz, lhe appareceo a Immaculada Virgem, e depois de communicar das Celeſtes luzes, lume à meſma alampada, conſolou D. Brites, dizendo-lhe: *Vês aquella alampada? Aſſim ha de ſer a tua Ordem: no principio da ſua fundaçaõ, parecerá ſe extingue, mas mais poderoſa, que os combates, e contradições reſiſtirá; de ſorte, que com glorioſo augmento ſe verá illuſtremente permanecer, dilatando-ſe por toda a parte.* Eſperava com jubilos da alma D. Brites as Bullas da erecçaõ da nova Ordem, para dar fim aos ſeus dilatados deſejos. Quando com mais goſto eſperava eſta poſſe, chegou aviſo, de que naufragara o navio, em que vinhaõ as Bullas. Eſta nova recebeo D. Brites, com as deſconſolações, que pedia o ſeu ardente zelo; mas recorrendo à Oraçaõ, perſeverou nella tres dias chorando, e conformando-ſe com a Divina vontade, ſoube fazer taõ agradavel ſacrificio a Deos da ſua paciencia, que com hum milagre publicou o Senhor as eſtimações, que fazia de ſua Serva. Paſſados os dias da Oraçaõ, levou-a a caſualidade a abrir hum cofreſinho, e nelle achou as Bullas, e admirada de ver aquelle pergaminho, mandou chamar a D. Fr. Franciſco Quixada, Biſpo de Guadiz, para que lhe diſſeſſe o que continha: lêo elle, e achou a Bulla da erecçaõ da Ordem; e admirado do que via, pois a todos era notorio ter perecido em o naufragio, ficou aquella pura alma cheya de Celeſtes jubilos. Correo logo por toda a Cidade a nova, com paſmo de todo aquelle povo. O Biſpo authenticou o milagre, prégando a publicaçaõ da Bulla, que em ſolemne Prociſſaõ foy levada da Metropolitana Igreja de Toledo pelo ſeu inſigne Cabido ao Moſteiro de Santa Fé. Sendo conſtante, e publica a virtude de D. Brites, eſte milagroſo caſo, fez commua a veneraçaõ, admirando todos os altos merecimentos daquella Eſpoſa do Senhor, que a Virgem tinha tomado para ſingular inſtrumento da Ordem da ſua Conceiçaõ. Cheya de favores Divinos eſperava eſta Serva de Deos o aprazado dia, em que haviaõ de receber os candidos, e puros Habitos da Conceiçaõ. Quando no Coro lhe appareceo a Puriſſima Virgem, advertindo-a: *Que dentro em dez dias paſſaria a acompanhalla no Ceo, donde veria o eſtabelecimento da ſua Ordem.*

dem. Estimou com inexplicavel gozo esta noticia, e preparada com novos actos de verdadeiro amor, e humildade, enfermou gravemente, e pedindo o santo Habito, (que inda naõ tinha vestido) foy a primeira que o recebeo, e o vêo; e feita profissaõ da nova Regra, depois de a ungirem, se vio, que lhe adornava a testa huma luzidissima Estrella de ouro, presagio da eterna felicidade, que se preparava àquella pura alma, para entrar na Gloria, vestida com a nova gala, cortada pelo soberano arbitrio da sempre Immaculada Virgem Senhora Nossa: e piamente podemos crer, que com especiaes merces seria introduzida entre os Córos das mais esclarecidas Virgens. As Religiosas de S. Domingos, que tantos annos deveraõ ao seu exemplo documentos de Religiosas virtudes, lhe foraõ assistir na morte, pertendendo levar o seu santo corpo para o seu Mosteiro, e tambem as doze Companheiras, para que tornassem ao Habito de S. Domingos. Resistiraõ todas, e com mayor força D. Filippa da Sylva de Menezes, sua sobrinha; quando permitte Deos, que apparecesse a Serva de Deos em S. Francisco de Guadalaxara a Fr. Joaõ de Tolosa, Religioso de S. Francisco, a quem recommendou passasse a Toledo, para dar fim àquella porfia, com a authoridade, que acreditava a sua virtude. Obedeceo promptamente, e ordenando, que o corpo ficasse em o Mosteiro de Santa Fé, e tomassem as Companheiras o Habito da Ordem da Conceiçaõ, tivessem cumprimento as profecias da Fundadora: e desde aquelle dia se chamou o Mosteiro da Conceiçaõ.

D. Leonor de Vasconcellos, Abb. de Cister.

C Neste dia, em Santa MARIA de Cellas de Coimbra, he memoravel D. Leonor de Vasconcellos, da illustre Familia de seu appellido, Abbadessa deste Religioso Mosteiro, onde continuando por largo discurso de annos, em pureza de costumes, zelo da Religiaõ, observancia das leys da Ordem, a que ajuntando altissima contemplaçaõ, se fazia pelas suas virtudes amada das suas subditas. Foy muy devota da Coroa de espinhos de Christo, a qual mandava pôr em todas as obras, que de novo fazia no Mosteiro, com esta letra: *Dominus meus decoravit me*; deixando aos vindouros nesta memoria hum testemunho irrefragavel da sua piedade, pela qual cremos piamente está gozando da Bemaventurança.

Em

D Em Nangaſachi, no Japaõ, acabou com glorioſo Martyrio Fr. Diogo de Santa Maria, da Ordem dos Prégadores, e hum Irmaõ Leigo da meſma Familia. Era de naſcimento Japaõ, e paſſando a Manila recebeo o Habito Dominicano com grande aproveitamento da ſua alma. Eſtudou, e foy admiravel Prégador na ſua lingua; e querendo com eſpirito exercitar na promulgaçaõ do Evangelho o talento, que recebera do Senhor, trabalhando na ſua vinha, alcançou licença dos Prelados, para paſſar àquella Ilha, em cuja viagem padeceo grandes trabalhos, e chegando ao Japaõ, eſteve no Reyno de Satzuma occulto dous mezes, em que ſe empregou nas obrigações do ſeu miniſterio, conſolando aos Fieis com ſua preſença, adminiſtrando-lhe os Sacramentos, e aſſim os animava a padecerem por amor de Jesu Chriſto. Continuava a perſeguiçaõ contra os Chriſtãos, pelo que foy prezo no carcere de Vomura, donde foy mandado ao de Nangaſachi, e depois de arraſtado pela Cidade, e ſeu Companheiro, foraõ dependurados pelos pés, e metidos no tormento das covas, em que perſeveraraõ tres dias vivos, até que rendendo as almas ao Creador, ſubiraõ a lograr o premio merecido de taõ glorioſos trabalhos.

Fr. Diogo de S. Maria, e hum Irm. Leigo Anonymo, Dom.

E Item no Japaõ, illuſtraraõ a ſua patria com inſignes palmas de Martyrio, Magdalena, e Marinha, Terceiras da Ordem do Patriarca S. Domingos, admiraveis pela conſtancia, com que ſofreraõ os martyrios, ſem que o fragil do ſexo diminuiſſe o coraçaõ, pois ſem temor da morte, alegres diante dos algozes, publicavaõ a vozes, que queriaõ morrer no gremio da Igreja Catholica, como Chriſtãas. Deſta ſorte entregando as mãos para ſerem atadas, e os corpos para ſerem martyrizados, ſe expuzeraõ a padecer os tormentos, animadas da conſtancia dos Religioſos Dominicos, que viraõ cruelmente martyrizar; e deſta maneira trocaraõ a vida temporal pela eterna.

Magdalena, e Marinha, Terc. Dom.

F Em a Corte de Yendo do Japaõ, o triunfo de quatorze Cavalleiros de Jesu Chriſto, que imperando Difuſama, com animo impavido pela confiſſaõ da Fé foraõ degolados, engrandecendo com a ſua conſtancia a Ley Evangelica, que tinhaõ no coraçaõ, e publicavaõ com a boca, pela qual mereceraõ alcançar precioſas palmas, com que ſe aggregaraõ aos innumeraveis Martyres da Igreja Catholica.

Quatorze MM. Jap.

Com-

Commentario ao XVII. de Agosto.

A DA Invençaõ do corpo de Santa Eufemia fizemos mençaõ a 7 deste mez. Da sua Trasladaçaõ reza neste dia a Igreja de Orense, a qual fez, como temos dito, o Bispo D. Pedro Seguino, no anno de 1153, como elle refere no Tratado, que fez da Invençaõ desta Santa. O Bispo D. Affonso Fernandes, ou Ramires, escreveo huma Historia dos Milagres de Santa Eufemia, e Officio, que se vê no Breviario antigo da Igreja de Orense, o qual morreo no anno de 1213, e inda que naõ foy o immediato successor de D. Pedro, como diz Tamayo a 7 de Agosto, e o Illustrissimo Cunha; porque entre elles mediou Adaõ, unico do nome, que governou quatro annos, e morreo no de 1174, como se vê do *Theatro* desta Igreja do Mestre Gil Gonçalves de Avila, pag. 387, bem se deixa ver o culto taõ antigo, que tem esta Santa, pois passa de quinhentos annos, que della se reza na Sé de Orense, e fica com este antigo Breviario assaz provada a *Historia de Catelio*, que Papebrochio refuta, com taõ leve fundamento, como já dissemos no dia de Santa Liberata. Da Trasladaçaõ de Santa Eufemia faz mençaõ Tamayo no *Martyrologio Hispano*, neste dia; Marieta *Santos de Hespanha*, liv. 4. cap. 13; o Illustrissimo Cunha *Historia de Braga*, part. 1. cap. 29; *Jardim de Portug.* pag. 42; *Chron. dos Coneg. Regr.* de D. Niculao de Santa Maria, part. 2. liv. 11. cap. 29. pag. 500; Truxilho no *Thesouro*, 2. part. pag. 1737; Brito *Monarchia Lusit.* part. 2. liv. 5. cap. 23; Morales liv. 4. cap. 13; Bivar *ad Dext.* Causino na *Corte Divina Ephemer. de Agosto.*

B Já no Commentario do dia 10, quando tratámos do Beato Amadeo, irmaõ inteiro da Beata D. Brites da Sylva, deixamos nomeados os illustres pays, que lhe deraõ o ser. Que naõ foraõ da Casa dos Condes de Portalegre, como diz Faria *Europa Portug.* tom. 3. part. 3. cap. 11. pag. 199; porque a Casa de Portalegre teve principio em seu irmaõ D. Diogo da Sylva, I. Conde, Ayo delRey D. Manoel, e seu Mordomo môr, officio, que conservaraõ seus descendentes na Casa Real, e como tal o era, quando isto escrevemos, D. Martinho Mascarenhas, Marquez de Gouvea, VI. Conde de Santa Cruz, a quem succedeo seu filho D. Joaõ Mascarenhas, Marquez de Gouvea, que cedendo a Casa em seu irmaõ D. Joseph Mascarenhas, que he V. Marquez de Gouvea, VIII. Conde de Santa Cruz, e Mordomo môr da Casa delRey D. Joaõ o V. que Deos guarde; porque extincta a linha masculina em D. Joaõ da Sylva, VII. Conde de Portalegre, e II. Marquez de Gouvea, recahio o direito em D. Joaõ Mascarenhas, V. Conde de Santa Cruz, como filho de sua irmãa D. Juliana de Lencastre. Fr. Fernando da Soledade na III. Parte da *Historia Serafica*, liv. 4. cap. 11. pag. 417, tambem diz, que a Rainha D. Isabel a escolhera, para a acompanhar, por ser sua parenta muito chegada: neste erro entendemos o fez cahir Fr. Francisco de Bivar, da Ordem de Cister, impresso em Valhadolid, anno 1618, onde refere, que era parenta em gráo proximo delRey D. Manoel. Naõ diminue nada este erro a grande erudiçaõ deste douto Author, a que já o meu estimadissimo D. Luiz de Salazar e Castro, na II. Parte da *Historia da Casa de Sylva*, liv. 6. cap. 5. pag. 33, escrevendo elegantemente a Vida desta Serva de Deos, como parte do seu assumpto, depois de ter trazido nos Capitulos antecedentes os progenitores de D. Brites, diz: *Sin reparar em que diga Vivar, que Doña Beatriz fue parienta en grado proximo delRey D. Manoel, y de la sangre de los Reys de Portugal; porque con lo que hasta aqui se ha leido, queda desvanecida la proximidad.* Neste mesmo erro cahiraõ alguns Authores, que persuadidos da sua grande qualidade, e estimaçaõ dos Reys, entenderaõ ser por causa de parentesco.

Nasceo D. Brites na Cidade de Ceuta, no anno de 1424, e sendo educada por sua mãy D. Isabel de Menezes, matrona de singulares virtudes, naõ lhe foy necessario mais que encaminhalla a santos costumes, para sahir taõ perfeita como temos visto. Morreo neste dia, do

do anno de 1490, tendo sessenta e seis de idade. Depois de ter fundado a Veneravel Ordem da Conceiçaõ, que confirmou o Papa Innocencio VIII. por aquella Bulla, que milagrosamente preservou Deos do naufragio, como dissemos; e para testemunho da veneraçaõ daquelle prodigio se conserva dentro em hum viril de crystal em aquelle Mosteiro, de que he copia a seguinte:

Innocentius Episcopus, Servus Servorum Dei. Venerabilibus fratribus Caurienſi, & Cathanienſi Episcopis, ac dilecto filio Officiali Toletano, salutem, & Apostolicam benedictionem. Inter innumera Divinæ Majestati accepta opera fundare cœnobia, ac religiosa loca, in quibus prudentes Virgines acceptis lampadibus se præparent obviam ire Sponso Christo Jesu ac gratum, & sedulum illi exhibeant famulatum, non modicum reputantes, piis devotarum personarum desideriis per quæ cœnobia, & loca ipsa fundari, & erigi valeant libenter annuimus, & earum humiles preces favorabiliter exaudimus. Sané pro parte dilectæ in Christo filiæ Beatricis de Sylva mulieris Toletanæ, nobis nuper exhibita petitio continebat, quod olim charissima in Christo filia nostra Elisabeth Castellæ, ac Legionis Regina illustris ob singularem, quem ad Conceptionem B. Mariæ Virginis gerit devotionis affectum, unam maximam domum Palacios de Galiana nuncupatam, in Civitate Toletana consistentem, ad ipsam Reginam legitime pertinentem, in qua una antiqua Ecclesia, sive Capella, sub invocatione Sanctæ Fidei est constituta, præfatæ Beatrici cupienti vitam ducere regularem ad effectum, ut inibi unum Monasterium alicujus Ordinis approbati ad honorem ejusdem Conceptionis erigeretur, in quo dicta Beatrix, & aliæ devotæ mulieres ejus sodales sub Regulari Observantia viverent, ac Altissimo, & eidem B. Mariæ famularentur, liberaliter, & gratiose concessit, & donavit; ipsaque Beatrix, & mulieres concessionis, & donationis hujusmodi vigore dictam domum receperunt, & illam ex tunc in communi viventes, & eidem Altissimo ac B. Mariæ famulantes inhabitarunt prout habitant de præsenti: ea tamen intentione quod dictum Monasterium inibi erigeretur. Quare pro parte ejusdem Beatricis, asserentis se de nobili genere procreatam fore, ac ipsam & mulieres prædictas Ordinem Cistercienſem, ad quem singularem gerunt devotionis affectum velle profiteri, nobis fuit humiliter supplicatum, ut in dicta domo Monasterium Monialium dicti Ordinis sub invocatione Conceptionis hujusmodi, cum dignitate Abbatissali, campanili, campana, dormitorio, refectorio, claustro, hortis, hortalitiis, & aliis necessariis officinis, in quo communi, & sub Regulari Observantia, ac perpetua Clausura vivant, erigere, illique dictam Ecclesiam, sive Capellam, pro Ecclesia, sive Capella assignare, aliasque in præmissis opportune providere de benignitate Apostolica dignaremur. Nos igitur qui divini cultus augmentum Religionis propagationem, & animarum salutem, nostris potissime temporibus, supremis desideramus affectibus, pium, & laudabile propositum, Reginæ, & Beatricis prædictarum plurimum in Domino commendantes, hujusmodi supplicationibus inclinati, nec non consideratione ejusdem Reginæ nobis super hoc humiliter supplicantis, fraternitati vestræ per Apostolica scripta mandamus, quatenus vos, vel duo, aut unus vestrum in dicta domo unum Monasterium ejusdem Ordinis Cistercienſis sub invocatione Conceptionis hujusmodi, cum dignitate Abbatissali, campanili, campana, dormitorio, refectorio, claustro, hortis, hortalitiis, & aliis necessariis officinis pro una Abbatissa, quæ aliis præsit Monialibus dicti Ordinis, ac Beatrici, & mulieribus inibi nunc secum degentibus, si profiteri voluerint, quæ in communi ac sub Regulari Observantia, & perpetua Clausura vivant, & quæ ac Monasterium hujusmodi prout S. Dominici Toletani dicti Ordinis el Viejo nuncupatum, ac nonnulla alia ejusdem Ordinis Monasteria locorum Ordinarii sunt subjecta, Archiepiscopo Toletano pro tempore existenti subjiciantur, alias sine alicujus præjuditio, & jure Parochialis Ecclesiæ, ac cujuslibet alterius in omnibus semper salvo: auctoritate nostra erigatis: dictamque Ecclesiam, sive Capellam illi pro Ecclesia perpetuo assignetis, ac Abbatissæ dicti Monasterii pro tempore existenti, & illius Conventui, quod aliqua statuta, & ordinationes laudabilia, & honesta, Sacris Canonibus non contraria, quæ Moniales in dicto Monasterio pro tempore degentes perpetuo observare teneantur, etiam circa electionem Abbatissæ, tam hac prima vice, quam deinceps perpetuis futuris temporibus, faciendi, condere possint, licentiam concedatis,

datis, & quod Abbatissa pro tempore existens, & Moniales præfatæ, vestem album cum scapulario albo, & desuper mantellum coloris cælestis, in quibus quidem mantello, & scapulari imago ejusdem B. Mariæ affigatur deferre: ac cingulo cannabis adinstar fratrum Minorum cingi debeant: ac in Horis Canonicis juxta morem Romanæ Ecclesiæ dicendis, hunc modum, videlicet quod Dominicis, in quibus aliqua historia inchoata sive Officium Dominicæ de necessitate dici debet, & quibus festa duplicia, & semiduplicia, & solemnia celebrantur, diebus etiam ferialibus, quibus Officium feriale omitti non potest, ac octavis ipsarum festivitatum dumtaxat exceptis omnibus aliis diebus per totum annum Horas Canonicas Maiores, & Officium Divinum de hujusmodi Conceptione dicere: & ut præfatis exceptis diebus, in quibus Horæ Maiores de Dominica, vel feria, aut festo dici debent, Horas Minores, & Officium parvum ejusdem B. Mariæ, cum Antiphonis, Versiculis, Capitulis, & Orationibus, de eadem Conceptione dicere debeant: ac singulis sextis feriis, & per Adventum Domini, ac aliis diebus, quibus alii Christi fideles ad jejunandum sunt adstriti, jejunare teneantur, & ad alia jejunia non obligentur. Ac cum sicut asseritur dicta Civitas à mari per septem dietas, & ultra distet, ac piscium penuria in ea continue vigeat, carnibus omni tempore præterquam diebus jejunorum hujusmodi, ac Sabbati, & quartis feriis visci, ac Abbatissa pro tempore existens de consilio monialium sibi pro tempore in consiliis assistentium secùm, & cum aliis monialibus dicti Monasterii super jejunii ad quæ ex Statuto, & Ordinatione præsentibus, non autem ex juris dispositione obligantur: & lineis indumentis cum viderit expedire, dispensare, ac quoscumque Præsbyteros Sæculares, vel de licentia suorum Superiorum cujusvis Ordinis Regulares in earum Confessores, ad celebrandum Missas, & alia Divina Offitia: ac Ecclesiastica Sacramenta eis ministrandum, qui Abbatissæ, & cujuslibet monialium in eodem Monasterio pro tempore existentium confessionibus diligenter auditis, eis in singulis Sedi Apostolicæ reservatis casibus, semel dumtaxat in vita, in aliis quoties fuerit opportunum pro commissis de absolutionis debito beneficio providere, ac pænitentiam salutarem injungere: nec non semel in vita, & in mortis articulo, plenariam omnium suorum peccatorum, de quibus corde contritæ, & ore confessæ fuerint remissionem: cuilibet earum in sinceritate fidei, unitate Sanctæ Romanæ Ecclesiæ, ac obedientia, & devotione nostra, vel successorum nostrorum Romanorum Pontificum canonicé intrantium, persistentibus concedere valeant, eligere possint. Quodque nullus absque Abbatissæ pro tempore existentis, expressa licentia claustra dicti Monasterii ingredi possit, sub excommunicationis latæ sententiæ pæna, quam eo ipso contra faciens incurrat, eadem auctoritate statuatis, & ordinetis. Non obstantibus Constitutionibus, & Ordinationibus Apostolicis, ac Statutis, & consuetudinibus dicti Ordinis, juramento, confirmatione Apostolica, vel quavis firmitate alia roboratis, cæterisque contrariis quibuscumque. Nos enim si erectionem hujusmodi, per nos vigore præsentium fieri contigerit, ut præfertur, Abbatissæ, & monialibus præfactis de cætero perpetuis futuris temporibus, ut quadragesimæ, & aliis diebus, quibus stationes in Ecclesiis Urbis, & extra eam celebrantur, aliqua altaria in Ecclesia dicti Monasterii visitando, & ante illa genibus flexis ter Orationem Dominicam, & toties Salutationem Angelicam devote dicendo, easdem indulgentias consequantur, quas consequerentur si Ecclesias prædictas visitarent: ac omnibus, & singulis gratiis, privilegiis, & exemptionibus aliis dicti Ordinis, per Sedem prædictam in genere concessis, uti, potiri, & gaudere, libere, & licité possint, & debeant, auctoritate Apostolica tenore earumdem præsentium, de specialis dono gratiæ indulgemus. Datis Romæ, apud Sanctum Petrum, anno Incarnationis Dominicæ millesimo quadrigentesimo octuagesimo nono. Pridie Kalendas Maii Pontificatus nostri anno quinto.

Conservou-se com esta Bulla, e Regra Cisterciense debaixo do governo do Ordinario, até que a Rainha Catholica D. Isabel, à instancia de seu Confessor Fr. Francisco Ximenes de Cisneros, depois Arcebispo de Toledo, e Cardeal, as tirou daquella obediencia, para as dar ao Provincial de S. Francisco. Com o tempo passou huma Bulla o Papa Alexandre VI. em que unio o Mosteiro de S. Pedro das Donas ao da Conceição, fazendo mudar as Religiosas deste, e a pouco deixando a Ordem de Cister,

ter, professárão a de Santa Clara. Causou nas Religiosas grande desconsolação esta novidade, especialmente em D. Filippa, sobrinha da Fundadora, que já tinha sido duas vezes Abbadessa, huma da Conceição, e outra de S. Pedro das Donas, e passou a Portugal, acompanhada de oito Religiosas, deixando depositado o cofre em que estava o corpo da Fundadora em o Mosteiro da Madre de Deos de Toledo, em poder de suas primas D. Leonor, e D. Maria, filhas dos segundos Condes de Cifuentes, que erão as Preladas do Mosteiro. Voltando a Toledo D. Filippa, não quiz entrar em S. Pedro das Donas, e acabou seus dias recolhida em Santa Isabel. Depois de todos estes successos, por Bulla do mesmo Pontifice Alexandre VI. do anno 1501, passárão as habitadoras do Mosteiro da Conceição a hum de Claustraes, que forão accommodados em São João dos Reys. Dez annos depois o Papa Julio II. tornou esta Casa ao seu primeiro estado, na fórma, que sua Fundadora a instituira, assim em Habito como o Officio Divino, como declara a Bulla acima; porém com sugeição á Ordem Serafica, dando por razão o especial zelo, com que seus filhos venerão a Conceição: *Quia ex quo Fratres Minores tam indefesso studio, & vigilantia puritatis, & innocentia Dei Genetricis defensores existunt.* Este sagrado Instituto, que principiou em Toledo, se extendeo com devoção em diversas Casas de Hespanha, e depois em toda a Europa. Em Roma se fundou huma no anno 1526, e depois em Italia, e França. Em o nosso Reyno na Cidade de Braga, permanece hum Mosteiro, e outro no sitio da Luz, junto a Lisboa. Depois da Ordem se achar na observancia do seu primeiro Instituto, tratarão as Religiosas de cobrar as Reliquias de sua Fundadora, que já repugnavão as depositarias do Mosteiro da Madre de Deos, e o fizerão constrangidas de censuras. Forão collocadas em hum sepulchro lavrado na parede do Coro da parte direita. Ao tempo da Trasladação se sentio hum cheiro tão suave, que dava claras demonstrações das delicias, que estava gozando a sua purissima alma. Tratão desta Serva de Deos além dos allegados Authores, Vasconcellos *in Descriptione Regni*, pag. 531; Duarte Nunes de Leão *Descripç. de Portug.* cap. 49. pag. 80; e na *Chronica delRey D. Affonso V.* cap. 15. pag. 54; Fr. Hilarião nas *Vidas das Mulheres Illustres*, pag. 73; Fr. Luiz dos Anjos *Jardim de Portug.* pag. 322; *Benedictina Lusit.* tom. 1. part. 5. §. 21. pag. 174; Brandão *Monarch. Lusit.* part. 3. liv. 9. cap. 9. pag. 79; Albergaria m. s. pag. 279, nos *Triunfos Lusitanos*; *Relação do Bispado de Elvas*, pag. 18; Fr. Francisco de Bivar *Historia da Conceição*; Marraccio *in Fundatoribus Marianis*, cap. 29. pag. 264; Garivay *Historia de Hespanha*, liv. 20. cap. 13; Salazar de Mendoça *Vida do Grão Cardeal*, liv. 2. cap. 57. pag. 390; Marieta nos *Santos de Hespanha*, liv. 22. pag. 46; o *Dietario Virginal*, neste dia; Artur no *Martyrologio Franciscano*, a 16; Henriques *Menelogio Cistercienfe*, a 8 de Outubro; Avila *Thetar. das Grand.* pag. 502; Faria *Europ.* tom. 3. pag. 372; Ochoa *Carolea*, ann. 1511. pag. 64; Fr. Jeronymo Roman *Repub. do Mundo*, tom. 1. liv. 6. cap. 39; Imhof. *in Familiis Illustribus Hispaniæ*, Tab. 6. pag. 275; Spondano *ad An. Chr.* 1484; Wandingo *Annales Minorum ad ann.* 1501. tom. 15. pag. 231.

C Entre os muitos filhos, que teve o Conde de Penella D. Affonso de Vasconcellos e Menezes, da Condessa D. Isabel da Sylva, foy D. Leonor de Vasconcellos, que sendo Religiosa de São Bernardo, no Mosteiro de Cellas, pela sua virtude, e grande qualidade, foy eleita Abbadessa; e trabalhando tanto no espiritual como no material do Mosteiro, se conserva della estimada memoria. Em huma Ermida se vê em huma pedra o seguinte Letreiro:

A Ermida deste Mosteiro de Santa Maria de Cellas mandou edificar dos fundamentos Leonor, Prelada delle, da nobre Familia de Vasconcellos. Deitou-se a primeira pedra a 22 de Abril.

Tambem he obra sua o Santuario, o portal do Coro, os sinos chamados Bautista, e Gabriel, e outras obras, em que se vê o zelo, e amor da Religião. Faleceo a 17 de Agosto de 1541,

 como

como consta de huma Relação m.s. que deste Mosteiro temos em nosso poder.

D Não se diminuia a persecução do cruel Toxogunsama, fazendo celebre o seu Imperio, pelos crueis tormentos, com que martyrizava aos Christãos, cuja constancia endurecia a sua tyrannia: ella foy causa da gloriosa palma de Martyrio, que alcançou o bemdito Fr. Diogo de Santa Maria, e seu Companheiro, neste dia, do anno de 1633, como escreve o Padre Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, pag. 284; Soveges no *Anno Dominicano*; e Lima no *Agiologio da Ordem*, ambos neste dia; a *Chronica das Filippinas*, liv. 2. cap. 33. pag. 295. Delle se fez processo para a sua Beatificação.

E Nascidas entre o Gentilismo, mas educadas pelos Padres Dominicos, que as instruirão na Fé, souberão seguir animosas o exemplo de tão grandes Mestres, Magdalena, e Marinha, Japonezas, para serem coroadas de Martyrio, no anno de 1636, como refere neste dia o *Anno Dominico*, em Francez, feito por hum Terceiro da mesma Ordem, part. 3. pag. 309.

F No *Catalogo dos Mortos pela Fé*, do Padre Antonio Cardim, se faz menção neste dia, do anno de 1617, de quatorze valerosos Soldados de Christo, cujos nomes são: Marcos Kizayemon, Thomé Guisemon, Joaquim Guizayemon, Leão Sucasai, João Foxiró, Marcos Conzuke, Miguel Yusi, Simaõ Ficosayemon, Antonio Fanzuburo, Jacobe Ycizó, Mathias Xingeró, Damião Mosuque, Diogo Yexiró, Joaquim Guesuque, como se vê do dito Author, pag. 269.

AGOSTO XVIII.

Fr. Hilario de Jesus, Erem.

A M o Convento da Graça da Cidade de Goa, persevera a memoria de Fr. Hilario de Jesus, onde residio vinte e tres annos com grande exemplo de vida, e amor da santa observancia, em que criava os Noviços, no tempo que foy seu Mestre, sendo de tão virtuosos procedimentos, que mereceo, que o Senhor fizesse publica a sua virtude com hum extraordinario favor. No dia em que faleceo, foy celebrar o Santo Sacrificio da Missa, e na elevação da Sagrada Hostia vio o Acolito, que era pessoa de conhecida virtude, hum Crucifixo clara, e distinctamente, o que manifestou depois da sua morte, crescendo com esta maravilha na reputação da sua assinalada virtude.

Fr. João de Barcellos, Piedoso.

B Na Cidade do Porto o ditoso fim de Fr. João de Barcellos, Frade Leigo, Varão esclarecido em virtude, de meditação altissima, de animo simplez, e sincéro, mas muy devoto: realçando estas partes com rara humildade, abstinencia, e sofrimento, a que accrescentando outras virtudes, se fazia amado, e venerado dos seus Religiosos. Todos os dias ouvia cinco, e seis Missas, por mais occupado que estivesse, não se poupando nunca em se occupar no exercicio humilde do seu estado, servindo na cozinha, sendo perpetuo Cozinheiro; porque

que naõ só fazia a sua semana, mas tambem a dos Companheiros. Trabalhava na Horta, e quando já os annos o dispensavaõ daquelle laborioso exercicio, elle magoando-se de que o Provincial o eximisse daquelle trabalho, com lagrimas lhe exprimio o seu sentimento; de que o Prelado compadecido lhe assinou huma certa porçaõ de terra, que fosse o destricto da sua occupaçaõ. Entre taõ cansada vida o refrigerio que dava ao fatigado corpo, era huma rigorosa disciplina. Jejuava quasi todo o anno, sendo o seu ordinario comer huma tigela de caldo. De carne usava muy poucas vezes, e taõ parcamente, que pouco, ou nada comia. Já debilitado dos annos, gastado das penitençias, e do continuo trabalho corporal, vindo algumas vezes da Horta a tomar alguma refeiçaõ com outros Religiosos, e naõ se podendo ter em pé, nem dar passo, com singeleza santa reprehendia o corpo, dizendo: *Anda para diante, pois ainda vás ao Refeitorio.* Estando em Oraçaõ se achou taõ doente, que reconhecendo ser visinha a morte se preparou com os Sacramentos, e repetindo no ultimo dia muitas vezes aquellas palavras do Psalmo: *A' custodia matutina usque ad noctem*, deixou a vida mortal, para a gozar eterna, merecendo celebre nome, e estimaçaõ, que delle permanece na Ordem.

Fr. Heitor de Jesus, Dom.

C Na India Oriental, o Padre Fr. Heitor de Jesus, da Ordem dos Prégadores, cujo sagrado Instituto desempenhou na conversaõ dos Gentios, applicando-se com grande cuidado a ensinar os mais desamparados; e como os Orfaons, a quem a falta de seus pays tinha destituido dos bens da fortuna, elle com generosa charidade, naõ só os instruía nos Mysterios da Santa Fé; mas com industria os alimentava das esmolas, que para taõ bom fim procurava. Naõ sofriaõ os Ministros da Idolatria estas santas obras, taõ contrarias das que elles praticavaõ; assim lhe deraõ veneno, pelo qual mereceo receber mais cedo o premio eterno.

André, e Jeronymo, MM. Jap.

D Neste dia foraõ gloriosamente degolados, por confessarem o Nome de Jesu Christo, André Fachizó, em Deva, e Jeronymo Yechizo, em Firando, deixando de seus nomes eterna memoria na Igreja Catholica, em que com enveja de seus naturaes, saõ numerados na Celeste, e Triunfante Jerusalem, entre os Córos dos Martyres.

Em

Sor Leonor de Santo Angelo, Carm.

E Em a Cidade de Lagos, no Mosteiro da Conceiçaõ, a lembrança da Madre Sor Leonor de Santo Angelo, de vida muy religiosa, e austéra, continuada por largo discurso de annos em pureza de costumes, e exercicios santos. Era muy dada à Oraçaõ mental, em que perseverava devota, sem que a entibiassem algumas desconsolações, que sentia. Naõ usava de cama senaõ em doente, e ainda desta sorte dava muy pouco repouso ao corpo, que affligia com asperas penitencias. Ornada destas, e outras virtudes, estava preparada para acodir à hora, em que o seu Esposo a chamasse, de cuja ineffavel companhia he de crer esta gozando na Bemaventurança.

Commentario ao XVIII. de Agosto.

A NAõ permittio a falta de saude a Fr. Hilario de Jesus, que passando à India no anno de 1602, para se empregar nas Missoens, que a sua Religiaõ tem naquelle Estado, conseguisse os seus santos desejos; e assim ficando no Mosteiro de Goa, acabou com opiniaõ de virtuoso, no anno de 1625, como referem as *Noticias da Congregaçaõ da India dos Eremitas* m. s. que temos em nosso poder.

B Parece Fr. Joaõ de Barcellos ser (conforme o seu appellido) natural desta celebre Villa, terra, que tem produzido muitos homens insignes em santidade, como se vê no discurso desta Obra. Faleceo neste dia, do anno de 1644, e está sepultado no seu Convento de Santo Antonio do Porto, como diz Fr. Manoel de Monforte na *Chronica desta Provincia*, liv. 5. cap. 17. pag. 750.

C De Fr. Heitor de Jesus, se faz mençaõ nos *Monumentos Dominicos*, pag. 675, no anno de 1625, de quem se lembra Soveges no *Anno Dominico*; e Lima no *Agiologio da Ordem*, ambos neste dia.

D No anno de 1624, na persecuçaõ do Emperador Toxogunsama no Japaõ, deraõ as vidas em obsequio da Fé, os dous Valerosos Soldados, de que fazemos mençaõ, devendo ao Padre Cardim esta noticia no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, pag. 296.

E Nasceo na Cidade de Lagos Sor Leonor de Santo Angelo, e entrando no Convento das Carmelitas daquella Cidade, viveo ao principio com alguma vaidade da estimaçaõ da sua pessoa, de que arrependida, seguio a vida espiritual, até a morte, que foy no anno de 1682, com grande edificaçaõ daquelle Mosteiro. O referido tirámos das *Memorias*, que temos delle.

AGOS-

AGOSTO XIX.

A M a Cidade de Macao, pagou o tributo de ter nafcido o Apoftolico Varaõ D. Belchior Carneiro, que nas gloriofas fadigas do Evangelho moftrou o zelo da Religiaõ Catholica, trabalhando pelo augmento da Fé, como virtuofo, e Letrado. Depois de Bifpo fe recolheo fegunda vez à Companhia, cujo Inftituto tinha abraçado em Coimbra, com grande edificaçaõ daquella celebre Cidade, e daquelles primitivos Padres, contemporaneos de Santo Ignacio, que mandando-o ir a Roma o elegeo feu Confeffor, teftemunho, que fó bafta para qualificar a fua virtude, e letras. Foy o primeiro Reytor do Collegio do Efpirito Santo de Evora, e depois nomeado Bifpo de Nicea, e futuro fucceffor do Patriarca de Ethiopia, por vacatura de D. André de Oviedo, e paffando à India foy o primeiro Meftre de Moral do Collegio de S. Paulo de Goa. Em Cochim perfeguio os Judeos, e do feu zelo refultou mandarfe ao Eftado da India o Santo Tribunal da Inquifiçaõ. Correo as Serras do Malavar a fim de difputar com hum Bifpo de feita Neftoriano, o que fabendo o Patriarca D. Joaõ Nunes, o fez retirar a Goa, pelo perigo que a fua vida corria, por fer notorio, que o Herege trazia de efcolta dous mil Amoucos. Aqui lhe fuccedeo fazerem-lhe tiro à cabeça com huma fetta, que lhe offendeo o barrete, livrando-o o Senhor; porque delle fe queria fervir. Entrou em Goa, e foy fagrado Bifpo, e logo fez voto de feguir os confelhos da Companhia, e de tornar a ella, fe o Pontifice lhe deffe licença. Naõ pode penetrar o caminho de Ethiopia; porque de todo fe fecharaõ as portas à communicaçaõ dos Catholicos. O Santo Pio V. o conftituìo Bifpo da China, e Japaõ, de que obrigado fe foy a Macao, fem embargo dos achaques de afma, e pedra, em que exercitava a paciencia, e fe augmentava a virtude. Chegou àquella Cidade, e começou a governar a fua Igreja, com a pobreza Apoftolica dos primeiros Bifpos do Univerfo, em que fó a utilidade do rebanho eraõ os cuidados do Paftor. Naõ fó attendia ao zelo das almas, mas à neceffidade dos miferaveis; e affim fundou

Dom Belchior Carneiro, Bifpo da China, da Cõpanhia.

na

na Cidade hum Hospital, e estabeleceo a Irmandade da Misericordia, que taõ util tem sido aos pobres no Reyno, e Dominios de Portugal. Naõ se negou a perigo algum pela salvaçaõ das almas, mostrando o zelo da Religiaõ Catholica, ainda combatido da politica. Finalmente, suspirando pelo seu cubiculo da Companhia, foraõ ouvidas as suas repetidas supplicas, e alcançando licença para renunciar a Dignidade, tornou à Religiaõ a exercitarse naquelles actos de humildade, e charidade, que tanto edificaraõ ao proximo, e cheyo de heroicas virtudes, acabou em o Senhor, deixando de sua vida gloriosa memoria.

Damiaõ, e outro Companh. MM. Jap.

B Em Yamagueki, no Japaõ, o glorioso certame do invencivel Confessor de Christo, Damiaõ, ao qual foy cortada a cabeça por ser Catequista dos Religiosos da Companhia, e juntamente foy com elle degolado hum mancebo, cujo nome se naõ sabe na terra, e elle tinha bautisado, alcançando por taõ pia obra Mestre, e Discipulo, ao mesmo tempo, a immarcessivel coroa da Gloria.

Fr. Domingos Erkiza, Dom. M.

C Em Nangasachi, Cidade do Japaõ, conseguio victoriosa palma o Padre Fr. Domingos Erkiza, da Sagrada Ordem dos Prégadores, Varaõ verdadeiramente Apostolico, em quem o zelo da salvaçaõ das almas, ardia com tanta violencia, que sem reparo de trabalhos vencia com o amor de Deos as mayores difficuldades. Passou ao Japaõ, em que era grande o trabalho, por ser o odio invencivel, com que se perseguiaõ os Christãos, em que tantos com gloria da Fé tinhaõ generosamente sacrificado as vidas. Era para engrandecer a maõ do Altissimo com este seu Servo, dando-lhe com valor forças, para emprender novos trabalhos, sem que o intimidasse a persecuçaõ, que contra os Christãos se promulgara, para deixar de residir nos Dominios do Japaõ, parecendo mais obra da maõ Divina, do que causa ordinaria, o livrar de tantos perigos, pois o sangue de tantos Martyres, que se via regando aquellas terras, que devia abrandar o coraçaõ dos Tyrannos, fazia mais entranhavel o odio, para excogitarem novos generos de cruelissimos tormentos, para que o horror da morte afugentasse huns, e entibiasse outros, para desta sorte acabarem de arrancar a Fé de JESU Christo daquelle Imperio. Porém Fr. Domingos, sem receyo de taõ horrorosa tempestade, por todo aquelle Reyno discorria, só por consolar com a sua presença

ſença aos afflictos, e perſeguidos Chriſtãos, de quem era recebido como Oraculo, padecendo pelos ſervir continuadas fomes, ſedes, perigos no mar, e na terra; e como perito nos caminhos do Paiz, ſe livrou muitas vezes das mãos dos inimigos. Neſta trabalhoſa fadiga paſſava o Apoſtolico Miſſionario, eſcapando pela fidelidade dos Chriſtãos das perſeguições dos que o ſeguiaõ, que ſabendo andava no trage dos Japoens, traziaõ o ſeu retrato para melhor o conhecer: tal era o cuidado, e vontade, que tinhaõ de o alcançar; porém a Providencia Divina o conſervava para ſaude daquella Chriſtandade. Finalmente, naõ podendo os Tyrannos com promeſſas, nem ameaços, romper a fidelidade do ſegredo, deraõ a hum Neofito hum taõ forte tormento, que vencido o pobre da violencia, manifeſtou o lugar onde o Servo de Deos eſtava. Naõ houve difficuldade em o prender, e querendo com favores vencer a ſua conſtancia, lhe offereceraõ ſobre riquezas, o valimento do Emperador do Japaõ, o que tudo deſprezou com animo Apoſtolico; e ſendo condemnado ao crueliſſimo tormento das covas, foy nelle poſto, onde eſteve vivo trinta horas, até que rendendo a vida, foy lograr entre os glorioſos Martyres da Igreja a palma merecida de ſeus glorioſos trabalhos.

Fr. Eſtevaõ Eſteves, Dominico.

D No Convento de Azeitaõ de Noſſa Senhora da Piedade, tambem da Dominicana Familia, eſtará ſempre freſca a memoria de ſeu primeiro filho, e Fundador Fr. Eſtevaõ Eſteves, de naſcimento nobre, e dos bens da fortuna rico, e taõ honrado, que tinha o titulo de Vaſſallo delRey, diſtinçaõ, que naquelle tempo ſe dava ſó a peſſoas de qualidade. Era taõ bem inclinado, e de animo taõ pio, que vendo o eſtrago, que a peſte tinha feito no Reyno, como timorato entrou em contas comſigo, diſcorrendo como Chriſtaõ, pelo incerto fim de tantas almas, dos que pereceraõ arrebatados da violencia de hum mal taõ precipitado. E aſſentou comſigo deixar o Mundo, e deſprezar as ſuas honras, e fundar de ſeus bens hum Moſteiro da Ordem de S. Domingos, em que entregando-ſe a ſi, e o melhor da ſua fazenda, pudeſſe vacar a Deos, ſem memoria do Mundo. Communicou a ſua mulher eſte penſamento: era virtuoſa, e naõ houve miſter perſuadida. Fallou a ſeus filhos, e ainda aos criados de confiança, e todos com a meſma reſoluçaõ louvaraõ a idéa, e aſſentaraõ ſeguirem-no

na mudança de estado. Tratou este negocio com Fr. Joaõ de Santo Estevaõ, Confessor da Rainha D. Leonor, homem douto, e exemplar, que examinando as cousas, achou estar a resoluçaõ tomada com madureza. Destes taõ pios, como generosos intentos deu conta hum dia a ElRey D. Duarte, que andava em pensamentos de fundar huma Casa na Serra de Azeitaõ para Religiosos de S. Domingos. Estimou ElRey a offerta, por ser o sitio capaz, em huma Quinta, nobre, e grande, com boas aguas, e pomares, e apozento sufficiente para logo poder ser habitada de Religiosos, a quem deu conta para sem demora virem assistir na Quinta. Começou-se a obra, e naõ tomou logo o Habito Estevaõ Esteves; porque tinha algumas dependencias, que era preciso compor, das quaes desembaraçado aos poucos, se achava mais rico, para fazer de outras fazendas doaçaõ à nova Casa. Trabalhava-se na obra, e com gente a quem o Mundo naõ causa pejo: acodia Estevaõ Esteves, naõ a ver crescer a obra, mas a ser companheiro dos Officiaes no trabalho, acompanhado de seus filhos, e criados; alegrando-se entre si, de se verem abatidos, com os vestidos, e rostos cubertos de pó, e caliça, nas mãos empollas, fazendo callos de serviço taõ humilde, sem que a fadiga, e trabalho lhe desse arrependimento. Cinco annos passaraõ taõ grosseiro modo de vida, digno por certo de grande louvor, e enveja, o ver taõ santa humildade, e taõ novo genero de merecimentos, que se fazia mais de admirar em pessoas bem criadas, nobres, e abastadas, a quem o amor fizera abatidas, e na mesma fortuna dos miseraveis. Acabada a Casa tomou o santo Habito Estevaõ Esteves, seguido de dous filhos, e hum criado, e ao mesmo tempo entrou sua mulher Maria Lourenço, com duas filhas, no Salvador de Lisboa. Dividiraõ-se por poucos annos na terra, a segurarem hum eterno ajuntamento no Ceo, e depois de huma vida reformada, acabaraõ, deixando de seu exemplo larga memoria.

Sor Maria de S. Joseph Francisc.

E No Mosteiro da Madre de Deos de Monchique, Sor Maria de S. Joseph, da Ordem de S. Francisco, grande imitadora de seu Serafico Padre, na reverencia com que respeitava os Sacerdotes, considerando em cada hum delles hum retrato de JESU Christo. Foy muy dada à Oraçaõ, em que os Mysterios do Rosario da Virgem eraõ a sua ordinaria consi-

deraçaõ

deraçaõ, em que dilatando-se o espirito, colhia hum doce gozo aos seus amantes cuidados. Neste santo exercicio gastava grande parte do dia, madrugando como Esposa desvelada, para satisfaçaõ da sua saudade. Hum dia sendo Escrivãa lhe faltava paõ para as Religiosas; afflicta, mas cheya de Fé, se foy ao Coro, e naõ tardou o Senhor em satisfazer a sua Oraçaõ, e manifestar a sua Providencia, e os merecimentos de sua Serva; porque a Porteira a avisou, que na Portaria estava huma mulher com duas cestas de paõ, com que se remediou a Communidade. Tendo já noventa annos, gastados no serviço de Deos, e da Religiaõ, em que muito se empregou, ensinando com o exemplo, e com a persuaçaõ, principalmente às Noviças, se foy a descansar na Gloria.

F Na Villa da Vidigueira, na Ermida de Santa Clara, espera a Resurreiçaõ universal Gonçalo Joaõ da Cuba, de taõ exemplar vida, que mereceo ser conhecido pelo Lavrador Santo. Vivia occupado no laborioso cuidado das suas lavouras, em que elle mesmo trabalhava, dando principio sempre a suas fadigas, com estas palavras: *Ei lá, em Nome de Deos vamos por diante.* Naõ se descuidava pelo temporal de se lembrar do eterno; porque era temente a Deos, e exactissimo na observancia dos preceitos Divinos; de sorte, que por hum seu filho na sua presença commetter huma culpa venial, o castigou severamente: quem obrava desta sorte, bem deixa lugar para se inferir, qual seria a sua consciencia. Todo o tempo que lhe restava do governo da sua casa, e fadigas das suas lavouras empregava na Oraçaõ; de sorte, que vivia em huma tranquilidade santa, com toda a sua familia, sem que tivesse outro dissabor, mais, que ter hum filho de idade de dezoito annos falto de juizo, taõ louco, que era preciso tello prezo; porém Deos lhe fez a merce de o ver naõ só restituido ao seu juizo milagrosamente, mas formado em Salamanca Theologo, Sacerdote, e Prégador. Finalmente, tendo Gonçalo Joaõ da Cuba logrado huma larga vida, empregada no serviço de Deos, o foy lograr na eternidade, como piamente se póde crer.

Gonçalo Joaõ da Cuba.

Commentario ao XIX. de Agosto.

A TEve D. Belchior Carneiro por Patria a Cidade de Coimbra, e era da gente principal, e nobre daquella Cidade. Entrou já Letrado na Companhia, a que ajuntou exercicio de virtudes, com desprezo do Mundo. Sahindo hum dia da Universidade em corpo, passou pela porta de seus pays, que sentiraõ vello em habito taõ vil, tendo aquelle traje por desdouro, e mancha da sua nobreza. Naõ tinhaõ ainda assentado os Religiosos hum modo commum de vestir, como depois ordenaraõ nas suas leys; e assim inventava a virtude naquelles primeiros Padres, modos de se abaterem, e serem desprezados, como lemos em muitos daquelle tempo, de que fazemos mençaõ nesta Obra. Na Fundaçaõ do Collegio de Evora se assignalou o Padre Belchior, mostrando ser Varaõ Apostolico, desprezador de si mesmo, de grande charidade, e zelador da honra de Deos, e dotado de singular prudencia: como se vio em huma perseguiçaõ, que o demonio fomentou contra aquelles Padres, o modo com que manifestou os seus enganos. Da sua nomeaçaõ em Reytor mostrou o Cardeal Infante D. Henrique, Arcebispo de Evora, agradarse, e assim fez delle toda a confiança, para o bem das suas ovelhas. Em o anno de 1555, foy mandado para a India por Companheiro, e successor do Patriarca de Ehiopia Joaõ Nunes Barreto, depois do Bispo D. André de Oviedo, e a este fim foy sagrado Bispo de Nicea; e porque esta jornada naõ teve effeito, o nomearaõ Bispo da China, e Japaõ, e desta sorte nos parece ser o primeiro, como já no Commentario do dia 7 de Julho dissemos. Esta Dignidade veyo a renunciar, acabando com a Roupeta a 19 de Agosto de 1583, já constituido Patriarca de Ethiopia, por morte de D. André de Oviedo; e foy sepultado na Igreja, que a Companhia tem em Macao. Delle faz mençaõ Nadasi *Dierum Memorabilium*, neste dia; Telles na *Chronica da Companhia*, part. 1. liv. 3. cap. 21; e na *Ethiopia Alta*, liv. 2. cap. 20. pag. 148; Sousa *Oriente Conquistado*, Tom. 2. Conq. 4. Disc. 2. §. 104; Eusebio *Varoens Illustres da Companhia*, pag. 690; Orlandino *Historia Societatis*, liv. 4. pag. 163. n. 278; Faria *Asia Portug.* tom. 3. pag. 520; e Couto *Decada VIII.* pag. 99; Franco no *Anno Santo da Companhia em Portugal*, neste dia; Manoel da Costa *Rerum Societatis Jesu in Oriente*, pag. 17, e de *Rebus Indicis Epist.* liv. 1. pag. 211.

B Lembra-se de Damiaõ, e seu Companheiro, Japoens, que deraõ as vidas por Christo, no anno de 1605, o Padre Antonio Cardim no *Catalogo dos que até seu tempo padeceraõ pela Fé, nos dilatados Dominios do Japaõ*, pag. 267.

C Entre os Religiosos, que da Sagrada Familia Dominica passaraõ ao Japaõ, foy o Padre Fr. Domingos Erkiza, homem douto, e de grande espirito. Nasceo em Biscaya, e professando no Convento de S. Telmo, na Cidade de S. Sebastiaõ, passou a Filippinas, e daqui à Missaõ referida, por Superior de outros Religiosos, que tambem com glorioso fim remataraõ a vida. Da do Padre Fr. Domingos saõ testemunhas as muitas cartas, que se escreveraõ daquellas partes, que saõ hum continuado elogio da sua pessoa, que elle acreditou dando a vida em obsequio da Fé, no anno 1633. Soveges no *Anno Dominicano*; e Lima no *Agiologio Dominico*, o poem neste dia; Cardim, pag. 325, no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, no 1 de Setembro; o *Anno Dominico*, de hum Terceiro da Ordem, a 28 deste mez. Delle se lembra tambem a *Historia das Filippinas da Ordem de S. Domingos*, liv. 2. pag. 155.

D Em o Commentario do dia 15 de Março, letra F, se descreve a Fundaçaõ, de que tratamos no Texto, que o devoto Fr. Diogo Esteves fez, para tanta gloria de Deos, e merecimento seu, pois como acçaõ de taõ grande exemplo deve ser igualmente que admirada, imitada.

He Azeitaõ terra sádia, alegre, e de bons ares, com muitas fontes, e arvores, que a fazem aprasivel: cresceo tanto na estimaçaõ, que augmentandose em povoações, tem 12 Aldeas, e he hum dos sitios mais estimados, que tem

as

as visinhanças da Corte, que fica além do rio Tejo. O Duque de Aveiro D. Joaõ, filho do Senhor D. Jorge, seguindo o amor de seu pay à Religiaõ de S. Domingos, como Senhor da Serra, e Comarca de Azeitaõ, em que tem hum Ouvidor, que entra em Correiçaõ nas Villas de Cezimbra, Torraõ, Santiago de Cassem, pedio aos Padres huma terra, para edificar huma casa de campo: deraõ-lhe liberalmente largo sitio, para jardim, pomares, e bosques, e até para plantar hum pinhal, tudo com pouco reconhecimento de foro ao Convento. Começou em casa de campo o Palacio dos Duques, em que residiaõ, em quanto viveraõ em Portugal. Saõ as demais Aldeas povoadas de boas Quintas, em que entraõ edificios nobres de muitos Senhores da Corte, e outras de pessoas particulares, que ennobrecem aquelle sitio. A este Convento se entregou Fr. Estevaõ, com dous filhos, e toda a sua fazenda, e o que nelle naõ podia ter lugar, entregou ao Mosteiro do Salvador, que foy sua mulher, e filhas, e a fazenda, que lhe tocava. Ditosa gente, que fez mais clara a descendencia com esta memoria, do que poderia augmentando a sua familia na posteridade, nos lugares mais illustres do Mundo! Acabou pelos annos de 1437. Delle faz honorifica mençaõ Soveges, neste dia; o grande *Anno Dominicano*; Sousa *Historia de S. Domingos*, part. 2. cap. 5; Lopes na *Geral da Ordem*, liv. 2. cap. 37.

E Depois de huma taõ dilatada vida, faleceo no anno de *1696*, a Madre Sor Maria de S. Joseph, verdadeiro exemplar de huma Religiosa na observancia Monastica, que praticou com edificaçaõ da sua Communidade. De quem se lembra Soledade na *Historia Serafica*, part. 4. liv. 3. cap. 27. pag. 355.

F Nasceo no Lugar da Cuba, na Provincia de Alentejo, no anno de 1472, Gonçalo Joaõ da Cuba, appellido, de que devia usar, quando por certos motivos deixou a sua Patria, e passou a viver no monte da Azeiteira, junto a Villa de Frades, onde residia com sua familia. Aqui tinha recluso a seu filho Manoel Gonçalves da Cuba, que estava doido, com ordem de o naõ deixarem sahir nunca fóra, por evitar as loucuras, que obrava. Succedeo pois estar o pay fóra, e importunar tanto o doido a sua irmãa Luiza Toscana da Franca, que lhe desse licença para se divertir, a que ella compadecida das suas supplicas lhe deu liberdade; posto nella discorreo por diversas partes, até que fatigado, e cansado foy dormir à Ermida de Santa Clara, que havia sido a primeira Freguesia da Vidigueira. Aqui estando em profundo somno, o acordou hum venerando Velho, dizendo-lhe, que tirasse do Altar mór o que alli estava, e hindo para elle achou levantada huma pedra, e dentro huma arca, com huma boceta de páo, com hum cofre de Reliquias, que se presumio depois seriaõ alli escondidas pelos Christãos, quando os Mouros conquistaraõ este Reyno. Caso maravilhoso! Tanto que Manoel Gonçalves tocou o cofre das Reliquias se achou em seu juizo perfeito, e com tanto acordo, que as levou com toda a decencia à Igreja Matriz da Vidigueira, (que naquelle tempo, pelos annos de 1555, era a Ermida de Santa Margarida,) e as poz na Capella de Nuno Pereira, Alcaide mór de Portel. Referio-se o caso ao Parocho, e mais gente da terra, que determinaraõ se levassem outra vez para a Ermida de Santa Clara, até que se ordenasse huma Procissaõ, em que fossem, para se exporem publicas à veneraçaõ dos Fieis na dita Igreja. O Padre Pedro Lopes Pinto lhe deu hum cofre muy decente para se guardarem, o qual era tambem natural da Cuba, e parente chegado do descobridor deste Thesouro, e taõ bom Sacerdote, que edificou à sua custa a Igreja de S. Pedro, que hoje he Freguesia da Vidigueira, no anno 1590, e nesta Igreja foy trinta e oito annos Prior, como se vê do Letreiro da sua Sepultura, que está no Coro da dita Igreja, em que diz faleceo, a 8 de Dezembro de 1614. A Condessa da Vidigueira D. Guiomar de Vilhena, deu depois estas Reliquias ao Convento de Santo Antonio, da Provincia da Piedade, o qual ella com seu marido D. Francisco da Gama, II. Conde da Vidigueira, havia fundado no anno de 1545. Este Convento por doentio se desamparou, e no novo estaõ as Reliquias, em que se lançou a primeira pedra a 18 de Julho de 1701. O Padre Manoel de Monforte na *Chronica da Piedade*, liv. 3. cap. 22. pag. 350, refere este milagroso caso do venturoso achado destas Reliquias, com todo o successo

cesso do filho do Lavrador, a quem chama Gonçalo Anne Cubeiro; porém do Letreiro da sua Sepultura se vê ser da Cuba, o qual depois deste maravilhoso caso viveo alguns annos, e morreo no de 1557, e jaz na Ermida de Santa Clara, onde seu primo o Padre Pedro Lopes Pinto mandou pôr huma pedra, e nella abrir huma maõ pegando em hum arado, com hum Letreiro, em que quiz que lhe servissem de empreza as palavras, que elle costumava proferir no seu trabalho, e diz assim:

Hic jacet Gonçalus Joannis Qube. Hei lá Nome de Deos.

O qual nos remetteo fielmente copiado o Reverendo Padre Fr. Francisco de Oliveira, com a sua costumada exacçaõ, com outras memorias, que já temos por vezes allegado.

AGOSTO XX.

D. Jeronymo Osorio, Bispo do Algarve.

A Sé de Faro, Cidade do Reyno do Algarve, o Anniversario de seu Illustrissimo Prelado D. Jeronymo Osorio, Varaõ Santo, e prudente, grande zelador da honra de Deos, acerrimo defensor da Religiaõ Chistãa, insigne Theologo, e versado em todo o genero de erudiçaõ, a quem a eloquencia fez celebre no Mundo, sendo pelo seu raro engenho honra da Naçaõ Portugueza, e gloria de sua Patria Lisboa. E quando a vaidade, que de ordinario se origina do applauso, lhe pudera fazer menos gloriosa a fama, soube elle com desprezo da sua pessoa, fazer clara a sua virtude, com obras dignas de hum verdadeiro Prelado da Igreja: sem que a applicaçaõ dos estudos, nem as occupações, em que sempre o entretiveraõ os Reys, e Principes do seu tempo lho diminuissem, para se empregar na Oraçaõ mental, em penitencias, e outros exercicios espirituaes, com que ornava a sua alma. Na idade de treze annos foy mandado por seu pay a estudar a Salamanca, e em pouco tempo começou adquirir opiniaõ. Naõ lhe faltava na eloquencia, suavidade no dizer, que he hum esmalte, que dá todo lustre, e vida, ao que se diz. Era versado na lingua Latina, e Grega, mostrando nas Academias daquella insigne Universidade, com admiraçaõ dos doutos, o seu grande talento. Hum dia estando ouvindo Missa no Templo de Santo Estevaõ, da Ordem de S. Domingos, no dia da Festa da Assumpçaõ da Virgem Maria Senhora Nossa, fez voto de perpetua castidade, que inviolavelmente observou toda a sua vida. Em taõ grato sacrificio

ficio da sua pureza he certo devia segurar a protecçaõ da Rainha dos Anjos, para que fossem os progressos da vida correspondentes aos primeiros ardores da sua devoçaõ; e assim fez quotidianos os exercicios, que depois vieraõ com os annos a fazer mayor o numero das virtudes. Estudou Direito Civil, em que gastava duas horas, e o mais resto do dia em estudar Filosofia, ler Historia, e outras sciencias, em que cada dia se augmentava a sua erudiçaõ, até que o vieraõ a fazer famoso no Mundo. Os seus entertenimentos em annos, que a mocidade se pudera levar das vaidades, que a idéa costuma propor aos mancebos, naõ se reduziaõ a mais, que conversar com homens doutos, sendo este honesto divertimento o parenthesis dos seus estudos. Na noite buscava a Deos com humildes deprecações, e levantando-se da cama, posto de joelhos rogava a Deos lhe conservasse a pureza da alma, e do corpo; e para o conseguir exercitava a Oraçaõ, e penitencias, quebrando os brios da idade por todas as vias, que o elevassem ao caminho da perfeiçaõ; e desta sorte entregue de todo a Deos, continuava na assidua occupaçaõ dos seus estudos. Naõ faltava quem lhe aconselhasse, que seguindo as armas alcançaria grandes empregos na Religiaõ de Malta, a que seu pay se inclinava, tendo nos seus exemplo, em si brio, e valor, que lho segurassem; porém como o seu genio o persuadia à liçaõ dos livros, abraçou as letras, em que alcançou taõ grande nome, que depois de Marco Tullio, foy universalmente acclamado por Principe da Latinidade, conseguindo pela sua eloquencia em toda a parte do Mundo reverente memoria, que será clara em todos os seculos. Morto seu pay voltou a Portugal, por ser a ultima consolaçaõ na viuvez de sua mãy. Naõ contava mais, que dezanove annos, quando passou a Paris, onde com louvor dos Mestres, e dos condiscipulos, aprendeo a Dialectica de Aristoteles, e a natural Filosofia, sendo com nova admiraçaõ daquella douta Universidade attendido, como prodigio da natureza, o seu grande talento. Florecia neste tempo aquella grande luz da Igreja Santo Ignacio de Loyola, e já espalhados os seus Companheiros, teve Jeronymo Osorio naquella Cidade trato com alguns, e muy intimo com o Padre Pedro Fabro, que entre os primeiros Companheiros daquelle Santo, foy hum dos mais eminentes em virtude: elle lhe

lhe deu pleno conhecimento do Instituto da Companhia de JESUS, recemnascida ao Mundo, que elle soube estimar com tal veneraçaõ, que passados annos fallando com ElRey D. Joaõ o III. e perguntando-lhe pela Companhia, foraõ taes os louvores deste Instituto, que persuadio a ElRey, que chamasse ao seu Reyno alguns daquelles Apostolicos Varões. Foy Osorio muy favorecido do Infante D. Luiz, e o amor, e obrigaçaõ, o fizeraõ voltar de Pariz a Portugal; e satisfeito o para que fora chamado, passou a Bolonha, Cidade, que entaõ florecia nos estudos das Divinas letras. Com tal cuidado se applicou Osorio, que foy hum dos insignes Theologos daquella idade; taõ versado na liçaõ dos Santos Padres, assim Latinos, como Gregos, que naõ houve algum, que naõ lesse, e alguns repetidas vezes. A S. Dionysio Areopagita chamava Principe dos Theologos, depois dos Apostolos. A S. Basilio, Gregorio Nazianzeno, e S. Joaõ Chrisostomo, Padres Gregos, continuamente trazia entre mãos; e dos Latinos, a Santo Agostinho, e S. Jeronymo. A Santo Thomás comparava com Aristoteles, affirmando, que no engenho naõ diffiria hum do outro; e que para intelligencia de ambas as filosofias, e sciencia das cousas Divinas, nenhum outro se podia ler com mayor gosto, e proveito, que o Doutor Angelico. Nesta Universidade por comprazer aos amigos, sahia como he costume, a passear algumas vezes, acompanhado de homens doutos, e entre elles era apontado com o dedo dos que o viaõ: dizendo com admiraçaõ, aquelle he Osorio: como se dissessem, he resuscitado Cicero; o que elle com modestia muitas vezes ouvia, com tal pacacidade de animo, que sem que fizesse rumor à vaidade, só ao pensamento lhe vinhaõ desejos de o imitar; e voltava com Christãa humildade o applauso, em honra, e gloria de Deos, a quem só desejava servir com todas as forças. Verdadeiramente he este hum dos mayores applausos, que alcançaraõ as letras, e naõ conseguiraõ aquelles Varoens insignes, de que tanto a antiga Roma se jacta nas suas Historias, que Osorio soube igualar na sciencia, e soube pela Christandade exceder. Continuamente lia por Plataõ; porque lhe estimava a sciencia, e pela eloquencia a Marco Tullio, de que foy taõ imitador; como se vê das suas Obras, que naõ saõ inferiores na pureza, e na elegancia, às daquelle Prin-

cipe

cipe da Latinidade. Ainda naõ tinha enchido o numero de trinta annos da sua idade, quando compoz os livros *De Nobilitate Civili, & Christiana.* Estes dedicou ao Infante D. Luiz, de quem foy Secretario, e muy grata a sua pessoa. Foy este Principe grande estimador das letras, em que foy com erudiçaõ versado. Depois da sua morte determinou Osorio de sentido recolherse, e dando a razaõ aos seus amigos, dizia, que morto hum ouvinte, que tinha, que era o Infante seu Senhor, lhe naõ convinha outra cousa senaõ com silencio emmudecer. De Bolonha tornou a Portugal, por fazer nisso serviço a ElRey D. Joaõ III. a quem foy muy aceito. Por sua ordem passou a Coimbra, aonde havia pouco se tinha transferido a Universidade. Aqui dictou, e explicou com admiraçaõ, e louvor a Isaias, e a Epistola de S. Paulo aos Romanos. Como era taõ elegante na lingua Latina, determinou com grande estudo, e applicaçaõ, reparar o damno, que sentiaõ os curiosos da erudiçaõ das injurias, que o tempo fez nos livros de Cicero, *De Gloria*, *de Republica*, *& de Consolatione.* Este foy o motivo de começar a escrever em aquella Cidade os livros *De Gloria*, e depois de passados muitos annos os *De Regis Institutione.* No *De Consolatione*, explicou em huma elegantissima Paraphrasis, aquelle sagrado livro de Job, taõ envolvido em escuras sentenças: ao juizo dos doutos nehuma cousa se podia dizer mais sutil, nem diffuza. Largando Coimbra com universal saudade dos Eruditos, foy provido na Igreja de Tovares pelo Infante D. Luiz: aqui acabou os livros *De Gloria*, que imprimio. Naõ vencia o genio dos estudos, a se esquecer da obrigaçaõ de bom Parocho; porque doutrinava aos Freguezes, e instruîa aos ignorantes, dando de sua charidade, e exemplo, publicas demonstrações da sua virtude. Era o seu mayor cuidado ensinar aos rusticos a Doutrina Christãa; a huns amoestava, e aos mal procedidos reprehendia, para que emmendados se empregassem na observancia dos preceitos Divinos. Soccorria com as esmolas aos pobres, às viuvas, e aos orfãos, e depois a todos com saudaveis conselhos, sendo pay de todos os necessitados. Discorriaõ os seus amigos, sentidos, de que hum homem de taõ raro talento, e tantas letras, deixasse a Corte, para viver entre rusticos; e assim por muitas vezes o arguiaõ da resoluçaõ, que tomara. A hum amigo,

que, ou com mais confiança, ou razaõ, lhe instava, respondeo: *Tenho amigo meu, muy baixas, e vis mercadorias, para a Corte, as quaes precisamente, nem devo, nem posso separar da minha companhia; com que a naõ perder o juizo, nenhumas esperanças me tiraõ desta gostosa quietaçaõ, em que vivo.* Admirado, e curioso o amigo, lhe perguntou, que mercadorias eraõ, as que tanto embaraço lhe faziaõ. A que Osorio sorrindo-se, respondeo: *As mercadorias, que eu tenho, e posso levar comigo, saõ verdade, e Fé; e eu sey muito bem, e com grande pezar, o pouco que ellas valem na Corte; nella só he estimado o engano dissimulado na lisonja; este conhecimento me faz com razaõ temer, que assistindo na Corte, ou naõ hey de poder cumprir com a obrigaçaõ da honra, que devo a mim, e a vida, que professo, ou com afronta hey de ser desterrado della.* Com esta verdade, e discreta resoluçaõ, se defendia dos seus amigos, deixando com brio taõ honrado, mais elevado na veneraçaõ, e conceito das suas virtudes. ElRey o chamou à Corte com cartas taõ honradas, como se naõ tivera tençaõ de lhe fazer outra merce, e juntamente o Cardeal D. Henrique; e persuadido da obediencia, que devia a Soberania, passou à Corte. Aqui se serviraõ do seu talento para negocios graves, conservando sempre nas materias mais arduas summa prudencia; de sorte, que da sua inteireza tiveraõ as Magestades huma constante opiniaõ. Esta conservou em todo o tempo, e com diversos Reys. A Rainha D. Catharina, quando pela morte de seu marido veyo a ser Governadora do Reyno, na menoridade de seu neto ElRey D. Sebastiaõ, com elle tratava todos os negocios, achando sempre na sua fidelidade, e amor, cabal satisfaçaõ. O Cardeal D. Henrique lhe deu o Arcediagado de Evora, merce, que elle naõ recusou, e soube estimar. Corriaõ entaõ com universal applauso de todas as Naçoes da Europa os seus livros *De Gloria*; por elles estudavaõ com gosto muitos Principes. O Cardeal Reginaldo Polo, Varaõ grande em juizo, prudencia, e eloquencia, mandou a hum seu parente, homem de insigne talento, que traduzisse esta Obra em Inglez. A Rainha Isabel de Inglaterra, a quem a cegueira de Luthero fez mais conhecida, do que o Throno, gostou muito da liçaõ destes livros; e se alguma vez acontecia fallarse em Osorio, com publicas demonstrações honrava

va a sua pessoa. Com estes, e outros motivos, obrigado do Cardeal D. Henrique, e de Varões doutos, e pios, escreveo aquella celebre Epistola *Ad Elisabetham Angliæ*, na qual com singular artificio, e admiravel modo de persuadir, a amoestava. Movido da dor com que tanta gente cega, e ignorante, seguiaõ a falsa doutrina de Luthero, compoz os livros *De Justitia.* Antes de os dar à luz, os submeteo à censura dos doutos, naõ só de Hespanha, mas de Inglaterra, e Italia, que com louvores o persuadiraõ, a que sem dilaçaõ os imprimisse. Delles se seguiraõ graves utilidades à Igreja: por elles se converteraõ em Inglaterra, Alemanha, e Polonia, muitas pessoas; das quaes algumas agradecidas, escreveraõ a Osorio, como a seu bemfeitor, pois por elle tinhaõ sahido das trevas, e recebido a luz da graça. De Inglaterra vieraõ muitas a Lisboa, só por ver a Osorio, e renderlhe as graças daquelles excellentes livros. Finalmente, era Osorio o Oraculo daquelle seculo, sendo em toda a parte venerado o seu nome. A sua memoria será com respeito das gentes sempre conservada. Foy eleito Bispo de Sylves no Reyno do Algarve, Dignidade bem conferida aos seus grandes merecimentos, que elle abatia com tal desprezo, que chegou a recuzar a Episcopal Cadeira do Algarve, a que o amor da Religiaõ Christãa, e a eximia charidade com os proximos, fez rebater a sua repugnancia, para que viesse em a aceitar. Já constituido Principe da Igreja, começou a exercitar o Pastoral Officio com ternura de verdadeiro pay de familias, de que falla o Evangelho. Assim como apontava a Aurora na madrugada do dia, se levantava da cama, sem que os grandes frios do Inverno fossem obstaculo ao seu espirito; porque quando arde o fogo do Amor Divino, naõ he a Estaçaõ desaccommodada, nem a velhice embaraço: tudo vencia a sua devoçaõ. Foy grande homem de Oraçaõ mental, sobre outras virtudes, de que era espelho. Todos os dias celebrava o Santo Sacrificio da Missa, e satisfeitas com humildade, e ternura as suas devoções, entrava a trabalhar na composiçaõ dos seus livros. Costumava dizer, que assim para a conservaçaõ do bom estado da alma, como para hum bom Christaõ fazer grandes progressos nas letras, nenhuma cousa lhe podia ser mais util, do que a Oraçaõ continua. Desta perseverança foraõ filhos aquelles elevados pensamentos, que elle

dictou. Em sua casa sustentava sempre homens doutos, e virtuosos; porque naõ amava as letras sem virtude. A seus criados instruía, como se fora seu Mestre; e como os queria versados em toda a liçaõ, os obrigava a ler livros de Historia, que he a Mestra da vida, sendo publica para todos a sua livraria; e como douto lhe naõ prohibia a liçaõ dos livros fabulosos, em que o engenho se costuma pulir. Destes sahiraõ, huns grandes Latinos, outos eruditos nas letras Gregas, outros na Geometria de Euclides, outros nas Sagradas Letras: elle lhe explicava o Evangelho de S. Joaõ, as Epistolas de S. Paulo, parecendo mais Mestre daquella pequena Universidade, do que Senhor da sua familia; e excitando-os tanto aos estudos, igualmente os persuadia à virtude; porque o exemplo, e a vigilancia do Prelado, fazia nos costumes morigerada a sua familia. Todas as suas rendas repartia liberalmente pelos pobres, viuvas, e orfaõs, e com o ornato das Igrejas, em que tinha especial cuidado, sendo hum fiel depositario dos bens da vinha, que o Senhor lhe tinha entregado; de sorte, que com o fim do anno se acabava a renda, sem que costumasse reservar cousa alguma. Sempre comsigo trazia dinheiro em prata, para com a sua maõ repartir pelos pobres. A' Justiça amou como virtude, tendo a equidade nelle tal lugar nos provimentos, que sempre escolheo os mais dignos, sem que houvesse nelle mais inclinaçaõ, do que o merecimento. A sua porta para os que lhe queriaõ fallar, era franca a toda a hora, sem que nem a em que comia fosse reservada, para que naõ tivessem detrimento as partes, sem que fosse mais difficil a entrada aos humildes, do que aos poderosos: deixando no seu costume huma singular maxima aos Prelados da Igreja, cujo Officio naõ he mais, que o de Pastor, que apascenta as suas ovelhas, acodindo a cada huma, como se todas pereceraõ. Dentro em tres annos visitava toda a sua Diocesi, que por ser muy dilatada dividia em tres partes, cada anno visitava huma, e as outras mandava visitar por pessoas, de que tinha bom conceito. As suas amoestações eraõ acompanhadas de lagrimas, e com terno coraçaõ lhe pedia pelas Chagas de Jesu Christo a emmenda; e desta sorte sem mais violencia conseguio de muitos a melhora devida: valendo-se naõ da superioridade do Officio, mas do suavissimo imperio do seu exemplo: a tanto persuade a virtude

de, que se envergonhaõ os máos dos seus escandalos; e por este modo chegou a conseguir o que muitos Bispos, com todo o zelo, e cuidado naõ puderaõ alcançar. Duas cousas no administrar da justiça tinha diante dos olhos, huma o Officio de Bispo, como descreve S. Paulo a *Tito, e Timotheo*; outra o cuidado de conservar a Dignidade, e a fama do nome, especialmente de Sacerdote. A sua familia regia com particular cuidado, evitando tudo o que podia ser superfluo, e aquelle mesmo, que com maõ taõ larga despendia com os pobres, queria em sua casa huma bem guardada economia. A sua mesa era com toda a parcimonia, sem ostentaçaõ, nem grandeza. Nella havia sempre liçaõ, sendo pela mayor parte de S. Bernardo. Depois de jantar, se occorria a algum dos seus familiares duvida sobre o que se lera, a propunha, e elle a explicava, sendo a sciencia o mais saboroso manjar daquella mesa. Aqui conversando dava utilidade aos criados, referindo na antiguidade da Historia, em que foy muy lido, muitas cousas ignoradas nos costumes das Nações, em ditos de Varões Illustres, e outros casos dignos de memoria, ficando desta sorte igualmente satisfeito o apetite, do que o entendimento. Era o Bispo D. Jeronymo Osorio de animo brando, acompanhado de summa gravidade, sem nenhum genero de malevolencia, e de sincéro coraçaõ, admiravel na elegancia das palavras; de maneira, que, ou fallando, ou escrevendo, excedia a todos. Estas partes da natureza o fizeraõ em toda a parte amado. Naõ havia no Algarve Escolas, em que aprendessem os seus naturaes, e com generosa ambiçaõ, de que todos fossem versados nas sciencias, as estabeleceo à sua custa, em as Cidades de Faro, e Tavira. Nellas lhe poz Mestres doutos, e capazes de os instruîr na Theologia Moral, e jurisdiçaõ Pontificia. Tomou ElRey D. Sebastiaõ posse do governo do Reyno, que administrava sua avô a Rainha D. Catharina, e logo chamou à Corte ao Bispo D. Jeronymo, para se servir delle; achando sempre na sua inteireza, amor, e liberdade, para lhe aconselhar com desinteresse, deixando com estas virtudes bem servido o Principe, ao mesmo tempo, que talvez se desagradava delle. Entaõ imprimio em Lisboa aquella Apologia contra *Gualtero Haddono*, Inglez, que seguia o partido da Rainha Isabel de Inglaterra. Naõ eraõ os desejos do Bispo embara-

çarse

çarse com os negocios da Corte: assim voltou para a sua Diocesi; mas como era muy util o seu conselho, lá era communicado por cartas, a que com elegancia respondia. Era Osorio o Oraculo daquelle tempo; e assim era consultado, parecendo com muita razaõ, que nada se poderia achar fóra de Osorio. Sempre trabalhou pelo amor, e gloria da Patria; este lhe fez escrever a ElRey huma discreta carta, em que o persuadia, a que tomasse estado; outra quando o mesmo Rey passou a primeira vez a Africa, em que com elegante estylo lhe mostrava, que mais gloria sua era a successaõ, do que o triunfar dos Mouros. Pouco antes lhe tinha mandado com huma dedicatoria os livros, que havia tempo tinha composto *De Regis Institutione, & Disciplina*, para com elles lhe avivar os desejos de abraçar as letras, e polir o seu engenho. Tinha o Bispo determinado visitar os Santos Apostolos Pedro, e Paulo, e assim passou a Roma. Embarcou-se para Sevilha, dahi foy a Barcellona, e desta Cidade passou a Italia. Em Parma foy recebido com particulares favores daquella esclarecida Princeza D. Maria, de quem fallámos a 8 de Julho. Em Bolonha, Cidade, que elle estimou como Patria, foraõ grandes os applausos dos seus Cidadãos. Chegou a Roma onde só o levou a devoçaõ, e naõ negocios particulares, como alguns entenderaõ, dizendo a ElRey, que em deserviço seu passara à Curia, no que elle bem mostrou o contrario, escrevendo a ElRey huma carta como sua. O Papa Gregorio XIII. lhe fez taes honras, que naõ faltou quem cuidasse lhe dava o Capello de Cardeal, digno por certo do Sacro Collegio. Naõ foy grande a assistencia na Curia; porque chamado por ElRey, voltou logo para Portugal. Entaõ lhe escreveo Joaõ Zamoscio, Varaõ douto, em nome delRey de Polonia, com a occasiaõ de hum egregio Commentario, que escreveo *De Senatu Romano*. Seguio-se a infeliz jornada de Africa delRey D. Sebastiaõ, que elle tanto com razões, e exemplos encontrou. Por este tempo imprimio os livros *De Vera Sapientia*, que dedicou ao Papa Gregorio; porque sempre occupado, o naõ divertiraõ dos seus estudos os mayores negocios. Depois da perda delRey, e do seu Exercito, que sentio com amor de fiel vassallo, se recolheo ao Algarve. Neste fatal caso se houve com a prudencia, e constancia, que se póde suppor do seu

grande

grande talento: mas como Christaõ, posto de joelhos, com as mãos levantadas, os olhos cheyos de lagrimas, postos no Ceo, supplicava a Deos humildemente o remedio; e fallando deste successo, dizia, que sempre esperara pequenos progressos daquelle Exercito, mas taõ tragico caso, naõ imaginara nunca. Era o Bispo de animo constante, sem que as adversidades lhe fizessem mudar o semblante, mas o amor da Patria, em taõ funesto golpe fez publico o seu sentimento. Com o Governo do Cardeal Rey novamente subido ao Throno, se começaraõ a fazer partidos sobre a successaõ da Coroa, a que o Prior do Crato fazia publica opposiçaõ, e inda taõ anticipada, naõ lhe melhorou a fortuna. Temia o Bispo alguma ruina, passou a Almeirim onde residia a Corte, e persuadindo os animos à paz, a ElRey, e ao sobrinho, deu convenientes conselhos, que puderaõ ser de utilidade, se a ambiçaõ de governar os naõ desvanecera. Recolheo-se ao Algarve, e seguio-se a morte do Cardeal Rey, e na fórma que entendeo compoz as cousas daquelle Reyno. Naõ faltou quem lhe achaquasse menos constancia nas adversidades da Patria, sendo que a prudencia tal vez lhe ditasse ser perciso por entaõ sofrer menos pezado o jugo da servidaõ. O excesso do caminho em annos muy avançados na idade lhe fez inchar huma pequena chaga, que na perna tinha, a que as grandes dores lhe naõ deixavaõ animo para resistir. Assim contra o seu costume, para descansar hum pouco, se deitou na cama, no Mosteiro de S. Francisco de Tavira; sobreveyo-lhe hum profundo somno, de que o naõ podiaõ despertar, e ao mesmo tempo que ao principio pareceo descanço, a pouco deu mostras de ser indicio da morte. Seguio-selhe febre, e confessando-se com muita humildade, recebeo com grande devoçaõ o Santissimo Viatico, mostrando no discurso da doença, que foy larga, a sua muita Christandade. Hum criado, que lhe assistia lhe disse, que já os Medicos desconfiavaõ da sua vida; e como os annos tinhaõ sido bem gastados, e iguaes no modo de proceder, sem susto respondeo, que estimava muito a nova; e levantando as mãos ao Ceo, rendeo a Deos as graças, e com singulares mostras de piedade, e arrependimento, beijando a Cruz de Christo, acabou em paz.

Diogo Ychiyemon, e André Givichi, Jap.

B No Japaõ, em a Cidade de Miaco, acabaraõ as vidas, consumidas dos trabalhos, e fomes, Diogo Ychiyemon, e André

André Givichi, Japoens, que sendo prezos por serem Christãos, com admiravel perseverança, constantes na Fé, sem medo da morte, que viaõ executar nos seus Companheiros, e naturaes, esperavaõ constantes todos os dias serem victimas da tyrannia do cruel Toxogunsama, até que o Senhor foy servido adiantarlhe o premio da Gloria, morrendo no carcere.

Fr. Damiaõ da Torre, Arrabido.

C Em o Convento de S. Joseph de Riba-Mar, espera a universal Resurreiçaõ Fr. Damiaõ da Torre, benemerito filho da Provincia da Arrabida, que illustrou com o seu exemplo, e com admiravel prudencia do seu governo, nos cargos mais authorisados da Religiaõ, que augmentou na observancia, e estimaçaõ das gentes, deixando naquella Provincia celebre nome, pelos lugares, que occupou, eternizada a memoria na virtuosa vida, que observou. Foy o quinto Noviço desta sagrada Refórma do Serafico S. Francisco, que desde os primeiros annos parece o destinou para seu filho, pois milagrosamente o livrou das mãos da morte. Era menino, andava brincando com outros da sua idade no muro da Villa da Torre de Moncorvo, sua Patria, e com inconsiderado descuido se precipitou do muro; bradaraõ os meninos, para que lhe acodissem; correo alguma gente, quando, (caso maravilhoso!) viraõ, que vinha nos braços de dous Religiosos de S. Francisco, que illezo, como senaõ houvera padecido risco, o entregaraõ a sua mãy, naõ com pouco espanto dos que o viaõ. Ainda naõ era conhecida na Villa esta Religiosa Familia, e fazia ainda mais admiraçaõ, naõ ser caminho para a Villa, o lugar em que fora a quéda. Criou-se honestamente, vivendo taõ comedido, e composto, que nos seus poucos annos servia de exemplo à idade mais madura, dando o seu exterior graves indicios, de que no tempo futuro se augmentaria no respeito sem affectaçaõ. Sendo mancebo bem inclinado, se vio algum tempo opprimido de hum interior espirito de blasfemia, que lhe servia de mais cruel mortificaçaõ; chorava afflicto a terrivel desgraça, que lhe preparava o demonio; mas humilde recorria incessantemente à Virgem Santissima, e merecendo do seu sagrado patrocinio receber na oraçaõ hum extasi, em que logrando mentalmente da sua soberana vista, foy confortado com palavras, que suavizaraõ a sua pena; e seguio-se outro mayor favor da Mãy Santissima, que foy communicarlhe de seus sagrados pei-

tos

tos hum soberano licor, que dando-lhe no rosto, despertou taõ satisfeito, que já mais sentio taõ formidavel tentaçaõ. Desta merce da Senhora ficou taõ agradecido, que alentado o espirito, sentia na alma hum fervoroso desejo de acabar Religioso; e continuando nesta inspiraçaõ, venceo as saudades do amor de sua Mãy na doutrina do Evangelho. Partio para a Cidade de Lisboa, com firme resoluçaõ de tomar o Habito de Saõ Francisco: principiava a formarse a nova Refórma da Arrabida, e sendo admittido do Veneravel Fr. Martinho, soube seguirlhe os passos na observancia, e zelo mais puro da Religiaõ, sendo para o exemplo o primeiro, no rigor das penitencias austéro, na observancia dos Estatutos, e Regra indispensavel, em os costumes irreprehensivel. Estas virtudes com poucos annos de Habito, o graduaraõ para os lugares. Foy Guardiaõ de diversos Conventos, e Custodio; e ao seu zelo, e ao respeito, que lhe tinha o Cardeal D. Henrique se deve ser erigida em Provincia esta Refórma. Convocado Capitulo, sahio com universal approvaçaõ reeleito, já com o titulo de Ministro Provincial; sentia amargamente o haver de continuar no governo, e resistio quanto lhe foy possivel; mas obrigado do Real respeito delRey D. Sebastiaõ, houve de sugeitar a vontade ao mesmo, que naõ queria. Governou sempre com zelo da honra de Deos, e assim floreceo no seu tempo a Provincia em sogeitos dignos de veneraçaõ, accrescentando aos santos costumes dos Religiosos, Estatutos de grande observancia. Encommendava observassem a Oraçaõ em todos os Conventos, orando a Deos, como ensina a Regra de S. Francisco. Aos edificios espirituaes com que engrandecia a Provincia, augmentou nos materiaes, com as fundações dos Conventos de Alcobaça, Obidos, e Torres Vedras. Acabado o tempo do seu governo, quando entendia, que poderia descansar das Prelasias na observancia da Regra, e leys da Religiaõ, foy nomeado Commissario Geral deste Reyno, em que mostrou o seu talento, preferindo nas eleições das Provincias os mais dignos por virtude, letras, e zelo da Regra Serafica. Nos primeiros annos visitou a mayor parte do Reyno a pé; mas cansado do trabalho, e mortificações, admittio depois hum jumento, que o levasse de hum Convento para outro; mas sem embargo da sua debilidade, naõ se poupava a fazer mui-

tas jornadas por seu pé, com seus Companheiros, a quem sempre deu mostras de seu elevado espirito. Naõ basta procedimento claro com virtude solida, para intimidar animos orgulhosos, nem toda a sinceridade do obrar bem, para que senaõ censurem, e interpretem sinistramente as acções humanas. Depois da morte do Cardeal Rey, foy privado do lugar, e recluso no Convento de S. Joseph, por parcial da Coroa, o que os seus emulos levantaraõ, tal vez para satisfaçaõ da sua liberdade, em quem naõ tratava mais do que ser verdadeiro Religioso, como testemunhou depois o Geral Gonzaga: pelo que foy restituido à Prelasia, e passado algum tempo, pelas suas repetidas instancias foy absolvido do cargo. Vendo-se desembaraçado se deu de todo à observancia como verdadeiro Religioso, edificando com o exemplo, admirando na perfeiçaõ da disciplina Regular, em que dava a conhecer a pureza da sua alma. Neste theor de vida perseverou, até que por indisposto foy mandado para a enfermaria do Hospital, naõ se capitulava a queixa por doença, mas por debilitaçaõ de forças; porém em pouco declarada huma maligna, pedio o Santissimo Sacramento por Viatico, depois de huma dilatada confissaõ. Antes de receber o Senhor, disse: *Vós Senhor, sois testemunha do grande sacrificio, que tive o tempo, que governey a Ordem.* Com estas, e outras palavras de humildade, acompanhadas de abundantes lagrimas pedio a Santa-Unçaõ, e entre colloquios, e repetidas jaculatorias, esperou a desejada hora. No dia seguinte estando ouvindo Missa, abraçado com hum Crucifixo, ao tempo que o Sacerdote elevava a Hostia, subio a sua alma a gozar da Visaõ Beatifica, vendo realmente o Cordeiro Immaculado, que adorava a sua Fé, como piamente se póde crer da sua virtuosa vida.

Fr. Diogo da Piedade Arrabido.

D Em Nossa Senhora da Porciuncula de Torres Vedras, do Patriarcado de Lisboa, descançou em paz Fr. Diogo da Pidade, da mesma Provincia da Arrabida, Varaõ escolhido, pio, modesto, e penitente, em quem as virtudes pareceraõ naturaes, pela efficacia da Divina Graça, que lhe dava alentos para as praticar. A sua cama era huma cortiça, e por cabeceira hum tronco; o sustento taõ pouco, que naõ passava de huma tijela de caldo, sem nunca provar carne, nem vinho. A's disciplinas da Communidade ajuntava outras asperas, e repetidas,

petidas. As noites passava em vigias, gastando-as em contemplar na Divina essencia com grande copia de lagrimas, com que fazia mais fervorosa a sua Oraçaõ. Vivia sempre mortificado, sem levantar os olhos do chaõ, quando fallava com alguma mulher, o que raramente lhe succedia, conservando naõ só no interior, mas ainda no exterior, huma natural honestidade a pureza da sua alma. Celebrava o Santo Sacrificio da Missa com tanta reverencia, que em continuadas lagrimas, dava a sua veneraçaõ à Fé glorioso triunfo. Sempre estava recolhido, ou lendo, ou orando. As suas praticas naõ continhaõ senaõ materias de espirito, com que edificava, e compungia aos circunstantes. Foy de condiçaõ branda, suave no trato, de admiravel charidade, e de grande prudencia, partes, que o fizeraõ taõ amado dos Frades, que naõ tendo mais, que oito annos de Habito, o occuparaõ nos lugares da Ordem, que exercitou com grande decoro da Religiaõ, observando com pontualidade os Estatutos da Refórma; e assim de commum consentimento foy eleito em Ministro Provincial. Sendo ainda mancebo, mas de eminente virtude, acabado o tempo da Prelasia, tornou ao seu antigo socego, e começou com novo fervor os exercicios espirituaes, que continuou em quanto lhe durou a vida.

Fr. Luiz de Flores, Domin. Fr. Pedro de Zuniga, Erem. Joaquim, e 12 Compan. MM. Jap.

E Na Cidade de Nangasachi, o famoso certame dos Padres Fr. Luiz de Flores, Dominico, Fr. Pedro de Zuniga, Eremita Agostinho, ambos amigos, e Companheiros nos trabalhos, Varões verdadeiramente Apostolicos, em quem luzio o zelo da Religiaõ Catholica, ardendo nelles o amor de Deos, para com o proximo, que os obrigou a novos trabalhos. Padecia a Christandade do Japaõ, de que já tinha sahido Fr. Pedro, na geral exterminaçaõ de todos os Religiosos, e compadecido dos rogos daquelles afflictos Christãos, inflammado do zelo do seu bem, acompanhou a Fr. Luiz, que com os mesmos desejos de servir ao Senhor passava àquelle Imperio com conhecimento verdadeiro do risco da vida, e com santa enveja dos trabalhos de alguns Religiosos seus Companheiros, que estavaõ em odio da Fé, prezos no Japaõ. Fizeraõ viagem em hum navio, de que era Mestre hum Japaõ Catholico, chamado Joaquim Firuyama, e dizendo serem Mercadores, que passavaõ a commerciar àquelle Reyno: deraõ porém conta ao

Mestre do seu designio, que estimou levar taõ bom soccorro, porque era bom Christaõ. Depois de terem padecido no mar tormentas, e em terra dous annos de prizaõ, e outros varios trabalhos, por encobrirem serem Religiosos. Finalmente, quando já a dissimulaçaõ lhe pareceo injuriosa ao estado de Missionarios, confessaraõ serem Sacerdotes, e Prégadores do Evangelho, em cuja confirmaçaõ dariaõ liberalmente as vidas. Foraõ condemnados a morrerem queimados vivos, e juntamente o Mestre do Navio, que os conduzio naquella viagem seguros ao Ceo, e a todos os marinheiros da sua embarcaçaõ. Oppoz-se Joaquim, manifestando ser elle só reo da culpa, por naõ serem sabedores os marinheiros, que eraõ aquelles homens Sacerdotes; e assim naõ deviaõ ser punidos pelo crime, que era só seu, o qual estimava tanto, como caminho que lhe segurava a eterna felicidade. Concederaõ condicionalmente aos pobres marinheiros as vidas, se apostatassem da Fé, o que elles ouviraõ taõ sentidos, que em altas vozes confessaraõ o Nome de JESU Christo, offerecendo com boa vontade as vidas em obsequio da Fé, pela qual foraõ degolados, e os dous Religiosos, com Joaquim queimados vivos, em que animados por auxilio especial, se saudavaõ no cruel martyrio, até que rendidas as vidas nas mãos do Creador, sobiraõ gloriosos Martyres ao Ceo. As suas cinzas colhidas pelos Fieis se guardaõ com veneraçaõ.

Sor Custodia de Jesus, Dom.

F Neste dia, duas Religiosas Dominicas, que em diversos Conventos com glorioso fim deraõ remate às suas virtuosas acções, Sor Custodia de Jesus no Mosteiro da Rosa de Lisboa, de taõ admiravel charidade, que por compaixaõ dos pobres dava tudo quanto possuia, chegando a despir os vestidos inteiros, e descalçarse, só por remediar aos necessitados. Teve grande devoçaõ à Virgem Santissima, a quem recorria nas suas afflições, e em amantes queixas respirava o seu espirito. A esta Senhora pedio toda a vida fosse a sua morte em alguma festividade sua. Adoeceo com enfermidade larga, e custosa, com grandes dores no corpo, que sofria com animo; e depois de bem purificada na paciencia, vendo os Medicos se avisinhava o ultimo termo da vida, a mandaraõ ungir: ouvio a nova com alegria. Disse-lhe huma Companheira, como se achava taõ contente, tendo passado o dia da Assumpçaõ da

Vir-

Virgem; a que prudente respondeo, que o Oitavario ainda era festa sua; e assim se dava por bem despachada.

Sor Branca de S. Francisco, no Mosteiro da Assumpçaõ da Villa de Moura, que exercitando-se nas obrigações do seu estado, com perfeiçaõ acabou a vida, deixando entre as Religiosas opiniaõ de virtuosa. No dia do seu transito, ao tempo, que se lhe fazia o Officio, se ouvio na Enfermaria hum estrondo, que entendeo huma Irmãa Leiga, (devia de ser sua amiga) que era aviso, que lhe fazia Sor Branca: preparou-se para a morte, e conseguio verificallo com felicidade.

Sor Branca de S. Francisco, Dom.

G Em o Convento de S. Simaõ, de Conegos Regrantes, o felice transito de D. Payo Garcia, que vivendo no dito Convento debaixo da Canonical Regra de Santo Agostinho com grande exemplo de vida, foy eleito Prior daquella Casa, cargo, que exercitou com especial edificaçaõ dos subditos. Resplandeciaõ nelle as virtudes, crescendo a taõ subida perfeiçaõ, que conseguio dos homens hum tal respeito, que geralmente era nomeado o *Prior Santo de S. Simaõ.* ElRey D. Affonso Henriques, o estimava com tal veneraçaõ, que se encommendava nas suas Orações. De taõ constante credito de virtude no juizo dos homens piamente cremos conseguio o premio eterno na Celeste Jerusalem.

Dom Payo Garcia, Coneg. Regr.

H No Mosteiro de Nossa Senhora da Ribeira, Diocesi de Lamego, o obito de Fr. Francisco dos Anjos, Confessor deste Religioso Mosteiro, e verdadeiro imitador da pobreza de seu Serafico Patriarca, pois para sempre ser necessitado aceitava menos do que lhe era preciso, e ainda repartia com os pobres, com quem de ordinario comia. Teve huma notavel modestia exterior, que era fiel mostradora da paz, e socego de seu espirito. No seu tempo logrou aquella Communidade hum espiritual Director, e hum admiravel Conselheiro, aonde permanecerá sempre a fama da sua virtude, conservada na memoria daquella Casa, que tanto lhe deveo no augmento espiritual, elevando com a sua direcçaõ muitas almas ao estado perfeito. O Senhor, que achava, que era já tempo de lhe dar o premio, porque a sua alma suspirava, largando as prizões da carne, ficou estendido com os braços em fórma de Cruz, e ainda fez mais prodigiosa a sua morte; porque tendo padecido huma doença de effeitos asquerosos, assim que faleceo exhalava tal cheiro,

Fr. Francisco dos Anjos, Franc.

cheiro, que mostrava na suavidade o poder do Altissimo, sendo taõ sobrenatural, e taõ activa a penetraçaõ, que estando o corpo na Igreja, logravaõ as Religiosas no Coro a fragrancia. A' sua morte concorreraõ dos póvos visinhos innumeravel gente, tratando cada qual de ver se podia conseguir alguma Reliquia, com que satisfazer a sua devoçaõ, que a vozes o appellidavaõ Santo.

Dona Joanna de Albuquerque, Cisterc.

I Neste dia, no Real Mosteiro de Lorvaõ, da Ordem de S. Bernardo, he memoravel a Madre D. Joanna de Albuquerque, a qual de muy pouca idade começou a dar mostras, que o Soberano Senhor a tinha escolhido para sua Esposa, anticipando-lhe a graça nos exercicios da virtude. Era singularmente devota da Virgem Santissima, com o titulo do Rosario, e muy dada à Oraçaõ mental. Com taõ admiraveis principios entrou na Religiaõ, e augmentando-se nas devoções, começaraõ a luzir as virtudes, que conservou até o fim da vida, com maravilhoso aproveitamento da sua alma. Observou com exacta pontualidade a Regra Monastica, que professara, sem nunca quebrar algum dos seus preceitos. Era tal a sua humildade, que já mais se apartou da vontade da Prelada; de sorte, que parecia a resignaçaõ effeito da natureza. Todo o tempo, que lhe restava do Coro, gastava no santo exercicio da Oraçaõ, em que mereceo singulares favores, e em outras devoções, com que recreava, e augmentava o seu espirito; de sorte, que ella era o vivo exemplar das suas Companheiras, ainda daquellas, que viviaõ com a mayor perfeiçaõ. Este theor de vida fez, que o Prelado mayor da Religiaõ a tirasse deste Mosteiro, e a levasse para o que de novo fundara em Lisboa de Religiosas da mesma Regra, mas de mayor rigor, por serem Recoletas Descalças, para que com o seu exemplo se animassem as Companheiras. Aqui padeceo muito o seu espirito, experimentando muitas occasiões, em que se purificou, e se adiantou nos excessos de amar ao seu Esposo, sem que as sequidões, que experimentava na Oraçaõ, fossem motivo, para que afroxasse nos excessos: de tal sorte se profundou na humildade, que mereceo conseguir singulares favores do Divino Esposo. Tinha mudado o appellido de Albuquerque, chamando-se Joanna de Jesus; e em huma occasiaõ estando orando lhe appareceo o Senhor, e lhe communicou aquelle taõ celebre favor, que lemos

mos na Vida de Santa Theresa, pois o mesmo Senhor lhe fez intellectualmente perceber, que se ella era Joanna de Jesus, elle era JESUS de Joanna. Padecia muitos achaques, e taõ repetidos, que a puzeraõ por vezes no fim da vida, e taõ continuados accidentes, e taõ largos, que lhe duravaõ cinco horas; em hum mereceo, que a Virgem Santissima em huma intellectual vizaõ a consolasse, animando-a à perseverança dos trabalhos. As repetidas doenças a obrigaraõ a voltar para o seu Mosteiro, onde viveo depois alguns annos no mesmo theor de vida, merecendo conseguir do Senhor repetidos favores, com que mais se abrazava pelo amar. Era já conhecida a sua virtude, pelo que muitas pessoas se recommendavaõ nas suas orações, e eraõ ellas taõ gratas à Divina Magestade, que sortiraõ felices despachos com grande credito de sua Serva. Finalmente, chegado o ultimo prazo da vida, adoeceo gravemente, e desenganada dos Medicos, com grande resignaçaõ, e gosto, na madrugada do dia de seu Padre S. Bernardo, foy solemnisar no Ceo a sua festa, como ella tinha dado a entender. Assim que deu a alma ao Creador, se vio na sua cella huma taõ grande luz, que pareciaõ reflexos do Sol, mostrando o Ceo com esta maravilha a gloria de que já gozava sua alma. As suas alfayas, por conselho do seu Confessor, se repartiraõ como Reliquias, e com huma experimentou hum homem na mesma terra o premio da fé, com que se valera da sua intercessaõ.

Commentario ao XX. de Agosto.

A FOy D. Jeronymo Osorio, (conforme o nosso Catalogo) XXXVII. em numero dos Bispos do Algarve, que entaõ se costumavaõ assinar de Sylves. Em seu tempo se passou a Sé daquella Cidade para a de Faro, onde hoje permanece. Nasceo na Cidade de Lisboa, e foraõ seus pays Joaõ Osorio da Fonseca, que passou à India por Ouvidor Geral, com o Vice-Rey D. Vasco da Gama, onde servio com valor em todas as acções, que houve no seu tempo, (era filho quarto de Alvaro Osorio da Fonseca, Senhor das Villas de Figueiró da Granja, Santa Eufemia, e outras terras, da nobre Familia de Fonsecas.) Casou com Francisca Gil de Gouvea, filha de Affonso Gil de Gouvea, Criado, e Vassallo do Infante D. Fernando, pay delRey D. Manoel, e Ouvidor das terras do dito Infante, da Familia de Gouveas, e de ambas se faz memoria nos Livros de Gerações deste Reyno. A este taõ nobre nascimento ajuntou o Bispo D. Jeronymo Osorio as virtudes, que temos relatado no Texto, sendo admiraçaõ daquelle tempo; de sorte, que ainda daquelles, que lhe naõ eraõ muy affectos era louvado, pela integridade da sua casta vida, pela fidelidade dos negocios; e porque sendo intrepido nos perigos, se

havia

havia nas adversidades com constancia de animo, que admirava; virtudes estas, que bastavaõ para o qualificar Heroe, quando naõ tivera outras, que fizeraõ gloriosa a sua memoria. O Infante D. Luiz lhe entregou seu filho D. Antonio, depois Prior do Crato, para que lho educasse, como Mestre, depois de o ter sido em Bemfica o Santo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. De sorte o instruîo, que sahio bom Latino, e noticioso das boas letras: mas naõ imitador das virtudes de taõ esclarecidos Mestres. Naquella idade florescente de engenhos sublimes, de todos foy Osorio venerado, escrevendo-lhe Principes, Cardeaes, e outras pessoas de grande cathegoria, ou attrahidos da sua eloquencia, ou das suas Obras. Na sua Igreja se occupava sempre Prégando taõ continuamente, que era chamado o Prégador da Sé. Em presença delRey D. Sebastiaõ o fez algumas vezes, ajuntando à eloquencia natural, singular doutrina, ornada de sagrada erudiçaõ. Naõ escrevia de ordinario os Sermões, e assim se acharaõ muy poucos. Delle he celebre hum do Mandato, pelo artificio. Finalmente, cheyo de gloria acabou nesse dia, no anno de 1580, tendo setenta e quatro de idade. Das suas Obras fez huma Collecçaõ seu sobrinho o Doutor Jeronymo Osorio, Conego de Evora, homem douto, criado em a casa de seu tio, que basta para o suppormos cheyo de virtudes. Estas imprimio em Roma em tres Tomos, no anno de 1592, e dedicou a Filippe Prudente. Contém o seguinte:

No I. Tomo.

De Nobilitate Civili, *lib.* 2.
De Nobilitate Christiana, *lib.* 3.
De Gloria, *lib.* 5.
De Regis Institutione, & *Disciplina*, *lib.* 8.
De Rebus Emmanuelis, *lib.* 12.
Defensio sui nominis
Epistolæ variæ.

II. Tomo.

Admonitio in Epistolam ad Elisabetham Angliæ.
Epistola ad Elisabetham Angliæ Reginam. Esta traduzio em Francez Joaõ Maumont.
In Gualterum Haddonum, *lib.* 3.
De Justitia, *lib.* 10.
De Sapientia, *lib.* 5.
In Epistolam B. Pauli ad Romanos, *lib.* 4.

III. Tomo.

Paraphrasis in Job, *lib.* 3.
Paraphrasis in Psalmos.
Notationes in Paraphrasim in Psalmos.

Além destas Obras compoz outras muitas, de que algumas andaõ impressas, outras manuscritas.

Traduzio em Latim as *Meditações*, que o Cardeal Rey fez à Oraçaõ do Padre Nosso, com outras Homilias, e Meditações do mesmo Principe, e se imprimiraõ em Lisboa, anno 1576, por Francisco Correa.

Breves Annotações, ou *Paraphrasis de Isaias*: era hum huma maõ de papel, e se perdeo em Roma, estando revendo-se para se imprimir, de que naõ ficou copia.

O Psalmo Miserere, por extenso.

Huma Oraçaõ Funebre em as Exequias delRey D. Joaõ o III. que se celebraraõ em Coimbra m.s.

Hum pequeno *Tratado do Reyno do Algarve*, que allega a *Monarch. Lusit.* liv. 2. cap. 13. pag. 140.

Traduzio em Portuguez os *Decretos do Concilio de Trento.*

Fez alguns Epitafios, para as sepulturas Reaes do Convento de Belem. Desejou escrever as Chronicas dos nossos Reys, e seria de grande utilidade, como de seu Author, mas naõ teve effeito.

Muitas Cartas m.s. se conservaraõ nas mãos dos curiosos, entre ellas com grande estimaçaõ, a que escreveo a ElRey D. Sebastiaõ, sobre a jurisdiçaõ Ecclesiastica. Outra ao mesmo Rey, sobre o mesmo negocio, escritas contra Maximo Dias de Lemos, Juiz dos feitos da Coroa. Outra Carta escrita à Rainha D. Catharina, quando quiz ir para Castella. Outra a ElRey D. Sebastiaõ, sobre casar em França. Outra ao Cardeal Rey, sobre o direito da successaõ de que ha muitas copias.

Compoz hum, ou dous Capitulos sobre Ezechiel, e no fim huma Poesia ao Nascimento.

Muitas Obras suas Latinas andaõ impressas em differentes partes, em volumes pequenos.

Muitos Authores o celebraraõ nas suas Obras, Jacobo Falcaõ no seu primeiro liv. Epig. 68; Raynero Mathisi lhe fez em huma Ode hum elegante Elogio; D. Antonio Agostinho, Arcebispo de Çaragoça, e seu Companheiro em Bolonha, Varaõ clarissimo em letras, e virtudes, lhe

lhe fez este breve, e elegante Elogio ao livro *De Gloria*.

Gloria Nobilitatis scriptis celebrat disertis
Clarescunt seculis innumerabilibus.

Seu sobrinho Jeronymo Osorio na sua *Vida*, que imprimio no principio das suas Obras; Antonio Lopes na sua *Vida*; D. Nicolao Antonio *in Bibliotheca Hispanica*; Schotus *in Bibliotheca Hispaniæ*, tom. 3. pag. 528; Franco na *Bibliotheca Lusit.* m. s. o Padre Francisco da Cruz nas Memorias para o mesmo assumpto; Faria *Europa Portug.* no Prologo; Joaõ Matalio, ou Metello, no Prefacio, que fez ao livro *de Rebus Emmanuelis*; Francisco Bacconio *de Augmento Scientiarum*; Francisco Sanches *in Paradoxis*; Matamoros *de Arcad. Doct. Hisp.* Avila *Grandezas de Madrid*, pag. 506; Gaspar Pinto Correa no Prologo do seu livro *Lusitaniæ Captivitas*. Morery *le Grand Dictionaire Historique in verbo Osorio*, faz huma estimavel memoria deste Prelado. D. Gregorio Mayans y Siscar, Bibliothecario delRey Catholico D. Filippe V. Varaõ Erudito, na *Vida do Arcebispo D. Antonio Agostinho*, pag. 104, impressa em Madrid, anno 1734, e outros muitos Authores.

B No anno de 1619, morreo no carcere Diogo, e André, Japões, Companheiros de outros Soldados de Christo, que no mesmo anno acabaraõ ditosamente a vida em obsequio da Fé, de que se lembra o Padre Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, no Imperio do Japaõ, pag. 280.

C Na celebre Villa da Torre de Moncorvo, Cabeça de dilatada Comarca, na Provincia de Tras os Montes, do Arcebispado de Braga, nasceo Fr. Damiaõ da Torre, a quem a Patria deu o appellido, de pays nobres, e tomando o Habito na Capucha da Arrabida, foy hum dos mais graves Religiosos, que ella venera. Faltavaõ-lhe os annos para a authoridade, mas sobrava-lhe a razaõ; e assim animado soube persuadir aos mais a constancia naquella tempestade, em que o odio disfarçado em zelo, como de ordinario succede nas Communidades, depois da morte de seu Fundador, intentou desfazer a Custodia. Constava de tres Conventos sómente; juntaraõ-se os Padres graves no de Palhaes, e já desanimados se davaõ por sugeitos ao que o Commissario Geral determinasse, se Fr. Damiaõ, em quem já reinava aquelle religioso espirito, que depois a continuaçaõ dos annos confirmou na experiencia, lhe naõ estranhara a frouxidaõ, e o quanto sentia vellos esquecidos do que o seu Santo Fundador lhe encommendara na preseverança da refórma. Com taes palavras os animou, que assentaraõ resistir à violencia, que se lhe intentava fazer; e conseguiraõ a quietaçaõ, sendo Fr. Damiaõ verdadeiramente o restaurador da Provincia. Com o tempo veyo a governar, chegando ao lugar mais eminente neste Reyno de Commissario Geral de toda a Religiaõ Serafica, em que os mal contentes lhe fulminaraõ o infortunio já referido, sendo mandado com o nome de prezo, para o Convento de Saõ Joseph, em que lhe naõ faltaraõ motivos para a paciencia, daquelles que imaginaõ fazer a fortuna, pela infelicidade alheya, e que poucas vezes colhem sazonado fruto de semelhantes cuidados. Restituido ao lugar com taõ pleno puder, que bem puderaõ experimentar os seus emulos o merecido castigo das ignominias, e afrontas, com que o trataraõ na adversidade, que experimentou, se a sua prudencia se naõ governara pela virtude, e Religiaõ Christãa. Pouco tempo continuou no Officio, de que voluntariamente se absolveo, com repugnancia do Geral; de que livre se retirou ao Convento de S. Joseph, dando-se de tal sorte à vida espiritual, que dizem as Memorias antigas, que fizera clausura da Clausura, passando em vida taõ recoleta, como se fora Eremita, no mais occulto deserto. Neste estado o achou a morte, da sorte que temos já escrito, no anno de 1594, neste dia. Seu corpo foy acompanhado das Communidades, e levado aos hombros do Duque de Aveiro, do Marquez de Ferreira, dos Condes de Linhares, e Portalegre, a quem depois renderaõ varios Religiosos graves, sendo seguido de hum grande concurso de gente, que acreditavaõ na veneraçaõ o merecimento do defunto. Foy sepultado em S. Joseph, no Capitulo da parte do Evangelho. Deste Padre vimos varias memorias, que tinha junto Joaõ de Brito Mello, para a *Chronica da Provincia*, como tambem o *Memorial da Provincia da Arrabida* m. s. num. 127.

D Na mesma Villa da Torre de

Moncorvo, nasceo Fr. Diogo da Piedade, que tomando o Habito na Provincia da Arrabida, naõ tendo ainda quinze annos, se criou com o exemplo daquelles primeiros Padres, que a ajudaraõ a fundar, de que foy sexto Ministro Provincial, Religioso de grande observancia, e virtude. ElRey D. Sebastiaõ o estimou tanto, que quando hia a S. Joseph o visitava na sua cella, para o ouvir fallar de Deos, o que fazia com especial dom de graça: escrevia-lhe communicando-lhe materias graves, a que ElRey ordenava respondesse, interpondo o seu parecer, no que entendesse importava à sua pessoa, e Reyno, e tudo o que lhe dizia aceitava como de homem desapegado do Mundo. ElRey o levou à jornada de Africa, e ficou doente em Arzila, e se entendeo entaõ ser fatal a sua ausencia, ao tempo que se deu a batalha no Campo de Alcacer, pois lha fizera dilatar para o dia seguinte; porque o ouvia com respeito, e já na jornada mostrara o quanto valia; porque detendo-se ElRey em Cadiz, lhe advertio, que era prejudicial a demora naquelle sitio, e logo a continuou; mas tudo havia de faltar, para que fosse inevitavel a desgraça. Faleceo na Enfermaria de Lisboa, neste dia, do anno de 1584, com geral sentimento da Provincia. Delle faz mençaõ a *Descripçaõ da Provincia da Arrabida*, e outras Memorias m. s. que temos desta Provincia.

E Neste dia de 20 de Agosto, do anno 1499, apportou felizmente no rio de Lisboa o grande D. Vasco da Gama, com dous navios da primeira viagem, e descobrimento da India, e como ao seu coraçaõ, e fortuna, deve a Igreja Catholica, ser elle o que lhe abrio as portas, taõ cerradas até entaõ aos Operarios do Evangelho, de que a Religiaõ Christãa tem tirado taõ gloriosos troféos, de justiça nos pareceo lembrarnos com esta curta memoria do descobridor da India, como origem da gloria Lusitana, que pela introducçaõ dos Missionarios no Oriente, fará sempre estimado o nome dos Monarcas Portuguezes, (e da Sé Apostolica,) em que o zelo permanece do augmento da Fé, naquelle Estado, mais conservado para os Missionarios Apostolicos, do que por conveniencias temporaes. Os gloriosos Martyres deste dia nos trouxeraõ à memoria este insigne Heroe, cujo appellido respeitado no Oriente, será immortal na memoria das Nações Estrangeiras.

Era Fr. Luiz de Flores, Flamengo, natural da Cidade de Anvers, e Fr. Pedro de Zuniga, Hespanhol, Joaquim Firuyama, Mestre do Navio Japaõ, e os marinheiros naturaes da mesma Ilha. Naõ he razaõ, que estando os seus nomes escritos no livro da vida, deixem de serem neste nomeados. Leaõ Suqueyemon, Joaõ Joyemon, Miguel Dias Portuguez, Marcos Ximiemon, Thomé Coyanagui, Antonio Yamanda, Jacobe Denii, Lourenço Rocuyemon, Paulo Sankichi, Joaõ Mangata, Joaõ Yago, Bartholomeu Mosioye. Todos quinze foraõ martyrizados no anno de 1622, de que se lembra Soveges no *Anno Dominico*; Lima no *Agiologio*; o *Anno Dominico*, feito por hum Terceiro da Ordem, todos neste dia; o Padre Cardim no 19, a pag. 285; a *Chron. das Filip.* liv. 2. cap. 18, e 19.

F Em este dia, como temos dito, faleceraõ Sor Custodia no anno de 1580, no Mosteiro da Rosa; e no de Moura, no de 1598, Sor Branca, irmãa de Sor Jeronyma de S. Joaõ, de quem escrevemos a 20 de Julho. Dellas fazem mençaõ Sousa na *Historia de S. Domingos*, part. 3. pag. 105, e part. 2. pag. 475; Lima no *Agiologio da Ordem*, neste dia; Soveges no *Anno Dominico*, a 22 de Julho.

G No Arcebispado de Braga, no Julgado de Faria, termo de Barcellos, está situado o Convento de S. Simaõ da Junqueira, meya legoa distante de Villa do Conde, entre os rios Ave, e Deste. Entre os Conegos antigos, que habitaraõ este Convento depois da Refórma, se conservou tradiçaõ, que passou às suas Chronicas, que já existia este Convento antes da perda de Hespanha. A D. Payo Guterres, chama o Conde D. Pedro no seu Nobiliario tit. 55, Fundador do dito Mosteiro, e o mesmo segue o Doutor Fr. Antonio Brandaõ na III. Parte da *Monarch. Lusit.* liv. 8. cap. 30. pag. 57: entendemos, que o reformaria de novo, e por isso se lhe daria o Padroado, e se lhe chama Fundador do Mosteiro de S. Simaõ da Junqueira, (e o foy do de Souto, e do de Vilella) porque consta ser mais antigo, como mostra o Chronista dos Conegos Regrantes D. Nicolao, na sua *Chron.* part. 1. liv. 6. cap. 11, e assim

nos

nos parece, que D. Payo Guterres; porque o accrescentou em rendas, e edificios, ficou tido por Padroeiro, e assim o lograraõ com este titulo seus descendentes, já com o titulo de Cunha, taõ illustrado em Portugal, e Castella, que fizeraõ huma notavel doaçaõ no anno 1180, ao Prior D. Payo Garcia, que faleceo neste dia, do anno de 1190, como diz o Epitafio da sua sepultura, que está na parede do Altar de Santo Agostinho, e he o seguinte:

XIII. Kal. Septemb. obiit in Domino Venerab. P. D. Pelagius Garcia Prior hujus Monasterii, Æra 1230.

H Naõ chegou Fr. Francisco dos Anjos a dar fim ao triennio de Confessor do Mosteiro de Nossa Senhora da Ribeira; porque succedeo a sua morte neste dia, do anno de 1616, como refere Soledade na III. Parte da *Historia Serafica*, liv. 2. cap. 28. pag. 244.

I No Lugar de Moima, do qual já fizemos mençaõ no Commentario do dia 22 de Julho, letra M, de D. Sebastiana de Albuquerque, Religiosa do mesmo Mosteiro, que pelo appellido, e por ser da mesma terra, entendemos seria sua parenta D. Joanna de Albuquerque, de quem as Memorias, que seguimos nos naõ daõ mais conhecimento, do que serem seus pays devotos, e pios. Queriaõ muito a esta filha, pela verem inclinada à virtude, e assim a encaminhavaõ em exercicios santos; até que tomando o Habito em Lorvaõ, se augmentou de sorte no espirito, que deixou naquella Casa huma admiravel opiniaõ da sua vida, e de especiaes favores, com que Deos enriqueceo a sua alma. Della se conta, que estando o Coro impedido com obras, rezava a Communidade na Casa do Capitulo, a quem ella por enferma naõ podia seguir, e hia para a tribuna da Igreja a rezar o Officio Divino, e neste lugar lhe appareceo o Senhor, dizendo-lhe: *Aqui venho comtigo aliviar as saudades da minha Communidade, e te ordeno, que a este lugar venhas rezar sempre.* Em se levantando pela manhãa, a primeira deligencia era visitar o Santissimo Sacramento, à grade em que se communga va, e com profunda humildade, e coraçaõ sincéro dizia estas palavras: *Huma esmolinha da sua graça:* e ao mesmo tempo sahia do Sacrario huma figura branca, que aos olhos representava ao modo de borboleta, e lhe entrava na boca, como referio o Doutor Fr. Antonio da Conceiçaõ, seu Confessor, querendo Deos pelos seus impenetraveis segredos, mostrar o quanto se agradava desta sua Serva. Ainda que aos olhos dos criticos pareceráõ estes favores dilirios da imaginaçaõ, de quem os recebia, e absurdos das pennas daquelles que os escrevem, com tudo nós o naõ quizemos omittir; porque na *Historia Ecclesiastica* o vemos acreditado com muitos exemplos; porque saõ imperceptiveis os segredos, com que Deos anima, e favorece os seus escolhidos, servindo-se de figuras proporcionadas à nossa idéa, para ser adorado. A virtuosa vida desta Serva de Deos, como temos dito, a inculcou para que no anno de 1659, a mandasse o Prelado para o Mosteiro das Descalças do Mocambo, onde servia com grande consolaçaõ àquellas Religiosas; porém como padecia graves achaques, e naõ havia criadas na Communidade, sentia o descomodo, que causava às Companheiras, e este foy o motivo, porque voltou para Lorvaõ, onde faleceo santamente no anno de 1681, como referem as Memorias, que temos deste Real Mosteiro.

AGOSTO XXI.

Fr. Antonio da Natividade, Fr. Antonio da Paixaõ, e Fr. Doming. do Nascimento Eremitas, e 152 Comp. MM.

A M Mombaça, na Ethiopia Oriental, o glorioso certame dos Illustres Soldados de Christo, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, Fr. Antonio da Natividade, Prior que entaõ era do Convento de Santo Antonio daquella Feitoria, Fr. Antonio da Paixaõ, e Fr. Domingos do Nascimento, os quaes recolhendo dentro do seu Mosteiro muitos Christãos, que pertenderaõ impedir a aleivosa acçaõ do Apostata Rey D. Jeronymo Chingala, defendendose por alguns dias. Soube o Prior, que com hum assalto se intentava entrar no Mosteiro; forçando as portas voluntariamente, as mandou abrir, e com hum Crucifixo nas mãos, exhortou a todos, a que dessem as vidas por quem os havia remido; e com admiravel fortaleza animando a todos, foy o primeiro, que deu a vida, acompanhando-o o Irmaõ Diogo da Madre de Deos Mantelato, Eremitaõ da Ermida de Nossa Senhora das Merces. Neste numero entrou D. Antonio, natural de Melinde, primo do Apostata Rey, que com animo resoluto quiz com o seu sangue testimunhar a firmeza da Fé, que professava, o qual depois de passado com settas, foy degolado pelo impio D. Jeronymo, seu primo. Todos os mais, que alli venturosamente se acharaõ, que fariaõ numero de cento e cincoenta e dous, foraõ mortos pelos Cafres Muzungalos com cruel inhumanidade, sem excepçaõ de sexo, nem idade; porque assim homens, como mulheres, moços, e meninos, eraõ victimas da tyrannia, acabando atravessados das settas, a que elles chamaõ Zagaias, e desta sorte foraõ coroados de Martyrio, dando as suas vida ao odio, que o Tyranno Apostata tinha à Fé, que elles fizeraõ gloriosa neste dia: e depois passados cinco mezes, se achou incorrupto o corpo de Fr. Antonio da Paixaõ, sendo exposto a mantimento das féras, e das aves, que por altissimo decreto da Providencia Divina, o naõ tocaraõ, para que fosse mais manifesta a gloria do Senhor.

Ursula, M. Japoa.

B Em Ximabura, no Japaõ, o invencivel triunfo de Ursula, que depois de ter padecido o cruel tormento das aguas ferven-

ferventes de Ungem, que a crueldade Japonica inventou para terror dos Christãos, e afflicaõ dos Martyres, subio gloriosa ao Ceo, coroada da invencivel palma, com que venceo aos impios tyrannos, a qual lhe durará immarcessivel por toda a eternidade.

C Item em Deva, no mesmo Imperio, acabou consumida dos trabalhos no carcere Isabel, sem outro crime, que o ser Christãa; e sendo preza com aperto, nem o horror da morte, que via executar nos seus naturaes, e conhecidos, lhe diminuiraõ a constancia, para perseverar na Fé, que tinha recebido com o bautismo; nem as fomes, e sedes, que sofria lhe alteravaõ a paciencia, até que rendido o debil da natureza ao rigor da impiedade, acabou em o Senhor.

Isabel, Jap.

D Em S. Paulo de Goa, rendeo os ultimos alentos da vida temporal pela gloria eterna, o Padre Balthazar Dias, da Companhia de Jesu, em quem o zelo da prégaçaõ era com tanta vehemencia, e impeto de espirito, que algumas vezes quebradas as forças, era preciso levallo do Pulpito ao cubiculo nos braços; porque de cansado desfalecia de sorte, que naõ podia dar hum passo pelos seus pés. Em Goa reduzio a melhor vida a muitas mulheres publicas daquella Cidade com admiraveis conversoens, tomando humas o estado de casadas, outras voluntariamente se desterraraõ para fóra da Cidade, seguindo o caminho da penitencia. Acodiaõ os Gentios movidos da sua fama a ouvillo, e algumas vezes succedeo, que illustrados da Divina Graça, pediaõ em alta voz o Bautismo, detestando a idolatria. Foy mandado por Superior da residencia de Malaca, e como já era conhecido pelo seu zelo, o receberaõ, como se fosse o Apostolo do Oriente; mas a sua humildade sabia rebater toda a acclamaçaõ, com que os póvos o reverenciavaõ, chamando-lhe o *Padre Santo.* A esta Cidade concorrem de todas as Nações, e seitas do Oriente, gentes, levadas da ambiçaõ do commercio, que como de porto franco, se repartem por todo o Mundo. Com o pretexto de negocear passavaõ aqui disfarçados em Mercadores, Ministros de Mafamede, espalhavaõ os torpes abusos do abominavel Alcoraõ. Com este industrioso disfarce em pouco tempo conseguiraõ seguir os seus erros hum grande numero de Ilhas, fazendo-selhes odiosa a Ley de Christo, e a Naçaõ Portugueza. Passavaõ

P. Bartholomeu Dias, da Comp.

nas

nas nossas embarcações estas zizanias do Evangelho, e pode o zelo do Padre Balthazar Dias alcançar, que se promulgasse huma Ley, para que nos navios Portuguezes se naõ desse passagem a Malaca, a nenhum Mouro, Arabio, ou outra qualquer Naçaõ. Nesta Cidade reduzio muitas almas ao conhecimento de JESU Christo; bautisando a muitos, augmentou o rebanho da Igreja; porque tanto trabalhou desejando passar às Ilhas, o Ende mayor, e Solor; mas os frutos, que nellas naõ pode conseguir, colheo em Malaca. Ensinava os meninos, sendo pay dos orfaõs, e desamparados, assim brancos como pretos; converteo muitos Gentios; doutrinava aos Christãos, que esquecidos da Religiaõ Christãa, viviaõ taõ dissolutos em vicios, que se assemelhavaõ aos barbaros. O seu exemplo, e doutrina os emmendou da devassidaõ lasciva, que com a abundancia dos regallos, corria solta por Malaca. Trabalhou muito com os Mercadores da Cidade, para nos seus contratos os reduzir à equidade, livrando-os das usuras, em que a ambiçaõ os trazia enganados. Neste theor de vida perseverou em Malaca quatro annos, até que sendo chamado a Goa, viveo onze annos com o mesmo exemplo, de que tirou para Deos muita gloria, que foy receber em premio eterno.

Sor Brites Velha, Domin.

E Na Villa de Abrantes, o falecimento de Sor Brites Velha, que entrando com sua mãy Guiomar Velha no Mosteiro de Aveiro, da Ordem de S. Domingos, foy verdadeira filha das suas virtudes: de taõ admiravel vida, que mereceo com grande extremo a affeiçaõ da Princeza Santa, quando entrou naquella Casa; testemunho, que qualifica a sua perfeiçaõ, cahir em graça a hum espirito taõ claro, e puro. Quando El-Rey mandou sahir da Villa de Aveiro a Princeza por causa da peste, huma das Religiosas, que escolheo para a acompanharem, foy Sor Brites, em quem a virtude era o iman da Princeza, com tal estimaçaõ, que morrendo em Abrantes, recolhida a Aveiro, fez trasladar o seu corpo àquella Casa, mostrando com aquella memoria a veneraçaõ, que tinha a esta Religiosa.

Com-

Commentario ao XXI. de Agosto.

A NO anno de 1630, neste dia, foraõ lograr da Gloria, os venturosos Soldados de Christo, Fr. Antonio da Natividade, Prior do Convento dos Eremitas de Mombaça, natural de Lisboa, tinha tomado o Habito no anno de 1610; Fr. Antonio da Paixaõ, natural de Aldea Galega da Merciana, que entrou na Religiaõ no anno 1599; e Fr. Domingos do Nascimento, natural da Villa de Medello, Bispado de Lamego, no anno de 1620, todos filhos da Congregaçaõ da India. Na aleivosa acçaõ, que deixámos escrita no dia 16, do impio Apostata D. Jeronymo, participaraõ os Padres, e cento e cincoenta e dous Companheiros, cujos nomes se escreveraõ no livro da vida eterna, como he de crer, por serem mortos em odio da Fé, de que se fez hum processo authentico, que se remetteo à Santa Sé Apostolica. Em o anno de 1631, quando o Vice-Rey do Estado mandou huma Armada àquella Praça, se achou o corpo do Padre Fr. Antonio da Paixaõ, na fórma que temos dito. O referido tirámos de huma Relaçaõ m. s. que da India nos mandaraõ. Delles se lembra Fr. Antonio da Purificaçaõ na *Chronol. Monastica*, neste dia; e Albergaria no *Triunfo da Nobreza* m. s. pag. 85.

B No anno de 1628, padeceo o cruel martyrio das aguas, Ursula, mulher de Joaõ Magasuke, que com o mesmo tormento acabou a 2 de Outubro. Assim o refere o Padre Cardim no *Tratado dos Martyres do Japaõ*, pag. 306.

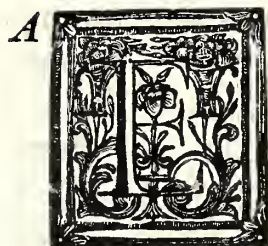
C De Isabel, mulher de Joaquim Omi, morta no carcere, neste dia, do anno de 1624, nos dá noticia o Padre Cardim, no já citado livro, pag. 297.

D Em a Armada, que no anno de 1553, partio do porto de Lisboa para Goa, se embarcou o Padre Balthazar Dias, Coadjutor espiritual da Companhia, de quem naõ sabemos Patria. No anno seguinte o nomeou por seu Vigario o Padre Belchior Nunes, que pelas Missoens do Japaõ, largou o ser Provincial da India, como dissemos a 10 deste mez. Declarou-se por nulla a eleiçaõ, que largou com modestia, e humildade, como quem por obediencia aceitara o Officio, de que desambaraçado se empregou no bem das almas, prégando com tanto applauso, como proveito dos ouvintes, assim nobres como plebeos, acodindo em tanto numero, que naõ cabendo nas Igrejas, lhe era preciso prégar nos Adros, e muitas vezes na semana de manhãa, e tarde. Era de hum animo candido, de conversaçaõ agradavel a todo o genero de gente, attrahindo com a benevolencia o coraçaõ de todos, que tiravaõ do seu trato familiar igual fruto, que da prégaçaõ. Foy venerado em Malaca como Santo, cujas gloriosas obras lhe seguraraõ a vida eterna, como piamente cremos, neste dia, do anno de 1571, como diz Sousa no *Oriente Conquistado*, Conq. 3. Disc. 1. §. 39. pag. 316; Telles na *Ethiopia Alta*, liv. 2. pag. 150.

E Pelos annos de 1580, succedeo a morte de Sor Brites Velha, de taõ excellentes procedimentos, que mereceo as attençoẽs da Princeza Santa Joanna, que só estimava a virtude. Della se lembra Soveges no *Anno Dominicano*, neste dia; Sousa na *Historia de S. Domingos*, part. 2. liv. 4. cap. 13. pag. 381. vers.

AGOS-

AGOSTO XXII.

O P. Nuno Ribeiro, M. da Comp.

A A Ilha de Amboino, acabou, naõ sem gloria de Martyr, o Virtuoso Padre Nuno Ribeiro, da Companhia, Varaõ Apostolico, escolhido para esta empreza por S. Francisco Xavier, e de Malaca o mandou só a esta Ilha, donde sendo grande o trabalho, foy glorioso o fruto. Derribou idolos, destruîo pagodes, levantando a Jesu Christo verdadeiros cultos, allumiando as almas com a luz do Evangelho, as tirava das horriveis sombras da idolatria, pois pelas suas mãos bautisou em hum anno duas mil e oitocentas e seis pessoas. Era excessivo o trabalho, porque naõ só ensinava aos Indios, mas aos Christãos Portuguezes instruîa, encaminhando a todos com paternal amor: pela sua admiravel vida, e excessiva charidade, o respeitavaõ como remedio universal. Muitas vezes se chegou a despir, para soccorrer os necessitados, ficando por algumas só com huma manta, e desta sorte caminhava a visitar as povoações, succedendo-lhe algumas vezes ser com grande falta de saude, naõ reparando nos trabalhos proprios, pelo bem daquelles de que se tinha encarregado. Sustentava-se de ordinario com raizes do campo, e poucas com arroz, ou milho. Naõ queria nada desta vida, e por isso naõ buscava pessoa de que houvesse de receber beneficio, senaõ a quem elle houvesse de fazer esmola, ou outro algum bem temporal. Estas virtudes o faziaõ naturalmente amado assim dos Portuguezes, como dos Indios, crescendo o respeito, e veneraçaõ, pelo dom de profecia, com que lhe annunciava os casos futuros. Hum dia vendo-se a Ilha accommetida dos Mouros, e já sem esperanças dos moradores, por ser grande a Armada, com que era ameaçada, e quasi chegado o tempo do desembarque, faltos de animo os seus habitadores, choravaõ sem remedio a escravidaõ, esperando por horas serem cativos dos Mouros. Nesta tamanha afflicçaõ, o Padre Nuno com animo placido, e quieto, lhe disse, que naõ se desanimassem, porque em Deos tinhaõ seguro soccorro; porque os Mouros voltariaõ, mas naõ com tanta prosperidade, como a com que alli chegaraõ. Entrou a Armada no porto

com

com grande satisfaçaõ dos Mouros; e quando entenderaõ, que só com a sua vista tinhaõ rendido a Ilha, se lhe levantou de improviso hum temporal rijo, que acabou em huma taõ grande tormenta, que chocaraõ os navios huns com os outros, despedaçando-se muitos pelo impulso dos ventos, naufragaraõ miseravelmente, sendo poucos os que se puderaõ desembaraçar daquelle perigo, fugindo do porto. Com esta providencia do Ceo, ficaraõ livres os Insulanos, em que crescia a estimaçaõ de seu Protector. Esta veneraçaõ, que fazia publica a sua virtude, era estimulo, para dos Mouros ser perseguido. Em huma occasiaõ lhe deraõ veneno, que permittio Deos lhe naõ fizesse damno; em outra lhe puzeraõ fogo na sua pobre casinha, para nelle perecer abrazado, de que o Altissimo com a sua providencia o livrou. Em outra occasiaõ escapou das mãos destes inimigos do Nome de Jesu Christo, fugindo em hum barco, taõ pouco seguro, que submergido, se livrou do mar com grande trabalho a nado, e taõ maltratado dos golpes dos penhascos, que ferido o corpo todo, tomou terra taõ rendido do naufragio, que naõ tinha forças para se ter em pé, e assim andou tres dias arrastando-se pela terra, em hum campo deserto, até que a Divina Providencia lhe deparou hum homem, que compadecido da sua miseria o levou a huma povoaçaõ de Christãos, onde se recobrou do trabalho. Naõ foy esta só vez a que naufragou este verdadeiro imitador do Apostolo das Gentes, pois com elle podia dizer, que tres vezes padeceo naufragios, que na terra supportou perigos; de sorte, que por elles veyo acabar a vida. Tendo em dia da Assumpçaõ celebrado o Santo Sacrificio da Missa com grande jubilo da sua alma, lhe deraõ no comer hum taõ fino veneno, que quebradas as forças, com dores, e ancias mortaes, se lhe accendeo huma ardente febre, e sem embargo de reconhecer, que naõ podia resistir ao mal, naõ se diminuio o zelo da salvaçaõ das almas, por cujo amor morria. Desta sorte nos braços de seus amados Neophitos, era levado como outro Evangelista, a visitar as povoações visinhas. Alentavaõ-se todos com a sua presença; elle os animava à perseverança da Fé, a seguir a virtude, e fugir dos vicios. No setimo dia atormentado da queixa, que sofreo com admiravel paciencia, resignado todo na disposiçaõ de Deos, abraçado com hum Crucifi-

xo, dando a alma nas suas mãos, foy a gozar do premio dos seus trabalhos entre os Apostolicos Varoens da Militante Igreja na Celeste Jerusalem.

O P. Manoel Martins, da Cõpanhia.

B Item em Tricherapali, na India Oriental, deu com suave morte fim admiravel às fadigas do Evangelho outro insigne Missionario da Companhia, o Padre Manoel Martins. Foy Maduré o theatro dos seus trabalhos por trinta annos continuados, em que padeceo pela Fé immensos discommodos, caminhando a pé descalço largas jornadas, sendo quatro vezes prezo pela prégaçaõ do Evangelho; duas açoutado taõ tyrannamente, que o sangue rompeo por varias partes do corpo, de que lhe durou por muito tempo, naõ só as cicatrices, mas o rosto denegrido; quatro vezes desterrado, exposto publicamente à zombaria insolente do povo, com huma corda ao pescoço, de que pendiaõ pedras, com que a sua paciencia lhe levantava padroens à eternidade, servindo este espectaculo de admiraçaõ aos mesmos Gentios, vendo a alegria com que supportava as injurias. Naõ houve contratempo, que lhe alterasse o animo; porque com rosto sereno, superior aos trabalhos, e mortificações, sem mudança na voz, nem semblante, sempre era o mesmo. Era muy dado à Oraçaõ, em que preseverava por largo tempo; nella foy visto levantado da terra, e suspendido no ar, recebendo Celestes favores, com que se alentava a seguir sua vocaçaõ. Em taõ largos annos, que durou esta Missaõ, se houve com tal abstinencia, que nunca comeo carne, nem peixe, e se póde dizer fez hum continuado jejum, succedendo-lhe por muitos dias, naõ comer mais que huma pequena porçaõ de paõ de milho. Em todos estes trinta annos se naõ despio, só se foy para mudar por decencia da modestia os vestidos. Nunca teve outra cama senaõ a terra fria, passando taõ desacommodadamente as doenças, e febres, com que o Senhor acrisolava a sua paciencia, e fazia admiravel a sua virtude. Os dilatados caminhos, que emprendia o seu espirito, fazia a pé, sem que houvesse dia algum, que com asperas disciplinas naõ maltratasse o seu casto corpo, sem que o cansaço, ou trabalho da jornada o dispensasse deste exercicio. Teve huma condiçaõ branda, e benigna, como ornada de immensa charidade. Nenhuma pessoa lhe pareceo nunca pezada com o seu negocio, nem se negou para a servir no que pudesse.

Aquellas

Aquellas mesmas cousas, que eraõ precisas para o seu uso, dava liberalmente aos pobres, desejando só elle ser o necessitado. Edificou cinco Igrejas, onde instruindo o rebanho, que ajuntara à Igreja Catholica, se exercitavaõ em obras dignas do agrado de Deos. Conseguio pelo seu zelo abraçarem muitos Gentios a doutrina do Evangelho. Finalmente, depois de taõ immensos trabalhos acabou de huma febre aguda. Tres dias continuos esteve com os olhos postos em Christo crucificado, e com os braços em Cruz, com repetidos actos de amor de Deos; em hum, sem outra alguma agonia, se foy a gozar da eternidade.

Irm. Pedro Marques, da companhia.

C Neste dia, acabou victima da charidade o Irmaõ Pedro Marques, Coadjutor temporal da Companhia, servindo aos empestados, em cujo obsequio entregou com gosto a saude pelos servir, e sendo ferido do mesmo mal, deixou de seu exemplo assignalada memoria.

D. Hilariaõ Brandaõ, Cóneg. Regr.

D No insigne Convento de Santa Cruz de Coimbra, o falecimento de D. Hilariaõ Brandaõ, Conego Regrante de Santo Agostinho, Religioso douto, e grave, consummado no estado da perfeiçaõ Religiosa, que observou com pontualidade nas obrigações do seu Instituto, por ser muy dado à vida espiritual. Foy Prior do Mosteiro de S. Vicente de Lisboa, e Visitador Geral daquella Religiaõ, Officios, que exerceo com grande authoridade, inteireza, e exemplo: pelo que deixou naquella Congregaçaõ venerado nome.

Sor Elvira da Annunciaçaõ, Domin.

E No Mosteiro de Nossa Senhora da Saudaçaõ de Montemôr o Novo, durará sempre a memoria de sua virtuosa Prelada Sor Elvira da Annunciaçaõ, cargo que exercitou doze annos, procedendo com inteireza na observancia, com amor, e affabilidade para as subditas, e em tudo o mais com religiaõ, e virtude; de que nasceo ser geralmente bem aceita, por se respeitar como Prelada, e amar como Mãy. Era indispensavel nas horas que tinha determinadas para a Oraçaõ; por mais negocios, que lhe sobreviessem, nunca faltou a cumprir com este santo exercicio. Toda a vida rezou o Psalterio inteiro, às sestas feiras diante do Santissimo, de joelhos, à honra da sagrada Paixaõ, de que era devotissima: eraõ infinitas as lagrimas neste dia, na consideraçaõ das afrontas, que o bom Jesu padecera, pelo que punha grande cautella no fallar, affirmando,

que seria muy consolada, se em semelhante dia morrera. Purificou Deos a sua alma com hum purgatorio de dores; era taõ grave a enfermidade, que a deixou aleijada, na aleijaõ hum continuado penar; mas taõ resignada, que a sua paciencia a fazia mais admiravel. A's quatro horas da manhãa tinha por costume pedir a ajudassem a levantar, o que era bem à sua custa, por serem excessivas as dores, e se punha em Oraçaõ até às seis. Sabendo, dias antes, o da sua morte, se apparelhou pedindo os Sacramentos, que recebeo com devoçaõ. Fez às Religiosas huma Pratica, que compungia, e admirava aos Religiosos, que lhe assistiaõ. Tardou-lhe tres dias a hora, que esperava, e em todas ellas se lhe naõ ouvio mais que louvores a Deos, em Hymnos, e Psalmos, ou cantados, ou rezados; e pronunciando o Responso de seu Padre S. Domingos em alta voz *O spem miram*, foy acompanhallo na Gloria, em huma sesta feira, como toda a vida desejara.

Sor Joanna Correa, Domin.

F Em Nossa Senhora do Paraiso de Evora, a saudosa memoria da Madre Sor Joanna Correa, Prioressa deste Mosteiro, que o seu espirito subio à perfeiçaõ religiosa. Teve principio em Recolhimento de grande edificaçaõ, acodindo à sua fama algumas mulheres bem inclinadas, que desejavaõ viver retiradas do Mundo; entre ellas foy Joanna Correa, de muy nobre qualidade por sangue, e parentes; adiantou esta entrada muito a Casa em reputaçaõ, e credito. Era dotada de bom entendimento natural, e tinha-lhe o Senhor communicado huma grande luz, que a obrigava a desejar efficazmente servillo em estado perfeito. Venceo o tempo com o seu cuidado, e industria, passarem de Recolhidas a Religiosas de S. Domingos. Foy a segunda Prelada deste Mosteiro, que governou com religiaõ, zelo, e exemplo, sendo taõ notoria a sua vida, que hindo ElRey D. Manoel ouvir hum dia Missa a esta Casa, pelo que lhe tinha dito della D. Alvaro da Costa, seu Valido, e Camareiro môr, que com larga maõ concorria para a obra, sendo naõ só conselheiro das obras de pedra, e cal, mas muito mais do espirito. Fallou ElRey com a Prioressa, e com palavras de muita honra lhe disse o conceito, que tinha da sua virtude, ao que era obrigada pelo seu sangue, que pelo que lhe tocava lhe naõ faltaria nada, para o fim que desejava, e que sempre folgaria de lhe fazer merce. Naõ quiz a Prioressa

per-

perder taõ boa occasiaõ; pedio por merce a ElRey, que em quanto tardavaõ as licenças de Roma, mandasse ao Provincial dos Prégadores, lhe enviasse logo alguns Religiosos Observantes, para as instuîr, e governar na fórma das suas Constituições. Ao que ElRey naõ deferio, mas com benignidade respondeo, que onde estava a prudencia, e zelo de Joanna Correa, naõ havia necessidade de reformaçaõ, nem de outro governo; e por tanto era sua vontade, e assim o mandava, que ella fosse a Mestra, e Governadora: tal era o conceito, que a sua virtude tinha adquirido, justamente merecido de huma vida inculpavel, pela qual foy gozar neste dia o premio sem fim.

G Item no Mosteiro de Abrantes, da mesma Familia, Sor Margarida de Saõ Miguel, Freira Conversa, em quem se admirou o extremo da charidade, taõ compassiva com as doentes, principalmente das que padeciaõ dores, que parecia, que todas as alheyas eraõ suas: de tal sorte as sentia, que era precisa a consolaçaõ, e remedio. Este amor do proximo a fez trinta annos Enfermeira, ficando em tradiçaõ, que esta charidade ornava com hum dom, que mais parecia do Ceo, do que natural; porque em fallando de Deos penetrava os corações, sendo mayor a admiraçaõ, naõ sabendo ler, allegava sentenças da Escritura, e dos Santos Padres, taõ bem pronunciadas, como applicadas; mas a quem conhecia a sua vida, naõ causava espanto; porque era na Oraçaõ perpetua, de taõ extraordinarias penitencias, que quando a amortalharaõ, lhe acharaõ huma cadeya de ferro cingida. Vivia em huma continuada saudade do Ceo, e assim algumas vezes se lhe ouviaõ gemidos do intimo do coraçaõ, que a arrebatavaõ em desejos de se ver na presença de Deos. Quando adoeceo da enfermidade, que a levou, fez-lhe festa como outrem pudera à saude. Cresceo o mal, e passou a hum purgatorio de penas, que ella conhecendo ser o caminho de se lhe abreviar a vida, dizia com rosto alegre: *Tantos saõ os bens, que espero, que nos males me deleito.* Assim cheya de paciencia, e esperança, depois de pedir perdaõ às Religiosas do mal que as servira, chegando àquellas palavras *Surge, propera amica mea, & veni*, soltando a alma as prizoens da mortalidade, se foy em paz, como chamada pelo Divino Esposo.

Sor Margarida de Saõ Miguel Dominica.

Em

Leaõ Kitâ, M. Japaõ.

H Em Arima, no Japaõ, testemunhou com o seu sangue a infallivel verdade da nossa Santa Fé, hum valeroso Soldado de Christo, por nome Leaõ Kitâ, que por confessar ser Christaõ, foy degolado, comprando pela vida temporal o premio da eterna, entrando na Gloria coroado do Martyrio.

Sor Isabel do Paraiso, Dom.

I No Mosteiro de Santa Catharina de Evora, da Ordem de S. Domingos, a Madre Sor Isabel do Paraiso, de tanta observancia, e consciencia taõ pura, como quem abraçou a Religiaõ em tenra idade, sem nenhuma noticia do Mundo. Vivia no mais florido tempo da idade, com boa disposiçaõ, e sem achaques, quando declarou às Companheiras, que lhe naõ tardaria a morte, assinalando o dia. Confessou-se geralmente com o Padre Fr. Aleixo, pessoa de grande espirito, o qual depoz depois da sua morte, que nunca peccara mortalmente: succedeo esta no dia apontado, deixando com este sinal hum testemunho mais à veneraçaõ das Religiosas, que piamente da sua vida inferiaõ a sua gloria.

Dona Isabel de Noronha, cisterc.

K No Cisterciense Mosteiro de Lorvaõ acabou a vida D. Isabel de Noronha, de esclarecida Familia, e sendo no seculo Illustre, o soube ser ainda mais na Religiaõ, servindo de clarissimo espelho da perfeiçaõ Religiosa àquella estimada Communidade, que continuamente edificava com a sua humildade, e com diversos exemplos de mortificações. Foy Prioressa nove annos, recuzando a sua humildade o lugar de Abbadessa, para livremente se poder occupar em todos os mais empregos da Communidade. Era observante em todas as obrigações do seu Estatuto, a que satisfazia com perfeiçaõ; muy dada à Oraçaõ mental, na qual perseverava a mayor parte do dia, ajuntando a este quotidiano exercicio rigorosas penitencias, e neste theor de vida continuou, até que partio a lograr da Bemaventurança.

Com-

Commentario ao XXII. de Agosto.

A GRande fruto colhido em pouco tempo foy o do Padre Nuno Ribeiro: embarcou na Armada, que sahio do porto de Lisboa a 8 de Abril de 1546, que governava Lourenço Pires de Tavora, Capitaõ môr; os Capitães das de mais naos, Joaõ Rodrigues Passanha, D. Joaõ Lobo, Fernaõ Alvares da Cunha, D. Manoel de Lima. Os Companheiros desta Missaõ eraõ os Padres Francisco Pires, Affonso Cypriano, de que a 31 de Julho fizemos mençaõ, Francisco Henriques, e Henrique Henriques, todos Sacerdotes; e para o serem a seu tempo, Nicoláo Nunes, Adaõ Francisco, Balthazar Nunes, e Manoel de Moraes, moço, que depois de ter servido na Costa da Pescaria com admiraveis obras, lhe faltou a constancia para perseverar na Companhia. Começou o Padre Nuno a dar logo naquella Missaõ mostras da sua grande religiaõ, e zelo das almas; naõ tinha mais assistencia de hum mez na Costa da Pescaria com o Santo Xavier, quando só do seu talento fiou a empreza de Maluco, e Amboino; e quando dos progressos desta Missaõ naõ tiveramos as noticias, que temos escrito, só a escolha podia acreditar o seu talento, e espirito. Foraõ grandes os trabalhos, e as perseguições dos Mouros, de tal sorte sentidos, de que hum só homem bastasse para fazer taõ crua guerra ao seu Profeta; e assim por vezes lhe quizeraõ tirar a vida, até que ultimamente o conseguiraõ, coroando a sua Apostolica Missaõ com a laureola de Martyr, alcançada pela violencia do veneno, com que foy despojado da vida, no anno de 1549, deixando della memoria santa. Delle fazem mençaõ o *Menelogio da Companhia* m. s. Nadasi *Annus Dierum Memorabilium*; Gerardi no seu *Diario*, todos neste dia; Orlandino *Histor. Societ.* liv. 7. num. 82, e liv. 9. num. 121; Rutilio Benzonio *de Jubileo*, liv. 1. cap. 11; Eusebio *Firmamento Religioso da Companhia*, pag. 493; Sousa *Oriente Conquistado*, part. 1. Conq. 3. Disc. 2. pag. 405; o Padre Luiz de Gusmaõ *Historia das Missões*, liv. 2. cap. 25; Guerreiro *Elogio dos que morreraõ pela Fé*, cap. 18. pag. 285; o Padre Gerardo Montano na *Centuria dos Martyres da Companhia*, se lembra delle com este

EPIGRAMMA

CAntharidum succos, lernæque infunde nocentes;
His Maure, & sanie Gorgonis adde super.
Gestit, & optata diffusus amystide vultum,
Nunnius Hyblææ munera ridet apis.
Nec meruit diro spumantia pocula lethro,
Virus in ambrosio gutture nectar erat.
Hoc meritum est amor alme tuum, feralia lernæ,
Toxica qui solus reddere mella potest.

B Maduré he huma Cidade muy populosa, que dá nome a este Reyno; fica entre o Malavar, ao nascente, e a Costa da Pescaria, ou Choromandel, ao Occaso. Ao seu Principe chamaõ o Naique de Maduré. Com o commercio das Conquistas do Oriente, a frequentaraõ muito os nossos, e alli fundaraõ huma Igreja consagrada em veneraçaõ da Virgem. No anno 1600, entrou nesta Cidade o Padre Roberto Nobili, da Companhia, para aprender a lingua Tamulia, que he a universal daquella Provincia, sem a qual he impossivel a conversaõ dos Gentios; e conhecido o designio, foy necessario mudar de traje, vestindo o de

Brac-

Bracmene Sanias, que he Religioso Letrado. Desta sorte seguindo a austeridade dos seus costumes, introduziraõ os Religiosos da Companhia neste Reyno a voz do Evangelho, que tem conservado com grandes trabalhos, illustrando esta gloriosa Missaõ, em nossos tempos com o seu sangue o Padre Joaõ de Brito, que morreo Martyr a 4 de Fevereiro, do anno de 1693, como veremos no Supplemento desta Obra.

Dividem os Religiosos da Companhia em doze residencias as Missoens daquelle Reyno, a que de ordinario variaõ nos nomes, conforme as povoações, de que se valem para melhor commodidade da Seara Evangelica; ou tambem porque as perseguições os fazem mudar de domicilio. Na que chamaõ Tricherapoli acabou com fama de santidade o Padre Manoel Martins, neste dia, do anno de 1656, deixando huma grande saudade naquelles Christãos, porque tanto trabalhou. Acreditou Deos depois de sua morte a sua gloria, pois por sua intercessaõ teve filhos hum homem, a quem elle em sonhos appareceo. Era este Veneravel Padre natural da Villa de Alvito de Alentejo, no Arcebispado de Evora, filho de Jorge Affonso Giraldo, e de Domingas Martins. No anno de 1624, passou à India, e sendo mandado a Maduré, conseguio nos seus trabalhos grande honra à Companhia, e a Deos especial gloria. As suas alfayas, que depois da morte se acharaõ, foraõ huma veronica de Nossa Senhora, huma Cruz de páo, o Breviario muy velho, hum fuzil para accender lume; e os livros que tinha escrito na lingua Tamulica, para instrucçaõ dos Neophitos, eraõ os seguintes:

Meditações varias, e muy uteis, para exercitar a devoçaõ.

Hum *Dialogo entre hum Christaõ, e hum Gentio.*

Hum *Tratado do Ineffavel Mysterio da Santissima Trindade.*

Ramilhete de Flores Espirituaes.

Collar da Uniaõ Espiritual.

Desprezo do Mundo.

Varias Vidas de Santas.

Traduzio a *Doutrina Christãa* do Cardeal Belarmino, e do Mestre Ignacio.

Espelho de Exemplos.

Estas Obras ficaraõ perfeitas, e outras muitas a que naõ tinha dado fim. Deste Apostolico Varaõ se lembra Alegambe na *Bibliotheca da Companhia*, *in verbo Emmanuel*; o Padre Jacinto de Magistris, Procurador do Malavar, na *Relaçaõ*, que imprimio em Roma, anno 1651, em tempo que ainda vivia; Nadasi a 22 de Julho; Franco na *Imagem da Virtude no Noviciado de Evora*, liv. 3. cap. 32.

C No horrivel mal de peste, que padeceo a Cidade de Lisboa, no anno de 1569, deu fim à sua vida o Irmaõ Pedro Marques, de quem faz mençaõ o *Menelogio da Companhia* m. s. que se conserva na Casa de S. Roque.

D Nasceo D. Hilariaõ Brandaõ na Cidade de Coimbra, de gente principal, e nobre. Seu pay se chamou Jeronymo Brandaõ, e sua mãy Mecia Aranha. Quando entrou na Religiaõ, já era Mestre em Artes, e professando em Santa Cruz estudou Theologia, de que deu boa conta. Desejou muito o aproveitamento das almas, e a este fim compoz hum livro com o titulo *Voz do Amado*, que se imprimio no Mosteiro de S. Vicente, no anno de 1579, de que em seu tempo se fez estimaçaõ; outro de *Casos de Consciencia*, que lêo alguns annos, e no fim hum exame de consciencia muy devoto. Faleceo no anno de 1585, neste dia, como refere a *Chronica da Ordem* de D. Nicolao de Santa Maria, part. 2. liv. 10. cap. 27. pag. 374.

E Entre os muitos filhos, que teve D. Vasco Mascarenhas, Reposteiro mór do Principe D. Joaõ, de sua mulher D. Maria de Mendoça, Dama da Rainha D. Catharina, foy Sor Elvira, que entrando no Mosteiro de Monte mór, mereceo pela sua innocente vida, lugar entre as pessoas insignes em virtude do nosso Reyno. Acabou pelos annos de 1620. Della faz mençaõ Sousa na II. Parte da *Historia de S. Domingos*, liv. 6. cap. 21. pag. 268; e Lima no *Agiologio Dominico*, neste dia.

F A fundaçaõ do Mosteiro do Paraiso de Evora, que o Licenciado Jorge Cardoso escreveo no Commento do dia 23 de Março, em que trata de Brites Galvoa, naõ sabemos com que razaõ, por ser a sua morte a 22 de Julho, como refere

refere Sousa na III. Part. liv. 3. cap. 12, que elle mesmo allega, queixa que naõ podemos dissimular, por ser muitas vezes repetida no discurso daquella Obra, de que podemos mostrar tantos exemplos, que nos chegaraõ a persuadir, que naõ tivera tençaõ de a proseguir; pois lançava nos dias, que parece tinha faltos, os Servos de Deos, que tocavaõ a outros, cujos dias referiaõ os Authores, que elle mesmo allegava: o que temos feito com outra exacçaõ, e por isso com mayor trabalho, vencendo com este a parte, que Jorge Cardoso tinha de mayor erudiçaõ. Mas tornando ao nosso assumpto, era Brites Correa filha de Alvaro Martins Correa, a quem os Nobiliarios deste Reyno chamaõ Diogo Mendes Correa, que foy tambem pay de Ignez Correa, mulher do Doutor Ruy da Grãa, Chanceller mór, a qual por morte de seu marido, fazendo dos seus bens doaçaõ, tomou o Habito da maõ de sua irmãa, e acabou santamente dous annos depois. Neste Mosteiro, teve duas filhas Religiosas, e huma dellas a Madre Maria da Annunciaçaõ, que por morte de sua tia a Madre Joanna Correa, foy eleita Prioressa. Falceo no anno de 1632, como refere Sousa na *Historia de S. Domingos*, part. 3. liv. 1. cap. 14. pag. 67.

G O Mosteiro das Dominicas de Abrantes, teve entre outras Religiosas Sor Margarida de S. Miguel, que foy hum prodigio da charidade, e da paciencia, com que supportou os trabalhos das doenças, e de taõ alta mystica, que pareceo communicada com luz superior. Della trata Sousa na *Historia de S. Domingos desta Provincia*, part. 3. liv. 3. cap. 18; Soveges no *Anno Dominico*, neste dia, a que ajunta Sor Anna da Conceiçaõ, e Sor Isabel de Saõ Joaõ, Irmãas Conversas do mesmo Mosteiro, pessoas de virtude, e por tal as nomeya Sousa na *Historia de S. Domingos*, supposto lhe naõ aponta dia.

H O Padre Antonio Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé nas Ilhas do Japaõ*, se lembra neste dia de Leaõ Kità, que foy degolado por ser Christaõ, no anno 1612, sendo Emperador Daifusama.

I De Sor Isabel do Paraiso, que faleceo pelos annos de 1600, faz mençaõ Lima no *Agiologio Dominico*, neste dia; e Sousa na III. Parte da *Historia de S. Domingos*, liv. 3. cap. 25. pag. 279.

K Floreceraõ no Real Mosteiro de Lorvaõ Religiosas de singular virtude, entre as quaes he nomeada D. Isabel de Noronha, filha illegitima de D. Affonso de Noronha, V. Conde de Odemira, Senhor desta Villa, de Mortagua, Penacova, e Alcaide mór de Estremoz, de quem fazemos mençaõ na *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, no liv. 8. cap. 10. pag. 572. do Tomo IX. porém o naõ fizemos desta filha; porque os nossos Nobiliarios de ordinario passaõ em silencio os filhos, e filhas, que seguiraõ o Estado Religioso, como se nos Claustros em que viveraõ, naõ illustrassem as suas Familias, como temos visto no discurso desta Obra, com mais gloriosa memoria, por estarem os seus nomes escritos no livro da vida, que já mais ha de ter fim, merecendo pelas virtudes, que delles se fizesse mençaõ. Exercitou D. Isabel de Noronha a sua vida em solidas virtudes, para merecer gozar por ellas huma eternidade ditosa; e supposto, que pela candida Cogula de seu Padre S. Bernardo, ficou mais esclarecida para o Ceo, onde naõ servem distincções, porque nelle todos saõ grandes; nos pareceo com tudo obrigaçaõ confessar a falta, que inculpavelmente tivemos em lhe naõ dar o lugar, que lhe pertencia na Historia Genealogica. Faleceo neste dia do anno de 1644, como consta das Memorias já allegadas, que temos deste Mosteiro.

AGOSTO XXIII.

Saõ Fabiaõ, Arc. de Braga.

A M a auguſta Braga, Primaz das Heſpanhas, a Memoria de S. Fabiaõ, VI. Prelado deſta Santa Igreja, que pelos ſeus merecimentos, e virtuoſas obras ſe fez digno de ſer numerado no Catalogo dos Bemaventurados, em cuja companhia eſtá gozando da Gloria, que naõ tem fim.

S. Apollinar, B. e M.

B Na Abbadia de Urros, na Provincia Traſmontana, em huma Ermida, que em tempos antigos foy Matriz, ſe conſervaõ ainda hoje, ſuppoſto que em ſepultura toſca, e ſem nenhum apparato, as Reliquias de Santo Apollinar, Biſpo, e Martyr, por quem o Altiſſimo tem obrado tantos prodigios, naõ ſó nos ſeus moradores, mas nos dos lugares remotos, e diſtantes, que buſcando-o com viva Fé afflictos, e deſconſolados, o achaõ propicio, recebendo do Omnipotente eſpeciaes beneficios, que eſtaõ engrandecendo continuamente o ſeu patrocinio, como ſe vê nos caſos ſeguintes. A hum menino depois de morto reſucitou à vida. Hum aleijado de huma perna, que naõ podia mover, ſenaõ encoſtado em huma muleta, encommendando-ſe ao Santo, foy reſtituido à ſua perfeita ſaude. Com eſtas, e outras maravilhas tem acreditado o poder ſem fim de Deos, como continuamente ſe vê nos votos, que o teſtemunhaõ pendurados, de muletas, mortalhas, pernas, braços, e outros ſemelhantes teſtemunhos da gratidaõ dos ſeus devotos. He particular advogado dos quebrados, e aſſim he muy grande o numero de peſſoas de hum, e outro ſexo, de huma, e outra idade, que recorrem ao Santo, ou com Orações, ou mandando-lhe dizer huma Miſſa, em que ſe tem viſto admiraveis effeitos do ſeu patrocinio, como teſtificaraõ agradecidas por muitas vezes, e em diverſos tempos, muitas peſſoas. Delle ſe conta em antiga tradiçaõ paſſada dos pays aos filhos, conſervada, e venerada na memoria dos ſeus devotos póvos, que prégando naquelles lugares viſinhos, fora perſeguido de infieis; pelo que ſe retirou para o Lugar de Urros; e que neſta occaſiaõ, vendo a incredulidade daquellas gentes, tomou o bordaõ, que trazia nas mãos, e o metera na terra, e que logo, como ſe fora hu-

huma

ma planta verde, e fresca, lançara raizes, e florecera, fazendo-se repentinamente arvore: declarando-lhe com esta prodigiosa prova a verdade infallivel da Fé, que lhe ensinava. Ao pé desta arvore rebentou milagrosamente huma fonte, cujas aguas com admiraçaõ daquelles póvos, padecem mudança ao mesmo tempo do que as do celebre rio Douro, que dista huma legua, como se delle recebera o nascimento, pois se turvaõ, e aclaraõ com elle, padecendo os mesmos effeitos, como se tem observado curiosamente com admiraçaõ. Dizem, que foraõ diversos os generos de martyrios, com que os algozes contrastaraõ a sua constancia: que sendo atado pelos pés a dous bravos touros, que perderaõ a ferocidade da sua natureza, e se mostraraõ brandos, e sem forças, nem vigor para o arrastar: do que naõ vencida a crueldade do Tyranno, se mostrou mais enfurecido, que os brutos, tirando-lhe com o alfange a vida, o fez glorioso Martyr de Christo, para que eternamente no Ceo fosse Protector, e advogado dos seus devotos, que recorrem continuamente com grande Fé ao seu patrocinio.

C Na India Oriental, junto da Ilha de Ceilaõ, foy em odio da Fé, despojado da vida Fr. Joaõ, da Ordem dos Menores, a quem a obediencia mandava para Cochim, e sendo cativo dos Malavares, mereceo pela confissaõ do Nome de JESU Christo, alcançar gloriosa palma de Martyrio, sendo afogado no mar, subio triunfante ao Ceo.

Fr. Joaõ, M. Minor.

Commentario ao XXIII. de Agosto.

A FOy S. Fabiaõ VI. Arcebispo de Braga, a qual Igreja governou pelos annos 245, conforme o Illustrissimo Cunha, no *Tratado de Primatu Bracharensi*, pag. 209, e na sua *Historia de Braga*, 1. part. cap. 33, supposto nos faz grande duvida, o ser esta memoria authorisada com Juliano, Arcipreste de Toledo; mas como temos assentado, que sem relevante fundamento, naõ havemos de impugnar a tradiçaõ da nossa Igreja, e nella he admittido por Prelado S. Fabiaõ, de que neste dia se reza. Tamayo no *Martyrologio Hispano*, se lembra delle neste dia, dizendo: *Braccaræ Augustæ in Gallæcia S. Fabiani ejusdem urbis Episcopi, qui post innumeros virtutum cumulos in fidei Catholicæ prædicatione collectos, ad vitam migravit æternam.* E o Padre Causino na *Ephemerida de Agosto*, na mesma fórma. O Padre Argaiz na *Soledade Laureada*, tom. 3. pag. 24, o poem no numero dos Prelados desta Diocesi, quando trata da Igreja de Braga, e pela sua conta foy XVI. porque a todas as nossas Igrejas achou muitos Prelados, que os nossos naõ descobriraõ; nem por isso os admittiremos, em quanto nos naõ constarem de memorias, que naõ sejaõ suspeitosas: nem o Leitor nos tenha por parcial de Juliano, por lhe parecer admittimos este Prelado, fundado na sua authoridade; porque sómente o referimos debaixo do Breviario Bracharense, sem que entremos na questaõ de o naõ trazer o Bre-

viario antigo, impresso no anno 1549, e se achar no impresso no anno 1634; porque naõ costumamos despojar as Igrejas, sem grandes fundamentos; porque alguns temos visto tomar o capricho de negar Breviarios, muy presados de eruditos, que melhor fora calarem-se, que darem razoens taõ frivolas, e de nenhuma persuasaõ.

B Na Provincia de Tras os Montes, Comarca da Villa de Moncorvo, fica a Abbadia de Urros, do Padroado Real, Lugar de cento e noventa visinhos. He rico, e abundante, sitio apprasivel, e temperado. Além da Igreja Matriz, tem cinco Ermidas, e dezaseis fontes. Junto deste Lugar se vê a Ermida, em que jazem depositadas as Reliquias de Santo Apollinar, de quem tratámos no Texto. Grande duvida se nos offerece sobre de que Santo deste nome sejaõ estas sagradas Reliquias, que venera a piedade, e devoçaõ daquella Comarca. Tamayo no *Martyrol. Hispano*, neste dia, intenta provar com a auhoridade de Juliano, Arcipreste de Toledo, que saõ de Sidonio Apollinar, aquelle Illustre Prelado, que depois de ter servido diversos Emperadores, na paz, e na guerra, em honorificos empregos, foy eleito Bispo de Clermont, Cabeça da Provincia de Auvergne, em França, que regeo com exemplo, e piedade, deixando de suas virtudes, e eruditas obras, muy clara memoria, sendo hum dos mais insignes Prelados, que floreceraõ no quinto seculo, como escreve S. Gregorio Turonense, Gennadio *de Vir. Illustr.* Belarmino, Baronio, e outros. Corrobora esta opiniaõ com hum m. s. do douto Gaspar Alvares de Lousada, que refere o Illustrissimo Cunha: saõ suas palavras: *Santo Apollinario, Bispo Francez, tem seu corpo, ou a mayor parte delle, enterrado em hum Lugar, que chamaõ Urros, junto do Douro, termo da Villa de Moncorvo, no Reyno de Portugal, Arcebispado de Braga.* Lousada naõ diz mais, que ser Santo Apollinario, Bispo Frances, tal vez conformando-se com a tradiçaõ daquella terra, que tem a este Santo por natural de França; porque se fora o Santo Bispo de Auvergne, lhe chamara *Sidonio*, com o qual nome he conhecido em a *Historia Ecclesiastica*; e o *Martyrologio Romano* faz mençaõ delle neste dia, por estas palavras: *Arvernis Sancti Sidonii Episcopi, doctrina, & sanctitate conspicui.* As pinturas antigas, que tambem tem fé na Historia, mostraõ Martyr ao Santo, de que tratamos; e Sidonio Apollinar, naõ foy mais, que Confessor, como sabem todos os que tem liçaõ da *Historia Ecclesiastica.*

O Author da *Corografia Portugueza*, que escreveo tudo o que lhe disseraõ sem averiguaçaõ alguma, intitula a este Santo Apollinar Martyr, Bispo de *Ravena*, (deste reza a Igreja a 23 de Julho, e delle faz mençaõ Pedro de Natalibus, Bispo Aquilino, no *Catalogo dos Santos*,) e refere, que dizem, que padecera Martyrio em hum Lugar visinho deste, de que ainda se vem alguns vestigios, e ainda hoje conserva o nome de *Ravena.* Se este Author vira o Illustrissimo Cunha, naõ se equivocara; pois diz que a tradiçaõ tem para si, que este Santo viera de huma povoaçaõ visinha, que está da outra parte do rio Douro, e se chamou antigamente *Calabria*, e hoje *Calavre*, nos limites da Villa de Almendra, situada no mais alto de hum monte, cercada de muros, ainda que arruinados, em que se viaõ letreiros, e outros vestigios, que inculcavaõ antiguidade. Em Pedro de Natalibus, no liv. 6. cap. 129, se acha outro Santo Apollinar Bispo: *Apollinarius Hieropolitanus Episcopus tempore Marci Antonini Imperatoris claruit*; e no liv. 11. cap. 122, traz outro Bispo do mesmo nome: *Apollinarius Laodicensis Syriæ Episcopus.* No *Martyrologio Romano* a 5 de Outubro: *Valentiæ in Gallia Sancti Apollinaris Episcopi, &c.* de que Baronio diz, que se achou no Concilio Epaunense, nas Gallias, em tempo do Papa Gelasio. Estes foraõ Bispos, e naõ Martyres: outros se achaõ nestes, e outros Authores, que foraõ Martyres, e naõ Bispos. Naõ pudemos descobrir o tempo, em que este Santo padeceo Martyrio, nem determinarmonos quem seria. O Santo Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, quando visitava o Arcebispado, e chegava à Freguesia de Urros, hia visitar o sepulchro deste Santo, e prostrado por terra, venerava as Santas Reliquias, e costumava dizer, que quando naõ fossem de algum dos Santos deste nome, de que se tinha noticia, poderiaõ ser de outro do mesmo nome, e igual santidade, como mostravaõ as estupendas maravilhas, que Nosso Senhor por elle obrava. O Illustrissimo

triſſimo Cunha na *Hiſtoria de Braga*, part. 1. cap. 63, tambem naõ ſe ſoube determinar, quem ſeria; e nós pelo que temos referido naõ podemos aſſentar o contrario; e aſſim conformando-nos com a tradiçaõ, dizemos, que tal vez poderia ſer algum Prelado daquella primitiva Igreja, e ſer de Naçaõ Francez, que prégando a Fé, vieſſe ter àquella Provincia, onde alcançou o Martyrio: o que he certo, que Deos tem por elle obrado grandes milagres, que refere a *Hiſtoria de Braga* no lugar citado; e que ſendo Joaõ Pires, Abbade daquella Igreja, fora hum Viſitador do Arcebiſpado, e que duvidoſo de eſtarem naquelle lugar as Reliquias do Santo, intentou abrir a ſepultura, e em continente ficou cego, e deſiſtindo do intento, reconhecido o erro da ſua incredulidade, e fazendo huma Novena ao Santo, recuperou a viſta perdida.

C Pelos annos 1559, foy o Martyrio de Fr. Joaõ, de que faz mençaõ Gravina *in Voce Turturis*, part. 2. cap. 24; Gonzaga, parte 1. nos *Martyres da Ordem*, e parte 4. na Provincia de Saõ Thomé; Daça liv. 1. cap. 57; Barezo part. 4. liv. 3. cap. 71, nas *Chronicas da Ordem*; e Artur no *Martyrologio Franciſc.* neſte dia.

AGOSTO XXIV.

Sor Thereſa de Jeſus, Religioſ. da Conceiçaõ.

A NA Cidade de Braga, no Moſteiro da Conceiçaõ, a Madre Sor Thereſa de Jeſus, a quem a Divina Graça prevenio deſde o eſtado da innocencia, coſtumando-ſe de tenra idade a exercicios ſantos; porque na caſa, em que vivia ſe retirava para a em que eſtava o Oratorio com a Imagem de Chriſto crucificado, e a do Menino JESUS, que ternamente amava, empregando nelle todo o ſeu amor, com ternos affectos: alli paſſava os dias em Oraçaõ, com tanto fervor, que por muitas vezes foy achada de joelhos, cuberta de lagrimas. A eſtes ſantos exercicios ajuntava diverſas penitencias de cilicios de ferro, e rigoroſas diſciplinas, com que affligia o ſeu delicado corpo. Frequentava os Sacramentos com muita devoçaõ, e com tanta humildade, como quem ſe conſiderava indigna de chegar àquella ſoberana Meſa, ſendo tal o temor de receber o Santiſſimo Sacramento, que as lagrimas eraõ teſtemunhas do que ſeu coraçaõ padecia. Amava ao proximo com tanta charidade, que já mais fez couſa, com que o pudeſſe aggravar; o que naſcia de huma verdadeira humildade, ſobre que fundou o modo da ſua virtuoſa vida; porque todas as ſuas praticas eraõ de materias eſpirituaes, e as ſuas converſações com Deos. Naõ tinha divertimento, que naõ foſſe innocente, e devoto; aſſim no tempo que a Igreja feſteja o Naſcimento do Noſſo Redemptor, era para ver a ſatisfaçaõ, com que pelas ſuas proprias mãos lhe armava o Preſepio: com tanta habi-

habilidade o compunha, para representar ao proprio aquelle soberano Mysterio, que lhe naõ faltava cousa alguma das que em Belem serviraõ, e adoraraõ ao recem JESUS nascido, com tanto primor, e policia, que causava admiraçaõ ver o bello artificio daquella fabrica, em tudo proporcionada, e perfeita. Neste lugar se dilatava o espirito em huma alegria interior, que rompia em excessos de amor, compondo letras ao Divino Amante, que ella affectuosamente recitava, sendo nella ordinario semelhante exercicio, com que desafogava os incendios do coraçaõ; porque sempre alegre a ouviaõ em jaculatorias ao Menino JESUS, e a alguns Santos, que ella compunha, e repetia cantando. Neste modo de vida passou Theresa de Jesus, até contar trinta e hum anno de idade, quando tomou o Habito de Religiosa no Mosteiro da Conceiçaõ; porque entaõ brilharaõ as suas virtudes, até alli occultas no canto da sua casa, abraçando a vida Religiosa, naõ por estado, mas para augmento da perfeiçaõ, com que se dedicava ao seu Divino Esposo, ornando-se para isso de profunda humildade, passando os dias no Coro em contemplaçaõ, as noites em vigias, orando na propria cella, com tanta frequencia, que dormindo no tempo do Noviciado nella outra Religiosa, sua parenta, referia, que já mais a deixou de ver em todas as horas da noite de joelhos, diante do Menino JESUS, e do mesmo Senhor crucificado; sendo tal a sua devoçaõ, que por mayor, que fosse a molestia, nem por isso faltava de noite a fazer Oraçaõ. Em muitas occasioens a deshoras, a acharaõ taõ elevada na Oraçaõ, que entrando-lhe na cella, naõ deu sentido de quem entrou, ou sahio. Foy muy devota do Mysterio da Ascensaõ: este dia passava no Coro desde a madrugada, até à huma hora sem comer, absorta, e com tal ternura, cuberta de lagrimas, que mostrava os incendios do seu coraçaõ: este dom teve na Oraçaõ, sendo os olhos os pregoeiros das dilicias da sua alma. Jejuava todas as quartas, sestas, e Sabbados de todo o anno, seguindo o mais da observancia commua pontualmente; de sorte, que no Habito, e costumes da Casa, naõ só naõ mudou cousa alguma, mas com pontualidade observou. Teve tanta paciencia, que levantando-lhe hum testemunho falso, que ella sentio muito; mas com tal modestia se houve, que naõ disse mais, que Deos sabia tudo. Estas virtudes

tudes lhe retribuìo o meſmo Senhor, manifeſtando os merecimentos deſta ſua Serva; porque no tempo que ſervio de Celeireira, o paõ creſcia depois de cozido, e algumas vezes em graõ, quando às demais ſe diminuìa de ordinario. Em huma occaſiaõ feſtejando a S. Bento, pezando-ſe depois a cera, ſe achou mayor o pezo. Em outra, ſendo Juiza da feſta da Conceiçaõ da Virgem Santiſſima, a quem tocava fazer a deſpeza da cera das Prociſſoens todos os mezes, no fim do anno ſe pezou, e ſe achou com ventajem, além das vélas, que as Religioſas haviaõ dado. Finalmente, accommetida de hum accidente ficou baldada ſem poder andar, e pedindo a levaſſem ao Coro, ficava nelle orando, até que voltaſſem a buſcalla, de que ficava muy ſatisfeita, e com huma tal alegria, que naõ parecia natural, a qual ſempre lhe obſervaraõ no roſto, que a natureza havia dotado de fermoſura. Neſte eſtado paſſou quaſi nove annos, ſem que afrouxaſſe dos ſeus ſantos exercicios; porque lhe fizeraõ huma cadeira com rodas, em que com facilidade a conduziaõ ao Coro, a cumprir com as ſuas devoções. Veſpera de S. Bartholomeu, do anno de 1727, andou na ſua cadeira por todos os dormitorios do Convento, cantando jaculatorias ao Menino Jesus: aſſim correo todo o Moſteiro, ſem que deixaſſe parte a que a naõ levaſſem. No outro dia, que era hum Domingo, a acharaõ com alguma agonia: pedio os Sacramentos, que recebeo com grande devoçaõ; e depois com actos externos, que edificavaõ às mais Religioſas, com o Santiſſimo Nome de Jesu na boca, entregou a ſua ditoſa alma ao ſeu Divino Eſpoſo, para lograr das dilicias eternas.

B Em a Villa da Ribeira Grande, na Ilha de S. Miguel, acabou em o Senhor o Doutor Gaſpar Frutuoſo, Clerigo taõ exemplar, que deixou naquellas Ilhas das ſuas virtudes huma venerada memoria. Aſſim que teve uſo de razaõ foy muy devoto de Maria Santiſſima, e logo em os primeiros annos foy inclinado às letras, dando a conhecer nos ſeus principios o ſeu talento; o que vendo ſeus pays o mandaraõ a Salamança: aqui eſtudou Filoſofia, com applauſo de ſeus companheiros, a quem ſervia de exemplo nos coſtumes; porque a ſua vida foy taõ regulada, que naõ houve tempo, em que naõ ſe deſſe à virtude. Succedeo ſer o anno eſteril, e naõ ſer ſoccorrido,

Gaſpar Frutuoſo, Clerigo.

do, nem dous companheiros, seus naturaes, com aquellas porçoes, com que seus pays os assistiaõ. Vendo-se nesta extrema necessidade, que fazia mayor o verem-se requeridos daquelles mesmos, que costumavaõ fiarse do seu credito: affligiraõ-se os companheiros neste aperto, mas elle os exhortou a confiar em Deos; e recolhendo-se ao seu estudo, passadas poucas horas o chamaraõ à porta, e lhe entregaraõ hum copioso presente, sem saber quem lho mandava. Os companheiros suspensos de admiraçaõ ficaraõ como pasmados; mas elle os reprehendeo, do pouco que esperavaõ na Divina Providencia; e tirando sómente o que podia ser necessario para aquella noite, mandou repartir o mais por outros necessitados, sem reservar cousa alguma para o outro dia, no qual recebeo o soccorro, que esperava da sua Ilha; que taõ promptamente remunera Deos aos que sabem fiarse da sua Providencia. Já graduado em Filosofia, voltou à sua Patria, e se ordenou Sacerdote, e começou a exercitar esta alta dignidade, com a pureza do seu espirito, sendo já entaõ o Conselheiro, e Director de muitos, que lhe communicavaõ os segredos da sua consciencia, de que nascia grande moderaçaõ nos costumes. Porém vendo que sem os fundamentos da Theologia naõ podia supprir os desejos do espirito, para encaminhar as almas, voltou a Salamanca, e teve por Mestre aquelle Oraculo da sciencia Fr. Domingos de Soto, da Ordem dos Prégadores, que reconhecia o talento do discipulo. Laureado Doutor na faculdade da Sagrada Theologia, começou a ser admiraçaõ da Universidade, ver tanta sabedoria com tanta modestia: assim era consultado de muitos, que tiravaõ proveitosos conselhos da sua virtude, e letras. O Bispo de Miranda D. Juliaõ de Alva, por conselho do Mestre Soto o chamou a Bragança, onde lhe servio de muito: aqui lêo casos alternadamente com os Padres da Companhia, cujo Instituto elle grandemente venerava, e com seus filhos conservou sempre grande familiaridade, e amor. Achava-se já Gaspar Frutuoso com beneficios rendosos, e capazes de o manterem decentemente na vida que tinha, ainda sem a assistencia do Bispo, que largou aquella Igreja, pela Dignidade de Capellaõ môr. Os seus naturaes vendo-o desobrigado do Bispado, o persuadiaõ com muitas razoens, para que se recolhesse à sua Patria, a que se ajuntava

outra

outra mais efficaz, na authoridade de D. Manoel de Almada, Bispo de Angra, que ainda se achava em Lisboa. Estas persuações consultadas com Deos lhe fizeraõ entender ser do seu serviço a mudança, e renunciou os beneficios nas mãos do Bispo D. Antonio Pinheiro. Desembaraçado, fez jornada para Lisboa, para se embarcar para as Ilhas: na Corte tratou ao Bispo D. Manoel, que o estimou muito, pelo que nelle observava da sua virtude, e letras: neste tempo fazendo renuncia daquella Igreja, foy nomeado o Doutor Gaspar Frutuoso no Bispado de Angra, de que se escusou com tal modestia, que nem do governo do Bispado, que se lhe encommendava, se quiz encarregar; dando-se por satisfeito com o provimento da Igreja Parochial da Villa da Ribeira Grande, de menor rendimento, que os beneficios que largara. Porém como faria caso de bens temporaes, quem, havia taõ pouco, renunciara à mesma Diocesi? Naõ tinha ambiçaõ, e por isso se contentava com pouco. Chegou à Ilha, e foy recebido com aquelle applauso, que tinha merecido a sua veneravel fama: aqui foy pay espiritual de muitas almas, que encaminhou à perfeiçaõ. Pela sua prudencia foy dirigida a Veneravel Matrona Margarida de Chaves, de quem faremos mençaõ a 8 de Setembro. Ao seu conselho, e Orações, se deve o Collegio, que a Companhia tem nesta Ilha, obra tanto do seu desejo, que pedia a Deos lhe conservasse a vida, até que o visse estabelecido. Teve grande charidade com os pobres, despendendo tudo o que possuîa em seu beneficio, sendo elle o que por sua maõ lhe repartia as esmolas, succedendo algumas vezes ficar sem paõ para a sua mesa; do que sendo advertido, respondeo, que por amor de Deos, naõ se negava nada. Quasi quarenta annos exercitou o Officio de Parocho, sendo continuo no Confessionario, e no Pulpito, em que mostrava o seu zelo, e charidade; porque estranhava os vicios com liberdade Apostolica, exhortava a todos ao caminho da perfeiçaõ. A muitos livrou de escandalosas occasioens, em que viviaõ torpemente, esquecidos da sua alma; a outros reconciliou de grandes odios: tal era o seu zelo, e a veneraçaõ, com que o respeitavaõ, que naõ se attreviaõ a lhe resistir. Teve grande humildade, e desapego dos bens do Mundo, cordeal devoçaõ à Virgem Santissima, que teve principio com o uso

da razaõ: em seu obsequio conservou illeza a flor da castidade, ajudado com taõ soberano patrocinio: era especial nelle esta virtude; de sorte, que se excitavaõ os impuros a desejos de viverem castos, só com olharem para este Servo de Deos, que sempre viveo empregado no seu amor, exercitando-se em penitencias, e jejuns, que fazia tres dias na semana, e às sestas feiras a paõ, e agua. Usava de cilicios, que depois de sua morte se lhe acharaõ de diversas fórmas. Era muy sobrio, e taõ sofrido, que sendo sugeito a grandes colicas, as padecia com tal paciencia, que nunca se queixava. A sua morte parece lhe foy revelada, pois andando de pé, ainda que molestado, e doente, se foy à sua Parochia a dizer Missa; o que fez com a devoçaõ, que sempre lhe observaraõ. Voltando a casa logo ao principio da tarde recitou Vesperas: acabadas ellas, pedio a Santa-Unçaõ, e entre os dulcissimos Nomes de JESUS, e MARIA, entregou a sua ditosa alma ao seu Creador.

Sor Maria do Sepulch. Franciscan.

C Em Santa Clara de Villa do Conde, será sempre saudosa a memoria da Madre Sor Maria do Sepulchro, de espirito taõ abrazado no Amor Divino, que parecia arder em huma chamma viva, e sendo continua no excesso, com que se empregava em santos exercicios, era mais especial nos dias de Quinta feira Mayor; cobrindo o rosto com o vêo, descalça, e atravessada de dores, andava como atonita, com a memoria da morte de seu amado Esposo. Toda a vida foy admiravel, guardando hum profundo silencio, jejuando quasi todo o anno, e em todas as sestas feiras, e Quaresmas naõ comia peixe. Sobre estas abstinencias, se mortificava com continuadas disciplinas, e asperos cilicios, sendo a terra fria cama em que dava descanço ao castigado corpo. Estes excessos da fineza do seu amor recompensava com maravilhas o seu Esposo, crescendo-lhe as rações, no tempo que era Provisora, só com lhe lançar huma bençaõ; e sendo a falta conhecida, lhe vinha tudo a sobejar. Quando corria com a Cerca, as arvores que o tempo seccava, ella fazia reverdecer, regando-as com agua benta. Perdeo a vista, e supposto se conformava, sentia faltarlhe a luz dos olhos, por naõ ver na Missa o Sacerdote, e os Santos no Altar. Nesta desconsolaçaõ lhe appareceo Santa Isabel, revelando-lhe ser a sua cegueira do agrado de Deos, ficando taõ animada, que por mais que o tentador a pertendeo

deo magoar, triunfava a ſua paciencia em huma verdadeira conformidade. Na ultima doença a perſeguio acerrimamente, a que reſiſtia conſtante, ouvindo-ſelhe em vozes altas injuriallo, e afrontallo. Repetia o inimigo infernal as ſuas aſtucias, mas ella animoſa o rebatia, rezando o Credo; e ſendo ſoccorrida de S. Miguel, e S. Jorge, ſeus advogados, ſe livrou com verdadeira humildade; e chea de taõ relevantes obras dormio em o Senhor.

Sor Acaſſia da Paixaõ, Franciſcan.

D Item no Moſteiro de Alemquer, da meſma Familia, a veneravel memoria de Sor Acaſſia da Paixaõ, verdadeira Eſpoſa de Chriſto, na humildade, pobreza, charidade, e contemplaçaõ, em que perſeverava no dia por muitas horas; pois tanto que acabava com as obrigações, em que ſervia a Communidade, ſe recolhia à caſa do Capitulo, onde em Oraçaõ perſeverava até às onze; depois ſobindo ao Coro, e ſeguindo os deſvélos do ſeu eſpirito, continuava em devota Oraçaõ até às Matinas, em que aſſiſtia com grande ſatisfaçaõ: a taõ largas vigias naõ dava deſcanço ao corpo em cama; porque nunca uſou della ſenaõ por ordem dos Medicos. O ſeu coſtumado repouſo era de joelhos, encoſtada à cama, e com breve ſomno ſatisfazia à penſaõ da natureza humana. Naõ ſe eſquecia de caſtigarſe com mortificações extraordinarias, permanecendo por muitas horas com os braços em Cruz, tomando aſperas diſciplinas todas as noites com huma bóla de ferro, formada de agudas pontas, que rompendo-lhe a carne, publicava a caſa de dia, o que della ſe fiava por ſegredo no alto ſilencio da noite, amanhecendo alagada em ſangue. De vida taõ penitente bem ſe deixa ver a devoçaõ, com que amava aos Santos, em cujo obſequio fazia muy particulares demonſtrações. As Almas do Purgatorio lhe deveraõ ſobre compaixaõ, muy proveitoſos cuidados, diſpendendo por ſua utilidade tudo quanto podia alcançar em ſufragios, para lhe ſuaviſar as penas, a que ajuntava muitas Orações, que applicadas com a ſua devoçaõ, eraõ muy gratas na preſença Divina. Em ſatisfaçaõ deſta charidade, quando foy levada à ſepultura ouviraõ as Religioſas hum grande rumor de vozes, que recitavaõ o Officio, que a Igreja determinou aos defuntos, moſtrando Deos na aſſiſtencia dos Eſpiritos glorioſos, o quanto eſtimava eſta ſua Serva.

O P. Manoel de Sequeira, da Companhia.

E Na Casa Professa de S. Roque de Lisboa, deu fim à vida mortal para a gozar eterna, o Padre Manoel de Sequeira, da Companhia de Jesu, que sendo empregado em varios governos da Provincia, acharaõ nelle os subditos hum amor taõ particular, que sem que lhe faltasse o zelo da observancia, satisfazia a todos sem offensa das leys da Religiaõ. Teve com Deos grande trato no exercicio da Oraçaõ, de que lhe nascia hum espirito Apostolico, encaminhado ao bem das almas. Todas as suas prégações acompanhava de huma tal ternura, que rompia em lagrimas, causando nos ouvintes huma natural compunçaõ. Era de animo candido, e inclinado a servir o proximo, especialmente aos que via dados à virtude, pela qual mereceo repouso eterno, como piamente se póde crer.

O Irm. Bartholom. Alvares, da Companhia.

F Item a felice memoria do Irmaõ Bartholomeu Alvares, da Companhia, em que por quarenta annos com admiravel charidade servio aos enfermos, adquirindo por sua industria o regallo, com que os ajudava a fazer menos penosa a doença. Em huma occasiaõ tendo hum enfermo recebido a Sagrada Euchariſtia, por indisposiçaõ do estomago lançou em hum vomito tudo o que nelle tinha. Movido da reverencia ao Santissimo Sacramento, com edificaçaõ dos circunstantes, ajuntando o que tinha lançado o enfermo com a Sagrada Particula, a commungou o Irmaõ Bartholomeu com grande devoçaõ. Sendo destinado para o Japaõ o Bispo D. Sebastiaõ de Moraes, o quiz ordenar; o que elle recusou, tendo-se por indigno do Sacerdocio, e presistindo em o estado de Leigo, acabou santamente.

Commentario ao XXIV. de Agosto.

A O Observante Mosteiro da Conceiçaõ de Braga teve principio na devoçaõ de Giraldo Gomes, Conego na Cathedral daquella Cidade, que junto com seu irmaõ o Doutor Francisco Gomes, Clerigo, o fundaraõ, e nelle se lançou a primeira pedra no anno de 1625; e crecendo com cuidado o material da obra, no anno de 1629, entraraõ para fundadoras quatro Religiosas do Mosteiro dos Remedios, da Ordem Terceira de Saõ Francisco, que fundou D. Fr. André de Torquemada, Bispo que foy de Dume, e de Annel de Braga, donde sahiraõ as Fundadoras Martha de Santa Anna, D. Francisca de Castro, Paula do Espirito Santo, e Maria da Conceicaõ, que com as que de novo tomaraõ o Habito da Conceiçaõ, deraõ principio à fabrica espiritual desta Casa, que sempre se conservou no rigor da observancia das suas primeiras habitadoras; de sorte, que em diversos tempos deraõ Religiosas, para Fundadoras de Mosteiros muy reformados, como he o das Capuchas da Conceiçaõ de Chaves, para donde sahio a sua primeira Abbadessa a Madre Sor Suzana Gracia do Salvador; e para Vigaria, e Escrivãa a Madre Sor Gracia Josepha do Lado,

Lado; e para o Mosteiro das Capuchas da Cidade de Braga a Madre Sor Maria da Trindade a Peccadora, para Vigaria, e Mestra das Noviças.

He o Instituto desta Casa da Conceiçaõ o mesmo, que em Toledo fundou a Beata D. Brites da Sylva, de quem fizemos mençaõ a 17 deste mez, donde os Fundadores mandaraõ vir a Regra, e Estatutos, que se lhe deraõ em virtude de hum Breve do Papa Julio II. passado a 15 de Outubro de 1511, no oitavo anno do seu Pontificado, a que ajuntou os que lhe deraõ os Religiosos da Observancia de S. Francisco da mesma Cidade, de cuja obediencia saõ aquellas Religiosas. Porém o Mosteiro de Braga se conserva com differente estylo, em virtude de hum Breve do Papa Urbano VIII. que o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha executou, a quem entaõ, e depois a seus successores, ficaraõ obedecendo, naõ usando dos costumes do de Toledo, mais que nos actos de Communidade cobrirem com hum vêo o rosto, e trazerem huma medalha no Bentinho com a Imagem da Virgem Santissima, representada na sua Immaculada Conceiçaõ. O seu Habito he azul, e andaõ calçadas, e as de Toledo descalças, e observaõ os Estatutos, e Leys, que os seus Prelados os Arcebispos determinaraõ. Neste Mosteiro entrou Sor Theresa de Jesus, de quem no Texto tratámos. Nasceo na mesma Cidade no anno de 1663, donde tambem eraõ seus pays Domingos Alvares, e Sebastiana de Azevedo. Entrou neste Mosteiro no anno de 1694, em que viveo trinta e tres, falecendo neste dia no de 1727. Refere-se, que outra Religiosa chamada Sor Feliciana de Saõ Domingos, com quem ella tratava com mais confiança santamente, hum dia dissera a Sor Theresa estas palavras: *A primeira que de nós morrer, virá dar conta à que ficar, do lugar em que está*; o que foy dito sem promessa, nem ratificaçaõ de huma para outra. Succedeo morrer Sor Theresa, e poucos dias passados estando a sua boa amiga dormindo, sonhou, que via Sor Theresa taõ fermosa, e brilhante, vestida no proprio Habito, que a outra absorta, e atemorisada, assim que a vio, lhe disse: *Theresa, naõ quero saber mais*, e desappareceo, ficando a Companheira, que tambem o devia ser na vida, alegre, e por extremo contente de a ver taõ gloriosa. O que tirámos das Memorias deste Mosteiro, que temos, e devemos ao Reverendo Padre Fr. Marcellino da Ascensaõ, Monge da Ordem de S. Bento, e Dom Abbade do Mosteiro de Santarem, e ao presente Chronista da sua Religiaõ.

B A Cidade de Ponta Delgada, na Ilha de S. Miguel, a quem ElRey D. Manoel, fez Villa no anno 1499, edepois ElRey D. Joaõ o III. levantou ao foro, e privilegios de Cidade, em 2 de Abril de 1546, tomou este nome por estar sentada junto a huma delgada ponta, que do interior da Ilha vay raza ao mar. Occupa quasi hum quarto de legoa, junto ao mar, em lugar plano, com bons edificios, com nobre casa dos Donatarios, que saõ os Condes da Ribeira Grande, e no meyo da Cidade, sobre o porto, huma Fortaleza, que lhe serve de defensa.

Esta Cidade foy Patria do Venturoso Padre Gaspar Frutuoso, onde nasceo no anno 1522. Eraõ seus pays Cidadãos nobres, e honrados, a que naõ faltavaõ os bens, que o Mundo chama da fortuna. Sendo menino o mandava seu pay ver os homens do trabalho, que trazia nas suas lavouras; mas elle levando alguns livros, se punha a ler taõ empregado, que naõ dava sentido a outra cousa. Vendo o pay aquelle descuido, o reprehendeo, dizendo, senaõ tinha prestimo, para cuidar no que lhe havia de dar de comer, o mandaria estudar às Universidades, como com o tempo fez, em que foy consumado Letrado; de sorte, que quando aprendia Theologia, com aquelle a todas as luzes grande Varaõ da Familia Dominicana o Doutissimo Padre Soto, e lhe propunha alguma duvida, lhe pedia tempo para a reposta. Enriqueceo a sua Igreja de peças, e ornamentos. Mandou fazer hum frontal, com huns emblemas bordados, que parece alludiaõ ao que passara com seu pay: era hum arado com esta letra: *Se soubera*. Da outra parte hum livro com a letra: *Naõ soubera*. Ao seu zelo devem as Ilhas os Collegios da Companhia, que pedia a Deos, e aos Reys, e Bispos, dizendo-lhe a grande utilidade, que delles receberiaõ as almas, e a Igreja Catholica. Aos 69 annos da sua idade acabou neste dia, no anno 1591, com universal sentimento, naõ só daquella Villa, mas de toda a Ilha, que choravaõ perder conselheiro,

pay, e intercessor, naõ só para o Mundo, mas para com Deos. O Bispo D. Manoel de Gouvea, com o seu Vigario Geral, e todo o Clero, e Nobreza, assistiraõ ao acto da sepultura, que foy na Igreja de Nossa Senhora da Estrella, de que era Parocho. Ao pé do Altar em que foy sepultado lhe puzeraõ huma campa com este breve Epitafio:

Aqui jaz o Doutor Gaspar Frutuoso, que foy Vigario, e Prégador desta Igreja, Veré, Varaõ Apostolico, insigne em letras, e virtude.

A sua livraria deixou ao Collegio, que a Companhia tem naquella Ilha, e com ella dezaseis volumes de sua maõ, de Theologia, que tinha escrito, e o celebre livro do Descobrimento das Ilhas, que intitulou *Saudades da Terra*, e nunca se imprimio, e se conserva com grande resguardo, de que temos visto algumas copias, porém imperfeitas. A este hia ajuntando outro, que tinha por titulo *Saudades do Ceo.* Delle faz mençaõ o Padre Antonio Cordeiro na *Historia Insulana*, liv. 2. cap. 2; o Padre Cruz nas Memorias para a *Biblioth. Lusit.* e Franco na sua m.s. Fr. Affonso de Chaves e Mello na Descripç. da Ilha de S. Miguel, no fim da *Vida da Veneravel Margarida de Chaves.*

C Entre as Religiosas, que com a sua santa vida illustraraõ o Mosteiro de Villa do Conde, junto à Cidade do Porto, foy a Madre Maria do Sepulchro, que no Anno 1653, faleceo. Della se lembra o Mestre Esperança na *Historia Serafica*, part. 2. liv. 8. cap. 18; Gonzaga na III. Part. na Fundaçaõ deste Mosteiro; Artur no *Martyrologio Franciscano*, nestedia; Barezzo liv. 4. cap. 40. ad ann. 1566; Wandingo tom. 3. §. 46; Valero nas *Santas Mulheres da Ordem dos Menores*, liv. 4. cap. 41. e outros.

D A Cidade de Lisboa foy Patria da Madre Sor Acassia da Paixaõ, de huma taõ excessiva abstinencia, que o seu mayor regallo era hum pucaro de agua, e hum pedaço de paõ. Sahio do Mosteiro da Esperança de Lisboa com as Fundadoras, com o cargo de Porteira para o de Alemquer: nelle mostrou a sua grande charidade com os pobres, satisfazendo a todos os que lhe pediaõ esmola, com tal piedade, que para os que via doentes fazia doces, que guardava na mesma Portaria, e repartia conforme a necessidade. Depois de se tratar com o rigor, que temos dito, observava comsigo huma estreita pobreza, e notavel desprezo, sendo sempre o seu Habito o mais pobre, e vil, que havia na Casa. De taõ virtuosa vida foy receber o premio pelos annos 1578, neste dia, como mostra o Padre Fr. Fernando da Soledade na IV. Parte da *Historia Serafica*, liv. 5. cap. 18. pag. 680; o *Jardim de Portugal* pag. 344. n. 116; Purificaçaõ *Chronolog. Monast.* liv. 2. cap. 6. pag. 176; Gonzaga part. 3. pag. 88; Barezzo part. 4. liv. 4. cap. 39; Valero das *Santas Mulheres da Ordem*, liv. 4. cap. 40. Artur no *Martyrologio*, o poem a 27: *Alanquerii in territorio Ulyssiponensi Beatæ Achatiæ à Passione, Virginis: humilitatis, & charitate celebris.*

E A Villa de Aguiar, na Comarca de Villa Real, foy Patria do Padre Manoel de Sequeira, que na Companhia foy dos antigos Mestres do Noviciado de Evora, onde professou, e dos primeiros que deraõ principio ao Collegio da Cidade do Funchal, na Ilha da Madeira, de que foy Superior, e depois Reytor de Evora, Vice-Provincial, e Preposito da Casa de S. Roque, em que faleceo neste dia, no anno 1595, como refere o *Menelogio da Companhia* m. s. Nadasi *Annus Memorabilium*, ambos neste dia; Franco na *Imagem da Virtude em o Noviciado de Evora*, liv. 1. cap. 34.

F Com grande zelo servio tambem na Sachristia de S. Roque o Irmaõ Bartholomeu Alvares, devendo-se à sua industria o ser instrumento de tudo o que nella havia. Deu fim à sua vida no anno 1614, de que faz mençaõ Nadasi, neste dia.

AGOS-

AGOSTO XXV.

A M Vomura, mereceraõ neste dia ser coroados com a immarcessivel palma do martyrio, pela gloriosa confissaõ da Fé, Fr. Luiz Sotelo, e Fr. Luiz Sassandra, da Ordem Serafica, Luiz Bava, Cathequista, Terceiro, o Padre Miguel Carvalho, da Companhia, em quem tinhaõ sido muy antigos os desejos de dar a vida por Christo, o Padre Fr. Pedro Vasques, da Ordem dos Prégadores, os quaes todos abrazados no amor de Deos, depois de sofrerem prizoens, trabalhos, e tribulações, foraõ levados ao supplicio; e queimados com fogo lento, cantando Psalmos, e Hymnos, subiraõ por entre as chammas as suas bemditas almas a gozar as delicias, que o Senhor lhe tinha preparado na eternidade. As cinzas dos Martyres mandaraõ os Tyrannos depois lançar no mar, para tirarem aos Christãos esse alivio, mas a piedosa industria de alguns, soube alcançar algumas Reliquias dos Bemaventurados Soldados de Christo.

Fr. Luiz Sotelo, e Fr. Luiz Sassandra, Franc. Luiz, Catequista, o P. Miguel Carvalho, da Compan. Fr. Pedro Vasques, Dom.

B No Collegio da Companhia de Roma, a commemoraçaõ do Padre Diogo Miraõ, primeiro Reytor do Collegio de Coimbra, lugar, que occupou naõ sendo ainda Sacerdote, mas de taõ louvaveis costumes, que o fizeraõ escolhido entre tantos benemeritos, como foraõ aquelles primitivos Padres, nos quaes o espirito de Santo Ignacio estava infundindo a perfeiçaõ do Estado Religioso. Neste virtuoso Padre se admirou huma mortificaçaõ continuada, sendo em todas as acções verdugo de si mesmo, affligindo-se com asperas disciplinas, trazendo à raiz da carne hum jubaõ feito de cilicio, com huma lamina de ferro, feita com tal artificio para mortificar, que lhe era o seu uso muy penoso; e assim pelo naõ inquietar quando dizia Missa, a tirava, e o sangue congelado na carne rota, lavava com agua fervendo, sofreo por muitos dias huma cadeya de ferro na cintura, taõ ajustada, que cresceo a carne, e foy preciso, que lha tirassem, naõ sem perigo da vida. Nos jejuns era frequente, sendo communs de paõ, e agua, e algumas vezes só paõ secco, e em tudo o mais se mortificava com tal excesso, que seu Santo Patriarca lhe nomeou hum

O P. Diogo Miraõ, da Companhia.

hum irmaõ, a quem neste particular houvesse de obedecer. No trato com Deos teve tal familiaridade, que de ordinario, naõ attendia ao que passava, por ter o pensamento elevado nos bens eternos. A mayor parte da noite vigiava, passando em Oraçaõ. Trazia sempre nas mãos o Testamento Novo, em que interrompiaõ a liçaõ copiosas lagrimas. Quando o Porteiro o buscava no seu cubiculo, o achava dejoelhos, e naõ poucas dobrado, metido debaixo da cama, o que lhe era penoso por ser de estatura agigantada. Depois de em Gandia ter feito a profissaõ do quarto voto, com o Santo Varaõ o Padre André de Oviedo, foy chamado a Roma por Santo Ignacio, para com S. Francisco de Borja, e outros Padres verem as Constituições, que tinha feito para a Companhia, e determinarem o que parecesse mais conveniente. Passados dous annos succedeo ao Veneravel Mestre Simaõ Rodrigues no governo da Provincia de Portugal, que administrou com vigilancia, e grande cuidado; mas nem por isso cessava de prégar, e ensinar, com tal fama, que naõ faltava quem dissesse, que tanto fruto fazia em Portugal, como o Santo Xavier no Oriente. Andava visitando a Provincia, mais rendido do trabalho, que de outra causa, lhe sobreveyo huma febre na Villa de Moura: a sua humildade buscou o Hospital, e entre os mais pobres da enfermaria o achou o Cardeal Infante D. Henrique, que andava visitando o Arcebispado, e edificando-se da sua humildade se alegrou de o ver; porque como virtuoso estimava a virtude, e o mandou agazalhar com piedade, nascida do seu Real animo; porém com pouca satisfaçaõ da humildade do Santo Varaõ, que estimava em mais a companhia dos pobres. No anno seguinte pedio absolviçaõ do cargo, e vindo nisso Santo Ignacio, o nomeou depois Reytor de Valença, onde naõ poz menos cuidado na saude das almas, do que no governo dos subditos. Depois voltou a Portugal, donde foy mandado por Provincial de Aragaõ, donde tornou a Portugal em menos de hum anno, por superintendente do Collegio de Coimbra, e foy depois segunda vez Provincial desta Provincia; e passando a Roma foy assistente de S. Francisco de Borja, donde voltou a este Reyno por Visitador; e tornando a Roma, cheyo de trabalhos, e merecimentos, pagou o tributo de haver nascido, com morte preciosa.

Em

C Em Lisboa, no Religioso Convento de Nossa Senhora da Graça, da Eremitica Familia Augustiniana, a memoria de Fr. Cypriano Perestrello, o qual seguindo a sua vocaçaõ com tal fervor de espirito no caminho da virtude, conseguio em breve tempo alcançar o premio da Gloria. Era de huma vida inculpavel, casto, innocente, recolhido, naõ fallando senaõ o preciso, muy penitente, e continuo na Oraçaõ. Teve dom de lagrimas, com que se fazia sobre as outras virtudes mais amado. Naõ tinha mais que seis annos de Religiaõ, porém muitos de exercicios santos, quando gastado das penitencias, consumido de huma febre, que sofreo com paciencia, se lhe avisinhou a morte, cuja noticia recebeo com alegria, pedindo aos Prelados, que as Missas, que por elle applicassem, fossem todas de Nossa Senhora, a qual na vida tivera por Protectora, e queria na morte advogada, o que pela sua innocencia lhe foy outorgado; e repetindo o Santissimo Nome de Jesus muitas vezes, ficou immovel, e taõ mudado, que se julgou por morto, por espaço de meya hora; e tornando a si, referio huma notavel visaõ, que fora levado diante de Jesu Christo ao Juizo final, perante quem appareceo o demonio com medonha fórma, com hum livro na maõ, no qual estavaõ as faltas, que do Servo de Deos tinha escrito; e mandando o sevéro Juiz, que arguisse, e accusasse a Fr. Cypriano, depois de muito revolver emmudecia: e passado algum espaço, o Senhor lhe disse: *Vaite maldito ao fogo eterno, que para ti está aparelhado sempre, que naõ tens nada contra meu Servo.* E levantando-se, o abraçara, dizendo: *Vem filho bemdito com a bençaõ de meu Pay, possuirás o Reyno, que desde o principio sem principio te está aparelhado*; e logo vira a Virgem Santissima, seu Padre Santo Agostinho, e outros Santos da mesma Ordem, e alguns Santos da sua devoçaõ, e Anjos. E acabando de referir esta visaõ, deu o espirito ao Senhor, deixando na opiniaõ de todos, pelos quaes era reconhecido por Santo, huma quasi infallivel presumpçaõ da sua gloria.

Fr. Cypriano Perestrello, Eremita.

D Em Chaul, no Convento de Santa Barbara, será sempre saudosa a memoria de seu virtuoso Guardiaõ Fr. Joaõ de Soria, de taõ eminente virtude, que quando entre os Portuguezes, e Gentios havia huma cruel guerra, em que aquella Cidade se vio em grande consternaçaõ, instava Fr. Joaõ a Deos,

Fr. Joaõ de Soria, Franciscano.

com fervorosas deprecações, e lagrimas, pedindo-lhe soccorresse aquella afflicta Cidade. Em huma occasiaõ ouvio huma voz do Ceo, que dizia: *Vigiay, peleijay, e vencereis.* Estas palavras repetia o Servo de Deos nos assaltos, com que se animavaõ os Soldados com tal constancia, que no ultimo assalto era taõ forte o impeto dos Barbaros, que pareceo impossivel sustentallo; porém os nossos cheyos de Fé o sofreraõ taõ valerosamente, que rechaçados os Barbaros, cedeo a multidaõ à constancia; de que timidos os inimigos se retiraraõ taõ apressadamente, que mais pareceo fugida, que retirada. Com estes, e outros casos se acreditava a virtude do Servo de Deos, até que acabou em paz com grande fama de santidade.

Sor Maria de Jesus, Agostinha Descalça.

E No Mosteiro das Descalças de Santo Agostinho, junto a Lisboa, a Madre Maria de Jesus, Religiosa muy zelosa da regular observancia, e santas ceremonias da Igreja; de grande Oraçaõ, e humildade, em que exercitava as suas discipulas, sendo Mestra das Noviças, sendo o seu exemplo o que mais as obrigava a se adiantarem com santa emulaçaõ no exercicio das virtudes. Era de animo pacifico, socegado, e inalteravel a todos os contratempos; nem nunca se lhe ouvio palavra, que nascesse de perturbaçaõ; só quando succedia ver as cousas do culto Divino tratadas com menos cuidado, ou as ceremonias com menos perfeiçaõ, cheya de zelo santo reprehendia a falta, mostrando nos affectos, com que se explicava, a grande dor, que lhe causavaõ aquellas ommissões. Em tudo em que a obediencia a occupou, servio com satisfaçaõ: ainda que sentia ser provida nos officios da Ordem, os exercitava com pontualidade. Era grande o seu prestimo, e prudencia, e assim nunca estava sem ser occupada; nos officios humildes da casa servia com alegria, porque na humildade fundou toda a sua virtude. Introduzio naquella Casa a celebre devoçaõ de Santa Gretrudes; sessenta dias antes da festa do Nascimento de Christo, fazer o enxoval para o Menino Deos, fabricado de mortificações interiores, e exteriores, acompanhadas de muita Oraçaõ, e silencio; o que ainda hoje se observa, tirando-se por sorte. Foy tambem devoçaõ sua, ordenar hum Lausperenne nas vesperas da Assumpçaõ da Virgem, que começava aos treze de Agosto, às tres horas da tarde, e acabava aos quinze, às tres da manhãa, repartindo-se as horas em

em assistencia do Coro, fazia com muitas lagrimas a parte que lhe tocava, como quem era authora da devoçaõ. Achava-se já muy doente, e em vespera da Assumpçaõ, hindo para as Matinas, disse a algumas Religiosas, que aquellas seriaõ as ultimas; e ficando depois de acabadas no Coro por largo tempo, se esteve aparelhando com actos de amor de Deos, e de outras expressoens semelhantes; se entendeo depois lhe fora revelada a hora da sua morte, para a qual se preparou com o Divinissimo Sacramento, que recebeo no discurso da doença por devoçaõ: e ultimamente com o Santissimo Viatico, tendo sofrido com paciencia os incommodos da doença, resignada toda na Divina vontade, chea de Fé, em hum Sabbado àquella mesma hora, que costumava rezar a Ladainha de Nossa Senhora, de quem foy cordeal devota, levantando com socego os olhos ao Ceo, deu seu espirito ao Senhor, entre as lagrimas, e suspiros das Religiosas, que do seu exemplo, e trato, tinhaõ recebido admiraveis documentos de virtude; pelo que a amavaõ ternamente, deixando-lhe de sua santa vida huma perpetua saudade, que augmentava mais a fermosura do rosto, testemunhando em semblante alegre a gloria da sua ditosa alma.

Commentario ao XXV. de Agosto.

A FORAÕ prezos em Vomura, imperando Toxogunsama, e gloriosamente coroados Martyres, Fr. Luiz Sotelo, Hespanhol, natural de Sevilha, de illustre nascimento, que sendo já homem se havia recolhido nos Recoletos da Religiaõ Serafica, e ardendo no zelo da salvaçaõ das almas, com alguns Companheiros da mesma Religiaõ, passou às Filippinas, e entrando no Japaõ fez grande fruto, convertendo a muitos ao conhecimento da nossa Santa Fé, com a prégaçaõ do Evangelho, catequisando aos moços, confundindo aos Bonzos, e falsos Sacerdotes dos Idolos, em que fez muitas obras do serviço de Deos, até que veyo a dar a vida como temos dito, e juntamente Fr. Luiz Sassandra, e Luiz Bava, Japões, que todos tres em Vomura, no anno de 1624, foraõ mortos, como refere Cardim no seu *Catalogo*, pag. 297, e o *Martyrologio Franciscano*, neste dia; Rapineo *Historia Geral da Origem dos Recoletos*, Decad. 11. part. 2; Bzovio tom. 17. ad ann. 1471. §. 14. cap. 25; Solero *Histor. Ecclesiast. do Japaõ*, tom. 2. liv. 15. cap. 10, e em muitos lugares; e a *Origem da Ordem Terceira de S. Francisco*, pag. 314.

O Padre Miguel Carvalho era natural de Braga, filho de Gaspar de Carvalho, e Catharina Dias. Entrou na Companhia, e no tempo que estudava Filosofia pedio a Missaõ da India, para donde embarcou no anno de 1602, com cincoenta e sete Companheiros, de quem era Superior o Padre Alberto Laercio. Na Cidade de Goa estudou Theologia, em que fez taõ excellentes progressos, que veyo a ser insigne Mestre. Contava quarenta annos, quando abrazado no desejo de passar ao Japaõ, venceo o seu fervor o obstaculo, que a sua mesma pessoa lhe punha na necessidade, que havia para o magisterio. Embarcou, e

depois de naufragar na viagem, disfarçado em Soldado entrou no Japaõ: aprendeo a lingua da terra, em que já destro, começou a exercitar as obrigações de Missionario, confessando, e corroborando na Fé aos escondidos Christãos, temerosos dos Edictos do Emperador, que sabendo o que passava, fez prender ao Padre Miguel Carvalho, o qual fez depois queimar no referido dia, e anno. Delle fazem mençaõ Nadasi *Annus Dierum*, &c. neste dia; o Illustrissimo Cunha na *Historia de Braga*, part. 2. cap. 106; Franco *Imagem da Virtude no Noviciado de Lisboa*, liv. 2. cap. 25, e no *Synopsis*, pag. 65; e no *Anno Santo da Companhia*, neste dia; e o *Menelogio da Companhia*, neste dia; Albergaria m.s. pag. 100; Pereira *Paciecidos*, pag. 167, e outros.

O Padre Fr. Pedro Vasques era natural do Reyno de Galliza, do Lugar de Barin, do dominio dos Condes de Monte-Rey. Tomou o Habito em Madrid, e estudou Filosofia, e Theologia em Segovia, e Avila. Ainda era Estudante quando o Padre Fr. Diogo Duarte, Religioso de vida exemplar, procurava alguns Religiosos para a sua Provincia de Filippinas. Concorriaõ em Fr. Pedro aquellas partes, que constituem hum bom Religioso, recolhido na cella, dado à Oraçaõ, e às obrigações do estado. Tendo noticia da commissaõ, se resolveo à viagem; embarcou em Sevilha para Mexico; foy mandado a Manila, e dahi à nova Segovia; applicou-se a saber a lingua da terra, para exercitar o ministerio do Evangelho, em que por seis annos se empregou com louvor. Neste tempo chegou noticia do Martyrio do Padre Fr. Affonso de Navarrete, no Japaõ: ardeo em hum desejo de lhe ser companheiro no Martyrio, assim como o era na Religiaõ: alcançou licença dos Prelados, depois de terem passados dous annos, em que se tinha preparado com jejuns, e orações, ajuntando novas mortificações às costumadas. Para entrar no Japaõ mudou de traje, e servindo-se do disfarce, tinha entrada franca em toda a parte, e assim consolava aos Christãos, com a administraçaõ dos Sacramentos, prégando, e confessando, catequisando, e bautisando; de sorte, que em hum só anno confessou mais de sete mil pessoas. Foy reconhecido dos Ministros, e logo prezo no carcere, onde achou já o Padre Fr. Luiz Sotelo, e depois os mais Companheiros, com que entrou na Gloria. O *Agiologio Dominico*, neste dia; Fr. Diogo Duarte na *Chronica das Filippinas*, e outros Escritores da Ordem.

B Ainda que o Padre Diogo Miraõ era natural da Cidade de Valença, Cabeça daquelle Reyno, teve tanta assistencia neste Reyno, que parece obrigaçaõ fazer delle memoria, principalmente quando as suas virtudes, e zelo desta Provincia foraõ taõ admiradas, que serviraõ de exemplo a muitos, e de edificaçaõ a todos. ElRey D. Joaõ o III. o estimou tanto, que o escolheo para seu Confessor: honra de que o Santo Varaõ se escusou, dizendo, que era Estrangeiro; a que ElRey respondeo, que para elle nenhum filho da Companhia era de outra Naçaõ. Santo Ignacio naõ approvou o escusarse o Padre a hum Rey, que tinha sido a causa do estabelecimento da Companhia, como refere em huma Carta sua, que anda na II. Parte da *Chronica da Companhia*, liv. 4. cap. 2, em que se vê a gratidaõ do Santo, e a grande attençaõ, com que se lembrava dos beneficios, que a Companhia tinha recebido daquelle Monarca. Faleceo no anno de 1590. Delle faz mençaõ Telles na *Chron. da Companhia*, part. 1. liv. 1. cap. 20. part. 2. liv. 4. cap. 1; Orlandino *Historia da Companhia*, liv. 4. n. 166; Nieremberg *Varoens Illustres da Companhia*; Alegambe *in Bibliotheca Societatis*, *in verbo Jacobus Mireo.*

C Fr. Cypriano Perestrello foy natural de Coimbra, de geraçaõ nobre: entrou na Religiaõ de dezaseis annos, e contando vinte e dous, faleceo neste dia, no anno de 1575. No seu Breviario trazia por registo em muitas partes escritos estes versos, que contém hum conselho de Paulino a hum seu amigo, que refere Santo Agostinho, tom. 2. Ep. 36. e dizem:

Vive, precor, sed vive Deo; nam vivere mundo
Mortis opus, viva est, vivere, vita Deo.

Delle fazem mençaõ a *Chronologia Monastica* de Purificaçaõ, e na *Chronica da Ordem*, part. 2. pag. 123; Felix Gerardo no seu *Diario*, ambos neste dia.

Elsio num. 54; o Arcebispo D. Fr. Aleixo, pag. 32, o poem a 3 de Janeiro; Albergaria *Triunfo dos Santos*, pag. 17. vers. m.s.

D Em tempo que governava o Estado da India o famoso Vice-Rey D. Luiz de Ataide, em o qual as Armas Portuguezas obrarao notaveis acções, e tiverao singulares victorias; padeceo a Cidade de Chaul pelos annos de 1570, o memoravel cerco, que refere Diogo do Couto na Decada VIII. Das gloriosas acções, que os Portuguezes obrarao nesta Cidade escreveo Diogo de Paiva de Andrade hum Poema Latino, vencendo em estylo ao que seu pay escreveo de Dio, como refere Manoel de Faria. No Commentario do dia 30 de Janeiro fica já feita mençaõ da Cidade de Chaul, na qual faleceo Fr. Joaõ de Soria, de quem faz mençaõ Artur no *Martyrologio Franciscano*, neste dia; Soledade na III. Parte da *Historia Serafica*, liv. 5. cap. 7. pag. 507; Barezzo na Parte IV. da *Chronica dos Menores*, liv. 3. cap. 71; Gonzaga na *Provincia de S. Thomé*, part. 4. Gravina *Vox Turturis*, pag. 2. cap. 24. pag. 84.

E Na Provincia da Beira, tres legoas de Lamego, fica o Concelho de Resende, nome corrompido de D. Rausendo, que lhe deu o nome, quando fez esta povoaçaõ no anno de 1030, conforme refere Rodrigo Mendes Sylva na *Poblacion de Hespaña*. Neste lugar passou parte da sua puericia o invicto Rey D. Affonso Henriques, que a deu a seu Avo Egas Moniz, e depois passou a ser de Fidalgos do appellido de Resende por herança, e hoje he seu Donatario D. Antonio de Castro, Almirante de Portugal. Nesta povoaçaõ, que terá seis centos visinhos, com huma Abbadía, apprefentaçaõ do Donatario, da invocaçaõ do Salvador, com quatro Beneficios simples, que he data do Abbade, e a Parochia de Nossa Senhora de Carquere, na qual foy bautisada a Madre Maria de Jesus, de que este Lugar se deve jactar ser Patria. Teve por pays a Diogo da Sylveira Carneiro, e Maria de Mello de Sequeira, pessoas devotas, e pias, de grande charidade, e temor de Deos. Tiveraõ seis filhas, a que a devoçaõ da mãy poz a todas o nome de Maria, e hum filho chamado Francisco Carneiro de Mello, homem de grande espirito, e virtude, que morreo Prior em Obidos. Era a Madre Maria das mais moças de suas irmãas, e educada entre aquella virtuosa familia com os dictames de seu irmaõ, o qual teve grande communicaçaõ com o Author da Reforma Augustiniana neste Reyno, que conhecia bem o seu talento; e como desejava pessoas de costumes dignos de perseverarem em huma vida taõ austéra, como a desta Casa, lhe pedio, que lhe escolhesse pessoas para entrarem Religiosas nella, das que elle conhecia, e que advertisse: (palavras da Carta) *Que Saõ Paulo dizia, que a charidade bem ordenada começa por nossa casa, e assim o deve V. M. fazer.* Com este conselho partio Francisco Carneiro para Lisboa, com duas irmãas, e huma prima, e achando difficuldade em naõ serem recebidas naquella Casa duas irmãas, se tirou por sorte o lugar: cahindo na Madre Maria, se recolheo a Obidos com a outra, que tomando o Habito de Santo Agostinho, viveo debaixo da direcçaõ de seu irmaõ, dentro na sua propria casa, onde a buscou depois huma patente do Prelado da Refórma; porém foraõ taes as enfermidades, que o naõ pode pôr em execuçaõ, falecendo santamente. O seu enxoval, que tinha feito para entrar naquelle Mosteiro, mandou se entregasse nelle, onde as Religiosas lhe cantaraõ hum Officio, parecendo, que aquella determinaçaõ naõ queria Deos se quebrasse. Faleceo a Madre Maria de Jesus, neste dia, do anno de 1691, cheya de virtudes, e favores do Altissimo, como vimos de huma Relaçaõ deste Mosteiro, que nos participou o Reverendissimo Padre Fr. Agostinho de Santa Maria, Geral que foy desta Refórma.

AGOSTO XXVI.

Joaquim, Jap.

A M Fingo, no Japaõ, Joaquim Vatanabe, que sem mais culpa, que ser Christaõ, que elle confessou, foy prezo no carcere, onde rendeo a vida em obsequio da Fé. Item em Deva Organtino Tanxu, o qual occupado no Officio de Sacristaõ de huma Igreja dos Religiosos da Companhia, servia a JESU Christo com tanto fervor, que sendo publico professor da Religiaõ Christãa, foy prezo, e juntamente Luiza, sua mulher, de idade taõ avançada, que contava sessenta e nove annos, e Organtino setenta e cinco; e assim velhos pela idade, moços pela constancia, com que confessaraõ serem filhos de JESU Christo, por cujo Nome abrazados os seus corações no Amor Divino, metidos em fogueiras de ardentes chammas, donde sobiraõ suas bemditas almas à Gloria coroadas de Martyrio.

Organtino, e Luiza MM. Jap.

Bartholomeu Nacamura, e Luiz MM. Jap.

B No mesmo dia em Sumamoto de Fingo, deraõ com incrivel valor as vidas, Bartholomeu Nacumura Toyazemon, e Luiz, seu filho, entregando pela gloria de Deos, e confuzaõ dos seus naturaes, as gargantas aos fios das catanas; pelo que mereceraõ ser numerados por Martyres de Christo.

O Irm. Cosme Vaz, da Comp.

C No Collegio de Santo Antaõ de Lisboa, sacrificou a vida em obsequio da charidade, o Irmaõ Cosme Vaz, que depois de ter edificado com o seu exemplo, no tempo que servio de Porteiro, depois sendo destinado para acompanhar os Padres, que foraõ a servir os feridos do terrivel mal da peste, mostrou o zelo, com que se empregou no serviço do proximo. Ateou-se no Collegio o mal: a Religiaõ o empregou no officio de Enfermeiro, em que se admirou a sua charidade, servindo, e regalando a huns, e amortalhando, e enterrando a outros, taõ destemido como senaõ fora contagio, do qual ferido veyo a acabar.

Sor Elena do Espirito Santo, Franciscana.

D Em o Mosteiro do Salvador da Cidade de Evora, sobio ao Ceo, ornada de preciosas virtudes a Madre Sor Elena do Espirito Santo, a qual conservou em seu peito huma tal innocencia, que vendo seus pays a inclinaçaõ, que tinha à virtude, a recolheraõ aos Claustros da Religiaõ de idade de sete annos,

annos, em que começou a viver com tanta obſervancia, como ſe eſtivera ligada com as obrigações de Religioſa, exercitando-ſe nos officios humildes, com particular ſatisfaçaõ de ſervir as Religioſas, querendo pelo abatimento das occupações, conſeguir o agrado do Divino Eſpoſo. Neſte modo de vida perſeverou ſempre, vivendo em eſtreita pobreza; e tendo parentes ricos, delles naõ queria nada, e ſó aceitava como eſmola alguma couſa em utilidade do Moſteiro, cujo material lhe deveo muito, e naõ menos no eſpiritual; porque em ſubdita, e em Prelada, edificou a todas com o exemplo, e com humildade. Nunca veſtio Habito novo, ſenaõ pobre, e remendado, nem menos ſe eximio de ſervir nos officios mais humildes, no meſmo tempo, que era Abbadeſſa. Caſtigava o ſeu corpo com jejuns, e vigilias: por muitos annos ſenaõ recolhia ao ſeu leito, paſſando as noites no Coro, onde com rigoroſas diſciplinas de arame, que ella meſma fazia, ſe maltratava: dellas repartia com algumas peſſoas devotas, e confidentes das ſuas mortificações. Uſava de diverſos cilicios, com que ſempre andava cingida, ou de ferro, ou de arame, com pontas agudas. Ella era a primeira, que ſe levantava a deſpertar as Religioſas, para irem a Prima, e muitos annos teve à ſua conta tocar o ſino às Matinas, e Prima. He grande companheira da penitencia a Oraçaõ: dava-lhe muitas horas, com muito fervor, concedendo-lhe o Senhor ver nella grandes couſas. Hum dia de S. Miguel lhe deu o Senhor a entender, que pela confiſſaõ geral que tinha feito, conſeguira o perdaõ dos ſeus peccados. Em outra occaſiaõ lhe diſſe o quanto ſe contentava daquella Serva. Em outra, que era paſſado o tempo das ſeccuras do eſpirito, e deſabrimentos das delicias; porque a amava, e que havia de ſobir a mayores gráos de perfeiçaõ: com outros favores moſtrou o Senhor o quanto amava eſta Eſpoſa. Cortada das penitencias, a que já a idade naõ podia reſiſtir, contando ſeſſenta e quatro annos, veyo a adoecer com tantos achaques, aos quaes pela contrariedade, com que ſe implicavaõ, naõ ſe atreveraõ os Medicos a fazer remedios, e aſſim viveo muitos annos, taõ debelitada, que ſe naõ movia ſem muitas dores, com tal faſtio, que os Medicos tinhaõ por milagroſa a ſua duraçaõ. Neſte eſtado a elegeraõ ſegunda vez Abbadeſſa, e ſendo levada ao Capitulo em

braços,

braços, aquelle corpo, que parecia estar nos ultimos parocismos, começou a governar com tal acerto, e vigilancia, sendo a primeira nas Matinas, arrimada ao seu bordaõ, donde naõ faltava senaõ muy oprimida dos achaques, e em todas as mais obrigações do Officio, se naõ experimentou falta; porque cercada de dores, animava Deos o seu espirito, mostrando no juizo de todos, naõ ser senaõ obra da sua maõ, o que ella fazia. Nesta taõ mortificada vida continuou tres annos, e depois alguns, até que o Senhor compadecido de sua Serva, tendo de idade setenta e seis annos, a chamou para lhe remunerar com eterna suavidade a sua innocente, ainda que penosa vida. Preparou-se com os Sacramentos com singular devoçaõ, e humildade, e resignada na vontade Divina, entregou a sua pura alma nas mãos do seu Creador, manifestando o Senhor os merecimentos de sua Serva, com hum notavel prodigio; pois ao tempo que o sino fazia o sinal, que se costuma na morte das Religiosas, se vio sobre o Mosteiro, na parte em que ella habitava, huma palma de luzes resplandecentes, que foy observada de muita gente da Cidade, e da principal della, que o testemunhou como prova da virtude, que nella se estimava.

Sor Maria Perpetua da Luz, Carm.

E No mesmo dia, no Mosteiro da Esperança da Cidade de Béja, acabou com morte prodigiosa a Madre Sor Maria Perpetua da Luz, a quem a Divina Providencia, desde os seus primeiros annos começou a mostrar o brilhante de huma alma pura, e devota. Destinaraõ-na seus pays para o estado de Religiosa, a que tambem a levava a inclinaçaõ, e crescendo com a idade o aproveitamento, se lhe fazia mais estimavel o estado. A natureza a dotou de fermosura; porém ella se revestio de huma tal modestia, que naõ dava lugar o respeito, para com curiosidade se attreverem a observalla; porque sóbre naõ desejar ser vista, todo o trato lhe causava desprazer; porque só o retiro estimava. Por eleiçaõ propria entrou a 4 de Outubro do anno de 1704, no Mosteiro da Esperança, da Ordem Carmelitana, e conformando se com o Estatuto, que abraçara, o seguio com edificaçaõ de toda a Communidade; porque deu principio à sua vida em profunda humildade, que sempre foy em augmento; de sorte, que ella se tinha pela mais indigna creatura, de que tirava amar ao proximo com singular charidade. Nesta fórma passou o tempo do Noviciado, e

chegan-

chegando o da profissaõ, se adiantou na observancia regular, observando exactamente tudo o que as Preladas lhe mandavaõ; porém, ainda que assistida da protecçaõ Divina, naõ a havia penetrado aquella superior luz, com que Deos depois a illustrou. Onze annos passou em huma vida religiosa, e ainda que observante, naõ era a do caminho da perfeiçaõ, que depois seguio com admiravel cuidado, movida superiormente, e foy motivo o prégarem na sua Igreja huns Missionarios, de que tanto se penetrou o seu coraçaõ, que desejou romper em excessos, que pudessem ser demonstradores da sua contriçaõ. Entrou em novo methodo de vida, principiando pelo proposito de já mais faltar às obrigaçoens do estado, que professara, a que se seguiraõ admiraveis effeitos da Divina graça; porque gostando da Oraçaõ, a continuou com tanto fruto, que foraõ prodigios os progressos, pois mereceraõ especiaes favores, com que a Divina Omnipotencia a enriqueceo no discurso da sua vida; sugeita sempre à obediencia dos seus Directores, caminhava segura à perfeiçaõ porque suspirava: assim nada obrava sem sua determinaçaõ; porque a vontade sugeita, e obediente, naõ contradizia o que se lhe ordenava. Mudou de Habito por outro grosseiro. Naõ usou de outra camiza, que naõ fosse de estamenha grossa, e desabrida: supposto contra esta resoluçaõ se levantaraõ algumas contradiçóes, ella constante seguio com humilde animo a ordem do seu Director. Com o novo traje se ajuntaraõ diversas penitencias, com que se declarou inimiga do seu corpo, que affligia com largas disciplinas, por tres vezes cada dia; a primeira ao amanhecer, tanto que se levantava da cama: *Pelas necessidades da Igreja, firmeza na Fé em todos os Catholicos, e para que se illustrassem os que a ignoravaõ*; a segunda antes de jantar: *Pelas suas culpas, faltas, e de toda a Communidade*; a terceira à noite antes de se recolher: *Pelas Almas do Purgatorio.* Naõ era menos rigorosa no jejum; porque depois que entrou na vida espiritual foy continuo, naõ comendo mais, que huma só vez no dia, e de hum só guizado, e em pouca quantidade; de sorte, que ainda esta porçaõ diminuîa com diversos motivos, para que se naõ entendesse a mortificaçaõ, que augmentava tambem algumas vezes com o desazonar de sorte, que lhe ficasse desabrido. Nos dias que recebia o Santissimo Sacramento, comia

sómente paõ, e era depois de Vesperas, senaõ succedia ser transportada em algum extasis, com que ficava absorta dos sentidos; porque entaõ à noite tomava aquella curta refeiçaõ, succedendo algumas vezes ficar sem comer todo o dia. Augmentava-se o seu abrazado espirito nas delicias do Divino Esposo; porém ao mesmo tempo se lhe attenuaraõ as forças; porque a debilidade prostrou a natureza; e como frequentava as Communhoens, e naõ diminuîa o rigor da abstinencia, padeceo muito, que ella sofreo abrazada do Amor Divino; de sorte, que naõ só havia renunciado o gosto dos manjares, mas tambem o das frutas. Neste austéro modo passou largo tempo, observando voluntariamente a abstinencia da carne; de sorte, que se o naõ encontrara o preceito do seu Confessor, nem nas doenças a comeria. Este rigoroso modo de vida faziaõ ainda mais penoso as vigias, por ser muy curto o tempo do descanço; porque a sua cama eraõ humas mantas sobre hum estrado, e por cabeceira huma pedra, que trocou depois por huma taboa. Afflicto assim o seu corpo pelos rigores da penitencia, eraõ admiraveis os frutos da Oraçaõ, em que conseguio singulares premios, recebendo o seu espirito extraordinarios favores do Altissimo, com que enriquecida a alma, se augmentaraõ os excessos, e os favores; porque illuminada da graça em intellectuaes, e repetidas visoens, a recreou o Senhor, e favoreceo com grandes demonstrações da sua infinita misericordia, provando-a tambem com muitos, e graves trabalhos, que ella com paciencia sofreo, como dados por Deos. Entre os muito favores, que o Senhor lhe permittio, foy o participarlhe (no modo possivel) todos os tormentos da sua dolorosa Paixaõ, os quaes experimentou em terriveis enfermidades, que tolerou, auxiliada da Divina graça, sem a qual era impossivel resistir aos trabalhos. Sete annos padeceo dos demonios formidavel guerra em crueis batalhas, já no pensamento, já em diabolicas representações, com que intentavaõ intimidalla; porém ella constante presistia sem perturbaçaõ, continuando os seus santos exercicios, e devoções; porque resoluta os lançava fóra do seu aposento com desprezo: aqui a perseguiraõ muitas vezes com tremendas, e horrorosas figuras, de que a sua fé soube triunfar. Sempre occupou o tempo de sorte, que já mais o teve ocioso; porque este foy sempre o seu mayor

yor cuidado, occupallo com algum trabalho, ordenado ao serviço de Deos, ou fosse espiritual, ou servil: pelo que costumava dizer: *Que tanto lhe dava cosinhar, como escrever; porque sendo o serviço em honra, e gloria de Deos, o mesmo seria orar, que varrer.* Foy o Coro a sua continuada habitaçaõ de dia, e de noite, donde naõ sahia senaõ precisada: aqui em quotidianos exercicios vagava a Deos em dilatada Oraçaõ, com que fortalecido o espirito podia emprender novos excessos. Assim mereceo por muitas vezes intellectualmente gozar Celestiaes delicias, obrando o Omnipotente Senhor com esta sua Esposa com tantas enchentes de sua infinita liberalidade, que parece a quiz igualar às suas mais favorecidas; de sorte, que naõ lhe cabendo por muitas vezes no interior, se lhe conhecia na alegria do semblante, de que se seguiraõ maravilhosos effeitos. A Virgem Santissima, e outros Santos, tambem a honraraõ, ficando nestas occasioens arrebatado o espirito, immovel o corpo em profundo extasi, rompendo por muitas vezes do excesso do amor em actos externos, com que respirava o seu amante coraçaõ do fogo, em que se abrazava. Teve espirito profetico: assim predisse muitas cousas, que o tempo verificou, acreditando a sua virtude, penetrando os interiores com confusaõ dos interessados. Finalmente, chegando a ultima hora da vida, foy a gozar do premio eterno na Celeste Jerusalem, havendo-a o Altissimo na vida, e depois da morte acreditado com prodigiosos effeitos da sua Omnipotencia, para gloria sua, e de sua fiel Serva.

Commentario ao XXVI. de Agosto.

A JOaquim Vatanabe, que no anno de 1606 morreo prezo no carcere de Fingo, na persecuçaõ de Daifusama, como refere o Padre Cardim, pag. 267. Na de seu filho Toxogunsama no anno de 1624, deraõ as vidas constantemente Organtino Tanxu, e Luiza, sua mulher, os quaes sendo instruidos na Religiaõ Christãa pelos Religiosos da Companhia, foraõ taõ veneradores do culto do verdadeiro Deos, que os Padres occuparaõ a Organtino em Sacristaõ. Delles se lembra o mesmo Cardim, pag. 297.

B De Bartholomeu, e seu filho Luiz, que no anno de 1632, imperando o Tyranno Toxogunsama, deraõ as vidas pela Fé, que professaraõ, nos deu noticia, ainda que breve, o Padre Cardim no seu *Catalogo*, pag. 321.

C O Irmaõ Cosme Vaz era natural da Cidade do Porto, e sendo mancebo de dezanove annos entrou na Companhia no anno de 1566; e sendo empregado em louvavel vida no ministerio de Coadjutor temporal, veyo a acabar neste dia, no anno de 1569, na terrivel peste, que padeceo Lisboa. Delle faz mençaõ Franco na *Imagem da Virtude no Noviciado de Lisboa*, liv. 2. cap. 16.

D Nasceo Sor Helena do Espirito Santo na Cidade de Evora: seus pays se chamaraõ Christovaõ de Burgos, e Luiza Mendes, pessoas ricas, e honestas, e de grande charidade com os pobres, com quem liberalmente despendiaõ a sua fazenda; e sendo muita com que podiaõ dotar largamente sua filha, vendo a sua inclinaçaõ, a recolheraõ no Mosteiro do Salvador de idade de sete annos, em o qual viveo com raro exemplo, como temos visto. Assim como o espiritual da Casa lhe deveo muito, no desejo em que todas se empregassem no serviço de Deos, naõ lhe deveo menos o material; porque quasi a reformou toda. Sendo Sacristãa, poz a Igreja em grande policia, despendendo muito no culto Divino, para que o Senhor fosse servido com toda a decencia, ornando os Altares com frontaes, ramilhetes, e outras despezas, que mostraraõ o seu animo virtuoso. Sendo Abbadessa teve huma particular economia; pois sendo as rendas do Mosteiro muy limitadas, ella as despendia com tal arte, que tudo luzia, sem fazer empenho. Obras suas foraõ as cadeiras do Coro de baixo; os azulejos com o retabulo, em que gastou mais de dous mil cruzados; os portaes da Igreja; a reformaçaõ das grades dos Locutorios; tambem he obra sua a Capella da horta, em que poz os Passos da Paixaõ, e nella se recolhem as Religiosas às suas devoções, onde se tem feito a Deos agradaveis sacrificios. O grande cuidado que tinha, de que as suas Companheiras se augmentassem na vida devota, lhe fez fazer esta obra. Assim que via alguma Religiosa, que se augmentava na perfeiçaõ da vida, logo se metia com ella, sómente para a encaminhar. Toda a sua vida passou em hum continuo cuidado de agradar a Deos, e de se mortificar. O Senhor lhe fez notaveis merces, que ella deixou escrito, sem duvida, por ordem do seu Confessor. A sua Vida escreveo particularmente, mas naõ a vimos, nem a brevidade do nosso estylo nos permitte alargarmonos. Faleceo neste dia, do anno de 1674, como refere o livro da Fundaçaõ deste Mosteiro, da qual faremos mençaõ no dia 14 de Outubro, com a Madre Sor Catharina de Santo Antonio, sua Fundadora.

E Na Cidade de Béja, fundou no anno de 1541, huma virtuosa mulher, chamada Leonor Colaça, o Mosteiro da Esperança de Religiosas Carmelitas. Nelle entrou a Madre Sor Maria Perpetua da Luz, de quem fizemos mençaõ. Era natural da mesma Cidade, e nella nasceo a 14 de Julho de 1684. Seus pays foraõ Manoel da Costa Diniz, Escrivaõ dos Orfãos, e Leonor de Jesus, pessoas timoratas, e de bons costumes; de sorte, que criaraõ esta filha em santo temor de Deos, que ella depois servio, e amou com o excesso, que temos referido no Texto. Faleceo neste dia, do anno de 1736. A sua vida foy prodigiosa; porque nella se admirou profunda humildade, hum rigor na abstinencia, asperas penitencias, continua na Oraçaõ, e outras virtudes, exercitadas em gráo heroico, favorecida com extraordinarias visoens, e illuminada pela Divina Sabedoria; de sorte, que admirou o seu Director, para se persuadir, que era prodigio da graça; porque de outra sorte era impossivel a intelligencia, com que discorria segura nos pontos mais difficultosos da Theologia, como admiraraõ Varoens Doutos, que a trataraõ, dissolvendo difficuldades, e desembaraçando-se a si mesma das que lhe occorriaõ. O seu Confessor, que a havia bem experimentado, lhe ordenou com preceito formal, lhe desse por escrito tudo o que no Confessionario, e fóra delle lhe devia communicar. Foy custosa a obediencia; porém satisfez ao preceito com pontualidade, e escreveo dous volumes grandes, que existem da sua propria letra, de que o Doutor Fr. Joseph Pereira de Santa Anna, extrahio huma Obra Ascetica, e Moral, que anda a pag. 252, da sua *Vida*, que elle largamente escreveo, ornada da elegancia da sua penna, já estimada por diversas Obras, que correm suas com applauso, e esta se imprimio em Lisboa, no anno de 1742, donde tirámos o referido, e o Leitor poderá ver, quando com individuaçaõ se queira informar qual foy a vida desta Serva de Deos, que o estylo, que seguimos naõ permitte alargarmonos mais do que dissemos no Texto.

AGOS-

AGOSTO XXVII.

A NA auguſta Cidade de Braga, a precioſa morte daquelle illuſtre exemplo de Prelados, eſclarecido por ſangue, admiravel em zelo da ſua Igreja, D. Eſtevaõ Soares da Sylva, Arcebiſpo Primaz de Heſpanha, em o qual contenderaõ as virtudes, dando tantas luzes de ſeu heroico animo, que ſeria muy difficil julgar em qual foy mais eminente, e ſuperior; porque havendo eſtudado com feliz engenho os primeiros rudimentos, com tanta inclinaçaõ às letras, no Moſteiro de Santa Cruz de Coimbra, donde recebeo o Habito, e ſe aperfeiço-ou nas ſciencias, e virtudes, de ſorte, que foy douto, e ſanto. Deſta ſorte habilitado mereceo ſer aſſumpto à Archiepiſcopal Cadeira de Braga, em que deu evidentes moſtras da ſua prudencia, e do ſeu talento, e virtude. Achou-ſe em hum dos mayores Congreſſos, que teve a Igreja Catholica, no Concilio Lateranenſe, que convocou em Roma o Papa Innocencio III. no anno de 1215, em que ſe acharaõ ſetenta Arcebiſpos, quatrocentos e doze Biſpos, oitocentos Abbades, e Priores Conventuaes, além dos Patriarcas de Jeruſalem, e Conſtantinopla, e Embaixadores dos Principes Chriſtãos. Neſte ſagrado Congreſſo brilhou o talento, zelo, e literatura do noſſo Arcebiſpo. Trabalhou tanto pela liberdade Eccleſiaſtica, que mereceo do Papa Honorio III. o ſeguinte Elogio: *De zelador da Eccleſiaſtica liberdade, abrazado no zelo da juſtiça, e que naõ ſabia, nem queria reſpeitar mais os homens, que a Deos: Varaõ eminente em letras, e ſantidade.* Deſta maneira foy acreditado pelo Oraculo da Igreja em vida, a qual elle toda gaſtou em obras heroicas, porque mereceo ſer hum dos Illuſtriſſimos Prelados da Igreja Bracarenſe, por cuja liberdade trabalhou ſempre, ſem attençaõ aos reſpeitos do Mundo: pelo que ſerá a ſua memoria veneravel nos Annaes daquella Igreja, onde jaz enterrado em ſepultura, que elle tinha mandado lavrar.

D. Eſtevaõ Soares, Arceb. de Braga.

B Em o Moſteiro de Noſſa Senhora do Bom Succeſſo, naõ diſtante da inclyta Lisboa, o felice tranſito de Sor Brizida de S. Patricio, Freira Converſa, taõ abſtinente, e mortificada,

Sor Brites de S. Patricio, Dom.

tificada, que nos tres dias ultimos da Semana Santa naõ comia cousa alguma, nem ainda bebia agua; o que observava em todos os jejuns, que a devoçaõ, e o preceito a obrigavaõ, naõ bebendo mais que ao jantar. A sua Oraçaõ era taõ elevada, que costumava dizer como admirada, para que era necessario relogio para medir o tempo, senaõ estar sempre, e sempre com Deos? O amor da humildade deu a conhecer em servir quasi toda a vida de Cosinheira, succedendo em muitas occasioens o Senhor suprir pelos seus merecimentos muitas faltas, que se experimentavaõ em Casa. Era a sua virtude de sorte, que mereceo, que Deos lhe manifestasse casos futuros, que sincéramente referia, como quem tinha animo candido, e singello; porém se depois com curiosidade lho perguntavaõ, respondia, que fora sonho. Sobre muitas penitencias trouxe sempre por baixo da toalha à imitaçaõ de Santa Rosa, huma coroa fabricada com pontas, que servindo-lhe de mortificaçaõ no Mundo, lhe seguraraõ eterna gloria na Patria Celestial, onde piamente entendemos está descançando.

Ignacio Kiyemon, e 10 comp. MM. Jap.

C Em Ximanara, no Japaõ, a generosa constancia, e fortaleza singular de onze Cavalleiros de Jesu Christo; a saber, Ignacio Kiyemon, Regina, sua mulher, com tres filhos, Gaspar Fanzaburâ, Balthazar Gorofaku, e Francisco Curanjo; Paulo Xokichiorô, Anonymo, seu irmaõ, Miguel Sampey, Gaspar Yoxichirô, Maria, sua mulher, e seu filho, de quem naõ sabemos o nome. Os quaes todos por serem caseiros do Padre Jacome Antonio Giannonio, que no dia seguinte os foy acompanhar ao Ceo, foraõ queimados vivos; e sendo taõ unidos na Fé, como foraõ conformes no martyrio, assim he de crer o seriaõ todos no premio eterno.

Sor Margarida dos Anjos, Agost.

D No Mosteiro de Santa Anna de Coimbra, deu a alma ao Senhor, que a creou, Sor Margarida dos Anjos. Resplandeceo nesta Esposa de Christo, depois da modestia, e gravidade da pessoa, exercitada em todo o genero de virtudes, huma profunda humildade, e abatimento. Achavaõ-na prostrada muitas vezes sobre as sepulturas, em profunda meditaçaõ. Viaõ-na com rotolos nas costas, que diziaõ: *Esta he Margarida peccadora.* Com esta, e outras humildes demonstraçóes, manifestava a paz interior do seu espirito, que o inimigo commum pertendeo perturbar com muitas tentaçóes; principalmente

te nos dias da Communhaõ, que a virtuosa Serva de Deos vencia com a graça do Senhor, até que com ditosa morte foy lograr eminente lugar no Ceo.

Commentario ao XXVII. de Agosto.

EM todos os seculos produzio a esclarecidissima Familia de Sylvas, Varões insignes, ou fosse no estado de Secular, ou no Ecclesiastico, pois no discurso desta Obra nos dá tantas vezes assumpto para fallarmos deste antiquissimo tronco, que tanto tem illustrado o nosso Reyno, nas Casas, que delle procedem, e em Castella donde se conservaõ outras no mayor auge de esplendor, a que póde chegar a nobreza: como poderáõ ver os curiosos, na estimada Historia da Casa de Sylva, que escreveo o erudito D. Luiz de Salazar e Castro. Desta pois Illustrissima Familia nasceo D. Estevaõ Soares da Sylva: foy seu pay D. Soeiro Pires da Sylva Rico-homem, a quem o Conde D. Pedro de Barcellos no seu *Nobiliario*, tit. 58, chama D. Soeiro Pires Torta, ou Escacha, e a sua mãy D. Froyle Viegas, filha de D. Fafes, e de D. Urraca Mendes de Sousa, das mais esclarecidas Familias do Reyno; de sorte, que em nobreza naõ tinhaõ, que poder mais desejar. Teve duas irmãas D. Estefania Soares da Sylva, Aya delRey D. Sancho II. a qual casou com D. Martim Fernandes de Riba de Vizela Rico-homem, cuja fecundidade foy taõ ditosa, que por seus descendentes fez participantes do sangue dos Sylvas a todos os Principes da Christandade. A segunda foy D. Maria Soares da Sylva, que casou com Pedro Martins, Senhor da Torre de Vasconcellos, e tem por descendentes a Illustre Casa de Vasconcellos, e outras que em Portugal gozaõ deste appellido.

Sendo D. Estevaõ Soares da Sylva, unico filho varaõ da sua Casa, seguio a vida Ecclesiastica, e estudou no Mosteiro de Santa Cruz, entaõ Seminario dos filhos de todos os grandes Senhores da Corte; affeiçoado ao Instituto, foy Conego naquelle insigne Mosteiro. Toda a vida mostrou o grande amor, que tinha à sua Religiaõ, como se vê de huma Carta de Irmandade, contratada com os Conegos Regrantes de Santa Cruz, e os Arcebispos de Braga, e seus Conegos. Dos Claustros da Religiaõ foy tirado para Mestre Escola da Cathedral de Braga, e naquelle Mosteiro se achaõ muitos exemplos semelhantes, e depois promovido à Dignidade Archiepiscopal daquella Diocesi, na qual mostrou zelo de verdadeiro Pastor: pelo que teve grandes contendas com alguns Ecclesiasticos, que repugnavaõ obedecerlhe, e com os Ministros da Coroa Real, como refere a IV. Parte da *Monarchia Lusitana*, aonde remettemos ao Leitor. Achou-se com ElRey D. Sancho quando conquistou aos Mouros Elvas, Serpa, Jurumenha, e outras povoações na Provincia de Alentejo, onde no anno de 1226, se acha confirmando algumas Doações com o mesmo Rey. Achou-se no Concilio Lateranense, como fica referido: aqui se diz, que o Arcebispo contendera com D. Rodrigo Ximenes, Arcebispo de Toledo, sobre a primazia da sua Igreja, mostrando com doutas razoens a evidente justiça, que lhe assistia pela sua Igreja, que defendeo egregiamente; de sorte, que naõ pode o Papa resolver este negocio a quem seu successor depois deixou a cada hum no estado em que se achavaõ as suas Igrejas. Alguns dos nossos Authores referem esta contenda do Arcebispo D. Estevaõ, com o Arcebispo D. Rodrigo, seguindo huma Relaçaõ de D. Garcia de Loaysa, Arcebispo de Toledo, que diz, que os dous Arcebispos contenderaõ no Concilio, sobre a qual das Igrejas tocava a Primazia. Porém o eruditissimo, e Excellentissimo Marquez de Agropoli nas *Dissertações Ecclesiasticas*, sobre a vinda de Santiago a Hespanha, cap. 12. pag. 57, convence de falso este facto com evidentes razoens, mostrando, que o Arcebispo D. Rodrigo Ximenes, naõ se achou neste Concilio; o que está taõ claramente discutido, que naõ podemos

mos deixar de o seguir, ainda que privemos ao Arcebispo D. Estevaõ Soares da Sylva da gloria desta disputa; porque he certo, que se houvesse occasiaõ, o seu zelo, sabedoria, e liberdade, a saberia tratar nervosamente; e assim se a teve, foy em differente tempo, do que Loaysa refere. Tendo governado com acerto a sua Igreja, como verdadeiro Pastor, fez o seu Testamento, em que lhe deixou grandes legados, que refere o Illustrissimo Cunha na *Historia de Braga*, part. 2. cap. 21, na sua Vida. Estando na Villa de Trancoso faleceo neste dia, do anno de 1228, e delle faz mençaõ o livro dos obitos de Santa Cruz, com estas palavras: *VI. Kalendas Septembris obiit Domnus Stephanus Bracharensis Archiepiscopus Canonicus Sanctæ Crucis. Æra MCCLXVI.* que he o anno referido; e a *Chronica dos Conegos Regrantes*, part. 2. liv. 11. cap. 6; Salazar *Casa de Sylva*, tom. 1. liv. 2. cap. 17; Brandaõ na Parte IV. da *Monarchia Lusit.* liv. 14, e liv. 13. cap. 23, e 24. *Historia de S. Domingos* de Sousa, part. 1. liv. 1. cap. 21. pag. 47; e Purificaçaõ na *Chronologia Monastica*, neste dia.

B Era Sor Brites de S. Patricio de nascimento Irlandeza, mas criada na Cidade de Lisboa; e entrando a tomar o Habito de S. Domingos no Reformado Mosteiro do Bom Successo, viveo com tal perfeiçaõ, que mereceo a sua virtude ser louvada nas Memorias daquella Casa. Faleceo neste dia, do anno de 1689, de que faz mençaõ Lima no *Agiol. Dominico.*

C Na persecuçaõ de Toxogunsama, no anno de 1632, foy o glorioso certame dos referidos onze Martyres, de que faz mençaõ o Padre Antonio Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, pag. 324.

D Faleceo no Mosteiro de Santa Anna de Coimbra das Religiosas Eremitas de Santo Agostinho, com opiniaõ de grande Serva de Deos, Sor Margarida dos Anjos, no anno 1716. Tudo o que della referimos consta de verdadeiras Relações, que por meyo do Doutor Fr. Joseph Caetano, da Ordem de S. Jeronymo, Lente de Vespera, bem conhecido pelas suas letras, e excellentes escritos, que imprimio, nos communicou do dito Mosteiro.

AGOSTO XXVIII.

D. Leaõ de Noronha. *A*

M S. Francisco de Alenquer, espera a Resurreiçaõ universal D. Leaõ de Noronha, Varaõ pio, e devoto, em quem a excessiva charidade para com os proximos, foy a baze, em que fundou huma solida virtude, que exercitava em taõ continua Oraçaõ, que subindo ao auge a que Deos eleva os seus escolhidos, declarou o Senhor os merecimentos deste seu fiel Servo, com patentes prodigios da sua Omnipotencia. Era taõ illustre no nascimento, como claro na virtude. Teve por pays D. Henrique de Noronha, e a D. Guiomar de Castro, ambos esclarecidos descendentes da Familia de Noronha, taõ conhecida em Hespanha, que nenhuma outra a excede em mais altos principios. Desde os primeiros annos foy bem inclinado; e como tinha mais irmãos, tomou o Habito de S. Francisco; porém o Senhor, que se havia de servir delle em bem differente estado, permittio, que se achasse sem successor a Casa de seu pay; porque seu irmaõ D.

D. Pedro havia professado na Religiaõ de S. Jeronymo, e seus irmãos D. Jorge, e D. Henrique, faleceraõ na India, onde tinhaõ passado a servir. Nesta consternaçaõ se achava seu pay sem filho, que lhe houvesse de succeder na Casa, e Morgados dos seus mayores, em o qual se perpetuasse a memoria de taõ alta varonia, por ser de ordinario nas Casas grandes a mais sensivel dor a falta de successaõ. Determinou tirar da Religiaõ a D. Leaõ: naõ teve elle voz para contrariar a vontade do pay, entendendo, que em todo o estado se serve a Deos, havendo resoluçaõ; porque naõ costuma este Senhor faltar com os seus auxilios, a quem de coraçaõ o busca. Assim o permittio enriquecendo a D. Leaõ, de tantas virtudes, que póde ser o exemplar mais perfeito dos que seguem o estado de casados, vendo em hum Fidalgo illustre praticadas em sua propria Casa as virtudes de hum perfeito Religioso, sem que nas occasiões precisas se diminuisse o decóro de pessoa taõ grande. Deu-lhe seu pay por esposa a D. Branca de Castro, filha de D. Gonçalo Coutinho, Commendador da Arruda, e de D. Brites de Castro, filha de Ayres da Sylva, Senhor de Vagos, Regedor das Justiças, todos das primeiras, e mais illustres Familias do Reyno. Ao seu alto nascimento se uniraõ admiraveis dotes da natureza; porque sobre ser fermosa, era ornada de tantas virtudes, que podiaõ competir com seu esposo: era esmoler com os pobres, e com todos humilde, e em tudo o mais admiravel. Estas partes, que D. Leaõ estimava com respeito em sua esposa, quiz o demonio perturbar com huma tentaçaõ de infidelidade ao casto thalamo, com que armando a D. Leaõ, o fez cahir. Entre a familia, que acompanhou a D. Branca, para a servir, havia huma Donzella, de quem se affeiço-ou D. Leaõ, com taõ desordenada paixaõ, que teve della huma filha, que se chamou D. Angela, e tomando o Habito da Ordem de S. Domingos em o Mosteiro de Jesus de Aveiro, trocou o appellido de Noronha pelo do Paraiso, donde acabou santamente. Esta culpa chorou D. Leaõ toda a vida, naõ só pedindo a Deos perdaõ, mas todos os dias a sua esposa, diante de quem se punha de joelhos, e com lagrimas confessava publicamente o escandalo, e a culpa, com que offendera a bondade do seu Deos. Esta dor taõ vehemente foy o principio das penitencias, que elevaraõ a D. Leaõ ao perfeito estado

da vida devota, imitando a Santo Agostinho, com o seu Adeodato, de que tanto se lembra nas suas confissoens. Nunca mais viraõ, que D. Leaõ fallasse a mulher alguma mais, que o que cabia na politica Christãa. Desta sorte com o temor de Deos, emmendou a fragil natureza, sempre inclinada à culpa. Com jejuns, e outras penitencias castigou o seu peccado. Repartia com os pobres largas esmolas. Perseverou taõ frequentemente na Oraçaõ, que tinha os joelhos com calos duros como pedras, como se refere do Apostolo Santiago Menor. Desta sorte armado contra o inimigo, chorava com infinitas lagrimas a fragilidade do seu erro, emmendando como Christaõ, o que errou como peccador. Ficou taõ advertido, que nenhuma cousa, que pudesse servir de escandalo ao Mundo, faria por nenhum motivo da vida: assim lhe aconteceraõ algumas cousas, que no juizo dos Cortezãos, podiaõ passar por casos graciosos, e a elle serviraõ de mortificaçaõ; porque a virtude praticada tem differentes idéas, do que a mocidade desenvolta. Era applicado, tinha sido bom estudante, Filosofo, e Theologo, dado à liçaõ dos livros, mas com tal modestia, que já mais concebeo vaidade de sabio, e menos da que lhe pudera causar o seu alto nascimento, de que he admiravel prova o affecto, e amisade com que tratava aos criados, e sem que faltasse à gravidade, parecia na sua estimaçaõ naõ haver differença nas pessoas. O mesmo praticou com toda a cathegoria de gente, por mais desfavorecidas que fossem da fortuna. Costumava sempre dizer de si, que era ninguem. Este conceito, com que se abatia, se radicou tanto no seu coraçaõ, que por elle subio à alta esféra da perfeiçaõ. Era a sua humildade em gráo heroico, mas taõ entendido, que naõ deixou por isso de ter Casa correspondente ao illustre da sua pessoa; porque era servido com grandeza, em criados, ricas armações, copas, e tudo o que a decencia pedia em Casa de hum grande Senhor, que serviaõ ao respeito, e naõ à vaidade. Teve o favor dos Reys do seu tempo, dos quaes naõ alcançou nem merce, nem lugar; porque o seu coraçaõ nada o occupava mais, que o desejo de servir perfeitamente ao Rey, e Senhor dos Reys: pelo que naõ queria lugares, nem occupações, que lhe embaraçassem o serviço de Deos, em que se empregava com todo o cuidado.

A

A sua Casa, governou com prudencia de verdadeiro pay de familias, estimando os criados como irmãos, sem embargo de que nenhum sahia da esféra para que fora escolhido. Desta sorte a administraçaõ da sua Casa, era no modo do governo huma ajustada armonia. Os criados sahiaõ tambem educados, e morigerados de costumes, que tiravaõ por premio de tal serviço, recolherem-se às Religioens, sahindo desta escola Varoens eminentes em virtudes, e letras; outros seguindo as escolas, occuparaõ lugares honrados nos Tribunaes deste Reyno; outros se accommodaraõ no serviço da Casa Real, sendo taõ distinctos dos mais, que se conhecia nelles terem tido a criaçaõ da Casa de D. Leaõ; porque eraõ amigos da honra, tendo por brazaõ o terem servido a tal Amo; o que ordinariamente naõ succede, por se envergonharem os homens, quando se vem favorecidos da fortuna, da memoria de a terem padecido contraria, como se o conhecimento honrado naõ fizera mais luzida a mesma fortuna. Era virtuoso, e santo, e naõ consentia nos da sua familia vicios, os quaes logo evitava. Quando lhe era preciso reprehender algum criado, ainda que fosse escravo; porque na sua estimaçaõ naõ nasceo ninguem no Mundo menos filho de Adaõ, para a charidade, e amor do proximo, buscava a Deos, e posto de joelhos lhe dizia, que naõ tomava aquella superioridade, senaõ para o ensino; e depois desta protestaçaõ, chamava o que era comprehendido, e o reprehendia asperamente, se o pedia o caso, dando-lhe o castigo conforme o delicto: porém depois compadecido os chamava, e consolava, explicando-lhe a obrigaçaõ de pay, que he de ensinar com amor, reprehender sem odio, e que nesta consideraçaõ de serem bem procedidos, honrados, e bons Christãos, descansaraõ seus pays, quando lhos entregaraõ.

Foy a sua Casa Hospital, e Enfermaria dos pobres, acodindo a sua charidade a todos os necessitados sem distinçaõ; e para que naõ pudesse ser occulto o zelo, com que se compadecia da pobreza, deu em hum singular arbitrio. Repartio a Cidade de Lisboa em tres partes, distribuindo para cada huma Medico, Cirurgiaõ, e Boticario, que pagos com salarios à sua custa, assistissem a todos os pobres, e enfermos, com curas, e remedios, ou fossem dos mendigos, ou dos ocultos, e envergonhados, acodindo-lhe taõ inteiramente, como se por sua

conta estivesse o prover a todos os necessitados. Todos os dias sabia do seu Mordomo, como se havia com os pobres, e naõ satisfeito deste cuidado, os procurava pelas ruas, e os buscava nas suas proprias casas. Em todos os dias do anno dava em sua casa de comer aos pobres, para quem se fazia particular comida; escolhia sempre hum dos mais miseraveis, e talvez pouco limpo, para comer à sua mesa, a quem chamava o seu companheiro, repartindo igualmente do que tirava para si, sendo elle o que lhe administrava as iguarias, perguntando-lhe se estava a seu gosto o guizado: e quando lhe respondia, que sim, levantava os olhos ao Ceo, elevando o pensamento a Deos lhe dava graças, de ser a comida do agrado do seu companheiro, de que nunca se privava, ainda que se achasse à sua meza seu filho, nora, e parentes; porque os pobres eraõ os do vinculo mais estreito: e assim eraõ servidos pelos criados sem differença dos mais hospedes, com todo o respeito; porque sendo entaõ menos a vaidade, e luxo nas Casas grandes, era mayor a authoridade do que hoje se vê nos grandes Senhores. Para que naõ faltasse na mesa o saboroso do espirito, havia liçaõ de Vidas de Santos, ou de materias semelhantes. Acabada a mesa instruîa na Doutrina Christãa aos pobres, ensinando-lhe o modo de se confessarem, os persuadia a se chegarem repetidas vezes a este Sacramento, como remedio infallivel de todas as culpas. Quando estava na sua Quinta, pelo costume de ensinar aos pobres, o fazia aos Lavradores, persuadindo-os aos bons costumes, serem devotos, naõ retardarem as confissoens, e de se aproveitarem dos thesouros da Igreja nos Jubileos, que taõ liberalmente lhes dispensava. Destas, e semelhantes praticas nascia dizerem aquelles rusticos, que quando todos nas suas Quintas perguntavaõ pelas lavouras, e pelos rendimentos dos frutos, D. Leaõ só procurava saber, que pobres havia no Lugar, e se andavaõ satisfeitos do anno, e de lhe dar conselhos espirituaes, como quem naõ tinha mais ambiçaõ, que o bem das almas.

Naõ eraõ as esmolas publicas, e quotidianas dos pobres mendigos, as com que satisfazia a sua ardente charidade; porque as repetia a pessoas recolhidas, com tal segredo, que elle era o mesmo mensageiro, que de noite, e sem companhia, soccorria a pessoas honradas, mas muy pobres, e necessitadas.

Huma

Huma noite estando na Praça do Rocio de Lisboa Joaõ de Paiva, Alcaide daquelle bairro, acompanhado da sua patrulha, vio ir passando hum homem a deshoras, com huma trouxa às costas; entendendo seria furto, passou a reconhecello, e chegando de perto divisou ser D. Leaõ; larga a vara, e posto de joelhos dizia: Senhor D. Leaõ, aqui estou para o servir, e acompanhar; mas elle humilde lhe respondeo: Naõ tenho necessidade da vossa companhia; porque donde eu vou, só eu posso ir; quem me leva me guardará. Com razaõ, porque aos Justos assiste mais o auxilio soberano, que dirige as suas acções. Depois com espanto repetia o Alcaide o caso, fazendo publico na Corte, na qual já era notorio o conhecimento da sua humildade. Muitas jornadas semelhantes fez D. Leaõ, que ficaraõ escondidas no silencio funebre da noite, mas muy manifestas, e claras na presença de Deos: assim naõ havia quem naõ soccorresse, vestindo aos nus, sustentando aos que padeciaõ fome, soccorrendo os prezos, e exercitando obras de misericordia, era a sua charidade amparo universal dos miseraveis.

A taõ excessiva charidade ajuntou muita Oraçaõ. Passava as noites em vigias, a mayor parte em vocal, cantando Hymnos, e Psalmos, posto de joelhos, e esta foy a que mais exercitou, de que a Santa Madre Theresa de Jesu, dizia, que ou fosse vocal, ou mental, tudo era o mesmo, quando os sentidos se elevavaõ em Deos. Assim succedia a D. Leaõ, que posto de joelhos (na Igreja de S. Domingos, adonde hia todos os dias) diante do Santissimo Sacramento, gastava largo tempo orando. Tinha por costume entrar no Coro dos Religiosos, e da parte da Epistola, na ultima cadeira se punha de joelhos, a satisfazer as suas rezas, com tal devoçaõ, que edificava aos Religiosos mais perfeitos. Depois de ouvir Missa, e assistir aos Officios Divinos, se recolhia a sua Casa, dando volta pelos arcos do Rocio, sómente por ver se encontrava algum pobre.

Hum dia recolhendo-se a Casa, lhe sahio ao encontro huma mulher afflicta, e taõ desconcertadamente se queixava, que lhe perguntou D. Leaõ, que a molestava? Ella lhe respondeo, que estava apertada com dores de parto, e que sendo o seu trato viver do seu peccado, naõ tinha cousa alguma,

nem

nem adonde parir. Era o seu coraçaõ o centro da charidade: compadeceo-se do corpo, e ainda mais da alma, e tomando-a pela maõ a levou a sua Casa, e chama o Confessor, crescem as dores, e desfalece desanimada a mulher com ancias mortaes: sente D. Leaõ o que passava, poem-se em Oraçaõ a Deos, que lhe allumiasse o entendimento, para a integridade, e perfeiçaõ do Sacramento. Estando nesta supplica pario a mulher, e dalli por diante viveo honestamente, e D. Leaõ a sustentava, e favorecia, para a criaçaõ do filho. Naõ foy só esta mulher fruto das suas Orações, para a livrar de escandalosa, e torpe vida; a muitos tirou de semelhantes vicios, e alguns separou de inveterados, e depravados costumes, valendo-lhe com ElRey, para naõ serem punidos; e naõ bastando às vezes a persuaçaõ para conseguir a graça do perdaõ, conseguia com o fruto das suas lagrimas inclinar a piedade Real; enternecida de ver, o que custavaõ a D. Leaõ aquellas culpas; e assim foraõ perdoados pela intercessaõ das lagrimas deste santo Varaõ, em cujo animo nunca coube dolo, nem engano; porque com a mais recta intençaõ era sincéramente bem inclinado, sem que nunca suspeitasse mal do proximo, nem ainda em materia leve.

He admiravel prova daquellas entranhas de charidade, e daquella sinceridade santa, em hum homem de bom juizo, o que passou com hum escravo seu, o qual tinha cuidado de huns carneiros, para provimento dos seus amados companheiros os pobres. Parece que tinha vendido alguns; foy ter com o Senhor, e sentido referia, que lhos furtaraõ: o Servo de Deos, que de nada cuidava mal, lhe respondeo: Calate, que naõ furtaraõ, graças a Deos, que quem os levou necessitaria delles. Em huma occasiaõ entrou hum homem em casa, e naõ vendo gente, entrouxou huma cama de hum pajem, e a levou; houve reparo a tempo na falta, e seguindo o cumplice, a poucos passos o acharaõ, e pegando delle o trazem a Casa, chamando-lhe ladraõ; mas o Servo de Deos sentindo a expressaõ por má, disse ao criado: Naõ peleijeis muito; porque este nosso irmaõ naõ merece o nome, que lhe dais; he pobre, e está em necessidade, e neste caso póde no extremo tomar o de que necessita. E fallando com o homem dizia: Bem sey irmaõ, que naõ he ladraõ, como diz este moço; porém naõ

torne

torne a fazer semelhante cousa, vinde a minha Casa, eu vos remediarey; e informado de quem era, soube a sua necessidade; e tendo a mulher doente, ouvio dizer, que a Casa de D. Leaõ era dos pobres, donde cada hum levava o que lhe era mais preciso, e assim elle o fizera, e persuadido da sua necessidade o remediou D. Leaõ. Era a sua porta franca para todos, e assim entravaõ como por sua casa propria os pobres necessitados. Hum dia estando D. Leaõ fóra, entrou hum homem em huma guarda roupa, e naõ vendo ninguem, nem achando que levar, desarmou hum pano da parede: era a armaçaõ fina; contentou-se só com hum, ou porque temeo chegasse gente, sahio, e tomou o caminho: neste tempo houve de casa quem o vio; dá parte à justiça, e deraõ com elle na prizaõ: recolhe-se D. Leaõ, daõ-lhe conta do caso, naõ socega, vay ver o homem à prizaõ, para se informar; chama o Alcaide, busca o Ministro, difficulta-lhe a soltura, recorre à Rainha D. Catharina, que governava na menoridade de seu neto ElRey D. Sebastiõ, para que lho manda-se soltar; estando nesta pratica entra o valido Ministro da Rainha D. Gil Eannes da Costa, sogro de seu filho, e diz à Rainha, que o homem era ladraõ, e que para exemplo devia ser castigado; porque de outra sorte se atreveriaõ ainda mais afoitamente aos delictos. Sentia D. Leaõ o aperto, em que estava o miseravel, e advogando pelo delinquente dizia ser necessitado; e vendo que naõ era aquelle o caminho para o eximir da pena, recorreo com verdade a que fora prezo no Adro de S. Domingos, e que gozando de immunidade, devia ser reposto ao lugar em que o prenderaõ, sendo huma das cousas, que sentia da prizaõ daquelle homem, naõ satisfazer ao preceito da Igreja, por naõ haver naquelle tempo Missa nas cadeyas. Todo o tempo que esteve prezo o sustentou, compadecido da sua miseria, e como senaõ fora aggravado o ajudou. Semelhantes beneficios eraõ remunerados pelo Altissimo com extraordinarias satisfações do espirito; e além das interiores, permittio, que fossem publicos, e manifestos os merecimentos deste seu fiel Servo.

Depois que D. Leaõ se levantou daquella culpa, que referimos, viveo naõ só santamente, como temos visto, mas de commum consentimento em castidade com sua mulher: eraõ irmãos para o amor, eraõ santos, e viviaõ como santos. Antes

tes desta heroica resoluçaõ nasceo deste esclarecido consorcio D. Thomás, que foy unico, e seguindo a educaçaõ de taõ virtuosos pays, foy herdeiro naõ só da Casa, mas da virtude, e como de Varaõ eminente, fica delle feito mençaõ a 15 de Janeiro. Padeceo D. Thomás, já depois de casado, hum accidente taõ forte, que pareceo ao juizo dos Medicos mortal; desconfiaraõ da melhora, e todos assentaraõ, que morria. Naõ cuidou D. Leaõ nos remedios do Mundo, nem menos sua mulher, e cheyos de huma confiança, resignada na vontade Divina, sahiraõ de Casa, e vaõ à Igreja de S. Domingos, e postos de joelhos na Capella do Bom Jesus, metido cada hum em seu canto, perseveraraõ em Oraçaõ taõ viva, que se naõ levantaraõ da presença Divina, senaõ quando correraõ alvoroçados os criados a lhe dizer, que estava fóra de perigo seu filho. Assim ouvia Deos a estes bemditos casados, sendo as suas Orações mais activas, que todos os remedios da Medicina; pois naõ tendo esta algum, que lhe fosse util, poderaõ as suas humildes supplicas alcançarlhe de Deos saude. Ainda com mais patentes demonstrações, mostrou o Ceo a virtude de D. Leaõ. Eraõ innumeraveis as esmolas, deu-lhe conta o seu Veador, que se acabara o trigo no celeiro, a que lhe respondeo D. Leaõ: Homem, tem fé, que se naõ acabou o trigo. Vay este ao celeiro, e naõ podia abrir as portas, carregadas com a casa chea de trigo. Em outra occasiaõ por descuido do Comprador, faltou a carne para as rações dos pobres, poz o Cosinheiro a panella ao lume sómente com agua, para estar prompta, ou talvez para dissimulár a falta; porque tinha D. Leaõ por costume, ir à cosinha ver a comida dos seus companheiros, (que assim chamava aos pobres,) e chegando à panella a descobrio, e vendo-a chea de carne, naõ disse nada. Assustase o Cosinheiro, e vendo o silencio do amo, vay à panella, e a vê chea de carne; fica admirado, começa a clamar, milagre; acode o Comprador, augmentaõ-se as vozes publicando o milagre, confessa o seu descuido. Chega D. Leaõ a elles dizendo-lhe, que se callem; porque elle naõ era Santo, para fazer milagres, mas que Deos os avisava para se naõ descuidarem do remedio dos pobres. Espalharaõ-se pela Cidade estas maravilhas; era bem acreditado pela sua exemplar vida, e ninguem duvidou de que o Senhor honrasse com prodigios a

taõ

taõ fiel Servo. Ainda lhe ſuccedeo outro mais publico, e de grande louvor da ſua virtude. Recolhia-ſe do Paço pela rua nova; pede-lhe hum cego eſmola, deu-lhe huma moeda, dizendo-lhe, Deos vos dé ſaude: depois de a beijar o pobre a poz nos olhos, quando, (caſo maravilhoſo!) eiſque de repente vê, e naõ he cego: grita alvoroçado de contente, dizendo: Vejo, D. Leaõ me deu viſta; mas o Servo de Deos humilde lhe dizia: Calay-vos irmaõ, já que recebeſtes eſta merce de Deos, pela virtude da eſmola, agradecey-lho com todo o coraçaõ. A's vozes do pobre começa a correr gente; vê-ſe D. Leaõ no ajuntamento; mete pernas à mula, e para melhor ſe livrar do concurſo da gente, que ſe hia chegando, toma por detraz de Saõ Juliaõ, e ſe foy eſconder detraz da Igreja de Noſſa Senhora da Conceiçaõ, da Ordem de Chriſto. Em continente ſe divulgou pela Cidade o prodigio, com grande gloria da virtude do Servo de Deos. Ainda naõ tiveraõ fim os publicos dons, concedidos pela ſumma bondade do Altiſſimo, aos merecimentos deſte inſigne Varaõ. Sahia da Igreja do Salvador de Lisboa, em Quinta feira Mayor, e entre os pobres, que eſtavaõ à porta, ſe achava hum aleijado de hum braço, o qual eſtava árido, e encolhido, e delle naõ tinha uſo havia annos, e dizendo: Senhor D. Leaõ, dême eſmola, lhe reſpondeo, que naõ trazia, que lhe dar; mas Deos que póde, vos hade dar ſaude. De improviſo ſe eſtenderaõ os nervos encolhidos, e o braço ſecco ficou com uſo, como ſenaõ tivera padecido taõ grande mal. Era o dia de concurſo, e foy na preſença de muita gente eſte prodigio; correo a voz ao Moſteiro, acodiraõ as Religioſas à grade do Coro, a louvar a Deos em ſeus Santos. D. Leaõ humilde, quando iſto paſſava, dizia ao pobre: Irmaõ, vós me pediſtes eſmola, e eu a naõ trazia para vola dar; Deos vos deu a ſaude, agradecey-lhe tamanho beneficio, com ſeres bom Chriſtaõ. Naõ ſatisfazia o Senhor a charidade de D. Leaõ menos, que com milagres; quando naõ tinha com que fazer eſmola, como ſuccedeo na entrada do Templo em Jeruſalem ao Principe dos Apoſtolos, para verificaçaõ do Evangelho, quando manifeſtou, que com Fé naõ ſó fariaõ as meſmas obras, mas outras ainda mais eſtupendas, e maravilhoſas: aſſim parece o moſtrou Deos com eſte ſeu Servo; pois em huma occaſiaõ,

dando esmola, deu vista, e quando naõ tinha que dar, restituîo o braço baldado a outro mendigo, e necessitado mais da saude, do que da miseria.

A este cume de perfeiçaõ taõ elevada chegou D. Leaõ, quando padecia a Cidade de Lisboa aquelle flagello de peste, de que ainda com horror se assusta a memoria na sua consideraçaõ: passou para a Villa da Arruda, onde tinha algumas fazendas; e como naõ tinha termo a sua charidade, continuou em servir, e soccorrer aos pobres. Curou a muitos sem receyo do mal; porque a sua charidade ardia com mayor violencia no coraçaõ para a piedade, do que o mal para destruîr. Estes mesmos effeitos se viraõ por muitas vezes praticados no discurso da sua vida; porque como sua Casa era commum Hospital para os necessitados, teve repetidas occasioens de exercitar a sua fervorosa charidade, servindo aos doentes. Havia entre elles hum escravo, que fora de sua irmãa D. Joanna de Castro, que tendo passado a Castella por Dama da Emperatriz D. Isabel, e naõ tomando estado, fundou dous Conventos em a Cidade de Valhadolid, e em hum acabou a vida, e nelle jaz enterrada. Por sua morte ficaraõ alguns escravos, que voltando a Portugal, buscaraõ abrigo na Casa de D. Leaõ: eraõ já velhos, e hum delles doente de queixa asquerosa, do qual os criados se retiravaõ, por se naõ atreverem a servillo; este tomou D. Leaõ entre os da sua repartiçaõ, e o servia com carinho; e tal amor, que lhe administrava o comer, alimpava-o, e o servia de tudo quanto necessitava, exhortando-o à paciencia; e estes eraõ os empregos da sua mayor satisfaçaõ, mostrando a alegria do rosto, o que passava no coraçaõ, quando nestas obras servia, e imitava ao Rey da Gloria, a quem sómente desejou agradar na vida. Contava sessenta e dous annos de idade, quando começou a sentir huma inchaçaõ no estomago, que crescendo lhe tomava a respiraçaõ. Bem conhecia o Servo de Deos, serem aquellas molestias correyos, que lhe avisavaõ naõ tardar a morte; porém como Servo vigilante, que tem limpo, e bem arrumado o livro das contas, e naõ receya a hora em que o Senhor lhas peça, continuou no mesmo theor de vida. Hum dia tendo acabado de jantar, se recolheo ao seu aposento a orar, como tinha de costume; estavaõ huns meninos pobres jantando, e os ouvio chorar, e a

hum

hum pajem, que tratava delles, fallar alto, e aspero, dizendolhe, que se fossem; porque naõ acordassem ao Senhor D. Leaõ. Naõ dormia este, mas vigiava: sahio fóra pelejando com o demonio, como de ordinario fazia em todas as suas adversidades, como quem conhecia as siladas deste cruel inimigo, e dizia: *Maldito, porque queres affugentar os pobres meninos innocentes da minha Casa? Vaite della em má hora.* E voltando para dentro, disse a hum criado, que fosse ao Parocho, que lhe trouxesse logo a Santa-Unçaõ, porque estava chegada a hora. Neste tempo se preparou, e deitou na cama: chega o Parocho, reconcilia-se com elle, e devoto, e humilde, recebeo a Sacramento da Unçaõ, estando já confortado na manhãa com o Santissimo Sacramento da Eucaristia, e pondo os olhos em huma Imagem de Christo crucificado, que tinha nas mãos, repetio estas palavras: *Vaite alma a Deos, que te criou*; e assim acabou de viver (cerrando-lhe a morte com veneraçaõ os olhos) para a vida presente, começando a viver na perduravel, que naõ tem fim, nem acaba, neste dia, do anno de 1572. Deuselhe sepultura na Capella do Capitulo de S. Francisco de Alenquer, jazigo da sua Casa.

O P. Antonio Giannone, da Companhia M.

B Em Ximaraba, o glorioso certame do invencivel Confessor de Christo o Padre Antonio Giannone, da Companhia de JESU, que deixando as dilicias de Italia pelos incommodos, e trabalhos do Oriente, onde foy celebre Missionario no Reyno de Aryma, em o qual por espaço de vinte e quatro annos supportou com admiravel constancia, trabalhos, e perseguições, habitando nas brenhas incultas, nas quaes de dia se escondia, buscando as grutas mais separadas nos agrestes bosques, donde sahia de noite, pizando pedras, e abrolhos, a buscar as povoações, para confirmar, e confortar aos Christãos, combatidos, e assombrados da crueldade dos Tyrannos, que os perseguiaõ mais ferozes, que as indomitas féras; e como raivosos brutos, andavaõ tambem em busca do Padre Antonio Giannone, como a inimigo acerrimo; e assim, sem que lhe valessem as sombras da noite à sua cuidadosa diligencia, prenderaõ ao diligente operario, junto a Aryma, e levado publicamente pelos lugares mais publicos, para que fosse escarnecido, e injuriado com afrontas dos Gentios, foy depois coroado gloriosamente com o cruel martyrio da cova, em que esteve pendurado dous

 dias,

dias, fazendo admiravel a Fé com sua paciencia, pela qual mereceo ser numerado entre os Martyres da Militante Igreja.

Dom Pedro Sueiro, Coneg. Regr.

C No Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, trocou a breve vida pela eterna o muito Religioso Padre D. Pedro Sueiro, Prior daquelle Real Mosteiro, em o qual luzio tanto a observancia da Regra de Santo Agostinho, praticada pelo zelo de seu vigilantissimo Prelado, que tanto desejou parecer seu verdadeiro filho, na observancia das Constituições, e pureza dos costumes, com os quaes fazia com o exemplo agradavel o governo aos subditos. Depois de bem exercitado em virtudes, terminou seus felices dias no de seu grande Padre Santo Agostinho, a quem teve cordeal devoçaõ, preparandose para aquella ditosa hora com os Sacramentos, como quem havia alguns dias manifestara o dia, e hora, em que o Senhor lhe tinha revelado partiria desta vida: assim acabou com grande alegria, nascida do candor da sua pura consciencia.

Fr. Joaõ, e Fr. Xisto, MM. Francisc.

D Na India Oriental, o Martyrio de dous Seraficos Religiosos, Fr. Joaõ de Elvas, e Fr. Xisto, os quaes sendo cativos no mar pelos Malavares, foraõ gloriosamente mortos em odio da Fé, subindo suas almas coroadas com palmas à Triunfante Jerusalem.

Fr. Rodrigo de Somira, Francisc.

E Em a Villa de Noya, o ditoso fim de Fr. Rodrigo de Somira, da Ordem de S. Francisco, Varaõ de grande exemplo, e virtude, taõ dado à contemplaçaõ, que neste santo exercicio se inflammava tanto no amor de Deos, que arrebatado em suave extasi, excedia as arvores mais altas, com admiraçaõ dos que viaõ levantado a tanta eminencia aquelle, que professava taõ profunda humildade, em a qual se conservou toda a vida. Era grande Letrado, e todas as suas letras naõ dirigia mais, que ao bem das almas dos Fieis, persuadindo-lhe o exercicio da virtude, que elle tambem soube praticar; e assim depois de purificados com trabalhos no mar, e na terra, de que a sua paciencia soube lavrar a coroa, com que o Senhor costuma premiar aos seus Servos, acabou com opiniaõ de Santo.

Sor Luiza de Saõ Miguel, Francisc.

F No mesmo dia, em o Mosteiro de Nossa Senhora de Subserra, na Villa da Castanheira, deixou com morte preciosa as prizoens da vida mortal, para a lograr eterna, Sor Luiza de S. Miguel, de exemplar, e admiravel paciencia, com

que

que o Senhor a provou. Dezaseis annos lhe durou a ultima, com taõ acerbas dores, que se lhe desconjuntaraõ todos os membros do corpo. Naõ se lhe viaõ mais que chagas, e entre taõ penoso trabalho, huma taõ singular conformidade, que bem mostrava ter sómente no Ceo o seu alivio. Costumava abraçarse com a Santissima Imagem de Christo crucificado, de que recebia admiraveis frutos o seu espirito, taõ abrazado, que em visiveis incendios mostravaõ no rosto as faces, o que ardia no coraçaõ, e a boca em rizos, e gozos da alma, com que se desprezavaõ as penalidades do corpo. Tres dias antes da sua morte lhe foy declarada a hora pelo Patriarca S. Domingos, de quem era muy devota: e preparando-se com grande devoçaõ, pedio o Santissimo Viatico, e depois a Santa-Unçaõ; e rogando às Religiosas lhe cantassem o Credo, chegando às palavras *Ascendit ad Cælum*, subio a sua bemdita alma à Gloria, acompanhada das Onze mil Virgens, e de seu Serafico Patriarca, como entenderaõ as circunstantes das suas acções.

O P. Manoel Rodrigues, da Companhia.

G Na Casa Professa da Companhia de Goa espera a Resurreiçaõ universal o virtuoso Padre Manoel Rodrigues, da Companhia, Varaõ taõ admiravel, que logo no seu Noviciado deu claras mostras do seu excellente genio; porque com exacta promptidaõ cumpria todas as obrigações do estado, que abraçara na observancia da Regra, e Constituições. Abrazado o seu espirito no desejo da salvaçaõ das almas, pedio com grandes instancias licença para passar à India, e conseguida finalmente, embarcou com muita satisfaçaõ. Foy a viagem trabalhosa, mas nella deu do seu espirito admiraveis provas no serviço temporal, e espiritual dos passageiros, ajudando a todos com edificaçaõ do seu bom exemplo, e nas palavras todas de Deos, e do Ceo, com que os exhortava. Chegou a Goa, e dahi embarcou para Cochim, aonde acabou com applauso os seus estudos, e se dedicou todo à Missaõ de Madurê, em que por espaço de vinte e oito annos trabalhou incansavelmente na nova conversaõ dos infieis, e na conservaçaõ dos já convertidos. Daqui o tirou a obediencia para os governos: primeiramente para Provincial da sua Provincia; cargo, que exercitou tres annos com tanta satisfaçaõ, que mereceo ser nomeado Provincial da de Goa duas vezes. Foy Varaõ dotado de hum espirito grande, abrazado no amor de Deos, que bem

mostrava

mostrava nas palavras o effeito, que deste Senhor conservava no coraçaõ; taõ penitente, que já mais passou dia, estando com saude, que naõ tomasse rigorosas disciplinas, sem que lhe servisse de embaraço o avançado da idade. Era abstinente; de sorte, que ainda nas festividades de mayor solemnidade apenas aceitava na mesa algum peixe, e ervas, conservando nos Collegios a mesma austeridade, que guardava nas Missoens. Amava com tanto zelo as Missoens, que os primeiros provimentos nos seus governos foraõ sempre os que respeitavaõ a ellas, lastimando-se, e sentindo naõ poucas vezes, de naõ poder ir em pessoa servir aquellas Christandades, taõ faltas de operarios. Nelle ardeo huma charidade verdadeira do proximo, que se via nas visitas, sendo a primeira dos Collegios a Enfermaria. Nada obrava do seu governo, sem primeiro o consultar com Deos na Oraçaõ, de que lhe nascia a rectidaõ com que procedia em tudo, o que determinava, sem mais objecto, que o bem da Companhia; o que, supposto era manifesto, elle o protestou na sua morte, em que se vio qual era a sua pobreza, pois as suas alfayas eraõ hum Breviario, hum Diurno, e as Contas porque rezava, disciplinas, e varios cilicios: mal poderia guardar, quem, como elle, tudo o que adquiria distribuîa em obras pias. Finalmente, aos onze mezes do seu segundo Provincialado, ornado de taõ excelsas virtudes, como verdadeiro filho de Santo Ignacio, sofrendo com paciencia as terriveis dores da doença, se lhe naõ ouviaõ mais palavras, que *Jesus esto mihi Jesu*; e assim foy a lograr descanço eterno, como piamente se deve crer da sua innocente vida.

D. Luiza Sebastiana.

H No Lugar da Cuba, cerrou as clausulas de huma vida innocente com morte santa D. Luiza Sebastiana, que havendo nascido na Cidade de Béja, se criou de tenra idade no Mosteiro da Conceiçaõ da dita Cidade. Seus pays por voto a destinaraõ para Religiosa do mesmo Mosteiro, por hum trabalho, que sendo menina de curta idade padecera, e de que entenderaõ livrara por especial favor da Virgem, que com o titulo da Conceiçaõ venera a Universal Igreja. Nesta Casa viveo sempre D. Luiza, educada com o exemplo de huma tia sua, em que foraõ admiraveis os progressos; porque livre daquelles entretenimentos, que eraõ proprios da sua idade, os trocava em santos exercicios, convidando para elles as outras

meninas,

meninas, que chamava para a Oraçaõ, ella lhes lia o ponto, em que haviaõ de meditar, ensinando-lhes a costumarem-se ao uso dos cilicios, e disciplinas, e lhes apontava os dias, que haviaõ jejuar, assistindo sempre com muita charidade as doentes. Desta sorte cresceo na idade, e na perfeiçaõ, sendo muy dada à Oraçaõ, à assistencia do Coro, que muitas vezes lhe servia o seu pavimento de cama. Este rigor de vida em natureza delicada, a debilitou de sorte, que se lhe atêou huma febre continua, que a impossibilitou a entrar no Noviciado. Pelo conselho dos Medicos, obrigando-a, a que mudasse de ar, foy para a Cuba, aonde tinha parentes, e augmentandose a queixa, ella conheceo o perigo; assim determinou distribuîr em esmolas, e obras pias parte do seu dote, que já tinha no Mosteiro da Conceiçaõ, ordenando a enterrassem na Matriz de S. Vicente, amortalhada no Habito dos Capuchos da Piedade: assim acabou ficando flexivel, e com taõ agradavel presença, que todos a tiveraõ por Predestinada.

Commentario ao XXVIII. de Agosto.

DOm Henrique de Noronha, Commendador môr da Ordem de Santiago, era filho de D. Pedro de Noronha, Senhor do Cadaval, e Commendador môr de Santiago, neto de D. Affonso, Conde de Gijon, filho delRey D. Henrique de Castella, e da Senhora D. Isabel, filha de D. Fernando Rey de Portugal, em quem teve principio a Familia de Noronhas. Casou com sua prima D. Guiomar de Castro, filha de D. Joaõ de Noronha, a quem chamaraõ o Dentes, e de D. Joanna de Castro, que veyo a ser herdeira do Condado, e Casa de Monsanto, de quem procedem por varonia os Marquezes de Cascaes. Deste illustrissimo consorcio nasceo, entre outros filhos, D. Leaõ de Noronha, de sangue taõ esclarecido, que em poucas geraçóes participava do sangue Real de Portugal, e Castella. Este altissimo nascimento de D. Leaõ, naõ servio mais, que para fazer mais clara a sua virtude, pois permittio Deos, que em copiosa descendencia se conservasse a sua posteridade, na Varonia dos Condes dos Arcos, e em allianças de grande numero de Casas illustres, que tem a gloria, de ter por progenitores a hum taõ santo Varaõ. Casou com D. Branca de Castro, verdadeira consorte de tal esposo, e taõ igual nas virtudes, que acabando santamente, deixou de sua vida virtuosa memoria. Deste matrimonio foy unico filho D. Thomás de Noronha, de quem fica feito mençaõ a 15 de Janeiro, e se basta para illustrar huma familia hum Varaõ Santo, que será em ella onde os pays, e o filho eraõ de taõ relevante virtude, como temos visto?

Foy D. Leaõ de Noronha, além de Santo, muy versado na liçaõ dos livros, applicado à Theologia, e assim escreveo varios Tratados de Theologia Mystica, Especulativa, muy devotos, que seriaõ de muito proveito se se publicassem, por ser de muy elevado espirito, como quem era taõ dado à Mystica, em que gastou muito tempo, tendo horas para o estudo, na manhãa, e noite, diante de hum Crucifixo, como quem recebia delle, à maneira de Saõ Boaventura, os frutos dos seus estudos. Teve grande livraria, que passava de cinco mil volumes, de que muitos se repartiraõ pelos Conventos da

Pro-

Provincia da Arrabida, e os de mais levaraõ o fim, que costumaõ semelhantes alfayas, quando começaõ a passar de huns a outros successores; os quaes naõ herdando com as Casas os genios, se vem a perder, como temos visto em outras, com magoa no nosso tempo. Com os Religiosos da Ordem dos Prégadores, que eraõ seus visinhos, teve grande communicaçaõ: delle dizia aquelle doutissimo, e exemplar Varaõ o Padre Fr. Luiz de Sottomayor, que D. Leaõ naõ só era Santo, mas douto, e assim ajuntava ao respeito da pessoa, mayor ao das virtudes.

Era grave, serio, e supposto que humilde, naõ permittia, que se estragasse o respeito das grandes obrigações, com que nascera: como se observou em alguns casos, que lhe succederaõ, que referiremos, por louvor seu, e gloria de seus descendentes. Entrou hum dia no Paço delRey D. Joaõ III. para lhe assistir à mesa; era hum Porteiro da Cana moderno na occupaçaõ; ao entrar na antecamera lhe atravessou a cana na porta, e voltando para elle grave, e severo, lhe disse: *Tiray a cana, porque fóra do Paço em minha Casa naõ sou nada; porém neste lugar represento outra figura.* Naõ estimava as honras da Corte, como vaidades do Mundo, antes fogia dellas. Era Santo, sabio, e entendido: e assim quando estava no Paço, era preciso o respeito; porque se naõ offende a virtude do conhecimento proprio, quando naõ he em desprezo dos proximos, como elle referio, quando em huma occasiaõ lhe puzeraõ o pé sobre o capuz, que era o luto daquelle tempo; devia ser por malicia, porque voltou, dizendo: *Naõ se poem a D. Leaõ o pé, e naõ he peccado conservar a honra, que Deos me deu, a elle sejaõ dadas as graças.* Estas palavras proferidas com tal modestia, e gravidade, causaraõ confusaõ nos circunstantes. Entrou em outra occasiaõ pela antecamera delRey, e hindo a tomar lugar o achou occupado, e chegando-se D. Leaõ, disse para os Fidalgos, que estavaõ: *Ambos cabemos*, com tal respeito, que os de mais ficaraõ admirados; e ainda mais, porque reparando ElRey, disse: *Dem lugar a D. Leaõ, que bem sabem o parentesco, que tem com os Reys desta Coroa.* Taõ honrada expressaõ merecia D. Leaõ, pelo sangue, e muito mais pela virtude, pois mereceo do Rey da Gloria taõ singulares distincções, como temos referido, acreditando a sua vida com estupendas obras. Foraõ muitas as esmolas, e ainda que a renda era grande para aquelle tempo, por passar de dous contos de reis, vendeo muitas propriedades para beneficio dos pobres; porém o Senhor, que sabe retribuir com maõ larga a quem o serve, naõ só espiritualmente o fez a D. Leaõ, mas ainda temporalmente a sua Casa, dando a seu filho D. Thomás hum grande dote, e outras heranças, que veyo a importar o seu inventario a sua nora, quando ficou viuva, mais de cem mil cruzados; porque desta sorte saõ pagas as esmolas, que se fazem aos pobres; porque estas saõ as rendas mais certas, que tem que cobrar os successores das Casas grandes, se imitarem a D. Leaõ de Noronha, de quem nos temos alargado, por satisfazer à promessa do Licenciado Jorge Cardoso no Commentario do dia 15 de Janeiro. O referido achámos em humas Memorias para a sua Vida, que se conservaõ na sua Casa, e nos participou seu quarto neto D. Marcos de Noronha, Conde dos Arcos, e conforme o que refere Joaõ Franco Barreto na sua *Bibliotheca*, saõ de Jeronymo de Mello; e Esperança, Parte I. da *Historia Serafica*, liv. 1. cap. 36. §. 7. pag. 132; Sousa *Historia de S. Domingos*, part. 2. liv. 4. cap. 22. pag. 198. vers. D. Luiz Lobo no seu *Nobiliario*, e todos os de mais deste Reyno.

B No Reyno de Napoles, na Provincia de Apulha, em as terras de Bari, fica a Cidade de Bitonto, em huma planicie fertil, naõ muy distante, ao meyo dia das prayas do mar Adriatico, goza Cadeira Episcopal, que he Suffraganea ao Arcebispado de Bari. Naquella Cidade nasceo o Padre Diogo Antonio Giannone, Varaõ Santo, e celebre na contemplaçaõ das cousas Divinas, em que se encendia o seu espirito, para desprezar todas as cousas do Mundo. Teve por advogada a Virgem Santissima, que lhe foy protectora, contra todas as tentações, até o fim da morte. As Cartas das Missões do Japaõ, em que lia a ditosa morte daquelles Religiosos, que mereceraõ a gloria de dar a vida por Christo, foy a vocaçaõ, que teve para entrar na Companhia, e depois passar a Goa, e Macao, até que entrou no Japaõ, e depois

pois de grandes trabalhos, sendo já professo do quarto voto, e tendo de idade quarenta e quatro annos, imperando no Japaõ Toxogunsama, e sendo Presidente Nangadotono no anno de 1633, neste dia, entrou na gloria, coroado de Martyrio. Delle faz mençaõ o *Menelogio da Companhia* m. s. Nadasi *Dierum Memorabilium*, ambos neste dia; Andrade *Varoens Illustres*, tom. 6. pag. 486. Guerreiro *Coroa dos Martyres da Companhia*, cap. 40. pag. 532.

C Succedeo em Prior do Mosteiro de Santa Cruz D. Pedro Sueiro, a D. Joaõ Pires, e foy X. daquella Casa. Era sobrinho de D. Pedro Sueiro, ou Soares, Bispo de Coimbra, de cuja Sé tambem tinha sido Conego. Devia ser pessoa de talento, porque delle fizeraõ grande estimaçaõ os Reys do seu tempo. ElRey D. Affonso III. o fez do seu Conselho, e lhe deu as chaves do seu thesouro, que se guardava em Santa Cruz. ElRey D. Diniz o consultava nas cousas de importancia, e lhe confirmou todas as rendas, que os Reys seus predecessores lhe doaraõ, com algumas novas regalias. Foy de animo liberal, e desinteressado, e assim largou ao Mosteiro a Igreja de S. Thomé de Mira, e para a Enfermaria toda a renda, que possuía em Ourem. A sua morte succedeo no anno de 1284, como refere o Padre D. Nicolao de Santa Maria na *Chronica dos Conegos Regrantes*, part. 2. liv. 10. cap. 15. pag. 228.

D Pelos annos de 1560, faz mençaõ Barezzo na *Chronica dos Menores*, liv. 3. cap. 71, de Fr. Joaõ de Elvas, Guardiaõ de Cochim, e Fr. Xisto, Sacerdotes, que navegando para Goa ao seu Capitulo, foraõ cativos dos Malavares, os quaes depois de lhe tirarem as vidas a lançadas os botaraõ ao mar. Delles faz mençaõ Artur no *Martyrologio Franciscano*, neste dia; Soledade *Historia Serafica*, liv. 5. cap. 14. pag. 533; Gravina *Vox Turturis*, part. 2. cap. 24. pag. 78; Gonzaga na I. Parte *in Sacris Martyribus*; e na IV. Parte na *Provincia de S. Thomé*; Bossio tom. 1. liv. 12. cap. 22; Daça ann. 1560; Tossiniano liv. 2. in fine.

E Dista seis legoas da Cidade de Santiago a Villa de Noya, no Reyno de Galliza, em huma planicie, na qual fica Islada, com as aguas do Rio Tamar, e S. Justo, e com hum admiravel porto em huma ria no mar Oceano. Os Escritores de Hespanha fazem della mençaõ, querendo que fosse fundada antes da vinda de Christo. No tempo dos Godos teve Cadeira Episcopal. No Mosteiro que a Religiaõ de S. Francisco tem nesta Villa, faleceo o Padre Fr. Rodrigo de Somira, Gallego de nascimento, o qual viveo trinta annos em Portugal, edificando com a sua vida: pelo que nos pareceo razaõ fazermos delle memoria, sem embargo de que neste dia do anno de 1492, falecesse na sua Provincia de Santiago. Delle se lembra a *Chronica da Provincia de Portugal* de Soledade na 3. part. liv. 4. cap. 20. pag. 458.

F De idade de nove annos entrou no Mosteiro da Castanheira Sor Luiza de S. Miguel, que faleceo neste dia do anno de 1682, tendo de idade trinta e tres, em que padeceo terriveis doenças. He para admirar, que depois de morta ficou o corpo flexivel, o rosto fermoso, e as chagas, que havia pouco padeceraõ corrupçaõ, exhalaraõ cheiro, com que as circunstantes engrandeciaõ a Deos admiravel com seus Servos, querendo ainda mais acreditar a esta sua Esposa, com se verem sobre a Casa, em que faleceo, repetidas luzes, que manifestaraõ a gloria que gozava. Soledade *Historia Serafica*, part. 4. liv. 2. cap. 20. pag. 188.

G O Padre Manoel Rodrigues nasceo na Villa de Vianna de Alentejo, no anno de 1621. Contava dezaseis de idade quando entrou na Companhia: o seu espirito o levou a trabalhar nas largas Missoens, que a sua Religiaõ tem na India, em que foy hum dos insignes filhos do grande Patriarca Santo Ignacio, que naquelle Estado fez mais brilhante o sagrado Instituto da Companhia. Faleceo no Collegio de S. Paulo de Goa, neste dia, sendo segunda vez Provincial, no anno de 1694, contando sessenta e nove annos de idade, e cincoenta e tres da Roupeta da Companhia. No seguinte dia foy enterrado na Capella mòr da Casa Professa de Goa com grande assistencia da Nobreza, e Religioens daquella Cidade. *Memorias da Companhia de Goa*, mandadas à Academia Real da Historia.

H He Cuba hum Lugar grande na Provincia de Alentejo, na Comarca de Evora, que conforme o Padre Lima na *Geografia Historica*, tom. 2. pag. 675, tem trezentos e noventa e cinco fogos, e mil e cento e sessenta almas. Querem

alguns curiosos, que tivesse principio no visinho monte do Outeiro, que pertendem nelle tivessem Castello os Romanos, pelas muitas Medalhas Romanas, que naquelle sitio se tem achado em diversas occasioens; e que do seu Castello se vieraõ a servir os Mouros, quando no tempo delRey D. Sancho o I. os nossos a ganharaõ. ElRey D. Affonso IV. lhe concedeo o privilegio de o seu Concelho poder eleger dous homens principaes para Juizes, como nas mais Villas do Reyno, de que se lhe passou carta, estando em Moura, a 13 de Fevereiro de 1355. Tem Casa de Misericordia, a quem ElRey D. Filippe II. concedeo os privilegios da Misericordia de Lisboa, por Alvará de 6 de Dezembro de 1581. O Infante D. Luiz com a inclinaçaõ que tinha à caça, edificou nella huma casa de campo defronte da rua chamada do Poço. Neste Lugar faleceo, neste dia, do anno de 1741, D. Luiza Sebastiana, que havia nascido na Cidade de Béja, a 25 de Abril de 1715, filha de Pedro Dias de Oliveira, Vereador da Cidade de Lagos, no Reyno do Algarve, Juíz dos Direitos Reaes da Casa do Infantado na Cidade de Béja, e Familiar do Santo Officio do numero da Inquisiçaõ de Evora; e de sua mulher D. Maria Bayoa Toscana, Administradora da Capella dos Francos, que instituío seu terceiro avó Francisco Luiz Franco, Fidalgo da Casa do Infante D. Luiz, como refere o Padre Fr. Francisco de Oliveira, nas Memorias já allegadas, que he irmaõ desta virtuosa Donzella.

AGOSTO XXIX.

Santa Basilisa, V. M.

A EM Braga, o natal de Santa Basilisa, Virgem, e Martyr, huma das nove irmãas, filhas de Cayo Atilio, a qual depois de ter milagrosamente escapado da cruel determinaçaõ de sua mãy, e ser criada com o leite da Religiaõ Christãa, pelo que padeceo muito na persecuçaõ, que contra os Fieis se levantou em Hespanha, sendo seu pay o cruel executor deste Edicto. Pelo que a Santa Virgem com suas irmãas fogio, por conselho de hum Anjo, deixando o povoado pelos montes, onde desamparadas de todo o humano auxilio, se acharaõ as delicadas Donzellas afflictas; mas animando-se com fervorosas deprecaçoes ao Ceo, se consolavaõ humas a outras, até que por disposiçaõ Divina illustradas, se apartaraõ, e começaraõ a seguir, e discorrer differentes varedas. Basilisa, inspirada de Divina commoçaõ, foy parar à Cidade de Syrmia, onde com jejuns, e Orações, e outros santos exercicios, se empregava com humilde espirito a servir sómente a Deos, que tinha por Esposo, fazendo obras do seu agrado. Porém levantada procellosa tempestade na perseguiçaõ de Adriano, sendo accusada por Christãa, foy preza, e examinada no carcere, da Ley, que professava, que constante confessou ser a de Jesu Christo: pelo que sendo entregue

aos impios algozes, para que naõ querendo adorar aos falsos Deoses, fosse atormentada, até que perdesse a vida; ao que constantemente resistio: pelo que sendo cruelmente açoutada, deu no martyrio a alma a seu Esposo.

B Na Conceiçaõ de Lagos, resplandeceo com singular innocencia D. Leonor de Menezes, nobre por appellido, e muito mais pela humildade Religiosa com que o desprezava, sentindo, que lhe dessem outro appellido, que o que tomara, quando professara, chamando-se Sor Leonor da Piedade. Foy esta Religiosa de exemplares costumes, mereceo deixar na tradiçaõ daquelle Mosteiro louvavel memoria.

D. Leonor de Menezes, Carmelita.

C Em Ximabara, a felice sorte do Irmaõ Joaõ Kidera, o qual foy criado no exercicio das virtudes nos Seminarios, e depois recebido à Roupeta da Companhia, ondè praticou aquellas mesmas virtudes, que nella venerava naquelles santos Religiosos. Foy dado em Firando por Companheiro ao Padre Diogo Antonio, e o foy fiel em os seus trabalhos; porque depois de ter padecido por largo tempo estreitos carceres, lhe queimaraõ as mãos, e pés, com ferro em braza, e foy exposto ao rizo, e zombaria da vil plebe, e posto em hum jumento era levado pelas Cidades, em que sofreo muitas injurias por amor de Christo. Ultimamente condemnado ao tormento das covas, em que perseverando tres dias vivo, passou a gozar realmente às Celestes delicias, promettidas aos escolhidos de JESU Christo.

Irmaõ Joaõ Kidera, da Comp. M.

D No mesmo dia subio triunfante ao Ceo na Cidade de Nangasachi Simeaõ, Japaõ, mancebo de dezanove annos, nascido de pays Christãos, e criado com grande amor na Ley de JESU Christo, que professou com especial devoçaõ. Era terrivel o odio, com que se perseguia aquella Christandade, e naõ podendo Simeaõ entrar na Igreja, se exercitava em obras de virtude. Naõ tinha mais que nove annos, quando accommetido de huma mortal doença, escapou milagrosamente por intercessaõ da Virgem Santissima: pelo que gratamente foy sempre seu especial devoto. Por suas mãos lavrou huma Imagem de Christo crucificado, diante da qual rezava tres vezes no dia. Exercitava-se em jejuns, e disciplinas, conservando taõ pura a alma como o corpo, sem o deixar contaminar da torpe lascivia: pelo que os seus entenderaõ permanecera nelle

Simeaõ, M. Jap.

a graça, que recebeo no Santo Bautismo. Mandou o Governador prender a seu irmaõ mais velho Aleixo, por se lhe acharem em casa vestimentas Sacerdotaes; sendo juntamente prezo Simeaõ, e todos os de casa, estiveraõ hum anno no carcere, padecendo extraordinarias necessidades. E ordenando o Governador, que fossem à sua presença, desprezaraõ com animo Christaõ, todas as promessas, e ameaços; o qual vendo que os naõ podia vencer com rogos, os mandou atormentar; para o que foraõ levados junto das aguas de Ungem: alli o despiraõ, e pondo-lhe huma pedra ao pescoço, e outra redonda sobre a cabeça, lhe começaraõ a lançar daquellas sulfureas, e ardentes aguas, para que as excessivas dores o fizessem mudar de Religiaõ; depois de bem escaldado o pozeraõ ao ardor do Sol. No dia seguinte o foy ver seu irmaõ, o qual com medo dos tormentos apostatou da Religiaõ Christãa: era para ver o valeroso Soldado de Christo, reprehender a seu irmaõ de fraco, pusilanime, e de taõ vil animo, que pela vida temporal perdia a eterna! Por esta constante resoluçaõ o mandou o Governador meter nas aguas de Ungem, e para que durasse o tormento, naõ consentiraõ, que nelle acabasse a vida: pelo que o tiraraõ, e recolheraõ em huma cabana, em que esteve alguns dias, taõ cheyo de chagas corruptas, que da sua putrefaçaõ nascia muito máo cheiro, que davaõ por tormento a outros Christãos a sua companhia. Quizeraõ depois curallo, mas a tempo, que já era impossivel o remedio humano. Levaraõno do monte, em que esteve dezaseis dias padecendo, para o porto de Mangúi; nelle publicamente manifestou ser Christaõ, e que a Ley de Jesu Christo só era verdadeira. Alli o deitaraõ em huma colcha de papel, bem contra sua vontade; porque nenhum alivio humano desejava. Alguns Christãos o visitaraõ, admirando com louvores a sua constancia; mandou, que lhe cerrassem as portas do aposento, e com hum Christo diante com palavras devotas se poz nas suas mãos com huma fiel resignaçaõ, e desta sorte lhe entregou a sua ditosa alma, que foy a descansar eternamente na suavidade da Gloria. Seu corpo mandou depois queimar o Tyranno, fazendo com as ardentes chammas mais luzido o sacrificio deste venturoso mancebo.

Thomé, e Catharina, MM. Jap.

E Item na mesma Cidade Thomé, e Catharina, sua mulher,

lher, os quaes por serem Christãos foraõ queimados vivos; o que sofreraõ com admiravel constancia por amor de Jesu Christo; e desta sorte sobiraõ suas bemditas almas ao Ceo, coroadas com a immarcessivel palma dos Martyres.

F Tambem na referida Cidade deu a vida pelo seu Creador, Antonio Canay Suzayemon, Japaõ, o qual de idade de trinta e oito annos recebeo o sagrado Bautismo, e sendo instruído pelos Padres da Companhia, vivia taõ virtuosamente empregado no mayor culto de Deos, que por duas vezes na companhia dos Padres fez os Exercicios, que Santo Ignacio começou para tanto bem das almas. Estava resoluto a fazer vida Eremitica, para de todo se dar a Deos sem interpolaçaõ, nem commercio das gentes, e sendo-lhe achado huns Ornamentos Sagrados, depois de hum anno de carcere, no qual firme na santa Fé, que recebera, desprezou os rogos dos amigos, e conhecidos, e os ameaços dos Tyrannos: pelo que mandou o Governador fosse degolado, de que rendendo humildemente a Deos as graças, foy receber o premio eterno, aos sessenta annos da sua idade.

Antonio, M. Jap.

Commentario ao XXIX. de Agosto.

A Estas nove irmãas, que tanta gloria daõ a Portugal com o seu nascimento, causaõ bastante confusaõ, para se conhecer quaes foraõ os lugares, onde receberaõ a palma do Martyrio. A Santa Basilisa poem o *Martyrologio Romano*, e Baronio, em Smirna, Cidade na Asia Menor. Equilino liv. 11. n. 130, e 132, em Smirna, Cidade de Hespanha na Betica, ao qual segue o Conde de Mora na *Historia de Toledo*, part. 1. pag. 402, que Bivar quer se lêa Sirmo. O *Martyrologio* de Maurolico, diz, Sirmyia, a qual quer Tamayo tambem seja huma Cidade antiga da Betica, seguindo a Dextro. Porém nós que dos Chronicoens naõ temos aquelle conceito, que teve Tamayo, o duvidamos, sendo o motivo ver, que Cellario na sua *Geografia antiga*, naõ faz na Betica mençaõ de tal Cidade, e só se lembra de Sirmia na Panonia inferior, que he na Hungria, de que antigamente foy Metropoli, junto do rio Savo, pouco antes que se meta no Danubio. Os Hungaros lhe chamaraõ *Szreim*; os Alemaens chegando-se mais ao nome antigo *Sirmisch*. Desta Cidade faz mençaõ Antonino Pio no seu *Itenerario*, e Plinio, Ptolomeo, Zosimo, Erudiano, Evagro, Eutropio, sem que nos antigos, e modernos Geografos se ache outra Cidade chamada Sirmia. O Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, na I. Parte da *Historia de Braga*, cap. 30, seguindo ao Bispo Sandoval na Igreja de Tuy, pag. 43, allegando o seguinte Hymno do Padre Higuera, em que diz estas Santas nove irmãas ennobreceraõ as tres partes do Mundo com os seus gloriosos Martyrios; porque em Africa padeceo Santa Germana, Santa Basilisa na Asia, acabando em Syria, e as outras sete na Europa, illustrando a varias Cidades com a sua preciosa morte, e diz assim:

Te Syria Basilia,
Colitque Germanam Africa,
Et Geneveram proxima,
Tudensis urbs Oceano.

Eume-

Eumeliamque Abogriga,
Colit caput Gallaecia
Cultu frequentans annuo,
Cantu resultans debito.
O' vos infractae Martyres,
Et Virgines Castissimae
Signum Vestris Virginibus
Tulistis ad martyrium.
Per Africae, perque Asiae,
Europae per confinia
Dispersae nutu caelico
Orbem sacrastis sanguine.

Este Hymno, inda que fundado na opiniaõ de Juliano, Arcipreste de Toledo, se conforma à razaõ, pondo o Martyrio da Santa na Asia, ou seja na Syria, ou como quer Baronio, em Smirna. He certo, que estas Santas irmãas, conforme a tradiçaõ, e os Breviarios antigos, se espalharaõ por diversas Provincias, e como eraõ guiadas por superior inspiraçaõ, naõ faz duvida a distancia. Desta Santa trataõ os allegados Martyrologios, neste dia, e Fr. Luiz dos Anjos no *Jardim de Portugal*, pag. 44, e outros muitos Authores, que já deixámos apontados nos dias de suas Santas irmãas.

B De D. Leonor de Menezes naõ sabemos a Patria, e saõ taõ curtas as memorias, que temos, que se reduzem a falecer em 1653, como se tira de huma Relaçaõ, que tenho deste Mosteiro.

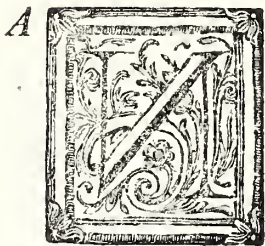
C No anno de 1633, imperando no Japaõ Toxogunsama, cruel perseguidor dos Christãos, foy coroado de Martyrio o Irmaõ Joaõ Kidera, Japaõ, que sendo criado pelos Padres da Companhia na Religiaõ Christãa, mereceo ser aggregado à mesma Companhia, que elle illustrou com a palma do Martyrio, fazendo com a sua constancia admiravel a Fé. Delle faz mençaõ Nadasi *Annus Dierum Memorabilium*, neste dia; Cardim *Catalogus Occisorum in odium fidei*, pag. 169.

D Do invencivel Cavalleiro de Christo, que neste dia foy a gozar o premio merecido dos seus trabalhos no anno de 1628, imperando Toxogunsama, escreve Albergaria no *Triunfo da Nobreza Lusitana*, part. 1. pag. 117. m. s. e o Padre Cardim no *Catalogo dos Mortos em odio da Fé*, pag. 307.

E Destes venturosos casados, que em obsequio da Fé, deraõ gostosos as vidas no anno de 1628, trata Albergaria no *Triunfo dos Santos* m. s. part. 1. pag. 118, e o Padre Cardim no *Tratado dos Mortos pela Fé*, pag. 307.

F Era Antonio natural de Facata, e taõ firme na Fé, que soube com desprezo do Mundo subir pelos golpes da catana ao Ceo, no mesma anno de 1628, como refere Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, pag. 307; e Albergaria no *Triunfo dos Santos Lusitanos*, pag. 118. da part. 1. m. s.

AGOSTO XXX.

Dedicaçaõ de Sãta Maria de Alcaçova de Santarem.

A A famosa Villa de Santarem, a Dedicaçaõ da antiga Igreja de Santa Maria de Alcaçova, na qual de tempo innumeravel se celebra com Officio Duplex de primeira classe, com Oitava, neste dia.

S. Theotonio, collocaçaõ.

B No Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, a Trasladaçaõ da Cabeça de S. Theotonio, Confessor, feita no anno de 1620, sendo Geral da Congregaçaõ dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho neste Reyno D. Miguel de Santo Agostinho, o qual revestido em Pontifical, com os assistentes com cappas ricas, e doze tochas accezas, abrio

abrio o sepulchro de S. Theotonio, seu Padre, às portas fechadas, sem mais assistencia do que os seus Religiosos, e com muita devoçaõ tirou a cabeça do Santo inteira, com o queixo debaixo, com todos os dentes, alvos, e fermosos, a collocou em hum meyo corpo de prata, primorosamente obrado, e no peito hum cristal grande, por onde se vê a santa Reliquia, que no dia de sua festa se expoem à veneraçaõ publica dos devotos, por cuja intercessaõ tem obrado o Senhor estupendas maravilhas.

C Em Dio, Fortaleza principal, e celebre no Oriente, pelos sitios que sofreo, a morte do Padre Francisco Marques, da Companhia, que passando de Lisboa com o Patriarca Affonso Mendes a Ethiopia, soube ser fiel Companheiro dos seus trabalhos, sofrendo pela Religiaõ Catholica, fomes, frios, e rigorosas prizões, em que se purificava o espirito, sem que o corpo se desanimasse, para seguir a verdade da Igreja Catholica Romana, que os scismaticos dos erros Alexandrinos impugnavaõ: pelo que padeceo grandes perseguições, até que pela Divina disposiçaõ, embarcando para Dio, veyo a morrer victima da charidade, em hum mal contagioso, que na Fortaleza se atêou, em que o Padre nas obrigações do seu Instituto, rendeo a vida mortal, para a gozar eterna, accommetido do mesmo terrivel mal.

O P. Francisco Marques, da Cõpanhia.

D Na Villa da Feira, no Convento do Espirito Santo, floreceo o Padre Manoel da Cruz, Conego Secular da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangelista, Varaõ eminente em letras, admiravel em virtudes, pobre, penitente, candido, e charitativo. Foy muitas vezes Prelado, até que de commum consentimento foy eleito Geral, que exercitou com prudencia, e brandura, moderando com a virtude o rigor, sem que faltasse à observancia. Deu fim ao seu governo, e se recolheo a esta Casa, abstrahindo-se do commercio das creaturas, dandose de todo à Oraçaõ, e outros continuos exercicios de virtude, e de piedade. Neste caminho da perfeiçaõ se achava, passando além de oitenta annos de idade, quando acabou a vida desamparado do calor, e natureza; mas assistido dos auxilios da Divina graça, foy lograr o premio merecido da sua religiosa observancia.

O P. Manoel da Cruz, Conego Secul.

E Em o Mosteiro da Villa de Vianna, Provincia de Alentejo,

Sor Maria da Columna, Jeronyma.

tejo, mudou de Patria a Madre Maria da Columna. Viveo largos annos na Ordem, com boa vida, acompanhada de religioſas, e ſantas obras. Nos actos da obſervancia commua era a primeira. Alimentava o fogo do amor de Deos, que ardia em ſeu peito, com largas horas de Oraçaõ, poſta de joelhos diante do Santiſſimo Sacramento, com tantas lagrimas, e reverencia, que ſe fazia agradavel ao Eſpoſo, e edificava a Communidade. A mayor parte da noite gaſtava em exercicios ſantos, naõ dando repouſo ao corpo ſenaõ já na madrugada, e eſſe breve, e as mais das vezes, tendo por cama huma cortiça. O ſeu corpo era continuamente maltratado de aſperas diſciplinas, cilicios, jejuns, abſtinencias, e vigias, de que debilitada a natureza, contrahio prolixas enfermidades, que deraõ grande merecimento à ſua paciencia. Foy taõ mortificada, que nas doenças cumpria com os actos de devoçaõ, e orando com as mãos poſtas, paſſava a mayor parte do dia, ſendo neceſſario a obediencia, para a obrigarem a ſe encoſtar. Nas ſeſtas feiras guardava ſilencio, exceptuando as occaſiões, em que a Religiaõ a empregava em officios, de que era preciſo dar conta. Deſtituida de forças, gaſtadas das penitencias, e já velha, a levaraõ para a Enfermaria, ao que a ſua obediencia naõ reſiſtio: depois de paſſarem alguns dias, rogou à Prelalada, lhe deſſe licença para voltar à ſua cella; porque deſejava morrer na preſença do Santiſſimo Sacramento: e aſſim veyo a ſucceder; porque depois de confeſſada geralmente, declarando o dia da ſua morte, lhe deu hum accidente junto à cella, e diante do Santiſſimo Sacramento foy ungida, e largando as prizoens do corpo, foy a ſua alma acompanhar o Cordeiro Immaculado, que a eſcolhera para Eſpoſa, em cuja Beatifica Viſaõ, he de crer foy lograr as delicias merecidas da ſua Fé.

André, e Maria, Japoens MM.

F Na Cidade de Vomura o illuſtre triunfo de Maria, e André, ſeu filho, devotos profeſſores da Ley Evangelica, os quaes na procelloſa tormenta, que no anno de 1627, padeceo a Chriſtandade do Japaõ, foraõ degolados em odio da noſſa ſanta Fé, dando por ella o ſangue, e a vida, por illuſtre teſtemunho da crença, com que adoravaõ o Nome de JESU Chriſto, de cuja Real preſença he de crer eſtaõ gozando.

A M. Sor D. Ignez de Albuquerq. Ciſterc.

G Em o antigo Moſteiro de Santa MARIA de Lorvaõ, naõ he menos celebre a Madre Sor D. Ignez de Albuquerque,

Religioſa

Religiosa de vida exemplar, humilde, e temente a Deos, em cuja presença gastava no dia muitas horas, elevada nas suaves delicias da Oraçaõ mental, na qual o seu espirito conseguia huma taõ doce paz, que inalteravel a todos os contratempos do Mundo, parecia immovel aos trabalhos, com que bastantemente foy provada a sua paciencia. Sofria as injurias com humildade, e constancia, que dellas tirava augmentarse na virtude da charidade, perdoando anticipadamente os aggravos. Sendo Abbadessa desta Real Casa, naõ teve pouco que padecer, e tudo sofria com vontade pelo amor de seu Esposo. Depois que acabou o lugar de Prelada, servio sem repugnancia todos os officios, em que a Religiaõ a occupava, assistindo às enfermas com grande amor, e charidade, servindo-as nos ministerios mais vís, e abatidos, com grande gosto. Era abstinente, e taõ inclinada ao precioso ornato do culto Divino, que tirava o preciso sustento da boca, arrendando a sua raçaõ, para com ella, e o mais que grangeava a sua industria, fazer obras na Igreja, de que ainda hoje permanecem testemunhos do seu zelo, e piedade. Foy muy devota da sagrada Paixaõ do Nosso Redemptor, e no culto desta sacratissima memoria despendia os thesouros, que possuîa: e parece que augmentava Deos nas suas mãos o dinheiro, para o empregar em obras de devoçaõ: pois para os Officios da Semana Santa fez paramentos ricos de téla, com que na sesta feira santa se celebra, e se deposita o Santissimo Corpo de Jesu Christo. No Claustro levantou huma Capella, dedicada à Virgem Santissima, com a invocaçaõ dos Remedios, guarnecida de paineis, com os passos dos Cantares: nella assistia todo o tempo, que lhe restava das obrigações da Religiaõ. Algumas Religiosas reparando em estar sempre naquelle lugar, lhe respondeo, que estava acompanhando suas Irmãas, que no Claustro estavaõ sepultadas, rogando a Deos as livrasse do Purgatorio. Amou ternamente aos Santos Apostolos, com a consideraçaõ de serem Discipulos do melhor Mestre, que teve o Mundo. Sendo Prelada, introduzio no dia de S. Bartholomeu dar de jantar a doze pobres; costume que ainda hoje dura, dando-selhe no pateo do Mosteiro de jantar, em que saõ servidos com abundancia, e devoçaõ. Desta virtuosa Religiosa se refere, que fora o Senhor servido por premio da sua fer

vorosa devoçaõ, imprimirlhe no peito a chaga do seu sacratissimo lado, o que ella estimava com profunda veneraçaõ, e recatava como indigna de tal favor. Estando gravemente enferma, foy preciso applicarlhe hum remedio, que o Medico tinha determinado; e naõ bastando todo o seu recato, foy vista da Enfermeira, e outras Religiosas, que lhe assistiaõ, a quem ella pedio, e às Companheiras segredo. Finalmente, gastada a vida em obras dignas do agrado de Deos, depois de huma prolongada enfermidade, em que se acrisolou a paciencia em huma resignaçaõ humilde, rendendo as graças ao Senhor por tantos beneficios, recebidos com devoçaõ os Sacramentos, deu a sua pura alma ao Creador, deixando hum geral sentimento nas Religiosas, e huma viva saudade de taõ excellente Companheira. Acreditou mais o Senhor a memoria de sua Serva com escrever à Abbadessa hum Religioso de Bussaco, perguntando-lhe, quem fora huma Religiosa, que morrera no dia, que referimos; porque os seus merecimentos a pozeraõ na presença Divina, ornada com duas coroas, huma pela paciencia com que supportara as tribulações, e outra pela humildade, e conformidade, com que vivera unida à vontade Divina.

O P. Luiz de S. Joseph Sacerdote.

H No Convento de Santo Antonio dos Capuchos de Villa-Viçosa, espera a Resurreiçaõ universal o Padre Luiz de S. Joseph, Presbytero da Ordem de S. Pedro, cujo estado seguio com grande exemplo; porque fez huma vida penitente, e mortificada. No seu principio servio sendo Econemo hum Beneficio na Igreja de Santa Maria de Béja, e sem obrigaçaõ era Confessor por charidade, só por servir ao proximo. Estas occupações satisfazia com cuidado, dando-se de mais à Oraçaõ mental, e assistir voluntariamente aos enfermos, buscando-os com fervorosa charidade, para os ajudar a bem morrer, e assistindo-lhe com verdadeiro amor de Deos. Nunca dormia em cama, e o modo era vestido sobre huma cortiça: nestes, e outros santos exercicios vivia com geral edificaçaõ. No anno de 1695, largou o Beneficio, que servia, desfazendo-se das fazendas que possuía, a favor de suas sobrinhas, que accommodou Religiosas no Mosteiro da Esperança, e elle passou a ser Companheiro dos Clerigos da Tumina, que naquelle tempo começaraõ a viver em Communidade, com geral

ral edificaçaõ da Provincia de Alentejo, em hum sitio junto à raya, que lhe deu o nome, e divide o nosso Reyno do de Castella. Aqui assistia fazendo vida penitente Luiz de S. Joseph, nome que tomou, quando entrou nesta Congregaçaõ; porque antes se chamou Luiz do Monte Soveral: nella perseverou, até que levantando-se contra aquella Casa huma taõ grande tribulaçaõ, com que afflictos os seus habitadores se viraõ obrigados a desamparalla. Foy o caso, que certos Priores visinhos capitularaõ aos Congregados perante o Arcebispo de Evora D. Fr. Luiz da Sylva, de que resultou dar conta a ElRey D. Pedro II. que ordenou ao Ouvidor de Béja, que fosse àquelle lugar, e fizesse despejar aquella Casa dos seus habitadores, e que lançados fóra, entregasse as chaves da Igreja ao Prior de Santo Aleixo. Executou o Ministro a Real ordem: sahiraõ os Padres, e sahio o Padre Luiz de S. Joseph; e como os seus intentos eraõ santos, e livres do trato do Mundo, se recolheo à Ermida de Nossa Senhora de Palhaes, junto ao Castello de Noudar. Neste lugar esteve até que ElRey bem informado da innocencia dos Padres lhe mandou restituîr o Convento com tudo o que lhe pertencia, e voltando para elle os acompanhou o Padre Luiz de S. Joseph, onde esteve alguns annos, até que persuadido de hum amigo, que com espirito fervoroso, mas naõ presistente, teve modo de induzir o Velho, a que fosse com elle para a Serra de Ossa, para alli viverem em companhia de certos Eremitas, e que dos bens, que possuîaõ, dotariaõ hum Convento, onde ambos acabassem a vida. Foraõ para o tal lugar, acharaõ dous Ermitoens, que civil, e santamente os recolheraõ: porém o Companheiro durou pouco, porque em breve tempo se ausentou. Permaneceo o Padre Luiz de S. Joseph alguns annos naquelle aspero sitio, e vendo-se velho com achaques, e incommodado no rigor do Inverno, sendo-lhe necessario passar hum ribeiro, para ir dizer Missa, mudou de sitio para a Ermida de S. Pedro do Paraiso, meya legoa distante de Villa-Viçosa: nella contrahio amisade com os Religiosos Capuchos da Provincia da Piedade, onde se hia a confessar, e tratar com os Varoens espirituaes daquella Casa, na qual veyo a adoecer: pedio ao Guardiaõ huma sepultura no Claustro, porque alli queria morrer: preparou-se, recebeo o Santissimo Sacramento com a

Communidade em Quinta feira Mayor, e foy para a Enfermaria: o Prelado lhe mandou alguns Religiosos, para que lhe assistissem; porém elle os despedio, dizendo fossem assistir aos Officios Divinos; porque elle naõ morria naquelle dia. No seguinte voltaraõ os Religiosos a assistirlhe, e elle os tornou a despedir, ao que elles repugnaraõ; lhes disse entaõ, que se fossem, e dissessem ao Padre Guardiaõ, que elle os mandara. O Guardiaõ, naõ obstante o recado, arguìo aos Religiosos de o deixarem só, e foy com elles à Enfermaria, e o acharaõ morto fóra da cama, de joelhos, com as mãos levantadas, como quem agradecia a Deos o beneficio de o levar naquelle dia à Gloria, que piamente cremos está logrando por premio da sua penitente vida.

Commentario ao XXX. de Agosto.

A DA insigne Collegiada de Santa Maria de Alcaçova de Santarem trata o Licenciado Jorge Cardoso no Commentario do dia 11 de Mayo, letra A, donde póde ver o curioso a sua antiguidade. Do tempo em que foy sagrada naõ achamos outra alguma memoria no seu Cartorio, senaõ a breve, que se lê no livro dos Anniversarios daquella Igreja, que diz assim: *Dedicatio Ecclesiæ anno Domini MCCLVIII.* a qual nos mandou o Conego Joseph de Queiroz.

B Tem sido diversas as Trasladações, que os Religiosos de Santa Cruz tem feito das Reliquias do corpo de seu Prior S. Theotonio. A primeira no anno 1163, em que foy tirado da sepultura raza pelo Bispo de Coimbra D. Miguel, e posto em hum sepulchro levantado. A segunda no anno 1530, sendo Prior mór Commendatario o Cardeal Infante D. Henrique. A terceira no anno 1582, sendo Prior Geral D. Pedro da Assumpçaõ. A quarta sendo Geral D. Miguel de Santo Agostinho no anno 1630, que collocou no sepulchro, que hoje tem. Este mesmo Prelado, foy o que no anno, que temos referido, fez neste dia a Collocaçaõ da insigne Reliquia do Santo, para mayor veneraçaõ dos Fieis, de que faz mençaõ D. Niculao de Santa Maria na sua *Chronica*, liv. 9. cap. 4.

C Em o Reyno de Cambaya, junto ao mar, fica a grande Praça de Dio, que toma da Ilha o nome, taõ conhecida no Oriente por expugnavel, como venerada em Europa pela gloriosa defensa, com que duas vezes seus Capitães a livraraõ do numeroso poder dos Mouros. A primeira no anno de 1538, governando a India Nuno da Cunha, sendo Capitaõ mór D. Antonio da Sylveira. A segunda no anno de 1554, em o governo de D. Joaõ de Castro, sendo Capitaõ mór D. Joaõ Mascarenhas: cujos admiraveis feitos escrevem as Historias daquelle Estado, naõ sem admiraçaõ dos Estrangeiros, que nos seus escritos fazem muitos gloriosa memoria de taõ insignes Capitães. A este theatro das glorias Portuguezas chegou o Padre Francisco Marquez, em companhia do Patriarca de Ethiopia Affonso Mendes, e o Padre Diogo de Matos, de quem a 4 de Julho fizemos mençaõ; e partindo estes para Goa, ficou o Padre Francisco Marquez, para Procurador da Missão de Ethiopia, naõ fazendo menos fruto naquella povoaçaõ o seu zelo, e charidade, o tempo que lhe durou a vida, os poucos annos que aquelles moradores tiveraõ a sua companhia, que elle julgou naõ podia durar muito, depois que teve noticia da morte do Padre Diogo de Matos, de quem era taõ amigo, que os Abexins os tinhaõ

tinhaõ por irmãos; naõ se enganando, porque o eraõ no espirito: e preparando-se com penitencias, e lagrimas, succedeo no Inverno atéarem-se na Praça humas doenças contagiosas, nas quaes experimentaraõ bem os moradores os effeitos da sua charidade, acudindo aos Christãos para os confessar, e ajudar a bem morrer, e aos Mouros, e Gentios, para os reduzir ao conhecimento do verdadeiro Deos, veyo finalmente a adoecer do mesmo mal, e depois de se confessar geralmente, e receber o Santissimo Viatico, morreo neste dia, no anno de 1639. Delle fazem mençaõ Telles na *Ethiopia*, liv. 5. cap. 14; Franco na *Imagem da Virtude em o Noviciado de Lisboa*, liv. 3. cap. 13.

D Em a Provincia da Beira, entre os rios Mondego, e Douro, cinco legoas da Cidade do Porto, distante do mar Oceano duas, em hum ameno, e fertil valle, fica a Villa da Feira, com hum eminente Castello, de obra taõ antiga, que se atribue ser feita pelos Arabes: nelle se vê o Palacio dos Condes, que foraõ Senhores desta Villa: arruinou o tempo a obra antiga, e o reedificou o Conde D. Fernando Forjaz Pereira Pimentel, ultimo possuidor desta Casa, que naõ deixando successaõ legitima, se incorporou na Coroa, e della, e das mais terras pertencentes a esta antiquissima, e grande Casa, fez o Senhor Rey D. Pedro II. merce a seu filho o Infante D. Francisco, unindo-as à Casa do Infantado, que possuìa. Nesta Villa pelos annos de 1560, se edificou o Convento, aonde estava huma Ermida do Espirito Santo, que ficou dando nome à nova fabrica, que he de excellente architetura, e huma das grandes do Reyno, que à sua custa mandou fazer o Conde da Feira D. Diogo Forjaz, com sua mulher a Condessa D. Anna de Menezes, os quaes se mandaraõ enterrar neste Mosteiro, onde jazem em sepultura levantada na Capella mòr, e nella se lê este Epitafio:

Sepultura de D. Diogo Forjaz, quarto Conde da Feira, filho do Conde D. Manoel Pereira, e de D. Isabel de Castro, filha de D. Joaõ de Menezes, Conde de Tarouca, Prior do Crato; e de sua mulher D. Joanna de Vilhena. Foy casado com D. Anna de Menezes, filha do Regedor Joaõ da Sylva, e ambos os primeiros Fundadores deste Mosteiro. Lançaraõ a primeira pedra da Igreja em o anno de 1560.

Para este lugar fizeraõ trasladar os ossos de seus pays, que estaõ em correspondencia da parte do Evangelho, na mesma Capella, com este Epitafio:

Sepultura de Dom Manoel Pereira, terceiro Conde da Feira, e do nome segundo, filho do Conde D. Diogo Pereira, e da Condeça D. Brites de Menezes, filha de D. Joaõ de Noronha, irmãa do primeiro Marquez de Villa-Real, e de D. Joanna de Castro, Condeça, e Senhora de Monsanto. Faleceo a 4 de Outubro de 1552. Sepultou-se na Parroquia de S. Nicolao, com sua mulher D. Isabel de Castro, donde se trasladaraõ para este Mosteiro.

Jazem aqui outros Senhores desta Casa, que fizeraõ sempre grande estimaçaõ deste Mosteiro. Por intervençaõ do Conde D. Diogo se lhe uniraõ as Igrejas de S. Nicolao, que era Matriz da Villa, e que se transferio para a do Espirito Santo, de que he Abbade o Reytor do Convento, e o Sacristaõ costuma ser Vigario; a de S. Mamede de Travanca, que era annexa à de S. Nicolao, e a de S. Chris-

Christovaõ de Nogueira, as quaes todas unio o Papa Pio IV. no anno de 1560. Neste Mosteiro fez notaveis obras o Padre Manoel da Cruz, no tempo em que foy Geral, como em quasi todos os Mosteiros da sua Congregaçaõ; mas nos que mais se aventajou foy neste, e no de Villar. Recolhido ao da Feira, desembaraçado das cousas do Mundo, se deu só a Deos. Faleceo no anno de 1622, neste dia, como escreve o Chronista da Congregaçaõ; o Padre Francisco de Santa Maria no *Ceo Aberto*, liv. 4. cap. 29; e o Padre Jorge de S. Paulo, nas Memorias, que deixou m. s.

E Tambem passou neste dia ao Ceo no anno de 1680, a Madre Sor Maria da Columna, natural da Villa de Vianna. Seu pay se chamava Joaõ Lopes Tourigaõ, da gente principal, e nobre da mesma Villa. No anno de 1575, tendo de idade oito, entrou neste Mosteiro, no qual veyo a residir cento e quinze annos, tendo de idade cento e vinte e dous, como diz o livro da Fundaçaõ, que se guarda no dito Mosteiro, o qual nós tivemos em nosso poder.

F Lembra-se de Maria, e André, seu filho, Japoens de nascimento, o P. Antonio Cardim no *Catalogo dos que morreraõ pela Fé naquelle dilatado Imperio.*

G O Mosteiro de Lorvaõ, da Ordem de S. Bernardo, teve entre outras Religiosas insignes em virtude a D. Ignez de Albuquerque, de quem ignoramos a patria, ainda que sabemos ser na Provincia da Beira. He bem de admirar, que sendo voluntariamente pobre, a sua industria conseguio, além do que já referimos no Texto, fazer o cofre para o deposito de Sesta feira santa, de páo preto, ornado de bronzes dourados, forrado de tella branca, e hum precioso pano de tella roxa, com que se cobre; a armaçaõ de damasco, tambem da mesma cor, com que se cobre a Capella; hum pallio de tella, guarnecido de franjas de ouro, e tudo o mais conducente a esta devota ceremonia, soube conseguir a sua industriosa devoçaõ, que o Senhor retribuío com taõ singular favor, como referimos de lhe imprimir a chaga do lado. Faleceo neste dia, no anno de 1681, como refere a Relaçaõ já allegada deste Real Mosteiro.

H Nasceo na Cidade de Béja o Padre Luiz de S. Joseph. Foraõ seus pays Manoel do Soveral, e Domingas Barrosa, Lavradores honrados, que viviaõ no arrebalde de Nossa Senhora da Graça, Freguesia de Santiago da mesma Cidade. A sua vida foy rigorosa, e penitente. Os Religiosos Capuchos de Villa-Viçosa, querendo satisfazer com os seus rogos, lhe deraõ sepultura no Claustro do seu Convento, havendo passado algum tempo; porque falecendo elle a 19 de Abril de 1715, dia em que cahia naquelle anno Sesta feira Mayor, o depositaraõ em hum lugar separado, donde no dia 30 de Agosto do dito anno o trasladaraõ para a sepultura do Claustro, pondo-lhe o Letreiro seguinte:

Aqui jaz o P. Luiz de S. Joseph, Clerigo, natural de Béja.

E por ser este dia da sua trasladaçaõ, fizemos delle mençaõ, tirando o referido das Memorias que temos, que nos mandou o M. R. P. Fr. Francisco de Oliveira.

AGOSTO XXXI.

Dedicaçaõ da Igreja de S. Niculao do Porto.

A A Cidade do Porto, em a Parochia de S. Niculao, se faz a festa da sua Dedicaçaõ, cuja solemnidade decretou o Bispo Fernaõ Correa de Lacerda para este dia, havendo-a sagrado em 6 do mez de Setembro, com muita soleminade, depositando em hum cofre Reliquias do glorioso S. Niculao, Bispo, e Confessor, de S. Dionysio,

nysio, S. Martiniano, e S. Romaõ, Martyres, e foraõ collocadas no Altar mayor, onde permanecem.

B Em o Real Convento de Santa Cruz, Cabeça da Canonica Familia Augustiniana neste Reyno, o Padre D. Pedro Alfarde, hum dos sessenta e dous discipulos de S. Theotonio, Varaõ douto, que depois de se ter graduado em Theologia na Universidade de Pariz, movido do Espirito Santo, com o exemplo de D. Joaõ Peculiar, Mestre Escola da Sé de Coimbra, com admiravel resoluçaõ largando a sua prebenda, se recolheo aos Claustros de Santa Cruz. Movido deste exemplo pedio a S. Theotonio o admittisse à sua companhia, e recebendo de suas mãos o Habito, professou a Refórma dos Conegos de Santo Agostinho: logo o seu exemplo se fez digno da attençaõ do seu Santo Mestre; de sorte, que por promoçaõ de D. Odorio, Prior da Claustra, ao Bispado de Vizeu, foy eleito com grande satisfaçaõ dos Companheiros, naquelle lugar. Era homem douto, e applicado: o Santo lhe encommendou escrevesse a Fundaçaõ daquelle Mosteiro; o que fez, de sorte, que ElRey D. Affonso Henriques o nomeou por seu Chronista, annexando este lugar aos Priores (que chamavaõ da Claustra) em os quaes muitos annos se conservou. Depois promovido à Dignidade de Prior môr, foy estimado dos Reys, com grandes privilegios, que testemunharaõ o seu amor com aquelles estimados Religiosos, em que ainda dura a grandeza, e a piedade, com que foraõ tratados os primeiros habitadores desta Casa. Foy amante da Patria, e zeloso do augmento da Fé. Este santo zelo lhe diminuio a vida. Entrou neste Reyno o Emperador de Marrocos em demanda delRey D. Sancho, que estava em Santarem, e penetrando o interior do Reyno, passou o Tejo, tomou a Villa de Torres-Novas, e poz cerco a Thomar. Estas noticias chegaraõ a D. Pedro, e as recebeo com tal dor, e sentimento da Religiaõ Christãa, que adoeceo mortalmente, imitando a Santo Agostinho, quando vio os Vandalos em Africa: e assim rogava a Deos, que ou lhe tirasse a vida, ou livrasse o Reyno, que era seu, dos estragos dos Mouros; porém huma, e outra lhe concedeo, livrando o Reyno da barbara invasaõ dos Mouros, e a elle levou à Gloria, neste dia.

Dom Pedro Alfarde Coneg. Regr.

C No Real Mosteiro de S. Vicente de Fóra em Lisboa, espera

D. Manoel dos Santos, B. de Targa, Coneg. Regr

espera a Resurreiçaõ universal o Bispo D. Manoel dos Santos, da mesma Canonica Familia, em o qual contenderaõ as virtudes em gráo eminente. Foy mandado estudar a Pariz, aonde por seu engenho, e applicaçaõ sahio consummado Theologo. Voltou ao Reyno, entrou no seu Mosteiro ao tempo, em que largando o Priorado o Arcebispo D. Fernando de Vasconcellos para se reformar: teve o Padre D. Manoel, como Varaõ de virtude, e letras, grande parte para se conseguir, sugeitando-se a tudo o que os Reformadores dispunhaõ, e ao seu exemplo se seguio o feliz complemento de naõ haver contradiçaõ nos demais Religiosos. O mesmo D. Fernando, Arcebispo de Lisboa, o nomeou seu Provisor, e depois seu Bispo Coadjutor, que teve com o titulo de Targa. Os achaques, que o Arcebispo padecia, o obrigaraõ a retirarse a Santo Antonio do Tojal, Lugar distante tres legoas de Lisboa, e deixou o governo ao Bispo D. Manoel, que exerceo com notavel prudencia, e satisfaçaõ do Prelado. Por morte deste foy assumpto à Cadeira Archiepiscopal de Lisboa o Cardeal Infante D. Henrique, que naõ foy menos estimador das suas virtudes, e se servio delle para Provisor, e tambem o nomeou Inquisidor da Inquisiçaõ da mesma Cidade. Em todas estas occupaçoens se portou como Religioso, vivendo nos Claustros da Religiaõ entre seus Irmãos, até que acabou em o Senhor, neste dia. Seu corpo foy sepultado ao pé do Altar do Capitulo.

Fr. Diogo Gonçalves Belleago, Dom.

D Em o Convento de Bemfica, da Ordem dos Prégadores, a deposiçaõ do Padre Fr. Diogo Gonçalves Belleago, hum dos primeiros, e principaes Companheiros de seu Veneravel Fundador Fr. Vicente de Lisboa, e o que tomou posse da Casa, quando ElRey D. Joaõ o I. a deu à Ordem. Era velho, e letrado, e sempre grande zelador da perfeiçaõ da vida Regular. Quando se vio em este Mosteiro da Observancia, e que no nome lhe impunha a obrigaçaõ, determinou satisfazella de sorte, que a si mesmo se aventajasse. Era o mais humilde, o mais charitativo, admirava com o rigor das penitencias, e dava raro exemplo com a devoçaõ, e Oraçaõ. Neste rigor continuou onze annos, até que a idade vencida do pezo dos annos, e do trabalho, rematando o curso da vida, sua alma chea de merecimentos, partio ao eterno descanço.

No

Sor Joanna de Jesu, Dominica.

E No Mosteiro de Santa Catharina da Cidade de Evora, durará sempre com saudosa memoria o nome da Madre Sor Joanna de Jesu, Prioressa que foy desta Casa. Nasceo filha dos Condes de Vimioso, de que ella para nada se lembrava; porque tomando o Habito de S. Domingos fez vida Angelica, servindo com charidade as enfermas, e taõ humilde como liberal; porque tudo quanto tinha dava às suas Companheiras, e com a mesma igualdade aos pobres; com tal fervor, que hum dia, naõ tendo que dar, arrebatada da charidade, tirou a toalha da cabeça, e a deu de esmola. Tratou-se com extraordinario rigor; porque foraõ asperas as penitencias, em que perseverou até a morte. Era muy enferma, e com tudo o inimigo commum naõ pode dissimular a raiva, que lhe tinha, pela guerra, que com a Serva de Deos experimentava. Em huma noite que se disciplinava, arremeça-se a ella, e arrebatoulhe da maõ as disciplinas; quando foy manhãa foraõ achadas no tecto da casa sobre huma trave, donde só de tal maõ podiaõ ser levadas. Era dotada de prudencia, e entendimento; partes que a antepuzeraõ para o governo da Casa, ainda mais que pelo illustre do nascimento; ajuntava condiçaõ branda, com tal affabilidade, que era naturalmente amada. Era admiraçaõ a constancia, com que zelava a observancia da Regra, fazendo que se naõ afrouxasse, nem hum pequeno ponto da guarda dos Estatutos. Reprehendia com tal modo, que naõ escandalizava; de sorte, que nem castigando offendia, parecendo de todas verdadeira mãy. Quando mais precisa para o governo da Casa, lhe sobreveyo huma cólica: conheceo logo ser mortal, pelo grande pavor, que lhe fazia a morte, de que agora se achava taõ desembaraçada de medo, que teve a hora por chegada: pedio, que lhe cantassem à arpa o Psalmo: *Dilecta tabernacula tua Domine.* E assim com evidentes sinaes de Predestinada, deixou claros indicios de sua alma ir gozar o premio da sua virtuosa vida.

O Veneráv. Fr. Martinho de Valença, Piedoso.

F Em Talmanalco, nas Indias Occidentaes, viverá sempre saudosa a memoria do Veneravel Fr. Martinho de Valença, a quem o Senhor pela sua inculpavel vida, pobreza Evangelica, acompanhada de hum ardentissimo zelo da salvaçaõ das almas, destinou para Apostolo do novo Mundo, que illustrou com a sua presença, fazendo com a prégaçaõ do Evangelho, e

com as suas admiraveis obras, grande guerra ao Inferno, conduzindo para o rebanho da Igreja innumeraveis almas, tiradas das trévas do Gentilismo, e regeneradas com a agua do Bautismo. Começou com grande zelo primeiramente a fazer prostrar por terra aos Templos, onde em Idolos era adorado o demonio: purificando-os, dedicou em Igrejas aquellas casas de abominaçaõ, e logo em os primeiros dias, elle com os seus Companheiros queimou mais de vinte mil Idolos, pondo por terra mais de quinhentos Templos. Parece incrivel o que este Santo Varaõ trabalhou; porém como era auxiliado por Deos, nada era difficultoso. Em poucos annos só no Reyno de México se bautisaraõ mais de dezaseis milhoens de Indios, e assim discorria por todo aquelle novo Mundo, como seára, que o Senhor lhe destinara, para o seu zelo Apostolico. Quando o Santo Varaõ Fr. Martinho passou de Hespanha àquelle novo Estado, havia entre os Indios hum abominavel costume de sacrificarem homens em obsequio do pay da mentira, que os trazia taõ cegos, que só na Cidade de México, passavaõ de vinte mil cada anno os sacrificados, pela mayor parte meninos, aos quaes tiravaõ os coraçoes, que offereciaõ aos seus falsos Deoses. Este horroroso costume da sua barbaridade abolio o Servo de Deos à força de contrariedades, com tanta gloria da Militante Igreja, que cada dia se augmentava o seu zelo, dilatando-se naquelle vasto Estado as verdades da Religiaõ de Jesu Christo. Naõ se conseguiaõ taõ abundantes frutos sem muita Oraçaõ, em que foy sempre continuo este Servo de Deos, retirando-se nos Conventos a lugares solitarios, buscando Ermidas nas Cercas, para vagar livremente na Oraçaõ, na qual em suaves raptos, recebia do Altissimo especiaes favores, recebendo em soberanas intelligencias de haver de ver logrado o fruto da sua Oraçaõ, em a qual pedia a Deos a conversaõ dos infieis. A este amor de Deos no proximo ajuntava muitas penitencias, jejuando quasi sempre. O seu comer era paõ, e legumes, ou huma tijella de caldo, que temperava sempre com cinza, que comsigo trazia, para que lhe naõ faltasse nunca este sazonado regalo da sua mortificaçaõ. Nunca bebeo vinho, nem quando se achava debelitado, das suas continuas fadigas, e asperas penitencias, em que foy rigoroso, açoutando-se grande parte da noite com grande crueldade, de tal sorte foy comsigo

ſigo tyranno, que já mais fez remedio algum em beneficio do corpo, nem teve outro Medico mais, que o Sagrado Redemptor crucificado. O ſeu Habito era de ſayal, vil, e groſſeiro, curto, e remendado. Naõ uſou nunca de tunica, e em ſeu lugar trazia hum aſpero cilicio, com que o ardor do eſpirito diſſimulava o frio do corpo. A cama foy huma cortiça, ou huma eſteira, e nem as enfermidades o diſpenſaraõ deſta mortificaçaõ. Pelos caminhos fragoſos, e deſabridos andou ſempre deſcalço. De todas eſtas mortificações, com que maltratava o ſeu corpo, naõ afrouxou com a velhice: antes ajuntou outras, parecendo que ao rigor das penitencias queria acabar a vida, a qual deſejou muito ſacrificar em obſequio da Fé, ardendo ſempre em derramar o ſeu ſangue, por ſatisfaçaõ do amor que tinha a quem dera a vida pelo remir. Porém como Deos tinha determinado, que havia de acabar Confeſſor, no tempo que eſtava recolhido em huma Ermida, obra da natureza entre hum penhaſco, ſituada na ladeira de huma alta Serra, onde à maneira de ſeu Seraſico Patriarca ſe dava à contemplaçaõ, foy accommetido da ultima enfermidade, e conhecendo o Servo de Deos ſer chegada a hora do deſcanço eterno, diſſe a ſeu Companheiro: *Já ſe acaba.* Naõ percebeo eſte o que lhe queria dizer; e lhe perguntou: *O que, Padre?* A que o Santo Varaõ já naõ reſpondeo. Da Ermida foy levado ao Moſteiro de Talmanalco; e recebidos os Sacramentos com ſumma devoçaõ, e alegria de ſua alma, os Religioſos cuidadoſos da ſua vida, determinaraõ levallo a México para o curarem, e para eſte fim o embarçaraõ, e apenas o tinhaõ poſto na barca, conhecendo elle, que aquella era a ſua ultima hora, pedio aos Companheiros, que o puzeſſem em terra: aſſim o fizeraõ, e olhando para Fr. Antonio Ortiz, que era hum dos que lhe aſſiſtiaõ, diſſe: Irmaõ Fr. Antonio, *Fraudatus ſum à deſiderio meo*, dando a entender ſe naõ ſatisfizera o deſejo do Martyrio. Poſto de joelhos em terra, com as mãos levantadas, os olhos no Ceo, neſta Oraçaõ trocou a vida temporal pela eterna, reclinado nos braços de Fr. Antonio Ortiz, a quem elle havia muitos annos, eſtando ainda em Heſpanha, diſſe, que havia de morrer nos ſeus braços.

G Em Nangaſachi, o Illuſtre Cavalleiro de Chriſto Duarte Correa, que teſtemunhando com a vida a infallivel verdade do

Duarte Correa, M.

do Evangelho, sofreo depois de muitos tormentos com admiravel constancia, acabar a vida a fogo lento, que a barbaridade do Tyranno mandou executar, sómente para que em cruel martyrio se dilatassem os tormentos; porém o valeroso Soldado, com coraçaõ impávido dedicado a Jesu Christo, que o havia dotado de admiravel fortaleza, sofreo constante, para sobir laureado a gozar da eternidade.

Commentario ao XXXI. de Agosto.

A Igreja de S. Niculao da Cidade do Porto foy erigida em Parochia pelo Bispo D. Fr. Marcos de Lisboa, como diz o *Catalogo dos Bispos desta Diocesi* do Illustrissimo Cunha, part. 2. pag. 338, em huma Ermida muy antiga do mesmo Santo, de que se acha memoria em huma Carta de venda, feita em Junho de 1247, pela qual os Leprosos venderaõ a Joaõ Pires hum campo chamado a Cortinha, junto do caminho da Ermida: *Per quam veniunt ad Sanctum Nicolaum*, que he o sitio, em que hoje está a rua nova, e entaõ era campo, como se lê na I. Parte da *Historia de S. Francisco*, liv. 4. cap. 8, do Mestre Esperança; e das Memorias, que vimos, he esta mais antiga, que a fundaçaõ do Convento de S. Francisco daquella Cidade. Haviaõ passados mais de oitenta annos em desejos dos Parochianos de edificarem huma Igreja capaz ao numero da gente, que a Freguezia comprehendia, e feitas algumas supplicas ao Cabido, Sede Vacante, que entaõ governava, determinou este mandalla erigir à custa da Mitra. A este fim comprou algumas casas contiguas à dita Ermida, o que naõ teve effeito até o tempo do Bispo D. Niculao Monteiro, que como natural da mesma Cidade, e bautisado na dita Freguesia, com religiosa piedade, e animo magnifico, determinou a fabrica della; e assim mandou demolir a antiga (depositando na Igreja de S. Francisco, pelo tempo que durasse a obra, o Sacrario, e as Imagens.) Comprou muitas casas foreiras, e com o direito ao Cabido, que logo mandou arrazar, e pondo-se tudo em ordem, se deu principio à obra. Benzeo a primeira pedra com as ceremonias do Pontifical Romano a 6 de Dezembro do anno de 1671, dia, em que a Igreja festeja ao mesmo Santo, assistido do Cabido, e Prelados das Religioens, e de Henrique de Sousa, I. Marquez de Arronches, Governador da Relaçaõ do Porto, e de seu filho D. Diogo Lopes de Sousa, Conde de Miranda, que pegando ambos na pedra depois de benta, a lançaraõ no alicesse da Igreja. Naõ teve o Bispo vida para continuar o edificio; porque no Dezembro do seguinte anno faleceo. Porém foy tal o zelo, e applicaçaõ fervorosa, que adiantou tanto a fabrica deste Templo, que quasi o deixou acabado, tendo já nelle despendido trinta mil cruzados, o que seguio seu successor o Bispo D. Fernaõ Correa de Lacerda, com generoso animo, e naõ menos piedade, fazendo trabalhar na obra. Chegou à ultima perfeiçaõ este Templo, em que gastou doze mil cruzados, o qual sagrou a 6 de Setembro de 1676, fazendo esta solemnidade com magnifico apparato: para o que mandou levantar hum tabernaculo de madeira fóra da Igreja, defronte da porta principal, muy bem ornado, com hum Altar, em que estava hum cofre com as santas Reliquias, que referimos no Texto. E no dia 5 se cantaraõ as Vesperas da Dedicaçaõ da Igreja pelo Bispo, revestido de Pontifical, assistido do Cabido, e Clero, e depois as dos Santos, a que se seguiraõ Matinas, e em outro dia se fez a ceremonia da sagraçaõ, na fórma que dispoem o Pontifical Romano. O Bispo depois expendeo em huma Carta Pastoral, que se imprimio no anno de 1676, esta funçaõ, expondo doutamente às suas ovelhas, qual fosse a causa daquella ceremonia. Neste dia despendeo largas esmolas pelos po-

brse·

bres. E prudentemente considerando, que se naõ confundisse o Oitavario daquella solemnidade, com o da Natividade da Virgem Santissima, por Decreto seu firmado pela sua authoridade, assinou o dia 30 de Agosto, para o Anniversario da Festa da Dedicaçaõ, o qual mandou meter no cofre das Reliquias. No seguinte dia houve Procissaõ solemne, em que se levou o Santissimo Sacramento da Igreja do Mosteiro de S. Francisco, pelo Abbade Hylario da Rocha Calheiros, e as Imagens de Nossa Senhora da Boa Nova, e S. Nicolao, em andores, e correndo as principaes ruas da Cidade, que estavaõ armadas com todo o primor, e com Altares ricamente ornados nos sitios principaes das ruas, se recolheraõ ao novo Templo, cuja Festa da Dedicaçaõ durou até o dia dez do referido mez, com o Santissimo manifesto, e Sermões. Os Freguezes vendo-se de posse de hum magnifico Templo, que a devota generosidade dos referidos Bispos puzera naquella perfeiçaõ, em taõ poucos annos, o enriqueceraõ com grande zelo, de ornamentos, e prata, tambem servida no culto Divino, que he huma das mais polidas Igrejas da Cidade. Ao seu Abbade Manoel Mendes Vieira devemos o referido, de hum livro m. s. que intitula *Noticias da Erecçaõ desta Igreja*, cap. 13. Nas Memorias, que com grande curiosidade, trabalho, e averiguaçaõ mandou Antonio de Sequeira Pinto, ao Reverendissimo P. D. Manoel Caetano de Sousa; nas Vidas dos referidos Bispos faz mençaõ desta Igreja.

B Foy grande a estimaçaõ, que os nossos Reys fizeraõ do Convento de Santa Cruz, pela observancia de seus Religiosos, como se vê das successivas Doações, e Privilegios daquella Casa, de que está cheyo o seu Archivo, do qual se participaraõ tantas memorias importantes à Historia do nosso Reyno, como nella a cada passo topamos authorisadas na guarda do seu Cartorio: e ainda seriaõ mais, se naõ padecera sobre contrastes, e desastres do tempo, em os roubos da malicia, que se lhe fizeraõ: entre elles foy a primeira Historia do Reyno, principiada em tempo delRey D. Affonso I. e mandada escrever pelo mesmo Rey: parece, que naõ tem duvida, ainda que padeça algumas a provisaõ passada a Joaõ Camello: he certo, que daquelles tempos se acharaõ fragmentos, que fazem provavel a determinaçaõ delRey: quem fosse o primeiro, que tivesse esta incumbencia, naõ se póde saber; mas parece que no dito Mosteiro houve a occupaçaõ de escrever a Historia do Reyno, annexa ao Prior Crasteiro, em cujo lugar desde D. Pedro Alfarde se continuou até o anno de 1460, que era o mesmo, que Chronista do Reyno, que ElRey D. Affonso V. deu a Duarte Galvaõ, com bastante contradiçaõ dos Religiosos de Santa Cruz; porém como o Prior môr era D. Joaõ Galvaõ, seu irmaõ, o facilitou para perder a Religiaõ esta prerogativa, que no discurso de tantos annos nella se tinha continuado, perdendo-se quasi ao mesmo tempo todo o trabalho, que eraõ huns livros escritos em pergaminho, encadernados com as Armas Reaes, de que naõ achamos outra alguma noticia em nenhum Erudito, que os visse; e poderá ser, que delles se valessem os Chronistas, que depois se seguiraõ, se o tempo os naõ consumio, como tem feito a muitos, perda que sempre se deve sentir.

Era D. Pedro Alfarde natural de Coimbra, filho de Joaõ Alfarde, hum dos valerosos Cavalleiros do seu tempo, e de Especiosa, sua mulher, e delles faz mençaõ o livro dos Obitos de Santa Cruz. Foy estimado dos Reys do seu tempo, e faleceo neste dia, no anno de 1190, como refere a *Chronica dos Conegos Regrantes* de D. Nicolao de Santa Maria, part. 2. liv. 9. cap. 9.

C Passou desta vida com fama de virtude, neste dia, o Bispo D. Manoel dos Santos, no anno de 1570. Era natural da Cidade de Lisboa, da Freguesia de Santos. Foraõ seus pays Francisco Rolim, e Luiza Ferreira. Depois de ter estudado Grammatica entrou na Congregaçaõ dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, no anno de 1512, dando do seu engenho admiraveis mostras, que em pouco tempo soube toda a Biblia; de sorte, que dava della admiravel noticia. Seguindo a vida Religiosa veyo a occupar os lugares, que temos referido. Delle faz mençaõ a *Chronica dos Conegos Regrantes*, part. 2. liv. 10. cap. 7. pag. 309; e Fr. Antonio de Sousa na *Origem do Tribunal do Santo Officio*, §. 4.

D Era Fr. Diogo Gonçalves Beleago de taõ acreditada virtude, e de taõ grandes

grandes merecimentos na Ordem, que falecendo neſte dia, do anno de 1410, no Convento de Bemfica, e ſendo primeiro ſepultado no Cemiterio commum, entenderaõ aquelles Padres, ſe fazia aggravo em naõ diſtinguirem com ſepultura os oſſos, de quem na vida tanto o fez nas obras; e aſſim alguns annos depois o trasladaraõ ao ſepulchro de ſeu Prelado, e Companheiro Fr. Vicente de Lisboa, (de quem ſe faz mençaõ a cinco de Janeiro,) e lhe puzeraõ o ſeguinte Epitafio:

Aqui jaz Fr. Diogo Gonçalves Belleagoa, Frade da Ordem dos Prégadores, Varaõ approvado em ſciencia, e ante os homens por bons exemplos. Eſte foy o primeiro Padre, e Padroeiro, que corporalmente povoou eſte Moſteiro, e perſeverou em elle até a morte em muita prudença, e maceramento da carne. Obitus ejus fuit anno Domini 1410 ultimo menſis Auguſti.

Quando ſe reedificou a Igreja, e ſe trasladáraõ as Reliquias de Fr. Vicente, no anno de 1630, para o lugar onde hoje ſe vêm, entre a pilaſtra da Capella mór, e porta da Sacriſtia, houve tambem cuidado nos Padres com as de Fr. Diogo ſeu Companheiro, para que em tudo lhe foſſe ſemelhante, lhe puzeraõ eſte Epitafio:

Hic eſt Scyphus devotiſſimi Patris, Zelatoris præcipui noſtræ ſacræ Religionis hujus Conventus, ſcilicet fratris Didaci Belleagoa vita converſatione mirabilis, humilitate inſignis.

Trataõ deſte Religioſo Padre Souſa na *Hiſtoria de S. Domingos*, part. 2. liv. 2. cap. 6. pag. 65. verſ. Soveges no *Anno Dominico*, neſte dia.

E Na Cidade de Evora havia hum ſitio com huma Ermida de Santa Catharina de Sena, com baſtante campo, para ſe poder edificar hum Moſteiro, era de D. Franciſco de Portugal I. Conde de Vimioſo, que andava com penſamentos de fundar hum Moſteiro para Religioſas da Ordem de S. Domingos. Já na Cidade havia Religioſas Dominicas, que começando Beatas paſſaraõ a profeſſar a Terceira Regra, e depois no anno de 1490 ſe entregaraõ à obſervancia em que vivem, de que ja ſe fez mençaõ no II. Tomo do *Agiologio*, a 23 de Março, letra F. Creſcia o numero de Religioſas, e era taõ apertado o Moſteiro de Santa Martha, (que eſte era o Orago da Caſa,) e já nelle tanta a gente, que parecia mais ſepulchro para mortos, que Caſa para vivos, onde he preciſa a commodidade. Neſta affliçaõ paſſavaõ as ſuas habitadoras, quando recorreraõ ao Conde de Vimioſo, que de boa vontade lhe deu a Ermida de Santa Catharina, e o mais ſitio, e com boas eſmolas ajudou a obra, para que contribuîo muito a piedade dos Fieis. E aſſim ſe poz a Caſa capaz de ſervir, e deixaraõ as Religioſas Caſa, e nome de Santa Martha, e começaraõ a poſſuîr a de Santa Catharina, no anno de 1547, com grande goſto, e conſolaçaõ do Conde, ſem que pediſſe mais, que a Capella mór para ſi, e ſeus deſcendentes, com obrigaçaõ de hum Padre Noſſo, e Ave Maria, dito em Communidade depois da Prima, com Oraçaõ dos Defuntos. Porém depois pelo tempo adiante, vendo-ſe as Religioſas com o Moſteiro feito, deraõ o Padroado à Condeſſa D. Joanna de Vilhena, (de quem fizemos mençaõ a 24 de Julho) e ao Conde D. Affonſo, ſeu filho, com dous lugares perpetuos, ſem mais dote, que a quarta parte do ordinario.

Teve o Conde D. Affonſo de Portugal da Condeſſa D. Leonor de Guſmaõ tantos filhos, que chegou a contar dezoito vivos, entre os quaes naſceo a Madre Sor Joanna de Jeſus, de quem fizemos mençaõ, de taõ admiravel vida, e obſervancia da Religiaõ, que naõ he razaõ deixemos de contar della, que quando ardia a Cidade de Evora no anno de 1579 em peſte, deſejou a Condeſſa ſua mãy deſvialla do perigo: conſentio, que

a viessem buscar; veyo à Portaria, fez entrar nas andas sua irmãa, que ainda naõ tinha o Habito, e mandou aos criados, que a levassem, e que dissessem a sua mãy, que ella do dia, que se obrigara pela Profissaõ à Clausura, fora para a naõ largar senaõ por morte, a qual foy no anno 1604. *Hist. de S. Dom.* part. 3. liv. 3. cap. 23. pag. 269; Lima *Agiol. Dom.* neste dia; *Hist. Geneal. da Casa Real*, p.712. do Tom.10.

F Depois de gloriosamente conseguida a conquista da nova Hespanha, por aquelle famoso Capitaõ Fernaõ Cortez, tendo com a reducaõ da Cidade de México no anno 1521, Metropoli daquelle Reyno, enriquecido a Coroa Castelhana, e dado ao Emperador Carlos V. mais dilatados dominios; e porque naquelle grande Monarca naõ luzio menos a Religiaõ, que a heroicidade, ajudava com grande cuidado as Missoens daquelle novo Mundo, taõ destituido de operarios do Evangelho. A este fim nomeou a Provincia de S. Gabriel, na Congregaçaõ, que fez no anno de 1523, a 24 de Outubro no Mosteiro de Belviz, treze Religiosos, e por seu Prelado Fr. Martinho de Valença, dando-lhe o nome de Custodia do Santo Evangelho, a qual se havia de fundar naquelle Reyno, e depois se veyo a conseguir. O Emperador por cartas suas recommendou aos Governadores daquelle Reyno, que os ajudassem, e o Papa Adriano VI. nomeou a Fr. Martinho, Vigario Apostolico, e seu Legado, por Bulla de 10 de Mayo de 1522; e depois por outra lhe concedeo o Officio de Commissario Geral da Santa Inquisiçaõ. Em o anno de 1524, partio para Indias Fr. Martinho com os seus Companheiros, onde obrou taes maravilhas, que conseguio o nome de Apostolo do novo Mundo, sendo taõ prodigiosas as suas obras, que conseguio glorioso triunfo do seu trabalho, bautisando muitos milhoens de homens. Tinhaõ estes Indios por costume terem muitas mulheres, as quaes queriaõ conservar depois de unidos à Igreja. Congregou o Santo Varaõ hum Synodo, no qual como Vigario Apostolico presidio: nelle se definio, que todos os que abraçassem a Religiaõ Christãa, das mulheres que antes tinhaõ, poderiaõ escolher huma sómente, qual elles quizessem, a qual seguiria o rito da Igreja Catholica, no Sacramento do Matrimonio, da qual já mais se poderiaõ separar. Outras muitas cousas de grande utilidade escrevem diversos Authores do Servo de Deos, que acabou cheyo de merecimentos, no anno 1534. Os seus Religiosos o levaraõ para o Mosteiro de Talmanalco, e no meyo da Capella lhe deraõ sepultura. Depois o Prelado da Custodia do Santo Evangelho, o fez desenterrar, e pôr em hum caixaõ de madeira: depois abrindo-se a sua sepultura se achou o corpo inteiro, como de pessoa viva, que estava dormindo, lançando de si singular fragrancia. Depois de trinta annos foy achado na mesma fórma, até que no anno 1567, sem se saber o como, desappareceo do lugar em que estava; parecendo isto ao juizo dos Religiosos, mais segredo de Deos, do que furto, por se naõ acharem indicios de se ter bolido na sepultura, e por mayores diligencias, a que se ajuntaraõ excommunhoens, que se publicaraõ sobre este caso, se pode alcançar nada. Fizemos mençaõ do Apostolico Varaõ Fr. Martinho de Valença, sem embargo de ser Castelhano, natural de Valença de D. Joaõ, Bispado de Leaõ, por ter vivido na Provincia da Piedade deste Reyno, e o ter promettido o Licenciado Jorge Cardoso no Commentario do dia 4 de Julho, letra C. E no dia 28 de Mayo fazem delle mençaõ Fr. Manoel de Monforte na *Chronica da Piedade*, liv. 3. cap. 5; Fr. Marcos *Historia Geral de S. Francisco*, part. 3. liv. 9. cap. 53; Surio *in Commentario Rerum ann.* 1558. pag. 514; Marieta *Santos de Hespanha*, liv. 17. cap. 11, e 12. Francisco Lopes de Gomara, liv. 2. da *Historia Geral das Indias*, cap. 95. Gravina *in Voce Turturis*, part. 2. cap. 24. pag. 80; Gonzaga part. 4. pag. 251. Wandigo tom. 2. ad ann. 1557. §. 22. Rapineo *Hist.* Decad. 4. §. 7. e Decad. 5. part. 1. e 2. Artur no *Martyrologio Franc.* neste dia, aonde allega outros muitos Authores. Torquemada tom. 1. Fr. Agostinho de Avila, da Ordem dos Prégadores, na *Histor. da sua Provincia de México*, liv. 1. cap. 10. pag. 53.

G Era Duarte Correa, Portuguez, Cidadaõ de Macao, e Irmaõ por Carta dos Religiosos da Companhia de Jesu: o qual com illustre martyrio no anno 1639, deixou taõ esclarecida memoria, pois naõ cedeo aquella constancia à dos insignes Martyres da primitiva Igreja. Delle se lembrou Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé, no Japaõ*, pag. 330.

PRO-

PROTESTAÇAÕ.

O Author desta Obra protesta, que tudo o que nella está escrito, e em outras algumas suas, sugeita à censura, e correcçaõ da Santa Madre Igreja Catholica Romana, conformando-se com os Decretos, e resoluções dos Summos Pontifices, e em especial com os do Santo Padre Urbano VIII. de 13 de Janeiro de 1625, approvados em 25 de Junho de 1634, e a modificaçaõ feita pelo mesmo Pontifice em 5 de Julho de 1631. Porque naõ he sua tençaõ em muitas cousas, que toca nesta Obra, pelas quaes poderá parecer, que a alguns Varoens de eminente virtude lhes attribue a graça de milagres, ou de espirito de profecia, ou titulo de Santidade, ou Martyrio: o que tudo refere como historia humana, sem que pertenda referillas com mayor credito; nem quer que ninguem as aceite, como se já estivessem examinadas pela authoridade do Papa: naõ pertendendo a nenhum dos Servos de Deos, de que trata, atribuirlhe culto, ou veneraçaõ alguma, nem accrescentarlhe para promover a sua Beatificaçaõ, ou Canonizaçaõ, excepto os que já a Igreja tem declarado, ou com approvaçaõ sua, sciencia, ou tolerancia, ou pelos Prelados della estaõ canonizados, pelo modo antigo com Imagens, Altares, e continuado culto por muitos seculos. O que com mais sincéro, e reverente affecto publicamente declara, e protesta naõ ser outra a sua tençaõ.

D. Antonio Caetano de Sousa, C.R.

INDEX
DOS
SANTOS, E VARÕES
ILLUSTRES EM VIRTUDE,

Que ſe contém no Texto Agiologico deſte IV. Tomo, pela ordem Alphabetica, com as Patrias a que pertencem. E quando nos Sobrenomes ſe eſpecificaõ, eſcuſaõ-nos tornallas a repetir.
O *P*, ſignifica Patriarcado; o *A*, Arcebiſpado; o *B*, Biſpado; e o *M*, Martyr.

A

B

E

F

G

H

I

N

O

P

Q

R

S

T

U

X

IN-

INDEX
DAS
DEDICAÇOENS DAS IGREJAS,
Que se contém no Texto Agiologico deste IV. Tomo.

INDEX
DOS
CONVENTOS DE FRADES.

INDEX
DOS
CONVENTOS DE FREIRAS.

INDEX TOPOGRAFICO DAS CIDADES, VILLAS, E LUGARES,

Que se descrevem nos Commentarios deste IV. Tomo.

A

B

C

D

F

G

I

L

Ma-

M

N

O

P

R

S

T

U

FIM.